

Bibliografia
Analítica de

etnografia portuguesa

Benjamim Enes Pereira

Bibliografia
Analítica de

etnografia portuguesa

Benjamim Enes Pereira

MC
MINISTÉRIO DA CULTURA

imc INSTITUTO
DOS MUSEUS
E DA CONSERVAÇÃO

Ficha Técnica

Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa

Autor:

Benjamim Enes Pereira

Edição:

Instituto dos Museus e da Conservação

Projecto:

Departamento de Património Imaterial / IMC

Coordenação:

Paulo Ferreira da Costa (DPI / IMC)

Digitalização e Paginação:

Henrique Nunes (DPI / IMC)

Revisão de Texto:

Branca Rolão Moriés

© Benjamim Enes Pereira
e Instituto dos Museus e da Conservação.
2009

ISBN n.º: 978-972-776-401-3

Catalogação na Publicação:

PEREIRA, Benjamim Enes, 1928-
Bibliografia analítica de Etnografia portuguesa / Benjamim Enes Pereira ; coord. Paulo Ferreira da Costa ; pref. João Leal. - [edição em formato electrónico]. - Lisboa : Instituto dos Museus e da Conservação, 2009 . — 696 p. [8+XVI+672] - ISBN 978-972-776-401-3 . - Disponível em: <http://www.imc-ip.pt>

CDU 014.3:39 (469)

Antropologia-Portugal / Etnografia-Portugal / Bibliografias-Portugal

Nota:

A presente edição, em formato digital, respeita, com as necessárias adaptações, a composição gráfica e os conteúdos da 1.^a edição da obra (1965), tendo sido igualmente mantidas todas as informações constantes desta.

Nos termos do Acordo de Edição estabelecido entre o Autor e o Editor, a presente publicação destina-se exclusivamente a ser disponibilizada em linha nas páginas Web do Instituto dos Museus e da Conservação dedicadas à divulgação e valorização do Património Cultural Imaterial, encontrando-se vedada a sua disponibilização por qualquer outro meio.

APRESENTAÇÃO

A *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa* constitui o repertório mais sistemático, relativo ao todo nacional, de dados etnográficos publicados entre o final do século XIX e 1961. A esta importância acresce o facto de ter resultado de uma das linhas de trabalho do Centro de Estudos de Etnologia, cujo percurso se encontra directamente na origem do Museu Nacional de Etnologia, sendo neste que se encontram integrados os vários fundos arquivísticos e documentais constituídos no âmbito daquele, desde a sua fundação, por Jorge Dias, em 1947.

Tal como o próprio autor refere em testemunho publicado na *Revista Museologia.pt* (“Uma aventura prodigiosa: entrevista a Benjamim Pereira”, n.º 3, Novembro de 2009, Lisboa, IMC, pp. 106 a 113), a *Bibliografia Analítica* constituiu uma das vias da sua iniciação aos estudos etnológicos, bem como a sua primeira contribuição mais expressiva para o trabalho desenvolvido pelo Centro de Estudos de Etnologia. A par das pesquisas realizadas no terreno, as informações reunidas nesta obra revelaram-se fundamentais para os estudos sistemáticos e a numerosa bibliografia de referência produzida pela equipa do Centro.

A *Bibliografia Analítica* conheceu apenas uma única edição, concretizada no próprio ano em que foi criado o Museu Nacional de Etnologia, em 1965. Encontrando-se esgotada há muito, mas permanecendo como recurso de referência para o estudo e documentação do Património Cultural Imaterial em Portugal, também há muito que se impunha a sua reedição.

Assim, no quadro da sua missão e atribuições em matéria de valorização do Património Cultural Imaterial, em particular no que respeita ao estímulo de estudos técnico-científicos e ao

desenvolvimento de metodologias de investigação para a sua eficaz salvaguarda, é com grato prazer que o Instituto dos Museus e da Conservação concretiza a presente edição da *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa*, em suporte electrónico de acesso livre, com vista à sua ampla disponibilização.

Conscientes da sua importância como fonte documental – designadamente dada a sua amplitude temática, geográfica e temporal – estamos igualmente certos de que se assumirá como recurso indispensável para fins da protecção, valorização e divulgação do Património Imaterial no âmbito do respectivo *Inventário Nacional*, instituído pelo Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de Junho.

Especiais palavras são devidas, em primeiro lugar, a Benjamim Pereira, pelo seu imediato acolhimento da proposta de reedição da *Bibliografia Analítica*, designadamente no sentido de promover o seu livre acesso a todos os seus potenciais interessados, que exprime a sua generosidade intelectual e a sua permanente colaboração na valorização do património etnográfico. Agradecemos também a gentil colaboração de Branca Rolão Moriés, que assegurou a revisão da presente edição electrónica. Finalmente, o nosso particular agradecimento a João Leal, pelo seu Prefácio à presente edição e pelo seu contributo para a compreensão da importância que esta obra tem assumido para as gerações de antropólogos que dela têm beneficiado.

Manuel Bairrão Oleiro

DIRECTOR DO INSTITUTO DOS MUSEUS E DA CONSERVAÇÃO

A BIBLIOGRAFIA ANALÍTICA DE ETNOGRAFIA PORTUGUESA: UMA OBRA DE REFERÊNCIA

Começo por uma nota mais pessoal. De todos os livros que tenho e que foram escritos por Benjamim Pereira e pelos seus companheiros do Centro de Estudos de Etnologia e do Museu de Etnologia, aquele que se encontra em pior estado de conservação – embora nunca o tenha emprestado a ninguém – é a *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa*. Editada originalmente em 1965, em Lisboa, pelo Instituto de Alta Cultura e pelo Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, a *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa* (que agora se reedita), começou por ser utilíssima nalguns trabalhos de iniciação à investigação que realizei na licenciatura em antropologia: sobre comunitarismo agro-pastoril, primeiro, sobre as Festas dos Rapazes e de Santo Estêvão, depois. Recorri também a ela na minha pesquisa sobre Festas do Espírito Santo nos Açores. E finalmente ela foi absolutamente indispensável à minha pesquisa sobre a história da antropologia em Portugal. Em todos estes casos, sem a *Bibliografia Analítica* a minha pesquisa teria sido muito mais difícil e longa – hipótese optimista – ou teria sido simplesmente muito mais incompleta e portanto mais frágil – hipótese realista. O que digo a meu respeito poderia ser dito da pesquisa de muitos outras colegas que trabalharam sobre temas de uma forma ou de outra cobertos pela *Bibliografia Analítica*.

Serve isto para dizer – numa linguagem que embora podendo ser vista como reminescente do século XIX não deixa de ser justa – que a *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa* é um inigualável serviço prestado à ciência em Portugal e em particular a todos aqueles – etnógrafos, antropólogos, historiadores, museólogos – que trabalham e continuam a

trabalhar sobre e a partir do país rural que Portugal era e que – embora de forma diferente – ainda continua a ser. Está lá tudo o que precisamos de saber sobre esse país até 1965. O total de referências listadas é impressionante: 3.834. Como se trata de uma *Bibliografia Analítica*, cada referência – além de criteriosamente identificada – é também objecto de um comentário que fornece um sumário rápido do texto. Esses comentários, organizados frequentemente sob a forma de uma listagem de tópicos, são de resto um dos aspectos fundamentais da *Bibliografia*: são eles que fazem dela um tão precioso instrumento de pesquisa. Organizada por grandes temas, cada um dos quais se divide em sub-temas, a *Bibliografia Analítica* tem também um índice final de autores que é igualmente de enorme utilidade.

Com estas características, a *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa* é para todos os efeitos – na falta de dicionários especializados e outros trabalhos de síntese sistemática – a única obra de referência – no sentido em que esta expressão é utilizada entre os bibliotecários – produzida em cerca de 140 anos de etnografia e de antropologia em Portugal.

Serviço prestado à ciência, a *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa* é também, de entre a vasta produção bibliográfica da escola de Jorge Dias um dos livros que melhor ilustra o carácter totalizante do seu projecto. É certo que, de entre essa bibliografia, a cultura material e as tecnologias tradicionais acabaram por ter um lugar de particular relevo. Mas como mostram os trabalhos de Jorge Dias sobre o carácter nacional português e sobre a diversidade antropológica do país, assim como as pesquisas – sobretudo de Ernesto Veiga de Oliveira – sobre festividades cíclicas, instrumentos musicais populares ou a arquitectura tradicional e por fim os trabalhos de Benjamim Pereira sobre as máscaras transmontanas, o objectivo último da pesquisa da escola de Jorge Dias era construir um grande fresco analítico da cultura portuguesa vista a partir dos campos (onde até aos anos 1960 vivia a maioria da população do país). Visava-se por um lado cobrir a totalidade do país, dividido para o efeito – no seguimento das lições de Orlando Ribeiro – em Mediterrânico, Atlântico e Transmontano. E visava-se por outro lado observar as culturas populares portuguesas na totalidade dos seus aspectos, em particular daqueles sobre os quais a informação era mais escassa ou daqueles que – numa perspectiva de “salvage ethnography” (etnografia de emergência) – eram vistos como estando condenados de forma mais irremediável a desaparecer e aos quais se deveria dar pois prioridade no registo. Tendo-se desequilibrado a favor da cultura material e das tecnologias tradicionais – justamente porque estas foram

definidas como as áreas onde era mais necessária uma intervenção de emergência – este projecto de conhecimento totalizante do país foi único na história da antropologia portuguesa: não houve antes nem voltou a haver depois nada de semelhante não apenas na sua ambição, mas nos seus resultados concretos.

Um dos lugares onde essa ambição se concretizou de formas mais efectiva foi justamente na *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa*. A listagem dos tópicos principais do seu *Índice de Matérias* é reveladora: Etnologia Geral, Bibliografia, Carácter Nacional, Museus e Exposições, Estudos de Comunidades, Ergologia, Tecnologia e Economia, Costumes Sociais e Profissionais, Usos e Costumes, Crença Popular, Literatura Popular, Música e Dança, Teatro Popular, Diversões, Vestuário e Ornatos, Alimentação, Ciência Popular, Vária (Etnologia, História, Geografia). Tudo está sob observação. Em primeiro lugar porque é sobre a totalidade de expressões da “vida popular” – desde a infra-estrutura à super-estrutura – que versa a *Bibliografia*. E em segundo lugar, porque lá está registado tudo – ou praticamente quase tudo – que sobre esses temas se tinha escrito em Portugal até 1965: desde os escritos dos antropólogos centrais que se tinham debruçado – antes de Jorge Dias e da sua equipa – sobre as culturas populares portuguesas até à profusa produção dos etnógrafos locais, passando por materiais e informações avulsas de natureza etnográfica contidos na obra de eruditos e historiadores locais que se caracterizavam pela sua versatilidade.

Neste sentido, a *Bibliografia Analítica* pode ser vista como uma espécie de exaustivo “estado da arte” – como se diz hoje em dia – a partir do qual – e em articulação com as pesquisa de terreno entretanto realizadas pelo grupo de Jorge Dias – poderia ter sido escrito uma espécie de grande tratado da Etnografia Portuguesa. Este, claro, não só não chegou a ser escrito como – tanto quanto é possível saber – nem sequer fazia parte dos planos de Jorge Dias e dos seus colaboradores. Mas o estado da arte – esse – estava pronto.

Tendo parado em 1961, a *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa* nunca chegou a ser actualizada, Benjamim Pereira chegou a alimentar esse projecto sem que entretanto o tenha concretizado. No final dos anos 1990, desenrolou-se – no quadro do Centro de Estudos de Antropologia Social (CEAS) do ISCTE – um projecto com características idênticas, a cargo de Rita Jerónimo, mas que não beneficiou de uma difusão alargada. Talvez seja esta a boa altura de pensar nessa actualização. Pelo modo como o país e a antropologia portuguesa entretanto mudaram, seria entretanto uma *Bibliografia* bem

diferente. Com menos rurais e muito mais urbanos. Sem tantos estudos sobre romanceiro mas com muitas pesquisas sobre invenção da tradição. Com menos alfaias agrícolas e cheia de imigrantes (e emigrantes). Com cultura popular mas também com classes médias. Com mascarados transmontanos mas também com cultos neo-pentecostais e religiões afro-brasileiras. Comparando essa eventual *Bibliografia* com a *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa* de Benjamim Pereira, poderíamos fazer um bom balanço do quanto o país mudou nas últimas décadas e do quanto – com ele – mudou a antropologia portuguesa.

Até lá, resta-nos saudar a reedição desta *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa*. Ela coincide com uma altura em que, na sequência da institucionalização da categoria de “património imaterial”, se assiste a uma espécie de segundo fôlego das culturas populares portuguesas – novas e velhas – expressa em processos vários de emblematização do popular a nível local, regional e nacional. Os saberes etnográficos e antropológicos não têm permanecido indiferentes a esses novos usos da cultura popular, seja estudando-os, seja animando-os. A *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa* permanece por isso, neste novo quadro, aquilo que sempre foi: uma obra de referência.

João Leal

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa)
Centro em Rede de Investigação em Antropologia (pólo UNL)

Capa original da edição de 1965 ►

Centro de Estudos de Etnologia Peninsular

BIBLIOGRAFIA ANALÍTICA
DE ETNOGRAFIA PORTUGUESA

POR

BENJAMIM ENES PEREIRA

DO

CENTRO DE ESTUDOS DE ETNOLOGIA PENINSULAR
(INSTITUTO DE ALTA CULTURA)

E DO

CENTRO DE ESTUDOS DE ANTROPOLOGIA CULTURAL
(JUNTA DE INVESTIGAÇÕES DO ULTRAMAR)



LISBOA
1 9 6 5

BIBLIOGRAFIA ANALÍTICA
DE ETNOGRAFIA PORTUGUESA

INSTITUTO DE ALTA CULTURA
CENTRO DE ESTUDOS DE ETNOLOGIA PENINSULAR

BIBLIOGRAFIA ANALÍTICA
DE ETNOGRAFIA PORTUGUESA

POR

BENJAMIM ENES PEREIRA

DO

CENTRO DE ESTUDOS DE ETNOLOGIA PENINSULAR
(INSTITUTO DE ALTA CULTURA)

E DO

CENTRO DE ESTUDOS DE ANTROPOLOGIA CULTURAL
(JUNTA DE INVESTIGAÇÕES DO ULTRAMAR)



LISBOA — 1965

Imprensa Portuguesa ★ Rua Formosa, 108-116 ★ Porto

Ao

Dr. ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA

Introdução

As obras existentes até à data sobre bibliografia de Etnografia portuguesa devem-se a J. Leite de Vasconcelos — nos Ensaios Etnográficos, Opúsculos e Etnografia Portuguesa — e Jorge Dias — no Bosquejo Histórico de Etnografia portuguesa —. Estes trabalhos têm ambos feição crítica e consequentemente registam apenas as obras mais importantes da especialidade; e a última delas data já de 1951.

Sendo a Etnografia entre nós uma ciência de elaboração recente, a bibliografia da especialidade é escassa, tornando-se por isso necessário aproveitar todos os possíveis elementos informativos que interessam a este ramo de estudo. E assim, impunha-se não só actualizar aquelas obras, mas também alargar o próprio critério de recolha e dar-lhe a maior amplitude. Nessa ordem de ideias, registamos não apenas livros ou artigos de carácter científico, mas também trabalhos de amadores, artigos de jornais etc., que contêm dados informativos pertinentes, e mesmo certos estudos que, sem serem de carácter etnográfico, podem contudo servir como auxiliares para o esclarecimento de problemas de etnografia.

Na presente Bibliografia seguimos o critério analítico, procurando traduzir num sumário muito sintético o conteúdo e natureza dos trabalhos referenciados, sem exprimirmos qualquer juízo valorativo a seu respeito. Por essa razão, de cada um dos Autores acima citados, transcrevemos apenas as referências que não possuíam carácter crítico. Não foram incluídos livros ou artigos publicados a partir de 1960-61. Oportunamente publicaremos um suplemento a esta, em que eles serão considerados e no qual procuraremos além disso incluir obras com datas anteriores, de que temos notícia mas que não nos foi possível encontrar nas bibliotecas que consultamos, ou que por qualquer razão nos escaparam.

A classificação que adoptamos enferma certamente de imperfeições e inconvenientes. Tal sucede de resto com qualquer classificação, e Leite de Vasconcelos foi o primeiro a reconhecê-lo. Mas o volume dos materiais referenciados e a multiplicidade dos aspectos que estes abarcam impunha em qualquer caso uma sistematização que estabelecesse um pouco de ordem

de modo a torná-los mais facilmente apreensíveis. A classificação estabelecida na «Bibliografia Internacional de Etnografia», da antiga «Comission Internationale des Arts et Traditions Populaires» (CIAP), baseada essencialmente num critério folclórico, não pôde ser utilizada porque se ajusta mal aos princípios que norteiam a escola etnológica a que pertencemos. E foi segundo os princípios fundamentais desta escola que elaboramos a classificação aqui adoptada.

Dentro de cada rubrica as obras são dispostas alfabeticamente segundo o último apelido do Autor. Aquelas que versam conjuntamente temas diferentes são geralmente arrumadas na primeira rubrica a que fazem referência, segundo a ordem da classificação. No final de cada rubrica figura a inscrição das referências que também lhe dizem respeito, mas que se encontram registadas sob outras rubricas.

Queremos ainda expressar os nossos agradecimentos aos companheiros do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, Prof. Jorge Dias e Fernando Galhano, e, em particular, ao Dr. Ernesto Veiga de Oliveira, a quem constantemente levamos as nossas dúvidas e problemas, na certeza duma ajuda efectiva e segura de ensinamentos e cooperação.

Índice das matérias

I — ETNOLOGIA GERAL	
1. Princípios teóricos e métodos	1
II — BIBLIOGRAFIA	16
III — CARÁCTER NACIONAL	
1. Carácter nacional propriamente dito	21
2. Psicologia popular	26
3. Áreas culturais	31
IV — MUSEUS E EXPOSIÇÕES	34
V — ESTUDOS DE COMUNIDADES	
1. Estudos comunitários propriamente ditos	37
2. Grupos étnicos	41
3. Grupos Profissionais	50
4. Monografias regionais	50
VI — ERGOLOGIA	
1. Edifícios	
1.1. Edifícios Particulares	
1.1.1. Casas de habitação	82
1.1.2. Anexos de exploração rural	105
1.1.3. Espigueiros	106
1.2. Edifícios religiosos	107
1.3. Edifícios sociais	
1.3.1. Cemitérios e túmulos	109

1.3.2.	Pelourinhos	111
1.4.	Sistemas de construção	114
1.5.	Diversos	114
2.	Objectos e alfaías	
2.1.	Mobiliário	115
2.2.	Utensilagem doméstica	117
2.3.	Iluminação	118
2.4.	Diversos	119
2.5.	Alfaia agrícola	123
3.	Transportes	
3.1.	Transportes terrestres	131
3.2.	Transportes aquáticos	134
3.3.	Transportes humanos	139

VII — TECNOLOGIA E ECONOMIA

1.	Artes plásticas	
1.1.	Pintura e gravura popular	140
1.2.	Escultura	143
1.3.	Trabalhos em madeira	145
1.4.	Trabalhos em chifre	147
1.5.	Trabalhos em cortiça	148
1.6.	Trabalhos em ferro	149
1.7.	Trabalhos em papel	151
1.8.	Trabalhos em ouro	152
1.9.	Diversos	154
2.	Indústrias populares	
2.1.	Indústria têxtil	159
2.2.	Olaria	171
2.3.	Moagem	185
2.4.	Cestaria	192
2.5.	Pirotecnia	195
2.6.	Bordados e rendas	201
2.7.	Lacticínios	201
2.8.	Diversos	202
3.	Agricultura	
3.1.	Milho	212
3.2.	Trigo	213
3.3.	Linho	214
3.4.	Vinho	217
3.5.	Azeite	222
3.6.	Sistemas de debulha	225
3.7.	Sistemas de rega	228
3.8.	Diversos	230
4.	Pesca	
4.1.	Processos e redes de pesca	238

5. Caça	246
6. Pastoreio	247
7. Comércio, feiras e mercados	249

VIII — COSTUMES SOCIAIS E PROFISSIONAIS

1. Comunitarismo	254
2. Compadrio	258
3. Corporações e Confrarias	258
4. Vindicta Popular	263
5. Direito Popular	267
6. Classes Sociais	271
7. Diversos	271

IX — USOS E COSTUMES

1. Festas cíclicas	277
1.1. Janeiras e Reis	277
1.2. Candelária	282
1.3. Carnaval	283
1.4. Encomendação das Almas	291
1.5. Serração da Velha	294
1.6. Ramos	297
1.7. Judas	297
1.8. Páscoa	298
1.9. S. José	301
1.10. 1.º de Abril	301
1.11. 1 e 3 de Maio	301
1.12. Ascensão	304
1.13. Pentecostes	305
1.14. Santos de Junho	311
1.15. Todos-os-Santos e Fiéis-Defuntos	319
1.16. S. Martinho	321
1.17. Natal	322
1.18. Diversos	323
2. Ritos de Passagem	
2.1. Nascimento	328
2.2. Amor, namoro e casamento	330
2.3. Morte	336
2.4. Diversos	341
3. Costumes e festas agrárias	341
4. Banhos santos	342
5. Mascarados e máscaras	344
6. Diversos	345

X — CRENÇA POPULAR

1. Catolicismo popular	351
1.1. Hagiografia popular	357

1.2.	Objectos relacionados com o culto	359
1.2.1.	Presépios	359
1.2.2.	Ex-votos	361
1.2.3.	Diversos	363
1.3.	Orações	364
1.4	Romarias e festas	370
2.	Outras religiões	382
3.	Crenças, superstições e práticas mágicas	386
3.1.	Ensalmos	423
3.2.	Amuletos	424

XI — LITERATURA POPULAR

1.	Poesia popular	429
2.	Romanceiro	469
3.	Contos, mitos e lendas	480
4.	Adivinhas	499
5.	Provérbios e ditos	502
6.	Pregões e fórmulas	520
7.	Parlengas e rimas	521
8.	Alcunhas e apodos	524
9.	Folhetos de cordel	526
10.	Vocabulário	528
11.	Toponímia	536
12.	Onomástico	546
13.	Linguagem popular	547

XII — MÚSICA E DANÇA

1.	Música popular	556
2.	Instrumentos musicais e tocadores populares	576
3.	Danças populares	580

XIII — TEATRO POPULAR 588

XIV — DIVERSÕES

1.	Jogos, competições e brinquedos	596
2.	Touradas	605

XV — VESTUÁRIO E ORNATOS

1.	Traje popular	608
2.	Tatuagem	620

XVI — ALIMENTAÇÃO

- 1. Culinária e doçaria 622
- 2. Manjares cerimoniais 628

XVII — CIÊNCIA POPULAR

- 1. Medicina popular 631
- 2. Meteorologia popular 640

XVII — VÁRIA: ETNOLOGIA, HISTÓRIA, GEOGRAFIA

- 1. Etnologia 643
- 2. História 645
- 3. Geografia 647

I — Etnologia geral

1. PRINCIPIOS TEÓRICOS E MÉTODOS

- 1 ACABADO, Manuel António Janeiro — *Psicologia, Pedagogia e Etnografia*. EBJP, 26-28, Lisboa, 1951, pp. 261-286.

Considerações sobre o valor destas ciências. O valor dos jogos e rimas infantis, ditados e provérbios, cancioneiros populares e adivinhas.

Estudo dum conto popular português e das suas versões brasileiras.

A importância que o estudo dos contos populares espanhóis tem para os portugueses. A classificação dos contos populares espanhóis.

- 2 BETENCOURT, Gastão de — *O folclore e a escola primária*. MCP, VI, 66, Lisboa, 1951, pp. 12-13.

Conceitos científicos de folclore. Citação de autores brasileiros. A importância da integração dos professores no verdadeiro sentido do folclore.

- 3 BRAGA, Theophilo — *O Povo Português nos seus costumes, crenças e tradições*. I, Lisboa, 1885, 416 p.

INTRODUÇÃO — Bases da crítica etnológica. As *persistências, recorrências e sobrevivências*.

CAP. I — Persistência dos tipos antropológicos, determinada pelos costumes populares.

CAP. II — Rudimentos da actividade espontânea - Caça: uso do furão, pedir com pele de lobo, armadilhas de pássaros nos brinquedos infantis, montaria do Porco Preto, etc.. Pesca: pesca de arrasto, organização das companhias, formas tradicionais de redes, o lanço da Cruz, etc. Formas naturais de guerra defensiva. Hostilidades nacionais, locais e individuais: sentido pejorativo de certos nomes de povos, apodos tópicos, etc.

CAP. III — As indústrias locais e tradicionais — A casa: persistência de casas de colmo, casas redondas, relação do lar com a família, etc. As comidas: uso de glandes de carvalho, castanhas, milho cozido, berças, boroa, bodos, etc. A actividade agrícola e pastoril: constituição da propriedade segundo diferenciações étnicas; costumes romanos e árabes na agricultura portuguesa;

tulhas subterrâneas; hortas; sistema de debulha de cereais por meio da unha do boi, trilho, mangual. Persistência de costumes árabes na actividade pastoril. Introdução do milho; ritos agrários e práticas mágicas propiciatórias nas sementeiras e colheitas; divinações; etc.

CAP. IV — Estados sociais representados nos costumes portugueses — Relação entre os ritos funerários, as cerimónias do casamento e as formas simbólicas do direito, derivada da constituição primitiva da família: banquetes fúnebres, encomendação, carpideiras, clamores, lutos, formas diversas de culto dos mortos. Casamentos: endogamia e exogamia, sacrifício à comunidade, rapto da noiva, simulacro de combate, etc.; comparações com costumes gregos e romanos. Costumes e símbolos jurídicos; pelourinhos; sistemas tradicionais de penalidade; etc.

CAP. V — Automatismo orgânico na Imitação e na Tradição — Parlengas e jogos infantis: sua origem e sentido mítico. Modas, trajos e formas cerimoniais: persistência de trajos ibéricos na actualidade (mandil, barrete, mantilha, etc.). Danças e instrumentos musicais: determinação da evolução das danças por alusões de escritores portugueses; influências francesas e espanholas; menção de adufes, flautas, castanholas, violas, rabeca, pífaro, gaita de capador e de foles, berimbau, etc.

4 BRAGA, Theophilo - *O Povo Português nos seus costumes, crenças e tradições*, II, Lisboa, 1885, 546 p.

CAP. I — Bases críticas da hierologia.

CAP. II — Superstições populares portuguesas: Definição e menção de vários agouros; suas relações com o animismo; penedos de casamentos; fontes e montanhas sagradas; a figa; entidades mágicas e malévolas; esconjuradores de espíritos; curandeiros e medicina popular (fórmulas mágicas para talhar diversos males); orações e ensalmos.

CAP. III — As festas do calendário popular: Janeiras e Reis, Candelária, Festa do Cuco, 1.º de Abril, Carnaval, Serração da Velha, Judas, Páscoa, Maias, Ascensão, Espírito Santo, Corpo de Deus (boi bento), S. João, S. Bartolomeu, Todos os Santos, Fiéis Defuntos, S. Martinho, Natal (menção de vários costumes referidos a estas festividades, que procura relacionar com mitos e velhos cultos).

LIVRO III, CAP. I — Tradições e saber popular: Bases críticas para o estudo dos anexins; sua relação com concepções míticas, estados psicológicos rudimentares, com contos tradicionais, etc. Adivinhas: expressão mítica; relação das adivinhas com os contos; comparação das adivinhas portuguesas; objecto das adivinhas; sua universalidade e persistência nas classes cultas, etc.

CAP. II — Cantigas, romances e comédias populares: cantos específicos de determinadas celebrações; unidade do lirismo ocidental, e formas mais arcaicas de cantigas portuguesas. Romances: evolução da forma épica; classificação segundo este tema; formação ou adaptação de romances a novos sucessos; a acção das mulheres na conservação dos romances; etc. Comédias populares: Coros e bailes de terreiro; máscaras e danças religiosas; narrativas heróicas; autos hieráticos; etc.

CAP. III — Contos, lendas, livros populares e história de Portugal na voz do povo. Universalidade dos contos; relações dos nossos contos com contos sicilianos e russos; seu sentido mítico. Lendas: menção de várias lendas. Livros populares: Gil Vicente e Baltazar Dias; Irmandade dos cegos, vendedores de folhas volantes de literatura de cordel: fases da história de Portugal na voz do povo; etc.

- 5 CARDOSO, Carlos Lopes — *Völkerkunde, Volkskunde e a Escola Etnográfica Portuguesa*. DL, Oitava Série, v-VI, Porto, 1957, pp. 521-526.

Análise e considerações acerca da problemática da Etnografia, que divide em duas categorias: elemento humano e elemento cultural.
Enunciado das origens e presente situação da escola portuguesa.
- 6 CARDOSO, Carlos Lopes — *Da investigação etnográfica em Portugal*. ACEELV, I, Porto, 1959, pp. 235-243.

Conceitos respeitantes à ciência etnográfica.
- 7 CHAVES, Luís — *Nacionalismo etnográfico — A agricultura e a etnografia*. BACAP, XXII, Lisboa, 1920, pp. 36-48 e 76-82.

Esquema de um estudo descritivo do povo, segundo o seu ambiente próprio; a terra, a gente, a arte.
- 8 CHAVES, Luís — *O «Centenário do Folclore»*. BRCC, XLIII, Lisboa, 1946, pp. 181-192.

Considerações acerca do despropósito do emprego do termo «Folclore». Seu âmbito e significado marcado por Leite de Vasconcelos.
- 9 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, XXXII, Lisboa, 1947, pp. 150-153.

«Exposição das quatro fases em que se pode dividir a evolução da ciência etnográfica: 1.^a fase pré-etnográfica, incidindo superficialmente no observador receptivo; 2.^a fase, de ciência crítica, iniciada com o Romanceiro de Garrett, a que se seguiram obras variadas de fundo popular, revistas, estudos, criação de museus, etc.; 3.^a fase, de sistematização, em que sobressaiem a Etnografia Portuguesa de Leite de Vasconcelos, e outros trabalhos, como os do Abade de Baçal, Firmino Martins e Jaime Lopes Dias; e a fase actual de aproveitamento etnográfico em exposições, concertos, concursos, etc., para manter as características nacionais e recuperar o perdido»... (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 10 COELHO, Adolfo — *Sobre os conhecimentos étnicos dos gregos e dos romanos*. RCNS, I, Porto, 1889, pp. 49-60 e 97-114.

Considerações acerca do conceito de raça e de povo e das ciências que se ocupam do seu estudo: a etnografia, que descreve a vida social e os costumes dos povos, as suas relações com o meio, etc.; etnogenia, que estuda as origens e parentescos dos povos, principalmente a língua; e a etnologia «ou estudo geral

das condições de formação e desenvolvimento dos povos, das variações de carácter étnico sob a influência de acções naturais ou sociais, dos diversos tipos de sociedade que os povos nos apresentam, dos diversos elementos da vida social». Crítica a algumas classificações propostas por investigadores estrangeiros. Análise e apreciação valorativa das notícias étnicas dos clássicos, relativas à Península hispânica. «... se eles muitas vezes acertaram, erraram também muitas vezes por falta de método rigoroso de exame, de modo que os textos clássicos, importantes para nós, devem ser aproveitados com a maior precaução e sujeitos sempre que possível a contra-prova».

- 11 COELHO, Adolfo — *Tradições populares portuguesas - A caprificação*. RCNS, IV, Porto, 1889, pp. 113-128.

De entrada propõe uma classificação para os factos do domínio etnográfico segundo as principais rubricas: Sentimentos étnicos, estéticos, religiosos, e lógicos. Formas de vida prática, artística, religiosa, e especulativa.

Como exemplo de método de estudo neste campo, apresenta alguns relatos de caprificação — práticas que visam o aumento e maturação do figo —, no Algarve, comparando-os com casos aparentemente similares de outros países, e sobretudo com exemplos idênticos da Grécia.

- 12 CORREA, A. A. Mendes — *O contributo dos descobrimentos dos Espanhóis e portugueses nos séculos XV e XVI para o conhecimento científico do Homem e das raças humanas*. APPC, IV Congresso, I, Porto, 1943, pp. 22-36.

Põe em relevo a influência dos descobrimentos hispano-portugueses nas modernas concepções sobre a natureza humana e sobre a sistemática etnológica.

- 13 DACIANO, Bertino — *A etnografia e o folclore, seu valor moral, artístico e científico*. DL, Quinta Série, IX, Porto, 1954, pp. 3-19.

Considerações acerca da etnografia como disciplina científica; dum programa dum curso de etnografia; dos museus etnográficos; do Museu do Douro Litoral; e do Boletim do Douro Litoral.

- 14 DIAS, Jaime Lopes — *Portugal e a etnografia*. Lisboa, 1950, 27 pp.

«O Autor refere-se à evolução dos estudos da cultura popular, aos caminhos seguidos e terminologia variada com que os diferentes autores procuram rotular a nova ciência. Mostra o interesse que a etnografia encontra em todo o mundo e foca em especial o desenvolvimento que o folclore tem tido no Brasil. Termina fazendo um apelo para que se recolham activamente as nossas tradições, indispensável para os estudos comparativos do Brasil». (A. Jorge Dias—B.H.E.P.).

- 15 DIAS, Jorge — *Acerca do conceito de etnografia*. PN. VI, Lisboa, 1946, 7 p.

«O Autor, depois de defender o emprego da designação «etnografia», procura definir os limites desta ciência, completamente renovada nos últimos decénios.

Diz que a etnografia é uma ciência da natureza e da cultura; aparentada por um lado, com as ciências naturais e geográficas, por outro com as ciências históricas e sociais. A etnografia, diz o Autor, estuda precisamente o campo da interferência do determinismo natural com o livre arbítrio humano, o que obriga o estudioso a usar ora um método descritivo e comparativo de rigorosa objectividade, ora um método interpretativo de subtil análise psicológica». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 16 DIAS, Jorge — *Acerca do Atlas Etnográfico de Portugal*. TAE, XI, 3-4, Porto, 1948, pp. 352-357.

Considerações acerca da criação do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular e das vantagens da aplicação do método cartográfico à etnografia.

- 17 DIAS, Jorge — *Orientaciones actuales de la etnografia*. EG, IX, 30, Madrid, 1948, pp. 53-67.

«O Autor mostra a confusão que reina em relação à terminologia da ciência etnográfica, e salienta que, depois da obra *Etnografia Portuguesa*, de Leite de Vasconcelos, tal problema não existe em Portugal. Faz a comparação entre «Etnografia» e a «Volkskunde» alemã. Apoiando-se em três elementos básicos: terra, homem e tradição, procura dar uma visão dos métodos de trabalho para o estudo dum povo civilizado. Fala do desenvolvimento da etnografia em certos países e mostra as perspectivas animadoras que oferece a Península com a criação dos Centros de Estudos de Etnologia Peninsular em Portugal e em Espanha». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 18 DIAS, Jorge — *Cultura popular e cultura superior*. Santiago de Compostela, 1949, 20 p.

«Tentativa de relacionar a cultura popular com as manifestações superiores da cultura. Fala da morfologia da cultura e procura exemplos da literatura espanhola, como Juan Valera e José Maria Pereda, para ilustrar dois casos típicos de cosmopolitismo e regionalismo, respectivamente. Procura determinar a maneira diversa como as influências locais se exercem sobre as diferentes camadas sociais e os indivíduos. O Autor tenta, pela primeira vez, definir «etnografia», apoiando-se num elemento diferenciador de natureza psicológica e não social. «Não são só estas ou aquelas classes que são estudadas pela etnografia, mas sim o que é popular em qualquer delas».

«O campo da investigação toma proporções mais naturais e desaparecem certos preconceitos de escola que o Autor defendia nos escritos anteriores. É de crer que se os estudos parciais tiverem em vista a integração num plano de conjunto da estrutura cultural, se dê um grande passo para o conhecimento da *personalidade-base* do povo português». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 19 DIAS, Jorge — *Congresso Internacional de Folclore* (Agosto. São Paulo, 1954). DL, Sexta Série, IX, Porto, 1955, pp. 60-65.

Características do facto folclórico. Considerações sobre o tema.

- 20 DIAS, Jorge — *Etnologia, Etnografia, Volkskunde e Folclore*. DL, Oitava Série, I-II, Porto, 1957, pp. 61-78.

Estudo teórico sobre classificação e definição das Ciências da cultura, e suas hierarquias.

Atentando na enorme diversidade de critérios usados por diferentes investigadores e escolas internacionais, no significado destas palavras e conceitos que elas envolvem, o Autor apresentou ao Congresso Internacional de Folclore de Arnhem esta tese (que foi aprovada) a qual agrupa as diferentes classificações em 4 grupos principais: 1) critério culturoológico; 2) critério sociológico; 3) critério psicossociológico; 4) e critério etnológico.

1) O critério culturoológico (a que também se pode chamar literário) é usado pelas escolas folclóricas que consideram o folclore uma ciência autónoma, tendo como objecto o estudo da literatura oral, e cultura espiritual de um povo — de facto apenas do povo dos países europeus. O estudo dos «primitivos» competia à «etnologia» ou à «etnografia».

2) Segundo o critério sociológico, o folclore tem como objecto de estudo a cultura das classes populares, e estabelece semelhantemente uma diferenciação entre sociedades históricas, ou ditas civilizadas, e sociedades chamadas não civilizadas ou «primitivas». 3) O critério psicossociológico, deixa de encarar povo como classe social, para se tomar uma forma de comportamento de que os componentes de um grupo mais ou menos partilham. «E o que cai no foco da análise é a participação do povo, conjunto de habitantes de uma nação, no saber tradicionalmente transmitido». «É portanto o estudo do homem como ser cultural., isto é, o homem que é portador de cultura». 4) O critério etnológico «é adoptado por aqueles que, banindo qualquer conceito etnocentrista, procuram estudar o homem como ser cultural, em qualquer parte do mundo em que ele viva e seja qual for o tipo de economia e cultura em que se encontre, relacionando o presente com o passado». Esse estudo compete à Etnologia, ciência de princípios e leis gerais. A etnografia é a parte descritiva da Etnologia, referida a países ou áreas culturais definidas.

- 21 DIAS, Jorge — *A expansão ultramarina portuguesa à luz da moderna Antropologia*. BGU, Lisboa, 1957, 28 p.

O etnocentrismo dos povos e as suas causas; valores positivos e negativos que ele alimenta. Análise das formas de comportamento dos portugueses — feição humana e pouco etnocêntrica. Esboço breve da evolução da humanidade. A originalidade do papel dos portugueses na expansão ultramarina e suas determinantes — comércio, ocupação de novas terras, dilatação do Império e dilatação da fé — ; e características — universalização. A capacidade de adaptação a novas terras e gentes explicada pela unidade da nossa cultura heterogénea, tolerância, assimilação, cordialidade, família patriarcal e multifuncional, etc.

«Os portugueses, levados por um são instinto, misturaram-se com as várias populações da terra e contribuíram grandemente para a fusão racial. Foi do livre exercício desse impulso, que o leva a considerar os homens como seus iguais e a amar mulheres de todas as cores, que nasceu a grande nação brasileira, que assombra o mundo pela harmonia única de convívio humano».

- 22 DIAS, Jorge — *Introdução ao estudo das ciências sociais*. CMCS. Lisboa, 1958, pp. 13-27.

Nota a facilidade com que se confunde sociologia com ciências sociais e apresenta um quadro classificatório, de R. Redfield, que divide estas ciências em:

«a) Ciências propriamente sociais: a economia, a política, a sociologia e a antropologia;

b) Ciências periféricas, cujo conteúdo está fora das ciências sociais, se bem que relacionado a alguns dos seus aspectos ou partes: a psicologia, a geografia, a história e a jurisprudência.»

A análise recai sobre a sociologia e a antropologia — ciências que, entre nós, como nota, têm sido ignoradas nas Universidades — dando-nos a conhecer as suas linhas gerais, métodos usados e objectos de estudo — «o homem como ser cultural» —, elementos diferenciais estabelecidos entre elas, etc.

Segundo o Autor, «a sociologia tende mais para as formulações quantitativas próprias das ciências da natureza, enquanto que a Antropologia, acentua mais o carácter individual e qualitativo do fenómeno humano, o que a aproxima das ciências históricas».

- 23 DIAS, Jorge — *Ambiente Natural e História (Dinamismo Cultural)*. TAE, XVII, 1-4, Porto, 1959, pp. 103-116.

Procura definir as relações entre ambiente e cultura, através dos tempos. A natureza como factor não criador mas limitador e condicionante de cultura. Adaptação do homem passiva e activa. Adaptação passiva nas sociedades de economia simples — inteligente ou não (quando a sua técnica é mais rudimentar). Os factores geográficos devem-se considerar em função do grau de evolução das técnicas de que cada povo dispõe, e não de maneira absoluta. Define três fases fundamentais da humanidade: a fase da expansão «de isolamento e diferenciação»; a fase da agricultura, que proporcionando excedentes alimentares permitiu a especialização do trabalho, abrindo caminho a permutas e trocas comerciais e de ideias; e a fase actual que, beneficiando de uma «agricultura superior» e da «abundância de excedentes, permite a formação de sociedades altamente estratificadas». Segundo o Autor, «para cada tipo de cultura existe um ambiente óptimo, mas com a evolução da cultura o ambiente que foi óptimo pode não o ser hoje, e vice-versa».

- 24 DIAS, Jorge — *Problemas de método em estudos de comunidades*. CMCS, Lisboa, 1959, pp. 73-91.

Definição de comunidade: «grupo local integrado por pessoas que compartilham um território bem definido, as quais estão ligadas por laços de intimidade e convívio pessoal e participam de uma herança cultural comum». Suas características fundamentais: 1) distinção dos seus limites; 2) homogeneidade cultural; 3) auto-suficiência.

Orientação a seguir nos estudos de comunidade no sentido de uma integração dos diferentes sistemas de que ela se compõe, tipificando o mais central. Técnicas de observação e análise aconselhadas, e metodologia: 1) sistema ecológico («encarado como um conjunto dinâmico de inter-relações do homem

com a natureza»); 2) sistema geográfico; 3) sistema social; 4) sistema histórico. Chama a atenção para a complexidade dos problemas que estes estudos suscitam, indicando caminhos, de acordo com os diferentes casos e circunstâncias. E releva a importância destes trabalhos para o estudo do carácter nacional.

- 25 DIAS, Jorge — *O que se entende por Antropologia Cultural*. EU, Lisboa, 1959, pp. 9-29.

Divisão da Antropologia Geral em dois ramos distintos: Antropologia Física (que estuda o homem somático, biológico), subdividida em Antropometria, Craniometria, Genética, Grupos sanguíneos, e Paleontologia humana; e Antropologia Cultural — Etnologia — («ciência das formas e dos processos diversos como os povos e os seus indivíduos são obrigados a orientar-se no sentido da sua expansão no espaço e no tempo, segundo o seu ambiente natural, social e cultural» — Muhlmann —), subdividida por seu turno em Etnografia, Ergologia, Tecnologia, Psicologia Social, Linguística, Folclore, Etnossociologia, e Etnomusicologia.

Definição de *cultura* em sentido etnológico: «conjunto das tradições sociais, ou herança social». «Tudo aquilo que recebemos do ambiente social em que nos criamos e desenvolvemos». Seu carácter super-orgânico e super-individual. Diferenças e divergências de critério na atribuição do conceito exacto desta ciência, e limitações do seu campo. Crítica dos critérios etnocentristas. A escola portuguesa — Leite de Vasconcelos e Jorge Dias —.

O papel da Etnografia como ciência que observa, analisa e descreve determinados aspectos da cultura; a Antropologia cultural (ou Etnologia), que sistematiza, generaliza e compara esses aspectos, interpretando-os em função de leis e princípios gerais.

- 26 FERNANDES, P.º Baptista — *O Folclore — Tema de um discurso de Pio XII*. MCP, VIII, 87, Lisboa, 1953, pp. 6-7.

O ponto de vista do Chefe da Igreja: «... a profissão ... » não é ... «o essencial da actividade do homem»; «há outras missões que envolvem os recursos pessoais de espírito e coração».

«Numa sociedade que ignora as tradições mais sãs e mais fecundas», o folclore «esforça-se por manter uma continuidade viva, não imposta de fora, mas vinda da alma profunda das gerações...». «Assim, não podemos senão louvar aqueles que com competência e dedicação, se aplicam a auxiliá-los, a dirigir os seus esforços...» Unidade da fé religiosa e vida popular: «nas regiões em que essa unidade se conserva ainda, o folclore não é pois uma sobrevivência curiosa de uma época passada, mas uma manifestação da vida actual, que reconhece o que deve ao passado e tenta continuá-lo e adaptá-lo inteligentemente às situações novas».

- 27 LIMA, Jaime de Magalhães — *Natureza e carácter especulativo do Folclore*. Po, III, Porto, 1930, pp. 146-150.

Considerações acerca da definição do folclore de W. J. Thoms, no Athenaeum, em 1846, que provam uma unidade de espírito e de forma nas numerosas disciplinas que tal definição engloba.

Sua crítica ao conceito de folclore como ciência, que só poderá «esclarecer e revelar»; ele é «uma síntese misteriosa», que, para o Autor, participa dos caracteres de uma arte, cuja compreensão é um facto de sensibilidade como a música, com a qual o compara.

- 28 MACHADO, Falcão — *Etnografia e Escola*. MCP, vi, 62, Lisboa, 1951, pp. 10-11.

Considerações à cerca do significado da Etnografia como ciência que investiga, descreve e explica a essência nacional. Necessidade de alterar os actuais critérios pedagógicos, substituindo-os por outro que considere a etnografia.

- 29 MATOS, Lygia Maria da Câmara de Almeida — *Cultura Popular*. RI, vi, Ponta Delgada, 1950, 100 p.

Considerações à cerca do significado e importância da cultura popular. Refere-se à facilidade e vigor descritivo da lírica popular, à comédia popular, e termina com algumas sugestões para estimular e desenvolver essa cultura.

- 30 MATTOS, Armando de — *Projecto de um esquema de etnografia portuguesa*. APPC, IV Congresso, t. VII, (7.a Secção, Ciências Históricas e Filosóficas), Porto, 1954, pp. 570-578.

«O Autor defende a necessidade de dar maior rigor aos estudos etnográficos, que, por vezes, carecem de disciplina científica e se apresentam desarticulados. Atribui este facto à falta de «*classificação própria*». Propõe a realização de um «*esquema classificador de etnografia*». Defende um ponto de vista antropológico e dá uma definição de etnografia». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 31 MOURINHO, P.º António — *Essência do Folclore — Algumas opiniões sobre o facto folclórico*, MCP, x, 119, Lisboa, 1956, pp. 14-15.

Definições de folclore dadas por alguns especialistas.

- 32 MOURINHO, P.º António — *O facto folclórico e a tradição*. MCP, xi, 121, Lisboa, 1956, pp. 10-11.

Considerações sobre o folclore.

- 33 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *Indivíduo e Sociedade*. CMCS, Lisboa, 1958, pp. 31-47.

Estudo da evolução dos conceitos teóricos de Indivíduo e Sociedade e suas consequências metodológicas. Psicologia, Sociologia, Antropologia Cultural. Psicologia clássica — análise e classificação do facto consciente, fundamento biológico da vida psíquica, etc. Psicologia infantil. Equiparação da criança às

fases primitivas do homem. A Psicologia Freudiana — os pressupostos psíquicos de natureza social. O indivíduo como ser dotado de mecanismos psico-fisiológicos inatos; os elementos dados da personalidade, biológicos ou super-biológicos, filogeneticamente estabelecidos, fixados e transmitidos, universais e uniformes. O Homem Universal, idêntico a si mesmo no tempo e no espaço por uma lei comum a todas porque biológica e específica.

A Sociologia clássica — concepção total da Sociedade, estabelecida racionalmente; interpretação da realidade histórica; Comte e a teoria geral da ordem espontânea das sociedades; a lei dos três estados — teológicos (politeístas e monoteístas), e positivo. A diversidade de «culturas», expressão dos estados dessa evolução unilinear. A Sociedade Ideal, concebida como uma hiperestrutura independente dos indivíduos, sistema autónomo de relações fixas, obedecendo a leis próprias — segundo o modelo das sociedades evoluídas do mundo ocidental. A escola sociológica de Durkheim: o elemento social na psicologia. O facto social como realidade efectiva, a consciência colectiva. Levy Bruhl — a «mentalidade primitiva» e o «prelogismo»; dualidade em função da diferença entre a verdadeira sociedade (ocidental), e as sociedades primitivas, que implica ao mesmo tempo a ideia da evolução unilinear, e da diversidade de mentalidades.

Antropologia Cultural — princípio fundamental e original desta ciência: afirmação do princípio da relatividade das culturas, que rompe com todo o etnocentrismo cultural anterior. «O seu objecto específico é o estudo do homem como um ser cultural... o estudo do comportamento humano, na medida em que ele é condicionado pela cultura do grupo, a sua interpretação dentro das coordenadas ou dimensões etnológicas do tempo, situação geográfica e *status* social, e também o estudo da cultura como um produto de relações humanas».

- 34 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *As orientações funcionalistas nos estudos de Cultura*. CMCS, Lisboa, 1958, pp. 155-174.

Análise dos princípios basilares do conceito funcionalista, enunciado por Franz Boas, Radcliffe-Brown, Malinowski, Thurnwald, etc.

Segundo o Autor «Numa definição provisória e muito geral, podemos dizer que a atitude funcionalista em etnologia se caracteriza essencialmente pela acentuação decisiva que faz das culturas como todos unitários vivos e em funcionamento orgânico, que urge apreender e que integram, na sua unidade funcional, as instituições de que se compõem, conferindo-lhes o seu matiz próprio e determinando-lhe o seu próprio funcionamento relacionado com o funcionamento unitário da sociedade integrante». «Toda a conceituação funcionalista assenta na noção da unidade da cultura e sua integração». Crítica aos exageros das primeiras escolas, segundo Merton.

«O ponto de vista funcional... além do mérito de ter denunciado o artifício de que enfermavam os estudos analíticos de difusão — que tem a sua manifestação mais corrente na investigação folclórica — ...chamou a atenção... para uma faceta essencial dos factos culturais, que fugia às arbitrariedades da etnologia histórica, estabelecendo a primazia de um elemento positivo sobre o elemento histórico» .

- 35 PESSANHA, D. Sebastião — *A arte popular e a moderna etnografia*. TAE, XVII, 1-4, Porto, 1959, pp. 141-146, fig. 2.
 Considerações à cerca da arte popular.
 O Autor defende o ponto de vista de que no estudo de qualquer elemento de cultura material, se deve atender primordialmente à sua forma, função e origem, relegando a decoração para um plano secundário e considerando-o como «elemento episódico».
- 36 SANTOS JÚNIOR — *Conceito ecológico da etnografia*. DL, Sexta Série, IX, Porto, 1955, pp. 3-8.
 Considerações à cerca do conceito ecológico da etnografia.
 Segundo o Autor, a etnografia «deve ser considerada, essencialmente, um ramo das Ciências Naturais, e servida pelos seus métodos de estudo».
- 37 SCHWALBACH, Luís — *Problemas etnológicos — Classificações prematuras*. RFLUL, x, Lisboa, 1944, pp. 5-17.
 Considerações à cerca de antropologia e etnologia.
- 38 SCHWALBACH, Luís — *Objectivos da Etnologia e da Etnografia*. MCP, VI, 69, Lisboa, 1952, pp. 3-4.
 Análise do conceito de «raça». Confronto dos conceitos de Antropologia, Etnologia e Etnografia. O ensino universitário da Etnologia e a necessidade de criar cadeiras de Etnografia.
- 39 VALDES, Ildelfonso Pereda — *La Etnografia y el Folklore*. ACEELV, II, Porto, 1959, pp. 379-385.
 Considerações à cerca do conceito de etnografia e do folclore.
- 40 VASCONCELOS, J. Leite de — *Etnologia — A propósito de uma exposição etnográfica em Lisboa*. RL, XVI, Lisboa, 1913, pp. 332-337.
 Alude ao facto de ser Portugal uma potência colonial, que se antecipou aos outros países, e lamenta a falta de um Museu de etnografia ultramarina. Apoia a ideia duma exposição de etnografia ultramarina e indica alguns métodos de programas a cumprir para esse efeito. «Definição de Etnologia, e suas divisões. O que é etnografia. Aplicação da palavra Etnologia ou Etnografia à vida dos selvagens actuais. Inexactidão deste exclusivo emprego da palavra. A Etnografia tanto estuda os povos selvagens como aquele em que haja elementos tradicionais; tanto estuda os povos antigos como os modernos. Semelhança do homem prehistórico e do selvagem actual. Estudo daquele por intermédio do estudo deste».
- 41 VASCONCELOS, J. Leite de — *Importância da etnografia*, RL, XXII, Lisboa, 1919, pp. 5-18.
 «a) Importância teórica: exame da psicologia geral de um povo; estudo do vocabulário (Wörter und Sachen); comentário da literatura antiga; pontos em

que pode beber a literatura moderna; conhecimento do viver de outrora, quando deixa reflexos no presente; paralelos universais, que provam a ubiquidade de muitas usanças e crenças — considerações especulativas que permitem estudar a evolução de umas e outras, e às vezes descortinar-lhes a origem. *b*) Importância prática — administração política interna; julgamento de crimes, etiologia de doenças mentais, explicação de fanatismo religioso; educação infantil; administração colonial, avigorando o amor pátrio.

Urgência de colher as tradições populares. Apreço que lá fora se dá à etnografia: literatura, sociedades, ensino público, museus, congressos, exposições. Factos diversos. *A Etnografia em Portugal*».

- 42 VASCONCELOS, J. Leite de — *Etnografia*. RL, XXVI, Lisboa, 1927, pp. 260-280.

Definição de Etnografia — Povo e etnografia, de modo geral. Destrição de alguns assuntos da Etnografia: supervivência e convergência; fenómenos subalternos que acompanham a civilização propriamente dita; cor local adquirida pelo que vem de fora; arte popular, literatura oral, sábeça do vulgo, tradições, criações espontâneas, adaptações; linguagem; a gente em si; terra da pátria. Nomenclatura. *Etnografia Portuguesa*. O que é o povo português. Passado e presente. *A Etnografia, ramo da Etnologia*. Divisão da *Etnografia Portuguesa*. (CAP. I e II da *Introdução da Etnografia Portuguesa*).

- 43 VASCONCELOS, J. Leite de — *Etnografia Portuguesa*, I. Lisboa, 1933, 388 p.

«Definição de etnografia: Povo e Etnografia, de modo geral. Destrição de alguns dos assuntos da Etnografia: supervivência e convergência; fenómenos subalternos que acompanham a civilização propriamente dita; cor local adquirida pelo que vem de fora; arte popular, literatura oral, sábeça do vulgo; tradições, criações espontâneas, adaptações; linguagem; a gente em si; terra da pátria. Passado e presente. *A Etnografia ramo da Etnologia*. Excursos.

Fontes de investigação etnográfica: Observação directa. Museus, exposições, etc. Fontes literárias ou escritas: A) Literatura geral. B) Literatura especial. Importância da etnografia: A) Importância teórica: exame da psicologia geral de um povo; estudo do vocabulário; comentário da literatura antiga; fonte em que pode beber a literatura moderna; conhecimento do viver de outrora, quando deixa reflexos no presente; paralelos universais, que provam a ubiquidade de muitas usanças e crenças; considerações especulativas que permitem estudar a evolução de umas e outras, e às vezes descortinar-lhes a origem. B) Importância prática: administração política interna; julgamento de crimes, etiologia de doenças mentais, explicação do fanatismo religioso; educação infantil; administração colonial; avigoroamento do amor pátrio. Urgência de colher as tradições populares. Apreço que lá fora se dá à Etnografia: literatura, sociedades, ensino público, museus, congressos, exposições; Factos diversos. *A Etnografia em Portugal*.

De como se organizou esta obra: Primeiros estudos e publicações. Plano de uma biblioteca etnográfica (1882), que tinha como anexo um *anúário*. O que disso

se publicou. Alongamento do mesmo plano em 1890. A Revista Lusitana e o Museu Etnológico. Prospecto de 1919 a que corresponde *plus minus* esta Etnografia. Dificuldade de se escrever por ora um tratado de Etnologia de Portugal. Relações da presente obra com anteriores trabalhos do autor. Fontes de que este se serviu, como as aproveitou. Pessoas que o auxiliaram».

- 44 VASCONCELOS, J. Leite de — *Opúsculos. V — Etnologia (Parte I)*, Lisboa, 1938, 620 p.

Definição do conceito de Etnologia; sua divisão em Etnogenia e Etnografia. Cale e Portucale — crítica às teses que a situavam na margem esquerda do Douro; hipótese da sua localização na margem direita.

O povoamento de Portugal nos tempos pré-históricos segundo dados toponímicos. Estudo de alguns grupos étnicos que habitaram o NE — Conios, Seúrrios, Celtas e Grovios.

Magia e religiosidade — referências a machados de pedra encontrados em minas romanas, que supõe terem sido usados como «pedras de raio»; comparação com o culto actual a St.^a Bárbara, advogada dos mineiros, e contra as trovoadas. Significação mágico-religiosa de algumas moedas antigas, com um buraco para suspensão.

Notícias sumárias àcerca da religiosidade da Lusitânia.

Críticas à obra de M. Toutain «Les cultes païens dans l'empire romain». Interpretação e leitura de monumentos e inscrições de alguns deuses: Nabia, Tongoenabiagus, Endovélico.

Ateísmo dos Calaicos — Interpretação da passagem de Estrabão, a que dá diferente significado, afirmando a existência de deuses, sem imagens. Costumes sepulcrais da época romana em Portugal.

Medicina dos Lusitanos.

Bibliografia sobre tatuagem.

Lista de objectos etnográficos concernentes à medicina.

Origem, história e formação do povo português — resenha dos povos que através das diferentes épocas habitaram Portugal.

Designação popular dos dedos da mão. Comentários a cartas de amor. Jogo de atirar a moeda ao ar.

Considerações àcerca do carácter agrário de Portugal - tradições campestres e culto do boi (exemplo).

Classificação e geografia dos jugos e cangas.

Estudo duma corna alentejana; de apetrechos de meia; da linguagem dos gestos; do emprego da saliva como agente profilático.

Mitologia e superstições — assimilação de divindades locais pelas moiras encantadas.

As Maias — colocação de flores nas portas e figurações do Maio-Moço. Superstições dos rios - práticas propiciatórias, virtudes das águas; o banho Santo de S. Bartolomeu (Nelas), etc.

Fórmulas mágicas. Anéis com letras mágicas.

Amuletos portugueses.

- 45 S/A. — *Preliminar*. T, 1, Serpa, 1899, pp. 1-2.
 Considerações gerais. Definição de etnografia: descrição de cada povo nos seus usos, costumes, religiões, línguas, caracteres físicos e origens na história, — enquanto que folclore é uma parte de etnografia, que estuda as manifestações da inteligência, a sabedoria do povo.
- 46 S/A. — *O que é e para que serve o folk-lore*. Espozende (Collecção Silva Vieira — II Série). Espozende, 1893, 21 p.
 Opiniões de vários autores sobre o folclore e a etnografia.

1.1. DIVERSOS

- 47 CHAVES, Luís — *A Grei Portuguesa. Notas para um programa de Etnografia Portuguesa*. RL, XXVIII, Lisboa, 1930, pp. 42-86.
A Terra — Divisão popular e tradicional do país. Paisagem típica regional. Caracterização do habitante. Trabalho de cultura agrícola. Instituições locais. A gente — Crenças. Superstições. Medicina popular. Família. A aldeia. Festas tradicionais.
A arte — Folclore. Arte religiosa. Arte profana. Industrias tradicionais. Mercados e feiras.
- 48 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, XXVIII, Lisboa, 1946, pp. 56-59.
 Esquema para um estudo etnográfico de Lisboa.
- 49 COELHO, F. Adolfo - *Tomás Pires como folclorista*. ATPLH, Elvas, 1913, pp. 3-6.
 Refere-se ao papel de Tomás Pires como investigador das tradições populares.
- 50 COELHO, José — *Etnologia Regional — Plano de trabalhos*. VV, Viseu, 1927, 48 p.
 Plano de trabalhos a realizar no Instituto Etnológico da Beira, apresentado na primeira reunião preparatória para a fundação desse instituto, e parecer da comissão sobre o referido plano.
- 51 DELGADO, Manuel Joaquim — *Necessidade da criação de uma cadeira de Folclore nas escolas do Magistério Primário, dado o valor cultural e formativo que esse ramo do saber humano pode e deve desempenhar na Escola Primária*. MCP, IX, 102, Lisboa, 1954, pp. 3-4 e 7.
 Resenha dos estudos folclóricos e etnográficos em Portugal e certos aspectos da cultura popular portuguesa (literatura oral). Contos populares e romanceiro, como tema de leituras escolares.

- 52 KRUGER, Fritz — *Der Beitrag Portugal zur europäisches Volkskunde*. CMP, t. II, XVIII, Lisboa, 1940, pp. 296-351.

Refere-se elogiosamente à obra de Leite de Vasconcelos. Põe em relevo as grandes diferenças existentes na cultura do povo português das diversas regiões, e a riqueza das suas tradições populares. Faz uma análise sobre o nível das pesquisas adentro das ciências da população. Dispensa especial atenção a traços arcaicos existentes na cultura do nosso povo e enumera alguns exemplos — particularidades referentes às construções das casas, aos utensílios de lavoura, ao traje, às crenças e à canção popular.

- 53 LIMA, Augusto César Pires de — *Evolução da Etnografia em Portugal*. RO, LI, Lisboa, 1956, pp. 114-117.

Considerações e citação dos escritores que mostraram interesse pela literatura tradicional.

- 54 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *O folclore como método de ensino*. MCP, VIII, 86, Lisboa, 1953, pp. 3-4 e 7.

O folclore como meio educativo de alunos da instrução primária.
Cantigas de embalar. Orações. Romances. Contos. Adivinhas. Etc.

II— Bibliografia

- 55 CHAVES, Luís — *A arte popular na obra etnográfica de Leite de Vasconcelos*. RO, 55, Lisboa, 1958, pp. 193-198.

Considerações acerca da obra etnográfica de Leite de Vasconcelos

- 56 COELHO, F. Adolfo — *O estudo das tradições populares nos países românicos*. RL, xv, Lisboa, 1912, pp. 1-70.

O estudo das tradições populares em França, na Itália, em Espanha, e em Portugal. Estado desta ciência, principais cultores e breve análise dos trabalhos mais relevantes. Concernente a Portugal, enuncia alguns trabalhos de Consiglieri Pedroso — Contribuições para uma mitologia popular portuguesa. Tradições populares portuguesas; Mitografia portuguesa, e Portuguese Folk-tales — e Leite de Vasconcelos — Tradições populares de Portugal, e Anuário para o estudo das tradições populares portuguesas — dos quais faz a crítica.

Em Apêndice faz algumas considerações acerca do paralelismo na poesia popular, e apresenta alguns exemplos extraídos do Cancioneiro da Ajuda, Cancioneiro de D. Dinis, e Cancioneiro da Vaticana. Exemplos de quadras populares, variantes de outras pelo processo da repetição paralelística. Outros exemplos de paralelismo em romances portugueses e estrangeiros.

- 57 CORRÊA, António Augusto Mendes — *A alimentação do Povo Português* (Bibliografia prefaciada e coordenada), Lisboa, 1951, 251 p.

Bibliografia de trabalhos específicos sobre a alimentação do povo português, na sua maioria de carácter químico-fisiológico e económico (1873-1951). Resumos e conclusões das obras analisadas (53).

- 58 DACIANO, Bertino — *Primeiro esboço duma Bibliografia Musical Portuguesa com uma breve notícia histórica da música no nosso país*, Porto, 1947, 174 p.

Bibliografia sinalética da música portuguesa, erudita e popular.

- 59 DIAS, A. Jorge — *Bosquejo histórico de Etnografia Portuguesa* (seguido de uma crónica dos trabalhos publicados desde 1939 a 1955). RPF, II. Coimbra, 1952, 143 p., 14 figs.

Análise das raízes históricas da Etnografia Portuguesa e das diferentes fases da sua evolução.

Definição de quatro períodos: 1) «As origens, ou fase pré-etnográfica; 2) Os precursores (período literário-folclórico, romântico); 3) Os Mestres (período filológico-etnográfico, positivista); e 4) Período actual (período etnológico, antropológico-cultural e social)».

Inventário dos organismos, centros e museus relacionados com estudos etnográficos.

Bibliografia crítica dos trabalhos de etnografia publicados entre 1939-1951.

- 60 LIMA, Augusto César Pires de — *Cláudio Basto como etnógrafo*. MEMCB, Porto, 1948, pp. 59-64.

Refere-se ao rigor científico dos trabalhos de Cláudio Basto e comenta alguns dos seus artigos.

- 61 NEVES, Álvaro — *Francisco Adolfo Coelho*. L, III, Viana do Castelo, 1919-20, pp. 132-135.

Esboço bibliográfico.

- 62 RIBEIRO, Luís da Silva — *Os estudos etnográficos nos Açores*. Po, XI, Porto, 1938, pp. 155-160.

Resenha bibliográfica da etnografia dos Açores.

- 63 RIBEIRO, Orlando — *Vida e obra de José Leite de Vasconcelos*. Po, XV, Porto, 1942, pp. 3-17 e 41-62.

Elogio da vida e obra de Leite de Vasconcelos.

- 64 SILVA, Armando da — *Folk-lore e Dialectologia de Esposende*. Esposende (col. Silva Vieira), 1890, 32 p.

Notícia bibliográfica acerca da obra de José da Silva Vieira.

- 65 VASCONCELOS, J. Leite de — *Ensaio Ethnographicos*, I (col. Silva Vieira), Esposende, 1891 (2.^a ed., Famalicão, 1911, 374 p.).

A primeira parte respeita a temas etnográficos diversos, recolhidos em Vila Cova (Paredes), e contém considerações sobre poesia popular — menção de desafios entre cantadores e cantadeiras — e feitiçaria — extractos de Constituições Sinoidais que proibem certas práticas; crenças populares nas mouras encantadas — filiação destas em concepções primitivas da natureza; lobisomens — metamorfoses de indivíduos nestes seres, causas e comparação com casos

similares estrangeiros; S. João — quadras alusivas, sortes e divinações; obra-
doiro — referências a banquetes fúnebres desde épocas pré-históricas até aos
nossos dias; corridas de touros — alusão ao seu uso e voga na Península por
ocasião de casamentos reais e outras festas e ainda em festejos populares;
primícias — antiguidade do seu uso e vestígios actuais na oferta de vinho, azeite,
pão, etc., aos párocos.

A segunda parte contém o esboço histórico dos estudos feitos sobre tradições
populares, que divide em dois períodos: no primeiro, do século XVI a 1824, as
tradições são consideradas apenas como mera recreação, ou com o fim de
servirem a literatura ou a moral; no segundo, iniciado com Garrett, elas passaram
a ser aproveitadas como material científico.

- 66 VASCONCELOS, J. Leite de — *Ensaio Ethnographicos*, II, Esposende, 1903,
389 p.

Fórmulas e ensalmos para talhar vários males.

Tradições das águas — virtudes mágicas da água no dia de S. João; práticas
preventivas contra o «esquecimento» que certos rios podem provocar; fadas
marinhas e mouras encantadas; divindades das fontes e personificação dos rios;
imersão dos santos com o fim de provocar a chuva. Mitologia portuguesa —
divindades pagãs representadas nos nossos costumes por mouras, fadas, bruxas,
santos, Cristo, diabo, etc.

A chuva, a neve, e a palavra Velha nas tradições populares.

Costumes populares da província do Minho — práticas mágicas para adivinhar o
futuro; amuletos; ervas bentas; fórmulas para cativar amores, para quando cai
um dente, para quando se amassa o pão; culto dos mortos; superstições várias.

Tradições populares da serra da Estrela — lendas acerca da lagoa Escura; notas
sobre os pastores da serra e sobre o traje destes.

Extractos de documentos antigos relativos a Guimarães.

Costumes da Beira Alta — breves notas sobre a casa, traje, fogaças da Senhora
das Candeias, romarias, vestígios de primícias que se levavam aos deuses
pagãos, sortes, orvalhadas e mouras do S. João, etc.

Menção do costume observado em Quintanilha das mulheres trazerem os filhos
às costas, metidos numa espécie de saco.

Costumes populares hispano-portugueses — o casamento de Cid e menção de
alguns costumes populares portugueses que relaciona com particularidades
mencionadas naquele texto. Ensalmos, cantigas, romances e lendas — versões
portuguesas e espanholas.

Lengalengas e parlengas. Fórmulas iniciais e finais dos contos. Carta com
instruções para a recolha folclórica.

História dos estudos feitos acerca das tradições populares (suplemento ao vol. I).

- 67 VASCONCELOS, J. Leite de — *Ensaio Ethnographicos*, III, Lisboa, 1906,
408 p.

Enumeração e recensão crítica de obras diversas sobre etnografia — Portugal,
Espanha, França, e Itália.

Cosmogonia popular portuguesa — o céu, sol e lua; a chuva e a terra.

O lume. Linguagem das pedras; lendas de rios, de plantas e de animais. Deus e o Diabo. Origem do homem e da mulher. Tradições dos corpos celestes — astros em geral; fogueiras do S. João; cepo do Natal; queima de compadres e comadres. Vestígios do culto do fogo. Pedras de raio. O número três nas tradições populares.

Fórmulas mágicas. Exorcismos, ensalmos e orações.

Amuletos italianos e portugueses.

Vestígios de cultos astrológicos.

Superstições várias extraídas dos «Apólogos dialogais» de D. Francisco Manuel de Melo.

Fastos religiosos do povo português — festas religiosas e calendárias: Janeiras previsão do estado de tempo futuro; S. Gonçalo (vestígios do culto fâlico; Entrudo; festa do Cuco; S. Marcos; Ladainhas de Maio; as Maias; Fiéis de Deus; S. Martinho; Natal.

História dos estudos feitos acerca das tradições populares (suplemento aos vols. I e II).

- 68 VASCONCELOS, J. Leite de — *Ensaio Ethnographicos*, IV, Lisboa, 1910, 515 p.

Adágios; apodos geográficos — comentários ao trabalho de Gaidoz e Sébillot. Comparações populares — comentários a trabalhos de Rodrigues Marin e Tomás Pires.

Florilégio de cantigas — exemplos e comentários.

Notas e comentários à obra de Pedro Fernandes Tomás, Canções populares da Beira, e Agostinho de Campos e Alberto Oliveira, Mil Trovas.

O Dinheiro na poesia popular — exemplos.

A rola viúva na poesia popular — exemplos e comparação com casos semelhantes doutros países.

Rimas e numeração infantil.

Adivinhas. Romances. Contos e lendas.

Descrição de alguns instrumentos musicais infantis.

Impressões de uma excursão a Évora — notas sobre a feira de S. João, as casas, móveis pintados, ratinhos e ciganos, traje, etc.

Locuções e lexicografia do Mogadouro, extraídas de «Os meus amores» de Trindade Coelho.

História dos estudos feitos acerca das tradições populares portuguesas (suplemento aos vols. I, II e III).

- 69 VASCONCELOS, J. Leite de — *Adolfo Coelho e a Etnografia Portuguesa. Apontamentos e extractos*. L, III, Viana do Castelo, 1919-20, pp. 97-100.

Indicações bibliográficas e cartas.

- 70 VASCONCELOS, J. Leite de — *Literatura dos contos populares (e adivinhas)*. L, III, Viana do Castelo, 1919-20, pp. 137-139.

Recensão crítica aos trabalhos de Antti-Aarne.

- 71 VASCONCELOS, J. Leite de — *Considerações gerais e sumárias acerca das fontes de investigação etnográfica*. Po, III, Porto, 1930, pp. 3-6.

As escassas fontes de investigação etnográfica dos séculos VIII a XII, e sua menção; sua abundância — arqueológicas e históricas — daí em diante. Consulta sistemática da literatura amena até meados do século XIX; observação directa de então até ao presente. Consulta da literatura especial, no tempo e na matéria. Os dois períodos da Etnografia:

- 1) Etnografia latente ou anunciada;
- 2) Estudo científico da Etnografia — iniciado com Garrett. Os etnógrafos modernos portugueses; os que se ocuparam de assuntos especiais (medicina popular, adágios, etc.); os etnógrafos da província. Menção da acção das revistas, exposições, congressos, museus, artistas, jornais. A etnografia nas esferas oficiais. Urgência da recolha do folclore poético e musical. (Este artigo faz parte do CAP III da Introdução da obra de J. Leite de Vasconcelos — Etnografia Portuguesa).

Ver ref.^a 43.

III — Carácter nacional

1. CARÁCTER NACIONAL PRÓPRIAMENTE DITO

- 72 AZEVEDO, Pedro de — *Hábitos e costumes dos portugueses segundo os estrangeiros*. RL, XXIV, Lisboa, 1921-22, pp. 35-188.

Observações e considerações a respeito do povo português extraídas de obras estrangeiras: 45 francesas, 32 inglesas, 11 alemãs, 3 italianas e 2 espanholas, (fora os desconhecidos). Uma do século XV, algumas do século XVII e XX e a grande maioria dos séculos XVIII e XIX.

Primeira série (recolhida pelo Prof. A. Reis Machado, com finalidade filosófica-moral de criar nos portugueses a consciência da sua falta do espírito da civilização europeia):

1 — Situação religiosa; 2 — Situação moral; 3 — Situação intelectual; 4 — Situação literária e artística; 5 — Grandeza, Decadência, Ressurgimento; 6 — Exército, Marinha, Engenharia, Colónias; 7 — Finanças, Vias de comunicação; 8 - Agricultura, Comércio, Indústria; 9 - Política, Parlamento, Espionagem; 10 — Mendicidade, Criminalidade, Justiça, Cadeias, Hospitais, Hospedagem, Preços, Criadagem, Comida, Asseio; 11 - Nobreza, Burguesia, Camponês, Povo; 12 — Cidades, Madeira, Alentejo; 13 — Homens notáveis; 14 — Mulheres, Homens.

Segunda série (Prof. Pedro de Azevedo — apenas com finalidade histórica) 69 documentos, por ordem de datas.

- 73 BRAGA, Marques — *Ensaio sobre a psychologia do povo português*, Coimbra, 1903, pp. 57-78, 201-226 e 475-496.

Tentativa de definição do carácter português, revelado através da língua, literatura, ourivesaria, arquitectura, pintura, música, religião e política, com extensas transcrições de opiniões de autores estrangeiros relativas a esse carácter. Relevância de influências célticas no génio português.

- 74 COELHO, F. Adolfo — *A Pedagogia do Povo Português*. P, 1, Porto, 1903, pp. 57-78, 201-226 e 475-496.

Definição de Povo — suas qualidades mais características no aspecto colectivo nacional.

Diferenças entre povo e homens cultos — predomínio do mecanismo psicológico sobre o *logismo*, no primeiro, e predomínio do logismo sobre o mecanismo psicológico no segundo.

Crítica a alguns trabalhos que falam do ilogismo das mulheres. A imaginação passiva do povo, ou inspiração popular.

As fases da educação e a linguagem.

Relações dos pais para com os filhos; acção educativa social, em povos de condições de vida rudimentar, e em povos de cultura mais complexa.

Fins e meios da educação popular

Os provérbios em geral. Sua antiguidade e uso no mundo grego e romano.

Menção de provérbios nos cancioneiros dos séculos XIII e XIV, nos escritores dos séculos XV, XVI e nos nossos dias.

Notas sobre a origem dos nossos provérbios.

Menção de provérbios referentes à religião, a países e povoações, a personagens ou factos históricos determinados, etc.

- 75 CORRÊA, A. A. Mendes — *O estudo do Povo português. Da raça e do espírito*. Porto, 1940, pp. 157-168.

«Mostra que os conhecimentos actuais sobre o povo português são insuficientes para se estabelecer uma síntese em bases científicas. Refere-se a tentativas até hoje feitas e aos juízos precipitados ou superficiais formulados por nacionais e estrangeiros. Diz muito judiciosamente que uma síntese do povo português só se pode alcançar mediante um esforço metódico, prudente e progressivo. Acrescenta que: *Os processos efectuados nos estudos de história, antropologia, folclore, demografia, economia, etc. deste povo estão ainda aguardando essa tarefa.*

O Autor discute conceitos de povo e de raça, dando pareceres de cientistas estrangeiros. Sobre tais problemas, Mendes Corrêa mostra os perigos e indica os caminhos que deve seguir a investigação para chegar ao conhecimento da personalidade dum povo, *objectivo final dos estudos de etnosociologia*». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 76 CORRÊA, A. A. Mendes — *A cultura portuguesa na África e no Oriente*. ACIELB, Washington, 1950, Nashville, 1953, pp. 33-50.

Características da expansão portuguesa: tolerância religiosa, apoio de acções militares, e aproveitamento económico de recursos. Exemplos: tolerância religiosa, arquitetura, traje, língua, alfaias caseiras, etc.

Ausência de atitudes intolerantes e de preconceitos raciais.

- 77 DIAS, Jorge — *Acerca do sentimento da natureza entre os povos latinos*. EE, IV, 5-6, Berlim, 1942, pp. 1-14.

«O Autor procura estabelecer as diferentes atitudes psíquicas dos povos latinos perante a natureza, e tem em vista demonstrar como o povo português tem um forte sentimento da natureza. Salienta a consciência desses sentimentos através dos séculos, pela análise dos textos nos diferentes períodos da história da literatura portuguesa». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 78 DIAS, Jorge — *Os elementos fundamentais da cultura portuguesa*. ACIELB, Washington, 1950, Nashville, 1953, pp. 51-65.

Estudo do carácter nacional português pela análise de determinadas constantes temperamentais do nosso povo, através das suas manifestações na vida e na arte. «O Autor declara que a insuficiência de elementos de consulta, não permite fazer, por enquanto, uma síntese da cultura portuguesa com solidez científica. Diz que, apesar da grande heterogeneidade regional, é possível falar duma unidade cultural portuguesa, que, em grande parte, resulta da influência do mar. Foi o Atlântico que atraiu o povo português à costa e o libertou da força centrípeta de Castela. Faz em seguida uma rápida interpretação da história portuguesa, para salientar as principais características da acção política do nosso povo.

A seguir procura definir as constantes culturais do povo, confrontando as características culturais de nossos dias, com aquelas que a história fornece, em função da sua *personalidade base*.

Diz que a cultura portuguesa tem carácter essencialmente expansivo e que a personalidade psico-social do povo português é complexa e envolve antinomias profundas. Finalmente procura interpretar os principais monumentos da cultura nacional em função das características do povo português, que tentou definir». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 79 DIAS, Jorge — *Algumas considerações acerca da estrutura social do povo português*. RA, III, 1, São Paulo, 1955, pp. 1-20.

Com o objectivo de definir mais tarde a personalidade-base ou carácter nacional, estuda alguns aspectos sociais do povo português — Família nuclear, Família extensiva e aldeia comunitária, Morgadio, e Relações extra-familiares.

A família nuclear predomina a sul do Tejo, sobretudo no Alentejo, e, dada a mutação social que o país atravessa, tende a sobrelevar a família multifuncional, de tipo patriarcal. Procura a sua explicação no facto de a grande maioria dos rurais desta província não possuírem terras e serem meros assalariados, na tendência capitalista que aí se observa, no aumento de proletariado nas regiões urbanas e industriais, etc., tendo em conta ainda outras razões de ordem histórica e natural.

Faz a análise do modo como decorrem as relações entre o agregado familiar, notando certa frouxidão nos laços familiares, a pouca ascendência do pai sobre a família, certas formas de matriarcado, etc.; e foca a importância social do compadrio, que além do mais considera como o elemento compensador da falta de vínculos de parentesco. Alude à falta de emigração, que considera como consequência de ordem financeira (opondo-se à tese lírica do apego à terra, de alguns Autores), à divisão sexual do trabalho, etc.

Em oposição a este tipo de família, predomina, ao norte do Tejo, a família extensiva e, em regiões mais segregadas, a aldeia comunitária. Relaciona este tipo de família com formas sociais de feição comunitária, que ilustra com exemplos típicos — Vilarinho da Furna e Rio de Onor (de cuja estrutura social faz um rápido sumário), em que sobressaem dois princípios: «fraternidade

viva com sentido de assistência mútua e cordialidade espontânea; e tendência a considerar a casa indivisa, como base do agregado familiar».

Morgadio — persistência do morgadio, como meio de manter a unidade de casa, no Barroso, Minho, Maia, etc.

Diferenças de status social do homem e da mulher. Etc.

- 80 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *Unidade e diversidade da cultura portuguesa*. OCP, Porto, 1959, 9-6-1959.

A definição da unidade de cultura, de personalidade-base e de constantes temperamentais de um povo, como objectivo superior da Antropologia Cultural. O que a observação revela é a heterogeneidade sincrónica e diacrónica. O «carácter nacional» de um povo em confronto com os demais povos. Coincidência de unidade psico-cultural e histórico-política: a área galaico-minhota. O perigo de sínteses e generalizações apressadas. A cultura nacional, fenómeno de espírito colectivo, integração e elaboração de elementos simples — as culturas locais. Interesse imediato da ciência etnológica: determinar os Padrões de Cultura de um grupo, que ajudam a compreender o seu comportamento social, moral, trivial mesmo, e que estão na base de muitas diferenças entre os povos. O erro das apreciações etnocêntricas; a relatividade cultural. A «cultura portuguesa». O elemento popular — critério sociológico, psicológico e etnológico, este sem limitações de povos, classes ou feições. A cultura popular é o produto de dois factores — homem e terra. O homem, como ser cultural, agindo activa e passivamente sobre a cultura do grupo, deixa de poder encarar-se em puros termos biológicos, e é também um produto da tradição do grupo, que modela os seus usos e costumes, técnicas e instrumentos de trabalho. Os fenómenos culturais dependem em parte das condições geográficas, mas também das correntes históricas e culturais. Os factores geográficos e históricos na formação e difusão dos elementos culturais. A Lei da Afinidade.

- 81 PASCOAES, Teixeira de — *O espírito lusitano e o Saudosismo* (Conferência realizada no Ateneu Comercial do Porto em 23 de Maio de 1912), Porto, 1912, 20 p.

Definição da «alma nacional» pela saudade, e interpretação das manifestações genuínas da cultura portuguesa em sua função, como programa de reformas a efectuar pelo novo regime republicano.

O Saudosismo, ou religião da Saudade, fusão do Paganismo e Cristianismo, expressões religiosas da fusão étnica ária e semita. Sua fórmula mais perfeita: a saudade, sentido espontâneo, que é desejo e dor «desejo da coisa ou criatura amada, tornado dolorido pela ausência».

Os estrangeirismos desnacionalizadores: o constitucionalismo francês e o catolicismo romano. Comparação do génio espanhol e italiano com o saudosismo português, como expressões da síntese ário-semita e pagã-cristã. Interpretação das várias obras de arte saudosista, isto é, nacionais. O criacionismo de Leonardo de Coimbra, como teoria do conhecimento saudosista. «...somos o único Povo que pode dizer que na sua língua existe uma palavra intraduzível nos outros idiomas, a qual encerra todo o sentido da sua alma colectiva».

A Igreja Nacional, Lusitana, independente de Roma. O povo português é profundamente religioso, mas «o espírito português, naturalista e místico, criador da saudade, não foi, nem é, nem poderia ser católico». Separação da Igreja Nacional não do Estado, mas de Roma. Exemplificações da Igreja Lusitana independente: S. Pedro de Rates e o rito bracarense. O amor da natureza e da terra, saudosistas. O anti-economismo nacional. Portugal, democracia rural e religiosa.

- 82 RODRIGUES, Daniel — *A philologia e o carácter popular*. OI, 49, Coimbra, 1902, pp. 398-402.

O carácter popular reconhecido através da língua.

- 83 SÉRGIO, António — *Divagações conjecturais sobre o pastor montanhês do Noroeste da Ibéria*. RG, LXVIII, Guimarães, 1958, pp. 139-154.

Breve ensaio sobre a índole dos povos pastores do noroeste da Ibéria.. Contraste entre o «parasitismo» do pastor lusitano e o agricultor andaluz.

- 84 VASCONCELOS, J. Leite de — *O Povo Português*. Po, 1, Porto, 1928, pp. 3-6.

O povo português como conjunto de indivíduos ligados pela unidade da história e território, por paridade de interesses, de ideal e de sentimentos — amor recíproco, da pátria, da tradição, orgulho nacional, crenças religiosas — e por instituições políticas, definido a partir do século XI.

No século X aparece a menção de «território portugalense, com referência ao bispado do Porto ou a um distrito civil. No século IX, um Hermenegildo era conde de Tuy e de Portugale — o Porto e o seu território, que deve estender-se até ao rio Minho. Do século V ao VII menciona-se apenas a cidade de Portucale mas então trata-se ainda de Lusitanos. A distinção entre lusitanos e portugueses dá-se na transição entre o século VII e IX, isto é, no século VIII, que coincide com as alterações territoriais, etnológicas e antropológicas causadas pela invasão árabe; desenvolve-se a solidariedade nacional, que também se opõe às gentes asturianas galegas, apesar das afinidades étnico-geográficas; define-se a língua, afastando-se do antigo galaico-português. O Conde D. Henrique e seu filho, quando lançaram as bases da nação portuguesa, acharam outras condições para isso, além das que provinham do valor guerreiro dos varões». (Este artigo foi incluído no vol. I da Etnografia Portuguesa, do seu autor).

- 85 VASCONCELOS, J. Leite de — *Origem do povo português (estado actual e sucinto do problema)*. RL, XXXVIII, Lisboa, 1940-41, pp. 196-246.

Elementos étnicos mais arcaicos. Elementos étnicos menos antigos (Normandos, Gascões, Francágenes). Ordens religiosas. Depois da reconquista. Povos vindos nos séculos XII, XIII, etc. (espanhóis, italianos, ingleses, franceses). Reflexos na linguagem.

Relações da metrópole com domínios coloniais antigos e modernos. Vinda de pretos para Portugal a partir do século XV (1441), segundo notícias da literatura culta e popular.

- 86 WILLEMS, Emílio — *Portuguese culture in Brasil*. ACIELB, Washington, 1950, Nashville, 1953, pp. 66-79.

«Antropólogos brasileiros e portugueses estão tão acostumados aos elementos portugueses na cultura brasileira que os aceitam sem estudos pormenorizados. O Autor procura preencher esta lacuna pela análise de certos característicos portugueses que influenciaram a cultura do Brasil, tais como a família, a comunidade rural, a religião e a magia. Sugere uma hipótese que sublinha o interesse de brasileiros e portugueses em relações pessoais ou primárias ou de simpatia em vez de relações impessoais, categóricas ou secundárias. O sentimento da saudade é um dos elementos mais acentuados da cultura de ambos os países».

- 87 s/A. — *O povo português*. RM, xx, Esposende, 1912, pp. 122-124.

Notícia de jornal acerca do temperamento do nosso povo, em que se conclui que sendo o nosso povo rico em adagiários, é também de uma grande inércia mental.

Ver ref.^{as} 44 e 187.

2. PSICOLOGIA POPULAR

- 88 ARROYO, António — *O Povo Português*. NPENRJ, 2, Lisboa, 1909, pp. 73-100, 16 figs.

Cita vários autores e procura fazer uma síntese da psicologia do povo português.

- 89 BAKER, C. Alice — *Um verão nos Açores e a Madeira de relance*. BIHIT, Angra do Heroísmo, 1958, pp. 142-181.

Excerto da obra «A Summer in the Azores with a glimpse of Madeira».

Contém apontamentos sobre traje, carros, debulha de cereais, atafonas, casas e psicologia do povo açoriano.

- 90 BASTO, Artur de Magalhães — *A fronteira hispano-portuguesa*, MEA, Coimbra, 1923, pp. 5-46.

Considerações sobre a psicologia dos povos raianos, seus usos e costumes.

- 91 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, VIII, Lisboa, 1939-40, pp. 136-142.

Notas sobre a religiosidade e costumes do pescadores, provérbios e canções do berço.

- 92 CHAVES, Luís — *A Beira*. Lisboa, 1939, 42 p., 7 figs.

Psicologia da gente beiroa. Descrição do traje desta região.

- 93 CORRÊA, A. A. Mendes — *A psicologia do minhoto*, ADVC, Viana do Castelo, 1932, pp. 38-43.

Faz um rápido apanhado de algumas definições psicológicas do minhoto enunciadas por alguns Autores — Oliveira Martins, Aquilino Ribeiro, António Arroio, Crawford, Link, etc. —, e aponta as divergências de opiniões, que, em muitos casos, considera, destituídas de rigor científico; e propõe um programa para o seu estudo.

- 94 CORRÊA, A. A. Mendes — *A psicologia do minhoto. Da Raça e do Espírito*. Porto, 1940, pp. 191-201.

«O Autor refere-se aos juízos de certos escritores sobre os minhotos, citando passagens de Oliveira Martins, Aquilino Ribeiro, Ramalho Ortigão, António Arroio, Link, e outros, para salientar as divergências de opinião que existem. A seguir discute o problema da causalidade geográfica na formação da psicologia colectiva. Salienta a importância da contribuição cultural do minhoto para o património geral do país. Por fim diz que as divergências que se verificam nos autores resultam do imperfeito conhecimento destes problemas e esboça um programa de trabalho para orientar os estudos deste género. O Autor chama a atenção para os perigos dos juízos apriorísticos, que tanto seduzem certos escritores imponderados». (A. Jorge Dias - B.H.E.P.).

- 95 COSTA JÚNIOR — *Pescadores da Nazaré*. EBJP, 1, Lisboa, 1943, pp. 65-69.

Breves notas acerca da psicologia e da vida do pescador da Nazaré.

- 96 CUNHA, Fernando — *Etnografia saloia — Subsídios para o seu estudo*. EBJP, 18, Lisboa, 1948, pp. 273-285.

Notas sobre a psicologia do saloio.

- 97 DELGADO, Manuel — *A alma alentejana*. AHAM, 1, Beja, 1947, pp. 57-59 e 78.

Ensaio sobre a psicologia do povo alentejano.

- 98 DELGADO, Manuel Joaquim — *Acerca da literatura popular e das tradições orais do Baixo Alentejo — o que o povo reza*. MCP, x, 117, Lisboa 1956, pp. 16-18.

Considerações sobre a psicologia popular e sua religiosidade — Orações várias.

- 99 DELGADO, Manuel Joaquim — *O carácter e a maneira própria de ser do alentejano — A sua psyké*. ACEELV, II, Porto, 1959, pp. 281-301.

Ensaio sobre a psicologia do Alentejano.

- 100 EUSÉBIO, Francisco — *Etnografia e folclore do Alentejo*. MCP, XIV, 160, Lisboa, 1959, p. 161.
- Considerações genéricas sobre a paisagem alentejana; mondadeiras; psicologia, etc.
 Descrição de um casamento.
 Breves notas sobre danças e canções alentejanas.
- 101 FIGUEIREDO, Cândido de — *O norte e o sul*. T, v, Serpa, 1903, pp. 39-40.
- O Autor, que foi secretário director da Bula da Cruzada, verificou que no ano de 1881-1882 se distribuíram nas dioceses do continente e ilhas, *sumários, escritas e bulas*, na importância de cerca de 85 contos. Da análise das verbas das diferentes dioceses ressalta uma maior percentagem do norte em relação ao sul, que interpreta como falta de religiosidade do povo do sul; e procura explicar o fenómeno atribuindo-o ao largo contacto que o povo do sul teve com outras religiões: o domínio árabe no Algarve, até ao século XIII, a conservação do reino mourisco de Granada até aos fins do século XV; etc.
- 102 GONÇALVES, Luís da Cunha — *A vida rural no Alentejo*. — *Breve estudo léxico-etnográfico*. Coimbra, 1922, 61 p.
- Neste trabalho — tema de uma conferência — o Autor procura traçar o quadro da vida rural no Alentejo, e fala, nomeadamente, da psicologia do alentejano, da sua propensão para os trabalhos agrícolas (que filia numa tradição mourisca); das casas e processos de construir com taipa, etc.; sobre culinária e doçaria; contratos e formas de pagamento aos criados; de regimes de propriedade rural e formas de exploração das terras; de ceifas e debulhas; da economia pecuária (pastoreio, ordenha e fabrico de queijos); menciona objectos de usos doméstico e caseiro; etc.
- 103 GRAÇA, A. Santos — *Psicologia da mãe poveira*. DL, Segunda Série, III, Porto, 1945, pp. 13-15.
- Psicologia da mãe poveira. Expressões.
- 104 LEITÃO, Joaquim — APV, III, 2, 1913.
- Psicologia do poveiro; prolífero, emigração, honestidade.
- 105 MARTHA, Cardoso — *O humorismo do povo*, APPC., IV Congresso, VIII, Porto, 1943, pp. 603-618.
- Pequeno estudo sobre o sentido do ridículo do povo: o grotesco na pintura popular — ex-votos, barracas de feira e romarias, painéis de cegos, proas de barcos, etc. A deformação antropomórfica e zoomórfica da escultura, modelação

e cerâmica populares. A caricatura nos costumes — os fantoches, os bonecos de fogo preso, a figuração do Diabo e do Judas. O humor da quadra popular — sátira pessoal e social. Alcinhas, imprecações e pragas. Manifestações do Entrudo, Serração da Velha e teatro popular.

- 106 M., C. — *Um fenómeno económico e antropológico — A morte do poveiro*. IM, IV, 36, Porto, 1929, pp. 419, 4 figs.

Descrição de alguns traços da psicologia e antropologia do poveiro; menção dos forais de D. Dinis que concede a esta povoação pesqueira privilégios excepcionais; do orgulho da profissão e dos estatutos da irmandade, fundada em 1791; da desagregação desta comunidade.

- 107 NORONHA, Tito de Bourbon — *O concelho de Arruda dos Vinhos. — Apontamentos para a sua monografia*. EBJP, 11, Lisboa, 1946, pp. 101-104; 12, 1946, pp. 197-204.

Notas descritivas de casas e trajes; do namoro, casamento e «bailhos»; e psicologia popular.

- 108 OSÓRIO, Paulo — *Povos da Ibéria*, T, I, Serpa, 1899, pp. 124-125.

Breves considerações sobre a «alma portuguesa» — que conserva o meio termo entre a idealização gélida dos povos do norte e a veemência sensual dos do sul —. Contraste com o espanhol, gente de conquista. «Nós, sendo um povo de descobridores, nunca o fomos de conquistadores». «Essa predilecção pelas descobertas, essa ânsia de conhecer os segredos do mar e o temperamento intensamente amoroso que nos concedia o clima, fizeram de nós um povo romântico e fatalista, com coração e pessimismo».

- 109 PIMENTEL, Alberto — *Pescadores poveiros*. APV, II, 5, 1912.

Traços psicológicos do poveiro: heroicidade, homens fortes e laboriosos, valentia, bondade, mansidão, acções pacíficas e respeitosas, espírito de obediência e humildade. Voz alta e rude pelo hábito de gritar. O uso da pedra como arma. Tem horror ao sangue, à cadeia, às autoridades, ao exército, não por indisciplina mas por amor ao mar (menção da ascendência normanda). Origem de Varzim: para o Autor, vem do sentido sânscrito de Vari-água — que aparece em muitos vacábulo toponímicos portugueses e de outros países.

- 110 PINTO, Maria Luísa Carneiro — *Alma feminina (Tradições de Baião)*. DL, Quarta Série, I-II, Porto, 1950, pp. 113-115.

«A Autora foca os problemas sentimentais que resultam da emigração do homem, obrigado a ir ganhar a vida no Brasil. A mulher, só com os filhos, luta durante anos para sustentar a casa, e aguenta corajosa e resignada a

«separação forçada, que conduz a desfechos frequentemente bem tristes... a Autora procura interpretar a maneira de sentir da mulher, abandonada ao seu próprio destino de chefe de família, perante um futuro de incertezas». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 111 RIBEIRO, Aquilino — *Beira Alta — Notas etnográficas*. BAAP, II, Viseu, 1943, pp. 181-202.

Breves referências ao habitat, compleição, religiosidade e génio artístico do beirão; a festas e romarias, costumes comunitários, culinária, danças e língua.

- 112 RIBEIRO, Luís da Silva — *Cartas da América*. BIHIT, V, Angra do Heroísmo, 1947, pp. 231-246.

As cartas dos emigrantes açorianos, como documentos sobre a linguagem popular, vida dos emigrantes, psicologia terceirense, acção do novo meio sobre ele, ligações com a família e a terra natal.

- 113 SAMPAIO, Alberto — *Estudo de economia rural do Minho*. RG, II, Porto, 1885, pp. 203-231.

Breve ensaio em que se refere ao homem do Minho, sua etnia, hábitos alimentares; alusão ao namoro, ao luxo na mulher minhota, sobretudo ao uso do oiro. Refere-se ainda à emigração e crítica certos defeitos administrativos.

- 114 VASCONCELOS, J. Leite de — *De Terra em Terra. — Excursões arqueológico-etnográficas*. I, Lisboa, 1927, 236 p., 82 figs.

Notas soltas sobre o Soajo e o soajeiro, montarias, cantigas populares, ditados tópicos, parlengas e romances.

Castro Laboreiro — Citação de bibliografia. Toponímia. Notas sobre as casas, os teares, as Brandas e as Inverneiras, o traje e pano afuloadado, a indústria de fiação, a iluminação, etc.

Notas sobre o mercado de Vila do Conde e indicação de alguns artigos à venda (1895); sobre as marcas poveiras gravadas na sacristia da Póvoa; tatuagem e barbilhos.

Cartas trasmontanas — Notas sobre a porca de Murça. Menção da festa de S. Estêvão, em Parada, em que tem lugar um banquete no meio do lugar, de sardinhas e vinho. Lendas e rondas. Nota em Quintanilha o costume das mulheres trazerem os filhos embrulhados em xailes atados às costas.

Viagem à Beira Baixa — Notas sobre a psicologia do beirão, e relatos de lendas; notas sobre ex-votos; quadras em louvor da S.^a dos Verdes.

Pela Beira — Menção de objectos etnográficos. Descrição dum *choço* e dum *malhão* (abrigos de pastores).

Considerações acerca da expressão «Entre Douro e Minho». Transcrição de notas extraídas dum manuscrito datado de 1609 em que se faz referência à boa hospitalidade trasmontana e ao uso da gaita de foles.

Ver ref.^{as} 73, 142; 144, 145, 146, 218, 236, 259, 266, 277, 280 e 285.

3. ÁREAS CULTURAIS

- 115 ARROYO, António — *O país português*. NPEPRJ, II, Lisboa, 1909, pp. 1-71.

Divide o país em quatro zonas que define pelos seus caracteres morfológicos, clima, densidade de população, etc., e ainda pela canção popular. E tenta a sua descrição, do Minho ao Tejo, apoiando-se por vezes, em descrições do povo e do país feitas por alguns escritores.

- 116 BAROJA, Júlio Caro — *Sobre la expansión de la cultura portuguesa*. TAE, XVII, 1-4, Porto, 1959, pp. 123-140.

Reflexos da expansão da cultura portuguesa, dos fins da Idade Média a fins do século XVIII; importância que ela teve no desenvolvimento artístico, técnico e científico mundial.

- 117 CUEVILLAS, Florentino Lopez — *A área xeográfica da cultura norte dos castros*. HMS, Guimarães, 1933, pp. 99-107.

Tentativa de delimitação da área geográfica da cultura castreja do noroeste peninsular.

- 118 DIAS, Jorge — *Algumas considerações sobre áreas culturais — A área cultural Luso-Brasileira*. RG, LXV, Guimarães, 1955, pp. 145-153.

Critérios e classificações de áreas culturais. Para alguns, a área cultural é «a região em que predominam determinados padrões culturais relativamente homogêneos, que a tipificam em relação a outras áreas» (E. Willems). Este critério, perfeitamente adaptado ao estudo de sociedades primitivas, não satisfaz quando se trata de definir áreas culturais mais complexas de nações históricas. E as classificações, nestes casos, «dependem da posição em que se coloca o investigador em relação aos problemas». O autor propõe, para a definição de áreas culturais, a escolha de «uma característica que seja partilhada por todos os indivíduos, se se trata de uma cultura chamada primitiva, ou por uma grande percentagem delas, se se trata de uma área de cultura dita superior». Em relação a Portugal e ao Brasil, embora note as fundas aculturações que este país sofreu, julga lícito falar de uma área luso-brasileira, tomando como elementos mais característicos a língua, certas formas de comportamento social, aparelhagem e. alfaias tradicionais, etc.

- 119 DIAS, Jorge — *Tentâmen de fixação das grandes áreas culturais portuguesas*. EEFHRA, Rio de Janeiro, 1960, pp. 431-454.

Principais áreas culturais portuguesas: Portugal Atlântico, Portugal Transmontano, e Portugal Mediterrâneo. Enunciado de alguns elementos e complexos culturais peculiares a estas.

- 120 PESSANHA, D. Sebastião — *Áreas geográficas e áreas etnográficas*. ACEELV, I, Porto, 1959, pp. 251-254.
O conceito de áreas etnográficas e geográficas. Manifestações etnográficas e meio geográfico que as determina.
- 121 SOUSA, Joaquim Pires de Lima Tavares de — *Questões de orientação etnográfica*. ACEELV, II, Porto, 1959, pp. 105-108.
Indicação dum método a utilizar na delimitação de áreas geográficas, nas quais se possa observar certas afinidades de cultura tradicional.

2.1. ÁREAS CULTURAIS — DIVERSOS

- 122 ALMEIDA, Renato — *Estudo luso-brasileiro da área folclórica comum a Portugal e ao Brasil*. ACEELV, I, Porto, 1959, pp. 215-216.
Necessidade duma estreita colaboração entre estudiosos brasileiros e portugueses, para o estudo da origem dos factos folclóricos no Brasil.
- 123 ANJOS, Cyro dos — *Raízes portuguesas da cultura brasileira*. RFLUL, XX, Lisboa, 1954, pp. 29-37
Exame dos contingentes culturais de origem afro-americana para ajudar a determinar o componente lusitano da cultura brasileira.
Segundo o Autor, os brasileiros herdaram do índio e do negro certos dinamismos obscuros e poderosos do irracionalismo, ao passo que do português a clara visão racionalista do Ocidente.
A herança ameríndica e africana foi, assim, preponderantemente estética, enquanto a portuguesa — como ocidental — foi eminentemente teórica.
Aos portugueses devem as crenças religiosas, instituições civis, língua e o contacto com todos aqueles valores que constituem a cultura ocidental.
- 124 BASTO, Artur de Magalhães — *A fronteira hispano-portuguesa*. OI, 70, Coimbra, 1923, pp. 103-117.
Analogias étnicas da região raiana. Diferenças no traje e na vida social.
- 125 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia portuguesa*. RO, LII, Lisboa, 1957, pp. 28-33.
Áreas culturais — Define área cultural como «o resultante de duas forças actuantes e convergentes: — a inicial, constituída pela formação autóctone, que ao mesmo tempo é propulsora e receptiva; e a provocada pela vida de relação e comunicação entre áreas alheias, próximas ou afastadas». Refere-se levemente à área cultural luso-brasileira e galaico-portuguesa. Considera o carro

de bois como um elemento transmitido pelos portugueses aos brasileiros, e fornece alguns termos usados nos dois países para designar as peças essenciais da sua estrutura.

- 126 DIEGUES JÚNIOR, Manuel — *O Português na formação cultural do Brasil*. OCP, 10-3-1959.

Acerca da presença do português na formação cultural do Brasil, salienta a sua capacidade de adaptação, traduzida sobretudo na variedade de técnicas usadas, cuja aquisição se processou pela grande experiência com os diversos povos do mundo com quem manteve contactos, e ainda o seu espírito de tolerância e acomodação. Ao analisar o processo de ocupação humana empregado pelo português, volta a falar na «plasticidade de acomodação social», fundamentada no cristianismo, e na «criatividade cultural» consequente das relações entre portugueses, indígenas e africanos.

- 127 MENEZES, Manuel de Sousa — *Os casais açorianos no povoamento de Santa Catarina*. BIHIT, x, Angra do Heroísmo, 1952, pp. 40-104.

Estudo histórico e social da colonização açoriana do Brasil. Sobrevivência do folclore açoriano no Brasil.

- 128 VIDAL, José Perez — *Las Canarias, via de introducción de portuguesismos en America*. ACEELV, III, Porto, 1960, pp. 359-367.

Influências portuguesas na América, via Canárias.

IV — Museus e exposições

- 129 BASTO, Cláudio — *Museu Minhoto*. Po, 1, Porto, 1928, pp. 158-159.
Apelo e sugestões para o estabelecimento dum Museu regional minhoto, no coração da província. Menção do Museu Vasco, de San Sebastian.
- 130 COELHO, F. Adolpho — *Exposição ethnographica portuguesa — Portugal e Ilhas Adjacentes*. Lisboa, 1896, 46 pp.
Programa de uma exposição para celebrar o centenário da viagem de Vasco da Gama à Índia, com indicações bastante minuciosas dos materiais que deveriam figurar nessa exposição, nomeadamente, espécies alimentares diferentes tipos de habitação, mobiliário e utensílios domésticos; vestuário; indústrias populares; agricultura, rega, vinho, azeite, linho, lacticínios; moagem, etc.; a caça; a pesca; o pastoreio; indústrias do ferro, madeira e pedra; indústrias caseiras; cerâmica; transportes; jogos; instrumentos de música; literatura popular; formas de vida social e religiosa; sabedoria. popular; etc.
- 131 CORREIA, Vergílio — *A importância dos Museus Regionais*. BRFLUC, VI, Coimbra, 1930, pp. 318-328.
Apologia dos museus regionais.
- 132 CORTES-RODRIGUES, Armando — *A Etnografia e a sua aplicação no distrito de Ponta Delgada*. RI, v, Ponta Delgada, 1949, pp. 303-330.
Fala da necessidade de se criar uma comissão folclórica que pudesse trabalhar na colheita de elementos, assim como um Museu de Arte Popular dos Açores.
- 133 LOPES JÚNIOR, Frederico — *Valorização do folclore e criação de museus etnográficos açorianos*. Po, XI, Porto, 1938, pp. 134-150.
Considerações sobre o tema. Necessidade da organização duma Comissão Etnográfica Açoriana para o estudo e criação de Museus regionais que documentem as diferentes formas de vida tradicional do povo dos Açores.

- 134 MADAHIL, António Gomes da Rocha — *Etnografia e História — Bases para a organização do Museu Municipal de Ílhavo*, Ílhavo, 1934, 136 pp., 25 figs.

Plano para a organização do museu.

Transcreve o programa duma exposição alusiva à Ria de Aveiro (1896) de Melo de Matos, referente a pescarias, colheita de moliço, indústria do sal, cultura do junco, indústrias diversas, modelos de casas e mobiliário, etc. Transcrição do plano geral de etnografia de Leite de Vasconcelos; do programa de estudo do povo português, de Adolfo Coelho; e dum questionário etnográfico, sobre embarcações, de Xaquin Lourenzo Fernandes.

Dados históricos sobre a região de Ílhavo.

Enumeração minuciosa dos materiais a expor, acompanhada de comentários descritivos e históricos de alguns espécimes: Alfaias das salinas; tipos de rede, mais características; utensílios de pesca; palheiro sobre estacas, das companhas do mar; carro de bois da praia; apetrechos da indústria da salga da sardinha; da secagem do bacalhau e indústrias anexas; modelos de embarcações, da ria e do mar; ex-votos e painéis de milagres; representação da vida agrícola: utensílios e alfaias. Indústrias de cerâmica e vidros; indústrias locais: adobes, construções de barcos, rodilhas e algibeiras, teares, flores de papel, etc.

- 135 MADAHIL, A. G. da Rocha — *Exposição alusiva à Ria de Aveiro*. ADA, XIII, Aveiro, 1947, pp. 251-266.

Programa proposto para a exposição alusiva à Ria de Aveiro, em todas as suas manifestações. Considerações sobre o mesmo.

- 136 PESSANHA, D. Sebastião — *Museus Etnográficos*. MCP, I, 7; II, 9; III, 13 (1947); IV, 19; V, 22; VI, 25 (1948); VII, 33 (1949); VIII, 38 (1949); IX, 48 (1950).

Sugestões para a criação de pequenos museus etnográficos que documentem a vida e certas formas de cultura mais peculiares de cada região, a instalar nas Casas do Povo.

- 137 PESSANHA, D. Sebastião — *Os Museus Etnográficos e as Casas do Povo*. TL, 1, Lisboa, 1951, pp. 26-31.

«...estudo acerca da importância da criação de museus etnográficos. Fala dos museus existentes no país e refere-se ao alvitre que já fez, há tempos para se organizarem museus etnográficos nas casas do povo».

«O Autor dá ainda uma definição de etnografia para esclarecer aqueles que ainda hoje perguntam o que esta vem a ser. Fornece muitas indicações úteis sobre a maneira de seleccionar e dispor as colecções com verdadeira preocupação de orientar os interessados e criar adeptos». (A. Jorge Dias. — B.H.E.P.).

- 138 SANCHO, Nieves de Hoyos — *Objectos que representam a la Peninsula en el «Musée de l'Homme», de Paris*. TL, 3, Lisboa, s/d (1953), pp. 72-74.

Indicação dos objectos de cultura popular da Península no Museu do Homem de Paris. Comentários.

- 139 SOUTO, Alberto — *Etnografia da região do Vouga*. Coimbra, 1929, 79 pp.

Fala da necessidade da criação de um instituto de estudos e de um museu etnográfico com sede em Aveiro. Aponta algumas tradições que deveriam ser estudadas (banhos santos, espojamento da relva do recinto da capela da Senhora das Febres, os banhos de vinho do S. Paio da Torreira e os bodos da Senhora de Vagos).

Esboço de uma ficha dos barcos moliceiros. Notas sobre o culto das Almas: «Na freguesia de Aradas apagam o lume onde se extinguiu uma vida; fazem um peditório nocturno acompanhados por umas alminhas e lanternas de azeite, tocam uma campainha e cantam um cantochão».

- 140 VASCONCELOS, J. Leite de — *Museu etnográfico português*. RL, III, Porto, 1894-95, pp. 193-250.

Época pré-histórica, proto-histórica, romana, bárbara, árabe, portuguesa propriamente dita, desde a Idade Média até ao século XVII. Época portuguesa moderna; aspectos geográfico-culturais; etimologias dos nomes das províncias. Desenhos e modelos de edificações (moradas e construções várias).

Mobiliária e objectos caseiros. Vestuário e objectos correlativos. Meios de transporte por terra. Comidas e objectos correlativos. Religião e usos funerários (amuletos, ex-votos, formas de sepulturas, caixões, bandeiras das almas). Divertimentos e festas. Vida agrícola. Vida pastoril. Aprestos de caça. Belas-Artes populares e artes industriais. Vida infantil.

- 141 VASCONCELOS, J. Leite de — *História do Museu Etnológico Português (1893-1914)*. Lisboa, 1915, 444 pp., 218 figs.

Origem e evolução do Museu. Distribuição dos objectos pelas épocas pré-histórica, proto-histórica, romana, bárbara, arábica, medieval portuguesa, do Renascimento, e moderna. Resenha dos objectos que devem figurar nesse Museu. Enumeração do património deste. No que respeita à etnografia, os objectos são agrupados em 10 secções: 1) Alimentação; 2) Casa e seu arranjo; 3) Épocas e circunstâncias da vida do indivíduo e da família; nascimento, casamento e morte; vestuário e coisas correlativas; vícios de fumar, e cheirar; meios de transporte; 4) Aspectos vários da evolução da humanidade; caça, pesca, pastoreio, agricultura; 5) Religião e magia; 6) Vida intelectual propriamente dita: escrita; escola primária; literatura de cordel; vida académica de Coimbra; história do livro; jornalismo; ciência, arte; 7) Indústrias; 8) Vida social em geral: folganças; actividade comercial; metrologia; história do correio; papel selado; heráldica; milícia; história de Portugal; 9) Vária; 10) Etnografia insular.

Ver ref.^a 13.

V— Estudos de Comunidades

- 142 DIAS, Jorge — *Vilarinho da Furna, uma aldeia comunitária*. Porto, 1948, 274 pp., 59 figs. (Cancioneiro de Margot Dias).

Estudo etnológico e sócio-económico de uma aldeia da serra do Gerês — Vilarinho da Furna.

Considera as organizações comunitárias da Península «como um fenómeno espontâneo e independente de contactos culturais», e funda a sua origem em razões de ordem natural, apontando a sua persistência em regiões pobres e isoladas, em que domina a economia pastoril. Faz uma sistematização das matérias, traçando o quadro natural e focando o aspecto da povoação; e utilizando um método funcional e orgânico (pela primeira vez entre nós) estuda seguidamente as formas características da habitação e seus anexos, nomeadamente sequeiras e canastros, lagares com prensa de vara, moinhos de água, etc. A vida social e a organização comunitária — regimen autárquico, carácter sagrado do *Zelador*, e suas atribuições; trabalhos colectivos; etc. Organização pastoril — as vezeiras; o fabrico caseiro da manteiga. Agricultura — cultura do milho, centeio, linho, apicultura, etc. Sistemas de debulha. Alfaias agrícolas. Alimentação — relevância do leite na ementa diária; pratos cerimoniais do Natal, dos baptizados e bodas e dos enterros; fabrico do pão; matança do porco. Vestuário — o papel da lã e do linho na confecção do traje local; emprego da palha no fabrico de chapéus e palhoças; manufactura da lã; tecelagem caseira. Religião popular — cercos e clamores; casamentos e enterros; encomendação das almas. Festividades cíclicas; superstições várias; medicina popular. Festas, danças, instrumentos musicais e jogos — a exuberância do ribeirinho e a austeridade do serrano; a paixão da caça; carácter tradicional e comunal das batidas de lobos; redes e nassas de pesca; o jogo do pau; luta de touros, representantes de grupo. Cancioneiro musical — 24 notações musicais de cantigas profanas e religiosas. Provérbios e adivinhas. Emigração e contrabando. O Homem, fisionomia e concepção de vida — o papel da mulher na vida social; a emigração e o contrabando como estabilizadores económicos; o abstencionismo matrimonial e certas formas atenuadas de morgadio (modo inconsciente de obstar ao excesso de população).

Relação entre certas formas de vida comunitária e a organização dos povos pré-romanos; filiação de certos traços da sua cultura material em influências germânicas, nomeadamente suévicas, etc. O Autor conclui que a população de Vilarinho resultou da fusão de populações autoctones agrícolas (matriarcado agrícola), com outras ganadeiras e pastoris (patriarcado pastoril).

- 143 DIAS, Jorge — *Rio de Onor*. Porto, 1952, 6 pp.

Breve síntese de «Rio de Onor, comunitarismo agro-pastoril» (Ver ref.^a 144).

- 144 DIAS, Jorge — *Rio de Onor — Comunitarismo agro-pastoril*, Porto, 1953, 610 pp., 123 figs. (Cancioneiro de Margot Dias).

Aplicando um método funcional e orgânico, estuda a comunidade rionoresa, no seu ambiente natural, focando os problemas económicos, sociais, religiosos e psíquicos, bem como os aspectos ecológicos. Os problemas de personalidade e cultura são também relevantemente tratados, e caracteriza como *dionísica* a «personalidade de base do rionorês».

A magnitude do trabalho ajusta-se dificilmente a uma síntese, dada a diversidade e riqueza dos aspectos de que se reveste; limitamo-nos por isso à menção dos respectivos capítulos, com ligeiras indicações:

Introdução (resenha das regiões e terras portuguesas em que perduram vestígios comunitários; apoiado num critério evolucionista procura determinar-lhes as origens).

I) Raízes históricas (embora aceite a tese céltica, defende uma idiosincrasia vaceia).

II) Quadro natural.

III) Aspecto da povoação.

IV) Construções e utensílios — Casas de habitação e seu recheio; iluminação; fornos, lagares e moinhos comunais.

V) Estrutura social — Organização comunitária; a casa (entidade basilar da organização social), e a família; o Conselho; os Mordomos; Talas; Homens de rodra; a Justiça; Seguro mútuo.

VI) Economia — Pastoreio: o coutos; o touro; as vezeiras (refeição ritual dos testículos do varrão); marcas; etc. Agricultura: o pão; arar, estercar e semear; as ceifas; as eiras; as malhas; roçadas; culturas hortícolas; etc.

VII) Comércio, artes e ofícios; vida de relação.

VIII) Alfaias agrícolas; carros e transportes.

IX) Vestuário; a lã; utensílios correlativos; teares e aparelhos auxiliares.

X) Alimentação — Alimentação quotidiana; pratos cerimoniais; quantitativos anuais.

XI) Crença popular — Religião: organização da igreja; festas e procissões. Superstições: esconjuros, responsos e rezas; histórias de bruxas; medicina popular.

XII) Ritos de passagem: Nascimento; Festa dos Rapazes (ritos de puberdade); Casamento; O enterro.

XIII) Festas cíclicas: Natal, Ano Bom e Reis; Carnaval e Quaresma; Páscoa; Maio (ritos de vegetação); S. João; Ciclo do Outono (Culto dos Mortos).

XIV) Danças; instrumentos musicais; jogos e brinquedos; desportos.

XV) Cancioneiro musical (41 notações musicais, seguidas de uma análise).

- XVI) Arte popular e infantil.
- XVII) Caça e pesca.
- XVIII) Provérbios, máximas; apodos tópicos; adivinhas.
- XIX) Contos e narrativas.
- XX) Emigração e contrabando.
- XXI) O Homem — Tipo físico; atitude mental; a casa e a família; relações entre os sexos; as crianças; concepção de vida; concepção de tempo; concepção económica.
- XXII) Considerações finais.

145 GRAÇA, A. Santos — *O Poveiro*. Póvoa de Varzim, 1932, 238 pp., 30 figs.

Psicologia do poveiro.

Origens étnicas (citações de Fonseca Cardoso que lhe atribui ascendência fenícia ou normanda).

Preceitos de comunitarismo que regem a companha.

Marcas, balizas e divisas — Processo de assinalar objectos individuais, de família ou da companha, com siglas próprias que equivalem ao registo de propriedade. Sinais próprios de hierarquia familiar.

Balizas — Descrição das balizas (tipo de bóia presa às caças — conjunto de redes ligadas entre si, que pescam no fundo do mar — que permite a sua identificação).

Divisas — Marcas de propriedade da embarcação pintadas à proa e à ré do barco, com inscrições do patrono da embarcação, e motivos zoomórficos, fitográficos, corações, estrelas, etc.

Alcunhas — Relevância da alcunha sobre os nomes próprios.

Relações e distinções entre os da comunidade e os de fora dela — Endogamia e austeridade moral; severidade dos castigos e humilhações aos que infringiam esses preceitos. Diferenciação de três classes dentro do grupo: *Lanchões* («fidalgos da tribo») possuidores dos aparelhos de pesca mais valiosos, e donde saem os «Homens de Respeito»; *Rasqueiros* (pescadores mais ou menos remediados); e *Pescadores de linha* («Plebe»).

As demandas na classe — os Homens de Respeito — Julgamento de pleitos e conflitos no mar pelos «Homens de respeito»; aversão à justiça oficial. Superstições várias e relatos de casos de bruxaria. Ensalmos.

Máximas, provérbios e presságios.

Romarias e promessas — Devoção do poveiro pela S.^a da Abadia, S. Bento da Porta Aberta, S. Torcato, S.^a do Alivo e S.^a Eufémia. Santos populares: Santo António, S. João e S. Pedro — costumes e quadras populares alusivas. Culto das Almas.

Páscoa — Compasso; oferta de folares aos afilhados por parte dos padrinhos.

Natal — Ceia de peixe, comida no meio da sala, sobre palha, na qual se deitam após a refeição.

Trovoadas — Orações e esconjuros. Toponímia dos Mares e dos rochedos.

Safra da sardinha — Descrição das diversas operações e da divisão dos ganhos da pesca.

O lar — Notas sobre a habitação e a alimentação.

O Serão — Feitura e reparação de redes pelos homens, para as quais as mulheres fiam, dobam e torcem o linho. Práticas propiciatórias ligadas às redes novas.
Infância — Serviços prestados à comunidade pelas crianças — Vigias que anunciam às mulheres das companhias a chegada dos seus respectivos barcos.
Jogos — A *Boiada* (espécie de hoquei em campo) e a *Péla*.
Casamento — Costumes ligados ao namoro e casamento — Aquisição de redes; proclamação pública do noivado por meio do lenço da noiva içado numa vara, à proa do barco, de regresso da pesca; enviada (pescaria que se faz em que os melhores peixes são oferecidos à noiva para o dia da boda, ou, noutros. casos, se destinam à ceia de despedida de solteiro).
Morte — Lamentações e choros em que relembram a vida do morto. Tipologia dos barcos poveiros e dimensões.
Redes — Descrição da *rede da pescada*, da *sardinha*, «*ticum*», rascas, etc.
Cancioneiro poveiro — Quadras populares.
Vocabulário.

- 146 SOUSA, Tude de — *Serra do Gerez*. Porto, 1909, 155 pp., 10 figs.

Povos antigos do Gerês — Ancondeos e, mais tarde, Suevos.
Características das povoações serranas — vivacidade e alegria temperamental; pouco cuidado com a limpeza das casas e das pessoas; sonho da emigração.
Regímen pastoril — transcrição do Regulamento da Vezeira de Vilar da Veiga; de cláusulas extraídas da escritura contratual entre os moradores do Rio Caldo, para a guarda dos gados na serra de Covide, para a eleição do Juiz de Vintena que velará pela manutenção de antigos usos e costumes de feição comunitária; de Vilarinho, também para regulamentar a guarda de gados na serra, águas de rega, interdição de arrendar casas a estranhos ao meio, etc.
Notas sobre as reuniões do povo ao ar livre para deliberações de interesse comunitário.
Lendas.

- 147 SOUSA, Tude M. de — *Gerez (Notas etnográficas, arqueológicas e históricas)*. Coimbra, 1927, 272 pp., 34 figs.

Estudo de algumas formas de vida comunitárias das freguesias da serra do Gerês. Regímen pastoril — organização e atribuições das Juntas das Vezeiras. Contratos. Lutas de touros. Lagares de azeite comum. Regímen e divisão de águas de rega. Trabalhos colectivos, gratuitos e recíprocos. Vessadas, segadas e debulhas. Estudo dos abrigos dos pastores serranos e da sua distribuição geográfica. Alimentação tradicional do serrano.
Vestuário — normalmente confeccionado à base de tecidos caseiros.
Formas de vida religiosa — Romarias, Cercos, Clamores e Rezadas. Encomendação das Almas. Cruzeiros e alminhas.
Calhandras — representações teatrais que se faziam dentro das igrejas, geralmente de madrugada, durante 9 dias seguidos até ao Natal. Autos do Nascimento — transcrição e comentários de um Auto. As Domingas da Quaresma — Representações dos Passos do Calvário, dentro da igreja, comentadas pelo padre, do alto do púlpito.

Termos e ditados populares, crenças e superstições várias.
Notas arqueológicas e históricas acerca do Gerês.
Um «Apêndice fornece algumas notas sobre certas formas de vida comunitária da região do Barroso — touros do povo, etc.

2. GRUPOS ÉTNICOS

- 148 ADÃO, Luís Cabral — *Os Caramelos, aglomerado étnico com características únicas, habitam nas regiões do Pinhal Novo, Vale de Hera e Poceirão*. EBJP, 19, Lisboa, 1948, pp. 361-366.

Curto ensaio sobre a maneira de ser e a vida desta gente.

- 149 AGUIRRE, B. Taracena — *Tribos celtibéricas «Pelendones»*. HMS, Guimarães, 1933, pp. 393-401.

Delimitação geográfica de ocupação das tribos celtibéricas.

- 150 ALVES, Francisco Manuel — *Memórias Archeologico-Históricas do Distrito de Bragança*. v, Bragança, 1925, 326 pp.

Estudo acerca dos judeus desenvolvido segundo os seguintes capítulos: Ossos do ofício e escabrosidades do assunto: o cristão não odeia o judeu. Grandiosidades da lei e civilização judaica. Os horrores da inquisição em face da história. O picaresco na condenação do adultério. A rapina e a inveja, que não a crença, originando a perseguição aos judeus em toda a parte. Causas da decadência portuguesa. Fixação dos judeus na Península e sua organização administrativa. Vários apelidos de judeus portugueses em Amsterdam, idênticos a outros existentes no distrito de Bragança. Vestígios de usanças judaicas. Judeus nobres e judeus inferiores. Características judaicas: os abafadores. Práticas religiosas e costumes dos judeus. Das casas. Utensílios da cozinha e da mesa. Do dormir e dos sonhos. Dos vestidos. Da satisfação das necessidades corporais. Da lavagem das mãos e da cara. Das benções, orações e louvores a Deus. Pragas e maldições. Dos sacrificadores e dos levitas. Da agricultura e dos animais. Dos rabinos, da sua autoridade e excomunhões. Do comércio e usura. Dos contratos, escrituras, etc. Das comidas proibidas e da maneira de comer. Da bebida. Do fabrico do pão. Do modo de comer à mesa. Do dia de sábado. Da lua nova, dos nomes dos meses e o mês intercalar. Da festa da Páscoa. Da festa das semanas ou de Pentecostes. Do começo do ano. Da festa das tendas ou tabernáculos. Dos dias de jejum. Da festa das luzes. Das relações sexuais. Do casamento, dos esponsais e das bodas. Da menstruação, do parto e dos banhos. Dos ciúmes e do repúdio. Do casamento ritual com a cunhada viúva. Da circuncisão. Das superstições, adivinhações e sortilégios. Vários costumes dos judeus. Etc.
Lista dos indivíduos pertencentes ao distrito de Bragança processados na Inquisição por judaísmo.

- 151 ALVES, Francisco Manuel — *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança — Os Notáveis*. VII, Porto, 1931, 829 pp.
- Orações dos judeus, recolhidas em Carção (Vimioso) pp. 698-711.
Figura simbólica da Morte, em Bragança, na quarta-feira de Cinza (notícias de 1870) pp. 757-761.
Transcrição dum Capítulo de Visita, do Bispo de Miranda e Bragança, condenando e proibindo as lutas entre mancebos, que tinham lugar em algumas aldeias da região, em honra dos santos da sua devoção, pp. 762-764.
- 152 AZEVEDO, J. Lúcio d' — *Estudos para a história dos cristãos novos em Portugal*. RH, 1, Lisboa, 1912, pp. 65-73 e 3, Lisboa, 1914, pp. 1-14, 91-103 e 318-335.
- Põe a hipótese de terem os primeiros judeus vindo para Portugal nas armadas dos fenícios, e foca o antagonismo existente entre judeus e os nativos, relevando as qualidades dos adventícios que considera portadores da melhor energia da raça, mercê duma selecção natural motivada pelas vicissitudes das suas deambulações. Segundo documentos datados da época da monarquia visigótica, procura interpretar alguns aspectos do seu comportamento social. Períodos áureos dos judeus.
- 153 AZEVEDO, J. Lúcio d' — *História dos judeus em Portugal*. RH, 2, Lisboa, 1913, pp. 76-93 e 133-149.
- Aspectos e problemas sociais, políticos, religiosos e económicos relativos à expulsão dos judeus, no tempo de D. Manuel.
- 154 AZEVEDO J. Lúcio d' — *Judeus portugueses na dispersão*. RH, 4, Lisboa, 1915, pp. 106-127 e 201-217.
- Subsídios para a história dos judeus.
- 155 AZEVEDO, P. d' — *Ciganos portugueses dos fins do séc. XVI*. RL, III, Porto, 1894-95, pp. 51-57, 121-129 e 316-324.
- Transcrições de documentos relativos a ciganos, constantes dos livros das legitimações e perdões da chancelaria de D. Filipe I, do Arquivo da Torre do Tombo.
- 156 BARROS, Henrique da Gama — *Judeus e Mouros em Portugal em tempos passados (Apontamentos histórico-etnográficos)*. RL, XXXIV, Lisboa, 1936, pp. 165-265; XXX, 1937, pp. 161-238.
- Comunas de judeus e comunas de mouros. Organização de comunas (de judeus).
Relações dos judeus entre si, com os cristãos e com os mouros.
Relações com o poder central. Encargos tributários.

Comunas de mouros; organização das comunas. Relações dos mouros entre si e com os cristãos. Relações dos mouros com o poder central. Encargos tributários. Vexames a que as leis obrigavam os judeus nos seus contratos com os cristãos. Queixa avulsa dos judeus contra vexames que sofriam em Leiria em 1378. Relações entre judeus e cristãos aludindo-se também a mouros. Tolerância de que gozavam os mouros. Relações de judeus e mouros entre si, e com os cristãos.

- 157 BOCH GIMPERA, Pedra — *Los Celtas em Portugal y sus camiños*. HMS, Guimarães, 1933, pp. 54-72.

Revisão de algumas notícias do Periplo relativas a povos de Portugal. O problema da invasão céltica; seus caminhos e sobreposição a povos anteriores.

- 158 BRAGA, Theophilo — *Origem dos ciganos*. OP, 1, Porto, 1878-1879, pp. 269-278.

Refere-se a algumas hipóteses quanto à origem dos ciganos, por exemplo a de Paulo Bataillard, que os considera como um povo que resta da idade do bronze, e, mediante a análise de algumas condições sociológicas peculiares a este grupo, infere tratar-se de um povo decaído de um agregado nacional. Pela interpretação histórica das suas diferentes designações étnicas, filia os ciganos em tribos nómadas de pastores da Síria, que «conglubadas com outras tribos cananeias entram no vale do Nilo, apoderando-se da civilização egípcia, e aí se conservam na agregação nacional dos Hiq-sos durante seis séculos», sendo daí expulsos na oitava dinastia, dispersando-se então pelo mundo.

- 159 BRAGA, Theophilo — *Elementos da Nacionalidade Portuguesa*. REL, Lisboa, 1883-84, 1, pp. 5-16, 49-66, 97-115, 145-155, 193-200, 241-259, 337-355, 433-447, 481-496.

Estudo sobre a formação histórica e étnica de Portugal.

- 160 CARDOZO, Mário — *Citânia de Briteiros*. RG, XLVII, Guimarães, 1937, pp. 228-240; XLIX, 1939, pp. 15-29; XLVIII, 1938, pp. 161-169 e 218-236.

Traça o quadro social da evolução humana e desenvolvimento correlativo das diversas indústrias, da idade da pedra e idade dos metais, tentando fixar as origens da raça que povoou as nossas citânias. Esboço etnológico dos lusitanos proto-históricos e das populações castrejas. O Autor perfilha a opinião de Mendes Corrêa que a este respeito diz: «abandonando o propósito de identificações exclusivas, que as velhas misturas étnicas tornam impossíveis, é lícito sobretudo concluir, da continuidade cultural observada no território português, uma persistência de populações que vem do neolítico e eneolítico. Elas foram celtizadas, receberam influências da Europa do fim do halstatiano e de La Tène. Sofreram influências culturais, e porventura algumas somatológicas, de S. e E., e do Mediterrâneo: dos Fenícios, dos Gregos, dos Cartagineses, e dos Tartéssios e lberos».

Despovoamento dos castros. Organização administrativa e militar do Noroeste da Península ao tempo da conquista romana; descrição sumária das fortificações e habitações da citania de Briteiros. Usos e costumes dos habitantes dos castros, segundo relatos de Estrabão.

- 161 CARVALHO, A. L. de — *Judeus em Guimarães*. PRFCA, II, Porto, 1938, pp. 86-96.

Notícias históricas acerca do bairro judeu, em Guimarães, no século XV: sinagoga, dança da «Judenga», prescrições restrictivas aos judeus em estatutos corporativos, etc.

- 162 COELHO, F. Adolpho — *Os ciganos de Portugal*. RL, I, Porto, 1887, pp. 3-20.

A língua dos ciganos do Alentejo. Textos, vocabulário, considerações gerais de carácter linguístico.

Palavras do rumanho derivadas de palavras espanholas ou portuguesas. Palavras do rumanho de origem incerta.

- 163 COELHO, Adolpho — *Os ciganos de Portugal*. Lisboa, 1892, 302 pp.

O trabalho divide-se em três capítulos fundamentais: I) A língua dos ciganos de Portugal; II) O calão ou gíria portuguesa e suas relações com a língua dos ciganos; e III) História e esboço etnográfico dos ciganos de Portugal. Neste último capítulo fala das primeiras notícias escritas referentes aos ciganos em Portugal e transcreve excertos de documentos que contêm disposições legislativas contra os ciganos. Análise da organização e vida dos ciganos segundo esses documentos, informações colhidas directamente pelo Autor e por informadores locais. Fala da alimentação, psicologia, vestuário, ocupações preferidas dos ciganos (contratadores de gado muar, negociantes de panos e dados ainda a exercicios de práticas divinatórias e de feitiçaria), superstições, baptismo, casamento e morte, etc.

Pelo estudo linguístico e etnológico conclui pela filiação dos nossos ciganos na mesma linhagem dos gitanos espanhóis.

Em Apêndice refere-se aos ciganos do Brasil, comentando o livro de Mello de Moraes Filho, *Os Ciganos no Brasil*.

- 164 CORTESÃO, Jaime — *A Póvoa e o Poveiro*. OPJ, 26-7-1956.

Relações de parentesco entre a comunidade poveira e certas comunidades agro-pastoris do norte serrano.

Contrariando a tese que atribui ascendência fenícia ou normanda ao poveiro, filia-o nas populações castrejas.

- 165 CORRÊA, A. A. Mendes — *Os berberes e os povos peninsulares*. AORP, X (2.^a Série), Porto, 1916, pp. 94-104 e 169-177.

Afinidades de origem e de tipo físico entre os povos norte-africanos e os da Península Ibérica.

- 166 CORRÊA, A. A. Mendes — *Valencianos e Portugueses*. HMS, Guimarães, 1933, pp. 242-254.
- Estudo das afinidades antropológicas entre valencianos e portugueses.
- 167 CORRÊA, A. A. Mendes — *A Raça*. RO, II, Lisboa, 1938, pp. 338-353 e 438-442.
- O papel da hereditariedade psico-somática na génese da fisionomia étnica, política e histórica do português.
- 168 CORRÊA, A. A. Mendes — *Terra e independência*. RO, II, Lisboa, 1938, pp. 161-174.
- Apreciações diversas dos factores geográficos na génese e autonomia da nação portuguesa.
- 169 CORRÊA, A. A. Mendes — *Raça e continuidade histórica*. RO, IX, Lisboa, 1940, pp. 163-165.
- Segundo o Autor, o mestiçamento indefinido e generalizado traria fatalmente o abastardamento do nosso património germinal, e poria em risco a continuidade da existência e do papel histórico do povo português.
- 170 COSTA, Vieira da — *O homem de Trás-os-Montes*. IT, 2, Porto, 1909, pp. 43-45.
- Breves considerações sobre a etnia do transmontano (chamitas, celtas e latinos).
- 171 FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e — *Tradições judio-portuguesas*. DL, Quarta Série, v-VI, Porto, 1951, pp. 17-22.
- «O Autor fornece alguns elementos importantes para o estudo do folclore judio-português, colhidos em vários autos do Santo Ofício. Aí ficaram registados depoimentos de cristãos novos, que eram obrigados a confessar as práticas e orações relacionadas com o culto que realizavam a ocultas, e que tem grande importância etnográfica, sobretudo para o estudo comparativo, como muito bem salienta o Autor». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 172 LIMA, Jaime de Magalhães — *Os povos do Baixo Vouga*. TAE, II, Porto, pp. 287-335.
- Ensaio de feição literária sobre a etnia destes povos. O Autor considera a região do Vouga como ponto de convergência de correntes étnicas nórdicas e mediterrâneas.

- 173 LIMA, J. A. Pires de — *Influência de mouros, judeus e negros na etnografia portuguesa*. CMP, t. II, XVIII, Lisboa, 1940, pp. 63-102.
- «Origens étnicas do povo português: celtiberos, romanos e germânicos. Povos intrusos: árabes, judeus e negros.
 Como são encarados pelo povo português: ditados populares a seu respeito. A invasão muçulmana: os mouros na tradição popular e na literatura.
 Os judeus: como viviam em Portugal e história das perseguições; sua difusão pelo país e como o povo os considerava. A questão judaica na obra de Gil Vicente e Garcia de Resende. Tradições populares judaicas.
 A entrada de negros na população portuguesa e as suas influência étnicas. Os «carapinhas» da ribeira do Sado.
 As descobertas e a escravatura. Os negros na literatura e na tradição popular. O problema da civilização africana e o perigo da mistura de raças.
 A doutrina do Acto Colonial».
- 174 MACHADO, Casimiro de Moraes — *Mogadouro — Os Marranos de Vila-rinho de Galegos*. DL, Quinta Série, I-II, Porto, 1952, pp. 17-49.
- Esboço étnico da população desta povoação, de nítida influência judaica. Orações, usos e costumes que lhes são peculiares.
- 175 PAULO, Amílcar — *Os Marranos em Trás-os-Montes (Reminiscências judio-portuguesas)*. DL, Sétima Série, v-vi, Porto, 1956, pp. 523-560; VII-VIII, pp. 627-660.
- Notícias acerca dos judeus em Portugal. Orações e práticas religiosas dos judeus.
- 176 PAULO, Amílcar — *Os Marranos nas Beiras — Tradições judio-portuguesas*, BAAP, XIX, Viseu, 1960, pp. 105-121.
- Resenha de referências feitas a judeus através da história. Pequena monografia sobre os marranos beirões em que se alude às suas tradições mais peculiares.
- 177 PEIXOTO, Rocha — *A Terra Portuguesa*. Porto, 1897, 302 pp.
- O livro contém vários capítulos de carácter diverso. O 1.º respeita à tatuagem em Portugal, aludindo aos processos usados e desenhos mais correntes (preferentemente de tipo emblemático). Funda a perpetuidade desta prática na religião, e a sua persistência no convívio e ociosidade dos presidiários e dos soldados e marinheiros, retidos em quartéis e barcos.
 No 5.º CAP. trata do bicho da seda, referindo-se à sua introdução na Península e a alguns forais e determinações régias que protegem esta indústria.
 No 7.º CAP., acerca das Maias, faz um esboço fito-mitológico, estabelecendo uma distinção que agrupa as plantas em duas categorias: boas e más. Inclui a giesta no primeiro e nota o seu emprego para enfeitar crianças — *Maias* ou *Maio Moço* — descrevendo algumas formas que esta costumeira apresenta em algumas terras do País. Filia estas práticas no mito solar, da luta do verão

com o inverno. Cita uma postura camarária de Lisboa (1385) que proíbe se cantem Janeiras e Maias.

O 10.º CAP., dedicado ao S. João, alude à coincidência da festa com o solstício do verão, e descreve várias práticas de natureza mágica próprias deste dia, que visam o amor, a saúde, prosperidade e felicidade, ligadas à água, ao fogo (fogueiras), e a certas ervas e plantas, nomeadamente o feto real que floresce à meia-noite, sendo necessário para o ver florir vencer o diabo, e que dá a quem o alcança a sabedoria suprema. Filiação destas práticas em cultos da água, das plantas e do fogo.

O CAP. 14.º respeita aos ciganos. Na esteira de alguns investigadores, atribui a estes a difusão dos metais e mesmo a introdução do bronze na Europa. Cita a Farsa da Cigana (1521) de Gil Vicente, que considera o primeiro testemunho literário em que figuram ciganos; alude ao seu modo de vida e à sua predileção para os negócios de gado cavalariço e práticas de bruxaria.

O CAP. 21.º é dedicado ao Natal. Faz considerações sobre a astrolatria e nota mais uma vez a coincidência duma grande festa cristã — a natividade do Cristo — com a festa do sol romana. Vê em certos pratos específicos desta celebração vestígios de antigos sacrifícios em louvor de deuses. Etc.

- 178 PIDAL, M. Menendez — *Ligures o ambroiliricos en Portugal*. RFLUL, x, Lisboa, 1944, pp. 5-17.

Considerações acerca da opinião de alguns cientistas que prescindem dos ligures como elemento étnico da Península. Referências a vários sufixos e nomes que apresentam analogias ibero-ligures. Conclui pela passagem dos ligures pela península e pelo seu povoamento do norte de Portugal, Galiza, Astúrias e parte Ocidental de Leão.

- 179 RIBEIRO, Luís da Silva — *Formação histórica do povo dos Açores — Subsídios para o seu estudo*. RAÇ, II, Angra do Heroísmo, 1941, pp. 195-218.

O contributo de diversos grupos étnicos no povoamento dos Açores e as suas causas. Mouros, negros, judeus, flamengos. Origem flamenga da festa de S. Marcos, no Pico e Faial: os maridos cucos.

Os italianos. Os americanos e brasileiros. Ingleses. Castelhanos. Etc. Os problemas das influências castelhana e celto-francesa. Fundamentos das diversas teorias. Críticas. Tese pessoal: influência celto-francesa duvidosa. Análise dos diversos elementos culturais que estribam a hipótese contrária: toponímia, antropologia, linguística, as casas, lareira, chaminés, alfaia agrícola, o carro de bois; o tipo das mulheres; costumes. Sua comparação com os correspondentes de Portugal continental.

- 180 RIBEIRO, Orlando — *A terra, a gente e as origens da nacionalidade*. RFLUL, IX, Lisboa, 1943, pp. 238-242.

Ensaio sobre as origens da nacionalidade.

Segundo o Autor, a personalidade da terra aparece reforçada por uma clara individualidade de civilização, pela primeira vez, no período calcolítico; fala da

gente da cultura dolménica que constitui um agregado ocidental, marítimo, e da civilização dos castros, povo que se dedicava a uma agricultura pobre e à criação de gados, e a que pertenciam os Lusitanos; e é nesse norte serrano que surge o Estado Português.

- 181 SARMENTO, F. Martins — *Lusitanos, Ligures e Celtas*. RG, VII, Porto, 1890, pp. 101-119 e 161-182; VIII, 1891, pp. 5-28; X, 1893, pp. 73-88, 141-160; XI, 1894, pp. 187-199.

Réplica a uma crítica de Adolfo Coelho à sua tese sobre os ligures e celtas. Defesa da tese da origem ligúrica dos lusitanos.

- 182 SCHWARZ, Samuel — *História da moderna comunidade israelita de Lisboa*. OI, 119, Coimbra, 1957, pp. 161-202; 120, 1958, pp. 140-202.

Estudo da actual comunidade judaica em Portugal.

- 183 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Excursão archeologica a Alcácer do Sal — Notas ethnographicas*. AP, I, Lisboa, 1895, pp. 66-68 e 87-89.

Breve nota acerca das casas e traje; dos «carapinhas» de Alcácer do Sal. O sangue africano entre nós: 1) na antiguidade (fenícios ou cartagineses); os mouros no século II. Negros e mouros nos séculos XVI e XVII. A instalação de raças africanas junto ao Sado, por ordem de Pombal. A dupla influência africana em Portugal: devida à proximidade do continente africano, e às incursões dos povos africanos; devida às conquistas dos portugueses. Alcácer do Sal — caso de influência circunscrita, verdadeira colónia. Classificação dos «requerimentos» dirigidos aos santos. Os objectos que acompanham as promessas. «Requerimentos» e «promessas» pré-cristãos.

- 184 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Os Gróvios — Estudo ethnológico-geográfico*. Lisboa, 1905, 12 pp.

A área geográfica dos Gróvios segundo os Autores clássicos. Indicação de alguns topónimos do Entre Douro e Minho, Sinfães e Galiza, relacionados etimologicamente com aquele nome.

- 185 VASCONCELLOS, Leite de — *Espécime português de raça negra*. BE, I, Lisboa, 1920, pp. 40-41.

Breve referência aos «mulatos» de Alcácer do Sal.

- 186 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Os saloios (na Estremadura cistagana)*. RL, XXXVII, Lisboa, 1939, pp. 271-299.

Notas sobre os saloios e a sua origem; área própria dos saloios; caracteres e costumes destes. O saloio na literatura.

- 187 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Etnografia Portuguesa*. IV, Lisboa, 1958, 666 pp., 92 figs.

Estudo da origem do povo português. Rápido esboço dos elementos étnicos mais arcaicos. As incursões dos Normandos e de outros povos. O contingente dos pretos, resultante da nossa expansão ultramarina; influências destes na literatura culta e popular, e em superstições. Indicação de danças de pretos. Grupos étnicos que estuda mais desenvolvidamente: judeus, mouros e ciganos. Judeus. Suas comunas, organização e distribuição. Relações de convívio entre cristãos e judeus; disposições tendentes a evitar tais relações; separatismo e ligações motivadas por interesses recíprocos; situação religiosa; organização judicial e modos de vida; costumes; práticas religiosas; casamento, nascimento e morte; festas e jejuns.

Mouros — «Mouros forros ou livres: modos de vida a) agricultura; seus direitos sobre a terra; b) ofícios mecânicos e outras ocupações; c) encargos tributários e mais obrigações. Condição social: mourarias, relações com os cristãos. Situação política, judicial e administrativa. Religião: liberdade de culto; meios atinentes à Sua conversão. Mouros escravos: causas da servidão. Condição social. Alforria. Mouros em Portugal depois de 1496».

Ciganos — «Origem e sua presença em Portugal: lugar de origem. Nomes porque são conhecidos. Entrada em Portugal. Habitat antigo e moderno. Vestígios deles na toponímia. Disposições legislativas contra os ciganos. O problema dos ciganos na actualidade. Caracteres físicos. Vida material e práticas com eles relacionadas: vestuário e adornos. Estância e domicílio. Modos de ganhar a vida. Alimentação e doenças. Organização política e social. Quadrilhas, Condes, Reis. Nascimento e baptismo, casamento. Morte e enterro, luto e viuvez». «Caracteres psíquicos. Crenças e superstições». Literatura e língua dos ciganos. «Dias festivos e dança».

Demografia — Exposição sumária e indicação da população portuguesa segundo vários censos, desde o século X ao presente.

Feixe de caracteres do povo português — Classificação em: caracteres físicos; caracteres psíquicos; e caracteres complexos ou mistos. Contribuição ao estudo do carácter do povo português.

- 188 VELOSO, Francisco José — *A Lusitânia Suévico-Bizantina*. BA, II, Braga, 1950, pp. 241-256 e 389-402; IV, 1951, pp. 46-69.

A integração dos suevos na sociedade luso-romana. Notícias históricas sobre o reino galaico dos suevos e sua vida interna.

- 189 VELOSO, Francisco José — *Oestrymnis (Atlântida — Campo Elísio)*. BA, IV, Braga, 1953, pp. 185-227; V, pp. 104-133 e 331-362; VI-VII, 1955-56, pp. 190-207.

Análise de alguns antigos testemunhos da comunidade originária e expansão étnica dos nossos povos.

- 190 S/A. — *Duas leis*. Espozende (Collecção Silva Vieira), 1892, 19 pp.
 Lei dos Ciganos, de Filipe I.
 Lei dos desafios (alegação dos direitos ao trono português, de Raynuncio, Príncipe de Parma).
- 191 S/A. — *Os Judeus em Portugal*. RM, II (2ª ed.), Espozende, 1914, p. 43.
 Refere-se à abundância de judeus no distrito de Bragança, e à prática da asfixia dos moribundos.

Ver ref.^a 44

3. GRUPOS PROFISSIONAIS

- 192 GRAÇA, A. Santos — *Pescadores do Alto — Os «Valboeiros»*. TAE, IX, 3, Porto, 1941, pp. 209-211.
 O Autor distingue como núcleos mais característicos a norte do Douro, no século passado, os *Valboeiros*, *Poveiros*, *Vianeses* e *Gontinheiros*. Fala de algumas afinidades entre estes, do número de lanchas que então existiam, das redes utilizadas, etc.
- 193 LIMA, Augusto César Pires de — *Os de Leça e Matosinhos*. DL, Segunda Série, I, Porto, 1944, pp. 53-54.
 Extractos do: «Prólogo» do «Roteiro de Lisboa a Goa», de D. João de Castro, que menciona, como mareantes, «os de Leça e de Matosinhos».
- 194 SILVA, J. A. Capela e — *Os «Ratinhos»*. AT, II, Elvas, 1934, pp. 203-225.
 Notas acerca deste contingente beirão que se costuma deslocar para os trabalhos das ceifas no Alentejo.
- 195 S/A. — *Typos vianenses — O pescador*. PG, I, 26, Viana do Castelo, 1882, pp. 3-4.
 Breve nota acerca da vida social do pescador de Viana, que, como na Póvoa, constitui um grupo à parte da população da cidade, com fortes traços de endogamia.

4. MONOGRAFIAS REGIONAIS

- 196 AGUIAR, P. M. Vieira de — *Descrição histórica, corográfica e folclórica de Marco de Canaveses*. Porto, 1947, 439 pp., 75 figs.
 Monografia. histórica e corográfica, com um capítulo sobre etnografia. Este contém a letra e música de 5 cantigas. Alude a animação e alegria que certos

trabalhos agrícolas despertam, nomeadamente as «arrigas» do linho, espadeladas, vândimas e esfolhadas, acerca dos quais fornece algumas notas. Indica as principais romarias da região e refere-se aos descantes, desafios e chulas, que aí têm lugar. Fala dos serões familiares, nas noites de inverno, em que as mulheres fiam enquanto os homens conversam ou tocam instrumentos de corda. Acerca do Natal e da Páscoa, nota o sentido de fraternidade familiar que caracteriza o primeiro, e o carácter social da segunda. Menciona algumas danças populares de terreiro, a chula (que considera mais própria de sala) e os instrumentos musicais usados. Relato de superstições várias, e de algumas manifestações de auxílio mútuo, quando a adversidade atinge alguns vizinhos. Quadras cantadas nas «Janeiras» e «Reis». Descrição de arcos de festa e cascatas. Clamores e pregões, alminhas e cruzeiros; breves notas.

- 197 ANGLIN, João H. — *Ponta Delgada em 1838*. RI, II, Ponta Delgada, 1946, pp. 425-440.

Transcrição do CAP. III da obra de Joseph e Henry Bullar, «A Winter in the Azores», traduzida em português.

Contém notas acerca da cidade, das ruas, do aspecto das lojas comerciais, dos carros, da política, etc. e uma boa descrição das carapuças, feitas de lã.

- 198 AREDE, João Domingos — *Estudos sobre antiguidades dos povos da Terra de Santa Maria da Feira e Etnologia e Etiologia da região do Caramulo*. Coimbra, 1919, 44 pp.

Notícias históricas acerca da região. A p. 37-41 refere-se ao costume de cada vizinho levar a sua candeia para a velada fúnebre; depois de sair o cadáver, o resto do azeite das candeias era deitado fora. Alude ao costume dos rapazes irem de noite, na Quaresma, cantar de porta em porta, a pedir para as Almas.

- 199 AZEVEDO, P.^o Agostinho de — *A Terra da Maia (Subsídios para a sua monografia)*. Porto, 1939, 224 pp.

Esboço histórico. Donatários dos reguengos da Maia; Inquirições e curiosidades: indicações sobre estradas e pontes, votos de S. Tiago; Foral da Maia, etc. Festas do açafateiro: no domingo de Pascoela, as raparigas da Maia levavam açafates (o vergasto), entre descantes e danças.

- 200 BARBOSA, Viriato — *A Póvoa de Varzim — Ensaio da História desta vila*. Porto, 1937, 296 pp.

Origem histórica de «Varzim». Forais. Notas históricas acerca da pesca; lei de protecção (século XIII). Irmandades e confrarias. Representações públicas e ao ar livre; descrição sumária dos Autos. Procissões. Os banhos de mar no princípio do século XX.

- 201 BARGÃO, J. D. — *Monografia de Salvaterra do Extremo*. Lisboa, 1945, 80 pp.

Descrição geográfica de Salvaterra do Extremo. Notas históricas. Transcrição de forais.

Origem e descrição do bodo de Monfortinho: prática ritual dos maridos e mulheres e namorados e namoradas se reboarem no chão enlaçados; obrigações dos bodeiros (em 1944 o bodo constou de tripas com arroz e fígado com sangue e pão, para o almoço; o jantar, de arroz com carne, chouriço, toucinho, ensopado, pão e vinho à descrição, e dele participaram cerca de 1.000 pessoas); para esse efeito os bodeiros juntaram além do azeite e carne de porco, 38 alqueires de trigo, 72 cabeças de gado, 107 quilos de arroz, 715 litros de vinho, 7 de aguardente e 3 vitelas.

- 202 BARREIROS, Coronel José Baptista — *Uma povoação suévica da Chã de Ferreira*. BA, XI-XII, Braga, 1960-61, pp. 50-61.

Descrição geográfica de Freamunde e estudo deste topónimo — sua origem germânica. Resenha histórica das invasões dos bárbaros. Relações conjecturais do nome do local com a obra de S. Martinho de Dume. Hipótese da fundação de Freamunde pelos suevos.

- 203 BIGOTTE, P. José Quelhas — *Monografia da vila de Seia — História e Etnografia*. Lisboa, 1944, 400 pp.

História das origens da vila e forais e privilégios a esta concedidos. Quadras populares alusivas aos três santos de Junho, ao azeite, ao linho, etc. (130) Orações populares. Pequena nota sobre o fabrico do queijo da serra, e sobre a cultura e amanho do linho. Adivinhas referentes ao linho (2). Versão do romance «O Lavrador d'Arada».

- 204 BRITO, Raquel Soeiro de — *Uma aldeia da montanha do Minho: O Soajo — Estudo de geografia humana*. RFLUL, XVIII, Lisboa, 1953.

Descrição do quadro natural da serra do Soajo e das suas «brandas».

Utilização do solo; matas e seu aproveitamento.

Agricultura; água de rega; culturas dominantes; criação de gados; montarias a lobos.

As «brandas»: modo de exploração.

Aspecto das povoações e das casas de habitação.

- 205 BRITO, Raquel Soeiro de — *Palheiros de Mira — Formação e declínio de um aglomerado de pescadores*, Lisboa, 1960, 109 pp., 30 est., 5 figs.

Com base nos registos paroquiais e livros de impostos, estuda a origem e desenvolvimento da povoação de Palheiros de Mira, que, como outras do litoral, era inicialmente apenas de habitação temporária de pescadores, que, a partir de 1835, ali se fixaram com carácter permanente.

Casas de madeira sobre estacaria que permitia o movimento das areias sob elas; aproveitamento posterior desse espaço para guarda de alfaias e apetrechos de pesca. Casas simples e elementares, e casas elaboradas e complexas.

Rudeza e modéstia do mobiliário.

Quebra da unidade arquitetónica deste aglomerado, decretada em grande medida pelos poderes públicos.

A pesca, ocupação fundamental e base económica da povoação; a agricultura como actividade subsidiária.

Organização das companhias da pesca da xávega; atribuições e remuneração do pessoal. Descrição da pesca e das redes.
Emigração temporária para os trabalhos nos arrozais do vale do Sado, nos meses do inverno; organização dos ranchos, regimens de trabalho e formas de pagamento.

- 206 BRÜDT, Kate — *Madeira — Estudo linguístico-etnográfico*. BF, v, Lisboa, 1939, pp. 59-91 e 289-349.

Aspectos económicos da Madeira.

A casa e a mobília — descrição de 5 tipos de habitação: a caverna; a casa de um só pavimento, dividida em diversos compartimentos; a casa urbana de dois ou mais pavimentos; e a cozinha em edifício separado, funcionando em alguns casos como habitação.

Mobiliário.

Sistemas de moagem: almofarizes; moinhos de mão; azenhas; moinhos de vento (Porto Santo).

Descrição da feitura do pão.

Meios de transporte: o homem como portador de cargas, por meio do «cajado»; as «corças» e os carros do monte (espécie de trenós); os carros de bois e cangas.

Instrumentos agrícolas; alfaias: enxadas, foices, arados, trilhos, etc.

Cultura e preparação do linho; descrição das diferentes fases.

A viticultura e a preparação do vinho.

- 207 BUESCU, *Maria Leonor Carvalhão* — *Monsanto — Etnografia e linguagem*. Lisboa, 1961, 388 pp., 18 figs.

Habitação — casa de dois pisos com escada exterior de acesso ao primeiro, destinada à habitação, e rés-do-chão para guarda dos animais. Indicação das peças essenciais do mobiliário.

Descrição do traje feminino.

Notas sobre o nascimento, baptismo e compadrio, namoro e casamento, e funerais. Refeições cerimoniais destes dias.

Jogos.

Medicina popular.

Indústrias caseiras: preparação do pão de trigo, centeio e filhoses (próprias do Natal); cultura do linho; notas descritivas sobre o tear.

Matança do porco.

Ceifas e malhas — a trilha e a mangual —; antagonismo entre os dois grupos de malhadores.

Apanha da azeitona: organização dos ranchos e oferendas simbólicas ao dono do olival.

Descrição de uma mó manual (usada especialmente para moer milho para as papas), de moinhos de água, de fornos de cozer pão e de lagares de azeite de vara.

Festas cíclicas: Espírito Santo e refeições cerimoniais que lhe competem. Encomendação das almas; Procissão do Enterro na Quaresma. Alvissaras da Páscoa. Ascensão — virtude profilática das pétalas de flores, recolhidas na

igreja, neste dia. Natal — cortejo triunfal do madeiro. Compadres e comadres do Carnaval; prato cerimonial deste dia.
Contos, lendas e narrativas. Romances. Cantigas narrativas e de tipo novelesco.
Quadras soltas.
Orações populares.
Esconjuros e benzeduras.
Adagiário.
Glossário.

- 208 CANCIO, Francisco — *Ribatejo lendário e pitoresco*. Lisboa, 1946-47, 502 pp., 278 figs.

Cantares e danças do Ribatejo — Influências mesológicas no canto e na dança; quadras populares; considerações literárias acerca da brincadeira (baile); menção de algumas danças da região.

A Borda d'Água — Considerações literárias sobre o viver da gente desta área; extractos de alguns escritores que se referem ao seu traje. Quadras populares alusivas à região.

Ciência popular agrícola do Ribatejo — Alguns prognósticos tirados em dias determinados segundo o estado do tempo, expressos em provérbios.

A «Serração da Velha» — Descrição dos seus principais elementos: transporte em carroça de uma Velha, acompanhada dos *Juizes e carrascos*, empunhando uma serra; simulacro de serração da velha, substituída por um cortiço.

Doces e pratos regionais — Menção de ementas e receitas culinárias.

Crendices e superstições — Extractos de documentos históricos contendo proibições e aplicações de penas aqueles que se entregavam a práticas de feitiçaria; citação de Gil Vicente e Teixeira de Aragão que igualmente se referem a bruxas e artes mágicas; citação de Eça de Queirós (S. Cristóvão) no relato da Missa Negra; exemplos da actualidade: rezas e benzeduras.

Festas e romarias — Enumeração vária.

Descrição de uma adiafa (festa agrária que tem lugar no último dia das vindimas).

Relato de superstições várias.

- 209 CARNEIRO, Alexandre Lima — *O Cancioneiro de Monte Córdova*. ACEELV, II, Porto, 1959, pp. 87-88, 1 fig.

Breves notas sobre a freguesia de Monte Cordova.

- 210 CARVALHO, Amadeu Ferraz de — *A Terra de Besteiros e o actual Concelho de Tondela (Esboço histórico e toponímico)*. Coimbra, 1945, 190 pp.

Esboço histórico. Coutos e forais. Estudo de toponímia local.

- 211 CEPA, P.º Manuel Martins — *Monografia de S. Bartolmeu do Mar*. Braga, 1944, 178 pp.

Referências à romaria de S. Bartolomeu do Mar, à agricultura, comércio e indústria. Transcrição de canções e quadras populares, adágios, lendas, vocabulário, superstições várias. Descrição do vestuário da região.

- 212 COELHO, P. M. Laranjo — *Terras de Odiana — Subsídios para a sua história documentada — Medrobiga, Aramenha, Marvão*. Coimbra, 1924, 411 pp.

Reconstituição da história de Marvão desde os tempos anteriores à nacionalidade. Larga transcrição de diplomas de aforamento, cartas de foral, etc. A população e a agricultura do concelho segundo esses documentos. Estatísticas demográficas.

A p. 270 descreve um *aprisco*, o *bardo*, o *choço* e haveres do pastor, assim como o fabrico de queijos, e um arado de pau. Nas páginas seguintes encontram-se referências a azenhas, pisões e indústria caleira.

No capítulo de festas e diversões, transcreve um velho texto que menciona a celebração das festas do Espírito Santo em Marvão, em 1454. Acerca da festa de S. Marcos, aponta o costume de fazer entrar na igreja o boi, após a benção, pelo padre, à porta do templo. Refere-se também a touradas e cavalhadas.

- 213 CONCEIÇÃO, A. Santos — *Soure*. Coimbra, 1942, 314 pp.

Monografia concelhia de carácter histórico-geográfico. Contém um capítulo sobre o trajo regional que descreve. Traje serrano: chambre abotoado no pescoço e de mangas compridas, colete de cós ajustado ao corpo, saia de estamenha e capucha de saragoça; e ainda capa e saia azul. Traje das planuras: estamenhas tintas de azul, roupas de baeta, meio xaile de baetilha felpuda, e lenço na cabeça. Traje masculino (antigo): calções e jaqueta de saragoça, colete de cós, botas de cano alto, carapuça; mais moderno: calça, colete e jaqueta de pano azul, barrete ou chapéu, e gabão.

- 214 CONCEIÇÃO, A. Santos — *Terras de Montemor-o-Velho*. Coimbra, 1944, 380 pp.

Monografia de carácter histórico-geográfico. Contém um capítulo sobre o trajo, no qual descreve o trajo usado nos séculos XVIII e XIX. Ao tempo de D. João V: capote de picotilho, casaco de pano azul, calção de briche, polainas e sapatos. Em 1830 — camponesas: romeira azul, colete vermelho, saia cinzenta com barra azul; camponeses: calça de saragoça, carapuça, camisa de linho com peitos bordados, colete de cor viva e faixa vermelha. Em 1843 — homens: capote rodado com cabeção de pano azul, fato preto ou azul e chapéu; mulheres: capote de pano preto, azul ou castanho de gola de veludo ou cabeção, lenço de cambraia bordado nas pontas e saia de cores variadas ou em xadrez. As classes mais pobres usavam: capoteiras de baetilha pelo joelho, saia de estamenha ou chita azul com florinhas e lenços de algodão de várias cores.

- 215 CORDEIRO, Adelino — *Etnografia da Beira — Religião e Crençices — Lendas e costumes de Penamacor*. Viana, 1937, 111 pp.

Romarias de Penamacor: Snr.^a do Bom Sucesso, Snr.^a do Incenso e Snr.^a da Póvoa. Notas sobre o culto a estas invocações e relato de milagres e quadras cantadas pelos romeiros.

Crenças e superstições — Bruxas, bentos, lobis-homens e espíritos. Ensalmos para talhar ares, contra bruxedos, etc. Práticas mágicas para esconjurar trovoadas, contra a raiva, etc.; superstições várias. Colheita de ervas aromáticas no dia da Ascensão, de virtudes profiláticas. Lendas.

- 216 CORREIA, J. Diogo — *Apontamentos para a monografia de Malpica do Tejo*. Lisboa, 1953, 128 pp.

O CAP. VI é dedicado ao estudo da Etnografia. Contém uma descrição dos trajes característicos daquela localidade; apontamentos sobre o nascimento, casamento (ementa) e morte (as «Doze palavras ditas e retornadas»). Lendas. Letra e música de alguns romances.

- 217 COSTA, Carreiro da — *Etnografia da Cidade*. RI, II, Ponta Delgada, 1946, pp. 389-393, 419, 444-449, 453-458, 466-470, 477-481, 486-492, 503-511.

Da revisão de elementos bibliográficos, iconográficos, e outros de natureza vária, como os de feição documental, artística, folclórica, etc., o Autor conclui que Ponta Delgada não tem ainda a monografia etnográfica a que tem direito. Menção de alguns factores que presidiram à evolução da cidade, da qual fornece uma descrição topográfica. Indicação resumida dos principais elementos que colaboraram na formação do aglomerado humano, salientando o contingente do Alentejo e do Algarve. O Autor enuncia alguns aspectos que deveriam ser estudados à luz da etnografia. Considera Ponta Delgada uma aldeia grande. Acerca da religiosidade desta, fornece alguns dados sobre a festa de S. Sebastião, no século XVI, que incluía danças e folias, sobre a festa de S. Gonçalo, Santo Antão, Senhor Santo Cristo dos Milagres, etc.

- 218 COSTA, Maria de Lurdes de Oliveira Monteiro dos Santos — *Porto Santo — Monografia linguística, etnográfica e folclórica*. RPF, I, II, III, Coimbra, 1947-1949, 182 pp., 38 figs.

Economia de Porto Santo — exportação de cal; águas minerais; indústria caseira de rendas e chapéus de palha.

Alguns elementos acerca da psicologia do portosantense — contraste que oferece com o camponês boçal da Madeira.

Actividades agrícolas — cultura do trigo, cevada, milho, chicharro e lentilha.

Sistemas de debulha — a trilha, ou com as patas do gado.

Arrecadação do cereal em *matamorras*.

Sistema de moagem — moinhos manuais, atafonas e moinhos de vento — breve descrição e indicação de nomenclatura.

Vinho — vindimas, fabrico de vinhos; lagar.

Alfaias agrícolas — carro de bois, arado (radial) — descrição e nomenclatura.

Pesca — psicologia do pescador; indicação de alguns apetrechos de pesca, e nomes de peixes.

Alimentação.

Casa e mobiliário. Casa térrea, coberta de terra.

Alguns costumes ligados ao casamento e morte.

Fórmulas de tratamento.

Descrição do traje regional.
Crenças e superstições várias.
Jogos infantis.
Festas populares — Santos populares, de Junho (divinações, banhos santos); 1.º de Maio (figurações burlescas que se põem à porta dos vizinhos).
Danças, cantigas e música popular — O baile da *meia volta*, o *ladrão* e o *baile sério* (alguns apontamentos sobre a coreografia); influências árabes nestas músicas.
Quadras populares.
Orações.

- 219 COSTA, Maria Rosa Lila Dias — *Murteira — Uma povoação do concelho de Loures — Etnografia, Linguagem, Folclore*. Lisboa, 1961, 338 pp., 69 figs.

A Autora dividiu o trabalho em três partes: a primeira composta por quatro capítulos, estuda os aspectos fundamentais da cultura do povo da Murteira: vida social, vida espiritual, vida de relação, e vida económica. Subdivide ainda cada capítulo, tentando agrupar assuntos que apresentem pontos de contacto. Assim, por exemplo, ao falar da casa descreve alguns tipos de habitação e refere-se ao mobiliário, roupas, adornos, etc.; constituição da família e relações familiares; nascimento, casamento e morte. Remédios caseiros, rezas e mezinhas. Refeições, danças e jogos infantis. Religião; festas religiosas; crenças e superstições. Fórmulas de tratamento.

Agricultura — cereais, alfaiais agrícolas e utensílios afins; rega; pastoreio; criação de vacas. Indústrias caseiras; matança do porco, lavagem de roupas, fabrico de queijos e do pão. Descrição de um moinho de vento.

A parte respeitante ao folclore é composta por literatura oral.

- 220 CUNHA, Narciso C. Alves da — *No Alto Minho — Paredes de Coura*. Porto, 1909, 594 pp., 58 figs.

No capítulo X, sobre a agricultura, fala do milho, batata, centeio, trigo, feijão, linho e vinho, como principais culturas. Alude à debulha do trigo e centeio a mangual; às diferentes operações que o linho sofre, e à importância que teve outrora esta indústria, em que as tecedeiras se agremiavam, com *juíza* nomeada pela Câmara; refere-se aos trabalhos gratuitos e recíprocos — lavradas, espadeladas e esfolhadas. Indicação das alfaiais agrícolas usadas. No capítulo XXIV trata da linguagem popular, vocabulário e locuções.

- 221 CUNHA, Fernanda de Matos — *Notas etnográficas sobre Barcelos*. Porto, 1932, 114 pp., 47 figs.

Descrição dum tipo de habitação, de dois pisos; menção do seu mobiliário; importância da cozinha.

Alimentação — o caldo e o pão de milho, base da alimentação.

Vestuário — descrição da camisa, colete de rabos, saia com barra, avental de riscas e casaca curta.

Agricultura — principais culturas da região; importância do papel da mulher nos trabalhos rurais.

Indústrias — Olarias: Notas e descrição da extracção e escolha da matéria-prima, factura, cocção, e formas mais correntes fabricadas.

Ciência popular — geografia, história e medicina popular.

Menção dos instrumentos musicais usados na região.

Quadras populares.

Breves notas sobre a religião e superstições.

Alguns aspectos da vida social — formas de tratamento; o problema da igualdade dos sexos.

Alguns costumes ligados com os funerais.

- 222 CUNHA, José Germano da — *Apontamentos para a história do Fundão*. Lisboa, 1892, 267 pp.

Organização e distribuição da propriedade. Produções agrícolas, gados, indústrias, caça e pesca — Menção de atafonas, azenhas, lagares de vinho e azeite e fornos de cozer pão; de cesteiros, em Alcongosta; de carvoeiros, em Souto da Casa; do fabrico de queijo e de *tarrafas* (nassas de verga).

Lendas — Vários relatos.

Usos e costumes. Crenças. Canções populares — Descrição da procissão da Cinza, com figuração da morte empunhando uma foice, de Adão e Eva, dos Mártires de Marrocos, figuração simbólica do paraíso, etc.

Encomendação das almas — Versos.

Folias do Espírito Santo — Descrição das Folias do Fundão, Capinha, Atalaia e Peroviseu. Seus componentes e atribuições. Instrumentos de música usados. Carnaval — Menção do costume de chorar o Entrudo (meio de ridicularizar publicamente certos actos da vida íntima das pessoas).

Doçaria — Bolos doces, sonhos, coscoréis e filhoses, específicos da Páscoa e Natal.

Magustos.

Os Maios — Peditório de castanhas piladas.

Jogos.

Referência ao uso do adufe.

Romarias e festividades — Oferendas de feijões a S. Benedito, servidos depois ao povo com fins profiláticos.

S. João e S. Pedro — Fogueiras e mastros.

S. Martinho e Santa Bebiãna — Referência a cortejo dos bebedores.

Breves notas sobre a virtude das ervas no dia da Ascensão; da água na noite de S. João, e das velas bentas, contra trovoadas.

11 quadras populares.

- 223 DACIANO, R. S. Guimarães, Bertino — *Cinfães (Subsídios para uma monografia do Concelho)*. Porto, 1954, 268 pp., 38 figs.

Notícias e documentos históricos acerca do concelho.

Feiras — transcrição duma descrição literária da feira de Escamarão, de Alberto Pimentel.

Festas e costumes — referências ao Cancioneiro de Cinfães, de Virgílio Pereira, com transcrição de algumas *cantas*.

Carnaval — menção de cavalhadas, mascarados e «compadres» e «comadres» dessa data.

Dia de Ramos e 1.º de Maio — refeição obrigatória de caldo de castanhas. S. João — sortes e divinações, práticas mágicas.

Funerais — indicação de alguns costumes.

Alimentação — broa, caldo, papas de farinha de milho e batatas, rabanadas e formigos no Natal, e folares (roscas de pão de trigo com ovos pintados) da Páscoa.

Medicina popular — virtudes de certas ervas, e algumas receitas. Procissões para provocar chuva.

Vocabulário — ditados e locuções.

Trajo — roupas interiores de linho e estopa, e exteriores de burel ou serguilha: capuchas, peucas, croças (de palha), gabão, socos, etc.

Fabrico caseiro de chapéus de palha, e de cestos de palha cosida com casca de silva (brezes).

Nota sobre alguns vestígios comunitários, nomeadamente o boi do povo.

- 224 DIAS, António — *Vista Bela — Ensaio monográfico das terras de Seia — Freguesia de Cabeça — Da Portela de Arão à Povoação de Cabeça*. BAAP, VIII, Viseu, 1949, pp. 3-18.

Breves referências a romarias, encomendação das almas, moinhos e fornos comuns, e cultura do linho.

- 225 DIAS, Jaime Lopes — *Etnografia da Beira — Lendas, Costumes, Crenças e Superstições*. I (2.ª ed.), Lisboa, 1944, 213 pp., 32 figs.

18 versões de lendas da Beira Baixa.

Descrição das Folias do Espírito Santo; personagens, insígnias e instrumentos de música de que se compõe; cerimonial; versos alusivos às diferentes situações; refeições cerimoniais e pratos obrigatórios.

Festa das papas, em Alcains, em que se cozinham dezenas de caldeiras de papas de milho, que são postas à descrição da população local e dos visitantes, em frente à porta dos festeiros, na rua.

Danças cerimoniais da Lousa; *Dança da genebres* — descrição desta dança em que intervêm 10 homens, 6 com fatos brancos e capelas floridas e cheias de fitas de seda, na cabeça, que tocam, um a *genebres* (espécie de xilofone) e os outros 5 cada qual a sua bandurra (viola popular, de arame); 3 rapazes novos vestidos inteiramente de mulher, que tocam pandeiros; e o último — o guardião — vestido de soldado e que não intervém directamente na dança. *Dança das tesouras* — dança de homens e rapazes; os primeiros empunham umas tenazes com que simulam tosquiá-los os carneiros, figurados pelos rapazes. Música e versos.

Dança das donzelas — interpretada por oito raparigas, vestidas de branco, que ao som de uma guitarra fazem um extenso recitativo, entremeado por passos sóbrios e reverentes.

Menção de promessas pagas com telhas roubadas.

Descrição de alguns costumes ligados ao casamento: papas de milho com leite, açúcar e mel, que se distribuem aos convidados; música e versos de parabéns que se cantam aos noivos; arcos sob os quais o cortejo nupcial passa mediante pagamento por parte da comitiva.

Prática propiciatória, de fundo mágico, que tem lugar à meia-noite do dia 31 de Dezembro e que consiste em atirar à padieira da cozinha pós de farinha, no ritmo das badaladas do sino, acompanhada por uma invocação, e a que chamam «deitar os moios» ou «o bom ano».

Cultivo do linho.

Descrição dos chapéus de Alcains e do seu fabrico — tipo de chapéu de aba larga e copa baixa, feito de lã de ovelha.

«Chorar o Entrudo» — prática carnavalesca em que se critica publicamente acontecimentos da vida íntima dos moradores, e em que a voz é amplificada por funis, cabaças, etc.

Serração da Velha — nota descritiva desta prática.

Alvíssaras — cânticos da Páscoa por grupos de mulheres, ao som de adufes, à porta da igreja e do padre. Música e versos.

Cortejos do madeiro do Natal.

Música e versos de cânticos ao Menino Jesus e das Janeiras. Ensalmos e superstições várias.

226 DIAS, Jaime Lopes — *Etnografia da Beira — Lendas, Costumes, Tradições, Crenças e Superstições*. III, Lisboa, 1929, 176 pp.

10 versões de lendas da Beira Baixa.

Quadras em que se glosa o Padre Nosso, a Avé Maria e a Salvé Rainha.

Notas sobre a apanha da azeitona; oferenda simbólica do ramo de oliveira ao patrão, que por tal acto fica obrigado a dar as papas de milho com açúcar ou mel. Aparentamentos sobre o pastoreio: a vida do pastor da região da Idanha; formas contratuais, obrigações e privilégios; abrigos do pastor; descrição do fabrico do queijo; rebanhos transumantes vindos da serra da Estrela para os campos da Idanha.

Invocações que se proferem ao amassar a enfiar o pão. Notas sobre as touradas da Idanha.

Maios — refere o costume, na Cova da Beira, em que os rapazes vão para os campos, no dia 1 de Maio, e cobrem dos pés à cabeça um deles com flores, regressando à aldeia e percorrendo as ruas a pedir castanhas. Em Segura e no Rosmaninhal nota o costume de enfeitarem com flores um boneco de palha, que põem às janelas e às portas.

S. Martinho e Santa Beibiana: eleição das Confrarias, sermões, cortejos e peditório de vinho.

Pequena nota sobre a dança de S. João, no Teixoso, e a Procissão de Cinza, com a sua figuração de reis, anjos, frades, etc.

Janeiras — cortejo que na noite do dia 5 de Janeiro, ou dia 6, percorre as ruas de Tinalhas, cantando ao som do tambor das Folias do Espírito Santo, e no qual esta Confraria também participa, recebendo, afinal, das pessoas mais devotas, filhós, vinho e tremeços, distribuídos na sacristia ou à porta da capela do Espírito Santo.

Crenças no poder miraculoso de algumas Santas: Senhora da Candelária — virtude profilática da vela que os festeiros colocam na mão dessa imagem e que é leiloada todos os anos; ela é acesa e especialmente eficaz nos casos de partos. Santa Marinha de Segura, ligada a ritos de provocação da chuva.

Orações, resposos e ensalmos.

Apodos tópicos.

Superstições várias.

227 DIAS, Jaime Lopes — *Etnografia da Beira*. v, Lisboa, 1937, 232 pp., 17 figs.

Lendas e romances.

Regimens de exploração agrícola: exploração directa com colaboração de *ganhões*; arrendamento, em que por vezes se associam vários agricultores e pastores; e parceria, em que o patrão dá a terra recebendo metade da sua produção.

Descrição do amanho das terras e das sementeiras.

Quadras cantadas pelas mondadeiras.

Ceifas: organização dos grupos que trabalham ao quinhão (em que os ceifeiros recebem um quinto do produto ceifado), a jornal e empreitada. Formas de pagamento. Alimentação dos ceifeiros. Grupos migratórios que participam nas ceifas. Eiras delimitadas de pedra e eiras improvisadas de terra batida.

Processos de debulha: a mangual, em dois grupos alinhados frente a frente (nota o costume dos malhadores esconderem sob a eirada um molho de palha — a *preguiça* — que à vista do patrão descobrem, deixando imediatamente os manguais e deitando-se na eira, até que aquele lhes mande dar vinho). Aspecto competitivo em que a vitória é atribuída em função das pancadas que mais soem, e em que os vencidos ficam com a *burra*. Refeições e pratos peculiares destas ocasiões. Debulha feita com os pés do gado e com o trilho. Versos que os ganhões cantam ao gado nessa altura. Debulha do milho feita com o *viro* (espeto de ferro); concessão do direito de abraçar as raparigas ao rapaz que encontre grãos de milho preto.

Descrição de moinhos de água e regímen de exploração destes.

Cozedura do pão e arrendamento dos fornos.

Apanha da azeitona: rivalidades entre os diferentes ranchos; *penhores* (entrega de uma ramo de oliveira com azeitonas, feita por uma rapariga do grupo ao dono ou pessoas estranhas, de certa posição social, que aparecem no olival), que obriga a pagamento de vinho, filhós, etc.

Secagem da castanha em caniços postos sob a lareira, e processo de a pilar com os pés.

Caldo de castanhas e leite (prato ritual do 1.º de Maio).

Superstições dos pastores ligados ao 1.º e 3 de Maio. Devoção destes ao Santo António, e distribuição do leite dos rebanhos nestes dias aos pobres. Prática preventiva da passagem dos rebanhos sobre um arco feito de *silva macha*, na manhã de S. João.

Indicação das feiras e mercados da Beira Baixa.

Olaria de Idanha: matéria-prima, fabrico, formas tipológicas da olaria e exploração económica.

Descrição do fabrico das *maranhas* (tecido caseiro feito de lã) com que se fazem as capuchas, fatos, cobertores, etc.

Festas de S. Sebastião, no Lourçal do Campo — benção das filhós, coscoréis, tremoços e vinho, que a mordomia distribui pelo povo, e que adquirem poderes de natureza profilática; imolação de um galo, morto com pedras, como remate da festa.

Costumes tradicionais relacionados com o baptizado, casamento e mortórios, e práticas de natureza mágica a eles associados.

Teatro popular — a Descoberta da Moura.

Dança das «arraianas» — descrição e versos.

Barreiras sociais estabelecidas entre dois grupos da freguesia da Varzea de Cavaleiros.

Notas sobre a encomendação das almas, alminhas, cepo do Natal, ajuda vicinal na construção de casas, folares da Páscoa, peditórios do dia de Todos os Santos, parcerias pecuárias e pastos comuns.

Versos que glosam os dias da semana e os 5 sentidos.

Lengalengas.

Apodos tópicos.

Adágios.

Orações, ensalmos e superstições várias.

228 DIAS, Jaime Lopes — *Etnografia da Beira*, VI, Lisboa, 1942, 313 pp., 55 figs.

Lendas e romances.

Quadras que se cantam nas Janeiras e Reis.

Notas sobre o Carnaval: *divisão do burro* (quadras satirizantes); enterro do Entrudo (figurado por bonecos de palha, ou algum animal que tenha morrido naquela altura). Ramos. Serração da Velha. 1.º de Maio.

Quadras cantadas nas festas do Espírito Santo.

Santos populares de Junho — costumes tradicionais e práticas divinatórias próprias desta quadra. Versos alusivos a estes Santos.

Natal — versos e oferendas ao Menino.

Armadilha da caça e nassas de pesca.

Quadras de embalar, rimas e lengalengas.

Brinquedos e jogos infantis.

Notas sobre a colheita da azeitona e quadras cantadas pelos ranchos.

Indicação e descrição de alfaías agrícolas, lagares de azeite, caniços (sebes) usados nos bardos — instrumentos de trabalho do caniceiro e processos de pagamento.

Descrição do fabrico de cordas e de redes e da sua respectiva utensilagem.

Manufactura do linho e da lã; tecelagem e preparação de tintas; produção e fabrico de seda.

Descrição de dois moinhos de vento, um com paredes de pedra e outro de madeira.

Processos rudimentares da resinagem dos pinheiros.

Orações e ensalmos.

Vocabulário.

- 229 DIAS, Jaime Lopes — *Etnografia da Beira*. VII, Lisboa, 1948, 280 pp., 18 figs.

Lendas e romances (6 notações musicais de romances).

Quadras que se cantam nas Janeiras e nos Reis.

Rondas carnavalescas e costume de *repartir o burro*.

Encomendação das almas (versos e música).

Música e letra dos Passos que se cantam na Quaresma, em Salvaterra do Extremo. Procissões do Encontro e do Enterro.

Notas sobre as festas do Espírito Santo; abanões dados a esta imagem com fins propiciatórios de casamento.

Descrição do bodo de Monfortinho; obrigações dos bodeiros e costume dos maridos e mulheres e namorados e namoradas se enlaçarem e rebolarem no chão. S. João — fogueiras, cavalhadas, refeições pantagruélicas e quadras alusivas ao santo.

Nota sobre os magustos e os «compadres» sagrados pelo facto de comerem a *castanha afilhada*.

Natal — música e versos ao Menino.

Teatro popular — representações de dramas e cenas bíblicas.

Notas sobre costumes tradicionais ligados ao casamento, mortórios e descamisas do milho.

Marafonas — bonecas de trapo que as mulheres de Monsanto, Penha Garcia, etc. levam em cortejo processional ao cimo do Castelo, cantando e dançando com elas, e que têm virtudes apotropaicas contra as trovoadas.

Indústrias rurais: indicações acerca dos serradores que trabalham com serra braçal e das ferramentas que usam. Cestaria de verga e de madeira *lavrada*.

Fabrico de telha.

Descrição de uma mó manual.

Ensalmos, orações e superstições várias. Alcunhas.

- 230 DIAS, Jaime Lopes — *Etnografia da Beira*. VIII, Lisboa, 1953, 269 pp., 58 figs.

Definição dos tipos mais característicos da casa rural beiroa: casas de rés-do-chão e andar, com balcões ou varandas, telhados de duas águas, normalmente sem chaminé, o 1.º piso destinado à habitação e o rés-do-chão a lojas de arrumações e por vezes à recolha do *vivo* (gados, e casas pobres, dum só piso, que correspondem a uma classe de jornaleiros e criados. Indicação das peças normais do mobiliário e das candeias de iluminação. Quadras alusivas à casa.

Contos e lendas.

Festas do Espírito Santo — descrição do complexo cerimonial e estas ligado. S. João — fogueiras e cavalhadas; quadras populares alusivas ao Santo.

Danças cerimoniais de S. Pedro, em Escalos de Baixo: dança dos arcos e dos paus — oito homens vestidos de branco, com capelas floridas e fitas de seda pendentes, que levam cada qual o seu arco ornamentado e dois paus, com que se acompanham nas respectivas danças; e danças dos lenços e das fitas — oito raparigas virgens vestidas de branco, que formam com os lenços desenhos coreográficos ao mesmo tempo que recitam certas quadras, e, no segundo caso, dançam em volta dum mastro donde pendem oito fitas.

Chacotas — quadras que as mulheres cantam ao som de adufe no 2.º domingo de Maio à noite, em frente da igreja, da casa do juiz e dos demais festeiros. Pequenas notas sobre a vida agrícola: apanha da azeitona, descamisada, do milho, malhas, preparação do linho, etc.

Marcas do gado lanígero, pelas quais os rebanhos são identificados.

Banhos santos — banhos numa fonte de mergulho, em Inguias (Belmonte) no dia 29 de Agosto.

Descrição do fabrico das colchas de Castelo Branco.

Tosquia das ovelhas e tosquiadores — organização das «camaradas» que têm cada qual o seu menageiro. Utensílios, alimentação, formas contratuais e multas por transgressões às regras estabelecidas da tosquia.

Ensalmos, orações, e superstições várias.

Adágios. Expressões populares.

Apodos tópicos.

Quadras populares.

- 231 DIAS, Jorge — *Nótulas de etnografia madeirense - Contribuição para o estudo das origens étnico-culturais da população da ilha da Madeira*. BRFLUC, XXVIII, Coimbra, 1952, pp. 179-201.

Considerações acerca do actual quadro etno-cultural da Madeira.

Descrição de casas, alfaias agrícolas, moinhos de mão, teares, instrumentos musicais, etc. Comparação com formas continentais.

- 232 FARIA, F. Fernando Godinho — *Monographia do Concelho de Bouças*. 1899, 308 pp.

História, meteorologia, demografia, indústrias e comércio, feiras, monumentos, etc. do concelho.

No capítulo sobre indústrias e comércio, indica as principais culturas agrícolas e refere-se às malhas do centeio e cevada, batidas num banco, e do trigo, debulhado a pata de boi; a procissões de penitência para cessar tempestades, epidemias, e impetrar chuvas. Indicação do número de pessoas e embarcações empregadas na pesca, valor do pescado e nomes das redes. Alude à apanha de sargaço que já no século XVII era regulamentada por *olheiros*, nomeados pelos párocos das freguesias onde esta actividade se exercia — Lavra, Labruge, Vila Chã e Mindelo.

No capítulo sobre cancionero e costumes, contém algumas cantigas populares e referências a banquetes fúnebres.

- 233 FELGUEIRAS, Guilherme — *Monografia de Matosinhos*. Lisboa, 1958, 909 pp., 133 figs.

Origem e evolução do concelho. Geografia e demografia da região. Actividade económica. Toponímia. Forais. Lendas, feiras e romarias. Cancioneiro. Notas sobre o Natal, Janeiras, Páscoa e queima do Judas. Superstições várias e ex-votos.

- 234 FERRAZ, Ab. Ricardo António José — *Monografia inédita de Santa Marinha do Zêzere*. Porto, 1942, 15 pp., 12 figs.

Memória elaborada no ano de 1758 acerca da freguesia de Santa Marinha do Zêzere, contendo apontamentos geográficos, lugares de que se compõe, igrejas e capelas (alude a uma relíquia, muito venerada pelos milagres operados nos doentes mordidos por cães raivosos). Indica os principais produtos agrícolas: milho, trigo e vinho, algum azeite, fruta, castanha, sobretudo, etc.

- 235 FLORES, Joaquim Matoso d'Oliveira — *Contrastes da nossa terra*. BRFLUC, VIII, Coimbra, 1932, pp. 691-718.

Descrição geográfica de Fratel.

A casa e a horta — Ideal de independência.

Cultura da oliveira e suas dificuldades; cultura do linho; influências na expansão da cultura do trigo: pobreza do solo; divisão de propriedade; etc. Reflexos, no plano social, das obras da barragem da ribeira de Niza e da estrada de Proença.

- 236 FONTES, Joaquim — *Mem-Martins — Notas históricas e etnográficas*. EBJP, 3, Lisboa, 1943, pp. 291-312, 6 figs.

Notícias históricas desta aldeia. Menção de alguns traços da psicologia dos seus habitantes. Referência ao costume de pôr canas no milheiral, na noite de S. João. Descrição duma casa. Alimentação — a abstinência quaresmal. Fogueiras de S. João e S. Pedro. Romarias. O namoro e o casamento, o baptizado e o funeral. Indústria de mármore preto. Doçaria.

- 237 GAMA, C. Manuel Fonseca da — *Terras do Alto Paiva — Memória histórico-geográfica e etnográfica do concelho de Vila Nova de Paiva*. Lamego, 1940, 385 pp.

Além dos capítulos dedicados à história e geografia do concelho, contém frequentes elementos de interesse etnográfico, nomeadamente referências ao uso da capucha e uso da «mantilha» na Quaresma e em dias de «acompanhamento» e descrição dos trajos; trabalhos colectivos gratuitos e recíprocos: ceifas e malhas (da qual faz uma descrição muito viva), descamisadas do milho, *carmeadas* da lã, etc.; alimentação — carne de porco, broa e caldo; Natal — consoada, cepo do Natal, cantares dos Reis, romarias e votos (colectivos) — romagens com animais em torno da capela de St.º Antão; a pisões e a tamanqueiros; etc.

- 238 GARCIA, Alberto — *Monografia de Santo António do Couso*. Lisboa, 1948, 324 pp., 39 figs.

Além de outros assuntos de natureza económica, contém descrições muito pormenorizadas de formas de exploração da terra, contratos e salários, tipos de propriedade, de alfaias agrícolas, nomeadamente grades de dentes de pau (p. 69), carros, carretas, cangas, arados (p. 141-145). Praça dos ceifeiros,

e ceifas (p. 77-80); preparação das eiras, calcadas por rebanhos de cabras; sistemas de debulha de cereais — a mangual, a trilho, e por meio das patas de gado cavalari (p. 86-91 e 116); tipos de casa de habitação com a indicação das peças que constituem o seu recheio e do seu respectivo valor (p. 273); indústria do pinhão torrado (p. 281-283); vocabulário regional

- 239 GUIMARÃES, Oliveira — *Tagilde — Memória histórico-descritiva*. RG, XI, Porto, 1894, pp. 1-42 e 81.

Historia as origens de Tagilde e fala da população, apresentando um gráfico com a indicação das diferentes profissões. Descrição das principais culturas. Menção das alfaias agrícolas usadas, e de engenhos de linho. Salários; irrigação; pecuária. Com base nas Inquirições enumera as culturas usadas nos séculos XIII e XIV: centeio, milho miúdo, linho, vinho (produzido em vinhas de cepa, sendo pouco vulgar o de enforcado), castanhas, nozes, etc.

- 240 KRÜGER, Fritz — *Notas etnográfico-linguísticas da Póvoa de Varzim*, BF, IV, Lisboa, 1936, pp. 109-182.

Estudo bastante detalhado sobre âncoras de pedra, jangadas de cortiça e processos de recolha de algas.

A utilização da cortiça em diferentes ramos: aparelhos de pesca, utensílios de camponeses, aprestos da indústria caseira, etc.

Estudo dos moinhos de vento da região.

Vocabulário.

- 241 LANDEIRO, José Manuel — *O concelho de Penamacor na História, na tradição e na lenda*. Vila Nova de Famalicão, 1938, 257 pp.

Estudo monográfico de carácter histórico, paisagístico, etc. com um capítulo sobre lendas, e a descrição da procissão dos passos e de S. Jorge. Etc.

- 242 LEITÃO, Joaquim — *Guia ilustrado de Esposende*. Porto, 1908, 20 pp., 23 figs.

Breves notas sobre Esposende e Apúlia.

- 243 LEITÃO, Joaquim — *Póvoa de Varzim*. APV, III, 1, 1913.

Descrição do bairro piscatório (cerca de 1870) — «casinholos de pinho», vida na rua, a caldeira «comunitária» para o encasque, no meio da rua. A casa: leito de bancos ou beliche, lareira.

- 244 LEMOS, Álvaro V. — *A Lousã e o seu concelho (Monographia)*. Coimbra, 1951, 158 pp.

Este trabalho inclui um capítulo sobre etnografia e folclore, em que se refere aos habitantes (etnia, costumes e linguagem). Descrição do vestuário e de algumas alfaias agrícolas. Alusões à Serração da Velha, Ramos, Janeiras. S. João; romarias, jogos infantis, mortórios, Senhor Fora, lenda, descantes, festas, etc.

- 245 LIMA, Augusto César Pires de — *A freguesia de S. Tiago de Areias no concelho de Santo Tirso (Subsídios para uma monografia)*. DL, 1, Porto, 1940, pp. 5-56, 28 figs.
Toponímia e história. Textos. Usos e costumes. Confrarias. A escola. Povoamento antigo. Quadras toponímicas.
- 246 LIMA, Baptista de — *Monografia da Póvoa de Varzim*. Póvoa de Varzim, 1937, 192 pp.
Evolução administrativa da Póvoa de Varzim. Referências feitas à Póvoa por autores antigos e modernos. O Castro de Laundos e a Cividade de Terroso. Primeiros documentos que falam de casais em *Verasim*. Transcrição de alguns forais.
- 247 LOUREIRO, José Pinto — *Concelho de Nelas — Subsídios para a história da Beira*. Nelas, 1957, 364 pp.
História e evolução do concelho de Nelas. Forais.
O capítulo XIV respeita à etnografia, e contém alguns relatos de lendas, de procissões votivas e de banhos santos (extractos de Leite de Vasconcelos, art. da Revista Lusitana, vol. XXI p. 174). Quadras populares.
- 248 LOURO, P.º Henrique da Silva — *Monografia de Cardigos*. Cucujães, 1939, 110 pp.
Indicações de algumas antas em Cardigos. Resenha histórica de Cardigos. Inere um pequeno capítulo com apontamentos etnográficos em que fala do *Marouço* (pinheiro em volta do qual deitam mato e que se acende no dia de Entrudo à noite); das Janeiras; do Maio (verdura nas portas e janelas e crianças vestidas de flores, que fazem um peditório para o Maio). Quadras, provérbios e dizeres populares.
- 249 LOURO, M. F. do Estanco — *O Livro de Alportel*, 1, Lisboa, 1928, 181 pp.
Este volume é consagrado ao estudo da geografia, história e economia do concelho de Alportel.
Na parte concernente à história, encontram-se várias notícias sobre os diferentes povos que passaram pelo Algarve, dos seus costumes, vida económica e social, etc.
- 250 LOURO, M. F. do Estanco — *O Livro de Alportel*, 2, Lisboa, 1929, 285 pp.
A parte que respeita à vida económica contém elementos de interesse sobre a propriedade rústica e formas de exploração da terra, sobre mercados e feiras, etc.

A primeira parte é dedicada ao estudo da dialectologia e insere um extenso vocabulário regional. A segunda, versa temas folclóricos: romanceiro, orações, quadras de diferente temática, adagiário, ditos e comparações, imprecações e saudações, contos e lendas, ensalmos e medicina popular, adivinhas e jogos, e superstições várias e agouros.

Ao estudar os diferentes aspectos da vida social, fala da habitação — tipos fundamentais, materiais de construção correntes, e utensílios domésticos; da indumentária; da alimentação. Refere-se ao uso de amuletos e indica alguns usados na região.

Extracta notícias de documentos que aludem a costumes, reprimidos pela igreja, do uso de máscaras e troca de trajos entre os sexos, em saídas nocturnas de novenas, etc.; de «comer, bailar, tanger e cantar profanamente», em romarias, deitando-se depois dentro das capelas; etc.

Descrição dos serviços agrícolas. Indicação de alguns trabalhos feitos por ajuda recíproca: descamisadas do milho, limpeza de tapadas, etc. Apanha da azeitona e fabrico do azeite. Debulha de certas gramíneas, com um pau (aponta o não uso do mangual), e do trigo e cevada por meio das patas do gado (raramente com o trilho). Matança do porco; moagem manual, cozedura do pão — breves apontamentos —. Costumes relacionados com o casamento — passagem do cortejo sob arcos enfeitados com rendas, colchas, etc.—, e com a morte. Cantares das «Janeiras». Carnaval — figurações carnavalescas obscenas.

- 251 MAGALHÃES, Carlos Vidal Coelho de — *A antiga vila de Eixo — Apontamentos para uma monografia*. ADA, 104, Aveiro, 1959, pp. 243-290.

Descrição geográfica e origem e evolução histórica de Eixo.

No capítulo de Festas e costumes extracta Venâncio de Figueiredo que descreve as cavalhadas ou encamisadas — os homens, vestidos de damas ou com fardas, montados a cavalo, davam as corridas das «fogaças» ou «corrida do carneiro»: prendiam um carneiro pelos pés a certa altura do chão, e era disputado por aqueles; o que primeiro lhe cortava a cabeça (com espadeirões com que vinham munidos) ficava seu possuidor.

- 252 MARÇAL, Horácio — *Vilar do Pinheiro (concelho de Vila do Conde) — Subsídios para a sua monografia*. Porto, 1950, 252 pp., 12 figs.

A pp. 99-120 inclui um capítulo com notas sobre baptizados, casamentos e enterros.

Menção dos ovos tingidos, oferenda aos namorados na Páscoa.

Transcrição dum documento de 1692 que proíbe a representação de comédias ou autos, nos adros das igrejas, por ocasião das festas dos santos.

Relato de alguns costumes: magustos no dia de S. Martinho, esfolhadas, ramos de obra, etc.

Locuções e sentenças populares.

Crendices e superstições várias.

- 253 MARÇAL, Horácio — *Notícias históricas, etnográficas e folclóricas da freguesia de Labruje*. DL, Quinta Série, v-VI, Porto, 1953, p. 133-143.

Resumo histórico

Menção de alguns costumes próprios da Páscoa, ligados ao casamento. Notas sobre alimentação e culinária. Superstições várias. Descrição dum moinho do rio Labruje.

Vocabulário regional, e expressões correntes.

- 254 MARÇAL, Horácio — *S. Veríssimo de Paranhos (freguesia da cidade do Porto)* — *Subsídios para a sua monografia*. Publicações da C. M. do Porto — Gabinete de História da Cidade, xxv, Porto, 1955, 228 pp.

O trabalho divide-se em 4 capítulos. No primeiro foca aspectos geográficos, económicos, demográficos e administrativos; no segundo faz a descrição histórica desta freguesia; o terceiro descreve alguns costumes tradicionais, superstições e crenças, trajos, danças e canções, festas e procissões, cruzeiros e alminhas e doçaria popular, além dum vocabulário regional.

A despeito dos temas que versa, o capítulo sob o ponto de vista etnográfico, tem um interesse reduzido. A influência da cidade, obliterou parte dessas formas tradicionais de vida e de costumes.

O quarto trata de assuntos vários.

- 255 MARÇAL, Horácio — *Moreiró — Pitoresca aldeia da freguesia de Labruje (Vila do Conde)*. DL, Nona Série, II, Porto, 1959, pp. 241-284.

Notícias históricas de Moreiró; descrição geográfica e aspecto económico.

Menção de alguns usos e costumes: Dotes de partilhas; jogos infantis; trajos. Maneiras de falar regionais.

- 256 MARQUES, Mons. Pinheiro — *Terras de Algodres (Concelho de Fornos)*. Lisboa, 1938, 331 pp.

Estudo monográfico de carácter histórico, em que fala dos primitivos habitantes, da evolução e organização das terras de Algodres, do regime municipal, dos forais e justiças do concelho, do funcionamento das «Cameras», dos homens de acordo e direitos do povo, da organização social de salários de artífices e preços dos géneros; da demografia, da agricultura, etc. Menção de moinhos, malhas de centeio (a mangual), indústrias têxteis, lagares, cabradas, linho, etc. O capítulo sobre Usos e Costumes contém indicações sobre a alimentação, vestuário, jogos, danças mouriscas de pretos, carpideiras, casamentos, promessas de *noites veladas* (passadas inteiramente na capela do Santo), fogueiras do Natal, Entrudo (jogo da pucarinha e morte do galo), Quaresma (compadres e comadres), Ramos, Compasso, 3 de Maio (ramos propiciatórios nas casas e nos campos), S. João e S. Pedro (fogueiras e sortes divinatórias). Práticas de medicina popular. Bruxas.

Indicação das freguesias do concelho.

- 257 MARTA, Cardoso, MULLER, Adolfo Simões e VIANA, Salles — *Monsanto*. Lisboa, 1947, 64 pp., 45 figs.

Breves considerações sobre a paisagem, a aldeia, a casa, etc., com algumas notas descritivas de trajos, habitação, comércio por troca directa, Encomendação das Almas, canto das Janeiras, chorar o Entrudo, madeiro do Natal, etc. Cancioneiro (recolha de Sales Viana) — 22 músicas e letras de canções religiosas, de trabalho, coreográficas, etc.

- 258 MARTINS, Mário Resende, TEIXEIRA, José Fernandes de Sousa, e SILVA, Manuel Dias da — *Monografia da vila de S. João da Madeira*. Porto, 1944, 140 pp.

Apontamentos históricos. Notas descritivas relativas à agricultura e indicação das principais culturas (milho, centeio, batata, vinho e ervas). Indústrias e população.

- 259 MATOS, António de Oliveira — *Monografia do concelho de Mação*. Mação, 1947, pp. 303.

Monografia do concelho de Mação, de carácter histórico.

O capítulo intitulado «Aspectos etnográficos» contém algumas notas acerca da psicologia e hábitos de vida da gente dessa região; versos e notas da Encomenda das Almas; cânticos religiosos e profanos; lendas; etc.

- 260 MEIRA, Avelino Ramos — *Afife (Síntese monográfica)*. Porto, 1945, 153 pp., 20 figs.

Notícias sobre clamores (procissões que incluíam gente de várias aldeias, a determinadas capelas, por motivos de secas).

Breve descrição de um moinho de água e indicação dos moinhos e azenhas existentes na freguesia, muitos dos quais são de vários consortes. Refere-se ao trabalho da lavoura realizado pelas mulheres (quase que exclusivamente); à apanha do sargaço (também por estas), e à existência, antigamente, do «quadrilheiro» que ordenava o começo dessa faina, pela manhã.

Num capítulo dedicado à pesca, refere-se unicamente às «camboas» (recintos murados, apenas com uma abertura — a boca — que se fechava com uma rede, e que, na praia-mar, ficavam cobertas pela água).

No capítulo dedicado às profissões foca o papel do afifense na arte de estucar e decorar tectos, fornece elementos acerca da introdução em Portugal desta arte, e cita o nome de alguns artistas que mais se notabilizaram, e de alguns palácios sobretudo de Lisboa e Porto, em que estes trabalharam.

Dedica um capítulo ao traje, e faz uma descrição muito sucinta de 4 tipos: o traje de luxo; de *ir à erva*, de *ir ao sargaço*; e de *ir ao mato*.

No último capítulo fala de alguns costumes locais relacionados com a morte, o casamento, S. João (roubo de carros), Reisadas, Serração da Velha, ovos de Páscoa, etc.

- 261 MOREIRA, P.^o António Carlos — *Monografia de Parada de Todea (Concelho de Paredes) — Estudo genealógico e outros assuntos*. Porto, 1946, 150 pp.

Trata-se dum trabalho puramente genealógico. Apenas as págs. 142-143 insere uma pequena nota sobre arcos de festa, acompanhada de 2 fotografias.

- 262 MOREIRA, Vasco — *Terras da Beira — Cernancelhe e seu alfoz*. Porto, 1929, 354 pp., 39 figs.

Além da introdução, onde expõe a situação e limites do concelho, o livro divide-se em três partes: uma, respeitante ao conjunto do território onde, entre outros capítulos, trata das produções agrícolas — batata; milho, centeio, feijão, linho, cevada, nozes, trigo e castanhas; rebanhos de gado lanígero (25) que vivem na serra, descendo ao povoado apenas na época dos gelos e do Outono, alimentando-se então com as ervas do vale, pagas em *noites* de curral para estrumarem os campos. Comunitarismo agrário: a eira, forno, lagar e moinho comuns; guarda de rebanhos, tosquia de gados, apanha do linho, ceifa e debulha de cereais, exploração de baldios pelas pastagens, e utilização das correntes de água na rega dos campos. Como indústrias caseiras cita os pisões, fabrico de burel, usado no vestuário da região, e fabrico do linho.

Religião, lendas e superstições: Relato de algumas lendas de Mouras encantadas; descrição da prática supersticiosa, praticada na noite de S. João, junto dum carvalho que é rachado e amarrado depois de por ele haver passado a *criança quebrada*, a fim de a curar. A segunda parte diz respeito às freguesias, consideradas em particular; e a última, além das notas explicativas, transcreve documentos de forais, etc.

- 263 MOUTA, Maria da Luz — *Os Anjos — Freguesia de Lisboa*. EBJP, 44-46, Lisboa, 1957, pp. 41-123.

Monografia desta freguesia. Topografia, origem, formação e evolução. Primeiros habitantes. Demografia. Indústrias — olarias. Etc.

- 264 MURALHA, Pedro — *Monografias alentejanas — Cidade de Évora, Concelhos de Beja, Alcácer do Sal e Ferreira do Alentejo*, 1945, 364 pp.

Notas históricas e descritivas dessas localidades. A pág. 46 insere uns apontamentos sobre culinária e doçaria (Évora): queijadas de requeijão, manjar branco, doce que aparece em todas as grandes solenidades, escorcioneira, raiz de um arbusto da região que as freiras cristalizavam. A pág. 160-161 (Beja): açordas de alhos e coentros e carne de porco; *tengarrinhas*, cardos mansos que depois de esfolhados se comem com grão de bico, carne de carneiro e batatas. *Catacuses*, erva que se coze com feijão branco, ou se faz em esparregado. Almace, soro que na primeira pressão escorre dos queijos de cabra, é aquecido e comido com pão migado. *Água-mel*, hidromel que se come com pão e azeitonas. *Vinagrada*, sopa de verão, feita com azeite, ouregos, sal, vinagre e pepino ou tomate. *Queijo de leite atabafado*, queijo feito depois do leite

fervido resguardado do ar até que arrefeça. *Porquinhos de doce*, feitos de amêndoas, açúcar, ovos e chocolate. *Bolo podre*, farinha de trigo, mel e azeite. *Bolo folhado*, farinha de trigo, manteiga e açúcar.

- 265 NATIVIDADE, M. Vieira — *O Povo da minha Terra — Notas e registos de Etnografia alcobacense*. ATP, 3, Lisboa, 1917, pp. 97-166.

O Povo — resenha da história da acção do convento na vida do povo de Alcobaça.

Psicologia religiosa — a devoção a Santo António e a vários outros santos. Psicologia do amor — quadras populares e alguns costumes.

Psicologia social — Saudações e costumes diversos; crenças e superstições várias. Descrição da casa; dos trajos; da tecelagem e bordados. Arte pastoril. Panos de armar — panos bordados de enfeitar as casas pela Páscoa.

Romarias — A Senhora dos Enfermos: o jogo do frango; as fogaças e ofertas de círios; o leilão.

Bailaricos; notações musicais. Círios — descrição do cerimonial. Canções e quadras populares dispersas no texto.

- 266 NETO, Maria Teresa de M. Lino — *A linguagem dos pescadores e lavradores do concelho de Vila do Conde*, RPF, 1, Coimbra, 1947, pp. 60-152.

Situação geográfica e origem histórica de Vila do Conde.

Indicação das principais indústrias: pesca, rendas e estaleiros.

Pesca — tipos de embarcações; aparelhos e modos como são usados. Pescadores profissionais e lavradores-pescadores.

Psicologia do pescador e do lavrador. Religião, crenças e superstições.

Descrição da habitação. Alimentação. Traje. Casamento e morte. Festas populares.

- 267 NEVES, Serafim Gonçalves das — *Tradições marítimas da Azurara*. DL, Sexta Série, v-vi, Porto, 1954, pp. 105-131, 13 figs.

Azurara, centro piscatório e de construção naval. O comércio fluvial e marítimo. Notícias históricas e transcrição de documentos. A igreja de Azurara e o dizimo do pescado.

Lista dos homens do mar, pilotos, mestres de galeões e capitães de navios de Azurara, dos séculos XVI a XX.

Casas do facho (para sinais de alarme, em casos de inimigo ou piratas), e marcos ou sinais.

Navios e sua classificação.

- 268 OLIVEIRA, Carlos de — *Apontamentos para a monografia da Guarda*. Guarda, 1949, 360 pp.

Tem interesse para o estudo do pastoreio o foral que dava privilégio aos pastores da Guarda e seu termo, e da serra da Estrela, de não poderem ser *encoimados* nos campos e coutadas por onde passavam, quando iam para o Alentejo (1581).

- 269 OLIVEIRA, Francisco X. d'Athaide — *Monografia do concelho de Loulé*. Porto, 1905, 358 pp.

A p. 80 fala das *matamorras* (silos para cereais cavados no solo). A pp. 188-200 insere dois pequenos capítulos que tratam de superstições, lendas, crenças no poder mágico das benzeduras e no valor profilático da pedra de ara. Relato de lendas que se referem aos nomes de algumas freguesias do concelho. Versão do romance «A fonte das almas».. A pp. 290-325 faz a transcrição de um auto natalício, de 1659, acompanhado de uma versão actual.

- 270 OLIVEIRA, Francisco Xavier d'Athaide — *A monografia de Alvôr*, Porto, 1907, 273 pp.

A pp. 59-60 dá uma versão do romance «Dom Julião». A pp. 136-137 indica o nome de alguns aparelhos de pesca e o número de barcos existentes em Alvor e seu respectivo valor. A pp. 178-179 refere-se aos moinhos de mão (mós manuais), que descreve, apontando a sua larga difusão no Algarve, constituindo mesmo parte obrigatória do dote de casamento, e que são usados especialmente para triturar o milho para o *xerem*. A pp. 184-185 fala dum parentesco cerimonial ligado aos casamentos — as pessoas convidadas e que participam nessa festa, ficam *primas* durante os três dias que aquela dura. A pp. 190-215 insere relatos de lendas, casos de bruxaria, superstições várias, e assuadas a viúvos que voltam a casar.

- 271 OLIVEIRA, Francisco Xavier d' Athaide — *Monografia do concelho de Vila Real de Santo António*. Porto, 1908, 297 pp.

A pp. 32-33 refere-se aos moinhos de pedra manuais e faz a descrição dum. A p. 167 dá notícia de alguns privilégios régios de que gozavam os pescadores algarvios. A p. 208 indica o nome de alguns aparelhos de pesca. A pp. 209-217 fala dos descantes populares, transcreve algumas quadras, menciona algumas superstições e faz o relato de lendas e casos de bruxaria.

- 272 OLIVEIRA, Francisco Xavier d' Athayde — *Monografia de Estombar, concelho de Lagoa*. Porto, 1911, 244 pp.

Contém um capítulo sobre costumes, lendas e superstições. Refere-se às festas dos Santos de Junho e aos mastros enfeitados dessa quadra, encimados pelo santo festejado, feito de massa, ovos, açúcar, ervas aromáticas, etc., à volta dos quais se dança, e que são comidos no fim da festa.
Relatos de lendas e superstições várias.

- 273 OLIVEIRA, Francisco Xavier d'Athaide — *Monografia da Luz de Tavira*. Porto, 1913, 235 pp.

A p. 41 refere-se ao costume de assinalar com uma cruz o local onde alguém morreu de acidente, e junto da qual as pessoas ao passar atiram uma pedra. A pp. 202-207 alude ao costume de andarem grupos a cantar versos ao

Menino no Natal e a cantar os Reis; 14 quadras populares e um romance. Fala também dos mastros de S. João, enfeitados com flores e com a imagem do Santo, feita de massa cozida no forno, colocada no cimo.

- 274 OLIVEIRA, Manuel Ramos de — *Celorico da Beira e o seu concelho — Através da História e da Tradição*. Celorico da Beira, 1939, 311 pp.

Estudo monográfico. Contém um capítulo sobre «Usos e costumes», com versos das Janeiras e notas acerca de compadres e comadres do Carnaval, festas do S. João e S. Martinho, alimentação, indumentária, superstições várias, etc.

- 275 PAULO, Amílcar — *Freixo de Espada à Cinta — Subsídios para o estudo antropogeográfico e etnográfico do concelho*. DL, Nona Série, IV, Porto, 1959, pp. 779-810.

Descrição geográfica; indicação dos componentes da população; problemas acerca das origens étnicas do povo português.
Orações dos judeus.

- 276 PEREIRA, P.^o Eduardo C. N. — *Ilhas de Zargo*. I (2.^a ed.), Funchal, 1956, 609 pp., 207 figs.

Monografia em que são estudados em profundidade os assuntos concernentes ao descobrimento das ilhas, da Madeira e Porto Santo, geografia, flora, fauna, caça, colonização, agricultura, clima, irrigação, viação, o mar, população e arte. No capítulo respeitante à fauna, fala da aplicação das lãs para tecidos caseiros, dos sinais com que são marcados os diferentes rebanhos, e do aproveitamento das peles de cabra para o fabrico de *borrachos* (odres em que transportam o vinho) a que atribui origem mourisca, e de *botas de vilão*. No capítulo que estuda a colonização, fala dos privilégios e regalias e importância dos Donatários; das sesmarias — arroteamento de terrenos feitos pelos mouros, escravos e degradados; e da vinculação — relações de sujeição para com os morgados; *direito de Senhor*; etc. Na parte respeitante à agricultura, descrevem-se regimens de exploração agrícola, alfaias, vindimas, lagares feitos de troncos escavados, ceifas e debulhas de cereais, refeições colectivas em dias de adiafa, *matamorras* (celeiros escavados no chão das habitações), processos de moagem de cereais — azenhas, moinhos de vento, atafonas, mós manuais e cochos ou pisão ou pilão; processo manual do fabrico do pão; etc.

- 277 PEREIRA, Eduardo C. N. — *Ilhas de Zargo*. II (2.^a ed.), Funchal, 1957, 784 pp., 370 figs.

Levadas, distribuição das águas e regimens de rega.
Origens étnicas das populações da Madeira e Porto Santo; tipos de raça dominante e atributos físicos. Psicologia; divisão da Madeira em dois grupos distintos: a do norte, de nítida influência minhota e beiroa, alegre e comunicativa; a do sul, oriunda de alentejanos e algarvios, concentrada e triste. Psicologia dos pescadores (que constituem um grupo fechado, com padrões

de cultura próprios). Emigração. Habitação: casa urbana e cabana do camponês, de planta quadrangular e cobertas de colmo, com telhados muito inclinados; casas térreas e cobertas por uma camada de terra de *salão* (argila amassada com água) de Porto Santo. Religião. Festas e romarias; danças processionais e arraiais, Festas cíclicas: Páscoa (ovos de Páscoa); Espírito Santo; S. João (práticas propiciatórias que têm lugar neste dia); 1.º de Novembro (Pão por Deus); S. Martinho; Natal (tradições ligadas a este dia, e autos de Natal); Reis; Carnaval; Serração da Velha. Ritos de passagem: costumes e superstições ligadas ao nascimento, namoro, casamento e morte. Trajo regional (origem continental destes). Danças e bailados.

- 278 PEREIRA, Félix Alves — *Notícia sumária acerca do Soajo*. EAM, xv-xvi, Lisboa, 1914, pp. 7-35.

Notas sobre a agricultura — descrição das *brandas*. População e emigração. Descrição da situação geográfica do Soajo. A vila e o pelourinho. Lendas sobre o Soajo. Relato de brigas, resolvidas à paulada entre os soajeiros e os vizinhos; oposição do soajeiro à legislação da vila dos Arcos. Obrigações e privilégios As queimadas feitas nos montes maninhos para renovo de pastos. Descrição dum tipo de trajes, todo de burel branco, com vivos escuros, nas costuras e outros.

- 279 PEREIRA, Félix Alves — *Colheitas etnográficas em Valdevez*. EAM, xx, Viana-Valença, 1918, pp. 5-41.

Tradições várias do concelho dos Arcos, de carácter supersticioso, referentes a partos e gravidez. Práticas propiciatórias metereológicas. Lendas. Mouras. Promessas e romarias. O culto a S. Frutuoso. Culto dos mortos. Quadras populares. Descrição das cavalhadas municipais no dia de S. João, no dia do Anjo Custódio e Corpus Christi. Adágios, adivinhas e frases estereotipadas. Ritos de passagem: casamento, maternidade, e vida infantil. Medicina popular. Superstições ligadas com a alimentação. Ensalmos. Literatura poético-popular. Benção e esconjuros do pão.

- 280 PEREIRA, Maria Palmira da Silva — *Fafe — Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. RPF, III, IV e v, Coimbra, 1952, 319 pp., 137 figs.

Psicologia e religião dos fafenses.

Menção da *vezeira*, de ovelhas e cabras, guardada à vez.

Habitação — alguns tipos de casas; descrição mais detalhada da cozinha e de algum dos seus utensílios: trafogueiro, gramalheira, etc.

Alimentação — caldo e broa (base), «presigo», sardinhas ou bacalhau, batatas e feijões.

Trajo — descrição do traço masculino e feminino.

Formas de tratamento, de saudação e de agradecimento.

Actividade agrícola — modos de preparar a terra para receber as sementes; principais culturas: milho, centeio e batata (designada aqui também por «castanha da Índia»).

Alfaías agrícolas — descrição e nomenclatura dos arados (de pau, de ferro, de margiar, subsolador e seitoro), de jugos e cangas, grades, zorras, carro de bois, mangual, forcados e gadanho.

Edifícios anexos da lavoura — espigueiros, de pedra com balaústres de madeira, e canastos de vergas, para guarda das espigas do milho; alpendres com «ladrilho», onde o milho é malhado; moinhos de água.

Pesca — redes (tralho, barredoira e chumbeira, e nassas).

Indústrias caseiras — confecção de tranças e fabrico de chapéus de palha; casca de carvalho, triturada num engenho rudimentar puxado por bois, para curtumes; manufacturas da lã e do linho (indicação das diferentes fases de fabrico e dos objectos que nele intervêm).

Madeiro do Natal — menção do costume na região.

Crenças e superstições — bruxas, possessos e almas do outro mundo, defumadoiros, plantas de virtudes.

Medicina popular. Metereologia popular — previsões do tempo. Contos, rezas e cantigas, com algumas notações musicais.

- 281 PICÃO, José da Silva — *Através dos campos*. 2.^a ed., Lisboa, 1947, 369 pp., 35 figs.

Topografia, divisão territorial, arrendamentos, etc., de uma região do concelho de Elvas. Descrição da habitação, mobiliário e anexos, ligados à actividade agrícola e pastoril. Os montados — árvores, tratamentos e produtos. Pessoal que uma lavoura ocupa — especificação das suas atribuições respectivas. Alimentação — comida habitual e refeições especiais, próprias de dias festivos — Carnaval, Páscoa, Ascensão, Santos, etc.

Costumes tradicionais ligados ao nascimento, casamento e morte. Entrudo — os Compadres e as Comadres do Carnaval.

Serração da Velha — simulacro de serração da velha mais rabugenta da localidade; testamento burlesco.

Os «ratinhos» — organização desses bandos migratórios beirões, para o Alentejo, na época das ceifas. Ajustes, alimentação, trabalho das ceifas.

Alfaías agrícolas — indicação minuciosa, descrição e nomenclatura.

Lavoura — animais e instrumentos empregados. Alqueives. Sementeiras. Mondas. Colheitas.

Debulhas — descrição de quatro sistemas usados: debulha por éguas, debulha a trilho, debulha a mangual, e debulha à máquina. Limpeza do cereal ao vento.

- 282 PIMENTEL, Alberto — *Santo Thyrsos de Riba d'Ave*. Santo Tirso, 1902, 352 pp., 12 figs.

A p. 31 menciona uma fórmula simbólica de posse. A pp. 61-73 insere algumas quadras populares alusivas ao rio Ave e a Santo Tirso. A p. 77, breves notas sobre o traje. Em pp. 213-249 fala de vestígios árabes na toponímia; de superstições várias relacionadas com a gestação, nascimento e morte; do costume de roubar alfaías e levá-las para o adro da igreja no S. João; descrição das diferentes fases da cultura do linho, etc. Acerca das malhas do concelho, fala da disposição dos malhadores e dos nomes específicos que estes levam conforme o lugar que ocupam; do simulacro de captura do patrão,

que é atado de pés e mãos com palha de centeio, e libertado pela oferta àqueles de um cântaro de vinho; do cortejo em que três rapazes seguem debaixo de uma espécie de pálio, improvisado com os manguais e um lençol, que se dirige à cozinha, disputando aqueles às cozinheiras as panelas em que está cozinhada a merenda, e que são transportadas para o meio da eira; rivalidade sexual: os malhadores procuram esconder sob a eirada do centeio alguns molhos — os *engeitados* — que não foram soltos, e que as mulheres procuram impedir; quando o não conseguem, esses molhos são então vestidos com roupas velhas e pendurados nas árvores mais altas e constituem um forte motivo de troça para as mulheres. Refere-se também aos *embuçados* que aparecem nas esfolhadas; à caça dos piogardos — brincadeira em que se troça da credulidade dos ingênuos —. Quadras alusivas ao *malhão*. Pregões de peixeiras. Lendas. Etc.

- 283 PINHO, Margarida Rosa Moreira de — *Elementos para a história de Castelo de Paiva*. Coimbra, 1946, 119 pp.

Estudo histórico de Castelo de Paiva, com um capítulo sobre etnografia: agricultura, linho, ladainhas para propiciar a chuva, «conhecença» (medida em forma de rabo de porco, cavada na igreja, para a cônica da matança), etc.

- 284 PINTO, Maria Luísa Carneiro — *Por terras de Baião*. Porto, 1949, 204 pp.

A pp. 119-120 insere umas breves notas sobre a habitação rural e mobiliário. A p. 124 encontram-se referências a doces regionais com formas zoomórficas e antropomórficas.

A p. 134 aponta os costumes dos noivos passarem sob arcos floridos, ao lado dos quais colocam a ferramenta da profissão do noivo, e uma roca, para a noiva, e que estes usavam, cerimonialmente, por momentos.

A pp. 150-154 alusões aos serões e à Chula.

A pp. 154-158 fala das Comadres e Compadres do Carnaval — rivalidade dos dois grupos sexuais.

Pequeno cancionero.

Relato de algumas lendas.

- 285 REDOL, Alves — *Glória — Uma aldeia do Ribatejo*. Barcelos, 1938, 214 figs.

Ensaio monográfico.

Descrição sumária e nomenclatura do carro de bois e de algumas alfaias agrícolas: charrua, grade, malho, forcados, etc.

Indicação do processo usado na extracção da cortiça e de algumas das suas aplicações: cortiços de abelhas, tropeços (bancos); berços, etc.

A casa — sistema de construção: taipa e adobe; tipo regional corrente: de um só piso com chaminé na parte frontal e habitualmente com três divisões interiores.

Fornos do pão — menção de dois tipos: um, integrado no edifício, lateralmente; outro, isolado.

Descrição do traje de homem e de mulher (4 saias com fita estreita a toda a volta, blusa ornada de fitas e rendas ou bordados, avental, lenços com ramagens, faixa à cinta, meias sem pé).

Objectos decorados que constituem não raro prenda de namorados: bicos de descamisar, bolsas de relógio, lenços e carteiras com bordados a ponto de cruz, azeiteiros, etc.

Jogos infantis.

Teatro — reconstituição do auto «o Bicho do Entrudo», representado pelo Carnaval.

Notas sobre a psicologia da gente desta terra. Danças.

Glossário.

- 286 RESENDE, P.^e João Vieira — *Monografia da Gafanha*. 2.^a ed., Coimbra, 1944, 364 pp., 26 figs.

Origem do topónimo da Gafanha.

Notícias históricas acerca do povoamento da Gafanha, iniciado nos fins do século XVII.

Costumes e superstições ligados ao nascimento e baptizado: Compadrio, pratos cerimoniais, etc. Casamentos: Trajo de casamento. Óbitos: Pranto em que se rememora a vida do morto; costume de prender ao pescoço do morto uma moeda. Cruzeiros e alminhas.

Indicação das companhas da xávega que laboraram na Costa Nova e S. Jacinto; referências à alagem das redes a braço (1808) e à sua substituição pela tracção com gado bovino. Nomes das redes de pesca da Ria.

Notas estatísticas dos barcos da Ria — tipologia e tonelagem.

Origem e formação da Costa Nova, a partir da fixação nessa praia das companhas da xávega.

Notas sobre a habitação. Casas de madeira e casas de *adobos de palhão*, sua implantação e mobiliário. Assinala o costume dos filhos dormirem fora de casa, nas proas dos barcos ancorados na Ria, ou nas proas dos barcos, cortadas e instaladas nos pátios para esse fim.

Alimentação.

Algumas formas de exploração agrícola.

Notas sobre a debulha a mangual.

Descrição do carro de bois.

Fabrico de adobos.

Troca de terrenos por géneros.

Descrição do traje de mulher e de homem.

Cumprimento de promessas e novenas em que, a pedido do promitente, tomavam parte várias pessoas, e às quais serviam papas e tremoços, e que acabavam em danças e cantares ao desafio. Crenças e superstições várias.

- 287 RIBEIRO, António Lopes — *Monografia da freguesia de Reguengo Grande (Concelho da Lourinhã)*. AISA, XI, Lisboa, 1940, pp. 49-215, 30 figs.

Embora de carácter agro-económico, contém informações sobre sistemas de elevar a água de rega (cegonhas e represas), produções agrícolas e

divisão de propriedade, fabrico de vinho, culturas de milho e trigo, alfaías agrícolas.

Estudo monográfico de 4 pequenas unidades económico-sociais: 1) trabalhador temporário; 2) Trabalhador permanente; 3) proprietário jornaleiro; e 4) pequeno proprietário. Tipos de habitação respectivas, família e orçamento.

- 288 RIBEIRO, José Diogo — *Turquel folklórico*. RL, XX, Lisboa, 1917, pp. 54-80; XXI, 1918, pp. 280-315.; XXII, 1919, pp. 115-137.

Entidades estranhas — Bruxas e feiticeiras, lobishomens, moiras encantadas, almas errantes, espíritos, visões.

Agoiros e maus influxos; dias aziagos; malefícios; revelações, presságios. Metereologia popular. Práticas devotas (oração do pão). Medicina e profilática. Amuletos.

Rezas e ensalmos, contra a erisipela, dentes, mudez; etc.

Descrição de festas religiosas, e procissões, de vigílias (colações nas igrejas) e oferendas aos santos.

Fabrico do pão. Alimentação.

Notas sobre baptizados, casamentos e enterros.

Formas de tratamento.

Menção de instrumentos musicais e brinquedos infantis, feito, pelos pastores.

Salários dos jornaleiros.

Trabalhos colectivos. Colheita da azeitona; adiafa.

Fórmulas populares de tomada de posse; sinais convencionais de defesa de propriedades.

Notas sobre a habitação.

Descrição do traje masculino e feminino.

Diversões e folias. Breves notas sobre o Entrudo, Serração da Velha, Maios, S. João, Escamisadas, Todos os Santos; feiras e romarias; serões.

Lendas religiosas e profanas.

Parlendas infantis.

- 289 RIBEIRO, Margarida — *Estudo histórico de Coruche*. Lisboa, 1959, 317 pp., 70 figs.

Toponímia de Coruche e Sorraia. Comentários sobre a lenda galo-céltica da fundação desta vila. Origens (romana e dominação árabe). Povoamento.

Propriedade rústica e urbana. Documentos.

Dedica um capítulo à etnografia, no qual regista algumas superstições, mezinhas, crendices, uso de amuletos; fala da vida social, nomeadamente do casamento; contratos sociais; festas e feiras; vestuário; expressões vocabulares, etc.

- 290 ROQUE, Joaquim — *Alentejo Cem por Cento*. Beja, 1940, 179 pp., 33 figs.

Monografia etnográfica sobre Peroguarda.

Descrição da casa, objectos de usos doméstico, trajo masculino e feminino, etc.

Referência a indústrias de tijolos, ladrilho, e telha de barro.
Formas de comércio — troca directa de produtos, pregoeiro, etc.
Transportes — carros.
Cantigas populares tópicas, coreográficas, amorosas, de escárnio, etc.
4 décimas. Lendas. Superstições. Jogos. Notas de coreografia. Romarias e festas.
Festas cíclicas: Janeiras e Reis, Páscoa, Encomendação das almas, Serração da Velha, Maias, etc.
Casamento.
Matança do porco. Festas da «adiafa». Etc.

- 291 SANTOS, Maria Amélia Machado — *O Barranco do Velho — Tentativa de estudo duma pequena região portuguesa*. BRFLUC., Coimbra, 1932, pp. 190-204.

Modos de exploração do solo.
População. Costumes.
Indústrias caseiras: colheres de medronheiro e urze; linho grosso; queijos da serra; esteiras, capachos, alcofas e golpelhas de empreita de palma.
Habitação.

- 292 SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigues dos — *Estudo antropológico e etnográfico da população de S. Pedro (Mogadouro)*. TAE, II, 2, Porto, 1924, pp. 85-186, 20 figs.

Descrição da casa de habitação; alimentação; forno comunitário; vestuário; principais produtos agrícolas; nomenclatura do arado e do carro de bois; de armadilhas e processos de caça; de redes e nassas de pesca e do modo como são utilizadas. Ritos de passagem: nascimento, casamento e morte. Superstições várias. Medicina popular. Vocabulário. Quadras populares.

- 293 SEARA, Francisco José Ribeiro — *Bosquejo histórico da vila de Valongo e suas tradições*. Santo Tirso, 1896, 24 pp.

Notícias históricas de Valongo.
Descrição de uma cavalhada, relacionada com a festa de Santo António.

- 294 SERRANO, Francisco — *Elementos históricos e etnográficos de Mação*. Ferreira do Zêzere (1935?), 220 pp.

Notícias históricas referentes a indústrias locais (pisões); posturas municipais. Referências às *travelas* (espécie de rosca tradicional específica do dia da procissão dos Passos). Oferendas rituais aos Santos: a miga a S. Bento, *merendinhas* a S. Francisco, pedras a S. Miguel, e paios a Santo António. Rivalidade e lutas entre grupos de rapazes. Fogueiras. Serração da Velha; a quinta-feira das «comadres» e dos «compadres» do Carnaval; jogos desportivos; caqueiradas; lendas; etc.

- 295 SILVA, José Luciano de Figueiredo Lobo e — *Cever do Vouga*. Porto, 1906, 215 pp.
- Inclui um capítulo sobre costumes, que contém apontamentos sobre cantigas das Janeiras e dos Reis, e de algumas festas cíclicas: S. João, menção de fogueiras, sortes e travessuras, Natal, romarias, romagens feitas com o gado em torno de capelas. Relato de superstições várias.
- 296 VALE, José Manuel Malheiro — *A linguagem de Mouraz*. BRFLUC, x, Coimbra, 1934, pp. 297-330.
- Situação geográfica. Esboço histórico. Vida económica, social e religiosa. Ensalmos. Jogos e divertimentos, festas religiosas. Ofícios e instrumentos, superstições. Fabrico do azeite e trabalhos do linho.
- 297 VASCONCELOS, J. Leite de — *Memórias de Mondim da Beira. Para a história do concelho deste nome*. Lisboa, 1933, 470 pp., 151 figs.
- O trabalho aborda temas de geografia, arqueologia e sobretudo história, respeitantes ao concelho de Mondim da Beira, e insere algumas notícias económicas e etnográficas. Destas, destacamos as menções que se encontram a pp. 32, 128 e 272, a mós de rebolo, manuais e moinhos de água; a pp. 9, 54, 127, 184 e 212, a casas com tectos de colmo; pp. 184, 266, 269-270 e 405, a socos; pp. 407, a algumas aplicações culinárias de castanha pilada; pp. 9, 171-172 e 196, especialmente nesta última, à capucha e seu uso; pp. 270, a algumas redes e processos de pesca; pp. 130-131, à indústria da seda — oferta a alguns santos dos primeiros casulos do ano, como ex-votos; pp. 437, à feitura de cestos pelos monges, como forma de medir o tempo; etc.
- 298 VERNEX, Jorge — *A Serra de Serpa — Ensaio de monografia social*. Porto, 1944, 44 pp.
- Referências às casas da região e aos materiais de que são feitas; a feiras ou praças de ceifeiros, de Vale dos Mortos. Posição dos ceifeiros no acto das ceifas.
- 299 VILARES, João Baptista — *Monografia do concelho de Alfândega da Fé*. Porto, s/d.
- Situação geográfica e limites do concelho. Ao referir-se às suas pequenas indústrias, menciona moinhos e pisões, lagares de azeite, etc.

VI — Ergologia

1. EDIFÍCIOS

1.1. EDIFÍCIOS PARTICULARES

1.1.1. CASAS DE HABITAÇÃO

- 300 ABELHO, Azinhal — *Roteiro lírico do Alentejo - Os Montes*. TL, 3, Lisboa, 1953, pp. 65-69.

O monte alentejano. Considerações. Lírica popular relacionada com o «monte». Nomes de «montes». História da construção dos «montes». A construção baixa; a casa de fora, o soto, as dependências, a chaminé larga. O «monte» da herdade; a casa dos ganhões.

- 301 ALVES, P.^e Francisco Manuel — *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*. x, Porto, 1938.

A p. 12-43 contém rifões e locuções populares, referentes à agricultura e economia doméstica, à alimentação, ao casamento, à medicina, aos meses e suas características, etc. A p. 71-74 enumera e descreve algumas siglas de canteiros. A p. 77-264, menciona a proveniência dos onomásticos geográficos do distrito. A p. 271-273, descrição da casa trasmontana. A p. 347-585, 511 quadras populares, romances e cantigas. A p. 615-616, cita Viterbo (Elucidário) que se refere a documentos aparecidos em São Ceriz, que falam do uso do freio dos maldizentes e dos cordéis para sacudir a geada dos cereais. A p. 634, alguns casos que o povo considera de mau agouro. A p. 634-635, alcunhas. A p. 639, breves notas sobre almas penadas, almas do outro mundo e espíritos malignos. A p. 639-643, relato de algumas superstições relacionadas com o baptizado, e de costumes relativos ao casamento. A p. 644-645, relação da lenda das duas panelas com o caso de Alauros e Pandroso. A p. 645, referências a feiticeiras e relação entre estas e os maus génios pagãos chamados Antitheos. A p. 645-646, indicação de algumas localidades onde ainda se faz a Festa dos Rapazes. A p. 646-647, relação entre o costume do uso da vela e tochas nos funerais. e o costume primitivo romano de fazerem os enterros de noite, à luz de archotes. A p. 647-648, algumas pragas colhidas em Bragança, correntes entre os judeus. A p. 648-650, breves notas sobre lendas e sobre o direito consuetudi-

nário do *fogo morto*. A p. 651-653, notas sobre medicina popular. A p. 655-657 costumes e práticas votivas: romagens de gados em volta de capelas, etc. que relaciona com práticas pagãs. A p. 657-659, notas sobre o culto ofiolátrico. A p. 660-665, mandamentos do vinho, Padre nosso dos borrachos, quadras alusivas ao vinho, e anedotas respeitantes à sua valentia. A p. 780-784, notícias sobre alguns pelourinhos. A p. 829-832, menção de algumas assinaturas por siglas.

- 302 ARAÚJO, José Rosa de — *Os portais da Ribeira Lima*. MCP, III, 29, Lisboa, 1948, p. 9.

Notas sobre alguns portais rústicos e solarengos desta região.

- 303 AZEVEDO, António de — *Como eram cobertas as casas redondas da citânia?* RG, LV, Guimarães, 1945, pp. 172-182, 7 figs.

Defesa da tese da cobertura em forma de falsa cúpula.

- 304 BAKER, C. Alice — *Um verão nos Açores e a Madeira de relance*. BIHIT, 17, Angra do Heroísmo, 1959, pp. 191-151.

Notas de viagem. Referências a trajos, carros, secagem de milho, cura de tremoços por imersão no mar; casas, linho, dança, etc. (Açores).

- 305 BARREIRA, João — *A habitação em Portugal*. NPENRJ, Lisboa, 1909, 2, pp. 148-178, 50 figs.

Esboço sobre a habitação em Portugal. Embora faça alusão a certas formas rurais, foi a casa urbana que mais prendeu a atenção do Autor. Além de influências de natureza histórica, relaciona a habitação, fundamentalmente, com as condições naturais.

- 306 BASTO, E. A. Lima e BARROS, Henrique de — *Inquérito à habitação rural*. 1, Lisboa, 1943, 445 pp., 261 figs.

Este trabalho pretende explicar, através da análise de alguns exemplos, as condições económicas e habitacionais dos trabalhadores agrícolas e dos pequenos agricultores, nas três províncias nortenhas: Minho, Douro Litoral e Trás-os-Montes e Alto Douro.

Minho — Aspectos da propriedade e formas de exploração agrícola; diversidade da província: o Minho litoral e o Minho interior; o primeiro, de grande densidade demográfica, muito dispersa, o segundo, de povoamento menos denso e mais aglomerado. Agricultura intensiva e relevância do milho sobre as outras culturas. Características da viticultura minhota. A pastorícia como actividade dominante no Minho interior, associada a uma agricultura em grande medida feita pelas mulheres. Características da habitação: descrição de 13 casas e inventário de todo o seu recheio, acompanhada de mapas orçamentais de receitas e despesas anuais, respeitantes a cada agregado familiar a que pertencem as casas estudadas.

Douro — Semelhanças com o Minho. Diversidade da província; a região demarcada, em que domina a empresa capitalista, e o Douro Litoral em que a exploração das terras se faz por intermédio de pequenos rendeiros. Importância que neste último caso assume o gado, no plano económico. Apontam a analogia entre a habitação do Douro Litoral e a do Minho e descrevem 4 casas que consideram tipicamente regionais, acompanhadas, como no caso minhoto, de inventários de recheio e mapas orçamentais de receitas e despesas respeitantes às famílias a quem elas pertencem.

Trás-os-Montes e Alto Douro — Diversidade da província: A terra quente e a terra fria; a primeira, de aldeias compactas e isoladas por grandes extensões desertas; a segunda, de povoações mais próximas em que a descontinuidade populacional é frequentemente quebrada pela presença de moradias isoladas, e de maior densidade demográfica. Formas de cultura extensiva; importância da viticultura; etc. Estudo descritivo de 21 casas; inventário do seu respectivo recheio; mapas orçamentais de receitas e despesas anuais referidos às famílias a que elas pertencem.

- 307 BELLINO, Albano — *Habitação urbana (Braga e Guimarães)*. P, 1, Porto, 1903, pp. 613-618, 11 figs.

Pequeno estudo das casas de Braga e Guimarães, em que destaca alguns elementos: gelosia e janelas de caixilhos móveis, beirais salientes assentes em cornija de pedra ou em frisos de várias ordens de telha, grades de varanda, em madeira, etc.

- 308 BIERHENKE, Wilhelm — *Observaciones sobre la cultura popular del Bajo Algarve* (Publicaciones de Real Sociedad Geografica, Série B, n.º 307). Madrid, 1953, 24 pp., 12 figs.

Estudo da casa do Baixo Algarve, e descrição das peças mais importantes do seu mobiliário. Distribuição das propriedades e sistemas de rega — origem muçulmana. Alfaias agrícolas. Ceifas. Eiras pisadas por cabras. Debulha a sangue. Moinhos de mão. Indústria esparteira.

- 309 BRAGA, Alberto Vieira — *Curiosidades de Guimarães*. RG, LXIX, Guimarães, 1959, pp. 161-302, 24 figs.

Estudo sobre ruas, casas, muralhas, torres, décimas camarárias e direitos paroquiais.

- 310 BRAGA, Alberto Vieira — *Curiosidades de Guimarães*. RG, LXXI, Guimarães, 1961, pp. 287-374, 19 figs.

Em traços rápidos fala do povo, da lavoura, dos costumes, dos folguedos e das festas. Trata desenvolvidamente do regime que governa o concerto económico e social das freguesias rurais, descreve alguns tipos de casas rurais e mobiliário da cozinha; fala da alimentação e descreve com grande pormenor o traje, respigando notícias em testamentos e outros escritos antigos que lhe fazem alusão.

- 311 CARDOSO, Mário — *Arquitectura citaniense (O problema das casas com tecto de abóbada)*. MOIMER, I, Braga, 1946, 10 figs.
Tentativa de reconstituição das casas castrejas com falsa cúpula.
- 312 C., M. — *Páginas inéditas de Félix Alves Pereira*. RG, XLVIII, Guimarães, 1938, pp. 137-150 e 277-282; XLIX, 1939, pp. 35-41 e 103; e LI, 1941, pp. 27-49 e 328-330, 33 figs.
Estudo das casas castrejas: forma, dimensões, entradas, labores da soleira e ombreiras, acessórios interiores da habitação, coluna central, pavimento, etc.
- 313 CARVALHO, José L. Brandão de — *Elementos decorativos*. MCP, II, 20, Lisboa, 1948, pp. 13-14.
Notas sobre portas ornamentadas.
- 314 CASTELO-BRANCO, Fernando — *Aspectos da casa alentejana*. MCP, XI, 129, Lisboa, 1957, pp. 6-7, 5 figs.
Considerações acerca de alguns elementos da casa alentejana: varandas de ferro forjado, chaminés e mirantes.
- 315 CASTELO-BRANCO, Fernando — *Subsídios para o estudo da casa alentejana — Chaminés das casas de Borba*. MCP, XII, 144, 1958, pp. 14-16, 8 figs.
Considerações sobre a variedade decorativa das chaminés de Borba e o papel que representam na arquitectura tradicional.
- 316 CASTELO-BRANCO, Fernando — *José Leite de Vasconcelos — Páginas Olisiponenses*. Lisboa, 1959, 314 pp.
A p. 189-211 insere um capítulo em que estuda os pátios de Lisboa, e apresenta um programa de estudo do Santo António nas tradições populares.
- 317 C., C. da — *A casa rural micaelense*. RI, VIII, Ponta Delgada, 1952, pp. 431-433.
Nótula sobre a casa rural de S. Miguel; descrição da sua planta interior e indicação do seu mobiliário.
- 318 C., C. da — *Etnografia agrícola — A casa rural açoriana*. CRCAA, 27-28, Ponta Delgada, 1958, pp. 97-98.
Introdução a quatro trabalhos sobre a casa rural dos Açores.

- 319 CHAVES, Luís — *A arte popular, aspectos do problema*. Porto, 1943, 131 pp.

«No primeiro capítulo o Autor discorre sobre arte popular, interpretando o que por tal se pode entender. No segundo, ao tratar da casa portuguesa, o Autor mostra que tal designação não tem sentido. O que há é a casa regional, relacionada com o ambiente natural... que não há a bem dizer, a casa trasmontana ou a casa algarvia. No terceiro capítulo refere-se ao trajo popular, mostrando a relação que há entre o que o povo veste e o meio. A seguir fala sobre as artes caseiras, depois sobre nichos e capelinhas, «alminhas», cruzeiros, etc. Por fim faz considerações sobre os barcos e os carros rurais». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 320 CORREIA, Vergílio — *As cabanas de Assafarja*. AORP, VII (2.^a série), Porto, 1915, pp. 38-45, 5 figs.

Descrição duma romaria a Santo Amaro (Carvalhães), no alto do Monte, onde existem também umas cabanas toscas, em falsa cúpula.

Procura estabelecer a origem orgânica destas cabanas, cujo método de construção filia numa remota tradição popular, que alcança os tempos pré-históricos, e os monumentos do fim do neolítico. E faz a sua descrição, dividindo-as em três tipos: rectangulares, quadradas e redondas.

Refere-se ainda às cabanas da zona raiana de Trás-os-Montes, de Marvão e Castelo de Vide, do concelho de Sintra, etc.

- 321 CORREIA, Vergílio — *Chaminés do sul*. ATP, 2, Lisboa, 1916, pp. 21-27.

Descrição de um cozinha alentejana, que compara às romanas. A questão das chaminés romanas. A chaminé alentejana; o trafogeuero isolador, sob a forma de «boneca», que J. Leite de Vasconcelos toma como vestígios de Lares. Bonecas de ferro de casas nobres.

Classificação das chaminés portuguesas, quanto à base e forma. Chaminés de casas nobres que depois originaram tipos populares; chaminés que são miniaturas de torres de igreja, pombais, etc. Tipos de respiradouros naturais. Ornatos, esgrafitos, inscrições. Menção da infinita variedade de formas das chaminés do Sul.

- 322 CORREIA, Vergílio — *Etnografia artística*, Porto, 1916, 149 pp., 109 figs.

A obra contém 11 capítulos que consideraremos separadamente:

Alminhas — Fala da diversidade paisagística do distrito de Coimbra (considerado no presente estudo), das relações que existem entre o culto das almas e o dos Manes-lares, e dos diferentes tipos de alminhas, conforme o material de que são feitas, e o lugar e modo como são colocados os retábulos.

«*Esgrafitos*» — Processos de obtenção dos «grafitos» que considera de origem italiana, difundidos em Portugal a partir do século XV, e dos motivos mais usuais; esgrafitos datados.

Oleiros de Miranda — Refere-se aos oleiros de Bujos e Carapinhal, que abastecem as feiras e mercados do distrito de Coimbra, descreve o fabrico da

vasilha mais característica da região — o asado — e indica o nome de outras peças: talhas, cântaros, campainhas (específicas da romaria de St.º António dos Olivais). Nota o facto desta louça fazer a transição para a cerâmica do sul e fala da sua identidade com formas antigas.

Velhos teares — Teares verticais: representação iconográfica em pinturas e objectos gregos e romanos; representação do tear horizontal num quadro de Pinturicchio, dos fins do século XV, e perfeita analogia entre este tear e os nossos. Fala da indústria de tecelagem nos concelhos de Miranda do Corvo e Coimbra e indica as peças de que se compõe um tear e seus acessórios — que não raro são decorados e constituem prenda de namorados.

Os pesos de tear — Evolução das formas dos pesos de tear; principais regiões em que se concentra o uso da tecelagem, e localidades onde os pesos são mais decorados.

A arte no sal — Considerações acerca da importância económica e do comércio do sal, e da generalização do seu uso com a prática da agricultura. Carácter sagrado do sal em povos primitivos, nos sacrifícios romanos e no baptismo católico. Trabalhos salineiros e alfaias específicas. Ofertas de pãezinhos feitos com o primeiro sal. Descrição de algumas formas e da sua decoração.

As «cabanas» da Assafarja — Estudo de algumas cabanas de pedra, de falsa cúpula, usadas naquela região como abrigo de trabalhadores rurais e pastores, que se apresentam em 3 tipos: rectangulares, quadradas e redondas. «Pintadeiras» ou «chavões» alentejanos — Refere-se à arte pastoril alentejana, indica a ferramenta usada na feitura desses objectos e os materiais de que estes são feitos. Notas etimológicas acerca destes dois termos. Motivos decorativos mais usados.

Castanholas enfeitadas — Admite que as primeiras castanholas fossem feitas de conchas de moluscos e fala do uso das castanholas em todo o País, das suas formas e decorações.

«Cossoiros» do Baixo Alentejo — Pequena nota sobre o emprego dos cossoiros e sua decoração.

Ornamentação popular da louça de Estremoz — Formas primitivas: bilha, asado, prato e barril; descrição destas peças; fabrico e decoração. Referências literárias aos púcaros.

- 323 DIAS, Jorge — *Las construcciones circulares del Noroeste de la Peninsula Iberica y las citanias*. CEG, VI, Madrid, 1946, pp. 173-194.

«O Autor estuda algumas construções redondas e arredondadas do norte de Portugal e procura relacioná-las com as construções circulares das citânias. Tenta sistematizar os diferentes tipos e classifica essas construções em relação com a sua utilização». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 324 DIAS, Jorge — *As Casarotas da Serra Amarela — Construções megalíticas com uma inscrição*. TAE, XI, 1-2, Porto, 1947, pp. 189-191, 10 figs.

Acerca destas construções o Autor aventa algumas hipóteses (pré-históricas, castrejas), mas acaba por considerá-las como construções de tempos históricos, presumivelmente como sendo casas duma *branda* abandonada.

- 325 DIAS, Jorge — *Construções circulares no litoral português*. TAE, XI, 1-2, Porto, 1947, pp. 192-195, 4 figs.
- Refere-se às teses da origem céltica e pré-céltica das construções circulares, e descreve um tipo dessas construções, situadas entre a margem esquerda do Cávado e a Apúlia. Chama a atenção para o facto de estas aparecerem numa região aberta a influências estranhas, o que contraria a hipótese de Krüger que relaciona esse tipo de construções com formas de vida pastoril ou agricultura arcaica.
- 326 DIAS, Jorge — *Las chosas de los cabeçudos y las construcciones circulares de las citanias españolas y portuguesas. Contribución etnografica para la reconstrucción de la vida en las citanias*. AEA, 70, Madrid, 1948, pp. 164-172.
- «O Autor descreve as construções cilindro-cónicas da aldeia dos Cabeçudos, no concelho de Marvão, que compara com as antigas habitações das citaniais. Mostra que não só o plano da aldeia, como as proporções dos elementos da construção e muitos dos seus pormenores são singularmente semelhantes aos do castro de Coaña, estudado por Garcia y Bellido». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 327 DIAS, Jorge — *Contribution to the study of primitive habitation*. CIG, Lisboa, 1949.
- «O Autor estuda três tipos de habitação primitiva existentes em Portugal, que possivelmente deram origem às construções mais evoluídas da actualidade: a casa rectangular com telhado a duas águas, a casa cilíndrica de cobertura cónica e a casa quadrada de cobertura piramidal». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 328 DIAS, Jorge — *O problema da reconstituição das casas redondas castrejas*. TAE, XII, 1-2, Porto, 1949, pp. 126-168, 16 figs.
- «Embora este estudo tenha em vista uma tentativa de reconstituição das antigas casas castrejas, o Autor apoia-se sobretudo em factos actuais, da sua observação, fornecendo novos materiais de construções cónicas existentes em nossos dias». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 329 DIAS, Jorge — *Abrigos pastoris na serra do Soajo*. TAE, XII, 3-4, Porto, 1950, pp. 350-354, 5 figs.
- Nótula sobre primitivos abrigos pastoris: os *currais*, cavados nos granitos podres; as cabanas de planta circular, de falsa cúpula; as cabanas de planta rectangular igualmente de falsa cúpula agrupadas e situadas a grandes alturas da serra, habitadas apenas no verão — as *brandas*; e as cabanas informes que aproveitam acidentes de terreno, penedos, etc.
- 330 DIAS, Jorge, OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, e GALHANO, Fernando — *A região e a casa gandraesa*. TAE, XVII, 1-4, Porto, 1959, pp. 417-444, 4 figs.
- Análise geográfica da região gandraesa e do seu povoamento.

Estudo da casa dessa zona e das suas relações com as condições naturais. Definição de dois tipos: tipo de Mira, de pátio fechado, térrea; e tipo da Tocha, de planta rectangular, térrea, com o celeiro no sótão.

- 331 FERREIRA, O. da Veiga — *As «cafuas» das ilhas de S. Miguel e de Santa Maria* — *Nota etnográfica*. CRCAA, 29-30. Ponta Delgada, 1959, pp. 171-173.

Descrição de um tipo de abrigo dos pastores existente sobretudo em regiões montanhosas, escavado no chão.

- 332 FERREIRA, Simão Rodrigues — *Monumentos megalíticos*. ENRMC, Porto, 1888-1881, pp.224-228 e 316-319.

Descrição de algumas habitações troglodíticas, formadas por cavernas naturais, existentes na região cerca da foz do Tâmega.

- 333 FIGUEIREDO, A. Mesquita de — *Etnografia Portuguesa* — I — *A habitação da Beira-Mar*. ATP, 3, Lisboa, 1917, pp. 2-6.

Breve resenha histórica da habitação primitiva. Citação de Vitruvius. Construções pré-históricas portuguesas. Comentários ao artigo de Rocha Peixoto «Os palheiros do Litoral» (1.º vol. da Portugália).

Pilares de alvenaria em Cova de Lavos, representando a transição no uso dos materiais; paliçadas protectoras contra as dunas; varanda coberto ao longo da fachada em Vieira.

As cabanas do Algarve, de base rectangular, a duas águas, feitas com materiais vegetais. «Cabanas» na toponímia. Povoações mistas. «Cabanas» de transição, com paredes de alvenaria.

- 334 FLORES, Joaquim Matoso de Oliveira — *Contrastes da nossa terra*. BRFLUC, IX, Coimbra, 1933, pp. 215-234.

Situação geográfica e aspecto geral de Azinheira de Barros.

A casa: carácter material e relação com as vias de comunicação; configuração externa e interna.

Razões que presidem à escolha dos animais de lavoura. Criação de gados.

Importância do comércio local.

- 335 FONTES, Joaquim — *Etnografia saloia* — *Subsídios para o seu estudo*. EBJP, 15, Lisboa, 1947, pp. 251-284, 6 figs.

Notas sobre a habitação, o protocolo da caminhada para a feira ou romaria, traje, namoro, sobre as qualidades artísticas do saloio — cantaria, olaria, ferragem —; etc.

Menção de algumas fórmulas de esconjuro. Transcrição dum desafio (1884) travado entre uma mulher da Tojeira e um homem de Algueirão. Escrita dum marceneiro analfabeto.

- 336 FURTADO, Arruda — *A habitação do camponês micaelense*. CRCAA, 27-28, Ponta Delgada, 1958, pp. 98-99.
 Descrição de um tipo de habitação do camponês micaelense, de rés-do-chão, coberta de colmo, com duas ou três divisórias interiores, em terra batida.
- 337 GALHANO, Fernando — *Casas de pátio fechado do concelho de Paredes*. APPC, XXIII Congresso Luso-Espanhol, Coimbra, 1956, pp. 211-220.
 Estudo deste tipo de casa rural.
- 338 GALHANO, Fernando — *Etnografia Rural — Abrigos*. GA, 2447, 1961, 14 figs.
 Descrição de alguns tipos de construção que aparecem de norte a sul do País, espalhadas pelos campos e que servem geralmente aos lavradores como abrigo local contra as intempéries; eles são por vezes usados como habitação temporária, e, ainda, como curral de gados.
- 339 GIESE, Wilhelm — *Sobre a origem das velhas casas olhanenses*. Po, v, Porto, 1932, pp. 145-150.
 O aspecto levantino ou mouro das casas com açoteias. O problema de saber se se trata de casas que continuam a tradição moura, ou se se trata de uma influência mais moderna do oriente.
 Perduracão dos elementos da cultura moura no Algarve: usos, costumes, contos, etc. Construção mourisca no Alentejo; seu aparecimento em Olhão a partir dos fins do século XVIII, procedente provavelmente da casa moura algarvia, de que há vestígios, até em Faro.
 Distinção do tipo da casa moura algarvia de cubo e terraço, do tipo da casa moura andaluza, com pátio. Casa do tipo «cubo» no sul da Espanha. Filiação destas casas na «taddart» dos Berberes, vinda da África nos tempos da moirama. Terraços no norte de África, Oriente e em Espanha. A torre cúbica e a escada exterior do mirante.
- 340 GIESE, Wilhelm — *O problema da açoteia algarvia*. BRFLUC, XI, Coimbra, 1935, pp. 54-59.
 Comentário ao trabalho de Mariana Santos. Aduz sete argumentos em defesa da tese da origem moura da açoteia.
- 341 GIESE, Wilhelm — *Algumas palavras sobre janelas e ralos nos Açores*. RAç, II, Angra do Heroísmo, 1938, pp. 20-28.
 A janela corrediça açoriana, de origem portuguesa e esta de origem holandesa, por intermédio dos ingleses, que vieram para Lisboa e principalmente Porto, depois do tratado de Methwen.
 Os ralos (no sentido de sacadas). Estudo comparativo com as sacadas do continente, Espanha e Inglaterra. Serão as sacadas minhotas (Braga) de origem inglesa?

- 342 GIESE, Wilhelm — *A casa rural na Ilha do Faial*. BIHIT, 16, Angra do Heroísmo, 1958, pp. 214-223, 2 figs.

No estudo da casa do Faial distingue 3 tipos: O primeiro, mais primitivo, usado hoje para celeiro, formado por 4 paredes toscas sem argamassa e um telhado de duas águas muito inclinadas, de palha; a parte da frente e de trás rematam em triângulos de lados iguais, e a parte mais alta da fachada da frente é de tábuas; as paredes laterais são muito baixas. O segundo é uma casa dum só piso, de pedra, tosca, com telhado de duas águas, com duas ou três divisões: cozinha e quarto; o forno fica no exterior (considera este tipo de influência minhota e de origem pré-romana). O terceiro é uma casa de dois pisos e telhado de duas águas; o rés-do-chão destinado a estábulos e alaias, o piso superior para habitação; o forno sai também fora da planta da casa. Considera este tipo também de origem minhota, derivado dum tipo da Itália central que através do sul da França passou ao norte do País.

Nota ainda influências minhotas no carro de bois.

Acerca dos moinhos de vento fala da sua origem flamenga e da combinação de elementos portugueses.

- 343 GIESE, Wilhelm — *Nótulas etnográficas*. ACEELV, III, Porto, 1960, pp. 201-209.

Pequeno estudo das janelas de canto, frequentes em várias casas da região de Tomar; exemplos semelhantes divulgados na América espanhola.

Referência ao emprego de azulejos de cores variadas, nas casas das cidades do Douro Litoral, Minho e parte ocidental de Trás-os-Montes.

Pequena nota acerca dos aparelhos de elevar água de rega marroquinos.

- 344 GIL, Pedro Lino Bragança — *Casa Portuguesa (Inquérito etnográfico)*. IV — Portalegre, RL, XIX, Lisboa, 1916, pp. 140-141.

Breves notas sobre as casas antigas de Portalegre.

- 345 GIRÃO, Amorim — *Ainda sobre as açoteias algarvias*. BRFLUC, XI, Coimbra, 1935, pp. 472-474.

Réplica e crítica ao trabalho de Giese sobre açoteias algarvias.

- 346 GONÇALVES, António de Jesus — *Casa Portuguesa (Inquérito etnográfico)*. VII — *A casa minhota*. RL, XIX, Lisboa, 1916, pp. 155-158.

Notas sobre a casa rural minhota.

- 347 GUEDES, Armando Marques — *A Ilha de S. Miguel — Notas sobre a geografia, a economia e a etnografia micalenses*. Lisboa, 1938, 64 pp., 17 figs.

Citando Frutuoso, fala do povoamento desta ilha por algarvios, beirões e minhotos, e fornece algum elementos sobre a habitação, o traje — menciona o

uso dos socos e o hábito de andarem descalços —, etc. Alude à saturação demográfica e à emigração que se dá sobretudo para a América do Norte.

- 348 KRUGER, Fritz — *Las Brañas (Ein Beitrag zur Geschichte der Rundbauten im asturisch-galicisch-portugiesischen Raum)*. CMP, tomo II, vol. XVIII, Lisboa, 1940, pp. 239-295, 23 figs.

«Lembra quanto o conhecimento da etnografia portuguesa depende dos progressos das pesquisas nas vizinhas regiões espanholas. O presente estudo visa esclarecer problemas que se prendam conjuntamente a Portugal e às vizinhas regiões espanholas. Na região focada — Las Brañas (canto sudoeste das Astúrias), a economia e a vida do povo permaneceram em grau arcaico, devido talvez ao seu isolamento. Descreve a expansão e a origem da «pallaza» valendo-se de meios etnográficos e filológicos. O presente trabalho não fornece só uma contribuição para a caracterização da cultura do povo da Ibero-românia, mas abre maiores perspectivas. Deparamos com uma região que, em virtude das casas redondas, ocupa um lugar de destaque no espaço ibero-romano, provando o Autor que a característica desta forma de construção é um cunho tradicional fortemente arraigado, tanto nas casas de lavoura, como noutros prédios. Partindo da análise das formas modernas, encontra uma camada de cultura de construção pré-histórica, outrora muito espalhada e que, no Noroeste da península ainda mantém uma grande vitalidade».

- 349 KRUGER, Fritz — *El hogar y el mobiliário popular de Ilha Terceira*. BIHIT, 14, Angra do Heroísmo, 1956, pp. 90-148, 45 figs.

Estudo sobre as cozinhas da ilha Terceira e sobre o mobiliário: arca, arquibanco, tamborete, mesa, cantoneira, louceiro, cantareira, cama, etc.

- 350 LEISNER, Georg — *Ueberleben megalithischer Elemente in landlicher Bauten von Alentejo*. CMP, tomo II, vol. XVIII, Lisboa, 1940, pp. 352-367, 7 figs.

«Chama a atenção para 6 casas redondas, situadas a poucos quilómetros de Castelo de Vide, define a sua situação geográfica, e descreve a sua construção, comparando-as entre si e com outras conhecidas construções idênticas. Encontra determinadas analogias, mas é de parecer que certas originalidades da sua construção requerem um estudo separado, reputando, entre outras, de grande interesse a construção das portas de duas casas redondas de Alcoçgue. Não admite comparação entre as casas redondas de Castelo de Vide e os toscos abrigos dos pastores, embora veja nestes certo valor para a história das construções pré-históricas, não duvidando que estes reproduzem uma forma de construção tradicional que remonta a esses tempos».

- 351 LEMOS, José Maria Aleixo de — *Casa Portuguesa (Inquérito etnográfico)*. III — *Mirandela*. RL, XIX, Lisboa, 1916, pp. 138-140.

Notas sobre as casas de Mirandela. Importância funcional e social da cozinha.

- 352 LEMOS, Júlio de — *Paredes de Coura*. T, v, Serpa, 1903, pp. 153-159.
 Referências à alimentação, habitação e vestuário.
 Rápida menção do costume da encomendação das almas, da proibição de ir às hortas desde a quinta-feira santa ao sábado de aleluia, e de, em dia de casamento, irem à frente dos nubentes, uma ou duas moças com cestos de pão de trigo, que distribuíam aos circunstantes. Refere-se à «cabrita» das malhas (sem entender o seu significado).
 Pequeno vocabulário.
- 353 LISBOA, J. Ribeiro — *Acerca do povoamento rural no «Campo» da Beira Baixa*. APPC, XIII Congresso, x, Lisboa, 1950, pp. 227-231.
 Breves notas informativas sobre a vida rural no «campo» da Beira Baixa. Agricultura, pastoreio. Casas e cabanas.
- 354 LOPES JÚNIOR, Frederico — *A casa regional terceirense*. AOIAC, IV, Angra do Heroísmo, 1960, pp. 221-232, 11 figs.
 Descrição do «Palheiro»: construção rudimentar e primitiva de habitação, constituída por 4 paredes de pedra seca, cobertura de duas águas em materiais vegetais, piso de terra batida, com um máximo de quatro aberturas e três divisões interiores, feitas com canas cobertas de barro. A meio, uma espécie de estrado — o «trabanaco» — servia simultâneamente de assento onde as mulheres trabalhavam, de mesa, e de cama onde dormia o casal, com os filhos pequenos para os pés.
 Além desta forma, refere-se também a outro tipo de casa rural, de dois pisos, o térreo para guarda de alfaias, cereais, instalação da atafona, etc., e o andar para a habitação, com escada exterior, a qual mostra traços de semelhança acentuados com a casa rural do norte continental.
 Fala também das construções urbanas, do predomínio da cor branca na cidade, etc.
- 355 LUCENA, Armando de — *A casa portuguesa*. EBJP, 3, Lisboa, 1943, pp. 261-264.
 Considerações sobre as construções rurais e sobre a tendência para um exotismo que quebra a harmonia da paisagem e a tradição.
- 356 MATOS, Melo de — *As chaminés alentejanas*. P, 2, Porto, 1908, pp. 79-84, 13 figs.
 Descrição de vários tipos de chaminés alentejanas.
 Referindo-se ao seu interesse no campo da arquitectura nacional, propõe uma classificação que agrupa as chaminés em três séries; de forma piramidal, cilíndrica, e prismática.
- 357 MATTOS, Armando — *Rurália — A habitação tradicional*. MCP, II, 16, Lisboa, 1947, pp. 10-11; 17, pp. 17-20.
 Considerações sobre a habitação tradicional.

- 358 MEIRELES, Cecília — *Panorama folclórico dos Açores especialmente da ilha de S. Miguel*. RL, XI, Ponta Delgada, 1955, pp. 1-112.

Rápido apanhado do panorama geral de etnografia micaelense: habitação, traje, alimentação (pão e carne de porco, fundamentalmente; doçaria de influência freirática; pratos cerimoniais do Natal, Páscoa, Carnaval, Espírito Santo, casamentos e baptizados); medicina popular; notas sobre a tecelagem; vida social: direito popular; marcas de propriedade; costumes do Entrudo; crenças e superstições várias; música e dança; romances, adágios, adivinhas, rimas infantis, teatro popular; quadras e provérbios relacionadas com a agricultura e a pesca; etc.

- 359 MESSERSCHMIDT, H. — *Haus und Wirtschaft der Serra da Estrela (Casa e economia doméstica da Serra da Estrela)*. VKR, IV.

«Tipos de casa, moinho, cozedura do pão, instrumentos de trabalho agrário, olaria, indústria da lã, cultura do linho, criação de abelhas, arte de cordoeiro, tamancos». «A base do trabalho está principalmente nas povoações abrangidas na designação geral de *Serra*, e que ficam nas suas vertentes e abas, pois a serra em si pode dizer-se que não é povoada, mas o Autor estendeu as suas observações por mais longe, e fez comparações com cousas do resto de Portugal e das vizinhas províncias da Espanha». (J. Leite de Vasconcelos — E.P., vol. I).

- 360 MONTEIRO, Joaquim Faria Corrêa — *Casa Portuguesa (Inquérito etnográfico)*. VI — Freguesia de Lavos (Figueira da Foz). RL, XIX, Lisboa, 1916, pp. 142-155, 9 figs.

Descrição de três tipos de casa: 1) Dum só piso, de pedra, adobe ou madeira, e telhado de duas águas. 2) Palheiros: casas de madeira construídas sobre estacaria. 3) Casa da Gala: tipo de habitação que estabelece a transição entre a casa de madeira e o tipo indicado em primeiro lugar. Notas sobre o modo de vida da gente a que respeitam estas habitações. Descrição dum moinho de vento, de forma triangular, em madeira (judeu).

- 361 MONTEIRO, Manuel — *A varanda trasmontana*. IT, 2, Porto, 1909, pp. 1-5, 5 figs.

Características e implantação da varanda na casa trasmontana, conforme as regiões.

- 362 M., A. de — *Habitação tradicional*. DL, IV, Porto, 1941, pp. 75-76, 2 figs.

Uma velha cozinha de Canaveses (Marco). Uma chaminé em Santa Cristina (Penafiel).

- 363 M., C. — *Bandeiras de portas*, FL, VIII, Lisboa, 1937, pp. 13-15, 3 figs.

Pequena nota sobre bandeiras de portas.

- 364 MOURINHO, P.^o António — *Vida e arte do povo mirandês*. MCP, IV, 45, Lisboa, 1950, pp. 12-13, 8 figs.

Nótula sobre a casa, traje, alfaias agrícolas, artesanato e vida social do mirandês.

- 365 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *Velhas casas do Porto*. JT, I, 2, Julho de 1957.

Estudo das casas estreitas e altas do Porto correspondentes ao estrato burguês da cidade.

- 366 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *Acerca das origens da casa esguia e alta portuguesa*. OCP, 9-9-1958 e 28-10-1958.

Exposição das teses de Aderbal Jurema, Gilberto Freire, Josué de Castro e Manuel Diegues, que consideram a casa esguia e alta do Recife como um produto portuário. A. Jurema fala concretamente na influência holandesa, directa, durante a ocupação flamenga e indirecta via Lisboa e Porto, que como portos de mar também haviam sofrido influência holandesa.

Distinção de dois tipos de casa: a casa esguia e alta, burguesa e portuária e de origem holandesa (segundo Jurema), do Recife, e a casa larga e acaçapada, patriarcal e agrária, de Olinda, de origem portuguesa.

- 367 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *A casa esguia e alta do Porto*. OCP, 25-11-1958.

A casa esguia e alta do Porto como expressão do carácter económico-social da cidade, «histórica e culturalmente burguesa», que radica as suas raízes numa tradição provincial, onde aparece com o mesmo carácter e em oposição à casa nobre e casa rural, nas cidades do interior — Braga, Guimarães e Ponte do Lima. Crítica à opinião de Aderbal Jurema acerca da origem holandesa das casas esguias e altas portuguesas.

- 368 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, e GALHANO, Fernando — *Casas da Maia*. TAE, XV, 1-2, Porto, 1954, pp. 55-72, 14 figs.

Estudo de três tipos de casa da região da Maia, e das relações de carácter lógico e morfológico que mostram entre si.

Trata-se de casas de planta rectangular e telhado de três águas, as primeiras dum só piso, e a última de rés-do-chão e andar, que parece ser o desenvolvimento das outras. A divisão interior mostra grande uniformidade, e caracteriza-se sobretudo pela alcova «que condiciona o desenvolvimento da planta de todas as casas desta categoria». As primeiras correspondem a uma classe que vive com relativo desafogo, «artífices locais autónomos ou pequenos proprietários trabalhadores»; a última, a «uma classe burguesa abastada e com certas exigências, ainda ligada à terra, mas já com influências de cultura urbana».

- 369 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, e GALHANO, Fernando — *Casas de Esposende*. TAE, xv, 1-2, Porto, 1954, pp. 73-84, 13 figs.

Estudo de um tipo de casa rural da região de Esposende, correspondente a uma classe de lavradores medianos, que vivem das suas terras, que eles próprios e a família trabalham. De rés-do-chão e andar, a nota mais característica é dada pela sua larga chaminé, que se situa normalmente num dos topos do edifício, e que não raro condiciona a forma do telhado: de três águas quando localizada no topo, de 4 quando se implanta numa das fachadas laterais. Comparação com outras formas, da região da Maia.

- 370 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, e GALHANO, Fernando — *Casas da Murtoza*. TAE, xv, 3-4, Porto, 1955-57, pp. 265-286, 14 figs.

Estudo funcional de um tipo de casa térrea e telhado de quatro águas, que se vê numa área bem delimitada do concelho da Murtoza. Ela apresenta-se sob três formas diferentes que descrevem separadamente, relacionando-os entre si, e caracteriza-se além de outros elementos arquitectónicos, por um alpendre que se situa num dos seus lados. Além da descrição pormenorizada das várias divisões — cozinha, quartos, sala, e despensa ou sala do meio — apontam ainda a existência do seu mobiliário e notam o carácter cerimonial da sala.

- 371 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, e GALHANO, Fernando — *Um tipo de casa rural dos arredores do Porto*. DL, Sétima Série, VII-VIII, Porto, 1956, pp. 727-748, 18 figs.

Estudo descritivo dum tipo de casa rural, de rés-do-chão e andar, que se caracteriza principalmente pelo alpendre e pela regularidade da planta interior, que mostra sempre uma sala (que desempenha também aí funções cerimoniais) e duas alcovas que abrem para ela, ambas do mesmo lado, e que corresponde aos concelhos do Porto, Maia e Matosinhos.

- 372 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, e GALHANO, Fernando — *Casas dos pescadores da Póvoa de Varzim*. TAE, xv, 3-4, Porto, 1957, pp. 219-264, 19 figs.

Considerações acerca da originalidade da classe poveira e da sua estrutura sócio-económica.

Segundo os Autores, «a casa é, entre todos os aspectos ou elementos paisagísticos, aquele em que mais visivelmente afloram os condicionalismos naturais, históricos e sociais, psicológicos e culturais de qualquer grupo humano». E é com base nessa consideração que fazem o estudo da casa poveira «procurando reconstituir as velhas formas primitivas de acordo com a escassa documentação que existe sobre o assunto e os raros vestígios que dela subsistem, e interpretando as subseqüentes modificações morfológicas em função de um processo genético de natureza lógica e de fundo social». As antigas casas de «camaretas» e as novas formas delas derivadas por evolução.

- 373 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, e GALHANO, Fernando — *Alguns elementos das casas de Matosinhos, Maia e Vila do Conde*. BBPMM, 5, Matosinhos, 1958, pp. 17-36, 20 figs.

Estudo de um tipo de casa rural desta região, de planta rectangular, telhado de 4 águas, rés-do-chão e andar. No rés-do-chão, além da cozinha, ficam as dependências relacionadas com a lavoura; no andar, a habitação. Distinguem sobretudo três elementos que consideram mais característicos: os portais e alpendres, ou vestíbulos reentrantes, a abrir para o caminho público, situados na fachada principal, ou no coberto contíguo àquela, e que são ora quadrangulares, ora em arco — este último sobretudo ligado a casas grandes de lavoura, de feição burguesa; o largo corredor do andar, virado ao quinteiro, que parece ter origem na antiga varanda aberta, tão corrente antigamente no Minho; e os postigos abertos na parede da cozinha, estabelecendo comunicação com a manjedoura do gado.

- 374 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, e GALHANO, Fernando — *Casas do Porto*. DL, Oitava Série, VII-VIII, Porto, 1958, pp. 637-688, 27 figs.

Estudo das casas do Porto. Definição de dois tipos fundamentais que relacionam com condições naturais e históricas, e estrutura económica e social dos seus habitantes: «a casa estreita e alta, que na sua forma e sentido originários constitui um tipo híbrido funcional de residência urbana e estabelecimento comercial ao mesmo tempo, referidos à mesma família, estritamente utilitário, de acordo com as necessidades profissionais e a mentalidade da gente de que é própria, que tinha as suas lojas... junto à rua... e habitava os andares superiores...», estreita por economia de terreno e de manutenção e pelas exigências do espaço»... «e a casa nobre, própria originariamente duma classe poderosa e terratenente, para quem a largueza de espaço é afirmação de prestígio e domínio», de rés-do-chão e andar, em que «grande parte é concedida, por dever de estado, ao aparato das salas de recepção». O Porto, cidade burguesa. Características da burguesia portuense, a classe mais elevada da cidade.

Análise e descrição de vários casos «tipo», em granito, com ornatos, fachadas de tabique em ressalto ou lisas, em fachwerk, etc.

- 375 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, e GALHANO, Fernando — *Telhados do Porto*. DL, Nona Série, II, Porto, 1959, pp. 217-228, 7 figs.

Análise e classificação dos elementos arquitectónicos dos telhados do Porto. Descrição minuciosa de diferentes tipos estabelecidos.

- 376 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, e GALHANO, Fernando — *Casas esguias do Porto e sobrados do Recife*. TAE, XVIII, 3-4, Porto, 1961, pp. 176-227.

Análise dos fundamentos sobre que assenta a tese da origem holandesa do «sobrado magro» do Recife, através da discussão do livro de Aderbal Jurema intitulado: «O Sobrado na paisagem recifense». Aderbal Jurema, Gilberto Freire, Manuel Diegues Júnior. A tese ecológica de Josué de Castro.

Olinda e Recife: a cidade militar nobre, e o burgo comercial dos holandeses.

A casa portuguesa de Olinda, de linhas horizontais, «acaçapada» e com telhado de quatro águas; o «sobrado magro» flamengo, esguio, com telhado de duas águas e sótãos, produtos da combinação da cultura do invasor com as condições naturais, semelhante às que, no país de origem, determinaram aquele tipo de construção.

A casa do Porto. História e desenvolvimento da cidade: a sua estrutura burguesa fundamental; carácter da burguesia do Porto, classe dominante na cidade; a burguesia e a cultura superior burguesa do Porto. Conceitos habitacionais da classe burguesa: a casa do Porto, como reflexo directo do condicionalismo histórico-social da cidade.

Casas esguias, burguesas e populares, e casas largas ou palácios nobres: o Porto, cidade grande feita de casas pequenas e esguias. A burguesia patricia do Porto, e a casa esguia rica e opulenta.

A casa «portuguesa» da cidade nobre de Olinda, e sua correspondência com a casa nobre portuguesa. A casa burguesa do Recife, correspondente à casa esguia do Porto, e, em geral de Portugal; comparação dos seus elementos em pormenor: telhados, sótão, e soluções de iluminação destes últimos.

Possíveis origens brasileiras de certos elementos das casas do Porto.

A questão da origem holandesa da casa esguia do Porto. Sua base medieval e provincial, e seu fundamento burguês.

- 377 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, e GALHANO, Fernando — *A arquitectura popular em Portugal*. APP, 1, pp. 15-137, 82 figs.

Principais aspectos geográficos do país, que dividem em 3 zonas, segundo a classificação de Orlando Ribeiro. Estudam pormenorizadamente vários tipos de casas, a partir das formas mais primitivas de construção, tais como abrigos pastoris e outras construções de planta circular de tipo castrejo, indicando o processo evolutivo que a partir destes tipos conduziu a formas mais complexas e diferenciadas. Dividem o país em duas grandes áreas arquitecturais: casa do norte, de dois pisos funcionalmente distintos — o térreo para recolha de gado e alfaias, o andar para habitação; esta forma arquitectural engloba os subtipos da casa minhota, trasmontana e beiroa. E casa do sul, dum só piso, que engloba os subtipos estremenhos, ribatejanos, alentejanos e algarvios. Relacionam estas variantes com determinados factores naturais e humanos: condições climatéricas regionais, natureza do solo e materiais de construção, grupos étnicos, suas origens e relações históricas, tipo cultural, etc.

Estudam ainda outros tipos de construção; espigueiros, moinhos, cobertos de poços, fontes e engenhos de tirar água, pombais, etc.

- 378 PEIXOTO, Rocha — *Etnografia Portuguesa — Habitação — Os Palheiros do Litoral*. P, 1, Porto, 1903, pp. 79-96, 7 figs.

Descrição resumida do tipo de habitação rural nas diversas regiões de Portugal. Influência das condições naturais: a geologia, a vegetação (os ripados de cana no Algarve), os ventos, o clima; e psicológicas; o génio do povo, a tradição. «Fornos» do Gerês e barracas de «sochão» do Soajo e Peneda, como sobrevivências troglodíticas, e as casas circulares colmadas, em cone, como

casas castrejas lusitanas. Casas da montanha (Marão, Peneda), da ribeira do Minho, da Maia. Varandas. Coberturas, telhados, pavimentos, grimpos. Casas de madeira — O topónimo Cabanas. Tabuados no antigo litoral: Caparica, Espinho, Buarcos.

Palheiros utilizados temporariamente, no Minho, para a faina do sargaço. Pescadores que só vivem certas épocas à beira-mar (pescadores-lavradores, ou pescadores que residem a bordo).

Palheiros como habitação permanente: Furadouro (antes do incêndio) — só palheiros; Buarcos — misto; Póvoa de Varzim — palheiros em vias de desaparecimento.

Palheiros de pescadores — casa sóbria, pobre, primitiva. Plano da casa. Arrumações; alfaias de pesca. Evolução da casa.

Aldeias lacustres neolíticas da Suíça. Características e desenvolvimento. Problema das suas origens. Migrações do Cáucaso ou do N. e W. da Europa? Não é necessário pressupor unidade étnica de todos os construtores de palafitas, cuja enorme dispersão torna a hipótese inadmissível. A verdadeira razão é a sua adequação às condições especiais, como defesa contra o meio — água, inimigos, dunas, etc.

Os palheiros portugueses, adaptados ao movimento de invasão das dunas. Costa Nova, Quiaios, Buarcos, Mira, Lavos. Descrição.

Vestígios, na tradição e lenda, de povoações lacustres.

- 379 PEREIRA, F. Alves — *Habitações castrejas do N. de Portugal — Uma hipótese da sua reconstituição*. Li, Viana do Castelo, 1910-11, pp. 11-14.

Nota sobre as habitações castrejas de Santa Luzia.

- 380 PEREIRA, F. Alves — *Sobrevivências pitorescas de uma arquitectura arcaica*. Li, Viana do Castelo, 1910-11, pp. 101-105.

Refere-se ao processo antigo de fazer pontes sobre rios; mostra ainda dois tipos de casa, em granito, circulares e de falsa cúpula, da Peneda.

- 381 PEREIRA, Nuno Teotónio, FREITAS, António Pinto de, DIAS, Francisco da Silva, GEORGE, Frederico, GOMES, António Azevedo, ANTUNES, Alfredo da Mata, MARTINS, Artur Pires, CASTRO, Celestino de, e TORRES, Fernando — *Arquitectura Popular em Portugal*. II, Lisboa, 1961, 374 pp., 769 figs. (Ver ref.^a 400).

Neste volume estudam-se as zonas do sul. A quarta zona compreende a região entre Setúbal, Abrantes, Coimbra, até ao litoral; a quinta, a área entre Mértola, Aljustrel, Alcácer do Sal e Vendas Novas, até ao Tejo; e a sexta, o Algarve, e a parte restante do Alentejo.

- 382 PESTANA, Eduardo António — *Casa Portuguesa (Inquérito etnográfico)*. I — *Ilha da Madeira*. RL, XIX, Lisboa, 1916, pp. 134-136.

Notas sobre a habitação tradicional do madeirense. Distingue três tipos: a *furna*, a *palhosca* e a *casa terrestre*, de que faz uma descrição sumária, indicando a classe social a que correspondem.

- 383 PIÇARRA, Lopes — *Habitação, mobiliário e utensílios domésticos*. T, 1, Serpa, 1899, pp. 24-27 e 55-59.
 Descrição resumida da construção alentejana. Menção dos *caniços fechados*, e *caniços de salto de rato*. O *sótão de janela* (sala de visitas). Chaminés. Anexos: poços, adegas, celeiros, potes de vinho, de barro, etc.
- 384 PINTO, João Estêvão — *Apontamentos para a etnografia madeirense — Habitação troglodítica*. BE, 11, Lisboa, 1923, pp. 9-13.
 Descrição das «furnas» e razão do seu uso: economia e segurança contra desmoronamentos.
- 385 PROENÇA, Tavares — *Sobrevivências — As queijeiras redondas*. Leiria, 1910, 11 pp., 6 figs.
 Menção de construções circulares, de cúpula *en encorbellement* (falsa cúpula) em alguns países da Europa. Descrição deste tipo, entre nós, em exemplos de Castelo Branco e da Serra da Estrela (aqui servindo ainda como habitação de pastores). Indicação de outras formas de abrigos: *bardos*, choços e choças, feitos de materiais vegetais.
 Acerca da origem e aparecimento destas construções, em Portugal, nota a falta de dados que permitam estruturar com segurança qualquer hipótese. Contudo, acentua a semelhança que existe entre estas e os monumentos descobertos no Algarve por Estácio da Veiga, e, à priori, atribui-as ao período histórico, «a uma época muito recente posterior sem dúvida à época luso-romana».
- 386 RIBEIRO, Luís da Silva — *Notas de Etnografia da Ilha Terceira*, RL, XXXII, Lisboa, 1934, pp. 250-274.
 Superstições e credices. Modos de adivinhar o futuro. Bruxedos e feitiçarias. Superstições ligadas aos animais, beber água, cama, casa de habitação, comer, lua, sol e estrelas, luz e lume, pão, sonhos, tempo, e diversas.
 Lendas marítimas: Sereias, diabretes, noivas de S. Pedro.
 Alimentação popular: Pescado, carne de vaca, de porco, caldo e doçaria. A habitação: Descrição da forma dos telhados, divisões interiores e mobiliário. Medicina popular. Adágios relacionados com a medicina e a higiene.
- 387 RIBEIRO, Luís da Silva — *Palheiros da Ilha Terceira*. Po, XIV, Porto, 1941, pp. 64-67,
 Descrição dos «palheiros», pequenas casas de pedra sem reboco, cobertas de colmo, sem divisões ou com divisórias feitas de canas entrançadas cobertas de barro. Primitivamente casas de habitação, servem presentemente para despejos e abrigo dos animais.
- 388 RIBEIRO, Luís da Silva — *A Habitação (na ilha Terceira)*. CRCAA, 27-28, Ponta Delgada, 1958, pp. 101-103.
 Referência a um tipo de habitação, mais recente, geralmente de emigrante.

- 389 RIBEIRO, Luís da Silva — *«Palheiros» da ilha Terceira*. CRCAA, 27-28, Ponta Delgada, 1958, pp. 99-101.

Descrição de um tipo de casa da ilha Terceira, vulgarmente chamada «palheiro», feita de pedra e às vezes de madeira, dum só piso, com o chão de terra batida, coberta de palha; quando tem mais de uma divisão, essa divisória é feita de canas entrançadas e cobertas de barro.

- 390 RIBEIRO, L. — *Portões*. BIHIT, 6, Angra do Heroísmo, 1948, p. 283.

Descrição dos portões dos séculos XVII e XVIII das casas grandes de Angra, lajeados, com banquetas de pedra, o rapa-pés e o urinol.

- 391 RIBEIRO, Luís — *Pombinhas nos telhados*. BIHIT, 12, Angra do Heroísmo, 1954, pp. 289-290.

Considerações sobre as pombas que ornamentam os telhados, sua origem, introdução nas ilhas e áreas de difusão.

- 392 RIBEIRO, Orlando — *Geografia e Civilização — Temas portugueses*. Lisboa, 1961, 238 pp., 48 figs.

Como o próprio Autor declara no prólogo, o livro reúne «três estudos independentes mas ligados entre si por um nexo de assuntos e de método. Com base na observação procura-se abranger um dos elementos de contraste entre o Norte e o Sul do País, através das técnicas de utilização de pedra e do barro». «A propósito de duas formas de coberturas de casas — os terraços e os telhados múltiplos e inclinados — rastreiam-se influências do Oriente, uma trazida directamente até ao Algarve pela invasão muçulmana, outra recebida da Índia e da China no tempo das grandes navegações».

No primeiro estudo foca as múltiplas aplicações do granito, sobretudo na arquitectura e, com base em vários exemplos colhidos em algumas aldeias da Serra do Brunheiro, nomeadamente em Carvela, que mostram uma persistência megalítica, filia estas construções nos dólmenes.

No segundo estudo aborda o problema da origem e difusão da «arte do barro», focando o contributo romano e muçulmano. Descreve os processos de fabrico da taipa, adobes e tijolos e fala da difusão da primeira na expansão portuguesa, sobretudo em África, Índia e América. Refere-se à herança mediterrânea na olaria alentejana, e descreve o fabrico das grandes talhas para vinho, apontando as razões da sua persistência.

No último estudo, ocupa-se dos telhados de uma só água, das açoteias, — reforçando a tese de W. Giese, da origem moura da açoteia, — e dos telhados de «tesouro» (4 águas), nos quais vê uma pronunciada influência oriental. Faz uma análise da evolução e da estrutura actual da cidade de Tavira.

- 393 SANTOS, Mariana Amélia Machado — *Olhão — Uma vila típica do litoral algarvio*. BRFLUC, x, Coimbra, 1934, pp. 190-196.

Considerações acerca da vila de Olhão, com especial referência às açoteias e à origem destas.

- 394 SARAMAGO, Adelaide — *Casa Portuguesa (Inquérito etnográfico)*. IX — *Espáriz (Coimbra)*. RL, XIX. Lisboa, 1916, pp. 160-161.
Breves notas sobre tipos de casas, características daquela terra.
- 395 SCHWALBACH, Luís — *Problemas de geografia humana — As casas*. BSGL, 70.^a Série, Lisboa, 1952, pp. 19-23.
Considerações acerca do significado e forma da casa e dos materiais empregados. Breves referências a sistemas primitivos de abrigos.
- 396 SILVA, A. Marques da — *Casas rurais da Madeira*. MCP, IX, 105, Lisboa, 1955, pp. 14 e 16, 3 figs.; X, 111, p. 5.
Breve nota sobre as casas com telhados de colmo e de telha, da ilha da Madeira.
- 397 SILVA, António Severino — *Aqui é Manhouce*. BAAP, II, Viseu, 1943, pp. 303-311.
Breves referências a casas e mobiliário de Manhouce. Descrição dos trajos antigos e actuais da região. Letra e música duma moda popular.
- 398 SIMÃO, Manuel do Nascimento — *Casa Portuguesa (Inquérito etnográfico)*. VIII — *Bouça Cova (Pinhel)*. RL, XIX, Lisboa, 1916, pp. 158-160, 2 figs.
Notas sobre dois tipos de casas.
Enumeração de alguns termos da gíria dos pedreiros.
- 399 SOUSA, Esmeria de — *Casa Portuguesa (Inquérito etnográfico)*. II — *Costa de Cima*. RL, XIX, 1916, pp. 136-138.
Notas sobre a habitação da Costa de Cima (Leiria).
- 400 TÁVORA, Fernando, PIMENTEL, Rui, MENERES, António, FILGUEIRAS, Octávio L., ARAÚJO, Arnaldo, DIAS, Carlos Carvalho, AMARAL, Francisco Keil do, LOBO, José Huertas, e MALATO, João José — *Arquitectura Popular em Portugal*, I, Lisboa, 1961, 351 pp., 964 figs. (Ver ref.^a 381).
Trabalho profusamente ilustrado sobre a arquitectura popular. O seu estudo foi confiado a seis equipas que actuaram em zonas diferentes. Este volume contém os dados referentes às 3 zonas do norte. A primeira, compreende as províncias do Minho, Douro Litoral e Beira Litoral, até uma linha que vai de Coimbra à Praia de Mira; a segunda, Trás-os-Montes e Alto Douro; e a terceira, a Beira Alta e Beira Baixa.
Tentativa de interpretação de alguns aspectos geográficos, económicos e sociológicos que influenciaram a arquitectura.

- 401 TEIXEIRA, Alda Guedes — *Casa Portuguesa (Inquérito etnográfico)*. V — *Ereira, concelho do Cartaxo*. RL, XIX, Lisboa, 1916, pp. 141-142.
Notas sobre as casas desta terra.
- 402 TEIXEIRA, Carlos — *Notas sobre algumas construções megalíticas minhotas*. RG, LVIII, Guimarães, 1948, pp. 110-111.
Descrição de dois grupos de construções primitivas, um entre Rossas e Aboim e outro no monte de Maroiço (Cabreira), a cerca de 700-800 metros de altitude, que o autor aproxima de monumentos megalíticos. Contudo põe a pergunta: «não se tratará antes de um tipo de aldeia da montanha, de natureza pastoril — brañas?»
- 403 VASCONCELOS, Joaquim de — *Pelas vias da arte e indústrias trasmontanas*. IT, 1, Porto, 1908, pp. 25-28 e 41-45, 7 figs.
Referências às velhas adufas entalhadas das casas trasmontanas.
- 404 VASCONCELOS, J. Leite de — *Tradição e reprodução*. L, 1, Viana do Castelo, 1917-8, pp. 2-3.
Cita as palavras que Rodrigues Lobo (século XVII) pôs na boca de um pastor —: «A minha casa... He chea com um çurrão mal pendurado, com um tarro, com um cabaz, huma frauta, uma funda e um cajado» e evoca fases sociais, muito afastadas da civilização presente. Assim, acerca da alimentação, refere-se ao uso de ervas, papas, bolota, etc.; da habitação, às furnas, casas de torrão, cabanas, etc.; do vasilhame, ao emprego de cabaças e recipientes de madeira; do vestuário, ao pelico, safões e croças de palha.
- 405 VASCONCELOS, J. Leite de — *Mês de sonho — Conspecto de etnografia açórica*. Lisboa, 1926, 318 pp., 33 figs.
Considerações sobre geografia e etnografia açoriana.
Descrição de alguns tipos de habitação: cafuas, com armação em madeira e cobertura de palha; casas térreas; casas de balcão; etc. Suas afinidades com a casa alentejana e algarvia.
Alimentação: enumeração de alguns pratos da ementa diária e outros específicos de determinadas celebrações, nomeadamente das festas do Espírito Santo. Trajo: menção do uso da carapuça, tamancos, alparcas, capote e capelo, manto, «galochas», etc.
Religião: a grande devoção do açoriano pelo Espírito Santo e pelo Senhor Santo Cristo dos Milagres.
Considerações gerais sobre as diferentes ilhas. Quadras populares.
- 406 VASCONCELOS, J. Leite de — *Etnografia do Cadaval*. BE, IV, Lisboa, 1929, pp. 31-35 e 36-38.
Breves comentários a desenhos de cabana, casa, telhado com pombinha, arribana e adega e lagar.
Carro de bois, canga, padiola, enxada e sacho (nomenclatura destas alfaias).

- 407 VASCONCELLOS, Leite de — *Habitação*. BE, I, Lisboa, 1920, pp. 27-28.
Curta nota sobre a habitação. Referência a uma casa de Nelas; ao formigão do chão das casas alentejanas e algarvias, com desenhos gravados pela aplicação de capachos ao formigão, quando este está fresco; e a um portal a abrir para um pátio ou terreiro, encimado por uma cruz, «para afugentar os maus espíritos».
- 408 VASCONCELLOS, Leite de — *Casas da Praia de Vieira*. BE, III, Lisboa, 1924, pp. 33-38.
Breve descrição das casas de madeira da Praia de Vieira; menção de candeias feitas de conchas, usadas pelos pobres.
- 409 V., J. L. de — Dolmens de Montabrão. AP, XXII, Lisboa, 1917, p. 169.
Referências a um dólmen que os pastores transformaram num abrigo contra a chuva.
- 410 V., J. L. de — Chaminés da Estremadura e Algarve. BE, I, Lisboa, 1920, p. 39.
Apresentação de 3 desenhos de chaminés da Estremadura e Algarve.
- 411 V., J. L. de — *Cozinha alentejana*. BE, II, Lisboa, 1923, pp. 35-37.
Comentário a um desenho de uma cozinha alentejana.
- 412 V., J. L. de — Chaminé estremenha. BE, III, Lisboa, 1924, p. 12.
Breve comentário e um desenho.
- 413 VIANA, A. — *Nota etnográfica — Portais do Alto Minho*. AVC, I, 3, 1934, p. 91.
Breve nota sobre portais de casas de lavoura com padieiras lavradas, em pedra, encimados por cruzeiros, pirâmides, etc.
- 414 VIANA, Abel — *Algarve — Alguns traços fisionómicos de uma bela província portuguesa*. MCP, VII, 82, Lisboa, 1953, pp. 12-13, 9 figs.
Considerações sobre a paisagem algarvia e sobre a influência das condições naturais no tipo de habitação.
A casa algarvia — notas sobre o seu estilo próprio e características.
- 415 VIANA, Eurico Salles — *Monsanto — Da indústria, da habitação e do traje*. RO, V, Lisboa, 1939, pp. 392-404. e 106-111.
Breve descrição da casa e do seu mobiliário de algumas aldeias da Beira Baixa. Inventário sumário das indústrias artesanais; olarias, teares, rendas e bordados, cestaria, moagem, carvão, etc.

Vestuário — descrição de algumas peças do traje mais características: a capucha de burel; os trajes da Malpica.

- 416 S/A. — *Aguçadoura — Estudo Económico-Agrícola*. (Junta de Colonização Interna), Lisboa, 1944, 192 pp., 132 figs.

Delimitação da região (região das dunas ao norte da Póvoa de Varzim). Povoamento antigo. A terra e a propriedade. O aproveitamento dos areais. Plantação de pinhais, há cerca de 150 anos, como meio de defesa contra a invasão das areias. O corte destes para dar lugar à cultura. A «descoberta» do terreno. Técnica de preparação dos campos de masseira, em que os lados são destinadas à cultura da vinha, e o fundo à herbácea ou hortícola. O «ramo de obra», quando o trabalho é feito gratuitamente (o que é frequente) e que termina com colação e danças. Descrição de formas de exploração: por conta própria, arrendamento, e misto. Condições de vida. Distinção de três classes sociais: 1) lavradores que vivem da exploração agrícola; 2) indivíduos que vivem da exploração de pequenas courelas e do trabalho assalariado; e 3) indivíduos que não possuem terras e vivem apenas do seu salário. Alimentação: caldo com broa e toucinho, batatas, peixe, vinho, etc. Habitação. Descrição de três tipos fundamentais correspondentes às classes sociais distinguidas atrás. Alfaia agrícola. Descrição de enxadas, ancinhos, forcados, foices, etc. Descrição e nomenclatura do carro de bois. Pesca: indicação das espécies pescadas e dos processos e redes usadas. As culturas e a sua distribuição. Fertilizantes: a apanha do sargaço e pilado. A economia da exploração. Etc.

Ver Ref.^{as}. 3, 52, 89, 102, 107, 114, 142, 144, 147, 183, 205, 206, 207, 218, 219, 221, 230, 231, 236, 238, 243, 250, 265, 266, 277, 280, 281, 284, 285, 286, 290, 291, 292, 422.

1.1.2. ANEXOS DE EXPLORAÇÃO RURAL

- 417 FELGUEIRAS, Guilherme — *Etnografia Agro-pecuária*. NA, VI, 389, Lisboa, 1938.

Notas sobre os pombais trasmontanos.

- 418 GALHANO, Femando — *Cabanas*. DL, Quarta Série, I-II, Porto, 1950, pp. 78-83.

«Estudo das cabanas e sua distribuição corográfica. As «cabanas» são armações rudimentares de varas de pinheiro ou eucalipto, que servem para conservar a palha milha, fornecendo ao mesmo tempo, excelente abrigo para alfaias agrícolas durante o inverno. O Autor divide-as em três tipos, ocupando áreas definidas». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 419 RIBEIRO, Luís — *Etnografia Agrícola — Celeiros subterrâneos*. CRCAA, 4, Ponta Delgada, 1946, pp. 85-87.

Citação de Frutuoso e Padre Cordeiro que descrevem covas subterrâneas, onde os habitantes guardavam o trigo (ilhas Terceira, Santa Maria, S. Miguel e Madeira).

- 420 VIANA, Abel — *Lagar aberto na rocha*. TL, 3, Lisboa s/d. (1953), pp. 77-82, 5 figs.

Descrição e estudo de um lagar rupestre, de origem presumivelmente romana, em Vilar de Mouros (Caminha).

Ver Ref.^{as}: 142, 280, 377.

1.1.3. ESPIGUEIROS

- 421 COSTA, Carreiro da — *Etnografia agrícola*. CRCAA, 2, Ponta Delgada, 1945, pp. 87-92.

Descrição dum «cafuão», utilizado na secagem do milho em espiga, e sua nomenclatura.

20 adágios sobre o pão.

- 422 FRANKOWSKI, Eugeniusz — *Hórreos y Palafitos de la Peninsula Ibérica*. Madrid, 1918, 154 pp., 97 figs.

Estudo dos palafitos em todo o mundo.

Tese palafítica dos «horreos» do Noroeste peninsular.

Definição de cinco tipos destas construções, correspondentes a outras tantas áreas: Leão, Palencia e Santander; galegos; das Vascongadas; e portugueses. Classificação dos «horreos» galaico-portugueses em cinco categorias, que descreve, e cujas formas faz depender dos materiais de que são construídos, correspondentes a outras tantas fases da evolução desse elemento.

Menção e descrição de um tipo de casa palafítica, em madeira, da Costa de Lavos. Referências a casas do Noroeste de Portugal, de rés-do-chão e andar, escada de acesso ao piso superior e exterior, em pedra, que considera como sobrevivências de palafitos.

- 423 GALHANO, Fernando — *Os espigueiros de entre Douro e Vouga*. DL, Quarta Série, IX, Porto, 1952, pp. 65-70, 5 figs.

Apresenta o mapa de distribuição de 4 tipos, fundamentais de espigueiros, da área compreendida entre os rios Douro e Vouga, no litoral, e que atinge a nascente, as terras de Sever e Arouca.

Descrição da forma e indicação dos materiais de que são construídos.

- 424 GALHANO, Fernando — *Algumas notas sobre os espigueiros do Douro Litoral*. DL, Oitava Série, I-II, Porto, 1957, pp. 79-88., 3 figs.

Estudo descritivo dos espigueiros desta área.

- 425 GALHANO, Fernando — *A Problemática dos Espigueiros*. OCP, 24-3-1959.

Exposição e crítica das teses quanto às origens dos espigueiros do noroeste peninsular: Frankowski, Walter Carlé, Lopes Soler e Torres Balbás — teses palafítica, funcional, e a partir de certas casas da região, respectivamente.

- 426 MATTOS, Armando de — *Espigueiros*. DL, Segunda Série, II, Porto, 1944, pp. 9-14, 10 figs.
Breve nota sobre espigueiros do Douro Litoral; hipótese quanto à sua origem.
- 427 VIANA, A. — *Nota etnográfica — Espigueiros*. AVC, I, 11, Viana do Castelo, 1934, pp. 338-341.
Breve referência aos silos algarvios, a seirões de peles das tribos africanas, e a espigueiros. Decomposição de peças de 4 espigueiros.
Ver Ref.^{as}: 142, 280, 377.

1.2. EDIFÍCIOS RELIGIOSOS

- 428 BRAGA, Alberto Vieira — *Nichos de «Alminhas»*. GV, I, Guimarães, 1925, pp. 307-322.
Considerações sobre as «Alminhas». Indicação e breve descrição das Alminhas do concelho de Guimarães.
- 429 CASTRO, D. José de — *Estudos Etnográficos — Aveiro — Culto religioso — Usos e costumes*. VI, Lisboa (Ed. do I.A.C.), 16 pp. e 40 figs.
Descrição de algumas procissões religiosas; de Alminhas; de ex-votos; e do traje da região.
- 430 CHAVES, Luís — *O culto Mariano em Lisboa*. RG, LXXI, Guimarães, 1961, pp. 115-134.
Extensa lista de ermidas, capelas e oratórios.
- 431 CORREIA, Vergílio — *Sciencia, filosofia e critica social — As Alminhas*. AORP, IV (2.^a Série), Porto, 1913, pp. 146-155, 7 figs.
Estudo sobre as Alminhas do distrito de Coimbra; culto que o povo lhes devota.
- 432 FELGUEIRAS, Guilherme — *Os Cruzeiros*. VRTDC, 5, 1938, p. 14.
Pequena nota sobre cruzeiros.
- 433 GONÇALVES, Flávio — *Os Painéis do Purgatório e as origens das «Alminhas» populares*. BBPMM, 6, Matosinhos, 1959, pp. 71-107, 17 figs.
Estudo acerca da origem, figurações, localização e expansão geográfica das Alminhas.
Refutação da tese que filiava as Alminhas nos *Lares Viales* e *Lares Compitales* romanos. Para o Autor, estes foram substituídos pelos cruzeiros, de madeira e pedra, repetindo as funções daqueles. «A origem das Alminhas prende-se sim, à Contra-Reforma, quando o culto das almas se revigorava no mundo

católico e o tema do Purgatório adquiriu para os artistas uma importância que até então nunca tivera». E segundo o Autor, foi essa iconografia do Purgatório dos retábulos das igrejas que foi adoptada nos painéis das Alminhas, a partir do fim do século XVI. Quanto à sua localização, diz haver resultado «da aliança do culto das almas com os cruzeiros, e da atracção exercida sobre o povo por certos lugares que sempre têm andado ligados a ritos mágicos e religiosos».

- 434 M., A. de — *Alminhas e oratórios*. DL, IV, Porto, 1941, pp. 16-17; VI, 1943, pp. 74-75, 8 figs.

Indicação de 8 Alminhas. Sua localização.

- 435 MATTOS, Armando de — *O Calvário de Caramos*. DL, Segunda Série, III, Porto, 1945, pp. 6-11, 4 figs.

Notas explicativas e enumeração de «Calvários», Vias-sacras e Passos, no Douro Litoral. O «Calvário», de Caramos.

- 436 REAL, Mário Guedes — *Cruzeiros legendados da Estremadura*. EBJP, 16, Lisboa, 1947, pp. 315-334.

Achegas para o estudo de alguns cruzeiros estremenhos.

- 437 SOUSA, Tude M. de — *Serra do Gerês — Cruzeiros e Alminhas*. ATP, 4, Lisboa, 1922, pp. 169-172.

Notícia e descrição de dois cruzeiros da região — S. João do Campo e Covide — cujas bases são marcos miliares da estrada romana de Braga a Astorga, pela Portela do Homem.

Descrição e breve história das Alminhas da Candorca, no Rio Caldo.

- 438 VIANA, Abel — *Cruzeiros*. MCP, VII, 83, Lisboa, 1953, pp. 12-13, 7 figs.

Distinção entre cruzeiros autênticos (marcos de propriedade «em frente de igrejas... capelinhas... a indicarem que o terreno em que se implantavam era sagrado, pertencia à paróquia, convento... ou confraria»...), e as cruzes à beira dos caminhos a assinalar morte de homem, os «passos» das Vias-sacras, as cruzes associadas a Alminhas a meio de pontes medievais ou encruzilhadas, as cruzes comemorativas, etc.

Variedade de cruzeiros.

- 439 V., J. L. de — *Alminhas do Minho*. BE, III, Lisboa, 1924, pp. 38-39.

Breve nota sobre Alminhas.

- 440 VITORINO, Pedro — *Cruzeiros Portugueses*. DL, IV, Porto, 1941, pp. 3-15.

Velhos cruzeiros esculpidos que se erguiam na via pública, na cidade do Porto; cruzeiro da Sé, Senhor da Consolação, Senhor da Boa Fortuna, Senhor do Divino Amor e Almas, Cristo Crucificado, Senhor do Padrão e Senhor dos Aflitos. História de cada um.

- 441 S/A. — *Alminhas e oratórios*. DL, II, Porto, 1940, pp. 20-21, 4 figs.
Pequena nota de 4 Alminhas, da Província: Canaveses, Arouca, Sobrado de Paiva.
Ver Ref.^{as}, 286, 319, 322.

1.3. EDIFÍCIOS SOCIAIS

1.3.1. CEMITÉRIOS E TÚMULOS

- 442 ALVES, Francisco Manuel — *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança - Arqueologia, Etnografia, Arte*, IX, Porto, 1934, 718 pp. + 26.

Estudo das lápides funerárias do Museu de Bragança.
Exemplos actuais do culto das águas, rios, fontes, árvores e fogo, com eficácia sobretudo no S. João; indicação das aldeias onde ainda ocorrem.
Notícias históricas e lendas referidas a terras do distrito.
Citação dos clássicos que se referem ao carácter e costumes dos nossos antepassados; persistência de alguns desses costumes: uso da bolota, manteiga e pingue na alimentação; montículos de pedras sobre sepulturas de pessoas assassinadas junto a caminhos; participação da mulher em grande medida, nos trabalhos da lavoura; etc.
Descrição de cortejos báquicos, específicos do S. Martinho.
Casamentos do Entrudo.
Considerações sobre a psicologia e hábitos do trasmontano, segundo alguns autores.
Apodos tópicos, irritantes e epigramáticos.
Lançamento dos santos à água (Rio de Onor).
Canções geográficas.
Festas religiosas e populares: Natal — tição contra trovoadas, missa do galo, prognósticos do estado de tempo futuro; Janeiras, troca de presentes (filiação destas festas nas Saturnais). Breve descrição da Festa dos Loucos.
Festas dos Rapazes — Indicação das aldeias em que têm lugar (a 26 de Dez. e 6 de Jan.) e descrição do seu complexo cerimonial, conforme as aldeias; loas ou comédias (apreciação sarcástica dos acontecimentos do ano), uso de máscaras, peditórios, refeições, exclusão de mulheres, danças (que considera de origem litúrgica, diferentes portanto das danças de pauliteiros); etc. Cantigas dos Reis.
Morte — mascarado que percorre as ruas de Bragança no dia de Cinza — sua filiação nas festas Lupercais.
Serração da Velha.
Ladainhas — romagem e benção dos campos.
1.º de Abril — dia dos enganos.
Páscoa — queima do Judas; ofertas de folares (pão de trigo amassado com azeite, manteiga e ovos e recheado de carne, especialmente de porco).
Maias — obrigatoriedade de comer castanhas: figuração do Maio moço; sua filiação nas Florales romanas.
S. João — fogueiras, orvalhadas, banhos, sortes, ervas bentas; relação entre estas e as festas do solstício do verão.

1.º de Nov. — Pau das almas (carro de lenha puxado por rapazes, o produto de cuja venda reverte para missas pelas almas); peditório de castanhas para o mesmo fim.

Agouros, almas penadas e espíritos.

Casamento — pagamento da *robra* e talanqueira (que considera como reminiscência de ritos em que tinha lugar a compra da mulher), rapto da noiva, oferta de roca e fuso a esta, assalto aos bolos de configuração fálica que os noivos empunham à saída da igreja (culto fálico); etc.

Medicina popular.

Paráfrases populares à doutrina cristã.

Grelo da meda — obrigação do patrão dar vinho aos malhadores.

Exploração em comum dos baldios — obrigações do mordomo das roçadas e das lameiras; descrição das talas em que se inscreviam as multas e as cabeças do gado dos vizinhos, e ainda da tala do foro de Calabor (Espanha).

Feiticeiras — lugares de reunião, malefícios, etc.; filiação destas credices em cultos fálicos. Práticas preventivas contra feiticeiras.

Freio das mulheres e homens maldizentes — descrição de dois exemplares em ferro, usados como instrumento de punição pela jurisdição camarária.

Funerais — distribuição de pão nos enterros; extractos de livros de Assento paroquiais, referentes a obradas fúnebres, etc.

Descrição sumária do traje mirandês de homem.

Dança dos pauliteiros: indicação de 33 laços, bem como das aldeias em que esta tem lugar. Defesa da tese que filia estas danças em danças guerreiras gregas.

Descrição do traje dos pauliteiros.

Pelourinhos — estudo dos pelourinhos da região.

Porco — inventário das esculturas deste quadrúpede em Trás-os-Montes. Menção de algumas teses quanto à sua origem: demarcação de caminhos pastoris, marcos divisórios, divindades tutelares, monumentos religiosos pré-históricos, monumentos funerários, etc.; tese pessoal: restos de um culto totémico.

Concordâncias rituais entre o paganismo e o cristianismo.

- 443 LIMA, Augusto César Pires de — *Cabeceiras de sepultura*. DL, I, Porto, 1940, pp. 63-67, 7 figs.

Pequena nota descritiva de algumas lápides sepulcrais em Monte Córdova (Santo Tirso).

- 444 MIRANDA, Abílio — *Os «Marmorais»*. DL, V, Porto, 1942, pp. 3-19, 7 figs.

Notícias sobre os Memoriais de carácter funerário da época medieval, que existem junto aos caminhos. Menção e transcrição de textos. Localização e história.

- 445 V., J. L. de — *Pedra com sino-saimão*. AP, I, Lisboa, 1895, p. 260.

Notícia de uma pedra, talvez sepulcral, do Museu de Beja, que mostra uma cruz e um sino-saimão.

- 446 VIANA, Abel — *Provável cemitério de escravos em Loulé*. Et, III, Lisboa, 1948, pp. 1-4.

Breve estudo de numerosas ossadas encontradas a meio quilómetro da antiga muralha de Loulé, e que o Autor presume serem de escravos.

- 447 VITORINO, Pedra — *Acerca de Os «Marmoriais»*. DL, VI, Porto, 1943, pp. 10-11.

Notas sobre os memoriais.

Ver Ref.^{as} 1719, 1720, 1722

1.3.2. PELOURINHOS

- 448 ALMEIDA, José Maria de — *Apontamentos — Pelourinhos da Beira Serra*. ARFMBS, II, Guarda, 1942, pp. 152-55, 4 figs.

Notícias sobre alguns pelourinhos da Beira.

- 449 ALVES, Francisco Manuel (Abade de Baçal) — *Um destino inédito (?) dos Pelourinhos*. RAr, III, Lisboa, 1936-38, pp. 257-258.

Transcrição dum documento manuelino, em que se diz que nos pelourinhos se colocavam mãos e pés cortados em execução de sentenças.

- 450 BONIFÁCIO, Luís — *Os cinco pelourinhos de Alcobaça*. EBJP, 18, Lisboa, 1948, pp. 241-254.

Informações sobre alguns pelourinhos e transcrição de trechos da série de crónicas publicadas acerca do pelourinho.

- 451 BONIFÁCIO, Luís — *Pelourinhos*. NA, XIX-XXI, 1021 a 1042, Lisboa, 1952-1953.

Considerações e estudo acerca de pelourinhos.

- 452 CHAVES, Luís — *Os Pelourinhos Portugueses* (Estudos Nacionais. Dir. Armando de Mattos). Gaia, 1930, 67 pp., 16 figs.

Citações literárias e históricas referentes aos pelourinhos. Apoiado em documentos históricos, define a função do pelourinho, que considera apenas como instrumento penal, mas onde nunca foi aplicada a pena capital, e mesmo até como monumento local. Estuda os diferentes tipos de pelourinhos existentes entre nós, agrupando-os em 7 categorias fundamentais.

- 453 CHAVES, Luís — *Os pelourinhos de Portugal nos domínios do império de Além*. AHM, III, Funchal, 1933, pp. 161-163; e IV, 1934-1935, pp. 168-170.

Notas sobre pelourinhos da Madeira.

- 454 CHAVES, Luís — *Pelourinhos do distrito de Viana do Castelo*, AVC, I, Viana do Castelo, 1934, pp. 38-41 e 363-377.
Notas históricas e descrição de pelourinhos do distrito de Viana.
- 455 CHAVES, Luís — *Os pelourinhos de Portugal nos domínios do seu império de além-mar*. Et, I, Lisboa, 1935, pp. 91-112.
História dos pelourinhos da Madeira, Índia e Brasil.
- 456 CHAVES, Luís — *Por Além-Mar — Pelourinhos de África*, FL, VIII, Lisboa, 1937, pp. 53-56.
Notícias e história de alguns pelourinhos africanos.
- 457 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, IV, Lisboa, 1939, pp. 486-497.
Notas sobre os pelourinhos, com quadras populares. Referências a dois trajes tradicionais dos arredores de Lisboa.
- 458 CHAVES, Luís — *Os pelourinhos — Elementos para o seu catálogo geral*. Lisboa, 1939, 109 pp.
Função e significado do pelourinho. Bibliografia sobre o assunto. Descrição de grande número de pelourinhos.
- 459 CHAVES, Luís — *Cruzeiros e alminhas*. EBJP, 2, Lisboa, 1943, pp. 149-154.
Considerações sobre pelourinhos e cruzeiros.
Referências históricas a pelourinhos e cruzeiros estremenhos.
- 460 CHAVES, Luís — *Os pelourinhos portugueses — O seu perfil histórico, artístico e etnográfico-folclórico*. RG, LVIII, Guimarães, 1948, pp. 202-224.
Distinção entre pelourinho e forca. Descrição da forma de pelourinhos, que faz derivar das picotas medievais. Topónimos a que estes deram lugar. Quadras populares alusivas a pelourinhos.
- 461 COSTA, A. Teixeira Félix da — *Os Pelourinhos — Estudo histórico*. Elvas, 1926, 20 pp.
Atribuições e competência legislativa dos almotacés, segundo notícias históricas extractadas de forais, posturas, disposições, etc., do século XIV em diante. Exposição dos condenados na *picota* ou pelourinho, para expiação de crimes. Além da exposição dos culpados, era ainda junto dos pelourinhos que tinha lugar a execução de outras penas, tais como açoites, corte da língua ou de um pé, etc.

- 462 DIAS, Jaime Lopes — *Distrito Etnográfico - O Pelourinho de Vila Velha do Ródão*. AR, III, 135, Castelo Branco, 1928.
Notícias sobre o pelourinho de Vila Velha de Ródão. Duas orações populares.
- 463 FELGUEIRAS, Guilherme — *Pela reintegração dos pelourinhos estremenhos*. EBJP, 11, Lisboa, 1946, pp. 113-119.
Elementos para a reconstituição histórica dos pelourinhos estremenhos.
- 464 HELENO, Manuel — *O Pelourinho de Monte Real*. AP, XXV, Lisboa, 1921, pp. 27-33, 3 figs.
Considerações acerca do pelourinho de Monte Real, dos pelourinhos de gaiolas, e das forcas do século XVI.
- 465 LEÇA, Armando — *Nótulas de viagem — Os Pelourinhos*. FL, VIII, Lisboa, 1937, pp. 168-170.
Considerações literárias sobre pelourinhos.
Cantos religiosos da Beira Baixa — a encomendação das almas.
- 466 LEAL, Silva — *Os Pelourinhos de Trás-os-Montes*. IT, 2, Porto, 1909, pp. 153-154 e 172; 3, Porto, 1910, pp. 24-25, 38-39, 56-57, 74-75, 87-88, 109, 112, 126-127, 153-156, 170-172, 182.
Descrição de vários pelourinhos desta região.
- 467 M., A. de — *Os pelourinhos do Douro Litoral*. DL, v, Porto, 1942, pp. 67-70, 5 figs.
Enumeração dos pelourinhos da província, existentes e desaparecidos. Descrição dos de: Soalhães (Marco de Canaveses), S. Martinho de Mouros (Resende), Nespereira (Cinfães), Azurara (Vila do Conde) e Vila do Conde.
- 468 REAL, Mário Guedes — *Pelourinhos da Beira Alta*, BAAP, II, Viseu, 1943, pp. 203-215; III, 1944, pp. 45-58, 253-260 e 343-352; IV, pp. 56-61, 109-119, 165-176 e 230-238; V, 1946, pp. 17-23, 93-103 e 223-235; VI, 1947, pp. 25-42, 121-141, 227-240; VII, 1948, pp. 97-112, 207-225, 311-329; VIII, 1949, pp. 109-126 e 479-495; IX, 1950, pp. 91-102, 221-237 e 313-322; X, 1951, pp. 203-230; XI, 1952, pp. 99-112 e 331-344; XII, 1953, pp. 65-76, 261-277 e 365-374; XIII, 1954, pp. 41-52, 351-366 e 478-499; XIV, 1955, pp. 61-78, 189-207 e 321-342; XV, 1956, pp. 141-157 e 327-341; XVI, 1957, pp. 159-172; XVII, 1958, pp. 25-41, 116-128 e 329-343; XVIII, 1959, pp. 79-102; XIX, 1959, p. 181.
Estudo acerca dos pelourinhos da Beira Alta, dos quais apresenta uma relação por ordem alfabética dos lugares onde se encontram, e da sua distribuição por concelhos.

- 469 REAL, Mário Guedes — *Pelourinhos da Estremadura*. EBJP, 24-25, Lisboa, 1950, pp. 103-125, 8 figs.
Estudo de 7 pelourinhos da Estremadura e menção de alguns desaparecidos.
- 470 SILVA, A. Vieira da — *Os pelourinhos de Lisboa*. RML, 1, Lisboa, 1930-40, pp. 27-34.
Notas históricas sobre o pelourinho de Lisboa.
- 471 TEIXEIRA, Garcez — *Inquérito sobre Pelourinhos*. RAr, III, Lisboa, 1936-38, pp. 52-55.
Nota acerca de um inquérito a fazer sobre pelourinhos.
- 472 VASCONCELLOS, J. Leite de — *A Ucanha e o seu pelourinho*. RG, 1, Guimarães, 1940, pp. 74-76.
Breves notícias históricas sobre Ucanha e sobre a restauração do pelourinho que havia sido destruído. (O restauro foi pago pelo Autor).
Ver Ref.^{as}: 3, 278, 301, 442.

1.4. SISTEMAS DE CONSTRUÇÃO

- 473 CORTEZ, Fernando A. de Russell — *Os Valos — Sobrevivências de velhos usos árabes?* DL, VII, Porto, 1943, pp. 41-42.
Os «valos» divisórios, em terra, da região do Mindelo.
A técnica árabe da taipa, sobrevivente no Algarve. Serão os «valos» outra reminiscência do mesmo costume árabe?
- 474 GALHANO, F. — *Algumas aplicações de xisto*. DL, Oitava Série, v-VI, Porto, 1957, pp. 565-570, 6 figs.
Vários exemplos de casos em que o xisto é utilizado como material de construção.

1.5. DIVERSOS

- 475 C., V. — *Grimpas de Montemor-o-Velho*. ATP, 2, Lisboa, 1916, pp. 91-92, 4 figs.
Breves considerações sobre cataventos, sua origem nas bandeiras nobres, e sua ulterior popularização. Menção da obra de Rocha Peixoto. Indicação dos cataventos de Montemor-o-Velho.
- 476 MATTOS, Armando de — *Os cataventos do Museu Machado de Castro*. IM, IV, 35, Porto, 1929, pp. 401-402.
Refere-se a nove exemplares de cataventos da colecção do Museu Machado de Castro, e à sua origem e evolução.

- 477 P., R. — «*Prisões*» de gado. P, 2, Porto, 1908, pp. 78-79, 3 figs.
Notas sobre algumas argolas de pedra embutidas nas paredes, usadas para prender animais, encontradas em Montesinho, Montemuro, Moncorvo e Freixo, e que o Autor relaciona com argolas similares das citânias do Minho.
- 478 VASCONCELLOS, Leite de — «*Bonecas*» de chaminés do sul. BE, I, Lisboa, 1920, pp. 31-32.
Breve referência a este elemento das cozinhas do sul, a que atribui ascendência pagã.
- 479 VASCONCELLOS, Leite de — *Relógios de sol*. BE, I, Lisboa, 1920, pp. 24-25, 3 figs.
Breve descrição de três relógios de sol.
- 480 V., J. L. de — *Bonecas de chaminé*. BE, III Lisboa, 1924, pp. 11-12.
Breve referência a uma «boneca» de chaminé.
- 481 VITORINO, Pedro — «*Frades*» de pedra. DL, IX, Porto, 1944, pp. 20-22, 3 figs.
Indicação das colunas de pedra, de protecção, que havia no Porto. Interpretação adversa à opinião de que são cultos pagãos.

2. OBJECTOS E ALFAIAS

2.1. MOBILIÁRIO

- 482 ABELHO, Azinhal — *Roteiro Lírico do Alentejo — Mobiliário alentejano*. MCP, XI, 126, Lisboa, 1956, pp. 10-11.
Nota descritiva do mobiliário alentejano.
- 483 BRITO, Nogueira de — *O nosso mobiliário*. Porto, s/d (Enciclopédia pela Imagem), 64 pp.
Obra sobre o mobiliário palaciano português, com numerosas ilustrações, e breves considerações (no fim) sobre mobiliário popular.
- 484 CHAVES, Luís — *Apontamentos e notas de um português*. ALP, VI, Lisboa, 1944-45, pp. 198-200.
Enumeração de algumas peças do mobiliário caseiro; utensílios da cozinha.
- 485 GUIMARÃES, Alfredo e SARDOEIRA, Albano — *Mobiliário Artístico Português (Elementos para a sua história)*. I — *Lamego*. Porto, 1924, 108 pp., 96 figs.
Estudo do mobiliário de Lamego, feito pela explicação das gravuras, e precedido de outro estudo sobre a arquitectura, pintura, arte do ferro, bordados,

azulejos, tapeçarias, ourivesaria, obras de torno e ensamblado, entalhadores, e conclusões: «o mobiliário decorado... teve um notável e prolongado cultivo em Lamego, pelo menos desde o século XVI ao XIX».

- 486 GUIMARÃES, Alfredo — *Mobiliário artístico português (Elementos para a sua história)*. II — *Guimarães*. Vila Nova de Gaia, 1935, 184 pp., 132 figs.

Estudo do mobiliário vimaranense, feito em comentário às reproduções fotográficas dele apresentadas, e precedido de um estudo da arquitectura, escultura, pintura, ourivesaria, esmaltes, ferro forjado, tapeçarias, azulejos, tecidos e bordados, pintores e douradores, obras em madeira.

Pequeno estudo sobre a casa e certos móveis: o leito, a caixa, o preguiceiro, etc. dos séculos XII, XIII, XIV.

- 487 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, e GALHANO, Fernando — *Mobiliário*. APP, 1, pp. 139-172, 30 figs.

No estudo do mobiliário estabelecem três categorias distintas:

1.º — móveis de fabrico local que seguem a velha tradição artesanal rústica, condicionada pelo fundo étnico-histórico e geográfico-cultural das respectivas regiões;

2.º — móveis de inspiração palaciana ou burguesa;

3.º — móveis fabricados por habilidosos que criavam mesmo modelos originais para seu uso ou ofertas cerimoniais.

Filiam os primeiros em correntes mobiliárias românicas; e consideram os segundos de introdução relativamente recente, a partir do século XVII.

Descrevem as principais peças de que se compõe o mobiliário das casas rurais portuguesas: camas, cómodas, oratórios, mesas, cadeiras, bancos, arquibancos, relógios altos de pé, arcas, armários, preguiceiros, masseiras, garfeiras, copeiras, louceiros, colhereiras, saleiros, cantoneiras, berços, etc.

Tratam ainda da obra de cortiça, produto da arte pastoril alentejana.

Acentuam a feição sóbria, rude, e a pobreza de decoração do nosso mobiliário popular em relação com o mobiliário geral europeu, com o qual tem afinidades, especialmente com o dos países românicos.

- 488 PEREIRA, Félix Alves — *Por baixo da chaminé*. FL, v, Lisboa, 1932, pp. 22-29.

Apontamentos sobre o mobiliário duma cozinha minhota.

- 489 SACADURA, Costa — *O Berço*. PRFCA, II, 3, Porto, 1938, pp. 175-195, 34 figs.

Estudo da origem dos berços, segundo elementos iconográficos, gregos, romanos, góticos, até aos nossos dias.

- 490 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Berços infantis*. BE, I, Lisboa, 1920, pp. 50-51.

Breve nota sobre berços populares e palacianos.

- 491 VASCONCELLOS, J. Leite de — *De Terra em Terra — Excursão arqueológica-etnográfica através de Portugal (Norte, Centro e Sul)*, II, Lisboa, 1927, 300 pp., 255 figs.

Referências aos trilhos, a objectos de cortiça e madeira, cornos lavrados por pastores. Notas descritivas dos instrumentos usados pelos curtidores. A procissão do Enterro de Cristo na Semana Santa — figurações bíblicas; as ervas que juncam o chão nessa altura, são guardadas para queimar, a fim de afugentar as trovoadas. Menção do fabrico de bolos doces de forma zoomórfica (lagartos e galinhas), em Fronteira, na véspera da Páscoa. Notas sobre ex-votos e sobre o coração na arte e poesia populares. Descrição do mobiliário duma cozinha alentejana. Valor apotropaico dos ramos bentos nesse dia. Alusão a tosquiadores profissionais e ornatos com que decoram os animais muars. Menção do rito de provocação da chuva. Prática mágica para livrar de sezões. Menção de uma pedra de escorregar (Senhora da Cola), *A Pedra d'urina* (fóssil que o povo raspa e toma com água para curar cálculos vesicais). Referências ao bioco (1866) em Beja; menção do seu uso; sua abolição decretada oficialmente em 1892, pelo governador civil de Olhão. Etc.

- 492 VASCONCELLOS, Leite de — *Mobília popular alentejana*. BE, II, Lisboa, 1923, pp. 51-52.

Fotografias de bancos, mesa, cadeirão, etc.

Ver Ref.^{as}: 68, 142, 144, 205, 206, 218, 219, 221, 230, 238, 243, 284, 285, 290, 308, 310, 317, 349, 370, 397,415.

2.2. UTENSILAGEM DOMÉSTICA

- 493 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia portuguesa*. RO, 54, Lisboa, 1958, pp. 46-50.

Notas sobre grais ou almofarizes; variedades de formas e material de que são feitos. Elementos diferenciados na decoração: clássicos, nas peças industriais; populares, em produtos artesanais.

- 494 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Depois da matança do porco*. BE, III Lisboa, 1924, p. 16.

Pequena nota sobre o prato de madeira em que, em Trás-os-Montes, se corta a carne de porco para a preparação dos chouriços. Comparação deste com o «migador» de couves de Vilarinho da Fuma.

- 495 VASCONCELLOS, Leite de — *Modos de avivar o lume*. BE, III, Lisboa, 1924, pp. 43-44.

Breves comentários a desenhos de abanadores de verga e de penas, e assopradores.

- 496 V., J. L. de — *Encostos de panelas*. BE, III Lisboa, 1924, pp. 27-28.

Nota breve sobre encostos de panelas alentejanos.

Ver Ref.^{as}: 142, 144, 250, 280, 290.

2.3. ILUMINAÇÃO

- 497 M., A. de — *Lucerna primitiva*. DL, I, Porto, 1940, p. 70, 1 fig.
Uma lucerna feita com a valva de molusco (Póvoa de Varzim).
- 498 MARTHA, Cardoso — *Luminária popular*. VAPP, Lisboa, 1940, pp. 159-171.
Enunciado dos diferentes tipos de iluminação popular, e da variedade das suas respectivas formas.
- 499 PEIXOTO, Rocha — *Etnografia Portuguesa — Iluminação Popular*. P, 2, Porto, 1908, pp. 35-48, 36 figs.
Estudo sobre a iluminação popular. O Autor foca o carácter sagrado do fogo através das idades e dos diferentes povos, e descreve alguns processos primitivos de o obter e modos de o manter aceso. No que se refere a Portugal, alude ao uso, no norte serrano, dos resineiros, gamões, silvas, carquejas, urzes, etc., como sistema tradicional de iluminação; aos combustíveis de intestinos de peixes e gorduras de animais; à mecha embebida em enxofre; etc. O facho, o archote e a vela; importância cerimonial que os gregos, romanos e sobretudo o cristianismo, lhe atribuíram. Menção de lâmpadas de gorduras animais e vegetais que remontam à idade do Bronze; sua evolução desde a concha de um bivalve até às lucernas, candeias, lanternas, etc. Descrição de vários tipos de candeias, candeieiros, lanternas, etc., de uso corrente entre nós, e afinidades que apresentam com esses velhos modelos.
- 500 V., J. L. de — *Candeias árabes do Algarve*. AP, VII, Lisboa, 1902, pp. 119-123, 4 figs.
Origem de algumas candeias de bronze, metálicas e de barro.
- 501 VITERBO, Sousa — *As candeias na indústria e nas tradições populares portuguesas*. P, I, Porto, 1903, pp. 365-368, 629-631 e 858-860.
As velas bentas ou candeias — uso pagão que o cristianismo herdou — nas procissões e romarias portuguesas: a N.^a S.^a das Candeias (2 de Fevereiro), celebrando a apresentação da Virgem segundo o rito judaico. O «Queimar candeias» da cantiga de Pero de Viviães (Canc. da Vaticana), a propósito da festa de S. Simão de Val de Prados, e da cantiga referente à romaria de Santiago (transcrita por Teófilo Braga). Transcrição de documentos históricos, referentes a candeias: duas cartas de Afonso V, sobre privilégios de vendas de candeias em Azambuja, aos devotos das festas do convento das Virtudes. Carta de Afonso V, mencionando importações (pela Alfândega do Porto) de «candeias de Aragão para rezar». Menção dessas candeias nas cantigas de João Gomes de Abreu, do Cancioneiro Geral; candeias de rezar importadas de Paris já no tempo de D. Dinis — menção das cantigas n.^{os} 807 e 808 do Cancioneiro da Vaticana, a propósito da romaria de S. Clemente. Menção e trans-

crição dum documento de 1365, emprazando casas ao «candeeiro que fora d'El-Rei D. Dinis»; e outros de D. Fernando, falando na «rua dos candeeiros de cera». Carta de D. Manuel, confirmando uma anterior, que se refere à importação de candeias de Aragão. Menção dum prior de Alcobaça, dirigindo-se a D. Manuel, e falando em candeias.

A Senhora das Candeias, na capela Real; tamanho e peso das diversas candeias. A vela no arsenal litúrgico, em actos religiosos privados, e na superstição. A vela na extrema-unção. Menções de Gil Vicente e António José da Silva. O Auto da Mofina Mendes. Menção da festa da Purificação no Leal Conselheiro. Velas, candeias e círios. A festa e feira de Santa Brígida no Lumiar. Venda e benção da cera; benção do gado e sua circum-ambulação tripla à volta do templo (1902).

Ver Ref.^{as}: 114, 142, 144, 230, 408, 794, 1406.

2.4. DIVERSOS

- 502 CARDOSO, Mário — *Algumas curiosidades etnográficas da Beira Alta observadas na região de S. Pedro do Sul*. ACEELV, II, Porto, 1959, pp. 239-249.

Descrição de alguns relhos, taramelos, malho (para enxotar bichos daninhos), fechaduras de madeira, e duas fechaduras de ferro, do período romano.

- 503 CASTELO-BRANCO, Fernando — *Um caso de semelhança instrumental em povos diferentes: as fechaduras de madeira de Portugal, e dos Bijagós e Papéis (Guiné Portuguesa)*. ACEELV, III, Porto, 1960, pp. 121-123.

Refere-se à existência de fechaduras de madeira em Portugal e na Guiné. Explica o facto por coincidência e não por difusão dum povo para outro.

- 504 CHAVES, Luís — *Arte popular do Alentejo*. AORP, XII (2.a Série). Porto, 1917, pp. 53-58, 4 figs.

Pequeno estudo sobre os ganchos de meia, de barro, de Estremoz.

- 505 CHAVES, Luís — *Mealheiros*. A, II, Lisboa, 1917, pp. 866-874, 9 figs

Notas históricas acerca do uso dos mealheiros. Descrição de vários tipos.

- 506 CHAVES, Luís — *Gaiolas de grilos*. A, III, Lisboa, 1918, pp. 698-703.

Superstições aliadas aos grilos.

Descrição de gaiolas para grilos, que agrupa em três tipos fundamentais.

- 507 CHAVES, Luís — *Notas etnográficas de Lisboa. «Alforjes» e «Cangalhas»*. RML, 68, Lisboa, 1956, pp. 13-24.

Descrição dos alforjes e cangalhas: tipos, decorações, etc.

- 508 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia portuguesa*. RO, 53, Lisboa, 1957, pp. 79-85.

Menção de nomes de utensílios — produto de arte popular — destinados a serviços domésticos; comentário à sua decoração.

- 509 CHAVES, Luís — *Nota etnográfica — Os «aventais» dos cavalos das carroças de Lisboa*. RML, 84, Lisboa, 1960, pp. 55-58.

Nota sobre os aventais dos cavalos que puxam as carroças nas ruas de Lisboa. Descrição do seu formato, tecido e ornamentações.

- 510 COSTA, Carreira da — *Etnografia agrícola — Fechaduras de madeira em S. Miguel*. CRCAA, 8, Ponta Delgada, 1948, pp. 86-89, 3 figs.

Descrição de três tipos de fechaduras de madeira usadas em S. Miguel.

- 511 C., V. — *«Arrôchos» de Larinho e Felgar (Moncorvo)*. ATP, 2, Lisboa, 1916, p. 92.

Indica que, nas duas localidades, são as mulheres quem ata, em fochas, os molhos de palha, servindo-se, para tal, de «arrôchos», e descreve o modo do seu uso, a rústica decoração que os ornamenta, e o seu tamanho. Alguns são pintados a cores. Instrumentos de uso exclusivamente feminino.

- 512 DIAS, Jorge — *Contribuição ao estudo do barbilho*. TAE, XVI, 1-4, Porto, 1958, pp. 171-174, 3 figs.

Refere-se ao trabalho de Frederico Lane sobre o uso do barbilho no Brasil, em que fala de dois tipos principais: um, formado por uma tábua rectangular, triangular ou semicircular, que se prende ao focinho dos bezerros para estes não poderem mamar; e outro, — *a focinheira* — que é uma espécie de cabresto de couro guarnecido de pregos. Lane, embora tivesse encontrado a palavra *barbilho* nos nossos dicionários, por falta de outros elementos de comparação, e porque registou o termo *tabuleta* (que corresponde ao primeiro tipo) entre colonos italianos, deduziu que se tratava de um latinismo.

Dada porém a grande difusão deste elemento entre nós — o Autor define 6 formas: 1) *tabuleta* (igual ao 1.º descrito por Lane); 2) *picadeira* (tábua com espetos cravados); 3) *cabresto de picos* (que corresponde à *focinheira* brasileira); 4) *barbilho* (pequeno cilindro de madeira que se mete atravessado na boca dos cabritos); 5) espécie de açaimo feito de tábuas flexíveis ou de arame; e 6) igual ao anterior apenas com a diferença de ser feito de esparto — conclui que se trata de um elemento introduzido no Brasil pelos portugueses.

Considera o uso da *tabuleta* muito antigo, originário da Ásia e difundido na Hungria e outras regiões ganadeiras da Europa ocidental.

- 513 DIAS, Jorge — *Ensaio de Etnografia — Acheia para o problema das fechaduras de madeira em Portugal e na África*. Lisboa, 1959, 14 pp., 1 fig.
 Refere-se ao trabalho de Fernando Castelo-Branco sobre fechaduras de madeira de Portugal e da Guiné portuguesa, e a propósito faz alguns comentários acerca do conceito de Etnologia e Folclore.
 Considera este instrumento muito antigo, dada a grande área de difusão, que sumariamente aponta: as fechaduras do tipo português na Península Ibérica, Itália, Cáucaso, Ásia Menor e Costa Oriental africana; e as fechaduras em que o orifício da entrada da chave se abre no próprio trinco, que se encontram desde a Ásia Central até uma grande parte da Europa, na África Ocidental e na África Oriental.
- 514 FRANKOWSKI, Eugenysz — *A Cabaça*. TAE, V, 2, Porto, 1931, pp. 113-136.
 Resumo dum estudo sobre a cabaça em todo o mundo: característica botânica, distribuição geográfica, formas, utilização, ornamentação, etc.
- 515 LOPES JÚNIOR, Frederico — *Etnografia agrícola — Fechaduras de madeira nas ilhas Terceira, Graciosa e S. Jorge*. CRCAA, 8, Ponta Delgada, 1948, pp. 83-84.
 Estudo descritivo acerca das fechaduras de madeira usadas nestas três ilhas.
- 516 MACHADO, General Lacerda — *Etnografia agrícola — Fechaduras de madeira na ilha do Pico*. CRCAA, 8, Ponta Delgada, 1948, pp. 85-86.
 Descrição dum tipo de fechadura de madeira usado na ilha do Pico.
- 517 PEREIRA, F. Alves — *Pictografias murais da Torre*. AP, XXIII, Lisboa, 1918, pp. 58 e 60.
 Figuras dealbadas a cal em uma parede, na aldeia da Torre (Cascais).
 Descrição dum objecto, usado nas eiras, na altura das trilhas a gado, e que serve para este *desbostar* (é formado por uma vara de marmeleiro bifurcada, com as duas pontas amarradas de modo a formar um O alongado, a que se prende uma pele de carneiro que fica convexa; do outro lado tem um aguilhão e serve para estimular os animais).
- 518 PESSANHA, D. Sebastião — *Do Alentejo. III — Jaezes ornamentados (Beja)*. ATP, 3, Lisboa, 1917, pp. 177-179.
 Descrição de uma loja de correeiro em Beja, onde se fazem as peças para ajaezar animais, e das peças fabricadas.
- 519 PESSANHA, D. Sebastião — *Fechos das coleiras do gado na Beira Baixa e no Alentejo*. TAE, XIII, 1-2, Porto, 1951, pp. 79-102, 17 figs.
 Estudo dos fechos de coleira de gado, que relaciona com culturas pastoris. Delimitação da área onde ocorrem (distritos de Castelo Branco, Portalegre

e Évora); além desta, nota ainda o seu uso noutras regiões, nomeadamente na Serra da Estrela, que explica como uma consequência da transumância dos rebanhos. Atendendo a razões de ordem geográfica, estabelece duas categorias fundamentais de fechos de coleira: em forma de Y, usados apenas no Alentejo; e em forma de chave, usados indistintamente no Alentejo e na Beira Baixa. Comparação deste elemento com outros similares franceses e espanhóis.

- 520 PESSANHA, D. Sebastião — *O ferrado, o picheiro e a ferrada (vasilhas para ordenhar no Alentejo e nas Beiras)*. CEBCMT, x, 33-34, Lisboa, 1953, pp. 299-310.

Estudo destes recipientes usados na ordenha do gado miúdo. Delimitação da área onde ocorrem.

- 521 PESSANHA, D. Sebastião — *O «Dornalho» recipiente de cortiça da charneca beiroa*. EBJP, 50, 51, 52, Lisboa, 1959, pp. 165-173, 5 figs. EEFHRA, Rio de Janeiro, 1960, pp. 519-526.

Limites geográficos da charneca beiroa. Delimitação da área geográfica onde aparece este objecto. Estudo descritivo dos diferentes tipos e indicação dos fins utilizáveis.

- 522 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Coleira de cão*. BE, II, Lisboa, 1923, p. 8; e III, 1924, p. 30.

Nota sobre coleiras de ferro com puas, usadas nos cães de guarda, como defesa contra o lobo.

- 523 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Objectos etnográficos do Alto Alentejo*. BE, II, Lisboa, 1923, pp. 39-40.

Breves comentários a desenhos de colchas, cornas, cabaço, chaves de madeira, agulhão de rodízio e candeia de lata.

- 524 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Recipientes de couro para vinho*. BE, III, Lisboa, 1924, pp. 14-15.

Apresentação de alguns desenhos e notas etimológicas sobre o termo «borracha» e «gato».

- 525 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Objectos feitos de cabaço e cabaça*. BE, IV, Lisboa, 1929, pp. 19-21.

Breves comentários a desenhos de recipientes feitos de cabaças: para colocar garfos, para tirar água, para pimenteiro, azeitoneiro, saleiro.

- 526 VASCONCELLOS, Leite de — *Breve nota sobre gaiolas para grilos*. BE, III, Lisboa, 1924, p. 32.

Breve nota sobre gaiolas para grilos.

- 527 VASCONCELLOS, Leite de — *Pontão para segurar a tampa das caixas ou arcas*. BE, III, Lisboa, 1924, p. 47.

Breve comentário a um desenho dum pontão ornamentado, de Alcoutim.

- 528 V., J. L. de — *Alguns costumes da Póvoa de Varzim*. AP, XXII, Lisboa, 1917, pp. 155-156.

Algumas marcas dos pescadores poveiros, gravadas na mesa ou cómoda que está na sacristia, feitas às escondidas do pároco e do sacristão.

Descrição do fuso de torcer o algodão e a lã.

Barbilhos, que se atam na testa dos bezerros para estes não mamarem.

2.5. ALFAIA AGRÍCOLA

- 529 ATHAYDE, Alfredo — *Reflexões sobre algumas alfaias agrícolas*. ACEELV, III, Porto, 1960, pp. 43-48.

O galho de uma árvore, na origem da enxada e do arado.

- 530 BASTO, Cláudio — *Jugos ornamentados*. L, IV, Viana do Castelo, 1921-22, p. 103, 2 figs.

Comentário a dois desenhos de jugos, de Famalicão.

- 531 BOLÉO, José de Oliveira — *A agricultura mediterrânea*. APPC, XIII Congresso, III, Porto, 1951, pp. 191-200.

Estudo dos climas mediterrâneos e das condições da agricultura nessas zonas. Contém algumas notas acerca do uso do arado e suas origens, e correspondência entre certos tipos e determinadas áreas.

- 532 BRAGA, Alberto Vieira — *Indústrias caseiras. Guimarães — O Labor da Grei*. Guimarães, 1923, pp. 130-140.

Notas sobre vestuário, alfaias agrícolas, instrumentos musicais populares das festas e romarias, artigos de cestaria, etc.

- 533 CARVALHO, Fernando — *A grade e dois arados primitivos. Sua nomenclatura*. *Ínsua, Castendo (Beira Alta)*. Po, XVI, Porto, 1943, pp. 131-193.

Descrição e nomenclatura de um arado de pau, de um arado de «margiar» e de uma grade com dentes de pau.

- 534 CASTRO, D. José de — *Estudos Etnográficos — Aveiro — Lavradores*. III (ed. I.A.C), 1944, pp. 120-146, 52 figs.
Breve descrição de alfaias agrícolas: arado e charrua de pau, grade, enxadas, ancinhos, mangual, forcados e podões; do carro de bois e cangas; de lagares de vara, azenhas, moinhos de vento, atafonas, espigueiros, casas de eira, cegonhas e traje. Nomenclatura das principais peças daquelas alfaias e engenhos.
- 535 CHAVES, Luís — *Os jugos ornamentados*. OT, 5.^a série, II, Porto, 1947, pp. 241-243.
Considerações sobre os jugos ornamentados que se encontram no Museu do Douro Litoral.
- 536 COELHO, Adolfo — *Alfaia agrícola portuguesa*. P, I, Porto, 1903, pp. 398-416 e 633-649, 23 figs.
Estudo comparativo da alfaia agrícola portuguesa: enxada, arado, grade, ancinho, foice, trilho, forçado e pá.
Apesar da preponderância de terminologia romana, o Autor atende também a outras razões, especialmente ao seu arcaísmo, e conclui por uma origem pré-romana, presumivelmente indo-europeia.
- 537 COSTA, Carreiro da — *Etnografia Agrícola — Alfaias agrícolas micalenses*. CRCAA, 5, Ponta Delgada, 1947, pp. 85-90.
Descrição de algumas alfaias agrícolas da ilha de S. Miguel: foices roçadouras, podão, machados, cunha, sacho, sachinho, alvião, e gancho.
- 538 COSTA, Carreiro da — *Etnografia agrícola — Alfaias agrícolas micalenses*. CRCAA, 6, Ponta Delgada, 1947, pp. 85-90.
Descrição e nomenclatura do arado (de pau, do tipo radial), aradinho (de tracção humana, usado especialmente na cultura da beterraba), cangas, canguitos e grades.
- 539 COSTA, Carreiro da — *Etnografia agrícola — Alfaias agrícolas micalenses*. CRCAA, 7, Ponta Delgada, 1948, pp. 95-100.
Descrição de algumas alfaias agrícolas usadas na ilha de S. Miguel: espadas e terçados (para roçar tremço), mangual, forquilhas, utilizadas nas eiras, forçado de beterraba (usado na colheita desta), forca da carroça, aguilhadas; de uma pedra e uma tábua usadas para debulhar o milho, e de um moinho manual.
- 540 COSTA, Carreira da — *Alfaias agrícolas micalenses*. CRCAA, 8, Ponta Delgada, 1948, pp. 90-94.
Descrição das seguintes alfaias: trilho, cambos, marcador ou riscador e mangual.

- 541 DIAS, António Jorge — *Arado radial sem aivecas (Caso de arcaísmo galego-português)*. HLHS, 1, Madrid, 1949, pp. 131-139.

Estudo deste tipo de arado e delimitação da área geográfica onde se encontra.

- 542 DIAS, Jorge — *Os arados portugueses e as suas prováveis origens — Estudo etnográfico*. Coimbra, 1948, 169 pp., 61 figs.

Faz uma análise da principal bibliografia mundial do arado, e estuda sistematicamente os arados portugueses e a sua distribuição geográfica, relacionando-os com os tipos fundamentais existentes no mundo (dos quais faz uma síntese); e procura determinar-lhes as origens, em função das populações primitivas que ao longo das épocas se fixaram no nosso território. Defende a teoria poligenética do arado e, contrariando a hipótese do arado com relha de pedra, admite que este tivesse surgido dum galho de árvore. Define três tipos de arado: o arado quadrangular, que corresponde ao Portugal Atlântico, próprio da Europa Central e Setentrional, presumivelmente trazido pelos Suevos, e, a propósito, formula a *lei de afinidade*; o arado de garganta, que corresponde ao Portugal Mediterrâneo, próprio da bacia do Mediterrâneo (resultante provável do primeiro arado criado pelos povos agricultores da Mesopotâmia, na Idade do Bronze), e que deve, entre nós, ter a sua origem nos tempos da civilização tartéssica; e o arado radial, correspondente ao Portugal Trasmontano (que alguns investigadores, por simplificação de esquema não consideraram separadamente, e incluíram no grupo dos arados de garganta), que se encontra também na Madeira, Açores, Canárias, América do Sul e África Ocidental, e cuja origem se deve às primeiras imigrações indo-europeias, ou teve o seu berço na região central do País. Relaciona ainda estes três tipos com certas formas de cultura agrária e ganadeira: o arado quadrangular com o milho e o gado bovino; o de garganta, com o trigo e o gado ovino; e o radial, com o centeio e o gado caprino.

- 543 DIAS, Jorge — *Die portugiesischen und spanischen Pflüge*. La, 1, Uppsala, 1951, pp. 121-138.

«O Autor faz uma síntese dos arados peninsulares, com quadros de tipos, mapas de distribuição e reproduções de alguns arados. O Autor, que já publicou vários trabalhos sobre o assunto, a que se dedica há anos, estendeu agora a toda a Península Ibérica a investigação deste importante elemento de cultura. É mais uma achega para os estudos gerais do arado do mundo, que ultimamente têm preocupado muitos investigadores europeus». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 544 DIAS, Jorge, e GALHANO, Fernando — *Relhas de arados portugueses*. APPC, XIII Congresso, VIII, Lisboa, 1950, pp. 335-345.

«Os Autores mostram que os vários tipos de arados encontrados em Portugal estão, de certo modo, associados a um determinado tipo de relha. No arado de garganta, situado ao sul do Tejo, é maior a regularidade de tipo de relha. No quadrangular do Portugal Atlântico, ainda é nítida a relação entre arado

e relha, embora a regularidade já seja menor. Onde existe maior irregularidade é no arado radial, apesar de ser visível a tendência para manter um determinado tipo de relha.

A seguir, os Autores apresentam desenhos com várias séries de relhas de arados portugueses, que procuram comparar com outras de diferentes países e com relhas fornecidas pela literatura arqueológica». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 545 FELGUEIRAS, Guilherme — *Etnografia Agro-pecuária*. NA, VI, 288, Lisboa, 1938.

Notas sobre jugos e apeiros.

- 546 FRANKOWSKI, Eugeniusz — *As cangas e os jugos portugueses de jungir os bois pelo cachaço*. ATP, 1, Lisboa, 1916, pp. 33-34.

Indicação sumária de bibliografia geral importante, que estabelece os tipos morfológicos europeus, com os quais compara as formas portuguesas. Análise dos tipos portugueses, segundo as suas características e áreas geográficas. Indicação de nomes de peças, e suas funções. Estabelece a final os tipos fundamentais de jugos de jungir pelo cachaço — de cangalhas e de coleiras —, compara-os com os jugos espanhóis, e termina refutando a opinião de Leite de Vasconcellos que considera os ornatos dos jugos vestígios de cultos antigos, entendendo que eles são produto da imaginação artística do povo, embora tenham ornatos idênticos aos dos dólmens, das citânias, etc.

- 547 GALHANO, Fernando — *Grades*. TAE, XIII, 1-2, Porto, 1951, pp. 103-135.

Estudo desta alfaia agrícola.

Nota a generalidade do uso do termo grade e faz algumas considerações acerca da sua origem.

Determina 8 tipos de grades, que descreve pormenorizadamente, indicando, para cada caso, a área geográfica e uso. A final apresenta um mapa de Portugal que mostra, além da distribuição desses oito tipos, pequenas zonas em que aparecem casos híbridos.

- 548 GALHANO, Fernando — *Enxadas e sachos*. TAE, XIV, 1-4, Porto, 1953-54, pp. 226-251, 25 figs.

Estudo dos diferentes tipos de enxadas e sachos; sua distribuição regional no país, e relações que apresentam com formas de exploração da terra, natureza dos solos e tradições culturais.

- 549 GALHANO, Fernando — *Da alfaia agrícola portuguesa*. TAE, XV, 1-2, Porto, 1954, pp. 85-96, 9 figs.

Estudo das picaretas, alviões, alferces; ganchos e gadanhos, ancinhos ou engaços. Tipos e áreas.

- 550 GALHANO, Fernando — *Etnografia agrícola — Arados portugueses*. GA, 2394 e 2400, Porto, 1959, 5 figs.
 Descrição sumária de alguns dos tipos fundamentais de arados e suas áreas de difusão.
- 551 GALHANO, Fernando — *Enxadas, sachos e outras ferramentas agrícolas*. GA, 2402, Porto, 1950, 24 figs.
 Descrição resumida dos vários tipos de enxadas e delimitação das áreas em que ocorrem.
- 552 GALHANO, Fernando — *Etnografia Agrícola — Grades*. GA, 2422, 1960, 11 figs.
 Classificação e descrição sucinta de 8 tipos fundamentais de grades com a indicação das áreas regionais onde ocorrem.
- 553 GALHANO, Fernando — *Mais algumas notas sobre ferramenta agrícola*. TAE, XVIII, 1-2, Porto, 1960-1961, pp. 149-155, 5 figs.
 Descrição de algumas formas de forquilhas e forcados de madeira e de ferro, e foices e roçadeiras. Utilização destas alfaias e áreas a que correspondem.
- 554 HOLTREMAN, A. M. R. da Costa — *Trilhos*. RUL, — v, Lisboa, 1845-1846, p. 61.
 Descrição pormenorizada de um tipo de trilho usado na região de Torres Vedras, constituído por quatro tábuas espessas formando um quadrângulo, com cinco cilindros de madeira cravejados de puas de ferro. Por vezes, sobre estes monta-se um estrado e fixa-se um banco em que se senta o condutor dos animais que o puxam.
- 555 KRÜGER, Fritz — *El léxico rural del noroeste ibérico*. Madrid, 1947, 142 pp.
 «O Autor estuda alfaias, moinhos, habitações, noras, vestuário e indústrias populares, com bastante pormenor e riqueza de documentação». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 556 LIMA, Augusto César Pires de — *Estudos Etnográficos, Filológicos e Históricos*, 1, Porto, 1947, 212 pp., 10 figs.
 O folclore — Considerações sobre este tema.
 Definição de alguns vocábulos.
 Notas sobre a origem de alguns nomes próprios e alcunhas, comparações e metáforas, ditos e ditados e cancionero.
 Relaciona certas formas de vida e cultura tradicional dos nossos dias, com outras semelhantes já conhecidas dos gregos e romanos: o varejo da azeitona

representado já num vaso grego do século VI a. C.; o arado vessadoiro, semelhante à «máquina rodante» das «Geórgicas»; o trilho e o *tribulum*; etc. História da génese do Museu de Etnografia do Douro Litoral.

Ao evocar a vida numa aldeia na segunda metade do século XIX, fala do arado vessadoiro, das festas do S. João, de canções de trabalho, de cercos e clamores, etc.

Estudo sobre a devoção dos mareantes por Nossa Senhora. Indicação de antigas naus e de barcos actuais a que deram o nome de Nossa Senhora, e das capelas e igrejas da sua invocação. Procissões e benção do mar. Transcrição do texto de alguns «Milagres».

Estudo sobre o simbolismo jurídico — indicação de algumas práticas tradicionais de aquisição de direitos e posse sobre coisas e animais. Contratos (ramos de casamento); fórmulas infantis contratuais; emprego e virtudes da saliva e da palha na definição de juízos. Juramentos; costume de beber vinho após a efectivação de negócios — sua relação com antigas libações; marcas de propriedade.

A indústria agrícola como elemento da vida da nacionalidade — Formas de exploração da terra nos princípios da monarquia; a agricultura e as receitas da coroa; a terra e o problema social; os lavradores na língua e na literatura popular; a lavoura e a literatura erudita.

A Morte nas tradições do nosso país — Sinónimos de morrer; comparações populares alusivas à morte.

557 MATTOS, Armando de — *A arte dos jugos e cangas do Douro Litoral*. Porto, 1942, 238 pp., 202 figs.

Estudo sobre os jugos e cangas de uma área que tem como limite sul o Vouga, a norte o Lima e, a nascente, uma linha que vai de Arouca ao Marco de Canaveses, e cujo núcleo principal se situa no Douro Litoral, donde supõe que irradiaram para a restante área.

Distinção entre os termos *jugos* e *cangas*.

Indicação das peças que fazem parte dos jugos e cangas, formatos e dimensões destes e nomenclatura dos diferentes tipos.

Nota que os jugos policromados se encontram a sul do Douro e vê nisso reminiscências da pintura majólica; a norte deste rio assinala fundamentalmente 3 tipos de jugos lavrados: um, que aparece nos concelhos de Vila do Conde, Póvoa e Santo Tirso, caracteriza-se por ter *janelas* e *varandas* encimadas por flores e cordão; outro, que se vê em Felgueiras, só com *varandas*; e o terceiro, em Paredes, com *grade*.

Técnicas de fabrico e escolha das madeiras.

Divide os motivos ornamentais em dois grupos: uns que têm razão simbólica, e outros que apenas desempenham funções decorativas; subdivide ainda cada grupo em motivos vivos e mortos (empregados consciente ou inconscientemente), e tradicionais e ocasionais, respectivamente.

Descrição dos principais motivos decorativos, que compara com certas formas de decoração românicas.

Indicação dos principais núcleos de fabrico e relação onomástica dos seus fabricantes.

Notas sobre as *tabuletas*, também decoradas, que se usam nas traseiras dos carros. Filiação da arte ornamental dos jugos na arte românica, e relação destes costumes com presumíveis tradições deixadas pelos normandos.

- 558 MATTOS, Armando de — *A propósito da arte dos jugos e cangas do Douro Litoral*. DL, Segunda Série, VII, Porto, 1947, pp. 23-26.

Referências a «sobre-jugos» e «coifas», que noutras terras levam o nome de «molhelhas».

- 559 Martins, P.^o Firmino — *Folklore do concelho de Vinhais*, 2, Lisboa, 1939, 575 pp., 37 notações musicais.

Romanceiro e cancionero.

Influências pagãs nalgumas festas religiosas actuais, nomeadamente nas que se integram no ciclo do Natal: representações teatrais na igreja; festas de Santo Estêvão, etc. (p. 129-134). Matança do porco; segas e malhas; a posição dos malhadores; aspecto competitivo, a «cordeira», o cortejo cerimonial em que o dono é preso e levado junto do «grelho» solto contra o pagamento do «arrolamento»; refeições específicas (p. 134-137). Magusto de Todos os Santos (p. 137-138); etc.

Representações ou esterlóquios: transcrição de dois autos, o «Ramo» do Natal, e a «Paixão».

Invocações populares a santos advogados de doenças e outros males. Danças e loas processionais. Resposos e orações.

Alguns costumes relacionados com o casamento, e influências pagãs e romanas (p. 426-431).

Sobrevivências comunitárias (p. 441-447).

Descrição e nomenclatura do arado e do carro de bois (p. 447-449).

Formas contratuais de exploração da terra e dos gados (p. 450-452).

Alimentação do trabalhador rural contratado «a comer» (p. 453-454).

Descrição do traje e do tear (p. 456-462).

Tinturaria caseira.

Pesca e caça — redes, nassas e armadilhas (p. 463-467).

Apodos populares; adágios; quadras satíricas; medicina popular; vocabulário e locuções.

- 560 MONIZ, M. Carvalho — *O Trilho*. ACEELV, III, Porto, 1960, pp. 159-165, 3 figs.

Descrição de alguns trilhos.

- 561 PINTO, Elisero — *Costumes do concelho de Vila Conde — O malho*. DL, Oitava Série, VII-VIII, Porto, 1958, pp. 601-610.

Descrição dos malhos de Vila do Conde; nomenclatura das peças e indicação dos materiais de que são feitos.

- 562 RIBEIRO, Luís da Silva — *Notas sobre a vida rural na Ilha Terceira (Açores)*. RL, XXXIII, Lisboa, 1935, pp.73-93.
- Descrição do carro de bois e da canga. Nomenclatura do arado, da grade e do trilho.
 Cultura do trigo e do milho — esfolhadas (trabalhos colectivos, gratuitos e recíprocos; milho vermelho: abraços).
 As vindimas; uso de prensa de vara.
 O São Martinho — irmandade e cortejo báquico.
 A festa do Espírito Santo. Touradas à corda («intimamente ligadas às festas do Espírito Santo»).
- Romarias — bodo de leite.
 Festas de Maio e do S. João.
- 563 RIBEIRO, Luís da Silva — *Cangas de bois nos Açores*. RAÇ, II, Angra do Heroísmo, 1938, pp. 29-33, 22 figs.
- Espécies de cangas. Nomenclatura de peças e sua descrição. Cangas ornamentadas: tipos de ornatos e desenhos. Ausência de motivos do mar, pela segregação de classes. Significação mágico-religiosa das figuras.
- 564 TEIXEIRA, Tavares — *Etnografia transmontana — A agricultura (concelho de Moncorvo)*. P, 2, Porto, 1908, pp. 628-638.
- Indicação e descrição das alfaias agrícolas usadas no concelho de Moncorvo, nomeadamente do arado, jugo, carro de bois, grade e trilho, Cultivo dos campos. Meteorologia agrícola — 20 rifões alusivos. Viticultura — Cultura e instrumentos usados: alvião, pá, podão, lagares, etc. Olivicultura, Lagares de azeite. Apicultura — Descrição de algumas colmeias. Pecuária — Estatística do gado existente em Carviçais; notas sobre o fabrico de queijo.
- 565 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Estudo ethnographico a proposito da ornamentação dos jugos e cangas de bois nas províncias portuguesas do Douro e Minho*. Porto, 1881, 46 pp., 16 figs.
- Refere-se ao carácter agrícola do país, desde os tempos pré-históricos ao presente, e descreve algumas práticas agrárias de natureza mágica e propiciatória, e certas manifestações do culto do boi.
 Tenta um esboço de classificação e distribuição geográfica dos jugos e cangas, e aborda o problema da significação dos ornatos, que divide em símbolos extintos, símbolos vivos, e ornatos propriamente ditos. No primeiro caso inclui os astros, o coração, e os animais; no segundo, a cruz, o signo-saimão e a custódia; e no terceiro, as figuras geométricas.
- 566 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Vários tipos de jugos e cangas de bois*, BE, II, Lisboa, 1923, pp. 57-60.
- Comentários a algumas fotografias que reproduzem cangas nacionais e estrangeiras; comparação entre as cangas minhotas e os arreios de cavalos dos normandos ou dos vikingues.

- 567 VITORINO, Pedro — *Jugos ornamentados*. IM, v, 45, Porto, 1930, pp. 151-154, 3 figs.

Cita alguns Autores que trataram este assunto, especialmente Leite de Vasconcellos e Frankowski e faz algumas considerações acerca da facção artística destas peças.

- 568 S/A. — *Façamos as nossas forquilhas*. NA, II, 105, Lisboa, 1935.

Apresentação de 5 tipos de forquilhas de madeira.

Ver Ref.^{as.}; 52, 142, 144, 206, 218, 219, 220, 227, 231, 238, 239, 240, 244, 276, 280, 281, 285, 287, 292, 308, 359, 364, 406, 416, 491, 3130.

3. TRANSPORTES

3.1. TRANSPORTES TERRESTRES

- 569 AURORA, Conde d' — *O carro de bois minhoto*. Porto, s/d, 18 pp., 6 figs.

Apontamento sobre o carro de bois da Ribeira Lima; descrição sumária e nomenclatura das peças de que se compõem o chedeiro e rodeiro.

- 570 AURORA, Conde d' — *Carros e carroças*. APP, 3, Lisboa, pp. 307-338, 28 figs.

Faz derivar o carro português do carro romano e descreve o carro de bois minhoto, da montanha (na realidade é do carro amarantino que trata); indica dimensões e termos dos carros de Aveiro e Coruche, do carro alentejano e de algumas carroças. Cita alguns provérbios e anexins relacionados com o carro. O carro de bois trasmontano não foi considerado.

- 571 AURORA, Conde d' — *O carro de bois minhoto*. AM, I, Viana do Castelo, 1935, pp. 82-89.

Descrição e nomenclatura do carro de bois da Ribeira Lima.

- 572 BARBOSA, António dos Reis Silva — *Nomenclatura do carro alentejano*. RL, XXXVI, Lisboa, 1938, pp. 236-245.

Mais de 90 termos correspondendo às diferentes peças de que se compõe o carro alentejano puxado a mulas e cavalos.

- 573 CARVALHO, A. L. de — *O «Porto moderno» enjeita o carro de bois, colaborador fiel do «Porto antigo»*. OT, 5.^a série, 5, Porto, 1949, pp. 136-137.

Interdição da passagem do carro de bois além das barreiras do Porto. Extractos de queixas apresentadas à Câmara contra os carros de bois, especialmente contra a chiadeira que estes faziam.

- 574 CARVALHO, Fernando — *O carro de bois, sua nomenclatura e construção*. Po, xv, Porto, 1942, pp. 204-206.

Descrição e nomenclatura de um carro de bois de Castendo.

- 575 CHAVES, Luís — *A etnografia dos transportes (Esquema etnográfico dos meios tradicionais de transporte em terra e na água)*. BRCC, xli, Lisboa, 1945, pp. 307-318.

Estudo resumido acerca dos transportes terrestres e por água.

- 576 CHAVES, Luís — *Os transportes na etnografia em Portugal*. HLHS, I, Madrid, 1949, pp. 113-129.

Esquema de estudo sobre os transportes de gente e de coisas, por terra e por água.

- 577 CHAVES, Luís — *Notas de etnografia — Carros, carrinhos e carroças de Lisboa (transportes de tracção animal)*. RML, 54, Lisboa, 1952, pp. 27-35.

Estudo de alguns carros e carroças de Lisboa.

- 578 CHAVES, Luís — *Os transportes populares em Portugal — Carros e barcos (Tipos e decorações)*. (Col. Cultura e Recreio), Lisboa, 1958, 57 pp., 28 figs.

Evolução entre a zorra e o carro de bois. Indicação das suas peças essenciais constitutivas. Referências a algumas formas regionais de carros e carroças, jugos e cangas, e arrieiros.

No capítulo respeitante aos barcos, fala das jangadas como o mais primitivo meio de transporte por água e da sua evolução para certos tipos de embarcações. Alude à beleza e estética de alguns modelos de barcos vigentes entre nós, mencionando algumas das suas características diferenciais; e filia-os numa corrente mediterrânea romanizada, embora considere também posteriores influências nórdicas. Formas de decoração dos barcos: figuras humanas, geométricas, fitográficas, etc.

- 579 CORREIA, Vergílio — *O carro rural português*. ATP, 3, Lisboa, 1917, pp. 193-208 e 4, Lisboa, 1918, pp. 90-193.

A origem do carro: a utilização do solo e a necessidade de transportes de troncos para paliçadas de protecção — o trenó e a zorra. O transporte de pedras para antas sobre rolos; tambores e estrado — o carro. Protótipo do carro português, galego, basco e asturiano. O carro implicando relações sociais, vida rural, domesticação de animais, e caminhos. Ausência de carros na África Equatorial e Norte. O «corso» primitivo de Campo Benfeito; o «corso» de Ucanha; o «zorro» trapezoidal de Cárquere. As «leras» da Biscaia, Guipúscoa e Navarra, com estrados. Os «trilhos» de Miranda e do resto do país.

O carro documentado em monumentos, que Breuil localiza na Península a partir do eneolítico, mas já tão evoluídos que pressupõem uma origem anterior (oriental). Os carros na antiguidade: a biga egípcia ou assíria; o carro minoico e os carros gregos e etruscos; o carro grego ibérico. O carro de guerra e o carro rural (romanos). O carro português antigo. Referências nos Port. Mon. Hist. séculos X a XII. Definições e nomenclatura de Bluteau, Pacheco, etc. Azulejos. Relatos de viajantes ingleses em Portugal. Gravuras.

Carros do Alentejo e Algarve: de rodas cheias e radiadas, de bois e de muares. Carros da Estremadura: rodas cheias e rodas radiadas, que vão substituindo aquelas. O estrado quadrangular.

O carro saloio: localização, características e nomenclatura. O carro ribatejano: idem. O carro do distrito de Coimbra — encontro dos tipos do sul e do norte. Descrição, nomenclatura. Estrado, roda, canga. O carro agrícola da Figueira da Foz. O carro da Beira Alta; cangas e jugos, estrados e rodas. Descrição e nomenclatura.

- 580 CORREIA, Vergílio — *O Carro Rural*. VAPP, Porto, 1940, pp. 105-113.

«O Autor, depois de uma introdução geral sobre meios de transporte, aborda o estudo do carro rural português. Divide-o em dois grandes tipos: o do sul — Alentejo e Algarve — de grandes rodas radiadas e eixo fixo; o do norte, estendendo-se até às Astúrias e chamado carro cantadoiro, mais arcaico, de eixo móvel e rodas cheias. Estuda com relativo pormenor certos particulares dos carros nortenhos e as áreas que ocupam, fazendo também menção dos jugos e cangas. Diz que os carros do distrito de Bragança são morfológicamente os mais primitivos do país, e aqueles que mais se afastam da terminologia geral comum às várias regiões». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 581 COSTA, Carreiro da — *Etnografia agrícola — O carro de bois micaelense*. CRCAA, 9, Ponta Delgada, 1949, pp. 91-101.

Descrição e nomenclatura do carro de bois da ilha de S. Miguel (Açores).

- 582 MARÇAL, Horácio — *O carro de bois labrugense — Sua estrutura e nomenclatura*. ACEELV, I, Porto, 1959, pp. 147-154.

Descrição e nomenclatura do carro de bois de Labruge (Vila do Conde).

- 583 MATTOS, Armando de — *Rurália — Meios de comunicação e transporte*. MCP, IV, 47, Lisboa, 1950, pp. 6-7.

Breve nota sobre carros e jugos.

- 584 MONTEIRO, F. Castro — *O carroção*. OT, II, 61, Porto, 1910, p. 389.

Referências ao carroção, em forma de ónibus, puxado por bois, usado outrora no Porto, para transporte de famílias à praia da Foz, às romarias suburbanas e ao teatro.

- 585 RIBEIRO, Luís — *Etnografia agrícola — Notas sobre a vida rural na ilha Terceira*. CRCAA, 21, Ponta Delgada, 1955, p. 159-165.
- Descrição e nomenclatura do carro de bois e da canga terceirense; da cultura do trigo, desde a sementeira à debulha; da cultura do milho (desfolhadas); e das vindimas.
- 586 SOARES, Maria Angelina Braga Couto — *O carro de bois em Boticas*. DL, Segunda Série, III, Porto, 1945, pp. 16-21, 10 figs.
- Descrição do carro de bois da região de Boticas. Pormenores de construção e nomenclatura.
- 587 S/A. — *O carro de bois amarantino*. DL, II, Porto, 1940, pp. 15-19, 3 figs.
- Particularidades do carro de bois regional de Vila Real (Trás-os-Montes) ao Douro. Origem romana e árabe.
- Ver Ref.^{as}: 89, 142, 144, 206, 218, 231, 285, 286, 290, 292, 319, 406, 416, 559, 562, 564, 1433, 3077, 3130.

3.2. TRANSPORTES AQUÁTICOS

- 588 CANCIO, Francisco — *Ribatejo, Casos e Tradições*, II, Lisboa, 1949, 485 pp., 200 figs.
- Barcos, barcas e barqueiros. Extractos de alguns escritores e viajantes referentes aos barcos do Tejo; notícias históricas; transcrição do Regimento dos Barqueiros (1572); barcos de transporte e barcos de passagem.
- Apodos tópicos e quadras geográficas.
- 589 CARDOZO, Mário — *A tradição náutica na mais antiga história da Península Hispânica*. RG, LXX, Guimarães, 1960, pp. 491-522, 20 figs.
- Fundamentado em textos antigos de historiadores e geógrafos, e ainda em diversos estudiosos, o Autor estuda os mais remotos antecedentes do período áureo da navegação portuguesa, enquadrando esse estudo na época proto-histórica da Península hispânica. E fala das empresas náuticas que partiram dos portos do Sul, entre o Cabo S. Vicente e o Estreito de Gibraltar, quer capitaniadas por marinheiros indígenas, quer por navegadores estrangeiros, fenícios, gregos e cartagineses.
- 590 CASTRO, D. José de — *Estudos Etnográficos — Aveiro — Moliceiros*. I (ed. do I.A.C), 1943, 24 pp., 49 figs.
- Definição da área geográfica a que respeita este trabalho (Ria de Aveiro, entre Ovar e Mira).

Descrição da forma dos barcos moliceiros e do sistema de propulsão (vela trapezoidal, vara e sirga); nomenclatura. Regime de trabalho. Valor dos barcos e aprestos. A apanha do moliço; utensilagem e processos de recolha, seu valor como fertilizante das terras. Breve descrição do tipo de casa em que vivem os moliceiros, da sua alimentação, trajo, etc.

- 591 CHAVES, Luís — *Os barcos do Tejo — Fragatas e varinos*. RML, 10, Lisboa, 1941, pp. 23-34.

Pequeno ensaio sobre as fragatas ornamentadas do rio Tejo.

- 592 CHAVES, Luís — *Barcos das águas estremenhas pelos rios e pelo mar*. EBJP, 3, Lisboa, 1943, pp. 267-277, 3 figs.

Referência a um álbum de gravuras metálicas de barcos do Tejo, de 1785. Considerações sobre as mesmas, e menção da evolução que desde então sofreram. Difusão de alguns tipos de barcos e suas prováveis origens.

- 593 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, XXII, Lisboa, 1944, pp. 416-420; XXVII, 1945, pp. 108-112; XXXIV, 1948, pp. 176-180.

Generalidades sobre barcos. Indicação dos nomes e regiões a que respeitam, influências mediterrâneas nos barcos de duas proas.

- 594 CHAVES, Luís — *O barco rabelo do rio Douro*. IMPV, Porto, 1945, pp. 161-164.

«Luís Chaves aborda o debatido problema das origens do barco rabelo, cujas analogias com as barcas egípcias já foram apontadas por Rocha Madahil. Depois de citar várias pinturas e gravuras que confirmam estas analogias, o Autor faz uma revisão de certos factos históricos, demonstrativos das influências dos barcos egípcios noutras embarcações mediterrâneas da época. É possível — diz — que os egípcios tivessem trazido até ao ocidente esse tipo de barco. O rabelo é como outros barcos da nossa costa, um barco de estirpe mediterrânea adaptado às condições locais durienses». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 595 CHAVES, Luís — *Os barcos portugueses de duas proas (Notas de etnografia)*. BRCC, XL, Lisboa, 1945, pp. 77-89.

Ensaio acerca das origens e do modo como se fixaram certos tipos de barcos portugueses.

- 596 CHAVES, Luís — *A decoração dos nossos barcos (Notas de Etnografia)*. BRCC, XLI, Lisboa, 1945, pp. 45-56.

Tipos e sentido da decoração dos barcos.

- 597 CHAVES, Luís — *Dos barcos miúdos de Lisboa. «Botes», «canoas», «chatas», etc. (Nota etnográfica olisiponense)*. RML, 62, Lisboa, 1954, pp. 21-32, 9 figs.

Breve ensaio sobre estes tipos de barcos.

- 598 FILGUEIRAS, Octávio Lixa — *Barcos*. APP, 3, Lisboa, pp. 339-403, 42 figs.

O Autor procura conseguir um panorama de conjunto, apresentando manchas de distribuição de tipos de barcos, geralmente relacionados com o elemento étnico e com a evolução desses povoados. Apresenta alguns quadros comparativos e exemplos de aculturações. Fala da expansão dos barcos — que considera de tipo oriental — a partir de Aveiro e regiões limítrofes, e aponta influências nórdicas nos barcos dos rios do Noroeste. Descreve as *masseiras*, correntes entre o Minho e o Lima, as *jangadas* entre a Amorosa e a Apúlia; o *batel* ou *canote* da região de Esposende; o barco poveiro (para o qual não encontra filiação histórica) ; o *carocho* do rio Minho; barcos do rio Lima; *rabões*, *rabelos* e *valboeiros*, do Douro; *gamelas* e *barcas* do Tâmega; *meia-lua* e *bateiras*, usadas na xávega, nas praias entre Espinho e Vieira de Leiria; *moliceiros*, *mercantéis* e *bateiras*, da Ria de Aveiro; *barca serrana*, *batéis* e *muleta*, do Mondego; *barcos*, *netas*, *lanchinhas* da Nazaré e S. Martinho do Porto; *caícas*, *douros* e *chatas* da barrinha de Esmoriz; *patachos* do Vouga; *saveiros*, *botes*, e *varinos*, do Tejo; *saveiros* da Costa da Caparica; *catraios*, *lanchas* e *canoas*, da costa algarvia.

- 599 FILGUEIRAS, Octávio Lixa — *Rabões da esquadra negra*. Porto, 1956, 77 pp. e 75 figs.

Estudo descritivo de um tipo de barco empregado para o transporte do carvão no rio Douro, que considera como uma forma híbrida resultante dos tipos principais — rabelos e valboeiros —, parecendo representar a ampliação de um outro exemplar mestiço — o «rabão branco». Trata-se de uma forma individualizada resultante da evolução e ajustamento a uma função definida, de elementos existentes nos tipos anteriores. Indicação do processo de tracção. Glossário de termos regionais e significações específicas, e interpretação diferencial e funcional dos elementos correspondentes.

- 600 FILGUEIRAS, Octávio Lixa — *Considerações sobre a estrutura do «Rabelo»*. APPC, XXIII Congresso Luso-Espanhol, Coimbra, 1956, pp. 203-209. EDL, Oitava Série, III-IV, Porto, 1957, pp. 345-352, 10 figs.

«A hipótese da existência de quilha no barco originário do «rabelo». A sua análise à luz da técnica construtiva, relativamente aos casos do «rabelo», do «rabão» e do valboeiro. A possível antiguidade dessa técnica em confronto com a apressada conclusão duma regressão adoptativa».

- 601 FILGUEIRAS, Octávio Lixa — *Os povos germânicos e a navegação do Douro*. BCCMP, xx, Porto, 1957, pp. 139-151.
Ensaio sobre a origem dos barcos do Douro. Possível filiação viking.
- 602 FILGUEIRAS, Octávio Lixa — *Os barcos do rio Douro*. OCP, 10-3-1959.
Breve síntese em que estabelece o agrupamento dos barcos do rio Douro em dois ramos distintos: rabelos (e seus subtipos) e valboeiros (e seus subtipos). Principais características diferenciais estabelecidas com base na sua morfologia.
- 603 FILGUEIRAS, Octávio Lixa — *Tipologia dos barcos do Douro*. BCCMP, xxii, Porto, 1959, pp. 5-16, 20 figs.
Enumeração tipológica dos barcos rabelos.
- 604 FILGUEIRAS, Octávio Lixa — *Protecção mágica dos barcos do Douro*. ACEELV, iii, Porto, 1960, pp. 75-87, 9 figs.
Ramos votivos usados durante a construção dos barcos do rio Douro; análise dos valores mágicos que estes contêm.
- 605 GOMES, Celestino — *Os motivos de decoração ilhavenses*. Ílhavo, 1932, 30 pp.
Considerações acerca da decoração e forma dos barcos moliceiros. Tenta estabelecer relações entre a decoração destes barcos e certos motivos mitológicos.
- 606 MADAHIL, Rocha — *Barcos de Portugal*. VAPP, Porto, 1940, pp. 55-65.
«O Autor aborda de relance as diferentes embarcações, tradicionais do país. Refere-se aos *caiques* do Algarve, como sendo as embarcações actuais que mantêm o tipo das caravelas portuguesas de quinhentos. Relaciona o *rabelo* do Douro com as antigas embarcações fenícias. Descreve o elegante *saveiro* ou *meia-lua*, natural das costas entre Espinho e Mira, e confere-lhe origem normanda, pela enorme analogia que lhe encontra com o petróglifo de Hæggeby. Considera de origem mediterrânea o *moliceiro* da ria de Aveiro, e descreve os tipos de decoração policrómica da proa e da ré, que relaciona com as cangas ornamentais do noroeste. O Autor refere-se ainda a várias outras embarcações e à função que desempenham nas diferentes regiões do país». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 607 MAGALHÃES, Luís de — *Os barcos da Ria de Aveiro*. P, 2, Porto, 1908, pp. 49-62, 9 figs.
Breve descrição geográfica da Ria de Aveiro. Indicação das actividades que nela se desenvolvem: exploração das salinas; apanha de molços; transporte fluvial da pesca marítima; e pesca fluvial.

A cada um destes géneros corresponde um tipo de barco: a *saleira*, o *moliceiro* e a *bateira mercantel* respectivamente para o 1.º, 2.º e 3.º caso; e para o quarto dois tipos de bateiras: as *murtoseiras* ou *labregas*, e a bateira de Ílhavo. Descrição destes tipos e dos processos de tracção — vela, vara, remos e sirga.

- 608 MATTOS, Armando de — *O Barco Rabelo*. Porto, 1940, 98 pp., 45 figs.
Estudo sobre o barco rabelo. O rio Douro, curso e margens. Antiguidade e origens prováveis do barco rabelo. Aspectos mais evidentes que apontam a sua origem nórdica e elementos menos precisos que o ligam à corrente mediterrânea.
Referências históricas e Leis da Companhia. Principais estaleiros, matrizes e trafegueiros.
Nomenclatura — enumeração das peças de que se compõe o rabelo.
Descrição do barco *saveiro* usado na pesca do sável, cujos núcleos piscatórios se concentram na Afurada, Areinho, Oliveira do Douro, Avintes e Crestuma, e de 4 tipos do barco *rabão*. Analogias entre estes dois barcos e o rabelo. Dificuldades da navegação no rio Douro. Técnica especial. Torna-viagens. A sirga. Duração das viagens.
Constituição das companhas. Organização económica. Alimentação a bordo. Costumes — diálogos em gíria vervejada, quando trazem passageiros; tatuagem. Alcunhas. Dança da chula, a bordo, em noites serenas. Quadras populares.
- 609 MELO, Laudelino de Miranda — *Barcos de Aveiro — Os «Moliceiros»*. ADA, XXI, Aveiro, 1955, pp. 158-159.
Transcrição de algumas legendas das proas ou rés dos barcos moliceiros da Ria.
- 610 PASSOS, Carlos de — *Barcos de Pesca*. ATP, 4, Lisboa, 1922, pp. 191-202.
Descrição literária dos barcos de pesca da Figueira da Foz (Buarcos), Aveiro, Espinho, Matosinhos e Póvoa, com algumas indicações acerca de certas formas de pescaria e redes, e grande exemplificação de pinturas, cores, nomes e sinais desses barcos, e das siglas individuais dos pescadores, que relaciona com outras siglas.
- 611 SOUTO, Alberto — *A estética dos nossos barcos*. Ta, 1. Aveiro, 1921, pp. 20-25.
Breves referências aos barcos típicos da Ria de Aveiro, e às pinturas com que são decorados.
- 612 SOUTO, Alberto — *Ria de Aveiro — A estética dos seus barcos*. Pa, I, Gaia, 1931, pp. 30-35, 8 figs
Os diversos tipos de barco, segundo as diferentes profissões. Descrição sumária de cada um deles.
- 613 V., J. L. de — *Bateira de Afurada*. BE, 11, Lisboa, 1923, p. 54.
Breve comentário ao traje e barco de Afurada, representados numa fotografia.

- 614 VEIGA, Manuel Coelho — *Barca da Ribeira Lima*. AAM, 1, pp. 77-81, 2 figs.

Descrição e nomenclatura de barcos da Ribeira Lima.

- 615 Viana, Abel — *Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Alto Minho*. Viana do Castelo, 1930, 50 pp.

Versão dum diálogo popular em verso, espécie de desafio, recolhido em Lanhelas, que o autor coteja com a versão recolhida por F. Alves Pereira e publicada na Rev. «Lusa», vol. I (1917).

Estuda a pesca do sável no rio Minho e descreve com bastante pormenor os dois tipos fundamentais de redes empregadas (o *tresmalho* e o *algerife*) e o modo como são usadas; fórmulas contratuais entre os pescadores.

Estudo descritivo do barco típico do rio Minho, o «carocho», utilizado, além da pesca, para transporte de ervas, estrumes, alfaias agrícolas e produtos, etc., entre a margem e as pequenas ínsuas agricultadas.

- 616 WEIBUST, Knut — *Barcos de pesca na Madeira*. EEFHRA. Rio de Janeiro, 1960, pp. 325-334.

Estudo das relações humanas e modo de proceder do construtor de barcos; contactos sociais resultantes desses trabalhos. Descrição do próprio processo de trabalho e análise do modo como o construtor, dentro da sua tarefa, estabelece relações pessoais com outra gente.

Ver Ref.^{as}: 145, 192, 240, 266, 286, 319, 575, 578.

3.3. TRANSPORTES HUMANOS

- 617 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Um costume trasmontano*. RM, 1, Barcelos, 1886, p. 77.

Refere-se ao costume das mulheres de Quintanilha trazerem os filhos às costas, que relaciona com exemplos fotográficos dos negros africanos.

Ver Ref.^{as}: 114, 206.

VII — Tecnologia e Economia

1. ARTES PLÁSTICAS

1.1. PINTURA E GRAVURA POPULAR

- 618 BRANDÃO, Domingos de Pinho — *Importância dos grafitos — Necessidade e vantagens da elaboração de um «Corpus» dos grafitos encontrados em Portugal*. ACEELV, II, Porto, 1959, pp. 199-215.

Necessidade de se proceder à inventariação de todos os grafitos existentes e conhecidos, considerando os seguintes elementos: Habitat, proveniência e conteúdo; valor e características de aspecto epigráfico; valor arqueológico e artístico; datas ou período a que remontam.

Nota dos grafitos existentes no Museu do Seminário Maior do Porto.

- 619 CHAVES, Luís — *Subsídios para a história da gravura em Portugal*. Coimbra, 1927, 197 pp.

Estudo sobre o tema. Referências a ex-votos.

- 620 CHAVES, Luís — *Alguns «Registos de Santos» portuenses*. DL, Segunda Série, III, Porto, 1945, p. 59.

Registos de dois gravadores portuenses desconhecidos — Francisco e Morais. Descrição de 14 chapas e gravuras.

- 621 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, XXXVI, Lisboa, 1949, pp. 253-257.

Nótula sobre as caixas de esmolas; simbolismo da sua decoração.

- 622 GOMES, Dinis — *Costumes e gente de Ílhavo*. ADA, III, Aveiro, 1937, pp. 117-124.

Notícias históricas acerca da igreja de Ílhavo com especial referência aos painéis ou retábulos murais, exemplos de pintura popular, que documentam a crença dos mareantes de Ílhavo no poder miraculoso do Senhor dos Navegantes.

- 623 GONÇALVES, Flávio — *A «Caldeira de Pero Botelho» na arte e na tradição*. DL, Sexta-Série, III-IV, Porto, 1954, pp. 33-53, 7 figs.

A caldeira do inferno. Origem da tradição.

Testemunhos da literatura religiosa: Livro de Job; Visão do Túmulo. Testemunhos da arte medieval francesa: a imagem do Leviathan (que não é caldeira). Os juízos finais — mas há também infernos com caldeiras, especialmente depois do século XIII: Notre Dame de Paris, Amiens, Reims, Bourges, Rouen, estatuária, etc.

A difusão do tema iconográfico e o seu conhecimento em Portugal: uma tela do século XVI.

A Caldeira do Pero Botelho — referências literárias no século XVII; origem da designação.

Breve nota toponímica.

- 624 KEIL, Luís — *Scenas da vida portuguesa*. ATP, 3, Lisboa, 1917, pp. 183 e 192, 3 figs.

Reprodução e comentário a três gravuras de Doumet, mestre pintor de Toulon, acerca de: Quatro mariolas transportando uma pipa a «pau e corda»; O «preto andador», dando o Menino Jesus a beijar; «Vésperas de Natal» — as vendas de perus nas ruas.

- 625 M., A. — *A etnografia dos selos do correio*. TL, 3, Lisboa s/d (1953), p. 71.

Breve nota sobre os selos portugueses. A série dos costumes portugueses. A série italiana das profissões.

- 626 MARTHA, M. Cardoso — *Gravura popular portuguesa*. ATP, 2, Lisboa, 1916, pp. 82-90 e 173-81; 4, 1918, pp. 56-62.

Trabalho acerca da xilogravura popular. Descrição do «papelista» oitocentista lisboeta, com menção de referências literárias, e, de um modo geral, da literatura de cordel.

Origem da gravura popular: xilogravura da Renascença. Primazia da xilogravura pré-renascentista e sua influência no invento da tipografia. Tipos de gravuras. Gravuras segundo o título, o assunto, ou qualquer menção do texto. Emprego, mais tarde, das mesmas gravuras em histórias diferentes. Adaptação de gravuras cultas ao gosto do povo. Géneros: acontecimentos notáveis ou trágicos, novelas de cavalaria, histórias burlescas, versos de flores, etc., etc.

Rápida menção de outros tipos de gravura popular: cobre ou química (zinco e fotogravura) heliogravura e fotocópia. Decadência da gravura popular.

- 627 M., C. — *Saudações rústicas*. FL, VIII, Lisboa, 1937, pp. 171-173.

Breves considerações sobre desenhos votivos, e saudações rústicas.

- 628 SEQUEIRA, Matos — *Scenas das ruas de Lisboa (1826)*. ATP, 1, Lisboa, 1916, pp. 176-178.

Descrição pitoresca de três gravuras, com tipos populares e cenas da rua e da vida de Lisboa daquela época, que fazem parte de uma obra coeva, dum anónimo inglês.

- 629 SILVA, Maria Madalena Cagigal e — *Pintura*. APP, 2, Lisboa, pp. 83-178.

Descrição dos materiais empregados e do seu preparo, e estudo das suas características e modo de realização. Divide a pintura popular em 2 grupos: pintura religiosa, e pintura profana. Dentro da pintura religiosa — *painéis* —, estuda descritivamente várias Alminhas, quadros votivos e quadros simbólicos. Na pintura profana, analisa os painéis feitos sobre quadros, barcos, tabuletas, cartazes, camas e cabaças, que classifica em pinturas de género, que representam cenas da vida amorosa, episódios da vida familiar e profissional, cenas de vida local, tradução pictural de cantigas; cartazes de propaganda; pinturas simbólicas; pinturas de elementos mitológicos; paisagens e composições animais. Considera a pintura religiosa em painéis de origem erudita. Faz a análise das teorias que existem acerca da origem das Alminhas, extremadas em 2 grupos — Leite de Vasconcelos e Virgílio Correia, que dizem terem origem no culto romano dos deuses *Manes* e dos *Lares*, *Viales* e *Compitales*; e Luís Chaves, Luís Pinheiro e Flávio Gonçalves, que vêm nestas origem cristã, sobretudo este último que na sua tese demonstrou serem estas uma interpretação popular dos painéis do Purgatório. Invoca o testemunho de vários autores que consideram os «milagres» originários das «*tabulae votivae*». Estuda os motivos e símbolos decorativos de origem popular, e aponta o século XVII como a data mais recuada na identificação de pinturas de cunho popular. Nota de alguns pintores populares dos nossos dias e alguns do passado.

- 630 VASCONCELLOS, Leite de — *Vida Portuguesa antiga, segundo documentos iconográficos*. BE, II, Lisboa, 1923, pp. 13-19; e III, 1924, pp. 5-11.

Colecção de 40 gravuras antigas; comentários.

- 631 V., J. L. de — *Painéis dos cinco sentidos*. AP, XXII, Lisboa, 1917, pp. 134-135.

Referência a painéis antigos, representando os cinco sentidos, numa casa da Beira Alta: Ver — Um homem mira-se num espelho, e tem diante dele uns óculos; Ouvir — Um homem toca uma gaita de foles; Cheirar — Um homem cheira um ramo; Gostar — Um homem empunha um copo de vinho; Apalpar — Um homem afaga uma ave.

- 632 VITORINO, Pedro — *O Sebastianismo na iconografia popular*. Po, I, Porto, 1928, pp. 21-32, 4 figs.

Nota e descrição de quatro estampas, datadas da época da 3.^a invasão napoleónica, com legendas e esclarecimentos. Indicação de uma menção de Acúrcio das Neves, relativa a outra imagem.

1.2. ESCULTURA

- 633 ABELHO, Azinhal — *Roteiro lírico do Alentejo — Memorial dos barros de Estremoz*, MCP, IX, 104, Lisboa, 1955, pp. 8-11, 6 figs.

Notícias históricas sobre os barros de Estremoz e seus melhores artistas.

- 634 BRASIL, Jaime — *Escultura*. APP, 2, pp. 11-82, 52 figs.

Faz uma breve resenha da escultura e inscultura na proto-história. Refere-se ao culto do porco e à sua imaginária; às estátuas dos guerreiros lusitanos e a outras esculturas da civilização castreja (baseado nos estudos de Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*). Analisa o período da cultura lusitano-romana, e a transição do romano para o visigótico (Aarão de Lacerda, *História da Arte*) e a influência bizantina na época visigótica. Nota a ausência do árabe no ocidente peninsular. Refere-se à escultura medieval de cunho popular (Reinaldo dos Santos, *A Escultura em Portugal*), e à escultura tumular e às imagens medievais de Santa Maria. Fala do obscurecimento da escultura popular na época renascentista, eclipsada pelo novo-riquismo das grandes construções manuelinas. Descreve a escultura de barro enformado de Alcobaça (transcrições de Barata Foyo, *A Escultura de Alcobaça*). Faz a análise das representações plásticas dos barristas dos presépios e estuda as suas principais características (João Barreira e Diogo de Macedo). Refere-se aos santeiros, representantes actuais da escultura popular (Carlos de Passos). Sobrevivências da velha escultura e inscultura populares nos jugos e barristas de Barcelos, Gaia, Caldas e Estremoz. Fala, superficialmente, da arte rural e pastoril da madeira, cortiça e chifre (com base nos trabalhos de Virgílio Correia e Luís Chaves).

- 635 CHAVES, Luís — *Os barristas portugueses (Nas escolas e no povo)*. Coimbra, 1925, 110 pp., 17 figs.

O problema da origem e difusão em Portugal da escultura em barro, com a indicação dos artistas que mais se notabilizaram e os principais núcleos em que eles laboraram. Resenha das representações teatrais natalícias. Transcrição de um documento que faz referência ao primeiro presépio de Lisboa (1624) e menção da sua generalização a partir do século XVIII. Descrição plástica dos presépios. Barristas de presépios e formação de escolas. Transição para os bonecos populares, com menção dos centros oleiros em que estes se fabricam. Genealogia dos santeiros de Estremoz.

- 636 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, XVI, Lisboa, 1942, pp. 512-517.

Notas sobre o 1.º de Abril (dia de enganos); sobre cruzeiros e sobre os «penitentes» das confrarias quinhentistas. Sobre os ranchos das Aleluias, e sobre os bonecos de presépio.

- 637 CHAVES, Luís — *Rafael Bordalo Pinheiro — Oleiro e barrista (Ceramista)*. EBJP, 11, Lisboa, 1946, pp. 43-48.
A figura de Bordalo Pinheiro como ceramista.
- 638 CHAVES, Luís — *Frisos da nossa gente e da nossa terra*. MCP, vi, 56 e 61, Lisboa, 1951, pp. 8; 70, 1952, pp. 4-5.
Notas sobre bonecos de barro de Barcelos e bonecos de Presépio, de Estremoz, e sobre barros de Gaia: Presépios de Natal e cascatas de S. João.
- 639 FELGUEIRAS, Guilherme — *A Arte dos «Barristas-Bonequeiros» e o Natal*. MCP, vi, 7, Lisboa, 1947, pp. 12-13.
História desse aspecto da arte popular. Notas de regiões de «barristas». 8 quadras.
- 640 MACEDO, Diogo de — *Notas de arte*. RO, XIX, Lisboa, 1943, pp. 447-450.
Considerações sobre a arte dos barristas.
- 641 MATTOS, Armando de — *Adão e Eva*. DL, Terceira Série, III, Porto, 1948, pp. 38-40, 4 figs.
Descrição de duas estatuetas populares, de barro branco policromado.
- 642 PESSANHA, D. Sebastião — *Bonecos de Estremoz*. ATP, 1, Lisboa, 1916, pp. 105-109.
Indicação da indústria, do nome da coroplasta — Gertrudes Rosa Marques — e das influências dos velhos barristas estremocenses. Descrição de vários bonecos, de bonequinhos com gancho, para fazer meia, e dos componentes de um presépio.
- 643 P., S. — *Escultura popular em madeira*. ATP, 1, Lisboa, 1916, p. 49.
Referência à indústria popular de Cristos em madeira, do Alentejo, que era certamente uma ocupação auxiliar da gente da campina. A pintura supria as deficiências de entalhe. Mediam 40 cm de ponta a ponta da cruz. «Vendiam-se às carradas na feira de S. Lourenço, em Beja».
- 644 SANTOS JÚNIOR — *Bonecos de barro*. VAPP, Lisboa, 1940, pp. 237-246.
Breve estudo sobre os bonecos de barro de Barcelos, Vila Nova de Gaia e Estremoz.
- 645 VASCONCELLOS, Leite de — *Carrancas fontenárias*. BE, 1, Lisboa, 1920, pp. 25-26, 1 fig.
Breve referência às carrancas de uma fonte de Vila do Conde.

- 646 VITORINO, Pedro — *Árvores de Jeosé*. DL, Segunda Série, 1, Porto, 1944, pp. 25-30, 3 figs.

Comentários históricos acerca das árvores de Jeosé. Descrição geral. A árvore de Jeosé de Paços de Ferreira, da «Bíblia Sacra» de Coimbra, de S. Francisco do Porto, de Nossa Senhora da Oliveira e de S. Francisco de Guimarães, de Matosinhos, do Seminário de Braga, de Nossa Senhora da Penha de França de Aveiro, da igreja da Carvalhosa de Paços Ferreira, etc.

- 647 S/A. — *Notas de Arte — Barristas e bonequeiros*, RO, VII, Lisboa, 1939, pp. 434-436.

Breve notícia sobre os «Santinhos de barro fino» de Gaia.

1.3. TRABALHOS EM MADEIRA

- 648 CARMO, António M. do — *A arte rústica em Evoramonte*. ATP, 3, Lisboa, 1917, pp. 91, 1 fig.

Notícia de um polvorinho de chifre e de um «reclamo» para perdiz, de buxo, da autoria de Vicente José Mourão, trabalhador rural de Evoramonte; obras feitas a canivete.

«Tecedeira» (gancho para fazer meia), com argolas e cestinho, talhadas na mesma peça, da autoria de Manuel Pequeno.

- 649 C., A. M. do — *Um cálix e uma tabaqueira em Evoramonte*. ATP, 1, Lisboa, 1916, pp. 157.

Indicação da indústria popular, de cortiça, madeira e chifre, que floriu há anos em Evoramonte e que agora decaiu, com enumeração de alguns objectos que se fabricavam; descrição de dois objectos, com menção do seu autor: Manuel António Serra.

- 650 C., A. M. do — *Arte rústica de Evoramonte (Alentejo)*. ATP, 2, Lisboa, 1916, pp. 184;

Indicação do artista rural José Serra, irmão do Manuel Serra, e autor de duas colheres «bordadas», que se reproduzem em desenho, e que descreve, uma das quais é um feixe de quatro colheres, presas a uma argola, numa peça única de madeira.

- 651 CHAVES, Luís — *Quem não tem que fazer faz colheres*. MCP, IX, 105, Lisboa, 1955, pp. 15-16.

Descrição de 4 colheres de pau feitas por um pastor.

- 652 CORREIA, Vergílio — *A arte do sal*. AORP, VI (2.^a Série), Porto, 1914, pp. 83-90, 21 figs.
 Estudo das marinhas estremenhas, dos estuários do Tejo e Sado, onde se encontra uma arte popular especial, aplicada ao sal. Descrição de algumas «formas» de madeira, com vários desenhos talhados à navalha, pelos trabalhadores, nas horas vagas.
- 653 CORREIA, Vergílio — «*Pintadeiras*» ou «*chavões*» alentejanos. ATP, 1, Lisboa, 1916, pp. 23-29.
 Breves indicações sobre a arte ornamental alentejana, em objectos de fabrico manual e popular, de madeira, cortiça ou chifre, e em especial sobre as pintadeiras ou chavões de marcar os bolos.
 Algumas indicações de nomenclatura de objectos e dos desenhos usados.
 Pequena nota referente a bolos ligados a cerimónias religiosas.
- 654 CORREIA, Vergílio — *As colheres «bordadas» (Arte Popular Alentejana)*. ATP, 2, Lisboa, 1916, pp. 79-81.
 Estudo curto, das colheres de pau, simples ou ornamentadas, com pequena indicação de bibliografia, províncias onde se fazem, processo, etc., e comparação com objectos similares de outros países.
- 655 CORREIA, Vergílio — «*Pintadeiras*» ou «*chavões*» alentejanos. CE, XXVIII, 1703-1705, 1708-1709, Elvas, 1917.
 Pequeno estudo sobre a arte pastoril alentejana. Descrição de alguns objectos feitos em madeira, cortiça e chifre.
- 656 MACHADO, A. Pinto — *Quem não tem que fazer faz colheres de pau*. MCP, IX, 97, Lisboa, 1954, p. 4
 Trabalhos artesanais em madeira.
- 657 MATOS, Armando de — *O valor etnográfico das portas*. DL, II, Porto, 1940, pp. 3-14, 17 figs.
 Portas ornamentadas entre os rios Leça e Ave, a partir do litoral para o interior, e em especial nos concelhos de Vila do Conde, Póvoa de Varzim e Santo Tirso. O trabalho da madeira, entalhe e pintura; os fechos (trabelhos); ferragens e fechaduras.
 Os «frades» de pedra, «enxota-cães»; as portas nas crenças, superstições, sonhos, ditados. As «maias» e os emblemas profissionais que se põem nas portas.
- 658 PAÇO, Afonso do — *Relhos, espichas e lançadeiras*. TAE, v, 4, Porto, 1932, pp. 321-338, 22 figs.
 Pequeno estudo descritivo de três tipos de peças ornamentadas, das aldeias de Perre e Outeiro (Viana do Castelo), que constituem geralmente prenda de namorados, oferecidas pelos rapazes às raparigas.

Algumas definições dicionaristas desses objectos. Motivos decorativos preferidos, e comparação destes objectos com outros semelhantes doutras regiões. Os relhos são pequenas peças de madeira normalmente em forma de dois corações, e aplicam-se à ponta de uma corda com que as mulheres atam os feixes da erva; as espichas, são feitas de osso e servem para fixar a correia que prende à roca o manelo do linho ou da lã; as lançadeiras, de madeira, são usadas na tecelagem caseira.

- 659 RODRIGUES, Abaúl Emilio — *Descrição de uma escultura da autoria de António Manuel Torrão*. BGAB, 37, 1962, 2 figs.

Descrição de uma peça esculpida, de madeira de buxo, da autoria do pastor de Malhadas (Miranda do Douro) António Torrão.

- 660 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Etnografia artística*. I — *Uma corna alentejana*; II — *Apetrechos da meia*. ANRMI, II, 1916, 11 figs.

Descrição duma corna alentejana, feita por um pegureiro, de vários tipos de ganchos de fazer meia, decorados, de dois «canhões de fazer meia; indicação da área onde são usados, e sua comparação com outros de vários países. Alude ainda às «preguiçosas» (espécie de dedais).

- 661 VASCONCELLOS, Leite de — *Esfolhadores*. BE, I, Lisboa, 1920, p. 33, 1 fig.

Breve descrição desta peça, ornamentada, usada para descamisar o milho.

- 662 VASCONCELLOS, Leite de — *Espécimes de arte popular alentejana*. BE, I, Lisboa, 1920, pp. 34-35.

Breve nota sobre sovinos de madeira trabalhada, usados para descamisar milho, e duas correntes de madeira com bolotas na ponta.

- 663 VASCONCELLOS, Leite de — *Estampas etnográficas*. BE, IV, Lisboa, 1929, pp. 53-57.

Breves comentários a desenhos de um engajo Barrosão, esfolhador decorado, uma cabrita (de prender a foicinha à cintura), cangas açorianas, e borsal de cortiça (para guarda da bainha do machado).

Ver ref.^{as} 322, 565, 1546.

1.4. TRABALHOS EM CHIFRE

- 664 V., J. L. de — *Polvorinho artístico*. BE, I, Lisboa, 1920, pp. 36-38, 1 fig.

Descrição dum polvorinho, de chifre, profusamente lavrado (arte pastoril alentejana).

Ver ref.^{as} 44, 491, 648, 655, 660.

1.5. TRABALHOS EM CORTIÇA

- 665 BARROS, Cunha — *Aspectos decorativos da cortiça na Exposição do Mundo Português*, BJNC, 25, Lisboa, 1940, pp. 14-15, 1 fig.

Pequena nota sobre objectos de cortiça lavrados.

- 666 CHAVES, Luís — *A etnografia da cortiça*. BJNC, 47, pp. 17-19; 48, pp. 21-23; 52, pp. 160-164; 55, pp. 288-292; 61, pp. 27-28; e 64, pp. 164-166, Lisboa, 1942 a 1944, 12 figs.

Aproveitamento da cortiça para objectos de uso doméstico. A arte pastoril da cortiça lavrada, que se manifesta nas costuras, açafates, tarros, pratos, etc. Descrição destes objectos. Interpretação da simbologia da sua decoração. Indicação de alguns brinquedos feitos de cortiça. Anexins e topónimos referentes à cortiça.

- 667 CHAVES, Luís — *Duas obras primas da arte popular da cortiça*. AHAM, 1, Beja, 1947, pp. 39-43, 8 figs.

Descrição de dois tipos de cesta da costura («costuras» alentejanas), de cortiça, decoradas com traços incisos à ponta de navalha.

- 668 CHAVES, Luís — *A arte popular da cortiça*. MCP, IX, 100, Lisboa, 1954, pp. 9 e 22.

Trabalhos alentejanos em cortiça, de «arte pastoril». Os «bordadores». Artes de cortiça.

- 669 CORREIA, Vergílio — *Arte Popular Alentejana — Os saleiros «bordados»*. ATP, 1, Lisboa, 1916, p. 144.

Descrição dos saleiros de cortiça ornamentados, feitos pelos pastores alentejanos (e da Beira Baixa e Algarve), suas formas, ornamentos, particularidades.

- 670 C., V. — *Tarros do Alentejo e Beira Baixa*. ATP, 1, Lisboa, 1916, pp. 93-94.

Definição geral do tarro, e menção de citações literárias. Descrição dos tarros pequenos, para uso pessoal dos pastores do Alentejo e Beira Baixa, indicando a decoração de alguns deles, e comparando-os com vasilhas semelhantes existentes na Islândia, e provavelmente no Norte de África.

- 671 C., V. — *Os «cochos» alentejanos*. ATP, 1, Lisboa, 1916, p. 156.

Brevíssima referência a estes utensílios, que fazem as vezes de malga do Norte, e que são feitos de cortiça, com os «cotovelos» dos sobreiros. Têm por vezes riscos «de vaga intenção artística». Quando são grandes, usam-se como gamelas. No Brasil, a palavra *cocho* designa a gamela.

- 672 C., V. — *Vasos de cortiça alentejanos*. ATP, 2, Lisboa, 1916, p. 101, 1 fig.
Breve nota sobre os vasos de cortiça ornamentados, que se fazem no Alentejo, com os motivos habituais de arte rural local.
- 673 OLIVEIRA, Edmundo — *A cortiça na arte popular*. BJNC, 13, Lisboa, 1939, pp. 17-19, 6 figs.
Considerações acerca da arte popular que se manifesta em objectos de cortiça.
- 674 P., S. — Rolhas de infusa. ATP, 2, Lisboa, 1916, pp. 28-29.
Nota acerca das rolhas de cortiça, «bordadas», para as infusas e quartas, com indicação dos motivos usuais, e da intenção mágica de algum deles (cruz e sino-saimão).
- 675 VASCONCELLOS, Leite de — *Aprestos de costura*. BE, 1, Lisboa, 1920, pp. 6-13, 4 figs.
Descrição e notas sobre as «costuras» feitas de cortiça, decoradas e pintadas, formas ou cruzetas de dobar e furadores para fazer ilhós, de madeira trabalhada por pastores.
Ver ref.^a 655.

1.6. TRABALHOS EM FERRO

- 676 CASTELO-BRANCO, Fernando — *A arte do ferro e a casa alentejana*. MCP, XII, 136, Lisboa, 1957, pp. 12-13.
A arte do ferro no Alentejo (especialmente no distrito de Portalegre). Traços fundamentais da sua estética.
- 677 FELGUEIRAS, Guilherme — *Velha indústria de ferraria*, Po, VIII, Porto, 1935, pp. 44-45 e 52-55; IX, 1936, pp. 100-103, 36 figs.
Notas sobre espelhos de fechadura de portas, de inspiração heráldica e simbólica.
- 678 FELGUEIRAS, Guilherme — *Estremadura e a sua velha indústria de ferrarias — A arte nas obras de forja*. EBJP, 6, Lisboa, 1944, pp. 229-239, 5 figs.
A arte do ferro forjado da região. Exemplos.
- 679 FERREIRA, J. A. Pinto — *Os metais*. APP, 1, pp. 175-205, 23 figs.
Refere-se superficialmente à Idade do Cobre, Bronze e Ferro e aos utensílios fundamentais que documentam estas idades, a alguns objectos de uso doméstico, à ferraria artística e ao emprego do ferro na construção.

- 680 GUIMARÃES, Alfredo — *Para a história da arte do ferro em Portugal*. IM, I, 6, Porto, 1926, pp. 144-146, 7 figs.
Estudo de três peças artísticas de ferro, de Guimarães, duas góticas e uma de carácter renascentista do século XVI.
- 681 LARCHER, Jorge das Neves — *O ferro como expressão de arte*. EBJP, 11, Lisboa, 1946, pp. 121-128.
Algumas manifestações de arte popular em objectos de ferro.
- 682 OLLIVIER, Jean — *Une survivance de l'industrie de La Tène. Les chenets de l'Alentejo (Portugal)*. APPC, IV Congresso, VIII, Porto, 1943, pp. 144-150.
Breve resenha do quadro cronológico das civilizações do ferro na Península: as trempes de ferro em forma de animais, pertencentes à época de La Tène III. Infiltrações desta cultura no Ocidente, e sobretudo no Alentejo.
As actuais trempes alentejanas dessa forma; sua estreita semelhança com as daquela época, de que são sem dúvida uma sobrevivência.
- 683 PESSANHA, D. José — *Notas de arqueologia artística — Ferreiros*. AP, VI, Lisboa, 1901, pp. 61-66.
Notícias de algumas grades de ferro artísticas do século XV; domínio de artistas espanhóis.
- 684 RIBEIRO, Emanuel — *Uma notável obra de ferro forjado do século XII*. Po, IV, Porto, 1931, pp. 80-89.
A grade de ferro da Sé de Lisboa, com as características do trabalho em ferro dos séculos XII e XIII. Ornamentação em espirais, que terminam em figuras simbólicas e outros elementos ideográficos.
- 685 VASCONCELLOS, Leite de — *Aldrabas de ferro*. BE, I, Lisboa, 1920, p. 26, 10 figs.
Breve nota de apresentação das figuras de aldrabas de porta em ferro vazado.
- 686 VASCONCELLOS, Leite de — *«Espelhos» de portas*. BE, 11, Lisboa, 1923, p. 22.
5 desenhos de espelhos de ferro de portas.
- 687 V., J. L. de — *Tipos e cousas do Alentejo*. BE, II, Lisboa, 1923, pp. 26-28.
Comentários a 11 desenhos de Alberto Sousa, retratando tipos e objectos, observados numa feira de Castro Verde: Aldeão de suíças e chapéu de pano de abas largas; 4 aldeãs com o lenço atado de diferentes modos, e chapéus; formas de vasilhas de barro; postigo de uma casa; espelho de porta vazado; e batente de porta em ferro zoomórfico.

- 688 VIANA, A. — *Através do Minho*. GM, 9-10, 1926, pp. 135-136, 3 figs.
Pequena nota sobre aldrabas e espelhos de porta, em ferro.
- 689 VIANA, Abel — *Notas históricas arqueológicas e etnográficas*. ABBCM, III, Beja, 1946, pp. 3-36; V, 1948, pp. 3-62; XIII, 1956, pp. 110-167; XVII, 1960, pp. 138-231.
Breves referências aos moinhos do Guadiana, e a grades de ferro das sacadas; ao uso dos chavões e pintadeiras.
Breve nota sobre chaminés e espelhos de fechaduras.
Processos de fertilizar as terras; descrição dos fornos e fabrico do pão; alimentação; relatos de lendas de tesouros enterrados; pequena lista de vocábulos.
Ver ref.^a 657.

1.7. TRABALHOS EM PAPEL

- 690 CORREIA, Vergílio — *Papéis recortados ornamentais*. ATP, 1, Lisboa, 1916, p. 151.
Breve nota sobre os papéis recortados, de cores, que nos concelhos de Montemor, Mora e Coruche, colam directamente sobre a cal da parede, como grafito. Menção da velha tradição dos papéis recortados conventuais e seculares dos séculos XVIII e XIX, e, principalmente, indicação de costume idêntico e mais perfeito, no povo da Ucrânia e da Polónia.
- 691 FREITAS, Eugénio Andrea da Cunha e — *A arte do papel recortado*. APP, 1, pp. 235-263, 26 figs.
O trabalho apoia-se no estudo de Emanuel Ribeiro «A arte do papel recortado» e em artigos dispersas de João Rosa, Abel Viana, Luís Bernardo Ataíde, Luís Chaves, Virgílio Correia e Augusto C. Pires de Lima, dos quais faz extensas transcrições. Foca o contributo das freiras neste capítulo, descrevendo a riqueza e fantasia dos papéis recortados, usados geralmente como enfeite de caixas de doces, adornos de castiçais, etc. Descreve os papéis recortados usados como ornamentos das prateleiras, de paredes, de balões, lanternas para as luminárias em festas religiosas, etc. Descreve também certos brinquedos infantis, como por exemplo os papagaios ou estrelas, barcos, etc., e ainda cartas de amor, arcos de festa e flores artificiais.
- 692 M., C. — *À margem de gulodices*. FL, 1, Lisboa, 1929, pp. 159-162.
Pequena notícia de papéis recortados que servem para polvilhar de canela os pires de arroz-doce e aletria.

- 693 RIBEIRO, Emanuel — *A arte do papel recortado em Portugal*. Coimbra, 1933, 120 pp., 129 figs.

Breves considerações sobre a arte do papel recortado usado para enfeites de caixas de doces regionais, adorno de castiçais, prateleiras, paredes, etc.

- 694 ROSA, João — *Artes perdidas (Subsídios para a sua história)*. Po, I, Gaia, 1931, pp. 84-91, 7 figs.

As «rosas» e outros motivos ornamentais na doçaria eborense — papéis recortados. A ceroplástica ou a escultura decorativa em cera.

- 695 ROSA, João — *Alentejo à janela do Passado*. Lisboa, 1940, 89 pp.

Interessam sobretudo os capítulos respeitantes aos presépios, «papéis picados» ou recortados, doçaria conventual, etc.

- 696 ROSA, João — *A paisagem do Alentejo através dos recortes do papel*. CEBCMT, X, Lisboa, 1953, pp. 317-319, 4 figs.

Pequena nota sobre a arte do papel recortado.

- 697 VIANA, Abel — *Papel recortado*. MCP, VII, 80, Lisboa, 1953, pp. 12-13, 10 figs.

Descrição de quadrinhos de papel recortado.

Ver ref.º 743.

1.8. TRABALHOS EM OURO

- 698 CARDOZO, Mário — *Jóias áureas proto-históricas da citânia de Briteiros*. PN, I, Lisboa, 1937, pp. 254-260, 2 figs.

Contribuição para a história da indústria das filigranas no norte de Portugal.

- 699 CARDOZO, Mário — *Da origem e técnica do trabalho do ouro e a sua relação com a joalheria arcaica peninsular*. RG, LXVII, Guimarães, 1957, pp. 5-46, 39 figs.

Estudo acerca das utilizações do ouro, origens e técnicas de trabalho e sua relação com a joalheria arcaica da Península.

- 700 CHAVES, Luís — *Ourivesaria popular*. VAPP, Porto, 1940, pp. 248-259.

«O Autor estuda o assunto sob três aspectos diferentes: objectivo mágico (primitivo e actual), sentimento artístico, valor económico. Luís Chaves desenvolve sobretudo o aspecto em que o sentimento artístico popular mais se evidencia. Contudo não descursa a parte histórica e técnica da indústria, incontestavelmente a mais importante nesta indústria. Termina salientando brevemente o valor económico dos objectos de ourivesaria usados pelo povo». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 701 CHAVES, Luís — *As Filigranas*. Lisboa, s/d, 63 pp., 27 figs.
 Considerações acerca do papel que o ouro ocupa na imaginação do povo e da sua larga representação no romancelheiro, contos, lendas, quadras, comparações, locuções, toponímia, etc.
 Evolução histórica da joalheria.
 Filigranas populares portuguesas.
- 702 CORREIA, Vergílio — *Artes industriais ou artes aplicadas em Portugal no século XVI — Ouro e ferro*. OI, 79, Coimbra, 1930, pp. 549-564.
 História da arte de ourivesaria e serralharia em Portugal no século XVI.
- 703 CRUZ, António — *Ourivesaria*. APP, 1, pp. 209-231, 10 figs.
 Esboço da evolução da arte de ourivesaria em Portugal. Transcrição de Rocha Peixoto que faz uma descrição muito viva desta indústria, em Travassos, S. Cosme e Gondomar nos arredores do Porto. Referências a um Estatuto da Corporação dos Ourives, da segunda metade do século XVIII, e às suas disposições. Enumeração de alguns objectos usados pelo povo.
- 704 LIMA, Augusto César Pires de — *O ouro nas tradições de Portugal*. HFK, I, Mendoza, Argentina, 1952, pp. 187-198.
 O ouro nos costumes populares. Locuções populares em que o ouro figura como elemento de comparação significativa; quadras, adivinhas, romances, poesia culta, etc. Criações várias, Janeiras, orações, etc. em que se fala de ouro.
- 705 PEIXOTO, Rocha — *As Filigranas*. P, II, Porto, 1908, pp. 540-579, 53 figs.
 Considerações acerca das nossas jóias antigas, do seu marcado sentido de ostentação e inferioridade estética. Recusa da originalidade da obra de filigrana portuguesa; influências orientais, helénicas, etruscas, etc. Descrição da técnica de fabrico: obtenção do fio, das espirais e dos crespos; torcedura e recozimento; enchimento e solda; polimento. Indicações da matéria-prima utilizada: dinheiro, velhas jóias, etc. Artefactos: Variedades de brincos e cordões, colares, gargantilhas, crucifixos, corações, pulseiras, etc. Associação às filigranas de pedras e esmaltes. Sedução dos ornatos. Tendência para acumular riquezas em jóias de ouro e prata. Regiões de fabrico actuais e extintas: Rio Tinto, Valbom, Gondomar, etc., nos arredores do Porto; Travassos (Póvoa de Lanhoso); etc. Decadência da indústria, originada em grande medida por excessivas fraudes. Condições de trabalho e regímen económico; a aprendizagem e a especialização destes artífices.
- 706 VITERBO, Sousa — *Ouriveseiros*. RL, V, Lisboa, 1897-99, pp. 52-55.
 A palavra ouriveseiros, como plural de ourives, em dois documentos de D. Afonso V. Um terceiro documento, transcrito por Gomes Eanes de Azurara, que esclarece o primeiro documento.
 Interessam à filologia, à arqueologia industrial e à topografia de Évora.

- 707 VITERBO, Sousa — *Artes industriais e indústrias portuguesas*. OI, 49, Coimbra, 1902, pp. 361, 418, 485, 557, 619, 674, 747; 50, 1903, pp. 38, 104, 236, 294, 360, 415, 487, 555, 631, 696, 757; 51, 1904, pp. 33, 197, 179, 236, 283, 375, 442, 504, 568, 637, 686; 56, 1909, pp. 650-656, 727-737; 61, 1914, pp. 20, 27, 139, 198, 251, 243, 571, 640.

Notas e extractos de documentos antigos referentes à indústria da tapeçaria, do vidro e do papel, ouro, etc.

1.9. DIVERSOS

- 708 CHAVES, Luís — *Arte Popular em Portugal*. BRCC, XXIII, Lisboa, 1936, pp. 411-428.

Considerações sobre arte popular.

- 709 CHAVES, Luís — *A inspiração folclórica na obra de Rafael Bordalo Pinheiro*. ALP, v Lisboa, 1937-39, pp. 130-136, 176-184 e 199-208.

Considerações acerca do simbolismo da obra de Bordalo Pinheiro: Ascensão, Círios, Procissões, Romarias e Registos de Santos, tipos populares, etc.

- 710 CHAVES, Luís — *O povo e a simbólica*. CMP, XVIII, Lisboa, 1940, pp. 3-47, 6 figs.

Estudo dos símbolos usados pelo povo: diversidade da sua origem através das idades; sobreposições de formas, anacronismos procedentes de influências convergentes; expressões variáveis, que o povo lhe deu — «o mesmo símbolo foi tomado em sentido diferente por novas correntes espirituais, como se deu no simbolismo cristão para tornar compreensivos os mistérios religiosos pela adaptação adequada de alguns símbolos do paganismo naturalista».

- 711 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, XVI, Lisboa, 1942, pp. 386-391.

Notas sobre alguns símbolos cristãos que aparecem em manifestações da arte popular: cálix, hóstia, custódia.

- 712 CHAVES, Luís — *Simbolismo do nosso povo*. Po, XVI, Porto, 1943, pp. 3-6, 55-59, 117-121 e 178-182.

Enunciado dos símbolos mais correntes na arte popular; suas origens e principais aplicações.

- 713 CHAVES, Luís — *A arte popular portuguesa*. RO, LV, Lisboa, 1958, pp. 280-291.

Considerações acerca da arte popular — cortiça, chifre, madeira, papel, pintura, etc.

- 714 CHAVES, Luís — *A «Arte Popular» na obra etnográfica de Leite de Vasconcelos*. ACEELV, I, Porto, 1959, pp. 85-91.

Considerações acerca da atitude de Leite de Vasconcelos ante as artes populares

- 715 CORREIA, Vergílio — *Arte popular portuguesa*. AORP, VII e VIII (2.^a Série), Porto, 1915, pp. 97-106, 117-123 e 239-249.

Estudo das origens, ligações e meios em que se desenvolve a arte; princípios, actual vitalidade, e classe dos seus cultores.

Tentativa de explicação e definição do modo como se elabora e transmite a arte popular.

Exemplos da sua manifestação em objectos e na arquitectura; cabanas redondas, varandas, telhados, chaminés, beirais e cataventos, grafitos e embrechados, guarnições de vãos, madeiramentos artísticos, ferragens, etc.

- 716 CORREIA, Vergílio — *Arte Popular Portuguesa*. ATP, I, Lisboa, 1916, pp. 81-87.

Começando por focar as razões de parentesco de todas as manifestações de arte popular nos mais variados países da Europa, devido à origem comum baseada na velha organização social, e expondo em seguida fundamentais, de raiz pré-histórica, da decoração popular, ao lado da invenção pessoal do artista, o Autor mostra como a parte tradicional é igual em toda a Europa, a suástica, talvez de origem indiana, e a roseta, de origem céltica — em todo o caso ambas pré-romanas; e fala na área de difusão destes dois motivos, que exemplifica e compara.

- 717 CORREIA, Vergílio — *Etnografia artística — A Roseta sexifólia e a suástica*. AORP, XI (2.^a Série), Porto, 1917, pp. 60-64, 3 figs.

Estudo das fases por que, sucessivamente, foram passando os dois signos que, segundo algumas opiniões, podem representar vestígios de um culto solar, disseminado pelos celtas através da Europa.

- 718 FELGUEIRAS, Guilherme — *Estremadura artística e folclórica*. EBJP, 1.^a Série, Lisboa, 1938, pp. 28-33 e 42.

Refere-se a pintores que pintaram motivos populares, e a escultores barristas. Cita nomes de estudiosos que se dedicaram à etnografia e refere-se a algumas demonstrações folclóricas: cortejos, etc. Alude muito rapidamente a barcos, casas do litoral, indústria salineira, feiras, trajos, etc.

- 719 FERRÃO, Julieta — *O «Zé Povinho»*. FL, II, Lisboa, 1930, pp. 189-194

O «Zé Povinho», criação de Rafael Bordalo Pinheiro. Resposta a Cardoso Marta.

- 720 GUERRA, L. de Figueiredo da — *As janelas quinhentistas em Portugal*. Po, 1, Porto, 1928, pp. 58-63.

Definição do período manuelino, e exemplos de janelas manuelinas de edifícios civis: Tentúgal, Porto, Coimbra, Évora; sacadas de Lamego, Viseu, Gouveia. Balcão do castelo de Campo Maior, Viana do Castelo, Rebordões (Bragança), Monção, Braga, Madeira, Giela (Arcos de Valdevez), Valença. Janelas de Viana: da Rua de S. Pedro (afins da de Campo Maior). Sua descrição e história.

- 721 LEMOS, Álvaro — *Uma tentativa no sentido da nacionalização do ensino*. Po, III, Porto, 1930, pp. 7-12.

Indicação de um ensaio feito em Coimbra, no sentido de substituir os motivos académicos escolhidos para modelos de desenho decorativo, por motivos regionais tradicionais extraídos da decoração da cerâmica popular de Miranda do Corvo, olarias de Molelos, e rocas de Sortelha, que cada aluno combina segundo a sua invenção.

Sugestão de se organizarem «cartas de motivos» de interesse local.

- 722 MARÇAL, Horácio — *A «Pedra» nas suas várias interpretações*. DL, Oitava Série, VII-VIII, Porto, 1958, pp. 697-756.

Considerações sobre a idade da pedra; a pedra nas artes e nos ofícios; pedras preciosas; a pedra na arqueologia e na heráldica; pedras, penedos e rochedos monumentais; a pedra nos Autos, entremezes e outras poesias quinhentistas; a pedra nos meios fluviais, marítimos e rurais; vocabulário e antropónimos; em adágios e expressões populares; em contos e lendas, e no cancionero; superstições e credences; jogos.

- 723 MATTOS, Armando de — *A arte popular portuguesa*. CMP, XVIII, Lisboa, 1940, pp. 48-53, 3 figs.

Bosquejo histórico da origem dos motivos ornamentais; relação destes com a simbólica. Valor estético da arte popular.

- 724 MONTEIRO, Gomes — *O «Zé Povinho» não é uma criação de Rafael Bordalo*. FL, II, Lisboa, 1930, pp. 110-113.

Uma figura do «Zé Povinho» no «Suplemento burlesco» do «Patriota» (n.º 32), de 29-XI-1847.

- 725 NATIVIDADE, M. Vieira — *Coração (Excerpto dum estudo inédito)*. ATP, 4, Lisboa, 1918, pp. 3-5.

Considerações literárias acerca do coração. Menção do coração como elemento capital da expressão da sensibilidade nas realizações do povo.

Indicação dos tópicos para a sequência do artigo: o coração no catolicismo, na arte erudita, etc.

- 726 PINA, Luís de — *Arte popular*. VAPP, Porto, 1940, pp. 69-87.
- «O Autor começa por estabelecer um quadro geral das principais características da obra de arte popular. A seguir entra na defesa da arte popular sem artificios, encarada na sua simplicidade e pureza, e acusa abertamente a arte popular que se inventa por todo o país. Enumera os motivos peculiares da arte popular portuguesa: coração, cruz, sino-saimão e a âncora. Refere-se aos motivos naturalísticos na arte decorativa. Diz que entre nós a escultura tem papel menos importante do que a pintura». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 727 RIBEIRO, L. — *A chave e o coração*. BIHIT, 3, Angra do Heroísmo, 1945, p. 335.
- O coração como símbolo de amor. A chave. Cancioneiro em que eles aparecem.
- 728 RIBEIRO, Luís da Silva — *A pomba na arte popular dos Açores*. MEMCB. Porto, 1948, pp. 321-323.
- O papel da pomba, como elemento decorativo, na arte popular açoriana; sua simbologia.
- 729 SEQUEIRA, Matos — *Naus de S. Vicente*. ATP, 2, Lisboa, 1916, pp. 37-44.
- Artigo sobre as naus heráldicas de Lisboa. Notas históricas acerca da constituição dos terrenos municipais em Lisboa. Resenha histórica do símbolo, que talvez remonta aos fenícios. Data do uso do símbolo. Questão do selo de Afonso IV, que ainda não mostra a nau, mas apenas os corvos. Considerações sobre os corvos, na lenda e mitologia e na história. Descrição das lápides e considerações sobre navios.
- 730 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Signum Salomonis*. Lisboa, 1918, 124 pp.
- Estudo sobre este símbolo. Sua importância através dos tempos e dos diferentes povos; seu poder mágico; sua aplicação ornamental; etc.
- 731 VASCONCELLOS, J. Leite de — «*Ex-libris*» *manuscritos de carácter tradicional (Estudo de etnografia comparativa)*. RL, XXI, Lisboa, 1918, pp. 146-201.
- Colecção de ex-libris manuscritos — a) redigidos em português (109); b) em latim (17); c) em espanhol (3); d) em francês (1).
- Exame dos nossos ex-libris — assunto e forma.
- Amostra de análogos ex-libris estrangeiros (Espanha, França, Itália, Suíça, Alemanha, Áustria, Inglaterra).
- Considerações gerais: elemento indicativo de posse, de origem culta, tendo-se depois generalizado no povo. A sua origem deve buscar-se na difusão da cultura latina da idade média em diante; escreviam-se primeiro em latim; e foi assim que se propagaram, por intermédio das escolas monacais. Depois, cada país os traduziu, e por isso são semelhantes por toda a parte.

- 732 V., J. L. de — *O coração na arte e poesia populares*. AP, XIX, Lisboa, 1914, pp. 399-400.
 Considerações acerca do papel que o coração representa na arte e na poesia populares.
- 733 V., J. L. de — *Signum Salomonis (Estudo de Etnografia comparativa)*. AP, XXIII, Lisboa, 1918, pp. 203-316 e 382-384, 237 figs.
Pentalfa e hexalfa. Antiguidade dessas figuras. O seu uso entre os gregos. Transmissão aos semitas, índios, romanos e a outros povos (medievais e modernos). Sua existência em Portugal — Documentos arqueológicos e literários. Nomenclatura. Magia, religião e arte a que estão ligados.
Sino-saimão dobrado — O seu uso no continente português e nos Açores; na Espanha medieval. Sua origem astrológica, judaica. Nónima contra endemoninhados. Nó de Salomão. Moeda com pentalfa. Frontispício do «Livro de S. Cipriano»; etc.
- 734 V., J. L. de — *Os cinco sentidos*. BE, II, Lisboa, 1923, pp. 5-7.
 Considerações acerca do tema «Os cinco sentidos» patente na pintura, cerâmica, bordados e poesia popular, em Portugal e na Galiza.
- 735 V., J. L. de — «*Ex-libris*» *manuscrito*. BE, IV, Lisboa, 1929, p. 49.
 Menção de um ex-libris em forma de coração.
- 736 VASQUEZ, Luis Cortez — *Algunas consideraciones a proposito del arte popular del noroeste peninsular*. ACEELV, III, Porto, 1960, pp. 343-351.
 Considerações acerca da arte popular do noroeste peninsular — arte pastoril, tecidos, bordados, olaria, cestaria, ferro forjado, jugos, carros, barcos, ourivesaria.
- 737 VIANA, Abel — *Lavores pastoris*. MCP, VII, 73, Lisboa, 1952, pp. 8-9, 5 figs.
 Os trabalhos dos pastores alentejanos.
 A ferramenta rudimentar. Objectos. Motivos ornamentais, materiais.
 Ancestralidade pré-histórica dos processos e ornatos.
- 738 VIANA, Abel — *Artesanato e arte popular*. MCP, VII, 77 e 78, Lisboa, 1952, 9 figs.
 Indicação de algumas categorias de objectos de arte popular a figurar em exposições.
 Considerações acerca da feição menos popular do artesanato actual e remédio para o seu regresso à tradição.
- 739 VIANA, Tancredo — *Tribuna dos leitores*. MCP, V, 55, Lisboa, 1951, p. 20.
 Nota sobre o papel da cobra nos costumes e na arte popular.

- 740 VITERBO, Sousa — *Artistas e artífices de Guimarães (Notícia documental)*. RG, XIII, 1896, pp. 169-189.

Transcrições de alguns documentos do século XV e XVI relativos a artistas e artífices de Guimarães.

- 741 VITORINO, Pedro — *O Sebastianismo na iconografia popular*. AORP, III (3.^a Série), Porto, 1923, pp. 113-124.

Estudo sobre a influência do sebastianismo nas manifestações da arte popular.

Ver ref.^{as}: 265, 322, 743, 795.

2. INDÚSTRIAS POPULARES

2.1. INDUSTRIA TÊXTIL

- 742 ALVES, P.^e Francisco Manuel — *Memórias Archeologico-Historicas do Distrito de Bragança*, II, Porto, 1910, 509 pp.

Extractos de capítulos de visitas, pastorais, etc. dos bispos de Miranda e Bragança (séculos XVII-XIX): Toque do sino para despertar a devoção pelas almas; proibição de bailes; de baptizar estranhos à freguesia; toques irrisórios dos sinos nos casamentos, e alguns requisitos dos nubentes; proibição aos padres do exercício de esconjuros e exorcismos; de certas festas: *pandorcas*, fiadouros, festas de Santo Estêvão; de danças em honra dos santos; de representações teatrais; de jogos de pau junto às igrejas; do uso de matérias venenosas para apanhar peixes; de certas práticas supersticiosas; de lançar trigo sobre os andores dos santos, de não baptizar os filhos em determinados dias, de curar e benzer com palavras, etc.

Indústrias: Menção de uma fábrica de destilação de vinho. Antiguidade da indústria da seda e vicissitudes que tem experimentado. Tecelagem de panos de lã (cobertores de papa), em Felgar; teares caseiros para fabrico de pardos ou buréis com cerca de 1,50 m de largura; de *branqueta* (mais estreitos) e de linho — 0,60 m de largura.

Transcrição dum documento de D. Afonso V referente ao cultivo do linho. Cerâmica: principais centros oleiros: Vila Boa, Carçozinho, Paredes, Pinela, Calvelhe e Felgar.

- 743 ATHAYDE, Luiz Bernardo L. d' — *Etnografia Artística — São Miguel (Açores)*. Ponta Delgada, 1918, 181 pp., 57 figs.

Análise de alguns motivos de arte rústica micalense: a roseta sexifólica, as pombinhas, a suástica, a cruz, a lança de Longinus, o signo-saimão, estrelas, etc., que aparecem na decoração arquitectónica, na olaria, azulejos, alfaias agrícolas, nas colchas de fabrico caseiro, e que se apresentam em 5 padrões fundamentais, etc. Filia alguns destes motivos em mitos solares, cultos pagãos, etc., outros em estilos clássicos popularizados ou de origem naturalística.

Breve descrição do interior das casas rurais, com a indicação do local onde vulgarmente está instalado o tear, do qual fornece nomenclatura.

Descrição muito pormenorizada dos processos por que se obtêm as tintas para as diferentes tonalidades da tecelagem.

Danças processionais: dança dos arcos, das mitras, pelas, dança dos cadarços (doze dançarinos com máscaras de verga, capas vistosas e chapéus tricornes emplumados, que dançam em torno dum mastro de cuja extremidade pendem tantas fitas quantas as pessoas que intervêm na dança).

Descrição da carapuça, capote e capelo; das Folias — trajos e instrumentos de música; notícias históricas acerca dos antigos Impérios do Espírito Santo; das Cavalhadas de S. Pedro, na Ribeira Grande. Descrição das flores artificiais feitas de miolo de figueira, de tecidos e de penas; das decorações de presépios, etc., feitas com conchas marinhas.

Referência a algumas manifestações de arte pastoril: rocas e isqueiros bordados, e embutidos de estanho em chifre de cabra aplicados na extremidade das agulhadas.

Alguns exemplos de arte de papel recortado. Descrição dos «registos» do Santo Cristo dos Milagres.

Considerações finais acerca do interesse da arte rústica e da sua representação no Museu de Ponta Delgada: mós manuais e atafonas, alfaias agrícolas e utensílios domésticos, etc.

- 744 AZEVEDO, P. Agostinho de — *A indústria das baetas e os pisões em Santo Tirso*. DL, VII, Porto, 1943, pp. 3-4, 1 fig.

As baetas da Carriça (Guidões). Os pisões. Os tintos das baetas. Nomenclatura dum pisão.

- 745 AZEVEDO, Álvaro de — *Indústrias tradicionais no concelho de Baião*. DL, V, Porto, 1942, pp. 63-64.

Breves notas sobre: moagem, paneleiros, tecelagem, bengaleiros, armadores e pesca, do concelho de Baião.

- 746 BASTO, Cláudio — *Arte Popular — Exposição de labores em Viana do Castelo*. L, I, Viana do Castelo, 1918, pp. 91-93 e 106-107.

Notícias descritivas dos trabalhos expostos: mantas de farrapos, bordados populares, etc.

Transcrição de algumas quadras bordadas em lenços de namorados.

- 747 BASTOS, Carlos — *Indústria e arte têxtil*. Porto, 1960, 323 + 50 pp., 286 figs.

Na primeira parte trata da ornamentação dos tecidos através do tempo; na segunda, da evolução histórica e artística em Portugal.

No primeiro capítulo da primeira parte, descreve as origens e evolução da tecelagem primitiva. Partilha a tese de E. Cherblanc, que recusa que a ascendência da tecelagem seja o trabalho de vergaria, e afirma a sua origem

no ponto de costura espiralado duplo; e, a propósito, fala das croças do norte serrano, que considera «como uma sobrevivência da proto-tecelagem».

Faz considerações várias sobre o traje lusitano.

Na segunda parte, fala da sericultura e tecelagem da seda na Idade Média e Renascença, e ainda do século XVII ao século XIX, sublinhando a influência muçulmana. Contém ainda um capítulo com nótulas sobre a indústria de lanifícios.

- 748 BRITO, Nogueira de — *Alcobaça e as suas curiosas rocas*. EBJP, 1, Lisboa, 1943, pp. 71-75.

Breves considerações sobre a roca. Notas sobre alguns dos elementos que entram na sua decoração.

- 749 CASTRO, D. José de — *Estudos Etnográficos — Aveiro — Feiras e Mercados*. v (2.^a parte), Lisboa, 1945, 32 pp., 52 figs.

Lenhadores — Breve descrição das ferramentas usadas e do sistema de serrar os toros sobre um cavalete.

Breeiros — Descrição desta pequena indústria tradicional, praticada em pequenos fornos muito rudimentares, feitos de adobe e escavados no solo.

Cesteiros — Indicação sumária da matéria-prima e da ferramenta de que se servem os cesteiros.

Fiandeiras e tecedeiras — Descrição das diferentes operações que o linho sofre: sementeira, arrinca, ripanço, imersão em água, trituração em engenhos (movidos a água e a sangue), espadelada, sedagem, etc. Menção de alguns aparelhos acessórios da fiação e tecelagem: roca, fuso, sarilho, dobadoira, urdideira, tear. Breves notas sobre feiras e mercados.

- 750 COSTA, Carreiro da — *Etnografia agrícola — A tinturaria vegetal nalgumas ilhas dos Açores*. CRCAA, 25, Ponta Delgada, 1957, pp. 133-137.

Notas sobre a antiguidade e importância que tiveram certas plantas tintureiras, nos Açores, e descrição do modo como nalgumas ilhas, sobretudo em S. Miguel e na Terceira, se obtêm determinadas cores.

- 751 COSTA, José Francisco da — *Indústrias caseiras no concelho de Santo Tirso*. DL, IV, Porto, 1941, pp. 60-61, 1 fig.

Manteigaria em Monte Córdova; tecelagem do linho em Lamelas; mantas de farrapos, em Guidões e Alvarelhos, baetas e mantas de lã; pão de milho com centeio no Vale do Leça, e galináceos e leite, para venda no Porto.

- 752 CEPEDA, Elisa Vilares — *Costumes doutros tempos — «o Fiadeiro»*. MCP, VIII, 96, Lisboa, 1954, p. 15.

Descrição de um serão de fiadeiro, no largo da aldeia, junto a uma fogueira, perto do Mogadouro.

- 753 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e o do folclore*. RO, VII, Lisboa, 1939, pp. 291-297.
- Considerações várias sobre as colchas de Castelo Branco: colchas de origem erudita, popular, etc.
- 754 CHAVES, Luís — *As «colchas de Castelo Branco»*. TL, I, Lisboa, 1951, pp. 5-9.
- «O Autor faz o estudo da evolução de certos elementos decorativos das colchas, impròpriamente conhecidas como «colchas de Castelo Branco». Mostra como as formas populares ressaltam de modelos cultos, o que confirma a teoria do *gesunkenes Kulturgut*, defendida por alguns etnógrafos». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 755 CHAVES, Luís — *Cada terra com seu uso — cada roca com seu fuso*. MCP, X, 114, Lisboa, 1955, pp. 14-15.
- Pequena nota sobre rocas.
- 756 CHAVES, Luís — *Pela história e etnografia do fuso*. MCP, XI, 128, Lisboa, 1957, pp. 12-14; 129, pp. 12-14.
- Pequeno estudo sobre o fuso. Descrição de algumas formas mais correntes em Portugal; exemplos exumados de estações arqueológicas.
- 757 COELHO, F. Adolfo — *Palavras e coisas*. RL, XVII, Lisboa, 1914, pp. 1-16.
- Notas para a história da língua e vida portuguesa. Exposição e citação de textos (medievais) referentes a: Indústrias de construção — carpinteiros, pedreiros, alvanéis, telheiros e telhas, e caleiros — Forais e posturas dos séculos XI e XII, em que vem mencionados; fiação e tecelagem — menções do linho, lã, algodão, substâncias tintureiras; referências às artes de tecer em versos de Pero da Ponte; transcrição dum *Título* (1375-1395) dos tecelões e tecedeiras (Évora).
- 758 COELHO, Laranjo — *Os «Cardadores» de Castelo de Vide*. RL, XXII, Lisboa, 1919, pp. 170-196.
- História da indústria de lanifícios naquele concelho, documentada a partir da primeira dinastia, mas que por razões várias, nomeadamente as guerras com Castela, apenas ganha grande importância a partir do século XVI. Obrigações de apresentarem na procissão do Corpus Christi: os cardadores; uma dança de ciganas; os tecelões, uma mourisca; etc.
- Menção de privilégios e providências legislativas tendentes a proteger e a fomentar esta indústria — Regimento de 7 de Janeiro de 1690, em que são reguladas com toda a minúcia as operações de fabrico e recrutamento e habilitações técnicas dos artífices; etc. Declínio da indústria no século XIX,

motivada pela invenção das máquinas, emigração para o Brasil, tratado de Methwen, etc.

Indicação dos nomes das lãs, dos tecidos fabricados (entre outros as célebres mantas alentejanas, as saragoças de que se vestiam as classes rurais e mais pobres, etc.); descrição dum traje masculino antigo; processos de tingidura; descrição resumida do tear local, com nomenclatura.

- 759 CORREIA, Vergílio — *Os pesos de tear*. AORP, VI (2.^a Série), Porto, 1914, pp. 176-181, 4 figs.

Estudo de pesos de tear — pré-históricos, de forma primitiva, conservados pela civilização romana, e pesos actuais. Formas e correspondentes áreas em que aparecem.

- 760 CORREIA, Vergílio — *A indústria popular de Mondim «das Meias»*. ATP, 2, Lisboa, 1916, pp. 50-52.

Descrição da indústria local (Mondim da Beira) feminina das meias de lã. Preparo caseiro da lã comprada: lava, «escarpeia», carda; fiação em fuso sem roca, doba à mão, torcedura e enrolamento; factura da meia, com 5 agulhas. Indicação dos dois sistemas usados: de «chuço» (antigo), dentro, a meia virada para fora, e de «gancho», trabalho por dentro, com a meia virada para o corpo. Nomes de tipos diversos de meias. últimos arranjos; formas para esticar as meias depois de lavadas afinal. Preços.

- 761 CORREIA, Vergílio — *Rocas enfeitadas*. ATP, 2, Lisboa, 1916, pp. 112-134.

História das rocas. Origem; primeiros tecidos: dúvidas quanto ao paleolítico, vestígios certos (fusos, restos, etc.) no neolítico, embora haja fiação com fuso e sem roca. A fiação com rocas dos romanos e da Idade Média. Documentação lapidar e citações. Primeiras menções em Portugal. Documentação vária. A roda e a roca na Europa. Áreas. Referências literárias e eruditas à roca em Portugal. Bibliografia portuguesa sobre o tema.

Rocas da região do Douro — caracteres, nomenclatura, áreas de fabrico e difusão, Montemuro — caracteres e nomenclatura. Miranda — descrição sumária da região e particularidades da sua cultura, traje, etc.; o «Fiadouro» em Miranda. Rocas de Miranda, Vimioso e Mogadouro — de tipo especial muito característico. Descrição, detalhes, ornatos diversos e com intenção amorosa; nomenclatura.

Resumo dos estilos da arte popular.

- 762 CORREIA, Vergílio — *Notas de arqueologia e etnografia do concelho de Coimbra*. BRFLUC, XVI, Coimbra, 1940, pp. 97-142.

Notícias acerca da indústria de tecelagem de linho e lã em Almalaguez (Coimbra) — dados descritivos.

Referência a 3 cabanas de pedra solta, circulares ou poligonais, de cúpula, em Assafarja; e a alminhas com espigas pretas de milho, penduradas.

- 763 C., V. — «*Cossoiros*» do Baixo Alentejo. ATP, 1, Lisboa, 1916, p. 63.
Menção deste utensílio, volante do fuso, muito ornamentado, do Baixo Alentejo, e que se encontra já, em barro, no mobiliário pré-histórico das grutas de Cascais e Palmela, e é também semelhante às «fusaiolas» de faiança dos Pirenéus.
- 764 CRUZ, Belchior da — *Pesos de tear*. P, 1, Porto, 1903, p. 378, 3 figs.
Indicação de vários pesos de tear da Vila de Maiorca a lugar de Anta, no Concelho da Figueira da Foz, com a forma de corações, alguns dos quais com inscrições amorosas, etc.
- 765 DIAS, Jaime Lopes — *Tecidos*. APP, 3, pp. 9-47, 19 figs.
Refere-se à importância do linho através dos tempos e faz várias citações bíblicas, dizendo que foi Adão e Eva quem primeiro usou vestes. Descreve as várias fases da cultura do linho, desde a sementeira ao tear. Foca também a importância da lã no capítulo do vestuário e descreve o trabalho da tosquia das ovelhas e algumas formas contratuais dos tosquiadores, da lavagem, cardação e tecelagem da lã. Dá uma pequena nota sobre tintas preparadas com matérias vegetais. Fala também do sirgo, introduzido na Península pelos muçulmanos, e do apogeu que a indústria da seda conheceu nos reinados de D. João II e D. Manuel I.
- 766 ESTEVES, Silva — *A indústria das sedas em Trás-os-Montes*. IT, 2, Porto, 1909, pp. 54-58.
Breve história da indústria da seda em Portugal e sua importância na província trasmontana.
- 767 FERNANDES, P.^e Baptista — *Artesanato e indústrias caseiras*. MCP, VIII, 94, Lisboa, 1954, pp. 3-4.
Louvores ao artesanato. Diplomas legais de protecção. Tapetes e mantas. Causas da decadência do artesanato.
- 768 FIGUEIRA, Joaquim Fernandes — *Os «Pisões» do Barroso*. CMP, XVIII, Lisboa, 1940, pp. 215-219, 1 fig.
Breve descrição do pisão de Bucos. Indicações sobre a quantidade de lã — lavada ou churra — necessária para cada manta ou cobertor. Menção das capuchas e quantidade de tecido necessário para a sua confecção.
- 769 FIGUEIRA, Joaquim Fernandes — *A botânica e a fantasia popular*. APPC, IV Congresso, VIII, Porto, 1943, pp. 619-622.
Exemplos dos recursos que a botânica oferece à fantasia popular, na utilização de bruxedos, ensalmos, ingredientes para tintas utilizadas na tecelagem caseira e para a medicina popular.

- 770 FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e — *Um tear do século XVIII*. DL, Terceira Série, Porto, 1948, pp. 55-63, 1 fig.
 Transcrição da descrição de um tear de seda piemontês de 1787.
- 771 GERALDES, Manuel de Mello Nunes — *Monografia sobre a indústria do linho no distrito de Braga*. Coimbra, 1913, 114 pp.
 Estudo da indústria do linho no distrito de Braga; seu carácter manual e mecânico.
 Define 4 modalidades da indústria manual: indústria doméstica (panos lisos de linho e estopa), praticada subsidiariamente em casas de lavoura; pequena indústria (panos lisos, atalhados, adamascados e em relevo) na qual já se verifica uma certa especialização; fabrico de linho; e rendas e bordados.
 Descreve o cultivo do linho (mourisco e galego) nas suas diferentes fases: ripagem, curtimenta (em água), massagem (por meio de massa ou engenho accionado por água ou por animais), espadelagem, assedagem, fiação, branqueamento do linho (barrela de cinza e água quente), e tecelagem. Indicação sumária dos produtos tecidos.
 Bordados — *bordado em recheio e em crivo*.
 Principais núcleos de produção; pessoas ocupadas nesta actividade (2.200 tecelões, 42.000 fiandeiras, etc.); produções e remunerações.
 Quadro sinóptico do valor numérico da indústria manual.
- 772 GUIMARÃES, Padre João G. d'O. — *Tinturaria (apontamentos para a história das indústrias vimaranenses)*. RG, III, Porto, 1886, pp. 22-27.
 Relato do estabelecimento em Guimarães, em meados do século XVII, da indústria de tinturaria, e das pendências judiciais a que deu azo.
- 773 KEIL, Luís — *Um tear de Castelo de Vide*. ATP, 3, Lisboa, 1917, p. 92, 1 fig.
 Breve resenha histórica da tecelagem em Castelo de Vide.
 Menção de uma tecedeira; descrição do tear, com nomenclatura e outras indicações.
- 774 LAGE, Francisco — *Cobertas estampadas*. ATP, 2, Lisboa, 1916, pp. 15-19.
 Descrição literária do seu fabrico, ensinando principalmente o modo de fazer a estampagem, e as estampas. Indicação dos nomes dos tecidos.
 (Não indica aonde se fabricavam).
- 775 LAPA, João Inácio Ferreira — *Artes Chimicas, Agricolas e Florestais ou Tecnologia Rural*. 3, Lisboa, 1871, 351 pp., 48 figs.
 Neste terceiro e último volume da sua obra, o Autor faz o estudo de produtos sacarinós, florestais, têxteis, animais e salinos. Os diferentes temas são precedidos de uma introdução histórica e analisados sob o ponto de vista tecnológico.

Mas, além do mais, interessa a parte que respeita aos produtos têxteis — lã, seda, linho, cânhamo e algodão —. Acerca das lãs procura determinar as causas que originam a inferior qualidade das nossas lãs em relação às lãs espanholas, que explica por razões de transumância dos rebanhos e por condições geográficas. Classificação e descrição das lãs; processos de tosquia e lavagem; etc. Extração da seda e fiação dos casulos; processos antigos e recentes (à data). Trabalhos preparatórios do linho — qualidades, formas de cultivo, preparação da fibra, etc. Etc.

- 776 MORAIS, Maria Helena Nogueira de — *A Dobadoira — Estudo Linguístico, Etnográfico e Folclórico*. RPF, VII e VIII, Coimbra, 1958, 217 pp., 101 figs.

Definição da dobadoira. Alusão ao seu uso no velho mundo grego, e, entre nós, à sua representação numa lápide funerária do século XV. Causas do progressivo desaparecimento da dobadoira: vicissitudes da indústria de fiação e tecelagem. Indicação da área geográfica que ocupa na Europa; sua persistência em Portugal, em terras onde a cultura tradicional do linho, lã e seda ainda se mantém: Minho, Trás-os-Montes e Beira Baixa.

Enumeração dos diversos tipos e seu estudo; áreas a que correspondem. Cantigas, contos, adivinhas e provérbios populares alusivos à dobadoira.

- 777 NATIVIDADE, Vieira — *Alcobaça etnográfica — As rocas da minha terra*. P, 2, Porto, 1908, pp. 638-646, 42 figs.

Estudo das rocas da região de Alcobaça, que o Autor considera produto de arte pastoril. Salienta a obra de 3 pastores, cujos trabalhos agrupa e analisa separadamente; e também eram feitas pelos rapazes para as oferecerem às suas amadas.

Vê nos motivos ornamentais — geométricos, símbolos de amor e religião, representações zoomórficas e antropomórficas em que os sexos são representados com muito exagero, etc. — sugestões pré-históricas, micénicas, góticas e bizantinas.

Alude ainda a sarilhos de enrolar meadas e bicos de descamisar, também ornamentados; estes últimos, por vezes, são amuletifomes.

- 778 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, e GALHANO, Fernando — *Algumas notas sobre pisões portuguesas*. ACEELV, I, Porto, 1959, pp. 175-181.

Estudo dos pisões portugueses.
(Ver ref.^a 779, estudo mais desenvolvido).

- 779 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, e GALHANO, Fernando — *Pisões Portuguesas*. TAE, XVIII, 1-2, Porto, 1960-1961, pp. 63-120, 16 figs.

A pisoagem a pé dos romanos e a pisoagem mecânica medieval.

Referências ao pisoamento de panos nos forais e Regimentos de D. Sebastião e D. Pedro II.

Estudo descritivo dos diferentes tipos de pisões portugueses — de pancada vertical e pancada horizontal — e de processos de pisoamento.

- 780 OLIVEIRA, Victor — *As tecedeiras de Arneiroz (Lamego)*. ATP, 3, Lisboa, 1917, pp. 217-219.

Notícia da povoação. Notas históricas. A indústria caseira das tecedeiras de cobertas, toalhas e guardanapos, de linho e algodão.

- 781 PESSANHA, D. José — *Tapetes de Arraiolos*. AP, XI, Lisboa, 1906, pp. 189-197.

Descrição das técnicas de tinturaria usadas para tingir as lãs com que se fabricam os tapetes.

- 782 PESSANHA, D. Sebastião — *Tapetes de Arrayollos*. ATP, 1, Lisboa, 1916, pp. 10-14, 59, e 77-80.

O Autor caracteriza três categorias fundamentais de tapetes, por épocas, e dá breves indicações da técnica e praxes, quanto ao ponto e ao tinto. Sustenta que esta técnica é de origem portuguesa, e que foi introduzida na Andaluzia. Seguidamente fala na decadência da indústria, nas tentativas do seu ressurgimento, e na dificuldade de encontrar grossarias próprias para telas e tintas, indicando princípios relativos às cores dos tapetes, e processos da sua obtenção. Finalmente defende a hipótese de que os primeiros tapetes, donde derivou a indústria caseira, são setecentistas, de origem conventual e erudita, por cópia e influência dos tapetes persas, indicando as suas razões.

- 783 PESSANHA, D. Sebastião — *A Fiação e Tecelagem manuais em Portugal*. ATP, 2, Lisboa, 1916, pp. 57-62 e 143-46.

I) *Os tecelões paramenteiros de Braga* — Notas históricas e de cadastro industrial das fábricas manuais caseiras de tecidos de seda para paramentos, com indicação detalhada, para cada fábrica, das suas instalações, fabricos, etc. É uma indústria caseira masculina, que trabalha de empreitada, e fornece todo o País.

II) *O trabalho da seda em Trás-os-Montes* — Descrição e considerações acerca da cultura da seda em Trás-os-Montes, com a transcrição, em nota, dum privilégio de Miranda, inédito, de 1563, feito para protecção da silvicultura. Descrição da cultura, processos, normas, etc., bem como da fiação, à roda (ou carril) ou à roca, a «estaquinha», muito rudimentar, «recapeiação» (dobar e formar as meadas), e tecelagem, que no século XIX era notável, e hoje é só popular, e mista, para a «tapadura» das colchas de Urros.

- 784 PESSANHA, D. Sebastião — *Tecidos medievais portugueses*. ATP, 4, Lisboa, 1918, pp. 81-82.

Estudo de oito exemplares de tecidos decorados com: 1) ornamentação losangular, proveniente do túmulo da Infanta D. Isabel, e com 2) ornamentação listada, proveniente dos túmulos de dois bispos, sepultos sem paramentos. Origem hispano-mourisca dos tecidos listados. Aos de ornamentação losangular

atribui origem nacional, dada a diferença que apresentam com os que se vêem em museus estrangeiros; a Espanha e a Itália fabricavam nessa altura tecidos muito ricos, e os singelos motivos losangulares ainda hoje são utilizados na nossa tecelagem manual e representam uma técnica rudimentar.

- 785 PESSANHA, D. Sebastião — *Tecidos medievais*. ATP, 5, Lisboa, 1924, pp. 20-21.

Considerações acerca dos estudos da história dos tecidos medievais, feita em Espanha; comunicação de dois espécimens de tecidos medievais, de proveniência estrangeira, achados em túmulos; sugestões para a arrecadação em museus, para estudo, dos tecidos medievais que se venham a encontrar.

- 786 PESSANHA, D. Sebastião — *Teares e tecedeiras*. VAPP, Lisboa, 1940, pp. 23-35.

Resenha sobre velhos tecidos fabricados pelo povo em teares caseiros, seus ornatos, etc. Considera em primeiro lugar a indústria da seda, praticada nomeadamente no distrito de Bragança, as cobertas de Urros, etc.; em segundo lugar, os tecidos de lã — o pardo, a xerga, a fraldilha, muito corrente sobretudo no norte serrano —; e alude também aos tecidos de pêlo de cabra fabricados em Manhouce; e por último, faz um rápido apanhado da tecelagem do linho, que toma relevância no distrito de Guimarães, Almalaguez, Mação e Envendos.

- 787 P., S. — *Cobertas de Urros*. ATP, 1, Lisboa, 1916, p. 30, 1 fig.

Curta nota sobre estas cobertas, com rápida menção da sua facção: trama de linho, desenhos a barbilho de cores, data e iniciais da tecedeira ou do primeiro possuidor.

- 788 P., S. — *Colchas de Castelo Branco e Tapeçarias de Portalegre*. TL, 2, Lisboa, 1952, p. 63.

Breves indicações, a propósito de duas exposições desses artigos.

- 789 PINTO JÚNIOR, Gregório — *Relatório dos serviços da 2.^a Circunscrição dos serviços técnicos da indústria do ano de 1906*. BTI, 10, Lisboa, 1907, 30 p.

Entre vários assuntos focados, refere-se também à indústria das lãs, e à importância da lã na antiguidade; ao esplendor da manufactura da lã no Oriente; a vestígios de pisões nas ruínas de Pompeia; e à fiação manual feita por mulheres, e tecelagem em teares verticais.

Notícias históricas acerca desta indústria entre nós: Foral de D. Sancho I; Posturas de Coimbra (1145); foros de Castelo Bom (1188 a 1230); etc. Evolução e factores de decadência desta indústria.

- 790 PINTO JÚNIOR, Gregório — *Chorographia Industrial do Concelho de Castelo Branco — Monografia estatística*. BTI, 63, Lisboa, 1911, 52 pp.

Nota dos estabelecimentos industriais: edifícios, matérias-primas, produções, condições económicas das habitações operárias, e condições económicas das indústrias.

Refere-se também às indústrias caseiras de lanifícios, instaladas em Cebolais de Cima e Retaxo, as quais forneciam as lãs já lavadas às fábricas para lhas cardarem e fiarem, urdindo depois as teias, tecendo-as e ultimando as fazendas em suas casas, por processos manuais.

- 791 PINTO, Maria Luísa C. de VASCONCELOS Carneiro — *Indústrias caseiras*. DL, VII, Porto, 1943, pp. 60-62.

Indústrias caseiras femininas do concelho de Baião: cobertas de lã, de Santa Leocádia, Ancede, Ribadouro e Mesquinhata. A tecelagem; descrição e nomenclatura. Três quadras alusivas. Os tapetes.

- 792 RIBEIRO, Luís da Silva — *Indústria popular de tecidos no distrito de Angra do Heroísmo*. RAç, I, Angra do Heroísmo, 1935, pp. 67-73.

A indústria caseira de tecelagem nos Açores. A sua difusão em Santa Catarina (Brasil).

A lã; povoamento de gado lanígero. Fiação; roca. Cancioneiro popular. O linho. Descrição do seu preparo. O tear; nomenclatura de peças.

Difusão da indústria. Qualidades do pano. Colchas. Motivos ornamentais. Os corantes.

- 793 RIBEIRO, Luís da Silva — *Contribuição à etnografia açoreana — A fiação na ilha Terceira*. HFK, I, Mendoza, Argentina, 1952, pp. 237-243.

Nota histórica da fiação do linho e da lã na ilha Terceira; menções documentais. Processos de fiação, roca e fuso. Nomenclatura.

A roda de fiar a lã. O problema da sua origem.

- 794 RIBEIRO, Luís da Silva — *Etnografia terceirense*. RAç, V, Angra do Heroísmo, 1954, pp. 143-160.

Estudo da roda de fiar, de pedal e de mão, usada nos Açores; descrição e nomenclatura das peças de que se compõe. O Autor deixa em aberto o problema das origens destes objectos; apenas conjecturalmente os compara com os germânicos.

Pequeno estudo da candeia.

Outro pequeno estudo, sobre o moinho de mão, espalhado nos Açores; sua origem histórica, área de difusão, descrição e nomenclatura.

- 795 RIBEIRO, Luís da Silva — *Indústrias terceirenses de carácter artístico e sua valorização (Inquérito)*. BIHIT, 13, Angra do Heroísmo, 1955, pp. 28-64, 27 figs.

Descrição dos elementos decorativos usados na arte popular terceirense; principais características. Considera esses elementos idênticos aos da arte rústica continental e europeia, destacando a pomba e a coroa (da simbologia do Espírito Santo) como elementos mais característicos e individualizados. Notas históricas acerca da tecelagem; indicação dos principais tecidos da ilha. Enumeração de diversas fórmulas de preparação de tintas, em que entram apenas elementos vegetais.

Notas sobre a indústria de bordados e rendas; obra de talha, jugos, chavões, etc. Aproxima a ornamentação das cangas terceirenses da arte do sul do país. Notas históricas sobre a olaria.

- 796 RIBEIRO, Luís da Silva — *Linguagem popular das Flores nas «Pastorais do Mosteiro» do P.^e Nunes da Rocha*. RAÇ, v, Angra do Heroísmo, 1953, pp. 10-22.

Extractos da «Pastorais do Mosteiro» referentes ao vestuário feminino, festas do Espírito Santo, oferta dum lenço pela rapariga ao seu namorado, tecelagem caseira, enxotar a praga das searas, fábriço de bolo de milho, etc. Descrição do namoro e casamento, presépios e matança do porco. A parte mais rica é porém o vocabulário e fraseologia populares, que o Autor aponta, interpreta e define.

- 797 SERRANO, Frederico — *«Colchas de noivado» ou Bordados de Castelo Branco*. MCP, vi, 70, Lisboa, p. 8, 1 fig.

As «colchas de noivado», em linho grosso bordado a seda frouxa, de Castelo Branco. O renascimento da velha indústria local.

- 798 SILVA, A. Marques da — *Indústrias caseiras da Madeira — Tecelagem*. MCP, xi, 122, Lisboa, 1956, p. 10.

Breve nota sobre a tecelagem caseira na ilha da Madeira.

- 799 SILVA, Manuel — *As mantas de Terroso — Tecelagem caseira*. ATP, 3, Lisboa, 1917, pp. 172-173.

Indicação da indústria caseira das mantas de trapos, que de Terroso (Póvoa de Varzim) irradiou, por casamento de tecedeiras, para Amorim, Beiriz, Laundos, Rio Mau, etc. Indústria antiga, primitivamente masculina hoje feminina: as «manteiras».

Produção e categorias de mantas. Preços.

Tipo primitivo dos teares.

- 800 SIMÕES, J. de Oliveira — *A evolução da indústria portuguesa*. NPENRJ, 1, Lisboa, 1909, pp. 359-375.
 Rápido esboço acerca da evolução da indústria portuguesa.
 Menção do fabrico de tecidos de lã e linho no tempo de D. Afonso II; organização dos oficiais mecânicos; etc.
- 801 VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de — «*Rito português*». RL, 1, Porto, 1887, p. 63.
 Referências literárias que provam a celebridade do fio de linho e seda portugueses no século XVI.
- 802 VASCONCELOS, Joaquim de — *A indústria nacional de tecidos*. AP, VI, Lisboa, 1901, pp. 1-29.
 Documentos relativos à indústria de tecidos. Legislação do século XV.
- 803 V., J. L. de — *Antigualhas romanas do Algarve*. AP, IV, Lisboa, 1898, pp. 280-281.
 Breve referência a um *fusus* de bronze, encontrado em Alcoutim.
- 804 V., J. L. de — *Etnografia estremenha*. BE, II, Lisboa, 1923, pp. 44-51.
 Breves comentários às seguintes figuras: fiandeira, moinho de vento, capela, alar as redes, pescador da Nazaré, barcos do Tejo, etc.
- 805 S/A. — *Teares*. BE, II, Lisboa, 1923, pp. 20-21, 3 figs.
 3 desenhos de teares.
- 806 S/A. — *Tinturaria vegetal*. BIHIT, 9, Angra do Heroísmo, 1951, pp. 244-245.
 Indicação sumária do processo de obtenção de várias cores, por meio de tintos feitos com corantes vegetais, usadas para as lãs em S. Miguel.
 Ver ref.^{as} 114, 142, 144, 177, 212, 220, 227, 228, 231, 256, 262, 265, 280, 291, 297, 299, 322, 358, 359, 415, 742, 1433.

2.2. OLARIA

- 807 AGUIAR, Luís Esteves de — *A telheira de Parada de Cunhos*. IT, 2, Porto, 1909, pp. 1851-188, 9 figs.
 Breve descrição do processo de fabrico de telhas em Parada de Cunhos.

- 808 BASTO, Cláudio — *A «Feira dos pucarinhos» em Vila Real*. L, IV, Viana do Castelo, 1921-22, pp. 118-121.
- Pequena nota sobre a «feira dos pucarinhos», e os processos de fabrico nas olarias de Bisalhães.
- 809 BASTO, Cláudio — *Pucarinhos de Vila Real*. Po, IX, Porto, 1936, pp. 207-213.
- Notas acerca da «feira dos pucarinhos», em Vila Real; descrição sumária do fabrico da loiça em Bisalhães. Os «pucarinhos» como prenda de namorados.
- 810 BIERHENKE, W. — *Landliche Gewerbe der Sierra de Gata («Indústrias rurais da serra da Gata»)*. Hamburgo, 1932.
- «As indústrias de que se trata são as do azeite, a da telha e da olaria». (J. Leite de Vasconcelos — E.P. I).
- 811 CABIDO, Anibal Gomes Ferreira — *Chorographia Industrial do Concelho de Albergaria a Velha (Districto de Aveiro)*. BTI, 53, Lisboa, 1911, 14 p.
- Além da referência a estabelecimentos industriais e sua laboração, fala ainda da pequena indústria de louça e telha, e indica as profissões industriais e comerciais e o número de artistas. Menciona 54 moleiros.
- 812 CABIDO, Anibal Gomes Ferreira — *Chorographia Industrial do Concelho de Aveiro — Monografia estatística*. BTI, 60, Lisboa, 1911, 74 pp.
- Estabelecimentos industriais, descrição do edificio, condições de instalação da empresa, produção, matérias-primas, pessoas e remuneração. Refere-se a 12 oficinas de olaria de louça preta, na freguesia da Arada, apenas com uma roda de oleiro em cada. Descrição do tipo de forno, indicação da proveniência dos barros e de alguns tipos de louça fabricados. Refere-se também à indústria de adobes — trabalho, pessoal, remuneração, matérias-primas e produção.
- Alude aos viveiros de peixe da Ria e à pesca da xávega de S. Jacinto, na qual trabalhavam 6 companhas com um total de 570 homens e 90 rapazes, 216 em trabalhos do mar, e os restantes em terra. As empresas possuíam 176 bois, adquiridos no começo da safra e vendidos no final. Os pescadores, na época da safra, habitavam nos palheiros de madeira, propriedade das empresas (com 8 metros de frente por 4 de fundo); outros, que traziam consigo as famílias instalavam-se em palheiros mais pequenos, individuais.
- 813 CABRAL, Oswaldo R. — *A olaria josefense*. BIHIT, 8, Angra do Heroísmo, 1951, pp. 219-228, 8 figs.
- Estudo sobre a olaria nos Açores.

- 814 CANDEIAS, Alberto — *A indústria doméstica de louça preta de Bisalhães*. RL, XXIX, Lisboa, 1931, pp. 301-306.
 Descrição da indústria de Bisalhães (Vila Real): utensílios e roda do oleiro; nomenclatura. Breve descrição dos fornos (soengas) cavadas na terra.
- 815 CASTRO, D. José de — *Estudos Etnográficos — Aveiro — Indústrias populares*. v (ed. I.A.C.), 1945, pp. 237-259, 59 figs.
 Rápida descrição da olaria da região, feita ao torno, de cor vermelha e preta, a primeira cozida em fornos de grelha, a segunda em covas abertas no solo. Indicação e nomenclatura dos utensílios usados pelo oleiro. Nome das peças fabricadas, medidas e preços.
 Referências a construtores de barcos e de jugos. Descrição do fabrico de cordas e de esteiras.
- 816 CHAVES, Luís — *Ânforas portuguesas*. A, II, Lisboa, 1917, pp. 269-276.
 Refere-se à grande riqueza de tipos de ânforas que os gregos usaram e às ânforas que os romanos utilizavam e que trouxeram para a Península.
 Influência romana e árabe na olaria nacional.
 Modificações regionais de pormenor e adaptações de formas antigas a novas necessidades. Identidade de formatos.
- 817 CHAVES, Luís — *Arte popular do Alentejo — Etnografia artística — Os barristas de Estremoz, a oficina e a técnica*. Po, VI, Porto, 1933, pp. 186-190.
 Descrição da oficina da barrista Gertrudes Rosa Marques, de Estremoz. As formas, derivadas dos oleiros-artistas setecentistas, de Estremoz. A modelação à mão. A cabeça, única peça moldada; os moldes. O forno. A pintura a pincel, à mão e a fio. As tigelas das cores: gema de ovo, cola e tinta. A simplicidade das cores, e uniformidade do desenho, a frio. Os vários vernizes: cristal, copal — o mais barato e usado — e de espique. Sua aplicação a pincel. Os bonecos antropo e zoomórficos. Colagem de bonecos partidos.
- 818 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, XXXVIII, Lisboa, 1950, pp. 149-153.
 Louça caseira com quadras inscritas, e diversas considerações.
- 819 CHAVES, Luís — *A louça*. HFK, I, Mendoza, Argentina, 1952, pp. 199-206.
 Extensão e significado do termo *louça*.
- 820 CHAVES, Luís — *Do barro se faz a louça, na louça se come o trigo...* Lisboa, 1953, 87 pp.
 Considerações acerca da louça e dos oleiros, dos moinhos, das ceifas, do pão, etc., entremeadas de quadras populares e adágios que lhes fazem alusão. Indicação de vários doces regionais.

- 821 CHAVES, Luís — *Cerâmica*. APP, II, pp. 181-243, 53 figs.
Estudo sobre cerâmica. Descrição de primitivas formas e sua possível relação com determinadas culturas, desde o Neolítico. Influências mais visíveis na nossa olaria: helénica, romana, germânica e muçulmana. Descrição tipológica. Relações entre a decoração primitiva e a moderna, e enumeração dos seus elementos fundamentais. Principais centros oleiros do país, e em especial os barristas de Barcelos, Estremoz e Caldas. Descrição de algumas vasilhas antropomórficas e zoomórficas.
- 822 COIMBRA, Manuel — *Louça preta de Molelos*. MCP, II, 22, Lisboa, 1948, pp. 12-13.
Descrição de fabrico e de tipos de louça deste centro oleiro.
- 823 CORREIA, Vergílio — *Ornamentação popular da louça de Estremoz*. A. I, Lisboa, 1916, pp. 244-255, 13 figs.
Formas primitivas tradicionais da olaria de Estremoz. Notas históricas acerca desta indústria. Descrição dos processos de fabrico e de decoração.
- 824 CORREIA, Vergílio — *Azulejos portugueses na ilha de S. Miguel (Açores)*. ATP, 3, Lisboa, 1917, p. 93.
Indicação de azulejos portugueses que decoram os edifícios religiosos da ilha, mencionados no livro de Luís Bernardo d'Athayde — *Notas sobre Arte* —, e comunicação de duas assinaturas do chefe da escola e pintor de azulejos do século XVIII, António de Oliveira Bernardes.
- 825 CORREIA, Vergílio — *As talhas de Barba*. AORP, XI (2.^a Série), Porto, 1917, pp. 138-140.
Pequena nota acerca das talhas, de grandes dimensões, usadas em Borba para o vinho, uma delas com a data de 1701.
- 826 CORREIA, Vergílio — *Azulejadores e pintores de azulejos de Lisboa — Olarias de Santa Catarina e Santos*. AORP, XIII (2.^a Série), Porto, 1918, pp. 166-178.
Notícias históricas acerca de alguns pintores de azulejos e das olarias de Santa Catarina e Santos, de Lisboa.
- 827 CORREIA, Vergílio — *Oleiros e pintores de louça e azulejo, de Lisboa — Olarias (Anjos)*. A, III, Lisboa, 1918, pp. 29-30.
Transcrição de documentos antigos relativos a olarias. Relação dos oleiros, pintores (de louça e azulejos), oficiais (obreiros), etc. que habitavam o bairro dos oleiros em 1673, segundo o Rol de *confessados* desse ano, da freguesia dos Anjos.

- 828 CORREIA, Vergílio — *Oleiros quinhentistas de Lisboa*. AORP, xv (2.^a Série), Porto, 1919, pp. 128-139.

Referências às olarias e oleiros de Lisboa do século XVI. Lista de oleiros e de olarias, e transcrição do Regimento dos Oleiros, datado de 1572.

(Subsídios respigados do «Livro do Lançamento e Serviço que a Cidade de Lix^a fez a EI Rei NosoSôr O ano de 1565»).

- 829 CORREIA, Vergílio — *A Cerâmica Ibérica no centro e sul de Portugal*. ATP, 5, Lisboa, 1924, pp. 10-12.

O estudo das civilizações particulares que antecederam a romana — a etrusca na Itália, e a ibérica na Península. Importância da cerâmica nas questões de estratigrafia e cronologia; a cerâmica ibérica distinta dos barros precedentes. A cerâmica ibérica revelada por Pierre Paris, em «Essai sur l' art et l' industrie de l'Espagne primitive». Importância desta obra, que afirmou o autoctonismo da cerâmica ibérica. Os trabalhos de Schulten, Poan, Cabré e Bosch Gimpera: «El Problema de la cerâmica ibérica»; a cerâmica ibérica aparece no século V, e não no século XII a.C.; e é distinta, embora descendente e afim, da italo-grega e insular. A cerâmica ibérica portuguesa; estudos de Santos Rocha na Figueira da Foz; suas características, que a distinguem dos barros neolíticos, eometálicos, do bronze e ferro, e fazem dela um grupo à parte, da cerâmica ibérica. Enumeração das estações arqueológicas em que ela foi encontrada. Conclusões: Existência em Portugal da cerâmica ibérica, encontrada nas estações pré-romanas ou romanas primitivas, ao longo da costa, desde a Figueira ao Algarve, e aparentada pela estrutura e decorações ao grupo andaluz da II divisão de Bosch Gimpera. Esta cerâmica aparece só, ou misturada com tipos indígenas grosseiros, com barros gregos ou sámius, que balizam nitidamente o período em que ela foi adoptada em Portugal entre os séculos IV e I a.C.

- 830 C., V. — *Documentos referentes a oleiros eborenses*. ATP, 4, Lisboa, 1918, pp. 77.

Títulos de dois documentos existentes em Évora, referentes a uma venda, com menções de oleiros, e com datas de 1449 e 1463.

- 831 CORTEZ, Russell — *A propósito da primitiva louça das Caldas — Achegas para o esclarecimento dum problema ceramológico*. EBJP, 10, Lisboa, 1945, pp. 383-391.

Pequeno estudo sobre a origem da louça das Caldas.

- 832 COSTA, Carreiro da — *Cerâmica da Lagoa*. RAÇ, II, Angra do Heroísmo, 1941, pp. 183-194, 5 figs.

Origem continental (árabe) da olaria micaelense. A cerâmica micaelense nos séculos XVII e XVIII. O barro. Tipos de louça. As primeiras fábricas. O carácter da olaria micaelense. Os «engenhos» da Lagoa. Técnicas e nomenclatura, para o barro e a louça. Tipos de vasos.

- 833 DUARTE, Afonso — *O desenho na escola. I — Barros de Coimbra*. Coimbra, 1925, 34 pp.
Apresentação em forma literária, de algumas peças de barro da região: bilhas, moringues, infusas, pichéis, almotolia, asado e talha.
- 834 FELGUEIRAS, Guilherme — *Estremadura artística e folclórica*. EBJP, Lisboa, 1940, pp. 108-112.
Estudo sobre os azulejos.
- 835 FELGUEIRAS, Guilherme — *A província estremenha apreciada etnograficamente*. FL, IX, Lisboa, 1940, pp. 154-161.
O pitoresco da flotilha empregada na cabotagem e na pesca. Os loiceiros de Sobreiro de Mafra. As feiras tradicionais. O «enterro do bacalhau», etc.
- 836 FELGUEIRAS, Guilherme — *A olaria popular nos subúrbios de Mafra*. RO, XVII, Lisboa, 1942, pp. 55-59.
Indicação da proveniência dos barros, fases de preparação, descrição do torno, do fabrico e da decoração. Tipologia; tipos de vasilhas antropomórficas.
- 837 FELGUEIRAS, Guilherme — *A olaria popular na Estremadura*. EBJP, 3, Lisboa, 1943, pp. 329-333, 4 figs.
Estudo sobre a olaria estremenha.
- 838 FERRÃO, Julieta — *Rafael Bordalo e a faiança das Caldas*. Gaia, 1933, 78 pp., 11 figs.
Estudo da faiança das Caldas da Rainha, em que é dado grande relevo à obra de Bordalo.
- 839 FERRÃO, Julieta — *A loiça das Caldas*. EBJP, 5, Lisboa, 1944, pp. 71-77.
A história da louça das Caldas da Rainha.
- 840 FERRÃO, Julieta — *Rafael Bordalo e a louça das Caldas*. EBJP, 7, Lisboa, 1944, pp. 343-354.
A intervenção e influência de Rafael Bordalo na louça das Caldas da Rainha.
- 841 GIESE, Wilhelm — *Cântaros com asa inferior*. DL, Oitava Série, v-vi, Porto, 1957, pp. 553-558.
Indicação de três tipos de cântaros que considera característicos dos países mediterrâneos; área de difusão dos mesmos.

- 842 GIESE, Wilhelm — *Miscelânea — Olaria de Bisalhães*. BF, xvii, 1-2, Lisboa, 1958.
- Notas sobre a técnica de fabrico, matéria-prima, e diferentes tipos de vasilhas de barro feitas em Bisalhães.
- 843 GIESE, Wilhelm — *Olarias de Vila Franca do Campo (São Miguel)*. BIHIT, 17, Angra do Heroísmo, 1959, pp. 5-9.
- Indicações bibliográficas sobre a olaria terceirense. Estudo das olarias da Vila Franca do Campo. Localização de 16 olarias. Importação do barro da ilha de Santa Maria. Comparação de processos de fabrico e tipos com modelos continentais.
- 844 GIRÃO, Luís Ferreira — *Estudo sobre a indústria cerâmica na 1.^a Circunscrição dos serviços técnicos da indústria*. BTI, 67, Lisboa, 1913, 52 pp.
- Estudo da cerâmica dos distritos do Porto, Braga, Viana do Castelo, Vila Real e Bragança. Louça preta, amarela ou vermelha; faiança esmaltada e cerâmica artística. Principais centros oleiros, técnicas de fabrico, ensaios de argilas, e enunciado das maiores fábricas de cerâmica.
- 845 GUIMARÃES, Alfredo de — *Azulejos de Guimarães*. RG, xxxvi, Guimarães, 1926, pp. 46-53.
- Estudo sobre os azulejos de Guimarães.
- 846 LEPIERRE, Charles — *Estudo químico e tecnológico sobre a cerâmica portuguesa moderna*. BTI, 78, Lisboa, 1912, 206 pp., 8 figs.
- Estudo tecnológico, económico e químico da indústria cerâmica portuguesa. Análise das argilas, natureza das pastas e particularidades de fabrico. Indicação minuciosa dos centros oleiros, de louça preta e vermelha, tosca ou vidrada. Diferentes variedades de processos de fabrico, tipos de louça, origens históricas, nível económico do oleiro, etc. Tipos de fornos; cocção em covas. Diversidade de sistemas usados na decoração.
- 847 MATTOS, Armando de — *A olaria do Douro Litoral*. IMPV, Porto, 1945, pp. 191-197, 6 figs.
- «O Autor faz um estudo da olaria negra e vermelha da província, que localiza num mapa da região. Depois estuda em pormenor os centros de oleiros de Amarante — freguesia de Gondar (Gondar Novo). Armando de Mattos descreve com cuidado a divisão do trabalho, as instalações, os utensílios e a técnica usada pelo oleiro para fabricar as várias peças». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 848 MATTOS, Armando de — *Olaria do Douro Litoral. II - Vila da Feira*. DL, Quarta Série, I-II, Porto, 1950.

«O Autor, depois de localizar as indústrias e lhes fazer a história breve, descreve, sem omissão de pormenor importante, a origem das matérias-primas, as técnicas e utensílios usados, os tipos e nomes das peças fabricadas, e até a produção média diária de cada oleiro, conforme as peças». (A. Jorge Dias — B.H..E.P.).

- 849 MONTEIRO, Manuel — *A loiça de Miranda do Corvo*. P, 2, Porto, 1908, pp. 431-438, 6 figs.

Estudo da olaria de Miranda do Corvo, cujos centros oleiros de fabrico se localizam nos lugares do Carapinhal e Buzos. Indicação dos locais onde se extrai a matéria-prima, e resultados das análises dos barros empregados. Descrição das diferentes fases do fabrico, desde a extracção do barro até à sua conversão em vasos, passando pelo *barreiro*, *curtidoira*, *torno* e *forno*. Fabrico de talhas grandes feitas à mão, sem intervenção do torno, em que apenas é modelado o fundo. Descrição das formas fabricadas: bilha, picheiro, cântara, asado e moringue; afinidades que apresentam com as ânforas de Chipre, com o *oenochóe* helénico, ânforas etruscas e certas formas micénicas.

- 850 MORENO, Manuel Gomez — *La cerâmica primitiva ibérica*, HMS, Guimarães, 1933, pp. 125-136.

Ensaio sobre a primitiva cerâmica ibérica.

- 851 NUNES, M. Dias — *Artes e indústrias tradicionais*. T, II, Serpa, 1900, pp. 6-9, 168-170, 187-189.

A olaria em Serpa; mapa de produtos de olaria serpense. As talhas para vinho e azeite, de Serpa. Postura (1686) municipal de Serpa sobre oleiros e oficinas de telha e tijolo. Talhas (grandes) e potes. O vinho «criado no barro». «Quartos», «tinos» e «salgadeiras», obra grossa de oleiro. Alguidares. A obra miúda; enumeração bastante completa. Descrição do processo de fabrico.

- 852 PEIXOTO, Rocha — *Uma iconografia popular em azulejos*. P, 1, Porto, 1903, pp. 585-590, 10 figs.

Breves considerações sobre a origem dos azulejos. Influência original holandesa; uso de motivos nacionais.

- 853 PEIXOTO, Rocha — *Indústrias populares — As olarias do Prado*. P, 1, Porto, 1903, pp. 227-270, 94 figs.

A cerâmica nos estudos históricos. Seu valor documental. Sua história. Primeiras formas e processos, extensivos a populações sem afinidades étnicas. A pasta

primitiva. A inspiração floral. A cosedura e decorações. A roda de oleiro, sua aparição e divulgação. O torno. Evolução posterior, e subsistência de formas e métodos primitivos. A olaria rústica portuguesa. Breve resumo.

A técnica — Caracteres das peças. Área geográfica do fabrico, análise dos barros. Instalações das olarias. Preparação da pasta. Modelação ao torno. Ornamentação. Vidragem. A cocção. Identidade de processos na cerâmica vitrificada e decorada; fosca e monocroma; e negra e luzente. Técnica da estatuária rústica. Imitação de terras-cotas. Invasão de formas não tradicionais. As formas — ascendências das olarias populares; dados precários e insubsistentes em que se fundam. Dificuldades na discriminação de parentescos: formas procedentes do romano. Tipos universais. Ceramos — cópia de Prado — seu parentesco morfológico com formas micénicas, etruscas, orientais, etc. A romanização. Peças antropomórficas. Pobreza de inspiração, dependência de formas herdadas e suas sobrevivências. A ornamentação — Fundamento da decoração linear. Ornatos por pressão digital, incisão e pintura. Padrões ornamentais do Prado. Confrontos com as decorações neolíticas, gregas, etruscas, gaulesas. Semelhança de alguns motivos do Prado e de Briteiros. Estreiteza de recursos decorativos do Prado, comparáveis aos produtos médios da idade do bronze. A estatuária — Evolução do ornato geométrico para a decoração floral e zoomorfa. Motivos preferidos pelo coroplasta do Prado: fauna local, iconografia rural, doméstica e religiosa; o Rei, a sátira, monstros, gaitas, etc. Símiles pré e proto-históricos. Pobreza plástica correspondente à pobreza ornamental. Outros progressos na estatuária cerâmica do País; os barristas dos presépios do século XVIII, etc. e sua nula influência na estatuária do Prado, que permanece no estádio inicial. Conspecto social — centros de produção cerâmica, a norte do Mondego, sua abundância em função da argila. Duas categorias, filiadas na amplitude da sua produção. O Prado — a mais ampla. Centros produtores do Prado. Consumidores certos. Feiras e romarias; sua difusão. Venda directa e os intermediários. Pobreza do oleiro. A aprendizagem filial, sem instruções. Trabalho por conta própria, de jornaleiro, e tarefeiro. O «feitor» especializado. O meio: pobreza, paisagem mesquinha, exemplo culto vulgar — decadência artística e industrial. Paralelismo estético com uma civilização proto-histórica.

- 854 PEIXOTO, Rocha — *Sobrevivência da primitiva roda de oleiro em Portugal*. P, 2, Porto, 1908, pp. 74-78, 5 figs.

Referindo-se às olarias de Vila Seca (Amarante) e Lordelo (Baião), indica 3 tipos de barro aí usados e fornece os resultados das suas análises. Descreve o processo comunitário da extracção do barro; da sua trituração e preparação, com a menção e descrição dos objectos usados nestas operações — o pico de madeira, a pia escavada num tronco de árvore, o crivo de pele de chibo, a masseira —. Estudo da roda de oleiro manual, que considera uma sobrevivência da roda primitiva figurada nas necrópoles de Tebas e Mênfis. Processo de cocção ao ar livre, em covas abertas no chão. Impermeabilização da louça por meio de farinha de milho ou cera virgem. Formas e fins a que se destinam.

- 855 PEIXOTO, Rocha — *Uma ornamentação cerâmica actual de carácter arcaico*. P, 2, Porto, 1908, pp. 270-272.

Descrição da cerâmica de Guimarães, localizada no bairro da Cruz de Pedra, na qual se empregam cerca de 30 oleiros. De toda a obra destes, o Autor destaca as bilhas de «luxo» que compara com formas e sugestões gregas, de enfeites neolíticos e certos ornatos galo-romanos.

- 856 PEIXOTO, Rocha — *Os pucareiros de Ossela*. P, 2, Porto, 1908, p. 653.

Breve descrição desta olaria, localizada na freguesia de Ossela (Oliveira de Azeméis), que emprega dois tipos de barro. Este, após a extracção, é pisado a mão, peneirado e amassado à mão, modelado em roda manual e cozido em covas abertas no solo.

Indicação dos tipos de loiça fabricados.

- 857 PESSANHA, D. José — *A Fábrica de Louça do Rato — Um documento para a sua história*. AP, IV, Lisboa, 1898, pp. 161-177.

Subsídios para a história desta fábrica. Primeiras tentativas em Portugal de fabrico de louça de pó de pedra.

- 858 PESSANHA, D. José — *A Porcelana em Portugal — Primeiras tentativas*. ATP, 4, Lisboa, 1922, pp. 173-183.

Refere-se a Manuel Severim de Faria, que chama imprópriamente «porcelana» à faiança, e fala do seu fabrico em meados do século XVII. Em nota final (A), dá a definição de porcelana da época, que se confunde com a faiança, e se distingue da «porcelana da China».

Fins do século XVIII: Bartolomeu da Costa; transcrição do documento pessoal acerca do seu invento. Drouet e Brocard: cartas de Melo e Castro e Pombal a respeito da sua vinda para Lisboa; sua questão com B. da Costa. Estátua de D. José. Testemunhos do mérito de B. da Costa, que o elogiam, e nem falam de Drouet; Machado de Castro, Manuel de Sousa, e os historiadores Volkmar Machado e José Acúrcio das Neves. Panfleto do «Curioso Imparcial» elogiando Drouet e acusando B. da Costa. «Recordações», de Jácome Ratton, comentário de valor; fala nos inventos de Drouet (o kaolino em Portugal, e aparelhagem diversa), que B. da Costa aproveita com grande merecimento. Enumeração das obras de B. da Costa — serviço de chá, medalhas, etc. — resultados dos seus ensaios no Rato. Descrições, legendas, dúvidas. João Manso Pereira — sua biografia, por documentos, na nota final (F). Sua descoberta do kaolino no Brasil: documentos da concessão régia. Enumeração e descrição dos seus trabalhos.

Domingos Vandelli — fundador da fábrica de Santa Clara (Coimbra, 1784, a melhor faiança, cadinhos, etc.), e Cavaquinho (Gaia), (de faiança, louça preta e de pó de pedra, etc).

Vista Alegre — 1824 — De entrada, só faz faiança; depois de Luís Pereira Capote aí ter descoberto o kaolino, torna-se a primeira fábrica de porcelana em Portugal.

Acção impulsionadora, nem sempre frutífera, do Marquês do Pombal.

- 859 PINTO, Maria Luísa Carneiro — *Indústrias caseiras. II — A olaria*, DL, IX, Porto, 1944, pp. 33-37, 6 figs.
Os oleiros de Paredes. Descrição da indústria; quadras alusivas.
- 860 PIRES, A. Thomaz — *A Olaria em Elvas*. P, 2, Porto, 1908, pp. 274-277.
Indicação de cinco olarias na cidade de Elvas e dos objectos aí fabricados. Breve descrição do seu fabrico. Transcrição de alguns documentos do século XV e XVII que aludem a essa indústria.
- 861 QUEIROZ, José — *Cerâmica portuguesa*. Lisboa, 1907, 449 pp., 195 figs.
Estudo da cerâmica portuguesa, em que são focados os aspectos históricos, filiação e influências; as fábricas, sua história, economia e produção; a escultura em barro (erudita); tijolos e azulejos.
Inclui cerca de 659 marcas (nomes, rubricas, emblemas, siglas), de louça antiga e actual; e um dicionário de fundadores, proprietários, decoradores e escultores barristas e ceramistas amadores.
A louça popular, que o Autor denomina «ordinária», praticamente não foi considerada.
- 862 QUEIROZ, José — *Louça e azulejos de Torres Vedras*. ATP, 1, Lisboa, 1916, p. 44.
Falando na tradição da olaria de Torres Vedras e citando a sua opinião de que os «Aranhões» devem ter sido fabricados em vários pontos do País, descreve um desses pratos do Museu de Stokholmo, que tem a marca Torres, que atesta um centro de produção e uma autenticação desconhecidas.
Em seguida descreve vários tipos de azulejos dos séculos XVI e XVIII, existentes em algumas igrejas de Torres Vedras.
- 863 RIBEIRO, Emanuel — *Uma peça notável de cerâmica*. Po, 1, Porto, 1928, pp. 39-40.
Indicação de nomes de vários antigos donos e artífices de fábricas de cerâmica do Porto e Gaia.
Descrição duma caneca falante, marcada com as iniciais do seu autor e proprietário (Manuel Pereira), chefe de rodagem na fábrica do Cavaquinho, falecido em 1865.
- 864 RIBEIRO, Luís da Silva — *Olaria terceirense*. RAÇ, IV, Angra do Heroísmo, 1949, pp. 289-294, 5 figs.
«O Autor mostra que não se fabricava olaria nos Açores nos primeiros tempos após o início do povoamento. No século XVI já existiam oleiros na ilha, embora Linschott afirme que a louça era importada. No século XVII já se fabricava em quantidade. Depois desta introdução histórica, o Autor descreve pormenorizadamente a técnica da indústria oleira na sua ilha. Diz Luís da Silva Ribeiro que os produtos da Terceira são semelhantes aos do sul de Portugal (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 865 RIBEIRO, Margarida — *Cerâmica popular de Nisa*. RDTP, XVIII, 4, Madrid, 1961, 32 pp., 24 figs.
- Estudo da olaria de Nisa.
Análise dos barros; indicação das espécies que entram na composição da pasta; descrição da sua preparação antes de ser modelada pelo oleiro; contribuição das mulheres no trabalho de decoração; tipologia e descrição do seu fabrico. Comparação das formas presentes com as formas originárias pré-históricas. Vê no pedrado decorativo desta olaria uma sobrevivência da arte musiva, e nos motivos que a decoram um substrato primitivo, «por ventura céltico».
- 866 RODRIGUES, Adriano Vasco — *Olarias de Felgar*. MCP, XI, 129, Lisboa, 1958, pp. 4-5.
- Nota sobre esta indústria popular.
- 867 RODRIGUES, Adriano Vasco — *O fabrico da telha em Felgar*. MCP, XII, 139, Lisboa, 1958, pp. 14-15.
- O fabrico da telha; persistência de métodos de fabrico, que filia na técnica romana.
A constituição de uma sociedade jurídica: a Senhora do Amparo, o talhador, o assentador e um lavrador.
- 868 SANTOS JÚNIOR, J. R. dos — *Olarias de Muge (Notas etnográficas)*. TAE, V, 3, Porto, 1932, pp. 217-226, 6 figs.
- Escolha da matéria-prima; descrição das diferentes fases do fabrico (por torno), desde o barreiro até sair do forno. Indicação dos nomes das peças fabricadas e dos lugares onde são levadas a vender.
- 869 SANTOS JÚNIOR, J. R. dos — *A cerâmica campaniforme de Mairos (Trás-os-Montes)*. HMS, Guimarães, 1933, pp. 364-372.
- Ensaio sobre a cerâmica campaniforme encontrada em Mairos — formas, motivos decorativos, etc.
- 870 SANTOS JÚNIOR — *Oleiros e olaria*. VAPP, Lisboa, 1940, pp. 219-234.
- Descrição de alguns processos de fabrico, de rodas de oleiro, de mão e de pé, de fornos, e de modos de impermeabilização de algumas peças de louça. Fornece extensa nomenclatura, dos utensílios usados pelo oleiro e das peças fabricadas.
- 871 SILVA, A. Marques da — *Indústrias caseiras da ilha da Madeira — Cerâmica*. MCP, XII, 140, Lisboa, 1958, p. 6.
- Breve nota sobre olaria da ilha.

- 872 THOMAZ, Pedro Fernandes — *Cerâmica negra nos distritos de Coimbra e Aveiro*. P, 1, Porto, 1903, pp. 821-823, 2 figs.
Breves referências ao fabrico de louça preta; comparação com vasos etruscos. Notas sobre fabrico e ferramenta usada.
- 873 VALENTE, Vasco — *Loiça de pó de pedra*. FL, IV, Lisboa, 1932, pp. 225-229.
Notícias históricas acerca da instalação em Portugal da indústria da loiça de pó de pedra.
- 874 VALENTE, Vasco — *Uma dinastia de ceramistas*. PRFCA, I, Porto, 1936-37, pp. 15-28, 67-89 e 181-200; e II, 1938, pp. 7-24, 30 figs.
Elementos para a história das fábricas de louça de Massarelos, Miragaia, Cavaquinho e Santo António do Vale de Piedade. Características da cerâmica destas fábricas, marcas, períodos de evolução das peças, matérias-primas, etc.
- 875 VASCONCELLOS, Carolina Michaelis de — *Algumas palavras a respeito dos púcaros de Portugal*, Coimbra, 1921, 90 pp., 4 figs.
Defende a tese de que os púcaros têm a sua origem na Península, contrariando a opinião de alguns escritores que os filiam em peças similares de fabrico americano. E fala do uso de vasos de barro para água na Idade Média; da admissão dos oleiros nos *Vinte e quatro*; da figuração dos púcaros nas posturas municipais; das referências literárias que afirmam a reputação dos nossos púcaros; da bucarofagia e bucaromania, praticada por gosto, por superstição, como terapêutica para emagrecer e diminuir a fecundidade; etc. O estudo contém ainda alguns adágios e descrições de algumas formas e nomenclatura de cerâmica.
- 876 VASCONCELLOS, Leite de — *Louça do Algarve*. BE, I, Lisboa, 1920, pp. 14-15, 3 figs.
Breve referência ao cântaro, infusa e barril, de Loulé.
- 877 V., J. L. de — *Vasilhas de barro*. BE, I, Lisboa, 1920, p. 27, 3 figs.
Indicação do nome e medidas de três vasilhas de barro, de Faro, (cântaro, pote e infusa).
- 878 VILLAS-BOAS, J. Sellés Paes de — *Notas de cerâmica popular*. E, II, Lisboa, 1942, pp. 339-360; e III, 1948, pp. 255-264.
Escritas e marcas dos oleiros de Barcelos.
O centro oleiro de Vilar de Nantes — descrição de fabrico, técnica, ferramentas e formas.
O vocabulário dos oleiros de Barcelos — menção de termos e sua significação.
Descrição de rodas de oleiro e fornos.

- 879 VILLAS-BOAS, Joaquim Sellés Paes de — *Uma olaria em Canha*. TAE, x, 2, Porto, 194 3-44, pp. 155-163, 3 figs.
- Considerações acerca das vantagens dos estudos monográficos circunscritos (respeitantes à olaria), e rápida descrição da oficina, forno, torno e ferramenta, usadas numa olaria em Canha. Descreve o processo de preparação do barro, fabrico das peças, decoração e nomenclatura.
- 880 VILLAS-BOAS J. S. Paes de — *A região de Aveiro e as olarias*. ADA, XII, Aveiro, 1946, pp. 33-39.
- Pequeno estudo das indústrias populares de olaria da região de Aveiro, que, segundo o Autor, tendem a acabar em consequência da influência natural de importantes fábricas de cerâmica.
- 881 VILLAS-BOAS, Joaquim Sellés Paes de — *Malhada Sorda, centro oleiro beirão*. HLHS, Madrid, 1949, pp. 295-300.
- «...Estuda um centro oleiro do concelho de Almeida. É importante a descrição da parte técnica. Neste trabalho trata também dos aspectos económicos e sociais destes artífices, cuja parte técnica está a cargo da mulher, enquanto que ao homem cabe a parte comercial. Excepto nas feiras, as peças são trocadas por géneros e valem a sua capacidade em produtos agrícolas (batatas ou castanhas)». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 882 VILLAS-BOAS, Joaquim Sellés Paes de — *Um capítulo de etnografia barcelense — As olarias*. Barcelos, 1951.
- Geologia da região. Origem histórica das olarias desta região. Matérias. Evolução de formas e primitivismo de temas.
- 883 VITORINO, Pedro — *Cerâmica Falante*. FL, I, Lisboa, 1929, pp. 7-10, 2 figs.
- A cerâmica com legendas ou divisas, sentimentais, satíricas ou políticas, de origem popular.
- 884 VITORINO, Pedro — *Cerâmica Portuguesa* (Estudos Nacionais. Dir. Armando de Mattos). Gaia, 1930, 75 pp., 75 figs.
- Estudo histórico das fábricas de cerâmica do Porto e de Gaia, e das suas respectivas marcas.
- 885 S/A. — *Brinquedos de louça de Estremoz*. ATP, 2, Lisboa, 1916, p. 105, 1 fig.
- Breve nota sobre brinquedos infantis — garrafas, bule, bilha, etc. — em louça de Estremoz, alguns com formas exóticas, imitando «pimentos», e com o bojo amolgado de dedadas, como nas louças vermelhas de Lisboa dos séculos XVI e XVII.

886 s/A. — *Barros portugueses*. VRTDC, 4, 1938, 4 figs.

Notas soltas sobre cerâmica.

Ver ref.^{as} 221, 228, 290, 322, 359, 415, 742, 745, 757.

2.3. MOAGEM

887 ADÃO, Luís Cabral — *Farinha, flor do pão*. EBJP, 47-49, Lisboa, 1958, pp. 163-178, 7 figs.

Breve descrição de moinhos de vento; nomenclatura de algumas das suas peças; ligeira alusão a moinhos de maré.

888 ALMADA, Victorino d' — *Elementos para um dicionário de geographia e história portuguesa — Concelho de Elvas e extinctos de Barbacena, Vila Boim e Vila Fernando*. II, Elvas, 1889, 559 pp.

A pp. 403, acerca do termo Atafona, fornece algumas notícias históricas a seu respeito, referidas aos séculos XVIII e XIX.

A pp. 457-464, acerca da palavra azeite, fornece várias notícias sobre esta indústria, número de lagares, dizimas, etc. e transcreve do Regimento dos lagares de azeite (dos princípios do século XVII) as posturas em que é regulamentada a sua laboração e as obrigações dos lagareiros.

A pp. 464-467 transcreve um artigo de Manuel de Castro Sampaio, publicado no *Almanach de Lembranças* de 1863, que descreve vários costumes relacionados com a apanha da azeitona, nomeadamente o costume de *arrebolar* — cada rapaz enlaçava uma rapariga e rebojava com ela pelo chão, escolhendo para esse fim um terreno em ladeira —; e as cerimónias do dia de acabamento, com mordoma, juíza, alferes, etc. Inclui ainda 25 quadras populares alusivas à azeitona, extraídas do cancionero de Tomás Pires.

889 AREDE, João Domingos — *Subsídios para Macieira de Alcoba — Aditamento*. ADA, VI, Aveiro, 1940, pp. 255-258.

Breves referências a moinhos, lagar de azeite e pisão. Pequenas notas sobre o traje dum almocreve.

890 ATHAYDE, Luís Bernardo Leite d' — *Moinhos de vento*. CRCAA, 2, Ponta Delgada, 1945, pp. 59-63.

Nota literária sobre os moinhos de vento dos Açores.

891 AZEVEDO, Pedro A. de — *Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»*. AP, VII, Lisboa, 1902, p. 28.

Menção de três azenhas e um engenho de pescar (formado por 4 hastes, como braços dum sarilho, com um cesto de arame em cada ponta) em Ribeirão (Rio Ave).

- 892 BAIÃO, António — *Foral de Tomar*. AP, xv, Lisboa, 1910, pp. 184-185.
Referências a moinhos, atafonas e pisões.
- 893 BEÇA, Celestino — *Trituradores de pedra*. AP, vii, Lisboa, 1902, p. 309, 1 fig.
Breves referências a duas peças de granito que supõe terem servido para triturar cereais.
- 894 BRANDÃO, Francisco — *A pia do milho miúdo*. DL, Quinta Série, III-IV, Porto, 1953, p. 46, 1 fig.
Referência a uma pia de descascar o milho miúdo, e aos *maços*, *unha* ou *mão*, usada em Formariz (Paredes de Coura).
Descrição da operação do descasque, e aplicações culinárias do milho miúdo descascado: para o arroz-doce, das merendas nas vessadas colectivas, e para papas de sarrabulho.
- 895 CARDOSO, Mário — *A mó e a farinha, o forno e o pão (Nota etnográfica)*. TAE, xvii, 1-4, Porto, 1959, pp. 235-248.
Breves considerações sobre o pão. Citação de Estrabão e Plínio que falam, a respeito do noroeste da Península, de pão de bolota. Existência nos castros dessa região de achados de bolotas e mós manuais. Da abundância destas e da ausência de construções que pudessem ter servido de fornos, conclui pela prática corrente de farinação, e sua utilização em papas.
Menção de alguns sistemas de trituração de cereais que remontam ao neolítico; comparação com formas actuais; mós de rebolo; mós manuais.
Refere-se a fornos de falsa cúpula e descreve um forno comunitário de Gralhas (Montalegre).
- 896 CARVALHO, A. L. de — *Os Mesteres de Guimarães*. vii, Guimarães, 1951, 209 pp.
Neste volume trata dos ofícios de Moleiro, Pasteleiro, Pedreiro, Tintureiro, Ferreiro e Tosador.
Moleiros — Citação de Duarte Nunes de Leão, que aponta 502 moinhos no rio Vizela. Extractos de códices municipais de Guimarães referentes à Irmandade das águas; obrigações a observar quanto ao regime da sua distribuição. Notícias históricas soltas acerca de moinhos (de água). Lengalengas que exprimem ironicamente o excesso de maquias tiradas pelo moleiro. Regimento dos Moleiros (1531); juizes do ofício e cartas de exame. O papel do milho na alimentação da gente pobre.
Pedreiros — Transcrição dum Regimento de salários e preços (1522) referente a cabouqueiros. Notícias históricas acerca da presença de pedreiros galegos no concelho, sobretudo na construção de igrejas. Menção de alguns artífices régios de Guimarães. Siglas dos canteiros. Notas sobre o cantar à pedra. Giria dos pedreiros.
Pasteleiros — Transcrição do Regimento destes (1607), seguida duma breve análise. Tabela de preços dos cozinhados. Transcrição dum Regimento (1719 dos

Estalajadeiros, nome por que passaram então a ser designados os pasteleiros. Cartas de privilégio. A alimentação dos artífices segundo algumas notícias históricas.
Ferradores — Primeiras referências (1318). Transcrição dum Regimento (1719).
Ferradores-alveitares — menção de algumas doenças de gado, seguidas de receituário caseiro. Cartas de exame. Obrigação de se incorporarem na procissão do Corpus Christi, acompanhando o S. Jorge.
Tintureiros — Transcrição de alguns dados históricos referentes à prática da tinturaria com produtos naturais. Proibições à utilização do trovisco; etc.
Tosadores — Notícias históricas acerca destes artífices, a partir do século XIV.

- 897 CASTELO-BRANCO, Fernando — *Os moinhos na economia portuguesa*. RPH, VIII, Coimbra, 1959, pp. 35-44.

Extractos de documentos históricos dos séculos XVI e XVII referentes a moinhos de maré, construídos na península de Tróia (Setúbal), que considera como os mais antigos moinhos deste género de que há notícias. Refuta a hipótese de Sousa Viterbo que, com base em documentos do século XV fala dos moinhos de maré montados em barcas, afirmando a impraticabilidade de tal sistema. Faz uma breve análise das condições geográficas e económicas da região e foca a importância do estudo dos moinhos na economia portuguesa.

- 898 CASTRO, D. José de — *Moinhos de pão*. BFNPT, 6, Lisboa, 1944, pp. 19-24, 5 figs.

Breves referências a moinhos.

- 899 C., C. — *Rebuscos e respigos*. CRCAA, 21, Ponta Delgada, 1955, pp. 173-176.

Respigos históricos com menções a azenhas na ilha de S. Miguel, no século XVI; a moinhos e moleiros da ilha Terceira, no século XVII; a atafoneiros e molinheiros na ilha do Faial, no século XVIII.
O moleiro na poesia popular açoriana (Exemplos).

- 900 DIAS, António — *Etnografia — Moinhos e moleiros*. ARFMBS, II, Guarda, 1942, pp. 98-101.

Notas e extractos de posturas alusivas aos moleiros.

- 901 DIAS, Jorge — *Um «metate» em Vilarelho da Raia*. TAE, XII, 1-2, Porto, 1949, pp. 173-178, 4 figs.

Refere-se a um antigo moinho usado pelos aztecas e os incas — o «metate» — que descreve como sendo uma «pedra côncava de superfície lisa, sobre a qual se faz rolar um cilindro de pedra, que esmaga o grão e o reduz a farinha», erguida sobre 4 pés; nota o seu uso também em Espanha, aqui para moer chocolate (para o que era aquecida por baixo). Comparação destes com pedras semelhantes, que o Autor encontrou em Vilarelho da Raia (Chaves), aqui usadas também para moer chocolate.

- 902 DIAS, Jorge — *O pio de piar os milhos*. TAE, XII, 3-4, Porto, 1949.
- «O Autor descreve uns instrumentos de descascar o milho miúdo que encontrou na serra da Padrela e que são considerados, pelos vários autores, de origem oriental. Os pios deste género, conhecidos na Europa Oriental, estão relacionados com populações eslavas. O Autor procura esclarecer-lhes as origens, baseando-se em argumentos funcionais, mostrando que as explicações dos morfologistas não eram suficientes para resolver o problema». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 903 DIAS, Jorge — *Tretanken und Wasseranken in Portugal*. HFK, II, Mendoza, Argentina, 1954, pp. 437-456, 11 figs.
- Pios de piar os milhos, movidos a água e a pé.
- 904 DIAS, Jorge, e GALHANO, Fernando — *Moinhos de descascar milho miúdo e o monjolo brasileiro*. APPC, XIII Congresso, VIII, Lisboa, 1950, pp. 325-334, 4 figs.
- «Depois do estudo dos «pios de piar os milhos» da Serra da Padrela, os Autores tiveram oportunidade de alargar a investigação sobre os vários processos de descascar este cereal. Mostram que a área de difusão dos pios foi antigamente maior e que o cultivo e consumo do milho miúdo se podia fazer sem o uso do pio, pois, no concelho da Guarda, estudaram moinhos manuais para o mesmo efeito. A distribuição destes dois aparelhos de descascar milho miúdo ocupa áreas de países distintos, podendo pensar-se em duas zonas de influência cultural arcaica diferentes. Finalmente, comparam os pios do monjolo brasileiro, aventando a hipótese da contribuição portuguesa desse elemento de cultura, que outros autores consideravam contribuição oriental, por desconhecerem a sua existência em Portugal». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 905 DIAS, Jorge, OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, e GALHANO, Fernando — *Sistemas primitivos de moagem em Portugal. Moinhos, Azenhas e Atafonas*. I — *Moinhos de água e Azenhas*. Porto, 1959, 102 pp., 78 figs.
- Estudo descritivo dos diferentes tipos de moinhos de água e azenhas existentes em Portugal; sua classificação tipológica e nomenclatura.
- Moinhos de água: Sistema motor 1) moinhos de rodízio (roda horizontal de penas radiais) fixo à pela, e rodízio móvel ao longo desta (de rios ou maré); e 2) moinhos de submersão, em que o rodete trabalha submerso dentro de um poço ou de uma dorna. Descrição pormenorizada de tipos padrões.
- Sistemas de condução e regulação da água: açudes, levadas, cubos (de madeira, pedra — inclinados ou verticais —, etc.). Grades de filtragem à entrada dos cubos. Peças que regulam a saída da água, de jacto sobre o rodízio. Pejadouros — para desviar a água do rodízio e parar o moinho. *Pelas, lobetes, veios, aguilhões e relas* (que estabelecem a ligação do rodízio à mó andadeira. *Urreiros e aliviadouros* — que regulam a distância entre as mós e conseqüente finura da farinha.

Azenhas. Tipos fundamentais: *azenhas de copos*, e *azenhas de rio*. As primeiras situam-se em nível inferior à queda de água, que cai dentro dos copos, sendo accionadas pelo peso desta; as segundas, aproveitam a corrente de rios, que corre por baixo delas, empurrando umas palhetas radiais. Este segundo tipo funciona normalmente fora dos períodos de cheias, e parte da sua maquinaria é retirada nessas alturas. Nestas, a entrosga está em posição vertical (como nos moinhos de vento) e o seu movimento é transmitido por meio do carreto, fixo ao veio da mó.

Moagem pròpriamente dita: disposição das mós, *segurelhas*, *cambeiros*, *buchas*, *moegas* e *quelhas*; *reguladores de quelha* e *chamadouros* (que regulam a quantidade de grão).

Edifícios e localização de moinhos e azenhas.

- 906 DIAS, Jorge, OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, e GALHANO, Fernando — *Sistemas primitivos de moagem em Portugal. Moinhos, Azenhas e Atafonas*. II — *Moinhos de Vento*. Porto, 1959, 95 pp., 88 figs.

Estudo descritivo dos moinhos de vento portugueses. Classificação tipológica, variantes e nomenclatura das peças de que se compõem.

Definição de dois tipos fundamentais: moinhos de vento fixos, de torre, de pedra (e numa zona limitada também de madeira), circulares, com tejadilho cónico móvel, cuja rotação se obtém por uma corda presa à ponta do mastro (Beira Baixa e Alentejo, raros), por meio de um *rabo* que emerge do tejadilho e vem até cerca do solo (Norte), e por sarilho interior (sistema mais corrente, Sul); e moinhos giratórios, de forma prismática, em madeira, em que todo o edifício roda sobre um espigão, assente sobre este e em duas rodas, que se roda por meio de uma alavanca que se aplica contra uma das rodas, empurrando-a.

Além destes, consideram ainda os moinhos de armação, de madeira, ou metálicos.

Os dois primeiros tipos usam velas triangulares de pano (salvo raras excepções em que são de palhetas ou quadrangulares de madeira); «nuns e noutros, o mastro fica sob a cobertura, e o seu movimento é transmitido, por uma *entrosga*, a um *carreto* situado à frente dela, e cujo eixo constitui o veio de cima, que, engatado na *segurelha*, acciona a *mó andadeira* e se prolonga, para baixo, pelo *veio de baixo*; este atravessa uma *bucha* que se encontra no olho da mó inferior, e gira na *rela* fixada no *urreiro*, que fica no andar de baixo, e cujas deslocações verticais, comandadas pelo *aliviadouro*, regulam a aproximação das mós». Em todos, o carreto situa-se entre a entrosga e a saída do mastro. Descrição minuciosa de tipos padrões.

- 907 GALHANO, Fernando — *Etnografia Agrícola — Atafonas, mós manuais e «pios de piar»*. GA, 2404, Agosto de 1959.

Descrição de alguns tipos de atafonas, mós manuais e «pio de piar» o milho miúdo.

- 908 KEIL, Luís — *Portais e «Moinholas» de Castelo de Vide*. ATP, 4, Lisboa, 1918, pp. 73-77.

Portais antigos, talvez medievais, ogivados, rendilhados, com pilastras ou capitéis esculpidos, emblemas, etc. Influência de desenhos pré-históricos, árabes e romanos. Proximidade das ruínas de Medobriga (Aramenha).

As moinholas ou zangarelhas — para moer o milho à mão, para o carolo e a farinha das papas. Descrição, funcionamento e nomenclatura. Sua extinção progressiva, como a dos teares manuais. Sua existência em Castelo de Vide, Nisa e Alpalhão (moinholas); descendo para o sul, vão desaparecendo, sendo desconhecidas em Arronches e Elvas. Menção das mós de mão no Algarve.

- 909 LAPA, João Inácio Ferreira — *Artes Chimicas, Agricolas e Florestais ou Technologia Rural*. 2, Lisboa, 1868, 279 pp., 59 figs.

Neste 2.º Vol. (2.ª parte) faz o estudo do azeite, lacticínios, cereais, farinhas, pão, etc. Salientamos a descrição que contém de lagares de azeite, moinhos de moer azeitona accionados por animais, enseiramento e prensas de vara e parafuso, etc.; o fabrico de manteiga e queijos; processos de moagem (referências breves a moinhos de água e de vento, mós manuais e atafonas); o fabrico e diferentes tipos de pão; etc.

- 910 LIMA, Augusto César Pires de — *A mó manual e os moinhos e azenhas*. DL. Segunda Série, VII, Porto, 1947, p. 77.

Notas sobre as novas mós, segundo a definição da gramática de Fernão de Oliveira (século XVI).

- 911 LIMA, Augusto César Pires de — *O Lugar da Torre*. CSTBC, IV, Santo Tirso, 1956, pp. 211-238.

Lendas da Torre Alta.

Notas sobre azenhas e pesqueiros de rio e rodas hidráulicas.

- 912 LOPES JÚNIOR, Frederico — *Etnografia Regional*. CRCAA, 3, Ponta Delgada, 1946, pp. 91-94, 5 figs.

Menção de três tipos de moinhos de vento na ilha Terceira. 1) De pedra e cal, cilindro-cónico, com cume em forma de cúpula pontiaguda, móvel, quatro varas em cruz, velas rectangulares, escada interior, de madeira ou pedra; 2) De pedra solta, cilíndrico, cobertura cónica, amovível, oito varas, quatro com velas de madeira e as outras com velas de pano, triangulares, escada exterior, fixa, de madeira ou pedra; 3) De madeira, assente em base cilíndrica de pedra solta, de formato octogonal, com cúpula em pirâmide, fixa, oito varas com velas triangulares de madeira, escada exterior de madeira móvel; moinho girando sobre a base.

Regiões de maior difusão destes tipos.

- 913 LOPES, Tenente Coronel Frederico — *Moinhos de Vento*. BIHIT, 18, Angra do Heroísmo, 1958, pp. 182-197, 2 figs.

Da análise de alguns documentos, conclui que até ao início do século XIX a moagem nos Açores era feita em azenhas e atafonas, e só a partir de então se começaram a difundir alguns tipos de moinhos de vento. Atribui esta difusão tardia à determinação real que atribuía aos capitães-donatários o rendimento dos moinhos existentes de que possuíam monopólio. Admite que o tipo adoptado na Terceira foi o holandês ou flamengo, de forma tronco-cónica, em pedra, de 4 velas rectangulares, rodando por meio de rabo. Refere-se também a outros de oito velas, 4 de madeira e 4 de pano, triangulares, cilíndricos com cúpula giratória, ou de madeira octogonais, girando todo o corpo do moinho sobre uma base de pedra.

Menção de alguns prognósticos que os moleiros tiram da observação de certos factos atmosféricos.

Descrição sumária do moinho.

Transcrição de uma ordenação do bispo (1705) contra os moleiros por «estarem promiscuamente as mulheres nos moinhos com os homens».

Em nota, diz que o moinho de vento só no século XI veio para a Península, e cita o que julga a primeira alusão escrita a moinhos desse tipo (1552).

- 914 NUNES, J. — *Costumes algarvios — Moinhos*. P, 1, Porto, 1903, pp. 386-388.

Moinhos algarvios de moação de cereais — de vento e de água.

Moinhos de vento — cilíndricos, encimados por um cone. Divisões interiores. Descrição e nomenclatura.

Moinhos de água — sem forma especial. Nomenclatura. Habitação do moleiro; a comporta ou «atocho».

O «acarretador» de trigo; a maquia.

Mós manuais e molinetas caseiras.

- 915 PEIXOTO Rocha — *Do emprego ainda recente duma mó manual*. P, 1, Porto, 1903, pp. 828-831, 6 figs.

Alusão ao emprego de mós manuais através dos tempos a partir do neolítico.

Descrição duma mó manual, usada ainda em Beiriz (Póvoa de Varzim).

Pequenos aperfeiçoamentos que as mós manuais actuais apresentam em relação às dos castros.

- 916 PESSANHA, D. Sebastião — *Pás de moleiro*. EBJP, 47-49, Lisboa, 1958, pp. 179-198, 19 figs.

Estudo descritivo das pás de moleiro usadas para ensacar a farinha.

- 917 RIBEIRO, Luís da Silva — *A atafona*. CRCAA, 1, Ponta Delgada, 1945, pp. 42-46, 1 fig.

Refere-se à existência da atafona em várias ilhas dos Açores e da Madeira, e descreve a atafona da ilha Terceira, indicando nomenclatura.

- 918 RIBEIRO, Luís da Silva — *Contribuições à etnografia açoreana — Moinhos de mão na ilha Terceira*. HFK, I, Mendoza, Argentina, 1952, pp. 231-236.
Considerações históricas. Descrição do moinho de mão; nomenclatura.
- 919 SOUZA, Alberto — *Do Algarve — Moendo milho*. ATP, 1, Lisboa, 1916, p. 55.
Reprodução de uma aguarela, onde uma algarvia tritura milho sobre uma seira de esparto, com uma mó manual, herdeira da «mola manuarial» de origem pré-romana, usada na moagem caseira ibérica.
- 920 SOUSA, Elísio Ferreira de — *Relatório das escavações levadas a efeito no Monte Mòzinho*. DL, Sexta Série, v-vi, Porto, 1954, pp. 136-149.
Descrição dos trabalhos arqueológicos da *Cidade Morta* (Penafiel). Indicação de 2 mós manuais com 4 buracos além do central.
- 921 V., J. L. de — *Mós de carácter primitivo*. AP, xxvii, Lisboa, 1925-26, pp. 55-57, 8 figs.
Descrição de várias pedras pré-romanas, encontradas em antas e castros, que se vêem no Museu Etnológico, e que deviam ter sido empregadas como utensílios de moagem de cereais ou de outras substâncias farináveis.
- 922 VITERBO, Sousa — *Archeologia industrial portuguesa — Os Moinhos*. AP, II, Lisboa, 1896, pp. 193-204.
Notícia sobre os moinhos portugueses. Transcrição de diplomas e documentos dos séculos XV e XVI relativos a moinhos. Menção de moinhos construídos em barcas, no Tejo (1451).
Ver ref.^{as} 89, 142, 144, 206, 207, 212, 218, 219, 224, 227, 228, 229, 231, 240, 250, 253, 256, 260, 270, 271, 276, 280, 297, 299, 308, 360, 415, 745.

2.4. CESTARIA

- 923 BIERHENKE, W. — *Agavefaser und ihre Verarbeitung in Algarve*. HFK, I, Mendoza, Argentina, 1952, pp. 207-229.
Estudo sobre o trabalho com as fibras do agave no Algarve.
- 924 CABIDO, Aníbal Gomes Ferreira — *Indústrias açoreanas — Bordados e artefactos de verga*. BTI, 22, Lisboa, 1908, 16 pp.
Estudo da indústria de bordados nos Açores. Fala da sua implantação ali e da orientação profissional por parte dum grupo de bordadeiras madeirenses; do precário desenvolvimento desta indústria que, em relação à Madeira, apenas

atinge 9 % da produção desta. Aponta como causa principal desse insucesso o facto da mulher açoriana emigrar com muita facilidade para a América.

Breves notas sobre o fabrico dos chapéus de palha.

Estudo da indústria de verga. sua antiguidade nos Açores. Enumeração dos principais objectos fabricados: cestos, para a agricultura e comércio do carvão, seirões, para a condução em bestas de carga, «sebes», para carros de lavoura, mobiliário, e obra de cestaria fina.

- 925 CAMPOS, M. Moreira — *Regionalismo — Os cestos de Vil de Moinhos*. NA, I, 15, Lisboa, 1933.

Notas sobre o aspecto da povoação, e sobre a indústria de cestaria.

- 926 CARNEIRO, A. Lima, e LIMA, Augusto César Pires de — *Notas sobre os açafates*. DL, Segunda Série, III, Porto, 1945, pp. 50-51.

Breve nota sobre o costume que tem lugar no domingo de Pascoela, em que alguns rapazes e raparigas, de certas aldeias do concelho de Santo Tirso, vão em grupos alegres e festivos levar molhos de varas de salgueiro descascada ao açafeiro da Cruz-de-Pêlo (Famalicão).

- 927 COSTA, Carreira da — *Etnografia agrícola — Cestos de S. Miguel*. CRCAA, 11, Ponta Delgada, 1950, pp. 101-105.

Cita Frutuoso, que alude ao cultivo do vimeiro no século XV em S. Miguel; descreve a manufactura de alguns cestos e indica os fins para que se destinam.

- 928 DIAS, Jorge — *Um brêz de Montemuro e um cesto egípcio da XII dinastia*. RG, LXIII, Guimarães, 1953, pp. 133-139.

Estudo de um tipo de cestaria, de palha enrolada em espiral e cosida com casca de silva, do Montemuro. Sua origem e área de difusão. Comparação com um modelo idêntico do Egipto antigo.

- 929 F., M. — *Itinerário do trabalho português — Artesanato algarvio*. MCP, X, 115, Lisboa, 1956, pp. 8-10.

Notícia sobre o artesanato algarvio: trabalho de palma e esparto, rendas e malhas, cadeiras de tabua, cestaria, doces, etc.

- 930 GALHANO, Fernando — *Cestaria e esteiraria*. APP, I, pp. 267-296, 23 figs.

Estabelece de entrada duas categorias principais de cestos — cestaria grossa e cestaria fina —, que classifica em dois tipos, segundo o sistema de fabrico: *cestaria tecida*, em que o entrançado se apresenta como uma teia de elementos cruzados perpendicularmente, e *cestaria em diagonal*, em que os elementos se cruzam diagonalmente. Além destas técnicas, descreve ainda a técnica de espiral cosida, e cita Jorge Dias, que compara os brezes da Serra de Montemuro, feitos nesta técnica, com o cesto egípcio encontrado no túmulo de Antinoe.

Considera ainda a cestaria sob o ponto de vista dos materiais empregados: varas, ou tiras de madeira rachada. Descreve minuciosamente a factura de vários cestos, e, acerca da cestaria fina, fala do contributo dos ciganos, que deambulam pelas aldeias trasmontanas, e do grande contingente de cesteiros oriundos da freguesia de Gonçalo (Guarda), dispersos pelo país. Descrição da ferramenta, enumeração de madeiras, etc. Trata também da indústria de entrançado de palma, que tem o seu núcleo mais importante no Algarve, e da aquisição da matéria-prima na vizinha província Andaluza. Além desta indústria algarvia, refere-se também à indústria de esteiras de bunho e de junco, e aos diferentes processos de fabrico, praticada na orla litoral, com núcleos relevantes no distrito de Aveiro e a sul de Viana do Castelo.

- 931 GALHANO, Fernando Barbedo — *Algumas notas sobre a indústria de cestaria fina em Portugal*. EEFHRA, Rio de Janeiro, 1960, pp. 393-397.

Estudo descritivo de um tipo de cestaria fina, cujo centro de difusão se situa no concelho da Guarda, em Gonçalo.

- 932 P., S. — *Açafates pintados*. ATP, 1, Lisboa, 1916, pp. 109.

Nótula acerca dos açafates de vime entrançado, pintados com motivos inclassificáveis, da região entre o Porto e Póvoa de Varzim, e da Maia.

- 933 RIBEIRO, Emanuel — *La vertu de l'Osier et du Genêt*. Coimbra, 1930, 87 pp., 36 figs.

Além dos desenhos, que são muito bons, tem interesse a última parte do trabalho — *Elucidário* — em que apresenta uma relação de cestos, de diferentes regiões, com indicações do seu uso e formas.

- 934 SANTOS, Vitorino José dos — *Indústrias madeirenses — Bordados e artefactos de verga e embutidos*. BTI, 5, Lisboa, 1907, 32 pp.

Estudo da indústria dos bordados na Madeira: apontamentos tecnológicos, indicação do número de bordadeiras, profissionais e rurais, e condições económicas desta indústria.

Indústria de verga: Exportação de vimes; fabrico de mobiliário de verga, cestos, gigos, cestaria fina (feita de giesta descascada); etc. Aspecto económico desta indústria.

- 935 SILVA, A. Marques da — *Indústrias caseiras da Ilha da Madeira — Obra de verga*. MCP, XI, 126, Lisboa, 1956, p. 22.

Nota sobre o trabalho de verga nesta ilha.

- 936 SILVA, Maria Helena dos Santos — *O cesto — Estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. RPF, IX, Coimbra, 1958-1959, pp. 215-338, 107 figs.

A cestaria na antiguidade, especialmente nas civilizações grega e romana; representações na escultura, cerâmica, tapeçaria, ourivesaria, e na arte popular.

Estudo das técnicas de cestaria, e da origem e desenvolvimento da respectiva indústria; principais tipos de cestaria e sua distribuição geográfica. Os cestos continentais e insulares são agrupados segundo as suas aplicações mais usuais, e de harmonia com a sua distribuição geográfica. O cesto como meio de transporte de materiais, e seu emprego como medida.

- 937 VIANA, A. — *Nota etnográfica — Cestas vianesas*. AVC, I, 2, 1934, pp. 56-57, 2 figs.

Referências a um cesteiro de Carreço (Viana) e a alguns tipos de cestas que as mordomas das festas usavam.

Ver Ref.^{as}: 199, 222, 223, 229, 291, 297, 308, 749.

2.5. PIROTECNIA

- 938 LIMA, Augusto César Pires de — *Os fogos nas festas dos Santos*. DL, Segunda Série, III, Porto, 1945, pp. 39-40.

Alvará de D. Filipe, proibindo os «fogos de pólvora» nas festas dos santos.

- 939 LIMA, Augusto César Pires de — *Estudos Etnográficos, Filológicos e Históricos*. 3, Porto, 1948, 564 pp., 95 figs.

Crenças e práticas de bruxaria. Amuletos e crenças mágicas. Ensalmos, superstições várias e práticas divinatórias.

Medicina popular e cautelas supersticiosas.

Orações e arremedos de orações.

Costumes relacionados com a gestação, baptizado, casamentos e morte.

Notas sobre fogos, do ar e preso, que geralmente se queima nas festas de alguns santos. Mordomias e romeiras. Direitos dos párocos.

Procissões de penitência (provocação da chuva).

Entrudo, jogos carnavalescos. Serração da Velha. Notas sobre os ramos quaresmais, que se guardam e queimam para preservar do raio. Caldo de castanhas. Páscoa (Compasso e folares). 1.º de Maio. Fiéis Defuntos e Encomendação das Almas. Natal (cepo e ceia da consoada). Janeiras e Reis (versos dos reiseiros).

Pequenas notas sobre malhas a mangual; cantigas em que se pede vinho ao patrão. Superstições ligadas à cultura de alguns cereais. Debulha de milho por meio de patas de gado. Fases da cultura do linho. Processo de curtir azeitonas. Quadras populares que satirizam os alfaiates e os moleiros. Gíria dos pedreiros. Ramos de obra.

Alcunhas, comparações populares e ditos.

Adágios — calendário rústico e provérbios rimados. Fórmulas rimadas. Quadras populares, canções religiosas e tópicas. Romances, fábulas e lendas.

- 940 MATTOS, Armando de — *O fogo de vistas*. VAPP, Lisboa, 1940, pp. 203-216.

Pequeno estudo sobre fogos de artifício. Põe a hipótese da sua origem extremo-oriental, e fala do seu uso nas festas populares, onde constitui um dos principais atractivos. Divide os fogos em fogos diurnos e nocturnos, subdividindo ainda o primeiro em: do ar (foguetes), e preso (bonecos); e o segundo em: do ar (foguetes, balões, etc.), de terra (preso, árvores de fogo, composições), e aquático (composições).

- 941 PESSANHA, D. Sebastião — *Fogo de artifício*. APP, 3, pp. 293-305, 10 figs.

Pequeno estudo sobre «fogo preso» e «fogo de bonecos», baseado em apontamentos há muito recolhidos pelo autor, e em alguns álbuns desenhados e aguarelados. Descrição de algumas peças e indicação dos principais elementos de que se compõem.

- 942 S/A. — *Roqueiras*. BIHIT, 1, Angra do Heroísmo, 1943, pp. 187-188.

As «roqueiras» — foguetes — nas festas do campo e da cidade, como substituição dos tiros de espingardas velhas de outros tempos.

2.6. BORDADOS E RENDAS

- 943 ANTUNES, Maria Júlia — *Rendas e bordados da Beira*. CERB, IV, Castelo Branco, 1931, pp. 219-235.

Indicação de vários locais onde existem ou existiram indústrias de rendas, bordados e colchas. Considerações sobre os motivos usados.

- 944 ARAGÃO, Helena de — *As lindas rendas de bilros também têm a sua história*. EBJP, 8, Lisboa, 1945, pp. 143-150.

Notas históricas acerca da origem das rendas de bilros.

- 945 AZEVEDO, Maria Florinda — *Um «lenço de amor»*. AM, 1, Viana do Castelo, 1935, pp. 34-35, 1 fig.

Descrição dum lenço de amor, bordado a ponto de cruz.

- 946 BASTO, Cláudio — *Bordados de Viana do Castelo*. Po, IX, Porto, 1936, pp. 121-132, 5 figs.

Notas e comentários acerca duma exposição de bordados regionais, feitos por camponesas da região. Indicação das principais fontes do desenho desses bordados e seu significado; 18 quadras alusivas ao coração e à chave.

- 947 CHAVES, Luís — *Na exposição das rendas de Vila do Conde*. Po, IV, Porto, 1931, pp. 96-107.

Nota literária acerca da origem de certas, indústrias. Rendas da beira-mar — Viana do Castelo, Vila do Conde, Peniche, Setúbal, Lagos — e redes.

Resenha da história das origens do comércio marítimo dos portugueses. Sua influência nas rendas nacionais.

Vila do Conde. Descrição e história.

As rendas conhecidas pela via do comércio marítimo, de prática remota. Influências: inglesas (Irlanda e Exeter, estas já influenciadas pelas de Flandres) e directamente de Flandres. Influências recebidas por via do comércio terrestre e colonização de Portugal por franceses e flamengos. Feiras e tráfego marinho. Motivos populares embelezados pela lição externa; bilros.

A renda aristocrática, trabalho de senhoras e conventos, imitação dos modelos estrangeiros. Medidas régias a respeito de rendas: acção aniquiladora de D. João V. Joana Maria de Jesus, e a sua acção.

Tipos de rendas de Vila do Conde: bilros, de motivos tradicionais; imitação de rendas estrangeiras. Enumeração e história dos motivos populares — rosáceas, arcs e círculos, ziguezagues, gregas, suásticas, signo-saimão, etc.

- 948 COSTA, José Marques da — *Rendas de Setúbal*. Lisboa, 1962, 38 pp., 23 figs.

Considerações acerca da manufactura das rendas. Nota a estreita relação entre estas e as redes de pesca, e o desenvolvimento deste artesanato em núcleos piscatórios. Refere-se à escola de rendas de Setúbal, das quais aponta algumas particularidades e diversidades, e fala do declínio desta indústria por todo o País. Em Adenda, faz um pequeno estudo da história da renda em Portugal, e das suas vicissitudes a partir do século XVI.

- 949 CRUZ, Visconde do Porto da — *Folclore madeirense*. Funchal, 1955, 290 pp.

Lendas (17).

Crença, e superstições ligadas ao namoro e casamento; presságios; sortes amorosas; ensalmos; significação das flores.

Considerações sobre trovas e cantigas. Exemplo.

Danças e música — generalidades; algumas notações musicais. Descrição do traje regional.

Culinária e doçaria — descrição dos diversos pratos tradicionais da Madeira e Porto Santo.

Medicina popular — indicação de várias receitas, baseadas sobretudo na flora local.

Nota, sobre as indústrias de bordados e embutidos.

- 950 KEIL, Luís — *Rendeiras de Niza*. ATP, 3, Lisboa, 1917, p. 175

As rendeiras de Nisa e o seu traje. As rendas de «colchete» (com o «rebolo»), e as de «agulha», para colchas.

- 951 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Crónica de Aldeia — Bordados portugueses*. MCP, v, 58, pp. 12-13.
Notas sobre bordados.
- 952 LIMA, Marcelino — *Indústrias caseiras*. AA, Lisboa, 1903, pp. 455-458.
Referências breves aos bordados de palha sobre filó, chapéus de palha, trabalhos em miolo de figueira, rendas de pita, peúgas e camisolas de lã, bordados, etc. das ilhas do Faial e Pico (Açores).
- 953 LOPES JR., Capitão Frederico — *Notas de etnografia*. BIHIT, 2, Angra do Heroísmo, 1944, pp. 165-213.
Locuções e modos de dizer do povo da Ilha Terceira (Açores).
Os «marotos» da Terceira — A linguagem amorosa; o namoro. O lenço bordado: o «maroto». Desenhos e legendas. O lenço é oferecido pela rapariga, e usado pelo rapaz em dias festivos, sob a gola da jaqueta, em bico pelas costas. O «abragão» — espelho satírico do povo terceirense. Alcinhas. Classificação e exemplos.
- 954 MAGALHÃES, M. M. Calvet de — *Rendaria*. APP, 3, pp. 107-168, 54 figs.
Estabelece a distinção entre bordados e rendas e estuda estas, dividindo-as em rendas de agulha, e rendas de bilros. Segundo o Autor, é ao longo do litoral, e sobretudo em povoações de fundo cunho piscatório, que floresceu e ainda hoje se mantém arraigada esta indústria de rendas; de entre elas destaca Caminha, Póvoa, Vila do Conde, Peniche, Setúbal, Lagos e Olhão. No interior, cita os núcleos de Castro Marim, Nisa, Silves, Farmilhões e Valença; refere-se ainda a regiões onde esta indústria teve certa importância, embora actualmente haja desaparecido completamente: Sesimbra, Sines, Aveiro e Ovar. Aponta alguns dados históricos referentes às rendas e ao seu fabrico em Portugal, anteriores ao século XVIII, e fala da sua origem flamenga. Descreve os principais ornatos ou desenhos, e as diferentes fases do trabalho das rendas de bilros. Refere-se à primeira escola portuguesa de rendas (1887) e ao programa oficial de aprendizagem que esta instituiu.
- 955 MATTOS, Armando de — *Etnografia e romantismo*. IM, IV, 32, Porto, 1929, pp. 331-333, 5 figs.
Descrição de um lenço de amor. Considerações e tentativa de explicação dos motivos que o decoram.
- 956 MATTOS, Armando de — «*Mapas*» de ponto-de-cruz (*Nota de etnografia artística*). PRFCA, II, Porto, 1938, pp. 67-75, 10 figs.
Nótula sobre panos bordados a ponto de cruz. Motivos decorativos preferidos: abecedário, algarismos, temas tradicionais, etc. Seu uso noutras partes do mundo: Inglaterra, Rússia Meridional e Baixa Áustria. Predominância da cor vermelha e azul.

- 957 MOURA, Maria Clementina Carneiro de — *Tapeçarias e bordados*. APP, 3, pp. 49-105, 12 figs.

Descrição dos bordados de Viana: peças, composição, motivos, etc. Fala da técnica do ponto de cruz, difundida em todas as províncias, da composição dos lenços dos namorados, dos quais transcreve algumas quadras, e das camisolas poveiras; dos bordados a ponto de canutilho, usado especialmente nas camisas de linho dos homens de Guimarães; dos bordados crivos e rede de nó, que floresceram na Lixa e em Felgueiras; dos bordados de aplicação, nos aventais das mulheres e camisas de homem da região barrosã, e das saias das mulheres de Castelo de Vide; dos bordados a branco de Guimarães, Nisa e Tibaldinho, específicos dessas regiões. Refere-se à influência oriental nas colchas de Castelo Branco e alentejanas, e faz a análise dos motivos eruditos e populares destas; aos bordados a matiz dos aventais da Nazaré e xalinhos de Alpalhão e Castelo de Vide. Põe em relevo a influência oriental na indústria da tapeçaria alentejana e estuda a evolução desta indústria, que se fixou em Arraiolos, descrevendo-a nos seus aspectos fundamentais. Por último fala dos bordados da Madeira.

- 958 NOGUEIRA, Ibérico — *Lenços de amor*. AAM, VI, Viana do Castelo, 1956, pp. 132-141.

Pequeno estudo sobre os lenços de amor bordados.

- 959 OSÓRIO, Ana de Castro — *Rendas Portuguesas*. ATP, 2, Lisboa, 1916, pp. 33-36 e 171-172.

Considerações sobre alguns tipos mais conhecidos de rendas estrangeiras. Indicação de leis e pragmáticas relativas a rendas, em Portugal, e menções literárias e históricas. Rendas finas conventuais, imitando rendas estrangeiras; o convento de Jesus, de Setúbal. Rendas populares; diversos locais onde se produzem. Sua introdução no Brasil, a par com a culinária portuguesa.

- 960 PATRÍCIO, Maria M. de Martel — *Bordadoras e rendilheiras*. VAPP, Lisboa, 1940, pp. 91-100.

Rápido esboço desta indústria, na Europa e em Portugal.

- 961 PIRES, A. Thomás — *Investigações etnográficas*. RL, XVII, Lisboa, 1914, pp. 159-197.

O rito da provocação da chuva (procissões, em Elvas).

Alcachofras e fogueiras da noite de S. João — divinações e saltar fogueiras.

Pedras de corisco e pedras com virtude.

Cantigas populares.

As rendeiras de Vila do Conde — referências a esta indústria, que em 1821 ocupava, numa só fábrica, cerca de 2.000 mulheres.

Os pescadores da Vila da Póvoa de Varzim — petição dos pescadores para diminuir os impostos que lhe são tributados, violando a doutrina expressa no foral de D. Dinis.

Danças, chacotas e folias — extractos da Relação de festas, em Braga, para receber o Arcebispo (1672). Menção de arcos de festa e danças.

A pedra Bazar (de virtude contra veneno).

Superstições, crenças e usos populares — Festas a Santo Antão, em Freixedas (Beira Baixa), advogado contra a erisipela e patrono de almoceves, atafoneiros e porqueiros. Romagem dos pastores com o seu gado, em volta da capela. Feitiçarias, adivinhações, encantos, agouros.

A função do Espírito Santo (Santiago de Cacém) — Menção duma corrida de vacas pelas ruas, em véspera de Pentecostes, ornadas de flores, que eram depois abatidas para o bodo.

Cabeças santas — crença na eficácia da cabeça de S. Frutuoso (Constantim) na cura da raiva.

Provérbios.

- 962 P., S. — *Lenços marcados*. ATP, 1, Lisboa, 1916, p. 115.

Breve referência a lenços marcados que aparecem nas feiras do Minho (Barcelos) e Trás-os-Montes, que constituem declarações de amor, com enumeração de alguns símbolos e duas quadras, bordadas a matiz ou ponto de cruz.

- 963 P., S. — *Lenços marcados*. ATP, 3, Lisboa, 1917, p. 179.

Frases e três quadras de amor, recolhidas de lenços marcados, adquiridos nos mercados de Amarante e Penafiel.

- 964 SILVA, A. Marques da — *Indústrias caseiras da Madeira*. MCP, x, 119. Lisboa, 1956, pp. 16-17.

Notícia histórica sobre os bordados da Madeira.

- 965 SOUSA, Hermínio Soares da Costa e — *Indústrias de rendas*. BTI, 94, Lisboa, 1914, 24 pp.

Descrição dos principais tipos de rendas. Estudo da sua evolução nos diversos países em que se fabricam. Admite ter sido a Grécia o seu berço, e fala da influência grega nas rendas italianas, que diz datarem do século XV. Acerca da Península, refere-se a influências mouras. Alude às rendas da Flandres Oriental, especialmente ao seu fabrico em Bruxelas no século XV, e às rendas de bilros valenciennes e ao seu apogeu no século XVIII. Nota a influência italiana no uso das rendas em França, no reinado de Catarina de Médicis, e o desenvolvimento da indústria neste país, e seu estabelecimento na Holanda, Alemanha e Suíça, resultante de franceses imigrados. Em Portugal, nota pela primeira vez o termo «renda» num documento de 1560. Transcreve algumas proibições régias ao uso de rendas e mesmo ao seu fabrico (Filipe II, 1610; e D. Pedro, 1667). Petição levada à corte de D. João V pelas rendeiras de Vila do Conde; alvará que revoga, com exclusão de alguns pontos, as proibições ao uso e fabrico de rendas nacionais, e outros documentos que apoiam a liberdade de fabrico.

Descrição dos bilros e do trabalho da rendeira.

Importância das rendas em Viana do Castelo e Vila do Conde. Sua prosperidade e decadência.

- 966 VASCONCELOS, J. Leite de — *Nótulas etnográficas*. L, II, Viana do Castelo, 1918-19, pp. 105-106.

Nota sobre os lenços de amor, com transcrição de 8 quadras que os enfeitavam.

- 967 VASCONCELOS, Luísa Cândida de — *Linguagem dos bordados regionais de Viana*. AA,M, III, pp. 125-131.

Notas e comentários acerca dos bordados de Viana do Castelo.

- 968 VIANA, Abel — *Rendas — A mais bela arte da mulher*. MCP, VII, 81, Lisboa, 1953, pp. 12-13.

A difusão da arte das rendas, de origem da Flandres, através das relações marítimas, por Viana do Castelo, «o porto mais movimentado do reino», depois do de Lisboa. Centros de rendas à beira-mar: onde há redes há rendas. Outros contactos: França, Irlanda, etc. O apoio da Igreja. Decadência da indústria.

2 quadros com múltiplos exemplos de rendas algarvias.

- 969 VÁRIOS — *Rendas e bordados tradicionais*. Estoril, 1959, 52 pp., 13 figs.

Roteiro monográfico com breves apontamentos históricos e descritivos das rendas e bordados dos Açores, Arraiolos, Caldas da Rainha, Castelo Branco, Guimarães, Madeira, Nisa, Peniche, Viana do Castelo, Setúbal, Silves e Vila do Conde.

Introdução de Calvet de Magalhães, que estabelece a distinção entre bordado e renda, fala das origens desta e indica as principais zonas rendíferas do país. Aponta a influência flamenga na renda de bilros portuguesa, e irlandesa, nas rendas de Peniche. Indicação dos motivos mais correntes no seu desenho. Referências históricas à indústria dos bordados, a partir do século XVI.

- 970 S/A. — *Rendas e bordados da Beira*. AR, IV, 179, Castelo Branco, 1929.

Menção dos lugares onde se praticava esta indústria, com uma nota mais importante sobre as colchas de Castelo Branco.

Ver Ref.^{as}: 218, 230, 265, 266, 415, 771, 795, 924, 934.

2.7. LACTICÍNIOS

- 971 CABIDO, Aníbal Gomes Ferreira — *A indústria de lacticínios nos Açores*. BTI, 51, Lisboa, 1911, 30 pp.

Estudo da indústria de lacticínios nos Açores. Produção e valor dos lacticínios nos concelhos de cada uma das ilhas. Descrição de processos de fabrico de manteiga e queijo manuais, na indústria caseira, e mecânicos.

- 972 CRUZ, António Alves da — *Queijo à ovelheira e queijo à cabreira*. BP, XVI, Lisboa, 1948, pp. 17-24.
 Descrição do processo de fabrico de queijos nos concelhos de Castelo Branco, Belmonte, Vila Velha do Ródão, etc.
 Crítica ao empirismo de tais processos.
- 973 FRANCO, António Porto Soares — *Queijos de Azeitão*. NA, I, 8, Lisboa, 1933.
 Notas sobre o queijo de Azeitão.
- 974 RASTEIRO, Joaquim — *O queijo do Rabaçal*. NA, III, 158, Lisboa, 1936, p. 5.
 Descrição do processo de fabrico deste queijo.
- 975 RASTEIRO, Joaquim — *O queijo alentejano*. NA, III, 165, Lisboa, 1936.
 Descrição dos vários processos de fabrico de queijo alentejano.
- 976 S/A. — *A indústria queijeira em Portugal*. NA, II, 96, Lisboa, 1934.
 Produção do queijo em Portugal. Breves notas históricas. Classificação dos queijos. Movimento comercial. Fabrico de queijos.
- 977 S/A. — *Fabrico de queijos de Brie*. NA, III, 144, Lisboa, 1935.
 Descrição dos processos de fabrico deste queijo.
- 978 S/A. — *O queijo da Serra*. NA, III, 153, Lisboa, 1936.
 Descrição dos processos de fabrico de queijo da Serra da Estrela. Breves notas sobre o pastoreio.
 Ver Ref.^{as}: 102, 142, 203, 219, 226, 564, 909.

2.8. DIVERSOS

- 979 ALMEIDA, Eduardo d' — *Regimento de salários e preços de 1522 (para Guimarães)*. RG, XL, Guimarães, 1930, pp. 41-63 e 149-170.
 Indicação de salários (1522) de alfaiates, albardeiros, atafoneiros de casca, aluguer de bois, ataqueiros, almocreves, aluguer de odres, barqueiros, barbeiros, banheiros, besteiros, bodes, burel, curtidores, cutileiros, coronheiros, e cabouqueiros; e preços de cabritos, coelhos, casca para curtumes, cal, codornizes, carneiros e cabras, etc.
- 980 ARAÚJO, José Rosa — *Os cestos das Mordomas*. AM, I, Viana do Castelo, 1935, pp. 91-94.
 Descrição dos preparativos e enfeite dos cestos das mordomas, da Meadela, Perre, Outeiro, Santa Marta e Vila Franca (Viana do Castelo).

- 981 ARAÚJO, José Rosa — *À roda das flores do Alto Minho*. MCP, VIII, 92, Lisboa, 1954, pp. 12-13, 5 figs.
Tapetes de flores, cestos de mordomas enfeitados com flores, etc. em diversas festas minhotas: Perre, Santa Marta, etc.
Confrarias de N.^a Senhora do Rosário.
- 982 ARAÚJO, José Rosa — *Mareantes de Viana*. AAM, VIII, Viana do Castelo, 1958, pp. 45-61.
Dum documento do arquivo da Confraria dos Mareantes (século XVI-XVII) transcreve o nome de alguns homens do mar e notas referentes à sua vida e actividade.
- 983 BASTO, A. de Magalhães — *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto no século XV ao século XVIII*. BCCMP, XX, Porto, 1957, pp. 348-564; XXI, 1958, pp. 209-238 e 533-592; XXII, 1959, pp. 321-368 e 685-711; XXV, 1962, pp. 177-311.
Enunciado de nomes de artistas e artífices que trabalharam no Porto, segundo documentos do século XV ao século XVIII.
- 984 BASTO, Cláudio — *Flores e romarias*. VRTDC, 2, 1938, p. 3.
Pequena nota sobre «cestos de mordomas», de figurações armadas com flores, usados em Vila Franca do Lima.
- 985 BRAGA, Alberto Vieira — *Curiosidades de Guimarães — Os Votos de Santiago*. RG, LVIII, Guimarães, 1948, pp. 17-77.
Refere-se aos votos de Santiago, estabelecidos por um diploma de D. Ramiro I, indica as freguesias tributárias do concelho de Guimarães, e fala das contendras a que o pagamento dos votos a Santiago davam azo.
Dá notícia de dois afamados organeiros, e fala dos violeiros, ourives e sombreireiros, com transcrição do Regimento para o ofício de violeiro (1719); indicações sobre a nomeação de juizes violeiros da Confraria do Santíssimo (1725). Alude ainda a um livro de eleições e promessas desta mesma confraria em que aparecem vários nomes de violeiros, com tenda em Guimarães (1738-1808).
- 986 BRAGA, Alberto Vieira — *Mestres de pedraria do reino da Galiza, assistentes em Guimarães*. BCPMHAO, XX, 1-4, Orense, 1959-60.
Transcrição de documentos notariais do século XVIII, referentes a artistas pedreiros, galegos, que trabalharam no concelho de Guimarães.
- 987 BRANDÃO, João Rodrigues Pinto — *A indústria dos palitos dos dentes*. BTI, 37, Lisboa, 1910, 15 pp.
Origem desta indústria (que supõe ter nascido no Convento de Lorvão). Sua difusão pelos concelhos de Penacova, Poiares, Coimbra. Matéria-prima

utilizada: vime e salgueiro; sua exploração nos campos de Coimbra, Ribatejo, margens do Ceira, etc. Ferramentas e utensílios usados: banco, «coiro», foice de bico cortado, e «faca inglesa». Descrição das diferentes fases e variedades de palitos fabricados. Em dois mapas indica a percentagem de gente destes três concelhos que trabalham nesta indústria, preços e lucros.

- 988 BRITO, Soeiro de — *Os carvoeiros da Estremadura e Alentejo*. RL, I, Porto, 1887-89, pp. 382-385.

Notas sobre a vida desta classe. Categorias e ocupações. Alimentação (migas), etc.

- 989 CABIDO, Aníbal Gomes Ferreira — *Corografia Industrial do Concelho de Viseu - Monografia estatística*. BTI, 64, Lisboa, 1912, 50 pp.

Indicação da percentagem do pessoal que trabalha na indústria, em relação à restante população (3,1 %). Principais produtos agrícolas; enumeração por ordem decrescente de importância: milho, batata, trigo, centeio, cevada, feijão e azeite.

Relação dos estabelecimentos industriais: serrallharia, fabrico de manteiga, azeite, panificação e confeitaria, vestuário, calçado (tamancos e sapatos), peles, serração de madeiras e tipografia.

Condições de trabalho, salários, produções e condições económicas das habitações dos operários.

- 990 CABIDO, Aníbal Gomes Ferreira — *Corografia Industrial do Concelho de Estarreja*. BTI, 65, 12 pp.

Indicação da percentagem do pessoal que trabalha na indústria em relação à população total (3,5 %). Principais produtos agrícolas.

Refere-se aos estabelecimentos industriais, à indústria da pesca na Torreira, dando nota de 6 companhias da xávega, cada qual com 80 homens, 40 no mar e 40 em terra e 12 juntas de bois para cada, ganhando ao lanço; e fala do transporte do peixe do mar para a beira da Ria, feito por cerca de 400 mulheres. Material de pesca, produções, salários e percentagens dos pescadores.

- 991 CARDOSO, A. Lima — *A Barrela*. DL, VII, Porto, 1943, pp. 29-30, 1 fig.

O branqueamento caseiro da roupa, com cinza, em Santo Tirso (Areias). Descrição e nomenclatura.

- 992 CASTRO, D. José de — *Aveiro — Marnotos e embarcações fluviais*. IV — *Estudos etnográficos*. (Ed. do I.A.C), 1945, 183 pp., 44 figs.

Descrição da construção das salinas e das diferentes fases das actividades que aí se desenrolam: limpeza, cura e feitura. Nomenclatura da utensilagem. Terminologia usada pelos marnotos.

Breves notas sobre a vida e costumes destes: formas de pagamento, alimentação, habitação e traje.

- 993 CEPEDA, Elisa Vilares — *O artesanato rural*. MCP, VIII, 93, Lisboa, 1954, pp. 3 e 17.
Considerações sobre o artesanato, que vai desaparecendo: carpintaria, latoaria, serralharia, trabalhos de verga, labores femininos, burel (pisões), linho, etc.
- 994 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, XXXV, Lisboa, 1948, pp. 79-83.
Nótula sobre os grilos e as gaiolas.
- 995 COSTA, Carreiro da — *A palha do trigo*. CRCAA, 16, Ponta Delgada, 1952, pp. 110-114.
Refere-se ao emprego da palha de trigo na cobertura das casas, e na confecção de vários artefactos.
- 996 DIAS, Jaime Lopes — *Vida do campo. Indústrias rurais*. RO, XIX, Lisboa, 1942, pp. 314-321.
Refere-se aos trabalhos da tosquia dos lanígeros e descreve a maneira como ela decorre. Agrupamento dos tosquiadores, chefiados pelo menageiro, em «camaradas». Regras que regulam o seu exercício, e multas que se aplicam aos infractores. Alimentação dos tosquiadores. Utensilagem de trabalho.
- 997 DIAS, Jaime Lopes — *Etnografia da Beira*. OI, 100, Coimbra, 1942, pp. 316-319.
Notícias acerca das vassouras de varrer a casa e a testada. Em Benquerença, a sua factura tomava um aspecto festivo: nos domingos da Quaresma, as raparigas iam em grupos cortar as giestas, e os rapazes os vimes ou silvas para as amarrar. No final do trabalho era servida uma ceia de chouriços e vinho.
- 998 FELGUEIRAS, Guilherme — *Etnografia agro-pecuária*. NA, VI, 292, Lisboa, 1938.
A avicultura e a tradição.
- 999 FERNANDES, José Loureiro — *Sobrevivências de tecnologia arcaica portuguesa nas prensas de mandioca brasileiras*. ACIELB, III, Lisboa, 1959, pp. 136-137.
Estuda as fases de preparação de farinha em grupos indígenas e em alguns núcleos caboclos do Brasil. Várias técnicas de prensagem da mandioca. Estabelece comparação entre os tipitis, cestos indígenas, e as seiras, peças de cestaria usadas em Portugal.
Estudo preliminar sobre as formas arcaicas de prensas portuguesas e prensas brasileiras de mandioca. (Resumo).

- 1000 FERREIRA, Luís Feliciano Marrecas — *Fornos de cal em Cesimbra e nos distritos de Leiria*. BTI, 2, Lisboa, 1907, pp. 233-239.
 Descrição dum forno de cal, na serra da Arrábida. Modo de laboração. Indicação dos fornos existentes em Sesimbra, Setúbal e distrito de Leiria.
- 1001 FREITAS, Jordão de — *Serras de água nas ilhas da Madeira e Porto Santo*. RAr, III, Lisboa, 1936-38, pp. 169-174.
 A instalação nas Ilhas de engenhos hidráulicos de serração, desde os primeiros tempos do povoamento.
- 1002 GUIMARÃES, Abade Oliveira — *Apontamentos para a história de Guimarães*, RG, XXVI, Porto, 1909, pp. 140-161.
 Notícias transcritas do Livro dos Acórdãos da Comarca de Guimarães, de 1692, com menções de mercadores, padeiros, vinho, rendeiras, pescadeiras, mesterais, mulheres solteiras, gados, etc.
- 1003 GUIMARÃES, Avelino da Silva — *Subsídios para a história da indústria vimaranense*. RG, IV, Porto, 1887, pp. 125-146 e 190-211; V, 1888, pp. 12-38; VII, 1890, pp. 75-78; VIII, 1891, pp. 90-96; IX, pp. 20-54; XI, 1894, pp. 49-63, 178-186 e 206-214; XIII, 1896, pp. 72-78; e XVI, 1899, pp. 91-93.
 Análise dos excessos das reformas liberais em detrimento agrícola e industrial. Estudo da evolução histórica das indústrias vimaranenses e suas corporações. Transcrições de estatutos e regimentos. Por estes vê-se que as corporações de ofícios e mesteres tinham em Guimarães preceitos semelhantes às corporações europeias.
- 1004 LARCHER, Jorge — *Armarias Portuguesas*. PN, II, Lisboa, 1939, pp. 117-120; III, 1940, pp. 52-58, 6 figs.
 Breves notas acerca da história e terminologia da armaria. Descrição de algumas armas e engenhos.
- 1005 LEÃO, Armando — *Folclore de Oliveira — Póvoa de Lanhoso — A Barrela*. DL, VII, Porto, 1943, pp. 27-28.
 O branqueamento caseiro da roupa. Descrição e nomenclatura regional.
- 1006 LEÃO, Armando — *Folclore de Oliveira (Póvoa de Lanhoso) — Nós e laçadas*. DL, Segunda Série, V, Porto, 1946, pp. 64-65, 4 figs.
 Indicação do modo como se obtém o nó de prontidão, o nó de cão, e o nó de teceadeira.

- 1007 LIMA, Augusto César Pires de — *As artes e os ofícios nas tradições populares*. Po, 2.^a Série, II, Porto, 1947, pp. 132-139; III, 1948, pp. 19-39 e 172-201; e IV, 1949, pp. 242-275.

O conceito popular de ridículo ligado ao ofício de alfaiate; quadras populares satíricas alusivas.

Referências ao baile dos ferreiros da Procissão do Corpus Christi, em Penafiel. Citação de Ramalho Ortigão que lamenta a decadência da arte dos ferreiros. Privilégios e crenças relativas ao fogo e ferreiros. Ditados, cantigas e lendas alusivas.

Menção de alguns primitivos processos de moagem. Obrigações dos moleiros segundo o regimento da Procissão do Corpus Christi. Má fama que pesa sobre os moleiros; epigramas satíricos, orações e mandamentos dos moleiros; adivinhas, comparações, ditados, contos e anedotas alusivas a eles.

- 1008 LIMA, Augusto César Pires de — *Estudos Etnográficos, Filológicos e Históricos*, 5, Porto, 1950, 358 pp., 44 figs.

Extractos do livro dos Acórdãos da Vila da Arrifana do Sousa sobre os juizes dos ofícios. Relação de santos advogados. Ditados alusivos a almocreves, barbeiros, caldeiros, ferreiros, sapateiros, cesteiros (indicação da ferramenta usada pelos cesteiros). Notação musical duma toada de pedreiro; quadras populares alusivas a estes. Avisos de tabernas. Tecedeiras — quadras referentes a estas.

As artes e ofícios nas tradições populares — Alfaiates (quadras satíricas alusivas); ferreiros (notas históricas acerca da «dança das espadas», e menção de alguns trabalhos de ferreiro: candeias, aldrabas com figuras zoomórficas, espelhos de portas, etc.; ditados, cantigas, contos e lendas alusivos). Moleiros — Notas sobre sistemas de moagem. Obrigações dos moleiros na procissão do Corpus Christi. Má reputação dos moleiros. Epigramas. Adivinhas, comparações, ditados e contos populares referidos a moinhos e moleiros. Indicação de alguns santos advogados. Ditados alusivos aos albardeiros, almocreves, barbeiros, caldeiros, etc. Gíria dos pedreiros.

Anomalias e marcas. Notas sobre certas marcas estigmatizantes e sobre o conceito popular depreciativo dos ruços ou ruivos.

O arejo e o ar. Ensalmos e práticas supersticiosas para talhar o ar. Algumas notas sobre sinais colocados em certas propriedades, interditando a entrada de pessoas ou animais alheios.

Casos de etimologia popular e definição de alguns vocábulos.

A chuva na língua e nas tradições populares de Portugal. Presságios, práticas de provocação da chuva, quadras, ditos, provérbios e vocabulário alusivos à chuva.

Cabeceiras de sepultura. Notas sobre algumas estelas funerárias.

- 1009 MONTEIRO, Rodrigues — *Os palitos*. P, 1, Porto, 1903, pp. 625-628.

Referências à indústria caseira de palitos, localizada em Lorvão e Coimbra.

- 1010 NEVES, L. Quintas — *Indústrias regionais*. AAM, III, pp. 123-124.
 Considerações acerca da necessidade de se organizar um registo sistemático das pequenas indústrias locais, de feição popular.
- 1011 PEDRO, Manuel — *Os aguadeiros do Porto*. OT (5.^a Série), IV, Porto, 1948, p. 59.
 Nota breve sobre os antigos aguadeiros; suas obrigações e direitos.
- 1012 PESSANHA, D. Sebastião — *Do Alentejo — Jaezes ornamentados*. ATP, 4, Lisboa, 1918, pp. 40-42.
 De popular e geral, a indústria dos jaezes passou para as cidades alentejanas, principalmente Beja e Estremoz. Cabeçadas de Estremoz; peças e nomenclatura. Atafais e burins (mulins). Ornamentações a lã, de cores, pêlos de texugo, franjas, etc. Decadência da arte em Elvas, onde os ornatos começaram a rarear. Cabeçadas antigas, coroadas com um cocar, onde se abre um nicho com vidro, no qual está o registo de um santo. Tradição mourisca dos jaezes, via Espanha. Teares verticais para tecelagem das peças.
- 1013 PIMENTEL, Alberto — *Tradição de um ofício*. T, I, Serpa, 1899, pp. 148-151.
 O barbeiro. Emblema. A aprendizagem.
- 1014 PINTO, Arnaldo de Azevedo — *A «cola» de Adufe*. DL, Sexta Série, I-II, Porto, 1954, pp. 84-92, 10 figs.
 Esboço histórico-geográfico da localidade de Adufe, próxima de Braga. A cola. Descrição das matérias-primas e processos de preparação. Os iniciadores do fabrico de cola (grude) em Adufe, há cerca de 100 anos. Tipos obtidos. Aplicações. Laboração. Mercados principais. Produção. Preços.
- 1015 PIRES, A. Thomaz — *Investigações ethnográficas*. RL, XV, Lisboa, 1912, pp. 236-267.
 Excertos de várias publicações, algumas do século XVII, que fazem referência a feitiços, superstições, ao costume das mulheres levarem a roca e o fuso no dia do casamento; ao fabrico de coroças de junco, no Barroso; aos casamentos de ciganos, segundo a nossa tradição; ao casamento de um escravo (Elvas, 1602); às touradas; à pescaria no dia de S. José (romagem, neste dia, às margens de rios, com refeição de carne de chibo e sobretudo a *escalda*: caldo picante de peixe); comparações populares; provérbios e anexins; e 119 locuções populares, comparadas com similares de alguns países românicos.
- 1016 QUESADO, P.^o A. — *«A Festa das Rosas» em Vila Franca do Lima (Viana do Castelo)*. MCP, VI, 71, Lisboa, 1952, pp. 10-11, 4 figs.
 Descrição da confecção dos «cestos de mordoma» ornamentados com pétalas de flores.

- 1017 RIBEIRO, Luís da Silva — *Etnografia açoriana — As galochas*. Po, XII, Porto, 1939, pp. 95-96.
A indústria caseira da galocha (que corresponde ao nosso soco ou tamanco) na ilha Terceira. Descrição e terminologia.
- 1018 SANTA-RITA, Augusto de — *Panorama e clima do mundo rural português*. MCP, VIII, 89, Lisboa, 1953, p. 11.
A defesa do artesanato e da indústria caseira como meio de se opor ao nivelamento da civilização industrial.
- 1019 SANTOS, Álvaro Miranda — *Manufactura popular do junco em Forjães — Esposende*. APPC, XXIII Congresso, Coimbra, 1956, pp. 399-406.
Descrição da recolha e preparação do junco, dos instrumentos de trabalho, e menção dos artigos mais procurados.
- 1020 SANTOS, Álvaro Miranda — *Manufactura popular da madeira em Forjães — Esposende*. APPC, XXIII Congresso, Coimbra, 1956, pp. 497-410.
Descrição da indústria de remos e de gamelas em madeira
- 1021 SARDOEIRA, Albano — *Relação de artistas que exerceram a sua actividade em Amarante*. RG, XXXVI, Guimarães, 1926, pp. 185-191; XXXVIII, 1927, pp. 27-34.
Indicação de nomes de artistas que trabalharam em Amarante: estucadores, ferreiros, entalhadores, ourives, pintores, etc., segundo documentos antigos.
- 1022 SILVA, Ribeiro da — *Os fornos de carvão na ilha do Faial*. CRCAA, 4, Ponta Delgada, 1946, pp. 87-90, 6 figs.
Descrição do modo como se constroem no Faial (Açores) os fornos de carvão; indicação das madeiras mais usadas no fabrico deste, e do tempo de combustão.
- 1023 SOUSA, Hermínio Soares da Costa e — *Monografia sobre a indústria da cutilaria*. BTI, 114, Lisboa, 1918, p. 153.
O Autor divide o trabalho em duas partes: a parte pré-histórica e a parte histórica. Na primeira, fala dos instrumentos da época chelense, moustierense, solutrense, magdalenense, da idade do cobre, do bronze e do ferro; na segunda, estuda a evolução de alguns instrumentos de cutilaria, as matérias-primas que esta indústria emprega, os processos de fabrico, com descrições pormenorizadas dos aparelhos usados e das técnicas tradicionais de fabrico. Dá uma ideia geral da cutilaria através dos vários países da Europa e alude ao seu fabrico já nos meados do século XIII. Indicação dos principais centros produtores. Transcrição do Regimento dos oficiais do ofício, de Lisboa e Guimarães, datados respectivamente de 1770 e 1719.

- 1024 THOMAS, Pedro Fernandes — *Inscrições e emblemas existentes nos sinos das igrejas do concelho da Figueira*. P, 1, Porto, 1903, pp. 141-144.

Considerações acerca da pobreza architectónica religiosa daquele concelho, apesar da antiguidade de algumas povoações — notícias de Quiaios do século IX, e de Tavarède e Buarcos do século XI — relacionada com a pobreza dos meios piscatórios.

Invenção remota dos sinos; os sinos em Roma, para usos profanos; natureza individual do culto romano. O culto colectivo cristão. Introdução do uso dos sinos na igreja, no ano 400 por Paulino de Nola. O campanário sobre o telhado, e mais tarde as torres. Inscrições dos sinos — frases religiosas, sinais sacros, o nome de quem o ordenou, do fabricante, datas, etc.

- 1025 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Capador*. BE, 1, Lisboa, 1920, pp. 41-43, 1 fig.

Nótula acerca da sua profissão, traço, e gaita com que se faz anunciar (a sirinx).

- 1026 VASCONCELOS, J. Leite de — *A Barba em Portugal*. Lisboa, 1925, 189 pp., 129 figs.

O trabalho está dividido em 6 capítulos. No primeiro faz o estudo antropológico da barba: definição de barba e seus caracteres físicos; a barba como prova de puberdade masculina; casos de hipertricose; a barba nas mulheres; observações psicológicas. O segundo trata da feitura da barba: expressões técnicas; processos primitivos de cortar a barba; barbeiros e barbearias; particularidades da feitura da barba; o preço da barba na literatura; barbeiros com funções de curandeiros. O terceiro estuda as formas e cortes da barba: formas naturais e artificiais; barba medrada e seus nomes; nomenclatura da barba segundo as partes do rosto que esta ocupa; e explicações etimológicas. O quarto refere-se à barba no decurso dos tempos: a barba na Península Ibérica nos períodos pré-históricos, proto-históricos, romano e visigótico; a barba em Portugal desde a Idade Média até aos nossos dias; uso da barba desde o século XII até ao tempo de D. Fernando; barba cortada desde esse reinado até fins do século XV e começos do XVI; barba crescida no século XVI; usos vários no século XVII; novamente barba cortada na segunda metade do século XVII e XVIII; modas do século XIX e XX, segundo as classes sociais. O quinto trata do simbolismo da barba: a barba como símbolo de virilidade e de honra; manifestações sociológicas da barba; a barba como referência de medida; arrancar a alguém a barba por ofensa; castigos; a barba na adopção jurídica; actos desempenhados com a barba: hipotecas, apostas, juramentos, selo. O sobrenatural na barba: emprego de pêlos de barba como feitiço; lendas; barbas do Entrudo; cerimónias da *benção da barba* que tinha lugar nos mosteiros; a barba como manifestação de luto.

O último capítulo trata da barba no léxico e na literatura: termos que designam indivíduos de barba abundante ou escassa, alcunhas e apelidos; locuções e sentenças em que entra a palavra barba; metáforas; a barba na

literatura culta, do século XV à actualidade; a barba na literatura popular: provérbios, canções, etc.

Em Apêndice transcreve o Regimento dos barbeiros de 1572.

- 1027 V., J. L. de — *Os pinhões na etnografia*. BE, I, Lisboa, 1920, pp. 44-50.
Descrição da apanha dos pinhões, modo de os preparar, vendedeiras; jogos com pinhões.
- 1028 VILLAS BOAS, Conde de — *Os nós*. DL, Segunda Série, v, Porto, 1946, pp. 55-63, 33 figs.
Nó do cingulo, que os sacerdotes atam à cintura quando se paramentam; nós de uso doméstico e rural, e nós de embarcações.
- 1029 VITERBO, Sousa — *Notas de Archeologia Artistica — Artes e industrias metálicas em Portugal — Serralheiros e Ferreiros*. AP, VI, Lisboa, 1901, pp. 138-146.
Transcrição de documentos da Torre do Tombo, relativos a ferreiros e a serralheiros.
- 1030 WECKES, Lyman H. — *Nos Açores — Igrejas e festas religiosas*. RI, XV, Ponta Delgada, 1959, pp. 49-91.
Informações superficiais sobre festas religiosas e profanas, e indústrias populares, nomeadamente de chapéus de palha, rendas, etc.
- 1031 S/A. — *Museu Tecnológico — Indústria do Sal*. 1877, pp. 29-124.
História sucinta das marinhas portuguesas e dos métodos empregados na construção das salinas. Descrição dos trabalhos salineiros. Notas sobre a psicologia do marmoto.
- 1032 S/A. — *Los signos quemados y esquilados sobre los animales de tiro de la Peninsula Iberica*, por Eugenius Frankowski. ATP, 2, Lisboa, 1916, p. 32, 2 figs.
Pequena recensão sobre a obra daquele etnógrafo polaco, escrita acerca dos enfeites talhados à tesoura ou à máquina pelos tosquiadores, nas ancas do gado muar, indicando que as origens deste costume se devem procurar na antiguidade.
- 1033 S/A. — *Lumes*. Po, IV, Porto, 1931, p. 155.
Breve nota acerca da origem dos fósforos.
- 1034 S/A. — *Os serradores*. RO, XXIII, Lisboa, 1944, pp. 81-84, 7 figs.
Descrição da «assinação» (marcação das árvores a cortar) e corte de árvores. Indicação (por desenho) dos instrumentos usados. Formas de remuneração.
Ver Ref.^{as}: 212, 225, 227, 229, 237, 238, 260, 280, 291, 896.

3. AGRICULTURA

3.1. MILHO

- 1035 CORSO, Raffaele — *Osculo Interveniente (Il rito del bacio nella spinoechiatura e i suoi rafronti)*. BIHIT, 14, Angra do Heroísmo, 1956, pp. 1-16.

Estudo do rito do beijo nas esfolhadas quando do encontro do milho rei. O costume na Calábria, na Romênia e em Portugal (Jorge Dias), e também no Piemonte e na Suíça. Formas diversas nestas diferentes regiões. O costume parece filiar-se, não em convergência («por disposições psicológicas e sociais análogas» — Jorge Dias), mas numa origem comum latina, difundida pela milícia romana, e possivelmente usado anteriormente em relação a outro cereal. Provável símbolo fálico da espiga do milho rei. Adivinhas que parecem acusar este carácter, e referir-se ao rito citado. O costume espanhol (Manuel Menendez Garcia, II vol. da Homenagem a Fritz Krüger, p. 392): puxar a orelha, dispensa do trabalho, direito a impor uma penitência a alguém, etc.

- 1036 COSTA, Alexandre de Carvalho — *Alagoa, Freguesia do concelho de Portalegre*. MCP, III, 33, Lisboa, 1949, pp. 6-7.

Descrição das descamisadas do milho.

- 1037 COUTINHO, C. da Cunha — *Subsídio para a história da agricultura nacional (origens e aclimação do milho em Portugal)*. BACAP, XIX, Lisboa, 1917, pp. 4, 36, 67, 100, 200 e 235.

Com base em elementos arqueológicos, históricos e linguísticas, concluiu que o milho nos veio da América Central, via Cádiz, nos últimos anos do reinado de D. Manuel, ou no começo do reinado de D. João III, entre 1515 e 1525.

- 1038 FELGUEIRAS, Guilherme — *Espadeladas e esfolhadas*. (Estudos Nacionais. Dir. Armando de Mattos). Gaia, 1932, 58 pp., 27 figs.

Referências históricas ao cultivo do linho.

Menção de algumas práticas supersticiosas, propiciatórias e profiláticas ligadas ao linho. Quadras populares e adágios alusivos ao linho. Diferentes fases da sua cultura, desde a sementeira ao tear.

Cultura do milho — Quadras e adágios alusivos ao milho. Esfolhadas; o *milho rei* (que dá àquele que o encontra o direito de abraçar todas as raparigas presentes). Referências aos espigueiros e caniceiros em que é guardado o milho. Nomenclatura do mangual, de palhas, espigas, feixes, do milho, etc.

- 1039 FELGUEIRAS, Guilherme — *A faina do campo*. VAPP, Lisboa, 1940, pp. 121-136.

Descrição muito rápida de alguns aspectos da vida rural, em que se faz alusão a sistemas de distribuição e elevação de águas de rega; a amuletos usados

nos animais para os livrar de perigos; a *arrincadas* do linho; a esfolhadas; a feiras e romarias; à devoção a S. Marcos e a S. Cornélio; a bençãos de gado; etc.

- 1040 RIBEIRO, Orlando — *Cultura do milho, economia agrária e povoamento*. BRFLUC, XVII, Coimbra, 1941, pp. 645-663.

Importância do estudo da vida rural. Técnicas antigas e culturas novas. Alusão a velhas alfaias e instrumentos agrícolas: o trilho trasmontano e beirão, de tipo mediterrâneo, o arado de pau, as cegonhas ou picotas de elevar água de rega, etc. Relações do povoamento com a geografia física e os factos agrários: importância dominante dos cereais.

Análise da evolução e transformação das culturas. A acção dos romanos na divulgação de novas plantas; os descobrimentos e a introdução da batata e do milho, originários da América, (este último via Andaluzia, 1500). A rápida adaptação deste cereal às terras atlânticas. A «revolução do milho» na economia agrária e no povoamento.

Ver Ref.^{as}: 3, 142, 196, 218, 228, 229, 230, 237, 239, 304, 562.

3.2. TRIGO

- 1041 CHAVES, Luís — *A arte popular e o trigo*. BFNPT, 4, Lisboa, 1943, pp. 3-19, 6 figs.

Ligeiras referências à decoração dos utensílios de lavoura. Quadras alusivas a várias fases do trabalho agrícola do trigo. Anexins do trigo e da sua cultura. Referências breves ao traje da mulher, às dedeiras, às malhas, etc.

- 1042 MARQUES, Mário — *Os ratinhos*. BFNPT, 3, Lisboa, 1942, pp. 33-37.

Notas acerca dos «ratinhos» e dos manageiros; breve descrição do modo como são distribuídos na seara, na altura da ceifa.

- 1043 PINTO, Augusto Cardoso — *O trigo na arte antiga*. BFNPT, 4, Lisboa, 1943, p. 33; e 6, 1944, pp. 41-46.

7 estampas (2 do Apocalipse de Lorvão), com iconografia de trigo; notas explicativas.

- 1044 RIBEIRO, Orlando — *Para uma geografia do trigo em Portugal*. BFNPT, 2, Lisboa, 1942, pp. 11-19, 4 figs.

Fala das três grandes preocupações da agricultura portuguesa: o cereal, a vinha e a oliveira, e das suas diversas áreas de difusão.

Refere-se levemente ao milho e foca a antiguidade do trigo, o seu domínio na paisagem alentejana, acentuando o declínio dos sistemas tradicionais do amanho da terra, e sua substituição por uma técnica mecanicista: arrotea-

mento de charnecas, diminuição de pousios, e, como reflexo desta nova situação, o progressivo povoamento da região. Fixação de alguns «ratinhos» e a nula emigração.

«Mais do que grande área de povoamento, o Alentejo é uma zona de cultura, onde o trigo, o montado ou olival, o pastoreio, podem combinar os seus produtos, organizando a economia em torno do cereal. Clima, solo, história, geraram para a província alentejana a vocação de celeiro do país».

- 1045 RIBEIRO, Orlando — *A cultura do trigo no sudeste da Beira — Aspectos e problemas geográficos*. BFNPT, 5, Lisboa, 1943, pp. 15-34, 10 figs.

Descrição geográfica do planalto da Beira Baixa, em que a seara é o traço dominante da paisagem.

Fala da fisionomia cultural de há pouco mais de um século — baldios, costumes comunitários, economia arcaica em que o rendimento pastoril e florestal se avantajava à produção propriamente agrícola —, e compara esse quadro com o actual, criticando a reforma agrária. «A um conceito pouco nítido de propriedade, substituíram-se títulos de posse perfeitamente definidos, adquiridos por dinheiro, astúcia, esbulho, que pôs as propriedades na mão de meia dúzia de ricos».

Descrição dos «montes», das sementeiras, amanho das terras, afolhamentos, técnicas arcaicas de trabalho, regime de propriedade, etc.

Ver Ref.^{as}: 144, 218, 228, 235, 298, 562.

3.3. LINHO

- 1046 AURORA, Conde d' — *A vida do linho*. Porto, 1935, 51 pp.

Estudo sobre a cultura do linho no Minho. Descrição das várias fases, desde a sementeira ao tear, e enumeração e descrição sumária de alguns objectos que nelas intervêm; e a propósito, fala também de alguns costumes que lhe andam ligados: assim, por exemplo, alude aos ramos, com doces e vinho, que, em terras de Basto, as namoradas oferecem ao rapaz que pega na rabiça do arado; aos trabalhos gratuitos; aos mascarados que aparecem nas espadeladas; etc. Transcreve 12 quadras populares e um fragmento de romance, referentes ao linho.

- 1047 CANDEIAS, Alberto — *O linho em Vila Real*. Po, IX, Porto, 1936, pp. 92-95.

Descrição sumária da cultura e preparação do linho, com indicação dos objectos que nela intervêm e respectiva nomenclatura. 11 quadras alusivas.

- 1048 CARDOSO, Carlos Lopes — «*O linho*» em *Cete (Paredes)*. DL, Terceira Série, v, Porto, 1949, pp. 42-49.

Descrição das diferentes fases da preparação do linho, desde a sementeira até ao branqueamento das meadas.

- 1049 CARVALHO, A. L. de — Os Mesteres de Guimarães. II, Lisboa, 1941, 213 pp.

Este volume é consagrado ao estudo do linho. Com base em documentos históricos locais, demonstra a antiguidade desta indústria na região. Começa por referir-se aos cossoiros e ponderas encontradas nos nossos castros, e a menções históricas que encarecem a boa qualidade desses linhos. Transcrição de foros e rendas pagas em linho; do termo de eleição de juizes de officio (1613); de registos camarários e cartas de exame; de tabelamentos sobre salários e mão-de-obra de tecedeiras e tecelões; de um preçário de 1522; do Regimento do officio de tecelões e tecedeiras; de visitas de correições — infracções às posturas do trabalho; da obrigação da carta de exame; etc. De forais extracta notícias (século X a XVI) referentes a feiras e mercados de comércio de linhos. Menções ao tráfico de linhos para terras de além-mar, segundo documentos extractados do «Livro dos Roubos que os franceses... fizeram aos moradores desta vila de Guimarães...». Tabelamento de preços e reacções dos lojistas. Acórdãos municipais. Representação às Cortes; etc.

Descrição de algumas aplicações cerimoniais do linho: paramentos religiosos, vestes de penitentes, mortalhas fúnebres, etc. Menção de disposições testamentárias referidas ao linho.

Vestuário. Dados estatísticos colhidos em 1842 respeitantes ao modo de vestir das gentes rurais da região.

Notícias sobre fiadas colectivas. Notas sobre o fabrico das rocas.

Manufatura do linho; descrição. Alguns bordados de Guimarães: toucas e lenços, camisas, etc.

Descrição das diferentes fases do cultivo do linho, desde a sementeira ao tear. Menção de alguns pesos e medidas.

Contos populares alusivos ao uso da roca. Etc.

- 1050 CORTE RIAL, Fernando Homem da Cunha — *A indústria de fiação e tecelagem do linho e de outras fibras vegetais na 3.^a circunscricção dos serviços técnicos da indústria*. BTI, 101, Lisboa, 1916, 64 pp.

Identifica três castas de linho principais: o *riga*, o *mourisco* e o *galego*, e acentua a importância da sua cultura no nosso país desde os tempos mais remotos, aludindo à fama de que gozavam em Roma os linhos da Lusitânia. Indicação das terras mais convenientes para a sua exploração e os adubos que se devem empregar; processos de preparação das terras e épocas de sementeira, segundo cada tipo. Descrição dos processos tradicionais das diferentes fases da sua cultura: arrancada, secagem, ripagem, curtimento — por acção do tempo ou por alagamento —, lavagem e secagem, maçagem — por maço, engenho e gramadeira —, espadelagem ou tascoa, penteadura ou assedagem; operações de estrigar, fiação, barreias e tecelagem.

Além destes processos, indica outros, de tipo industrial.

Análise das condições do mercado interno e externo.

- 1051 DIAS, Lopes — *Distrito Etnográfico — O linho*. AR, I, 50, Castelo Branco, 1925.

Descrição de várias fases da cultura do linho desde a sementeira ao tear.

- 1052 KRUGER, Fritz — *O linho no vale do rio Ibias (Astúrias) — Estudo etnográfico-linguístico*. MEMCB, Porto, 1948, pp. 193-207, 11 figs.

Estudo da cultura do linho nesta região. Descreve com minúcia as fases da sua cultura, desde a sementeira à teia, e fala dos vários instrumentos usados na sua preparação, estabelecendo relações e afinidades com formas e processos de outras regiões e países.

Fornece ampla bibliografia, portuguesa e espanhola, do assunto.

- 1053 LEÃO, Armando — *Folclore da freguesia da Oliveira (Póvoa de Lanhoso)*. DL, Segunda Série, I, Porto, 1944, pp. 35-44, 6 figs.

Descrição das diversas fainas e voltas do linho: arrancada, ripada, môlha, demolha ou môlho, moedura, manchar, espadada.

- 1054 LEÃO, Armando — *O linho em Cambezes (Cabeceiras de Basto)*. DL, Segunda Série, VIII, Porto, 1947, pp. 25-41, 9 figs.

Descrição da cultura e preparação do linho em Cambezes.

- 1055 LIMA, Augusto César Pires de — *Tradições populares de Santo Tirso*. RL, XVII, Lisboa, 1914, pp. 17-54 e 282-337; XVIII, 1915, pp. 183-204; XIX, 1916, pp. 233-257.

14 ensalmos, medicina e cautelas supersticiosas.

Amuletos, bons e maus agouros, bruxas, feitiçarias e mouras encantadas, superstições várias. Provérbios e ditos populares. Romanceiro. Cancioneiro. Orações. Costumes — uso do barbilho, para desmamar bezerros, espantalhos, para espantar as aves; debulha de espigas de milho por meio de patas de boi; gíria dos pedreiros; ramo de obra; várias quadras satíricas alusivas a algumas profissões (alfaiates, sapateiros, moleiros, etc.); extracção do mel dos cortiços; algumas fases da cultura do linho; costumes ligados ao casamento, baptizado e enterros; culto das almas; cepo do Natal; cantigas das «Janeiras» e dos «Reis»; Entrudo, jogos da quadra, sacrifício do galo; prendas de namorados, no sábado anterior à Páscoa, que obrigam a reciprocidade; «compasso» pascal; festas cíclicas: 1.º de Maio, S. João; procissões de Penitência.

Feitiçarias — extractos das Constituições Sinodais do Arcebispado de Braga. Medicina e cautelas supersticiosas: gravidez, polidactilia, doenças várias. Espírito Santo: coroação das crianças.

Batismo: poderes mágicos dos padrinhos.

Amuletos e agouros: trovisco, alho, cornos, ferraduras, alfinetes de defuntos, etc. Bruxas, feitiçarias e mouras encantadas. Várias superstições: caldo de castanhas nos Ramos, divinações no S. João, noivas de Santo Hilário, enterros, etc.

Provérbios e ditos populares. Romanceiro e anfiguris. Orações.

- 1056 OLIVEIRA, M. Ramos de — *Vida e epopeia do linho*. ARFMBS, II, Guarda, 1942, pp. 145-151.

Cultura do linho; descrição das diversas fases, desde a curtimenta ao tear e à barrela. Variedades e aplicações do linho. Apontamentos históricos sobre esta planta. Conceitos e quadras populares relacionadas com o linho.

- 1057 PINTO, Maria Luísa Carneiro — *Cultura do linho*. DL, Quinta Série, III-IV, Porto, 1953, pp. 106-109.

Descrição sumária das diferentes fases da cultura do linho, em Penafiel.

- 1058 PREGO, João da Mata — *O linho — sua cultura e indústria no Minho*. BACAP, XXIV, Lisboa, 1922, pp. 204-209.

Notas sobre a cultura do linho.

- 1059 SILVEIRA, Joaquim Henriques Fradesso da — *O linho em Portugal — Primeiras informações para um inquérito*. Lisboa, 1872, 34 pp.

O trabalho consta de respostas fornecidas por informadores locais de vários distritos, do continente e ilhas (Madeira, S. Miguel e Terceira), acerca da extensão e importância da cultura do linho; estas, em muitos casos, compreendem mesmo descrições dos processos usados nas diferentes fases da sua cultura, desde a sementeira até a planta se transformar em fio.

- 1060 TORRES, A. B. Matos — *Cultura do Linho*. (Cartilha do Lavrador, n.^{os} 49-50), dir. Luís Gama. Porto, 1933, 65 pp., 40 figs.

Neste pequeno estudo o Autor fala dos caracteres e variedades do linho, e distingue, entre nós, três tipos: o *galego* — mais cultivado no norte do País —; o *Riga nacional* — também cultivado no Minho e distrito da Guarda —; e o *Mourisco* — que se cultiva por todo o País. Indica os terrenos mais convenientes para o seu cultivo e a adubação mais adequada. Descrição das diferentes fases da sua cultura segundo processos tradicionais: sementeira, monda, arranque, ripagem, alagamento, maçagem, gramagem, espadelagem, fiação e branqueamento do fio. Indicação das vantagens e desvantagens de alguns processos.

Inclui ainda um pequeno capítulo sobre o fabrico de cordas.

Ver Ref.^{as}: 142, 196, 203, 206, 207, 220, 224, 225, 227, 230, 235, 239, 262, 283, 296, 304, 742, 749, 939, 1038, 1039, 2509.

3.4. VINHO

- 1061 ALLEN, H. Warner — *As vindimas no Douro*. NA, XIV, 715, Lisboa, 1946.

Descrição de alguns costumes das vindimas no Douro; as festas, instrumental, etc.

- 1062 ALVARENGA, Kol d' — *O Vinho do Porto*. «7 de Maio» — 1.º Centenário dos Bombeiros Municipais de Gaia. Porto, 1937, pp. 19-23, 1 fig.
- Rápida descrição da produção, preparação, transporte e tratamento dos vinhos do Porto, desde o Alto Douro até aos armazéns de Vila Nova de Gaia. Nota das exportações de vinho do Porto, de 1928 a 1938.
- 1063 ALVES, P.º Francisco Manuel — *Vinicultura duriense* (Estudos durienses — 3). Régua, 1938, 85 pp.
- Com base em elementos históricos — escritos, forais, crónicas, etc. — e em achados arqueológicos, faz o estudo da vinicultura duriense desde os tempos pré-romanos até à monarquia portuguesa. Procura mostrar como o distrito de Bragança, região não incluída na área duriense, a subsidiava, fornecendo-lhes aguardentes para beneficiar as suas massas vinárias.
- Transcreve uma colecção de adágios referentes ao vinho e à vinha, mandamentos de borrachos, e algumas notas sobre primitivas práticas báquicas, de que vê ainda vestígios em certas festas actuais.
- Fornece ainda uma extensa bibliografia de trabalhos sobre a região e o assunto em causa.
- 1064 AURORA, Conde d' — *Uma antiga usança do Entre Douro e Minho*. IMPV, Porto, 1945, pp. 149-151.
- «O Autor diz que antigamente, durante o inverno, era costume deitar nas infusas do vinho branco dois ou três *codôrnos*, ou *malapos* assados no borralho. Estas maçãs da região, perfumavam o vinho e quebravam-lhe a frialdade excessiva». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 1065 CASTELO-BRANCO, Emílio — *O vinho do Porto e os matulas*. DL, Terceira Série, IX, Porto, 1950, pp. 72-74.
- «Breve descrição da vida dos matulas, isto é, dos trabalhadores dos armazéns de Gaia que lidam com o vinho. O Autor descreve com pormenores os usos e costumes destes homens, como os conheceu antigamente». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 1066 CHAVES, Luís — *Notação popular das medidas*. Po, I, Porto, 1928, pp. 107-110 e 143-147.
- Notações sinaléticas: Dos lagareiros de Alcobaça — as «partes», o «almude» ou «cântaro», o «alqueire», a «bilha» e o litro. Casal das Freiras (Santarém) — as «decas» (medidas). Baião — Lagares e adegas — a vara de pau ou «assentador», a «risca». S. Miguel de Odrinhas (Sintra) — taberneiro. Alto Douro (vindimas — a «cara». Douro — os cestos de figos, o «chamiço». Douro e Alentejo — os dias de trabalho. Estremoz — vindimas e olivais, as «passadas» e as «cargas». Bragança (Rio de Onor), Guadramil, Petisqueira, Labiados, Deilão, etc.) — as «talas».

- 1067 C., V. — *Processo primitivo de contar nas vindimas do Douro*. ATP, 1, Lisboa, 1916, p. 58.
- Nas vindimas do Douro emprega-se ainda, para contar o número de cestos que vão para o lagar, uma vara quadrangular, onde se entalham cortes conforme os cestos; uma cruz aspada marca cada grupo de 14 cestos, correspondente à pipa. Usam idêntico sistema para apontarem o número de homens que trabalham. As moças marcam do mesmo modo, na aba da cesta, os dias que trabalham na vindima.
- 1068 COSTA, Carreira da — *O lagar micaelense*. CRCAA, 10, Ponta Delgada, 1949, pp. 98-102.
- Descrição e nomenclatura do lagar da ilha de S. Miguel.
- 1069 COSTA, Sousa — *Cenas do Douro*. ATP, 4, Lisboa, 1918, pp. 51-54.
- Descrição exclusivamente literária duma cena de lota de vinhos no Douro, e outros aspectos da vida regional.
- 1070 FELGUEIRAS, Guilherme — *Etnografia agro-pecuária*. NA, VI, 297, Lisboa, 1938.
- Notas sobre vindimas e lagaradas.
- 1071 FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e — *O fabrico do vinho no século XVIII*. DL, Quarta Série, VII-VIII, Porto, 1951, pp. 36-38.
- Transcrição de parte da Memória de Vandelli (1783-1859) acerca dos diferentes métodos praticados na factura do vinho, aguardente e vinagre (Penafiel e Valença), segundo as respostas dos lavradores inquiridos.
- 1072 GUIMARÃES, Cláudio Correa de Oliveira — *As vindimas no Douro*. PI, II, 38, Lisboa, 1955, pp. 36-47, 4 figs.
- Descrição da vindima no Douro.
- 1073 LAPA, João Inácio Ferreira — *Artes Chimicas, Agricolas e Florestais ou Tecnologia Rural*. I, Lisboa, 1865, 382 pp., 107 figs.
- Embora seja um estudo de carácter tecnológico, interessa à etnografia porque com frequência faz referência a processos artesanais.
- Neste 1.º vol. (1.ª parte) estuda os vinhos, cervejas, vinagres, etc. e descreve além disso vários tipos de lagares, com prensas de vara, fuso, etc.
- 1074 LEÇA, Armando — *Nótulas sobre o folclore vindimeiro*. RL, XXXIV, Lisboa, 1936, pp. 296-299.
- Notas sobre a música de algumas cantigas das vindimas, de várias regiões. Costumeiras relacionadas com o vinho: S. Martinho (Castelo Branco) e São Paio da Torreira.
- Músicas da apanha da azeitona em Ferreira do Zêzere e Alentejo.

- 1075 LIMA, Augusto César Pires de — *Luís de Camões e as uveiras*. DL, IX, Porto, 1944, pp. 52-54.
Análise das menções dos Lusíadas às vides «entre os braços do ulmeiro», que L. Cincinato da Costa interpreta como crítica à vinha de enforcado.
- 1076 LIMA, Fernando de Castro Pires de, e LIMA, Maria Clementina Pires de — *O vinho verde na cantiga popular*. Barcelos, 1939, 87 pp.
«Depois de várias considerações sobre o valor do vinho, feitas por Fernando de Castro Pires de Lima, este passa ao estudo da água e do vinho na cantiga popular, em face de numerosos exemplos. A segunda parte contém 11 melodias populares, das quais 10 foram recolhidas por Maria Clementina e 1 por Berta Alves de Sousa. Todas as melodias foram harmonizadas por diferentes compositores, o que lhes diminui o valor etnográfico». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 1077 LOPES JR., Frederico — *A porta — no adagiário, na superstição e na linguagem popular*. BIHIT, 5, Angra do Heroísmo, 1947, pp. 281-283.
A porta. Funções da porta. A porta das adegas, onde se risca a giz o vinho que sai. A porta na superstição. A porta no adagiário (20 provérbios).
- 1078 MALPIQUE, Cruz — *Terra mater do vinho do Porto*. OT, (5.^a Série), xv, 1 e 2, Porto, 1959, pp. 13-18 e 53-57.
Notas sobre a demarcação da região do vinho do Porto, psicologia do trabalhador vinhateiro, etc. Breves referências às rogas, vindima, e pisa.
- 1079 SAMPAIO, Alberto — *O presente e o futuro da viticultura no Minho*. RG, I, Porto, 1884, pp. 196-203.
Estudo de alguns problemas relacionados com a vinha.
- 1080 SAMPAIO, Alberto — *O presente e o futuro da viticultura no Minho (estudo d'economia rural)*. RG, II, Porto, 1885, pp. 20-35.
Estudo dos primitivos sistemas de cultura da vinha. Transcrição do foral de D. Manuel, de 1517, que já faz referência a vinhas baixas. Análise das condições de terra e clima que melhor se podem prestar à produção de vinhos finos, e da economia dessa região.
- 1081 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Miscelânea etnográfica*. RL, v, Lisboa, 1897-99, pp. 302-312, e vi, 1900-1901, pp. 240-255.
Nótulas sobre: A vindima no Minho; a vida do campo no Minho; cantar o terço; perlenga de moleiro; Lenda de Condeixa-a-Velha; mão de ferro (bofetadas sobrenaturais); cortar o vento (quando as galinhas não põem); para fazer falar as crianças (sob o andor de S. Luís e Santa Clara); adivinha (concelho de Baião); culto da lua (Barba); o arco-íris (fórmula, em Borba); cantiga dos barqueiros do Douro; letreiros de tabernas; dias aziagos; cantiga popular; a roca no século XVI; ditados topográficos; tabuleta com versos;

figuras feitas de pão (Lisboa); cantigas topográficas; fórmula mágica (S. Cipriano); Pão por Deus — Todos os Santos (Cadaval); rimas infantis; casamento em Pena-Lobo; culto dos mortos; ditados; trajos populares; fogo de Santelmo; costumes do S. João no Alandroal; adivinhas; costumes populares de Braga (Boi Bento). Etc. Factos colhidos em excursões, e transcrições de leituras.

- 1082 VASCONCELLOS, Leite de — *Desmanteia* — «*mandar a manta*». BE, IV, Lisboa, 1929, pp. 43-49.

Descrição da posição dos cavadores, nomeadamente na cava das vinhas, que trabalham no ritmo da cantiga do «mandador». Terminologia usada neste trabalho; versões do «mandar da manta» (cantiga que marca o ritmo da cava).

- 1083 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Opúsculos*. VII, Etnologia (Parte II), Lisboa, 1938, 523 pp.

Lendas. Ditados tópicos de Portugal coligidos da tradição oral.

Considerações ao adágio «lá vai tudo quanto Marta fiou». Notícias e extractos de manuscritos de adagiários; recensão crítica da história geral dos adágios de Ladislau Batalha.

Cancioneiro. Exemplos e comentários.

Canções do berço. Estudo destas canções, com referências a berços e ao modo de trazer as crianças; 10 notações musicais de cantigas de embalar. Arremessos simbólicos na poesia popular; os rios na poesia popular. Exemplos. Romanceiro. Colecção de romances populares portugueses coligidos da tradição oral.

Comédias açores. Descrição do enredo da «Verdadeira história da Imperatriz Porcina», de Baltazar Dias.

Transcrição da xácara Conde Claros (Madeira).

«Ex-libris» manuscritos de carácter tradicional. Estudo comparativo. Cantigas quadradas e várias formas de cantigas populares.

Santo António na tradição popular portuguesa — Programa de um estudo. Tradições populares portuguesas do século XVIII contidas nas poesias de Couto Guerreiro. Cegos ambulantes, jogo da cabra-cega, doces locais, pulhas, literatura e superstições populares.

Miscelânea etnográfica: — Pequenos artigos sobre: vindimas no Minho; cantar o terço (Barcelos e Mondim); parlengas infantis e de moleiro; letrados de tabernas; culto da lua; dias aziagos; fórmulas mágicas; culto dos mortos (castanhas, pão por Deus, etc.); superstições ligadas ao n.º 13; lenços de amor; cartas do céu; confrontos etnográficos; etc.

- 1084 V., J. L. de — *Medição poética do vinho*. BE, III, Lisboa, 1924, pp. 21-26.

Breve nota sobre o costume, do Cadaval, de enumerar os almudes do vinho segundo rimas cantadas. Descrição de duas vasilhas.

- 1085 S/A. — *Os vinhedos da Estremadura*. NA, I, 24, Lisboa, 1933.

Algumas notas históricas: menções de vinhas desde o século XII.

3.5. AZEITE

- 1086 AZEVEDO, Pedro A d' — *O fogo eterno nos lagares de azeite*. RL, XIV, Lisboa, 1911, pp. 298-299.
Pequenas notas sobre o fabrico de azeite, extraídas de várias obras: Relatório Geral do Congresso de Leitaria, Olivicultura e Indústria do azeite (1905); Como eu faço o azeite, de António do Casal; O azeite no concelho de Serpa, de A. Ladislau Piçarra; etc.
- 1087 BARREIROS, Álvaro Augusto — *A apanha da azeitona em Ervedosa do Douro*. DL, IX, Porto, 1944, p. 56.
Descrição da apanha da azeitona em Ervedosa do Douro, pelo processo de varejo.
- 1088 CARVALHO, Alfredo Ferreira de — *O Azeite — Como funciona uma azenha de azeite em Biodães da Beira (Pesqueira)*. DL, Segunda Série, VII, p. 28.
Breve descrição do fabrico do azeite.
- 1089 CASTELO-BRANCO, Fernando — *Aspectos e canções da apanha da azeitona em Borba*. RO, LV, Lisboa, 1958, pp. 1-16.
Breves notas sobre a apanha da azeitona naquela região, e transcrição de cerca de 270 quadras populares.
- 1090 CHAVES, Luís — *Festas agrícolas (Alentejo) — O rancho da azeitona*. L, IV, Viana do Castelo, 1921-22, pp. 127-134.
Pequena nota sobre os ranchos que trabalham na apanha da azeitona; menção de alguns costumes próprios desta faina, e quadras alusivas.
- 1091 CHAVES, Luís — *Páginas folclóricas*. RL, XXVI, Lisboa, 1927, pp. 5-67.
Adágios agrícolas referidos aos meses do ano.
Meteorologia popular: astros, ventos, animais, trovoadas, etc.
Generalidades sobre algumas das grandes fainas agrícolas, entremeadas de quadras populares.
Descrição da apanha da azeitona e da festa final — a adiafa. Virtudes da oliveira.
Prognósticos do ano vinícola; quadras alusivas.
- 1092 CHAVES, Luís — *Páginas folclóricas*. Porto, 1942, 199 pp.
Contraste de tipos de propriedades e sistemas de exploração da terra entre o Norte e o Sul.
Regras de cultura agrícola traduzidas em adágios. Previsões do estado futuro do tempo pela observação de certos aspectos atmosféricos, astros, animais, etc.

Ritos de provocação da chuva — prática da emersão de imagens de santos em água.

Protecção mágica das searas — procissões, ramos bentos, etc.

Cultura do pão. Seu calendário em adágios. Rápida descrição das diferentes fases de cultivo desde a sementeira até se transformar em pão. Quadras populares alusivas.

Colheita da azeitona. Descrição e práticas específicas: eleição do Alferes, Juíza e Mordoma do rancho; festa da adiafa; o arrebolar, homem e mulher pelo chão; etc. Virtudes e simbólica da oliveira. Quadras populares alusivas. A sinfonia das cores — A acepção emblemática e decorativa da cor na psicologia popular. Quadras alusivas.

Pantomimas, danças e bailados populares — Considerações sobre as origens e a prática da dança através dos tempos. Citação da divisão geográfica do país, em quatro zonas segundo o tipo da canção popular, de António Arroio. Enunciado das festividades públicas da quadra do Natal e Páscoa. Citação e transcrição de alguns trechos do Título do Regimento da Festa do Corpo de Deus, Coimbra, 1517, referentes a pantomimas e danças. Outras citações históricas. Menção de algumas danças, umas cerimoniais, outras profanas. Folclore dos monumentos pré-históricos — Menção de várias práticas ligadas ao culto das pedras.

- 1093 DIAS, Jaime Lopes — *Distrito Etnográfico — Costumes do Campo — A apanha da azeitona*. AR, III, 118, Castelo Branco, 1928.

Breve descrição dos trabalhos da apanha da azeitona e de alguns costumes que lhe andam associados.

- 1094 FELGUEIRAS, Guilherme — *Etnografia agro-pecuária*. NA, VII, 306, Lisboa, 1939.

Notas sobre a apanha da azeitona.

- 1095 FORTES, José — *Lagar de mouros*. P, 1, Porto, 1903, pp. 606-608, 1 fig.

Estudo do monumento, existente em Gondar, Amarante. Problemática da sua finalidade.

- 1096 FORTES, Tenente M. — *Lagares moiros*. AP, XVI, Lisboa, 1911, pp. 26-29.

Notícias sobre duas obras pré-romanas, que o Autor presume terem sido lagares de azeite.

- 1097 LEÃO, Armando — *Folclore da freguesia da Oliveira (Póvoa de Lanhoso)*. DL, IV, Porto, 1941, pp. 63-67.

Termos usados nos lagares de azeite. Desenho com nomes das peças. Alcunhas.

- 1098 LIMA, Augusto César Pires de — *Estudos Etnográficos, Filológicos e Históricos*. 6, Porto, 1951, 418 pp., 80 figs.

Estudo sobre o carvalho: Audiências, juramentos e oráculos junto de carvalhos. Druidas. Castigos dos dendroclastas. Vestígios do culto das árvores. Utilidade dos carvalhos: pão de bolota, uveiras, tanino, ramos nas sementeiras, etc. Os carvalhos na literatura erudita, na heráldica e nas belas artes. Vocabulário e toponímia. Adivinhas, ditados e quadras populares alusivas aos carvalhos. Brinquedos e jogos infantis feitos com bugalhos. Medicina popular; prática de magia simpática para cura de herniados. Canhoto do Natal.

Estudo sobre a oliveira — Carácter sagrado da oliveira. Importância desta árvore e do azeite na liturgia cristã. Referências históricas às oliveiras em Portugal. Cultura e apanha da azeitona — adágios e quadras populares, «penhoras» e festa das adiafas. Fabrico do azeite — desenho de um lagar de vara com nomenclatura das principais peças. Processos tradicionais de curtir a azeitona. A oliveira na literatura erudita e na arte. Vocabulário. Ditos, adágios e adivinhas, cantigas populares, religiosas e tópicas, alusivas à oliveira. Medicina popular — virtudes atribuídas ao azeite. Ensalmos e superstições várias. Contos e lendas em que se fazem referências a esta árvore. Costumes tradicionais referentes ao azeite e aos ramos de oliveira e relacionados com mortórios, casamentos, esconjuros de trovoadas, etc.

- 1099 PINTO, Alexandre de Azeredo — *O Azeite. O fabrico em Mesquinhata (Baião)*. DL, Segunda Série, VII, Porto, 1947, p. 27.

Breve descrição do fabrico do azeite: moagem da azeitona por meio de mó de tracção animal; prensa de vara.

- 1100 PIRES, A. Thomaz — *Investigações ethnographicas*. RL, XVI, Lisboa, 1913, pp. 112-146.

Superstições: dias aziagos, pé direito, medos do escuro. A oliveira: escolha de pessoas castas para a apanha da azeitona. Touradas. Lobisomens. Ciganos; referências várias. Pregão de Lisboa em 1838. Medicina popular; remédios para curar a icterícia e as verrugas. A entrega do ramo nas arrematações: o ramo verde, significando confirmação de contrato. As Lavadeiras; representação carnavalesca numa cena de lavadeiras em que se criticam vários acontecimentos do ano — não raro da vida íntima —. Galas e enfeites, adereços masculinos e femininos do século XVIII. Superstições e agouros. Regulamentação das procissões; interdição às raparigas com mais de 11 anos de entrarem nas danças; proibição de se levar nas procissões de penitência, confeitos, doces e vinho. Votação por meio de favas. Amuletos: indicação de 3 amuletos. Provérbios e anexins. Antífona da marrã (Natal). Superstições, crenças e costumes alentejanos, referidos nomeadamente à quinta-feira da Ascensão, casamento, enterro, nascimento, etc. Cantigas populares de origem literária.

- 1101 VEIGA, Álvaro — *De como se obtém o azeite*. DL, Terceira Série, III, Porto, 1948, pp. 64-67, 1 fig.

Breve descrição do processo de fabrico de azeite, por meio de prensa de vara.

- 1102 S/A. — *Festa rural (colheita da azeitona)*. RL, XXXI, Lisboa, 1933, pp. 312-313.

A festa final da adiafa em Riodades: o ramo oferecido ao patrão, o baile, o jantar, etc.

- 1103 S/A. — *Apanha da azeitona*. NA, III 139, Lisboa, 1935.

Descrição de várias fases do trabalho da apanha da azeitona.

Ver Ref.^{as}: 207, 222, 226, 227, 228, 230, 235, 250, 288, 290, 296, 299, 556, 564, 888, 909.

3.6. SISTEMAS DE DEBULHA

- 1104 BRANDÃO, Abílio de Magalhães — *Apontamentos folklóricos famalicenses*. RG, VIII, Porto, 1891, pp. 47-51.

Descrição da Serração da Velha; da romaria do Santo do Monte, e das promessas em telhas roubadas; «botar as almas»; reisadas; cadeirinha das malhadas — nas malhas de centeio atam as pontas de um lenço a 4 manguais e quando chega o patrão, obrigam-no a sentar-se num cadeira e levam-no em charola, coberto com um improvisado pálio, dando várias voltas à eira; no fim da procissão, o patrão dá vinho aos malhadores.

Refere o costume, nas vessadas, de pendurar no cabo da sega uma rosca de pão-de-ló, a que só tem jus o melhor lavrador; e ainda o de armarem arcos de canas e fitas, por debaixo dos quais passam os noivos de regresso da igreja.

- 1105 CARVALHO, José Gonçalo C. Herculano de — *Coisas e palavras — Alguns problemas etnográficos e linguísticos relacionados com os primitivos sistemas de debulha na península ibérica*. Coimbra, 1953, 413 pp.

A primeira parte do trabalho estuda os diferentes sistemas primitivos de debulha usados em Portugal, Madeira e Açores, e Espanha. Segundo um critério morfológico estabelece 4 tipos fundamentais de mangual, e dois tipos de trilho; faz a sua descrição pormenorizada apontando algumas variantes e definindo-lhes as áreas de distribuição geográfica. Representações iconográficas e referências antigas ao Mangual. Debulha por intermédio das patas dos animais. Outros métodos de debulha: com os pés, com paus, por fricção em pedras denteadas, etc.

- Arcaísmos em áreas periféricas; áreas etnográficas e factores histórico-culturais. Origem e difusão destas alfaias.
A segunda parte é expressamente destinada ao estudo linguístico destas alfaias.
2 mapas de distribuição dos diferentes sistemas de debulha.
- 1106 CASTRO, D. Luís de — *A debulha no Ribatejo e outros pontos da Estremadura*. P, 1, Porto, 1903, pp. 847-848.
Descrição de processos de preparação de eiras, calcadas por rebanhos de cabras, e de debulhas, por meio de trilho (plostellum), ou a pata de gado. Limpeza do cereal ao vento.
- 1107 CASTRO, D. Luís de — *A velha debulha*. NA, IV, 182, Lisboa, 1936.
Breve descrição de velhos processos de debulha, feita em eiras de terra, por meio de patas de gado. Limpeza de trigo atirando-o ao vento.
- 1108 DIAS, Lopes — *Distrito Etnográfico — Costumes do Campo — A Malha*. AR, I, 49, Castelo Branco, 1925.
Descrição de uma malha feita a mangual.
- 1109 FELGUEIRAS, Guilherme — *Etnografia Agro-pecuária*. NA, VI, 284, Lisboa, 1938.
Os trabalhos da debulha na pequena cultura.
- 1110 GARCIA, Alberto — *As malhas no Couso*. NA, XVI, 841, 1949.
Descrição dos velhos processos de debulha na região do Couso.
- 1111 LEÃO, Armando — *Folclore da freguesia da Oliveira (Póvoa de Lanhoso)*. DL, v, Porto, 1942, p. 71, 1 fig.
Travessuras do S. João.
A malha do centeio; descrição, alfaia e nomenclatura.
- 1112 LIMA, Augusto César Pires de — *Tradições populares de Santo Tirso*. RL, XX, Lisboa, 1917, pp. 5-39; XXI, 1918, pp. 64-88; XXII, 1919, pp. 35-90.
Bruxas, feitiçarias e mouras encantadas.
Superstições várias — Caldo de castanhas nos Ramos, divinações no S. João, noivas de Santo Hilário, enterros, etc.
Provérbios e ditos populares. Romanceiro e anfiguris. Janeiras e Reis. Orações e romances religiosos. Lendas e narrações.
Costumes — afastar pássaros, linho, malhas do centeio (quadrilha), e costumes agrários (feijão, vinho, azeitona, etc.).
Linguagem de pedreiros.
Têmporas, ditos populares, casamentos de velhos (assuadas), direitos dos párocos (baptizados e enterros). Vacas de festa, nas esfolhadas, etc.

Ensalmos — Talhar o ar e o bicho. Medicina e cautelas supersticiosas. Amuletos e agouros. Provérbios e ditos populares. Comparações e metáforas. Fórmulas rimadas e entretenimentos infantis. Natal (fogueiras). Serração da Velha. Cancioneiro (179 quadras e cantigas).

- 1113 MARQUES, Carlos A. — *Notas etnográficas*. ARFMBS, I, Guarda, 1941, pp. 6-8.

Descrição das malhas em Riba Coa.

- 1114 RIBEIRO, Luís da Silva — *Etnografia Açoriana — O Mangual*. Po, XVIII, Porto, 1944, pp. 97-98.

Breves referências aos processos de debulha usados nas ilhas dos Açores e Madeira, e descrição e nomenclatura do mangual (semelhante ao que se usa no sul do país), utilizado na debulha do tremoço, feijão, favas e centeio.

- 1115 SANTOS, Delfim — *As malhadas no Barroso*. RL, XXXVII, Lisboa, 1939, pp. 310-313.

Descrição de uma malhada: posição dos malhadores, e aspecto competitivo que anima este trabalho; prisão do patrão e pagamento da «fiança» (vinho) aos malhadores.

Lista de vocábulos locais que dizem respeito à malhada.

- 1116 VALENTIM, Afonso, MOURINHO, P.^o António, e SANTOS JÚNIOR — *Malha do cereal na Cardenha e coro dos malhadores*. DL, Sexta Série, VII-VIII, Porto, 1955, pp. 3-26.

Descrição das diferentes fases da malha do centeio na Cardenha: astrar a covela, decrua, virar a covela, virar o eirado, entravessa, tirar o colmo, abrir a palha, tirar da palha, acoanhar ou tirar o coanho, vassourar a eira, padejar, o molho do patrão, arrochar a palha, regímen do trabalho dos malhadores. Letra e música do coro dos malhadores.

- 1117 VIANA, Abel — *Alguns cantos e danças populares*. MCP, x, 106, Lisboa, 1955, pp. 8-9; 107, pp. 8-9; 108, pp. 5 e 8.

Colectânea de quadras populares recolhidas no Alto Minho.

Música e letra de alguns viras minhotos.

Os «feirões» em Areosa, Carreço e Afife (Viana do Castelo) — locais em que ao fim do dia se reuniam os rapazes e as raparigas.

Referência à romaria de S. Bento (Seixas).

Apontamentos coreográficos sobre uma dança (Carreço).

Cantigas dos «Reis» e das malhas do trigo (com uma nota descritiva sobre as «calcadas» do trigo, em regime de trabalho colectivo gratuito e recíproco).

Ver Ref.^{as}. 3, 89, 102, 142, 144, 207, 218, 220, 227, 230, 232, 237, 250, 256, 276, 281, 282, 286, 308, 352, 442, 559, 939, 1264, 2509.

3.7. SISTEMAS DE REGA

- 1118 BAROJA, Júlio Caro — *Sobre cigüeñas y otros ingenios para elevar agua*. RG, LXV, Guimarães, 1955, pp. 161-181, 23 figs.
Estudo de alguns engenhos de tirar água de rega, especialmente a cegonha.
- 1119 BAROJA, Júlio Caro — *Sobre el timpano y la bomba de Ctesibio*. RG, LXV, Guimarães, 1955, pp. 373-391, 13 figs.
Estudo de alguns engenhos de tirar água de rega.
- 1120 BRAGA, Alberto Vieira — *Curiosidades de Guimarães — O valor social das Irmandades*. RG, LVI, Guimarães, 1946, pp. 40-84.
A Irmandade da água. Considerações sobre o culto das águas. Transcrição de documentos do século XV e XVI relativos a direitos populares sobre águas de rega.
- 1121 BRAGANÇA, Manuel — *Como se divide uma água*. DL, Segunda Série, VIII, Porto, 1947, pp. 11-12.
Divisão do dia para efeito da distribuição das águas de rega, em Pinheiro (Felgueiras): galo, sol-nado, chouseiro, sesta, tarde, e sol-posto.
- 1122 CARDOZO, Mário — *Etnografía trasmontana — Engenhos de rega movidos pelo homem*. E, III, Lisboa, 1948, pp. 299-305.
Menção de noras, picotas e rodas hidráulicas; descrição detalhada das «norias» de Loivos (Vidago), movidas pelo homem que, subindo os degraus da roda, a força a girar.
- 1123 CHAVES, Luís — *A Etnografía na «Língua Portuguesa»*. ALP, I, Lisboa, 1929-30, pp. 343-348, 2 figs.
Fala da modificação e variedade do nome de «cegonha» (engenho de tirar água) e das analogias da sua nomenclatura.
- 1124 DIAS, Jorge, e GALHANO, Fernando — *Aparelhos de elevar a água de rega*, Porto, 1953, 261 pp., 154 figs.
Estudo dos sistemas de rega e dos aparelhos de a elevar.
Consideram a irrigação portuguesa como uma forma de iniciativa particular, e mencionam algumas formas de direito consuetudinário relativas à fruição de águas comuns, processos e regras de distribuição, maneiras de contar o tempo, e modos de regar.
Dividem os aparelhos de elevar água de rega em três grupos fundamentais, que descrevem com toda a minúcia. No primeiro consideram os aparelhos que são movidos por agentes naturais (vento e água); no segundo, aqueles que são movidos por animais; e no terceiro os que são movidos pelo homem.

Ao primeiro grupo respeitam os moinhos de vento — *moinhos de água* —, e as rodas hidráulicas, estas por seu turno divididas em 4 tipos: rodas com alcatruzes ligados às penas; com os alcatruzes presos ao aro; com os alcatruzes presos aos arcos; e rodas com dois aros. No segundo grupo são incluídas as noras, que dividem em dois grandes tipos: de rodas dentadas, e de sarilho. As primeiras são ainda subdivididas em: noras de eixo curto baixo, de eixo comprido baixo, e de eixo comprido alto; as segundas são subdivididas em noras de eixo curto baixo e de eixo comprido baixo. Neste 2.º grupo são consideradas ainda as rodas de alcatruzes, os engenhos de buchas, e as noras metálicas. Ao 3.º grupo respeitam as noras de copos manuais; o engenho de buchas manual; as roldanas e sarilhos; as picotas; as bombas de rabiça e de tear; as *rodas de água*; as rodas de ferro; as pontarias de pé; o cegonho; o cabaço; os garabatos; e os cestos de vime. Distribuição geográfica destas diferentes formas, representada em 6 cartas. Estudam as origens históricas do regadio em Portugal, e põem a hipótese da sua origem pré-romana, via Europa; e procuram relacionar os tipos descritos com outros similares do mundo. Assim, e em relação aos moinhos de água, apontam a sua semelhança com os moinhos de Creta, e outros dos Países Baixos e Costa do Báltico, e (com reservas) falam da influência das costas do norte e noroeste europeu. Acerca das origens das rodas hidráulicas, notam a sua existência em Toledo no século XII, e inclinam-se a favor da origem muçulmana (atribuem a sua grande difusão entre nós, a partir do século XVI, à introdução do milho). Consideram a nora de eixo curto de origem muçulmana, e a nora de eixo comprido alto de origem romana. No que respeita às noras de sarilho, aludem aos cartagineses, romanos e árabes, sem contudo se pronunciarem em favor de qualquer deles. Para as rodas de alcatruzes e engenhos de buchas, põem a hipótese da origem romana. Quanto à picota (o aparelho mais difundido no País) atribuem-lhe origem pré-romana. Para outros sistemas, como rodas movidas a pé humano, admitem uma origem oriental, resultante dos contactos dos descobrimentos.

- 1125 FIGUEIRA, Joaquim Fernandes — *Os marcadores das águas de rega em S. Nicolau de Basto*. TAE, VIII, 3-4, Porto, 1938, pp. 394-396.

Menção dum processo de marcar o tempo pela projecção do sol em determinados pontos, e pelo aparecimento de determinadas estrelas, para efeitos de distribuição de águas de rega.

- 1126 GALHANO, Fernando — *Etnografia Agrícola — Aparelhos de elevar água de rega*. GA, 2396 e 2398, Porto, 1959, 14 figs.

Descrição sumária de alguns tipos de «picotas» e de engenhos movidos pelo homem.

- 1127 PINTO, Maria Luísa Carneiro — *As madrias*. DL, Segunda Série, VII, Porto, 1947, pp. 9-11.

Descrição destas toscas captações de água, usadas nos ribeiros de Baião, para aproveitamento das águas para rega.

Refere-se também a algumas formas tradicionais de divisão das águas pelos consortes, aos engenhos (sifões) das poças, e a alguns processos de regadio.

- 1128 RAMOS, Mário — *Divisão de águas no concelho de Oliveira de Azemeis*. ADA, XIV, Aveiro, 1948, pp. 93-98.

Contratos de divisão de águas.

- 1129 SIMÕES JÚNIOR, Manuel Rodrigues — *Águas de rega em Arouca*. ACEELV, II, Porto, 1959, pp. 119-121.

Descrição de algumas formas que regulam a distribuição das águas de rega.

- 1130 TAVARES, José — *Costumes regionais — Divisão de águas de rega na freguesia de Pinheiro da Bemposta (Oliveira de Azemeis)*. ADA, XXIII, Aveiro, 1957, pp. 211-219.

Transcrição de dois documentos respeitantes à divisão de águas de rega.

Ver Ref.^{as}: 142, 144, 147, 204, 219, 277, 287, 308, 343.

3.8. DIVERSOS

- 1131 AZEVEDO, Pedro A. de — *Alguns documentos para a história da agricultura e da navegação*. AP, x, Lisboa, 1905, pp. 314-320.

6 documentos datados de 1370. 3 dizem respeito à agricultura, e referem-se a propriedades situadas na Granja da Gorda, Alvorninha e Leiria. O primeiro contém um inventário da granja (móveis e gados).

Os outros três documentos relacionam-se com a navegação marítima e fluvial.

- 1132 ATHAYDE, Luís Bernardo Leite d' — *Etnografia agrícola*. CRCAA, 10, Ponta Delgada, 1949, pp. 91-96.

Descrição das *viradas* (cavas para tornar fértil terrenos estéreis) e transcrição de 4 quadras populares alusivas.

- 1133 CABIDO, Aníbal Gomes Ferreira — *A indústria do chá nos Açores*. BTI, 88, Lisboa, 1913, 38 pp.

Notícia histórica sobre a origem da planta do chá nos Açores. Aponta a data de 1820 para a introdução e primeiras culturas feitas por micalenses vindos do Brasil, onde já se cultivava essa planta, refutando a hipótese desta ter ido do continente para os Açores. Fala da interferência de técnicos chineses nos processos de cultura, e descreve a cultura da planta, colheita e manipulação. Indica números respeitantes a produções, e exportação.

- 1134 CALDAS, Costa — *Sobre coisas de Serpa — Do Porco*. T, v, Serpa, 1903, pp. 145-152, 161-168, 176-184.
Estudo sobre o porco.
- 1135 COSTA, Agostinho Rebello da — *Lavoura, Costumes, Trajes e o ouro da Província de Entre Douro e Minho*. DL, Segunda Série, I, Porto, 1944, pp. 45-47.
Transcrição dos capítulos IX — Lavoura, X — Costumes, e XI — Trajes, da obra «Descrição topográfica e Histórica da cidade do Porto», de 1789.
- 1136 CRUZ, Albino de Sousa — *Vida campesina — A última vessada*. DL, Segunda Série, III, Porto, 1945, p. 52.
Descrição das antigas vessadas, a quatro juntas de bois.
- 1137 C., C. da — *Rebuscos e respigos*. CRCAA, 29-30, Ponta Delgada, 1959, pp. 187-191.
Pequenas notas acerca da cultura da batata doce na ilha Terceira, e sobre a primeira notícia da cultura do chá nos Açores; etc.
- 1138 DIAS, Jaime Lopes — *Cortiças da Beira Baixa — Apontamentos para o seu estudo histórico, económico e etnográfico*. BJNC, 60, pp. 519-524; 61, pp. 11-17; 63, pp. 107-110; 66, pp. 253-257; e 67, pp. 299-301. Lisboa, 1943 e 1944, 20 figs.
Breve explanação do problema corticeiro português.
Notas sobre a extracção da cortiça. Recrutamento do pessoal para este trabalho; vida e costumes destes.
Evolução da indústria da cortiça na Beira Baixa. Comércio, arrendamentos e exportação. Valor e utilidade dos sobreiros e da cortiça.
Quadras populares alusivas à cortiça. Menção de serrar o cortiço (Serração da Velha) e da prática mágica de passar a criança quebrada por um sobreiro aberto a meio.
- 1139 DÓRIA, António Álvaro — *A vida rural na arte da antiguidade*. RG, LXII, Guimarães, 1952, pp. 307-347.
Estudo acerca do carácter rural de algumas civilizações primitivas, nomeadamente a chinesa, antes da invasão e domínio dos Mongóis, a egípcia, a caldaica, a hebraica, a atenense e sobretudo a romana.
- 1140 FELGUEIRAS, Guilherme — *Etnografia Agro-pecuária*. NA, 286, Lisboa, 1938.
Notas sobre a colheita do sargaço.

- 1141 FELGUEIRAS, Guilherme — *Como cuidam das abelhas os montanheses do Gerês*. TL, 1, Lisboa, 1951, pp. 23-25.
«O Autor descreve a maneira curiosa como os serranos do Gerês cuidam das abelhas e os amuletos que usam para proteger os cortiços contra agouros e maus olhados». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 1142 FELGUEIRAS, Guilherme — *Vestígios árabes na vida rural estremenha*. EBJP, 35-37, Lisboa, 1954, pp. 41-47.
Nota sobre vestígios de influência árabe em algumas tradições agrícolas estremenas.
- 1143 GALHANO, Fernando — *A apanha de algas para estrume na costa portuguesa*. GA, 2409, 1959, 8 figs.
Descrição muito pictural desta actividade, referida sobretudo à Praia de Castelo de Neiva, junto à foz deste rio, em que os sargaceiros utilizam as jangadas. Descrição de algumas alfaías usadas.
- 1144 GALHANO, Fernando — *Etnografia Agrícola — Medas de palha*. GA, 2426, 1960, 11 figs.
Descrição de alguns tipos de medas e cabanas de palha de milho.
- 1145 GALHANO, Fernando — *Etnografia Agrícola — Processos de amontoamento da pedra de limpeza e muros de vedação*. GA, 2428, 10 figs.
Descrição de algumas formas de muros de vedação e de processos de arrumar a pedra nos campos.
- 1146 GALHANO, Fernando — *Vedações tradicionais de terreno em Portugal*. BCPMHAO, XX, 1-4, Orense, 1959-60, pp. 319-326, 2 figs.
Descrição de vários processos de vedação de terrenos, feita de materiais vegetais, terra, adobe, taipa, pedra, etc. Áreas onde ocorrem e funções — delimitação de propriedade, abrigos contra o vento, arrumo de pedras nos campos, etc.
- 1147 GALHANO, Fernando — *Medas de trigo e centeio no norte de Portugal*. GA, 2439, 1961, 20 figs.
Descrição dos vários processos de empilhar a palha triga e centeia, antes e depois da debulha, usados no norte de Portugal.
- 1148 GIRÃO, A. de Amorim — *Glaciação quaternária e características da serra do Gerês*. ACEELV, II, pp. 185-187, Porto, 1959.
Breve referência à actividade geresiana, assente nas possibilidades que à exploração pecuária oferecem as altas pastagens da serra.

- 1149 LEMOS, Américo — *O Moliço na Ria de Aveiro*. RFC, 3, Coimbra, 1933, pp. 416-434.

Embora o Autor estude o assunto sobre o aspecto botânico, alude também à ferramenta e processos de recolha do moliço, e à sua aplicação como fertilizante das terras.

- 1150 LIMA, Augusto César Pires de — *A indústria agrícola como elemento de vida da nacionalidade portuguesa*. CMP, XVIII, Lisboa, 1940, pp. 777-820.

Fala da exploração da terra nos princípios da monarquia; da agricultura e das receitas da coroa; da terra e o problema social; os lavradores na língua e na literatura popular; e a lavoura e a literatura erudita.

Refere-se às condições precárias da lavoura antes da chegada dos romanos; às lutas da reconquista que aniquilavam muitas vezes o trabalho do lavrador; à variedade de tributos e abusos que frequentemente se praticavam, focando alguns dos seus aspectos vexatórios; etc. Vê na literatura popular uma fonte abundante para etnógrafos, pedagogistas, poetas e historiadores, dada a grande riqueza de comparações, metáforas, adágios, cantigas, romances, adivinhas, contos, etc.

Adverte dos perigos que o abandono da terra pode provocar e fala da necessidade de se dar à lavoura o lugar e o respeito que esta merece.

- 1151 LIMA, Augusto César Pires de — *Gado Canavês*. DL, Segunda Série, III, Porto, 1945, pp. 48-49.

Caracteres gerais deste gado; área de difusão da raça.

- 1152 LIMA, Augusto César Pires de — *Os sobreiros nas províncias do Minho e do Douro Litoral*. BJNC, 106, pp. 501-503; 107, pp. 565-567; 110, pp. 78-80; 111, pp. 129-131; e 112, pp. 187-189, Lisboa 1947 e 1948.

Considerações acerca do desaparecimento dos sobreiros nas terras do Norte. Utilidade do sobreiro: aplicações da madeira, bolota, entrecasco e cortiça. Vocabulário. Comparações, ditos e adágios acerca do sobreiro. Cancioneiro; adivinhas; contos e lendas a que esta árvore está associada.

Referências às «cortiçadas» (vindicta popular) e Serração da Velha.

Notas de medicina popular.

- 1153 LIMA, Jaime de Magalhães — *Os «arrêtos» e a condição psicológica dos povos que eles estremam*. Po, VI, Porto, 1933, pp. 64-67.

Comentários acerca da diversidade de processos de cultura ao N. e ao S. do Vouga, no que se refere aos arrêtos, socialcos ou tabuleiros. Insuficiência da razão fundada apenas na mecânica dos materiais em jogo — a dureza da pedra no norte — que não foi decisiva na construção em geral. Razão fundada na vontade do homem, determinada por modos de ser étnicos e por psicologia diversa: a fixidez sedentária do norte, os bandos movediços de pastores, caçadores e soldados no sul. As duas raças.

- 1154 MATTOS, Armando de — *Moreias*. DL, IX, Porto, 1944, pp. 3-11, 10 figs.
Medas de palha centeia ou de milho, em várias zonas nortenhas. Barracas e capuchos.
- 1155 M., A. de — *O Sargaço*. DL, I, Porto, 1940, pp. 68-69, 2 figs.
Pequena nota sobre os montes de sargaço, em Averomar.
- 1156 MATTOS, Mello de — *Cultura dos trigais no Alentejo*. P, 1, Porto, 1903, pp. 622-623.
Descrição dum sistema de aproveitamento da vegetação espontânea como fertilizante das terras — as *Moreias*.
- 1157 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, e GALHANO, Fernando — *A apanha do sargaço no norte de Portugal*. TAE, XVI, 1-4, Porto, 1958, pp. 66-170, 64 figs.
Análise da estrutura sócio-económica da apanha do sargaço. Estudo detalhado dessa actividade, que documentam desde épocas antigas (citações do foral da Póvoa de D. Dinis, 1308, D. Manuel, 1515, etc.) praticada sobretudo no litoral entre o rio Minho e o Douro. Segundo os Autores, essa actividade teria sido originariamente exercida por lavradores, vindos das terras próximas do interior, que utilizavam alfaias de tipo agrícola, e tinham na praia barracos de abrigo. E, ao lado destes, um «extracto de gente pobre, *cabaneiros* ou *seareiros*», que aproveitavam todos os recursos do mar, e que, encontrando certas facilidades de instalação e fixação, acabaram mesmo por se tornar o ponto de partida de certos aglomerados costeiros. Mais tarde, por razões que apontam, os próprios pescadores acabam por participar nesses trabalhos, mantendo-se porém isolados, e estabelecendo uma diferenciação muito nítida, quer no trabalho, quer na alfaia. Enumeram e descrevem em pormenor os diferentes sistemas de recolha; a alfaia; os barcos, masseiras e jangadas (utilizados para a apanha de algas que se não alcançam a pé); os diferentes sistemas de empilhar o sargaço seco; os vários tipos de barracos, de abrigo e arrecadações de barcos e alfaias, e até, por vezes, de residência temporária; o traje — a *branquela* usada por homens e mulheres, na região entre o Lima e a Apúlia, e o fato feminino de Afife; as *marcas*, sinais gravados nos cabos das alfaias, que consideram não como siglas, mas como sinais de identificação (referências às hipóteses de Santos Graça e Jaime Cortesão sobre a origem das siglas); etc. Determinação da área geográfica da apanha do sargaço (crítica das áreas indicadas por Baldaque da Silva e Rocha Peixoto). Análise da classe social a que pertencem os sargaceiros, e do seu estatuto profissional. Descrição da apanha do sargaço na área de Fão.
- 1158 OLIVEIRA, M. Ramos de — *O pão na história e no folclore*. ARFMBS, III, Guarda, 1943, pp. 80-88.
Breves notas acerca das prováveis origens do trigo, centeiro e milho.

Descrição de algumas medidas de capacidade usadas pelo povo. Do ciclo de centeio, desde a sementeira às malhas. Alusão ao costume de espetar no meio das searas, no dia 3 de Maio, ramos bentos, com fins apotropaicos. Organização do «rancho» para as ceifas; alusão à «praça» do pessoal, na Guarda. Quadras e costumes referentes às ceifas. Descrição duma malha a mangual.

- 1159 PICÃO, José da Silva — *As herdades*. T, v, Serpa, 1903, pp. 57-60.

Considerações sobre as herdades; sua fisionomia, designações, origem dos nomes, etc.

- 1160 PICÃO, José da Silva — *Etnografia do Alto Alentejo (Concelho de Elvas)*. P, 1, Porto, 1903, pp. 271-280, 535-548 e 751-756.

As herdades — Divisão da terra alentejana. Lavrador rendeiro e senhorio. Nomenclatura das herdades. Sua topografia na região de Elvas. Terrenos de cereal e montados, para gado manadio. Divisão dos terrenos. Sistemas de exploração. Cômputo de moios de sementeira de trigo, em cabeças de porcos (montados) e de gados (pastagens). Diversidade de áreas. Antigos possuidores — ordens religiosas, titulares e morgados. Evolução e estado actual. Relações entre senhorios e rendeiros. Arrendamentos — modos de os realizar e cumprir. Prazos, condições, data. As «pitanças»; lenhas, porcos, fumeiro, aves, lã, etc. Vencimentos. Direitos e obrigações do rendeiro cessante e do novo. Datas e cláusulas.

Os Montes — Descrição. Características. A casa de habitação: a entrada, a despensa, a cozinha. A «amassaria» do pão. Tipos de pão: marrucatas e perrumas. Acomodações agrícolas e pecuárias; queijaria e seu mobiliário. Forno do pão, compreendendo a alpendrada, que é o albergue dos malteses. Casa da lã, cavalariças, palheiro, cocheira, atafona. A «casinha» dos «ganhões», jogos, brincadeiras, logros aos novatos; histórias, lendas, contos, adivinhas, dos velhos. As cabanas — acomodações de carros, arados, alfaias, etc. Eiras; almenares de palha e rilheiros de rama de cereal. Malhada de porcos cónicas, com tecto vegetal, bardo de cabras, redís transitórios.

Descrição colorida da vida no monte.

Terminologia dialogada local.

- 1161 PINTO, Ercília — *Costumes e tradições da região de Águeda — A abertura solene da pateira de Fermentelos à apanha do moliço*. ADA, XIII, Aveiro, 1947, pp. 240-244.

Notas sobre a abertura da pateira de Fermentelos à apanha do moliço, fechada do dia 1 de Janeiro a 10 de Março e de 8 de Julho a 25 de Agosto.

- 1162 PREGO, João da Mota — *Madeira e Porto Santo*. NPENRJ, 1, pp. 377-399.

Trata fundamentalmente de economia agrícola; apenas insere umas notas sobre a etnia da população, aludindo ao contributo inglês, negro e português, sobretudo das províncias do Minho e Algarve. Menção das indústrias de bordados e de vime.

- 1163 RIBEIRO, Luís da Silva — *Etnografia açoriana — A casa das abelhas na ilha Terceira*. Po, XVIII, Porto, 1945, pp. 88-90.
 Descrição e nomenclatura dos «cortiços» da ilha Terceira — embora mantendo o nome e em certos casos a forma, são feitos de madeira e de barro.
 Menção de algumas operações agrícolas e costumes ligados a esta indústria
- 1164 RIBEIRO, Luís — *Batata doce*. BIHIT, 8, Angra do Heroísmo, 1950, p. 275.
 A batata doce na ilha Terceira. Menções de textos históricos que aludem a ela.
- 1165 RIBEIRO, Luís da Silva — *O cigarro de folha de milho*. BIHIT, 12, Angra do Heroísmo, 1954, pp. 253-257.
 Introdução do tabaco nos Açores. Monopólios e culturas livres. Descrição do processo de aproveitamento de folhas finas das maçarocas de milho para embulhar o tabaco. Semelhança entre o cigarro de folha de milho e o cigarro de palha brasileiro. Possível influência brasileira.
- 1166 RIBEIRO, Luís da Silva — *A monda*. BIHIT, 14, Angra do Heroísmo, 1956, pp. 209-211.
 Breves notas sobre a monda (de trigo, cevada, linho, etc.) e das queimadas do restolho.
- 1167 RIBEIRO, Orlando — *Povoamento rural e os regimes agrários no sudeste da Beira*. RFLUL, IV, Lisboa, 1939, pp. 281-295.
 Relação entre o habitat aglomerado e a cultura de cereais em regime de afolhamento.
 Sistemas agrários dominantes no *campo*.
 Análise da evolução rural.
- 1168 RIBEIRO, Orlando — *Ensaio e notas*. RFLUL, VI, Lisboa, 1939, pp. 297-302.
 Produções características da Ribeira e das encostas. Cultura das *brandas*. Uniformidade da habitação de Castro Laboreiro; construção mais cuidada nas *brandas*.
 A descida em Dezembro para as *inverneiras*, onde passam o Natal.
- 1169 SAMPAIO, Alberto — *Estudos de economia rural no Minho*. RG, III, Porto, 1886, pp. 146-159; IV, 1887, pp. 21-38 e 77-106.
 Estudo acerca da cultura do mato. A apropriação da terra e as classes que constituem a população campestre.
- 1170 SAMPAIO, Alberto — *Estudos de economia rural do Minho — O gado*. RG, IV, Porto, 1887, pp. 77-106.
 Resenha das principais raças de gado existentes na província.

- 1171 SAMPAIO, Alberto — *As vilas do norte de Portugal*. RG, x, Porto, 1893, pp. 161-176; XII, 1895, pp. 5-10, 65-90, 155-173; XIII, 1896, pp. 19-25; XIV, 1897, pp. 161-186.

Fragmento dum estudo sobre a propriedade no norte de Portugal, no tempo dos romanos e povos germânicos. Descrição do quadro geral das populações das cidades, das construções e das subunidades culturais. Origem da nossa constituição agrária: Parcelamento, glebas e plantas cultivadas. Descrição de certas formas de vida arcaizantes, sobretudo relacionadas com o pastoreio e águas de rega, da região barrosã e geresiana. Transformação das «Villas». Persistência e transmissão do património romano.

- 1172 SAMPAIO, Alberto — *Estudos históricos e económicos*. I — As Villas do norte de Portugal. Porto, 1923, 254 pp.

Apoiado em dados históricos, arqueológicos e linguísticos e num método comparativo, estuda os fundamentos da constituição da propriedade, no noroeste português, nos tempos pré-romanos, durante o domínio romano, época visigótica e neo-godo, até aos primeiros tempos da monarquia portuguesa; e faz a análise da sua evolução, da organização social, dos regímenes agrícolas, culturas e processos de cultivo, construções urbanas e rústicas, vedações e marcos de propriedade, rendas e impostos, isenções, regalias e modos de transmissão das terras, etc.

Ressalta deste estudo a profunda transformação que os romanos introduziram nos quadros sociais e económicos dos nossos antepassados castrejos: duma economia pastoril de tipo colectivista, de pastagens comuns nas terras altas, em torno das cidades, passa-se para uma exploração agrícola fecunda, nas terras baixas, em torno das *villas*. Essa estrutura social resiste à invasão dos bárbaros, que se adaptam a ela, e mesmo o domínio muçulmano poucas alterações lhe traz; apenas nos tempos neo-godos se opera a fragmentação da propriedade.

A análise de certos aspectos da cultura material tais como moagem e panificação de cereais — mós manuais e engenhos, a castanha «pão diário dos lavradores durante 4 a 5 meses» —; A cozinha — térrea e sem chaminé, como em muitos casos chegou até nós — com um papel da maior importância na casa rural; o vestuário — lã e linho manufacturados numa indústria caseira —; a alimentação — relevância do leite e seus derivados na ementa diária —; processos de distribuição das águas de rega, etc., ajudam a uma maior visão de conjunto.

- 1173 SILVA, Irene Alves da — *A linguagem corticeira (Subsídios para o seu estudo)*. RPF, v, Coimbra, 1952, pp. 189-224.

Distribuição do sobreiro em Portugal. Diferentes aplicações da cortiça. Cultura e exploração do sobreiro (desde o tratamento do solo até à recolha da cortiça). Pessoal que trabalha na colheita da cortiça; menção de costumes relacionados com esta faina. Preparação de rolhas. Objectos de cortiça ornamentados, de uso doméstico.

Vocabulário.

- 1174 SOUSA, Tomaz Tavares de — *Os Moliços — Quantidades de moliços; seu valor. Licenças de apanha e transporte*. ADA, II, Aveiro, 1936, pp. 57-177.

Estudo sobre a apanha do moliço na Ria de Aveiro.

- 1175 TABORDA, Vergílio — *Alto Trás-os-Montes (Estudo geográfico)*. Coimbra, 1932, 224 pp.

Os capítulos respeitantes às Culturas, Criação de gados, Propriedade e exploração do solo, Relações económicas, habitação e povoações, e População contém elementos com muito interesse: fala, entre outras coisas da exploração comunitária da terra, de prados comuns, da divisão e aproveitamento de baldios e das regras que regulam a sua exploração; dos bois do povo e da maneira como a sua manutenção é regulada; da persistência do compáscuo; do primitivo sistema de colonização por aforamento colectivo, que favoreceu a dispersão da propriedade e a pequena cultura; do sistema de torna-jeira, em vigor desde tempos antigos; da importância e vicissitudes da indústria da seda; do declínio da cultura e manufactura do linho e da lã (esta última florescente ainda nos séculos XVII e XVIII), e do uso do burel na confecção do traje regional; da feira dos homens, em Frieiras (Bragança), pelo S. João; dos tipos dominantes da habitação, no sistema de povoamento concentrado, e da sua relação com a economia agro-pastoril da região; da emigração e migrações periódicas para certos trabalhos agrícolas — azeitona, vindimas, ceifas —; etc.

- 1176 TIERNO, João — *Indústria pecuária*. NPENRJ. Lisboa, 1909, pp. 446-483.

Descrição das diferentes raças de gado, áreas em que se encontram, e nomenclatura local. A propósito dos regimes de apascentação, fala das Vezeiras do norte serrano, e descreve várias formas de pastoreio.

Ver Ref.^{as}: 3, 11, 142, 144, 218, 228, 239, 416.

4. PESCA

4.1. PROCESSOS E REDES DE PESCA

- 1177 AFREIXO, Jayme — *Pescas nacionais — A Região de Aveiro*. T, IV, Serpa, 1902, pp. 102-104, 114-120, 132-137, 148-152, 161-170 e 177-184; v, Serpa, 1903, pp. 4-11, 17-26, 33-39, 49-55, 65-68.

Estudo da pesca da *arte da xávega*, praticada na faixa litoral compreendida entre a Foz do Douro e o Cabo Mondego. Descrição das condições geográficas desse sector costeiro, e indicação das espécies marítimas que mais o povoam. Refere-se às contingências a que a pesca marítima de Aveiro está sujeita, e descreve com grande pormenor, redes, barcos, processos de alagem, organização

económica das companhas e diferenças de carácter económico e técnico entre as mesmas. Relata os incidentes provocados pela rotura dum rede à chegada à praia. Quando a notícia dum caso destes se propaga ao interior, uma verdadeira legião se desloca à praia, numa fúria de rapina.

Descrição da lota, arrematação do peixe e seu transporte, para Aveiro. Número de juntas que trabalham na alagem, em S. Jacinto. Companhas da pesca do caranguejo, em S. Jacinto, em que a sua captura é feita por duas bateiras pequenas, formando ambas uma *amarração*. Estudo da pesca na Ria. Descrição dos principais aparelhos: *botirões*, *redes de arrastar*, *birbigoeira*, *rede de salto* ou *parreira*, *murgeiras*, *chinchorros*, *soalheira*, *branqueira*, etc. e dos modos como são usados; gentes que participam nessa pesca.

- 1178 AFREIXO, Jayme — *A pesca de Aveiro e as bruxas*. T, v, Serpa, 1903, pp. 134-138.

Considerações acerca das crendices e superstições que povoam o espírito das colónias piscatórias, especialmente das companhas da sardinha, estabelecidas entre o Douro e o Mondego. Descrição de várias práticas usadas pelos pescadores, quando a sorte não bafeja a companha: interceptação da bruxa, esconjuros, benzeduras, etc.

- 1179 BERNARDO, Hernâni de Barros — *A cortiça na indústria da pesca*. BJNC, 57, Lisboa, 1943, pp. 371-378, 12 figs.

Descrição de várias aplicações da cortiça na indústria da pesca: bóias, dobradores, enroladores, etc.

- 1180 BRANDÃO, Carvalho — *A pesca do bacalhau*. Lisboa, s/d, 63 pp.

Nótula sobre a pesca do bacalhau com a indicação onde é pescado, dos navios existentes, organização da tripulação e armamento. Breve descrição da viagem e da vida no Banco da Terra Nova, dos *douros* (barcos pequenos individuais), e do modo como se pratica a pesca, a preparação e salga do peixe a bordo, etc.

- 1181 CABIDO, Anibal Gomes Ferreira — *Chorographia Industrial dos Concelhos da Mealhada e Vagos (Distrito de Aveiro)*. BTI, 50, Lisboa, 1911, 28 pp.

Indicação dos estabelecimentos industriais destes concelhos. Refere-se à indústria da pesca e fala da companha da Vagueira, que trabalha de Maio a Dezembro e emprega 80 homens, 50 no mar e os restantes em terra, 12 juntas de bois, que ganham por lanço, etc. Salários e percentagens dos pescadores. Breve descrição da habitação dos pescadores: palheiros térreos, cobertos de telha ou madeira, com porta, janela e geralmente com um único compartimento.

- 1182 CABIDO, Anibal Gomes Ferreira — *Chorographia Industrial do Concelho de Espinho (Districto de Aveiro)*. BTI, 52, Lisboa, 1911, 22 pp.

Notícia dos estabelecimentos industriais deste concelho. Refere-se também à indústria da pesca, e fala de 5 companhas com 50 homens cada e dos salários e percentagens que ganham. Cada companha exige 26 a 28 juntas de bois,

que recebem por lanço. Principais mercados de consumo e condições económicas dos pescadores.

- 1183 CABIDO, Anibal Gomes Ferreira — *Chorographia Industrial do Concelho de Ilhavo — Monografia estatística*. BTI, 56, Lisboa, 1911, 24 pp.

Indicação de estabelecimentos industriais, matérias-primas, produções, condições económicas dos operários, etc.

Dá nota de 23 moinhos de água e 18 de vento. Trata da indústria da pesca, e fala das três companhias da Costa Nova, que empregam um total de 425 homens e 50 rapazes, quase todos da Gafanha. Cada companhia possui 24 a 34 juntas de bois, que são vendidos no fim da safra.

- 1184 CALDAS, Bento — *Costumes açorianos*. GV, XIII, Guimarães, 1937, pp. 78-81.

Refere-se ao livro de Manuel Dionísio, publicado com este título, que trata da matança do porco, da pesca da baleia e das festas do Espírito Santo.

- 1185 CASTRO, D. José de — *Estudos Etnográficos — Aveiro — Pescadores*, II (ed. do I.A.C), 1943, pp. 57-85, 52 figs.

Indicação cartográfica dos locais de pesca, marítima e lagunar. Rápida descrição de 5 tipos de barcos, 2 do mar, o *barco do mar* (que é maior de todos), usado nas artes da xávega, e a *bateira do mar*, usada na pesca com artes de *mugiganga*; e 3 da Ria: a *mercantil*, utilizada na pesca com arte de *berbigoeira*, a *labrega*, usada nas artes de *chinchorro*, *mugeira* e *garateia*, e *caçadeira*, destinada às artes de *espinhel* e *bolsa*.

Definição de seis classes de redes: arrasto, tresmalho, arrastos especiais, cercos, sedentários e de linha, agrupadas em varredores, volantes e fixos. Descrição, modo de utilização e custo.

Organização das companhias, posição dos remadores dentro dos barcos, sistema de pagamento, alimentação e traje.

- 1186 EÇA, Vicente Almeida d' — *As pescas em Portugal*. NPENRJ, 1, Lisboa, 1909, pp. 269-286.

Rápido apanhado da história da pesca em Portugal, e citação de alguns barcos e aparelhos. Contém algumas notas sobre os pescadores e indústrias de conservas e salinas.

Quadros estatísticos referentes ao ano de 1905.

- 1187 FRANCO, Mário Lyster — *A pesca do atum na costa do Algarve*. Faro, 1947, 8 pp.

Cita Garcia y Bellido e fala da antiguidade desta pesca na Península, próspera já à data da colonização púnica, de textos clássicos que de algum modo se lhe referem, com menções ainda de cartas régias (1305) que autorizam o lançamento de armações em Sines, e doutros documentos.

- 1188 GALHANO, Fernando — *A pesca do pilado para estrume na costa de Portugal*. GA, 2416, 1960.

Descrição muito viva e colorida da pesca do pilado e do seu uso como fertilizante das terras, na região do Neiva.

- 1189 GUIMARÃES, Alfredo — *Os Sargaceiros (Litoral minhoto)*. ATP, 1, Lisboa, 1916, pp. 17-22, 2 figs.

Descrição breve e considerações literárias sobre o sargaceiro.

Notas sobre os tecidos usados pelos poveiros; sobre processos de pesca ao polvo, e da pesca à verga; menção detalhada da origem de S. Bartolomeu do Mar.

- 1190 LANDOLT, Cândido — *Folk-Lore Varzino — Costumes e tradições populares do século XIX*. Póvoa de Varzim, 1915, 230 pp., 27 figs.

Indicação do número de barcos, jangadas e aparelhos de pesca existentes na Póvoa, nos fins do século XIX e princípios do XX, seu respectivo valor e quantitativos de pessoal e valores do pescado.

Legislação piscatória. Privilégios e regalias concedidas pelos reis aos pescadores, especialmente o foral de D. Dinis que deu o reguengo de *Varzim de Jusaão* aos seus 54 chefes de família, para nele fundarem uma povoação.

Notas sobre a casa e a vida do pescador, traje de casamento, *aparelhar a cesta* — alimentos que o pescador leva para o mar —, etc.

Superstições e práticas de natureza mágica ligadas ao período de gravidez, nascimento, lactação, e primeiros anos da criança.

Toponímia orográfica e marítima.

Síglas poveiras usadas como sinal de propriedade. Alcunhas. Definição de várias designações de sardinha. Fauna e flora marítimas. Medicina popular.

Superstições várias. Provérbios e ditos populares. Festas populares de Junho — a *dança dos solteiros* no S. João —. Nomes de alguns barcos de pesca. Quadras populares. Estaleiro — ferramenta do calafate; notas sobre a construção dos barcos e indicação da sua nomenclatura. Vocabulário popular.

- 1191 LIMA, Augusto César Pires de — *Curiosidades tradicionais*. L, IV, Viana do Castelo, 1921-22, pp. 99-102.

Breve nota sobre redes e pesca do bacalhau na Terra Nova. Festas de S. Pedro, e de S. Pedro de Rates: superstições deste dia. Romaria de Santa Eufêmia: promessas de galinhas e ovos. Festa de S. Brás, a 3 de Fevereiro (onde jogavam o Entrudo, por vezes até dentro da capela). Alcunhas e superstições várias.

- 1192 LOBO, Constantino Botelho de Lacerda — *As pescarias da Póvoa de Varzim em 1789*. PVBC, I, Póvoa de Varzim, 1958, pp. 238-257.

Memórias económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa, tomo IV, 1812.

- 1193 LOPES, Frederico — *A pesca na Ilha Terceira*. BIHIT, 6, Angra do Heroísmo, 1948, pp. 61-106.

A pesca na ilha Terceira. Razão da sua pequena importância: instabilidade meteorológica. Os barcos; descrição. Costumes — a benção do barco. Nomes; superstições. A companhia. As confrarias; patronos e festas. A aparelhagem: aparelhos de rede; aparelhos de anzol; processos relativos às diversas espécies de peixes. Engodos; épocas conforme as espécies. Pesqueiros e o que neles se pesca.

- 1194 MARQUES, Carlos Alberto — *Notas etnográficas*. BRFLUC, XIV, Coimbra, 1938, pp. 478-504; XV, 1939, pp. 473-485.

Descrição da caça e da pesca na bacia do Coa. Menção de corridas de touros nas povoações de Riba Coa. Referências às fogueiras do S. João, S. Pedro e Natal. Notas sobre os contrabandistas desta região.

Descrição duma Fama (leitura declamada, em quadras, alusivas às virtudes que mais fama granjearam a determinado santo), que tem lugar à noite, e que comporta um cortejo de gente a pé e outra a cavalo. Descrição da matança do porco.

- 1195 MARQUES, Carlos Alberto — *Algumas notas etnográficas de Riba Coa*. Coimbra, 1939, 46 pp.

Refere-se à caça e à pesca e descreve algumas armadilhas, rede, e nassas. Fala de uma caçada ao javali, de touradas, e das festas do S. João e S. Pedro, referindo-se aos mastros e às fogueiras destes dias, e ainda à fogueira do Natal. Nota, sobre a psicologia do contrabandista. Transcrição de uma Fama (leitura declamada ao povo sobre as virtudes que deram o título de famoso a determinado santo). Matança do porco — descrição pormenorizada.

- 1196 MONTEIRO, Rafael Alves — *Memória breve sobre a pesca de arrasto*. Sesimbra, 1950, 61 pp.

Considerações sobre a antiguidade da pesca de arrasto em Portugal. Referências às Cortes de Évora (1481-82), nas quais foram apresentadas reclamações pelos Procuradores dos Concelhos contra o modo como os «cedares» (velhas artes de arrasto) exerciam a pesca nos mares de Sesimbra e Peniche. «E começa assim a luta entre pescadores e destruidores do mar, que se mantém latente até à proibição das artes nocivas pela Carta Régia de 1544. De então para cá sucedem-se Alvarás, Portarias, Leis e Decretos, procurando extinguir ou restringir o exercício de todas as actividades marítimas que conduzem à revolta e destruição dos fundos e das espécies em crescimento».

«A pesca de arrasto é a ruína de todas as águas costeiras, e o exercício da sua actividade, porque ela é criminosa, só como crime pode ser julgado».

- 1197 MONTEIRO, Rafael Alves — *Sesimbra e os seus homens do mar (alguns subsídios)*. EBJP, 32-34, Lisboa, 1953, pp. 155-165, 3 figs.

Referências a redes de pesca. Descrição e modo como são utilizadas. Notas sobre a «companha», e a pesca a anzol.

- 1198 NOBRE, Augusto — *O despovoamento das costas marítimas do Porto*. OI, 46, Coimbra, 1899, pp. 364-368.

A acção das redes de arrasto na pesca costeira, causa da despovoação marítima.

- 1199 NOBRE, Augusto, AFREIXO, Jaime, e MACEDO, José — *A Ria de Aveiro — Relatório oficial do Regulamento da Ria, de 28 Dezembro de 1912*. Lisboa, 1915, 197 pp., 24 figs.

Os Autores fazem uma análise das condições físicas da Ria e da sua relação com as indústrias, das condições biológicas, fauna e flora, etc., e incluem um capítulo em que estudam os aparelhos de pesca e de apanha de plantas marinhas, usados na Ria de Aveiro.

Em relação às redes estabelecem a seguinte classificação: Aparelhos sedentários: Botirão, Galricho, Camboa, Atenção; Aparelhos tresmalhos: Salto, Solheira, Branqueira, Caçoeira, Camaroeira; Arrostop: Mugeira, Tarrafa, Chinchirro, Chinha; Cerco: Garatea; Arrosto especial: Berbigoeira; De mão: Fisga; De linha: Linha, Espinhel, Sertela, Bolsa.

Alfaias: Roçadoira, ancinhos, gadanhão e gadanha. Descrição pormenorizada destas redes e alfaias; indicação do modo como são usadas.

Mapas estatísticos contendo indicações do número de companhas e de redes, em laboração, valor destas, pessoal ocupado nestas actividades, etc.

- 1200 PINHO, José — *Etnografia amarantina — A Pesca*. P, 2, Porto, 1908, pp. 448-459, 25 figs.

Estudo descritivo da pesca na rede hidrográfica do concelho de Amarante. O Autor estabelece duas categorias fundamentais: pesca sem intervenção do homem, e pesca com intervenção do homem. No primeiro caso são consideradas as armadilhas com engodo — *covo, cana, fio e corda* —, e armadilhas sem engodo — *caniço, roda de capas, galripo, rede boqueiro, malheira* —. No segundo, distingue o processo de matar o peixe com substâncias explosivas — atordoando-o ou matando-o com substâncias venenosas ou a martelão; apanhando-o vivo na água: *Espera* — com rede *mingacho*, ou *paciência*; sem rede, à cana. *Busca* — com rede, *tesão* e *chumbeira*; sem rede, *malheira, tresmalho, varredoura, rede boqueiro e cesto*. Em seco — *estancada*.

- 1201 PINTO, Maria Luísa Carneiro — *Espinho*. DL, Segunda Série, IX, Porto, 1947, pp. 41-45, 2 figs.

Descrição da recolha das redes, a bois, e da organização das antigas pescas, das companhas, etc.

- 1202 PINTO, Maria Luísa G. de Vasconcelos Carneiro — *Pesqueiras no rio Douro*. DL, Terceira Série, VII, Porto, 1949, pp. 54-55.

Breve descrição de algumas pesqueiras usadas no rio Douro.

- 1203 REIS, F. Marcelino dos — *A caça da baleia nos Açores*. VRTDC, 18, 1942, 3 figs.

Descrição do processo de pesca da baleia e da sua evolução. Importância desta indústria no sistema económico açoriano.

- 1204 RIBEIRO, Luís da Silva — *Notas sobre a pesca e os pescadores na ilha Terceira*. RAç, 1, *Angra do Heroísmo*, 1936, pp. 147-170, 6 figs.

Os núcleos piscatórios. Segregação de classes. Mentalidade. Os filhos dos pescadores: suas brincadeiras. Costumes e práticas. As irmandades dos pescadores; festas de patronos.

Espécies de pesca e aparelhos usados. Descrição e nomenclatura. Os barcos e a pesca. Tipos, nomes. Costumes relativos a barcos: superstições. A companhia. Regime económico. O traje. Sinais de tempo; provérbios. Pesqueiros. Alcunhas. Aparelhagem. Principais espécies de peixe que se pescam na ilha.

- 1205 SALGADO, Guilherme — *A Pesca e os Pescadores de Portugal*. Lisboa, 1934, 22 pp.

Descrição, muito superficial, da pesca em Portugal, a partir do século XII.

- 1206 SILVA, A. A. Baldaque da — *Estado actual das pescas em Portugal*. Lisboa, 1892, 515 pp., 390 figs.

Estudo tecnológico sobre a pesca.

Descrição e classificação de todos os portos do País, marítimos e fluviais, com a indicação do número das embarcações, pescadores, qualidade, quantidade e valor do pescado. Pesca do bacalhau — descrição de barcos e aparelhos e modo como estes são usados. Pesca de alto, pesca costeira e pesca fluvial. Descrição minuciosa dos aparelhos de pesca, que classifica de: aparelhos de anzol ou fiska; de rede, verga, ou metal; e de engenhos de pesca. Instrumentos empregados na apanha do sargaço: utensílios, redes, jangadas e barcos.

Descrição das embarcações de pesca e objectos correlativos.

O trabalho contém ainda uma parte histórica respeitante a barcos antigos e a leis referentes a pescarias, e um vocabulário.

- 1207 SILVA, Armando da — *Etnografia açoreana — A alfaia marítima da ilha de S. Miguel*. P, 1, Porto, 1903, pp. 834-846, 21 figs.

Notícias históricas relativas à pesca na ilha de S. Miguel. Menção de barcos da vila, empregados na cabotagem, e *jeques*, usados na pesca. Descrição, medidas, tripulação. Redes — tresmalho, chincharro, inchalavar, fole, tarrafa, tanagem. Formas, medidas e modo de emprego. Aparelhos diversos — caniços, loro, gatoeiro, groseira, pregueiro, besta, corriça, harpão, e bicheiro. Descrição da sua forma e utilização.

- 1208 SILVA, Carlos Augusto de Magalhães, e REGALLA, Francisco Augusto da Fonseca — *Organização dos serviços das pescas*. Lisboa, 1886, 53 pp.

Relatório acerca da organização das pescas, marítimas e fluviais, e resenha das disposições legais sobre a pesca. Indicações de barcos e companhias.

- 1209 SILVA, Manuel — *Pescarias e pescadores*. APV, III, 3, 1913.

Resenha histórica de textos que tratam de certos aspectos dessa actividade. Menção de forais, leis, etc. que indicam a evolução da pesca. Preceitos reguladores do exercício da pesca, e vantagens concedidas aos pescadores. Séculos XII, XV, XVI. Imunidade dos poveiros: isenção das *vintenas do mar*, mediante o dízimo. Etc.

- 1210 THOMÁS, Pedro Fernandes — *A pesca em Buarcos*. P, 1, Porto, 1903, pp. 147-154, 10 figs.

Antiguidade de Buarcos e carácter tradicional dos seus processos piscatórios. *Pesca de alto* — Pescada (Fev.^o a Nov.^o), e safra da sardinha (Nov.^o a Fev.^o); o outro peixe é pescado todo o ano.

Barcos — Lancha poveira e barcos da pescada. Descrição, medidas, velas, tripulação. Redes — 1) Redes de emalhar permanentes: rede de pescada (volante), rascas, branqueiras, meijoeiras, petisqueiras e sávaras; formas, medidas, utilização, modos do seu lançamento. As caças ou aparelhos. 2) Redes de emalhar flutuantes: Sardinheiras; formas, medidas, modo do seu lançamento. O «ganapão».

Pesca costeira — a) Barcos grandes de fundo chato, em forma de meia-lua, para a sardinha. Descrição, tripulação, sua distribuição e funções diversas, seu lançamento à água. b) Bateiras de fundo chato — varinos e muletas; descrição, medidas e tripulação.

Redes — a) Redes de emalhar fixas ou permanentes — meijoeira. b) Redes envolventes de arrasto-arte ou rede da sardinha; descrição, terminologia, lançamento. «Enxalavaras». Neta, Varina, Zorro, Chinha, Rede-pé. Descrição e utilização.

Pesca a anzol e outros aparelhos — o espinhel; a gorazeira. Linhas de congro e da faneca, fsgas, bicheiro. Descrição e utilização.

Encasque e secagem das redes — infusão das redes em «caldeiros», com casca de salgueiro. Secagem e conserto nas «tranqueiras», e recolha em armazéns ou barcos velhos, com coberto ou telhado, porta, etc.

Companhas — *Vencimentos* — O patrão, o arrais, os companheiros. A partilha do produto da pescaria; a caldeirada, os quinhões. Contratos referentes às diversas redes.

- 1211 THOMAZ, Pedro Fernandes — *Notas etnográficas do Concelho da Figueira*. II — *A Pesca Fluvial*. P, 1, Porto, 1903, pp. 379-384, 7 figs.

Centros de pesca fluvial da região: Gala e Cova de Lavos. Espécies piscícolas e datas da sua pescaria. Os pescadores da Gala e Lavos na pesca da corvina e sável no Tejo, de Março a Maio.

Barcos — Varinos, Bateiras e Muletas. Descrição dos varinos, e medidas. Redes — Redes de emalhar volantes: tresmalho e lampreeira. Descrição, modo de emprego e medidas. Aparelhos de rede envolventes fixos: o botirão. Descrição e lançamento. Aparelhos de rede envolventes volantes: a Varina, Zorro e Neta; a Coa das Pinchas e Rede das Pinchas. Descrição e lançamento. Redes do pelado — Aparelhos fixos: a estacada ou atalhos. Descrição. Aparelhos de verga com forma de ratoeira; cofos e nassas. Descrição e lançamento. Outros aparelhos: o ancinho, para o berbigão; a rede fole, para o caranguejo e peixe pequeno; os esteiralhos, para a tainha e peixes saltadores. Descrição. Pesca a anzol e outros aparelhos: Linhas de pesca; Sertelha — para a enguia. A apanha de plantas marinhas — sargaço e limos. Descrição.

Conserto e encasque de redes. Os redeiros, atadores ou consertadores. Notas: as habitações dos pescadores de Lavos — as casas de madeira em estacaria. Os palheiros da Gala, Costa de Lavos e Leirosa.

O pilado e a «petinga» (sardinha pequena, quando é abundante), para adubo. A seca do peixe. A cabotagem no Algarve, em caíques, com peixe salgado. A pesca longínqua (Terra Nova), na Figueira.

As romarias dos pescadores: S. Pedro em Buarcos e Cova de Lavos, S.^a da Conceição em Lavos.

- 1212 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Azulejos etnográficos*. I — *Rede de pesca*. II — *Caça e pesca ao candeio*. BE, II, Lisboa, 1923, pp. 55-57.

2 reproduções de detalhes dos azulejos do Parque de Santa Cruz, em Coimbra, que mostram uma rede semelhante à que se usa na pesca do atum; e da pesca ao candeio (S. Vicente de Fora).

- 1213 S/A. — *As pesqueiras do rio Douro*. DL, Segunda Série, II, Porto, 1944, pp. 35-36.

Representação ao Director-Geral dos Serviços Hidráulicos pelos proprietários das pesqueiras do rio Douro.

Indicações referentes à pesca no rio Douro.

Ver Ref.^{as}: 3, 142, 144, 145, 192, 200, 205, 218, 222, 227, 232, 240, 260, 266, 270, 271, 280, 286, 292, 297, 416, 559, 615, 812, 891, 990.

5. CAÇA

- 1214 BARROS, José de — *Armadilha para teixugos*. DL, Terceira Série, III, Porto, 1948, pp. 23-24, 1 fig.

Descrição duma armadilha usada para apanhar teixugos (Felgueiras — Pombeiro).

- 1215 BRAGA, Alberto Vieira — *Curiosidades de Guimarães — Montarias*. RG, XL, Guimarães, 1930, pp. 114-135; XLI, 1931, pp. 30-54 e 160-182.

Início e origem das montarias a lobos.

- 1216 BREYNER, A. de Mello — *A caça no concelho de Serpa*. T, II, Serpa, 1900, pp. 13-14, 22-24, 44-45, 60-61, 76-78, 93-95, 104-106, 126, 140-141, 170-172 e 190-191.

Estudo sobre os processos de caça usados no concelho de Serpa.

- 1217 DIAS, Jaime Lopes — *Distrito Etnográfico*. AR, III, 140, Castelo Branco, 1928.

Descrição de uma montaria ao javali, e da procissão da Cinza, no Teixoso.

- 1218 LAPA, Rodrigues — *Livros de falcoaria*. BF, I, Lisboa, 1933, pp. 199-234.

Notícias sobre um «Livro de citraria e experiências de alguns caçadores». As prumagens das aves, por onde se conhecem e como se devem tratar nas doenças, e remédios utilizáveis.

- 1219 PINHO, José — *Etnografia amarantina — A caça*. P, 2, Porto, 1908, pp. 84-100, 40 figs.

Quadro sinóptico da caça popular. Caça sem intervenção do homem, e com intervenção do homem. No primeiro grupo são consideradas e descritas as armadilhas com engodo: *aboiz, alçapões, costela, costelão, esparrela, fojo, mosqueiro, nassa, ratoeiras, e sangra-mocho*; armadilhas de fogo, canudos, fios, ichós, laços, lapão, e ratoeiras de toupeira; ou sem engodo. O segundo grupo é subdividido em caça de «espera» com reclamo natural ou artificial — à tigela ou à arma —; só com reclamo natural — a visgo —; e sem reclamo — a visgo, à arma, e à vadela. E «busca», com furão ou com furão e cães — à rede e à arma; só com cães — à arma; sem cães — à arma, à chumbeira, à palheira, à fiska, à lanterna e à candeia. Batida — montaria.

Ver Ref.^{as}: 3, 114, 142, 144, 204, 227, 276, 292, 559, 1708.

6. PASTOREIO

- 1220 COSTA, Sousa — *O campino, pastor de gado bravo*. EBJP, 12, Lisboa, 1946, pp. 183-196, 6 figs.

Considerações acerca do campino.

- 1221 DIAS, A. Jorge — *Les troupeaux transhumants et leurs chemins*. CIG, Lisboa, 1948, 12 pp.

Estudo sobre a proveniência, trajecto e organização dos rebanhos transumantes que vêm à Serra do Montemuro: a acção do «Passarão» que de Maio em diante combina e ajusta pastagens, pastores, etc.; a passagem pelas «canadas»; a alimentação dos pastores (paga pelo «Maioral» e pelos proprietários dos terrenos em que pasta o gado); formas de pagamento aos pastores; etc.

O Autor, que acompanhou um desses rebanhos (que contam cerca de 2.500 cabeças de ovelhas e cabras), descreve essa transumância (cujas datas de partida e regresso correspondem a datas mágicas — S. João e S. Bartolomeu, respectivamente). Os primeiros gados vêm de Vila Franca, a sul do Mondego, em direcção a Nelas; aí se juntam outros rebanhos vindos do Carregal do Sal, Santa Comba, Mangualde e Viseu, seguindo então todos juntos para Ração, na serra do Montemuro.

Estes rebanhos são chamados «da Estrela», ponto que esclarece mostrando tal desacerto.

Como complemento ao trabalho de Orlando Ribeiro, sobre o mesmo tema e acerca dos rebanhos desta última serra, fala da sua vinda aos vales do Douro e vertentes do Marão, Pinhão, etc. para os pastos de folhas de vinha, etc.; tais rebanhos partem no dia de Todos os Santos e o regresso tem lugar nos fins de Fevereiro; o número de cabeças de gado raramente atinge 700. Entre outras causas do desaparecimento da transumância fala da divisão de baldios, etc.

- 1222 FICALHO, Conde de — *O elemento árabe na linguagem dos pastores alentejanos*. T, I, Serpa, 1899, pp. 81-85, 97-101, 113-117, 129-134 e 145-148.

Notas linguísticas referidas à vida pastoril. Menção de S. Pedro, santo dos pastores, e notas sobre o pastoreio no Alentejo. Descrição do vestuário dos pastores: pelico, samarro, ceifões, botina, etc. O redil, a ordenha e a tosquia. Alfaia e formas de actividade. Influências árabes. Transumância.

- 1223 LIMA, Augusto César Pires de — *Afoular*. DL, III, Porto, 1941, pp. 40-42.

Descrição do costume dos pastores infantis conversarem uns com os outros, ao longe, por perguntas e respostas intercaladas numa toada especial, em Mosteiró (Vila do Conde).

Abaular, em Famalicão e Póvoa de Lanhoso.

- 1224 PAÇO, Afonso do — *Notas de folclorismo minhoto*. RL, XXV, Lisboa, 1925, pp. 299-302.

A pada — Oferta fúnebre a quem assiste e vela.

Obrada — Oferta fúnebre.

Costumes pastoris — Pedir com a pele de lobo.

- 1225 PORTELA, Artur Marreiros — *A vida dos pastores do concelho de Almodóvar*. NA, XI, 556, Lisboa, 1943.

Pequeno estudo sobre o pastoreio desta região.

- 1226 RIBEIRO, Luís da Silva — *O pastoreio na Ilha Terceira*. BIHIT, I, Angra do Heroísmo, 1943, pp. 110-122.

Estudo do pastoreio na Ilha Terceira. O pastoreio através da história.

Os ferros. Marcação de gados. Vários sinais. Gado vacum, suíno, lanígero e caprino. Ordenhação. O leite. Termos regionais.

- 1227 RIBEIRO, Orlando — *Contribuição para o estudo do pastoreio na Serra da Estrela*. RFLUL, VII, Lisboa, 1940-41, pp. 213-303.

Estudo do pastoreio na Serra da Estrela — Variedade do comportamento dos homens em face da natureza; a criação de gado como actividade subsidiária; a extinção lenta do compáscuo; terminologia popular; a autoridade do conselho; contratos entre pastores e lavradores; pendências entre pastores e lavradores; fabrico de queijo; a «Mesta» e a evolução da transumância em Portugal; etc.

- 1228 RIBEIRO, Orlando — *Notícia do pastoreio na serra de Montemuro*. MEMCB, Porto, 1948, pp. 333-339.

Estudo do pastoreio nesta serra. Importância do gado na economia da região. Descrição do regime transumante. Alterações provocadas pela cultura do milho, de introdução recente.

- 1229 SÉRGIO, António — *Divagações conjecturais sobre o antigo pastor montanhês do Noroeste Ibérico*. RG, LXVIII, Guimarães, 1958, pp. 139-154.

Considerações sobre o pastor montanhês do Noroeste Ibérico. Sua evolução — de colhedor de alimentos a produtor de alimentos. Condições de vida dos povos pastores — análise da sua índole. Contraste entre o parasitismo do pastor lusitano e o agricultor andaluz.

- 1230 SILVA, Capela e — *Ganadeiros alentejanos*. AT, II, Elvas, 1934, pp. 319-324, 7 figs.

Pequenas notas sobre a vida dos pastores alentejanos.

- 1231 SOUSA, Tude de — *Pastoreio e arte pastoril*. VAPP, Lisboa, 1940, pp. 139-155.

Apanhado de algumas formas de regimes pastoris, e de costumes relativos à vida do pastor.

Ver Ref.^{as.}: 3, 66, 102, 142, 144, 146, 147, 212, 219, 226, 228, 256, 262, 268, 280, 353.

7. COMÉRCIO, FEIRAS E MERCADOS

- 1232 ALVES, P.^e Francisco Manuel — *Memórias Archeologico-Historicas do Distrito de Bragança*. I, Porto, 1910, 401 pp.

A pp. 233-252 insere um capítulo sobre feiras e mercados que contém a indicação das feiras do distrito, dias em que se realizam, e privilégios que algumas desfrutavam.

- 1233 ARAÚJO, José Rosa — *Algumas notas etnográficas acerca do porco*. I — *O sarrabulho*. AAM, v, Viana do Castelo, 1955, pp. 89-96 e 103-111.

Descrição duma feira de porcos e do modo como se negociam. A ceva: o que come o porco. Descrição da matança, do sarrabulho e do fabrico de enchidos. Nomes que o povo dá ao porco. Adágios que a ele se referem.

- 1234 BRAGA, Alberto Vieira — *Curiosidades de Guimarães — Feiras e Mercados*. RG. XLIX, Guimarães, 1939, pp. 136-177; L, 1940, pp. 215-262.

As feiras de Guimarães e os seus lugares de arrumo. A vida dos mercados. Aparecimento das feiras em Guimarães, no século XIII. Alguns topónimos derivados da permanência de feiras em alguns lugares: Feira do leite, Largo dos Cestos, Cruzeiro do fiado, etc.

Mecanização de posturas a que o comércio estava sujeito.

Ligação entre as feiras e romarias, e festas de santos padroeiros. A psicologia dos leiteiros e o valor dos pregões; etc.

- 1235 BRAGANÇA, Manuel — *Apontamentos sobre Felgueiras — A Feira de S. Jorge*. DL, Quarta Série, VII-VIII, Porto, 1951, pp. 39-42.

Descrição da feira de S. Jorge de Várzea — a *feira dos despiques* — que tem lugar a 23 de Abril, e que comporta, além da feira em que se vendem os produtos da região — linhaça, linho em fibras, fiado e tecido, jugos, alfaiais agrícolas, etc. —, uma parte religiosa com ofícios e procissão, e romagens de gado à volta da capela (3 voltas). Leva o nome de feira dos despiques por ser aí que as raparigas casadoiras retribuem o foliar aos namorados, e que consiste não raro, num lençinho com um coração bordado, ou um doce em forma de coração.

- 1236 CASTRO, D. João de — *Memmento Maria (A velha Feira da Ladra)*. FL, VI, Lisboa, 1934, pp. 223-227.

Descrição desta feira, em Lisboa.

- 1237 CERQUEIRA, Eduardo — *Curiosidades do passado aveirense — Relance sobre a evolução da secular «Feira de Março»*. ADA, XIII, Aveiro, 1947, pp. 279-307.

Notícias acerca da Feira de Março. Transcrição do aranzel pelo qual se regulou durante mais de três séculos.

- 1238 CHAVES, Luís — *Notas de etnografia de Lisboa*. RML, II, 6, Lisboa, 1941, pp. 39-53.

Notas sobre saloios, varinas, festas populares de Junho, feiras, etc.

- 1239 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, XLIII, Lisboa, 1952, pp. 66-70.
A lenda das cruces em Barcelos; notas sobre a festa e a feira desse dia, Menção da «Divina Santa Cruz» festejada em Monsanto da Beira.
- 1240 GUIMARÃES, Alfredo — *A Feira da Roca (Minho)*. ATP, 3, Lisboa, 1917, pp. 209-212.
Descrição desta feira, que tem lugar em Guimarães, no primeiro domingo de Maio, e onde o gado vai ornamentado com flores.
- 1241 GUIMARÃES, Alfredo — *A feira de Guimarães (Minho)*. ATP, 4, Lisboa, 1918, pp. 83-89.
Descrição literária muito pitoresca do mercado semanal de Guimarães, com os tipos característicos, os seus costumes, aspectos das tendas e dos camponeses, etc.
- 1242 KEIL, Luís — *Antigos mercados portugueses*. ATP, 3, Lisboa, 1917, pp. 233-235, 4 figs.
Menção e descrição de gravuras de Doumet, sobre mercados portugueses do fim do século XVIII.
- 1243 LEÇA, Armando — *Do Cancioneiro músico-portuense*. OT, 5.^a Série, VIII, Porto, 1952, pp. 40-45, 81-85 e 100-104.
Breves notas sobre a procissão do Corpo de Deus, suas danças, folias e chacotas; a procissão de Cinzas; do Enterro; dos Passos; o domingo de Ramos; etc.
Influências estranhas no nosso cancionero musical no século XVIII:
França — minueto; Espanha — fandango; Negros — lundum, umbé, etc.; Inglaterra — contradança e quadrilha; etc.
Referências às rabanadas e vinho quente, no Natal; aos cantos das Janeiras e Reis; à orelheira e chispe no Carnaval, e ao carneiro no S. João; às maias de giesta; a ofertas de telhas a Santo Ovídio; à feira dos moços, em Carlos Alberto, e de S. Lázaro e S. Miguel, na Cordoaria.
Breves notas sobre: o fado; 1.º de Abril; feira de criados, na Boavista, em que os amos pagavam cabritada à família dos servos; Serração da Velha; etc.
- 1244 MARTHA, M. Cardoso — *À trouxe-mouxe*. L, IV, Viana do Castelo, 1921-22, p. 72.
Pequena notícia sobre a «feira dos moços» na Corujeira (Porto). Algumas quadras populares, da guerra.
- 1245 MELO, Laudelino de Miranda — *A Feira da Fontinha*. ADA, XII, Aveiro, 1946, pp. 141-147.
Descrição da feira da Fontinha, na freguesia de Segadães (Águeda).

- 1246 MONTEIRO, Campos — *Entre Douro e Minho*. (Exposição Portuguesa em Sevilha). Lisboa, 1929, 44 pp., 8 figs.
Notas acerca da gente desta região, dos seus costumes e usos tradicionais, feiras e romarias, e emigração.
- 1247 NORONHA, Eduardo — *Festas populares*. RML, III, 13-14, Lisboa, 1942, pp. 31-36.
Breves notas acerca das festividades do Senhor da Serra e Santa Quitéria de Meca, da feira das Mercês, e da Quinta-feira da Ascensão.
- 1248 OLIVEIRA, A. Coelho de — *Sumário das feiras e mercados antigos do Porto*, BCCMP, VI-VII, Porto, 1943, pp. 323-336.
Notícias de feiras existentes no Porto, a partir do século XII. Providências estabelecidas em forais, tendentes à sua protecção.
- 1249 OLIVEIRA, Manuel Ramos de — *Feiras e mercados de Celorico*. BAAP, XII, Viseu, 1953, pp. 215-223.
Notas históricas acerca de feiras e mercados de Celorico da Beira.
- 1250 ORTIGÃO, Ramalho — *O mercado vianês*. AAM, I, p. 23.
Extracto das «Farpas», que se refere ao mercado de Viana.
- 1251 PESSANHA, D. Sebastião — *Do Alentejo — A feira de Castro Verde*. ATP, 2, Lisboa, 1916, pp. 161-163.
Descrição literária e colorida desta feira, do seu aspecto geral, tipos, produtos, etc.
- 1252 Portela, Severo — *A feira dos moços*. OT (3.^a Série), 10, Porto, 1926, p. 157.
Refere-se ao costume que tinha lugar na feira dos moços, em que todo o amo que ajustasse criado incorria no dever de pagar a cabrita (espécie de merenda, regada, copiosamente com vinho).
- 1253 SILVA, Capela e — *Esboços da vida rural no Concelho de Elvas*. RL, XXXV, Lisboa, 1937, pp. 38-49.
Descrição um pouco literária das feiras no concelho de Elvas.
- 1254 SILVA, J. Oliveira da — *Feiras e mercados*. VRTDC, 21, 1942.
Pequena nota sobre as feiras e mercados do Minho.
- 1255 SIMÕES JÚNIOR, Manuel Rodrigues — *Concelho de Arouca*. DL, III, Porto, 1941, pp. 51-55.
Feiras e mercados actuais. Feiras desaparecidas. Textos históricos relativos ao assunto.

- 1256 THOMAS, N. W. — *O mercado de Grilos*. T, II, Serpa, 1900, pp. 129-132.
- A venda dos grilos em feiras portuguesas: interpretações segundo métodos históricos (sobrevivências) ou segundo métodos etnológicos (comparação com outros países). Venda de grilos e escaravelhos na Alemanha (primavera) e Florença (Ascensão). Celebrações de primeiros animais comemorando a primavera. Os bichos, «demónios de felicidade», que se guardam em casa. Superstição: reencarnações de almas de antepassados (totemismo).
- 1257 V., J. L. de — *Excursão pela Estremadura cistagana e norte de Portugal*. AP, XXII, Lisboa, 1917, pp. 144 e 153.
- A capela de S. Saturnino, no lugar das Menechas, (Serra das Areias) e o roubo ritual das telhas (roubo de telhas ofertadas ao Santo, para cura de sezões). Notas sobre o mercado de Vila do Conde, e indicação dos artigos postos à venda (1895).
- 1258 VIANA, F. M. Gonçalves — *História bairrista*. OT (3.^a Série), 8, Porto, 1926, p. 116.
- Breves notas referentes à feira das caixas (na paragem da mala-posta e diligência) e à feira dos moços, na Rotunda da Boavista, onde se contratavam os criados e criadas de lavoura.
- 1259 VÁRIOS — *Feira dos moços*. OT (2.^a Série), 7, Porto, 1919, pp. 142-143.
- Pequenas notas com indicação dos locais onde se realizavam as feiras dos moços: Corujeira, Largo do Duque de Beja, Boavista e Praça Carlos Alberto.
- 1260 S/A. — *Arquivo etnográfico*. L, II, Viana do Castelo, 1918-1919, pp. 138-139.
- Recortes de jornais que se referem ao círio da Senhora da Atalaia; ao «pão por Deus», na Feiteira; e à feira do mel, em Monção.
- 1261 S/A. — *Poeira dos tempos*. XII — *Feira minhota*. FL, II, Lisboa, 1930, p. 88.
- Notícia acerca de burros carregados de carvão, tremoços, fusos e colheres de pau, que da feira do Arco (de Baúlhe) irradiavam para outras terras.
- 1262 S/A. — *Aspectos da Beira Serra — Feiras e mercados*. ARFMBS, I, Guarda, 1941, pp. 8-11, 6 figs.
- Breves notas sobre feiras e mercados.
- Ver Ref.^{as}: 68, 114, 142, 144, 223, 228, 232, 233, 249, 257, 289, 290, 298, 749, 808, 809, 837.

VIII — Costumes sociais e profissionais

1. COMUNITARISMO

- 1263 ALVES, Padre Francisco Manuel — *Vestígios do regime agrário comunal*. IT, 3, Porto, 1910, pp. 137-142, 7 figs.

Acerca de vestígios comunitários em Rio de Onor, fala das roçadas (arroteamento de bravios comunais para exploração de centeio), e da eleição dos mordomos que as superintendem; da caça aos coelhos segundo um plano cinegético em que eles são encaminhados para as roçadas onde os apanham com a ajuda de cães e paus; e das atribuições do mordono das lameiras, também de usufruto comum.

Descrição das talas (do gado, da roçada, e do foro de Calabor, Espanha) — inscrição em varas de madeira de marcas entalhadas que assinalam o número de cabeças de gado de cada vizinho, as multas aplicadas por ocasião das roçadas, e os foros que cada morador daquela terra espanhola pagava. O Autor compara este último exemplo com os sinais gravados na Fraga das Ferraduras, em Linhares, Anciães, que alguns estudiosos interpretam como letras de um alfabeto desconhecido, e conclui que estes, semelhantemente às talas do Foro de Calabor, constituíam o padrão dos foros ou pensões (pão, dinheiro e galinhas), que ali se pagavam. Alude ao foral dado a Linhares por D. Fernando de Castela (1055-1065) em que cada morador pagava dois pães, vinho e cevada.

- 1264 BARREIROS, Fernando Braga — *Tradições Populares do Barroso*. RL, XVIII, Lisboa, 1915, pp. 223-302; XIX, 1916, pp. 76-133.

Orações; versos dos «Reis», canções do berço, versos bordados nos lenços, quadras de desafio, etc.; cancionero (458) quadras. Romanceiro (3). Anfiguri. Parlandas. Palavras ditas e retomadas. Adivinhas. Narrativas populares. Costumes — Vida infantil; vida religiosa — Ramos, promessas feitas aos santos; foliar da Páscoa; cepto do Natal. Vida doméstica — Refeições; saudações e formas de tratamento. Morte e funerais. 1.º de Maio. Formas de comunitarismo. Ritos associados às malhas. Casamento; assuadas e troças; Serração da Velha. Crenças e superstições várias. Ensalmos. Ditados tópicos. Provérbios. Ditos e frases populares. Imprecações. Jogos e rimas infantis.

- 1265 BRAGA, Alberto Vieira — *Curiosidades de Guimarães — Maninhos*. RG, XLII, Guimarães, 1932, pp. 169-190; XLIV, 1934, pp. 39-50, 104-120 e 226-245; e XLV, 1935, pp. 33-47 e 124-138.

Transcrição de documentos referentes a terrenos maninhos, leis de aforamento de baldios, requerimentos em defesa dos direitos comuns, etc.

Formas de colectivismo rural. Regalias e usos de posse. Legislação paroquial e de igreja.

A velha tradição do fogo morto.

- 1266 GOMES, Matos — *Vestígios comunitários de propriedade rural*. MCP, XIII, 155, Lisboa, 1959, pp. 10-15.

Referências e considerações genéricas sobre baldios, moinhos, eiras, lagares de azeite, fornos de cozer pão, pastagens e águas comunais.

- 1267 LIMA, Augusto César Pires de — *As propriedades em comum (Lindoso)*. Po, VII, Porto, 1934, pp. 46-52 e 212-218.

Transcrição das «posturas municipais da Ponte da Barca» (1850), «Disposições especiais para a freguesia do Lindoso», em que se definem as obrigações dos vizinhos na participação de trabalhos comunitários e outros.

- 1268 LIMA, Augusto César Pires de — *O comunitarismo e o direito de propriedade nas tradições populares*. MCP, I, 2, Lisboa, 1946, p. 3.

Vestígios de comunitarismo em Portugal. Breve menção. Sinais indicativos de propriedade e de proibição da sua violação.

- 1269 LIMA, Augusto César Pires de — *Estudos etnográficos, filológicos e históricos*. 4, Porto, 1949, 462 pp., 20 figs.

Relações etnográficas entre Lisboa e Porto — comparação de costumes comuns às duas cidades (Janeiras, Maias, Entrudo, Carpideiras, danças processionais); indicação de revistas e de alguns estudiosos que se têm ocupado do estudo desta ciência.

As lendas — O Santo Preto — Processo popular de canonização.

As marcas dos poveiros — notas sobre 35 siglas poveiras.

O adultério na literatura popular — 4 histórias que relatam casos de adultério, de feição satírica.

Maridos cucos — Subsídios para o estudo do adultério nas tradições populares.

O comunitarismo e o direito de propriedade nas tradições populares — sinais que interditam a entrada de pessoas e de animais nas propriedades em que se colocam.

As propriedades em comum — Lindoso — Transcrição das Posturas Municipais da Ponte da Barca, respeitantes ao Lindoso, em que são tomadas disposições de carácter comunitário, sobre sementeiras e ceifas, arranjo de caminhos, águas de rega, vezeiras, etc.

Literatura popular e literatura erudita — Considerações acerca do tema (can-

ções paralelísticas, cantigas populares glosadas, ex-votos, carpideiras, agouros, fogo de Santelmo, romances tradicionais); análise comparativa; reciprocidade de influências.

Curiosidades tradicionais — Pequenas notas sobre redes de pesca, pesca do bacalhau, festas de alguns santos, alcunhas, superstições várias, vocabulário.

Cancioneiro de Cinfães — Considerações e comentários acerca do Cancioneiro de Cinfães, de Virgílio Pereira.

Romances tradicionais — Versão comentada dum romance.

Cancioneiro popular de Cabeceiras de Basto — canções históricas, religiosas, tópicas, amorosas, cantigas de desafio; fórmulas populares.

Tradições populares de Montalegre — Romances, canções e orações populares.

Cancioneiro popular de Vila Real.

O vinho do Douro — Quadras populares alusivas, comentadas.

O Natal em Santo Tirso — Notas sobre o Natal.

A linguagem de Camilo — Vocábulos e frases de feição popular usadas por este escritor.

Notas vocabulares.

A linguagem e o folclore de Entre Douro e Minho — Comentários e algumas notas extraídas de cadernos de Gonçalo Sampaio, respeitantes à música e dança populares desta região. Notas sobre fonética e morfologia da linguagem minhota. Quadras populares.

O «Auto da Natural Invenção» feito por António Ribeyro Chiado — Comentários a esta obra.

Notícias bibliográficas sobre Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Joaquim de Vasconcelos, Pedro Vitorino e Cláudio Basto.

O valor dos brinquedos — Considerações acerca da importância dos brinquedos como elemento de estudo da cultura popular.

- 1270 LOBO, Abade José Luciano — *Sever do Vouga e seus costumes*. ADA, II, Aveiro, 1936, pp. 131-135.

Breves referências a alguns aspectos de comunitarismo agrário da região.

- 1271 LOPES, Edmundo Correia — *Estudos de Etnografia Geresiana*. Po, 2.^a Série, IV, Porto, 1949, pp. 193-199.

Referências a trabalhos sobre formas de vida comunitária da serra do Gerês, especialmente aos de Tude de Sousa.

- 1272 PEIXOTO, Rocha — *Survivances du regime communautaire en Portugal*. AAPP, 3, 1908, pp. 205-221.

Menção de vários costumes comunitários.

- 1273 PEIXOTO, Rocha — *Formas de vida comunalista em Portugal*. NPENRJ, 1, Lisboa, 1909, pp. 73-83.

Sobrevivências de formas de vida comunitária: exploração comunal das terras, pastoreio, touro do povo, moinhos e fornos do povo, etc. Juntas, Juizes e normas que regem essas organizações comunitárias.

- 1274 RIBEIRO, Orlando — *Villages et communautés rurales au Portugal*. BRFLUC, XVI, Coimbra, 1940, pp. 411-425.

Análise da organização e costumes comunitários das aldeias serranas do norte (Barroso, Marão, Serra minhota, Gerês e Trás-os-Montes).

Crítica das explicações de Poincard e Descamps.

Teoria explicativa do comunitarismo rural por factos de habitat, concentração e exploração do solo. Sistema de cultivo de cereais em regime de pousio biennial, com folhas agrupadas — que coincidem com aquela organização.

- 1275 SILVA, A. Marques — *Tipos e costumes da gente de S. Jorge — Madeira*. MCP, IX, 98, Lisboa, 1954, p. 14.

Breve descrição da vida rural agrícola em S. Jorge (Madeira). Menção de trabalhos colectivos.

- 1276 SOUZA, Tude de — *Costumes e tradições agrícolas do Minho — Regimen pastoril dos povos da serra do Gerez*. P, 2, Porto, 1908, pp. 459-472 e 646-652.

Considerações gerais sobre o comunitarismo pastoril do Gerês. Transcrição do Regulamento da Vezeira das Vacas, de Vilar da Veiga, de Rio Caldo, e da escritura de contrato e união dos moradores de Covide. Estes documentos definem as atribuições que cabem aos juizes e mordomos eleitos, bem como o regime pastoril da serra. O segundo capítulo, além de algumas notícias históricas sobre o Gerês, contém a descrição de uma montaria; de algumas formas de contratos, de lagares de azeite comunitários, de distribuição de águas de rega, de vessadas e arrancadas de linho, e ainda de uma *rezada*.

- 1277 SOUZA, Tude M. de — *O Comunalismo na Serra*. ATP, 4, Lisboa, 1918, pp. 98-100.

Transcrição das notas do P.^o Sebastião Pires de Freitas, acerca da organização social dos povos da Serra do Gerês, especialmente da assembleia dos vizinhos de Covide, seu funcionamento, seus poderes e seu carácter.

- 1278 VELOSO, Francisco José — *Baldios, maninhos e exploração silvo-pastoril em comum (Estudo económico, histórico e jurídico)*. Braga, 1953, 32 pp.

Com base em estudos de Jorge Dias e Alberto Sampaio, analisa certas instituições comunitárias, relevando os aspectos jurídicos, económicos e históricos.

Ver Ref.^{as}: 111, 142, 144, 145, 146, 147, 223, 224, 442, 559.

2. COMPADRIO

- 1279 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *Aspectos do compadrio em Portugal*. ACIELB (III), 1, Lisboa, 1957-59, pp. 154-169.

Estudo do compadrio em Portugal. Influência de alguns traços da cultura portuguesa que intervêm na sua elaboração: «arcaísmo das suas formas específicas tendo por base valores afectivos fundamentais»; patriarcalismo que se manifesta na ampliação do conceito extenso de família, com as suas implicações afectivas e sentimentais ao afilhado, que fica incluído na unidade da casa. Análise das várias formas como ele se apresenta: 1) Compadrio normal, resultante do baptizado (forma mais importante e de maior alcance social); 2) compadrio especial, resultante de certas práticas ou diversões integradas no complexo cerimonial de determinadas celebrações cíclicas: os «Compadres» e as «Comadres» do Carnaval e do S. João (comparação com casos brasileiros e italianos); e 3) Compadrio artificial, como meio de criar laços afectivos entre pessoas que se encontram em situações materiais e sentimentais particulares: ex. madrinhas de guerra, etc. A escolha dos padrinhos; deveres destes e dos afilhados. Relações que apresenta com a Páscoa e certas práticas mágicas

Ver Ref.^{as}: 207, 229, 1332, 1586.

3. CORPORAÇÕES E CONFRARIAS

- 1280 BASTO, A. de Magalhães — *Notas para a história do ofício de ferreiro, no Porto (Documentos e memórias para a história do Porto — XXVI)*. Porto, 1955, 54 pp., 133 figs.

Organização das corporações dos ferreiros e representação destas nas festas do Corpo de Deus — rei, imperador e bandeiras, com a dança das espadas, mencionada já no Regimento de 1621 —; diplomas respeitantes às confrarias.

- 1281 BRAGA, Alberto Vieira — *Curiosidades de Guimarães*. RG, LXX, Guimarães, 1960, pp. 231-280 e 383-436.

Com base em documentos antigos, fala das paróquias eclesiásticas e civis ou tradicionais; confrarias do subsino, juizes e homens de falas; comunitarismo agrário; autarquias rurais; movimento judicial e administrativo das confrarias; etc.

- 1282 CARVALHO, A. L. de — *Os «Doze Misteres» em Guimarães*. RAr, I, Lisboa, 1932-1934, pp. 285-288.

A representação popular no senado vimaranense, no século XVI.

- 1283 CARVALHO, A. L. de — *Os mesteres na antiguidade de Guimarães*. RG, XLVII, Guimarães, 1937, p. 266; XLVIII, 1938, pp. 64-81.

As eleições para o governo da corporação dos sapateiros e artes correlativas.

O exame dos mestres, aprendizes e oficiais. Salários.
Regimento dos mestres tamanqueiros, formeiros e tachadores de socos, anexos à mesma bandeira.
A bandeira do ofício e a cruz da irmandade.
O Albergue de S. Cipriano fundado pela Confraria dos sapateiros. A ceia de Natal dos pobres.

1284 CARVALHO, A. L. de — *Os Mesteres de Guimarães*, I, 1939, 227 pp.

O Autor fez uma pesquisa a documentos históricos locais e, com base neles, fala dos Doze Mesteres e da sua representação na governança local; de antagonismos com a nobreza; de recursos para tribunais e para as Cortes. Transcreve leis de protecção à propriedade e aos trabalhadores. Refere-se a profissões honestas consideradas vis e repudiadas pelas corporações (ex. carneiros, porteiros, peixeiros, almocreves, etc.). Transcrição e comentários ao Regimento de taxas e salários (Guimarães, 1522). Autarquias municipais; punição a falsificadores de pesos e medidas. Ourives — Estatutos de ourives de ouro e prata. Contrastes municipais. Marcas registadas nos livros da Câmara. Cartas de exame. Ourives feirantes. Cartas de privilégio. Cutileiros — Lendas da história da liga do aço com o ferro. Tabelas de preços. Juizes do ofício e cartas de exame. Sumário dos Estatutos (1778). Centros de fabrico. Regimento de preços para garfeiros e fiveteiros. Descrição da alimentação dada aos obreiros pelo mestre. Ferreiros — Posturas e forais. Esboço de um inventário de artistas, a partir do século XIV. Regimento dos ferreiros e serralheiros (1522 e 1719). Preçários.

1285 CARVALHO, A. L. de — *Os Mesteres de Guimarães*, III, Lisboa, 1942, 199 pp.

Este volume é dedicado ao estudo dos curtidores e surradores, e sapateiros e tamanqueiros.

Análise da feição primitiva dos grêmios e sua posição nas leis e nos costumes. Notícias históricas acerca de escravos dados aos ofícios; etc. Curtidores e surradores — Preçários de matéria-prima e mão-de-obra. Aplicação da courama e pelaria; tabelamento aos preços das solas. Os pelames da Irmandade de S. Crispim. Juizes de ofício. Cartas de exame. Correições fiscais. Descrição do processo tradicional da preparação dos couros. Notícias sobre a introdução das primeiras instalações industriais em Guimarães. Provisões régias. Regimento dos Surradores (1794).

Sapateiros e tamanqueiros — Menção de confrarias de sapateiros. Fundação do Albergue de S. Crispim por sapateiros (século XIV). Transcrição de uma ementa natalícia (1776) servida em S. Crispim. Eleições e exames dos mestres; obrigações de aprendizes e oficiais. Tabelas do calçado (preçário de 1522 e 1719). Transcrição do Estatuto corporativo dos tamanqueiros. Menções do uso da chinela, pelo homem e pela mulher.

Indicação da ferramenta e aprestos do ofício (tamanqueiro).

A representação dos sapateiros e surradores na Procissão do Corpus Christi (obrigação de apresentarem a Serpe).

Considerações e notas históricas sobre o uso do calçado e o hábito de andar descalço.

1286 CARVALHO, A. L. de — *Os Mesteres de Guimarães*. IV, Lisboa, 1943, 199 pp.

Continuando na pesquisa de elementos históricos relativos ao tema, fala-nos neste volume de emprazamentos, de casas com «tabuleiro», peitoril saliente para a rua, no rés-do-chão, em que os artífices expunham a sua obra; do condicionalismo de liberdade para se mudar de ofício ou mestre; de leis do século XIV e XVI; da acção dos homens dos mesteres na administração pública; dos Doze dos Mesteres — regras de eleição, exercício e pagamento aos seus membros; etc. Extractos do regimento de preços e salários. Menção de fornos de cozer pão públicos (o foral da terra, 1517, menciona pão alvo e é omissos quanto a pão escuro).

Oleiros — Localização das oficinas; origem e qualidade dos barros. Notícias históricas sobre feiras e mercados de louça. Regimento dos preços e taxas foraleiras (1522 e 1719); fornos de telha. Descrição de uma oficina de olaria. Decadência da indústria. Corporativismo medieval.

Penteeiros — Juizes de ofício. Regulamento sobre a aprendizagem. Descrição do fabrico de pentes (em chifre). Tabela de preços de pentes, de 1719. Transição para o fabrico mecânico.

Armeiros — Menção de vários artífices de nomeada. Cartas de privilégio. Fabrico e uso de espadas, etc.

Sombreireiros — Notícias históricas. Regimento de preços (1719).

Correeiros — Preçário de correeiros, cilheiros, ataqueiros, albardeiros, seleiros e pergaminhos.

Carpinteiros, ensambladores e violeiros — Estatutos da Irmandade (1824). Regimento de salários e preços. Cartas de exame (carpinteiros). Regimento do ofício de violeiro (1719) — lista dos instrumentos de corda fabricados então e respectivo preço: violas de vários tipos, machinhos e cavaquinhos, etc.

1287 Carvalho, A. L. de — *Os Mesteres de Guimarães*. V, 1944, 198 pp.

Extractos históricos, comentados, acerca de escalões da sociedade antiga; exaltação do trabalho; escravatura; críticas à acção das corporações dos ofícios. Corporativismo medieval e economia dirigida; pautas estatutárias que estabeleciam a defesa do aprendiz; obrigação que os mesteres de ofícios tinham de participar activamente na procissão de Corpus Christi, com danças e folias — enumeração das danças, seus personagens principais e instrumentos musicais usados. Arte e comércio do cerieiro — a cera ao serviço do culto; um andor de cera; a procissão da «Candeia do Espírito Santo». Pintores e douradores — a irmandade de S. Lucas, escultores, entalhadores, ensambladores. Sineiros, caldeireiros, organeiros e relojoeiros — artífices ambulantes — legislações punitivas. Sirgueiros — estatutos, registo de carta de exame, provas práticas. O fabrico do papel nas margens do rio Vizela. Alfaiates — Irmandade, estatutos, juizes do ofício, carta de exame; preçário de 1522 para governo dos alfaiates de Guimarães — vestuário, panos nacionais e estrangeiros; medidas legislativas tendentes a combater o luxo. Quadras satíricas aos alfaiates. Barbeiros — cumulação do ofício de sangrador. Carta de exame de barbeiro do século XVII; antigas taxas da barba e do cabelo; juizes do ofício; tabuletas. Apelidos e alcunhas.

- 1288 CHAVES, Luís — *Os trabalhadores e a sua organização através da história portuguesa*. BRCC, XLII, Lisboa, 1936.
Ensaio sobre a organização, associações, corporações, etc., dos trabalhadores.
- 1289 CORREIA, Vergílio — *Livro dos Regimêtos dos mecanicos da mui nobre e sêpre leal cidade de Lixboa (1572)*. Coimbra, 1926, 255 pp.
Transcrições dos Regimentos dos Ourives (integral), Latoeiros, Caldeireiros, Ferreiros, Serralheiros, Armeiros, Barbeiros, Freeiros, Ferradores, Anzoleiros, Besteiros, Coronheiros, Ataqueiros e Poteiros, Cutileiros, Banheiros, Sapateiros, Curtidores, Çurradores, Correeiros, Seleiros, Peliteiros, Luveiros, Odreiros, Luveiros, Pintores, Pedreiros e Carpinteiros, Marceneiros, Torneiros, Tanoeiros, Violeiros, Oleiros, Esteireiros, Cordoeiros, Sirgueiros, Tapeceiros, Tecelões, Sombreireiros, Tintureiros, Tosadores e Vedores de panos, Albardeiros, Atafoneiros, Lagareiros de azeite, Taverneiros, Estalajadeiros, Barqueiros, Caleiros, Confeiteiros, etc.
- 1290 CRUZ, António — *Os mesteres do Porto no séc. XV*. BCCMP, III, Porto, 1940, pp. 111-139.
Taxas de ofícios mecânicos e aspectos da sua actividade.
- 1291 CRUZ, António — *A antiga organização dos Mesteres no Porto*. CMP, XVIII, Lisboa, 1940, pp. 835-848.
Estudo acerca da organização dos Mesteres no Porto. Primeira organização oficial dos Mesteres do Porto; a Casa dos Vinte e Quatro, criada nesta cidade por D. Manuel I em Janeiro de 1518. História desta instituição.
- 1292 FARIA, João Lopes — *Estatutos da Irmandade de N.^a S.^a da Oliveira instituída pelo Ofício d'Alfaiate*. RG, XXXI, Guimarães, 1921, pp. 49-61.
Transcrição dos Estatutos desta Irmandade e dos capítulos pertencentes ao ofício de alfaiates.
- 1293 FARIA, João Lopes de — *Velharias Vimaranenses*. RG, XLIV, Guimarães, 1934, pp. 132-140 e 189-194; XLV, 1935, pp. 19-24.
Extractos de alguns livros dos arquivos da Irmandade do Cabido sobre a Confraria e Irmandade de Nossa Senhora da Oliveira, sua festa e procissão, nos séculos XVII e XVIII.
- 1294 FERREIRA, J. A. Pinto — *Os Mesteirais na administração pública em Portugal*. BCCMP, XIV, pp. 218-237 e 409-489.
A classe dos alfaiates. Compromissos e estatutos da confraria.

- 1295 LANDEIRO, José Manuel — *As corporações através dos tempos*. MCP, VI, 67 a XIV, 167, Lisboa, 1952 a 1960.
- Origem, organização e evolução das corporações em Portugal.
 Procissões do Corpus Christi, S. Jorge e Espírito Santo, em Lisboa, Évora, Penamacor, Castelo Branco, Pinhel, Setúbal, Porto, Vimioso, Miranda do Douro, Braga, Fundão, Vila Real, Benavente, Coimbra, Viseu, Santiago de Cacém, Alter do Chão, Mação, Penafiel, etc.
 Regimento dos Mesteres; juizes dos officios; aprendizagem e exames. Profissões e seus oragos. Confrarias de pescadores. Participação dos Mesteres em festas e cerimónias.
 Danças e outras representações: pauliteiros de Miranda, danças de Arcozelo da Serra, de espadas (Penafiel), das Donzelas, Tesouras e Genebres (Lousa), das Arraianas (Teixoso), etc.
- 1296 LANGHANS, Franz-Paul — *As antigas corporações dos officios mecânicos e a Câmara de Lisboa — A polícia dos officios mecânicos*. RML, II, Lisboa, 1941, pp. 7-13 e 15-37.
- Principais officios que o Senado provia nos homens da Casa dos Vinte e Quatro. Sua origem provável, natureza e formalidades.
 Intervenção da Câmara no governo dos officios mecânicos.
- 1297 MATTOS, Armando de — *Heráldica de Corporação — O selo da corporação dos Sapateiros do Porto*. OT (5.^a Série), III, Porto, 1947, pp. 11-12.
- Descrição do selo de relevo aposto em papel recortado que autenticava as cartas de officio.
- 1298 MEIRA, João — *Estatutos dos sirgueiros de Guimarães*. RG, XXIII, Porto, 1906, pp. 143-153.
- Transcrição dos estatutos dos sirgueiros, aprovados em 1733.
- 1299 MEIRA, João — *Estatutos dos cutileiros e carpinteiros de Guimarães*. RG, XXIV, Porto, 1907, pp. 22-35.
- Transcrição destes dois estatutos que a Irmandade dos referidos officios organizou e a Câmara confirmou em 1778 e 1824.
- 1300 REIS, André dos — *Costumes de Aveiro — As entregas*. ADA, VI, Aveiro, 1940, pp. 155-159.
- Descrição das «Entregas» dos «ramos» aos novos mordomos das confrarias, em Aveiro.
- 1301 RIBEIRO, Emanuel — *Como os nossos avós aprenderam uma profissão* (Estudos Nacionais), Gaia, 1930, 37 pp., 11 figs.
- Refere-se ao ensino profissional de certos officios, exercido nas oficinas caseiras, sob a vigilância dos juizes dos respectivos officios, eleitos todos os anos, e

transcreve alguns programas de exame, estabelecidos pelos regimentos das corporações.

Fornece uma relação das profissões e seus oragos, das cidades de Lisboa e Porto.

- 1302 SIMÕES JÚNIOR, Manuel Rodrigues — *A encomendação das almas em Arouca*. ADA, XIX, Aveiro, 1953, pp. 305-321.

Transcrição dos Estatutos da Irmandade das Almas, datados e aprovados em 1737.

- 1303 SOUSA, M. Nascimento — *A curiosa história da deposição de um santo. S. Dunstam primeiro padroeiro dos ferreiros e serralheiros do Porto e substituído por S. Baldomero*. DL, Sexta Série, III-IV, Porto, 1954, pp. 31-32.

A confraria de Nossa Senhora da Silva, da rua dos Caldeireiros. Os Santos ferreiros: a escolha de S. Dustano cuja festa seria dia santo para os ferreiros (1713). Descobre-se que o santo trocara a sua profissão pela de ourives. O padroeiro é mudado para S. Baldomero (1715). A imagem de S. Baldomero junto à de Nossa Senhora da Silva.

- 1304 VILHENA, João Jardim de — *Um exame de alfaiate*. FL, II, Lisboa, 1930, pp. 38-40.

Transcrição da passagem de uma carta de 1820, que confirma o exame feito por um alfaiate de Turquel. Tabela de preços do «Regimento dos Alfaiates».

Ver Ref.^a: 200

4. VINDICTA POPULAR

- 1305 ALMEIDA, A. Pinto — *Pandeiradas*. PVIM, Porto, 1945, pp. 175-178.

«O Autor descreve algumas «pandeiradas» realizadas na província do Douro Litoral. As «pandeiradas», «latadas», «festa dos cornos», etc. são manifestações ruidosas celebradas pelo povo, quando se realizam casamentos de viúvos, ou de velhos. O Autor faz referência a costumes semelhantes como as «pulhas» conhecidas noutras regiões do país». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 1306 ALMEIDA, A. Pinto — *Pandeiradas*. DL, Segunda Série, III, Porto, 1945, pp. 45-47.

Troças às viúvas que querem casar. Comparação com o jogo da «Triste viuvinha».

- 1307 AZEVEDO, Pedro de — *Costumes e festas populares dos séc. XV e XVI (documentos)*. RL, xv, Lisboa, 1912, pp. 112—144.
- Transcrição de extractos de documentos que se referem a assuadas e troças; a festas do Natal e do Entrudo; a festas religiosas e romagens; e a danças, descantes, touradas, corridas de galos e patos, e jogos (de canas, choca, péla, arremesso da pedra, etc.).
- 1308 BASTO, Cláudio — *Silva Etnográfica*. RL, xxv, Lisboa, 1923-25, pp. 148-179.
- Descrição de assuadas a casamentos de viúvos, e de outras formas de vindicta popular; menção de casos semelhantes em Espanha, França e Suíça. A importância do corno, como instrumento ruidoso fundamental nestas manifestações. Nomes de barcos — religiosos, relacionados com a vida marítima, patrióticos, de pessoas e povoações, nomes pitorescos, etc.
- Descrição do jogo das «escondidalhas» (Maia).
- Versos de Boas-festas.
- O lenço — Significado amoroso dos lenços bordados; descrição dos diferentes modos de usar o lenço da cabeça e do peito.
- Alimentação — bacalhau, cozido à portuguesa, carne de porco, caldo, etc.
- 1309 CORREIA, João da Silva — *Migalhas etnográficas*. RL, xix, Lisboa, 1916, pp. 217-226; xx, 1917, pp. 206-238.
- Costumes populares: As surras da azeitona (assuadas e troças feitas pelo pessoal que anda na safra às pessoas que passam junto do olival).
- A corridela do Entrudo* (vindicta popular).
- Contagem do tempo* (designação popular de certas épocas do ano).
- Frases e comparações populares. Adivinhas. Jogo infantil. Superstições várias.
- Cancioneiro de Espariz (Coimbra) 480 quadras colhidas da tradição oral.
- Calendário popular (Santos de Junho). Vozes dos sinos — tradução em frases feita pelo povo. Fórmulas rimadas, frases e comparações populares. Assuadas a viúvos que voltam a casar. «Caqueiradas» pelo Carnaval.
- 1310 FELGUEIRAS, Guilherme — *O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas*. EBJP, 14, Lisboa, 1947, pp. 127-139.
- Notas sobre pulhas, apodos tópicos, costumes dos casamentos, etc. Quadras populares aos santos, modas das «mondinhas do arroz», quadras religiosas, rifoneiro, parlendas, etc.
- 1311 FELGUEIRAS, Guilherme — *Da nossa gente — Dos seus costumes — Das suas tradições (Respigos etnográficos)*. MCP, III, 34, Lisboa, 1949. pp. 3-5; 35, pp. 12-14.
- Descrição de algumas práticas tradicionais relacionadas com o dia 3 de Abril, Domingo de Ramos, Compasso, «Loas» da Quaresma, e assuadas a quem não cumpre nesta quadra os preceitos da igreja.
- Maias e o Maio Moço, virtudes da giesta neste dia; Quinta-feira da espiga (Ascensão).

- 1312 LARCHER, Jorge — *Ligeiras notas de etnografia (Águas Santas — Maia)*. FL, VIII, Lisboa, 1937, pp. 141-144.

Transcrição dum diálogo entre o amo e o criado; significação dos vocábulos empregados.

Vindicta popular — latadas feitas à porta dos viúvos que contraem segundas núpcias.

Descrição duma prática supersticiosa, para preservar os filhos do mau olhado, enquanto recém-nascidos.

- 1313 LEÃO, Armando — *Folclore da Póvoa de Lanhoso*. DL, Segunda Série, VII, Porto, 1947, pp. 29-31.

Ronda — forma de vindicta popular que consiste na assuada a certos casamentos tardios, de viúvos, etc.

Previsão do tempo — Prognóstico tirado à meia-noite do dia de Natal, conforme o lado de que sopra o vento.

Relato de duas histórias.

- 1314 LIMA, Augusto César Pires de — *Tradições Populares de Santo Tirso*. RL, XVIII, Lisboa, 1915, pp. 183-204; XIX, 1916, pp. 233-257; XX, 1917, pp. 5-39; XXI, 1918, pp. 64-88 e 223-245; e XXII, 1919, pp. 35-90.

Ensalmos. Medicina popular e cautelas supersticiosas. Amuletos. Agouros. Bruxas, feitiçarias e mouras encantadas. Superstições várias. Provérbios e ditos populares (cerca de 500). Romanceiro (22 romances com algumas variantes). Cancioneiro (cerca de 1.150 quadras). Orações (17). Alcinhas. Rimas infantis. Fábulas. Costumes: Breves notas sobre alguns trabalhos colectivos gratuitos e recíprocos — esfolhadas, vessadas, arrancadas de linho; ramo de obra e molhadura; casamento — oferta por parte dos noivos aos convidados de pão branco; morte — ofertórios e banquetes fúnebres; encomendação das almas; versos das Janeiras; jogos do Carnaval — disputa de roscas e de galos; Páscoa — compasso pascal; S. João e S. Pedro — roubo ritual de carros e outras alfaias; vindicta popular — assuadas a casamentos de viúvos; Natal — fogueira e roubo do madeiro; «botar a vara» — contra a prática de abortos; soldadas que ganham os criados de lavoura; procissões para pedir chuva; promessas de amortalhados; etc.

- 1315 LIMA, Augusto César Pires de — *Estudos Etnográficos, Filológicos e Históricos*. 2, 327 pp., 26 figs.

Estudo sobre Frei Pedro Gonçalves e da sua relação com o fogo de Santelmo — Notícias históricas acerca do Corpo Santo, de milagres e da devoção dos mareantes e pescadores por este patrono. Confrarias e capelas em que é venerado. Considerações acerca do romance *A Nau Catrineta* — defesa da origem portuguesa deste romance.

Confronto de duas versões parafraçadas dos cinco sentidos, portuguesa e galega. Versões e variantes do sinal da cruz em algumas das quais se satiriza o general Junot.

Jogos e brinquedos — Foca a importância dos jogos e brinquedos no estudo da cultura tradicional. Descrição do jogo da choca, e indicação de alguns países em que se pratica.

A escola — Notas sobre alguns costumes escolares; castigos e perdões; máximas do código infantil; gíria, etc.

Estudo sobre os sobreiros — Utilização da madeira, bolota e cortiça. Vocabulário. Topónimos ligados ao sobreiro. Ditos e adágios, adivinhas, contos e lendas alusivas ao sobreiro.

Costumes — Cortiçadas (troças a casamentos de velhos, viúvos, etc.). Serração da Velha.

Medicina popular (prática de magia simpática pela passagem de herniados pela fenda da árvore).

Confronto de quadras galegas e portuguesas.

A literatura popular e a literatura erudita. Considerações acerca da interdependência entre estes dois ramos.

Glossário.

- 1316 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *Formas fundamentais da vindicta popular em Portugal*. OCP, 10-3-1959; 22-12-1959; 8-3-1960 e 26-4-1960.

Estudo e descrição dos diversos aspectos e formas de vindicta popular, com exemplos referidos a todo o país. Definição das suas principais categorias: «assuadas», «pulhas», «testamentos» e formas avulsas (entre as quais avultam os casamentos carnavalescos).

Comparação com costumes semelhantes de outros países.

Análise das diferenças entre *assuadas* e *pulhas*: no primeiro caso o protesto é total e o chiste agressivo, dirigido contra actos definidos, e na própria altura; no segundo, a sátira é humorística, tem por objecto caracteres gerais de pessoas e integra-se geralmente em determinadas festas cíclicas.

Menção de algumas hipóteses (mítico-religiosas) quanto à origem destas manifestações. Para o Autor, elas são antes como «uma espécie de penalidade colectiva aos contraventores de costumes locais, onde se conjugam forças obscuras de conservação e de defesa de instituições basilares e de integração cultural, com o sentido satírico e parodial do povo, e ainda com um padrão de interferência que é típico dos grupos restritos e das sociedades de estrutura tradicional». E a propósito dos casamentos carnavalescos fala de «reminiscências de velhas organizações sociais da juventude, de tributos e ritos de iniciação, noções de parentesco cerimonial temporário, com obrigações específicas dele decorrentes, etc., que teriam subsequentemente assimilado a costumeira mais geral dos casamentos carnavalescos».

- 1317 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Silva Mirandesa*. RL, VII, Lisboa, 1902, pp. 282-302.

Mirandês arcaico — ver palavras «Mouras», «Vezeira». Notícias históricas — acerca dos escritores Simão Preto e Manoel de Matos Botelho. Observações fonéticas. Cantigas populares. Sonetos à cidade de Miranda. Conto popular (Las tres maçanicas d'ouro). Costumes e ditados — Versos satíricos, às

peças, no Entrudo; chocalhada (ao casamento de viúvos); laços; a gaita galega; ditados. Diálogo mirandês. Marcolfa — nome feminino, de origem germânica proveniente da literatura de cordel.

Ver Ref.^{as}: 271, 1397, 1412, 1423, 1426.

5. DIREITO POPULAR

- 1318 BOUZA-BREY, Luis — *Supervivencia do dereito consuetudinario xermanico no costumario Luso-Galaico*. ACEELV, III, Porto, 1960, pp. 187-194.

Menção de algumas práticas e costumeiras do povo de aquém e além Minho, que revelam influência suévia.

Descrição da prática do ramo, da manada de terra, e da palmada, como fórmulas contratuais.

- 1319 BOUZA-BREY, Luis — *Panorama conxetural do estado do dereito privado no Reino Suevico da Gallecia*. BA, XI-XII, Braga, 1960-61, pp. 96-112.

Esboço do panorama do direito privado na Galiza suévia: organização de pequenas comunidades; estatuto familiar e monogamia do galego; regime patrimonial comunitário; economia autárca; estado social e político Romanização, praxe e concorrência no direito familiar e patrimonial.

Instituições consuetudinárias: a *Petruciada*, que se caracteriza por ser um agrupamento de pessoas vinculadas por laços de sanguinidade, ou afinidades, vivendo debaixo dum tecto comum, trabalhando e desfrutando um património rural colectivo, dirigidos por um dos seus membros mais categorizados — o Patrúcio — cuja função directiva é vitalícia. Vê nesta instituição uma sobrevivência do estatuto jurídico familiar dos reguicolas da Galécia suévia. Refere-se ao direito provincial romano e à sua fraca aplicação na Galécia. Descreve alguns costumes suéviicos ainda vigentes na Galiza: a *gavea* (rego aberto a estremar as propriedades), *serventia do arado e boi* (direito de passagem sobre propriedades para serventia daquelas que não tem acesso por caminhos) que relaciona com a tutela possessória germânica da propriedade. Refere-se ainda às pirâmides ou cruces que encimam os espigueiros e que aparecem também por vezes em algumas casas, correspondentes a outro sistema protector de propriedade doméstica, próprio igualmente do direito consuetudinário germano-suévio que vedava a entrada a pessoas estranhas à propriedade onde esses símbolos se encontravam.

- 1320 BRAGA, Alberto Vieira — *Curiosidades de Guimarães — Comendas da Ordem de Cristo no Termo de Guimarães*. RG, LXI, Guimarães, 1951, pp. 263-322.

Normas arrendatárias e pagamentos de foros.

- A p. 275-278 insere umas notas extraídas de dotes de casamentos, em que se especificam os objectos com que eram dotados os nubentes, nomeadamente alfaias agrícolas.
- 1321 CARVALHO, A. L. de — *De vara na mão*. Po, XI, Porto, 1938, pp. 107-109 e 181-189.
- A vara como insígnia dum cargo e escudo inerente à sua função de mando. Notícias históricas alusivas.
- 1322 CHAVES, Luís — *Velhas formas de pagamento*. Po, 1, Porto, 1928, pp. 235-238.
- Velhas usanças de gratificação, impostos e pagamentos de serviços ou ofícios, de que ainda subsistem vestígios: Maquia e poia dos moinhos e fornos, mencionadas no foral do Funchal, de D. Manuel. Menções de Morais, Leite de Vasconcelos, Fernando Barreiros e Bluteau. Quadras populares do Barroso, alusivas às maquias. A poia em Estremoz.
- A Patente — casos em que é devida. Citação de Anfitrião, de António José da Silva.
- A «molhadura» dos carpinteiros e pedreiros, na construção das casas. As avinças ou avindas. A pitança.
- 1323 DIAS, Jaime Lopes — *O costume, norma jurídica nas parcerias rurais: agrícolas e pecuárias*. TAE, XVII, 1-4, Porto, 1959, pp. 93-102.
- Descrição de algumas formas de parçarias rurais usadas na Beira Baixa: parçarias agrícolas e parçarias pecuárias.
- 1324 FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e — *Costumes tradicionais da Maia — Dotes, doações e sucessões*. ACEELV, II, Porto, 1959.
- Notícias sobre dotes e doações. Texto de 11 escrituras de doação, nomeação de bens e dotes.
- 1325 FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e — *Costumes tradicionais da Maia*. EEFHRA, Rio de Janeiro, 1960, pp. 367-392.
- Elementos respeitantes a dotes, doações e sucessões.
- 1326 MADAHIL, A. G. da Rocha — *Relíquias da administração da justiça em Couto Esteves*. ADA, I, Aveiro, 1935, pp. 61-65.
- Notas históricas sobre alguns instrumentos de tortura: freio da língua de ferro que se impunha às mulheres injuriosas; pelourinho, etc.
- 1327 M., A. de — *Hoje como há séculos*. DL, Segunda Série, VII, Porto, 1947, pp. 36-37, 2 figs.
- Notícias de trancas de ferro, que vedavam caminhos em nome de honras senhoriais.

- 1328 MARÇAL, Horácio — *Achegas etnográficas e folclóricas recolhidas na região da antiga terra da Maia*. DL, Quinta Série, III-IV, Porto, 1953, pp. 36-45.

Relato de algumas superstições e credices. Expressões de uso corrente. Descrição do modo de transaccionar um pinheiro, e das obrigações dos caseiros para com os senhorios.

- 1329 MEREIA, Paulo — *Camera Cerrada*. RL, XXXV, Lisboa, 1937, pp. 304-309.

Indicação das interpretações dessa expressão, usada nas ordenações, como cláusula matrimonial: discussão da hipótese que equipara a «câmara cerrada» ao «morguengabe». «Câmara cerrada»: conjunto de bens imóveis, existentes dentro de certa casa. Promessa de c. c.: promessa matrimonial de ornar dignamente o quarto ou casa de uma senhora de condição. Referências, textos, comparações com outros países.

- 1330 POMBINHO JÚNIOR, J. A. — *Usos e costumes — Correr o Sino*. AT, I, Elvas, 1933, p. 62.

Breve nota sobre o toque do sino que regula o recolhimento das moças e o fechar das «vendas».

- 1331 POMBINHO JÚNIOR, J. A. — *Usos e costumes — Contribuição dos pardais*. AT, I, Elvas, 1933, pp. 160-162.

Transcrição de dois manuscritos do Arquivo da Vila de Portel, referentes a «posturas do Almoxarifado» (1726) que obrigavam os moradores a entregarem 6 cabeças de pardais.

- 1332 RIBEIRO, Luís da Silva — *Etnografia jurídica da Ilha Terceira (Açores)*. RL, XXX, Lisboa, 1932, pp. 258-298.

Usanças costumeiras nos actos jurídicos, na ilha Terceira; Contratos, vendas, arrendamentos, ordenados, votos e súplicas. A posse: transmissão de posse de imobiliários; exemplos: tomada de terra nas mãos, marcas do gado, etc. Casamento: pedido de casamento; traços de endogamia e de solidariedade vicinal; descrição de várias práticas e costumes ligados ao casamento; importância que o padrinho assume; ementa.

Superstições e práticas preventivas ligadas ao parto e vida infantil.

Maior importância do parentesco materno em relação ao paterno.

Votos e promessas (contratos com a divindade).

A Morte: presságios e ritos pós de morte. Espírito jurídico.

Os baldios e a Justiça da Noite — derrubamento de vedações, como protesto contra a apropriação individual de baldios, por um agrupamento ocasional e transitório, que representa uma forma de reacção do grupo contra factos que atingem as suas conveniências sociais, e até unidade moral.

- 1333 RIBEIRO, Luís da Silva — *Velhas leis e velhos costumes na poesia açoreana*. RAç, 1, Angra do Heroísmo, 1935, pp. 99-112.
- Alusões a costumes e leis medievais nos romances e cantigas populares. Penalidades, mutilações; menções de textos. Lapidações, privação de água. Banimento. A pena do fogo. O poltro. A tosquia da adúltera. Privação de sepultura sagrada.
- As diferenças de classes. Regras legais. Carpideiras de defuntos. O abandono em barcos sem velas nem remos.
- A Conferratio — O juramento. Trâmites processuais.
- Formas de penteado feminino, segundo o estado da mulher. O anel nupcial. A deserdação. Fórmulas esponsais; etc.
- 1334 RIBEIRO, Luís da Silva — *Contratos — Etnografia Açoriana*. Po, xv, Porto, 1942, pp. 188-190.
- Contratos e formas de pagamento regidos por direito consuetudinário em trabalhos agrícolas e certos ofícios, nomeadamente cesteiros, barbeiros, moleiros, etc.
- 1335 RIBEIRO, Luís da Silva — *Etnografia açoriana — Costumes de Posse*. Po, xvi, Porto, 1943, pp. 122-123.
- Menção de três formas de posse respeitantes à tomada de posse dum navio (1703), de capelão numa ermida (1641), e de procurador numa Irmandade do Espírito Santo.
- 1336 RIBEIRO, L. — *O sino de correr*. BIHIT, 7, Angra do Heroísmo, 1949, pp. 318-319.
- O toque do sino para recolher, em épocas antigas. Imposições legais. Referências de A. R. Chiado. A excepção nas noites de ano Bom e Reis. O toque do sino em Angra. Questão da demolição da Câmara, em 1848, e do pedido para se passar a tocar o sino da Sé.
- 1337 VELOSO, Francisco José — *Etnografia e Direito*. ACEELV, II, Porto, 1959, pp. 255-258.
- Importância da etnografia no campo jurídico. Exemplificação de alguns casos em que o conhecimento desta ajudou a um melhor conhecimento psicológico de pessoas em juízo.
- 1338 S/A. — *Os rapazes e o rebusco*. DL, VIII, Porto, 1943, p. 63.
- Breve transcrição da «Geographia de Entre Douro e Minho e Traz os Montes» do Doutor João de Barros, mencionando uma escritura achada no mosteiro de Santa Clara, onde se conclui que, fora de 1 de Agosto ao S. Miguel, os rapazes podiam entrar livremente nas vinhas e hortas (em Entre-os-Rios).
- Ver Ref.^{as}. 3, 65, 102, 142, 144, 145, 146, 147, 230, 238, 255, 256, 282, 288, 301, 358, 556, 559, 1506.

6. CLASSES SOCIAIS

- 1339 S/A. — *Jíria Internacional de gatunos (Res et Verba)*. Po, II, Porto, 1929, pp. 447-448.

Transcrição de uma notícia de jornal, acerca dum congresso geral de malfeteiros internacionais, para centralização de operações, divisão de trabalho e benefícios, e adopção de um código secreto.

7. DIVERSOS

- 1340 ANTUNES, António Pires — *Concurso da Aldeia mais portuguesa — Relatório do Júri Provincial da Beira Baixa — Monsanto da Beira — Formas de Comércio*. RO, VI, Lisboa, 1939, pp. 290-295.

Quadro sinóptico, relacionado com as modernas medidas (capacidade, linear, etc.) e as antigas, ainda em uso.
Breve nota sobre os transportes.

- 1341 AURORA, Conde d' — *Horário de trabalho consuetudinário na Ribeira Lima*. APPC, IV Congresso, Porto, 1944, pp. 95-101.

Indicação de algumas normas de trabalhos rurais, conforme as estações.

- 1342 AURORA, Conde d' — *Uma taboleta curiosa*. DL, Quarta Série, VII-VIII, Porto, 1951, pp. 90-92.

Pequena nota sobre uma tabuleta de taberna chamada a «adega do olho», e em que a última palavra é suprimida pela pintura de um olho.

- 1343 BASTO, Artur de Magalhães — *Moralidade e costumes portuenses no século XVI*. TAE, II, Porto, 1925, pp. 189-237.

Com base em documentos antigos traça o quadro moral e social portuense, no século XVI, em que a cidade nos aparece com um aspecto misto de miséria e luxo, de ruas imundas, com uma classe eclesiástica indisciplinada e relaxada, e uma classe civil corrupta e imoral, exibindo luxos e ostentando grandezas, profundamente dominada por credices e superstições.

- 1344 CABRAL, António Machado de Faria de Pina — *Marcas arquivísticas do século XVI*. APPC, XXIII Congresso, Coimbra, 1956, pp. 37-45.

Estudo de siglas e desenhos variados, feitos nas costas de documentos do século XVI.

- 1345 CANCIO, Francisco — *Velhos tipos lisboetas*. EBJP, 53-54, Lisboa, 1960, pp. 171-179.

Refere-se aos cegos mendicantes e cita Nogueira da Silva que descreve algumas maneiras de viver destes, especialmente como tocadores ambulantes de rabeça, sanfona ou guitarra. Refere-se também ao caldeireiro ambulante, à saloia que vendia queijos e manteiga, e ao andador de almas, que pedia esmolos para as almas.

- 1346 CARVALHO, A. L. de — *Os vendilhões das castanhas* — «*Quentes e boas!*». OT (5.^a Série), VI, Porto, 1948.

Nota sobre os antigos vendilhões de castanha, geralmente moços dados ao granjeio de terras e à pastorícia, vindos da Beira Alta, e que trabalhavam por conta de um capataz.

As castanhas eram transportadas num cesto pendente duma correia passada a tiracolo.

Como traje, usavam camisola de baeta axadrezada, carapuço pontiagudo na cabeça, listado, e tamancos de bico alto, ferrados com tacholas.

- 1347 CASCUDO, Luís da Câmara — *Complexo sociológico do vizinho*. ACEELV, II, Porto, 1959, pp. 189-198.

Estudo das razões que determinam a aproximação ou o afastamento do vizinho. A sociabilidade do cidadão orientada no sentido da sua permanente libertação pessoal. Nas aldeias, vilas e cidades pequenas, a aproximação das residências, criou um código de favores e auxílios.

- 1348 CAVILHA, João Pinheiro — *As «conhecenças» dos pescadores poveiros*. DL, Quarta Série, VII-VIII, Porto, 1951, pp. 23-31.

A classe piscatória há 50 anos. Costumes sociais: usos nos casamentos, socialismo comunitário, igualdade, economia do trabalho. Segregação de classes. Fórmulas de saudação no mar. Nomes locais dos «mares» por eles frequentados.

- 1349 CHAVES, Luís — *As velhas medidas portuguesas* — *Medidas de capacidade*. BACAP, XXIV, Lisboa, 1922, p. 257.

Estudo acerca das velhas medidas de capacidade, portuguesas e insulares, com anexins e quadras populares de permeio.

- 1350 CHAVES, Luís — *As velhas medidas portuguesas*. BACAP, XXIV, Lisboa, 1922, pp. 307-320.

Estudo acerca das velhas medidas de peso portuguesas, que compara com outras do Brasil e Ultramar.

- 1351 C., V. — *Marcações primitivas*. ATP, 2, Lisboa, 1916, p. 52.
- Nótula referente à marcação por entalhes, num «chamiço» de pinho, que vai atado à «cosedura» de serapilheira, dos centos de figos que vão em cestos, da região da Rede à Régua, para o Porto. Cada cento é um entalhe.
- 1352 C., V. — «*Sinais*» *quinhentistas*. ATP, 5, Lisboa, 1924, pp. 8-9.
- Nota acerca dos sinais com que a gente iletrada substituíra a sua assinatura a subscrever ou firmar contratos e actos de várias espécies, particularmente abundantes nos séculos XV e XVI. Além dos de representações religiosas ou supersticiosas tradicionais, e dos elementos gráficos de carácter artístico ou erudito, há os que representam instrumentos ou utensílios característicos das profissões dos signatários; e destes se faz grande exemplificação: arados, cangas, grades, rodas de carro, etc., de lavradores de várias localidades; serras, machados, ferraduras, etc., de serradores, carpinteiros e ferradores; peixe, âncora, gárgula, besta e óculos, de pescador, barqueiro, pedreiro, besteiro e mercador.
- Todos estes sinais são da época compreendida entre 1505 e 1529.
- 1353 DIAS, Jorge — *Reuniões do Conselho*. TAE, xv, 1-2, Porto, 1954, pp. 102-107, 6 figs.
- A gerontocracia em várias sociedades humanas. Os conselhos nas aldeias negras e indonésias.
- Conselhos na Península Ibérica. Vestígios do conselho em Ringsted (Dinamarca), e o conselho da rainha Mudjaje (Transvaal).
- 1354 GRAÇA, A. Santos — *Inscrições tumulares por siglas*. Póvoa de Varzim, 1942, 83 pp.
- Regras usadas para individualizar as siglas poveiras, que representam em muitos casos a árvore genealógica do indivíduo.
- Comunidades marítimas onde estas aparecem também com o mesmo carácter: Buarcos, Aguçadoura, Viana do Castelo, Âncora, e em certos núcleos galegos.
- Considerações acerca das siglas dos monumentos, que supõe haverem servido como sinal representativo do obreiro que as gravou.
- Refere-se às siglas usadas como inscrições tumulares nos cemitérios poveiros, e faz o estudo comparativo entre estas e as inscrições encontradas nas necrópoles pré-históricas (que Ricardo Severo e Estácio da Veiga supõem tratar-se dum alfabeto ibérico) nomeadamente da pedra de Bensafrim. O Autor, contrariando esta tese, interpreta esses sinais como marcas pessoais.
- 1355 GRAÇA, A. Santos — *Inscrições tumulares por siglas*. APPC, IV Congresso, VIII, Porto, 1943, pp. 623-635.
- Estudo comparativo das inscrições tumulares por siglas, do cemitério da Póvoa, com as inscrições das pedras encontradas nas necrópoles pré-históricas de Bensafrim e do Alvão, e que interpreta como marcas pessoais.

- 1356 GUSMÃO, Adriano de — *Acerca das siglas*. Po, XVI, Porto, 1943. pp. 14-17 e 82-85.

Na esteira de outros estudiosos considera as siglas insculpidas nos monumentos nacionais e estrangeiros como marca dos canteiros que trabalharam a pedra em que estas aparecem inscritas. Crítica e correcção a alguns trabalhos sobre o assunto (nomeadamente aos de Possidónio da Silva, que aponta este elemento apenas em Portugal). Considera falho de método coleccionar as siglas sob o critério de épocas e estilos dos monumentos, e propõe o seu «agrupamento de acordo com os próprios traços: — linhas rectas, curvas e mistas».

- 1357 LARCHER, Tito de Sousa — *As siglas do monumento da Batalha*. Po, 1, Porto, 1928, pp. 138-141 e 208.

Os sinais nos monumentos medievais. A hipótese da organização secreta. das classes da construção civil: os chefes, as lojas, a linguagem especial — os pedreiros-livres — as provas e o juramento, o segredo.

A hipótese da maçonaria como associação de carácter internacional, com origem nas confrarias, irmandades e associações de classe — livres porque livres de compromissos religiosos — para obras de construção. Os «segredos» seriam segredos da arte, o estudo da arquitectura: quem pretendia construir encarregava a associação do estudo do plano, que se adoptava às condições diversas. As siglas eram a marca pessoal do canteiro, para avaliação do seu trabalho. Indicação gráfica das siglas observadas no monumento da Batalha. agrupadas, segundo a sua localização, em 27 grupos discriminados.

- 1358 LIMA, Augusto César Pires de — *As marcas poveiras*. L, 1, Viana do Castelo, 1917-18, pp. 115-117.

Pequena nótula sobre as siglas poveiras, usadas como registo de propriedade.

- 1359 LIMA, Augusto César Pires de — *Medidas gravadas nos muros*. DL, Segunda Série, III, Porto, 1945, p. 49.

Breve nota sobre as medidas de comprimento gravadas nos muros (Vila. Velha, Vila Real).

- 1360 MADAHIL, A. G. da Rocha — *Tombo das águas de Ílhavo organizado pelos donatários da vila mediante provisão régia de 1772*. ADA, I, Aveiro, 1935, pp. 183-198.

Documentos sobre o régimen de águas da vila, medição das águas das azenhas do vale de Ílhavo, medição e destriça das águas que vêm do concelho de Arada para as azenhas do Coimbrão, Buragal e Ponte de S. Pedro.

- 1361 MARÇAL, Horácio — *Três espécies de tabuletas muito em voga na cidade do Porto, em meados do século XIX*. OT (5.ª Série), XIV, Porto, 1959, pp. 370-372.

Notas acerca das tabuletas de lojas do comércio. Transcrição das legendas de 8 dessas tabuletas, de barbearia, anunciando bichas de sangrar.

- 1362 MIRANDA, Abílio — *Escrita convencional*. DL, Segunda Série, III, Porto, 1945, p. 26.

Escrita convencional dos barbeiros, para notação dos serviços prestados aos fregueses.

- 1363 M., A. de — *Medidas Padrões*. DL, VII, Porto, 1943, p. 32, 1 fig.

A vara e o *côvado* padrões, nas paredes da igreja de S. Martinho de Mouros. As mesmas em Telões (Amarante) e na Sé do Porto.

- 1364 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *Trabalhos colectivos gratuitos e recíprocos em Portugal e no Brasil*. RA, III, 1, São Paulo, 1955, pp. 21-43.

Estudo sobre o tema. Segundo o Autor, «em Portugal o espírito de coesão social, de cooperação e colaboração vicinais solidárias, e o sentimento de unidade do grupo local, são muito fortes e pertinazes e verificam-se por todo o país sobre diversas maneiras; nas zonas serranas eles têm ainda uma expressão cabal e directa nos seus regimes pastoris, como vestígios materiais concretos das organizações comunitárias remotas, que subsistem; mas mesmo nas terras baixas, e mesmo mais restritivamente no Minho, em pleno domínio da propriedade média, totalmente individualizada, eles se manifestam, nos múltiplos trabalhos colectivos gratuitos e recíprocos gerais — vessadas, sachas, malhas, vindimas; arrigas, ou arrancadas do linho, ripadas, espadeladas e fiadas; esfolhadas, carradas, etc. feitas em comum — em que transparecem aspectos, formas e tendências, que vêm de primitivas organizações sociais há muito extintas sob os actuais regimes de apropriação e fruição da terra e a economia geral da região, fundamentalmente diferentes daquela que hoje condiciona a actuação normal e a maioria das atitudes dos seus habitantes, mas cuja lembrança é ainda uma força viva e determinante, embora obscura e inconsciente, na sua mentalidade. E tanto num caso como no outro, tais sentimentos devem corresponder a uma larga e velha tradição, fundamente arreigada no espírito do povo».

Comparação destas formas com o *mutirão* brasileiro (que Emilio Willems caracteriza pela sua obediência ao princípio de *reciprocidade social*) e a propósito do qual se fala de origem índia. Dada porém a semelhança existente entre estas duas formas, o Autor admite uma influência dos trabalhos colectivos — especialmente minhotos — na elaboração desta forma da cultura brasileira.

- 1365 PAÇO, Afonso do — «*Costumeiro*», «*Visitador*» e «*Fabriqueiro*». AORP, VI (XXVI), Porto, 1925, pp. 28-31.

Refere-se a três manuscritos que existem no arquivo de quase todas as paróquias e onde são exaradas as obrigações dos paroquianos para com o pároco («*Costumeiro*»); o «*Visitador*», onde são escritas as proibições contra os vícios que porventura o vigário notara ou recebera queixa; e «*Fabriqueiro*», livro de contas da conservação da igreja e suas dependências.

- 1366 PEDRO, Manuel — *Costumes «tripeiros»*. OT (5.^a Série), VI, Porto, 1950-1951.
- Referências a algumas figuras típicas das ruas tripeiras: o azeiteiro, amola tesouras e navalhas, padeiras de Valongo e Avintes, vendedores de castanhas, carros de refrescos, etc.
- 1367 RIBEIRO, Luís da Silva — *Escrita e contabilidade popular*. Po, XV, Porto, 1942, pp. 27-28.
- Sinais usados como uma forma de escrita pelo povo da ilha Terceira, referidos a dinheiro e a formas ideográficas para individualizar cada freguês, nas lojas de comércio local.
- 1368 RIBEIRO, L. — *O ramo nas tavernas*. BIHIT, 5, Angra do Heroísmo, 1947, pp. 285-286.
- Alusões de Gil Vicente ao ramo das tavernas (de pinho). O ramo em Roma. Função policial do ramo, para assinalar a taberna, onde seriam frequentes as desordens. Posturas municipais a impô-lo (e depois à tabuleta).
- 1369 RIBEIRO, L. — *Fiados*. BIHIT, 13, Angra do Heroísmo, 1955, pp. 284-295.
- Notas sobre avisos colocados em tavernas e lojas de comércio.
- 1370 V., J. L. de — *Assinar de Cruz*. AP, XII, Lisboa, 1907, p. 104.
- Assinaturas de analfabetos; alguns exemplos.

IX — Usos e costumes

1. FESTAS CÍCLICAS

1.1. JANEIRAS E REIS

- 1371 BASTO, Cláudio — *Arquivo etnográfico*. L, I, Viana do Castelo, 1917-18, pp. 157-158.

9 quadras populares das *reisadas*.

Indicações bibliográficas sobre as Janeiras.

Notas sobre as festas do Natal, Ano Novo e Reis, em Viana do Castelo.

- 1372 BASTO, Cláudio — *Versos de Boas Festas*. Po, x, Porto, 1937, pp. 212-216; e XI, pp. 67-70.

Recolha de versos de Boas-festas.

- 1373 CHAVES, Luís — *Portugal Além — Notas etnográficas*. Gaia, 1932, 168 pp.

Breves considerações sobre etnografia e como se deve fazer o seu estudo. Fala do ciclo do Inverno: Natal e tradições populares deste dia; santeiros de presépios; Reis Magos, reiseiros e bolo-rei.

Celebrações católicas a que se ligam práticas etnográficas: S. Gonçalo de Amarante, Verónica, Santo Amaro, Santos Mártires de Marrocos, S. Sebastião e S. Vicente, Senhora das Candeias.

Ciclo do Entrudo. Ciclo da Primavera: dia de enganos, Maias, Ramos, Espírito Santo, Corpus Christi, Senhora da Rocha, dia da espiga, e quadras populares alusivas ao cuco. Ciclo quaresmal; ciclo da Semana Santa e ciclo pascal. Ciclo do Verão: Festas populares do S. João; touradas; culto da Rainha Santa; romarias populares. Cirio da Senhora da Nazaré; quadras populares; o mar no folclore. Ciclo do Outono. Culto dos mortos. Os painéis das Alminhas. O culto da Virgem Maria.

- 1374 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, VIII-XI, Lisboa, 1939-1940, pp. 281-287 e 475-482.

Notas sobre os «Doze Dias» acompanhadas de várias quadras cantadas nas «Janeiras».

Lenda do diabo à solta no dia 24 de Agosto.
Heráldica poveira.

- 1375 COELHO, F. Adolpho — *Materiais para o estudo das festas, crenças e costumes populares portugueses*. REG, II-III, Lisboa, 1881, pp. 49-108.

Do Natal aos Reis: os Bispos Fátuos. Adágios. «Janeiras» e «Reis». Exemplos (Celorico de Basto). Fevereiro e os «Dias d'Empréstimo». Quinta-feira de Comadres. Entrudo. Quaresma. Serração da Velha. Procissões dos fogaréus. Enterro do bacalhau. Judas. Fritar um ovo na quinta-feira de Endoenças. Dia de «enganos. Maias. Ascensão: a Espiga, a *hora* (comemorando a hora da Ascensão), o queijo contra sezões (B. Baixa). Pentecostes (extensa nota sobre o Espírito Santo). S. João: fogueiras, orvalhadas, água, fontes, ervas, feto, alcachofras, divinações, remédios, etc.. S. Pedro (telhas roubadas contra sezões; vasos roubados contra cravos — Açores). S. Tiago (contra doenças). Agosto (S. Bartolomeu). 8 de Setembro (fim das sextas, enterro das merendas). S. Miguel. Todos-os-Santos. Fiéis. S. Martinho. S. Tomé (matança do porco). Comentários e comparações.

- 1376 CORREIA, Silva — *As Janeiras*. RL, XXIII, Lisboa, 1920, p. 189.

Versos das Janeiras (Beira Alta). Imprecações populares.

- 1377 DELGADO, Manuel Joaquim — *Etnografia Portuguesa — Crençices, superstições e adágios do nosso povo*. MCP, IX, 103, Lisboa, 1955, pp. 8-9.

Referências às «Janeiras», «Maias» e «Enterro do Bacalhau» (Beja). Adágios.

- 1378 DIAS, Lopes — *Distrito Etnográfico — «A confusão das portas»*. AR, I, 13, Castelo Branco, 1925.

Relato do episódio bíblico da perseguição de Herodes ao Menino Jesus, e do «milagre das portas enfarinhadas». Refere, ainda em nossos dias, o costume de rapazes e raparigas, andarem à meia-noite da noite de Ano Novo, a desenhar cruzes e ramos nas portas, com farinha, (Benquerença, Penamacor).

- 1379 D., L. — *Distrito etnográfico — Janeiras*. AR, II, 59, Castelo Branco, 1926.

Versos das Janeiras.

- 1380 DUARTE, Afonso — *Folclore da Beira — As Janeiras*. AR, IV, 173, Castelo Branco, 1929.

Notas descritivas das Janeiras no leste da Serra da Gardunha.

- 1381 DUARTE, Afonso — *As «Janeiras» no Caramulo*. Po, I, Gaia, 1931, p. 26.

Costumes do dia 1 de Janeiro em Guardão (Caramulo): os mordomos solteiros que pedem as esmolas para as despesas, e organizam a festa; os

cantores e os caretas, que defendem os cantores, e surripiam chouriços dos fumeiros com a «gancha».

As «Janeiras» do Caramulo, de Castilho.

- 1382 DUARTE, Afonso — *As Janeiras*. Po, VIII, Porto, 1935, pp. 41-47 e 134-139.
Versos das «Janeiras» e «Reis». Referência especial ao costume de Guardão (Caramulo) em que dois mordomos organizam o plano da festa, que obriga à presença de 5 personagens: 3 músicos cantores e dois mascarados.
- 1383 ESTEVES, Raimundo — *A ronda dos meses no meu país de tradições e romarias*. A, III, Lisboa, 1918, pp. 423-426 e 505-508.
Breves referências ao dia de Ano Novo, dia de Reis, S. Gonçalo de Amarante, Santo Amaro e S. Sebastião, Senhora das Candeias, S. Brás, Santa Apolónia e Entrudo.
Menção de alguns costumes peculiares a estes dias.
- 1384 FELGUEIRAS, Guilherme — *O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas*. EBJP, 18, Lisboa, 1948, pp. 289-299.
Lendas religiosas, históricas e cavalleirescas. Anfiguris populares. Notas sobre Janeiras e Reis, e Serração da Velha. Cantigas geográficas.
- 1385 FIGUEIRA, Joaquim Fernandes — *Uns «reis» em Porto Manso*. CMP, II, XVIII, Lisboa, 1940, p. 209.
48 quadras cantadas nas «reisadas» em Porto Manso (Ancede) nos anos de 1928-29.
- 1386 GALHANO, Maria Helena — *Algumas notas sobre o folclore da povoação de Santa Comba (Concelho de Paredes)*. ACEELV, III, Porto, 1960, pp. 229-235.
Descrição de costumes ligados a determinadas festas cíclicas: Natal, Ano Novo, Reis, Carnaval, Quaresma, Páscoa, 1.º de Maio, S. João, e Fiéis Defuntos.
- 1387 GASCON, José António Guerreiro — *As Janeiras e os Reis (Algarve)*. RL, XX, Lisboa, 1917, pp. 175-182.
Descrição das cerimónias das «Janeiras» e dos «Reis» no Algarve (Monchique), e textos dessas composições.
As esmolas: sonhos, fritos, filhoses, figos secos, chouriços, morcelas, dinheiro, etc. Imprecações. Festim colectivo no dia de Ano Bom, pelos «janeireiros».
- 1388 LEÇA, Armando — *Do Natal*. OT (5.ª Série), VIII, Porto, 1952, p. 238.
Breves referências às Janeiras e Reisadas, e ao costume, em Leça da Palmeira, de servirem a ceia do Natal no chão, sobre esteiras.

- 1389 LIMA, J. A. Pires de — *As Janeiras*. CSTBC, II, Santo Tirso, 1952, pp. 333-336.
- Breve nota sobre o costume de cantar as Janeiras, em Areias, Santo Tirso.
- 1390 LOPO, Albino Pereira — *Antigualhas trasmontanas*. AP, XIII, Lisboa 1908, pp. 248-252.
- O costume da nalgada — Refere-se ao costume, em Trás-os-Montes, de, na noite do último dia do ano, os homens penetrarem por qualquer meio nas casas uns dos outros (pelo telhado, janelas, arrombando portas, etc.) e baterem, com a mão, moca embrulhada em farrapos, etc., duas ou três vezes nas nádegas das mulheres. Dizem que é para estas andarem espertas durante o ano. Descrição do jogo dos paus.
- 1391 M., C. — *As festas do Ano Bom*. IM, III, 28, Porto, 1928, pp. 237-241.
- Considerações acerca do costume de festejar o Ano Bom com dádivas e presentes. Fala das «Janeiras» entre nós, que compara e filia em práticas pagãs. Breve descrição da «Festa dos Loucos» e da «festa da Burra de Baldaão», celebrada em algumas cidades francesas.
- 1392 M., C. — *Próprio do tempo — Os Reis*. IM, V, 39, Porto, 1930, pp. 2-8.
- Descreve o uso tradicional da gente moça andar na noite de Reis a pedir pelas portas, cantando; transcrição de versos recolhidos em Penafiel, Cinfães. Santo Tirso, Serpa e Celorico de Basto.
- 1393 MURTA, José Guerreiro — *O Natal, as Janeiras e o Ano Bom*. ANRMI, I, Lisboa, 1915, pp. 1-2.
- Breves notas sobre estas celebrações cíclicas.
- 1394 NEIVA, Raúl Carlos Cotelo — *Festas do ano e curandeiras de S. Mamede de Riba Tua*. DL, Terceira Série, III, Porto, 1948, pp. 57-63.
- Pequenas notas sobre alguns costumes referentes ao Natal — fogueira, consoada, e versos das Janeiras e Reis; Entrudo, Serração da Velha; Páscoa — folares; e ensalmos e benzeduras.
- 1395 NORONHA, B. M. A. de — *As Janeiras*. ATP, 4, Lisboa, 1918, p. 63.
- Exemplos de quadras cantadas nos Reis, sem indicação de localidade. (O artigo é datado de Mangualde).
- 1396 NUNES, M. Dias — *Natal, Anno Bom e Reis*. T, I, Serpa, 1899, pp. 6-10.
- As três festas herdeiras dos velhos ritos de Osiris, Agnis ou Ignis (árias). Mitra ou Sol Invictus (persas).

Natal — o Auto Sacramental do presépio, ou colóquios do presépio, em Serpa. A celebração da festa: em cada casa, grandes lumes de toros de azinho; enquanto se espera o repique para a missa do galo, alternam a chávena do café e o pesado repasto das bolotas, preparadas em grossas assaduras; e cantam coros ao Deus Menino. Exemplos desses coros.

Ano Bom — Cantares da noite de 31 de Dezembro.

Reis — Na noite de 5 para 6 de Janeiro andam os meninos, vestidos como para o Carnaval, a cantar pelas casas, recebendo gulodices. Cantam-se também além das Janeiras e dos Reis, as desgarradas, antes e depois de recebida a esmola.

- 1397 PEREIRA, Benjamim Enes — *Notas etnográficas de Caíde*. DL, Nona Série, III, Porto, 1959, pp. 571-584.

Descrição de costumes, práticas e crenças, recolhidos em Caíde (Lousada), e referidos a Festas cíclicas: Janeiras e Reis, Entrudo, Serração da Velha, Ramos, Páscoa, Maio, S. João e S. Pedro, Todos os Santos e Fiéis Defuntos, S. Martinho, e Natal. *Ritos de passagem*: Baptismo, Casamento e Morte. *Crenças*: Gravidez, «Correr o fado», Crianças ougadas. *Vindicta popular*: Assuadas a casamentos de viúvos. *Ajuda vicinal: Trabalhos por trocas* — lavradas, sachas do milho, podas e vindimas, espadeladas, «arrigas» do linho, esfolhadas e serões.

Jogos infantis: Jogo da Macaca, jogo das pedrinhas, jogo da patela, dos botões e da bilharda.

- 1398 PIMENTEL, Alberto — *As Janeiras — Os Reis*. NA, x, 462, Lisboa, 1942.

Breves referências ao costume de cantar as Janeiras e os Reis, no norte do País; versos da ocasião.

- 1399 PORTELA, Severo — *Janeiras*. ATP, 3, Lisboa, 1917, p. 1.

Breve nota sobre as Janeiras que se cantam na região da Serra da Estrela, com quatro quadras.

- 1400 RIBEIRO, João Pedro — *Reflexões históricas*. (Pt. I, n.º 11, pp. 36-41).

Enumera «como fontes de estudo, além das leis canónicas, as leis civis, e a tradição oral.

A propósito desta, o Autor indica vários costumes e superstições (no texto e nas notas), já antigas, já modernas: *Janeiras* e *Maias*, referidas no célebre Acórdão da Câmara de Lisboa (do tempo de D. João I), que ele comenta com a descrição de usos do seu tempo (por exemplo os *Maios pequeninos* e o *Imperador das Eiras*); procissões do corpo de Deus e do «Cercos»; enterros e casamentos; imploração do patrocínio dos santos; curandeiros; a festa popular do S. João».

«Na mesma obra, Pt. II, apêndice ao n.º 2 p. 16-18 traz o A. uma breve nota sobre adágios agrários, de que relaciona alguns, mas que em especial encara sob o aspecto da Economia Política». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).

- 1401 ROQUE, Joaquim — *O ciclo do Natal no Cancioneiro do Baixo Alentejo*. MCP, VI, 66, Lisboa, 1951, pp. 10-11 e 19.

As «Janeiras» no Baixo Alentejo. Quadras e música. Os Reis — música.

- 1402 V., J. L. de — *Etnografia do jornalismo*. BE, II, Lisboa, 1923, pp. 31-35.

Nota sobre os garotos de jornais e reprodução de versos de «boas-festas».

- 1403 VILLAS-BOAS, J. S. Paes de — *No ciclo do Natal — Janeiras e Reis*. Po, XVI, Porto, 1943, pp. 20-25.

Versos cantados nesta quadra em Barcelos, Chaves e Ribeira de Pena. 1 notação musical recolhida em Barcelos.

- 1404 S/A. — *Arquivo Etnográfico*. L, I, Viana do Castelo, 1917-18, pp. 182-185.

Letra e música das «Janeiras». Recortes de notícias de jornais que referem casos de bruxaria e de uma mezinha mortal.

Ver Ref.^{as}: 4, 67, 142, 144, 196, 226, 227, 229, 233, 244, 248, 250, 257, 260, 273, 274, 277, 290, 295, 442, 939, 1055, 1892.

1.2. CANDELÁRIA

- 1405 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, XII, Lisboa, 1941, pp. 303-308.

Notas sobre a Senhora das Candeias.

- 1406 VITERBO, Sousa — *As candeias na religião, nas tradições populares e na indústria*. RL, XVI, Lisboa, 1913, pp. 41-80.

A festa da Candelária; seu significado e formas antigas. O rapto de Proserpina. Versão das «Metamorfoses» e dos «Fastos». A festa da Purificação nos tempos de D. Duarte e D. João IV. A festa e feira de Santa Brígida, relativa a gados. As «candeias» ou velas nas demais romarias. Citação de Pero Viviães, «queimar candeias» em S. Simão de Val de Prados. S. Marcos e as festas em honra do gado. As candeias nas festas íntimas: nascimento e morte, e noutras festividades. Citações literárias (Gil Vicente, António José da Silva, etc.). Referências às candeias em Fernão Lopes. «Queimar candeias» (velas) nos Cancioneiros. «Candeias» francesas. Fabrico de Velas. Adagiário. Documentos.

Ver Ref.^{as}: 4, 1373.

1.3. CARNAVAL

- 1407 ALVARENGA, Kol d' — *Terras do Douro — Deitar «pulhas»*. L, IV, Viana do Castelo, 1921-22, p. 142.
Pequena nota sobre a «quinta-feira das comadres», do Carnaval.
- 1408 ALVES, A. Alfredo — *Algumas tradições populares — Recolhidas em Aldeia de Santa Margarida, concelho de Idanha-a-Nova*. RL, III, Porto, 1894-95, pp. 74-79.
Quaresma — Encomenda das almas.
Alvissaras — Sábado de Aleluia — cantigas alusivas à Ressurreição, aos santos e ao Vigário, que oferece vinho e frutas secas.
Serração da Velha — num cortiço à porta das mulheres mais idosas.
Chorar o Entrudo — à porta de pessoas, com trombetas feitas de cabaças, e de quem se narram factos ridículos; «Deitar o Entrudo» — à meia-noite de terça-feira, com tiros, bombas e atirando à rua com vasos de barro.
Três lendas e dois romances.
- 1409 AZEVEDO, Pedro A. de — *Referências a costumes populares em mss. inéditos*. RL, II, Porto, 1890-92, pp. 339-340.
Bruxas e ciganos — num soneto de D. Thomaz de Noronha (1651).
Usos do Entrudo — costume de se quebrar toda a louça e se dividir a roupa da mesa pelos criados, quando terminava o Carnaval — e o mesmo à roupa e louça que servia na Quaresma.
Lobisomens — manuscrito dos fins do século XVII com menção do costume de se espojar no «espojadouro de algum irracional».
- 1410 BARBOSA, Viriato — *Crónica*. APV, II, 8, 1913.
Menção do Carnaval na Póvoa: ...«a costumada... renda pelo rosto e vassoura ao ombro, figuras... que serviam de alvo a alguma *cacada* ou a expressões mal cheirantes e ainda com graves riscos».
- 1411 BRAGA, Alberto Vieira — *De Guimarães, tradições e usanças populares*. Esposende, 1924, 473 pp.
Tradições várias ligadas ao namoro e casamento.
Práticas pró-concepcionais; fórmulas para prever o sexo do nascituro; superstições ligadas à menstruação, e aos primeiros tempos das crianças.
Meteorologia popular — prognósticos tirados do estado de tempo.
Indicação dos *usos* (roupa) fornecidos aos criados de lavoura pelos amos.
Descrição do traje.
Superstições ligadas ao sol, lua, estrelas; terra, água e lume; plantas, frutas, cereais e animais.
Usos e costumes: encantar o milho alvo (fórmula mágica com vista a evitar que os pássaros o comam); Maias (janelas, carros, etc. enfeitados de flores; benção do gado no terraço de S. Domingos).

Natal — manter o lume aceso e a mesa posta; oferendas aos mortos; canhoto; previsões do estado do tempo futuro; consoada aos criados de serviço. Entrudo — prática mágica contra as milhãs dos campos; proclamação em voz alta de certos factos da vida privada, através de um funil.

Serração da Velha.

S. João — roubos rituais; banhos santos; virtudes de certas ervas; outras práticas específicas deste dia.

Orações e ensalmos.

Seres sobrenaturais — Diabos, bruxas, Mouras, etc.

Mortórios — carpideiras, ofertas, refeições cerimoniais, responsos. Superstições várias referidas a este acto.

Medicina popular e cautelas supersticiosas.

Adágios e frases populares.

- 1412 BRANDÃO, Abílio de Magalhães — *Apontamentos folklóricos famalicenses*. RG, VI, Porto, 1890, pp. 200-202.

Botar fora o Entrudo — menção do costume, na terça-feira de Entrudo, de dar tiros, tocar buzinas e apupar o Entrudo.

Correr a rosca — conquista de uma rosca de trigo por aquele que, estando ela pendurada, lhe enfia primeiro o pau.

A queima do Judas — menção do costume.

As relas — usadas na quarta-feira de trevas, à porta daqueles que não foram à desobriga.

- 1413 BRANDÃO, Abílio de Magalhães — *Apontamentos folklóricos de Paços de Ferreira*. NAL, 1, Vila Nova de Famalicão, 1891, pp. 86 e 94-95.

Lenda — «O eremita do Pilar».

Descrição da festa das Comadres — Entrudo e Quaresma, lumieiras de Entrudo, e costumeiras do S. João.

- 1414 BRAVO, Manuel de Castro Pinto — *O Entrudo (Elementos para um estudo em projecto)*. DL, Segunda Série, III, Porto, 1945, p. 57.

O Entrudo e o Ramedão nas ilhas de Quirimba (transcrição da Etiópia Oriental, de Fr. João dos Santos).

O Carnaval em Lisboa no século XVIII (versos de 1791).

Diversões carnavalescas em Cinfães: «chapuzadas» de água fria, jogos de laranja entre os foliões; «cavalhadas» com o «velho da moca» e «bexigueiros».

- 1415 CEPEDA, Elisa Vilares — *Costumes doutros tempos*. MCP, X, 116, Lisboa, 1956, pp. 8-9.

O cortejo carnavalesco com o Entrudo (figuração) num carro de bois enfeitado; o seu enterro; testamento em verso a favor das raparigas da terra.

- 1416 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, VIII, Lisboa, 1939-40, pp. 455-460.

Notas sobre o mês de Fevereiro no folclore; referências ao Entrudo.

- 1417 CHAVES Luís — *O ciclo pascal desde o Entrudo às celebrações do Espírito Santo*. RO, XLIV, Lisboa, 1953, pp. 149-155.

Notas breves sobre o Entrudo, procissão das Cinzas, Serração da Velha, orações e práticas religiosas, procissão do Senhor dos Passos, «ramos» do domingo de Ramos, foliar e amêndoas, compasso pascal, etc.

- 1418 COELHO, F. Adolpho — *A Morte e o Inverno*. T, I, Serpa, 1899, pp. 33-38.

Descrição do costume de Bragança, em quarta-feira de Cinzas: a Misericórdia aluga um fato e uma máscara, que simula um esqueleto e uma caveira; há muitos pretendentes, e por isso cada um só o pode usar 1 hora; entra em todas as casas, persegue os rapazes com foice e tirapé, e estes apedrejam-no e chamam-no: «O Morte! O piela!», etc. Não se trata de restos das Danças da Morte medievais (T. Braga), de pouca repercussão entre nós: é a expulsão da Morte, tal como é concebida no velho mito naturalístico. Inúmeros paralelos da Europa Oriental, transcritos dos Grimm. Exemplos de lutas do Verão e do Inverno. Cerimónias idênticas: Morte piela, Serração da Velha, enterro do bacalhau, queima do Judas, etc.

- 1419 DIAS, Lopes — *Distrito Etnográfico*. AR, II, 60, Castelo Branco, 1926.

Notas descritivas do costume de «chorar o entrudo», das «caqueiradas» e da caça aos gambosinos, específicas do Carnaval.

- 1420 DINIS, Manuel Vieira — *O Santo Entrudo em Paços de Ferreira*. DL, Quarta Série, V-VI, Porto, 1951, pp. 3-5.

«Descrição dos actuais folguedos do Entrudo em Paços de Ferreira e alusão a costumes desaparecidos ou em vias de desaparecimento». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 1421 G., A. — *O Entrudo*. ATP, 4, Lisboa, 1918, p. 39.

Nota curiosa sobre o Entrudo no Minho, sem indicação de localidade: o seu início em 20 de Janeiro; aparecimento à venda das «caretas», os pós de goma, os brilhantes; a 2 de Fevereiro, na romaria da Senhora da Luz ou das Candeias, os primeiros mascarados. Depois, de domingo, o jogo da «panela», para 4 pessoas, com panelas velhas. No domingo gordo, a «panela», figuras carnavalescas, os bandos, em carros com heras — um operário verboso que recita. Terça-feira gorda, ao cair da tarde: buzinas, gritando obscenidades. Tiros: o enterro do Entrudo, numa padiola, à luz de chumieiras de palha, um mono revestido com um lençol velho vai para a sepultura, com carpideiras, com os rapazes aos saltos e a fazer momices e desfechar espingardas.

- 1422 JUNQUEIRO, Arronches — *Estudos Setubalenses (1.ª Parte) — Superstições e usos tradicionais*. Setúbal, 1906, 85 pp.

Sonhos e agouros. Superstições várias.
Seres sobrenaturais — bruxas e lobisomens.

Amuletos: pedras de raio, figa, cornichos, sino-saimão, leituário, coração, etc.
 Sortes e augúrios (referidos sobretudo ao dia de S. João): ovo, alcachofra, bochecho de água, favas, etc. Quadras populares alusivas ao S. João.
 Pragas e esconjuros.
 Entrudo — «Compadres» e «comadres».
 Referências a cortejos e personagens caídas já em desuso: Serração da Velha, *marmanjos* da Semana Santa, judas, etc.
 Culto popular a S. Luís, advogado do gado — benção dos animais e promessas de cera, azeite e telhas.
 Medicina popular.
 Crenças e superstições nos astros.
 Meteorologia popular: respeito pelas trovoadas; fórmulas para esconjurar tempestades e trovoadas.

- 1423 LIMA, Augusto César Pires de — *Os serões de fora*. RL, XXII, Lisboa, 1919, pp. 215-217.

Descrição dos serões que se realizam nas eiras, no tempo das esfolhadas (Santo Tirso) — apupos, embuçados, ditos e graças, desafios e lutas. Serração da Velha, Entrudo, Pulhas. Comparação com costumes de Moselle, Itália, etc.

- 1424 MADAHIL, A. G. da Rocha — *Uma partida de Carnaval de outros tempos...* FL, II, Lisboa, 1930, pp. 49-56.

Notícia duma brincadeira do Carnaval aristocrático de Lisboa, dos fins do século XVII ou princípios do XVIII.

- 1425 M., C — *Próprio do tempo — O Carnaval e a Quaresma*. IM, IV, 30, Porto, 1929, pp. 286-288.

Notas sobre o Carnaval (que considera como vestígios de festas báquicas) e a Quaresma. Filiação das práticas religiosas do jejum em cultos pagãos, romanos e egípcios.

- 1426 MARTINS, P.^e Firmino — *Folclore do concelho de Vinhais*. I, Coimbra, 1928, 356 pp., 12 figs.

Os materiais são agrupados em dois grandes capítulos: Folclore religioso, e Folclore profano.

Folclore religioso: Referindo-se ao dia de Todos os Santos, fala dos magustos de castanhas, feitos pelos rapazes; acerca do Natal, menciona as varas dos mordomos, danças e galhofas, benção do pão de Santo Estêvão, distribuído depois pelo povo e que assume por efeito desse acto virtudes profiláticas, e descreve algumas represálias jocosas de que são vítimas os mordomos que não cumprem integralmente os deveres dessa mordomia. Agrupa as orações em três séries: na primeira inclui orações proferidas pelas raparigas a fim de obterem bons casamentos, e descreve alguns costumes ligados a este acto

— a entrega cerimonial à noiva das chaves da casa e da roca, etc. —; orações que se dizem nos fiadeiros, quando se coze o pão, etc.; na segunda série inclui orações usadas pelas mezinheiras e responsadeiras, e a propósito descreve várias práticas supersticiosas de fins profiláticos; na terceira engloba respostas a santos, orações da vida religiosa quotidiana, lendas, romances, e cancionero religioso; e, de permeio, alude ao culto dos mortos (p. 80-83); à personalização da Morte e do Diabo, na quarta-feira de Cinzas (p. 86-87); à encomendação das almas (p. 168-169); aos «casamentos» do Entrudo (p. 172-173); e à Serração da Velha (p. 173-174).

Folclore profano: Lendas, romances e cantares; adágios. Indicação das principais danças da região e dos instrumentos de música. Descrição de vários jogos. Medicina popular e descrição de alguns processos usados no tratamento de certas doenças. Vocabulário e expressões usadas na região.

- 1427 NEIVA, João Manuel Coelho — *Festas do ano em S. Mamede de Riba Tua*. TAFN, I, Porto, 1934-1937, pp. 69-75.

Breves notas sobre o Natal, Entrudo, Serração da Velha e romarias.

- 1428 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *O Entrudo*. DL, Quarta Série, IX, Porto, 1952, pp. 41-46.

A «Queima do Galheiro» — Descrição desta prática que tem lugar à meia-noite de terça-feira de Entrudo, em algumas aldeias do concelho de Vila do Conde. O «Galheiro» consiste num pinheiro — que deve ser roubado — ornado com flores e fitas e recoberto de rato. Outrora ele era encimado por dois bonecos figurando o Entrudo e a Quaresma.

Os «Compadres» e as «Comadres» em Cinfães — Descrição deste costume, específico do Carnaval, em que se manifesta uma nítida oposição entre os sexos, e uma forte solidariedade entre as pessoas do mesmo sexo. Cada grupo, por seu lado, faz grandes bonecos de palha que veste com papéis coloridos — os «Compadres» (das raparigas) e as «Comadres» (dos rapazes), que aquelas exibem na penúltima quinta-feira antes do domingo gordo, e estes, na última (a quinta-feira dos «Compadres» e a quinta-feira das «Comadres»). Em ambos os casos há perseguições no intuito de recuperar os bonecos que representam o grupo do seu sexo. Os que ficam em poder do grupo adversário são queimados na terça-feira de Carnaval, com aparato, leitura de testamentos satíricos, etc.

- 1429 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *Subsídios para o estudo do Entrudo em Portugal — O «Enterro do João»*. DL, Sétima Série, VII-VIII, Porto, 1956, pp. 661-700.

«Enterro» carnavalesco duma personificação do Entrudo, a que dão o nome de João, em Triana (Areosa-Porto).

Considerações sobre o Carnaval.

Comparação dos elementos daquela cerimónia com manifestações congêneres doutros países.

- 1430 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *Considerações acerca de «Juegos de Escarnio» espanhóis*. OCP, 12-7-1960.

Considerações acerca dos «Juegos de Escarnio», de Melitón Gonzalez, em que este se refere a uma forma de peça dialogada em verso, que tem lugar pelo Carnaval, onde se narram os episódios mais cómicos, grotescos e escandalosos ocorridos durante o ano, e que aquele Autor espanhol filia nos «Juegos de Escarnio» medievais.

Acerca da farsa «El Obispillo» (século XVI) representada no dia dos Santos Inocentes, o Autor discorda da sua inclusão naquela categoria, relacionando-a antes com a Festa dos Loucos — de que nos dá uma descrição do seu complexo cerimonial, referida à França.

- 1431 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *O Entrudo em Portugal — Os «Compadres» e as «Comadres» do Carnaval*. OCP, 13-9-1960 e 13-12-1960.

Estudo desta celebração pertencente ao ciclo do Carnaval, a qual tem lugar, de um modo geral, nas penúltima e última quintas-feiras que antecedem o domingo gordo, e se designam por «Dia dos Compadres» e «Dia das Comadres», e cujos sentimentos que «animam quem nelas participa, parecem estar por um lado na glorificação do próprio grupo sexual no seu dia respectivo — os homens na quinta-feira dos «Compadres», e as mulheres na quinta-feira das «Comadres»—, e ao mesmo tempo na oposição para com o grupo contrário, traduzindo-se em troças, perseguições ou lutas jocosas simbólicas ou mesmo por vezes efectivas, e na solidariedade operante entre todos os indivíduos do mesmo sexo em contraposição aos do outro sexo». Descrição das principais formas de que se reveste, em Portugal e nos Açores, e que, na maioria dos casos, se caracterizam pela confecção e exibição de bonecos de palha. Na quinta-feira dos «Compadres» as mulheres são troçadas e perseguidas na sua efigie de «Comadre» que os homens exibem acintosamente, e que aquelas procuram conquistar; na quinta-feira das «Comadres» invertem-se os papéis e repetem-se as mesmas cenas. Os bonecos que não foram recuperados pelo grupo respectivo são queimados no final do Entrudo, no meio de apupos dirigidos ao grupo adversário.

Em outros casos ainda a celebração comporta determinadas práticas em que se estabelecem relações de parentesco cerimonial precário.

- 1432 PEREIRA, A. Gomes — *Costumes e linguagem popular de Murça*. RL, XIV, Lisboa, 1911, pp. 82-87.

Costumes: Enterro do Entrudo — simulacro do enterro do Entrudo, figurado por um homem. *Domingo da caqueirada*: jogo de louça de barro, nas ruas, em domingos da quaresma. O compasso da Páscoa: presentes entre o abade e os paroquianos, pulhas humorísticas, etc.

Linguagem popular.

- 1433 PEREIRA, A. Gomes — *Tradições populares, linguagem e toponymia de Barcellos*. Espozende, 1916 (Cal. Silva Vieira), 408 pp.

Orações, romances, quadras populares e lendas. Superstições várias.

Costumes tradicionais ligados ao casamento, Entrudo, culto das Almas, espadeladas, Serração da Velha, etc.

Ditados. Fonologia. Vocabulário — as palavras *carpinteiro, carro, jugo, lavoir, linho, milho, munho* (moinho), *tear*, etc., são acompanhadas de notas descritivas e nomenclatura das respectivas peças e alfaias.

Contém ainda um estudo sobre a toponímia do concelho de Barcelos.

- 1434 PIÇARRA, Ladislau — *O Carnaval*. T, I, Serpa, 1899, pp. 16-20.

O Carnaval em Serpa anuncia-se por letreiros e desenhos toscos, geralmente obscenos, feitos nas paredes por rapazes. Às vezes vêem-se alusões à vida íntima das pessoas.

Caqueiradas — Atiram cacos, com terra, cinzas, etc. pelos postigos.

As quatro semanas que precedem o Entrudo são: semana de amigos, de amigas, de compadres, de comadres. Nas quintas-feiras, 1.^a e 3.^a, reúnem-se os rapazes em casa de um deles, comem, bebem e cantam, e fazem-se «amigos» ou «compadres», conforme a semana. As raparigas idem, nas suas semanas; para serem comadres, dão-se os dedos mínimos e dizem: Comadre, comadre, comadre querida. Fazemos comadres — Para toda a vida.

Entre 20 de Janeiro e o Domingo Gordo, dizem-se graças, brincadeiras, etc.; batem-se às portas; borracheiras; dizem-se palavrões (caprolalia), mascarados pelas ruas, danças. Os mancebos tiram o lenço às namoradas, trazem-no ao pescoço e só o entregam na quarta-feira de Cinzas.

Comem-se iguarias: filhoses, coscorões, arroz-doce, etc.

Antigamente era perigoso pelo Carnaval passar qualquer barão próximo dum rancho de raparigas do trabalho, porque elas agarravam-no e infligiam-lhe toda a casta de judiarias.

- 1435 PIMENTEL, Alberto — *Através do passado*. Paris-Lisboa, s/d (o prólogo é de Janeiro de 1888), 294 pp.

«Contém alguns capítulos etnográficos, tais como *fazer figas, viagem dos mortos, carnaval, serração da velha, domingo de ramos*, etc.». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. II).

- 1436 PIRES, A. Thomaz — *Investigações Ethnographicas*. RL, XI, Lisboa, 1908, pp. 248-267; XII, 1909, pp. 171-203.

Notícias extractadas do «Transtagano», referentes à procissão do Corpus Christi, em Badajoz (descrição dos figurantes incorporados nesta); programa para a quebra dos Escudos, na vila de Monforte, pelo falecimento de El-Rei D. Pedro V; festa da Rosa (benção das rosas, no domingo da Santíssima Trindade, em Évora, utilizadas depois com fins medicinais); etc. Superstições várias. Usos e costumes: procissões para pedir chuva; menção dos presentes que nas diferentes festas cíclicas se costumam oferecer às pessoas de amizade (Elvas); notas sobre as *Comadres* e os *Compadres* do Carnaval, etc. Arremedar o Entrudo (género de «pulha», em Oleiros). Espinhela caída — diagnóstico e cura. Casamento (menção de alguns costumes). Crendice popular (crença na virtude de uma imagem de N.^a Senhora, em metal, para

facilitar os partos). Antigo costume — Arrematação das camboas, no dia de S. João. Antigos adágios. A procissão de Corpus Christi em Castelo Branco no século XVII — programa das festas com menção das danças, representações e folias, a que eram obrigados os diferentes juizes dos officios. Feiticeiras e Sereias. Santa Comba — advogada contra as sezões. Locução proverbial («comer a dois carrinhos»). Lendas da vila de Alvorge. A ama do Juiz de Fora (trova popular). Crenças e superstições alentejanas. Provérbios. Comparações populares alentejanas (comparação com formas italianas e francesas). Santos advogados.

- 1437 PIRES, A. Thomaz — *Tradições Populares transtaganas*. Elvas, 1927. 49 pp.

Descrição de várias crenças, superstições e costumes referentes a determinadas festas cíclicas, nomeadamente, Natal, festas de Maio, S. João, Carnaval, etc.; nascimento, casamento (simulacro de combate e rapto da noiva), e morte; práticas propiciatórias de natureza mágica em vista ao amor, à saúde, felicidade e fortuna; interpretação de sonhos; etc.

- 1438 POMBINHO JÚNIOR, J. A.— *Usos e Costumes — Pelo Entrudo*. AT, II. Elvas, 1934, p. 33.

Breves notas sobre os «Compadres» e as «Comadres» do Carnaval, em Montemor, Portel e Serpa.

- 1439 SOUSA, Ana Emília de Andrade e — *Linguagem popular e etnográfica de Escarigo*. BAAP, XVII, Viseu, 1958, p. 221.

Fala da festa dos «Compadres» e «Comadres» do Carnaval, em que rapazes e raparigas se juntam, na casa de um deles, preparando aí uma ceia que consta de chouriços, arroz-doce, fatias douradas e vinho com açúcar; cada qual escreve o seu nome num papel; conforme a leitura dos nomes que a cada um tira, assim ficam nomeados; aos compadres cabe a obrigação de dar às comadres, as amêndoas no domingo de Páscoa.

Breve descrição de alguns costumes ligados ao casamento e enterro. Rezas e superstições, jogos e orações irónicas.

- 1440 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Tradições populares portuguesas do séc. XVIII (contidas nas poesias (impressas) de Miguel do Couto Guerreiro)*. RL, VI, Lisboa, 1900-1901, pp. 273-299.

I — Costumes populares: Cegos ambulantes. Jogo da cabra-cega. Romarias. Deitar pulhas (no Entrudo). Zombarias geográficas.

II — Literatura popular: Conto. Modinhas. Cantos, danças e entremezes. Géneros vários (cantigas, pulhas, contos, rimas infantis, romances).

III — Superstições populares: Crendices em geral. Ventre caído. Lua. Mau-olhado, quebranto. Agoiros. Seres sobrenaturais. Pessoas de virtude — ciganos, benzedores, vedores, lobisomens, etc.

- 1441 VELHO, João Emílio Alves — *Da varanda do passado — O dia de Carnaval*. BGAB, 9, 1957.
Notas descritivas de algumas figuras carnavalescas e de alguns números: a «dança do Xá da Pérsia», etc.
- 1442 VIANA, Abel — *Inéditos de João Rocha*. AAM, IV, pp. 60-66.
Transcrição dum caderno escrito por João da Rocha, onde descreve um cortejo carnavalesco em Viana, no ano de 1898.
- 1443 S/A. — *Uma cavallhada carnavalesca — A entrada do Principe de Gerolstein no Porto*. OT, II, 55, 1910, pp. 303-304.
Descrição de uma cavallhada carnavalesca no Porto.
- 1444 S/A. — *Arquivo etnográfico*. L, II, Viana do Castelo, 1918-19, pp. 12-14.
Recortes de notícias de jornais referentes a um milagre de Fátima, aos dísticos dos carros, aos «compadres» do Carnaval, e a feitiçarias.
- 1445 S/A. — *A primeira picaria do ano*. NA, II, 57, Lisboa, 1934.
Picarias de touros em Santarém no Entrudo. Touros «pintados, com chapéu, etc.
Ver Ref.^{as}: 4, 67, 105, 142, 144, 207, 222, 223, 225, 227, 229, 248, 250, 256, 257, 274, 277, 281, 284, 288, 294, 358, 442, 939, 1055, 1375, 1386, 1394, 1397, 1892, 2334.

1.4. ENCOMENDAÇÃO DAS ALMAS

- 1446 CHAVES, Luís — *Na Quaresma — Os cantos populares na colaboração litúrgica*. ALP, v, Lisboa, 1937-39, pp. 329-337.
Notas acerca da encomendação das almas e martírios; transcrição de alguns versos.
- 1447 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, VII, Lisboa, 1939, pp. 439-445; XLVII, 1954, pp. 230-236.
Notas sobre o culto das almas (texto musical da uma encomendação); sobre as festas de Agonia; sobre o S. Martinho; e sobre um traje de noiva, de Monsanto.
O calendário dos Fiéis Defuntos — Práticas tradicionais à hora da morte, e pratos dos defuntos.
Refeições fúnebres: «obradas», «obradórios», «padas», «tenos», etc.
As Almas — caminhos que seguem: almas errantes e almas penadas.
Encomendação das almas.
Notas breves sobre alminhas e cruzeiros.

- 1448 CORTES-RODRIGUES, Armando — *Cantar às Almas*. RAÇ, III, Angra do Heroísmo, 1942, pp. 17-35, 2 figs.

A encomendação das almas em S. Miguel, em Ponta Garça e Faial da Terra. Texto, práticas, e costumes a observar.

O culto das almas nos Açores e em Portugal. Citações de várias regiões, segundo textos da especialidade, de autores portugueses.

- 1449 CORTES-RODRIGUES, A. — *O pão das almas*. RI, VIII, Ponta Delgada, 1952, pp. 433-434.

Referência ao costume, segundo o Autor corrente no concelho do Nordeste, (S. Miguel) das pessoas prometerem às almas «o seu pãozinho»: quando cozem, colocam sobre uma cadeira o primeiro pão que sai do forno, e põem-na no meio da rua em frente à casa, fechando em seguida a porta e as janelas, a fim de não verem quem recolhe a esmola. A primeira pessoa que por ali passa, ajoelha, reza às almas e leva consigo o pão. Se é pobre, leva o pão consigo; se é rica ou remediada, leva-o e entrega-o a qualquer pobre.

- 1450 C., C. da — *Pães bentos, em S. Miguel*. RI, IX, Ponta Delgada, 1953, pp. 199-201.

Os Pães das Almas, as esmoladas perdidas e os Pães bentos, nas festas do Espírito Santo, na ilha de S. Miguel. Comparação com os Pães bentos das festas de Santo António, na Ilha Terceira, e em Tucumau na Argentina.

- 1451 DIAS, Margot, e DIAS, Jorge — *A Encomendação das Almas*. Porto, 1953, 76 pp., 21 notações musicais.

A Encomendação das Almas como aspecto do culto dos mortos em Portugal. Elemento diferenciador da nossa cultura popular em relação às outras culturas europeias: não há sequer em Espanha; há no Brasil e nos Açores.

Prática própria da Quaresma, e às vezes, nos Fiéis Defuntos. Pede-se para se rezar pelos mortos, para os aliviar das penas do Purgatório; escolhe-se um lugar alto, para se ouvir melhor, e usa-se voz lúgubre, para despertar maior temor e fervor. Em alguns casos a voz deve ouvir-se em sete lugares, às vezes três ou nove.

Exemplos de várias regiões com transcrições musicais, do Minho ao Algarve; frequente no norte e Beiras, raro no sul.

Elementos comuns em todos os exemplos: é um costume cristão, a que o povo misturou símbolos de restos mágicos pagãos. Elementos comuns em todos os exemplos: fundo cristão; hora (depois de escurecer); música; forma individual. Elementos variáveis: uma pessoa ou um grupo (mas um só cantador); sexo; local; carácter da música: litúrgico ou laico (local). Elementos mágicos: sino-saimão, lençol, correntes, campainhas, funis. Trás-os-Montes e Beiras: em grupo, lugares sobranceiros junto ao povoado, fórmula: «recordai hó irmãos meus». Entre Douro e Minho: individual, monte elevado e solitário, fórmula: «alerta alerta».

Será criação cultural portuguesa? É de supor que seja a persistência de um costume medieval de raiz litúrgica católica, que fosse extensivo a todo o

mundo cristão; em Espanha subsiste só a forma religiosa não popular: novenas das almas; em Compostela havia um encomendador que era cargo público (tal como cá, Coimbra e Lisboa século XVI e XVII); e há vestígios de encomendações urbanas noutros países. Entre nós o costume foi apropriado pelo povo, porque aqui em vez do bem-estar post-renascentista da Europa havia as descobertas e a emigração que criaram uma psicologia saudosista, feição de um povo com uma história singular.

- 1452 DIAS, Jorge, e DIAS, Margot — *A «recomenda das almas» como elemento cultural da área luso-brasileira*. DL, Sétima Série, III-IV, Porto, 1956, pp. 265-272.

Estudo comparativo em que se procura definir os elementos comuns a toda a área luso-brasileira.

Comparação dos textos literários e musicais.

- 1453 DIAS, Lopes — *Distrito Etnográfico — Crenças, costumes e superstições*. AR, II, 67, Castelo Branco, 1926.

Descrição do costume de «enganchar» — pacto realizado na quarta-feira de cinzas entre rapazes e raparigas, do qual só se desobrigam na Ressurreição ou S. João. Versos das alvissaras. Breves notas sobre a encomendação das almas.

- 1454 FIGUEIREDO, Moreira de — *Subsídios para um Tombo Genealógico das Beiras*. BAAP, VIII, Viseu, 1943, pp. 183-198.

Festas e romarias de Alcofra.

Menção do costume de encomendar as almas.

Letra e música de quatro modas populares.

- 1455 GOMES, Dinis — *Costumes e gente de Ílhavo — Devoções populares — «Alminhas»*. ADA, VI, Aveiro, 1940, pp. 215-220.

Referência à festa de S. Pedro que outrora se realizava em Ílhavo, feita pelos pescadores das companhas da Costa Nova e S. Jacinto.

Encomendação das almas e reza do terço em conjunto, sobretudo por pescadeiras. Música do lamento das almas e da reza do terço.

- 1456 LIMA, Augusto César Pires de, e CARNEIRO, Alexandre Lima — *A encomendação das almas*. DL, Quarta Série, III-IV, Porto, 1951, pp. 3-21.

«Os Autores fazem um estudo da encomendação das almas em Portugal, apoiando-se em abundante bibliografia. O trabalho está dividido em vários capítulos dos quais os dois primeiros são introdutórios: Assistência espiritual; A encomendação. Os restantes são dedicados a várias regiões do país. Os Autores terminam fazendo uma justa crítica ao que ultimamente sucede nas nossas aldeias, relativamente às práticas tradicionais, e fazem um apelo ao clero no sentido de depurar os costumes piedosos populares dos elementos perturbadores, sem consentirem que eles desapareçam. Os Autores reproduzem duas melodias da encomendação das almas, uma de Gonçalo Sampaio e outra de Rodney Gallop». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 1457 LOUBET, Emílio — *Às almas*. DL, Segunda Série, v, Porto, 1946, pp. 66-67.

Menção do costume da encomendação das almas, em Vila Real.

- 1458 MACHADO, Casimira de Morais — *Subsídios para a história do Mogadouro — O culto das Almas — Usos e crença*. DL, Sétima Série, v-vi, Porto, 1956, pp. 501-522.

Notas acerca da Encomendação das Almas — Versos e orações.

- 1459 NUNES, M. Dias — *O Canto das Almas*. T, iii, Serpa, 1901, pp. 26-27.

O culto popular das almas, nos concelhos de Alcoutim, Serpa, etc. Em Novembro e Dezembro, pelas frias noites destes meses, grupos de homens embuçados em mantas alentejanas percorriam as ruas silenciosas das povoações, parando de porta em porta e monte em monte, para cantarem em louvor das almas, ao som da viola. As esmolas eram para missas pelas almas dos finados. Quadras próprias dessa cerimónia.

- 1460 VILARES, João — *Encomendar as almas*. MCP, iv, 44, Lisboa, 1950, pp. 20-21.

Relato da encomendação das almas na região bragançana.

Ver Ref.^{as}: 142, 144, 145, 198, 224, 228, 229, 257, 259, 290, 352, 939, 1408, 1426, 1607, 1610.

1.5. SERRAÇÃO DA VELHA

- 1461 BRAGA, Theophilo — *Serração da Velha*. T, I, Serpa, 1899, pp. 49-50.

Interpretação mítica da cerimónia: sua origem num politeísmo ariano, sideral, como celebração da entrada do verão, e saída do inverno. A «Velha» dos árabes e dos povos germânicos. O «passar a serra» (Gil Vicente — Triunfo do Inverno).

- 1462 CARDOSO, Carlos Lopes — *O Serrar da Velha — Contributo português para o estudo de um elemento cultural*. APPC, XXIII Congresso, Coimbra, 1956, pp. 47-53, e DL, Sétima Série, V-VI, Porto, 1956, pp. 561-606.

Definição de alguns elementos integrados no serrar da velha: data fixa, cortejo, testamento, figuração da velha por uma pessoa, um boneco de palha ou cortiço, e eliminação daquela por queima ou serração final.

- 1463 CASTELO-BRANCO, Fernando — *A serração da Velha em Lisboa*. RML, 74, Lisboa, 1957, pp. 5-14.

Notícias extraídas de vários folhetos de cordel, referentes à serração da velha.

- 1464 CHAVES, Luís — *Na Quaresma — As tradições alegres da Quaresma*. ALP, v, Lisboa, 1937-39, pp. 361-378.
 Notas acerca do «domingo da caqueirada», serração da velha, domingo de Ramos, e queima do Judas.
 Transcrição de um «Auto da Serração da Velha», editado em Lisboa em 1814, e de um «Testamento de Judas», do ano de 1752.
- 1465 DIAS, Lopes — *Distrito Etnográfico — Serração da Velha*. AR, I, 45, Castelo Branco, 1925.
 Breves notas sobre a Serração da Velha e sobre a «Confraria» dos bêbados (dia de Santa Bebiana e S. Martinho).
- 1466 DINIS, Manuel Vieira — *Das Cinzas aos Ramos*. DL, Quarta Série, v-vi, Porto, 1951, pp. 23-30.
 «O Autor narra os costumes religiosos praticados pelo povo nesta quadra do ano e transcreve uma série de orações que se costumam rezar então. Faz uma boa descrição da serra-a-velha, que hoje está em desuso». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 1467 FAZENDA JÚNIOR — *A serração da velha*. T, I, Serpa, 1899, p. 45.
 Descrição da Serração da Velha em Cuba: Um homem, levando um cortiço fechado, com um cão e um gato dentro, que se engalfinham, e que o povo julga ser uma velha furiosa, e um serrote. Acompanha-o um menino vestido de anjo. Passeiam pela vila, e depois, num largo, o homem serra o cortiço; no fim, muitas vezes o anjo é perseguido e espancado.
- 1468 MARTHA, Cardoso, e PINTO, Augusto — *Folclóre da Figueira da Foz*. 2, Esposende, 1913, 269 pp.
 Orações, encantos, ensalmos, imprecações ou pragas, e juramentos.
 Superstições várias.
 Mezinhas e algumas formas de medicina popular.
 Práticas supersticiosas para obstar aos malefícios das bruxas.
 Interpretação que o povo dá a alguns factos relacionados com certos animais, e fenómenos astronómicos e meteorológicos.
 Amuletos.
 Enumeração de alguns usos e costumes relativos, nomeadamente, a procissões, promessas, ramos de obra, Serração da Velha, casamentos, etc..
 117 adágios.
 40 pequenos contos tradicionais. Modismos e exclamações.
- 1469 PIRES, A. Thomaz — *Investigações ethnográficas*. RL, VIII, Lisboa, 1903-1905, pp. 263-269; XII, 1909, pp. 61-92.
 Pequenas notas sobre: fogueiras do Natal (no século XVI); Auto da Pombinha (no século XVI); Gitano (1629); Culto das águas (Camões);

Deu ao Diaho a Cardada; Capelista; Jogar a mulher (no Sião); Amuletos; Ex-votos (em Horácio e Pérsio); Imagens nos barcos de pesca (Eneida); Obrada; Os reis Magos na procissão do Corpus Christi (Elvas, 1808); as espécies de luto; O rito da provocação da chuva; vários costumes (Elvas, 1617); Apodos geográficos; Superstições escolares; várias superstições e crenças alentejanas; A Serração da Velha em Elvas.

Procissão da *Candeya*, em Guimarães, no século XVIII — procissão que tinha lugar na véspera do Espírito Santo, com um andor de cera encimado pela pomba, e que comportava também a benção de bolos, distribuídos afinal pelo povo.

O S. João na Amieira — novenas de moças ao Santo.

Uma usança portalegrense — velada fúnebre dos «anjinhos».

Sortilégios.

Das festas que houve na vila de Viana em Maio de 1609 pela trasladação dos restos mortais de D. Frei Bartolomeu dos Martyres — Folias, jogos de canas, danças, figurados, representações.

Amuletos (século XVIII) — o olho de víbora, e unha de grã-besta.

Encantos amatórios — práticas de natureza mágica em vista ao amor. Apodo geográfico. Trova popularizada. Pregões lisboetas. Comparações populares alentejanas.

S. Gonçalo de Amarante — menção de cantos e danças irreverentes dentro da Sé do Porto.

Exorcismos.

Usos antigos nos casamentos em Portugal — menção de alguns costumes.

Interpretação de alguns sonhos. Agouros.

Provérbios.

Lenda da Rainha Santa Isabel. (Extractos de periódicos).

- 1470 VITERBO, Sousa — *Estudos etnográficos*. RL, xxiii, Lisboa, 1920, pp. 138-143.

O S. João e as tradições populares — Considerações acerca da palavra tampa; citações literárias alusivas aos figos lampos, colhidos na manhã de S. João, rociados de orvalho, e que se supõe estarem na origem do termo.

O luto em Portugal — Traje de burel.

Quaresma — Serração da Velha.

- 1471 VÁRIOS — *Serração da Velha*. OT, 2.^a Série, 7, Porto, 1919, pp. 143-144.

Pequenas notas descritivas deste costume, na Foz, e em freguesias de Santo Tirso.

- 1472 VÁRIOS — *Serração da Velha*. OT, 2.^a Série, 8, Porto, 1919, p. 164.

Transcrição dum «testamento da velha».

Ver Ref.^{as}: 4, 105, 142, 144, 208, 225, 244, 260, 281, 288, 290, 294, 442, 939, 1384, 1394, 1397, 1408, 1411, 1417, 1418, 1422, 1423, 1426, 1427, 1433, 1435.

1.6. RAMOS

- 1473 GUIMARÃES, Abade J. G. d'Oliveira — *Festas anuais da Camara de Guimarães*. RG, XXI, Porto, 1904, pp. 20-34.

Notas históricas sobre as comemorações de Aljubarrota, festas do Espírito Santo, Ladainhas, Benção dos Ramos, S. João e outras festividades (século XVII e XVIII).

- 1474 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *Domingo de Ramos em Portugal*. OCP, 8-4-1958.

Análise dos elementos mais importantes desta celebração.

Descrição dos diversos aspectos de que se reveste a benção dos ramos em Portugal nesse dia, conservados depois durante o ano como meio profilático contra trovoadas, protecção de casas e searas, etc.

Manjar cerimonial deste dia: caldo de castanha pilada; proibição de ir às hortas e comer hortaliça.

Troca de folares ou prendas entre afilhados e padrinhos, e entre namorados.

Ver Ref.^{as}: 223, 244, 256, 939, 1373, 1397, 1417, 1435.

1.7. JUDAS

- 1475 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, XXVIII, Lisboa, 1946, pp. 266-270; LIX, 1956, pp. 134-140.

Quadras populares alusivas ao sentimento religioso do sábado de Aleluia, quinta-feira de Endoenças, sexta-feira da Paixão e domingo da Ressurreição. A queima do Judas — Os testamentos e o espectáculo público. Transcrição de um testamento setecentista.

- 1476 DIAS, Jorge — *A queima do Judas*. ONL, 3, 1948.

«O Autor procura explicar o significado simbólico de certas práticas tradicionais, cujo conteúdo primitivo se perdeu ou transformou. Compara o sacrificio do Boogg em Zurique com a queima do Judas, e fornece outros elementos de comparação». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 1477 MELO, Laudelino de Miranda — *Região do Vouga — A noite de Judas em Travassô*. ADA, X, Aveiro, 1944, pp. 207-212.

Notas acerca da noite do Judas. Rivalidade entre grupos de rapazes dos diferentes lugares que porfiavam em apresentar um Judas melhor.

Transcrição de alguns versos dum testamento do Judas.

- 1478 OLIVEIRA, Ernesto de — *A Queima do Judas*. TL, 3, pp. 83-88.

A queima do Judas, de sábado de Aleluia, no concelho de Vila do Conde. Um «testamento» do Judas em verso.

- 1479 PAÇO, Afonso do — *Usos e costumes, crenças e medicina popular*. RL, XXVIII, Lisboa, 1930, pp. 245-261.

Descrição da procissão de Ramos (Caldelas).

Visita pascal e procissão dos ovos (S. Julião de Passos); casamentos (Outeiro, Viana do Castelo); botar o navio ao mar — primeiro namoro — (Outeiro). Rebios — termo com que os minhotos designam os ribatejanos, quando vão trabalhar para o Ribatejo. Romeiros (Outeiro). Contos — O coelho rabicho, O pecado da feiticeira, O sapateiro e a feiticeira.

Crenças populares — ex.: Pascalização, várias de gravidez e crianças, couves roubadas, 1.º de Maio, etc.

Medicina popular — exemplos avulsos.

- 1480 S/A. — *Poeira dos tempos — A morte de Judas*. FL, IV, Lisboa, 1932, pp. 243-244.

Extracto da Rev. Univ. Lisbonense (1842) referente à morte do Judas, em Belém.

Ver Ref.^{as}: 1, 142, 144, 233, 442, 1375, 1397, 1412, 1418, 1422.

1.8. PÁSCOA

- 1481 AZEVEDO, Álvaro de — *Tradições populares colhidas no concelho de Baião*. DL, Segunda Série, III, Porto, 1945, pp. 65-66.

Pequenas notas sobre religião popular: devoções, bençãos e ladaínhas, romarias; e sobre algumas festas cíclicas e ritos de passagem: Páscoa e Natal; nascimento e casamento.

- 1482 AZEVEDO, Pedro A. d' — *As Boas Festas*. T, II, Serpa, 1900, pp. 42-44, 75-76, 91-93.

Estudo histórico e minucioso das boas festas do Natal e Páscoa. Dar e pedir festas. 4 Páscoas do ano: propriamente dita, Pentecostes, Epifânia (Reis) e Natal. Os bolos de Natal e da Páscoa (com ovo). O ovo como paga ao padre por abençoar as casas, na Páscoa. O Entrudo.

Datas certas para pagamentos de foros e enfeiteuses. Presentes que os Agostinhos de Lisboa davam em certos dias.

- 1483 CHAVES, Luís — *No termo da Quaresma — Semana Santa, Aleluia-Páscoa, nos costumes e no folclore*. ALP, v, Lisboa, 1937-39, pp. 398-407.

Romances da Paixão. Versos das alvíssaras e das Boas-Festas.

Apontamentos sobre o compasso pascal e enumeração de alguns doces desta quadra.

- 1484 CHAVES, Luís — *Nos domínios da Etnografia e do folclore*. RO, IX, Lisboa, 1940, pp. 130-136.
- Notas e comentários sobre o mês de Abril no folclore. Provérbios e notas sobre ovos de Páscoa.
- 1485 DINIS, Manuel Vieira — *Tradições pascais (em Paços de Ferreira)*. DL, Quarta Série, VII-VIII, Porto, 1951, pp. 43-49.
- Descrição de alguns e costumes referentes ao compasso pascal: folares ao sacerdote, afilhados, e entre namorados. Ovos tingidos.
- 1486 GORDO, João António — *A «Aleluia» em Castelo de Vide*. Po, XIII, Porto, 1940, pp. 11-15.
- Descrição da Aleluia em Castelo de Vide. A nota mais curiosa é dada pelo rapazio que no momento faz um «concerto» de campainhas e chocalhos.
- 1487 M. C. — *Próprio do tempo — A festa da Páscoa*. IM, IV, 31, Porto, 1929, pp. 299-304.
- Correspondência entre Páscoa católica e a Pesach judaica.
A Páscoa nas províncias do norte: o «compasso», os folares, os ovos; o ovo considerado como emblema da vida, da esperança e da imortalidade, usado pelos antigos cristãos como emblema de ressurreição.
Oração do ritual romano para benzer ovos, especialmente na Páscoa.
- 1488 MELO, Laudelino de Miranda — *Velhos costumes dos Povos da região do Vouga*. ADA, IX, Aveiro, 1943, pp. 113-118.
- Breves notas sobre o tirar o folar na Páscoa e o costume de oferecer ao afilhado o folar. Reisadas. Etc.
- 1489 NOGUEIRA, Vidal Caldas — *O dia da Cruz no Minho*. VRTDC, 65, 1946.
- Referências ao Compasso pascal e ao costume vigente em algumas aldeias da margem do rio Minho de, na 2.^a feira de Páscoa, o padre paramentado, com todo o seu séquito, dar um passeio fluvial; os pescadores que nele tomam parte lançam as redes e todo o peixe recolhido na ocasião é ofertado ao padre.
- 1490 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *Os «Bombos» de Fafe e outras manifestações de carácter periódico*. TAE, XIII, 3-4, Porto, 1952, pp. 265-270.
- Os baloiços da Páscoa, em Fafe, as travessuras do S. João e S. Pedro, e o «pucarinho» do Carnaval em Coimbra.

- 1491 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *Folares e ovos de Páscoa em Portugal*. OCP, 13-10-1959 e 24-11-1959.

Estudo dos folares e ovos de Páscoa, que em Portugal constituem presentes cerimoniais específicos desta celebração. Os primeiros, entre padrinhos e afilhados (apontando a «relação especial e estreita que existe entre estas celebrações da Páscoa e as regras do parentesco cerimonial»), os segundos, entre os paroquianos e o Padre, no dia da Visita do Compasso; e ainda como presente de namorados.

Descrição dos diferentes tipos de folar, processos tradicionais de tingir os ovos, formas e decorações, etc.

Dada a relevância que o ovo assume nestas celebrações alimentares, ele parece representar «o símbolo da fecundidade e abundância».

Quadro geral da distribuição dos costumes alimentares da Páscoa: «No NW atlântico, área das roscas de pão de trigo, ornamentadas, do pão-de-ló, dos ovos para o presente do padre, dos ovos tingidos. No NE trasmontano, área dos folares gordos e também aí, dos presentes de ovos para o padre; No Sul, zona mediterrânea, área dos folares doces com ovos cozidos incrustados inteiros, por vezes tingidos; No Centro, formas híbridas».

- 1492 PARENTE, Dias — *Bragança é a minha terra — Folclore bragançano, histórias e contos, lendas e narrativas*. MGP, XI, 130, Lisboa, 1957, pp. 10-11; 132, pp. 12-13.

Breve descrição da Páscoa (menção de «folares») e das festas de S. João e S. Pedro em Bragança.

- 1493 SÁ, Victor — *A tradição do Anjo (Póvoa de Varzim)*. BRCB, VIII, 217, 1956, pp. 1236-1239.

Descrição desta festa, que consiste «numa espécie de grandioso pic-nic», na tarde de 2.^a feira de Páscoa, no lugar do Anjo, em Argivai, a que vai toda a gente laboriosa da Póvoa de Varzim. É o dia característico em que se joga a pela. O manjar obrigatório são «cambitos (filetes) de raia». Depois de se comer, dança-se ao som de gaitas de beijos, numa confraternização completa. Como é depois da Páscoa que os pescadores partem para a pesca na Terra Nova, a festa é como que uma despedida alegre.

- 1494 S/A. — *A Páscoa dos Judeus*. RM, X, Esposende, 195, pp. 75-76.

Pequena nota sobre a Páscoa hebraica.

- 1495 S/A. — *Arquivo etnográfico*. L, II, Viana do Castelo, 1918-19, pp. 37-39.

Recortes de jornais com notícias referentes à Páscoa.

Ver Ref.^{as}: 4, 142, 144, 145, 196, 207, 225, 228, 233, 252, 253, 256, 260, 277, 290, 442, 939, 1055, 1373, 1386, 1394, 1397, 1417, 1432, 1892.

1.9. S. JOSÉ

Ver Ref.^{as}: 4, 1015

1.10. 1º DE ABRIL

Ver Ref.^{as}: 4, 442, 636, 1373, 1375, 1512

1.11. 1 E 3 DE MAIO

- 1496 ABELHO, Azinhal — *Roteiro lírico do Alentejo — As maias do mês de Maio*. MOP, VI, 71, Lisboa, 1952, pp. 8-9, 1 fig.

A festa de Santa Cruz, de 3 de Maio, em Montejunto (Alandroal). Descrição e versos. As Maias (raparigas) às portas. Rezas e práticas contra tempestades.

- 1497 BRANDÃO, Abílio de Magalhães — *Apontamentos folklóricos*. RG, VI, Porto, 1890, pp. 182-207.

As Maias — referência do costume de pôr o Maio (em Famalicão), para este não entrar.

Os farricocos — penitentes vestidos de túnicas, que costumavam pegar aos andores, com um à frente a tocar trombeta.

A festa do cuco — descrição desta festa, que tinha lugar no dia 22 de Março.

Fogueiras — menção de fogueiras de Natal e S. João. Superstições várias.

Medicina popular — indicação de algumas receitas. Adivinhas — 20. Lendas de mouras encantadas.

- 1498 CHAVES, Luís — *Notas etnográficas — A castanha na linguagem e nos hábitos da gente portuguesa*. ALP, IV, Lisboa, 1934-36, pp. 11-14.

Pequenas notas sobre a castanha e importância que ela assume em determinadas datas: 1.º de Maio, Todos os Santos, etc. 2 adivinhas e duas quadras populares alusivas.

- 1499 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, 5, Lisboa, 1939, pp. 433-439; XIII, 1941, pp. 346-350; XLVI, 1954, pp. 209-211.

Notas sobre as Maias (comer castanha nesse dia livra do «burro»), e a festa de Santa Cruz em Monsanto. Comentários à simbologia dos lenços de amor, ornados com quadras populares bordadas. Referência a um tipo de traje popular de Avintes.

- 1500 DAMASO, Reis — *Tradições poéticas do Algarve*. AV, I, 33 e 47, Lisboa, 1881.

Referência à crença popular em mouras encantadas. Descrição das festas do Maio.

- 1501 DELGADO, Manuel Joaquim — *A etnografia e o folclore no Baixo Alentejo*. RO, LI, Lisboa, 1956, pp. 1-32; LII, 1957, pp. 33-46, 49-72 e 73-80; LIII, 1957, pp. 81-176; LIV, pp. 177-208 e 225-256.

Considerações sobre o valor do adagiário. Alcinhas étnicas, apodos e ditados tópicos em quadras populares. Enumeração de adágios de sentido figurado, oriundos da linguagem marítima e depois generalizados. Adágios diversos de carácter geral. Rezas e benzeduras, ensalmos e fórmulas rituais usadas na cura de certas doenças. Orações populares. Crendices, superstições e agoiros — Notas sobre as «Maias» e o «Enterro do Bacalhau» em Beja; presságios e agoiros diversos. Contos populares e lendas. Jogos infantis. Adivinhas. Descrição de um pedido de casamento (Montemor-o-Novo).

- 1502 DIAS, Jaime Lopes — *Distrito Etnográfico — Os Maios*. AR, III, 124, Castelo Branco, 1928.

Breve descrição do costume (no Fundão e em Tinalhas) dos moços se vestirem de flores e andarem de porta em porta a pedir castanhas, no dia primeiro de Maio.

- 1503 DIAS, P.^o Joaquim Teixeira — *Tradições populares (Concelho de Resende)*. DL, VI, Porto, 1943, pp. 75-79.

Ferraduras e chifres nas portas. Tatuagens, maias, divinações do S. João. Festa anual do 4.^o domingo de Maio; arremesso de pedras mágico. Orações populares.

- 1504 G., A. — *As Maias*. ATP, 1, Lisboa, 1916, p. 73.

Descrição deste costume, em Guimarães. Muita exemplificação: as «maias» nas lojas de ofícios, nas casas dos moradores, nos carros de bois, nas boeiras, nos rapazes da aguilhada, nas diligências.

- 1505 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *O Primeiro de Maio*. OCP, 13-5-1958 e 24-6-1958.

Estudo desta celebração cíclica. Descrição dos diferentes aspectos sob que se apresenta em Portugal e nos Açores, e que constam essencialmente de: 1) Consagrações florais (aposição de «Maias» — giestas ou coroas de flores — nas portas e janelas de casas, em carros, etc.); Maios Moços floridos e ambulantes à frente de cortejos de peditórios — Trás-os-Montes —; «Maias» representadas por raparigas em posição hierática (Alentejo e Algarve); e 2) Manjares cerimoniais: a castanha em Trás-os-Montes e leste beirão; bolos na Estremadura e Alentejo; «queijinhos de Maio», no Algarve, etc. Análise e crítica das hipóteses que filiam estas cerimónias nas Florálias romanas.

Admite que estas práticas tenham bebido a sua origem «em complexos rituais próprios de remotíssimos cultos agrários, dos quais derivariam as próprias festas romanas e célticas, e as crenças associadas à noite de Valpurgis, e que nos vários pontos evoluíram e se apresentam de modo diferente».

«As figurações floridas»... «podem por isso talvez ser corporizações do espírito fecundo da Primavera... que se opõem às forças negativas do inverno, latentes na ideia de entidades maléficas — o «Burro» ou mais discretamente o «Maio» (ou ainda, na lenda cristianizada, os «Judeus que queriam matar o Senhor»); «paralelamente, as manducações cerimoniais, serão consagrações, também em vista da fertilidade, de certas espécies comestíveis representativas cujo desenvolvimento e abundância convinha estimular por meio de um repasto ritual». «E assim, o «Burro» do costume português exprime a personificação do mal e da morte — o Diabo —». «Nos variados aspectos, por vezes tão distintos, das celebrações do Primeiro de Maio, ter-se-ia pois operado um sincretismo de práticas e crenças, talvez de origens diferentes mas todas convergentes, ramificações de uma mesma ideia, com idêntico sentido de purificação e exaltação da fertilidade e abundância, por meio de actos diversos de magia ritual imitativa, propiciatórios ou, mais provavelmente, profiláticos».

- 1506 PIRES, A. Thomaz — *Investigações ethnográficas*. RL, XIII, Lisboa, 1910, pp. 18-45.

Usos e Costumes minhotos (obradas fúnebres). Lendas. Autos sacramentais (menção da representação de autos natalícios, na Vila do Bispo, em 1861). A prova do ferro em brasa (relato de uma imputação de culpa de adultério, cuja inocência se comprovou por esta prova). Proibições das «Constituições do Bispado de Elvas» (proibição de representação de autos, comédias ou colóquios, etc.).

Agouros. Pregões. O caspacho (sopa de pão, azeite, vinagre, água e alhos pisados). Comer no mesmo prato (menção do costume de marido e mulher comerem no mesmo prato, como meio de preservação da harmonia entre ambos). Superstições várias. Exorcismos. Cavalo de Maio (tributo pago em Viseu, no 1.º de Maio).

- 1507 RIBEIRO, Luís da Silva — *As festas de Maio na ilha Terceira*. BIHIT, 14, Angra do Heroísmo, 1956, pp. 196-202.

Notícias sobre as festas de Maio — práticas e ritos de paganismo cristianizados. Ornamentação de pessoas, casas, animais; danças, canções e comidas específicas dessa quadra.

- 1508 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Tradições dos corpos celestes*. AV, I, 17, 19 e 20, Lisboa, 1880.

Menção de algumas tradições populares: culto da lua, festas do S. João, cepto do Natal, festas das Maias. Suas relações com cultos solares e festas do solstício do verão. Quadras populares alusivas.

- 1509 VASCONCELLOS, J. Leite de — *As maias — Costumes populares portuguesas*. PG, 19, Viana do Castelo, 1882, pp. 4-5.

Descrição de alguns costumes referentes ao 1.º de Maio, de vários pontos do país. Quadras cantadas ao «Maio-moço».

- 1510 VELLEDA, Maria — *Abril e o mês que há-de vir*. T, IV, Serpa, 1902, pp. 84-87.

Ligeiras referências ao dia 1.º de Maio e «dia das Cruzes».

- 1511 S/A. — *Maias*. RM, XII, Esposende, 1897, pp. 69-71.

As «Maias» no Algarve (ex. «Portugal Antigo e Moderno»), e em Trás-os-Montes (ex. Camilo Castelo Branco).

- 1512 S/A. — *1.º de Abril, dia de enganar*. OT, 2.ª Série, 12, Porto, 1919, p. 242.

Breves notas extraídas de obras de Castilho referentes ao 1.º de Abril e 1.º de Maio.

Ver Ref.^{as}: 4, 44, 67, 142, 144, 177, 218, 222, 223, 226, 227, 228, 248, 256, 288, 442, 562, 939, 1055, 1375, 1377, 1386, 1397, 1400, 1411, 1437, 1892, 3130.

1.12. ASCENSÃO

- 1513 CHAVES, Luís — *O Mosteiro da Serra de Ossa*. AP, XXI, Lisboa, 1916, p. 243.

«No dia da espiga, quinta-feira de Ascensão, faz-se dos arredores uma romaria ao mosteiro de Ossa. Aí se junta muito povo, que dança e canta pela nave do templo, nos claustros, nas salas, por toda a parte onde há sombra, possa dançar e cantar e tocar harmonium. Fora andam à venda os cravos de papel». 3 quadras populares alusivas.

- 1514 GUIMARÃES, Alfredo — *Quinta-feira das Rosas*. TL, 1, Lisboa, 1951, pp. 2-4, 2 figs.

Descrição da festa da Ascensão em Guimarães.

- 1515 LIMA, Augusto César Pires de — *Costumes do século XVIII*. RL, XXVIII, Lisboa, 1920, pp. 189-190.

Por canários ornados de flores nas igrejas, no dia da Ascensão. Ciúmes de Marido (Extractos de um livro francês de 1730).

- 1516 MARTHA, M. Cardoso — *Cartas etnográficas*. L, III, Viana do Castelo, 1919-20, pp. 23-24.

Refere-se a alguns costumes tradicionais da Quinta-feira de Ascensão, na Murteira.

- 1517 M., C. — *Próprio do tempo — A festa da Ascensão e o dia da espiga*. IM, IV, 33, Porto, 1929.

Fala da importância que a Ascensão tem na liturgia, e do seu significado na vida da igreja.

Refere-se à tradição da apanha da espiga, associada a este dia, e às procissões aos campos que os pagãos do império romano realizavam, principalmente quando o tempo ameaçava as *novidades*. A igreja que adoptou alguns usos antigos, determinou por essa altura as litanias das «Rogações» em que se pedem as bênçãos do Alto para os frutos e sementeiras. O Autor entronca nestas «Rogações» o costume da apanha da espiga, opondo-se à sua origem pagã.

- 1518 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *A Quinta-Feira de Ascensão em Portugal*. TAE, XV, 3-4, Porto, 1955-57, pp. 288-293.

Práticas específicas e tradicionais deste dia; seu carácter propiciatório. Proibições rigorosas de trabalho; aspecto mágico-cerimonial do leite; a «espiga». Análise e interpretação destes elementos.

- 1519 PEREIRA, A. Gomes — *Tradições Populares e Vocabulário da Guarda*. Espozende (Collecção Silva Vieira), 1912, 79 pp.

Quadras populares (14). Oração do moleiro. Superstições (S. João, Feitiçarias). Lendas. Costumes (Natal, 4.^a feira de Trevas, Ascensão, S. João, Ceifas, Enterros). Adágios. Vocabulário. Toponímia.

- 1520 S/A. — *Curiosidades e indicações úteis e precisas extraídas de processos do «Arquivo dos feitos findos»*. FL, IV, Lisboa, 1932, p. 23.

Notícias sobre uma procissão que tinha lugar no dia de Ascensão, em que entravam ranchos e gaiteiros, homens mascarados armados com armas de fogo, levando bonecos horrendos e praticando acções indecorosas, ao mesmo tempo que mulheres ornamentadas com enfeites indecentes bailavam danças lúbricas.

Ver Ref.^{as}: 4, 4207, 215, 1373, 1375.

1.13. PENTECOSTES

- 1521 ÁVILA, Manuel Machado — *Cantigas dos Foliões do Espírito Santo*. BIHIT, XVI, Angra do Heroísmo, 1958, pp. 290-294.

Cantigas dos foliões das festas do Espírito Santo.

- 1522 AZEVEDO, P. A. d^o — *As festas dos Imperadores*. RL, IV, Lisboa, 1896, pp. 134-142.

Estudo acerca da festa do Espírito Santo. Transcrição de 5 documentos de D. Manuel confirmando ou instituindo estas festas.

- 1523 CABRAL, Julio — *Festejos do Espírito Santo*. AA, Lisboa, 1903. pp. 265-269.

Indicação dos Impérios existentes na Ilha de Santa Maria e descrição do modo como se desenrola o cerimonial das coroações, cortejos da igreja para o «teatro». bênção da mesa, bodo, etc., acompanhado pelos três Foliões com instrumental de bombo e testos (espécie de pequenos pratos metálicos).

- 1524 CARNEIRO, A. Lima — *A coroação das crianças*. DL, VIII, Porto, 1943. pp. 44-45, 1 fig.

A coroação das crianças, com uma coroa de prata existente na capela da Senhora das Dores, na festa do Espírito Santo na Trofa, contra o mal da gota.

- 1525 CASTRO, Francisco do Canto e — *Memória histórica das festas do Divino Espírito Santo na ilha de S. Jorge*. RI, II, Ponta Delgada, 1946. pp. 495-502.

Notícias dos partidos, dos velhos e dos mancebos que formavam a «mordomia», que sortia dois irmãos para fazerem o peditório no fim das colheitas. Descrição da preparação dos carros de bois que se incorporavam no cortejo; a festa de Pentecostes, que pertencia aos velhos, e o domingo da Trindade, que pertencia aos novos. Rivalidade entre os dois grupos.

O «Bando» e as suas principais personagens. O «Imperador», os «Terços». as «Bezerradas», etc.

- 1526 CHAVES, Luís — *Páginas folclóricas*. RL, XXX, Lisboa, 1932, pp. 129-186; XXXI, 1933, pp. 276-291; XXXII, 1934, pp. 294-315.

Considerações sobre poesia popular portuguesa. Análise de algumas versões do romance Santa Iria e da Nau Catrineta, e das «decimas do padrão» do Ameixial. Exemplos de quadras populares em que o povo canta as árvores, flores e frutos. Cantigas profissionais. Trovas cantadas à Senhora da Lapa; etc. A castanha. A festa do Espírito Santo no folclore português. Esboço de um cancionário mariano. O Natal no folclore e na arte popular.

- 1527 CHAVES, Luís — *Folclore religioso*. Porto, 1945, 189 pp.

I) Apologética popular: o Credo seguido nos cantares do povo — Com base no enunciado fundamental do Credo encadeia várias quadras de cânticos natalícios, da Páscoa, etc., seguidas de comentários.

II) O «ciclo dos doze dias» em Portugal — Cita Van Gennep e fala da sobreposição de factores pagãos e cristãos, no ciclo do Natal. Alude, no primeiro caso, ao deus solar Mitra, e ao solstício do inverno; e no segundo, às calhandras (novenas ao Menino), madeiro; etc. Referências à Festa dos Rapazes e a casos de personificação do Natal, Janeiras e Reis. Romances e quadras populares alusivas.

III) o Natal no folclore e na arte popular — Quadras, orações e cânticos ao Menino, seguidas de alguns comentários. Alguns adágios alusivos ao Natal.

IV) Nossa Senhora na alma, no coração e na boca do povo (Esboço dum cancionário mariano).

V) A festa do Espírito Santo no folclore — Citação e transcrição de F. Correia Lacerda, Bispo do Porto (1680), que descreve a origem do culto em Portugal: Rainha Santa. Extractos de outras notícias com descrições desta festa. Império e folias da Beira Baixa: coroações, banquetes obrigatórios, bodos, etc. Transcrição dum relato destas festas nos Açores, de Corte-Rodrigues, publicada no Jornal A Voz.

VI) Os Santos Populares — Santo António e S. Pedro nas tradições dos portugueses — Santo António no onomástico e na toponímia, como advogado e protector de negócios, amores, de soldados, etc. Cascatas. Quadras populares alusivas.

VII) Danças religiosas — Menção de danças que tinham lugar em festas religiosas e procissões, geralmente organizadas pelos mesteres. Sua feição profana, em alguns casos mesmo, guerreira. Notícias históricas alusivas. Proibições da sua representação. Representações de autos sacros dentro das igrejas.

VIII) Em redor da Cruz — A Cruz na arqueologia e na história. Os Cruzeiros, padrão paroquial e funerário.

- 1528 C.,C. da — *Foliões do Espírito Santo*. RI, III, Ponta Delgada, 1947, pp. 545-546.

Breves notas acerca das «Folias» do Espírito Santo e do papel que os foliões desempenham.

- 1529 COSTA, Francisco Carreiro da — *As festas do Espírito Santo nos Açores*. RI, XIII, Ponta Delgada, 1957, pp. 5-54.

Notícias acerca das festas do Espírito Santo no arquipélago dos Açores.

- 1530 COSTA, José Maria da — *O Espírito Santo nos Açores*. RM, XXI, Esposende, 1913, pp. 26-27.

Fala das insígnias dos «Imperadores», e das obrigações e privilégios deste cargo.

- 1531 DIAS, Jaime Lopes — *Etnografia do distrito de Castelo Branco — A Noite do Vitó*. VRTDC, 89, 1948.

Descrição das práticas tradicionais que tinham lugar na noite do domingo a seguir ao Pentecostes, na Zebreira, em que 12 mordomos da Confraria do Espírito Santo, com o Juiz, Alferes e Tesoureiro, acompanhados por um tocador de viola, se reuniam em casa do tesoureiro, onde tinha lugar o jantar, precedido de rezas. Pratos específicos, praxes obrigatórias, etc. Cortejo pelas ruas da aldeia. Letra e música cantada na ocasião.

- 1532 DIAS, Jaime Lopes — *A festa do Divino como elemento da área cultural comum Luso-Brasileira*. EEFHRA, Rio de Janeiro, 1960, pp. 423-429.
- Origem da festa do Divino Espírito Santo. Principais elementos do seu complexo ritual: a folia, símbolos e insígnias, banquetes obrigatórios, etc.
- 1533 DIAS, Lopes — *Distrito Etnográfico — As Folias*. AR, II, 71, Castelo Branco, 1926.
- Sumária descrição das Folias do Espírito Santo.
- 1534 D., L. — *As Folias*. AR, II, 72, Castelo Branco, 1926.
- Indicação de algumas freguesias do concelho do Fundão onde se faziam as festas do Espírito Santo.
- 1535 DIAS, Urbano de Mendonça — *Foliões*. OA, I, 2, Ponta Delgada, 1922.
- O papel dos Foliões nas festas do Espírito Santo nos Açores; componentes e instrumentos usados: 3 homens, de opas vermelhas enramalhadas e carapuço ou mitra na cabeça, que tocam, um, tambor, outro pandeiro (espécie de sacuditivo com soalhas) e porta-bandeira. Nos arredores de Ponta Delgada a Folia compreende 4 figuras que tocam rabeca, viola e «pandeiro».
- 1536 ENES, P. e Inocêncio — *As festas do Espírito Santo nos Altares*. BIHIT, 6, Angra do Heroísmo, 1948, pp. 107-123.
- Descrição minuciosa destes festejos nos Altares, Terceira (Açores).
- 1537 FIGUEIREDO, Jaime de — *Impérios Marienses — Folclore Açoriano*. Lisboa, 1957, 160 pp., 23 figs.
- Alude à fundação dos festejos do Espírito Santo pela Rainha Santa Isabel, e descreve estas cerimónias em Santa Maria, Açores, onde constituem a celebração mais importante da liturgia popular. Assim, fala-nos dos Impérios, da sua organização, insígnias, função das Folias, cargos, ornamentação dos altares para receberem a coroa e o ceptro, irmandades, preparação dos cereais e cortejo processional deste para os moinhos onde vai ser moído; do fabrico do pão, roscas e biscoitos; da romaria da copeira — matança dos «gueixos» (vitelos) e benção da carne; preparação do bodo; coroação do imperador; distribuição do bodo, etc. Inclui ainda várias quadras, alusivas a cada situação, cantadas pelos foliões, com acompanhamento instrumental de bombo e «testos» (pratos).
- 1538 GASCON, José António Guerreiro — *Festas e costumes de Monchique*. RL, XXII, Lisboa, 1919, pp. 200-210 e XXIV, Lisboa, 1922, pp. 274-285.
- Descrição das procissões dos Passos (na qual figurava, até fins do século XIX, o farnicoco), e da Semana Santa.

Santo Espírito em Marmeleite — A folia — descrição completa: o bodo; a casa do Espírito Santo; o Rei (um Rei para cada domingo); versos do peditório e de outras cerimónias, cantados pelos foliões com acompanhamento instrumental de bombo; bênção do pão e do vinho pelo prior; distribuição de pão e carne pelos pobres; o banquete do dia da festa; o enforcamento do rei.

- 1539 LIMA, Gervásio — *Festas do Espírito Santo — Cantores e cantares*. Angra do Heroísmo, 1932, 202 pp.

Origem e introdução das festas do Espírito Santo nos Açores, que, segundo o autor, teve lugar nos começos do século XVI.

Descrição dos Impérios e suas respectivas Irmandades: obrigações, Imperadores, coroações e bodas; cantigas dos Foliões, que precedem todas as cerimónias desse complexo ritual. Notas sobre o traje e instrumentos específicos da celebração.

Evocação do baile popular há cem anos — versos e notas coreográficas. Versos improvisados por velhos cantadores.

- 1540 LOPES, Frederico — *Donde terão vindo as «varas» da festa do Espírito Santo*. BIHIT, 8, Angra do Heroísmo, 1950, pp. 273-274.

As «varas» como símbolo de antiguidade; seus usos variados. A «vara» do Juiz de Fora na procissão do Corpus Christi, para «fazer andar as danças». As «varas» decorativas.

- 1541 LOPES, Frederico — *Memória sobre as festas do Espírito Santo na ilha Terceira dos Açores*. BIHIT, 15, Angra do Heroísmo, 1957, pp. 94-164, 19 figs.

Provável origem das festas do Espírito Santo.

Irmandades. Os Impérios ou Teatros e as Despensas. Dignidades e insígnias. Nomenclatura das cerimónias e festividades. Ementa duma «função». Os foliões, que anunciam e orientam as festas. Desavenças, abusos, superstições e extravagâncias. O Espírito Santo na linguagem popular. Estatutos, notas e documentos. Música do terço do Espírito Santo. Cantigas dos foliões.

- 1542 MARQUES, Evaristo — *Costumes regionais da Ilha Terceira — Açores*. MCP, IV, 47, Lisboa, 1950, pp. 12-13, 14 figs.

Notas sobre as festas do Espírito Santo e as touradas à corda, nesta ilha.

- 1543 MENDES, Vieira — *Costumes açorianos — Festas do Espírito Santo*. AA, Lisboa, 1903, pp. 357-362, 5 figs.

Breves referências à origem destas festas e à sua introdução nos Açores (S. Miguel, 1522). Descrição de uma coroação.

- 1544 NOGUEIRA, J. V. Paula — *As ilhas de S. Miguel e Terceira*. Lisboa, 1894, 192, pp., 20 figs.

Leve descrição geográfica e paisagística destas duas ilhas, com informações sobre alguns aspectos citadinos e rurais.

De permissão contém algumas notas sobre: traje — capote e capelo, feminino, e carapuça, masculino, de S. Miguel, e capote e manto da Terceira; sobre as festas do Espírito Santo — eleição do *Imperador*, cortejo, colação cerimonial, quatro foliões com acompanhamento de «pandeiros» viola e rabeca; pesca da baleia; touradas de corda (Terceira); *burras*, *escalões* e *toldas* — armações de madeira, de várias formas, em que se secam as espigas do milho.

- 1545 PEREIRA, Cónego J. A. — *Sobre as festas do Espírito Santo — Censuras e leis da Antiguidade Diocesana desde 1560*. BIHIT, 8, Angra do Heroísmo, 1950, pp. 58-63.

As festas do Espírito Santo e os costumes a elas associados nos Açores.

- 1546 PIRES, A. Thomaz — *Investigações ethnographicas*. RL, XI, Lisboa, 1908, pp. 63-78.

A procissão do Corpus Christi no século XVII — Chacotas, folias e danças no século XVII. Arratel folfurinho: medida de distância (século XVI). A pedra da alegria. A fogaça de Nossa Senhora do Rosário. Endemoinhados. Os Lobisomens. A festa do Sacramento em Beja, nos meados do século XIX. O bodo do Espírito Santo em Santiago de Cacém. Três facécias alentejanas. Indústria pastoril alentejana: os chavões.

- 1547 PRATT, Alfredo de — *O Imperador de Eiras*. T, I, Serpa, 1899, pp. 152-155.

O «imperador» eleito para o Espírito Santo, em Eiras (perto de Coimbra). Os festejos.

- 1548 RIBEIRO, Luciano — *Reconstituição das festas do Espírito Santo em Alenquer*. EBJP, 9, Lisboa, 1945, pp. 163-179.

Descrição destas festas, e do sonho da Rainha Santa.

- 1549 RIBEIRO, Luís da Silva — *Os foliões do Espírito Santo nos Açores*. RAç, III, Angra do Heroísmo, 1942, pp. 36-48.

A folia e os foliões, nas procissões do Corpus Christi no continente, nos séculos XVI, XVII e mais.

Carácter da Folia. Número e traje dos foliões. Instrumentos de música, cantos e danças. A chacota.

As velhas danças continentais nas ilhas. Menções de textos que aludem a foliões do Espírito Santo. As folias na Ilha Terceira no século XIX. As folias nas várias ilhas; suas formas actuais.

Ver Ref.^{as}: 4, 207, 212, 222, 225, 229, 230, 277, 743, 1375.

1.14. SANTOS DE JUNHO

- 1550 ABRANCHES, Joaquim Candido — *Alvorada de S. Pedro — Costumes micaelenses*. RM, I, Barcelos, 1886, pp. 38-40.
Descrição dos festejos em honra de S. Pedro, na Ribeira Grande, com referências especiais às cavalhadas.
- 1551 ADRIÃO, José Maria — *Tradições populares colhidas no concelho do Cadaval*. RL, VI, Lisboa, 1900-1901, pp. 97-129.
Superstições — magia do S. João, crenças, usos, bruxedos. Ensalmos. Amuletos. Orações — da Bela Cruz, do Natal. Adivinhas. Ditos populares — expressões. Comparações e rimas populares e infantis. Água do S. João, superstições diversas, práticas mágicas, etc.
- 1552 BASTO, Cláudio — *«Sortes» amorosas no S. João*. RL, XXXII, Lisboa, 1934, pp. 161-233.
O S. João casamenteiro — Sortes amorosas: alcachofra, erva-pinheira, rabo-de-gato, véu-de-noiva, erva-da-fortuna, figueira, fava, amêndoa, cereja, alho; calçado; papelinhos; vestido de noiva; agulhas; ovo; cera; chumbo; estanho; farinha; bochedo de água, copo de água, bacia de água; maçã; moeda; galo; flores; cravo, rosa, oliveira, loureiro, rosmaninho; estrelas; pedras; massa e miolo de pão; trevo; milho; junco.
Fogueiras; imagem do Santo; aparição do futuro marido. Sonho; boliana; feto.
Fontes.
Paralelos com outros festejos, e celebrações noutros países.
- 1553 BASTO, Teixeira — *Notas etnográficas*. AETPP, I, Porto, 1883, pp. 24-32.
O Santo António na tradição popular; lendas e quadras. Relações com antigos cultos fálicos.
- 1554 BASTOS, Teixeira — *Santo Antonio*. RM, I, Barcelos, 1886, pp. 25-30.
Relato de algumas práticas tradicionais referentes a Santo António, que relaciona com vestígios de antigos cultos fálicos.
Quadras brejeiras alusivas ao Santo e oração para propiciar o casamento.
- 1555 BETTENCOURT, Gastão de — *Os três santos de Junho no folclore brasileiro*. E, III, Lisboa, 1948, pp. 245-254.
Descrição de alguns costumes e práticas mágicas, que têm lugar no Brasil, nas festas do S. João. Relação com costumes similares portugueses, donde naturalmente provém.

- 1556 BOUGADO, António de — *Porto. O São João Tripeiro*. MFSJP, Porto, 1946, pp. 7-10.
 Algumas notas sobre o S. João no Porto: Cedofeita, Lapa, Bonfim.
- 1557 BRITO, Castro e — *Festas populares do Santo Percursor na cidade de Beja*. FL, VIII, Lisboa, 1937, pp. 16-20.
 Notas sobre estes festejos. Organização do cortejo, etc.
- 1558 CARVALHO, A. Pacheco de — *Procissão de Elvas a Santo António*. FL, III, Lisboa, 1931, pp. 142-152.
 A devoção dos militares por Santo António, que elegiam seu patrono. Transcrição de documentos que expressam a sumptuosidade das procissões a Santo António, de pronunciada feição militar.
- 1559 CHAVES, Luís — *Festejos do S. João*. AP, XXII, Lisboa, 1917, pp. 355-356.
 Considerações acerca das festas do S. João e notas sobre algumas práticas desse dia.
- 1560 CHAVES, Luís — *Os Santos Populares — Santo António e S. Pedro nas tradições portuguesas*. BRCC, XVII, Lisboa, 1938, pp. 171-182.
 A vulgarização em Portugal do nome António no onomástico e na toponímia. Quadras populares alusivas aos atributos do Santo. Resposos. O culto a Santo António manifestado pelos soldados de alguns regimentos, onde chegou a ter elevada patente. Paralelismo das três festas reflectido na quadra popular.
- 1561 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, XVII, Lisboa, 1943, pp. 544-549.
 Notas sobre o culto popular a S. Pedro.
- 1562 CHAVES, Luís — *Santo António nas tradições dos portugueses*. MCP, VII, 84, Lisboa, 1953, p. 5.
 Referências do P.^o António Vieira a Santo António. Breve biografia de Santo António. Antroponímia e toponímia (Antónios e Santo Antónios). Expressões, interjeições, saudações, etc. com o nome de Santo.
- 1563 COSTA, Alexandre de Carvalho — *Alagoar, freguesia do concelho de Portalegre (Nótulas etnográficas alagoenses)*. MGP, III, 36, Lisboa, 1949, p. 16; 37, pp. 15 e 22; IV, 39, pp. 11 e 22.
 Notas sobre o dia de todos os Santos — Magustos e culto dos mortos. Descrição da festa de S. João. Alcinhas usadas na povoação — origem e significado.

- 1564 COUTO, Alberto — *Costumes do povo*. AM, 1, Viana do Castelo, 1935, pp. 63-64.
Breves notas sobre a noite de S. João, e sobre a romaria da Senhora da Bonança, em Âncora Praia. Descrição de três práticas propiciatórias de natureza mágica, da noite de S. João.
- 1565 COUTO, Alberto, VIANA, Tancredo Simões e ARAÚJO, J. Rosa de — *Subsídios etnográficos*. AM, pp. 27-30.
Relato da colheita cerimonial do azevinho, à meia-noite do dia de S. João, e do ritual que a cerca. Relatos de casos de mouras e feitiçarias.
- 1566 DIAS, Jaime Lopes — *O S. João de Monforte da Beira*. TL, 2, Lisboa, 1952, pp. 35-38, 6 figs.
Descrição dos festejos do S. João naquela localidade. 16 quadras ao Santo.
- 1567 ENES, P.^e Inocêncio — *Tradições populares da freguesia dos Altares*. BIHIT, 5, Angra do Heroísmo, 1947, pp. 177-205.
Usos e superstições. Festas do S. João; fogueiras, banhos, ervas e água. Divinações. Cantigas a S. João.
A matança. O casamento. A missa de desnojo. Cantigas populares. Adivinhas. Adágios. Jogos infantis.
- 1568 FELGUEIRAS, Guilherme — *Santo António de Lisboa através da Etnografia*. Po, xv, Porto, 1942, pp. 130-135.
Notas biográficas de Santo António. Os festejos populares a este Santo em Lisboa. Quadras populares alusivas à sua qualidade de Santo casamenteiro, votivas, irreverentes, etc.
- 1569 FELGUEIRAS, Guilherme — *Santo António de Lisboa através da etnografia*. EBJP, 2, Lisboa, 1943, pp. 141-147.
A crença do povo no Santo. Cancioneiro. Lendas e superstições alusivas.
- 1570 GOMES, José — *O S. João em Braga*. Braga, 1904, 55 pp.
«Reprodução de um folheto do século XVIII, em que se descrevem as festas de S. João feitas em Braga. O A. precede-a de notícias de festas análogas dos séculos anteriores, e acompanha-a de uma estampa das «Figuras e música do Rei David» (o rei David é um dos personagens da procissão)». (J. Leite de Vasconcelos. E. E. vol. IV).
- 1571 GOMES, José — *Braga. Tradições do São João*. MFSJP, Porto, 1946, pp. 17-20.
Notícias históricas sobre festejos do S. João em Braga no século XVI.

- 1572 HENRIQUE, J. Carvalho — *A passagem pelo vime*. RM, XIX, Esposende, 1911, pp. 159-171.
- Descrição da prática mágica da passagem pelo vime das crianças rendidas, na noite de S. João, e que relaciona com o culto da árvore. Menção de outras costumeiras próprias da quadra S. Joanina a que atribui origens ariana, fálica, etc.
- 1573 JUNQUEIRO, Arronches — *Setúbal. Crenças, superstições e usos tradicionais*. T, III, Serpa, 1901, pp. 24-25.
- Augúrios (do S. João): o ovo, os 5 reis da fogueira, pauzinhos, alcachofras, erva-pinheira, bochecho de água, favas, espelho de água, sonho, sapato, etc.
- 1574 LANDOLT, Candido — *O S. João*. RM, I, Barcelos, 1886, pp. 35-37.
- Transcrição de uma poesia de Pedro Dinis a respeito da crença dos ovos nos copos de água (sortes), e também das alcachofras.
- 1575 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *S. João na alma do povo*. Porto, 1944, 96 pp.
- Fala da absorção das festas pagãs (culto do fogo) pelo cristianismo, cujo ciclo ficou a ser dominado pela figura do S. João. Interpretação popular da biografia de S. João, em verso. Descrição da noitada de S. João no Porto. Adágios alusivos a este santo. Orações populares para afugentar as bruxas. Sortes amorosas do S. João. Vários exemplos. Quadras populares alusivas ao santo.
- 1576 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Etnografia — São João e o Povo*. MFSJP, Porto, 1946, pp. 1-6.
- Várias quadras alusivas ao Santo e aos seus atributos.
- 1577 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Noite de S. João*. ONL, I, Lisboa, 1948, p. 3.
- Considerações sobre a noite de S. João.
- 1578 LIMA, Gervásio — *Festas do S. João na ilha Terceira*. 1925.
- «Compreende as «cavalhadas e os bandos» (relativamente ao passo: texto, e transcrição de alguns *bandos*) em verso, o mais moderno deles, de 1893) notícia das festas reais do século XVII e XVIII, e da ermida do S. João; estatutos da Irmandade de S. João». (J. Leite de Vasconcelos — E. P. vol. I).
- 1579 LIMA, Maria Clementina Pires de — *Minho. O São João de Landim*. MFSJP, Porto, 1946, pp. 13-16.
- Notícia acerca das festas e auto com que se celebrava o S. João em Landim.

- 1580 M., C. — *Próprio do tempo — Santo António de Lisboa*. IM, IV, 34, Porto, 1929, pp. 377-381.

Relato extenso da vida e obra deste Santo; transcrições de orações, resposos e quadras populares a ele referidas.

- 1581 M., C. — *O S. João há 150 anos*. FL, I, Lisboa, 1929, pp. 18-24.

Transcrição de um folheto de cordel, em verso, que descreve os festejos e costumes da noite de S. João no século XVIII, em Lisboa.

- 1582 MATTOS, Armando de — *Santo António de Lisboa na tradição popular (Subsídio etnográfico)*. Porto, 1937, 206 pp.

Santo António, advogado contra vários males, coisas perdidas, negócios de amor, etc. A vulgarização do nome António em Portugal. A personalidade militar do Santo que atingiu o posto de Tenente-Coronel.

Extractos dos «Cultos de devoção e obséquios...» (1761) alusivos aos milagres do Santo, e contendo vários resposos.

A vida de Santo António na tradição popular: nos Autos, romances, etc. Popularidade de Santo António — os tronos, as fogueiras (práticas divinatórias ligadas ao salto das fogueiras), etc.

Associação popular do cravo ao Santo. Sortes amorosas; castigos aplicados ao Santo, quando os pedidos não são atendidos. Banhos santos. Quadras e cantigas populares alusivas ao Santo. Resposos e outras orações. Romances, contos e lendas.

- 1583 MOURINHO, P.^e António — *Santo António — Guia filósofo e moralista do povo Português*. MCP, VII, 84, Lisboa, 1953, pp. 3-4.

O sentido pagão dos festejos solsticiais dos três Santos. O poema de S. Boaventura a Santo António: glosas populares e quadras proclamando a feição do pregador e filósofo, e de moralista, do Santo Português.

- 1584 NUNES, M. Dias — *Linguagem e tradições populares da Villa de Serpa*. RL, IV, Lisboa, 1896, pp. 101-114.

I — A Relamboia («mentira», em verso, em forma de romance).

II — O Terço da Aurora — cerimónia religiosa que tem lugar na madrugada de certos dias santos; reúnem-se as confrades, fazem rezas em comum, e saudam a «Aurora, Mãe do eterno Sol». Quando nasce o sol, recolhem à igreja, com rezas.

III — Cantigas populares — 47 quadras.

IV — Festas a Santo António — descrição da organização, canções ao Santo (34 quadras), costumes; fogueiras, pratos obrigatórios, ramos, mergulho do santo num poço para promover casamento.

V — A carne de grou — que dá a longevidade (às vezes indesejável — forma de esconjuro).

- 1585 NUNES, M. Dias — *O S. João em Serpa*. T, I, Serpa, 1899, pp. 157-159 e pp. 90-93, 123-124, 139-141.

A ornamentação do Santo, e o costume de «dar a alvorada ao Santo»; 54 quadras que se cantam nessa ocasião; alusão às rendas de casa que se pagam pelo S. João; a mudança de casais, ou de domicílio, faz-se pelo S. João ou pelo Natal; os pastores ajustam com seus amos o preço do serviço anual em dia de S. Pedro.

Costume de enfiar um anel de ouro no médio e indicador da mão direita, da imagem da igreja de Santa Maria. O passeio às hortas, em 23 de Junho à tarde, para comer fruta e fazer capelas de flores.

Fogueiras de alecrim. Arcos de verdura; bailes populares. Divinações várias (alcachofra, bochecho, peneira, etc.). O S. João advogado de vários males. Medicina popular joanina. Provérbios.

- 1586 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *Formas alimentares do S. João*. OCP, 8-7-1958.

Estudo dos manjares específicos do S. João em Portugal: Cabrito, no Porto e Minho, caldeirada, na Póvoa; «capelas do S. João» (bolos) em Vila Viçosa; bonecos de massa, dos «Mastros», no Algarve; etc. Descrição de algumas refeições pantagruélicas que têm lugar neste dia — Rio de Onor, região de Chaves, Monforte da Beira — que, segundo o Autor, parecem apontar um preceito alimentar de abundância e euforia. Análise do compadrio cerimonial do S. João, que tem lugar em alguns países da Europa e no Brasil.

- 1587 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *O S. João e o fogo*. OCP, 14-7-1959.

Estudo das práticas dos festejos de S. João relacionadas com o fogo: «Pinheiros do S. João» e «mastros» festivos, ornamentados com fitas e flores, que marcam o local da festa, e se queimam afinal; fogueiras de ervas aromáticas. Análise e descrição dos diversos aspectos sobre que se apresentam, virtudes divinatórias de que se revestem — relacionadas sobretudo com o casamento, a saúde e a felicidade —, defumações, etc.

- 1588 PEREIRA, Félix Alves — *Colheitas etnográficas em Valdevez*. EAM, XX, Viana-Valença, 1918, pp. 5-41.

Tradições várias do concelho dos Arcos de Valdevez, referentes a partos e gravidez; práticas propiciatórias meteorológicas; lendas; mouras; promessas e romarias; culto a S. Frutuoso; culto dos mortos; quadras populares; descrição das cavalhadas municipais no dia de S. João; procissão do Corpus Christi; adágios, adivinhas e frases estereotipadas; cantigas populares. Ritos de passagem — casamento, maternidade e vida infantil. Medicina popular. Alimentação. Seres sobrenaturais. Ensalmos. Literatura poético-popular. Benção e esconjuros do pão.

- 1589 PIMENTEL, Alberto — *Andar às vozes*. T, I, Serpa, 1899, pp. 85-87.

A superstição de «andar às vozes». «Andar às vozes» com um bochecho na

boca; na noite de S. João (e noutras noites): os namorados à meia-noite, nas fontes.

No Porto: «andar às vozes» indo em silenciosa romagem, à capela da Senhora das Verdades. Etc.

- 1590 PIRES, António Tomás — *Estudos e notas elvenses*. I — *O S. João de Elvas*. Elvas, 1904, 17 pp.

Transcreve documentos antigos referentes às festas do S. João em Elvas, e cita costumes e crenças deste dia.

- 1591 PIRES, A. Thomaz — *Usos e costumes minhotos (Concelho de Terras de Bouro, Comarca de Amares)*. RL, x, Lisboa, 1907, pp. 326-328.

Casamento. Enterros. Reza-amo (nota da moeda «para passar o rio Jordão»). Lavagem em ouro (aos recém-nascidos). Travessuras do S. João.

- 1592 PIRES, António Thomaz — *O S. João de Elvas*. AT, III, Elvas, 1935, pp. 113-121.

Transcrição de períodos que se referem à celebração das festas do S. João, do «Theatro das Antiguidades d'Elvas», de Aires Varela, obra inédita do século XVII. — Descrição das escaramuças e carreiras, defesa do «Pendão», cavalhadas, etc.

- 1593 RIBEIRO, Luís da Silva — *As festas e tradições populares de São João na ilha Terceira*. RAÇ, IV, Angra do Heroísmo, 1947, pp. 127-148.

«O Autor descreve as práticas divinatórias, as fogueiras, com o seu simbolismo, e os folguedos do povo nessa noite de grande festa. Refere-se também ao valor curativo e mágico das águas na madrugada de S. João e aos banhos rituais de gentes e animais praticados então. Descreve certos remédios de medicina popular e várias superstições associadas ao dia de S. João». (A. Jorge Dias B.H.E.P.).

- 1594 RIBEIRO, L. — *Sortes de S. João*. BIHIT, 4, Angra do Heroísmo, 1946, pp. 301-302.

Os festejos do S. João, e as práticas divinatórias. Menções de Gaspar frutuoso.

- 1595 SARMENTO, Alberto Artur — *Fasquias e Ripas da Madeira* (Ed. da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, 1951, 253 pp.

Interessam os capítulos: (1.ª Parte). S. João da Ribeira — pp. 83-87 — As festas do S. João; fogo, divinações, etc..

A festa do Espírito Santo na Madeira pp. 91-96: Descrição. Touradas antigas na Madeira pp. 107-116 — Menção; seu carácter cerimonial; as touradas nos acontecimentos notáveis e no Corpo de Deus.

- (2.^a Parte). A festança da tosquia pp. 7-11 — Os sinais dos donos do gado; a tosquia num dia aprazado, em Junho, com arraial e feira de lã.
A festa do Corpo de Deus na Madeira pp. 15-25 — Menções da «pela»; obrigações das corporações: dança da Mourisca; etc. O São Jorge. A tourada final.
- 1596 SOUSA Maria Peregrina de — *Costumes populares da Maia*. AETPP, 1, Porto, 1883, pp. 32-34.
O Natal — descrição de alguns costumes próprios desta quadra.
O S. João — roubo ritual de cravos, portas e cancelas, levados pelos rapazes para a capela do Santo; práticas mágicas (rebolar, à meia-noite, num linhar, como meio profilático contra a sarna).
- 1597 VASCONCELLOS, Jaime Napoleão de — *Noite de S. João*. OT, V Série, IX, Porto, 1953, pp. 51-53.
Identificação das festas sanjoaninas com o solstício do Verão. O recurso às ervas que beneficiam neste dia de poderes mágicos. Menção de algumas sortes características deste dia: rifas, sorte do ovo, etc.
- 1598 VASCONCELOS, J. Leite de — *Crenças populares*. RM, 1, Barcelos, 1886, p. 13.
Referência aos *Fuegos en noche de San Juan* de D. Francisco Manuel de Melo, na Harpa de Meipomene.
- 1599 VASCONCELOS, J. Leite de — *Costumes da Beira Alta*. RM, 1, Barcelos, 1886, pp. 49-52.
Descrição dos festejos a S. João, em Mondim da Beira.
- 1600 V., J. L. de — *S. António — Na tradição popular portuguesa (Programa)*. RL, XXXIII, Lisboa, 1935, pp. 305-307.
Programa para o estudo das festas e ciclo de Santo António: culto religioso, parte linguística, milagres e lendas, superstições, literatura popular e semi-popular, literatura de cordel. Iconografia.
- 1601 VELLEDA, Maria — *Crenças populares*. T, III, Serpa, 1901, pp. 38-41.
«Silencios» do S. João: reza prévia, e revelação do futuro pelo sonho; e de Santa Helena (com camisa lavada e cabelo solto). Oração ao sol, de madrugada, para que os ausentes voltem (Odivelas).
- 1602 S/A. — *Canção popular a Santo Antonio*. RM, XII, Esposende, 1897.
Cantiga dedicada a Santo António, pedindo casamento e prometendo chamar ao primeiro filho «António» (Elvas).

- 1603 S/A. — *Relação das Selebres Festas que no mes de Junho de 1788 se fizerão na Notável villa de Serpa, extrahida de enformações veridicas*. T, VI, Serpa, 1904, pp. 73-76, 91-93.

Transcrição de um manuscrito no qual se descrevem as festas de Santo António e S. João em Serpa, naquele ano: mascarados, danças, cavalladas, touros, etc.

- 1604 S/A — *Velho resgisto desenhado e gravado pelo artista Santos, do Porto*. MFSJP, Porto, 1946.

Interpretação popular da página bíblica da morte de S. João.

Ver Ref.^{as}: 4, 65, 66, 67, 142, 144, 177, 218, 222, 223, 229, 230, 236, 244, 256, 260, 262, 272, 273, 274, 277, 282, 288, 293, 295, 442, 556, 562, 1373, 1375, 1386, 1397, 1413, 1436, 1437, 1455, 1469, 1470, 1497, 1519, 1527.

1.15. TODOS OS SANTOS E FIEIS DEFUNTOS

- 1605 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, XI, Lisboa, 1940, pp. 275-281.

Notas e comentários sobre os meses de Outubro e Novembro no folclore: Dia de Fiéis Defuntos, S. Martinho, etc.

- 1606 DIAS, Jorge, e DIAS, Margot — *Contribuição ao estudo do «Culto dos Mortos*. APPC, XXIII Congresso Luso-Espanhol, Coimbra, 1956, pp. 483-501.

Estudo acerca do culto dos mortos, em Portugal. Comparação com manifestações idênticas de outros países.

- 1607 FERNANDES, P.^o Baptista — *Etnografia religiosa — O culto dos mortos*. MCP, VI, 65, Lisboa, 1951, p. 3.

O culto dos mortos da tradição católica. Alminhas e cruzeiros. Encomendação das almas.

- 1608 LIMA, J. A. Pires de, e LIMA, F. C. Pires de — *Os Fiéis de Deus*. HLHS, I, Madrid, 1949, pp. 257-264.

Menção de alguns costumes característicos do dia dos «Fiéis de Deus».

- 1609 MOURINHO, P.^o António — *O culto dos mortos no nordeste português*. RO, Lisboa, 1947, pp. 176-185.

Rápido esboço do culto dos mortos no nordeste trasmontano, segundo alguns testemunhos arqueológicos. Descrição de práticas actuais referidas sobretudo a Terras de Miranda: oferendas de cereais, círios e outras iluminações, rezas, etc.

- 1610 MOURINHO, P.º António — *O culto dos mortos — Usos e costumes portugueses e cristãos; para além da vida... esperança de Ressurreição...* MCP, XI, 123, Lisboa, 1956, pp. 7-9.
- Origem do culto e crença na imortalidade da alma. Respeito pelos mortos. Encomendação das almas.
- 1611 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *O culto dos mortos no Natal*. CCEGP, Porto, 1960.
- Relação de certos elementos do Natal com o culto dos mortos: lugar à mesa (para os mortos) na ceia de consoada (Minho); duplicação da ceia (também para os mortos) (Porto); aposição de um prato com comida fora da porta, à meia-noite (Minho). Colocação de palha junto da lareira (comparação deste costume com outros semelhantes que ocorrem na Dinamarca, onde dorme a família, a fim de deixar as camas livres para os mortos aí passarem essa noite). Etc.
- 1612 PIRES, A. Thomaz — *Investigações etnográficas*. RL, IX, Lisboa, 1906, pp. 110-118.
- Cravos de ferraduras (Proc. do Corpus Christi). Benção de maçãs (Festa a S. Mamede, em Évora). Terra de enforcados. Ossos de enforcados (Procissão e ofícios, em dia de Todos os Santos, em Elvas. Notícia explícita do costume em Santarém — Santas Casas de Misericórdia). A marrã do Natal (Elvas). A ronca — Instrumento musical (Elvas). Senhora das Candeias (Elvas). O Judas na procissão dos Passos. As Carpideiras na procissão do enterro do Senhor. Medicina popular alentejana (Elvas). Sino-saimão. Costume de Vila Boim (Elvas) — os homens são enterrados com a cabeça coberta, com o seu gorro. Preliminares da procissão do Corpus Christi em Vila Viçosa.
- 1613 VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de — *Estatina Estantiga?* T, I, Serpa, 1899, pp. 161-173.
- Procissões de defuntos; crenças a eles ligados e culto dos mortos. Fogos-fátuos, burburinhos. Almas penadas, errantes, avejões.
- 1614 VASCONCELOS, J. Leite de — *Nótulas etnográficas*. L, II, Viana do Castelo, 1918-19, pp. 1-2.
- Provérbios e prognósticos.
Nota acerca do «Pão por Deus» — peditório que o rapazio de Óbidos faz pelas portas no dia 1 de Novembro. Comparação com costume semelhante verificado na Flandres.
- 1615 VASCONCELOS, J. Leite de — *Nótulas etnográficas*. L, II, Viana do Castelo, 1918-19, pp. 57-58.
- Notas muito curtas sobre o dia dos mortos, o costume de saltar fogueiras, superstições funerárias, e costume de mostrar as crianças à lua.

- 1616 VASCONCELOS, J. Leite de — *Os «Fiéis de Deus»*. ALP, I, Lisboa, 1929-30, pp. 155-157.

Considera os montículos de pedras chamados «Fiéis de Deus» reminiscência de costumes primitivos, que tinham em vista fazer peso sobre o cadáver para este não voltar ao mundo perseguir os vivos.

- 1617 S/A. — *O dia de Finados no Campo*. NA, II, 88, Lisboa, 1934.

Fixação da data pelo abade de Clemy em 998. «Era em dia de finados que os lavradores se reuniam com os seus gados e apeiros e talhavam na melhor terra do baldio e courela das viúvas, e a semeavam gratuitamente». As crianças colhiam, em 2 de Novembro, nos cemitérios, sobre a terra dos seus defuntos, as cinzas simbólicas. Punham-se, nas portas das igrejas, místicas cruces de trigo.

- 1618 S/A. — *Poeira dos tempos — Travessa dos Fiéis de Deus*. FL, VIII, Lisboa, 1937, p. 219.

Notas extractadas dum jornal diário acerca do termo «Fiéis de Deus», aplicado a montes de pedras lançadas sobre alguns lugares em que alguém foi morto, ou mesmo sepultado.

Ver Ref.^{as}: 4, 66, 142, 144, 227, 288, 442, 559, 1373, 1375, 1386, 1397, 1426, 1563, 1588, 2027.

1.16. S. MARTINHO

- 1619 ALVES, P.^e Francisco Manuel — *Trás-os-Montes (Portugal. Exposição Portuguesa em Sevilha)*. Lisboa, 1929, 28 pp., 17 figs.

A pp. 11-13 menciona alguns costumes da região bragançana relacionados com o casamento — raptos da noiva, bolos de configuração fálica, etc., e com os funerais — refeições cerimoniais.

Alude à Festa dos Rapazes e aos cortejos báquicos do S. Martinho.

Descreve sucintamente o traje masculino mirandês de burel, fabricado pela indústria caseira local.

Fala da dança dos Paulitos e do seu primitivo carácter sagrado.

- 1620 BRANCO, Cecília Schmidt — *Da origem de um symbolo popular na festa de S. Martinho*. RL, I, Porto, 1887-89, pp. 219-297.

Estudo do emprego do chifre como símbolo da embriaguez, que também ocorre na Alemanha, e que tem lugar no dia da festa de S. Martinho.

- 1621 CHAVES, Luís — *S. Martinho*. AP, XXII, Lisboa, 1917, p. 368.

O «culto» popular do dia de S. Martinho.

- 1622 POMBINHO JÚNIOR, J. A. — *Usos e costumes pelo S. Martinho*. AT, II, Elvas, 1934, p. 161.

Refere o costume que tem lugar em Vimieiro (Alentejo) em que os rapazes novos, nessa noite, queimam as hastes das abrótegas (a que chamam *basareus*), para com o carvão destas riscarem as paredes das casas onde há raparigas novas.

Ver Ref.^{as}: 4, 67, 144, 222, 226, 252, 274, 277, 442, 562, 1375, 1397. 1447, 1465, 3130.

1.17. NATAL

- 1623 BASTO, Cláudio — *Falas e tradições do Distrito de Viana do Castelo*. RL, xv, Lisboa, 1912, pp. 71-102.

Menção de alguns vocábulos regionais — sua definição. 11 adivinhas. 24 quadras populares. Comparações populares. Rimas, estribilhos e ditados. Frase, do povo. Superstições a respeito das crianças. Práticas religiosas — os clamores (descrição dos *clamores*, na festa da Senhora das Areias, em Darque). Teatro — Auto da Floripes (representação popular que tem lugar nas Neves (Viana do Castelo) — descrição sucinta.

Festas tradicionais — O Natal — pratos tradicionais; jogo dos pinhões; cepeo do Natal; etc.

- 1624 BARROS, J. C. Freitas — *A árvore do Natal (suas origens históricas)*. MCP, VIII, 90, Lisboa, 1953, p. 7.

A árvore do Natal «que certos inimigos do catolicismo pretendem vulgarizar», originária do mito de Atis e Cibele. «Conhecendo-se estas origens pagãs... como é que os católicos se atrevem a usá-la para comemorar o nascimento de N. S. Jesus Cristo no estábulo de Belém? Como é que um acontecimento pagão pode servir para comemorar um facto cristão?»

- 1625 CAMPOS, António — *Tradição inédita*. MCP, x, 118, Lisboa, 1956, pp. 14-15.

Notas breves sobre a fogueira do Natal e a missa do galo.

- 1626 CARVALHO, M. R. d'Assis e — *A noite de Natal no Porto*. OT, II, 54, Porto, 1909, pp. 285-286.

Breves notas sobre a noite de consoada, e respectiva ceia, obrigada a peixe e exclusiva das pessoas de família, e das rabanadas, como doce cerimonial.

- 1627 CHAVES, Luís — *O «ciclo dos doze dias» em Portugal — Do Natal aos Reis pelo Ano Novo*. BRCC, xxx, Lisboa, 1940, pp. 323-342.

Considerações acerca de algumas quadras populares natalícias.

Factores pagãos e factores cristãos que se sobrepoem no ciclo do Natal: refe-

rentes à estação, com festas agrárias e familiares, a Mitra, deus solar, etc. Alusões ao madeiro ou cepo do Natal. Menção de quadras que se cantam em volta dele. Romances. Referências à festa dos Rapazes; banquetes simbólicos; enterros do ano Velho, Janeiras e Reis.

- 1628 CHAVES, Luís — *Natal português*. Lisboa, 1942, 96 pp.

Descrição literária da quadra do Natal — consoada, missa do galo, fogueira do Natal, presépios, versos de Janeiras e Reis, Autos, etc.

- 1629 CHAVES, Luís — *Nos domínios da Etnografia e do Folclore*. RO, IV, pp. 167-173.

Considerações e comentários acerca das festas natalícias; crítica a alguns costumes adoptados ultimamente, importados. Quadras e canções de embalar.

- 1630 COELHO, F. Adolpho — *Materiais para o estudo das festas, crenças e costumes populares portugueses*. REG, I, Lisboa, 1880, pp. 5-34.

O Natal. Costumes do Natal. Pratos cerimoniais. Jogos. O madeiro e a fogueira. Comentários: notas comparativas e interpretativas (origem pagã). Plantas ornamentais do Natal. Bolos, consoadas. Jogos. A árvore do Natal. Contos populares do Natal (Coimbra).

- 1631 C., S. — *O Natal no Algarve*. RM, II (2.^a ed.), Esposende, 1914, pp. 64-65. Notas sobre o Natal.

- 1632 DIAS, A. Jorge — *A Arvore de Natal*. BL, I, 36, Coimbra, 1953.

Considerações acerca da origem da árvore de Natal, comumente considerada como sobrevivência do culto germânico da árvore. Embora represente um papel importante na mitologia nórdica, ela é, segundo o Autor, originária da Alemanha, onde aparece por volta de 1500 — anterior à Reforma. Difusão deste costume a outras nações e sua adopção por protestantes e católicos. Em Portugal o costume é aceite pelas classes urbanas — influência do cinema e, no Porto, da colónia estrangeira — e estranho às classes rurais. Contudo, atentando noutros elementos da velha tradição popular, nomeadamente a fogueira do Natal e nas diversas práticas de que se reveste a aquisição, corte, transporte, etc. das árvores que a alimentam, o Autor nota a existência em Portugal de vestígios do culto das árvores no Natal, certamente de origem muito antiga.

- 1633 DINIS, Manuel Vieira — *Do Natal aos Santos Reis*. DL, Terceira Série, IX, Porto, 1950, pp. 29-34.

«O Autor descreve os usos e costumes que andam associados às festas que se desenrolam entre o Natal e os Reis, em Paços de Ferreira. Termina reproduzindo uma série de poesias populares cantadas, como «janeiras» e «reis». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 1634 DUARTE, Afonso — *O ciclo do Natal na literatura oral portuguesa*. Barcelos, 1937, 153 pp.

Cantos populares das novenas do Menino Jesus. Comentários aos mesmos. Filiação de alguns cantos natalícios em autos de carácter religioso. O ceppo do Natal. Exemplificação do seu uso em diferentes terras portuguesas; qualidades apotropaicas que ele encerra.

A fogueira do galo — notícia do seu uso, especialmente nas terras do leste, no adro ou praça da aldeia, e à volta da qual há «rondas, descantes comezainas e bebidas». Roubo ritual da lenha para essa fogueira. Sacrifícios de galos e gatos. praticados nessa altura. Quadras populares próprias desta cerimónia.

Presépios — descrição e filiação em autos litúrgicos.

A tiragem do Ramo — modo especial de fazerem um peditório pelas casas, em que as oferendas são penduradas num ramo. Cancioneiro do Menino Jesus. Ditados e provérbios do Natal. Janeiras — Formulário cerimonial; quadras específicas desta celebração.

- 1635 EUSÉBIO, Francisco — *Quadros do Natal português*. MCP, xv, 174, Lisboa, 1960, p. 11.

Pequenas notas sobre o madeiro do Natal, missa do galo e consoada.

- 1636 FERNANDES, J. A. — *Terras de Arouca, II Ciclo do Natal*. DL, Quarta Série, v-vi, Porto, 1951, pp. 120-141.

«O Autor descreve as várias solenidades tradicionais que andam adstritas ao Natal e festas do fim de ano». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 1637 FERREIRA, J. Bettencourt — *Le culte du feu à la Péninsule Ibérique — Les fêtes solstitiales — Les Pâques — Le Noël — Les rites du feu et le folklore peninsulaire*. TAE, ix, 3, Porto, 1941, pp. 202-206.

Considerações acerca do culto do fogo. Rápida alusão às fogueiras do Natal em Portugal.

- 1638 FERREIRA, P.^o Manuel Juvenal Pita — *O Natal na Madeira — Estudo folclórico*. Funchal, 1956, 400 pp.

Descrição das «Missas do Parto» (novenas do Natal). Letra e música dessa celebração.

A matança do porco. A Noite-do-pão (23 de Dezembro) — dia em que todos cozem o pão para a festa natalícia. Letra e música das cantigas que se cantam nessa noite. Orações que se dizem durante a preparação da massa e cozedura do pão. O dia de Natal. A visita às lapinhas e a missa do galo. Textos e músicas de autos natalícios.

As roupinhas do Menino Jesus — letra e música. A missa dos pastores — orações. Culinária e doçaria do Natal. Letra e música de modas coreográficas. Canções do berço — letra e música. Cantos dos Reis — letra e música. Romances, xácaras e quadras populares.

- 1639 FIGUEIREDO, António Teixeira de — *Tradições estremenhas — O Natal na velha Ribaldeira, antiga de séculos...* EBJP, 13, Lisboa, 1946, pp. 315-317.
 Descrição da festa do Natal.
- 1640 LIMA, Fernando Andrade Pires de — *O Natal em Santo Tirso*. RG, XXXII, Guimarães, 1922, pp. 150-154.
 Pequena nota sobre a matança do porco; pratos tradicionais do Natal; cepto do Natal; romances e quadras populares cantadas pelos grupos, no Ano Novo e Reis, de porta em porta.
- 1641 OLIVEIRA, Athayde d' — *Festas Populares*. T, III, Serpa, 1901, pp. 88-90.
 Natal — A «seara do Menino», trigo semeado num pires com água em 8 de Dezembro; coloca-se depois no presépio na véspera do Natal. Missa do Galo. O Madeiro — que arde na cozinha, até aos Reis; as visitas aos 7 madeiros. O jantar de 25, carnes de porco, etc. Depois dos Reis, a seara do Menino, semeia-se nos quintais; e a sua espiga ou palha cura todas as dores. Ano Bom — Cantam-se janeiras, ao som da sarronca. Fórmulas de louvor e imprecações típicas. Reis — O «Menino», no presépio, é posto de pé. Come-se romã, para não faltar dinheiro. Representação de autos, em Dor.
- 1642 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *A palha do Natal no concelho de Vila do Conde*. TAE, xv, 1-2, Porto, 1954, pp. 107-110.
 A palha que se espalha, no Natal, à volta da lareira. Natal e culto dos mortos. Comparação do costume português com o costume sueco e dinamarquês.
- 1643 PEREIRA, C. — *Costumes, já tradicionais, da Sé de Angra*. BIHIT, 9, Angra do Heroísmo, 1951, pp. 108-111.
 Tradições eclesiásticas do Natal, na Sé de Angra: A Nossa Senhora do Ó. As Antifonas do Ó. A Kalenda do Natal.
- 1644 PIRES, António Tomás — *Estudos e notas elvenses*. VI — *A noite de Natal, Ano Bom e Santos Reis*. Elvas, 1904, 36 pp.
 A noite de Natal e crenças a ela relativas. Ditados, provérbios e poesia do Natal. O fim do Ano e os Reis.
- 1645 RIBEIRO, Luís — *O Natal, o Ano Bom e os Reis nos Açores*. RL, XXXI, Lisboa, 1933, pp. 301-308.
 Importância menor do Natal nas Ilhas, talvez devido ao clima, menos propício ao recolhimento familiar. Os pratos de trigo (jardins de Adónis), os presépios, a missa do galo. A ceia de 25. As Boas-Festas. O Ano Bom — as têmporas. Os Reis — Cantigas dos Reis. Lendas do Natal: a lavandeira, a codorniz e o tasmoco; o semeador; o Bom Ladrão.

- 1646 SARMENTO, F. Martins — *Folklore*. RG, XXII, Porto, 1905, pp. 153-160.
Breve nota sobre o costume de colocarem um prato com comida, fora da porta, para as almas, na noite de Natal. Orações e práticas mágicas. Histórias de bruxas.. Cancioneiro povoense.
- 1647 SOUSA, Ana Emília de Andrade e — *Linguagem popular e etnográfica de Escarigo*. BAAP, XI, Viseu, 1952, pp. 273-281.
Breves referências às fogueiras do Natal, e ao sorteio entre rapazes e raparigas, no dia 1 de Janeiro — direitos que lhes cabem nesse dia.
- 1648 TABOADA, Jesus — *El tizón de Navidad*. ACEELV, II, Porto, 1959, pp. 139-144.
Propriedades sagradas, mágicas e profiláticas atribuídas ao tronco de Natal. A extensa difusão deste costume, de que já aparecem vestígios no século VI.
- 1649 VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de — *Etimologias Portuguesas*. I — *Consoada*. II — *Assuada*. III — *De consum*. RL, I, Porto, 1887, pp. 117-132.
Estudo sobre a etimologia das palavras consoada (utilizada no Auto d'EI Rei Seleuco) e assuada, como na da expressão De consum — todas exprimindo a ideia de reunião. A propósito do assunto central do estudo, numerosas referências a costumes do Natal, fogueiras, comida de castanhas (quadra alusiva), nomes do toro, «sala juncada», representações de Autos, pratos tradicionais locais; alusão às fogueiras de S. João, de Garcia de Resende, etc. «Assuada» — referências literárias, na sua acepção etimológica de «reunião» para motim, com ou sem má intenção; estudo semelhante da expressão «de consum». Considerações filológicas sobre os três termos, suas derivações, evolução e origem e verdadeiro significado.
- 1650 VITERBO, Sousa — *O dia de Natal*. OT, 2.^a Série, Porto, 1919, pp. 5-6.
Referências à festa do Natal e ao aspecto da cidade no dia de feira (dia 24), especialmente da Praça de D. Pedro, onde se vendiam os produtos mais genuínos da confeitaria popular.
- 1651 S/A. — *Arquivo etnográfico*. L, I, Viana do Castelo, 1917-18, pp. 147-148 e 166-167; II, 1918-19, pp. 45-46.
Indicações bibliográficas acerca de trabalhos publicados sobre o Natal. Descrição das *arremedas* — processo de prever o tempo que irá fazer durante o ano.
Recortes de jornais alusivos a certas práticas tradicionais da quadra natalícia.
- Ver Ref.^{as}; 4, 67, 142, 144, 145, 177, 196, 207, 225, 227, 229, 233, 256, 257, 273, 277, 280, 295, 442, 1371, 1373, 1386, 1388, 1393, 1394, 1396, 1397, 1411, 1426, 1427, 1437, 1469, 1481, 1482, 1497, 1506, 1508, 1519, 1526, 1527, 1623, 2218, 2509.

1.18. DIVERSOS

- 1652 AZEVEDO, Pedro A. de — *Presentes pelas festas*. RL, IX, Lisboa, 1906, pp. 177-178.

Interpretação dos presentes nas festas cíclicas — Natal, Páscoa, Maio, etc. — como cumprimento voluntário de rendas ou foros em dias notáveis, determinados em antigos contratos. Texto de um documento de 1382: 60 libras pelo Natal, uma dúzia de Cidras por Janeiras e outras por Maias (Sintra).

- 1653 CARVALHO, A. L. de — *Os «andadores de almas» foram riscados da paisagem citadina*. OT, 5.^a Série, IV, Porto, 1948, p. 78.

Notícias sobre os «andadores de almas» — As irmandades das almas alugavam as bacias a certos homens, os quais ficavam com o privilégio de poder pedir esmola todo o ano.

- 1654 CEPEDA, Elisa Vilares — *Costumes doutros tempos — Um «Ramo» em Trás-os-Montes*. MCP, IX, 100, Lisboa, 1954, pp. 5-7.

Descrição das ofertas de «ramos» à igreja, com o cortejo, o embaixador, as quadras que se diziam, etc.

- 1655 CERVEIRA, Manuel — *Na Bairrada — A festa do Galo*. MCP, XII, 134, 1957, p. 5.

Nota acerca do costume dos rapazes da escola levarem ao professor um galo, dentro dum carro feito e puxado por eles, no domingo gordo.

- 1656 DIAS, Jaime Lopes — *Distrito Etnográfico*. AR, III, 141, Castelo Branco, 1928.

Descrição do cortejo organizado por rapazes e homens de Tinalhas, no 1.º de Dezembro, dia da Santa Bebiania, advogada e protectora das mulheres bêbadas. Transcrição de quadras e sermão versificado alusivas. Rápida descrição da dança de S. João, no Teixoso. Alcunhas. Orações irónicas e mandamentos dos padres.

- 1657 LIMA, Augusto César Pires — *Mamposteiros menores do glorioso Santo António de Lisboa*. Po, XVIII, Porto, 1945, pp. 20-26.

Obrigações e privilégios que cabiam às pessoas encarregadas de fazerem o peditório para a Casa de Santo António segundo documentos antigos.

- 1658 RIBEIRO, L. — *Casas juncadas*. BIHIT, 2, Angra do Heroísmo, 1944, p. 302.

O costume de espalhar no chão das casas térreas, em dia festivo (Natal, Espírito Santo, Páscoa, etc.), rama verde de pinheiro ou junco, ou ainda

rama de funcho. Antiguidade do costume em Portugal: menções de Gil Vicente e Chiado.

- 1659 V., J. L. de — *Dois costumes populares antigos*. RL, I, Porto, 1887, p. 180.

Dois extractos da «Descrição de Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-Montes», de um João de Barros (não o das Décadas), sobre o costume de: Caçar um pisco vivo e dá-lo ao Abade, no dia de Santo Estêvão, «nas oitavas do Natal» (ou então um porco cevado). Foral de Aguiar, em Trás-os-Montes, junto ao Tâmega, que manda que os que lá habitam dêem ao rico-homem, que for ao rio fazer troviscada, apenas uma merenda de porretas com vinagre, sem mais outro foro, para lhe pagar de terem povoado terras ermas.

2. RITOS DE PASSAGEM

2.1. NASCIMENTO

- 1660 CARNEIRO, A. Lima — *A alimentação da criança na primeira infância. A amamentação materna*. CMP, II, XVIII, Lisboa, 1940, pp. 126-140.

Cuidados maternos com a alimentação da criança. Contraste entre a alimentação da criança cujas mães são domésticas, ou trabalham em fábricas. Citação de alguns inconvenientes da alimentação artificial. Descrição de práticas supersticiosas que visam manter ou aumentar o leite das mães. Amuletos de lactação; santos advogados das mulheres lactantes e animais que *apanham* o leite. Ensalmos para talhar as dadas.

- 1661 CARNEIRO, A. Lima — *Notas sobre o baptizado em Areias (Santo Tirso)*. DL, IX, Porto, 1944, pp. 38-39.

Costumes relativos aos baptizados, em Areias (Santo Tirso).

- 1662 CASTILHO, A. F. de — *O Presbyterio da Montanha*. I, Lisboa, 1905, 132 pp.

A. p. 43-44 contém uma breve descrição do traje da região do Caramulo, confeccionado com tecidos caseiros. A p. 56-63 notas sobre o casamento (passagem do cortejo nupcial sob arcos floridos armados ao longo do percurso da igreja para casa; deposição da roca e do fuso sob o travesseiro; flores entre os lençóis; etc. Baptismo: cautelas preventivas contra bruxedos, velada junto da criança com candeia acesa de sol a sol, queima de ramos bentos, etc.

- 1663 CHAVES, Luís — *As horas mais altas da vida da família: casamento, baptizado, falecimento*. MCP, II, 23, Lisboa, 1948, pp. 12-14.

Considerações acerca da solenidade destes actos.

- 1664 CRUZ, Eduardo — *Os baptizados da meia noite na Ponte da Barca*. DL, Terceira Série, VII, Porto, 1949, pp. 56-59.

Descrição do costume, que tem em vista evitar nados-mortos.

- 1665 LANDOLT, Candido — *Subsidios para o estudo do folk-lore infantil portuguez*. Espozende (Collecção Silva Vieira), 1892, 14 pp.

Crenças e costumes relativos às crianças e vida infantil.

- 1666 LIMA, Augusto César Pires de — *O Mar e o Sal — Esboço etnográfico*. BBPMM, 1, Matosinhos, 1954, pp. 15-43.

Considerações sobre a importância da cultura popular, e da linguagem. Relações da poética culta e da quadra popular.

O mar e o sal no folclore. Topónimos e antropónimos. Vocábulos com origem no sal. Nomes comuns, ditos e adágios. Comparações, adivinhas e cantigas. Ensalmos, resposos e mandamentos. O sal na vida do homem: namoro; a casa, a salmoura e as azeitonas; parto, desmama, baptizado, morte. Superstições várias. Aplicações do sal na medicina popular. Contos e lendas: o sal e a água; o Rei Lear; razão porque a água é salgada. O sal na religião. O sal e os apóstolos.

- 1667 MOURINHO, P.^e António — *Etnografia histórica*. MCP, II, 22, Lisboa, 1948, p. 7.

Transcrição de «três poeirentos in-fólios» relativos a baptizados e casamentos.

- 1668 PEREIRA, Félix Alves — *Colheitas etnográficas em Valdevez (Estudos do Alto Minho XX)*. L, 1, Viana do Castelo, 1917-18, pp. 3-4, 9-10, 34-36, 42-43, 50-51, 58-59, 65-66, 74-75, 82-83, 97-100, 114-115, 129-130, 145-147 e 153-154.

Relato de algumas crenças e superstições relacionadas com o casamento e o parto.

Histórias de mouras encantadas. Nota curta sobre o Boi bento, que era incorporado em algumas procissões religiosas. Benção do pão pelo pároco, em Aboim, cujo fermento serve para todo o ano, e é usado como meio profilático contra a raiva. Descrição de algumas práticas propiciatórias para pedir chuva: meter os santos na água, procissões, etc. Santos advogados contra vários males. Superstições associadas à morte. Notícias de cortejos e procissões, de antiga origem que comportavam cavalhadas, etc. Adágios; adivinhas, frases estereotipadas e quadras populares. Medicina popular.

Ver Ref.^{as}: 142, 144, 207, 216, 219, 227, 236, 252, 277, 281, 286, 288, 292, 1397, 1437, 1481, 1591.

2.2. AMOR, NAMORO E CASAMENTO

- 1669 AGUIAR, Fernando de — *Usos e costumes da Ilha da Madeira*. FL, v, Lisboa, 1932, pp. 62-63 e 176-178.

Descrição de alguns costumes referentes ao modo como se faz o pedido de casamento em algumas freguesias da Madeira — Santo António da Serra, S. Vicente, Santa Cruz e S. Martinho — e outros ligados ao casamento: banquete servido num grande alguidar, donde se servem noivos e convidados, direito de dormir no quarto da rapariga, após o pedido, etc.

- 1670 ALVES, Carlos — *O casamento em terras de Miranda*. P, 2, Porto, 1908, pp. 100-102.

Descrição de alguns costumes ligados ao casamento, nomeadamente das talanqueiras dispostas ao longo do caminho que o cortejo nupcial segue quando vem da igreja e que o padrinho tem de «desempenhar»; do transporte, da igreja para casa, dos noivos e padrinhos, em carros de bois enfeitados, puxados pelos rapazes; da corrida da rosca; das obrigações recíprocas entre os noivos; etc.

- 1671 ALVES, Olímpio Duarte — *Costumes de Monte Real*. MCP, v, 57 e 58, Lisboa, 1951, p. 20.

Breve nota sobre o casamento nesta região.

- 1672 AZEVEDO, Pedro A. de — *Exogamia em Cibões no século XV*. P, 1, Porto, 1903, pp. 860-862.

Notas sobre casamentos exogâmicos praticados em Cibões (Terras de Bouro) e Galiza. Episódios alusivos em documentos antigos.

- 1673 BARROS, J. C. Freitas — *O Matrimónio*. MCP, VI, 67, 68, 70 e 72, Lisboa, 1952, pp. 10 e 15, 5, 9 e 117, e 8-9.

O matrimónio segundo o conceito da igreja cristã. Ritos da união nupcial desde o século 1.º.

- 1674 BASTO, Cláudio — *Cartas de amor populares*. RL, XX, Lisboa, 1917, pp. 323-327.

Transcrição de três cartas de amor populares.

- 1675 BASTO, Cláudio — *Cartas de amor*. Po, x, Porto, 1937, pp. 20-25, 120-128 e 180-186.

Transcrição de 11 cartas de amor, trocadas entre rapazes e raparigas de aldeias do concelho de Viana, de Chaves e de Caldelas.

- 1676 BASTO, Cláudio — *Cartas de amor populares*. VRTDC, 2, 1938, p. 17.
Transcrição de duas cartas de amor, com flores e corações desenhados.
- 1677 CARVALHO, Manuel Rodrigues de — *O casamento em Barbacena*. RL, XXV, Lisboa, 1925, pp. 251-269.
Descrição do namoro, casamento e função, nesta terra.
- 1678 CASTELO-BRANCO, Fernando — *A «ceiba» assinalada em Portugal por Eça de Queiroz*. RG, LXVII, Guimarães, 1957, pp. 55-56.
Cita Eça de Queiroz (O crime do Padre Amaro) que diz: «...na freguesia de Amor raparigas de dezasseis e dezoito anos costumavam reunir-se num palheiro — o palheiro do Silvério — e passavam lá a noite com um bando de marmanjos». O Autor conclui que se deve tratar da prática da «ceiba», que Caro Baroja assinala na Melanésia, e Jorge Dias, na Ucrânia e na Rússia.
- 1679 CHAVES, Luís — *O Amor Português*, Lisboa, 1922, 166 pp.
O ciclo da vida amorosa desde o namoro ao casamento e à vida em família com os filhos. Quadras populares alusivas às diferentes situações.
- 1680 CHAVES, Luís — *Arte dos namorados*. VAPP, Lisboa, 1940, pp. 39-51.
Considerações sobre alguns objectos ornamentados feitos pelos namorados, para prenda.
- 1681 COIMBRA, Carlos — *Um comunicado amoroso*. FL, IV, Lisboa, 1932, pp. 127-129, 1 fig.
Quadra popular amorosa encimada por um desenho representando um Cupido de olhos vendados jogando uma seta a um coração.
- 1682 CORREIA, João Manuel — *Costumes do concelho do Sabugal*. RL, XIV, Lisboa, 1911, pp. 247-250.
Descrição de alguns costumes referentes ao casamento: as bicas — no segundo domingo dos banhos, troca de presentes entre os noivos e refeição, dada a todos os convidados, à base de papas de milho com leite, pão e queijo, e vinho; impedimento do cortejo nupcial; dotes.
Funerais: câmara ardente; esmolas de pão de centeio; ofertas em cereais à família enlutada.
- 1683 FERNANDES, P.º Baptista — *Os povos e as tradições*. MCP, v, 58, Lisboa, 1951.
Breves notas sobre casamentos e funerais.

- 1684 FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha — *Fontes da história — Costumes rurais do século XVIII*. MCP, III, 31, Lisboa, 1949, p. 7.

Extractos de algumas escrituras, de Penafiel, relativas a dotes de noivos.

- 1685 GIESE, Wilhelm — *Portugiesische Hochzeitssitten im Rahamen romanischen Brauchtums*. CMP, II, XVIII, Lisboa, 1940, pp. 150-186.

«Os usos e costumes observados por ocasião do casamento, em várias regiões de Portugal e da Galiza, formam o fundo deste estudo. O autor, além da enumeração e descrição desses usos, ritos de iniciação e cerimónias nupciais, estabelece paralelos com os que, em circunstâncias idênticas, se seguem nos outros países românicos — e por vezes até extra-romanos — procurando por esse processo comparativo, agrupá-los em duas categorias: usos exclusivamente portugueses, e usos de tradição românica comum.

Apresenta a seguir várias tentativas para interpretar o seu simbolismo, arquitecta hipóteses de conjunto baseadas em tradições e influências formativas comuns, que, em certos aspectos reputa inéditas.»

- 1686 GIESE, Wilhelm — *Roubar a noiva*. DL, Sexta Série, v-vi, Porto, 1954, pp. 25-33.

O roubo da noiva como rito de separação e transição, não como forma de casamento — separação da organização das raparigas. Vários exemplos em Espanha, França e Portugal. Cerimónias da procura da noiva, das escondidas, noivas falsas. Solidariedade do grupo das raparigas ou dos rapazes. Rapto na procissão que se dirige à igreja.

- 1687 GONÇALVES, Flávio — *Silva folclórica*. Po, 2.^a Série, III, Porto, 1948, pp. 247-256.

«Cucos» e «marroquinos» — sentido sarcástico e ridículo destes vocábulos, o primeiro designando o marido enganado, o segundo usado como apodo tópico. Quadras populares alusivas à cidreira. Comentários a um folheto de cordel sobre o amor e a significação dos sonhos. Imposto de noivado (Fozcoa): multas aplicadas aos rapazes estranhos a uma terra que aí vão namorar. A procissão do «enterro do Senhor» — sua antiguidade em Portugal.

- 1688 GRAÇA, Santos — *Notas sobre o poveiro*. AORP, III (2.^a Série), Porto, 1913, pp. 179-183.

Descrição de usos e costumes do casamento na classe poveira.

- 1689 GUIMARÃES, Alfredo — *A mulher do Minho — O Namoro*. ATP, 1, Lisboa, 1916, pp. 184-192.

Descrição literária de alguns aspectos e cenas da vida do Minho, a paisagem e usos, e em especial a jangadeira do rio Lima, em Serreleis, e o namoro: o traje da rapariga núbil, o espelho de namorados, no chapéu de pasta das

raparigas, para os rapazes se mirarem; a missa do domingo e o namoro do terreiro, com conhecimento dos pais. As rifas, na Primavera, com canto e dança. As maias «dia de namoro e alegria»; quadras de amor alusivas às «maias» nos carros de bois; troca de «maias» entre namorados. O namoro do par nas romarias; o lenço dos namorados no colarinho do rapaz. Os «Pregões» (banhos) anunciados na missa. Indicação de alguns costumes da boda.

- 1690 LIMA, Augusto César Pires de — *Termos técnicos de carpintaria*. DL, Segunda Série, II, Porto, 1944, pp. 23-24.

Carta de um estudante que namorou sem fruto a filha dum carpinteiro. Carta irónica de namoro, em trocadilho, que usa termos de carpintaria.

- 1691 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Crónicas de Aldeia — Cartas de amor*. MGP, II, 16, Lisboa, 1947, pp. 12-13.

Publicação de algumas cartas de amor.

- 1692 MACHADO, Falcão — *O «Gadensteigen» em Portugal*. FL, VIII, Lisboa, 1937, pp. 72-78.

Referências à coabitação pré-matrimonial. Citação de vários autores que se referem a esta manifestação.

- 1693 MARTHA, M. Cardoso — *De uma carta de namoro*. Po, 2, Porto, 1929, pp. 47-48.

Transcrição e reprodução parcial duma carta de namoro (datada de 1919) escrita por um soldado, e decorada com desenhos à pena.

- 1694 MARTINS, P.^o Firmino — *Alguns apontamentos etnográficos e folclóricos sobre o casamento na região vinhaense*. Bragança, 1959, 24 pp. E também no BGAB, 28, 1960.

Descrição de costumes ligados ao casamento, intercalados com quadras populares alusivas às diferentes circunstâncias.

- 1695 MELO, Laudelino de Miranda — *Região do Vouga — Cenas de Aldeia — O casamento entre a gente do povo*. ADA, XVII, Aveiro, 1951, pp. 273-276.

Pequenas notas sobre costumes ligados ao casamento.

- 1696 NUNES, M. Dias — *Os Mandamentos do Amor*. T, II, Serpa, 1900, pp. 95 e 107.

Os 10 mandamentos em quadras (tradição oral de Serpa).

- 1697 NUNES, M. Dias — *Miscelâneas tradicionalistas*. T, IV, Serpa, 1902, pp. 10-11, 26-29, 42-44; e VI, Serpa, 1904, pp. 61-62 e 79-80.

Preceitos relativos à amassadura do pão. Apreço em que o povo tem as pedras de raio, às quais atribui virtudes apotropaicas. Alusão ao costume das raparigas oferecerem aos seus namorados um gorro ou barrete, e aos cumprimentos que os pais recebiam quando da morte de um filho de tenra idade. Virtudes da carne de grou (longevidade às pessoas que a comiam). Versos duma «relamboia» (descrição das manifestações amorosas da gente do povo). Orações e rezas. Mandamentos do borracho e do maltês; relato de uma cerimónia nupcial. Orações, crenças e superstições várias.

- 1698 PAÇO, Afonso do — *Um casamento em Vila Nova de S. Pedro*. FL, IX, Lisboa, 1940, pp. 129-139.

Descrição de alguns costumes referentes ao casamento.

- 1699 PASSOS, Carlos de — *A granel*. OI, 68, Coimbra, 1921, p. 238.

Alguns vocábulos da zona ribeirinha do Lima; seu significado. Provérbios. Usos e costumes referentes ao casamento; etc.

- 1700 PASSOS, Carlos de — *A granel*. AAM, I, pp. 69-70.

Breves notas sobre o casamento, as esmolas e Santo António, em dia de feira (Ponte do Lima) quando os feirantes realizam um bom negócio, e sobre o costume das mulheres se vestirem de luto pela ausência dos maridos.

- 1701 PINTO, Maria Luísa Carneiro — *O Casamento — Uma tradição em declínio*. DL, Terceira Série, VI, Porto, 1949, pp. 49-53.

Breve nota sobre os arcos de casamento (Santa Marta de Penaguião e Baião).

- 1702 PIRES, A. Thomaz — *Tradições populares*. RL, VII, Lisboa, 1902, p. 148.

- 1) Casamento — menção do costume de se atirarem confeitos e amêndoas aos rapazes.
- 2) Rifões agrícolas — 6 rifões referentes a costumes aldeãos e rurais.

- 1703 PIRES, António Tomás — *Folclore*. RM, XXI, Esposende, 1913, pp. 50-52.

Rimas e comparações populares. Oração a S. Silvestre. Descrição de uma fórmula de pedido de casamento na Beira Baixa.

- 1704 RIBEIRO, Emanuel — *Lenço de namoradas*. FL, I, Lisboa, 1929, pp. 25-28.

Considerações literárias acerca dos dizeres amorosos dos lenços dos namorados.

- 1705 RIBEIRO, L. — *A propósito de uma cantiga*. BIHIT, 6, Angra do Heroísmo, 1948, pp. 278-281.
- Análise e comparação de uma cantiga terceirense, que também corre no continente. Seu conteúdo informativo e etnográfico. Descrição e estudo da agulhada, nela mencionada, do namoro à janela, e do tratamento por «vós».
- 1706 SILVA, A. de Jesus e — *Costumes — O Bolo dos Noivos*. RM, XIX, Esposende, 1911, pp. 29-30.
- Menção do costume de ofertarem à noiva, milho, linho, azeite, dinheiro, etc. Esta dádiva implica uma rígida reciprocidade.
- 1707 SILVA, A. Vieira da — *Casamentos em Nisa (Costumes regionais)*. FL, VII, Lisboa, 1936, pp. 201-203.
- Costumes nupciais em Nisa.
- 1708 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Pelo Minho — Uma excursão ao Soajo*. PG, I, 31, Viana do Castelo, 1882, pp. 1-3; e 32, pp. 1-2.
- Notas soltas duma visita ao Soajo. Descrição dum casamento; referências a montarias de lobos e à romaria da Senhora da Peneda.
- 1709 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Dialectos trasmontanos*. RL, II, Porto, 1890, pp. 97-120; III, Porto, 1894-95, pp. 57-74.
- Estudo de dialectologia trasmontana. Menção da *fala chacota* (dialecto especialmente raiano), por oposição à *fala grave* (português). Textos (da Matela — Vimioso): Loas de casamento cantadas quando se oferecem às noivas e ao noivo e padrinhos grandes ramos de flores; 10 quadras da ocasião. Romance tradicional. Cantiga do S. João — quadra tradicional (sobre a refeição festiva), Parada de Infanções. Vocábulos de interesse etnográfico.
- 1710 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Cartas de amor*. Po, 2, Porto, 1929, pp. 3-6.
- Nota, em comentário à obra de José de Pinho — *Cartas de Amor* — sobre as cartas de amor com emblemas e símbolos amorosos ou místicos impressos nas partes dobradas. Enumeração dos emblemas, usuais. Indicação de uma carta desse tipo, impressa. Significado do sol e da lua. A Sereia.
- 1711 VIANA, Abel — *Costumes Populares — O casamento em terras do Algarve*. MCP, VIII, 90, Lisboa, 1953, pp. 12-13.
- Descrição de um casamento na Serra do Caldeirão — O arco triunfal à porta, de canas e bandeirolas. No concelho de Monchique: os dois grupos de convidados, do noivo e da noiva, em dois ranchos a cavalo, que se encontram numa

«eira». Repartição de bolos e vinho pelos padrinhos. Os «ramos»; sua distribuição. O jantar e baile — interdição do noivo dançar com a noiva sem autorização da madrinha; separação dos noivos na primeira noite.

- 1712 VIANA, Mário Gonçalves — *Nótulas etnográficas — A «rifomania», os casamentos «à moda de Esposende», e Vivos e mortos*. GV, XIII, Guimarães, 1937, pp. 173-177.

Referências ao costume, muito corrente no Minho, de fazerem rifas; à compra de homens: «há raparigas que têm conseguido casar comprando o marido por 600\$00»; e às carpideiras — a dor silenciosa é interpretada como sinal de falta de sentimento pelo morto e criticada.

- 1713 ZOMBEIRA, Augusto — *Costumes interessantes — O casamento em uma freguesia de Trás-os-Montes*. MCP, III, 36, pp. 5-6.

Breve nota sobre o casamento.

- 1714 S/A. — *Tradições populares*. RM, XX, Esposende, 1912, p. 53.

Crença popular acerca da origem da chuva.

Casamentos — No dia em que a noiva é pedida, o noivo serve em sua casa, aos amigos, presunto, queijo, pão e vinho; no dia do primeiro pregão, a noiva convida as suas amigas e oferece-lhe papas de milho; no dia do casamento, os noivos e o cortejo dos convidados passam sob arcos enfeitados; junto à porta de saída da igreja, colocam uma mesa e nesta ramos de flores, que uma das raparigas mais bonitas da terra distribui, recebendo em troca dinheiro, destinado a ajudar à despesa com o jantar de noivado.

Ver Ref.^{as}: 3, 44, 100, 107, 142, 144, 145, 207, 216, 218, 219, 225, 229, 236, 250, 252, 256, 260, 265, 266, 270, 277, 279, 281, 284, 286, 288, 289, 290, 292, 301, 335, 352, 442, 559, 742, 796, 939, 1055, 1397, 1400, 1411, 1426, 1433, 1436, 1437, 1439, 1468, 1479, 1481, 1501, 1567, 1588, 1591, 1619, 1662, 1667, 2218, 2357, 3097.

2.3. MORTE

- 1715 ALVES, Carlos — *O culto dos mortos entre os Mirandeses*. IT, 3, Porto, 1910, pp. 107-108.

Descrição de alguns costumes ligados aos mortórios, nomeadamente a «caridade» (oferendas de pão de centeio ou dinheiro às pessoas que tomam parte nos actos).

- 1716 ARAÚJO, José Rosa — *A serra desconhecida*. VRTDC, 9, 1939.

Fala da Serra de Arga e descreve alguns usos e tradições da gente das suas aldeias: retirada de dentro de casa das pessoas que estão a morrer, que colocam

numa enxerga sob o alpendre; deposição sobre a sepultura da malga por onde o moribundo bebeu a última água; recurso ao Santo do Chocalho, quando os viandantes se perdem na serra; e romagem de gados à volta da sua toska ermida.

- 1717 ARAÚJO, José Rosa — *Costumes rurais do século XVIII*. AAM, III, pp. 167-169.

Notícias extraídas de testamentos datados de 1700, referentes ao traje, e a banquetes por ocasião de mortórios, que não raro deixavam a família enlutada endividada por alguns anos.

- 1718 ARAÚJO, José Rosa — *A Serra de Arga*. AAM, VII, Viana do Castelo, 1957, pp. 89-110.

Referências ao Santo do Chocalho, guardião da serra; a S. João de Arga — oferendas em sal, cravos, ex-votos e telhas roubadas; a Santa Justa, advogada de casais desavindos — oferendas de linho, pombas e frangos brancos. Relato de alguns costumes dos mortórios. Notas sobre o traje. Penedo do casamento — previsão do tempo que as raparigas hão-de ficar solteiras conforme as pedras que, atiradas do chão, não ficam em cima desse penedo. *Penedo da Virgem* — espécie de ordália.

- 1719 BRAGA, Alberto Vieira — *Curiosidades de Guimarães — Mortórios*. RG, LII, Guimarães, 1942, pp. 155-226; e LIII, 1943, pp. 14-97.

Considerações acerca da ideia da alma. Transcrição de mandados e testamentos. Confrarias e Irmandades, suas obrigações e compromissos. Enterros, missas e rezas. Ofertas aos párocos. Obrada aos hospitais. Cemitérios. Usos e tradições de outras terras relacionadas com os mortórios.

- 1720 CORREIA, Vergílio — *Cabeceiras de sepulturas medievais*. ATP, 4, Lisboa, 1918, pp. 20-24.

Rápido resumo das representações funerárias: o homem no aurignacense, os neolíticos, o bronze, as estelas etruscas do ferro; o homem caçador e guerreiro. Os romanos: os ofícios da paz nas estelas funerárias.

As cabeceiras de sepultura nas campas dos adros e dos cemitérios rústicos, anteriores às inumações nos templos. Sua frequência junto de velhas igrejas romanas, góticas e manuelinas, especialmente no centro e sul do país. Sua localização nos templos medievais, entre o século X e XVII. Cronologia extraída das formas da cruz cristã.

Hipóteses acerca da época das sepulturas com o feitio do corpo humano, abertas em rocha; teses de Filipe Simões, Leite de Vasconcelos e Martins Sarmento. Tese do autor, que as considera pós-romanas medievais, ligadas às cabeceiras. Cabeceiras com sinais sagrados, e cabeceiras com utensílios e ferramentas: tesouras (alfaiate), cangas, grades, timão, arado, escopro, machado, maço, saco de cereal, cesto; o lavrador com o saio, numa cena rústica, dobadura, roca, aduelas, fuso e cossoiro (indicando mulher).

Problema do desaparecimento de alfaias agrícolas, atestadas nas cabeceiras. Existência das cabeceiras entre os bascos, na Hungria e Balcãs, na Ásia e

América. Costume remoto e geral. As portuguesas e do sul da Europa derivam das romanas.

O enterramento nas igrejas acabou com o costume das cabeceiras lavradas com as ferramentas do ofício, mas aparecem dessas gravações mesmo em lajes tumulares rectangulares.

- 1721 FERREIRA, Simão Rodrigues — *Memória histórica sobre o destino que desde a mais remota antiguidade deram os homens aos cadáveres*. OPRQSL, 1, Porto, 1880-1881, pp. 44-46, 70-71 e 114-115.

Notas acerca do modo como os antigos enterravam os seus mortos, segundo vários escritos históricos.

- 1722 FRANKOWSKI, Eugenius — *As cabeceiras de sepultura e as suas transformações*. ATP, 4, Lisboa, 1918, pp. 8-19.

Os ritos funerários e a crença na vida além-túmulo. O corpo e a alma, o duplo; a «viagem»; a permanência na sepultura, e influência sobre os vivos. O culto dos antepassados, como cumprimento dos deveres exigidos aos vivos. O medo. As estátuas funerárias, dentro dos túmulos, ou a assinalarem o lugar da sepultura: as estelas discóides da Península (Espanha).

Menção, descrição e estudo das estelas ibéricas de Clímia — Peñalva de Castro — capital da Celtibéria Interior de alguns séculos a.C.; de Barros (Santander), a que Breuil atribui significação solar. Estelas do século IX, da Biscaia, com desenhos «para encher» as superfícies deixadas lisas pela supressão dos símbolos. Estelas bascas, espanholas e francesas: desenhos geométricos, cruz, estrelas, flores, suásticas, monogramas de Cristo, às vezes ferramenta de ofícios, como as portuguesas.

Sua provável origem nas estelas etruscas de Bolonha. Evolução das estelas vilanovenses: da representação da figura humana, o disco passa a ser campo ornamental, e a estela evolui para a forma de ferradura alongada. Existem na Síria, Pompeia, e Irlanda e Escócia, Noruega, Suécia. Contudo, a origem das estelas mediterrâneas e portuguesas deve ser devida a convergência. A representação da figura humana é inata ao espírito do homem em certas fases da sua cultura. Transições para as estelas discóides, e transição de estelas discóides para outros monumentos: estelas rectangulares, com a forma de estela discóide gravada — estelas da bacia do Douro, da época da romanização. Interpretação de alguns ornatos: as barras verticais, semelhantes a estelas, representam as pessoas que servem o morto.

Resumo das hipóteses quanto à origem, significado e evolução das estelas discóides e seus ornatos.

- 1723 GUIMARÃES, Abade Oliveira — *Usos e costumes religiosos — Óbitos*. P, 1, Porto, 1903, pp. 851-853.

Descrição de usos e costumes respeitantes a óbitos, recolhidos em Guimarães, da tradição e de registos paroquiais: velada fúnebre, reza, *redonda*, *agasalho* e *pitança* (refeições específicas), ofertas, obradoiro. Reza dos defuntos. Etc. Origem pagã de algumas destas manifestações.

- 1724 PESSANHA, D. Sebastião — *Um enterro em Portalegre*. ATP, 4, Lisboa, 1918, p. 42.
- Breve nota acerca do modo como se fazem os enterros em Portalegre: o rapaz da opa e sobrepeliz, com a cruz alçada; depois o padre e outro rapaz, vestido como o primeiro, levando a caldeirinha; depois, o caixão, de preto com uma cruz amarela, levado por quatro homens; atrás o povo que acompanha.
- 1725 PIRES, A. Thomaz — *Tradições e costumes populares*. RL, VI, Lisboa, 1900-1901, pp. 233-240.
- Amuletos (de D. João I). Emolumentos paroquiais (Elvas). Funerais na aldeia de Santa Eulália (Elvas). Costume aldeão (defecar em conjunto — mulheres). Cegonha (respeito pela cegonha). Magia. Superstições. A catarreira e a tosse (anedota alentejana).
- 1726 MACHADO, Carolino Augusto — *Tradições populares*. RM, 1, Barcelos, 1886, pp. 45-48.
- Transcrição de uma sátira em verso que mete a ridículo o costume de se alugarem as carpideiras para chorarem pelos mortos. Algumas quadras populares
- 1727 MIRANDA, Abílio — *Rogar*. DL, III, Porto, 1941, pp. 47-50.
- Descrição, em estilo literário, do costume de «rogar» gente para os pêsames, em Penafiel.
- 1728 MIRANDA, Abílio — *As superstições ligadas a S. Tiago*. Penafiel, 1942, 8 pp.
- Relato de algumas superstições ligadas a S. Tiago: sangrias e curas. Alude ao costume de porem uma moeda no caixão, para a «estrada de S. Tiago».
- 1729 PAÇO, Afonso do — *O Têno*. RL, XXIV, Lisboa, 1921-22, pp. 296-297.
- O *teno*, broas que eram distribuídas por ocasião dos funerais (teno = naco),
- 1730 PIRES, A. Thomaz — *Tradições*. I - *Symbolo de stipulação*; II - *As obradas ou offertorios funebres* e III — *O rito da provocação da chuva*. RL, V, Lisboa, 1897-99, pp. 300-302.
- Traslado de um documento de 1689, acerca do formalismo das vendas e arremetações oficiais; excerto de dois testamentos — 1385 e 1528 — de Elvas indicando obradas; e menção de procissões a pedir chuva, numa carta de Elvas, 1753.
- 1731 RIBEIRO, Luís — *Velórios*. BIHIT, 10, Angra do Heroísmo, 1952, pp. 274-277.
- Menção do artigo do Prof. Spalding, no Boletim da Comissão Catarinense de Folclore (Brasil), sobre o costume de velar os cadáveres, que considera quase exclusivo do Brasil.

Indicação de numerosos casos de velar cadáveres nos Açores, no Continente, e até em outros países. Outros costumes funerários, nomeadamente refeições e manjares cerimoniais.

- 1732 SARMENTO, F. Martins — *Duas tradições populares*. RL, I, Porto, 1887-89, pp. 275-276.

I) O dinheiro de Charonte — nota baseada em achados de moedas em sepulturas, na igreja de S. Miguel do Castelo, em Guimarães, onde se mantém a tradição do dinheiro para «pagar as passagens», para Compostela, onde se tem de ir, seja em vida seja depois de morto.

II) Ao sol poente — Oração que se diz em Pedralva (Braga), ao sol poente; dizê-la noutra hora é pecado.

- 1733 VASCONCELOS, João de — *Folklore — Tradições populares*. RG, XVI, Porto, 1899, pp. 44-47.

Nótula sobre crenças mortuárias — refere o costume de lançar no caixão dos mortos, uma moeda de cobre.

- 1734 VASCONCELOS, João de — *Tradições populares*. RL, XXV, Lisboa, 1923-25, pp. 49-56.

Superstições várias referentes a animais, a determinados dias do ano, a objectos de uso doméstico, a bruxas, a feitiçarias amorosas, a gravidez, parto e crianças, a lume, a morte, funerais e espíritos, a sonhos, etc.

Descrição de alguns costumes funerários — moeda, Santo Hilário, etc. Lendas.

- 1735 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Variedades — Notas sobre os funerais — As choradeiras e Factos diversos*. OPRQSL, I, Porto, 1880-1881, pp. 82-84 e 96-98.

Fala das carpideiras romanas e egípcias, transcreve uma disposição das Constituições do Bispado do Porto (1687) que proíbe nos enterros as choradeiras, e refere-se a este costume, praticado em algumas terras minhotas, e à paga que as choradeiras recebem, em géneros e alimentos. Alude a outras práticas tradicionais sobre funerais, nomeadamente ao costume de comer e beber à porta das igrejas após o *obradoiro* (Paredes), e transcreve um período das Constituições citadas, em que se proíbe que se coma sobre as sepulturas. Refere ainda o costume de depor dinheiro no caixão do morto (Guifães e Mondim da Beira) e o arremesso de terra ou pedras à cova.

- 1736 VITORINO, Pedro — *O S. Pedro, de Paço de Sousa*. Po, XII, Porto, 1939, pp. 90-92.

A escultura de S. Pedro, no exterior da capela de Paço de Sousa, no século XII. Descrição. O uso de levar alimentos aos sepulcros — anterior ao cristianismo e em uso em igrejas da Galiza no século VI. O cânone de S. Martinho Bracarense (do II Concílio de Tours), proibindo esse costume,

que tinha lugar especialmente no dia da Cadeira de S. Pedro (18 de Janeiro — cadeira de Roma, ou 22 de Fevereiro — cadeira em Antioquia).

A mesa ou altar do santo que havia em Paço de Sousa talvez dissesse respeito ao costume das ofertas aos mortos enterrados no adro.

Ver Ref.^{as}: 3, 65, 142, 144, 145, 198, 207, 216, 218, 219, 221, 223, 229, 232, 236, 244, 250, 252, 256, 260, 266, 277, 281, 286, 288, 292, 301, 442, 939, 1055, 1397, 1400, 1411, 1437, 1439, 1447, 1469, 1506, 1591, 1619, 1682, 1683, 1712, 2218.

2.4. DIVERSOS

Ver Ref.^{as}: 44, 301, 442, 1619

3. COSTUMES E FESTAS AGRÁRIAS

- 1737 ALVES, Carlos — *Etnografia Mirandesa — A matança do porco*. P. 2, Porto, 1908, pp. 277-280.

Descrição da matança do porco o qual, segundo o Autor, com o pão do centeio, constitui a base da alimentação da gente da região.

- 1738 ARAÚJO, Tenente Miguel C. — *A festa da tosquia na ilha do Corvo*. RAÇ, I, Angra do Heroísmo, 1937, pp. 238-239.

A festa da tosquia dos rebanhos na ilha do Corvo. Menção do antigo rebanho comum dos corvinos, apascentado nos pastos comuns, que existiu até 1832, e onde se deve procurar a origem da actual festa.

- 1739 BERTO, Gil — *Cenas alentejanas — A matança dos porcos*. RM, x, Esposende, 1895, pp. 9-10.

Descrição literária da matança do porco no Alentejo.

- 1740 B. C. — *Arquivo Etnográfico — Festa das Papas*. Po, VII, Porto, 1934, pp. 148-149.

Extracto do jornal Diário de Notícias de 9.8.1934 que noticia a festa das papas em Alcains, em que é feita uma distribuição de papas de milho com açúcar, a todas as pessoas presentes.

- 1741 DIAS, Jorge — *Sacrifícios simbólicos associados às malhas*. TL, 1, Lisboa, 1951, pp. 12-22, 5 figs.

«Estudo comparativo e interpretativo de dois sacrifícios simbólicos associados às malhas do centeio em Celorico de Basto. Esses sacrifícios, de homens e animais, por ocasião das ceifas e das malhas, têm raízes muito fundas na

história da humanidade. Manhardt e Frazer descrevem muitos casos típicos destes sacrifícios nas suas obras fundamentais, mas nenhuma apresenta um exemplo tão denso de simbolismo, como este descrito pelo Autor. (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 1742 FELGUEIRAS, Guilherme — *Etnografia agro-pecuária*. NA, VI, 299, Lisboa, 1938.

Notas sobre a matança do porco.

- 1743 FRÁGUAS, António Fráguas — *Aportación al estudio folklorico del castaño, la castaña e el magosto*. RG, LXVII, Guimarães, 1957, pp. 443-460, 8 figs.

Quadras populares alusivas ao castanheiro. A castanha da Índia usada como talismã; uso da madeira de castanho para os rapazes fazerem flautas. Descrição da colheita das castanhas, dos magostos e dos utensílios para as cozer ou assar.

- 1744 LIMA, Augusto César Pires de, e Carneiro, Alexandre Lima — *Como se matam os animais domésticos*. DL, Terceira Série, v, Porto, 1949, pp. 17-19.

Pequenas notas sobre alguns processos de matar animais domésticos: galinhas, perus, bois, porcos — alusão ao sarrabulho e aos trabalhos dos enchidos —, etc.

Ver Ref.^{as}: 3, 44, 142, 144, 207, 208, 225, 276, 290, 1423, 1595, 2509, 3097.

4. BANHOS SANTOS

- 1745 BRITO, P.^o Cunha — *Etnografia minhota*. RL, xv, Lisboa, 1912, pp. 290-311.

Superstições, ditados e saudações referentes ao sol à lua e às estrelas. Práticas mágicas e qualidades apotropaicas atribuídas ao fogo e à água. Os *poços* dos rios na crença popular. Banhos santos. Meteorologia popular: Pronúncios de chuva ou bom tempo; prognósticos do estado de tempo no futuro ano — as *têmporas*. (Materiais recolhidos nos concelhos de Arcos, Ponte do Lima e Ponte da Barca).

- 1746 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia portuguesa*. RO, 57, Lisboa, 1959, pp. 92-98.

Breves notas sobre o dia de São Bartolomeu e dos banhos santos que têm lugar nesse dia. Topónimos de algarismos, em Lisboa. Referência ao trabalho de Flávio Gonçalves — Os painéis do Purgatório e a origem das Alminhas populares; e ao de F. Castelo-Branco — Culto de Diana (procissões com gado).

- 1747 DIAS, Carlos Malheiro — *O banho santo — Véspera de S. João na barra de Aveiro*. A, 10, Lisboa, 1917, pp. 306-310.
- Excerto literário em que faz referência aos banhos santos, de homens e mulheres de Ovar e Murtoza, que se deslocavam à praia da Costa Nova na véspera de S. João.
- 1748 DIAS, Jorge — *Banhos Santos*. ACEELV, III, Porto, 1960, pp. 195-200.
- Estudo sobre os banhos rituais que têm lugar em determinados dias, nomeadamente no S. João, em vários pontos do mundo.
- 1749 LANDOLT, Candido — *Folk-Lore — A água do mar nas superstições e crenças populares*. APV, III, 7, 1914.
- Lendas ligadas à transformação da água salgada e doce: inglesas, Baixa Bretanha, Plínio, lendas do arquipélago índio. Qualidades e privilégios da água do mar: não molhar, não acatarroar e curar constipações (Itália e Pas-de-Calais). Cura de doenças de clima: o banho de quem passa a Linha (holandeses do século XVII). Água do mar como purgante. Banhos ímpares. Banho em dia de S. Bartolomeu vale por 7. Fórmula para antes do banho, atirando-se grãos de areia. Etc.
- 1750 LARCHER, Jorge — *Tradições minhotas — Uma festa em S. Bartolomeu do Mar*. FL, VIII, Lisboa, 1937, pp. 185-188.
- O ritual dos banhos santos. Ofertas de frangos pretos.
- 1751 LOUREIRO, J. Pinto — *O Conselho de Nelas*. OI, 97, Coimbra, 1940, pp. 319-332.
- Lendas. Procissões votivas; banhos santos. Poesia e música popular.
- 1752 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *A romaria de S. Bartolomeu do Mar em Esposende*. OCP, 8-9-1959.
- Descrição muito viva e colorida desta romaria, que tem lugar a 24 de Agosto (dia em que, segundo a crença popular, anda o Diabo à solta), e se caracteriza essencialmente por promessas de frangos pretos, banhos santos — 9 mergulhos para as crianças perderem o medo — sobretudo contra o mal da gota (epilépticos também chamados endemoinhados). Interferência e ligação de elementos míticos que participam deste ritual: Diabo à solta, endemoinhados, banho santo, e promessas de frangos pretos.
- 1753 VASCONCELOS, J. Leite de — *Superstições dos rios encarados genéticamente*. RL, XXIX, Lisboa, 1931, pp. 170-182.
- Práticas e crenças na travessia dos rios. Práticas propiciatórias. Virtudes das águas dos rios. O banho santo de Nelas (S. Bartolomeu): análise e descrição da cerimónia. Penedos e vegetais junto de rios: superstições a eles ligados. Cancioneiro popular referido a rios personificados.

1754 V., J. L. de — *Banho Santo*. BE, II, Lisboa, 1923, pp. 34-35.

Nota sobre o banho santo que tem lugar na Figueira da Foz em 23 e 24 de Junho.
Ver Ref.^{as}: 44, 230, 247, 1593.

5. MASCARADOS E MÁSCARAS

1755 CUNHA, Maria de Montalvão — *Costumes portuguesas — Leste trasmontano — O Farandulo*. BGAB, 5, 1956.

Breves notas sobre o Farandulo, de Tó (Mogadouro). Vestuário e acção deste personagem.

1756 MOURINHO, P.^o António — *Etnografia mirandesa — O ineditismo de um grande cortejo folclórico*. MCP, I, 4, Lisboa, 1946, pp. 10-11, 7 figs.

Indicações sumárias de cantares e danças. Descrição de alguns mascarados da região: «chocalheiros» do Mogadouro, «caretos» das Festas dos Rapazes. «carocho» de Constantim, a «Velha», etc.

1757 PESSANHA, D. Sebastião — *Mascarados e máscaras populares de Trás-os-Montes*, Lisboa, 1960, 66 pp., 65 figs.

Apoiado no trabalho de Santos Júnior estuda os mascarados — «caretos». «chocalheiros» «zangarrões», etc. — do planalto trasmontano, descrevendo a indumentária que estes envergam, as máscaras que usam, e o seu comportamento, variável, de lugar para lugar. Procura identificar estes personagens com outros semelhantes que aparecem na Europa, especialmente em Espanha. Embora perfilhe a tese de Santos Júnior, de que estes mascarados prolongam uma tradição de máscaras rituais com origem em populações indígenas pré-romanas, concorda também com Titus Burckhardt, que filia estas manifestações nas festas solsticiais do Inverno.

Estabelece uma nítida diferenciação entre estes personagens e aqueles que figuram o «Diabo» e a «Morte», que aparecem, na mesma área, geralmente na quarta-feira de cinzas, que julga terem a sua origem em figurantes de cortejos e representações litúrgicas medievais.

Descreve a «Festa dos Rapazes», demarcando a área em que esta tem lugar, e, na esteira de Jorge Dias, filia-a em ritos de puberdade.

Analisa as máscaras usadas por estes personagens, que, em confronto com outros exemplares estrangeiros, parecem apontar uma marcada feição europeia.

1758 SANTOS JÚNIOR, J. R. dos — *O «careto» de Valverde, o «chocalheiro» de Vale de Porco e as suas máscaras de pau*. CMP, II, XVIII, Lisboa, 1940, pp. 220-238, 7 figs.

Refere-se ao «careto» de Valverde e ao «chocalheiro» de Vale de Porco que,

na quadra do Natal, saem a percorrer os povoados, pedindo para as festas do Menino, e metendo-se especialmente com as raparigas. Estes mascarados gozavam de prerrogativas especiais, tais como abraçar as raparigas, levantar as saias às mulheres, etc. Vê nestes mascarados sobrevivência de costumes arcaicos e aponta a possível origem destes em velhas práticas rituais romanas.

- 1759 SANTOS JÚNIOR — *O careto de Valverde*. FL, VII, Lisboa, 1936, pp. 29-34.

Descrição desse uso trasmontano, próprio do ciclo do Natal, em que intervém o mencionado personagem masculino.

- 1760 V., J. L. de — *Costumes de Braga do século XVIII*. RL, XXIV, Lisboa, 1921-22, pp. 295-296.

Traje eclesiástico, divertimentos do clero, mulheres de servir dos eclesiásticos, exorcismos, sermões, votos, mascarados nas funções religiosas, entremeses, costumes da Semana Santa: proibições constantes de uma pastoral do Arcebispo de Braga de 1742.

- 1761 S/A. — *Poeira dos tempos — Mascaradas alusivas*. FL, III, Lisboa, 1931, pp. 237-238.

Extracto do Diário Popular (1868) referente a um baile de máscaras, em que certas personalidades ministeriais eram satirizadas.

Ver Ref.as: 4, 144, 151, 250, 442, 1603, 1763, 1765.

6. DIVERSOS

- 1762 ALVES, Carlos — *Os serões de Inverno entre os mirandeses*. IT, 1, Porto, 1908, pp. 86-87, 2 figs.

Descrição de alguns costumes mirandeses em que os vizinhos se reúnem à noite, na casa de um deles, para fiar, conversar e rezar a *coroa*.

- 1763 ALVES, Padre Francisco Manuel — *A festa dos Rapazes*. IT, 3, Porto, 1910, pp. 178-181.

Descrição da festa dos Rapazes (solteiros, com mais de 16 anos) que tem lugar em várias aldeias do concelho de Bragança nos dias 26 de Dezembro ou 6 de Janeiro, e que comportam um complexo ritual de mascaradas, refeições cerimoniais (em que por vezes são excluídas as mulheres), loas e danças rituais, que o Autor considera de origem diferente da dança de carácter litúrgico, característica da região.

- 1764 ALVES, Francisco Manuel — *A Festa dos Rapazes*. BGAB, 5, 1938, pp. 8-9.

Descrição das Festas dos Rapazes, que têm lugar nas aldeias bragançanas de Baçal, Sacoias, Vale de Lamas, Aveleda, Varge e Deilão, e que comportam pantominas, danças, refeições específicas, exclusão de mulheres em certos actos etc.

«Antes dos bispos de Bragança prescreverem tão severamente as *pastoradas* da noite de Natal, havia nestas aldeias nessas festas uma dança tradicional. Estas danças litúrgicas em breve desaparecerão entre nós sem que alguém tenha fixado as suas modalidades, restando apenas na dos Paulitos o fragmento de um ciclo coreográfico outrora dominante em toda a região. É de advertir que a dança na festa dos rapazes, nada tem com a dança litúrgica; no entanto o facto de esta constituir uma parte do programa aliado ao de serem excluídas as mulheres na de Varge, o que seria ridículo se não tivesse por si a tradição das culturais danças ibéricas, que também as não admitiam, leva-nos a estabelecer-lhes comunidades de origens ou pelo menos certas afinidades étnicas muito para notar, podendo facilmente supor-se que a dança primitiva, devido a circunstâncias locais ou de temperamento, desapareceu, ficando apenas aquele vestígio a atestar-lhe a sua existência.»

- 1765 BRAGA, Alberto Vieira — *Curiosidades de Guimarães — Mulheres, jogos, festas e luxo*. RG, XXXVII, Guimarães, 1927, pp. 47-67.

Com base em documentos dos séculos XV, XVI e XVII fala do relaxamento de costumes, jogos, festas e figurações profanas associadas ao culto religioso — danças, mascarados, jogos, autos, corridas de touros, comes e bebes, canto e dança dentro dos templos (Proibição dessas manifestações em documentos dos séculos XVII e XVIII). Alude ainda ao papel que os gaiteiros e tamborileiros tomavam nas procissões.

- 1766 BASTO, Cláudio — *Arquivo etnográfico*. Po, VII, Porto, 1934, p. 66.

Notícias extractadas no jornal Diário de Notícias (5.4.1934) referentes à festa dos «solteiros e casados» (Alcochete) — Círio que vai à Sr.^a da Atalaia, acompanhado por música de gaiteiro, em carros ornamentados puxados por bois. Julgamento e enterro do bacalhau (Barquinha) e (Azoia de Cima).

- 1767 BRITO, P. Cunha — *Migalhas de Ethnographia minhota*. RL, x, Lisboa, 1907, pp. 255-261.

Procissão infantil para pedir chuva. O terço cantado. Mais alguns costumes de Aboim das Choças. O luto. O pão de Santo Estêvão. Inscrições tabernárias.

- 1768 CADILHA, João Pinheiro — *Os invernos dos pescadores poveiros nos tempos idos*. DL, Quinta Série, VII-VIII, Porto, 1953, pp. 76-80.

Menção de alguns costumes peculiares a esta classe: o «correr a praia» (aproveitamento de madeiras que o mar arrojava à praia); o «fazer das redes», nas tardes de chuva; o «beber a companhia» (no sábado à noite); histórias de aparições; etc.

- 1769 CARNEIRO, Alexandre Lima — *Uma impressionante solenidade religiosa doutros tempos — O Senhor Fora*. CSTBC, III, Santo Tirso, 1954, pp. 39-45.

O toque especial do sino, a anunciar que o Senhor ia de visita aos enfermos.

- 1770 CARVALHO, A. L. de — *A minha terra*. RG, XLIV, Guimarães, 1934, pp. 30-34.

Nótulas sobre o peditório para a Misericórdia, e a *via-sacra*, que nos dias designados na boleta, saía, à hora das trindades.

- 1771 CHAVES, Luís — *Nos domínios da Etnografia portuguesa*. RO, 56, Lisboa, 1959, pp. 150-157 e 350-358.

Referências breves e gerais sobre a grande riqueza de aspectos da nossa cultura popular; a exibições de ranchos folclóricos no país e no estrangeiro; ao Bumba-meu-Boi do Brasil e às «Tourinhas» de Portugal, com transcrições de dicionaristas sobre o assunto, nomeadamente de Câmara Cascudo; a «Anjos piróforos» (de que dá notícia apenas em Terras de Miranda, num único caso); ao cortejo das «Pastorinhas», de Aveiro, e à festa das Rosas, em Viana. Transcrição de parte do discurso do Papa Pio XII, proferido no Congresso dos «Estados Gerais de Folclore», em que este foca a importância e o alto significado do folclore. Etc.

- 1772 ESTEVES, Raimundo — *Papagaios de papel (Costumes da minha terra)*. L, IV, Viana do Castelo, 1921-22, pp. 24-25.

Breve nota sobre o costume de lançar papagaios de papel ao ar.

- 1773 FERRAZ, A. de Sequeira — *Ir aos gambozinos*. RL, III, Porto, 1894-95, p. 371.

Descrição dum costume jocoso de Carrazeda de Ansiães.

- 1774 LIMA, Augusto César Pires de — *A escola régia de S. Tiago de Areias (Santo Tirso)*. (*Notas de etnografia e história*). DL, VIII, Porto, 1943, pp. 12-21, 6 figs.

Castigos e perdões. A palmatória e os velhos castigos escolares, segundo textos clássicos. Rimas e provérbios. Grécia e Tróia: dois grupos dentro da escola, rivais nas sabatinas semanais. Memónica — quadra definindo medidas de capacidade — moios, fangas, alqueires, quartos, maquias. A concha — com que se autorizava a saída dos alunos, sem palavras. A festa do carneirinho — que os alunos ofereciam ao professor em Maio. Usos semelhantes noutras terras. Ofertas a professores nas festas do Corpus Christi de Penafiel. O culto de S. Mamede, pelos estudantes. S. Mamede advogado do leite das mulheres, e invocado ao deitar-se o pão ao forno. Algumas máximas do

código infantil. Profissões dos pais e destino dos alunos — os filhos continuadores da profissão dos pais, dentro do espírito das antigas companhas dos mesteiros.

- 1775 LIMA, Augusto César Pires de — *Maridos cucos* — *Subsídios para um estudo sobre o adultério nas tradições populares*. Po, 2.^a Série, I, Porto, 1946, pp. 27-34.

Relato de algumas histórias de infidelidade das mulheres. Menção de ofertas a S. Cornélio, de pontas de chifre de boi. Quadras alusivas.

- 1776 LUCENA, Armando de — *Arcos triunfais de romarias*. EBJP, 12, Lisboa, 1946, pp. 235-237.

Nota sobre os arcos de festa na Malveira dos Bois.

- 1777 MARTINS — *As rifas*. OT, 5.^a Série, II, Porto, 1948, p. 234.

Notícias sobre as rifas que têm lugar em algumas aldeias dos arrabaldes do Porto, geralmente promovidas por taberneiros, com números especiais para atrair público: salto ao púcaro, com um frango dentro; regueifa de Valongo pendurada; e desafio entre cantadores e cantadeiras.

- 1778 M., C. — *Arcos triunfais*. FL, II, Lisboa, 1930, pp. 141-142.

Arcos triunfais erguidos em vários lugares de Lisboa, pelos diferentes mesteiros, por ocasião do casamento de D. José (1763).

- 1779 NUNES, J. — *Costumes algarvios* — *O aguadeiro*. P, 1, Porto, 1903, pp. 384-385.

Sistema de abastecimento de água no Algarve: Na povoação rural — as mulheres com o cântaro ou quarta à cabeça, sobre a «sogra», ou sobre o quadril. Quando a fonte seca, o homem vai mais longe, com o burro levando «cangalhas». Nas povoações urbanas — a pipa montada sobre um carro puxado a muares. O carro de mão (Lagos), ou puxado por um burro. O cântaro.

- 1780 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *Roubo ritual*. BCPMHAO, XX, 1-4, Orense, 1959-60, pp. 99-101.

Definição e descrição de três formas de roubo ritual: a primeira, de carácter cerimonial e colectivo (exemplos de várias regiões de Portugal referidos ao madeiro do Natal); a segunda, respeita a objectos determinados, como modo obrigatório de lhes conferir virtudes sobrenaturais em datas ou festividades específicas (exemplos mais significativos: telhas); e a terceira, semelhante a esta, mas independente de datas e dependente de ensalmos. Além destas formas menciona ainda um roubo sem carácter ritual «mas que exprime certos sentimentos e a feição sociocêntrica das pequenas comunidades, especialmente fronteiriças».

- 1781 PASSOS, Carlos de — *Porcos pela cidade*. OT, 2.^a Série, Porto, 1919, p. 52.
Extractos de dois decretos (1515 e 1635) que proibiam os moradores da cidade do Porto de trazerem os porcos pelas ruas.
- 1782 PINTOR, Bernardo — *Usos antigos da freguesia de Gave (Melgaço)*. AAM, II, pp. 120-125.
Rendimento do vigário, e ofertas que este recebe em dias de festa. Direitos de estola e funerais. Indicação de alguns modos de pagamento por serviços de baptizado, casamento, funeral, etc.: boroa, carneiros, vinho, etc.
- 1783 PIRES, A. Thomaz — *Investigações ethnográficas*. RL, x, Lisboa, 1907, pp. 298-305.
O escrutínio secreto por meio de favas brancas e pretas no século XVI. As mancebias. Os perdões pela Semana Santa. Ladrões formigueiros (século XVI). Superstições, usos e costumes alentejanos.
- 1784 POMBINHO JÚNIOR, J. A. — *Usos e costumes — Dar o louvado*. AT, 1, Elvas, 1933, pp. 173-174.
Notas acerca desta fórmula e de outras semelhantes com que os camponeses iniciam e findam trabalhos, refeições, etc.
- 1785 SILVA, A. — *Baile das pingas*. RM, XIX, Esposende, 1911, p. 16.
Menção dum costume que tem lugar numa freguesia do concelho de Santarém, de servirem durante um baile, um copo de vinho; aquele que o bebe obriga-se ao pagamento de certa quantia, que reverte a favor da festa de S. Sebastião.
- 1786 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Costumes portugueses do século XVII*. RM, I, Barcelos, 1886, pp. 41-43.
Breves considerações acerca de um poema de António Villasboas e Sampaio — Auto da Lavradeira de Ayró — onde se alude a alguns costumes populares.
- 1787 V., J. L. de — *Os Lusíadas de Camões e as tradições populares portuguesas*. AETPP, I, Porto, 1883, pp. 56-60.
Apreciações a alguns cantos dos Lusíadas e sua relação com algumas tradições populares.
- 1788 V., J. L. de — *Santo António numa mercearia*. BE, I, Lisboa, 1920, p. 36, 1 fig.
Breve referência ao costume de colocarem um Santo António nas mercearias (Beira e Norte).

- 1789 V., J. L. de — *Modos de acender o lume*. BE, III, Lisboa, 1924, pp. 39-41.
Descrição de alguns processos de acender o lume.
- 1790 VIANA, Abel — *A «Santa Coca»*. AAM, II, p. 26, 1 fig.
Nota curta sobre o combate entre a Coca, um monstro, e S. Jorge (Monção).
- 1791 VILLAS BOAS, Conde de — *Uma função pouco conhecida dos «Anjinhos» das Procissões*. DL, VIII, Porto, 1943, pp. 41-43.
A exibição de ouro nos «anjinhos» das procissões, como prova de sobvência dos lavradores da terra.

X — Crença popular

- 1792 AFONSO, P.^o Belarmino — *Cancioneiro religioso de Trás-os-Montes*. MCP, XIV, 168, Lisboa, 1960.

Transcrição de 9 responsos a Santo António.

- 1793 AZEVEDO, Pedro de — *Os tremedores em Portugal no século XVI*. P, 2, Porto, 1908, pp. 103-107.

Considerações sobre esta espécie de ritual religioso e citação de cartas dirigidas ao rei que lhe fazem aluzão.

- 1794 BARBOSA, Fernando — *A procissão do Corpo de Deus*. PVBC, 1, 1, Póvoa de Varzim, 1958, pp. 145-163.

Notícias históricas acerca da Procissão do Corpo de Deus.

- 1795 BARREIROS, Fernando Braga — *A procissão das lanternas em Lamego*. RL, XIII, Lisboa, 1910, pp. 127-130.

A procissão da segunda quinta-feira da quaresma, em que cada pessoa leva um balão iluminado, suspenso de canas, varapaus, ramos, etc. Trovas que os frades cantavam durante a procissão. Rivalidade entre dois bairros que a procissão percorria. Quadras satíricas trocadas entre esses grupos.

- 1796 CHAVES, Luís — *Os registos dos Santos*. AP, XXI, Lisboa, 1916, pp. 30-94; XXII, 1917, pp. 345-385; XXIII, 1918, pp. 81-103; XXV, 1921, pp. 141-149.

Significado etnográfico dos registos. Culto dos santos; peregrinações de Roma e Jerusalém; significado do termo «registo»; caracteres e uso deste; as imagens populares dos santos; práticas tradicionais relacionados com o dia de alguns santos. Comparação com factos congéneres estrangeiros. Indicação de várias romarias e festejos.

- 1797 CHAVES, Luís — *Registos de Santos*. Lisboa, 1925, 168 pp.
Extensa enumeração de nomes de santos, lugares de veneração, atribuições, etc.
Estudo acerca do significado etnográfico dos registos de santos.
- 1798 CHAVES, Luís — *Folclore religioso*. BRCC, xv, 1-2, Porto, 1932, pp. 107-120.
Apologética popular — O Credo, seguido nos cantares do povo.
- 1799 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, VIII, Lisboa, 1939-40, pp. 614-619; XXII, 1944.
Notas e comentários sobre o mês de Março no folclore; procissões de penitentes.
Lista de registos de Santos de Lisboa e arredores.
- 1800 CHAVES, Luís — «*Registos de Santos*» da cidade de Lisboa (*registos gravados*). RML, 26, Lisboa, 1945, pp. 15-26.
Estudo de alguns registos de santos.
- 1801 CID, João — *As procissões do Corpo de Deus nos séculos XVI, XVII e XVIII em Viseu*. BAAP, VI, Viseu, 1947, pp. 272-289.
Notícias acerca desta procissão, em Viseu.
- 1802 DACIANO, Bertino — *Uma procissão*. DL, Segunda Série, II, Porto, 1944, pp. 15-17.
Descrição da Procissão de N.^a Sr.^a do Carmo, em 27 de Agosto, em Vila do Conde.
- 1803 DIAS, Lopes — *Distrito Etnográfico — Santo António e o lobo branco*. AR, I, 25, Castelo Branco, 1925.
Relato de um caso de intercessão de Santo António invocado pelo povo de Toula, para debelar vários males de que eram vítimas.
- 1804 FAZENDA JÚNIOR — *Crenças e superstições*. T, I, Serpa, 1899, pp. 187-188.
Penitências nocturnas (Vidigueira).
- 1805 FERREIRA, P.^c Ernesto — *As romarias na ilha de S. Miguel*. RI, xv, Ponta Delgada, 1959, pp. 92-98.
Referência a procissões votivas que se realizam na quaresma; menção e transcrições de Frutuoso referidas ao tema.

- 1806 GONÇALVES, Flávio — *Procissões de Mordomos*. DL, Quinta Série, I-II, Porto, 1952, pp. 80-88.

Menção de procissões em que entram mordomos de confrarias ostentando na mão ramos de natureza vegetal, ou outras insígnias de natureza diversa, que presumivelmente o eram igualmente na sua origem: Ramos; entrega das varas (Vinhais) pelo Natal; Folias beiroas; tabuleiro de Tomar; tabuleiro de Paialvo; etc.

- 1807 GRAÇA, Soares da — *As antigas procissões de Águeda*. ADA, XIV, Aveiro, 1948, pp. 277-291.

Pequeno estudo acerca das procissões e outros cortejos religiosos de Águeda.

- 1808 GUIMARÃES, Alfredo — *As «Vias Sacras» (Minho)*. ATP, 1, Lisboa, 1916, pp. 65-73.

Descrição de dois tipos de vias-sacras:

Rezadas — no campo, todo o ano, nos terreiros ou dentro da igreja; nas cidades, na Quaresma (Passos, nas cidades). Descrição da via-sacra rezada dos irmãos franciscanos, de Guimarães, e, em nota, dos fogaréus de Braga, com o «sermão» dos factos escandalosos. Menção do costume antigo dos «Sete passadas», penitentes, em Guimarães, na quinta-feira Santa, e dos «penitentes» da procissão de Endoenças, em Braga.

Cantadas — peditório prévio, pelos artífices do bairro, que organizam a via-sacra segundo os nichos da cidade. Anuncia-se a via-sacra para o dia seguinte com campainhas. Descrição da procissão e notações musicais. O artigo reproduz quadros de alguns «Passos» do Teatro da Igreja (Guimarães), e faz uma pitoresca descrição duma cerimónia da «Vida de Cristo», em Terras de Bouro, onde se representavam os «Passos» com bonecos.

- 1809 LIMA, Augusto César Pires de — *Nossa Senhora, padroeira dos Navegantes*. DL, Segunda Série, I, Porto, 1944, pp. 3-24.

«O culto da Virgem pelas gentes do mar, além do interesse em si, por exprimir o sentimento religioso da nossa gente, tem também valor comparativo. As imagens da Virgem aparecem associadas a uma embarcação. Ou a Virgem aparece pairando sobre ela, ou está de pé no barco, ou nas velas, ou ainda sustenta a embarcação numa das mãos. Os ex-votos com navios e o culto dos santos associados a embarcações apresenta relações com os costumes dos navegantes da Escandinávia.» (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 1810 LIMA, Augusto César Pires de — *O fim dos cercos de S. Sebastião*. DL, Segunda Série, II, Porto, 1944, pp. 33-34.

Transcrição da provisão pastoral que proibiu os «cercos» em Santo Tirso.

- 1811 LIMA, Augusto César Pires de — *As procissões em Faro e as de Entre Douro e Minho*. DL, Segunda Série, 1, Porto, 1944, pp. 49-54.
Transcrição dum capítulo da obra de Júlio Lourenço Pinto, sobre as procissões religiosas em Faro.
- 1812 LIMA, Augusto César Pires de — *As lendas — O Santo Preto — Processo popular de canonização*. BCCMP, VIII-IX, Porto, 1945, pp. 237-253.
A crença popular no Santo Preto (que morreu amarrado à cauda de um cavalo) e a quem o povo erigiu uma capela (destruída em seguida pelas autoridades eclesiásticas e civis), em Gemunde; referências a caso análogo ocorrido em Seide.
- 1813 LIMA, Augusto César Pires de — *A canonização popular (A Santa de Anreade)*. DL, Segunda Série, v, Porto, 1945, pp. 5-57.
Notícia e transcrição das peças do processo.
- 1814 LIMA, Henrique de Campos Ferreira — *A Senhora da Rocha na Sé*. FL, III, Lisboa, 1931, pp. 58-65.
A aparição da Santa na gruta de Carnaxide e a ligação que teve com a política do tempo. A sua transladação para a Sé, que deu origem à propagação de alguns versos satíricos. A veneração do rei D. Miguel I por esta Santa, a quem atribuía a cura de certos males físicos de que enfermava.
- 1815 M., C. — *Dos homens e dos tempos — O culto de Nuno Álvares*. IM, v, 45, Porto, 1930, pp. 157-162.
Fala da grande popularidade e das romagens que o povo de Lisboa fazia à campa de Nuno Álvares. «Na oitava da Páscoa era a peregrinação das mulheres dos cidadãos de Lisboa que se juntavam na Capela Mor do Mosteiro do Carmo com seus pandeiros e adufes, cantando e dançando à roda onde estava enterrado o Santo». Na oitava de Pentecostes vinham os romeiros do, Restelo e Belém, subindo o rio em batéis enramalhados até Santos, conduzindo um círio «velão que era do peso de uma arroba». Em diversas épocas do ano, ainda, vinham igualmente romeiros, com suas trovas, danças, oferendas: azeite, candeias, velas, etc. Transcrição de versos cantados por romeiros.
- 1816 MARTINS, Mário — «*O livro dos milagres de Nossa Senhora da Oliveira de Afonso Peres*». RG, LXIII, Guimarães, 1953, pp. 83-132.
Transcrição do livro dos milagres de Afonso Peres, cuja importância «deriva, principalmente do seu valor documental para a história do folclore religioso e das peregrinações portuguesas do século XIV».
- 1817 NUNES, M. Dias — *A Procissão do Corpo de Deus*. T, 1, Serpa, 1899, pp. 68-69.
Descrição da procissão do Corpo de Deus em Serpa.

- 1818 RIBEIRO, Luciano — *A bênção das vinhas em Aldeia Galega da Merceana*. TL, 1, Lisboa, 1951, pp. 10-11.

«O Autor descreve a bênção das vinhas que se costuma realizar no primeiro domingo de Abril, no antigo concelho de Aldeia Galega da Merceana. Descreve a procissão e a cerimonia da bênção, que, de facto, deve talvez ser única no país». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 1819 RODRIGUES, Adriano Vasco — *A festa da Senhora do Amparo em Felgar*. MGP, XIV, 161, Lisboa, 1959.

Descrição desta festa que refere o costume de incorporarem na procissão equídeos e bovídeos, os quais transportam oferendas, os primeiros sobre o dorso e os segundos sobre a cabeça, presas aos cornos. Antigamente o costume abrangia também os rebanhos; davam 9 voltas em torno da capela e os animais que entrassem para dentro da capela ficavam pertença da Santa. Actualmente, os pastores levam ainda uma ou outra rês (de promessa) aos ombros.

- 1820 SILVA, Manuel Ferreira da — *Tradições da Estremadura — A bênção das vinhas em Aldeia Galega*. EBJP, 9, Lisboa, 1945, pp. 193-194.

Descrição da cerimónia da bênção das vinhas pelo padre.

- 1821 SOUZA, Tude M. de — *Serra do Gerez — Tradições e usos religiosos — Cercos e clamores*. ATP, 4, Lisboa, 1922, pp. 166-169.

Cercos — Indicação desta cerimónia, que se realizava em honra de S. Sebastião, advogado contra a fome, peste e guerra: após a festa na igreja da freguesia, saía o «cerco», com os santos, os homens, o abade, e as mulheres, e dava a volta a cada lugar da freguesia. Fazia-se com pequenas diferenças de detalhe, nas freguesias de Carvalheira e Covide, e este último incluía uma grande merenda, em que o vinho era pago pelo mordomo do ano. Foram proibidos por darem lugar a faltas de respeito religioso, indecências e desordens. Clamores — Cerimónia que se realizava na capela do santo em honra de quem era marcado, no dia determinado, pelo abade, e que obrigava à comparência de um representante de cada casa, sob pena de multa. Durante o clamor, cantava-se a ladainha, e o povo respondia em coro; e no final tinha lugar a merenda, cujo vinho era fornecido pelo «procurador» da freguesia. Encomendação das almas — Notícias da forma como ela se realizava ainda em 1856, durante a quaresma. Transcrição do «Livro dos Usos da Freguesia de Rio Caldo», renovado em 1730, conforme o «uso antiquíssimo» referente aos «clamores» obrigatórios da freguesia de Rio Caldo.

- 1822 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Procissão de Corpus Christi em Pinhel*. AP, XXII, Lisboa, 1917, pp. 331-332.

Representações que participavam nesta procissão; relação de algumas bandeiras ou insígnias, nas quais se representavam moinhos de vento, oficinas de ferreiro, de sapateiro, etc.

- 1823 V., J. L. de — *Cantigas devotadas. I — A Senhora do Couto*. RL, VIII, Lisboa, 1903-1905, p. 152.

Notícia breve da romaria da Senhora do Couto (Gouveia), com procissão em que várias mulheres conduzem fogaças, e cantam cantigas; uma quadra dessas cantigas.

- 1824 VELLEDA, Maria — *A procissão de S. Sebastião*. T, IV, Serpa, 1902, pp. 6-8.

Descrição desta procissão, em Faro. Refere-se às tochas que as crianças levam, na cauda da procissão, as quais, em alguns casos, revelam uma figuração fantasista, imitando navios, torres, castelos, etc.

- 1825 VITERBO, Sousa — *Fastos religiosos (festas e procissões)*. RL, v, Lisboa, 1897-99, pp. 148-160 e 181-195.

A evolução do sentimento religioso em Portugal. Referências e comentários às festas e procissões dos tempos antigos. Cavalgadas em dia de S. João em Óbidos — «Correr canas»; Confraria de Jesus de Viana; Romaria de Jerumenha a Terena; romaria de Santa Bárbara, em Faro; de Santa Maria da Ribeira; romagem de S. Bento de Serpa; procissão de S. Gualter; de S. Sigismundo; procissões em Langroiva; festa e procissão do Corpo de Deus; procissões de Santa Isabel e do Anjo Custódio; Confraria de Nossa Senhora da Conceição e de S. Sebastião e S. Roque. História dos diferentes festejos, e transcrição de documentos régios a eles respeitantes.

- 1826 S/A. — *O rito bracarense*. ATP, 4, Lisboa, 1922, p. 109.

Breve nota acerca da restauração do rito bracarense na diocese de Braga. Menção de festas nacionais e particularidades regionais desse rito. Festa da Transfiguração de Cristo, a 6 de Agosto: benzem-se à missa as uvas que os fiéis trazem à igreja, e junta-se o sumo de um bago ao vinho do cálix.

- 1827 S/A. — *Poeira dos tempos. XVII — Procissão dos Ferrolhos*. FL, II, Lisboa, 1930, pp. 163-164.

Extracto de uma notícia referente a uma procissão lisboeta, instituída na Penha de França, em cumprimento de uma promessa feita numa época de peste, em 1599.

- 1828 S/A. — *Velho «registo» com que os romeiros de S. João de Cedofeita enfeitavam os chapéus, há um século*. MFSJP, Porto, 1946, p. 9.

Nota sobre este registo.

Ver Ref.^{as}. 142, 144, 147, 229, 241, 247, 260, 283, 288, 405, 429, 491, 556, 1422, 1436, 1469, 1479, 1481, 1546, 1588, 1612, 1668, 1687, 1751.

1.1. HAGIOGRAFIA POPULAR

- 1829 BRAGA, Alberto V. — *S. Gonçalo — Culto e lendas destas bandas do seu berço*. GV, IV, Guimarães, 1928, pp. 198-212 e 269-283.

Biografia de S. Gonçalo. Devoção e votos; capelas, Irmandades e legados. Romaria e festividade (na freguesia de S. Paio de Vizela, a 9 e 10 de Janeiro). Distribuição de vinho e tremoços ao povo. Relato de lendas alusivas ao Santo. Os *testiculi* — ex-voto, ou representação amuletifforme de culto fálico (?).

- 1830 BRAGA, Alberto Vieira — *Influência de S. Tiago da Galiza em Portugal*. HMS, Guimarães, 1933, pp. 411-435.

Notícias históricas sobre S. Tiago. Culto a S. Tiago em Guimarães. Influência deste santo no romanceliro.

- 1831 BRAGA, Alberto V. — *O culto de S. Gonçalo na Baía (Notas subsidiárias)*. GV, XI, pp. 12-21, 49-60, 72-83, 109-120, 145-156 e 181-187; XII, 1936, pp. 19-29 e 41-49.

A tradição do S. Gonçalo, radicada nos minhotos, difundiu-se na Baía (o Autor indica que 90 % dos portugueses que colonizaram a Baía, eram minhotos). Ele torna-se no Brasil o patrono dos tosadores, vidraceiros, tintureiros, cesteiros e tecelões. Menção de danças e cantos irreverentes e até sensuais, na Sé do Porto e na Baía. Representação de farsas tradicionais, deformações de autos e entremezes portugueses, e outros de invenção mestiça. Referência à festa do Bonfim. Transcrição de pregões burlescos. Capelas, altares e imagens de S. Gonçalo, existentes na Baía. Menção de festas ao Santo *casamenteiro das moças*, em Pernambuco, S. Paulo, etc. Quadras populares alusivas.

- 1832 CAMPOS, José Carlos Moreira — *O culto de S. Sebastião em S. Pedro de Avioso (Maia)*. DL, Segunda Série, VII, Porto, 1947, p. 35.

Referência ao voto de procissão de penitência em louvor deste santo, por graças recebidas por sua invocação.

- 1833 CHAVES, Luís — *S. Francisco Xavier nas tradições da cidade de Lisboa*. RG, LXIII, Guimarães, 1953, pp. 158-177.

Notícias históricas sobre S. Francisco Xavier, e descrição de algumas tradições relacionadas com a passagem do Santo pela capital.

- 1834 CHAVES, Luís — *S. Miguel na terra portuguesa e na alma dos portugueses*. RO, LXVII, Guimarães, 1956, pp. 463-502.

Estudo histórico de S. Miguel. Iconografia de S. Miguel. S. Miguel nas freguesias rurais e citadinas e na toponímia.

- 1835 FELGUEIRAS, Guilherme — *O culto popular a S. Bento*. CSTBC, v, Santo Tirso, 1956, pp. 85-92.
- Notícias de alguns lugares onde se festeja este Santo e transcrição de quadras populares que se lhe referem.
- 1836 LIMA, Augusto César Pires de — *Nossa Senhora, Padroeira dos Navegantes*. DL, Segunda Série, I, Porto, 1944, pp. 3-24; II, pp. 59-60, 10 figs.
- Nossa Senhora no culto dos navegantes. Nomes de barcos, citações históricas de imagens e de invocações, cantigas populares. Inventário. Inscrições e imagens. Em Aditamento: Nossa Senhora da Boa Nova, padroeira do comércio, indústria e navegação, na igreja de S. Nicolau.
- 1837 MONTEIRO, Arlindo Camilo — *Santos cultores do Direito e da Justiça*. PN, v, Lisboa, 1942, pp. 83-94.
- S. Cipriano, S. Cornélio, Santo Ivo, Santo António, S. Basílio, etc.
- 1838 NEVES, Serafim Gonçalves das — *Tradições marítimas da Azurara*. DL, Sexta Série, VII-VIII, Porto, 1955, pp. 46-65, 2 figs.
- Os pescadores e o seu adagiário. Prognóstico do estado do tempo, segundo alguns aspectos da lua, estrelas, nevoeiro, trovões, arco-íris, aves marinhas, etc. Santos advogados e protectores dos navegantes. O mar, o rio, a pesca, no cancionero popular.
- 1839 OLIVEIRA, M. Ramos de — *Os Santos através do povo*. ARFMBS, III, Guarda, 1943, pp. 151-155.
- Nótula sobre a devoção popular por determinados santos. 6 quadras populares, 6 orações. Rífões alusivos a alguns santos.
- 1840 PIRES, A. Thomaz — *Tradições populares diversas*. RL, IV, Lisboa, 1896, pp. 180-187.
- Santos advogados. Conto popular: O almocreve e o cágado. Semelhança dos ditados tópicos (estudo comparativo com a França).
- 1841 RIBEIRO, Luís da Silva — *Alguns Santos Advogados*. OI, 75, Coimbra, 1928, pp. 588-605.
- Notícias de alguns santos que foram advogados.
- 1842 RIBEIRO, Luís da Silva — *A oração contra o pesadelo*. RAç, III, Angra do Heroísmo, 1944, pp. 199-203.
- A oração a S. Bartolomeu, contra o pesadelo. Versões do Continente. O culto de S. Bartolomeu, eivado de reminiscências de cultos da água, rios e fontes.

O seu poder contra os demónios; o pesadelo como obra de demónios. Orações contra o pesadelo nas ilhas, com e sem invocação do santo.

- 1843 SOUSA, Gabriel de — *S. Bento na história e na tradição popular*. CSTBC, IV, Santo Tirso, 1956, pp. 239-257.

Relato da vida de S. Bento. O culto popular a este santo; ofertas de cravos, ovos e sal.

Ver Ref.^{as}: 1436, 1668.

1.2. OBJECTOS RELACIONADOS COM O CULTO

1.2.1. PRESÉPIOS

- 1844 BARJONA, Maria Brak-Lamy — *O Presépio no século de quinhentos*. E, III, Lisboa, 1948, p.

Crítica à intromissão da árvore, nas festas natalícias; história do presépio.

- 1845 CALADO, R. Salinas — *Um presépio português do século XVIII*. FL, III, Lisboa, 1931, pp. 86-88, 1 fig.

Notas sobre um presépio, presumivelmente da autoria de Machado de Castro.

- 1846 CASTELO-BRANCO, Fernando — *Presépios de Lisboa nos séculos XVI e XVII*. RML, 64, Lisboa, 1955, p. 25.

Pequeno estudo acerca dos presépios seis e setecentistas.

- 1847 CASTRO, Pilar R. de Albuquerque e — *Como vi la Natividad en Portugal*. DL, Sétima Série, III-IV, Porto, 1956, pp. 273-276.

Considerações acerca de alguns presépios.

- 1848 CHAVES, Luís — *O primeiro «Presépio» de Lisboa conhecido (séc. XVII)*. AP, XXI, Lisboa, 1916, pp. 229-230.

Considerações acerca dos presépios; transcrição dum manuscrito que se refere ao primeiro presépio da capital.

- 1849 CHAVES, Luís — *Presépios*. AP, XXII, Lisboa, 1917, p. 372.

Notícias sobre presépios.

- 1850 CHAVES, Luís — *Duas figurinhas de Presépio*. FL, III, Lisboa, 1931, pp. 17-21.

Breves considerações sobre presépios e notas sobre algumas figuras de barro de presépio.

- 1851 CHAVES, Luís — *O Presépio da Sé Patriarcal de Lisboa*. ONL, 1, 1, 1948, p. 3.
 Descrição do Presépio de Machado de Castro, da Sé Patriarcal de Lisboa.
- 1852 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, 37, Lisboa, 1949, pp. 204-209; 38, 1950, pp. 41-45.
 Ensaio acerca da evolução do presépio. Notas sobre os «tronos» populares de Lisboa, armados por alturas das festas de Santo António.
- 1853 CHAVES, Luís — *O espírito do Natal no Presépio*. MCP, v, 54, Lisboa, 1950, p. 16.
 Breve nota sobre presépios.
- 1854 DIAS, Jaime Lopes — *Uma tradição lisboeta que revive — Os tronos a Santo António*. RML, 41, Lisboa, 1949, pp. 19-25.
 Pequena nota sobre os tronos a Santo António, feitos geralmente por crianças, em Lisboa.
- 1855 FELGUEIRAS, Guilherme — *Lisboa e o encanto dos seus presépios*. EBJP, 1, Lisboa, 1943, pp. 11-18, 1 fig.
 Considerações sobre presépios. Indicação dos maiores centros de produção de imaginária barrista. Referências a vários presépios.
- 1856 MATTOS, Armando de — *O «Presépio» — etnografia portuguesa*. DL, Terceira Série, IX, Porto, 1950, pp. 56-68.
 «O Autor faz uma erudita digressão à roda do tema, focando vários aspectos etnográficos que lhe estão associados, e que são de velha cepa popular e nacional. Depois, foca os elementos que considera espúrios, como a árvore de Natal e o pai Natal, que diz deverem ser banidos dos lares portugueses, porque são agentes perturbadores do *Natal português*!
 Em seguida, Armando de Mattos analisa a composição representada no presépio, que é judaica, e segue-lhe a evolução e adaptação, mostrando a variedade de cenas que é possível encontrar, conforme a interpretação que lhes dão os diferentes povos. O Autor serve-se de quadras populares portuguesas, alusivas ao nascimento do Menino Jesus e ao presépio, para demonstrar a maneira como o nosso povo sente e vive a cena do presépio». (A Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 1857 M., C. — *Próprio do tempo — O Presépio*. IM, IV, 38, Porto, 1929, pp. 460-464.
 Origem histórica dos presépios; 5 quadras populares ao Menino Jesus. Referências à consoada e aos pratos cerimoniais desse dia: bacalhau com grelos, mexidos, formigos, filhoses, rabanadas e vinho quente com mel.

- 1858 PORTELA, Severo — *Nótulas de Etnografia Portuense — As Cascatas*, ATP, 1, Lisboa, 1916, pp. 129-130.

Descrição literária das cascatas portuenses do S. João, com menção do Santo António e S. Pedro, a que chama «presépios volantes», e que relaciona, em hipótese expressa, com o presépio. Fala nas cascatas simples, e nas accionadas, nos temas, etc.

- 1859 RIBEIRO, Mário de Sampayo — *Presépio vilancicos de barro*. RO, VI, Lisboa, 1939, pp. 369-380.

Notícia sobre presépios.

- 1860 ROSA, João — *Imaginários e barristas — Presépios de Évora*. Lisboa, 1929, 32 pp.

Estudo sobre os presépios existentes em Évora.

- 1861 S/A. — *A origem dos presépios*. RM, x, Esposende, 1895, pp. 70-71.

Pequena nota sobre a origem dos presépios, que atribui a S. Francisco de Assis.

Ver Ref.^{as}: 635, 638, 642, 695, 743, 796, 1634

1.2.2. EX-VOTOS

- 1862 AFONSO, P.^e Francisco — *Arte popular — Quadro votivo*. MCP, VI, 65, Lisboa, 1951, p. 21.

Notas históricas sobre quadros votivos populares.

- 1863 AZEVEDO, Pedro A. de — *Ex-voto de Arelho*. AP, XVII, Lisboa, 1912, p. 298.

Legenda dum painel (Ex-voto).

- 1864 CARDOZO, Mário — *Consagrado às Ninfas*. RG, XXVI, Guimarães, 1926, pp. 64-69.

Considerações acerca das ninfas; decifração de uma lápide votiva, do Museu Martins Sarmiento (Ex-voto às ninfas).

- 1865 CHAVES, Luís — *Ex-votos do Museu Etnológico Português*. MEA, Lisboa, 1915, pp. 3-50.

Estudo de alguns «milagres», registos de Santos e ex-votos, das colecções do Museu de Belém.

- 1866 CHAVES, Luís — *Os «ex-votos» esculpturados do Museu Etnológico Português*. AP, XIX, Lisboa, 1914, pp. 290-300.
- Referências à colecção de figuras esculpturadas de animais protecctionados e das partes do corpo curadas por milagre.
- 1867 CHAVES, Luís — *A colecção de «milagres» do Museu Etnológico Português*. AP, XIX, Lisboa, 1914, pp. 152-176 e 245-248.
- Estudo dos «retábulos» ou «milagres». Descrição de legendas, caracteres e iconografia. Segundo o Autor, eles exprimem uma sobrevivência actual dos hábitos do paganismo, transmitidos pelo conquistador romano.
- 1868 LUCAS, Castillo de — *Ex-votos (Ensayo con ejemplos tiresenses)*. CSTBC, VI, Santo Tirso, 1958, pp. 235-245.
- Considerações acerca de ex-votos e comentários a 4 exemplares recolhidos em Santo Tirso.
- 1869 MATTOS, Armando de — *«Ex-votos», painel de milagre», ou «tábua votiva»?* DL, Segunda Série, VII, Porto, 1947, pp. 38-39, 1 fig.
- Descrição dum quadro com legenda, em que se usa a palavra «Tabollificou» para designar que foi posto em «tabula votiva».
- 1870 PEIXOTO, Rocha — *Tabulae Votivae*. P, 2, pp. 187-212, 11 figs.
- Estudo de retábulos votivos. Alude à existência destes quadros desde a civilização greco-romana, e transcreve, com comentários, cerca de 100 inscrições de ex-votos, recolhidas em santuários e capelinhas dispersas por todo o País.
- 1871 SARAIVA, José da Cunha — *O Milagre de Martim Acha*. FL, IV, Lisboa, 1932, pp. 42-46.
- Notas sobre um ex-voto.
- 1872 SEVERO, Ricardo — *Ex-votos de bronze da «Colecção Manuel Negrão»*. P, 1, Porto, 1903, pp. 325-331.
- História do achado e descrição do objecto. Naturalismo das figuras animais, permitindo a sua identificação. A disposição em forma de rebanho. Expressão da vida privada normal indígena, e o propósito simbólico ou de simulacro religioso — cena de sacrificio a qualquer divindade propicia.
- Os sacrificios animais na antiguidade; formas primitivas e evolução. As oferendas simbólicas, substituindo os sacrificios e primicias, como oração, sacrificio e dádivas, com fins propiciatórios, expiatórios e gratulatórios. A peça como simulacro de sacrificio, em cumprimento de um voto às divindades

protectoras de rebanhos e da terra. Interpretação das figuras: o sacrificador, o machado, o vaso, de forma indígena própria. A serpente. A ofiolatria. Lugar da serpente nos cultos fetichistas e no panteão naturalista. A serpente, como símbolo de poderes ctônicos, daemon e genius, potência fatídica, tutelar e benéfica, de sentido misterioso e expressão da terra, de culto paralelo ao dos lares, penatas e mortos, atributo de inúmeras divindades. A serpente no cristianismo. Seu sentido religioso e profilático nos ex-votos.

As demais figuras da peça — a trança, a cabeça do touro — e seu significado. Comparação desta peça com outros. Sua originalidade. Os carros e barcas votivas da Sardenha e Etrúria. O culto de Apolo. Afinidades de cultos e costumes lusitanos e gregos. A peça como um ex-voto luso-romano.

- 1873 SILVA, José da — *Santa Quitéria em terras de Felgueiras*. DL, Segunda Série, VII, pp. 48-55; VIII, pp. 14-24; e IX, pp. 26-34, Porto, 1947; Terceira Série, VII, 1949, pp. 43-47.

Notas históricas, bibliográficas e etnográficas — Descrição de ex-votos. Quadras laudatórias alusivas à Santa. 4 notações musicais.

- 1874 S. J., Mário Martins — *Ex-votos na idade média portuguesa*. ACEELV, III, Porto, 1960, pp. 285-293.

Pequeno estudo sobre ex-votos.

- 1875 V., J. L. de — *Igreja de Entre-Agoas (Concelho de Aviz)*. AP, XXII, Lisboa, 1917, pp. 120-121.

Notas acerca de ex-votos existentes na igreja de Entre Águas e no convento da Serra de Neve.

- 1876 V., J. L. de — *Farol da Guia*. AP, XXII, Lisboa, 1817, p. 140.

Notícia de 3 ex-votos que se encontram na capela de Nossa Senhora da Guia, perto de Cascais.

- 1877 V., J. L. de — *Ex-votos do século XIV*. AP, XXII, Lisboa, 1917, p. 142.

A mais antiga notícia — como cuida o Autor — de ex-votos cristãos em Portugal, encontrada no testamento de Lourenço Dinis (1348).

Ver Ref.^{as}: 233, 429, 491, 556, 619, 1958, 2357.

1.2.3. DIVERSOS

- 1878 CHAVES, Luís — *Moedas religiosas em Portugal «Medalhas de devoção»*. NBSPN, III, Porto, 1955, pp. 18-33, 20 figs.

Estuda as origens da forma-padrão e das representações figuradas e simbólicas de várias moedas e medalhas religiosas, e sua aplicação e utilização.

- 1879 PEIXOTO, Rocha — *Contribuições para a Etnografia Portuguesa — Notas sobre malacologia popular*. RCNS, 1, Porto, 1888, pp. 75-90.

Diversidade de aspectos e funções de que se revestem as conchas em vários povos do mundo: servindo formas culturais, de moeda, de adorno, etc. Aplicação das conchas entre nós: medicina popular, culinária, brinquedos infantis, etc. Lista de vocábulos malacológicos.

1.3. ORAÇÕES

- 1880 AGUIAR, Fernando de — *Cousas da Madeira — Credos e superstições*. GV, XVII, Guimarães, 1941, pp. 15-25.

Orações e ensalmos, rezas e benzeduras; superstições várias.

- 1881 AMARAL, Carlos A. Monteiro do — *Tradições populares e linguagem de Atalaia*. RL, XI, Lisboa, 1908, pp. 96-103; XII, 1909, pp. 283-297.

A povoação e a gente. Tradições populares. Romances (9). Orações. Versos do Natal. Ensalmos. Cancioneiro (486 quadras). Superstições várias. Linguagem popular — fonética, morfologia, sintaxe. Vocabulário.

- 1882 AMORIM, P.^e Aires — *Notas sobre Esmoriz — Orações populares rimadas*. ADA, XVII, Aveiro, 1951, pp. 136-157.

Orações populares do povo de Esmoriz.

- 1883 ÁVILA, Manuel Machado de — *Ensalmos e orações da Ilha Graciosa*. BIHIT, 6 e 8, Angra do Heroísmo, 1948 e 1950, pp. 141-152 e 99-113.

Vários ensalmos e orações colhidos em diversas povoações da ilha Graciosa. Cantigas populares tradicionais, para embalar, festivas, etc.

- 1884 BRANDÃO, Domingos de Pinho — *Os templos da nossa terra e o povo poeta e crente*. DL, VI, Porto, 1943.

Rôssas de Arouca — Capelas da região, e quadras populares alusivas. Romarias e quadras alusivas. Quadras escritas nas paredes das ermidas. Orações populares.

- 1885 CARDOSO, Carlos Lopes — *Orações tradicionais colhidas em Cete*. DL, Terceira, Série, VIII, Porto, 1950, pp. 17-26.

22 orações populares.

- 1886 CARNEIRO, Amália Lima — *Orações populares*. CSTBC, v, Santo Tirso, 1956, pp. 93-102.

Colecção de orações de gosto popular.

- 1887 CARVALHO, Orlando de — *Resposos a Santo António*. DL, VII, Porto, 1943.
3 resposos a Santo António, recolhidos em Santa Maria do Zêzere.
- 1888 COELHO, F. Adolpho — *Romances sacros — Orações e ensalmos populares do Minho*. R, 3, Paris, 1874, pp. 263-278.
Romances sacros, orações e ensalmos.
- 1889 CORTES-RODRIGUES, A. — *Oração de S. Cristóvão*. RI, VIII, Ponta Delgada, 1952, pp. 434-436.
Menção e transcrição da oração a S. Cristóvão (que figura um diálogo do Santo com o Diabo) que deve ser dita à cabeceira dos moribundos.
- 1890 DELGADO, Manuel Joaquim — *Aspectos Etnográficos do Baixo Alentejo*. ABBCM, VIII, 1951, pp. 75-93; IX, 1952, pp. 49-56.
Rezas e benzeduras. Crendices, superstições e agoiros. Orações e ensalmos.
- 1891 DELGADO, Manuel Joaquim — *Etnografia Portuguesa — Baixo Alentejo — O que o nosso povo reza... e como reza. Orações e ensalmos*. MCP, VIII, 91, 92, 94, 95, 96, Lisboa, 1954.
Rezas e orações populares.
- 1892 DELGADO, Manuel Joaquim — *A etnografia e o folclore do Baixo Alentejo (Aspectos vários. Curiosidades linguísticas — Comentário, recolha e notas do Autor)*. Lisboa, 1957-58, 276 pp., 18 figs.
Considerações sobre o valor dos adagiários. 24 alcunhas étnicas postas em quadra. 70 adágios em quadras populares. Pureza idiomática do adágio (exemplos vários). Adágios referidos aos diferentes meses do ano. Outros adágios, ordenados alfabeticamente. Rezas e benzeduras, ensalmos e fórmulas mágicas usados pelo povo como terapêutica (para curar entorses, desmanchas, hérnia, enxaquecas, «cobro», insolações e constipações, mau olhado, «doenças de ar», ciática, etc.). Orações populares. Crenças, superstições e agoiros. Descrição das «Maias» e do enterro de bacalhau. Versos das Janeiras. Indicação dos pratos específicos de algumas celebrações cíclicas: Natal, Páscoa, Carnaval, etc. Notas sobre alguns costumes e superstições ligadas à cozedura do pão. Presságios e superstições várias. Contos populares e lendas. Jogos infantis e lengalengas. Adivinhas. Necessidade da criação de uma cadeira de folclore nas escolas do magistério primário.
- 1893 DIAS, Jaime Lopes — *Distrito Etnográfico — Malpica*. AR, III, 134, Castelo Branco, 1928.
3 orações recolhidas em Tinalhas, Benquerença e Idanha.

- 1894 DIAS, Jaime Lopes — *Distrito Etnográfico*. AR, III, 139, Castelo Branco, 1928.
Relato de uma lenda; 2 orações; 3 ensalmos.
- 1895 DRUMOND, Luís Ferreira Machado — *Tradições e costumes terceirenses — Crendices e Benzeduras*. BIHIT, 16, Angra do Heroísmo, 1958, pp. 104-128.
Orações, benzeduras, crenças e superstições.
- 1896 ENES, P.^e Inocêncio — *Tradições populares da freguesia dos Altares da Ilha Terceira*. BIHIT, 3, Angra do Heroísmo, 1945, pp. 289-313.
Orações populares, ao deitar, ao levantar, etc., aos santos, a Santa Bárbara contra as trovoadas, «pedir para as almas»; rezas e fórmulas, religiosas e mágicas. Aougours e superstições; significação de sonhos; rimas infantis.
- 1897 FERNANDES, Franclin de Almeida — *Terras de Arouca (Aldeias serranas e o espírito do seu povo)*. DL, Terceira Série, IX, Porto, 1950, pp. 39-55.
«Neste trabalho o Autor limita-se a apresentar uma série de orações colhidas na freguesia de S. Miguel de Urrô, acompanhadas de breves comentários». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 1898 GONÇALVES, Flávio — *Orações populares de Silvares (Fundão, Beira Baixa)*. DL, Sétima Série, VII-VIII, Porto, 1956, pp. 749-770.
Menção de várias orações populares colhidas em Silvares, acompanhadas de outras variantes que aparecem dispersas pelo país.
- 1899 GUIMARÃES, Gonçalves — *Tradições populares do sul*. RL, VI, Lisboa, 1900-1901, pp. 89-93.
Padre-Nosso pequenino.
Sonho de Santa Helena — para que a Santa nos mostre em sonhos o que está para nos acontecer. Oração que se recita para que isso se dê. Cantiga (Tavira). Anfiguri (Algarve). Cantiga alentejana (Elvas). Rimas populares. Fórmulas para contar as semanas da Quaresma: Ana Bagana, Rebeca... Rimas infantis. Jogo do belerisco.
- 1900 LANDOLT, Candido Augusto — *Tradições maiatas*. Espozende (Collecção, Silva Vieira), 1891, 35 pp.
Orações populares; adivinhas populares.

- 1901 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Crónicas de Aldeia — O povo reza*. MCP, I, 6, Lisboa, 1946, pp. 8-9.
Várias orações populares: Louvores a Deus pelo dia que acabou e pelo que vai começar, oração ao deitar, etc.
- 1902 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Folclore de S. Simão de Novais*. Pa, I, Gaia, 1931, pp. 92-105.
Orações populares e quadras religiosas.
- 1903 MAIA, Sousa — *As doze verdades*. TAE, IX, 3, Porto, 1941, pp. 206-208.
Transcrição das «doze verdades», recitadas por uma mulher do concelho de Vila do Conde, à cabeceira dos moribundos.
- 1904 MARTA, A. Cardoso — *Tradições populares*. RL, XIV, Lisboa, 1911, pp. 196-199.
Relato de duas lendas. Canções coreográficas. Oração popular a S. Onofre.
- 1905 MONTEIRO, A. Pereira — *Tradições populares do Marco de Canavezes*. DL, Segunda Série, III, Porto, 1945, pp. 31-38.
Padre-nosso Pequeninino (2 versões). 3 orações jocosas. Salve-Rainha Pequeninina. Conto popular: O Senhor João Prespalhas (tipo Pedro-Malas-Artes).
- 1906 NEVES, Serafim Gonçalves das, LIMA, Augusto César Pires de, e DACIANO, Bertino — *Tradições de Azurara. I — Ensalmos e orações*. DL, Quarta Série, I-II, Porto, 1950, pp. 116-140; e II — *Cancioneiro Popular*, V-VI, 1951, pp. 92-108.
«Este trabalho apresenta uma razoável colecção de ensalmos e orações colhidos por Serafim Gonçalves das Neves e compilados e anotados pelos outros coautores». «Setenta e quatro cantigas». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 1907 NUNES, Dias — *Tradições populares (Miscelânea)*. RM, XIII, Esposende, 1898, pp. 118-124.
As pedras de raio. O padre-nosso dos frades. Práticas religiosas. Orações; mandamentos do clérigo; etc.
- 1908 NUNES, M. Dias — *As Taboas de Moisés*. T, I, Serpa, 1899, pp. 107-110.
Versão das 12 palavras retornadas, oração contra todos os transes.

- 1909 PEDROSO, Z. Consiglieri — *Contribuições para um romanceiro e cancionero popular português*. R, 10, Paris, 1881, pp. 100-116.
Romances, orações, cantigas do S. João, parlengas infantis, jogos e enigmas populares.
- 1910 PEREIRA, A. Gomes — *Tradições Populares e Dialecto de Penedono*. RL, XII, Lisboa, 1909, pp. 298-316.
Orações, ensalmos (mau olhar). Fonética, morfologia, vocabulário.
- 1911 PEREIRA, A. Gomes — *Novo suplemento às Tradições populares e linguagem de Vila Real*. RL, XIII, Lisboa, 1910, pp. 95-109.
Orações, romances, parlengas, costumes (cavalhadas com mascarados, anunciando o programa das festas, enquanto que outro grupo mete a ridículo o que os primeiros anunciam — transcrição de quadras cantadas pelos dois grupos). 16 ditados populares. Vocabulário.
- 1912 PEREIRA, A. Gomes — *Tradições Populares do Porto*. RL, XIV, Lisboa, 1911, pp. 125-144.
10 romances (alguns com variantes) recolhidos da tradição oral do Porto e Gaia. Orações. Ensalmos.
- 1913 PESTANA, Eduardo António — *Folk-Lore madeirense*. RL, XXXVIII, Lisboa, 1940-41, pp. 7-86.
Textos religiosos — Orações, versos em que se celebram as três pessoas da Santíssima Trindade. O Natal. A Epifania. A Paixão. O Espírito Santo. Ciclo Mariano. O ciclo Santoral. Ensalmos. Notas dialectais.
- 1914 PINTO, Alvares — *Liturgia popular*. T, II, Serpa, 1900, p. 142; e III, 1901, p. 175.
Composições religiosas do povo: Confissão de N.^a Senhora; Oração de S. Gregório (contra as trovoadas). 2 Orações (recolhidas em S. João da Pesqueira e Beira Alta).
- 1915 PIRES, A. Thomaz — *Orações para afugentar a trovoadas*. AETPP, I, Porto, 1883, pp. 64-65.
Orações a Santa Bárbara e a S. Jerónimo (colhidas no concelho de Elvas).
- 1916 PIRES, Antonio Thomaz — *Folk-Lore Alentejano*. RM, I, Barcelos, 1886, pp. 31, 38, 53-54, 59-60, 77-80, 81-84 e 86.
Oração a Santo António para provocar a chuva. Oração a S. Romão contra os cães danados. Responso a Santo António. Cantigas do berço. Romances e orações várias.

- 1917 PIRES, A. Thomaz — *Poesias populares diversas*. RL, IV, Lisboa, 1896, pp. 289-291.
A folia (Minho, Gerês). Fórmulas relativas a animais: grilo, joaninha, borboleta, lagarto (Braga, Bom Jesus do Monte). Fórmulas e apodos pelos nomes (Zé Francisco, João Manuel, João-Moço). Orações: saudações ao sol e contra as trovoadas.
- 1918 PIRES, António Tomás — *Santo António*. RM, XXI, Esposende, 1913, pp. 63-66.
Orações, romance e responso de Santo António.
- 1919 RIBEIRO, Luís da Silva — *Orações do pão na ilha Terceira*. BIHIT, VI, Angra do Heroísmo, 1948.
«O Autor apresenta neste trabalho vinte orações do pão, por ele colhidas na Ilha Terceira, sem deixar de mencionar os lugares onde fez as várias colheitas. Na segunda parte do trabalho, o Autor reproduz uma série de orações idênticas, das outras ilhas e do continente, colhidas nas obras da especialidade». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 1920 ROQUE, Joaquim — *Rezas e benzeduras populares*. Beja, 1946, 117 pp.
Orações, ensalmos e benzeduras. Descrição de alguns amuletos. Esconjuras contra bruxas, feiticeiras e lobisomens.
- 1921 SARMENTO, F. Martins — *Folklore*. RG, XXII, Porto, 1905, pp. 63-71.
Histórias populares. Significado de alguns sonhos. Orações para dizer ao tirar o fermento da masseira e colocar o pão no forno. Oração ao sol e ao dia.
- 1922 THOMAZ, Pedro Fernandes — *Folklore beirão*. P, 2, pp. 108, 281-282 e 473-474.
Orações e poesias religiosas. Romances populares (com notação musical).
- 1923 VIEIRA, José da Silva — *Materiais para a história das tradições populares do concelho de Esposende*. Esposende, 1888, 114 pp.
O trabalho compreende um cancioneiro com 147 quadras populares; uma oração a N.^a Senhora (com uma variante), outra por causa do medo, um Padre Nosso Pequenino, e uma Salve-Rainha (com uma variante); adivinhas; adágios; e um glossário de termos regionais.
- 1924 S/A. — *Oração a Santo António*. RM, XXI Esposende, 1913, p. 72.
Oração para fazer chover.
- 1925 S/A. — *Responso a Santo António*. RM, XXI, Esposende, 1913, pp. 73-74.
Responso com uma variante.

- 1926 S/A. — *Padre Nosso Pequenino*. DL, VIII, Porto, 1943, p. 54.
Oração popular, numa versão de moinhos da Tremôa (Lousã).
Ver Ref.^{as}: 54, 98, 207, 218, 226, 227, 228, 229, 230, 1411, 1426, 1433, 1468, 1501, 1503, 1551, 1703, 2271.

1.4. ROMARIAS E FESTAS

- 1927 ALMEIDA, Raúl de — *Círios estremenhos*. MCP, VI, 69, Lisboa, 1952. p. 5, 2 figs.; VIII, 90, Lisboa, 1953, pp. 8-9, 1 fig.
Notas sobre os Círios da Ribeira de Pedrulhos (perto da Ericeira) e da Senhora da Nazaré (Círio da Prata Grande).
- 1928 ARAÚJO, José Rosa — *Os Santos da Serra de Arga*. AAM, II, pp. 94-96,
Indicação das festas mais típicas do povo serrano do concelho de Viana:
Romaria de S. Mamede (S. Lourenço da Montaria) onde o povo do vale do Âncora leva as suas vacas leiteiras, que incorpora na procissão, atrás do pálio; afinal são ordenhadas e o leite distribuído pelos pobres. Nesta mesma romaria, as mães que amamentam filhos, ali os levam, com amuletos ao pescoço, que tocam no santo para ficarem livres do mau olhado. Festa de Santa Bárbara — os rapazes e raparigas que «estão prometidas» esfregam esta imagem com os anéis, que trocam em seguida. S. João de Arga — promessas. de sal e cravos. Santo Ovídio — as mulheres, cujos maridos lhes são infiéis, prometem levar ao santo, na sua festa, uma telha roubada, à cabeça, e sem falar.
- 1929 ARAÚJO, José Rosa — *Romarias da Ribeira Lima*, MCP, XII, 142. Lisboa, 1958, pp. 14-15.
Nota de algumas romarias e das suas características costumeiras.
- 1930 ARAÚJO, Miguel C. de — *A procissão de S. Pedro nas Lages do Pico*. BIHIT, 15, Angra do Heroísmo, 1957, pp. 187-190.
Descrição da procissão. As «rosquilhas» (reliquias de S. Pedro) feitas de farinha triga, ovos, açúcar, manteiga, leite, etc. Direito de pertencer à irmandade de S. Pedro aos que oferecem uma «conta» (50 rosquilhas).
- 1931 AURORA, Conde d' — *Romarias da Ribeira Lima*. EEFHRA, Rio de Janeiro, 1960, pp. 335-343.
Descrição de algumas romarias da Ribeira Lima.
- 1932 AZEVEDO, Pedro d' — *A festa de S. Marcos próximo de Serpa*. T, I, Serpa, 1899, pp. 117-119.
Menção de várias festas a S. Marcos, em que um touro entre na igreja: para livrar o gado de lobos e doenças, para amansar crianças, etc.

- 1933 BASTO, Cláudio — *Romaria na raia minhota*. L, I, Viana do Castelo, 1917-1918, pp. 21-22.

Descrição da romaria de S. Bento de Seixas.

- 1934 BASTO, Cláudio — *Arquivo Etnográfico*. L, III, Viana do Castelo, 1919-20, pp. 14-15 e 29-30; IV, 1921-22, pp. 48-49.

Recortes de jornais com notícias sobre: enterro de um cigano; festas de S. Gonçalo de Amarante e aparecimento dos diabos; e festas em honra de S. Sebastião e Santo Isidro (advogado dos bois bravos, que termina com uma novilhada).

- 1935 BASTO, Cláudio — *Arquivo etnográfico*. I — *Senhora das Candeias*. Po, IV, Porto, 1931, pp. 49-50.

Notícia de jornal (21.2.1931) acerca da festa da Senhora das Candeias, em 2, 3 e 4 de Fevereiro, na freguesia de Amor, Marinha Grande. Indicação do grande banquete a que concorrem todos os convivas, e do qual se encarrega aquele que dois anos antes dirigiu o pavilhão da igreja nas festas anuais do Senhor. O banquete foi de 400 talheres, e durou 3 dias. Festa das Fogaceiras — Dedicada a S. Sebastião, em cumprimento de promessa medieval por ocasião de epidemia; oficializada no século XVIII, a festa consiste na oferenda ao Santo de fogaças, benzidas perante a sua imagem.

- 1936 BASTO, Cláudio — *Panorama etnográfico*. «7 de Maio» — 1.º Centenário dos Bombeiros Municipais de Gaia, Porto, 1939, pp. 13-18, 3 figs.

Porto e Gaia como núcleos tradicionais; sua paisagem trasmontana e minhota. As velhas festas, que «giram em volta de saborosos núcleos de comensais»: resumo de pratos e manjares cerimoniais, Natal, Páscoa, Entrudo, Fiéis Defuntos, S. João. Pratos típicos: tripas, bacalhau, regueifa, broa de Avintes trigo de Valongo, biscoitos da Teixeira. As festas — O S. João, S. Gonçalo de Mafamude, Senhora da Hora, Senhor de Matosinhos, da Pedra, Senhora do Pilar. Os santos do povo: o «Preto» da Maia, o Padre Santo da Foz, o Beato Frei Garcia, de Leça do Balio, Santa Maria Adelaide, de Arcozelo, e Santa Bernardina, do Bonfim. Lenda de Miragaia, e excerto do romance popular. Cultura popular — enumeração: carros de bois, cangas, barcos rabelos, trajes e adornos, teatro popular, superstições.

- 1937 BETTENCOURT, Gastão de — *O «Círio» de Nossa Senhora da Arrábida — Velha tradição azeitonense*. EBJP, 26-28, Lisboa, 1951, pp. 189-199, 5 figs.

Notícia sobre o círio de N.ª S.ª da Arrábida de Vila Nogueira de Azeitão. Composições poéticas em louvor da Virgem.

- 1938 BONITO, Rebelo — *Uma preciosa peça etnográfica — A procissão do Corpus Christi no primeiro quartel do século XVII*. OT, 5.^a Série, II, pp. 57-59.
- Notícia sobre a procissão de Corpus Christi no Porto. Obrigações dos mordomos dos ofícios e demais pessoas abrangidas pelas disposições regulamentares — Danças e outros números.
- 1939 BORGES, António Vitorino França — *Milagres — Uma ermida estremenha*. EBJP, 21, Lisboa, 1949, pp. 211-222.
- Versos narrativos da lenda da ermida. Descrição da festa da Senhora dos Milagres.
- 1940 BRANCO, Emílio Castelo — *O Senhor da Pedra*, OT, 5.^a Série, IV, Porto, 1948, pp. 6-7.
- Descrição da romaria do Senhor da Pedra.
- 1941 BRITO, A. da Rocha — *A procissão de S. Sebastião em Coimbra no ano de 1560*. FL, VII, Lisboa, 1936, pp. 184-200.
- Descrição destes festejos, segundo um texto da época.
- 1942 CALAFATE, Vasques — *Uma tradição poveira*. PVBC, 1, Póvoa de Varzim, 1958, pp. 121-126.
- A procissão da Senhora da Assunção.
- 1943 CASTELO-BRANCO, Fernando — *Vestígios do culto de Diana em Portugal*. RG, LXIX, Guimarães, 1959, pp. 5-18.
- Refere-se a vestígios arqueológicos relacionados com o culto de Diana e descreve a romagem dos gados em volta de determinadas capelas, onde os seus donos os levam em cumprimento de promessas — S. Mamede de Janas, Santa Susana, Caldas da Rainha, Senhora do Castelo, Coruche, S. Silvestre, Cardielos, Santa Brígida, Lumiar, S. Geraldo, Midões, S. Marcos, Oleiros, Santo Antão, Teixoso, etc. Vê nestas festividades religiosas um substrato pagão que filia no culto de Diana.
- 1944 CASTRO, Alvaro de — *Em Quarta-Feira de Cinzas*. T, I, Serpa, 1899, pp. 122-123.
- Descrição da procissão de quarta-feira de Cinzas, no Fundão, em que figuravam o Paraíso, Adão e Eva, os Mártires de Marrocos, Isac e Abraão, etc. A morte.

- 1945 CHAVES, Coronel Francisco Afonso — *As festas de S. Marcos nalgumas ilhas dos Açores e a sua origem provável*. RI, XIV, Ponta Delgada, 1958, pp. 65-71.

Refere-se à festa de S. Marcos, que tem lugar em algumas ilhas dos Açores, relacionando-a com a festa de S. Eternon (diocese de Sens), patrono dos maridos a quem as mulheres não são fiéis. Descreve as festas francesas, em que uns cornos eram levados em triunfo por rapazes solteiros, indo-os oferecer aos homens casados. Nos Açores nota o costume de armarem dentro de casa um altar, tendo em cima uma coroa de cornos ornamentada; durante o dia é frequente convidarem pessoas que passem na rua para irem beijar o *sagrado corno*. À noite os cornos são levados em procissão, percorrendo as ruas da localidade, dando-se a beijar aos transeuntes.

- 1946 CHAVES, Luís — *Uma viagem pelo distrito de Aveiro no séc. XIX*. ADA, XIV, Aveiro, 1948, pp. 267-276.

Apontamentos dum caderno de viagem feitos pelo oficial do exército Gerardo Pery. Notas sobre a festa da Senhora de Vagos, pelo Espírito Santo, distribuição do bodo (resultado de promessas), etc.

- 1947 CORREIA, Vergílio — *Uma ara funerária*. AP, XIX, Lisboa, 1914, pp. 212-213.

Descrição da capela de S. Mamede de Janas, que o Autor admite ter sido construída sobre um templo pagão, e duma ara romana, encontrada junto dessa capela. Refere-se a S. Mamede, protector de gados, e às romagens que aí têm lugar, em torno da capela, nos dias de festa, parecendo representar sobrevivências de velhos cultos.

- 1948 C., V. — *A festa de S. Mamede de Janas*. ATP, 4, Lisboa, 1918, pp. 43-45.

A capela de Janas, perto de Colares, sobre um cômodo de areia, entre a serra de Sintra e o mar, redonda, com uma alpendrada também redonda, pelo lado do sul. Descrição da festa, à qual acorrem gentes e gados da região. Os gados trazem os cachaços adornados, e dão as voltas rituais, em torno da capela. Dentro, os ex-votos, de gado, também adornados. Hipótese da capela se elevar no local de qualquer templo pagão. Vestígios romanos, junto da capela: ara romana, sepulturas; e na aldeia, cupas.

- 1949 COSTA, Emília de Sousa — *Festas do Porto em Janeiro, In Illo tempore*, OT, 5.^a Série, II, p. 198.

Breves referências às festas de S. Gonçalo de Amarante, mantida pelos latoeiros e correeiros dos quais era patrono, e à procissão da Irmandade do Cordão, em que figuravam cinco rapazes vestidos de frades, cobertos de sangue e seguidos dum «galego» trajado à mourisca e empunhando um alfanje.

- 1950 CUNHA, Luís Alves da Cunha — *Uma romaria do século XVI*. ADA, XIX, Aveiro, 1953, pp. 77-79.
- A romaria a Nossa Senhora da Paz, no Lugar do Beco, freguesia de Macinhata do Vouga.
- 1951 DACIANO, Bertino — *Inventário histórico-arqueológico, artístico e etnográfico do concelho de Matosinhos*. BBPMM, 3, Matosinhos, 1956, pp. 67-79.
- Referências à romaria da Senhora da Hora, de grande devoção das parturientes; menção das cadeiras obstétricas conhecidas no país — crença popular na sua eficácia.
- O «Homem da Maça» — considerações acerca de uma figura de homem de granito existente em Santa Cruz do Bispo, festejado a 3 de Fevereiro, especialmente por raparigas casadoiras que lhe levam flores, que o abraçam, e nele exercem mesmo actos de violência partindo-lhe garrafas na cabeça, por ele não ter favorecido os seus desejos de casamento. Considera essa figura símbolo de amparo e autoridade, datada do século XVI, inspirada presumivelmente na vida de S. Brás e de D. Rodrigo Pinheiro.
- 1952 DIAS, Lopes — *Distrito Etnográfico — A festa das papas em Alcains*. AR, II, 65, Castelo Branco, 1926.
- Descrição da festa das papas, em Alcains, que tem lugar no último domingo de Agosto (S. Pedro) e domingo imediato (S.^a da Conceição).
- 1953 DIAS, Lopes — *Distrito Etnográfico — São Domingos de entre Zebreira e Rosmanihal*. AR, II, 79, Castelo Branco, 1926.
- Descrição desta festa, em que a imagem pertence a uma freguesia e a capela a outra. Ofertas especiais de telhas roubadas; distribuição de pão e vinho aos pobres.
- 1954 D., L. — *Distrito Etnográfico — Nossa Senhora dos Altos Céus*. AR, II, 76, Castelo Branco, 1926.
- Descrição da romaria da Senhora dos Altos Céus (Lousa, Castelo Branco) e da dança da genebres, específica desta festa.
- 1955 DIAS, Lopes — *Distrito Etnográfico*. AR, IV, 146, Castelo Branco, 1928.
- Lendas da construção da capela da S.^a do Bom Sucesso; breves notas sobre a sua festa na qual era servido um bodo.
- 1956 FAZENDA JÚNIOR — *O Touro de S. Marcos*. T, I, Serpa, 1899, pp. 110-111.
- O touro da imagem de S. Marcos de Nossa Senhora das Relíquias (Vidigueira), que «amansava as crianças», batendo-lhes na testa.

- 1957 FELGUEIRAS, Guilherme — *Tradições religiosas — Os círios estremenhos*. EBJP, 1, Lisboa, 1943, pp. 77-86.

Descrição desta romagem a que dão o nome de círios. De localidades dispersas, ocorrem em dias determinados do ano, irmandades e ranchadas deromeiros que vão depor no templo distante a imagem da Virgem, mantida durante um ano inteiro em altar alheio. Outras freguesias limitam-se a participar nas romagens com andores, etc. aguardando — em obediência ao ciclo estabelecido — que às suas freguesias caiba a vez de serem depositárias de tal relíquia. Indica que este uso, muito antigo, resumia-se inicialmente na oferenda de uma tocha — Círio.

- 1958 FERREIRA, Fernando Bandeira — *Os supostos restos romanos de S. Mamede de Janas — Hipóteses e problemas*. JAV, Série 27, 86, Lisboa, 18-2-1956, 2 figs.

Descrição e arqueologia da ermida de S. Mamede de Janas (Sintra), que reputa de origem romana — um templo de Diana, ou talvez de Diana e Janus — dedicado a divindades do Sol e da Lua, de acordo com a epigrafia da região. Estudos e hipóteses do P.^o de Juromenha, Virgílio Correia, etc. Ex-votos de animais.

A romaria, em 17 de Agosto. Santo curandeiro de animais e também preservador de moléstias e desastres. Romagem de animais — bois, burros, cavalos, porcos, cabras, etc. — em volta da capela (outrora entravam mesmo na ermida); as três voltas rituais, dadas ao contrário do sentido dos ponteiros do relógio.

O culto de Diana (Artemis) divindade campestre, dos bosques e montanhas, relacionada com animais — veados, corças, rebanhos.

- 1959 FERREIRA, J. Augusto — *Festa das Calendas e outras de Vila do Conde*. RL, XIX, Lisboa, 1916, pp. 281-285.

Menção dos gigantes, dançando ao som de tambores, nesta festa (1916).

- 1960 FONTES, Joaquim — *Aspectos populares do culto de Nossa Senhora do Cabo*. EBJP, 29-31, Lisboa, 1952, pp. 179-197.

Relato dos festejos da entrega do Círio de Nossa Senhora do Cabo.

- 1961 FRANCO, A. Bento — *O velho «círio da Prata Grande» — Breve repositório sobre o seu tradicionalismo*. EBJP, 32-34, Lisboa, 1953, pp. 167-179.

Praxes tradicionais das festas de Nossa Senhora da Nazaré.

- 1962 FREIRE, Mário João Paulo — *Loas e Círios no concelho de Maфра*. Porto, 1926, 34 pp.

Descrição do Círio de Todos os Santos e da Senhora da Nazaré.

- 1963 GUIMARÃES, Alfredo — *As Rondas (Minho)*. ATP, 4, Lisboa, 1918, pp. 25-29.
- Descrição literária da Ronda de S. Tiago, de Santo Estêvão, e do cortejo e andor da Senhora do Rosário. O bombo, os moços das bandeiras, a confraria, o andor, a filarmónica, os «amortalhados» com silvas de rosas na frente, e círios de promessa.
- 1964 JOAQUIM, António — *O S. Gonçalo de Amarante*. OT, II, 56, Porto, 1910, p. 315.
- Refere-se à extinção das danças e dos descantes que se faziam no largo da Sé do Porto, no dia 10 de Janeiro, nas festas de S. Gonçalo. Cita Garrett que diz que os cónegos da Sé do Porto, dançavam diante do altar de S. Gonçalo.
- 1965 LEÇA, Armando — *Do «Corpo Santo» em Peniche*. EBJP, 16, Lisboa, 1947, pp. 389-391.
- Referências à festa do Corpo Santo. Em 1559 «os pescadores de Alfama veneravam e festejavam o dia de S. Pedro Gonçalves, de lá o traziam enramado de coentros frescos, dançando e bailando».
- Para acalmar as tempestades três raparigas iam varrer com giestas a capela de S. Pedro Telmo.
- 1966 LEÇA, Armando — *A Santo é nosso!...* OT, 5.^a Série, x, Porto, 1955, pp. 261-262.
- A devoção ao S. Gonçalo; reminiscências fálicas que lhe andam associadas: figuração especial dos doces amarantinos, quadras irreverentes, etc. Sua difusão no Brasil.
- Notícias das festas de Gaia, datadas dos fins do século XIX e princípios deste — procissão ou cortejo dos barqueiros, com a cabeça do Santo, acompanhamento de bombos e caixas, por vezes mascarados.
- 1967 LEÇA, Armando — *Leça dos Mareantes*. BBPMM, 4, Matosinhos, 1957, pp. 29-42.
- Menção de várias romarias da região com alguns apontamentos sobre o seu aspecto. 8 notações musicais de modas populares.
- 1968 L., A. — *A festa das rosas*. MCP, XII, 143, Lisboa, 1958, p. 14.
- Notícia sobre a festa das rosas em Vila Franca (Viana do Castelo) e descrição do modo como se enfeita um cesto de mordoma.
- 1969 MAIA, Abade Sousa — *Romarias em Vila do Conde*. DL, III, Porto, 1941, pp. 38-39.
- Breves notas sobre as romarias de Santo Amaro, S. Brás, S. Bento, Senhora da Saúde, Santa Luzia.

- 1970 MARTINS, Germano — *Romaria de Matosinhos*. OT, 5.^a Série, I, Porto, 1945-1946, p. 71, 1 fig.
Breve descrição desta romaria, reportada a cerca de 50 anos atrás.
- 1971 MELO, Laudelino de Miranda — *Santos Mártires de Marrocos em Travassô*. ADA, XVI Aveiro, 1950, pp. 55-74.
Descrição da festa. A procissão dos Nus.
- 1972 MELO, Laudelino de Miranda — *A festa da barra de Aveiro*. ADA, XXI, Aveiro, 1955, pp. 315-320.
Descrição da festa que tem lugar todos os anos na Barra de Aveiro, na última segunda-feira do mês de Setembro.
- 1973 MIRANDA, Abílio — *O Boi-Bento — O Boi na simbólica popular*. Penafiel, 1945, 4 pp.
Menção do costume de incluir o boi na procissão do Corpus Christi.
- 1974 MORAIS, António Gonçalves de — *Barroso*. RL, XXV, Lisboa, 1925, pp. 275-282.
Descrição um tanto literária sobre as primeiras neves do Natal e festas desta quadra, e de uma romaria (menção de novenas a determinados santos, com gado que leva sacos de cereal entre os cornos e que outras vezes vão mesmo amortalhados).
- 1975 NEVES, L. Quintas — *A Coca Monçanense*. AAM, v, Viana, 1955, pp. 38-50 e 182-194; vi, 1956, pp. 70-74.
Origem e evolução da Coca. Notícias sobre a festa do Corpo de Deus.
- 1976 NEVES, P.^e Moreira das — *Festas do calendário*. VAPP, Porto, 1940, pp. 175-180.
«O Autor, depois de se referir em geral ao sentimento religioso que anda associado às várias manifestações da vida popular, começa por salientar a alegria ruidosa das romarias nortenhas. Em seguida refere-se às festas processionais do centro do País. Fala das romarias melancólicas e lentas do Alentejo e nas festas algarvias. Depois refere-se às festas de carácter fixo. Dá uma boa relação de romarias importantes, caracterizando algumas com brevidade. Termina referindo-se a Nossa Senhora de Fátima, como o lugar de peregrinação por excelência, em nossos dias. (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 1977 NUNES, M. Dias — *Na Quaresma (Notas avulsas)*. T, I, Serpa, 1899, pp. 38-42.
«Modas» e romarias de quarta-feira de Cinzas em Serpa. Procissões da Quaresma. «Durante a semana santa, dão-se consoadas — presentes de bolos e doces, ou, mais vulgarmente, de amêndoas confeitos». «No sábado santo,

ao amanhecer, há aqui (Serpa) uma espécie de mercado largamente concorrido, de borregos e cabritos. Os pastores das cercanias trazem para a vila o gado em noite anterior...» ...«os rapazes aguardam o toque dos sinos, para se precipitarem pelas ruas em chocalhadas estríduladas a que se juntam tiros de espingarda, búzios, guizadas, etc. — são as aleluias.»

- 1978 NUNES, M. Dias — *A Festa da Guadalupe*. T, 1, Serpa, 1899, pp. 50-53.
Descrição da festa e procissão pascal de N.^a Senhora de Guadalupe, em Serpa, em que se dá uma esmola aos pobres.
- 1979 OLIVEIRA, Emídio d' — *Senhor de Matosinhos*. OT, 5.^a Série, v, Porto, 1949, pp. 36-38.
Notícias sobre as festas do Senhor de Matosinhos.
- 1980 OLIVEIRA, Sever de — *O San Tiago de Leomil (Beira Alta)*. ATP, 1, Lisboa, 1916, pp. 152-156.
Descrição literária, mas viva e muito pitoresca, da época e da romaria de S. Tiago, com indicações de expressões populares, e, em notas, alguma nomenclatura rural.
- 1981 PAÇO, Afonso do — *Mordomarias*. ADVC, Viana do Castelo, 1932, pp. 77-84, 9 figs.
Definição de mordomia e descrição das funções que representa, em Outeiro e Perre (Viana do Castelo). A Mordomia tem a seu cargo a organização das festas dos santos de maior devoção da terra, faz os peditórios, organiza o cortejo dos cestos floridos, o leilão de objectos, etc. Nestes leilões, além de várias dádivas, oferecidas em cumprimento de promessas, figuram as roscas das mordomas, e a sua compra por parte dos rapazes, não raro envolve uma declaração de amor; e bolos zoomórficos e antropomórficos feitos de pão de trigo. As mordomas tinham na igreja, durante os ofícios religiosos, um lugar de destaque; havia contudo uma restrição: só aquelas que possuíam fato de pano preto (o fato de mordoma característico desta região) é que podiam tomar aí lugar. Esse fato servia depois como vestido de casamento.
- 1982 PATRÍCIO, Padre Francisco — *Regionalismo. Principiam as romarias*. NA, I, 14, Lisboa, 1933.
Breves notas comparativas das romarias do Minho, Douro, Trás-os-Montes, Beiras, Alentejo, etc.
- 1983 PESSANHA, D. Sebastião — *Crenças e superstições ligadas ao gado no concelho de Sintra*. EBJP, 35-37, Lisboa, 1954, pp. 143-150.
Notícias sobre a romaria de S. Mamede de Janas. Menção de alguns costumes e práticas tradicionais que lhe estão ligadas, nomeadamente as «medidas» que adornam o pescoço dos animais que aí vão cumprir promessa em volta

da capela, notando a analogia existente entre estas e outras feitas de vime, colhido à meia-noite da véspera de S. João, e que se coloca no pescoço dos animais, no estábulo; menciona ainda o costume dos proprietários do gado enterrarem os dedos nas cinzas da fogueira e com eles fazerem cruces no lombo desses animais.

- 1984 PINTO, Manuel de Sousa — *Folias, chacotas e danças de 1622 em Coimbra*. OI, 88, Coimbra, 1935, pp. 17-21.

Descrição das festas em Coimbra, quando da canonização de Santo Inácio de Loyola e S. Francisco Xavier. As Folias de Cartaxo, Montemor e Ameal; suas músicas, danças e cantares.

- 1985 PIRES, A. Gonçalves — *Senhora da Conceição da Rocha*. AAM, 1, pp. 112-115.

Referência a um forno de grande dimensão, existente na capela, onde no dia da festa se cozia um enorme bolo de trigo (3 alqueiros), repartido depois pelos romeiros. Esse pão bento era por estes guardado nas arcas do bragal, como remédio contra a traça.

- 1986 PIRES, A. Thomaz — *Investigações Etnográficas*. RL, XIV, Lisboa, 1911, pp. 88-112.

Transcrição de um programa de festa em Elvas (1829) pelo aniversário de D. Miguel. Notícias extractadas de documentos régios, da Nova Floresta de Manuel Bernardes, etc., referentes à procissão de Corpus Christi (séculos XVI-XIX); ao costume de tocar instrumentos de música, quando há trovoadas, para que os bichos da seda não morram; ao uso de braços de defuntos pelas bruxas, para práticas de feitiçaria; etc.

- 1987 POMBINHO JÚNIOR, J. A. — *Usos e costumes — Procissões*. AT, II, Elvas, 1943, pp. 54-55.

Transcrição de algumas posturas (1726) que obrigavam, sob pena de multa, todas as pessoas válidas a incorporarem-se nas procissões, levar as suas quadrilhas, acompanhando o Alferes, Bandeira, Tambor, etc.

- 1988 SÁ, Octaviano — *Coimbra e as suas romarias*. Coimbra, 1955, 6 pp.

Breve nota sobre as romarias do Espírito Santo, do Santo Amaro, dos Santos António, João e Pedro, das festas da cidade e Santa Isabel, Senhor da Serra e S. Martinho do Bispo. Algumas indicações de manjares tradicionais destas romarias.

- 1989 SILVA, P.º António José da — Procissão dos «novelos». AAM, 1, pp. 75-77.

Referência a uma procissão que se realizava na quaresma, a qual percorria as ruas da vila para recolher os novelos de linho que pedia nessa altura. Esse linho era destinado ao hospital da Misericórdia.

- 1990 SÍLVIO — *S. Paio da Torreira*. RM, XX, Esposende, 1912, pp. 83-86.
- Notas acerca desta festa: o desfile dos barcos enfeitados pela Ria; as promessas feitas ao Santo, que mergulham numa tigela de vinho, bebendo depois esse vinho; procissão; etc.
- 1991 TAVARES, Alves — *As festas do Sacramento em Beja*. T, I, Serpa, 1899, pp. 125-126, 141, 176 e 184-186.
- Descrição destas festas, ao que parece instituídas como acção de graças pela extinção duma epidemia de cólera, em Beja. Os carros de espadana, que espalham pelo chão onde passará a procissão. O bodo aos pobres. O jantar aos presos. Procissões.
- 1992 TAVARES, José — *Tradições de Aveiro — A festa de S. Gonçalinho*. ADA, I, Aveiro, 1935, pp. 127-133.
- Notícias históricas e descritivas da capela de S. Gonçalinho. A crença nos milagres e as ofertas. Dois exemplos comprovativos da vingança do Santo. Descrição da festa: fogueira da véspera, lançamento das cavacas, etc. Quadras populares alusivas ao santo.
- 1993 TAVARES, José — *Tradições do distrito de Aveiro — Romaria de Nossa Senhora da Saúde da Serra*. ADA, XII, Aveiro, 1946, pp. 304-312.
- Descrição da velha ermida e do actual santuário. Menção dos caixões usados para a satisfação das promessas de «ir morto». Características profanas e religiosas da festa. Quadras populares alusivas.
- 1994 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Círios estremenhos*. RL, XXX, Lisboa, 1932, pp. 5-97; XXXIII, 1935, pp. 269-300; XXXVI, 1938, pp. 246-262.
- Indicação dos santuários sobre os quais reúne elementos. Notícias literárias do santuário, da lenda e dos círios da Sr.^a da Nazaré. Transcrição de loas respeitantes aos Círios que vão a este santuário, por ordem cronológica — Óbidos, Mafra, Ajuda, etc.
- O Real Círio de Lisboa (1827) — Ao receber o estandarte; entrada em Vila Franca, na Castanheira, nas Caldas, na Nazaré (Saída da Nazaré). Condução da imagem de Queluz (quadras dos anjos) para se recitar na capela Real de Queluz, à saída do círio, na chegada do círio à Nazaré, na despedida, etc.
- 1995 VERDE, João — *Costumes y tradições*. Li, Viana do Castelo, 1910-11, pp. 62-63 e 93-94.
- Notas sobre o *Cóca* e o papel que esta representava na festa do Corpus Christi, em Monção.

- 1996 s/A. — *Noticiário — Corpus Christi*. AM, I, Monsão, 1883.
Breves referências às festas do Corpus Christi e à batalha do S. Jorge com a Cóca.
- 1997 s/A. — *Um auto em Barcelos*. RM, XX, Esposende, 1912, pp. 59-64.
Descrição do cerimonial litúrgico da procissão dos Passos em Barcelos.
- 1998 s/A. — *A festa das Cruzes em Barcelos*. RM, XX, Esposende, 1912, pp. 101-103.
Notas acerca da festa das Cruzes em Barcelos. Lenda da chegada da Senhora da Cruz a Barcelos.
- 1999 s/A. — *Arquivo etnográfico*. L, II, Viana do Castelo, 1918-19, p. 61.
Dois recortes de jornais com notícias acerca do círio das Mercês, e da coroação de S. Pedro (festas religiosas com carácter folgazão).
- 2000 s/A. — *Arquivo etnográfico*. L, II, Viana do Castelo, 1918-19, p. 69.
Recortes de jornais com notícias sobre os festejos de S. Pedro e do rapto de um caixão com a morta, considerada pelo povo como santa.
- 2001 s/A. — *Poeira dos tempos — S. Gonçalo de Amarante*. FL, I, Lisboa, 1929, pp. 227-228.
Notícia extractada do Arquivo Popular, vol. I, Lisboa, 1837, p. 42-43 acerca das práticas que tinham lugar na Sé do Porto e Igreja de S. Domingos, no dia da festa de S. Gonçalo de Amarante (10 de Janeiro). Cantos casamenteiros, danças e práticas indecorosas por parte das mulheres.
- 2002 s/A. — *As festas do Sacramento em Beja*. FL, VII, Lisboa, 1936, pp. 145-149.
Descrição desta festa, dos andores, dos carros, dos usos que aí têm lugar — as carradas de espadanas, o jantar dos presos, e a posse — as touradas, cavalladas, jogos de canas, danças, etc.
- 2003 s/A. — *A procissão de Corpus Christi em Setúbal*. DL, Terceira Série, III, Porto, 1948, pp. 41-44.
Descrição e menção dos figurantes, danças, etc. que faziam parte dessa procissão.
- Ver Ref.^{as}: 66, 67, 111, 142, 144, 145, 196, 201, 208, 212, 215, 217, 222, 227, 233, 236, 237, 244, 251, 265, 266, 277, 279, 289, 290, 295, 301, 320, 562, 1373, 1411, 1427, 1440, 1454, 1481, 1708, 1716, 1718, 1752, 1825, 1829, 2509.

2. OUTRAS RELIGIÕES

- 2004 ALMEIDA, Carlos Alberto F. de — *Um aspecto do culto dos rios na Lusitânia*. DL, Oitava Série, IX, Porto, 1958, pp. 873-888.
Nota, sobre cultos dos rios; castigo e rito expiatório aplicáveis àqueles que os atravessavam.
- 2005 ALVES, P.^e Francisco Manuel — *Arqueologia trasmontana*. AP, XXIII, Lisboa, 1918, pp. 317-321.
Referências a figurações do porco, como símbolo provável dum culto ibérico pré-histórico. O prestígio do porco como símbolo cultural.
Prolóquio sobre a matança do porco, que é celebrada entre cada família trasmontana, com grande entusiasmo. O porco, base alimentícia do trasmontano (juntamente com centeio, vinho e batatas).
- 2006 CHAVES, Luís — *Tradições populares das águas em Portugal*. EEFHRA, Rio de Janeiro, 1960, pp. 455-472.
Primitivas divindades aquáticas do território português. Os rios na tradição popular; poderes mágicos da água; lendas. Culto das águas, (exemplos). Clamores, oráculos ou sortes, etc.
- 2007 COELHO, F. Adolpho — *Nomes de Deuses Lusitanos*. RL, I, Porto, 1887-89, pp. 351-378.
Estudo de vários deuses lusitanos.
- 2008 CORREIA, Vergílio — *Os ídolos-placas — Arte Prehistórica*. ATP, 3, Lisboa, 1917, pp. 29-35.
Sua localização junto de espólios neolíticos. Sua natureza de ídolos pré-históricos: placas, esculturas, cilindros. Área de difusão — Portugal (especialmente), centro e sul da Espanha, e Egipto —. A tábua pintada de Mamaltar (Viseu), e as placas de xisto pintadas. Significado religioso: antropomorfismo, estilizações humanas — provavelmente a divindade feminina que se manifesta em toda a Europa neo e eneolítica. Descrição das figurações.
- 2009 CORTEZ, Fernando A. de B. Russell — *Reminiscências de antigos cultos*. DL, VII, Porto, 1943, pp. 43-46.
A suástica, pintada nas bateiras, como amuleto propiciador de boas pescarias. A suástica em geral. O penedo de escorregar de Lavadores, relacionado com cultos fálicos.
- 2010 CORTEZ, Russell — *A fonte do ídolo e o culto de Asklépios em Brácara* — BA, IV, Braga, 1952, pp. 32-45 e 263-280; v, 1953, pp. 90-103.
Estudo deste monumento romano e do culto de Asklepios.

- 2011 FERREIRA, J. Betencourt — *Vestígios do culto da serpente (ofiolatria) na pré-história*. AORP, v (3.^a Série), Porto, 1924, pp. 123-132.
Estudo do culto ofiolátrico na pré-história lusitânica.
- 2012 FERREIRA, J. Bettencourt — *Ritual do fogo e da água — As orvalhadas do S. João*. TAE, VII, 4, Porto, 1935, pp. 257-264.
Referências ao culto do fogo e da água, desde tempos remotos.
- 2013 FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e — *Tradições judio-portuguesas (Novos subsídios)*. DL, Sexta Série, I-II, Porto, 1954, pp. 145-149.
Costumes e orações dos cristãos-novos portugueses do século XVI, extraídas de processos da Inquisição de Coimbra e Lisboa.
- 2014 GONÇALVES, Flávio — *O «altar das caveirinhas» da antiga igreja da Misericórdia da Póvoa de Varzim*. DL, Terceira Série, II, Porto, 1948, pp. 64-68, 2 figs.
Descrição deste altar segundo uma fotografia. Considerações sobre o culto das caveiras.
- 2015 LANTIER, Raymond — *Les dieux orientaux dans la Péninsule ibérique*. HMS, Guimarães, 1933, pp. 185-190.
Ensaio sobre o culto de deuses orientais na península.
- 2016 MIRANDA, Abílio — *Ara zoomórfica*. DL, Segunda Série, II, Porto, 1944, pp. 25-26, 1 fig.
Indicação da descoberta e descrição de uma ara com a figura de um boi, dedicada ao lar pátrio, na capela da Ermida, em Irivo.
- 2017 MONTEIRO, António Pereira — *O culto da Cibele em Canavezes*. DL, Segunda Série, v, Porto, 1946, pp. 73-76, 1 fig.
Descrição de uma ara votiva encontrada em Canaveses.
- 2018 RODRIGUES, Adriano Vasco — *O culto da ganadaria a sul do Douro português*. RG, LXVIII, Guimarães, 1958, pp. 393-396.
Descrição de quatro esculturas zoomórficas, localizadas a sul do Douro. O Autor põe a pergunta «Estarão também ligados ao culto do porco e do touro alguns topónimos do distrito da Guarda?»
- 2019 PINHO, José de — *Considerações sobre a religiosidade dos citanienses de Briteiros e Sabroso*. HMS, Guimarães, 1933, pp. 292-297.
Do estudo dos monumentos culturais exumados das ruínas de Briteiros e Sabroso, conclui que aí se praticava o falicismo.

- 2020 SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigues dos — *As serpentes gravadas do Castro do Baldoeiro (Moncorvo - Trás-os-Montes)*. CIAAP, xv, 4.^a Sessão do Inst. Intern. Antrop., 1930, 6 pp.

Considerações sobre 6 gravuras serpentiformes encontradas em rochedos do Castro do Baldoeiro. Segundo o Autor, numa das gravuras a representação da serpente é tão flagrante que o povo denomina o rochedo por «penedo do cobraão». Considera estas insculpturas vestígios ofiolátricos e manifestações da existência de crenças totémicas.

- 2021 SARMENTO, F. Martins — *O deus Bormanico*. RG, I, Porto, 1884, pp. 57-64.

Estudo do Deus Bormânico. Sua filiação no sistema mitológico dos povos áricos da Ásia Menor.

- 2022 TOVAR, António, e NAVASCUES, Joaquim Maria — *Algumas consideraciones sobre los nombres de divinidades del Oeste peninsular*. BF, XI, Lisboa, 1950, pp. 178-191.

Inventário dos nomes de antigos deuses; sua distribuição no Oeste peninsular.

- 2023 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Cultos phalicos em Portugal*. AV, I, 26 e 27, Lisboa, 1880.

Relação de alguns costumes populares com cultos fálicos; frades de pedra, pedras de ara, figas, S. Martinho, Entrudo e festas de S. Gonçalo.

- 2024 VASCONCELLOS, J. Leite de — *O Deus Bracarense Tongoenabiagus (contribuição para o conhecimento das religiões antigas da Lusitania)*. RL, III, Porto, 1894-95; pp. 307-315.

Descrição do monumento, e sua interpretação, como manifestação de cultos das águas.

- 2025 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Religiões da Lusitania*, I, Lisboa, 1897, 441 pp., 112 figs.

Esta obra, publicada em três volumes, está dividida igualmente em três partes, correspondentes aos tempos pré-históricos, proto-históricos e históricos. Abre com uma introdução em que o Autor expõe os métodos de análise e pontos de vista gerais, definindo o que entende por lusitanos e Lusitânia, e estabelecendo afinidades entre o Portugal histórico e a Lusitânia.

Apoiado num método comparativo procura estudar todos os vestígios materiais de carácter religioso e determinar as suas origens.

O 1.^o capítulo é consagrado ao estudo da religiosidade do homem paleolítico; o 2.^o, à necrolatria nos Kjoekkenmoedings; o 3.^o, às ideias religiosas do período neolítico. Neste faz uma extensa e minuciosa exposição das crenças e cultos praticados pelos povos que habitaram o nosso País, e, no final dá-nos o seguinte resumo do panorama religioso da Lusitânia nessa época:

«I) Concepção (naturalismo e animismo): a) a lua e o sol; b) o mar e os peixes; c) outros animais (mamíferos); d) os espíritos da natureza e dos mortos.

II) Culto: a) sacerdócio rudimentar; b) lugares sagrados (cemitérios); c) cerimónias (fúnebres); d) necrolatria; e) amuletos; instrumentos e vasos simbólicos; ídolos ou feitiços (figurados e pintados de animais e de homens; sinais esculpidos em pedras».

Fala também da trepanação (para expulsão de espíritos malignos). Etc. No 4.º capítulo trata resumidamente da religião na época dos metais.

2026 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Religiões da Lusitania*, II, Lisboa, 1905, 372 pp, 8 figs.

Este 2.º vol. corresponde à segunda parte da tripla divisão estabelecida pelo Autor, e respeita aos tempos proto-históricos.

Com base em escritos de autores clássicos, nos monumentos e na tradição, procura fazer a reconstituição da geografia da Lusitânia proto-histórica, da etnologia lusitana (relevando o elemento céltico) e da etnografia, descrevendo a organização social e instituições dos Lusitanos, os locais de habitação, e os costumes e caracteres gerais desses povos.

Seguidamente, e ainda baseado nesses autores, na epigrafia, monumentos arqueológicos, onomástico, na comparação de tradições de nossos dias, etc. faz o estudo das religiões deste período (que irá ocupar ainda cerca de 90 p. do 3.º vol.), que sumaria deste modo:

I — Concepção que se tinha das divindades: a) Essência da natureza divina — Divindades tópicas e gerais. Diferenças regionais. Onomástico religioso de origem céltica e não céltica. b) Manifestação objectiva das divindades: conciliábulos, milagres, sonhos, agouros, prodígios. c) Povos sem ídolos. Representação material das divindades.

II — Culto, ou relações existentes entre o homem e as divindades: a) actos religiosos; b) sacerdócio; c) objectos cultuais; d) lugares sagrados. Identifica duas classes de divindades: naturalísticas e tópicas, e outras guerreiras, celestes e atmosféricas, mortos deificados, etc., considerando em primeiro lugar os fenómenos celestes e atmosféricos; a terra, montes, metais e pedras; bosques sagrados. E, seguidamente, divindades célticas e pré-célticas, nomeadamente os deuses Endovéllico — que considera divindade tópica presumivelmente de origem pré-céltica, cristianizado talvez a partir do século V; Atégina — que identifica com Proserpina; Tongoenabiagus — *genius* da água, talvez de origem pré-romana, romanizado —; Bormanicus — génio tutelar das águas (Vizela), deus celta; etc. Culto dos mortos; estudo da porca de Murça, de estátuas sepulcrais de guerreiros, etc.

2027 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Religiões da Lusitania*, III, Lisboa, 1913, 636 pp., 339 figs.

Este volume respeita à 3.ª e última parte desta obra. Nele faz o estudo da conquista romana e a sinopse da civilização lusitano-romana.

O estudo das religiões respeitantes a este período é dividido em 4 partes: a 1.ª, é dedicada a divindades indígenas romanizadas (estudadas desenvol-

vidamente já no 2.º vol.); a 2.ª, às divindades de precedência romana — do céu, da terra e da vegetação, das águas, da saúde, da guerra; divindades imperiais (culto professado apenas nos meios populosos); e divindades de origem asiática e africana: Cibele (Frígia), Mitra (Pérsia), Ísis e Serápis (Egipto), etc. —; a 3.ª à necrolatria ou culto dos mortos — incineração e inumação, destino das almas, oferendas; insculturas simbólicas, seu significado e origem, etc. —; e 4.ª, Varia quaedam sacra — santuários, sacerdotes e confrarias, actos e cerimónias, figuras de animais e estatuetas, amuletos, introdução do cristianismo, priscilianismo, etc.

Estuda ainda as religiões da época dos Bárbaros distinguindo na vida religiosa dos suevos 4 momentos: paganismo, cristianismo, arianismo, e novamente catolicismo.

- 2028 V., J. L. de — *Do atheismo dos callaicos*. RL, II, Porto, 1890-92, pp. 346-47.

Interpretação da passagem de Estrabão que afirma que os calaicos são ateus, e que o autor entende que significa que os calaicos não tinham deuses, na acepção de imagens — isto porque aparecem inúmeras inscrições, por toda a região da Callaecia, dedicadas a deuses.

- 2029 V., J. L. de — *Como se forma um culto*. RL, XXII, Lisboa, 1919, pp. 234-238.

O «carvalho santo», de Araújo (Leça da Palmeira). Notícias dos jornais sobre a formação e decadência do culto que se formou.

Ver Ref.^{as} 44, 442.

3. CRENÇAS, SUPERSTIÇÕES E PRÁTICAS MÁGICAS

- 2030 A. — *Folk-lore — O trevo de quatro folhas*. RG, xv, Porto, 1898, pp. 63-68.

Descrição de algumas práticas populares referidas ao trevo de quatro folhas; sua influência mágica.

- 2031 AGUIAR, Fernando de — *Usos e costumes da Ilha da Madeira*. FL, VII, Lisboa, 1936, pp. 131-141.

Almas penadas, bruxas, maus olhados, etc. Benzeduras e ensalmos variados.

- 2032 ALMEIDA, Maria Emília de Castro e — *Breves notas folclóricas sobre o concelho de Barcelos — Crençices e superstições*. ACEELV, I, Porto, 1959, pp. 273-289.

Superstições ligadas à gravidez, nascimento e amamentação das crianças, colhidas em algumas freguesias do concelho de Barcelos.

- 2033 ALVES, Francisco Manuel — *Superstições, credices, medicina popular*. RO, xvii, Lisboa, 1942, pp. 184-188.

Considerações sobre o uso de certas práticas supersticiosas; citações de textos antigos que a elas se referem.

- 2034 ALVES, Francisco Manuel — *Superstições*. OI, 100, Coimbra, 1942, pp. 257-258.

Breves considerações acerca das superstições.

- 2035 ALVES, Francisco Manuel — *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, xi, Porto, 1948, 804 pp.

Além do estudo de outras matérias de natureza histórica e arqueológica, este volume contém o estudo das tradições e superstições populares — credices, adivinhações, encantamentos, prognósticos, cura de moléstias por feitiçaria, destruição de frutos por trovoadas e magia, etc. Complementarmente extracta das constituições dos bispados de Lamego, Porto, Ordenações do Reino, etc., textos proibitórios de práticas semelhantes: emersão dos santos em água, colações nas igrejas e sobre as sepulturas, artes mágicas, uso de ervas e água nos dias de S. João, etc.; e além destes, transcreve ainda dos clássicos, descrições similares, nas quais filia aquelas. Este capítulo termina com um tentâmen interpretativo das superstições. Para o Autor «as superstições são a doutrina religiosa pagã»... «a sua moral e liturgia»... «o resumo da sua filosofia e teologia dogmática, abrangendo também regras para a conduta e formação espiritual de seus fiéis e crentes».

Contém um capítulo sobre lendas: doutrina cristã parafraseada — credo do borracho e sermão de S. Martinho, patrono dos borrachos. Linguagem popular bragançana. Rifões populares. Toponímia. E Cancioneiro (76 quadras).

- 2036 ARAGÃO, A. C. Teixeira de — *Diabruras, santidades e prophcias*. Lisboa, 1894.

«Do carácter do livro diz o A. a p. 1: Não é romance: são esbocetos truncados, ou scenas de costumes, crenças e visões, devidas a embustes e fraquezas de espírito e à educação fanática, que produzem de ordinário o embrutecimento moral. No escrito não há inventos: além das tradições populares, e do extractado dos livros de demoniomania, coligimos a maior parte deles nos archivos nacionais e nas chronicas», (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).

- 2037 ATAÍDE, Bernardo Leite d' — *Influência da feitiçaria na linguagem do povo micaelense*. RI, I, Ponta Delgada, 1944-45, p. 312.

Indicação da provável origem mágica de alguns modos de dizer do povo desta ilha: a feitiçaria. Meios actuais de acção das feiticeiras; meios defensivos contra estas.

- 2038 AZEVEDO, Alfredo Gonçalves de — *Por terras da Feira — Folclore do Vale — Receitas, rezas e esconjuros*. ADA, XIII, Aveiro, 1947, pp. 226-235.

Quadras populares. Lenda da fonte dos Mouros. Receitas, rezas e esconjuros.

- 2039 AZEVEDO, Pedro d' — *Costumes d'El-rei D. Manuel*. RL, IV, Lisboa, 1896, pp. 5-12.

Transcrição de 13 documentos da Chancelaria de D. Manuel — cartas de perdão contendo indicações do antigo viver português:

1) referente a uma «alcoviteira de negras e feiticeiras». 2) um inquisidor que se perdia com as negras e tinha modos estranhos. 3) sobre um caso de amásio. 4) jogo da bola. 5) jogo do dardo. 6) jogo do malhão. 7) jantar em comum em dia de Santa G? — folgar cantar, bailar, jogo dos mancais, etc. 8) insultos. 9) uma praga. 10) montes de pedras dos fiéis. 11) menção de um possuidor de igreja e cerca que fora suspenso por ignorância. 12) fuga de presos. Menção de um ichacorvo — donde, «provavelmente, descendem os bezouros». 13) notícia de uma criança que morre na ocasião do parto.

- 2040 AZEVEDO, Pedro d' — *Consulta a um saludador do séc. XVIII*. RL, v, Lisboa, 1897-99, pp. 78-80.

Consulta de um saludador, denúncia do doente ao Santo Ofício — termo da denúncia (transcrição do documento). Um caso de hipnotismo no século XVIII.

- 2041 AZEVEDO, Pedro A. d' — *Anúncio d'uma estampa protectora contra a cholera*. RL, v, Lisboa, 1897-99, pp. 231-232.

Anúncio publicado na Gazeta de Lisboa, n.º 147, 24-VI-1833, anunciando que a imagem de Nossa Senhora da Conceição, pregada à porta de casa é eficaz contra a cólera.

- 2042 AZEVEDO, Pedro A. d' — *Um feiticeiro do séc. XV e benzedores do séc. XVI*. RL, v, Lisboa, 1897-99, pp. 234-35.

Transcrição de dois documentos que se referem a um feiticeiro e adivinheiro e blasfemador, e a um curandeiro (que curou um menino «aluado»).

- 2043 AZEVEDO, Pedro A. d' — *Superstições portuguesas no séc. XVI*. RL, v, Lisboa, 1897-99, pp. 1-21, 198-207, 261-270; VI, 1900-1901, pp. 211-225 e 261-270.

Excertos de documentos do século XVI com menções de benzedores, feiticeiros, curandeiros e adivinhadores, fenómenos naturais, doenças nervosas, etc. A origem da palavra bruxa. Estudo da legislação relativa a feitiçaria.

- 2044 AZEVEDO, Pedro A. d' — *Superstições dos criminosos*. T, I, Serpa, 1899, p. 87.

Várias superstições dos criminosos, tendo em vista escaparem à justiça. Dificuldade do seu estudo por serem tomadas como simples actos de malvadez.

- 2045 AZEVEDO, Pedro A. d' — *Extractos archeológicos das «Memórias parochiaes de 1758»*. AP, VI, Lisboa, 1901, pp. 76; VII, 1902, p. 190, 191-192, 240, 267-272; VIII, 1903, pp. 76, 101-102, 215-216, 256.

Menção dum bodo, que constava especialmente de regueifas de trigo e carne de bois e carneiros, distribuído no dia da festa da Senhora do Soito, em Paus (Beira Baixa). Notícias sobre pedras «judaicas» que livram da dor da pedra. S. Martinho, advogado contra sezões. Cálice com virtudes terapêuticas. Relíquias de S. Brás com virtudes contra mordeduras de animal danado, mau parto, e com poder de tornar o pão incorruptível. Lugar frequentado por clamores. Imagem de pedra medicinal. Jogo da barra, praticado em Teixoso (Beira) pelos pastores da serra; o que vence leva o prémio: um grande pau a que chamam fogaça.

Fonte Santa onde eram banhados os meninos enfermos. Romaria da Sr.^a da Visitação e Santa Isabel — num altar estão colocadas as duas imagens, e obram o milagre de dar leite às mulheres que estão a amamentar filhos; estas trazem-lhe como oferendas sal. Carvalho sagrado, com uma argola de ferro; todo o perseguido que se agarrasse a esta, escapava à justiça.

- 2046 AZEVEDO, Pedro A. d' — *A Freira e o Diabo*. T, IV, Serpa, 1902, pp. 87-90.

Transcrição de alguns períodos da confissão da Madre Teresa, feita no tribunal da inquisição, em que ela diz ter sido obra do demónio todas as coisas extraordinárias que fez. Segue-se a publicação duma prosopopeia, em que ela nos aparece falando, com a qual um anónimo pretende desmascarar o procedimento da beata.

- 2047 AZEVEDO, Pedro A. d' — *Orações contra o mal da inveja*. T, V, Serpa, 1903, pp. 138-139.

Transcrição duma oração latina, que um Santo do concelho de Viseu distribuía a troco de seis vinténs, aos donos de animais e pessoas atacadas do mal da inveja.

- 2048 AZEVEDO, Pedro A. d' — *Denuncia contra uma feiticeira*. T, V, Serpa, 1903, pp. 168-169.

Transcrição duma denúncia (não está datada mas o Autor supõe ser do principio do século XIX) contra uma feiticeira.

- 2049 AZEVEDO, Pedro A. d' — *Denúncia á Inquisição*. T, VI, Serpa, 1904, pp. 4-7.
Extractos de denúncias feitas à inquisição acusando várias pessoas de práticas de feitiçaria.
- 2050 AZEVEDO, Pedro A. d' — *Uma reunião de bruxas na Atouguia em 1699*. RL, XI, Lisboa, 1908, pp. 347-349.
Notas sobre um processo de bruxedo.
- 2051 AZEVEDO, Pedro A. d' — *Cartas de tocar ou de pacto com o demonio*. RL, XIII, Lisboa, 1910, pp. 66-71.
Documentos inquisitoriais setecentistas, que aludem a estas cartas — papéis assinados com sangue, para fins de nigromancia.
- 2052 AZEVEDO, P. A. d' — *Benzedores e feiticeiras*. RL, III, Porto, 1894-95, pp. 329-347.
Transcrições de 24 documentos, referentes a perdões passados a benzedores e feiticeiros, com fórmulas de benzer e actos de feitiçaria.
- 2053 AZEVEDO, P. A. d' — *Sereias*. RL, IV, Lisboa, 1896, pp. 286-287.
Menção de sereias, como peixe marinho, num documento de D. Afonso III.
- 2054 AZEVEDO, P. A. d' — *Superstições portuguesas no sec. XV (documentos)*. RL, IV, Lisboa, 1896, pp. 197-215 e 315-324.
Cartas de perdão (66) da Chancelaria de D. Afonso V e D. João II. Teoria da feitiçaria (p. 197-200) e sinopse dos documentos transcritos.
- 2055 BASTO, Cláudio — *Arquivo etnográfico*. L, III, Viana do Castelo, 1919-20, pp. 76-77; IV, 1921-1922, pp. 115-117.
Recorte de notícias insertas em jornais dum caso de ventriloquia, que foi tomado por almas do outro mundo, e pôs em grande alvoroço uma povoação inteira; de letreiros populares; de histórias de almas penadas; de benzedeiros; de simulacro de um enterro, por promessa; etc.
- 2056 BASTO, Cláudio — *Etnografia — Determinismo e previsão do sexo*. AORP, II (XXII), 3.^a Série, Porto, 1923, pp. 36-43.
Descrição de 24 práticas populares de previsão do sexo.
- 2057 BASTO, Cláudio — *Arquivo Etnográfico*. Po, 2, Porto, 1929, p. 216.
I — Elmo, ou ermo — virtudes das crostas que se formam na cabeça das crianças. Transcrição de uma nota referente à mesma crença em França.
II — Parasitas — idem, com especificação das crenças em Viana, Beira (Covilhã), Santa Marta de Portuzelo.

- 2058 BASTOS, Teixeira — *A criação do Homem — Estudo comparativo das tradições cosmogónicas*. ENRMC, Lisboa, 1880-1881, pp. 20-31.
Estudo comparativo da Bíblia com as cosmogonias dos outros povos.
- 2059 BEATO, António Gomes — *Manhouce e a crendice popular*. BAAP, XIII, Viseu, 1954.
Superstições relativas à gravidez, parto, baptismo, e primeiros tempos de criança.
- 2060 BOUZA-BREY, Fermin, e CUEVILLAS, Florentino, L. — *Paralelos galegos a unha práctica popular trasmontana*. RG, XXXIII, Guimarães, 1928, pp. 115-122.
Citam Luís de Pina, que descreve o costume, em Moncorvo, das mulheres mandarem voltar uma telha da capela da Senhora da Eirinha, quando a expulsão das secundinas tarda. Comparação desta prática com outra que ocorre na Galiza, cerca de Noia, em que as mulheres dos marinheiros vão à capela de S. Alberto e viram as telhas para o ponto cardinal donde desejam o vento. Quadras populares alusivas às telhas. Considerações sobre a prática de voltar as telhas.
- 2061 BOUZA-BREY, Fermin — *El lagarto en el folklore galego-portugues*. BAM, Braga, 1935-1949, pp. 380-396.
Espécie e nomes de lagartos na Galiza e norte de Portugal. Processos infantis para caçar lagartos — fórmulas mágicas recitadas em verso. Paralelismo da lenda sexual do lagarto entre Galiza e Portugal. Menção de várias crenças relativas ao lagarto. Medicina popular — importância do lagarto.
- 2062 BOUZA-BREY, Fermin — *La «mantis religiosa» en la tradición popular de Galicia*. MEMGB, Porto, 1948, pp. 175-184.
Fala do respeito e simpatia que se dedica a estes insectos, que em Portugal levam o nome «louva a Deus», e da sua divulgação no folclore europeu. Índice onomástico com fórmulas correspondentes.
- 2063 BRAGA, Alberto Vieira — *Usos e costumes, tradições e bruxarias nas obras de Camilo Castelo Branco*. RG, XXXV, Guimarães, 1925, pp. 13-28, 187-200 e 247-258; XXXVI, 1926, pp. 54-63, 120-124; XXXVIII, 1928, pp. 81-84; XL, 1930, pp. 26-32.
Transcrição de trechos de obras de Camilo, que retratam alguns costumes, tradições e bruxedos, práticas mágicas, adágios, etc.
- 2064 BRAGA, Alberto Vieira — *As bruxas do Pencêlo*. GV, II, Guimarães, 1926, pp. 107-110.
Referência a bruxas e à crença popular nas mesmas.

- 2065 BRAGA, Alberto Vieira — *As vozes dos sinos na interpretação popular e a indústria sineira em Guimarães*. RL, xxxiv, Lisboa, 1936, pp. 5-194.

Os sinos dentro da lenda. Sinos que afugentam trovoadas, e campainhas bentas ou de Santa Bárbara, com idênticas virtudes. Toque de badaladas para alívio de parturientes. Usos e superstições várias. Quadras, adivinhas e romances populares alusivos aos sinos. Subsídios para a história da indústria sineira em Guimarães: Inscrições dos sinos da cidade.

- 2066 BRAGA, Theófilo — *Superstições populares portuguesas*. OP, III, Porto, 1881, pp. 393-409.

Considera as superstições como um fenómeno capital da sobrevivência dos costumes, e acentua a dificuldade de sistematizar a variedade e complexidade dos elementos que elas enformam, defendendo o critério étnico no seu estudo. Segundo o Autor, a forma e o sentimento que elas apresentam correspondem a um estado rudimentar da inteligência do homem, e bebem a sua origem no terror do desconhecido, apontando ainda como causas físicas da superstição a fome, peste, terramotos, etc.

Fala dos Caldeus e egípcios como povos onde as superstições conheceram maior desenvolvimento, e da sua difusão através das idades e dos povos. E compara vários exemplos referidos a povos antigos, povos primitivos e povos civilizados, em que o mesmo fenómeno se observa, apenas por vezes com pequenas diferenças formais.

- 2067 BRANCO, Cecília Schmidt — *Nota sobre uma superstição relativa à mosca*. RL, II, Porto, 1890, pp. 78-79.

A mosca vareja, como anunciadora de visitas, identificada com a alma que sai do corpo em forma de animais diversos. Citação da lenda de Cuniberto, na história dos Longobardos.

- 2068 BRANDÃO, Abílio de Magalhães — *Folk-lore — Superstições*. RG, VIII, Porto, 1891, pp. 139-141; IX, 1892, pp. 226-227.

Relato de algumas crenças e superstições populares.

- 2069 BRANDÃO, Abílio de Magalhães — *Folk-lore*. NAI, 3 e 4, Vila Nova de Famalicão, 1893-1894, pp. 39, 61 e 80, e 115-116.

O voo rasteiro das andorinhas — presságio de chuva. Menção do costume de dar vergastadas com varas de marmeleiro nas laranjeiras, quando estas não dão frutos, na manhã do S. João, antes do sol-nado. Superstições várias relativas ao sapo.

- 2070 CÂMARA, Jaime — *Ensaio de Etnografia*. OI, 82, Coimbra, 1931, p. 269.

O Feiticeiro do Santo da Serra. Rezas e benzeduras. Dissertação literária sobre Santo António (Ilha da Madeira).

- 2071 CANCIO, Francisco — *Ribatejo — Casos e Tradições*. I, Lisboa, 1948, 525 pp., 246 figs.

O céu na tradição popular do Ribatejo — Tradições populares alusivas ao tema: quadras populares, adágios, presságios, orações para afugentar trovoadas, ensalmos para talhar o ar, etc.

As plantas na tradição popular do Ribatejo. Alusão às fogueiras dos santos de Junho; quadras populares referentes ao Santo António e à oliveira; adivinhas do alho e da cebola; etc.

Jogos infantis — Evocação de alguns jogos infantis; descrição pormenorizada do jogo do eixo.

Os animais nas tradições populares do Ribatejo — Superstições várias ligadas ligadas a animais; lista de nomes dados a toiros no Ribatejo.

Motivos das trovas populares do Ribatejo — Quadras alusivas ao amor, tópicas, irónicas, etc.

- 2072 CARNAXIDE, Visconde de — *As superstições e o crime*. 1916 (ed. da Academia das Ciências de Lisboa).

O trabalho «assenta num acórdão da Relação de Lisboa relativo a um crime praticado em Quelimane por um preto que obedeceu a ideias de superstição. O Sr. Visconde mostra que a legislação penal ultramarina, aplicada a indivíduos de baixa cultura, não deve ser a mesma que se aplica na metrópole, e faz a propósito muitas considerações de grande valor jurídico e psicológico, e um estudo da história das superstições, sobretudo da feitiçaria, segundo a nossa antiga legislação civil e religiosa e municipal». (J. Leite de Vasconcelos — E.P. vol. I).

- 2073 CARNEIRO, A. Lima — *As tinhas na tradição popular e na literatura portuguesa*. RG, XXXI, Guimarães,. 1924, pp. 129-138.

Crenças, superstições, adágios, etc. referidos à tinha.

- 2074 CARNEIRO, A. Lima — *Para evitar nados mortos*. DL, VIII, Porto, 1943, p. 52.

Práticas supersticiosas para evitar o nascimento de filhos mortos, em várias regiões do País.

- 2075 CARNEIRO, A. Lima — *A gravidez*. AMP, II, Porto, 1945, pp. 1-9.

Vários exemplos de práticas supersticiosas referentes à gravidez, e tendentes a evitar a esterilidade ou a provocá-la.

- 2076 CARNEIRO, A. Lima — *A amamentação materna*. AMP, II, Porto, 1945, pp. 57-69.

Descrição de práticas supersticiosas referentes ao período da amamentação.

- 2077 CARNEIRO, A. Lima — *As crianças: doenças e superstições*. APPC, IV Congresso, VIII, Porto, 1943, pp. 584-602.
- Vários exemplos da multiplicidade de aspectos e formas de práticas mágicas relacionadas com as crianças.
- 2078 CARNEIRO, A. Lima — *A tinha na tradição popular e na literatura portuguesa*. AMP, I, Porto, 1944, pp. 97-114.
- Definição do termo. Indicação das causas que, segundo a crença popular, provocam essa doença. Referências à tinha nos adágios, contos, poesia popular, e na literatura. Um ensalmo.
- 2079 CARNEIRO, A. Lima — *Algumas superstições comuns a Portugal e ao Brasil*. B, II, Coimbra, 1946, pp. 109-120.
- Confronto de algumas superstições brasileiras e portuguesas.
- 2080 CARNEIRO, A. Lima — *Notas etnográficas*. E, III, Lisboa, 1948, pp. 349-369.
- Superstições ligadas à gravidez, parto e amamentação.
- 2081 CARNEIRO, A. Lima — *A água na lenda e no folclore*. DL, Quarta Série, v-VII, Porto, 1951, pp. 31-36.
- «O Autor diz que as chamadas fontes santas raras vezes são fontes termais. Tanto em Portugal como em Espanha e em França, as fontes termais raramente têm um patrono santo. Pelo contrário, são numerosas as fontes vulgares denominadas «santas» ou «sagradas». Parece que nas fontes termais, como se lhe reconhece uma causa terapêutica natural, não há razão para lhes atribuir virtudes sobrenaturais. O Autor transcreve várias quadras populares alusivas à água». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 2082 CARVALHO, A. L. de — *Da minha terra — Almas do outro mundo*. Po, VII, Porto, 1934, pp. 31-35.
- Notas sobre crenças nas almas do outro mundo.
- 2083 CASTRO, D. Leite de — *Folk-lore Vimaranense*. Espozende (Collecção Silva Vieira), 1908, 30 pp.
- Lendas, crenças e histórias. Crenças e divinações do tempo. Adivinhas.
- 2084 CASTRO, Leite de — *Folk-lore*. RG, IV, Porto, 1887, pp. 39-47.
- Crenças na influência dos astros; adágios referentes aos astros e à atmosfera; as *arremedas* (previsões do tempo). Adivinhas.

2085 CERVANTES, Antonio Maria Souto — *Tradições populares de Peniche*. RL, II, Porto, 1890-92, pp. 308-316 (precedido de um comentário de J. L. de V.).

- 1) Os passos de D. Leonor — lenda, que J. L. de V. aproxima da de Hero e Leandro.
- 2) A filha de um pescador transformada em sereia — conto, com inúmeros elementos referentes à crença nas sereias.
- 3) Aparição de N.^a Sr.^a dos Remédios — duas versões.
- 4) As romarias à capela de N.^a Sr.^a dos Remédios — lendas e culto, costumes comuns a outros pontos do país; promontórios sagrados na antiguidade.
- 5) Episódio curioso sucedido a um «círio» — pendão da N.^a Sr.^a dos Remédios, que os franceses que ocuparam Peniche julgaram ser a bandeira inglesa.
- 6) Uma superstição dos marítimos — o «Corpo Santo», associação de socorro mútuo, fundada pelos seus santos; a vela de cera verde que se põe na mão do santo, na sua festa; o fogo de Sant'Elmo, a que chamam Corpo Santo — e é o corpo do santo a anunciar a bonança, etc.
- 7) Um ditado popular, peculiar à terra.
- 8) Benzedura do quebranto.

2086 CHAVES, Luís — *Notas etnográficas colhidas na obra de Martins Sarmento*. HMS, Guimarães, 1933, pp. 94-98.

Referências ao «Roteiros de Tesouros», com considerações sobre a crença nos tesouros de mouros.

2087 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, VI, Lisboa, 1939, pp. 495-502; XXXI, 1947, pp. 164-167; XXXIII, 1947, pp. 151-155; XLIX, pp. 36-40.

Referências a um trabalho de Câmara Cascudo sobre o «arremesso do dente» que, segundo o Autor, foi levado para o Brasil pelos beirões. Notas sobre entes sobrenaturais: «gigantes», «mouras», «tardos», «lobisomens»; sobre o costume e superstições de varrer certos lugares, capelas, praças, etc. Evocação da «dama do pé de cabra», «diabruras e coisas do diabo».

2088 CHAVES, Luís — *Costumes e tradições vigentes no século VI e na actualidade — S. Martinho de Dume: De correctione Rusticorum*. BA, VIII, Braga, 1957, pp. 243-277.

Notícias históricas acerca da vida de S. Martinho. Resenha sumária dos erros apontados por S. Martinho de Dume; sua correspondência com os que foram condenados pelas Constituições de Setecentos, de Braga e Porto. Comparação de algumas práticas costumeiras dos tempos actuais com aquelas que S. Martinho condenava.

- 2089 COELHO, F. Adolpho — *Ethnographia Portuguesa*. BSGL, 2.^a Série, Lisboa, 1880-1881, pp. 403-433 e 633-668.

Costumes e crenças populares. Transcrição de documentos — concílios, legislação civil, documentos inquisitoriais, etc. — que referem práticas de feitiçaria ou costumes de carácter supersticioso — ensalmos, sortes, resposos, etc.

- 2090 COELHO, F. Adolpho — *Materiais para o estudo das festas, crenças e costumes populares portugueses*. REG, IV, Lisboa, 1881, pp. 145-207.

Deus, Santos (promessas, oferendas, colacção). O Diabo. Sereias. Fadas. Olharapos. Papão. O Medo. Deus-te-livre (Papão). Trasgo. Trato. Fradinhos de Mão-Furada. Pesadelo. Gigantes. Anões. Mouras encantadas e tesouros encantados. Almas penadas. Fogos-Fátuos (bruxas). Lobisomens. Encantados. Benzedores, pessoas de virtude. Saludadores. Vedores de água. Amentadores. Entre-abertos. Imaginários. Bruxas. Feiticeiros e feiticeiras. Mágicos. Etc. Larga dissertação sobre estes personagens. Tentativa de interpretação.

- 2091 COELHO, F. Adolpho — *A oliveira de Guimarães*. AETPP, I, Porto, 1883, pp. 17-18.

Pequeno estudo acerca da oliveira que se achava no largo de N.^a S.^a da Oliveira, em Guimarães que, segundo a tradição, havia séculos viera de junto do Mosteiro de S. Torcato, para a lâmpada do qual dava o azeite. Crença popular nas suas virtudes: os soldados que iam para a guerra levavam dela um ramo, como amuleto. Sua relação com a oliveira do destino que havia na acrópole de Atenas.

- 2092 COELHO, F. Adolpho — *Etnologia — As superstições portuguesas*. RS, Porto, 1883, pp. 512-528 e 561-578.

Superstições várias. Complemento ao trabalho de Leite de Vasconcelos «Tradições populares de Portugal». Adota a classificação deste e dispõe os materiais segundo essa ordem.

- 2093 COELHO, F. Adolpho — *Notas e paralelos folklóricos*. I — *Tradições relativas a S. Cipriano*. RL, I, Porto, 1887, pp. 166-174, 246-259, 320-325 e 326-331.

Lenda minhota de S. Cipriano. Referências de Gil Vicente («Exortação à Guerra»). Sentenças da Inquisição. Oração a S. Cipriano (Guimarães). Extractos de processos inquisitoriais. Lendas setentrionais de S. Cipriano (inglesas, dinamarquesas, alemãs, etc.). Livros de S. Cipriano. «Le dragon rouge». As doze palavras retomadas (versão da oração de S. Cipriano). Cavalinhos Fuscos (versões). «Sete alfaiates para matar uma aranha» (versões). Atar as cardas (morrer). Expressão popular. Comparação das nossas versões com as de outros países, sua interpretação, etc. Romance de D. Gato (versões). Orações dos anjos da guarda.

- 2094 COELHO, F. Adolpho — *Tradições populares portuguesas — O quebranto*. RSNS, III, Porto, 1894, pp. 117-124 e 169-185.
- Estudo desta tradição. Causas que provocam o quebranto: elogio e mau olhar. Descrição de vários processos profiláticos contra este mal: figas e amuletos vários, ferraduras, passagem da criança por uma meada de linho, benzeduras, ensalmos, etc. Citações literárias alusivas: Cancioneiro da Vaticana, de Resende, Gil Vicente, D. Francisco Manuel de Melo, etc. Comparação com exemplos da antiguidade clássica, donde admite ter ela derivado, fundindo-se com a tradição celto-ibérica. Contudo, atentando na sua extraordinária expansão, admite também que ela tivesse não uma origem determinada mas independente em diversos povos e épocas.
- 2095 CORTEZ, Fernando A. de Russell — *Reminiscências de antigos cultos — A fonte das sete bicas*. DL, IV, Porto, 1941, p. 74.
- O culto das fontes, na romaria da Senhora da Hora (Matosinhos).
- 2096 COSTA, F. Carreiro da — *O lume nas tradições populares açoreanas*. CRCAA; 29-30, Ponta Delgada, 1959, pp. 173-177.
- Descrição de alguns usos, costumes e superstições ligadas ao lume.
- 2097 COSTA, Carreiro da — *Os animais nalgumas superstições populares micalenses*. CRCAA, 18, Ponta Delgada, 1953, pp. 119-124; 21, 1955, pp. 165-168; 22, pp. 165-170; e 23, 1956, pp. 159-163.
- Menção de algumas superstições relacionadas com certos animais.
- 2098 COSTA, Carreiro da — *Etnografia agrícola — A figueira nas tradições populares açorianas*. CRCAA, 24, Ponta Delgada, 1956, pp. 171-175.
- Menção de algumas tradições e superstições ligadas à figueira. Quadras populares alusivas.
- 2099 COSTA, Carreiro da — *Etnografia agrícola — Algumas plantas nas superstições populares açorianas*. CRCAA, 26, Ponta Delgada, 1957, pp. 171-174.
- Indicação de algumas plantas a que o povo atribui valor de carácter supersticioso.
- 2100 C., C. da — *Rebuscos e respigos*. CRCAA, 25, Ponta Delgada, 1957, pp. 161-163.
- Relato de algumas tradições ligadas à tosquia dos lanígeros nos Açores.
- 2101 COUTO, Alberto, VIANA, Tancredo Simões, e ARAÚJO, José Rosa — *Subsídios etnográficos*. AM, I, Viana do Castelo, 1935, pp. 27-30.
- Lendas e superstições referentes a bruxas e feiticeiras.

- 2102 COVAS, Pedro — *Os virtuosos*. T, I, Serpa, 1899, pp. 88-90 e 104-106.
Relato literário acerca dos homens e mulheres de virtude (Vidigueira).
- 2103 CRAWFURD, Oswald — *Folk-Lore of Northern Portugal*. *Fortnightly Review*, 1889, pp. 683-694.
Neste artigo o Autor ocupa-se «das Moiras encantadas, das fontes santas, de vários ritos pagãos e adágios, dos lobisomens e outras entidades sobrenaturais (Hirã, Pesadelo, Trasgo, Bruxas, etc.) e das tradições relacionadas com os animais e plantas. Todos ou quase todos os factos que Crawford insere neste artigo, — e não é ele muito pequeno — foram extraídos e traduzidos das minhas *Tradições Populares de Portugal*, Porto, 1882, sem ao menos uma só vez se citar a proveniência». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol.II).
- 2104 CRUZ, João Amorim Machado — *Os baptizados da meia-noite, em Ponte da Barca*. DL, VIII, Porto, 1943, p. 53.
Baptizados da meia-noite, nas pontes que dividem concelhos, para as crianças serem fortes, em Ponte da Barca.
- 2105 C., A. P. — *Invectiva critica contra as Bruchas, Siganas e Benzedeadas*. Lisboa, 1763, 8 pp. (lit. cordel).
«Aí se define o quebranto, e a maneira de o benzer, trata-se das bruxas, e da *buena dicha* das ciganas, — tudo porém para o autor combater essas superstições, pois só às palavras santas da Igreja (orações e exorcismos) e à cruz atribue virtude». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. IV).
- 2106 DACIANO, Bertino — *Usanças de outrora e seus vestígios nos nossos dias*. Po, XV, Porto, 1942, pp. 196-199.
A antiguidade de certas práticas de natureza mágica segundo as Constituições sinodais do Bispado do Porto e de Braga.
- 2107 DACIANO, Bertino — *Legislação exprobatória e proibitiva de certas práticas resultantes de crenças populares*. PVIM, Porto, 1945, pp. 199-202.
«O Autor transcreve alguns trechos de legislação exprobatória relativa a feitiços e outras práticas supersticiosas, extraídas dos Títulos III, IV e V das Ordenações, / e leys do reyno de Portugal. / Confirmadas, e estabelecidas / pelo Senhor Rey D. João IV, / E agora impressas por mandado / do Muyto Alto, Poderoso / Rey D. Pedro II». *Persistência em nossos dias*. (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 2108 DAMASO, Reis — *Entidades myticas*. AETPP, I, Porto, 1883, pp. 61-62.
O pretinho do barrete encarnado — entidade graciosa que faz pirraça às crianças.

O homem do chapéu de ferro — (que anda acompanhado dum porco preto, dum veado e dum galo preto).

Aparição de «Medos» ao meio-dia, meia-noite, ou ainda depois do toque das Ave-Marias.

- 2109 DIAS, Crucho — *Algumas notas etnográficas de Penedono*. Po, VIII, Porto, 1935, pp. 76-80.

Modos de afugentar trovoadas — toque da sineta da capela de Santa Bárbara; queima de ramos bentos; colocação de ramos de trovisco nas portas e janelas; orações e responsos.

- 2110 DIAS, Crucho — *Nótulas etnográficas — Pontes machas e o mais que se verá*. Po, XVI, Porto, 1943, pp. 86-89.

Superstições ligadas ao parto. Referências a algumas pontes do Minho a que o povo atribui a virtude de fazer nascer com vida os filhos de mães que costumam dar à luz nados-mortos. A criança é baptizada com água do rio que corre sob esta, e são padrinhos da criança as primeiras pessoas que passarem pela ponte.

- 2111 DIAS, Lopes — *Distrito Etnográfico — Um apelo aos nossos leitores*. AR, I, 40, Castelo Branco, 1925.

Faz um apelo a todos os leitores para que aqueles que tenham conhecimento de tradições, lendas, etc. praticadas nas suas terras, as comuniquem.

- 2112 DIAS, Lopes — *Distrito Etnográfico — Deitar os moios ou o ano bom*. AR, I, 42, Castelo Branco, 1925.

Relato de uma antiga usança dos lavradores da Idanha que na noite de 31 de Dezembro, limpavam a *padieira* do forno, e, ao bater da meia-noite polvilhavam-na com farinha, simultâneamente com as badaladas, dizendo: «Deus nos dê um, dois, três (etc.) moios, o dobro e mais outro tanto».

- 2113 DIAS, Lopes — *Distrito Etnográfico — Crenças, superstições e preconceitos*. AR, II, 63, Castelo Branco, 1926.

Menção de várias crenças e superstições.

- 2114 DIAS, Lopes — *Distrito Etnográfico — Vária*. AR, III, 115, Castelo Branco, 1928.

Menção de alguns costumes supersticiosos relacionados com o noivado, parto, etc.

- 2115 DIAS, Jaime Lopes — *Distrito Etnográfico — Os mantos da Senhora da Esperança*. AR, III, 136, Castelo Branco, 1928.

Nota sobre a crença popular na eficácia do manto da Senhora para curar vários males. Relato de crenças e superstições várias.

- 2116 DIAS, Jaime Lopes — *Distrito Etnográfico*. AR, IV, 145, Castelo Branco, 1928.
Crenças, superstições várias, ensalmos.
- 2117 DIAS, Jorge — *Esconjurar trovoadas*. BCPMHAO, XX, 1-4, Orense, 1959-60, pp. 307-309.
Exemplos de práticas mágicas para esconjurar as trovoadas, na Península, especialmente no Noroeste. Similitude de processos que denotam uma identidade cultural.
- 2118 DIAS, Maria da Conceição Portugal — *Tradições populares do Baixo Alentejo*. RL, XX, Lisboa, 1917, pp. 129-136.
Conto do Pastorinho. Romance. Origem popular do provérbio: Preso por ter cão, etc. Procissão das almas. Oferecimentos à lua (contra bruxedos). Pesar a terra (contra bruxedos de crianças). Virtude da envide. Prática para curar a quebradura e a diarreia verde. Esconjuro (imprecação).
- 2119 DIAS, Maria da C. Portugal — *Um «caso» sucedido*. RL, XXVIII, Lisboa, 1930, pp. 292-294.
Descrição, com a linguagem própria, de uma prática de «desembruxamento».
- 2120 FARIA, Alfredo — *Folk-Lore Português — Bruxas*. AORP, XIV, (2.^a Série), Porto, 1918, pp. 136-147; XV, 1919, pp. 56-61 e 113-126.
Tentativa de diferenciação entre bruxas e feiticeiras. Histórias de bruxas; crenças e superstições populares ligadas a estas.
- 2121 FARIA, Alfredo — *Folk-Lore português — Amores*. AORP, XVI (2.^a Série), Porto, 1919, pp. 51-59 e 115-131.
Prognósticos amorosos agrupados nos seguintes capítulos:
1) Casarei ou ficarei solteira?
2) Com quem e quando casarei?
3) Que fazer para arranjar noivo?
4) Namoro aldeão e namoro cidadão.
5) Qual dos dois apaixonados terá mais anos?
6) Como se experimenta a intensidade do amor, e como manter a fidelidade do namorado?
7) Ruptura e reatamento de relações. Arrufos e reconciliações.
8) Como afastar ou destruir os rivais.
9) Far-se-á o casamento?
10) Vária.
- 2122 FAZENDA JÚNIOR — *Crenças e superstições*. T, II, Serpa, 1900, p. 172.
«Almas do outro mundo» — Algumas crenças com elas relacionadas.

- 2123 FELGUEIRAS, Guilherme — *Etnografia Agro-pecuária*. NA, VI, 283, Lisboa, 1938.
Fórmulas para afugentar as aves daninhas.
- 2124 FELGUEIRAS, Guilherme — *Etnografia agro-pecuária*. NA, VII, 316, Lisboa, 1939.
As aves e as superstições dos camponeses.
- 2125 FELGUEIRAS, Guilherme — *Temas etnográficos e folclóricos*. EBJP, 38-40, Lisboa, 1955, pp. 173-203.
Influências geográficas na estrutura do traje. Necessidade da criação dum museu do traje. O batráquio no conceito popular e na superstição: práticas mágicas relacionadas com os batráquios; adágios, adivinhas e contos populares alusivos.
- 2126 FERREIRA, Ignacio da Conceição — *Alguns prejuízos do Alentejo*. RM, I, Barcelos, 1886, pp. 37-38.
Descrição de algumas superstições.
- 2127 FERREIRA, J. Bettencourt — *Algumas palavras sobre a peçonha de cobra e as suas aplicações*. Na, III, Lisboa, 1939, pp. 55-64.
Marginalmente alude a superstições referentes às cobras.
- 2128 FILOMÁTICO — *Crenças e superstições — Bichos uterinos*. T, I Serpa, 1899, p. 23.
Crenças: com a criança, geram-se bichos, que saem na ocasião do parto e que convém destruir bebendo muita aguardente durante a gravidez.
- 2129 FILOMÁTICO — *Crenças e superstições*. T, I Serpa, 1899, pp. 59-60, 75-76 e 111.
Distinção entre bruxas e feiticeiras (estas últimas têm a faculdade de se transformar em animais). Prática mágica contra as crianças embruxadas (Brinches) parecida, com a cura da criança rendida: um Manuel e uma Maria passam-na sob uma tripeça.
- 2130 FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e — *Costumes e tradições do século VI e da Actualidade*. BA, VIII, Braga, 1957, pp. 295-313.
Salienta o alto interesse dos opúsculos «De Castigatione Rusticorum» e *Capitula Martini* de S. Martinho de Dume, para o estudo dos usos, costumes, crenças e superstições dos povos do século VI.
Refere-se à postura da Câmara Municipal de Lisboa de 1385, às Constituições de Braga, 1697, de Évora, de 1534, e do Porto, de 1585, em que

são condenadas as artes de natureza mágica, condenadas anteriormente igualmente por S. Martinho de Dume.

Comparação de algumas práticas supersticiosas actuais com aquelas a que os documentos citados se referem.

- 2131 GONÇALVES, Flávio — *Da Força da Póvoa de Varzim, da Rua dos Fiéis de Deus, e do mais que adiante se verá...* DL, Quarta Série, I-II, Porto, 1950, pp. 99-106.

Considerações acerca desse instrumento penal, e dos montes de pedras chamados «fiéis de Deus». Refere-se também a baptizados que têm lugar à meia-noite, a meio duma ponte, com o fim de evitar nados-mortos.

- 2132 HERCULANO, Alexandre — *Crenças populares portuguesas*. Pan, IV, 1840, p. 138 sqq e 162 sqq.

«Herculano reconhece quanto vale o estudo das crenças e superstições populares para o conhecimento da história do viver das nações; e por isso propõe em seu ânimo reunir nestes artigos notícias sobre algumas, quer antigas, quer modernas, estas colhidas da tradição oral, aquelas na literatura propriamente dita, e nas leis eclesiásticas (constituições episcopais) e civis, sobre cuja importância especial faz considerações muito sensatas.

As tradições reunidas, embora não sejam em grande número, são curiosas; Herculano às vezes compara mesmo as antigas com as modernas, e as nossas com as estranhas.

Depois de curta introdução sobre a origem psicológica das superstições, trata dos seguintes assuntos portugueses:

1) Superstições enumeradas nas Posturas da Câmara de Lisboa de 1385; 2) Desafios e *Juízos de Deus*; 3) Leis contra feitiçaria; 4) Representações dentro da igreja; 5) Feiticeiras, bruxas e lobisomens». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).

- 2133 JUNQUEIRO, Arronches — *Questionário sobre as crenças relativas aos animais*. T, II, Serpa, 1900, p. 175.

Respostas — Animais que dão felicidade ou pressagiam desgraça; insectos, a cor escura; animais na medicina popular; galo de bico aberto e peixe, como cata-vento de moinhos; jogo de cabra-cega. Diferença entre bruxas e feiticeiras.

- 2134 JUNQUEIRO, Arronches — *Setubal, crenças, superstições e usos tradicionais*. T, IV, Serpa, 1902, pp. 123-124; v, 1903, pp. 11-13 e 29-31.

Astronomia e meteorologia rústica e pastoril. Influência da lua e das estrelas. Terminologia popular referente aos meteoros em geral. Previsões do tempo por meio de certas manifestações dos animais; máximas populares relativas à chuva. Considerações acerca da influência terrífica das trovoadas nos povos; casos de intolerância de camponeses para com quem não manifesta respeito

pelas trovoadas. Precauções contra as trovoadas: ramos bentos, rezas, etc. A trovoadas considerada como agente benéfico (fazem brotar as fontes) e maléfico (gestação dos animais).

- 2135 LEÃO, Armando — *Folclore entomológico: A «Louva-a-Deus»*. TAE, VII, 4, Porto, 1935, pp. 247-257.

Referência ao culto do povo por estes ortópteros. Vários exemplos de práticas supersticiosas a eles ligadas.

- 2136 LEÃO, Armando — *A cabeça santa de Ancêde*. AMP, II, Porto, 1945, pp. 11-16.

Descrição dum relicário (restos dum crânio, atribuído a Frei Geral — ou Mamede — encerrado dentro duma caixa de prata tida na tradição popular como eficaz contra a raiva.

- 2137 LIEBRECHET, Felix — *Zur Volkskunde*. Heilbronn, 1879.

«Pág. 373, *Portugiesisches*, 10 §§, que contém notícias de superstições e costumes portugueses, algumas vezes acompanhadas de notas comparativas. Para este estudo serviu-se das notas juntas à tradução dos Fastos de Ovídio por Castilho, e do poema *D. Branca* de Garrett.

Pág. 322, *Real, Real*, artigo acerca deste brado nosso que se usa na aclamação dos reis. O A. toma para tema um passo dos *Lusíadas* (III, 46), e mostra que o brado de *real real* não é próprio de Portugal, e pelo contrário se encontra noutros países.

Pág. 409, uma nota sobre o costume português de se dizer no Entrudo *rabo leva, rabo leva*. (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I),

- 2138 LIMA, Augusto César Pires de — *Redemoinhos (Notas)*. DL, IX, Porto, 1944, pp. 47-49.

Três menções de redemoinhos, como manifestações do demónio: na Póvoa de Varzim (Santos Graça), no *Divertimento Erudito*, de Fr. João Pacheco, e no «Folk-Lore» de P. Sébillot.

- 2139 LIMA, Augusto César Pires de — *A raiva na tradição oral e escrita*. AMP, II, Porto, 1945, pp. 39-55.

Relato de crenças e superstições populares acerca da raiva.

- 2140 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *São Martinho de Braga e as Mulheres Demónios*. BA, IX-X, Braga, 1958-59, pp. 106-114; e BCPMHAO, XX, 1-4, Orense, 1959-60, pp. 409-418.

O Autor refere-se ao opúsculo «Instrução dos rústicos» e fala nos demónios femininos: Lamias, Ninfas e Dianas, que o Santo criticou e que continuam a viver na imaginação das gentes sob o nome de sereias e mouras encantadas.

- 2141 LIMA, J. A. Pires de — *Tradições portuguesas de origem possivelmente muçulmana*. RG, XXXII, Guimarães, 1922, pp. 27-33.
- Comparação de algumas lendas e tradições portuguesas com passagens semelhantes do livro Santo dos Milagres: auxílio celeste em batalhas; oração antes do combate; lenda do Monge e Passarinho; da Dama do Pé de Cabra; têmporas de Santa Luzia (prognóstico do tempo futuro, feito em Dezembro).
- 2142 LIMA, J. A. Pires de — *A teratologia nas tradições populares*. APPC, I Congresso, Coimbra, 1922-1926 — Secção de Ciências Naturais Sociais, Filosóficas e Aplicadas, pp. 96-114.
- Exemplos de crenças populares, rezas e ensalmos, práticas mágicas, etc., referidas a doenças e anomalias físicas, nos usos e na história.
- 2143 LIMA, J. A. Pires de — *O sardão nas tradições populares*. TAE, IV, 3, Porto, 1930, pp. 285-289, 2 figs.
- Alude à afectação do sardão ao homem e da cobra à mulher. Relato de algumas histórias como exemplos desse facto. Virtudes de adivinhação do lagarto de dois rabos. Algumas aplicações do sardão no receituário de medicina popular.
- 2144 LIMA, J. A. Pires de — *Cousa ruim*. DL, Terceira Série, III, Porto, 1948, pp. 52-54.
- Algumas superstições referidas à gente do Baixo Minho.
- 2145 LIMA, J. A. Pires de — *Mordeduras de cão danado*. AMP, II Porto, 1945, pp. 17-21.
- Comentários acerca de práticas supersticiosas respeitantes à profilaxia da raiva.
- 2146 LIMA, J. A. Pires de — *O Cisma da Granja do Tedo*. AMP, II, Porto,] 945, pp. 23-28.
- Alude a um livro que estuda uma seita de mulheres e homens, todos usando trajes masculinos, que «celebravam uma espécie de missa herética, à qual assistiam em completa nudez». Desse livro constam uma colecção de ensalmos, a que o Autor faz alguns comentários, e analisa 4 dessas receitas.
- 2147 LIMA, Joaquim Pires de, LIMA, e Fernando de Castro Pires de — *Tradições populares de Entre-Douro-e-Minho*. Barcelos, 1938, 232 pp.
- Deste livro constam 17 trabalhos, 5 do primeiro autor, e os restantes do segundo, com a colaboração de A. Lima Carneiro (Cap. XV), que foram publicados anteriormente em várias revistas.
- I) A ectrodactilia na lenda — Exemplos colhidos da literatura.
- II) A teratologia nas tradições populares — Estudo das superstições ligadas à teratologia. Exemplos e comparações com casos similares de outros países.

III) O Dente-Santo de Aboim da Nóbrega e a lenda de S. Frutuoso (Abade) — Estudo da biografia de S. Frutuoso, da sua «Santa Cabeça» e da relíquia do «Dente» que lhe é atribuído; sua acção profilática contra a raiva. Saludadores e benzedores. Milagres operados por intercessão deste Santo. Inúmeros exemplos, recolhidos na tradição popular e na literatura.

IV) Tradições portuguesas de origem possivelmente muçulmana — Comparação de lendas e tradições portuguesas com passagens do Alcorão: auxílio celeste em batalhas, oração antes do combate, as têmeoras de Santa Luzia, etc.

V) O sardão nas tradições populares — Crença popular na afectação dos sardões aos homens e das cobras às mulheres. Aplicações terapêuticas do sardão. Sardões de massa coberta com açúcar — oferenda dos rapazes às raparigas (relação com culto fálico).

VI-VII) O Porto e Lisboa no Cancioneiro de S. Simão de Novais.

VIII) Alguns aspectos da vida portuguesa, no mesmo Cancioneiro.

IX-X) Três dias em Paços de Brandão — Referências a esfolhadas e ao milho-rei, e aos «serandeiros» embuçados. Quadras próprias.

XI) Afinidades luso-brasileiras no folclore minhoto.

XII) O estudante no cancioneiro popular — Quadras alusivas, com comentários.

XIII-XIV) Folclore de S. Simão de Novais — Orações e quadras religiosas.

XV) Medicina popular minhota — Larga exemplificação.

XVI-XVII) Afinidades galaico-minhotas do Cancioneiro popular — Comparação de quadras dos dois países.

- 2148 LOPO, Albino Pereira — *Uma excursão archeológica a Roios — Erva sagrada ou feitiçaria*. AP, XVI, Lisboa, 1911, p. 51.

Nota sobre uma erva rasteira chamada «tó», que em certa época do ano as mulheres vão colher, em ranchos, para guardarem e transformarem em relicários que penduram do pescoço das crianças, e à qual atribuem o condão de preservar estas de malefícios e mau olhado.

- 2149 LOUREIRO, A. — *O Diabo Solto*. RM, XIII, Esposende, 1898, p. 48.

Crença no «diabo solto», em 24 de Agosto, dia de S. Bartolomeu, referida à freguesia de S. Bartolomeu da Charneca, dos subúrbios de Lisboa. Práticas desse dia nessa localidade.

- 2150 LIMA, Patricio, e FROILAZ, Pantaleão — *Mulheres de virtude*. OT, III, 90, Porto, 1910, pp. 277-278, 293-294 e 317-318.

Rezas e benzeduras.

- 2151 MACHADO, Casimiro de Moraes — *Subsídios para a história do Mogadouro (Lobisomens e feiticeiras — Superstições e credences)*. DL, Sétima Série, IX, Porto, 1956, pp. 945-960.

Histórias de lobisomens e feiticeiras, de superstições e credences.

- 2152 MARTHA, M. Cardoso — *Cartas etnográficas*. L, II, Viana do Castelo, 1918-19, pp. 109-112.
Transcrição de uma carta «milagrosa escrita por Jesus Cristo».
- 2153 MARTHA, M. Cardoso — *À trouxe-mouxe (Notas etnográficas e folclóricas)*. L, IV, Viana do Castelo; 1921-22, pp. 28-29.
Notas de medicina popular; algumas crenças e superstições várias.
- 2154 MARTINHO, Bispo — *Da instrução dos rústicos*. BA, II, Braga, 1950, pp. 222-239.
Pregações feitas aos rústicos por S. Martinho de Dume para os converter ao catolicismo e levá-los a abandonarem os seus cultos pagãos e práticas supersticiosas, algumas das quais ainda são observadas em nossos dias.
- 2155 MATTOS, Armando de — *A tradição popular do trevo*. TAE, V, Porto, 1931, pp. 227-240.
Simbologia e qualidades mágicas do trevo. Exemplos vários. Quadras populares alusivas.
- 2156 MELO, Laudelino de Miranda — *Crendices e maus olhados — Bruxas e lobisomens — Superstições e mezinhas... que andam nas vidas das gentes simples da região de Vouga, como já andaram nas dos seus avós*. ADA, XVII, Aveiro, 1951, pp. 86-96.
Ensalmos e práticas mágicas em vista à saúde, contra bruxedos, e para não secar o leite às mães quando estão amamentando os filhos.
- 2157 MIRANDA, Abílio — *Não acredita em bruxas?* DL, Segunda Série, V, Porto, 1946, p. 77.
Crença nas bruxas. Relato dum homem do concelho de Famalicão.
- 2158 MOREIRA, P.^e António Carlos — *Tradições populares de Paredes*. DL, Segunda-Série, I, Porto, 1944, pp. 57-59.
Pequenas notas sobre superstições várias, ditados, adivinhas, orações, e rimas infantis.
- 2159 MOREIRA, Julio — *Notas de Ethnologia*. RL, I, Porto, 1887, p. 182.
Meninos bentos — crença nessas pessoas de virtude, que falam no ventre da mãe e têm poder de adivinhar, na tradição do Minho e Trás-os-Montes. Ir às vozes (costume do Porto): para se saber o futuro de um caso qualquer, vai-se à noite, sem falar, à capela da Senhora das Verdades, com a ideia na mente, e ouvem-se as palavras de quem passa, que se interpretam.

- 2160 MOURA, Vale de — *De incantationibus seu ensalmis*. Lisboa, 1620.
- «Escrita com intuíto morais e eclesiásticos, embora contenha muitos elementos para a história das superstições portuguesas dos fins do século XVI e primeiro quartel do século XVII, — como fórmulas mágicas, casos sucedidos sobrenaturalmente (por ex. um em Évora, p. 40), crenças e costumeiras do S. João, exorcistas, amuletos (ou mais propriamente *nominas*, por ex. que Santo António deu a uma mulher de Santarém, p. 364), a superstição com o boi de S. Marcos, etc.». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).
- 2161 M., M. de — *A opala*. Espozende (Collecção Silva Vieira), 1890, 8 pp.
- Pequeno folheto acerca das crenças relacionadas com a opala. Meses do ano e respectivas pedrarias.
- 2162 NOGUEIRA, Vidal Caldas — *Costumes e lendas do Alto Minho*. VRTDC, 61, 1945, pp. 13-14.
- Relato de algumas lendas e costumes minhotos. Oferta de telhas roubadas, a Santo Ovídio (Friestas); valor profiláctico duma correia de couro, pertencente a um frade do convento de S. Fins, em casos de obstetria; prática das raparigas se rebolarem no linho, na manhã de S. João.
- 2163 NUNES, J. J. — *Aves de agouro*. L, II, Viana do Castelo, 1918-19, pp. 58-59.
- Considerações sobre algumas aves tidas como agourentas.
- 2164 NUNES, J. J. — *Uma velha crença*. Po, II, Porto, 1929, pp. 385-388.
- Estudo de uma «cantiga de amigo» dos Cancioneiros da Vaticana e Colocci-Brancuti, que mencionam o poder de divinação que comunica a carne de abutre. Perduração desta crença com a carne do mocho, que faz adivinhar o futuro; ornitomania. Considerações sobre o «augurium», tirado do voo das aves, e sobre a aquisição das qualidades pela absorção da carne.
- 2165 N., L. Q., e GONÇALVES, Gabriel — *Subsídios etnográficos*. AAM, I, pp. 30-32.
- Crenças, superstições e benzeduras (Vilar de Murteda).
- 2166 OLIVEIRA, Athayde de — *Crenças e superstições*. T, III, Serpa, 1901, p. 178.
- Orações de Santa Helena e S. Zacarias (Loulé). A primeira é pronunciada apenas por mulheres, à noite com o cabelo desatado, deitadas de costas, pernas cruzadas — pede-se para saber no sonho o que se pretende, e logo em seguida deitam-se sobre o lado direito, cruzando as pernas.

- 2167 OLIVEIRA, Manuel Ramos de — *Superstições — Feiticeiras, lobishomens, espíritos, medicina caseira. As plantas no cancioneiro*. BAAP, XIX, Viseu, 1960, pp. 66-83.

Relato de algumas superstições e práticas de medicina popular. 38 quadras alusivas a plantas.

- 2168 PAÇO, Afonso do — *Aspectos da vida da criança em Outeiro (Viana do Castelo)*. FL, VII, Lisboa, 1936, pp. 218-228.

Crenças, costumes, práticas relativas à gestação e ao nascimento.

- 2169 PAN, Ismael del — *Aspectos etnológico-geográficos de Portugal (Folklore Hispano-Português)*. AMSEAEP, XVIII, 1-4, Madrid, 1943, 216pp.

Da análise dos aspectos geográficos e etnológicos conclui que o povo português apresenta uma adaptação e coordenação perfeita em relação aos factores geográficos e económicos do país. Segundo o Autor, o grande desenvolvimento do território orientou os destinos do povo para o Oceano, cuja absorção na ordem económica, política e social, tende a torná-lo independente do resto da Península. Contudo diz existirem conexões acentuadas, geográficas e etnológicas, entre as terras do interior de Portugal e do resto da Península, atestadas pela concomitância de manifestações de geografia humana e do folclore, entre os povos espanhóis (Serra da Gata e Penha de França) e portugueses (Serra da Gardunha e da Estrela). Aponta a semelhança de traje e costumes entre os pastores desta última serra, com os pastores das serras do centro da Espanha; semelhanças entre a Estremadura e Castela; Minho e Galiza. Fala de sobrevivências animistas na Península: metamorfoses de pedras em seres vivos; pedras que se deslocam; penhas oráclicas, e pedras curativas de doenças, etc. Refere-se a mitos hispano-lusitanos sobre a água dos rios; à magia vegetal preservadora; à influência dos judeus e mouros na aplicação de vegetais na terapêutica popular; à magia animal e sobretudo à magia benéfica do corno; orações e ensalmos usados como meio preservador e curativo; etc.

- 2170 PASSOS, Carlos de — *A granel*. L, IV, Viana do Castelo, 1921-22, pp. 112-115.

Alguns vocábulos e expressões populares. Indicação de algumas superstições.

- 2171 PAUL, Maria dos Anjos Montenegro Mesquita — *Folklore*. RG, XV, Porto, 1898, pp. 113-121.

Crenças e superstições várias; rezas e benzeduras.

- 2172 PEDROSO, Consiglieri — *Contribuições para uma mythologia popular portuguesa*. OP, II, Porto, 1880, pp. 221-231, 269-285, 325-347; III, 1881, pp. 1-21, 140-163 e 184-206, 241-256, 314-330 e 371-385; e IV, 1882, pp. 39-54, 102-120, 214-228, 280-294, 380-412 e 413-430.

As superstições populares na legislação religiosa. As bruxas na tradição do nosso povo. Superstições e crenças populares relativas à noite e ao dia de S. João. Superstições populares diversas. As superstições populares num processo da Inquisição (com indicação de várias rezas e práticas de magia). O homem das sete dentaduras. O Diabo. Almas do outro mundo. O secular das nuvens (entidade mítica que produz as tempestades). Lobisomens. As mouras encantadas — divindades das águas, guardadoras de tesouros, construtoras de monumentos e génios maléficos. Pascalização de lendas. Ensalmos; etc. Tentativa de interpretação.

- 2173 PEIXOTO, Rocha — *Os Cêrcos*. P, 1, Porto, 1903, pp. 623-624.

Cita Adolfo Coelho, que se refere a algumas cerimónias que visam desviar dos campos os espíritos maus, e menciona o uso de cercos em várias aldeias do Minho que têm lugar depois da Páscoa.

Breve análise e interpretação de alguns dos seus aspectos: disparo de tiros, vestígio duma forma de defesa do ser daninho; frangos ofertados, «eco dos animais sacrificados nos Ambarvalia».

Inclusão dos cercos entre as várias formas propiciatórias ou esconjuratórias, visando o renovo e fecundidade da terra.

- 2174 PEREIRA, Bernardo — *Anacephaleosis medico-theologica, Magia, juridica, moral e politica*. Coimbra, 1734.

«Começa por discutir se há feitiços e feiticeiros, no que realmente crê, e estabelece quais os sinais ou sintomas do feitiço, e o diagnóstico diferencial de achaques naturais e sobrenaturais. Passa seguidamente a tratar da cura dos achaques de feitiços. Prescreve para ela três classes de remédios: naturais, divinos, e supersticiosos ou mágicos. Segue na sua exposição a ordem inversa.

1) Se se devem aplicar remédios mágicos, reservados aos feitiços, p. 49; se se devem usar palavras com carácter mágico, nómias e ensalmos, p. 85. Transcreve a este respeito pareceres de ponderados teólogos. Em suma, entende que os feiticeiros podem destruir os feitiços que fazem, mas reprova que se consultem, por ser pecado.

2) Os remédios divinos consistem em proferir certas palavras, orações, e nomes (de Jesus, Maria, etc.), em trazer medalhas religiosas, o Agnus-Dei, o rosário, a cruz, relíquias; em usar de água benta; em recorrer a exorcismos. Nos remédios divinos está o principal arsenal terapêutico do Autor.

3) Os remédios naturais... uns são «universais», por exemplo vomitórios, purgantes, às vezes sangrias e sanguessugas, revulsivos... outros são «específicos que tem particular virtude oculta», conforme as partes ofendidas: azeviche, coral, pedras preciosas, hervas.

A propósito do seu assunto, ministra grande cópia de notícias respeitantes a vários ramos de Etnografia: Mouras encantadas, Bruxos e Bruxas, védores,

vara de condão; refere-se ao quebranto; especifica muitos amuletos. E também fala de medicastros: mèzinheiros, mèzinheiras, saludadores, barbeiros, circunfuraneos. Mas a p. 209, lembra que os rústicos se valem às vezes «de remédios que os antigos descreverão», os quais os médicos não usam, por desprezo». (J. Leite de Vasconcelos — E.P. vol. I).

- 2175 PEREIRA, F. Alves — *A ponte romana de Vila Formosa (Alter do Chão)*. AP, XVII, Lisboa, 1912, p. 214.

Referência a uma cigana que para afugentar uma trovoada, entoava um canto, espécie de Bendito.

- 2176 PEREIRA, J. J. Gonçalves — *Crenças e superstições*. T, III, Serpa, 1901. pp. 76-77.

Meninos «Custódios». O 7.º filho é lobisomem, a não ser chamando-se Custódio. A filha de mulher e compadre é bruxa, a não ser chamando-se Eva, Parto difícil: o marido vai tocar o sino, puxando a corda com os dentes, Menino bravo: rebola-se no altar de N.ª Senhora da Conceição. Etc.

- 2177 PIÇARRA, Ladislau — *Therapeutica mystica*, T, I, Serpa, 1899. pp. 43-44, 107, 141-143, 155, 174-175 e 181-182.

Rezas e benzeduras. Ensalmos e práticas mágicas.

- 2178 PIÇARRA, Ladislau — *Apparições*. T, II, Serpa, 1900, pp. 9-12; III, 1901, pp. 10-12 e 107-110; IV, 1902, pp. 104-106; VI, 1904, p. 45,

Relato de casos de «aparições» e explicações (nevropatia).

- 2179 PIÇARRA, Ladislau — *Questionário sobre as crenças relativas aos animais*. T, II, Serpa, 1900, pp. 158-159.

Exemplos: matar um borrego, na Páscoa; comer uma ave (galinha, peru, etc.) na Ascensão, para livrar de desgraças, dores de cabeça; etc.

- 2180 PIÇARRA, Ladislau — *Miscelânea tradicionalista*. T, VI, Serpa, 1904. p. 27.

Relato de algumas práticas supersticiosas (para que os filhos se tornem mansos, contra o raio, etc.).

- 2181 PIÇARRA, António Ambrósio de — *S. Martinho de Dume e a sobrevivência da mitologia suévica*. BA, IX-X, 1958-1959, pp. 58-66.

Mitologia e superstições suévicas. A religião dos Suevos segundo a crítica das superstições por S. Martinho de Dume.

- 2182 PINHEIRO, Luís — *Alguns aspectos etnográficos da Ribeira do Neiva*. ACEELV, II, pp. 157-165, Porto, 1959.
Superstições várias, esconjuros, e algumas formas de medicina popular.
- 2183 PINHO, José de — *A propósito de uma velha usança*. Pa, I, Gaia, 1931, pp. 54-56.
O costume de se atirarem os dentes de leite, das crianças, para um sítio determinado, em vários países. Interpretações diversas: o valor mágico do arremesso, sobrevivência do culto fálico: o Forno e o Telhado, seu significado fálico. O arremesso de amêndoas às noivas: rito de fecundidade, culto fálico.
- 2184 PIRES, A. Thomaz — *Superstições populares do séc. XVIII*. RL, III, Porto, 1894-95, pp. 369-370.
Superstições extraídas dos *Idyllios*, de António Diniz da Cruz e Silva (ed. 1811); amuleto de chifre; agouro da gralha; o nardo agreste; o loureiro.
- 2185 PIRES, A. Thomaz — *Tradições alentejanas*. RM, X, Esposende, 1895, pp. 15-16.
Tradições, rimas populares e rifões.
- 2186 PIRES, A. Thomaz — *Tradições portuguesas*. RL, VII, Lisboa, 1902, pp. 265-267.
1) a Folia — transcrição de um documento de Elvas, de 1595, que menciona uma folia.
2) Superstições — 2 sonetos de Albano Ulisiponense (1793), com alusões a um conjuro, uma magia, e um madrigal de Belmiro Transtagano, acerca de um agouro.
3) Não se há-de ir por «mal cozinhado» — Sugestão acerca da origem desta expressão (derivada de «Malcozinhado», do nome das antigas tabernas da Ribeira).
- 2187 PIRES, A. Thomaz — *Miscelânea folclórica*. RM, XIX, Esposende, 1911, pp. 149-155.
Cantiga popularizada. Uso das nozes na celebração das bodas. Superstições várias. Etc.
- 2188 PIRES, A. Thomaz — *Investigações etnográficas*. RL, XX, Lisboa, 1917, pp. 257-293.
Extractos de obras dos séculos XVI a XIX referidos a: bruxedos; amuletos; procissão das candéias; romances; campanhas dos trovões; ofertas de pontas de boi a S. Cornélio; superstições; cautelas preventivas e adivinhações supersticiosas; pedras de raio e pedra leital; jogos; teiga (cesto feito de palha de centeio e casca de silva); comparações populares; provérbios e anexins.

- 2189 PINA, Luís de — *Bruxas e medicina*. TAE, IV, 3, Porto, 1929, pp. 117-150.
- Rápida resenha das crenças, religião, mitos e superstições, dos diversos povos que deixaram a marca da sua passagem por terras de Guimarães. Relato de práticas de bruxedo, ensalmos, orações, etc. que as bruxas utilizam para tratamento de várias doenças.
- 2190 PORTELA, Severo — *Hervas míticas*. ATP, 4, Lisboa, 1918, p. 49.
- Divagação literária, contendo afinal indicações das ervas a que se atribuem virtudes bentas.
- 2191 P. L. — *Superstições — O banho da alma*. T, I, Serpa, 1899, p. 15.
- Crença que existe em Serpa de que quando morre alguém, a alma separa-se imediatamente do corpo e banha-se em toda a água que encontra em casa do finado. Por isso, a família manda logo despejar o pote da água, as quartas, etc., para ninguém se, servir dessa água, considerada impura. Uma mulher que beber dessa água contrai um «nojo»: mal-estar, náuseas, vômitos, etc.
- 2192 RESENDE, P.^c João Vieira — *Às gentes da Beira-Mar — Poesia e riqueza no trabalho*. MCP, II, 18, Lisboa, 1947, pp. 7-8.
- Quadras populares (13). Referências à prática de banharem o S. Paio da Torreira numa grande tigela de vinho, em cumprimento de promessas.
- 2193 RIBEIRO, José Diogo — *Turquel folklórico*. RL, XX, Lisboa, 1917, pp. 54-80.
- Superstições — Entidades estranhas; bruxas e feitiçarias; lobisomens, moiras encantadas; almas errantes, espírito, visões. Agouros e maus influxos; dias aziagos; presságios; meteorologia popular; orações do pão. Medicina popular; ensalmos e rezas. Amuletos.
- 2194 RIBEIRO, Luís da Silva — *Superstições com tendências criminosas*. OI, 100, Coimbra, 1942, pp. 433-434.
- Considerações acerca de actos mágicos susceptíveis de causar dano a determinada pessoa.
- 2195 RIBEIRO, Luís da Silva — *Superstições comuns ao Brasil e aos Açores*. BIHIT, 6, Angra do Heroísmo, 1948, pp. 124-140.
- Estudo de inúmeras superstições comuns aos Açores e ao Brasil, agrupadas segundo certas categorias gerais: Água, amuletos, animais, astros, casa, casamento, comida, corpo humano, cousa perdida, criança, dias nefastos, fogo, morte, sonho e tempo. Nota bibliográfica.

- 2196 RIBEIRO, Luís — *Criação de galinhas*. CRCAA, 5, Ponta Delgada, 1947, pp. 91-92.
Descrição de algumas práticas supersticiosas relacionadas com a criação de galinhas.
- 2197 RIBEIRO, Luís — *Uma superstição*. BIHIT, 8, Angra do Heroísmo, 1950, pp. 271-272.
Quem cospe na lareira estica — a superstição na ilha Terceira, em Portugal, e em outros países. Ela «resulta do carácter sagrado do fogo», e do sentido da saliva, que representa o indivíduo. Costumes relacionados com a saliva.
- 2198 RISCO, Vicente — *Apuntes sobre a «svastika do Minho» e o simbolismo dos nós*. TAE, xvii, 1-4, Porto, 1959, pp. 485-490.
Crenças e superstições acerca destes símbolos correntes na nossa cultura castreja.
- 2199 ROQUE, Joaquim — *Etnografia Portuguesa — Aspectos de Medicina Popular no Baixo Alentejo — As rezas e as benzeduras*. ABBCM, II, Beja, 1945, pp. 135-140 e 272-286; III, 1946, pp. 52-69 e 253-276, 5 figs.
Rezas, benzeduras e amuletos.
- 2200 ROQUE, Joaquim — *Etnografia Portuguesa — Como o povo reza*. ABBCM, IV, Beja, 1947, pp. 89-114 e 300-319.
Crenças ligadas a bruxas, feitiçeras, lobisomens, almas do outro mundo, fantasmas, luzes nocturnas, medos, etc. Orações propiciatórias.
- 2201 SANTOS, Domingos Martins de Oliveira — *Campanhã — As bruxas*. OT, 5.^a Série, IV.
Histórias de bruxarias.
- 2202 SANTOS JÚNIOR, Joaquim R. dos — *A matança do «Porco-Bispo»*, FL, IX, Lisboa, 1940, pp. 101-113.
Descrição dum curioso costume do Mogadouro da matança de uma ave a que chamam o «Porco-Bispo», e dos ritos que a acompanham.
- 2203 SANTOS JÚNIOR, J. R. dos — *As telhas do teu telhado (Nota etnográfica)*. ASEG, VI, Compostela, 1933-34, pp. 105-124.
Quadras alusivas ao telhado e às telhas, e crenças e virtudes mágicas e terapêuticas relacionadas com esse elemento. Promessas e dádivas de telhas roubadas.

- 2204 SANTOS JÚNIOR, J. R. dos — *Contribution à l' étude du jet de la dent au Portugal*. CIA, XVI^e, Bruxelles, 1936, 8 pp.
Pequeno ensaio sobre as superstições relativas ao arrancar e arremesso de dentes caídos.
- 2205 SANTOS JÚNIOR, J. R. dos — *Sobrevivência folclórica dos berrões da Vilariça*. CMP, t. II, vol. XVIII, Lisboa, 1940, pp. 368-371.
Os rapazes de Meirinhos (Mogadouro) quando está nevoeiro increpam-no e mandam-no para a Vilariça, gritando versos. O Padre Francisco Tavares, descobriu junto da foz do Sabor os célebres «berrões da Vilariça». Contudo, antes deste haver descoberto as referidas esculturas porcinas já os rapazes de Meirinhos esconjuravam a *nêvoinha*.
O Autor daí conclui que a velha zoolatria que em épocas remotas existiu no leste transmontano transparece na referida lengalenga gritada pelos rapazes, que, sem disso darem conta, possivelmente se referiam aos berrões da Vilariça, mais tarde descobertos pelo Padre Tavares.
- 2206 SANTOS JÚNIOR — *Nótula sobre o arremesso dos dentes*. TAE, v, Porto, 1932, pp. 363-368.
Cita a opinião de alguns estudiosos acerca do significado do arremesso de dentes, e parece concordar com a hipótese de José de Pinho, que considera como vestígios do culto fálico. Menção de alguns casos referentes a esta prática, recolhidos no norte de Portugal.
- 2207 SARMENTO, F. Martins — *O que podem ser os mouros na tradição popular*. OPRQSL, 1, Porto, 1880-1881, pp. 105-106 e 121-124.
Refere-se ao facto do povo atribuir aos mouros todas as formas de construções antigas, e ao seu encantamento em fontes e penedos, que interpreta como uma sobreposição do antigo mundo pagão.
- 2208 SARMENTO, F. Martins — *Dois costumes populares minhotos*. AETPP, 1, Porto, 1883, pp. 36-37.
Para que o sangue de porco fique bem cozido, é forçoso chamar por ele como se estivesse vivo. Não deve receber uma foicinha da mão de outra pessoa; quem o fizesse «talhar-se-ia» nos primeiros trabalhos em que a utilizasse.
- 2209 SARMENTO, F. Martins — *Materiais para a archeologia do Concelho de Guimarães*. RG, I, Porto, 1884, pp. 161-189; XIII, 1896, pp. 5-18 e 149-168; XV, pp. 152-167; XVI, 1899, pp. 5-20; XVIII, 1901, pp. 8-29 e 117-135; XIX, 1902, pp. 19-33 e 109-119; XX, 1903, pp. 5-16, 57-70 e 112-124; XXII, 1905, pp. 5-32; e XXVI, 1909, pp. 5-19 e 129-139.
Da descrição de dados arqueológicos, constam também notas de carácter etnográfico, tais como crenças em tesouros encantados em penedos, valor profiláctico destes, mouras encantadas, etc.

- 2210 SARMENTO, Martins — *A propósito dos «Roteiros de thesouros»*. RG, v, Porto, 1888, pp. 5-11.
 Enumeração de sítios tidos como minas de tesouros; análise sumária desses monumentos, e civilização a que poderiam ter pertencido.
- 2211 SARMENTO, F. Martins — *Os Atlantas de Diodoro Siculo*, RSNS, I, Porto, 1889, pp. 61-74.
 Influência da mitologia ariana nas costas ocidentais da Europa, segundo interpretação de relatos de Diodoro.
- 2212 SILVA, Armando J. da — *Etnologia açoriana*. RM, I, Barcelos, 1886, pp.89.
 Indicação de dias aziagos.
- 2213 SILVA, A. Rosa da — *O Lázaro em Pedrogão*. T, III, Serpa, 1901, p.44.
 «Lázaro», como significado de miserável. «Lázaro em casa» — fome em casa; bate-se com paus nas portas, arcas, etc., ao recolher a colheita, para afugentar o «Lázaro» (Pedrógão do Alentejo).
- 2214 SILVA, Manuel — «*Fiéis de Deus*». APV, III, 5, 1914.
 A Rua dos Fiéis de Deus na Póvoa do Varzim: Explicação dos montes de pedras: piedade cristã e culto pagão, em honra de Mercúrio. «Culto gentílico primeiro, fórmula de aplicação de justiça criminal depois, e por último, manifestação de piedade religiosa... vivendo nos... nomes de lugares que foram teatro de mortes afrontosas ou violentas».
- 2215 SILVA, Joaquim da — *Maria da Grade*. RL, XI, Lisboa, 1908, p. 352.
 Figura imaginária para amedrontar crianças.
- 2216 SOUSA, Elísio de — *Crendices populares sobre os animais*. DL, Quarta Série, IX, Porto, 1952, pp. 34-36.
 Crenças e fórmulas sobre os animais.
- 2217 SOUSA, Maria Peregrina de — *O S. João*. RM, I, Barcelos, 1886, p. 37.
 Menção de algumas práticas supersticiosas específicas da noite de S. João.
- 2218 SOUSA, Maria Peregrina de — *Tradições populares do Minho (Cartas)*. RL, VI, Lisboa, 1900-1901, pp. 129-151.
 12 cartas (a A. F. de Castilho). 1) Simplicidade aldeã. Corpo de afogado. Santas mulheres (bruxas). 2) Superstições várias. Dadas. Signo-saimão. Figs. 3) Bruxas; horas abertas. Seres sobrenaturais. Ponte da Aliviada. Superstições

várias. 4) Costumes do Natal. Corrida do Galo. Loas e entremeses nas festas. Dança. mourisca. 5) Conversados. Bodas. Morte. Festa da malhada em Landim. 6) Procissão das fogaças e outras. O ouro no povo do Minho. 7) Corpo aberto (mulher possessa). Degredo das almas. 8) Superstições várias — talhar, ensalmos. Culto da lua nova. Pedras de raio. A cobra. 9) Conversados. Domingo do «bradar» (resposos). Crendices. O cozer do pão. Sementeiras. Culto do mar. 10) S. Gonçalo, em Amarante. Corpus Christi em Penafiel. 11) Talhar doenças; sezões, dada, ar ruim, íngua, etc. Crendices várias. 12) Costumes a respeito dos ninhos. Crenças várias: voz do sino, som do sino.

- 2219 SOARES, Urbano Canuto — *Subsídios para o Cancioneiro do arquipélago da Madeira*. RL, xvii, Lisboa, 1914, pp. 135-158.

Nossa Senhora do Monte; trovas em seu louvor. Trovas populares. Romances. Adivinhas. Benzeduras (4) — curar de olhado, curar de aberto, impigem e bucho encostado.

- 2220 SPALDING, Walter — *Superstições comuns ao Brasil e aos Açores*. BIHIT, 7, Angra do Heroísmo, 1948, pp. 283-290.

Estudo comparativo de várias superstições comuns ao Brasil e aos Açores.

- 2221 S/A. — *Folklore — Tradições populares*. RG, xv, Porto, 1898, pp. 17-33.

Rezas e benzeduras; crenças e superstições várias.

- 2222 TABOADA, Jesus — *O culto da lua no noroeste hispánico*. RG, LXXI, Guimarães, 1961, pp. 141-164.

O Autor toma como base dados de vários autores que se referem às culturas que mais directamente influíram na tradição folclórica e aponta algumas sobrevivências do culto da lua.

- 2223 TEIXEIRA, Carlos — *Medicina e superstições populares de Vieira*. TAE, vi, 4, Porto, 1944, pp. 293-332.

Relato de aparições diabólicas, de bruxas e feiticeiras, de feitiços e bruxedos. Algumas fórmulas que se pronunciam ao amassar e cozer o pão. Ensalmos e esconjuros para talhar diferentes males. Previsão do sexo durante a gravidez. Várias receitas de medicina popular.

- 2224 URTEL, Hermann — *Beiträge zur portugiesischen Volkskunde («Contribuições para o conhecimento das tradições populares portuguesas»)*. Hamburgo, 1928.

O trabalho «compõe-se de artigos concernentes a gestos, amuletos, festas, vegetais, à morte, aos lobisomens, a medicina popular, astros, água, cousas caseiras, e profissões». (J. Leite de Vasconcelos — E.P., vol. I).

- 2225 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Tradições das pedras*. ENRMC, Lisboa, 1880-1881, pp. 75-80.
Tradições relacionadas com as pedras: pedras de raio; amuletos de pedra; monumentos de pedra reputados pré-históricos, habitados por mouras encantadas, segundo a crença popular; etc.
- 2226 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Tradições da atmosfera em Portugal*, ENRMC, Lisboa, 1880-1881, pp. 216-223.
Enumeração de algumas tradições respeitantes ao vento, nevoeiro, nuvens, chuva, aurora boreal, meteoros, fogos de Sant'Elmo, fogos-fátuos e trovoadas.
- 2227 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Cosmogonia popular portuguesa*. AV, 1, 34, 35, 38, 39 e 40, Lisboa, 1880-1881.
Representações do sol, do céu, da lua, linguagem das pedras, das águas, das plantas e dos animais e do homem. Quadras populares alusivas a estes temas. Três contos populares em que se estabelece relações entre o homem e o bruto.
- 2228 VASCONCELLOS, J. Leite de — *A ideia de uma triada nas tradições populares portuguesas*. AV, 1, 45, e 46, Lisboa, 1880-1881.
Figuração do número três nas tradições populares. Exemplos.
- 2229 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Mythologia botânica*. AV, 1, 50-51, Lisboa, 1880-1881.
Personificação das plantas. Crenças e superstições ligadas às plantas. Quadras populares que estabelecem relação entre as plantas e o S. João.
- 2230 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Mythologia Portuguesa — Tradições populares — Introdução*. OPRQSL, 1, Porto, 1880-1881, pp. 13-16, 35-36, 49-51, 115-117 e 130-136.
Segundo o Autor, o trabalho «não é propriamente uma mitologia portuguesa: é uma coleção de elementos para ela; é uma enumeração mais ou menos sistemática das tradições populares que desde 1876, havemos colhido na boca dos portugueses». Conforme esta orientação, descreve algumas superstições que procura interpretar como vestígios fetichistas e politeístas, e fala da importância das tradições populares e do contributo que estas podem prestar à ciência.
- 2231 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Tradições populares de Portugal*. Porto, 1882, 316 pp.
Recolha, classificação e comparação de múltiplas tradições portuguesas relativas aos astros; fogo, luz e sombras; atmosfera; água; terra; pedras; metais; animais; homem e mulher; e seres sobrenaturais.

Elas respeitam, além do mais, a vestígios de cultos das águas e das pedras, cultos vegetais — com abundantes exemplos acerca da virtude mágica das plantas no S. João —, a ritos de passagem — nascimento, casamento e morte — a processos de prever o tempo que irá fazer no ano seguinte; a práticas propiciatórias a profiláticas; esconjuros; sortes e divinações amorosas; lobisomens; fadas, bruxas e feiticeiras, almas penadas, etc., intercaladas de quadras populares, adágios, adivinhas, pequenos contos e lendas.

- 2232 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Crenças populares*. RM, I, Barcelos, 1885, pp. 5-7.

A chuva, a neve e a palavra «velha» nas tradições populares portuguesas.

- 2233 VASCONCELLOS, J. Leite de — *O S. João*. RM, I, Barcelos, 1886, pp. 33-35.

Relato de algumas superstições do dia de S. João.

- 2234 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Fórmulas mágicas*. RM, I, Barcelos, 1886, pp. 69-70.

Notas sobre o efeito mágico que se atribui a certas letras e palavras misteriosas.

- 2235 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Questionário sobre crenças relativas aos animais*. T, III, Serpa, 1901, pp. 64, 176, 184.

Respostas ao questionário.

- 2236 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Olharapos e Olhapins*. RM, XIX, Esposende, 1911, p. 158.

Breves considerações acerca destas palavras, que designam, na tradição popular, certos seres sobrenaturais.

- 2237 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Excursão às Donas*. AP, XXII, Lisboa, 1917, pp. 313-314.

Comparação entre o costume verificado no Congo, em que o Comandante dum batalhão de pretos agita diante do inimigo uma espécie de espanejador feito de tiras de pele de boi, e aquele que tem lugar no Alentejo, em que, quando um caçador parte para a caça, a mulher lhe bate nas pernas com uma vassoura. Conceção animista destas práticas.

- 2238 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Na Beira Alta*. AP, XXII, Lisboa, 1917, pp. 333-334.

Notas sobre a «campainha de Santa Bárbara» (utilizada para esconjurar trovoadas). Práticas semelhantes encontradas noutros povos.

- 2239 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Nótulas etnográficas*. L, I, Viana do Castelo, 1917-18, p. 81; II, 1918-19, pp. 41 e 129-131; III, 1919-22, pp. 53 e 125.

Superstições ligadas ao número 13. Cita um texto português que faz alusão às cartas celestes, e refere-se à superstição que lhe anda ligada e que se encontra na tradição oral portuguesa, que compara com casos idênticos estrangeiros. Confronto de práticas supersticiosas portuguesas com outras estrangeiras afins. Práticas supersticiosas para expulsar espíritos maus, esconjuro de burburinhos, etc.

- 2240 VASCONCELLOS, Leite de — *Nicho de uma casa*. BE, II, Lisboa, 1923, pp. 37-39.

Referência a um nicho de uma casa e a alguns processos de esconjurar males: cruces, signo-saimão, ferraduras, etc.

- 2241 V., J. L. de — *Uma superstição com os dentes*. AETPP, I, Porto, 1883, pp. 65-68.

Menção duma prática supersticiosa referida à extracção dum dente. Comparação com tradições similares da Índia e Irlanda.

- 2242 V., J. L. de — *Anel e letras de virtude*. RL, II, Porto, 1890-1892, pp. 261-64.

Notícia seguida de comentários, acerca dos anéis com letras ou legendas mágicas, uns e outros com virtudes especiais e valor supersticioso. História e exemplos.

- 2243 V., J. L. de — *Fórmula contra o quebranto*. RL, II, Porto, 1890-92, pp. 350.

Pequena nota sobre uma referência literária de 1763, que contém o fragmento de uma fórmula de «benzedeira de quebranto», contra as bruxas.

- 2244 V., J. L. de — *Extractos da correspondência de F. Martins Sarmiento*. AP, VI, Lisboa, 1901, pp. 39-42.

Notícias de algumas superstições agrícolas no Minho. Tradições populares da Serra da Estrela: a Lagoa Escura; lengalenga do nevoeiro e à lua nova; mouras encantadas.

- 2245 V., J. L. de — *Dar três voltas ao penedo*. RL, VII, Lisboa, 1902, p. 306.

Interpretação mítico-religiosa (culto fálico), duma quadra que menciona três voltas a um penedo para «namorar José».

- 2246 V., J. L. de — *Castelo de Castro Marim*. AP, XXII, Lisboa, 1917, pp. 138-139.
Crença popular nas virtudes mágicas da água de um poço, e nas folhas de um freixo, existente junto da ermida da Senhora da Fontinha (Castro Marim).
- 2247 V., J. L. de — *Grutas estremenhas*. AP, XXII, Lisboa, 1917, p. 151.
Referência aos espelhos de fechaduras de porta em que é vulgar aparecer a cruz, e que serve para afugentar os maus espíritos.
- 2248 V., J. L. de — *Fontes*. BE, III, Lisboa, 1924, pp. 29-30.
Reprodução de uma fonte de Figueira da Foz, e menção de outras, em Loures, em que as Almas do Purgatório são tidas quase por divindades tutelares.
- 2249 V., J. L. de — *Gato preto*. BE, III, Lisboa, 1924, p. 31.
Breve comentário a um desenho e notas sobre a superstição ligada aos gatos pretos, e à existência, no sul, de gatos feitos de pano.
- 2250 V., J. L. de — *Palavras santíssimas*. RL, XXVIII, Lisboa, 1930, p. 295.
Reprodução de um papel com «palavras santíssimas, contra malefícios diabólicos» — em várias línguas — que era dado a devotos.
- 2251 V., J. L. de — *Sangue maçónico*. RL, XXVIII, Lisboa, 1930, p. 298.
Nota acerca de um ofício em que se vê a crença de que o sangue de um mação injectado noutra pessoa lhe comunicaria o carácter da primeira.
- 2252 V., J. L. de — *Um passo de Sá de Miranda*. RL, XXIX, Lisboa, 1931, p. 310.
Nota de Sá de Miranda, que reproduz a crença de que fala Possidónio, segundo a qual o mar ferve quando o sol se afunda no mar de Espanha.
- 2253 V., J. L. de — *Algumas ideias do povo a respeito da cruz*. RL, XXXI, Lisboa, 1933, pp. 309-311.
Cruz apotropaica, benéfica para o homem, ou «azarenta, e de ruim significação». Cruz apotropaica, afugenta o Demónio ou coisas más, quando se boceja, na orelha, contra as bruxas, nas fechaduras, etc. Cruz de azar — facas cruzadas, cruzar braços ao cumprimentar. Cruzes em encruzilhadas — herança romana.
- 2254 VILLAS-BOAS, Conde de — *Pedra de Escorregar*. DL, VI, Porto, 1943, pp. 70-71, 3 figs.
A «pedra de escorregar», de Lavadores (Gaia). A lenda e o culto.
- 2255 S/A. — *A magia e mais superstições desmascaradas*. Lisboa, 1820, 72 pp.
«A pág. 14 contém uma súmula das superstições condenadas pela *Ordenação*, liv. 5.º, tit. 3.º a pág. 30, e nota, contém uma lista de amuletos, tais como

(com carácter religioso): *breves da marca* e outros *atadinhos e filactérios*; e (com carácter pagão): *azeviches*, *cornipos* (cornichos?), *dente de cão macho arrancado a ele vivo*, *queixo de ouriço cacheiro*». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. IV).

2256 s/A. — *Superstições descobertas*. 2.^a Ed., Lisboa, 1822 e 3.^a Ed., 1833.

«(Obra de crítica religiosa), mencionam-se muitas superstições, por exemplo nos capítulos XXXIV-XXXIX, XLIV e XLV. É obra que está no caso das Constituições episcopais e dos processos inquisitoriais: as tradições populares figuram aí como cousa execranda, mas o etnógrafo pode aproveitá-las». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. IV).

2257 s/A. — *Ensaio Magico ou duas palavras sobre a feitiçaria em que se mostra a falsidade da Arte Magica provada pela Sagrada Escritura, Tradição SS. PP. e AA. profanados por M.J.D. G.P.D.M. para instrução de seus Freguezes*. Braga, Tipografia Bracarense, s.d., («mas no exemplar que eu possuo um antigo leitor escreveu «1842»»). a): J. L. V.), 52 pp.

«O extenso título diz o suficiente para se fazer ideia deste folheto. O A., porém, a propósito de querer refutar a magia pelos meios que indica, dá algumas notícias etnográficas: *feiticeiras* (e bruxas), págs. 6-25; *basilisco* pág. 7; *ave-bruxa*, pág. 25; Gitanos, pág. 15; superstições do S. João e S. Pedro, pág. 15; amuleto religioso, pág. 15; espécies de exorcistas, pág. 32». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. III).

2258 s/A. — *Superstições populares*. RM, x, Esposende, 1895, pp. 72.

Pequena nota sobre uma superstição relativa ao vinho.

2259 s/A. — *Superstições populares*. RM, XII, Esposende, 1897, pp. 64, 72, 77-80.

Superstições várias; menção de não torcer linhas nas sextas-feiras da Quaresma, e dos pássaros adorarem o Senhor nos ninhos, do meio-dia à 1 hora de 5.^a feira de Ascensão.

2260 s/A. — *Superstições populares*. RM, XIII, Esposende, 1898, pp. 131-132.

Várias superstições populares (menção de uma forma incompleta de pascalização) (torcer linhas às 6.^a feiras da Quaresma).

2261 s/A. — *Tradições populares portuguesas*. RL, VIII, Lisboa, 1903-1905, pp. 288-297.

Ensalmos — contra mau olhado, bicho, erisipela, icterícia, etc. Superstições — em especial na gravidez e amamentação. As virtudes das pedras preciosas. Adivinhas.

- 2262 S/A. — *Campa do preto*. OT, II, 37, Porto, 1909, p. 5.
Notas acerca da crença popular nos poderes sobrenaturais dum preto, que dizem morreu amarrado à cauda de um cavalo (Gemunde, Maia), canonizado pelo povo, que lhe faz promessas e a quem atribui milagres.
- 2263 S/A. — *Superstições populares*. RM, XIX, Esposende, 1911, p. 26.
Superstições acerca do cabelo e do vinho.
- 2264 S/A. — *Superstições*. RM, XX, Esposende, 1912, p. 53.
Superstições: A cama não deve ser feita por três pessoas, senão morrerá a mais velha dentro de pouco tempo; a cama da noiva deve ser feita pelas raparigas solteiras; ter em casa figuras de gesso acarreta desgraças.
- 2265 S/A. — *Os eclipses*. RM, XXI, Esposende, 1913, pp. 37-40.
Interpretação popular dos eclipses (indicativos de calamidades futuras).
- 2266 S/A. — *Três a conta que Deus fez — Sete o diabo que te espete*. RM, II (2.^a Ed.), Esposende, 1914, pp. 48-49.
Notas sobre o valor dos números na tradição popular.
- 2267 S/A. — *Arquivo etnográfico*. L, I, Viana do Castelo, 1917-18, pp. 91-92.
Cantigas de guerra. Esconjuros de trovoadas.
- 2268 S/A. — *Arquivo etnográfico*. L, II, Viana do Castelo, 1918-19, p. 93.
Recorte dum jornal que refere o caso de uma velha que meteu uma imagem do Senhor dos Aflitos debaixo de água, para o obrigar a cumprir a promessa.
- 2269 S/A. — *Arquivo etnográfico*. L, I, Viana do Castelo, 1917-18, pp. 105-106.
Notas extraídas de alguns periódicos alusivas a lendas e superstições.
- 2270 S/A. — *Pedra «Bazar» ou de «cobra»*. FL, VIII, Lisboa, 1937, p. 118.
Breves notas sobre a pedra «Bazar».
- Ver Ref.^{as}: 4, 44, 65, 66, 67, 142, 144, 145, 196, 208, 215, 218, 219, 225, 226, 227, 229, 230, 233, 234, 250, 252, 256, 265, 266, 269, 270, 271, 272, 274, 279, 280, 282, 286, 288, 289, 292, 295, 296, 301, 358, 386, 442, 491, 565, 742, 939, 949, 961, 1008, 1015, 1055, 1081, 1083, 1190, 1400, 1404, 1409, 1411, 1422, 1426, 1433, 1436, 1437, 1439, 1440, 1444, 1468, 1469, 1479, 1497, 1501, 1503, 1508, 1551, 1567, 1569, 1572, 1573, 1574, 1575, 1582, 1584, 1585, 1588, 1589, 1593, 1596, 1597, 1646, 1660, 1662, 1666, 1668, 1697, 1714, 1725, 1728, 1734, 1745, 1753, 1783, 1880, 1881, 1890, 1892, 1895, 1896, 1983, 1986, 2288, 2289, 2296, 2377, 2504, 3440.

3.1. ENSALMOS

- 2271 AZEVEDO, Domingos de — *Tradições populares de Vila do Conde*. DL, Segunda Série, I, Porto, 1944, pp. 61-69.

Ensalmos ou fórmulas de talhar (unheiro, bicho, azia, defumadoiros mão ou pé aberto, cozer o pulso, erisipela, tirar o sol, quebranto, icterícia). 13 provérbios e ditos populares. 5 rimas infantis. Orações.

- 2272 CARDOSO, Carlos Lopes — *Ensalmos colhidos em Cete*. DL, Terceira Série, VII, Porto, 1949, pp. 17-24.

16 ensalmos para talhar diversos males.

- 2273 CARDOSO, Carlos Lopes — *Pelos reinos da mui nobre arte de ensalmar*. DL, Nona Série, III, Porto, 1959, pp. 713-724.

Menção de alguns ensalmos recolhidos em Bustelo (Penafiel).

- 2274 CARNEIRO, A. Lima, e LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Arte de talhar a íngua*. AMP, I, Porto, 1944, pp. 87-95.

Ensalmos para curar a dor ciática. Comparação com outros ensalmos recolhidos por vários investigadores.

- 2275 DIAS, Jaime Lopes — *Distrito Etnográfico — Usos e superstições — Ensalmos*. AR, I, 41, Castelo Branco, 1925.

Ensalmos para talhar a *zipela* e para verificar se as doenças ou desgraças são provocadas por espíritos maus, ou se são consequência de mau olhar.

- 2276 DIAS, Lopes — *Distrito Etnográfico — Tradições, crenças e superstições*. AR, I, 44, Castelo Branco, 1925.

Ensalmos para afugentar os cães danados.

- 2277 DIAS, Lopes — *Distrito Etnográfico — Crenças e superstições*. AR, I, 51, Castelo Branco, 1925.

Ensalmos para curar doenças dos olhos.

- 2278 DIAS, Manuel Vieira — *Ensalmos para ares e males*. DL, Sexta Série, I-II, Porto, 1954, pp. 113-124.

Ensalmos, rezas e práticas para talhar o ar, as verrugas, bicho, bichico, dada, erisipela, *farfalho*, impigens, pé aberto, *rana*, unheiro, treçol, etc.

- 2279 LUSITANO, Patricia, FROILAZ, Pantaleão (pseudónimos) — *Maria Coroada*. Porto, 1879.

Neste livro «vem como *Aditamento* (pág. 185-213) uma curiosa série de ensalmos usados na Beira Alta, e de remédios populares da mesma província». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).

- 2280 RIBEIRO, L. — *Um ar*. BIHIT, 3, Angra do Heroísmo, 1945, p. 336.

O «ar» como doença — tolhimento, etc. — em várias menções clássicas, e no conceito e expressões populares. O «ar» malfazejo, segundo as variantes do ensalmo que o «talha».

- 2281 ROQUE, Joaquim — *Etnografia alentejana — Rezas e benzeduras populares*. ABBCM, VI, Beja, 1949, pp. 97-121.

Ensalmos, rezas e benzeduras.

- 2282 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Carmina Mágica do Povo Português*. ENRMC, Lisboa, 1880-1881, pp. 512-528 e 539-547.

Enumeração de ensalmos, orações e fórmulas diversas.

- 2283 V., J. L. de — *Para «encantar» os ratos*. RL, XX, Lisboa, 1917, pp. 163-165.

Ensalmo e interpretação dos seus elementos.

- 2284 S/A. — *A villa e o concelho de Ferreira do Zezere — Ferreira e o seu termo nos séculos XVI e XVII*. AP, XVI, p. 60.

Ensalmo.

Ver Ref.^{as}: 4, 66, 145, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 258, 279, 288, 296, 1394, 1411, 1468, 1501, 1551, 1588, 1660, 1880, 1881, 1883, 1888, 1890, 1892, 1894, 1906, 1909, 1912, 1913, 1920, 2031, 2089, 2116, 2156, 2177, 2189, 2193, 2223, 2341, 2504, 3722, 3723, 3725, 3734, 3762.

3.2. AMULETOS

- 2285 ALMADA, Vitorino d' — *Elementos para um dicionário de geographia e historia portugueza — Concelho de Elvas e extintos de Barbacena, Vila Boim e Vila Fernando*. I, Elvas, 1888, 501 pp.

A pp. 384-385 refere-se às ameixas doces, antigamente preparadas pelas freiras e, mais raramente, por pessoas para seu uso próprio, e que a partir de 1834 se transformou numa modesta indústria.

A pp. 495-501, o A. transcreve um pequeno estudo de A. Thomaz Pires sobre os amuletos portugueses, que classifica de: 1) Amuletos infantis — meia-lua, figa, sino, samão, coração, dente de lobo, moedas furadas, búzios, chaves, etc.; 2) Amuletos de lactação — conta de leite, de azeviche, leituário, chave macha, e rosário de contas de figueira; 3) Amuletos contra enfermidades, perigos, etc. — a faca e a pedra de estancar sangue, os cravos de ferradura, o anel de fava, a pedra de estômago, rosário de alandro macho, pedra de ara, cavalo marinho, etc.

- 2286 CARVALHO, Augusto Goltz de — *Amuletos de Buarcos*. P, 1, Porto, 1903, pp. 347-349, 3 figs.

Notícia e descrição dos amuletos mais em uso em Buarcos, agrupados segundo as categorias de: a) amuletos protectores — a figa, o sino-saimão, a meia-lua, o corno, moeda de prata de três vinténs, chave de aço, pedra de raio, cepo de natal, ferradura, etc.; vários objectos de culto católico (cruz, estola, etc.). b) amuletos medicinais — protectores, mas com emprego especial na cura de doenças — meiadadas, azeite de lâmpadas de igreja, rezas, etc. c) amuletos reveladores — de divinação — alcachofra (no S. João), peneira, o ovo no copo de água e a moeda de cinco réis na fogueira do S. João; a varinha de condão e o baralho de cartas. d) amuletos coactivos, que obrigam alguém a proceder como se pretende — cabeça de víbora, a coca, benzer as redes, pós de bem-querer, abraçar bonecos, etc. e) amuletos maléficis — o sapo, as penas, rogar pragas, etc.

Descrição e modo de utilização, e finalidade, de cada um destes amuletos. Os amuletos protectores devem ser achados ou roubados.

- 2287 CORTEZ, Russell — *Os Corta-Ventos e a superstição dos pescadores*. DL; III, Porto, 1941, pp. 43-46, 3 figs.

Os corta-ventos nos dois mastros das traineiras da Afurada e Lordelo (e Leixões e Vila do Conde): à vante, geralmente um peixe, e raras vezes, um símbolo de amuleto contra o mau olhado; à ré, uma seta atravessando um círculo. São as *fês* dos pescadores, que guiam e protegem o barco.

Nomes de barcos que são nomes de Santos, que os pescadores embandeiraram na festa do orago, e lhe levam a parte do seu quinhão em dinheiro. Sinais indicadores da direcção dos ventos, e identificadores dos navios.

- 2288 JUNQUEIRO, Arronches — *Crenças, superstições e usos tradicionais de Setubal*. T, II, Serpa, 1900, pp. 21-22, 54-56, 124-125 e 138-139.

Lobisomens e bruxas; sonhos e agouros. Amuletos: pedras de raio, figa, cornicho, sino-saimão, nós de três quinas, leituário, ferradura, coração e vassoura.

- 2289 MAIA, Celestino — *Cabeças de víbora no Gerês*. ACEELV, II, Porto, 1959, pp. 101-104.

Descrição de processos de preparar as cabeças de víbora, usadas depois como amuletos; crenças populares na virtude destes amuletos.

- 2290 PIRES, A. Thomaz — *Amuletos*. RL, III, Porto, 1894-95, pp. 366-367; e v, 1897-99, pp. 230-231.
- Descrição de vários amuletos, extraída da Pharmacopea Tubalense Chimico-Galenica, de Manuel Rodrigues Coelho, Lisboa Ocidental, 1735: amuletos de dente, de cascável, de osso, de «pedra» de cobra, de cabeça de víbora. de unha de «gram besta» e de cânfora. Outras citações em velhos textos.
- 2291 PIRES, A. Thomaz — *Amuletos (Concelho de Elvas)*. P, 1, Porto, 1903. pp. 618-622.
- Menção e descrição de alguns amuletos que classifica de: Amuletos infantis. Amuletos de lactação, e Amuletos contra enfermidades, perigos, etc.
- 2292 PIRES, António Thomaz — *Estudos e notas elvenses*. V — *Amuletos alentejanos*. Elvas, 1904, 38 pp.
- Estudo sobre amuletos, e citação de muitos exemplos.
- 2293 P., R. S. — *Etnografia arqueológica — Antigas contas empregadas como amuletos*. TAE, v, 3, Porto, 1932, pp. 246-250.
- Descrição de algumas contas antigas, usadas actualmente como amuletos.
- 2294 RIBEIRO, Luís da Silva — *Amuletos terceirenses*. RAç, IV, Angra do Heroísmo, 1948, pp. 218-235.
- «O Autor faz um estudo dos amuletos da ilha Terceira. Analisa-os um por um, e estabelece comparações com amuletos semelhantes usados noutras regiões do continente. Neste estudo, além das comparações abundantes que faz com amuletos portugueses, estende ainda a comparação ao Brasil (Ceará) e a outras regiões da Europa». (A. Jorge Dias — B.E.H.P.).
- 2295 RIBEIRO, L. — *Moedas em imagens*. BIHIT, 3, Angra do Heroísmo, 1956, pp. 335.
- Moedas furadas, como amuletos, ao pescoço dos santos. Menção de Leite de Vasconcelos, e um caso na Ilha Terceira, numa «velhíssima imagem de Santo António».
- 2296 THOMAZ, Fernandes — *Crenças e superstições populares do Concelho da Figueira da Foz*. AP, VII, Lisboa, 1902, p. 98.
- Adivinhação do futuro por meio de cartas. Amuletos referentes a fenómenos. naturais e sobrenaturais.

- 2297 THOMAZ, Pedro Fernandes — *Amuletos do concelho da Figueira*. P, 1, Porto, 1903, pp. 604-605.

Considerações acerca da universalidade do uso de amuletos, desde os tempos pré-históricos até aos nossos dias. Alude ao trabalho de Goltz de Carvalho, e menciona alguns amuletos — arrellicas, búzio, dente de cão, contas de azeviche, etc. — que não foram por este considerados.

- 2298 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Escavações etnográficas*. RM, 1, Barcelos, 1886, pp. 85-86.

Amuletos.

- 2299 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Sur les amulettes portugaises*. Lisboa, 1892, 12 pp.

Condições essenciais que definem o amuleto: ser inconsciente e impessoal (contrariamente ao feitiço) e dotado de propriedades maravilhosas contra o mal; ser pequeno e portátil, e de forma particular.

Estabelece uma classificação (provisória) que agrupa os amuletos em 4 categorias: 1) amuletos cuja virtude depende da forma, cor e substância — crescente, coração, âncora, figa, signo-samão —, todos de origem simbólica; 2) amuletos cuja virtude depende da natureza íntima da sua substância — fragmentos de pedra de ara, pedra de raio, esquílulas de ossos de santos, ferraduras, mãos de toupeira, etc. —; 3) amuletos mistos — que aliam a sua natureza íntima ao aspecto exterior; e 4) amuletos panteios.

Vê no uso destes amuletos vestígios de religiões dos povos que através dos séculos ocuparam o nosso território, e fala do seu emprego ainda corrente em Portugal, nomeadamente na Estremadura.

- 2300 VASCONCELLOS, J. Leite de — *A Figa*. Porto, 1925, 136 pp., 67 figs.

Considerações acerca do sobrenatural na medicina popular. Diagnósticos por meio de adivinhações ou oráculos. Devoção a santos (analogia da doença com o martírio que aqueles sofreram). Exemplos de magia imitativa.

Fascinação — Definição, sintomas, diagnóstico e tratamento. Definição de figa: gesto e amuleto. Função da figa como amuleto contra a fascinação; como vocábulo exprimindo desprezo, zombaria ou anulamento de uma afirmativa. Transcrição de trechos literários de séculos passados acerca da frase *dar figa*. Referências ao uso da figa com fins profiláticos e apotropaicos. Maneiras de trazer a figa. Fabrico, comércio e estética das figas. Num segundo capítulo fala também da figa e do seu uso como amuleto, e da sua significação primitiva em outros países. Conclui que a figa foi de início «gesto licencioso, com plena significação física, o qual fazia desviar de pessoas, animais e coisas a má olhadura, que se tinha por causadora de graves danos. Depois o gesto tornou-se propriamente apotropaico, com significação mágica ou sobrenatural: por isso se imitou sob a forma de amuleto».

2301 V., J. L. de — *Amuletos*. AP, v, Lisboa, 1900, pp. 287-289.

Esboço dum estudo a fazer-se sobre amuletos.

2302 V., J. L. de — *Amuleto de coral*. BE, IV, Lisboa, 1929, pp. 50-53.

Usos do coral, antigos. Superstições relativas a ele.

Ver Ref.^{as}: 4, 44, 66, 250, 288, 289, 730, 735, 1422, 1468, 1660, 1725, 1920, 2188, 2193, 2195, 2199, 2223.

XI — Literatura popular

- 2303 ABELHO, Azinhal — «*Saias*», MCP, v, 53, Lisboa, 1950, pp. 12-14.
Notas sobre «saias» (modas coreográficas) alentejanas.
- 2304 ALEGRIA, P. José Augusto — *Sobre danças e canções do Alentejo*. BRCC, XLVII, Lisboa, 1948, pp. 283-288.
Breve ensaio sobre as saias alentejanas (modas coreográficas).
- 2305 ALMEIDA, Carmen d' — *Canções Populares*. RM, XIX, Esposende, 1911, pp. 26-28.
15 quadras populares.
- 2306 ALMEIDA, Guilherme d' — *Cantares de Coimbra*. RM, XII, Esposende, 1897, pp. 62-63.
8 quadras de sabor popular.
- 2307 ANDRADE, J. Vieira de — *Recortes de Etnografia*. OT, 5.^a Série, VI, Porto, 1950-1951, p. 86.
Pequena nota sobre ditados e cantigas populares recolhidas em Vila Nova de Gaia e arredores.
- 2308 ÁVILA, Manuel Machado de — *Subsídio para o Cancioneiro Popular Açoreano — Cantigas da Ilha Graciosa*. BIHIT, 6, Angra do Heroísmo, 1948, pp. 153-172.
290 quadras colhidas em diversas povoações da ilha Graciosa.

- 2309 AZEVEDO, Alvaro Rodrigues de — *Poesias populares da Madeira*. AETBP, I, Porto, 1883, pp. 54-55.
13 quadras populares.
- 2310 AZEVEDO, Pedro A. de — *A oração do Almocreve (Notas de Barroso)*. RL, X, Lisboa, 1907, pp. 322-324.
Versos do Almocreve, sob a forma de apodos geográficos (Notícia de um jornal).
- 2311 AZEVEDO, P. A. d' — *Um antigo canto portuguez de romaria*. RL, IV, Lisboa, 1896, pp. 383-384.
6 quadras constantes duma miscelânea manuscrita do século XVII (do Arquivo da Torre do Tombo), parecendo serem duma cantiga de romaria à Senhora do Porto, cantada por mulheres em baile de roda.
- 2312 BARBOSA, Bernardino — *Anfiguri*. RL, XIX, Lisboa, 1916, pp. 334-335.
Exemplo duma composição deste tipo, colhida em Loulé.
- 2313 BARREIROS, Fernando Braga — *Tradições populares do Barroso*. RL, XVIII, Lisboa, 1915, pp. 223-302.
Tradições populares do concelho de Montalegre: Textos em verso — orações, versos dos Reis, canções de berço, quadras de bordados de lenços, etc. Cancioneiro. Romances. Perlengas. Adivinhas. Narrativas populares.
- 2314 BARROS, José de — *Quadras colhidas em Felgueiras*. DL, Quarta Série, IX, Porto, 1952, pp. 47-57.
98 quadras populares.
- 2315 BASTOS, Albino — *Folk-lore lanhozense (Collecção Silva Vieira)*, Espozende, 1903, 88 pp.
318 quadras populares.
- 2316 BASTO, Cláudio — *Falas e tradições do distrito de Viana do Castelo*. RL, XIII, Lisboa, 1910, pp. 72-94; XVII, 1914, pp. 55-85.
Significado de algumas expressões e vocábulos: petim, sarronca, lábia, joelho queimado, uveira, malato, temperar, arranjadeira, fatão, gravalha, argaço (nota sobre alguns processos da sua recolha), etc. 4 adivinhas. Jogo do pião (descrição do jogo e do pião). Romances (4). Cantigas (53 quadras). Jogos e rimas infantis. Comparações populares. Notas comparativas com exemplos de outros países.

- 2317 BASTO, Cláudio — *A quadra: «No ventre da Virgem bela, etc.»*. L, I, Viana do Castelo, 1917-1918, pp. 69-70.
 Considerações sobre esta quadra.
- 2318 BASTO, Cláudio — *Arquivo etnográfico*. L, III, Viana do Castelo, 1919-20, pp. 46-47.
 3 quadras populares. Recorte dum jornal com a notícia dum caso ocorrido no Porto, com uma mulher de virtude.
- 2319 BASTO, Cláudio — *Flores de Portugal*. L, IV, Viana do Castelo, 1921-22, pp. 135-142.
 Colecção de 100 quadras populares, que o Autor intitula «colecção de 100 das mais lindas cantigas do povo português».
- 2320 BASTO, Cláudio — *Luar de Janeiro*. Po, X, Porto, 1937, pp. 50-55.
 Cantigas e ditados populares alusivos ao luar de Janeiro.
- 2321 BASTO, Cláudio — *Uma quadra popular portuguesa na literatura estrangeira*. RG, XLIX, Guimarães, 1939, pp. 178-185.
 Considerações acerca de uma quadra popular portuguesa e do êxito que ela teve na literatura estrangeira.
- 2322 B., C. — *Quadras do povo*. L, Viana do Castelo, 1910-11, p. 132.
 3 quadras populares recolhidas em Areosa (Viana).
- 2323 B., C. — *Arquivo Etnográfico*. L, II, Viana do Castelo, 1918-19, pp. 168-169.
 32 quadras populares.
- 2324 B., C. — *Cantigas populares de Areosa (Viana do Castelo)*. L, IV, Viana do Castelo, 1921-22, pp. 121-123.
 127 quadras populares.
- 2325 BEATO, António Gomes — *Manhouce — Notas para a sua história*. BAAP, XI, Viseu, 1952, pp. 255-261.
 Quadras populares; conto popular; reza contra o mau olhar; etc.
- 2326 BIGOTTE, Padre José Quelhas — *O cancionero popular de Seia*, BAAP, II, Viseu, 1943, pp. 295-301.
 Quadras populares alusivas à vila de Seia.

- 2327 BRAGA, Alberto Vieira — *Guimarães no costado dos seus títulos de honra, na graça dos poetas e nas ditangas do povo*. E, III, Lisboa, 1948, pp. 77-106.

Quadras e versos alusivos à nobreza da cidade. Dizeres e sentenças do povo; ditados tópicos referidos a Guimarães.

- 2328 BRAGA, Alberto Vieira — *Curiosidades de Guimarães — O culto poético popular e romeirinho a Nossa Senhora*. RG, LXIV, Guimarães, 1954, pp. 421-461; LXV, 1955, pp. 41-95.

Refere-se aos cancioneiros trovadorescos em que os santos eram declamados, especialmente S. Tiago de Compostela, e transcreve algumas canções de Charrinho, Martin de Caldas, etc. Transcreve também vários romances e cerca de 80 quadras populares, alusivas aos santos, cantadas pelos grupos das romeirinhas. Notas acerca da Senhora da Oliveira, de Guimarães; relato de algumas procissões que pelos séculos XVII e XVIII se faziam em sua honra.

- 2329 BRAGA, Theophilo — *Da tradição poética provençal*. ENRMC, Lisboa, 1880-1881, pp. 97-110.

Estudo da tradição trovadoresca provençal, na literatura portuguesa.

- 2330 BRAGA, Theophilo — *A canção de Amadis de Gaula*. ENRMC, Lisboa, 1880-1881, pp. 184-187.

Comparação entre duas versões da canção intercalada na novela de Amadis de Gaula, nas quais o tradutor espanhol conservou vestígios de uma forma portuguesa primitiva.

- 2331 BRAGA, Theophilo — *Uma galva do séc. XIV*. ENRMC, Lisboa, 1880-1881, pp. 187-188.

Transcrição de uma galva (cantiga sagrada existente entre as formas da poesia popular portuguesa da idade média) atribuída a Afonso XI, inserta no Cancioneiro de Colocci Brancuti.

- 2332 BRAGA, Theophilo — *Monumentos da literatura portuguesa*. ENRMC, Lisboa; 1880-1881, pp. 320-330, 415-420.

Fragmentos duma tradução portuguesa das poesias do Arcipreste de Hita; duma tradução portuguesa dos versos do Marquês de Santilhana; duma poesia portuguesa do século XV; e duma poética provençal do século XIV.

- 2333 BRAGA, Theophilo — *O Folk-lore* (Col. Silva Vieira — 2.^a Série), Esposende, 1893, 7 pp.

A poesia popular, como reminiscência de costumes antigos.

- 2334 BRAGA, Theophilo — *Cancioneiro popular das ilhas dos Açores*. RL, II, Porto, 1890, pp. 1-14; IV, Lisboa, 1896, pp. 283-315.

Cerca de 520 quadras populares do arquipélago dos Açores. A pp. 278-287 apodosa geográficos; a pp. 314-315 — quadras de lenços e de cartas de amor. Notas sobre o Entrudo na Bretanha — S. Miguel, Açores — (1840) em que dois bonecos figuravam o Entrudo e a mulher, a cavalo em dois jumentos; versos satíricos às pessoas da terra.

- 2335 BRAGA, Theophilo — *História da poesia popular portuguesa — As origens*. 3.^a Edição, Lisboa, 1902, 480 pp.

Estudo e história das origens da poesia popular portuguesa. Seguindo um método comparativo e histórico estabelece 4 épocas: a 1.^a (séculos VIII-XII), em que tem lugar o desenvolvimento da sociedade moçárabe e em que um fundo tradicional ibérico fornece elementos para a criação de cantos líricos e narrativos transmitidos sempre oralmente; a 2.^a (séculos XII-XV), em que se dá a restauração neo-goda e o começo das monarquias cristãs, e a apropriação de formas do feudalismo francês pelos Asturo-leoneses: canções de Gesta, baladas, pastorelas, lendas agiológicas populares sob a forma literária do clero, e que tomam, na igreja e na corte, forma musical; 3.^a (séculos XV-XVIII), renascimento da poesia popular na Europa; romanceiros dos Açores e da Madeira; degenerescência da poesia no século XVIII; criação da xácara; 4.^a época (século XIX), romantismo, e interesse pelas formas medievais. Considera a poesia popular como de gênese espontânea do «povo emocionista e inconsciente». Aponta a unidade da raça e da poética do Ocidente europeu e estabelece grupos regionais. Filia certos temas em concepções primitivas do ano solar, nomeadamente os solstícios, etc.

- 2336 BRAGA, Theophilo — *A canção entre os povos peninsulares*. T, IV, Serpa, 1902, pp. 1-4.

Breve estudo sobre a canção popular, narrativa e dramática, assente sobre temas universais de idealização.

- 2337 BRAGA, Theophilo — *As canções francesas em Portugal*. T, IV, Serpa, 1902, pp. 129-132.

Aponta a influência das canções francesas que se difundiram na Península especialmente no século XV, e que apenas deixou de se fazer sentir quando da reconciliação de Portugal com Castela (casamento de D. Afonso com a filha de Fernando e Isabel).

- 2338 BRAGA, Theophilo — *História da poesia popular portuguesa — Ciclos épicos* (3.^a ed. reescrita), Lisboa, 1905, 566 pp.

Estudo da poesia popular, segundo a marcha histórica de Portugal. Reflexos nos ciclos épicos das diferentes crises sociais: «Influência senhorial francesa do Conde D. Henrique a D. Dinis (séculos XII a XIV). Aparecimento do Terceiro Estado, depois da Revolução de Lisboa, e o influxo das grandes

navegações (século XVI). A cortesania castelhana ligada à desnacionalização sob D. Manuel, que visa à unificação ibérica; e o obscurantismo clerical, que actua na perda da nacionalidade (século XVI). O desprezo pela vida do povo, reflectindo-se o esquecimento da tradição na decadência da literatura e da liberdade política (séculos XVII e XVIII).

Revivescência do génio nacional, coincidindo com a implantação do regime representativo e a simpatia pela tradição e pelos cantos populares na época do romantismo (século XIX)».

- 2339 BRAGA, Theophilo — *Cancioneiro Popular Portuguez — I.* (2.^a ed.), Lisboa, 1911, 540 pp.

Cancioneiro de amor: Cantigas de viola e terreiro, despiques de conversados, retratos, canções, orações parodiadas, fados (Cerca de 3.800 quadras).

- 2340 BRAGA, Theophilo — *Discussão das formas da poesia popular portuguesa.* RM, XX, Espozende, 1912, pp. 124-133.

Considerações acerca do Fado, que considera como romance popular, narrativa detalhada e plangente de sucessos vulgares das classes mais baixas.

- 2341 BRAGA, Theophilo — *Cancioneiro Popular Portuguez — II.* (2.^a ed.), Lisboa, 1913, 528 pp.

Cancioneiro sagrado: Fastos do Ano. Versos das Janeiras e Reis, Quaresma, cerimónias do Espírito Santo, Alvoradas, Santo António, S. João e S. Pedro, cantos das Almas e de Natal. Orações e cantigas de romarias. Cancioneiro infantil: cantigas do berço, perlengas, fórmulas de jogos, apodos, adivinhas, etc. Cancioneiro político.

Análise e interpretação do Cancioneiro de amor (1.^o vol.), Cancioneiro sagrado, Cancioneiro infantil, e Cancioneiro político.

- 2342 BRANDÃO, Abílio de Magalhães — *O canto das andorinhas.* RL, XIV, Lisboa, 1911, pp. 301-302.

Quadra popular referente ao fiar e corar, que coincide com a partida e chegada das andorinhas.

- 2343 BRANDÃO, Domingos de Pinho — *Estudos folclóricos e de etnografia — Rôssas de Arouca.* DL, IV, Porto, 1941, pp. 25-58.

A vida amorosa do nosso povo (em quadras). Cancioneiro de amor — 188 quadras.

- 2344 BRITO, J. Maria Soeiro de — *A poesia popular alentejana* (Collecção Silva Vieira), Espozende, 1890, 51 pp.

Estudo sobre a poesia popular alentejana. Métrica e rima. Danças. Músicas. Fandangos e Saias. Epigramas e Desafios. Cantadores.

- 2345 BRITO, Soeiro de — *Demosophia*. Esposende, 1903, 122 pp.
 Quadras populares, ditados, adivinhas e contos recolhidos especialmente no Alentejo.
- 2346 CAMPOS, Agostinho de, e OLIVEIRA, Alberto d' — *Mil trovas populares portuguesas*. Lisboa, 1917, 310 pp.
 Como os próprios Autores declaram no prólogo, não tiveram nenhum propósito sistemático ou científico em vista; apesar disso procuraram agrupar essas mil quadras segundo os principais temas.
- 2347 CARDOSO, Carlos Lopes — *Cancioneiro Popular de Cete*. DL, Terceira Série, IV, Porto, 1949, pp. 43-49; Quarta Série, I-II, 1950, pp. 43-39, V-VI, pp. 10-16, e VII-VIII, pp. 82-89; Quinta Série, 1953, VII-VIII, pp. 60-67; Sétima Série, I-II e IX, 1956, pp. 105-112 e 913-942.
 Cerca de mil quadras ordenadas alfabeticamente pela primeira letra do verso e classificadas de «cantigas das sachas», «cantigas de namorados», e «ex-libris».
- 2348 CARDOSO, Nuno Catharino — *Cancioneiro popular português e brasileiro*. Lisboa, 1921, 119 pp.
 O livro contém cerca de 500 quadras e dois pequenos capítulos sobre a psicologia do amor, e está dividido em duas partes, correspondentes a Portugal e Brasil; em cada uma delas o Autor classificou as canções segundo os assuntos: pensamentos e conselhos; mau fado e melancolia; sátiras e gracejos; desafios; quadras psicológicas; o amor.
- 2349 CARNEIRO, Alexandre Lima — *Cancioneiro de Monte-Córdova*. DL, V, Porto, 1942, pp. 20-50; VI, 1943, pp. 65-69.
 Canções e romances populares da freguesia de Monte-Córdova (Santo Tirso). 10 notações musicais.
- 2350 CARNEIRO, A. Lima — *Elementos para o cancionero de Monte-Córdova*. DL, I, Porto, 1940, pp. 71-79; III, 1941, pp. 30-37, 3 figs.
 Descrição sumária da freguesia de Monte-Córdova. 80 quadras e rimas populares.
- 2351 CARNEIRO, A. Lima — *Quadras populares colhidas em Monte Córdova*. DL, Terceira Série, VII, Porto, 1949, pp. 48-50.
 Cerca de 40 quadras populares.
- 2352 CASCUDO, Luís da Câmara — *Atirei um limão verde*. DL, Quarta Série, V-VI, Porto, 1951, pp. 113-116.
 Estudo de uma quadra popular e suas variantes portuguesas e brasileiras, sobre o arremesso dum limão verde. Comparação com poesias e relatos diversos de outros países.

Interpretação histórica do gesto, segundo textos antigos e orientais. O atirar como gesto de declaração amorosa e rito de fecundidade.

- 2353 CASCUDO, Luís da Câmara — *Cheira a cravo, cheira a rosa...* DL, Sexta Série, v-vi, Porto, 1954, pp. 134-135.

6 versões do tema, em cantigas portuguesas e brasileiras.

- 2354 CASTRO, Alberto Osório de — *Estremoz (Nótulas antigas)*. Po, xv, Porto, 1942, pp. 121-129.

Anexins, quadras populares, uma décima e uma adivinha. Vocábulos e frases populares regionais.

- 2355 CASTRO, Álvaro de — *Quadras soltas*. T, iii, Serpa, 1901, p. 125.

9 quadras (da trad. oral de Sardoal).

- 2356 CHAVES, Luís — *Poesia popular — As «Décimas do Padrão» de Ameixial*. RG, xxx, Guimarães, 1916, pp. 49-74.

Poesia popular, seu carácter e sua classificação. O facto histórico celebrado nas Décimas do Padrão.

- 2357 CHAVES, Luís — *«Folklore» de Santa Victoria do Ameixial (Estremoz)*. RL, xix, Lisboa, 1916, pp. 292-333.

Cerca de 200 quadras populares. Comentários a várias.

Vocabulário. Anexins. 20 lendas de «milagres» (ex-votos) e notas descritivas dos mesmos. Crendices e receitas de natureza mágica; mezinha para curar sezões; simulacro de recusa do noivo, em dia de casamento.

- 2358 CHAVES, Luís — *Origens e transformações das trovas*. Po, ii, Porto, 1929, pp. 245-248.

Procedência do poema popular de Santa Iria.

As romarias, feiras e fainas agrícolas na origem das cantigas.

A xácara de Santa Iria nasceu duma romaria feita no lugar da lenda.

O papel das romarias, feiras e fainas agrícolas na distribuição, modificação e corrupção das cantigas.

Exemplificação: A Enfeitiçada; o Conde da Alemanha; Reginaldo.

- 2359 CHAVES, Luís — *A estética da língua e da poesia do povo*. ALP, ii, Lisboa, 1930-31, pp. 255-258, 305-309, 370-373 e 407-411.

Considerações acerca da linguagem gesticulada do povo e da lírica popular. Quadras e romances populares.

- 2360 CHAVES, Luís — *Páginas folclóricas — A rosa na lírica popular*. RL, XXIX, Lisboa, 1931, pp. 57-100.

Generalidades sobre a rosa na lírica popular: formação do símbolo (da rosa); quadras populares à rosa; a Rosa da Alexandria (o maior valor folclórico da rosa); quadras; a rosa na heráldica (origem etnográfica da rosa na heráldica).

- 2361 CHAVES, Luís — *Forma de quadra coreográfica, urbana, mui comum em Portugal*. BRCC, XVIII, Porto, 1934, pp. 330-333.

Breve estudo sobre algumas formas de quadras coreográficas.

- 2362 CHAVES, Luís — *Etnografia Portuguesa*. BRCC, XX, Lisboa, 1934, pp. 54-62, 182-188, 258-265 e 342-351.

«Como o homem divide a terra. Divisão popular da terra portuguesa. Lendas em que a envolve. Como é condicionado por ela e como a condiciona a si. Como o homem canta a terra. A actividade mental do homem. Como reage contra o meio; como revela a sua imaginação na poesia».

- 2363 CHAVES, Luís — *Quadras populares do Ribatejo — Notas de passeio folclórico*. FL, VIII, Lisboa, 1937, pp. 226-232.

Cantigas de desafio e de amor. Galanteios e saudações. Alusões jocosas ao casamento.

- 2364 CHAVES, Luís — *Nos domínios da Etnografia e do Folclore*. RO, IV, Lisboa, 1939, pp. 312-324; IX, 1940, pp. 517-522; XIV, 1941, pp. 442-446; XVI, 1942, pp. 255-258; XVIII, 1942, pp. 228-231 e 335-340; XXIX, 1946, pp. 191-195; XL, 1951, pp. 181-185; XLI, 1951, pp. 22-26; XLIII, 1952, pp. 205-211; L, 1956, pp. 50-56 e 238-243.

Quadras populares alusivas à figuração de animais no nascimento de Jesus; às sete dores de N.^a Senhora e aos castelos; a Lisboa e ao Porto; ao mar e à louça de barro; à paisagem e determinadas fainas agrícolas (vindimas e ceifas); cantigas seguidas ou «cantigas meadeadas»; etc. Afinidades galaico-durienses expressas em quadras populares.

- 2365 CHAVES, Luís — *Paralelos folclóricos entre Portugal e Brasil*. CMP, III, XI, Lisboa, 1940, pp. 361-378.

Paralelismo de formas entre a poesia popular portuguesa e brasileira. Exemplos.

- 2366 CHAVES, Luís — *O Porto na poesia popular do norte e do sul do Douro*. BCCMP, V, Porto, 1942, pp. 333-362; VI-VII, pp. 53-88.

Quadras populares alusivas ao Porto.

- 2367 CHAVES, Luís — *Poesia popular — Reflexos da gente portuguesa no Brasil*. B, I, Coimbra, 1942, pp. 69-121.
Paralelismo folclórico de quadras populares, correntes em Portugal e no Brasil. Escorço comparativo.
- 2368 CHAVES, Luís — *O «ciclo dos descobrimentos» na poesia popular do Brasil*. B, II, Coimbra, 1943, pp. 81-157.
Quadras e romances do ciclo dos descobrimentos acompanhadas de largos comentários.
- 2369 CHAVES, Luís — *A língua na poesia popular*. ALP, II, Lisboa, 1943, pp. 16-19.
Notas acerca de algumas quadras populares e da sua difusão no Brasil e Malaca.
- 2370 CHAVES, Luís — *O sentimento português das cantigas do povo*. ALP, II, Lisboa, 1943, pp. 197-200.
13 quadras populares. Versões portuguesas e brasileiras. Suas afinidades.
- 2371 CHAVES, Luís — *Estudos de poesia popular*. Porto, 1943, 139 pp.
A rosa na lírica popular — Simbologia; antropónimo Rosa; rosa de Alexandria; contraste entre esta e o cravo; representação na heráldica; etc. Larga exemplificação de quadras populares.
Transcrição das «Décimas do Padrão» do Ameixial.
Estudo do romance de Santa Iria, e do romance da Nau Catrineta — defesa da tese da sua origem peninsular, da época dos descobrimentos. Várias versões.
- 2372 CHAVES, Luís — *Etnografia da bolota*. BJNC, II, 77, Lisboa; 1945, pp. 225-227, 1 fig.
Quadras populares alusivas à bolota. Aproveitamento da bolota na arte pastoril.
- 2373 CHAVES, Luís — *Assuntos de Folclore... «Coisas & Loisas»...* MCP, I, 1, 10; II, 14, 19, 22; III, 29, Lisboa, 1946-1948.
Quadras populares, comentadas; retalhos de romances seguidos de algumas considerações sobre os mesmos.
- 2374 CHAVES, Luís — *Relações de folclore entre os cancioneiros de Galiza e Portugal norduriense*. E, III, Lisboa, 1948, pp. 223-243.
Considerações acerca do paralelismo de quadras populares galegas e portuguesas. Larga exemplificação.

- 2375 CHAVES, Luís — *A arte popular e o folclore das ceifas*. BFNPT, 7, Lisboa, 1955, pp. 45-52.
 Quadras populares alusivas ao trabalho e ao trigo. Referências aos trajés, dedeiras e foices.
- 2376 CHAVES, Luís — *Três sugestões poéticas*. DL, Sétima Série, v-vi, Porto, 1956, pp. 445-462; vii-viii, pp. 701-727; ix, pp. 883-900.
 Considerações acerca de três temas da lírica popular: «Vamos ver a barca nova...», «Passei pela tua porta...», e «o anel que tu me deste...». Vários exemplos de quadras populares.
- 2377 CHAVES, Luís — *A Cana*. RPF, x, Coimbra, 1960, pp. 95-146.
 «Vocabulário da cana e de caniço; toponímia dos dois termos; vocabulário de objectos e produtos artesanais feitos de cana; antropomorfismo da cana como símbolo feminino que se opõe ao homem; aplicação de vocábulos da cana à anatomia dos homens e dos animais.
 Excertos de romances, quadras populares, adivinhas e adágios acompanham a exposição, a título de exemplos ilustrativos. O autor cita igualmente obras literárias, em prosa ou em verso, que fazem alusão ao mesmo tema, quer se trate de referências a jogos, como o «jogo de canas» ou a instrumentos de música (flautas de pastores).
 O estudo contém igualmente algumas notas de medicina popular e práticas mágicas nas quais intervêm o emprego da cana».
- 2378 CORREIA, João da Silva — *Migalhas etnográficas*. RL, xx, Lisboa, 1917, pp. 206-238.
 Cancioneiro de Espáriz (Táboa) — 480 quadras, de diversos temas.
 Aliteraões; fórmulas rimadas; arenga popular; saudações, frases e comparações populares.
- 2379 CORREIA, João da Silva — *A rima e a sua acção linguística, literária e ideológica*. Po, iii, Porto, 1930, pp. 85-111.
 Estudo semântico da rima e da sua acção como criadora de significações novas, contendo numerosos exemplos extraídos de quadras populares, dizeres do povo, provérbios, etc., além de citações literárias.
- 2380 COELHO, Trindade — *O Senhor Sete*. T, ii, Serpa, 1900, pp. 39-42, 69-71, 86-88, 97-102, 118-120, 135-138, 154-157, 162-168, 185-186; ii, 1901, pp. 8-10, 17-22, 33-34, 56-57.
 O 7: quadras que aludem ao 7, e em especial ao «sete estrela», várias cantigas.
 Expressões: «setecentos alfaiates», «fechar a sete chaves», «sete cães a um osso», «falar com sete pedras na mão», «os sete buracos que temos na casa», «os sete fôlegos de gato», «estar com sete olhos», etc. Sétima filha feiticeira e

filho lobisomem; etc. O uso da razão aos 7 anos, Deus descansou ao 7.º dia, os 7 sábios da Grécia. Feijão de 7 semanas (menção dos «bulhos» feitos de pontas de costelas e outros ossos tenros e miúdos, rabo, etc. de porco, que se comem no Entrudo em Trás-os-Montes). Tipos de enchidos — tabafeias, etc. Notas sobre a matança do porco.

- 2381 CORTES-RODRIGUES, Armando — *Poesia popular açoreana*. RAç, I, Angra do Heroísmo, 1937, pp. 248-276.

O estudo do cancioneiro como elemento etnológico fundamental. Bibliografia do Cancioneiro português.

A antiguidade da poesia popular. Metrificação. A endeixa, a celeuma. As Maias, loas, Reis e Janeiras. As Estrelas (em 1 para 2 de Fevereiro), o Solau, a xácara, provérbios, modinhas, trovas e fados.

Antiguidade e valor do cancioneiro açoriano. O cancioneiro actual.

- 2382 CORTES-RODRIGUES, Armando — *Reflexos do Brasil no Cancioneiro Popular Açoriano*. B, II, Coimbra, 1949, pp. 29-55.

Estudo da influência do Brasil no Cancioneiro popular açoriano.

- 2383 C-R., A. — *Quadras geográficas de S. Miguel*. RI, I, Ponta Delgada, 1944-45, pp. 139-134.

14 quadras populares geográficas. Sinal da Cruz dos rapazes; parlendas infantis.

- 2384 C., A. — *Cantos populares de Coimbra*. RM, X, Esposende, 1895, pp. 46-55.

182 quadras populares.

- 2385 CORTESÃO, Jaime — *Cancioneiro popular, e cantigas do Povo*.

«O cancioneiro abre com um estudo crítico, que consta de três capítulos, no 2.º dos quais o autor analisa os elementos que formam a poesia do vulgo: a natureza e a terra natal; o elogio do trabalho; ameaças e crimes; máximas e pensamentos; piedade filial; religiosidade; o amor, e as várias circunstâncias que a acompanham; por fim a morte e a vida eterna». (J. Leite de Vasconcelos — E.P. vol. I).

- 2386 C., J. — *Cantigas devotas (Da tradição oral)*. RL, VI, Lisboa, 1900-1901, pp. 255-261.

Transcrição de quatro cantigas.

- 2387 C., J. — *Cantigas geográficas*. RL, VI, Lisboa, 1900-1901, pp. 268-271 e 318-331; VII, 1902, pp. 56-57.

355 quadras populares alusivas a terras portuguesas.

- 2388 COSTA, Francisco Carreira da — *A porta e a janela nalgumas cantigas populares açorianas*. RI, XIV, Ponta Delgada, 1958, pp. 359-377.
 Quadras populares alusivas à casa açoriana.
- 2389 COSTA, Carreira da — *Folclore micaelense*. RI, I, Ponta Delgada, 1944-45, pp. 531-540.
 Considerações acerca de um género de poesia popular satírica, que traça a caricatura de certos animais.
- 2390 COSTA, Carreira da — *Etnografia agrícola — Dois citrinos na poesia popular açoriana*. CRCAA, 17, Ponta Delgada, 1953, pp. 147-157.
 Quadras populares alusivas ao limão e à laranja.
- 2391 COSTA, Carreira da — *Cancioneiro Popular Mariano*. RI, X, Ponta Delgada, 1954, pp. 239-240.
 O culto mariano nos Açores: composições poéticas populares tendo como tema a Conceição de Maria.
- 2392 C., C. da — *Os rapazes e as meninas de agora no cancionero popular micaelense*. RI, IX, Ponta Delgada, 1953, pp. 201-203.
 Quadras populares alusivas.
- 2393 COSTA, Fernando — *Cantares*. RM, XII, Esposende, 1897, pp. 55-56.
 20 quadras de sabor popular.
- 2394 DELGADO, Manuel — *Quadras populares do Baixo Alentejo*. ABBCM, IV, Beja, 1947, pp. 148-153.
 82 quadras populares.
- 2395 DELGADO, Manuel Joaquim — *Cancioneiro Popular do Baixo Alentejo*. I, Lisboa, 1955, 515 pp.
 O Autor agrupou os materiais em três partes, correspondentes a outros tantos volumes: quadras populares ou cantigas; canções regionais ou «modas»; e composições poéticas várias.
 Este volume contém 5.155 quadras e respeita à primeira parte. As quadras são classificadas segundo a ideia geral que traduzem (este critério de classificação, segundo o Autor, não é muito rigoroso): 1) Toponímia; 2) fauna; 3) flora; 4) sentimentos; 5) corpo humano; 6) vestuário e objectos de adorno; 7) astros; 8) diversos.

- 2396 DEUS, A. — *Canções populares*. RM, x, Esposende, 1895, p. 18.
4 quadras populares.
- 2397 DIAS, Epiphanio — *Fragmentos de um cancioneiro do século XVI*. RL, IV, Lisboa, 1896, pp. 142-179.
Introdução e breve análise linguística. 50 cantigas.
- 2398 DIAS, Jaime Lopes — *Cantares do povo*. AR, IV, 197, Castelo Branco, 1930.
Considerações breves sobre poesia popular. 32 quadras.
- 2399 DINIS, Manuel Vieira — *Loa para a comédia «O Purgatório de S. Patrício»*. ACEELV, III, Porto, 1960, pp. 211-224.
Transcrição duma loa escrita em 1742.
- 2400 DUARTE, Afonso — *Os cantos do Natal e o sentimento religioso popular*. AR, IV, 187, Castelo Branco, 1929.
Considerações acerca de alguns versos populares alusivos ao Menino Jesus.
- 2401 DUARTE, Pereira — *Cancioneiro popular das festas do Menino Deus*. Porto, 1900, 16 pp.
Quadras populares alusivas ao ciclo do Natal, Janeiras e Reis.
- 2402 F., A. — *Cantos populares de Trás-os-Montes*. RM, XIII, Esposende, 1898, pp. 77-80 e 87-97.
148 quadras populares.
- 2403 FARIA, Manuel — *O arcaísmo no canto popular minhoto*. BA, II, Braga, 1950, pp. 155-163.
Breve análise do arcaísmo das canções populares minhotas, que agrupa e classifica de: 1) canções líricas; 2) canções coreográficas; 3) canções de romances; 4) canções características; e 5) canções religiosas.
- 2404 FELGUEIRAS, Guilherme — *Anfiguris populares*. Po, VIII, Porto, 1935, pp. 25-27.
Menção de alguns anfiguris.
- 2405 FELGUEIRAS, Guilherme — *As aliteraões e os trocadilhos na lírica popular*. RO, XV, Lisboa, 1941, pp. 26-30.
Exemplos de aliteraões e trocadilhos na poesia popular.

- 2406 FELGUEIRAS, Guilherme — *O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas*. EBJP, 15, Lisboa, 1947, pp. 285-290; 22, 1949, pp. 395-404; 24-25, 1950, pp. 365-396.

Anfígrafos, aliteraões e trocadilhos. Meteorologia popular. Parlendas e histórias em que aparecem termos e expressões imitativas das vozes de animais, canto de aves, etc. Cancioneiro. Adivinhas. Jogos numerativos e rimas infantis. Novelística tradicional. Apodos.

- 2407 FELGUEIRAS, Guilherme — *Cancioneiro popular trasmontano e alto-durienses*. RO, 58, Lisboa, 1960, 76 pp.; 59, 1960, 32 pp.

Cerca de 1.000 quadras populares alusivas ao céu, astros, fontes, rios e mar; ao mundo animal e ao reino vegetal (Indicação da localidade onde foram colhidas).

- 2408 FERREIRA, Padre Ernesto — *Antiguidades da poesia popular açoreana*. RAç, 11, Angra do Heroísmo, 1939, pp. 119-125.

A manutenção da poesia continental nas ilhas. A poesia nativa. A primeira poesia açoriana: S. Miguel — o sismo de 1522 — em honra da Virgem. Menções de velhos poetas açorianos. Quadras: amorosas (10), humorísticas (2) e conceituosas (6).

- 2409 FERREIRA, Eugénio — *Algumas quadras populares da ilha da Madeira*. Po, XIII, Porto, 1940, pp. 155-157.

Quadras populares colhidas na romaria da Senhora do Monte, na Madeira.

- 2410 GARRET, Almeida — *Da poesia popular em Portugal*. RUL, v, 1845-1846, pp. 439, 441, 450, 452, 460, 473 e 483.

Fala da proscricão da poesia popular na Europa desde o século XVI, e da reacção operada no Norte contra a dominação clássica, nos fins do século XVIII; da primeira reacção em Portugal no primeiro quartel do século XIX. Procura dos seus documentos. Origem da poesia popular das nações modernas — Os trovadores da Provença e os «minnesingern» da Alemanha. Predomínio em Portugal da escola provençal. Etc.

- 2411 GARRET, Almeida — *Noite de San'João*. RM, XXI, Esposende, 1913, pp. 48-50.

Versos alusivos a este Santo.

- 2412 GONÇALVES, Flávio — *Cantigas populares de Macieira de Rates*. DL, Segunda Série, IX, Porto, 1947, pp. 51-57; Terceira Série, III, 1948, pp. 25-35.

32 quadras de amor; 45 quadras conceituosas; 7 romances pastoris. Quadras coreográficas.

- 2413 GONÇALVES, Flávio — *A calvice de S. Pedro no cancioneiro popular português*. DL, Terceira Série, III, Porto, 1948, pp. 17-19.
 Quadras populares alusivas à calvice.
- 2414 GONÇALVES, Flávio — *O rouxinol na poesia popular*. DL, Quarta Série, V-VI; Porto, 1951, pp. 37-58.
 «O Autor conseguiu reunir uma série de poesias populares inspiradas no rouxinol, à volta das quais faz comentários e considerações». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 2415 GOUVEIA, José B. d'Abreu — *Cantigas populares*. RM, II, Esposende, 1897, pp. 5-21 e 38-50.
 Cantigas populares da Beira (20 quadras) e do Douro (287 quadras).
- 2416 GRAÇA, A. Santos — *Canção do berço*. IMPV, Porto, 1945, pp. 109-112.
 «O Autor interpreta a canção do berço, dentro do concelho da Póvoa, e diz que a do litoral é mais melodiosa e dolente e a do interior mais viva, e de acordo com os cantares e danças indígenas. Por sua vez a poveira do litoral embala o filho sem lhe meter medo com papões ou ciganos, enquanto que a do interior o adormece sob essa constante ameaça. Reproduz a letra de algumas canções do berço, mas infelizmente sem melodia». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 2417 GUIMARÃES, Abel de Mesquita — *Çapato que me não serve (Diversão folclórica)*, RL, XXXVI, Lisboa, 1938, pp. 300-309.
 Análise deste tema, nas quadras populares portuguesas e de outros países.
- 2418 G., M. — *Notas de etnografia*. MCP, X, 106, Lisboa, 1955, pp. 14-16; 107, pp. 14-16.
 Considerações sobre alguns temas da lírica popular.
- 2419 HABILLO, Jeosuah — *Poesias do século XVIII de estilo popular*. RL, XIV, Lisboa, 1911, pp. 296-297.
 4 quadras com refrão («Poesias extraídas de uma colecção judaico-portuguesa» — J. L. de V.).
- 2420 HELENO, Manuel — *Antiguidades de Monte Real*. AP, XXV, Lisboa, 1922, p. 1.
 4 quadras populares alusivas a Monte Real.

- 2421 Ilheu, João — *A, alma do povo açoriano no cancioneiro das ilhas*. BRCC, LII, Lisboa, 1951, pp. 458-465.
Considerações sobre o cancioneiro açoriano. Análise de 20 quadras populares.
- 2422 JOHEL — *Folk-Lore Portuguez*. Elvas, 1891, 46 pp.
Cantigas a Santo António, S. João e S. Pedro, recolhidas da tradição na província alentejana.
- 2423 J., S. — *Geresiana*. RM, II (2.^a Ed.), Esposende, 1914, pp. 25-30.
Considerações acerca de várias quadras populares.
- 2424 LANDOLT, Cândido — *Tradições populares de Barcelos*. MOIMER, I, Braga, 1946, pp. 7-8 e 17-22.
75 quadras populares. Conto popular do «Cuco».
- 2425 LANG, H. R. — *Tradições populares açoreanas*. RL, II, Porto, 1890, pp. 46-55; III, 1894-1895, pp. 80-82.
20 quadras populares; rimas infantis; jogo infantil; orações; fórmulas e ditados populares; contos e lendas; vocabulário. Formas dialectais (vocabulário). Poesia popular (seguidilha — «aravenga» infantil do Faial).
- 2426 LAPA, Rodrigues — *As origens líricas — Estado actual do problema*. BF, I, Lisboa, 1932, pp. 8-32.
A tese arábica — considerações acerca da hipótese arabística das origens da poesia lírica ocidental.
- 2427 LAPA, Rodrigues — *Scheludko e o lirismo galego-português*. BF, I, Lisboa, 1932, pp. 54-58.
Réplica à crítica de Scheludko sobre o livro «Das origens da poesia lírica em Portugal na Idade Média».
- 2428 LAPA, Rodrigues — *O significado da cultura trovadoresca*. BF, II, Lisboa, 1933, pp. 31-45.
Notícia histórica sobre o aparecimento da mística popular na Idade Média e da canção de amor trovadoresca na sua forma clássica.
Segundo o Autor, a cultura dos trovadores deve muito ao cristianismo, ao qual foi buscar o seu método psicológico, o gosto da análise interior, o tom das suas idealizações, «e por vezes a veemência da sua emoção que a equilibrada cultura clássica não conheceria».

- 2429 LEÇA, Armando — *Do cancioneiro músico estremenho*. EBJP, 6, Lisboa, 1944, pp. 251-256; 8, 1945, pp. 151-156.
- Considerações acerca de algumas quadras populares que têm por tema o vinho. Contos do Natal.
- 2430 LEÇA, Armando — *Senhora Aparecida (Lousada)*. DL, Segunda Série, IV, Porto, 1946, pp. 73-78.
- 70 quadras cantadas à Senhora Aparecida, acompanhadas de notações musicais.
- 2431 LEÇA, Armando — *Motivos ensoados pelo povo*. EBJP, 24-45, Lisboa, 1950, pp. 333-337; 35-37, 1954, pp. 187-198; 44-46, 1957, pp. 225-241; 47-49, 1958, pp. 211-223; 50-52, 1959, pp. 189-204; 53-54, 1960, pp. 181-199.
- Quadras populares alusivas à flora, a certos ofícios, onomásticas, etc. Notas coreográficas e indicação de alguns instrumentos musicais que acompanham algumas modas.
- 2432 LEMOS, Álvaro — *O Minho alegre e cantador*. Coimbra, 1926.
- «A colecção consta de onze grupos. A maior parte das canções são tradicionais e antigas, outras são de inspiração moderna e individuais». (J. Leite de Vasconcelos — E.P. vol. I).
- 2433 LOPES, José da Mota — *A côr das cantigas*. AAM, I, pp. 50-52.
- 20 quadras populares que fazem referência a cores.
- 2434 LOPES JÚNIOR, Major Frederico — *A arte de trovar dos cantadores — os desafios*. BIHIT, 9 Angra do Heroísmo, 1951, pp. 183-193.
- Descrição das cantigas ao desafio, em que o cantador improvisa e responde às quadras do outro. Transcrição de algumas cantigas ao desafio, da Ilha de S. Jorge (Açores).
- 2435 LUDOVICE, Licinia da Conceição — *Subsídios para o estudo do cancioneiro popular alenquerense*. EBJP, 23, Lisboa, 1950, pp. 89-94 e 325-331; 26-28, pp. 201-207; 41-43, pp. 135-150.
- Cerca de 300 quadras populares; duas modas de roda; romance do Conde de Montealbar (versão estremenha).
- 2436 LIMA, Augusto César Pires de — *As invasões francesas na tradição oral e escrita (Subsídios)*. RL, XXIII, Lisboa, 1920, pp. 173-184.
- Ataques irónicos, sátiras em verso, tradições orais relativas a sonhos e violências, medos e combates. Cancioneiro relativo ao tema.

- 2437 LIMA, Augusto César Pires de — *Cancioneiro Popular de Vila Real*. AORP, v (XXV) (3.^a Série), Porto, 1924, pp. 62-67 e 132-138.
 Considerações acerca de alguns temas da lírica popular. Transcrição de 142 quadras.
- 2438 LIMA, Augusto César Pires de — *Cancioneiro Popular de Vila Real*. Porto, 1928, 239 pp.
 Cerca de 1.200 quadras populares ordenadas alfabeticamente (Materiais recolhidos pelo Dr. Luís Esteves de Aguiar).
- 2439 LIMA, Augusto César Pires de — *O Porto e os seus arredores no cancioneiro popular*. DL, III, Porto, 1941, pp. 18-26.
 114 quadras populares com menção do Porto, arredores, e outras localidades.
- 2440 LIMA, Augusto César Pires de — *A Barba nas Tradições Populares de Santo Tirso*. DL, Segunda Série, III, Porto, 1945, p. 79.
 Expressões e quadras (de esfolhadas) referidas à barba.
- 2441 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Cancioneiro de S. Simão de Novais*. RG, xxxii, Guimarães, 1922, pp. 399-408; xxxiii, 1923, pp. 31-38, 151-160 e 218-226; xxxiv, 1925, pp. 199-206; xxxv, 1925, pp. 29-32, 90-93, 146-153 e 243-246; xxxvii, 1927, pp. 42-46 e 278-281; xxxviii, 1928, pp. 54-57 e 131-134; xxxix, 1929, pp. 56-69.
 Cancioneiro com cerca de 1.000 quadras populares.
- 2442 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Alguns aspectos da vida portuguesa no «Cancioneiro de S. Simão de Novais»*. TAE, IV, 3, Porto, 1930, pp. 290-300.
 Quadras alusivas à política, ao serviço militar, à guerra, ao mar, ao Brasil, etc.
- 2443 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Nótulas etnográficas — Lisboa no «Cancioneiro de S. Simão de Novais»*. FL, II, Lisboa, 1930, pp. 146-148.
 7 quadras populares que mencionam Lisboa
- 2444 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *O estudante no cancioneiro popular*. FL, IV, Lisboa, 1932, pp. 49-53.
 12 quadras populares alusivas ao estudante, seguidas de alguns comentários.

- 2445 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Afinidades luso-brasileiras no folclore minhoto*. ADVC, Viana do Castelo, 1932, pp. 135-138.
Confronto entre quadras populares portuguesas e brasileiras, que em alguns casos se reproduzem integralmente.
- 2446 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Identidade galaico-minhota no cancionero de S. Simão de Novais*. AVC, 1, Viana do Castelo, 1934, pp. 315-319.
Confronto de duas dúzias de quadras do Cancioneiro de «Vila Calvos de Rondin», de Cuevillas e Lorenzo Fernandez, e quadras colhidas pelo Autor.
- 2447 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Cancioneiro de Celorico de Basto*. TAE, VII, 2-3, Porto, 1935, pp. 105-144.
Colectânea de 352 quadras ordenadas alfabeticamente, precedidas de alguns comentários.
- 2448 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *O simbolismo cristão na cantiga popular*. CMP, II, XVIII, Lisboa, 1940, pp. 103-122.
Contraste entre as gentes do campo e os operários fabris. A invasão das «coplas» de revistas nas aldeias minhotas. Camilo e o Minho; a religiosidade de Camilo. A igreja, o padre, o altar, etc. nas cantigas populares.
- 2449 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *O simbolismo cristão na cantiga popular*. Porto, 1941, 88 pp.
«O Autor faz uma selecção de quadras de motivo religioso, que comenta, salientando a atitude do povo minhoto perante Deus e os Santos». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.). Notas biográficas de alguns santos. Música e letra de 6 orações.
- 2450 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Cantares do Minho*. 1 (2.a ed.), Porto, 1942, 156 pp.
Cancioneiro de S. Simão de Novais — 1.172 quadras. Cancioneiro de Celorico de Basto — 358 quadras.
- 2451 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Cantares do Minho*. 2, Porto, 1942, 148 pp.
Cancioneiro de S. Simão de Novais (1.239 quadras).
- 2452 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *O Mar e o Brasil*. RO, XVIII, Lisboa, 1942, pp. 129-141.
Quadras populares alusivas ao mar, Brasil, Gago Coutinho e Sacadura Cabral, etc., seguidas de alguns comentários.

- 2453 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Santo António de Lisboa (Nótula etnográfica)*. RML, 15, Lisboa, 1943, pp. 25-29.
Notas e quadras populares referentes a Santo António.
- 2454 LIMA, Fernando de Castro Pires de — «*No ventre da Virgem Mãe*» (*Nótula etnográfica*). B, II, Coimbra, 1943, pp. 394-397.
Considerações acerca da quadra popular «No ventre da Virgem Mãe».
- 2455 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *A medicina na quadra popular*. OI, 193, Coimbra, 1944, pp. 192-217.
Canções que o povo canta; sua relação com fins profiláticos.
- 2456 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *O amor na quadra popular*. Porto, 1945, 141 pp.
Quadras populares alusivas ao tema; considerações várias sobre as mesmas.
- 2457 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *O Porto no Folclore*. OT, 5.^a Série, III, Porto, 1947, pp. 181-182.
Quadras populares alusivas à cidade do Porto.
- 2458 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Nova contribuição para o estudo das afinidades galaico-minhotas do Cancioneiro popular*. RDTP, III, Madrid, 1947, pp. 323-370.
Estudo comparativo em que procura estabelecer algumas afinidades galaico-minhotas do Cancioneiro popular.
- 2459 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *O alfaiate no cancioneiro popular*. ONL, I, 5, Lisboa, 1948, pp. 18-19.
Considerações acerca do conceito popular sobre os alfaiates; quadras populares alusivas.
- 2460 LIMA, Fernando de Castro Pires — *Afinidades galaico-minhotas do cancioneiro popular*. ASEG, IV, s/d, Santiago de Compostela.
Estudo comparativo de certas formas do cancioneiro galaico-minhoto.
- 2461 LIMA, J. A. Pires de — *Canções populares*. DL, Segunda Série, IV, Porto, 1946, pp. 14-15.
Afinidades entre algumas canções e romances portugueses e franceses. Exemplos.

- 2462 MAÇAS, Delmira — *As relações entre o corpo e o carácter na linguagem popular portuguesa*. BF, IX, Lisboa, 1948, pp. 229-250.
Observações sobre o homem através de cantigas, modismos e adágios.
- 2463 MACHADO, Casimira de Moraes — *Sabedoria tradicional mogadourense — A castanha no conceito popular*. BGAB, 35, 1961.
Importância da castanha na alimentação do gado. Descrição de algumas tradições ligadas à castanha — magustos, processos de conservar a castanha. Quadras populares e adivinhas alusivas.
- 2464 MACHADO, F. Falcão — *Moços do estudo*. FL, v, Lisboa, 1932, pp. 42-61.
Publicação de 92 quadras dum cancionero estudantil português, seguidas de alguns comentários.
- 2465 MACHADO, José Pinto — *Cancioneiro de Évora*. CEBCMT, VIII, 23-24 e 25-26, Évora, 1951, pp. 109-145 e 429-466.
Transcrição do Cancioneiro de Évora, publicado já parcialmente por Hardung em 1875.
- 2466 MACHADO, L. — *A Fonte do Sardão*. RM, XII, Esposende, 1897, pp. 23-24.
Quadras (6) dedicadas à fonte do Sardão, em Moura, mencionando amores e fartura. Lenda da fonte, onde vive escondido um sardão.
- 2467 MARTHA, Cardoso, e PINTO, Augusto — *Folclóre da Figueira da Foz*. 1, Esposende, 1911, 306 pp.
Cancioneiro — Cerca de 750 quadras populares. Romanceiro — Romances religiosos e profanos. Folclore infantil — Modismos, superstições, adivinhas, rimas e jogos.
- 2468 MARTHA, Cardoso — *O povo e a grande Igreja*. L, I, Viana do Castelo, 1917-18, p. 138.
14 trovas populares.
- 2469 MARTHA, M. Cardoso — *Cartas etnográficas*. L, III, Viana do Castelo, 1919-20, pp. 68-70.
Referência a uma poesia culta e a uma quadra popular.

- 2470 MARTHA, Cardoso — *Folclore da Beira*. Po, III, Porto, 1930, pp. 299-300.
 Cantigas, um romance (As despedidas da Mestra — em verso), e uma lengalenga (cantiga das ruas de Lisboa) — recolhidas duma serviçal beiroa.
- 2471 MARTHA, Cardoso — *Retalhos de Folclore — O S. João na Figueira da Foz na poesia do povo*. BL, Coimbra, 1958, pp. 151-159.
 Quadras populares alusivas a vários atributos deste Santo, à sua festa, etc., seguidas de alguns comentários.
- 2472 MARTHA, M. Cardoso — *Folclore*. Po, I, Porto, 1928, p. 157.
 Quadras populares alusivas à «Morte da bela Arminda» — crime ocorrido em Ovar, e aí recolhidas. Variantes de uma quadra popular ouvidas em Lisboa, e provenientes de Óbidos, de Lisboa, de Cascais, e outras sem indicação de localidade; variantes grotescas e parodistas, e variantes sérias.
- 2473 M., C. — *Folclore setecentista*. FL, II, Lisboa, 1930, pp. 182-183.
 Duas quadras populares amorosas de 1727.
- 2474 M., C. — *Nótulas de viagem — Quadras tópicas de Arraiolos*. FL, VII, Lisboa, 1936, pp. 62-63.
 3 quadras tópicas de Arraiolos.
- 2475 MARTINS, Armando — *Poesia jurídica*. Po, X, Porto, 1937, pp. 206-209.
 Breves considerações acerca de conceitos jurídicos populares expressos em quadras.
- 2476 MARTINS, Carlos — *Cancioneiro da saudade*. S/d (1922).
 «Dividido por províncias: Beira, Trás-os-Montes, etc. O livro é um conjunto de lindas quadras. Contudo além das que o colector declara terem autor conhecido, há muitas (talvez a maior parte) que não são populares». (J. Leite de Vasconcelos — E.P. vol. I).
- 2477 MATOS, Armando de — *Nótulas etnográficas e folclóricas*. RL, XXIX, Lisboa, 1931, pp. 277-286.
 O jogo das «escondidas» — Interpretação das «malhas» de acordo com o direito medieval de asilo.
 Comentário a um cancionero de amor (42 quadras) que uma mulher das cercanias de Viseu colocava nos cravos de papel que vendia pelas feiras. (Nota de J. Leite de Vasconcelos sobre o cravo na etnografia).

- 2478 MEIRELES, Cecília — *Folclore Guasca e Açoriano*. RI, III, Ponta Delgada, 1947, pp. 167-174.
 Quadras populares; versões açorianas e guascas (Brasil); notas comparativas.
- 2479 MEIRELES, Cecília — *Cancioneiro popular açoriano*. RI, IX, Ponta Delgada, 1953, pp. 433-446.
 Variantes e exemplos comparativos.
- 2480 MENDONÇA, Maria Angélica Furtado — *Cantigas do «Sete»*. RL, XV, Lisboa, 1912, pp. 145-172.
 Cartas trocadas entre a Autora e Trindade Coelho acerca do simbolismo do número «sete». 96 quadras populares alusivas.
- 2481 MENDONÇA, Maria Angélica Furtado de — *Cantigas populares (Tradição da Rapa. Celorico da Beira)*. RL, XVI, Lisboa, 1913, pp. 300-329.
 350 quadras populares.
- 2482 MIRANDA, Abílio — *O Alfaiate no cancionero popular*. ONL, I, 7, Lisboa, 1948, p. 12.
 Refere-se ao artigo de F. Pires de Lima, com este mesmo título, confrontando certas quadras daquele com o baile dos alfaiates das festas do Corpus Christi de Penafiel.
- 2483 MONTEIRO, Abilio — *O caracter revelado (sciencias e fantasias)*. Porto, 1908, 372 pp.
 «O capítulo IX intitula-se Sabedoria do Povo Português, e o A. assinala aí várias observações físicas, morais e intelectuais que o povo faz em cantigas e adágios». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. IV).
- 2484 MONTEIRO, Elvira — *Modas — estribilhos alentejanos*. T, v, Serpa, 1903, pp. 4-5, 27, 39, 68-69, 137-138; VI, 1904, pp. 2, 5, 20-21, 40, 56-57.
 Letra de algumas modas alentejanas.
- 2485 MONTEIRO, José — *Introdução ao Cancioneiro da Beira Baixa*. RI, XXXVIII, Lisboa, 1943, pp. 143-195.
 Cancioneiro religioso do ciclo do Natal. Considerações acerca da origem da poesia popular; citação de algumas teses desconstruídas: Teófilo Braga e Rodrigues Lapa. Plano de sistematização que ordena em dois grupos o conjunto dos cantos populares da Beira Baixa: a) Romanceiro, e b) Cancioneiro lírico, em que atende essencialmente ao assunto.

- 2486 MOURINHO, P.^o António — *Canções encadeadas populares em Trás-os-Montes*. RO, xxvii, Lisboa, 1945, pp. 222-229.

Transcrição de várias cantigas agrupadas em: «Cantigas de amigo», e «Cantigas de amor». No primeiro grupo inclui «Faixinha Verde», «O Salgueiral», e «A menina cativa»; no segundo, «Se teu pai me dera», «Dála em Dala», «A honra do Seixal», «A Lavadeira», «O cordão verde», «Malveta» e «A Tecedeira».

- 2487 NEVES, Guilherme Santos — *As neumas das canções do berço — Sua presença em Portugal e no Brasil*. ACEELV, III, Porto, 1960, pp. 257-270.

Referências a versos de embalar que incluem a neuma ro ro ro ou ru ru ru, recolhidos por Leite de Vasconcelos. Transcrição de várias cantigas de embalar brasileiras que utilizam a mesma neuma.

- 2488 NEVES, P.^o Serafim Gonçalves das, LIMA, Augusto César Pires de, e DACIANO, Bertino — *Tradições de Azurara*. DL, Quarta Série, v-vi, Porto, 1951, pp. 92-108; vii-viii, pp. 69-81.

Poesias populares dos Reis e do S. João, colhidas na região de Azurara. Cerca de 160 adivinhas agrupadas segundo o modo como começam a ser enunciadas: O que é que é (23 adivinhas); Qual é a coisa qual é ela... (12); Em que se parece... (21); Que diferença há... (3); Adivinhas chamadas (97). Variantes e termos locais, em notas.

- 2489 NUNES, J. J. — *Cantigas de Martim Codax, presumido jogral do século XIII*. RL, xxix, Lisboa, 1931, pp. 5-32.

Análise da natureza popular das cantigas deste poeta jogralesco, e suas versões nos diferentes cancioneiros. Comentários filológicos sobre as três lições do cancioneiro.

- 2490 NUNES, Dias — *Cancioneiro popular do Baixo Alentejo*. RM, XIII, Esposende, 1898, pp. 20-31, 49-64, 81-87, 105-110 e 124-130.

351 quadras populares.

- 2491 NUNES, Dias — *Tradições populares — Os descantes*. RM, XIII, Esposende, 1898, pp. 17-20.

Notícia literária sobre os cantos em conjunto, das ruas, em Serpa.

- 2492 NUNES, M. Dias — *Modas — Etribilhos alentejanos*. T, III, Serpa, 1901, pp. 10, 24, 38, 54, 72, 85-86, 105-106, 118-120, 132, 148, 166, 178; iv, 1902, pp. 6, 24, 38, 70, 84, 100, 114, 132, 146, 170 e 184.

Modas coreográficas alentejanas (quadras da tradição oral de Serpa).

- 2493 NUNES, M. Dias — *Cancioneiro Popular do Baixo Alentejo*. T, III, Serpa, 1901, pp. 15-16, 29-32, 46-48, 78-80, 92-95, 110-112, 126-128, 141-143, 153-155, 171-173, 180-183; IV, 1902, pp. 11-14, 29-32, 44-46, 61-64, 77-79, 93-95; VI, 1904, pp. 7, 26-27, 41, 59, 77-78, 93-94.
 Quadras da tradição oral de Serpa.
- 2494 NUNES, M. Dias — *Costumes da minha terra*. I — *Os descantes*. T, IV, Serpa, 1902, pp. 8-9.
 Refere-se aos descantes na via pública, especialmente por ocasião das festas religiosas de S. João, Santo António e S. Pedro, Natal, Ano Bom e Guadalupe, e também quando da apanha da azeitona; nota o apego do camponês ao hábito de cantar, que em alguns casos, diz servir até para iludir a fome.
- 2495 O., A. de C. e — *Cantigas populares*. RL, IV, Lisboa, 1896, pp. 287-288.
 9 quadras colhidas em Trás-os-Montes.
- 2496 OLIVEIRA, Francisco Xavier d'Athaide — *Romanceiro e Cancioneiro do Algarve*. Porto, 1905, 429 pp.
 Romances, orações, rimas várias, quadras populares, etc. Notas preambulares acerca do método de recolha.
- 2497 OLIVEIRA, Lopes de — *Sabugeiro*. BAAP, VII, Viseu, 1948, pp. 3-37.
 Esboço monográfico. A. p. 14-26 insere duas lendas, um romance, e algumas quadras populares.
- 2498 OLIVEIRA, Manuel Ramos de — *A fama de Celorico*. BAAP, XII, Viseu, 1953, pp. 245-263.
 Apodos tópicos. Toponímia. Cancioneiro celoricense (Beira Alta).
- 2499 OLIVEIRA, Raposo de — *A poesia popular nos Açores — Os repentistas*. AA, Lisboa, 1903, pp. 174-178.
 Referência a dois afamados cantadores de desafio, com transcrição de quadras improvisadas por estes.
- 2500 PAÇO, Afonso do — *Cancioneiro de Viana do Castelo*. Braga, 1928, 275 pp.
 1.500 quadras, dispostas alfabeticamente.
- 2501 PAÇO, Afonso do — *Lisboa no Cancionero Ribatejano*. RML, 37, Lisboa, 1948, pp. 15-20.
 Quadras populares alusivas a Lisboa.

- 2502 PAÇO, Afonso do — *Cancioneiro popular ribatejano — Contribuição de Vila Nova de S. Pedro*. DL, Quinta Série, I-II, Porto, 1952, pp. 89-153, III, pp. 48-84.
- Cerca de 1.100 quadras populares ordenadas alfabeticamente.
- 2503 PALMEIRIM, L. A. — *A poesia popular nos campos*. RM, II (2.^a ed.), Esposende, 1914, pp. 67-78.
- Considerações acerca de várias quadras populares.
- 2504 PEREIRA, A. Gomes — *Tradições e Linguagem de Vila Real*. RL, IX, Lisboa, 1906, pp. 229-258; X, 1907, pp. 122-160 e 191-237.
- Tradições populares. Orações. Versos (Janeiras). Cancioneiro (cerca de 1.200 quadras). Narrativas populares. Superstições (Ramos, 1.º de Maio, etc.). Ensalmos. Ditados tópicos e vários. Ditos e frases populares. Comparações, rimas e frases estereotipadas. Jogos e rimas infantis. Aliteraões. Imprecações.
- 2505 PEREIRA, A. Gomes — *Tradições populares de Barcelos*. RL, XVI, Lisboa, 1913, pp. 280-288.
- Romances (3). Canções tópicas (24). Ditados (46).
- 2506 PEREIRA, A. Martins — *Ramalhete de cantigas populares portuguesas*. Porto, s/d, 12 pp.
- Quadras populares.
- 2507 PEREIRA, J. J. Gonçalves — *Rimas populares*. T, III, Serpa, 1901, pp. 174-175.
- 8 quadras da tradição oral de Cidadelhe.
- 2508 PESTANA, Joaquim — *Canções populares da ilha da Madeira*. RM, I, Barcelos, 1886, pp. 43-44.
- 18 canções populares.
- 2509 PIMENTEL, Alberto — *As alegres canções do Norte*. Porto, 1910, 287 pp. 11 figs., 10 transcrições musicais.
- A alegria, vivacidade e frescura da canção minhota. Influências: dos trovadores galaico-minhotos, mesológicas, temperamentais, etc. Quadras populares referidas a flores, plantas, árvores, aves, frutos; corográficas e coreográficas: *cana verde* (que considera de origem mítica); *malhão* («malhador errante e namorado») que anda de eira em eira seduzindo as raparigas); *chula* (que diz ter origem numa dança galega); etc. Os coros das camponesas durante os trabalhos. Malhas do centeio — simulacro da prisão do dono, liberto pela

oferta de vinho aos malhadores; assalto à cozinha e às panelas da comida, defendidas pelas mulheres; refeição no meio da eira e versos cantados na altura. Esfolhadas — O encontro da maçaroca vermelha e o abraço ritual a que ela dá direito. Encapuçados. *Arrincada* de linho — perseguição às raparigas e rebolar com elas enlaçadas no chão. Espadeladas — embuçados. Serões. Quadras referidas às diferentes circunstâncias.

Aspectos de algumas romarias minhotas. Cânticos religiosos e profanos. A noite de S. João no Porto — O arraial do povo em Cedofeita, e o burguês, na Lapa. Exibições coreográficas integradas no cortejo desta quadra (Braga, etc.): Pelas, Mouriscas, Serpe, Corrida do Porco Preto, etc. Quadras alusivas. Natal — Queima do galheiro. Prato cerimonial do bacalhau; doces de mexidos, rabanadas, sonhos; vinho quente. Letra e música das Janeiras e Reis. Teatro de reiseiros — Transcrição de um auto de Friães (Santo Tirso).

- 2510 PIMENTEL, Alberto — *O Cancioneiro do Herminio*. RM, II (2.^a ed.), Esposende, 1914, pp. 17-23.

Canções populares da Serra da Estrela.

- 2511 PINA, Violante de — *A ironia na quadra popular*. ACEELV, III, Porto, 1960, pp. 141-150.

Manifestações irónicas e satíricas na quadra popular. Exemplos.

- 2512 PLÁCIDO, João — *A lira do povo*. RM, X, Esposende, 1895, pp. 29-40.

370 quadras, recolhidas no concelho de Esposende.

- 2513 PIRES, A. Thomaz — *Cantigas da Galiza*. RM, I, Barcelos, 1886, pp. 86-87.

16 cantigas recolhidas na província do Douro.

- 2514 PIRES, A. Thomaz — *Trova popularizada*. RL, II, Porto, 1890-92, pp. 343-44.

Comentários e versões de uma trova popular que representa uma forma culta popularizada: No seio da Virgem Mãe...

- 2515 PIRES, A. Thomaz — *Folk-lore Português — Trovas alentejanas*. RM, X, Esposende, 1895, pp. 19-28, 40-45, 55-60, 62-70; XII, 1897, pp. 85-102 e 105-112; XIII, 1898, pp. 10-16, 31-32, 33-38, 41-48 e 64-77.

Quadras recolhidas no concelho de Elvas (n.^{os} 17 a 521, e 1661 a 1928).

- 2516 PIRES, A. Thomaz — *Cantos populares da Beira Alta*. RM, XIII, Esposende, 898, pp. 97-104.

80 quadras.

- 2517 PIRES, A. Thomaz — *Cantos populares portugueses. I*, Elvas, 1902, 437 pp.

«O plano da coordenação é o seguinte: I, O *sobrenatural* (entidades cristãs e entidades pagãs); II, A *natureza* (os astros; fogo, luz e sombra; a atmosfera; a água; a terra; as pedras; os metais; os vegetais; os animais); III, *O homem e a sociedade* (cantigas do berço, cantigas amorosas, cantigas profissionais, cantigas históricas, etc.); IV, *Vária* (conceito popular de Cupido, de Salomão, das cores, etc.). ...«É à subclasse *Cantigas amorosas* da secção III» que «pertence a quase totalidade das cantigas incluídas nas restantes subclasses desta secção e nas outras secções». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. II). Este primeiro volume compreende 2.561 quadras, referidas a seres sobrenaturais, religiosos e pagãos, e a astros, fogo, luz e sombra, atmosfera, água, terra, pedras e metais.

- 2518 PIRES, A. Thomaz — *Cantos populares portugueses. II*, Elvas, 1902, 412 pp.

Este volume contém 2.438 quadras, agrupadas segundo os seguintes temas: vegetais e animais, e Homem e Sociedade — cantigas de berço, carinhos e penas filiais, amizade e cantigas amorosas.

- 2519 PIRES, A. Thomaz — *Cancioneiro Popular Político — Trovas recolhidas da tradição oral portuguesa*. Elvas, 1906, 98 pp. (2.^a ed.).

Trovas alusivas a vários acontecimentos políticos, invasões francesas, movimento liberal, Maria da Fonte, etc., precedidas duma carta de Oliveira Martins ao Autor, em que comenta o desinteresse do nosso povo por tais acontecimentos, e a escassez destas cantigas, considerando parte dos materiais reunidos no presente trabalho, produto de pacotilha político-literária.

- 2520 PIRES, A. Thomaz — *Cantos populares portugueses. III*, Elvas, 1909, 484 pp.

Este volume contém 3.853 quadras ordenadas e classificadas de cantigas amorosas — gracejos, constância, ciúmes e desenganos, penas e sentimentos, arrufos e desavenças, imprecações e motejos, reconciliação, despedida, ausência e saudade, conselhos amatórios, seduções e casamento.

- 2521 PIRES, A. Thomaz — *Modas e modinhas*. RM, XIX, Esposende, 1911, pp. 13-15, 36-39, 72-93, 101-133.

Modas de baile, jogos de roda e canções de rua.

- 2522 PIRES, A. Thomaz — *Cantos populares portugueses*. RM, XX, Esposende, 1912, pp. 49-52, 89-101, 133-152, 197-232.

Cerca de 600 quadras populares.

- 2523 PIRES, A. Thomaz — *Cantos populares portugueses*. IV, Elvas, 1912, 578 pp.
 Este último volume contém cerca de 3.250 quadras ordenadas segundo os seguintes temas: festas e bailes; cantigas profissionais — agricultura, artes e ofícios, clero, comércio, exército e marinha, indústria, malteses e contrabandistas —; cantigas jocosas e satíricas, sentenciosas e morais, históricas e políticas, e geográficas; vária: conceito popular de Cupido, de Salomão, das cores, cantigas numerativas e modas e modinhas. Em Apêndice, insere ainda várias quadras agrupadas segundo a ordenação dos temas adoptados nos volumes anteriores e neste.
- 2524 POMBINHO JÚNIOR, J. A. — *Canções e modas alentejanas*. AT, II, Elvas, 1934, pp. 312-313, 331, 353-354; III, 1935, pp. 22-23, 38-93, 60-61, 94-95, 127-128.
 Cerca de 60 canções e modas alentejanas.
- 2525 POMBINHO JÚNIOR, J. A. — *Cantigas dobradas*. E, II, Lisboa, 1942, pp. 391-409.
 Considerações sobre este género de cantigas, com abundante exemplificação.
- 2526 POMBINHO JÚNIOR, J. A. — *Serpa e as suas cantigas populares*. ABBCM, III, Beja, 1946, pp. 70-73.
 46 quadras populares alusivas a Serpa.
- 2527 POMBINHO JÚNIOR, J. A. — *Beja e as suas cantigas populares*. ABBCM, III, Beja 1946, pp. 308-313.
 67 quadras populares alusivas a Beja.
- 2528 POMBINHO JÚNIOR, J. A. — *Cuba e as suas cantigas populares*. ABBCM, IV, Beja, 1947, pp. 246-247.
 27 quadras populares alusivas a Cuba.
- 2529 POMBINHO JÚNIOR, J. A. — *Algumas modas populares do Baixo Alentejo*. ABBCM, IV, Beja, 1947, pp. 40-56; V, 1948, pp. 73-87; VI, 1949, pp. 328-345; VII, 1950, pp. 99-110; X, 1953, pp. 66-78; XI, 1954, pp. 32-44; XII, 1955, pp. 57-72; XIV, 1957, pp. 58-72, XV, 1958, pp. 57-70; XVI, 1959, pp. 49-54.
 Modas e quadras populares alentejanas.
- 2530 POMBINHO JÚNIOR, J. A. — *Moura e Vidigueira e as suas cantigas populares*. ABBCM, V, Beja, 1948, pp. 267-269.
 Quadras populares alusivas a estas terras.

- 2531 POMBINHO JÚNIOR, J. A. — *Alvito e Castro Verde e as suas cantigas populares*. ABBCM, VIII, Beja, 1951, pp. 70-74.
57 quadras populares alusivas a estas terras.
- 2532 POMBINHO JÚNIOR, J. A. — *Almodôvar, Mertola, Odemira e Ourique e as suas cantigas populares*. ABBCM, IX, Beja, 1952, pp. 29-32.
46 quadras populares alusivas a estas terras.
- 2533 PORTELA, Maria da Purificação Viegas Severo — *As falas da Beira Alta*. Po, XVIII, Porto, 1944, pp. 3-11, 99-106.
Vocábulos, locuções, prólóquios e quadras populares.
- 2534 PRAT, Oscar — *Uma quadra popular*. L, I, Viana do Castelo, 1917-1918, pp. 12-13.
Considerações acerca de algumas quadras populares
- 2535 REDOL, Alves — *Cancioneiro do Ribatejo. Vila Franca de Xira, 1950*, 200 pp.
Na introdução, o Autor tece uma série de considerações sobre o folclore, e defende o conceito do folclore como uma força viva e não apenas uma sobrevivência do passado. Disserta sobre as afinidades nos Cancioneiros, apontando relações e produtos de difusão estabelecidos a partir do contacto entre trabalhadores migratórios, especialmente os beirões.
O Cancioneiro é dividido em três grandes partes: 1) O Meio, com 320 quadras corográficas, dos astros, flora a fauna; 2) O Homem, com 719 quadras alusivas ao nascimento, nomes, físico, vestuário, distrações, gracejos, gabarolice, disparates, vícios, arrastar a asa, namoro, amor, adoração, juras, dúvidas, ciúmes, despeito, rivalidade, amargura, alegria, desilusões, ingratidão, vaidade, arrufos, escárnio, mal-dizer, pragas, vingança, despedida, vida militar, saudade, cartas, pobreza, religião, malícia, beijos, casamento, filhos, sabedoria, conselhos e morte; e 3) Trabalho, com 272 quadras referidas a fainas, profissões, produções, indústrias, queixas e orgulho.
- 2536 RIBEIRO, Emanuel — *Versos para lenços*. FL, I, Lisboa, 1929, pp. 174-179.
Notícia de colecções de quadras que se vendiam para as bordadeiras de lenços aplicarem nos lenços: «Para uso dos solteiros», «Para pessoas que se querem», «Para conciliações», «Para viúvas», «Para presentes», «Lenços com um coração». Transcrição dessas quadras.
- 2537 REBELO, Joaquim M. — *Folclore de Trás-os-Montes e Alto Douro — Quadras populares*. BGAB, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 27, 31, 32, 1956 a 1961.
Cerca de 150 quadras populares, recolhidas da tradição oral da região.

- 2538 REIS, António — *Ouvindo António Reis*. JN, 4, 8, Porto, 1957.
4 Décimas sobre um mote em quadra, de António Joaquim Lança, cabreiro de Cuba.
- 2539 RIBEIRO, Luís da Silva — *O mar no cancioneiro popular dos Açores*. RAÇ, II, Angra do Heroísmo, 1940, pp. 135-151.
O mar como tema de poesia popular açoriana. Referências ao mar e aos barcos em várias quadras; a pesca da baleia; os peixes; a vida do mar. O conceito do mar sagrado. Lendas marítimas: sereias, Ícaro, etc. A alma do mar; a emigração. Topónimos. A ausência de romances populares de origem marítima e insular, na tradição continental e açoriana. Teorias explicativas. Comparação com o cancioneiro continental. Ausência de uma forma peculiar às ilhas, diferente do continente. «Bordões» (versos iniciais comuns a cantigas diversas).
- 2540 RIBEIRO, Luís da Silva — *Benquerenças e malquerenças*. RAÇ, III, Angra do Heroísmo, 1943, pp. 118-143.
100 quadras geográficas dos Açores, com notas elucidativas.
- 2541 RIBEIRO, Luís da Silva — *A propósito de uma canção popular terceirense — «As velhas»*. B, II, Coimbra, 1946, pp. 537-540.
Estudo duma canção que satiriza as velhas que aspiram ao casamento, e à qual atribui origem brasileira.
- 2542 RIBEIRO, Luís da Silva — *A saudade na poesia popular açoriana*. BIHIT, II, Angra do Heroísmo, 1953, pp. 220-241.
Estudo do sentimento da saudade, e do temperamento açoriano. Citações literárias clássicas e modernas. 68 quadras saudosistas das ilhas e do continente, por ausência de aculturação.
- 2543 ROQUE, Joaquim, DELGADO, Manuel J. — *Para o cancioneiro do Baixo Alentejo*. ABBCM, v, Beja, 1948, pp. 161-181 e 316-333.
500 quadras populares.
- 2544 ROQUE, Joaquim — *O ciclo do Natal no Cancioneiro do Baixo Alentejo*. ABBCM, XI, Beja, 1954, pp. 50-62.
Quadras populares alusivas ao Natal.
- 2545 ROSEIRA, Abílio M. — *Cantiga para arrular*. RL, XXIX, Lisboa, 1931, pp. 300-301.
Nota sobre uma «cantiga de berço» de Semide (Coimbra).

- 2546 SALGADO, P.º Benjamim — *A etnografia como expressão de valores humanos*. ACEELV, III, Porto, 1960, pp. 303-317.
Análise de algumas criações poéticas de lavra popular.
- 2547 SANTOS, Felício dos — *Linguagem popular de Trancoso (Notas para o estudo dos dialectos beirões)*. RL, v, Lisboa, 1897-99, pp. 161-174.
Fonologia, morfologia, sintaxe e textos (poesias populares). Vocabulário. Nomes de frutas.
- 2548 SANTOS JÚNIOR — *Cantares vianenses, folclore da Galiza*. ADVC, Viana do Castelo, 1932, pp. 32-35.
Comparação de 15 quadras populares recolhidas pelo Autor em Barroselas com outras tantas galegas.
- 2549 SANTOS, Victor — *Cancioneiro Alentejano*. Lisboa, 1959, 155 pp., 14 fig.
20 canções hieráticas, 51 coreográficas; 84 quadras e 36 modas alusivas à faina, natureza e exaltação da terra; 200 quadras amorosas, satíricas e diversas.
- 2550 SERRANO, Francisco — *Romances e canções populares da minha terra*. Mação, 1921.
«Nas canções, que o colector subdivide em religiosas e várias, sobressaem algumas como mais notáveis, por exemplo, os *terços*, as *alvissaras* pela Ressurreição de Cristo, o Espírito Santo, a *encomendação das almas*, o *juízo da alma*, o *testamento de Cristo*». (J. Leite de Vasconcelos — E.P. vol. I).
- 2551 SERTÓRIO, Carlos — *O Santo António do Povo*. Lisboa, 1895.
«Contém poesias populares (cantigas, orações, etc.), contos populares, narrativas de milagres, e outras composições», (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).
- 2552 SILVA, Armando da — *Folclore açoriano*. RM, XII, Esposende, 1897, pp. 50-55; XIII, 1898, p. 9.
Cantigas populares recolhidas em Ponta Delgada (S. Miguel). A vinha e o vinho; 4 quadras, duas sob forma de diálogo.
- 2553 SILVA, F. Xavier da — *Cancioneiro do Povo Português*. Porto, 1871.
«Muitas cantigas são genuinamente populares; noutras creio que houve retoque». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).

- 2554 SPOLETO, Mário Adelino — *Cantares da minha terra*. Porto, 1935, 163 pp.
802 quadras de cantigas de viola. Cantigas dialogadas e dos malhadores e limpadores do trigo.
- 2555 SOUSA, Angelo Cruz e — *Castelo de Penude*. AP, XXIV, Lisboa, 1919, p. 209.
Quadra popular alusiva a um sino encontrado por uma pastora, numa fraga do monte.
- 2556 TAVARES, Abade — *Folk-lore transmontano*. IT, I, Porto, 1908, pp. 24, 88 e 103-104; II, 1909, pp. 28 e 124; III, 1910, pp. 40-41, 76, 93-94, 128, 135-136.
7 romances e 84 quadras populares.
- 2557 TEIXEIRA, Tavares — *Folk-lore transmontano*. P. I, Porto, 1903, pp. 388-390, 631-632, 862.
Versões de romances e quadras populares.
- 2558 THOMAZ, Pedro Fernandes — *Poesias populares*. RL, IV, Lisboa, 1896, pp. 377-82
Cantigas, parlendas infantis e orações.
- 2559 VARELA, João — *Rimas populares*. T, I, Serpa, 1899, pp. 186-187; II, 1900, pp. 27-28, 95; III, 1901, pp. 123-124.
Longo poema de feição popular, sobre o namoro e o casamento (de Serpa). Quadras e décimas da tradição oral de Serpa.
- 2560 VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de — *A maneira do Apiahá*. RL, I, Porto, 1887-89, pp. 379-381.
Indicação desta modinha, de que fala João Ferreira de Vasconcellos (Eufrosina III, 2); na Ulysippo (III, 6) cita três versos de um apiahá. J. Ferreira de Vasconcellos menciona rouxinol de barro (que acompanhava a modinha, que prova que a letra era humorística e vulgar) e nêspas (cascáveis ou campainhas sem badalo). Gil Vicente, Floresta de Enganos, parece que conheceu o apiahá.
- 2561 VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de — *Este es el Calbi Orabi*. RL, XVIII, Lisboa, p. 15.
Estudo sobre esta «modinha bailada», várias vezes citada em textos literários, e em Gil Vicente. Sua origem árabe.

- 2562 VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de — *No seio da Virgem Mãe*. L, II, Viana do Castelo, 1918-19, pp. 145-146.

Considerações acerca desta quadra.

- 2563 VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de — *Literatura Popular Portuguesa*. Geschichte der portugiesischen Literatur (2.º vol. da Grundriss der romanischen Philologie de G. Groeber).

Estudo da literatura popular portuguesa «desde os tempos mais antigos de que restam vestígios, até hoje. Com relação ao Cancioneiro, faz uma divisão da poesia lírica do nosso povo em duas épocas, a primeira das quais termina no fim do século XIV. Com relação ao Romanceiro, classifica os romances, quanto aos assuntos, em três grupos: *cavalheirescos* ou *novelescos*, de aventuras medievais; *xácaras*, de cenas modernas, ora satíricas, ora sérias, ora joviais; *sacros*, da vida de Cristo, da Virgem e dos Santos. O capítulo termina com uma bibliografia». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).

- 2564 VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de — *Cancioneiro da Ajuda*. II, Halle, 1904.

«No vol. II do Cancioneiro da Ajuda, Halle, 1904, p. 948, vem um importantíssimo e extenso capítulo sobre os vestígios da poesia popular galeco-portuguesa arcaica, sua semelhança com as cantigas do nosso povo, e seu influxo provável na poesia trovadoresca». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. IV).

- 2565 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Santo António*. RM, I, Barcelos, 1886, pp. 30-31.

Cantos populares a Santo António.

- 2566 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Observações sobre as cantigas populares*. RL, I, Porto, 1887, pp. 143-157.

Objecto das cantigas — Formas — Dicotomia das quadras; antítese, comparação, absorção (e trocadilhos) obscurecimento gradual do sentido; obscurecimento total. — As repetições.

Estudo analítico da cantiga popular portuguesa, com exemplos que ilustram os caracteres apontados.

- 2567 VASCONCELLOS, J. L. de — *Poesia amorosa do povo português*. Lisboa, 1890, 142 p.

Estudo sobre o tema. Indicação de bibliografia sobre o assunto. Colectânea de quadras populares alusivas.

- 2568 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Dialectos algarvios (Contribuição para o estudo da dialectologia portuguesa)*. RL, IV, Lisboa, 1896, pp. 324-38.
Introdução — Linguagem popular de Cabanas da Conceição: fonologia, morfologia, sintaxe. Textos populares (quadras, adivinhas, cantigas para embalar os meninos). Vocabulário.
- 2569 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Estudos de Filologia Mirandesa*. II, Lisboa, 1901, 344 pp.
Na 3.^a Parte desenvolve a teoria do mirandês: origem, condições em que se constituiu, e evolução geral; variedades dialectais do mirandês; caracteres e classificação do mirandês. A 4.^a parte é dedicada ao estudo da camoniana mirandesa. A 5.^a ao vocabulário etimológico. Contém ainda 5 Apêndices, num dos quais, o 5.^o, transcreve um entremez — «Saturano i Marcolfa»; 2 contos e três fábulas; 34 quadras amorosas, 2 graciosas, e 21 devotas; 3 adivinhas; e 24 rifões.
- 2570 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Linguagens fronteiriças de Portugal e Espanha*. RL, VII, Lisboa, 1902, pp. 133-145.
Linguagem de Parada do Monte — Fonologia, morfologia, vocabulário e canções (2 quadras à S.^a da Peneda). Linguagem de S. Miguel de Lobios — Fonologia e morfologia. Linguagem de Ermesinde — Textos populares, fonologia, morfologia, sintaxe e vocabulário.
- 2571 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Arremessos simbólicos na poesia popular portuguesa*. RL, VII, Lisboa, 1902, pp. 126-132.
Quadras populares que referem o arremesso de objectos: frutos, pedras e flores.
- 2572 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Poesia e ethnographia*. RL, VIII, Lisboa, 1903-1905, pp. 29-35.
Análise do livro «Alívio dos tristes», de Correia de Oliveira, de inspiração popular, onde a poesia utiliza crenças e costumes portugueses.
- 2573 VASCONCELLOS, J. Leite de — *A rola viúva na poesia popular*. MLN, XXI, Baltimore, 1906, pp. 33-34.
Notas sobre o tema. Quadras alusivas. Comparação com casos semelhantes de outros países.
- 2574 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Canções do berço, segundo a tradição popular portuguesa*. RL, X, Lisboa, 1907, pp. 1-86.
Fundamento psicológico das canções do berço. Intervenção da mitologia. O que as mães inventam.
Universalidade e continuidade histórica destas canções: fora da Europa e na Europa; na antiguidade, na idade média, e em tempos ulteriores, até hoje.

Notícia especial a respeito de Portugal, do século XVI para cá.
Ordem em que dispõe as canções. O berço. Nomenclatura. Maneira de trazer as crianças. Espécies de canções e seus temas. Observações sobre o assunto e a forma poética. Coleção de cantigas.
Análise da mitologia e origens de muitos elementos destas cantigas.

- 2575 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Poesias populares*. RL, XIV, Lisboa, 1911, pp. 260-267.

Poesias populares recolhidas da tradição oral.

- 2576 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Poesia antiga de estilo popular*. ATPLH, Elvas, 1913.

Transcrição duns versos manuscritos que o Autor encontrou num alfarrabista, que traduzem um diálogo de Cristo com uma freira.

- 2577 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Cantigas «quadradas»*. CE, XXVII, 1659, Elvas, 1916.

Nota acerca de certas formas de versos, de origem literária, a que os cantadores dão um estilo popular. Exemplos de cantigas «quadradas».

- 2578 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Nótulas etnográficas*. L, III, Viana do Castelo, 1919-20, p. 81.

3 quadras italianas e 3 portuguesas em que os olhos são elogiados ou vituperados.

- 2579 VASCONCELLOS, J. Leite de — *O Douro geográfico e etnográfico (Estudos Durienses)*. (4), Régua, 1938, 54 pp.

Com base em elementos históricos analisa as expressões Além Douro, Aquém Douro, Riba do Douro, Alto Douro, Baixo Douro, e territórios a que correspondem. 60 quadras populares referentes ao Douro.

- 2580 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Curiosidades etnográfico-antropológicas*. Po, XIV, Porto, 1941, pp. 3-7.

Quadras populares alusivas aos cabelos, cara, olhos, boca, queixo, dente, e seios.

- 2581 V., J. L. de — *Antiga poesia popular portuguesa*. AETPP, I, Porto, 1883, pp. 19-24.

Publicação de algumas peças poéticas portuguesas do Cancioneiro da Vaticana; suas relações com a poesia popular portuguesa. Comparação dos «Cantares de Amigo» do citado cancionero com algumas canções que Gil Vicente intercala nos seus autos.

- 2582 V., J. L. de — *Poetas populares portuguesas*. AETPP, I, Porto, 1883, pp. 40-46.
 Considerações acerca de alguns poetas populares; quadras utilizadas para exemplificação. Referências à «dança dos ferreiros», que têm lugar em Penafiel, por ocasião da festa do Corpo de Deus.
- 2583 V., J. L. de — *Epigramas populares*. RL, I, Porto, 1887, pp. 176-177.
 16 quadras populares de feição satírica. Este género aparece principalmente nas cantigas ao desafio.
- 2584 V., J. L. de — *A Tia Batista*. RL, VII, Lisboa, 1902, pp. 239-240.
 Versos sobre a Tia Baptista (versão da Muxagata, concelho de Fornos de Algodres). História da personagem. Comparação de quadras e de alguns elementos da lenda.
- 2585 V., J. L. de — *Observações ao Old Portuguese Songs de H. Lang*. RL, VIII, Lisboa, 1903-1905, pp. 223-225.
 Análise de várias cantigas dos nossos cancioneiros, que H. Lang traduziu.
- 2586 V., J. L. de — *Três expressões de arte poética popular*. RL, XI, Lisboa, 1908, pp. 351-352.
 Versos — Cantigas às avessas (para rir). Cantigas da erva.
- 2587 V., J. L. de — *As cantigas em honra do Condestável*. RL, XX, Lisboa, 1917, pp. 294-297.
 Pequeno estudo sobre essas composições.
- 2588 V., J. L. de — *Ainda a «cantiga do Mirandum»*. RL, XXIII, Lisboa, 1920, pp. 185-186.
 2 versões da cantiga — francesa e espanhola.
- 2589 V., J. L. de — *Poesia popular local e regional*. RL, XXVII, Lisboa, 1929, pp. 297-300.
 a) Composições de especial forma, usadas apenas em certas localidades ou regiões (*cantigas retornadas*, nos trabalhos do centeio em Trás-os-Montes).
 b) Cantigas geográficas — 1) que revelam alguma feição local, quer física quer devida à influência do homem; 2) que exprimem ideias gerais aplicadas indiferentemente a várias terras, apenas com mudança do nome destas; 3) que pertencem a ambos os grupos.
 «A poesia tradicional acompanha os costumes e vida do povo; exprime os sentimentos deste, ora amoroso, religioso, plangente, ora sentenciosa ou satírica; tanto se apraz de frisar com breves traços caracteres de povoações, sítios e pessoas, como de se levantar acima da realidade das causas em típicos lances de imaginação, e continuado gosto de alegorias».

- 2590 V., J. L. de — *Os rios na poesia popular (Poesia de amor)*. RL, xxviii, Lisboa, 1930, pp. 284-287.
Aspectos diversos sob que se apresentam os rios na poesia popular.
- 2591 VENTURA, Carlos Simões — *Tradições populares e vocabulário de Vale de Cantaro (Coimbra)*. RL, xiv, Lisboa, 1911, pp. 283-291.
49 quadras populares. Décimas. Anfiguris. Vocabulário.
- 2592 VIANA, Tancredo — *Fraca franqueza*. MCP, vi, 61, Lisboa, 1951, p. 21.
Quadras e histórias satíricas acerca da psicologia trasmontana.
- 2593 VIEIRA, José da Silva — *Cancioneiro minhoto*. RM, i, Barcelos, 1886, pp. 8, 12, 15-16, 23-24, 48, 64-68, 76, 80, 89-90; xix, 1911, pp. 8, 9, 19-20, 41-44, 46, 53-72, 93-100.
Cerca de 1.000 quadras populares.
- 2594 VIEIRA, José da Silva — *Cancioneiro minhoto (1.º vol.)*. Esposende, 1917, 157 pp.
700 quadras populares.
- 2595 VIEIRA, J. da Silva — *Ramalhete de canções populares colhidas no concelho de Espozende*. Esposende (Collecção Silva Vieira), 1887, 15 pp.
50 quadras populares.
- 2596 S/A. — *Quadras populares*. RM, x, Esposende, 1895, p. 60.
3 quadras populares.
- 2597 S/A. — *Canciones populares (dialecto mirandês)*. RM, xii, Esposende, 1897, pp. 63.
5 quadras em mirandês.
- 2598 S/A. — *Trovas populares*. RM, xii, Esposende, 1897, pp. 102-103.
12 quadras de sabor popular.
- 2599 S/A. — *Poesias populares da Beira Alta*. RM, xii, Esposende, 1897, pp. 103-104.
13 quadras de sabor popular.
- 2600 S/A. — *S/título*. RM, xiii, Esposende, 1898, p. 8.
4 quadras populares.

- 2601 S/A. — *Cantigas regionais (Alto Minho)*. RL, VIII, Lisboa, 1903-1905, pp. 301-302.
14 quadras, na maioria tópicas.
- 2602 S/A. — *Cantigas populares a S. João*. Figueira da Foz, 1905, 8 pp.
Recolhidas da tradição oral. (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. IV).
- 2603 S/A. — *Cantos populares*. RM, XIX, Esposende, 1911, p. 134.
35 quadras que exprimem o conceito popular de Cupido; 42 que exprimem o conceito popular das cores; 11 que exprimem o conceito popular de Salomão; e 33 quadras numerativas.
- 2604 S/A. — *Quadra solta*. RM, XXI, Esposende, 1911, p. 28.
1 quadra popular.
- 2605 S/A. — *Janeiras ou os Santos Reis*. RM, XIX, Esposende, 1911, p. 147.
Versos das Janeiras.
- 2606 S/A. — *A dobadoira (cantiga popular do Minho)*. RM, XX, Esposende, 1912, pp. 73-77.
Forma poética em que se canta a dobadoira.
- 2607 S/A. — *Ó Rosa Tirana (Canção Popular)*. RM, XX, Esposende, 1912, pp. 78-79.
Canção popular da Rosa Tirana.
- 2608 S/A. — *Cantigas soltas*. RM, XXI, Esposende, 1913, pp. 66-70.
29 quadras alusivas a Santo António.
- 2609 S/A. — *Cantigas soltas*. RM, XXI, Esposende, 1913, p. 76.
2 quadras alusivas a Santo António.
- 2610 S/A. — *Cantigas selectas da noite de S. João*. RM, XXI, Esposende, 1913, pp. 46-48.
Versos alusivos a S. João.
- 2611 S/A. — *«Modinhas» populares do século XVIII*. ATP, I, Lisboa, 1916, p. 30.
Reproduz três quadras citadas, como antigas, num folheto de 1791, intitulado: «A conversação que fazem as mulheres quando vão de visita a casa das suas amigas».

- 2612 S/A. — *Arquivo etnográfico*. L, II, Viana do Castelo, 1918-19, p. 158,
11 quadras populares.
- 2613 S/A. — *Cancioneiro Popular*. AM, I, Viana do Castelo, 1935, pp. 49-51.
34 quadras populares recolhidas em Santa Marta, Perre, Outeiro e Geraz do
Lima (Viana do Castelo).
- 2614 S/A. — *Cantigas Populares*. DL, VII, Porto, 1943, p. 62.
3 quadras populares recolhidas por Pires de Lima numa esfolhada em Areias
(Santo Tirso), de carácter satírico.
- 2615 S/A. — *A Pombinha — Canção popular do dia dos Reis Magos*. MCP, I, 7,
Lisboa, 1947, p. 10.
12 quadras (poema), sobre os Reis Magos, sem indicação de proveniência.
- 2616 S/A. — *As quadras populares e os lenços de amor*. AAM, VI, Viana do
Castelo, 1956, pp. 142-144.
17 quadras populares, tiradas de alguns lenços de amor.
- 2617 S/A. — *Colecção de cantigas populares colhidas de diferentes terras das
províncias e ilhas adjacentes*.
«Tem algumas canções verdadeiramente populares; outras retocadas; outras
apócrifas». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).
- 2618 S/A. — *Cancioneiro popular*. AM, pp. 49-51.
34 quadras populares.
Ver Ref.^{as}: 4, 52, 54, 56, 65, 68, 91, 105, 114, 142, 144, 145, 203, 207, 208, 211,
218, 219, 221, 222, 226, 230, 232, 233, 247, 248, 250, 265, 271, 273, 279, 280,
282, 284, 290, 292, 301, 335, 358, 405, 442, 559, 588, 704, 776, 888, 899, 949,
963, 1085, 1384, 1426, 1433, 1440, 1454, 1508, 1519, 1526, 1527, 1567, 1569,
1575, 1576, 1584, 1585, 1588, 1634, 1640, 1644, 1646, 1668, 1687, 1705, 1726,
1751, 1753, 1838, 1839, 1881, 1883, 1884, 1904, 1906, 1909, 1916, 1922, 1923,
1937, 1992, 1993, 2038, 2065, 2071, 2147, 2167, 2192, 2219, 2227, 2229, 2631,
2836.

2. ROMANCEIRO

- 2619 AGUIAR, Fernando de — *Usos e costumes da Ilha da Madeira —
Romances*. FL, VIII, Lisboa, 1937, pp. 38-52.
Transcrição de dois romances.

- 2620 AGUIAR, Luis Esteves d' — *Santa Helena*. IT, 3, Porto, 1910, pp. 152 e 193.

Letra e música de 2 romances populares recolhidos em Parada de Cunhos

- 2621 AZEVEDO, Alvaro Rodrigues de — *Romanceiro do Arquipélago da Madeira*. Funchal, 1880, 514 pp.

O Autor ordenou os materiais (recolhidos na Madeira e Porto Santo) em: Romances sacros (29); Romances profanos (22); Xácaras (19); Casos (25); Contos de fadas (3); Contos alegóricos (8); Contos de meninos (3); Lengalengas (5); Parlengas infantis (9); Jogos pueris (6); e Jogos de adultos (4).

- 2622 BARREIRO, José Maria Viqueira — *El Romanceiro, Vinculo Hispano-Lusitano*. BRFLUC, xxx, Coimbra, 1954, pp. 245-346; xxvi, 1955, pp. 125-391.

Estudo do Romanceiro português e espanhol. Intercâmbio, relações, vínculos populares e culturais entre as literaturas e os países nelas referidas e simbolizadas.

Temas espanhóis que tiveram eco no romanceiro português, e vice-versa. Versões portuguesas e espanholas de vários romances.

- 2623 BASTO, Cláudio — *Cavalo Tremedal*. L, 1, Viana do Castelo, 1917-18, pp. 103-105 e 118-119.

Considerações acerca desta expressão que aparece no romance Don Beltrão.

- 2624 BRAGA, Theophilo — *Ampliações ao Romanceiro das Ilhas dos Açores*. RL, 1, Porto, 1887, pp. 99-116.

El Convite — e a sua versão de Trás-os-Montes — D. Ausência — e de Ponta Delgada — O caso de D. Juliana e Jorge. «O caso de D. Inez (para comparar com a versão asturiana «La princeza Isabel». «O caso de Francisquinha» (1.^a versão). «Décima de Bernardo Francês (2.^a versão). «O caso do gato Bella-Saúde». «Romance de uma Pastora». «Fragmento de romance». «Outro» (Candidinha). «Oração de S. José». «Oração dos Pastorinhos». «O pranto de N. Senhora».

Pequena nota final sobre o dialecto açoriano, de J. L. de V.

- 2625 BRAGA, Theophilo — *O mito de Istar em uma lenda popular estremenha e asturiana*. RSNS, 1, Porto, 1889, pp. 7-17.

Análise do romance popular «Serrana de la Vera» (versão estremenha), e da «Guyarra» (versão asturiana), que considera como vestígio do mito babilónico da deusa Istar, e cujo tema fundamental é a morte de todos os seus amantes, infligida por ela.

- 2626 BRAGA, Theophilo — *O mito caldeo-babilónico dos amores de Istar na tradição ocidental*. RSNS, II, Porto, 1893, pp. 1-18.

Estudo sobre o ciclo romanesco de Juliana e Jorge — que se caracteriza pelo castigo que uma amante dá ao namorado, no momento em que este lhe anuncia que vai casar com outra. Versões de Pernambuco, Ceará, S. Miguel (Açores), Trás-os-Montes, Catalunha, Astúrias, Ucrânia, Escócia, Suécia, Bretanha. Relações que apresenta com mitos solares e da aurora.

- 2627 BRAGA, Theophilo — *A Bella mal maridada*. T, IV, Serpa, 1902, pp. 145-146.

Considerações acerca do romance lírico «A Bella mal maridada», glosado por Resende e sobre o qual também escreveu Jorge da Silva, Sá de Miranda, Gil Vicente, etc.

- 2628 BRAGA, Theophilo — *Romanceiro Geral Portuguez* — I. (2.^a Ed.), Lisboa, 1906, 639 pp.

Romances heróicos, novelescos e de aventuras

- 2629 BRAGA, Theophilo — *Romanceiro Geral Portuguez* — II. (2.^a Ed.), Lisboa, 1907, 588 pp.

Romances de aventuras, históricos, lendários e sacros.

- 2630 BRAGA, Theophilo — *Romanceiro Geral Portuguez* — III (2.^a Ed.), Lisboa, 1909, 630 pp.

Romances heróicos e novelescos; romances de aventuras; históricos ou lendários; sacros e devotos; e romances com forma literária do século XV ao XVIII.

Notas e paradigmas comparativos.

- 2631 CARNEIRO, Alexandre Lima — *Do Cancioneiro de Monte Córdova — Considerações sobre músicas e letras*. CSTBC, VI, Santo Tirso, 1958, pp. 7-177.

Romances, cantos de romeiros, cantigas de trabalho, toadas de pedreiro, anfiguris, cegarregas, lengalengas, arremedos de orações e quadras.

- 2632 CARNEIRO, A. Lima — *Dois romances populares*. PVIM, Porto, 1945, pp. 165-168.

«O Autor mostra que dois fados colhidos em Monte Córdova correspondem a dois romances populares muito conhecidos, estabelecendo as necessárias comparações e reproduzindo os dois fados em questão: «O Fado da Francisquinha» e «O Fado do Conde de Margarida»». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 2633 CATALAN, Diego — *A caza de romances raros en la tradición portuguesa*. ACIELB, III, Lisboa, 1959, pp. 445-477.
Transcrição de 4 romances populares. Comentários sobre os mesmos.
- 2634 CHAVES, Luís — *Romance da Reconquista (Versões transmontanas)*. RG, L, Guimarães, 1940, pp. 263-272.
Episódios romanceados originariamente escritos e propalados na tradição oral. 4 versões do romance «o Mouro».
- 2635 CHAVES, Luís — *Alguns vestígios da acção marítima na poesia popular*. Po, XIV, Porto, 1941, pp. 46-52, 123-130.
Romances cujo tema mostra vestígios da acção marítima.
- 2636 CHAVES, Luís — *Gerinaldo «Pagem de El-rei tão querido»*. PN, IV, Lisboa, 1941, pp. 134-149.
Estudo comparativo de diversas versões deste romance, «franco-peninsular, de origem medieval e formas quinhentistas». A versão de Garrett, do Padre Firmino Martins, de Pedro Fernandes Tomás, José Augusto Tavares, Leite de Vasconcelos, etc.
- 2637 CHAVES, Luís — *O Romanceiro e o Teatro popular do norte do Douro*. BRFLUC, XXIV, Coimbra, 1948, pp. 347-419.
Considerações acerca do Romanceiro, com exemplificações de romances do Ciclo da «Cristã cativa», da «Infanta do Mar», etc., da região ao norte do Douro. Os romances de guerra e tragédia e os de religião, no teatro popular ou rural.
- 2638 COELHO, F. Adolfo — *As maravilhas do velho*. RM, I, Barcelos, 1886, pp. 61-62.
Notas sobre o romance «A viúva resignada».
- 2639 COSTA, Carreiro da — *Etnografia agrícola — O pão no romanceiro popular açoriano*. II — *O pão no adagiário popular açoriano*. CRCAA, 13, Ponta Delgada, 1951, pp. 123-130.
Romances e adágios alusivos ao pão.
- 2640 C. C. da — *O oiro nalguns romances populares açorianos*. RI, VIII, Ponta Delgada, 1952, pp. 430-431.
Breves considerações acerca do papel do oiro no romanceiro dos Açores.

- 2641 DIAS, Jorge — *Almeida Garrett e a Etnografia Portuguesa*. AGHCFP. Porto, 1952.

A figura de Almeida Garrett como precursor da etnografia portuguesa e pioneiro do movimento de renovação literária de fonte popular. O Romanceiro.

- 2642 DIAS, Maria da Conceição — *Tradições populares do Baixo Alentejo (Ourique)*. RL, XIV, Lisboa, 1911, pp. 41-61.

5 romances populares e 5 contos.

- 2643 DORES, Maria Alice Farinha das — *José Leite de Vasconcelos e a literatura de transmissão oral — O seu Romanceiro*. ACIELB, III, Lisboa, 1959, pp. 478-492.

Organização e critério seguido na publicação do romanceiro recolhido por J. Leite de Vasconcelos.

- 2644 ENES, Inocêncio P.^e — *Tradições populares da freguesia de Altares*. BIHIT, 8, Angra do Heroísmo, 1950, pp. 68-98.

3 contos e 2 romances.

- 2645 FELGUEIRAS, Guilherme — *O estudo da literatura popular e das tradições orais estremenhas*. EBJP, 19, Lisboa, 1948, pp. 409-423, 1 fig.

Romanceiro estremenho.

- 2646 GARRETT, Almeida — *Romanceiro*. I) *Romance da Renascença*; II) *Romances cavalheirescos*.

«No Livro I compreendeu ele vários poemets originais seus, que se baseavam em tradições populares portuguesas; no Livro II compreendeu os romances colhidos na tradição oral, e por ele aperfeiçoados no lado literário, já de harmonia com o gosto do colector, já segundo o confronto de várias versões do mesmo tema.

Garrett indicou muitas vezes no pé da página as variantes de cada composição, e, tanto nas introduções das xácaras, como no fim dos volumes, juntou muitas notas comparativas, traduções em línguas estrangeiras, referências dos nossos antigos escritores aos romances tradicionais, etc.». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).

- 2647 GARRET, Almeida — *Bernal-Francês*. RM, XX, Esposende, 1912, pp. 181-191.

Considerações sobre a rapsódia popular «Bernal-Francês», e transcrição do fragmento original, apurado das diferentes lições orais e da escrita de Londres.

- 2648 GUIMARÃES, Alfredo — *Dois motivos de romance*. ATP, 2, Lisboa, 1916, pp. 147-148.

Nota apenas literária, com indicação de dois motivos musicais, de toadas de serão, de Baúlhe e Vila Verde.

- 2649 HARDUNG, V. E. — *Romanceiro Português*. I e II, Leipzig, 1877.

«Na introdução faz o colector um esboço da história literária dos nossos romances, baseado principalmente em trabalhos de Teófilo Braga. Aí diz também qual é o intuito da obra: «Na presente edição propus-me reunir quanto andasse coligido nos diferentes romanceiros portugueses publicados no reino, cuja edição está, em parte, esgotada, incluindo alguma coisa inédita que pude obter da tradição oral». «o que ele porém incluiu de novo é muito pouco. Os romances desta colecção estão classificados por assuntos: romances históricos, marítimos, de aventuras, cavalleirescos e novelescos, mouriscos, sacros e lendas cristãs, romances com forma literária do século XVI a XVIII, e romances modernos (literários também). Cada romance vem acompanhado de breves notas explicativas». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).

- 2650 HELENO, Manuel — *Entre a paz e a guerra...* AP, xxv, Lisboa, 1921-1922, pp. 36-37.

Espécie de romance feito pelo povo, na ocasião do descobrimento da gruta de Monte Real.

- 2651 LANDOLT, Cândido A. — RM, XXI, Esposende, 1913, pp. 62-63.

Romance popular.

- 2652 LARANJO, Frederico — *Subsídios para o estudo comparativo da balada inglesa e do romance popular português*. RFLUL, IX, Lisboa, 1943, pp. 59-84.

Semelhanças de técnica e de temas entre a balada inglesa e o romance popular da Península.

Análise destes dois tipos; pontos fundamentais divergentes: diferença de origens, a não existência de coro, e o desacordo na forma.

- 2653 LIMA, Augusto César Pires de — *Romances tradicionais (A devota da Ermida — Jesus Mendigo)*. L, IV, Viana do Castelo, 1921-22, pp. 126-127.

Transcrição destes romances com algumas considerações acerca dos mesmos.

- 2654 LIMA, Augusto César Pires de — *A «Nau Catrineta», e o naufrágio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo do Brasil no ano de 1565*. PRFCA, 3, Porto, 1937, pp. 129-140.

Considerações acerca das origens do romance popular «A Nau Catrineta».

- 2655 LIMA, Augusto César Pires de — *Os romances tradicionais em Portugal e no Brasil (Nótula)*. B, IV, Coimbra, 1949, pp. 158-161.
- Breves considerações acerca dos romances «Nau que vai à guerra», «Tormenta do gageiro» e do auto de «Bumba-meu-Boi».
- 2656 LIMA, Augusto César Pires de, e CARNEIRO, Alexandre Lima — *Romanceiro para o povo e para as escolas*. Porto, s/d, 83 pp.
- Seleção de cerca de 30 romances populares, na maior parte extraídos de outros romances.
- 2657 LIMA, Fernando de Castro Pires de — «*Fanta-Chirò*» ou «*A Donzela que vai à guerra*». TAE, XVII, 1-4, Porto, 1949, pp. 357-370.
- Comparação entre a versão portuguesa e a italiana, que o Autor considera inspirada no romance português.
- 2658 LIMA, Fernando de Castro Pires de Lima — *A mulher vestida de homem (Contribuição para o estudo do romance «A Donzela que vai à Guerra»)*. Lisboa, 1958, 381 pp.
- Estudo acerca das origens deste romance. Análise das opiniões formuladas a seu respeito por Garrett, Teófilo Braga, Puymaigre, Pelayo, Pidal, Nigra, etc. Conclui pela sua origem medieval, e embora não exclua totalmente a hipótese dele ter vindo de Castela, admite ter sido profundamente influenciado pela figura de António Rodrigues (fim do século XVI) que em Mazagão teve heróica acção guerreira. Variantes da Península e da América Latina.
- 2659 LIMA, Joaquim Alberto Pires de, e LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Romanceiro minhoto*. Porto, 1943, 142 pp.
- «Os Autores conseguiram reunir 58 romances populares na província do Minho, que coordenaram cronologicamente. Muitos romances já não estão completos, ou apresentam-se incorrectos, reproduzindo-os os Autores tal qual os ouviram ao povo, de acordo com o método científico. Cada romance é precedido dum estudo dos problemas respectivos, em que os Autores comparam as diferentes versões publicadas, com os originais directamente colhidos». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 2660 LIMA, J. A. Pires de — *Quatro romances populares*. BCCMP, VI-VII, Porto, 1943, pp. 237-261.
- Considerações sobre alguns romances populares colhidos em S. Simão de Novais.
- 2661 LIMA, J. A. Pires de — *Ainda o romanceiro português*. DL, Segunda Série, III, Porto, 1945, pp. 22-25.
- Bibliografia que se refere e insere versões do romanceiro português.

- 2662 LOPO, Joaquim de Castro — *Valdevinos*. RL, II, Porto, 1890, pp. 80-81.
Romance popular trasmontano, colhido da tradição oral de Valpaços, em 1889.
- 2663 LOPO, Joaquim de Castro — *Quem quizer viver alegre*. RL, , Porto, 1890-92, pp. 266-267.
Romance inédito, colhido da tradição oral de Valpaços, em 1890.
- 2664 MACHADO, Falcão — *O romance popular de «O Antoninho» — Uma esquecida tragédia coimbrã*. FL, IX, Lisboa, 1940, pp. 75-82.
Transcrição do romance — versão vimaranense e variante incompleta, de Salzedas.
- 2665 MATTOSO, António G. — *O pão nas tradições populares portuguesas*. BFNPT, 7, Lisboa, 1955, pp. 9-22.
Retalhos de romances em que se alude ao pão.
- 2666 MENDONÇA, Maria Angélica Furtado de — *Romances Populares da Beira Baixa*. RL, XIV, Lisboa, 1911, pp. 1-35.
22 romances da tradição oral da Rapa (Celorico da Beira).
- 2667 MONTEIRO, A. Pereira — *Tradições populares do Marco de Canavezes*. DL, Segunda Série, I, Porto, 1944, pp. 71-75.
Cancioneiro: O Conde da Alemanha; a Pombinha sem fel. Um conto popular: Uma enfiada de mentiras.
- 2668 NUNES, José Joaquim — *Subsídios para o romanceiro português (tradição popular do Algarve)*. RL, VI, Lisboa, 1900-1901, pp. 151-188.
Análise de alguns romances populares, de alguns dos quais apresenta várias versões.
- 2669 NUNES, J. J. — *Duas novas variantes do romance «A Silvaninha»*. Po, 2, Porto, 1929, pp. 225-232.
As duas versões correntes deste romance, em Portugal, Espanha, Américas Latinas, e nos judeus do Levante e Tânger: A D. Silvana (mais usual entre nós), e a Delgadinha. Nomes diversos da heroína. Análise das duas novas versões da forma «Delgadinha», que transcreve com notação da música. Menção da Adozinha de Garrett, feita sobre este tema. Origem jogralesca deste romance.
- 2670 OLIVEIRA, Athayde de — *Contos, lendas e tradições algarvias — As mouras encantadas*. ANRMI, II, Lisboa, 1916, pp. 41-42.
Romance da moura encantada, de Silves (Inédito).

- 2671 PEDROSO, Consiglieri — *O Rei Traquilha*. RL, III, Porto, 1894-95, pp. 370-371.
Romance colhido da tradição oral das Caldas da Rainha.
- 2672 PEREIRA, A. Gomes — *Folk-Iore Trasmontano*. IT, 1, Porto, 1908, p. 176.
Versão do romance popular «Dona Silvana».
- 2673 PIDAL, Diego Catalán Menendez — *Importância da tradição portuguesa para o Romancelheiro Hispânico*. RFLUL, XIV, Lisboa, 1948, pp. 97-116.
Tomando como exemplo um velho romance citadino — o da Perseguição do rei Bucar ante Valencia (Helo helo por do viene el moro por la calzada) — pretende mostrar a importância que tem a tradição portuguesa, tanto antiga como moderna, para o estudo do Romancelheiro ibérico.
Versões antigas e modernas do romance. Estudo comparativo das versões.
- 2674 PIDAL, Ramón Menéndez — *A proposito del «Romancelheiro Português» de J. Leite de Vasconcelos*. ACIELB, III, Lisboa, 1959, pp. 493-499.
Considerações sobre o Romancelheiro Português, de Leite de Vasconcelos.
- 2675 PIRES, António Thomaz — *Santo Antonio*. RM, I, Barcelos, 1886, p. 33.
1 romance.
- 2676 PIRES, António Thomaz — *Romance*. RM, XXI, Esposende, 1913, pp. 70-71.
Versão de um romance de Santo António.
- 2677 PIRES, António Thomaz — *Santo Antonio*. RM, XXI, Esposende, 1913, pp. 74-76.
1 romance de Santo António, com uma variante.
- 2678 PIRES, António Thomaz — *Lendas e romances*. Elvas, 1920, 189 pp.
71 romances populares.
- 2679 PIRES, A. Thomaz — *Lendas e Romances*. T, I, Serpa, 1899, pp. 71-74, 93-94, 119, 157, 182-184; II, 1900, pp. 28-29, 106-107; III, 1901, pp. 42-44, 91-92, 143-144, 148-150, 166-169; IV, 1902, pp. 14-15, 32, 38-41, 58-60, 75-76, 90-92, 110-112, 127-128, 143-144 e 159-160.
Cerca de 30 romances (com algumas variantes), da tradição oral de Elvas.

- 2680 PIRES, A. Thomaz — *Romance do cego (Quatro versões)*. RL, VI, Lisboa, 1900-1901, pp. 226-229.
4 versões deste romance.
- 2681 PIRES, A. Thomaz — *Tradições poeticas de Entre-Douro-e-Minho*. RL, VIII, Lisboa, 1903-1905, pp. 215-220.
5 romances, desafios, e orações.
- 2682 PIRES, A. Thomaz — *O Santo António na tradição popular elvensê*. AT, I, Elvas, 1933, pp. 114-116.
Romance de Santo António; responso e oração para chover.
- 2683 PUYMAIGRE, Conde de — *Romanceiro*. Paris, 1881.
A obra «é muito importante, já pela fidelidade da tradução, já pelas notas comparativas que contém». (J. Leite de Vasconcelos — E.E, vol. I).
- 2684 TAVARES. Abb.^e José Augusto — *Romanceiro Trasmontano (Da tradição popular)*. RL, VIII, Lisboa, 1903-1905, pp. 71-80; IX, 1906, pp. 277-323.
Romances populares.
- 2685 VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de — *Estudos sobre o Romanceiro Peninsular*. RL, II, Porto, 1890-1892, pp. 156-179 e 193-240.
Estudo sobre o Romanceiro Peninsular.
- 2686 VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de — *Estudos sobre o romanceiro Peninsular — Romances velhos em Portugal*. IV, Madrid, 1907, 368 pp. (sep. da *Cultura Española*).
«Consta de: introdução; referências a romances velhos em obras de autores portugueses; notas e observações complementares». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. IV).
- 2687 VASCONCELLOS, José Leite de — *Romances populares portuguesas*. Barcelos, 1881, 16 pp.
7 romances populares, de alguns dos quais apresenta mais que uma versão.
- 2688 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Versão portuguesa do romance popular de Jean Renaud*. R, 11, Paris, 1882, pp. 585-586.
Versão portuguesa deste romance.

- 2689 VASCONCELLOS, J. Leite de — *A viúva resignada*. RM, I, Barcelos, 1886, p. 58.
Considerações sobre esta xácara.
- 2690 VASCONCELLOS, J. Leite de — Santo António. RM, XXI, Esposende, 1913, pp. 171-172.
Versão de um romance popular.
- 2691 VASCONCELLOS J. Leite de — *Assuntos insulares*. RL, XXIII, Lisboa, 1935, pp. 177-192.
«Comédias açóricas — comparação com a «Verdadeira história da Imperatriz Porcina» de Baltazar Dias. Romanceiro da Madeira — apresentação do romance do Conde Claros e crítica ao Romanceiro de Rodrigues de Azevedo.
- 2692 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Romanceiro Português*. Lisboa, 1886 (Publicado em 1958 em Coimbra), 479 pp.
Romances históricos de assunto peninsular; romances épicos de assunto carolíngio; romances novelescos.
- 2693 V., J. L. de — *Romance popular de D. Carlos*. RL, IV, Lisboa, 1896; pp. 189-191.
Versão deste romance, de Adeganha (Alfândega da Fé). Estudo dos versos. Indicação de outras versões.
- 2694 V., J. L. de — *Cantiga do Mirandum*. RL, XVII, Lisboa, 1914, p. 203.
Esclarecimentos acerca da versão mirandesa deste romance.
- 2695 VASQUES, Luis L. Cortez — *Dos textos dialectales de Rihonor y dos romances portugueses*. BF, XI, Lisboa, 1950, pp. 388-403.
Transcrição de dois textos em dialecto rionorês. 2 romances.
- 2696 VEIGA, Estácio da — *Romanceiro do Algarve*, Lisboa, 1870, XXXVIII + 206 pp.
Romances e lendas cristãs.
- 2697 VIQUEIRA, José M. — *Dualismo sentimental en el Romancero Hispano-Português*. ACEELV, I, Porto, 1959, pp. 217-226.
Considerações acerca do romanceiro peninsular.

- 2698 S., A. da — *O romance de Santa Iria*. RM, XX, Esposende, 1912, p. 79.
Versão deste romance popular pertencente ao ciclo da mulher perseguida e da esposa desgraçada.
- 2699 S/A. — *Folk-lore Trasmontano*. IT, 1, Porto, 1908, p. 143.
Versão do romance «D. Garcia», recolhido em Nozedeo (Vinhais).
- 2700 S/A. — *Romance de Santo António*. DL, IX, Porto, 1944, pp. 57-58.
Romance popular, colhido no lugar de Barrosa (Vila Nova de Gaia).
- 2701 S/A. — *História da Imperatriz Porcina*. RO, XLIII, Lisboa, 1952, pp. 33-38, 41-48, 49-56, 57-61, 65-72; XLIV, 1953, pp. 73-83.
Transcrição duma versão deste romance popular.
Ver Ref.^{as}: 4, 51, 54, 56, 68, 203, 207, 216, 227, 228, 229, 250, 270, 273, 301, 704, 939, 1055, 1408, 1426, 1433, 1640, 1881, 1888, 1909, 1911, 1912, 1916, 1918, 1922, 2093, 2316, 2368, 2371, 2373, 2377, 2412, 2435, 2467, 2470, 2496, 2497, 2505, 2550, 2557, 2563.

3. CONTOS MITOS E LENDAS

- 2702 ACABADO, Manuel António Janeiro — *Estudos de novelística — Notas sobre os contos populares*. EBJP, 14, Lisboa, 1947, pp. 143-150.
Menção de alguns estudiosos do conto popular, em Portugal e no estrangeiro. Considerações acerca do valor histórico e psicológico dos contos, e de algumas teorias sobre a origem, significação e transmissão dos contos. 2 contos populares.
- 2703 ACABADO, Manuel António Janeiro — *Estudos de novelística — Francisco Adolfo Coelho e os contos tradicionais*. EBJP, 16, Lisboa, 1947, pp. 433-447.
Notas bibliográficas. 2 contos populares.
- 2704 ACABADO, Manuel António Janeiro — *Estudos de novelística — Notas sobre a sistemática dos contos populares*. EBJP, 17, pp. 131-140.
Considerações acerca da divisão e classificação dos materiais da novelística popular estabelecidas por diversos estudiosos.
- 2705 ALEXANDRINO, António — *Contos populares alentejanos*. T, 1, Serpa, 1899, pp. 29-30, 45-47, 60-63, 76-78, 95-96, 111-112, 143-144, 190-191.
10 contos populares (da tradição oral de Brinches).

- 2706 ALEXANDRINO, António — *Animais fugindo à morte*. T, II, Serpa, 1900, pp. 107-109.
Contos alentejanos (da tradição oral de Brinches).
- 2707 ALEXANDRINO, António — *Contos alentejanos*. T, II, Serpa, 1900, pp. 29-30, 45-46, 142-143, 191; III, 1901, pp. 45-46, 63, 64, 77-78, 138-141, 155-158.
3 contos populares (da tradição oral de Brinches).
- 2708 ALMEIDA, A. Pinto — *Gil Vicente na tradição popular*. DL, VII, Porto, 1943, pp. 68-73.
As histórias populares do marido cuco Domingos Ovelha, e a farsa de Inês Pereira vicentina. 2 versões de Valbom (Gondomar); serão popularizações da farsa de Gil Vivente?
- 2709 ALMEIDA, A. Pinto — *A Fuga para o Egipto (Notas comparativas da tradição popular)*. DL, IX, Porto, 1944, pp. 40-46, 1 fig.
O episódio sagrado, nas versões populares de Valbom (Gondomar), Vila Nova de Fozcoa, Aguiar de Sousa, Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Nova de Gaia, etc., e nos barros de Barcelos e num «milagre» (pintura) de Coimbra.
- 2710 ANDERSON, Walter — *Le conte des Trois Oranges*. ACEELV, I, Porto, 1959, pp. 187-192.
Estudo de versões de vários países do conto popular «As três cidras do amor».
- 2711 BANVILLE, Théodore de — *As Andorinhas*. RM, XXI, Esposende, 1913, pp. 33-34.
Relato de uma lenda.
- 2712 BARBOSA, Bernardino — *Contos populares de Évora*. RL, XV, Lisboa, 1912, pp. 325-332; XVII, 1914, pp. 86-113; XVIII, 1915, pp. 205-218; XIX, 1916, pp. 27-35; XX, 1917, pp. 107-118; XXII, 1919, pp. 100-107; XXIII, 1920, pp. 152-156.
42 contos populares, recolhidos da tradição oral de Évora.
- 2713 BARREIRA, Álvaro Augusto — *A raposa e a cotovia*. DL, Terceira Série, III, Porto, 1948, pp. 68-69.
História contada por uma velhinha de Ervedosa do Douro em 1920.

- 2714 BARREIROS, Fernando Braga — *S. Vicente da Chã*. AP, XXIV, Lisboa, 1919, p. 77.
Lendas a respeito da pastora raptada pelo mouro.
- 2715 BASTO, Cláudio — *Contos e anedotas populares*. L, II, Viana do Castelo, 1918-19, p. 37.
Anedota popular francesa, do cavalo que morreu quando se começou a habituar a não comer. Existência da mesma história entre nós, onde figura o cavalo «do inglês».
- 2716 BASTO, Cláudio — *A teimosia das mulheres nos contos populares*. B, II, Coimbra, 1943, pp. 171-197.
Agrupamento dos contos populares em que a mulher, não podendo exprimir a sua teimosia por meio de palavras, continua a exprimi-la por meio de gestos.
- 2717 BEJA, Nuno — *Dois lendas nacionais*. OI, 89, Coimbra, 1935, pp. 53-61.
Relato de duas lendas.
- 2718 BONITO, Rebelo — *Um conto tradicional português — A Rolinha*. DL, Sétima Série, IX, Porto, 1956, pp. 969-976.
Versão deste conto popular.
- 2719 BRAGA, Theophilo — *Etnologia portuguesa*. ENRMC, Lisboa, 1880-1881, pp. 241-255 e 433-442.
3 contos enigmáticos. Adivinhas com forma literária. Adivinhas portuguesas. Variantes e analogias com os *acertigos* galegos, e enigmas de outras Províncias espanholas. Notas comparativas.
- 2720 BRAGA, Theophilo — *Formação de lendas cristãs*. OP, IX, Porto, 1882, pp. 431-454.
Estudo acerca da dissolução dos mitos politeístas em lendas religiosas. Segundo o Autor, até ao século IV o culto da Natividade tem uma preponderância exclusiva. «Aqui, os mitos do Fogo transformaram-se em lendas do nascimento do Menino». Do IV século em diante prepondera «o culto e simbolização ritualística da Paixão; a sua relação com o culto da Natividade fãcilmente se estabelecem pelo que há de comum entre o mito solar do jovem Deus que morre prematuramente e o mito do Fogo, isto é, pela identificação entre Cristo e Agnion, o cordeiro do sacrificio».
- 2721 BRAGA, Theophilo — *A lenda de D. João, em Portugal*. AETPP, I, Porto, 1883, pp. 38-40.
Conto popular — O convite do morto — que o autor diz pertencer à tradição oral do Algarve.

2722 BRAGA, Theophilo — *Cravo, rosa e jasmim*. RM, XII, Esposende, 1897, pp. 25-30.

Versão algarvia deste conto popular.

2723 BRAGA, Theophilo — *A mão do finado*. RM, XIII, Esposende, 1898, pp. 3-4.

Versão deste conto popular.

2724 BRAGA, Theophilo — *O saco das nozes (Conto popular)*. RM, II (2.^a ed.), Esposende, 1914, pp. 37-38.

Versão deste conto popular.

2725 BRAGA, Theophilo — *Contos tradicionais do povo português — Com um estudo sobre a novelística geral e notas comparativas*. I, Porto, s/d, 231 + LI pp.

Na introdução, o Autor faz o estudo da origem, persistência e transmissão da novelística popular, e a crítica dos trabalhos dos principais tratadistas do mundo, apresentando a seguinte classificação:

«I Concepções fetichistas (Peculiares aos povos selvagens e persistentes nas civilizações kuschitas e mongolóides): a) Comparação por diferença — *Fábula* — *Lapidários* — *Viridiários* — *Bestiários* — *Astrologia*, *Animismo* ou *transição mítica*. b) Persistência desta concepção com intuito moral e forma literária. — *Apólogo*. c) Dissolução popular em locuções proverbiais e referências alusivas — *Anexim*.

II Concepções politeístas (Das sociedades rudimentares, aparecendo desenvolvidas nas civilizações semíticas e áricas): a) Mitos antropomórficos — *Conto*: Do Sol, da Aurora e da Noite. Do Céu, das Nuvens e das Estrelas. Dos Dias e dos Crepúsculos. b) Mitos antropopáticos — *Epopéia*: O Sol hibernal e estival, ou o jovem herói que morre e ressuscita (Achilles, Sigurd). A Primavera, ou a donzela raptada (Sita, Helena).

III Concepções monoteístas (Das sociedades superiores em que preponderam as ideias abstractas): a) Obliteração dos temas míticos entre o povo — *Casos*: O Príncipe, A Donzela, A Velha, O Tesouro, O Lobo, O Ogre. b) Renovação pelas formas literárias — *Novelas e lendas*. c) Mitificação racional na comparação por plausibilidade — *Exemplos e parábolas*».

Na I Parte, Secção I, agrupa 57 contos de Fadas e Casos da Tradição Popular, que, em obediência ao princípio mítico estabelecido, denomina de «Contos míticos do Sol, da Aurora e da Noite». Na Secção II, agrupa 68 contos que denomina por «Casos e Facécias da Tradição Popular».

2726 BRAGA, Theophilo — *Contos tradicionais do Povo Português — Com um estudo sobre a novelística geral e notas comparativas*. II, Porto, s/d, 243 pp.

Ensaio sobre a literatura dos contos populares em Portugal: Influência da revolução religiosa budista — utilização dos contos na sua campanha de

proselitismo; dos latinistas eclesiásticos (século XII), que traduziram contos árabes, de que passaram a servir-se com fins moralizadores; da poesia provençal e dos contos bretões; da Renascença clássica. Primeira forma literária do conto — Trancoso. Mais tarde, D. Francisco Manuel de Melo e Rodrigues Lobo; Garrett e Herculano.

Parte II — Histórias e exemplos de tema tradicional e forma literária (58).

Parte III — Lendas, Patranhas e Fábulas (64).

Estudo comparativo e interpretação mítica dos principais elementos do conto.

- 2727 BRANCO, Cecília Schmidt — *Contos populares portugueses*. RL, II, Porto, 1890-92, pp. 321-332; III, 1894-95, pp. 1-18.

40 contos populares, com comentários a alguns deles.

- 2728 BRANDÃO, Abílio — *Lendas de Mouras encantadas*. RL, XIV, Lisboa, 1911, pp. 79-81.

Relato de duas lendas, recolhidas em Vila Nova de Famalicão e Paços de Ferreira.

- 2729 BRITO, J. Maria Soeiro de — *As Brotas*. (Collecção Silva Vieira), Espozende, 1890, 9 pp.

Pequena notícia sobre Brotas, aldeia do concelho de Mora, e lenda da Nossa Senhora das Brotas (em verso).

- 2730 CARDOSO, Carlos Lopes — *Congresso Internacional dos Investigadores do Conto Popular*. TAE, XVIII, 1-2, Porto, 1960-1961, pp. 157-160.

Propõe alguns princípios que devem nortear o futuro estudo sistemático do conto popular em Portugal — inventário, recolha e classificação das espécies segundo os princípios estabelecidos por Anti Aarne e Stith Thompson.

- 2731 CASCUDO, Luís da Câmara — *Os melhores contos populares de Portugal*. Rio de Janeiro, 1944, 277 pp.

Contos de encantamento (15), de exemplo (16), de animais (4), etiológicos (5), de adivinhação (2), acumulativos (1), facécias (8), natureza denunciante (2), ciclo da morte (1), e demónio logrado (1) — precedidos dum pequeno estudo.

- 2732 CASCUDO, Luís da Câmara — *Simultaneidade de ciclos afro-indígenas no Brasil*. MEMCB, Porto, 1948, pp. 305-308.

A influência poderosa do escravo europeu na literatura oral brasileira, e a presença de elementos africanos trazidos pelos portugueses e espanhóis.

- 2733 CASCUDO, Luís da Câmara — *Cinco temas do Heptaméron na literatura oral ibérica*. DL, Sexta Série, v-vi, Porto, 1954, pp. 3-12.
Menção das novelas em questão, suas versões em diversas literaturas, clássicas, orientais e recentes, especialmente portuguesa e brasileira.
- 2734 CASTRO, Alvaro de — *Lendas*. T, I, Serpa, 1899, pp. 54-55.
Duas lendas beiroas, em especial do Fundão.
- 2735 CASTRO, Leite de — *Folk-Lore*. RG, III, Porto, 1886, pp. 203-208.
Histórias populares de almas penadas; diálogo entre o sapo e a sapa.
- 2736 CHAVES, Luís — *Contos de mouras encantadas*. Lisboa, 1924, 244 pp.
Versão literária de cerca de 15 contos de mouras encantadas.
- 2737 CHAVES, Luís — *O Rio Douro (Excerto)*. Po, III, Porto, 1930, pp. 165-169.
Breve descrição literária do Rio Douro; seu início, na lenda dos três rios, a entrada em Portugal na citação de Duarte Nunes de Leão, o aspecto das margem alcantiladas, etc., com quadras populares alusivas.
- 2738 CHAVES, Luís — *O Anjo Custódio ou as «Palavras ditas e tornadas»*. RG, XLVI, Guimarães, 1936, pp. 8-24.
Estudo do conto «o Anjo Custódio» ou as «Palavras ditas e tornadas».
- 2739 CHAVES, Luís — *Políptico estremenho da Virgem*. EBJP, 5, Lisboa, 1944, pp. 83-97.
Culto e lendas da Senhora da Nazaré, do Cabo, da Arrábida, da Atalaia e da Rocha.
- 2740 CHAVES, Luís — *Adolfo Coelho e os contos populares*. BF, x, Lisboa, 1949, pp. 43-53.
Coordenação de observações e opiniões de Adolfo Coelho sobre o conto popular; importância que ele atribuía à matéria formativa dos contos populares.
- 2741 COELHO, F. Adolpho — *Materiais para o estudo da origem e transmissão dos contos populares*. OP, I, Porto, 1878-1879, pp. 74-83.
Menção dos «contos» de Grimm, e afirmação de que; os contos populares remontam à mais alta antiguidade; estão relacionados com lendas míticas e mitos; pertencem a povos muito distantes uns dos outros; que o estofos desses

contos se encontra em obras literárias importantes, de muitas épocas e povos. Menção de estudos sobre contos, colecções, origens míticas e modos de transmissão. Grimm, Afanasief, Abjörnson e Moc, Campbell, Pittré. Método semelhante ao linguístico: determinar os passos da evolução. Vários exemplos e comparações.

- 2742 COELHO, Adolpho — *Contos populares portugueses*. Lisboa, 1879, 165 pp.

Colectânea de 75 contos populares, com a indicação dos lugares onde foram recolhidos e identidade do narrador, precedida de um prefácio em que faz várias considerações sobre o valor e importância do conto popular, cuja tradição, entre nós, diz encontrar-se «assaz obliterada»; «falta-lhes vida, poesia...» «A sua forma em geral é seca, monótona, numerativa. Alguns porém apresentam-se ainda numa forma excelente, menos deturpados por elementos modernos; noutros, como em todos os países sucede, há o resultado de estranhas combinações de elementos de contos diversos».

Considera o mito e o conto como produtos totalmente diversos, embora neste entrem muitos elementos míticos. Parece admitir ao mesmo tempo criação independente e transmissão de povo a povo, vendo nestas narrativas o produto de uma faculdade que se encontra mais ou menos desenvolvida em todas as raças humanas, remetendo o estudo destes problemas para a mitografia. Faz a análise da antiguidade dos nossos contos, e, com base num método comparativo, estabelece identidades fundamentais e formais entre alguns dos nossos contos e versões de outros países, criticando certas teses que apontavam a sua introdução na Península muito tardiamente, via Europa.

- 2743 COELHO, F. Adolpho — *Estudo para a historia dos contos tradicionais*. REG, II-III, Lisboa, 1881, pp. 108-144.

O conto do justo juízo. Estudo sobre novelística popular. Classificações, comparações. Versões. Análise dos elementos em algumas delas (Trancoso, Timoneda, Mornard). Temas diversos — «Episódios».

- 2744 COELHO, F. Adolpho — *Variedades*. REG, IV, Lisboa, 1881, pp. 207-208.

1) Uma lenda de Salomão.

2) Para a simbólica do direito. Medida do tempo (citação da *Corographia*, de Carvalho, I — 260: o tempo medido «enquanto um pão quente arrefecesse no ar na ponta duma lança»).

3) A lenda do Judeu Errante em Espanha = Juan-Espera-en-Dios.

- 2745 COELHO, F. A. — *As lendas da Serra da Estrela*, PG, I, 30, Viana do Castelo, 1882, pp. 2-3.

Relato de algumas lendas, referidas a rios e mouras encantadas, da Serra da Estrela.

- 2746 COELHO, F. Adolpho — *O médico aprendiz*. RM, I, Barcelos, 1886, p. 21.
Facécia popular.
- 2747 COELHO, F. Adolpho — *A filha que amamenta o pai*. RM, I, Barcelos, 1886, pp. 73.
Versão deste conto popular.
- 2748 COELHO, Trindade — *As três maçãzinhas d'ouro*. NAl, 9, Vila Nova de Famalicão, 1900-1903, pp. 20-21.
Versão inédita deste conto popular.
- 2749 COELHO, Trindade — *A conta do «Abre-te ziombre» (conto popular)*. IT, 1 Porto, 1908, pp. 10-11.
Conto popular.
- 2750 CORREIA, Vergílio — *Nossa Senhora das Brotas*. AP, xx, Lisboa, 1915, pp. 177-188.
História do milagre da Sra. de Brotas.
- 2751 COVAS, Pedro — *Os Avejões*. T, II, Serpa, 1900, pp. 24-27, 57-58.
Histórias de avejões.
- 2752 DELGADO, Manuel Joaquim — *Aspectos da nossa etnografia novelística tradicional. Contos populares tradicionais e lendas da nossa terra portuguesa*. MCP, XII, 141, Lisboa, 1958, pp. 10-11 e 15.
Considerações sobre literatura oral. Descrição da lenda da «Salacia» e conto popular da «Raposa e o sapo».
- 2753 DIAS, Lopes — *Distrito Etnográfico — Monte de Trigo (Lenda)*. AR, I, 12, Castelo Branco, 1925.
Relato de uma lenda.
- 2754 DIAS, Lopes — *Distrito Etnográfico — O braço dos Cabrais (Lenda)*. AR, I, 26, Castelo Branco, 1925.
Relato de uma lenda.
- 2755 DIAS, Lopes — *Distrito Etnográfico — Mentira tão grande como o Padre Nosso*. AR, III, 122, Castelo Branco, 1928.
Conto popular.

- 2756 DINIS, Manuel Vieira — *Lendas da Citânia de Sanfins*. DL, Quinta Série, IX, Porto, 1954, pp. 65-73.
Relato de 10 lendas ligadas à citânia de Sanfins.
- 2757 FAZENDA JÚNIOR — *Vidigueira e as suas tradições*. T, II, Serpa, 1899, pp. 11-12.
Lenda do aparecimento da Virgem Senhora da Serra.
- 2758 FERNANDES, P.^o José Baptista — *Contos populares*. MCP, VII, 80, Lisboa, 1953, pp. 8-9.
Relações com a etnografia e com o mito. Repercussão na literatura. Depósito de tradições e expressão da vida humana; etc.
- 2759 FERREIRA, J. A. Pinto — *A escultura do «Bom Jesus de Bouças» (Nótula histórica e etnográfica)*. ACEELV, III, Porto, 1960, pp. 57-68, 10 figs.
Notícia acerca do Bom Jesus de Bouças (Matosinhos — escultura em madeira dos fins do século XII); relato de algumas lendas com ele relacionadas.
- 2760 FREDERICO, Luis — *Contos alentejanos*. T, III, Serpa, 1901, pp. 124-125.
«Era-não-era», da tradição oral de Odivelas, Alentejo.
- 2761 GIESE, Wilhelm — *Uma versão estremenha do conto das «Três perguntas do rei»*. BRFLUC, XLV, Coimbra, 1940, pp. 645-650.
Refere-se a uma versão do conto «Três perguntas do rei», com o título «Frei João Sem Cuidados» (José Diogo Ribeiro, Turquel folclórico), e confronta-o com diferentes versões nacionais e estrangeiras.
- 2762 GONÇALVES, Gabriel — *Literatura popular*. AAM, III, pp. 177-188.
Contos populares e orações.
- 2763 GRAÇA, A. Santos — *A crença poveira nas almas penadas*. HMS, Guimarães, 1933, pp. 360-363.
Relatos de histórias de almas penadas. Persistência desta crença na classe poveira.
- 2764 GUERREIRO, Manuel Viegas — *Contos populares portugueses*. (Col. Cultura e Recreio), Lisboa, 1955, 404 pp.
66 contos populares portugueses precedidos dum prefácio em que o Autor, muito resumidamente, fala das origens do conto popular, referindo-se aos

irmãos Grimm que lhe atribuem origem indo-europeia, filiando-os no sistema mitológico; Teodoro Benfey e a sua teoria histórica ou orientalista; Andrew Lang e a sua teoria antropológica ou etnográfica.

Acerca dos contos portugueses, fala de Trancoso, Teófilo Braga, Adolfo Coelho, Consiglieri Pedroso e Leite de Vasconcelos.

Refere-se ainda ao valor dos contos salientando a sua importância como doutrinação moral, auxiliares do ensino da língua materna, etc.

No presente trabalho não foi adoptado qualquer critério de classificação. Os contos foram extraídos de obras de Teófilo Braga, Adolfo Coelho e Consiglieri Pedroso, e ainda de Tomás Pires, Cecília Schmidt Branco, Athaide de Oliveira, Bernardino Barbosa e Maria da Conceição Dias.

- 2765 GUTUALDO, Aleindo Dantas — *O Rachador e o Rei*. RM, XIX, Esposende, 1911, pp. 47-49.

Conto popular.

- 2766 LARCHER, Jorge das Neves — *Lendas*. PN, v, Lisboa, 1942, pp. 51-73.

Várias lendas militares, construção de castelos, etc.

- 2767 LIMA, Augusto César Pires de — *O adultério na literatura popular*. L, I, Viana do Castelo, 1917-18, pp. 170-173.

Relato de quatro histórias populares, em que figuram padres adúlteros.

- 2768 LIMA, Augusto César Pires de — *Lendas*. RL, XXII, Lisboa, 1919, pp. 227-228.

Relato de 5 lendas.

- 2769 LIMA, Augusto César Pires de — *A lenda de Santo Tirso*. CSTBC, II, Santo Tirso, 1952, pp. 93-104.

Origem da lenda de Santo Tirso.

- 2770 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Crónicas de Aldeia. Era uma vez...* MCP, II, 18, Lisboa, 1947, pp. 10-11.

5 pequenos contos populares.

- 2771 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Crónica de Aldeia — A Bela e o Monstro*. MCP, v, 49, Lisboa, 1950, pp. 12-13.

Conto popular da «Bela-Menina».

- 2772 LOPO Avelino Pereira — *O «Castelo» de Rebordãos — Lendas populares*. AP, III, Lisboa, 1897, pp. 116-117.

Breve nota sobre uma lenda antiga.

- 2773 LOPO, Joaquim Castro — *Excursão a Torre de D. Chama*. AP, I, Lisboa, 1895, pp. 232-237.
Relato da excursão, e descrição de alguns monumentos arqueológicos observados. A p. 235-36, a lenda do nome desta povoação.
- 2774 LOPES, José da Mota — *História, ditos e ditados tópicos*. AAM, I, pp. 126-128.
Relato de pequenas histórias e de alguns ditados tópicos.
- 2775 MACHADO, Fernando Falcão — *Nota sobre a cabaça em Portugal*. RL, XXVIII, Lisboa, 1930, pp. 281-283.
Utilizações da cabaça: expressões que mencionam a cabaça; conto; o jogo da cabacinha, no Carnaval.
- 2776 MAGALHÃES, Conde de — *Arquivo etnográfico*. L, I, Viana do Castelo, 1917-1918, p. 29.
A lenda da criação da mandioca.
- 2777 MARINHO, M. — *Contos populares*. NAI, 7, Vila Nova de Famalicão, 1897-1899, pp. 85-86.
Contos e lendas populares.
- 2778 MARQUES, Antero Alves da Hora — *Uma lenda sobre a vida de Jesus*. DL, Segunda Série, v, Porto, 1946, p. 68.
Lenda jocosa, contada por uma mulher do concelho de Famalicão.
- 2779 MARTHA, Cardoso — *Cartas etnográficas*. L, II, Viana do Castelo, 1918-19, pp. 124-126.
História popular baseada num episódio ocorrido entre Bocage e o Malhão.
- 2780 MARTHA, Cardoso — *O Marquês de Pombal na tradição popular*. Po, IV, Porto, 1931, pp. 330-331.
Três histórias acerca do Marquês do Pombal, com feição popular.
- 2781 MARTHA, M. Cardoso — *Contos populares do Douro*. I — *O Filho por acabar*. RM, XIX, Esposende, 1911, pp. 30-32, 50-52.
Contos populares recolhidos da tradição oral.
- 2782 MARTHA, M. Cardoso — *Literatura dos contos tradicionais estremenhos — O povo e as mulheres teimosas*. EBJP, 5, Lisboa, 1944, pp. 117-119.
Relato de dois contos populares.

- 2783 MENDES, Martin — *Origem dos contos populares europeus*. RM, x, Esposende, 1895, p. 72.
Origem indiana (e não árabe) das Mil e uma Noites, e de muitos contos europeus (pequena nota).
- 2784 MONTEIRO, José — «*A fé é que nos salva e noêja o pau da barca*». RL, XXI, Lisboa, 1918, pp. 337-338.
Comentário a este adágio, e, a propósito, transcrição de dois contos populares.
- 2785 MORAIS, A. Viana de — *Contos para contar*. RAr, III, Lisboa, 1936-38, pp. 268-273.
Indicação do processo de utilização dos «contos», para fazer contos; transcrição do trabalho de Juan Perez de Noya, *Aritmética prática y especulativa* (1694).
- 2786 MORAIS, Pina de — *Uma lenda celta*. Po, III, Porto, 1930, pp. 293-295.
Narrativa literária, e sem indicação de proveniência, da lenda de Llaw Giffes e de sua mãe Arianzod, e do «Rosto de Flor».
- 2787 MORAN, P. César — *La Fábula*. RG, LX, Guimarães, 1950, pp. 154-171.
Fábulas da raposa e do lobo; da raposa, o urso e o lenhador; a raposa e as sardinhas; a ovelha e o lobo; e a raposa e a cegonha.
- 2788 M., J. V. C. — *Folk-lore — Lendas de Mouros*. RG, XXI, Porto, 1904, pp. 121-130.
Relato de lendas e contos de mouras encantadas.
- 2789 NEVES, L. Quintas — *Na Citânia de Roques — A Boca de Serpe*. AAM, II, pp. 24-29.
Análise da origem do nome «Boca de Serpe» e relato de algumas lendas.
- 2790 NUNES, J. J. — *A lenda do coração comido*. RL, XXVIII, Lisboa, 1930, pp. 5-15.
Estudo de várias versões duma lenda provençal, que aparece no Decamerone, no Oriente, etc.
- 2791 OLIVEIRA, Athaide d' — *Contos algarvios*. T, I, Serpa, 1899, pp. 127-128, 159-160, 188-190; II, 1900, pp. 61-63, 78-79, 109-111, 173-175, 192; III, 1901, pp. 27-29, 95-96, 125-126, 158-159, 173-174.
8 contos populares, da tradição oral de Loulé.

- 2792 OLIVEIRA, Athaide de — *Folklore algarvio — A vila de Armilha e as suas lendas*. ANRMI, I, Lisboa, 1915, pp. 5-7.
Relato de lendas.
- 2793 OLIVEIRA, Athaide de — *Folklore algarvio — A Zorra berradeira*. ANRMI, I, Lisboa, 1915, pp. 5-6.
Relato desta lenda.
- 2794 OLIVEIRA, Athaide de — *Folklore algarvio — A moura do Pego das relíquias*. ANRMI, I, Lisboa, 1915, pp. 5-6.
Relato de lendas.
- 2795 OLIVEIRA, Athaide de — *Folklore algarvio — As mouras encantadas*. ANRMI, II, 1916, pp. 59-60.
Relato da lenda da moura encantada, de Porches.
- 2796 OLIVEIRA, Francisco Xavier d'Athaide — *As mouras encantadas e os encantamentos no Algarve*. Tavira, 1898, 261 pp.
Relato de lendas de mouras encantadas.
- 2797 OLIVEIRA, Francisco Xavier d'Athaide — *Contos Tradicionais do Algarve*. I, Tavira, 1900, 476 pp.
219 contos populares recolhidos no Algarve.
- 2798 OLIVEIRA, Francisco Xavier d'Athaide — *Contos Tradicionais do Algarve*. II, Porto, 1905, 518 pp.
220 contos populares recolhidos no Algarve.
- 2799 OLIVEIRA, F. Xavier d'Athaide — *Contos infantis*. 2, Tavira.
«O A. escreveu o seu livro com intuito moralizador, como declara no prólogo, mas introduziu nele dois contos que contêm elementos populares: o *Peixe de Ouro*, a pág. 39; os *Falsos amigos*, a pág. 159. Um e outro foram escritos em forma literária.» (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. II).
- 2800 OUTEIRO, Raúl Ventura — *Lenda de Nossa Senhora de Silvares*. DL, Segunda Série, v, Porto, 1946, p. 66.
Referência a esta lenda.
- 2801 PAÇO, Afonso do — *Do lendário da batalha de Aljubarrota*. ACEELV, II, Porto, 1959, pp. 217-228.
Lendas que correm acerca da batalha de Aljubarrota.

- 2802 P., A. — *O galego e o poço*. RM, XX, Esposende, 1911, p. 7.
Anedota popular.
- 2803 PARIS, Rocha — *Lendas do Minho — O rio Ancora*. PG, 30, Viana do Castelo, 1882, pp. 1-2.
Relato da lenda sobre a origem do nome do rio Ancora.
- 2804 PEDROSO, Consiglieri — *Estudos de mythographia portuguesa*. OP, II, Porto, 1880, pp. 437-457.
Considerações sobre a colecção de contos populares de Adolfo Coelho; pontos de contacto existentes entre estes e os contos recolhidos pelo Autor.
- 2805 PEDROSO, Z. Consiglieri — *Contos populares*. AETPP, I, Porto, 1883, p. 36.
1 conto popular.
- 2806 PEDROSO, Consiglieri — *Contos populares portugueses (colhidos na tradição oral)*. RL, IV, Lisboa, 1896, pp. 338-376; v, 1897-99, pp. 62-77 e 81-88.
Contos populares colhidos da tradição oral de Lisboa, Caldas da Rainha e Beja, Aveiro, Montemor-o-Novo, Ilha de S. Miguel.
- 2807 PEDROSO, Consiglieri — *Contos Populares Portugueses*. Lisboa, 1910, 580 pp.
63 contos populares precedidos de um estudo sobre a sua significação e importância. Estabelece uma classificação baseada na distinção feita pelo povo, entre *contos de fadas*, *histórias morais*, *fábulas*, e *anedotas*, definindo e interpretando os elementos fundamentais que intervêm em cada um destes grupos. 1) Contos de fadas: «narrações em que o maravilhoso entra como um dos elementos mais importantes». Não demonstra nenhuma tese. «O carácter destes contos é sem dúvida alguma mítico». 2) Histórias morais: «propõem-se demonstrar uma tese. Por via de regra desaparecem delas o maravilhoso dos contos de fadas, embora por vezes ele aí tenha persistido, subordinado ao plano principal». 3) Fábulas: «São narrações quase sempre com uma moralidade, diferenciando-se contudo das histórias morais por serem os animais os principais heróis em torno dos quais se desenvolve a acção». 4) Anedotas: «O seu carácter é essencialmente faceto, e o assunto pouco variado». 5) Lendas: «têm sempre umas tais ou quais pretensões históricas ou, pelo menos, formam-se em volta de um facto conhecido, cujos pormenores reais se perderam na memória do povo, sendo substituídos por outros puramente de ficção».

- 2808 P., R. — *O Penedo de Santa Comba*. P, 1, Porto, 1903, p. 332.
 Notícia dum penedo, no concelho de Arcos de Valdevez, com insculturas, ao qual anda ligada a história da aparição da imagem de Santa Comba. Indicação de histórias semelhantes, com que o povo explica as «covinhas» existentes noutros penedos da mesma natureza. Parentesco de lendas. Sua localização e relação com o castro de Rio Frio.
- 2809 P., R. — *Contos populares de animais*. P, 2, Porto, 1908, p. 660.
 3 contos populares.
- 2810 PEREIRA, J. J. Gonçalves — *Lendas de Cidadelhe*. T, II, Serpa, 1900, p. 173.
 Relato de duas lendas.
- 2811 PEROTT, Joseph — *Sobre uma edição pouco conhecida dos «Contos» de Trancoso*. RL, XVI, Lisboa, 1913, pp. 159-163.
 Descrição do espécime em questão.
- 2812 PIÇARRA, Ladislau — *Lendas locais*. T, VI, Serpa, 1904, pp. 70-71.
 Relato de uma lenda.
- 2813 PINHEIRO, Alvaro — *Novellas populares minhotas*. T, I, Serpa, 1899, pp. 12-14, 27-29 e 63-64; e também RM, XIX, Esposende, 1911 pp. 9-12, 17-19, 39-41 e 45-46.
 4 contos populares, da tradição oral de Esposende.
- 2814 PIRES, A. Thomaz — *Tradições populares alentejanas*. RL, 1, Porto, 1887, pp. 60-62 e 132-133; II, 1890, pp. 253-254.
 Ditados tópicos, com a pronúncia vulgar alentejana. «Contos Populares — A Serêna d' Alamares», recolhido em Elvas, escrito segundo a mesma pronúncia (e que parece uma versão de «o chapelho encarnado»). Conto da raposa — com a grafia correspondente ao falar regional (recolhido em Villa-Boim — Elvas). Conto «os dãos príncipes» — escrito com a fonética popular. (Recolhido em Villa-Boim — Elvas).
- 2815 PIRES, A. Thomaz — *Contos Populares alentejanos*. T, IV, Serpa, 1902, pp. 141-143, 156-159, 174-176; V, 1903, pp. 14-16, 31-32, 40-47, 60-64, 71-79, 140-144, 160, 172-176; VI, 1904, pp. 28-31, 46-47, 62-63, 79, 94-95.
 69 contos populares.

- 2816 PIRES, A. Thomaz — *Missa dos espectros na noite do Natal*. RM, II (2.^a Ed.), Esposende, 1914, pp. 51-58.
Conto popular.
- 2817 PRATO, Stanislao — *Note alla materia contenuta nella «Revista Lusitana», vol. I. II — A. Thomaz Pires — Contos Populares — A Serena d' Alamares*. RL, IV, Lisboa, 1896, pp. 79-80.
Versão livresca do conto. Notas de bibliografia.
- 2818 PRATO, Stanislao — *Note alla materia contenuta nella «Revista Lusitana», vol. I. I — Carolina Michaëlis de Vasconcellos — O Judeu errante em Portugal*. RL, IV, Lisboa, 1896, pp. 78-79.
Notas bibliográficas sobre a lenda. Aspectos da lenda.
- 2819 PRATO, Stanislao — *Note alla materia contenuta nella «Revista Lusitana», vol. I. IV — A. Thomaz Pires — Tradições populares alentejanas. II — Conto popular. 2 — O Conto da raposa*. RL, IV, Lisboa, 1896, p. 84.
Nótula comparativa e bibliográfica.
- 2820 PRATT, Alfredo de — *A sepultura de Herodes*. T, III, Serpa, 1901, pp. 81-85.
Lenda da sepultura de Herodes na Redinha, entre Condeixa e Pombal.
- 2821 QUIBEN, Victor Luis — *Afinidades galaico-lusitanas — Domingos Ovelha*. DL, Quarta Série, VII-VIII, Porto, 1951, pp. 32-35.
Comparação entre as versões portuguesa e galega da história do Domingos Ovelha, o marido cuco e troçado, e do abade.
- 2822 REGO, José Teixeira — *Os animais agradecidos nos contos populares e o dilúvio*. REH, I, Porto, 1924, pp. 8-23.
Serve-se da versão russa do conto «Emiliano Parvo» e analisa os elementos principais que o compõe. O tema gira à volta do auxílio prestado pelo herói do conto a um animal quando este experimenta uma situação extremamente crítica, e que, reconhecido, acaba também por salvar aquele.
- 2823 RIBEIRO, Luís da Silva — *A lenda de Nossa Senhora da Ajuda em Santa Bárbara*. BIHIT, VIII, Angra do Heroísmo, 1950.
«O Autor conta uma curiosa lenda relativa à fundação da ermida de Nossa Senhora da Ajuda. Segundo a lenda corrente, a imagem da santa foi arrojada

à costa pelo mar, na direcção onde está hoje a ermida. O povo pô-la sobre uma fraga, piedosamente, e aí aguardou a conclusão do templo. O Autor descreve outras lendas, sobre diversos santos, em que se mantém o traço comum de certas imagens se oporem à vontade dos homens, fazendo tudo para os obrigar a satisfazer os seus desígnios». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 2824 RODRIGUES, Daniel — *Lendas portuguesas e lendas alemãs*. OI, 49, Coimbra, 1902, pp. 341-344.

Considerações acerca de lendas. Segundo o autor, as lendas alemãs formaram-se na época em que os bárbaros abandonaram a floresta e se lançaram sobre o império romano; as portuguesas, na época das cruzadas contra os árabes da Península.

- 2825 SARMENTO, F. Martins — *Materiais para a arqueologia do concelho de Guimarães*. RG, v, Porto, 1888, pp. 109-121.

Referências a mouras encantadas, penedos que encerram tesouros, lendas, etc.

- 2826 SEQUEIRA, Eduardo — *Lendas dos vegetais*. Porto, 1902, 327 pp.

«O A. escreveu o trabalho «sem pretensões científicas». «Não trata ele só de lendas portuguesas, mas também de lendas de outros países. Para as estrangeiras, a sua principal fonte de informação foi a *Mythologie des plantes* de A. de Gubernatis, 2 vols., Paris, 1878-1882. As lendas portuguesas citadas são as seguintes: da cana, segundo as *Tradições Populares de Portugal*, pág. 117; do chorão, segundo a mesma obra, pág. 105; das maias, segundo a Rev. de Guimarães, vol. VI; do centeio (cfr. Trad. Pop. de Portugal, pág. 106, onde se fala em trigo); dos tremoços (cfr. a mesma obra pág. 105); da silva, segundo uma versão que o A. colheu no norte»; etc. (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. III).

- 2827 SILVA, A. Rosa da — *Lendas locais*. T, IV, Serpa, 1902, pp. 60-61.

Relato de três lendas.

- 2828 SILVA, Armando J. da — *Ethnologia açoriana — Os contos enigmáticos*. RM, I, Barcelos, 1886, pp. 70-71.

Versão dum conto popular.

- 2829 S., L. y — *D. Fortuna e D. Dinheiro (Conto popular)*. RM, II (2.^a Ed.), Esposende, 1914, pp. 30-36.

Versão deste conto popular.

- 2830 SILVA, Manuel José da Costa e — *A mesa dos ladrões em Vale d'Ovos*. AP, v, Lisboa, 1900, pp. 107-109.

Lendas locais acerca duma laje que tem uma configuração de mesa.

- 2831 TRANCOSO, Gonçalo Fernandez — *Primeira, segunda, e terceira parte, dos contos, e historias de proueito, & Exemplo*. Lisboa, 1624.

«Trancoso, ao escrever o seu livro, só pôs em mira moralizar os leitores, e não em servir a literatura ou a história. Não obstante, ele aproveitou vários elementos tradicionais». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).

- 2832 VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis — *O judeu errante em Portugal*. RL, I, Porto, 1887, pp. 34-44; II, 1890, pp. 74-76.

A lenda do Judeu errante. Versões literárias e populares em vários países. Ausência dessas manifestações em Portugal.

Referências de Sá de Miranda, António Prestes, Rodrigues Lobo e Jorge Ferreira de Vasconcelos. Carácter da personagem: «João de Espera em Deus». Citação de textos a partir do século XV, que mencionam o João Espera em Deus: Anrique da Mota, Cantiga de maldizer do Conde de Paredes, histórias e anedotas do bobo D. Francesillo de Zuñiga, etc. O «bottadeu» em França no século XV.

- 2833 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Demopsicologia*. RM, I, Barcelos, 1886, pp. 57-58.

Breves notas acerca de *Comei, mangas, aqui A vós honram, não a mi*, que Adolfo Coelho insere nos contos populares.

- 2834 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Fabulário Português — Manuscrito do sec. XV*. RL, VIII, Lisboa, 1903-1905, pp. 99-151.

Descrição do manuscrito. Indicações da grafia da transcrição. Texto: 63 fábulas.

- 2835 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Animais com luzes nos galhos*. RL, XIV, Lisboa, 1911, pp. 227-237.

Considerações sobre esta lenda, conhecida também em Espanha, França e dos mouros, e a que atribui uma origem popular romana.

- 2836 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Filologia Barranquenha — Apontamentos para o seu estudo*. Lisboa, 1955, 217 pp.

Breve descrição geográfica e histórica de Barrancos. Estudo da fala barranquenha. Exemplificação do barranquenho em textos populares: 10 contos, seguidos de comentários; diálogos e narrativas breves; 73 provérbios; 16 quadras (geográficas, satíricas, de amor, sentenciosas), e 13 adivinhas. Extenso vocabulário (com as correspondentes definições).

- 2837 V., J. L. de — *Analecta*. AETPP, I, Porto, 1883, pp. 52-54.

Fragmentos de contos populares.

- 2838 V., J. L. de — *Um conto popular em mirandês*. RL, I, Porto, 1887-89, pp. 260-261.
Conto popular recolhido em Duas Igrejas; texto em linguagem mirandesa.
- 2839 V., J. L. de — *Gruta da Senhora de Carnaxide*. AP, I, Lisboa, 1895, pp. 182-189.
A gruta da Senhora de Carnaxide. Sua origem numa gruta funerária pré-histórica. Transcrição do opúsculo em que se relata a descoberta dessa gruta (1885). A lenda do aparecimento da imagem da Senhora.
- 2840 V., J. L. de — *Sátira á linguagem de Palaçoulo*. RL, VII, Lisboa, 1902, pp. 148-149.
Pequena história que se conta no concelho do Vimioso, em linguagem mirandesa de Palaçoulo (segundo o Autor errada), com intenção satírica, que pertence «a uma classe de facécias populares muito em voga no norte de Trás-os-Montes».
- 2841 V., J. L. de — *Lenda da Maria Mantella*. RL, XII, Lisboa, 1909, pp. 140-142.
Estudo comparativo desta lenda e dos seus elementos, com menções de vários contos populares de outros países.
- 2842 V., J. L. de — *Appendice — Os franceses numa lenda popular portuguesa. Lendas congéneres*. AP, XVI, Lisboa, 1911, pp. 148-149.
Relato de algumas lendas em que os portugueses, colocando lanternas nos chifres do gado lanígero, o soltaram, de noite, ao encontro das tropas francesas; estes tomaram o rebanho por um exército e bateram em retirada.
- 2843 V., J. L. de — *Um trancosano ilustre (Século XVI)*. RL, XXIII, Lisboa, 1920, pp. 190-193.
Notas sobre Gonçalo Fernandes Trancoso, autor dos contos de proveito e exemplo, de 1575, cheios de temas tradicionais, e com inúmeras notícias sobre trajes, arreios, indústrias e profissões, costumes, etc.
- 2844 V., J. L. de — *Lenda popular. A truta de Celorico da Beira*. RL, XXVII, Lisboa, 1929, pp. 307-308.
Crítica da lenda da truta que cai do bico da águia, levando D. Afonso III a levantar o cerco do castelo — a qual aparece em outros lugares.
- 2845 VELLEDA, Maria — *Contos algarvios*. T, III, Serpa, 1901, pp. 57-61, 106-107.
2 contos populares da tradição oral do Algarve.

- 2846 VERUDA, J. — *Os sinos do Loreto*. RM, XIX, Esposende, 1911, pp. 33-36.
Lenda popular.
- 2847 VILLAS-BOAS, Conde de — *A Barca do Lago*. DL, Terceira Série, v, Porto, 1949, pp. 28-31.
Referências à lenda da Santa da Barca do Lago, que tem a sua capela junto ao rio e no ponto onde se fazia a passagem pela barca. (Gemeses — Esposende) .
- 2848 V. — *Lendas nacionais*. RM, II (2.^a Ed.), Esposende, 1914, pp. 38-42.
Relato de três lendas.
- 2849 WAGNER, Max-Leopold — *Les éléments folkloriques de la légende de Wamba*. RL, VIII, Lisboa, 1903-1905, pp. 171-178.
Análise, estudo e comparação de certos elementos da lenda de Wamba.
- 2850 S/A. — *Lenda da Silva*. RM, XIX, Esposende, 1911, pp. 24-25.
Lenda popular.
- 2851 S/A. — *Três Lendas*. AM, I, Viana do Castelo, 1935, pp. 79-80.
Relato de três lendas.
- 2852 S/A. — *Um conto popular*. MCP. I, 10, Lisboa, 1947, p. 8.
Versão do conto popular «as doze palavras ditas e retornadas».
- 2853 S/A. — *A lenda de D. Branca de Vilhena*. BAAP, XIX, Viseu, 1959, pp. 285-293.
Versão popular em verso desta lenda.
Ver Ref.^{as}: 1, 4, 51, 54, 67, 68, 114, 144, 146, 207, 211, 215, 216, 222, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 233, 241, 247, 250, 259, 269, 270, 271, 272, 278, 279, 280, 284, 288, 294, 301, 386, 442, 1081, 1384, 1408, 1413, 1426, 1468, 1479, 1497, 1501, 1569, 1588, 1645, 1734, 1751, 1892, 1894, 1904, 1905, 2038, 2085, 2118, 2227, 2313, 2325, 2345, 2424, 2497, 2621, 2642, 2644, 2667.

4. ADIVINHAS

- 2854 ALEXANDRINO, António — *Adivinhas*. T, II, Serpa, 1900, pp. 14, 31, 46, 111.
18 adivinhas.

- 2855 BRAGA, Alberto Vieira — *Folclore*. RG, xxxiii, Guimarães, 1923, pp. 239-246; xxxiv, 1925, pp. 28-35 e 149-154.
133 adivinhas.
- 2856 CARDOSO, Carlos Lopes — *Adivinhas (colhidas em Cete)*. DL, Terceira Série, v, Porto, 1949, p. 31; Nona Série, 1959, pp. 197-210.
Adivinhas recolhidas em Cete.
- 2857 CARDOSO, Carlos Lopes — *Adivinhas — Introdução ao estado de um elemento cultural*. TAE, xvi, 1-4, Porto, 1958, pp. 175-178.
Algumas considerações acerca da obra de Viegas Guerreiro «Adivinhas Portuguesas». Sugestões para um mais completo estudo deste elemento cultural.
- 2858 CASTOR — *Adivinhas*. T. I, Serpa, 1899, pp. 15 e 32.
6 adivinhas.
- 2859 CASTRO, L. de — *Folclore*. RG, I, Guimarães, 1884, pp. 105-119.
98 adivinhas.
- 2860 CHAVES, Luís — *Notas etnográficas — No mundo recreativo das adivinhas*. MCP, xii, 136, Lisboa, 1957, pp. 6-8; 137, pp. 12-16; 142, 1958; xiii, 147, pp. 9-10.
Considerações sobre o tema; descrição de algumas adivinhas.
- 2861 DELGADO, Manuel Joaquim — *Aspectos curiosos da nossa etnografia e do nosso folclore*. MCP, xi, 131, Lisboa, 1957, pp. 3-5; 132, pp. 3-4; 134; pp. 3-4 e 19; 135, pp. 2-4 e 16.
Menção de alguns jogos infantis, lengalengas e adivinhas.
- 2862 GONÇALVES, Flávio — *Adivinhas de Rochoso*. DL, Sexta Série, I-II, Porto, 1954, pp. 93-104.
27 adivinhas desta povoação, próxima da Guarda; comparação de cada uma delas com outras idênticas, que se conhecem em outras localidades.
- 2863 GUERREIRO, M. Viegas — *Adivinhas Portuguesas. (Col. Cultura e Recreio)*, Lisboa, 1957, 213 pp.
Coleção de 624 adivinhas, populares e literárias, com a indicação das obras donde foram extraídas, precedida dum prefácio introdutório em que o Autor fala resumidamente, da antiguidade e universalidade das adivinhas; da sua definição, forma e conteúdo, e da sua utilidade.

- 2864 LIMA, Augusto César Pires de — *O livro das adivinhas*. Porto, 1943, 135 pp.
Colectânea de adivinhas.
- 2865 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Vamos adivinhar*. MCP, I, 9, Lisboa, 1947, pp. 9 e 11.
Menção de algumas adivinhas.
- 2866 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Galinhas e ovos na adivinha popular*. RDTP, VII, 4, Madrid, 1951, pp. 652-684.
Adivinhas referentes ao ovo, galinhas e galos. Variantes portuguesas, espanholas, brasileiras e argentinas.
- 2867 NUNES, M. Dias — *Adivinhas populares*. T, VI, Serpa, 1904, pp. 27-28, 45-46, 78-79.
18 adivinhas.
- 2868 PIRES, A. Thomaz — *Adivinhas portuguesas*. RL, I, Porto, 1887-89, pp. 263-266.
23 adivinhas recolhidas na província do Douro, em verso.
- 2869 PRIETO, Laureano — *As adiviñas na terra da Gudiña (Ourense) e no concelho de Vinhais (Trás-os-Montes)*. DL, Terceira Série, VI, Porto, 1949, pp. 33-39.
55 adivinhas galegas e portuguesas, e afinidades que apresentam.
- 2870 RIBEIRO, José Diogo — *Adivinhas populares*. RM, I, Barcelos, 1886, pp. 44 e 48.
Algumas adivinhas.
- 2871 RIBEIRO, Luís da Silva — *Adivinhas populares terceirenses*. BIHIT, 8, Angra do Heroísmo, 1950, pp. 114-143.
83 adivinhas, e sua comparação.
- 2872 SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigues dos — *Adivinhas recolhidas da tradição oral*. DL, VIII, Porto, 1943, pp. 60-62.
16 adivinhas (15 de Barcelos e 1 do Mogadouro).
- 2873 VIEIRA, José da Silva — *Adivinhas populares minhotas*. RM, I, Barcelos, 1886, pp. 60 e 71.
Menção de algumas adivinhas.

- 2874 VITERBO, Sousa — *Excavações etnográficas*. RL, VI, Lisboa, 1900-1901, pp. 52-58.

Adivinhas populares do século XVIII, da autoria de Madre Maria do Céu. Menciona-se a adivinha, em verso, seguida da «Declaração», que explica o enigma, e do «Aviso», que é a parábola moral. Duas adivinhas da «Prosa Symbolica» de Raphael Bluteau. Uma quadra popular, glosada por D. Francisco Manuel de Mello ao gosto cultista; faz parte da Viola de Talia, de «Las tres Musas del Melodino», e foi feita a mando de «quem podia» — D. João IV?

- 2875 S/A. — *Adivinhas*. DL, VIII, Porto, 1943, pp. 55-59.

16 adivinhas em verso: extraídas de um dos livros manuscritos do cirurgião portuense José Marcelino Peres.

Ver Ref.^{as}: 4, 54, 68, 142, 144, 203, 250, 279, 358, 704, 776, 1007, 1497, 1498, 1501, 1551, 1567, 1588, 1623, 1668, 1892, 1900, 1923, 2065, 2083, 2084, 2158, 2261, 2313, 2316, 2345, 2406, 2467, 2488, 2568, 2569, 2719, 2836, 2868, 2923, 3018.

5. PROVÉRBIOS E DITOS

- 2876 ADRIÃO, José Maria — *Retalhos de um Adagiário*. RL, XIX, Lisboa, 1916, pp. 40-62; XX, 1917, pp. 298-315; XXI, 1918, pp. 33-57; XXIII, 1920, pp. 107-130; XXIV, 1921-22, pp. 227-256; XXV, 1923-25, pp. 75-127; XXVI, 1927, pp. 211-246; XXVII, 1928-29, pp. 198-242; XXIX, 1931, pp. 107-158; XXXII, 1934, pp. 5-55.

Estudo, interpretação e comparação de vários adágios. Análise das variantes portuguesas e de outros países, e dos elementos históricos e outros que explicam o provérbio.

- 2877 ALMEIDA, Tomaz — *A fazer tijolo*. FL, III, Lisboa, 1931, pp. 234-236.

Explicação lógica-humorística desta expressão popular.

- 2878 ALVARENGA, Kol d' — *Falar por adágios*. RL, XXVI, Lisboa, 1927, pp. 299-302.

Artigo sobre o tema, referido ao Douro (Do «Douro em Brasas»).

- 2879 ANTÓNIO, Frei Aleixo de Santo — *Philosophia Moral — Tirada de algũs Prouerbios ou Adagios amplificados com authoridade da Sagrada Escritura, & Douctores que sobre ella escreueram*. Coimbra, 1640.

«Não é uma colecção de adágios seguidos, mas um trabalho de moral cristã, em que se tomam para assunto trinta e um adágios, sendo um espanhol e

portugueses os mais. Como consta do título da obra, o A. faz a propósito de cada um os seus comentários místicos, e às vezes junta exemplos explanativos, tudo com muita erudição eclesiástica». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).

- 2880 ARAÚJO, Joaquim de — *Proverbios e Ditos — Proverbios venezianos com equivalencia portuguesa*. T, III, Serpa, 1901, pp. 12-15.

92 provérbios venezianos, e correspondentes em português.

- 2881 AZEVEDO, Domingos de — *Tradições populares de Vila do Conde*. DL, IV, Porto, 1941, pp. 20-24.

66 ditados e locuções. 25 cantigas.

- 2882 AZEVEDO, Pedro A. d' — *Prouerbios ou sentença sobre as mulheres*. RL, VII, Lisboa, 1902, pp. 76-77.

64 Provérbios sobre as mulheres. De um manuscrito dos princípios do século XVIII.

- 2883 AZEVEDO, Pedro A. d' — *Proverbios*, RL, VIII, Lisboa, 1903-1905, pp. 225-226.

Indicação de alguns provérbios, que figuram numa colectânea portuguesa-alemã de E. Th. Bosch.

- 2884 AZEVEDO, Pedro A. d' — *Cinco adagios portugueses comparados entre si*. RL, X, Lisboa, 1907, pp. 161-163.

«O hábito não faz o monge». «A cavalo dado não se olha o dente». «A mulher e a sardinha, a mais pequenina». «De noite todos os gatos são pardos». «Que dá a Deus o que não pode dar ao Diabo».

- 2885 BASTO, Cláudio — *Folhinha Popular (Distrito de Viana do Castelo)*. RM, XX, Esposende, 1912, pp. 33-49 e 105-122.

Ditados populares.

- 2886 BASTO, Cláudio — *Sobre dois ditados que se completam um ao outro*. RL, IV, Lisboa, 1912, pp. 173-174 e 351-353.

«Manhã ruiva, ou vento ou chuva». — Estudo comparativo com ditados semelhantes em castelhano, vasconço, inglês e francês. Ver Ref.^a 2966.

- 2887 BASTO, Cláudio — *Provérbios da Candelária*. L, II, Viana do Castelo, 1918-1919, pp. 11-12 e 21-22.

44 provérbios relacionados com o dia da Candelária. Versões portuguesas, espanholas, francesas, inglesas e italianas.

- 2888 BASTO, Cláudio — *Provérbios populares*. L, III, Viana do Castelo, 1919-20, pp. 45, 56 e 62.
8 provérbios populares.
- 2889 BASTO, Cláudio — *Portugal*. ALP, III, Lisboa, 1943, pp. 184-188.
Notas e ditados referentes ao termo Portugal.
- 2890 BATALHA, Ladislau — *História Geral dos Adágios*. Lisboa, 1924, 326 pp.
Estudo sobre o adagiário português; suas origens, evolução e interpretação.
- 2891 BATISTA, Joaquim Soares de Sousa — *Previsão do tempo na região da Ribeira do Vouga*. ADA, VI, Aveiro, 1940, pp. 221-223.
Considerações acerca de alguns ditados meteorológicos.
- 2892 BLUTEAU, D. Raphael — *Vocabulário portuguez e latino*. Coimbra e Lisboa, 1712-1728 (10 vols.).
«Há muitos adágios, que servem principalmente como ilustração fraseológica a propósito de cada vocábulo». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).
- 2893 BRAGA, Alberto Vieira — *Vozes da sabedoria*. RG, XXXI, Guimarães, 1921, pp. 65-66.
11 quadras com sentenças populares.
- 2894 BRAGA, Theophilo — *A historia de Portugal na voz do povo*. ENRMC, Lisboa, 1880-1881, pp. 148-160.
Refrãos sarcásticos e pasquins políticos, compostos pelo povo, e que abundam na tradição oral.
- 2895 BRAGA, Theophilo — *Adagiário Português*. RL, XVII, Lisboa, 1914, pp. 225-274; XVIII, 1915, pp. 16-64.
Coligido das fontes escritas. Anexins dos séculos XII a XV, provérbios glosados do Marquês de Santilhana, de Jorge Ferreira; Anexins da Comédia Eufronisa, da Crónica do Condestável, da Aulegrafia, de Gil Vicente, de Sá de Miranda, de António Ribeiro Chiado.
- 2896 BRAGA, Theophilo — *Um ditado topológico*. L, II, Viana do Castelo, 1918-19, p. 81.
Considerações acerca do ditado «Os homens de Entre Douro e Minho calçam de pau...».

- 2897 BRANDÃO, Abílio de Magalhães — *Ditado de Paços de Ferreira*. RL, XIV, Lisboa, 1911, p. 302.
- Ditado referente a Fevereiro e sua interpretação.
- 2898 CAMARA, Perestrello da — *Collecção de proverbios, adagios, rifões, anexins, sentenças Moraes e idiotismos da lingua portuguesa*. Rio de Janeiro, 1848.
- «O A. dá a explicação das frases metafóricas ou alegóricas... a sua colecção não consta só de adágios. Algumas vezes ilustra ele com citações de poetas e prosadores os vocábulos ou frases que pretende explicar». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).
- 2899 CASTOR — *Proverbios e ditos*. T, I, Serpa, 1899, pp. 32, 47, 64, 79, 112, 128, 160, 191-192; III, 1901, pp. 159-160, 175-176, 183-284.
- Menção de vários provérbios da tradição oral de Serpa, sobretudo sobre o tempo.
- 2900 CHAVES, Luís — *S. Martinha e «São Martinho»*. ALP, v, Lisboa, 1937-39, pp. 486-488.
- Breves notas acerca da coincidência do calendário rural com a folha religiosa. Registo de alguns rifões alusivos aos dias santos e às culturas agrárias.
- 2901 CHAVES, Luís — *Júlio Dinis no campo da Etnografia*. BCCMP, II, Porto, 1939, pp. 547-558.
- Frases, expressões neumáticas, rifões, fórmulas interjectivas e de cumprimentos, alcunhas, etc., de cunho popular, usadas por Júlio Dinis nas suas obras de ficção.
- 2902 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, 10, Lisboa, 1940, pp. 292-297; 42, 1952, pp. 24-29; 46, 1954, pp. 123-126.
- Considerações acerca do homem e dos animais no adagiário. Adágios agrícolas do tempo relativos ao ano. O Cuco, figura simbólica da Primavera. Breve referência ao dia de S. José.
- 2903 CHAVES, Pedro — *Rifoneiro Português*. (2.^a Ed.), Porto, 1945, 452 pp.
- O Autor reuniu uns milhares de rifões que agrupou em 13 grupos — um, respeitante à previsão de tempo; os outros, referidos aos doze meses do ano; os restantes foram ordenados alfabeticamente:
- 2904 CID, Heloisa — *Provérbios populares*. MCP, VI, 70, Lisboa, 1952, p. 7.
- Considerações breves sobre a sabedoria popular e menção de alguns provérbios meteorológicos.

- 2905 COELHO, Arnaldo — *Os ditados meteorológicos*. RM, XIII, Esposende, 1897, pp. 21-23.
20 ditados relativos ao tempo.
- 2906 CORNN, J. — *Um provérbio português*. RL, XXIII, Lisboa, 1920, pp. 193-194.
Qui fugit patellam, cadit in prunas — saltar da sertã e cair nas brasas. Pequena nota (em alemão) sobre este provérbio em italiano, espanhol, catalão e português.
- 2907 CORREIA, João da Silva — *Uma carta do Cavaleiro de Oliveira riquíssima de locuções populares*. RL, XXV, Lisboa, 1925, pp. 291-299.
Extractos de uma carta dedicada por Francisco Xavier de Oliveira ao padre italiano D. José Augusto, para que um compatriota deste veja se é capaz de traduzir o português nela contido. São 241 expressões populares.
- 2908 CORTES-RODRIGUES, Armando — *Adágios meteorológicos do Adagiário Popular Açoriano*. RAç, IV, Angra do Heroísmo, 1947, pp. 117-126.
150 adágios sobre temas meteorológicos, das diferentes ilhas, e algumas variantes.
- 2909 CORTES-RODRIGUES, Armando — *Adagiário Popular Açoreano*. RI, I, Ponta Delgada, 1944-45, pp. 108-122, 272-287, 428-445, 612-627; II, 1946, pp. 216-230; III, 1947, pp. 147-161, 324-336, 519-531; IV, 1948, pp. 102-116, 311-324, 517-532; V, 1949, pp. 116-131, 366-381; VI, 1950, pp. 181-194, 365-378; VII, 1951, pp. 160-173, 378-391; VIII, 1952, pp. 412-424; IX, 1953, pp. 151-164, 405-418.
2.600 adágios recolhidos na ilha de S. Miguel.
- 2910 COSTA, Alexandre de Carvalho e — *Expressões populares do Alto Alentejo*. RL, XXXVI, Lisboa, 1938, pp. 263-299.
Análise de algumas expressões populares.
- 2911 COSTA, Francisco Carreiro da — *O tempo na linguagem popular micalense*. RAç, III, Angra do Heroísmo, 1945, pp. 243-304.
Terminologia popular micalense relativa ao tempo, com inúmeros comentários. 24 provérbios meteorológicos, e 19 relativos aos meses. Versos da mesma natureza. Meteorologia e agricultura — 28 adágios. Divinações; práticas. Formas de previsão do tempo. Ideias. Observação. Orações jaculatórias, contra tempestades. Medição do tempo, na tradição popular: pela duração de certos fenómenos naturais, por comparação com medidas de extensão ou outras, por fenómenos naturais regulares, por festas calendárias, etc. Adivinhas relativas ao tempo e aos astros. Cancioneiro (115 quadras).

- 2912 C., C. da — *Interjeições micaelenses*. RI, v, Ponta Delgada, 1949, pp. 150-152.
Menção de algumas interjeições e locuções populares.
- 2913 CUNHA, Alfredo da — *Os bichos, espelhos do homem*. Na, III, Lisboa, 1939, pp. 1-25.
Comparação entre animais e homens acompanhada de ditados, frases populares, etc.
- 2914 DELGADO, Manuel Joaquim — *Etnografia portuguesa — Baixo Alentejo — O valor dos adagiários — O provérbio e a sua expressão linguística*. MCP, XI, 121, Lisboa, 1956, pp. 16-17; 122, pp. 6-7; 123, pp. 6 e 9.
Considerações sobre o tema. Menção de algumas alcunhas étnicas em quadras populares.
- 2915 DELICADO, António — *Adágios portugueses reduzidos a lugares comuns*. Lisboa, 1615, 190 pp.
«Primeira obra portuguesa consagrada exclusivamente a colecção de provérbios». «Delicado faz no princípio algumas considerações a propósito da origem dos provérbios e dos trabalhos estrangeiros que ele conhecia no assunto»... «Delicado dispôs os seus por assuntos: estes estão em capítulos, alfabeticamente, como *afeição, agradecimento, agricultura, amizade*, etc. e cada provérbio está também em ordem alfabética, dentro dos respectivos capítulos. É pois uma classificação metódica (a seu modo) e prática». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).
- 2916 DIAS, Maria Portugal — *Adágios portugueses e brasileiros*. Po, II, Porto, 1929, pp. 373-375 e 425-426.
Aditamento aos artigos de Afrânio Peixoto e Ana de Castro Osório. Indicação de mais adágios portugueses e afirmação da origem portuguesa do adagiário brasileiro.
- 2917 ESPINOLA, Fradique — *Eschola decurial de várias lições*. Lisboa, 1707.
«Os adágios são em número de quarenta e sete, a cada um dos quais corresponde sua emenda». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).
- 2918 EUSÉBIO, Francisco — *O calendário rural do nosso Povo*. MCP, XIV, 163, Lisboa, 1960.
Notas breves sobre provérbios que se referem ao estado do tempo e das culturas.

- 2919 FOLQMAN — *Gramatica hollandesa*. Lisboa, 1742.
 «Nesta *Gramatica*, publicada em Lisboa em 1742, vem, a páginas 122-127, uma coleção de vários provérbios holandeses e portugueses». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).
- 2920 GOMES, Matos — *A sabedoria do povo*. MCP, XII, 141, Lisboa, 1958, pp. 14-15.
 Breves considerações sobre sentenças, provérbios, ditados, etc., e menção de alguns.
- 2921 GUERREIRO, Miguel do Couto — *Adagios selectos portuguezes moralizados em um soneto a cada Adagio*. I, 1790, 505 pp.
 «Diz seguidamente o A. que os adágios se dividem em duas classes: physica (prognósticos atmosféricos, regras de lavoura, etc.) e moral (máximas económicas, políticas e místicas).
 «O A. supõe que todos os adágios morais são de origem erudita, passando dos nossos literatos para o povo». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).
- 2922 GUERREIRO, Miguel do Couto — *Centurias dos adagios selectos portuguezes moralizados*. II, 504 pp.
 «Os sonetos estão divididos por centúrias: cinco centúrias em cada volume. Dão um total de mil adágios». «Já no prólogo o A. nos disse que o seu fim era moralizar. Não busquemos pois nos sonetos outra coisa. O A. só se preocupa com o *exemplo* e a *moralidade* que dele se colhe». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).
- 2923 JOHEL — *Folk-Lore alentejano*. RM, x, Esposende, 1895, pp. 2-6.
 Rimas populares. Rifões, anexam e ditados. Mitologia infantil: O Papão, o Fradinho da mão furada, o Medo, o Avejão. Alguns termos da linguagem infantil alentejana. Adivinhas.
- 2924 LANHOSO, Comandante A. Coutinho — *Rifoneiro do Mar*. ACEELV, II, Porto, 1960, pp. 369-437.
 Adágios usados entre a gente do mar.
- 2925 LIMA, Augusto César Pires de — *Anomalias e marcas — Os ruços (Notas soltas)*. RG, LVIII, Guimarães, 1948, pp. 334-342.
 Epigramas em que o povo visa vários defeitos físicos. Ditados sobre a fama de ruços ou ruivos.
- 2926 LIMA, Augusto César Pires de — *Ditados colhidos no concelho de Santo Tirso*. CSTBC, I, Santo Tirso, 1952, pp. 187-189.
 13 ditados colhidos da tradição em diversas freguesias do concelho.

- 2927 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Notas folclóricas relacionadas com o trigo*. BFNPT, 5, Lisboa, 1943, pp. 65-70.
Adágios referentes ao pão.
- 2928 LIMA, Jaime de Magalhães — *Os valores vocais na definição e acção do adagiário*. Po, II, Porto, 1929, pp. 305-306.
Considerações acerca da importância dos valores sonoros na diferenciação dos adágios.
- 2929 LIMA, J. Fragoso de — *Alguns provérbios alentejanos (Moura)*. RL, XXXVI, Lisboa, 1938, pp. 315-318.
36 provérbios, que não figuram no Rifoneiro Português, de Pedro Chaves.
- 2930 LOPES, Castro — *Locuções populares*. RM, II (2.^a Ed.), Esposende, 1914, pp. 45-47.
Provável origem da locução popular «Ficou a ver navios».
- 2931 LOPES, F. — *A casa no adagiário e na linguagem popular*. BIHIT, 12, Angra do Heroísmo, 1954, pp. 284-287.
Adágios alusivos à casa.
- 2932 L., D. G. (D. Gaspar Lobo) — *Adagios portugueses escolhidos e postos em ordem alfabética*. (Ms. de 172 pp.), 1835.
Os adágios «são pela maior parte copiados da colecção publicada em 1780 por F. Rolland; todavia há uns cento e quarenta e tantos, que, a julgar de um confronto que se fez entre Lobo e Rolland, não aparecem neste». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. II).
- 2933 MACHADO, Fernando Falcão — *Povos e raças no folclore português*. FL, VI, Lisboa, 1934, pp. 30-55.
Rifões, comparações e cantigas populares. Breve análise.
- 2934 MANIQUE, F. A. da C. de Pina — *Ensaio phraseologico ou collecção de phrases metaphoricas, elegancias, idiotismos, sentenças, proverbios e anexins da lingua portugueza*. Lisboa, 1856.
«O título indica bem o assunto da obra. Os adágios vem nela apenas como ilustração filológica ou como riqueza idiomática. — A ordem é alfabética». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).
- 2935 MARTINS, Leão — *Sentenças*. GV, IX, Guimarães, 1933, pp. 23 e 189.
24 sentenças populares.

- 2936 MEIRELES, Cecília — *Adágios açorianos — correspondência no Folclore Brasileiro referente ao Adagiário popular açoriano coligido por Armando Cortes-Rodrigues*. RI, IX, Ponta Delgada, 1953, pp. 187-188.
- Estudo comparativo entre o adagiário açoriano e o brasileiro, feito a partir do adagiário açoriano publicado anteriormente nesta Revista. (Ref.^a 2909).
- 2937 MELLO, D. Francisco Manuel de — *Feira dos anexins*. Lisboa, 1875.
- «*A Feira dos Anexins* não é propriamente um adagiário, mas uma série de diálogos constituídos em grande parte por locuções populares, a propósito das quais se citam adágios — como se citam contos, jogos, perlangas, etc.». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).
- 2938 MOURINHO, P.^o António — *Adágios e manifestações da poesia popular mirandesa no hagiológico através do ano*. MCP, IX, 103, Lisboa, 1955, pp. 15-17.
- Adágios a respeito de festas, santos, matança do porco, vindimas, arribação de aves, aumento e diminuição dos dias, sementeiras, etc.
- 2939 NEVES, Henrique das — *Glossário de palavras, locuções e anexins, raro conhecidos ou usados, fora da região em que foram recolhidos*. RL, V, Lisboa, 1897-99, pp. 215-230.
- Expressões do povo recolhidas nos Açores e em Trás-os-Montes. Rifões (21) e adágios.
- 2940 NUNES, M. Dias — *Proverbios & ditos*. T, IV, Serpa, 1902, pp. 15, 47-48, 79-80, 96, 184; VI, 1904, pp. 15-16, 31-32, 48, 63-64, 95-96.
- 281 provérbios e ditos populares.
- 2941 NUÑEZ, Hernán — *Refranes o proverbios en romance*. Salamanca, 1555.
- «Dominam na obra os adágios em castelhano; todavia, além dos portugueses, contém ela adágios noutros idiomas românicos, como galego, asturiano, valenciano, catalão, francês e italiano. Os adágios de cada uma das línguas só raro servem de comparação aos das outras; estão quase todos a seguir, alfabeticamente e em comum». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).
- 2942 OLIVEIRA, Manuel Ramos de — *História de alguns provérbios e modismos usados nas Beiras*. BAAP, VII, Viseu, 1948, pp. 263-275; VIII, 1949, pp. 127-137 e 387-398.
- Sentido histórico de certos provérbios.

- 2943 OLIVEIRA, R. Ramos de — *Os animais no folclore regional*. ARFMBS, III, Guarda, 1943, pp. 5-12.
Interpretação popular dos cantos de algumas aves. Conceitos derivados do préstimo das galinhas. Ditados acerca do boi e do burro. Frases proverbiais acerca de outros animais. Linguagem figurada dos peixes.
- 2944 OSÓRIO, Ana de Castro — *Alguns provérbios brasileiros e portugueses*. Po, I, Porto, 1928, pp. 225-231.
Indicação de alguns provérbios brasileiros e duma colectânea anterior da Autora. Crítica do artigo de Afrânio Peixoto «Adágios brasileiros» (Ref.^a 2950), e afirmação da origem portuguesa de vários adágios aí considerados brasileiros.
- 2945 OSÓRIO, Ana de Castro — *Provérbios luso-brasileiros e outras considerações folclóricas*. Po, III, Porto, 1930, pp. 238-239.
Reconhecimento da universalidade da «sabedoria» do povo, das adaptações locais e das influências portuguesas no Brasil.
- 2946 OUTEIRO, João do — *Ditos e máximas*. RM, XIX, Esposende, 1911, p. 52.
Ditos e máximas populares.
- 2947 OUTEIRO, João do — *Folclore minhoto*. RM, XIX, Esposende, 1911, pp. 171-172.
Ditados e máximas populares.
- 2948 PACHECO, Eugenio — *Dizer d'alguem cobras e lagartos*. RL, VII, Lisboa, 1902, pp. 230-232, seguido de: II (sem título) de Carolina Michaëlis de Vasconcellos, pp. 232-239.
Citações da frase, sua interpretação: cobra, de «copla», e «cobras e lagartos», pela necessidade de fazer a «frase redonda», baseada num sentido posterior da palavra «cobra» (Ver Ref.^a 2985).
- 2949 PAÇO, Afonso do — *A vida militar no rifoneiro português*. ALP, IV, Lisboa, 1934-36, pp. 190-198.
Menção de alguns provérbios referentes à tropa, à guerra e a armas. Comentários aos mesmos.
- 2950 PEIXOTO, Afrânio — *Adágios brasileiros*. Po, I, Porto, 1928, pp. 124-137; II, pp. 214-215.
Os adágios e provérbios na antiguidade; a Bíblia, Júlio César, Publio Siro; Erasmo, Grimm e Comte. Sancho Pança, a Comédia Eufrosina e a Feira dos Anexins. Bibliografia portuguesa e brasileira sobre adágios. Critério de

distinção entre adágios dos dois países. Exemplificação de adágios brasileiros, numerosos e com anotações. Adágios particulares e antagonismos regionais, adagiário da meteorologia e da agricultura.

No II vol. p. 214-15, resposta crítica ao artigo de Ana de Castro Osório «Alguns provérbios brasileiros e portugueses» (Ref.^a 2944).

- 2951 PEREIRA, P. D. Bento — *Florilegio dos modos de falar e adagios da lingua portugueza*. Lisboa, 1655.

«Consta de duas partes, na segunda das quais estão os *principais adágios portugueses, com seu latim proverbial correspondente*».

«Bento Pereira aproveitou-se de Delicado, mas nem segue a disposição do livro deste, nem o copia servilmente». «Por outro lado Bento Pereira, como considerava os adágios meramente debaixo do aspecto da filologia latino-portuguesa por serem *phrases estereotypadas* e ele estar tratando do estudo daquelas línguas, juntou-lhes correspondências em latim, o que não fez Delicado».

«No Florilégio de Pereira os adágios não estão distribuídos por materiais, mas classificados alfabeticamente, de modo geral». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).

- 2952 PIMENTEL (filho), Alberto — *Os proverbios e a medicina*. T, II, Serpa, 1900, pp. 65-69 e 120-124.

Provérbios alusivos à medicina.

- 2953 PIRES, A. Thomaz — *Calendário Rural*. RL, II, Porto, 1890, pp. 120-122.

Ditados relativos aos meses do ano. Variante, e versões espanholas, francesas e italianas.

- 2954 PIRES, A. Thomaz — *Setecentas comparações populares alentejanas*. (Collecção Silva Vieira), Espozende, 1892, 51 pp.

Simple enumeração de 700 comparações populares.

- 2955 PIRES, António Thomaz — *Calendário rural. Ditados relativos aos meses comparados com os ditados similares de vários países românicos*. Elvas, 1893, 90 pp.

Cerca de 170 ditados portugueses relativos aos meses do ano, com versões espanholas e francesas para comparação, e 12 em rumanho, dos ciganos.

- 2956 PIRES, A. Thomaz — *Frases, adágios e proverbios demonologico-portugueses*. RM, x, Esposende, 1895, pp. 13-15.

Frases e locuções que mencionam o diabo.

- 2957 PIRES, A. Thomaz — *Paremiologia*. RM, x, Esposende, 1895, p. 76.

26 provérbios, ex. Contos de Proveito e Exemplo de Gonçalo Fernandes Trancoso (ano 1510).

- 2958 PIRES, A. Thomaz — *Origem de várias locuções, adágios e anexins*. RM, XII, Esposende, 1897, pp. 57-62, 65-69, 80-84 e 113-120.
 Considerações acerca da origem de várias locuções e adágios.
- 2959 PIRES, A. Thomaz — *Proverbios e dictos*. T, v, Serpa, 1903, pp. 16, 47-48, 79-80, 144.
 94 provérbios vários.
- 2960 PIRES, A. Thomaz — *Inquirições*. RL, IX, Lisboa, 1906, pp. 390-391; XII, 1909, p. 326.
 Possível origem das expressões: «Comer a dois carrinhos»; «Pés de galinha»; «Estar na berlinda»; «Pescador de cana, é mais a fome que a gana»; «Ficar a ver navios no Alto de Santa Catarina»; «Levar rasca na assadura»; «Quem se cisca alhos come»; e «Ao despegar da agulha». Estudo breve destas locuções.
- 2961 PIRES, A. Thomaz — *Ditados agrícolas*. RL, XIV, Lisboa, 1911, pp. 169-183.
 Ditados relativos aos meses do ano. Comparação com alguns similares espanhóis, franceses e italianos.
- 2962 PIRES, António Thomaz — *Origem de várias locuções, adágios, anexins, etc.* Elvas, 1928, 135 pp.
 Enunciado de 312 frases populares; tentativa de explicação da sua origem. Ditados e anexins relativos aos jogos. Provérbios que exprimem conceitos morais.
- 2963 PORTELA, Severo — *Os cães na formação dos provérbios portugueses*. ATP, 4, Lisboa, 1922, pp. 148-150.
 Os cães na curanderia popular, na demonologia medieval, na simbologia arquitectónica. O cão como símbolo de constância sobre as sepulturas, figurando o demónio nos processos inquisitoriais, na heráldica, etc.
 O cão nos provérbios e em certas expressões tradicionais, e em jogos infantis; exemplos.
- 2964 PRATO, Stanislao — *Note alla materia contenuta nella «Revista Lusitana», vol. I. III — Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Materiais para uma edição critica do Refraneiro Portugues*. RL, IV, Lisboa, 1896, pp. 80-84.
 Estudo de alguns provérbios, comparação com formas italianas, menções de textos.

- 2965 PRATT, Oscar de — *Locuções petrificadas*. RL, xv, Lisboa, 1912, pp. 312-324.
- Estudo das seguintes expressões populares: «Um pau por um olho»; «Nem chuz nem buz»; «Matar-o-bicho — Matabicho»; «Daqui!» — «De estalo»; «Untar as mãos».
- 2966 PRATT, Oscar de — *Sobre dois ditados que se completam um ao outro*. RL, xvi, Lisboa, 1913, pp. 168-170.
- Comentários, notas comparativas e adendas ao artigo sobre o mesmo tema, de Cláudio Basto. (Ref.^a 2886).
- 2967 PRATT, Oscar de — *Locuções petrificadas*. RM, xxii, Esposende, 1914, pp. 6 e 187.
- Estudo linguístico de diversas expressões populares portuguesas.
- 2968 PRATT, Oscar de — *Nomes de ventos*. RL, xvii, Lisboa, 1914, pp. 198-202; xviii, 1915, p. 198.
- Nomes de ventos, e de permeio, alguns adágios alusivos.
- 2969 PRATT, Oscar de — *Quem vai ao mar...* RL, xxii, Lisboa, 1919, pp. 219-221.
- Estudo desta expressão, que o A. considera de origem popular, e não infantil. (Estudo completado por J. Leite de Vasconcelos a seguir, pp. 221-223).
- 2970 REBELO, P.^e Joaquim M. — *Pequeno subsídio para uma paremiologia teológica, ou um quadro vivo de Trás-os-Montes e Alto Douro, na visão de um sonhador*. DL, Oitava Série, v-vi, Porto, 1957, pp. 559-564.
- Diálogo recheado de provérbios.
- 2971 RIBEIRO, José Diogo — *Linguagem popular de Turquel*. RL, xxviii, Lisboa, 1930, pp. 87-244.
- Vocábulos. Frases, modismos, expressões pitorescas. Ditados.
- 2972 RIBEIRO, Luís da Silva — *Influência portuguesa no adagiário gaúcho*. BIHIT, 13, Angra do Heroísmo, 1955, pp. 196-226.
- Estudo sobre adágios. Influência portuguesa no adagiário gaúcho. Exemplos de adágios que exprimem a mesma ideia ou conceito, mas por forma diferente.

- 2973 ROLLAND, Francisco — *Adágios, provérbios, rifões e anexins da língua portuguesa, tirados dos melhores autores nacionaes e recopilados por ordem alphabetica*. Lisboa, 1780.
- «A ordem do livro é alfabética, mas por assuntos, como; *abarcas, abelha, abril, abrolhos*, etc. É sob tais títulos que se seguem os adágios; mas estes não estão alfabetados um a um». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).
- 2974 SANTOS JÚNIOR, J. R. dos — *Paremiologia jurídica galaico-portuguesa*. Porto, 1949, 22 pp.
- «Neste opúsculo, Santos Júnior confronta 156 provérbios portugueses (em grande parte directamente colhidos da tradição) com 98 rifões galegos colhidos por Bouza-Brey. Dos rifões portugueses, 22 são precisamente iguais, ou quase, aos galegos. Santos Júnior termina, fazendo alguns comentários a estas semelhanças, que tantas vezes se repetem em vários aspectos do folclore e da cultura, e cuja origem deve vir de tempos muito remotos, quando a fronteira política ainda não existia e ambos os povos tinham uma cultura comum». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 2975 SILVA, Armando da — *Um ditado tópico*. RL, VII, Lisboa, 1902, pp. 75-76.
- Estudo, versões e comparação com outros, do ditado tópico «Lisboa, coisa boa».
- 2976 SILVEIRA, Joaquim da — *Ditados tópicos*. RL, XI, Lisboa, 1908, p. 353.
- Vários ditados tópicos.
- 2977 SIMÕES, J. de Oliveira — *A expressão numeral na linguagem*. ALP, IV, Lisboa, 1934-36, pp. 271-360.
- No seu estudo sobre a expressão dos números na linguagem, utiliza dizeres populares, adágios e expressões correntes, prognósticos e preceitos agrícolas, romances, etc. que transcreve e comenta.
- 2978 SPALDING, Walter — *Adagiário gaúcho-açoriano*. RI, v, Ponta Delgada, 1949, pp. 145-147; IX, 1953, pp. 113-133.
- Comparação dos adágios açorianos de Armando Cortes Rodrigues, com adágios do Rio Grande do Sul, de diversas colectâneas. O Autor conclui pela importância decisiva do contributo português, metropolitano e insular, «com incrustações galegas e africanas bem mais importantes que as tão invocadas influências castelhanas e indígenas».
- 2979 VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de — *Materiais para uma edição crítica do rifoneiro portuguez*. RL, I, Porto, 1887, pp. 69-72.
- Subsídios para a história dos rifões portugueses: idade, formação, sentido e teor original. Extractos dos cancioneros, e comentários.

- 2980 VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de — *Tausend portugiesische Sprichwörter*. Braunschweig, 1905, 48 pp.
- «Começa a ilustre Autora por dizer que o seu trabalho obedece a um plano de compilação do nosso adagiário, depois divide os provérbios em gerais, peninsulares e nacionais, fala do modo como eles têm sido utilizados na literatura culta e na popular, indica as diversas denominações que receberam (rifão, exemplo, verbo, prólogo, verso, etc.), o seu uso em todas as classes, o seu carácter de verdade. A estas considerações segue-se uma lista de 1.011 provérbios que começam pela letra A, uns extraídos de obras literárias, outros da tradição oral moderna — a maioria em português, alguns em galego (e em espanhol)». (J. Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, vol. VII, pág. 714).
- 2981 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Ditados topicos de Portugal*. Barcelos, 1882, 21 pp.
- Ditados referentes a certas terras portuguesas, coligidos da tradição oral.
- 2982 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Cinco adágios*. RM, I, Barcelos, 1886, p. 65.
- 5 adágios.
- 2983 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Estudo do rifão «Lá vai tudo quanto Martha fiou»*. RL, I, Porto, 1887-89, pp. 306-309.
- Estudo do tema. Relação do ditado português com os italiano e francês de: «Non é piu il tempo che Berta filava», e «Du temps que la reine Berthe filait». Interpretação mítica e mitologia deste refrão, que se refere à entidade protectora que fia.
- 2984 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Adagiário manuscrito*. RL, VIII, Lisboa, 1903-1905, pp. 84-91.
- Adagiário manuscrito de D. Gaspar da Conceição Lobo (Viana do Castelo, 1781). Nota biográfica sobre o autor, e pequena análise da obra. Texto: 31 adágios comparados com os da colectânea de Bluteau, Pereira, etc. 20 adágios originais.
- 2985 VASCONCELLOS, J. Leite de — *«Dizer de alguém cobras e lagartos»*. RL, XIV, Lisboa, 1911, pp. 184-195.
- Estudo deste anexam. O Autor refuta a hipótese emitida por Eugénio Pacheco e corroborada e ampliada por Carolina Michaëlis de Vasconcellos, que interpretam *cobras* por *coplas*. Para o autor é patente a associação destes animais a uma ideia de veneno — palavras envenenadas, que se dizem de alguém. (Ver Ref.^a 2948).

- 2986 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Nótulas etnográficas*. L, II, Viana do Castelo, 1918-19, p. 146.

Breve nota sobre o termo «isto veio do Céu».

- 2987 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Colecções de provérbios (séc. XVI-XVII)*. Po, VI, Porto, 1933, pp. 3-6.

Antiguidade do gosto de coligir provérbios. Indicações bibliográficas para os latinos. A colecção espanhola do Marquês de Santillana. As colecções renascentistas eruditas de Erasmo e de André Rodrigues Eborensis, com extractos de literatura pagã e cristã. Os provérbios contidos na obra de Jorge Ferreira, antecedendo os «Refranes» portugueses de Hernan Nuñez (1555), primeira obra sobre o adagiário português, embora feita por um espanhol. A «Philosophia Moral», de Fr. Aleixo de Santo António, os «Adágios» de António Delicado, o «Florilegio» incorporado depois na «Prosodia» de Bento Pereira, no século XVII; a «Escola dumial», de Fradique Espinola e o «Vocabulário» de Bluteau, ampliado e arranjado mais tarde por Francisco Rolland, no século XVIII. Os «Adágios Selectos Portugueses», de Couto Guerreiro, do século XVIII, colecção de mil sonetos correspondendo cada qual a um adágio. Os comentários morais que acompanham estas colecções.

- 2988 V., J. L. de — *Ditado tópico*. RL, XVI, Lisboa, 1913, p. 172.

«Serpa, serpente, boa terra, má gente» — comparação com um ditado italiano semelhante, donde se prova que a mofa só provém da rima.

- 2989 V., J. L. de — *Mértola*. AP, XXIV, Lisboa, 1919, p. 231.

Roteiro tradicional: «Entre Longa e Galo / Stá o coiro do boi-bragado / Atado pelo rabo».

- 2990 V., J. L. de — *Mais vale um gosto que quatro vintens*. RL, XX, Lisboa, 1917, p. 162.

Comparação com uma expressão semelhante numa canção francesa do século XII.

- 2991 VITERBO, Sonsa — *Materiais para o estudo da Paremiographia Portuguesa e Hespanhola*. RL, V, Lisboa, 1897-99, pp. 207-215; VII, 1902, pp. 97-103, 161-166.

Adágios de Lope de Vega Carpio — 141 provérbios; comparação (em notas) com alguns portugueses. O adagiário de Gonçalo Fernandes Trancoso. O adagiário nas óperas do Judeu (D. Quixote, Esopeida, Encantos de Medea, Guerras do Alecrim e Manjerona; Júpiter e Alcmena, As variedades de Proteo, Factonte, Labrynto de Creta).

- 2992 VITERBO, Sousa — *O doutor da mula ruça*. T, I, Serpa, 1899, pp. 2-6.
 Origem da expressão; seu uso pelo poeta Chiado. O Doutor António Lopes, de Évora, no século XVI. Transcrição do diploma universitário que lhe diz respeito.
- 2993 VITERBO, Sousa — *Subsidios para a formação do refranario ou adagiario portuguez*. P, I, Porto, 1903, pp. 513-534.
 547 adágios, portugueses e espanhóis, extraídos de obras de Gil Vicente, Delicado, António Prestes, Ribeiro Chiado, Lope de Vega, etc.
- 2994 S/A. — *Rifões portuguezes*. Jornal lisbonense «A Epocha», I e II, 1848-1849 (cfr. o índice, s. v.).
 Os rifões estão dispostos pela ordem dos assuntos, como em Delicado. Nas linhas que precedem a colecção diz-se: «Começamos hoje a publicar uma colecção de *Rifões*, que nos foi comunicada por uma pessoa respeitável e estudiosa, profundamente iniciada nas nossas cousas populares, que as ama como cousa nascida na pátria, que as medita como objectos literários que conservam o sabor puro e singelo dos tempos primitivos». «A colecção termina na palavra conselho, porque o jornal não passou do t. II». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).
- 2995 S/A. — *Philosophia popular em proverbios* (n.º 45 da Biblioteca do Povo e das Escolas), Lisboa, 1882.
 «O prólogo contém algumas considerações gerais, e entre elas indicações bibliográficas, quer sobre adagiários populares portugueses, quer sobre colecções de máximas de diferentes AA. nossos».
 «A colecção dos provérbios... consta de três partes: *Florilégio de provérbios, adágios, rifões*, etc. (dispostos por assuntos, à maneira de Delicado, como *agricultura, amizade, amor, Deus*, etc.); *Ditados familiares; Calendário rústico*. Não se diz como é que a colecção foi feita: isto é, se foi colhida da tradição oral, se aproveitada de obras já existentes». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).
- 2996 S/A. — *Adagios agricolas do mez de Janeiro*. RM, X, Esposende, 1895, p. 72.
 8 provérbios referentes ao mês de Janeiro.
- 2997 S/A. — *Adagios populares*. RM, XII, Esposende, 1897, pp. 34-37.
 Adágios relativos aos meses do ano. «Maiar o gado»; as Maias. O mês de Junho; provérbios relativos a este mês.
- 2998 S/A. — *Philosophia Popular*. RM, XIII, Esposende, 1898, pp. 32 e 16.
 Provérbios e dizeres.

- 2999 s/A. — *Para quem cantou o cuco*. RM, XIII, Esposende, 1898, p. 130.
Breve nota sobre a origem e sentido desta locução.
- 3000 s/A. — *Portuguez velho — Origem de várias locuções, adágios e anexins*. RM, XIII, Esposende, 1898, pp. 132-136.
Notas sobre a origem e sentido de várias locuções populares.
- 3001 s/A. — *Rimas populares*. RM, XIX, Esposende, 1911, pp. 148-149.
Rimas populares alusivas aos padres.
- 3002 s/A. — *Cantar antes de almoço*. RM, XIX, Esposende, 1911, p. 12.
3 provérbios.
- 3003 s/A. — *Provérbios e conselhos*. RM, XX, Esposende, 1912, p. 32.
7 provérbios.
- 3004 s/A. — *A fé é que nos salva e não o pau da barca*. RM, XX, Esposende, 1912, p. 104.
Origem deste anexim: um conto popular veneziano.
- 3005 s/A. — *Adágios Populares*. AO (5.º ano), 1916, pp. 214-216.
37 adágios.
- 3006 s/A. — *Provérbios populares*. L, I, Viana do Castelo, 1917-18, pp. 155, 163; 11, 1918-1919, p. 157; IV, 1921-1922, pp. 17, 27, 29, 49, 63, 93, 102, 112, 125 e 150.
55 provérbios recolhidos na Beira Baixa.
- 3007 s/A. — *O tempo e a vida rural*. MCP, 9 a 18, Lisboa, 1947, p. 5.
Ditados referentes aos meses do ano, recolhidos por A. Thomaz Pires.
- 3008 s/A. — *Adagiário*. ONL, I, 1948, p. 2.
20 adágios portugueses alusivos a Janeiro (extraídos de Adágios Portugueses, do Lic.º António Delicado).
Ver Ref.^{as}: 4, 68, 74, 91, 142, 144, 145, 147, 207, 211, 227, 248, 250, 252, 279, 301, 358, 386, 421, 559, 564, 776, 939, 1007, 1015, 1041, 1055, 1077, 1377, 1400, 1411, 1426, 1433, 1436, 1468, 1501, 1519, 1527, 1567, 1575, 1585, 1614, 1634, 1644, 1668, 1699, 1702, 1838, 1839, 1840, 1892, 1911, 1923, 2073, 2118, 2158, 2188, 2271, 2307, 2327, 2345, 2377, 2425, 2505, 2569, 2639, 2784, 2836, 3428, 3766, 3788.

6. PREGÕES E FÓRMULAS

- 3009 CASSUTO, Afonso — *O livro das «pregoems» dos Judeus Portugueses de Hamburgo*. RL, XXXI, Lisboa, 1933, pp. 80-98.

Transcrição do manuscrito «inédito, da comunidade portuguesa israelita de Hamburgo, 1773, intitulado: Methodo como se uza apregoar».

- 3010 CHAVES, Luís — *Nota etnográfica — Os pregões populares das ruas de Lisboa*. RML, 64, Lisboa, 1955, pp. 35-43, 17 figs.

Notas sobre os pregões de Lisboa. Notações musicais do Prof. Luís de Freitas Branco.

- 3011 FELGUEIRAS, Guilherme — *Lisboa dos líricos pregões...* EBJP, 3, Lisboa, 1943, pp. 28-88.

Estudo dos pregões dos vendedores ambulantes de Lisboa.

- 3012 GAMA, Eurico — *Os pregões de Elvas*. (Separata da Rev. Ocidente), Lisboa, 1945, 58 pp., 25 transcrições musicais de pregões, e mais 8 variantes.

Resenha etimológica — pregão, pregoeiro, apregoar, etc., com citações literárias. Algumas notas: o *pregoeiro* público de Elvas e Santa Eulália. Fórmulas dos pregoeiros. Vendedores ambulantes (de Elvas). Vendedores ambulantes e seus pregões: leiteiro, amolador, vendedor de sorvetes, de castanhas, de petróleo, de candeias, o cauteleiro, de tremoços, de barquinhos, de peles, de queijos, o aguadeiro, de figos, melancias, etc. Diversos: vendedor de peixe, oculista, estampinhas finas, oleados e abatjourns, peneiras e crivos, bolos e merengues, fogaças, esmolos para Santa Bárbara, picão (para acender o fogão), cal, bananas, galináceos, esteiras (espanhol), ardinhas. Notas várias e costumes ligados a estes personagens e ofícios. Notas finais com indicações sobre o aqueduto de Elvas, velhas ruas desta cidade, o brinhol (doce local), a indústria popular elvense de caramelos, a feira de S. Mateus. Música destes pregões.

- 3013 LEÃO, Armando — *Pregões do Porto*. OT, 5.^a Série, I, Porto, 1945-1947, pp. 55-56; II, pp. 115-116.

Pregões de vendedores ambulantes do Porto: sardinheiras, hortaliçadeiras, funileiros; cantiga dos pedreiros.

- 3014 LOPES, Alfredo Augusto — *Vendedores ambulantes*. O, VII, Lisboa, pp. 98-113 e 180-198.

Estudo sobre os pregões dos vendedores ambulantes.

- 3015 PIRES, A. Thomaz — *Os pregões de Elvas*. P, 2, pp. 655-660.
Letra e música de 25 pregões de vendedores ambulantes recolhidos na cidade de Elvas, e de 6 de Lisboa.
- 3016 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Para a venda do peixe*. BE, III, Lisboa, 1924, p. 21.
Breve nota sobre o costume de os vendedores de peixe se fazerem anunciar pelo toque de uma corneta.
Ver Ref.^{as}: 282, 1506, 3308.

7. PARLENGAS E RIMAS

- 3017 ANDRADE, João Vieira de — *Tradições Populares da Província do Douro*. (Collecção Silva Vieira), Espozende, 1903, 76 pp.
Rimas populares. Fórmulas profissionais. Fórmulas para enganar. Orações burlescas. Dizeres, parlengas, etc.
- 3018 AZEVEDO, Pedro d' — *Tradições populares*. RL, III, Porto, 1894-95, pp. 87-90.
Rimas infantis, parlengas, dizeres e orações jocosas, adivinhas e apodos tópicos.
- 3019 AZEVEDO, Pedro A. de — *A rima infantil do «Castelo de Xuxurumelo em 1729»*. RL, IX, Lisboa, 1906, pp. 391-392.
Nota sobre uns versos de 1729, em que se alude ao Castelo que se queimava nos casamentos principescos; chamava-se-lhe «de Xuxurumelo», o que prova a existência do jogo e da lengalenga já nessa altura.
- 3020 B., H. — *Destrava-línguas*. RI, VI, Ponta Delgada, 1950, pp. 446-447.
Parlengas que embaraçam e tornam ridícula a pessoa que tente pronuncia-las sem prévio ensaio.
- 3021 COELHO, F. Adolpho — *Variiedades (Rimas infantis)*. REG, I, Lisboa, 1880, p. 48.
«Quem vai ao mar perde o lugar», e «Cruz de pau, cruz de ferro, quem mentir vá pr'o inferno». Versões afins francesas.
- 3022 COELHO, Adolpho — *Jogos e rimas infantis*. (2.º vol. da «Biblioteca de Educação Nacional»), Porto, 1883, 95 pp.
Com fim pedagógico, os materiais — cerca de 130 jogos e rimas infantis — são ordenados em três séries. Segundo o Autor, a «primeira série dos jogos e

rimas infantis compreende, a partir dos cantos que primeiro ferem o ouvido infantil, os jogos e rimas que podem empregar-se principalmente até aos seis anos de idade; a segunda série, jogos para rapazes e meninas dessa idade para cima; a última série, jogos que convêm mais particularmente aos rapazes».

- 3023 DRUMOND, Machado — *Lenga-lengas*. BIHIT, 14, Angra do Heroísmo, 1956, pp. 214-254.

Versões de várias lengalengas.

- 3024 GOULART, Osório — *Rimas infantis*. RI, III, Ponta Delgada, 1947, pp. 346-347.

32 rimas infantis.

- 3025 JESUS, Edmiro de — *Rimas infantis da ilha de S. Miguel*. RI, XII, Ponta Delgada, 1956, pp. 400-405.

Rimas infantis.

- 3026 LEÃO, Armando — *Folclore da freguesia da Oliveira (Póvoa de Lanhoso)*. DL, VIII, Porto, 1943, pp. 46-49.

Rimas e jogos infantis: os dedos das mãos, o pique-pique, o sola-sapata.

- 3027 MEIRELES, Cecília — *Os dedos*. RI, XII, Ponta Delgada, 1956, pp. 398-400.

Designações dos dedos das mãos. Designações várias.

- 3028 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *Designações dos dedos da mão*. DL, Sexta Série, IX, Porto, 1955, pp. 9-27.

Estudo das parlengas infantis dos dedos da mão e comparação com casos de outros países.

- 3029 PIRES, A. Thomaz — *Formulas e Perlengas diversas*. RL, I, Porto, 1887-89, pp. 346-351.

Ditados relativos a jogos (de cartas). Ginástica vocal. Anfiguris — frases sem sentido. Tango-Mango. Cantiga.

(Nota final p. 350-351 — de J. L. de V. — com indicações interessantes de glotologia e formação de frases onde «um princípio rítmico... ajuda o espírito a fixar o seu sentido». Rimas aliterantes).

- 3030 PIRES, António Thomaz — *Folk-lore Alentejano*. RM, v (2.^a Ed.), Esposende, 1914, pp. 6-17.

Rimas e jogos infantis, coligidos no concelho de Elvas.

- 3031 PIRES, António Thomaz — *Rimas e Jogos coligidos no concelho de Elvas*, Elvas, 1937, 46 pp.
Rimas e jogos infantis.
- 3032 RIBEIRO, Luís da Silva — *Rimas infantis*. BIHIT, 2, Angra do Heroísmo, 1944, pp. 263-275.
73 parlengas infantis, com notas explicativas e comparativas. Nomes de dedos. Orações burlescas; etc.
- 3033 SANTOS JÚNIOR, J. R. dos — *Lengas-lengas e jogos infantis*. TAE, VIII, 3-4, Porto, 1938, pp. 317-361.
Lengalengas e jogos infantis, recolhidos em diversas regiões do país.
- 3034 SILVA, Armando J. da — *Etnologia açoriana*. RM, I, Barcelos, 1886, pp. 87-88; II, Esposende, 1914 (2.^a Ed.), pp. 23-25.
Versões do «Padre Nosso Pequenino», e «Padre Nosso Maior».
- 3035 SILVEIRA, Pedro da — *Rimas infantis da ilha das Flores*. RI, v, Ponta Delgada, 1949, pp. 141-144.
35 rimas infantis.
- 3036 SILVEIRA, Pedro da — *Novas rimas infantis da ilha das Flores*. RI, VI, Ponta Delgada, 1950, pp. 205-209.
40 rimas infantis.
- 3037 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Numeração infantil*. RM, I, Barcelos, 1886, pp. 75-76.
Variantes da fórmula *una, duna, tena*, etc.
- 3038 V., J. L. de — *Nomes populares dos dedos da mão*. RL, II, Porto, 1890, p. 181.
Nota sobre a designação popular dos dedos da mão. Versão de D. Francisco Manuel de Mello, e variantes populares.
- 3039 VIEIRA, J. da Silva — *Variantes populares — O Padre Nosso pequenino*. RM, I, Barcelos, 1886, pp. 71-72.
1 variante do «Padre Nosso Pequenino».
- 3040 S/A. — *Rimas populares*. RM, XX, Esposende, 1912, p. 53.
5 rimas populares.

- 3041 S/A. — *Rimas infantis*. DL, VIII, Porto, 1943, p. 52.
3 rimas infantis endereçadas a animais (Ervedosa do Douro e Macedo de Cavaleiros).
- 3042 S/A. — *Rima infantil*. DL, VIII, Porto, 1943, p. 53.
Rima infantil, para regressar a casa ao toque das Trindades (Ervedosa do Douro).
- 3043 S/A. — *Rimas infantis da ilha do Faial e ilha Terceira*. RI, I, Ponta Delgada, 1944-45, pp. 647-651.
35 rimas infantis.
Ver Ref.^{as}: 3, 66, 68, 114, 227, 228, 288, 358, 1081, 1440, 1551, 1703, 1896, 1899, 1909, 1911, 2158, 2244, 2271, 2313, 2383, 2406, 2425, 2467, 2470, 2496, 2504, 2558, 2621, 2631, 2861, 2923.

8. ALCUNHAS E APODOS

- 3044 ALVES, Padre Francisco Manuel — *Apodos tópicos*. IT, I, Porto, 1908, pp. 134-135.
Apodos tópicos referentes aos concelhos de Vinhais, Bragança, Vimioso e Miranda.
- 3045 ALVES, P.^e Francisco Manuel — *Apodos populares bragançanos*. BGAB, 26, 1960.
Apodos populares, em verso, referentes a terras e gentes de Bragança, Vimioso e Lombada de Vinhais.
- 3046 AZEVEDO, Pedro A. de — *Apodos políticos e geográficos*. RL, X, Lisboa, 1907, pp. 328-329.
Alcunhas políticas: «carcundas» e «malhados», «fraldas» e «moleiros», etc.
- 3047 COELHO, F. Adolpho — *Ditados tópicos de Portugal*. AETPP, I, Porto, 1883, pp. 47-49.
Alcunhas diversas atribuídas aos habitantes de diferentes povoações; ditos tradicionais e anedotas respeitantes a lugares e seus habitantes; notícia e exemplos de rivalidades vicinais.
- 3048 BATISTA, Joaquim José Ferreira — *Alcunhas da Murtosa*. ADA, XIV, Aveiro, 1948, pp. 231-240 e 252-263; XV, 1949, pp. 117-128.
Colectânea de alcunhas.

- 3049 COSTA, Alexandre de Carvalho — *Prolóquios Toponímicos Transtaganos*. DL, Sétima Série, III-IV, Porto, 1956, pp. 191-221.
Compilação e origem de alguns apodos tópicos alentejanos.
- 3050 DIAS, Jaime Lopes — *Distrito Etnográfico — Alcunhas*. AR, III, 130, Castelo Branco, 1928.
Alcunhas de vários povos do concelho, de Castelo Branco.
- 3051 LEÃO, Armando — *Folclore da freguesia da Oliveira (Póvoa de Lanhoso)*. DL, VII, Porto, 1943, pp. 36-38.
100 alcunhas características.
- 3052 LIMA, Augusto César Pires de — *Linguagem escolar (Elementos para o estudo dos nomes postos pelos estudantes e da gíria por eles usada)*. DL, VIII, Porto, 1943, pp. 22-23.
Nomes postos a professores e alunos. Gíria.
- 3053 LIMA, Augusto César Pires de — *Topónimos e alcunhas*. CSTBC, IV, Santo Tirso, 1955, pp. 43-49.
Estudo de alguns topónimos e notas sobre alcunhas.
- 3054 LOPES, Frederico — *Locuções e alcunhas em uso na ilha Graciosa*. BIHIT, 4, Angra do Heroísmo, 1946, pp. 290-300.
Locuções e alcunhas populares conhecidas na Ilha Graciosa.
- 3055 MACHADO, Falcão — *Nótulas etnográficas da Vidigueira*. FL, VII, Lisboa, 1936, pp. 35-40.
Indicação de nomes próprios e apelidos, e alcunhas próprias e usadas naquela vila, que parecem indicar uma origem nos descobrimentos. Expressões peculiares, e apodos geográficos.
- 3056 MARTHA, Cardoso — *O ridículo dos chamadouros*. MCP, III, 34, Lisboa, 1949, p. 8.
Nota sobre alguns nomes ridículos.
- 3057 M., C. — *Apodos tópicos*. FL, V, Lisboa, 1932, pp. 137-151.
Enunciado de alguns apodos tópicos de vários pontos do país.
- 3058 MIRANDA, Abílio — *As alcunhas dos moleiros*. DL, IV, Porto, 1941, pp. 68-69.
Alcunhas dos moleiros dos rios Cavalum e Sousa.

- 3059 PEIXOTO, Rocha — *Apodos tópicos*. IT, 1, Porto, 1908, pp. 75-80, 12 figs.
 Considerações acerca da rivalidade existente entre Espanha e Portugal, entre as nossas diferentes províncias, povoações e até lugares, traduzida por ditados tópicos, que geralmente envolvem conceitos deprimentes e sátiras que ridicularizam alguns aspectos do comportamento social dos visados.
- 3060 PIRES, A. Thomaz — *Onomástico popular elvense — Alcunhas*. RM, XX, Esposende, 1912, pp. 54-56; XXI, 1913, pp. 53-54.
 Menção de várias alcunhas.
- 3061 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Gallegos e ingleses*. RL, II, Porto, 1890, pp. 68-73.
 Estudo da expressão «gallego» como pejorativo. Mofas entre nações, em vários países e idiomas, especialmente fronteiros. A palavra «inglês» com sentido pejorativo (derivado do Ultimatum).
- 3062 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Nótulas etnográficas*. L, I, Viana do Castelo, 1917-18, p. 161.
 Comentário a uma alcunha étnica.
- 3063 V., J. L. de — *Epitáfio gracioso*. RL, XXI, Lisboa, 1918, p. 203.
 Transcrição de um epitáfio jocoso de Alcácer do Sal.
- 3064 VIEIRA, J. da Silva — *Onomástico Popular de Espozende*. (Collecção Silva Vieira), Espozende, 1897, 15 pp.
 Lista de alcunhas.
- 3065 S/A. — *Onomástico popular elvense*. RM, XIX, Esposende, 1911, pp. 155-157.
 Alcunhas.
 Ver Ref.^{as}: 3, 105, 144, 145, 227, 229, 230, 301, 442, 556, 559, 588, 939, 1469, 1501, 1563, 1656, 1917, 2334, 2406, 2498, 3018.

9. FOLHETOS DE CORDEL

- 3066 BRAGA, Theophilo — *Os livros populares portugueses (folhas volantes ou literatura de cordel)*. ENRMC, Lisboa, 1880-1881, pp. 3-19 e 49-62.
 Estudo da literatura popular portuguesa. Escritores que se inspiraram directamente das tradições populares: Gil Vicente, António Ribeiro Chiado, Sá de

Miranda, Jorge Ferreira e outros. *Escritores do povo: Trancoso, Bandarra, Baltazar Dias, Afonso Álvares, Gregório Afonso, etc.* Livros populares portugueses dos séculos XVI, XVII e XVIII.

- 3067 BRAGA, Theophilo — *Sobre as estampas ou gravuras dos livros populares portugueses*. P, 1, Porto, 1903, pp. 497-512, 45 figs.

Considerações acerca das alterações que facilidades de comunicações internacionais e publicidade jornalística introduziram na chamada literatura de cordel. Pequeno estudo das estampas ou gravuras que ilustravam esses folhetos.

- 3068 FELGUEIRAS, Guilherme — *A invasão francesa e os cegos cantadores*. FL, VII, Lisboa, 1936, pp. 41-49. E EBJP, 24-45, 1950, pp. 187-195.

Colecção de versos satíricos, cantados pelos cegos em Lisboa, com referências às invasões francesas. Considerações acerca desse tipo humano. Notas etnográficas e filológicas extraídas dos versos em questão.

- 3069 LIMA, Augusto César Pires de — *Teatro de cordel*. RG, XXXI, Guimarães, 1922, pp. 141-145.

Enunciado de alguns folhetos de literatura de cordel, dos séculos XVIII e XIX.

- 3070 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Literatura de cordel*. APP, II, pp. 255-278, 23 figs.

Estudo sobre a origem da literatura de cordel e foca o pouco interesse que este material mereceu aos nossos estudiosos. O Autor aponta duas possíveis origens: a tradição e a apropriação dos escritos doutrem, e considera o século XVI como a época áurea deste género de literatura. Refere-se ao privilégio concedido por D. João V aos cegos, na venda destes folhetos, e ao cego madeirense Baltazar Dias (século XVII), autor de larga bibliografia — autos, tragédias, etc. — que enumera. Fala também do contributo de Gil Vicente neste campo. Para demonstrar o valor histórico de alguns destes trabalhos toma como exemplo «A Donzela Teodora» que trata desenvolvidamente. Com base na obra de Teófilo Braga, enumera vários títulos de folhetos de cordel.

- 3071 MOURINHO, P.^e António — *A Ascensão de Nossa Senhora e um poeta do povo*. TL, 2, Lisboa, 1952, pp. 41-43.

Literatura de cordel: os casos diversos, loas de Natal e Entrudo, entremezes, etc. «A Virgem do Calvário», do lavrador trasmontano de Quintanilha, Evaristo Augusto Cordeiro, outros temas religiosos, e o dogma da Assunção em 13 quadras, que transcreve.

- 3072 M., C. — *Feras e monstros fantásticos*. FL, v, Lisboa, 1932, pp. 194-113.

Os monstros que a fantasia do povo criou. Sua projecção na literatura de cordel. Ver Ref.^{as}: 4, 626.

10. VOCABULÁRIO

- 3073 AGUIAR, Fernando de — *Usos e costumes da ilha da Madeira — Algumas palavras indígenas*. FL, VII, Lisboa, 1936, pp. 11-14.
Relação de vocábulos peculiares àquela ilha.
- 3074 ALVARENGA, Aida Sá V. d' — *Algumas designações da cabeça humana na linguagem popular e no calão*. BF, XIII, Lisboa, 1952, pp. 257-272.
Menção de algumas designações da cabeça humana.
- 3075 ALVES, F. Alfredo — *Notas sobre a linguagem vulgar da Aldeia de Santa Margarida (Beira Baixa)*. RL, II, Porto, 1890, pp. 241-252.
Na menção de muitos vocábulos locais, fornece indicações de carácter etnográfico: adufe, afogador, burra de tirar água, castanholas, etc.
- 3076 BAPTISTA, Joaquim José Ferreira — *Loquela dos povos da Beira-Ria*. ADA, XII, Aveiro, 1946, pp. 91-98, 236-243; XIII, 1947, pp. 86-93, 194-202 e 308-316; XIV, pp. 27-41.
Termos, expressões, maneiras de dizer do povo do concelho da Murtosa.
- 3077 BARREIROS, Fernando Braga — *Vocabulário barrosão*. RL, XX, Lisboa, 1917, pp. 137-161; XXXV, 1937, pp. 239-303.
Vocabulário regional com descrição por vezes extensa dos objectos designados, nomeadamente: capucha de burel, carro, dobadoira, etc.
- 3078 BASTO, Cláudio — *Falar do Povo*. RL, XVIII, Lisboa, 1915, pp. 163-173.
Estudo de alguns vocábulos, seu sentido e uso.
- 3079 BASTO, Cláudio — Formação popular de «nomes-de-unidade». *Miscelânea de Estudos em honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos*, Coimbra, 1930, 12 pp.
Lista de vocábulos.
- 3080 BESSA, Humberto — *Linguagem popular*. L, IV, Viana do Castelo, 1921-22, pp. 76-77.
Termos da linguagem popular da Murtosa.
- 3081 BOAVENTURA, Manuel de — *Vocabulário minhoto (Subsídios para o léxico português)*. BA, II, Braga, 1950, pp. 84-100, 171-178 e 403-413; III, 1951, pp. 208-219; IV, 1952, pp. 111-121; V, 1953-54, pp. 177-184; VI-VII, 1955-56, pp. 213-223.
Vocábulos populares correntes no Minho.

- 3082 BONITO, Rebelo — *Linguística profissional*. DL, Sexta Série, VII-VIII, Porto, 1955, pp. 71-75.
Termos da linguagem dos empregados de cafés da cidade do Porto, e da linguagem dos pedreiros do concelho da Póvoa de Varzim.
- 3083 BRAGA, Alberto Vieira — *Escassa respiga lexicológica*. RG, XXXI, Guimarães, 1921, pp. 259-266; XXXII, 1922, pp. 16-21, 129-135, 256-260 e 379-385.
Vocábulos e provincianismos minhotos.
- 3084 CARDOSO, Carlos Lopes — *O falar dos pedreiros*. DL, Quarta Série, V-VI, Porto, 1951, pp. 154-155.
Frases e vocabulário usadas pelos pedreiros de Urrô (Penafiel).
- 3085 CARNEIRO, A. Lima, e LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Notas comparativas entre o vocabulário médico popular português e o vocabulário médico brasileiro*. CMP, III, XI, Lisboa, 1940, pp. 331-341,
Enumeração de vocábulos e seu significado.
- 3086 CHAVES, Luís — *Origem de uma locução «Os Fiéis de Deus»*. ALP, I, Lisboa, 1929-30, pp. 47-49.
Estudo sobre a origem deste vocábulo. Fala da divergência de opiniões entre Herculano e Viterbo, e, apoiado em dados de carácter etnográfico, corrobora a opinião de Herculano, que vê nas covas onde se enterravam os justicados a origem deste termo.
- 3087 COSTA, Alexandre de Carvalho — *Pronúncia e significado de alguns vocábulos populares do Alto Alentejo*. ALP, V, Lisboa, 1937-39, pp. 38-44, 63-72, 120-129, 156-162 e 444-456.
Registo e definição de vocábulos populares.
- 3088 COSTA, Carreiro da — *Terminologia agrícola micaelense*. CRCAA, 3, Ponta Delgada, 1946, pp. 95-102; 4, 1946, pp. 91-98; 5, 1947, pp. 93-104; 6, 1947, pp. 91-98; 7, 1948, pp. 101-108; 8, 1948, pp. 95-102; 9, 1949, pp. 102-109.
Registo de vocábulos regionais referentes à agricultura.
- 3089 C., C. da — *Anatomia popular. Os olhos, o nariz, o ouvido e a boca*. RI, IX, Ponta Delgada, 1953, pp. 452-453.
Terminologia popular anatómica da cara.

- 3090 COSTA, Vieira da — *Glossário trasmontano*. IT, 1, Porto, 1908, pp. 71-74 e 96.
Vocábulos regionais e sua definição.
- 3091 DACIANO, Bertino — *O Povo inspirador*. BBPMM, 4, Matosinhos, 1957, pp. 43-64.
Enunciado, definição e análise de vários vocábulos, frases populares e alcunhas.
- 3092 DELGADO, Manuel Joaquim — *A linguagem popular do Baixo Alentejo*. Beja, 1951, 218 pp. E também ABBCM, v, Beja, 1948, pp. 346-360; vi, 1949, pp. 186-203 e 362-392; vii, 1950, pp. 139-207.
Recolha, ordenação e estudo de vocábulos, expressões vocabulares, frases feitas, etc. da linguagem popular do Baixo Alentejo.
- 3093 DIAS, Jorge, e CARVALHO, J. Herculano de — *O falar de Rio de Onor*. Coimbra, 1955, 61 pp.
Considerações acerca do rionorês, observações fonéticas e morfológicas, e extenso vocabulário.
- 3094 DINIS, Manuel Vieira — *Falas dos trolhas (Paços de Ferreira)*. DL, Sétima Série, IX, Porto, 1956, pp. 977-981.
71 palavras do vocabulário dos trolhas.
- 3095 FELGUEIRAS, Guilherme — *Lexicologia pecuária*. E, III, Lisboa, 1948, pp. 219-222.
Termos agrícolas.
- 3096 FERREIRA, António C. de Carvalho, SOARES, F., e FERREIRA, Armando J. de Carvalho — *Tradições médicas populares da região da Feira (Nogueira de Regedoura)*. TAE, III, 2, Porto, 1927, pp. 89-136.
Vocabulário popular relativo ao corpo humano, intercalado numa série de exemplos de práticas de medicina popular. Definição de cada um desses vocábulo.
- 3097 FORTES, Agostinho — *Nótulas acerca dum falar da margem esquerda do Guadiana acompanhadas de algumas notícias folclóricas*. ALP, III, Lisboa, 1932-34, pp. 128-137, 186-199, 217-225, 313-320, 353-360 e 401-412.
Ensaio sobre o falar de Mourão. A propósito de certos vocábulo, fornece alguns dados etnográficos. Ex.: *adiafa* — descrição desta festa, que tem

lugar no fim de determinados trabalhos agrícolas; *détari* — fórmula que se recita quando cai um dente; *fogaça* — oferta a santos em cumprimento de promessas; *merenda*; *missadura* — refeição natalícia que tem lugar após a missa do galo, composta de lombo de porco assado no espeto e filhós; *nógados* — doce específico do Natal e Entrudo; *voda* — descrição de alguns costumes relacionados com o casamento; *mastro* — mastro simbólico das festas de S. João e S. Pedro; etc.

Insera ainda alguns ditados e alcunhas, e contém a descrição de 3 instrumentos de música: adufe, zabumba e matraca.

- 3098 FRAZÃO, F. Santos Serra — *Sucinto Vocabulário (Coligido numa aldeia da Serra de Albardos, concelho de Alcanena)*. RL, XXXVI, Lisboa, 1938, pp. 73-167.

Vocabulário. Ver por ex.: acintais, agulheta, algeira, alforje, algar, apeirage, arrapalhos, arrebate, arromper, atafal, ável, azerve; balaio, batente, bardanal, boçal, bordaneira, borne; cabaço, cabrestilho, cachola, cachos, calcadoiro, cambas, cambeiros, carapuça, cerne, chambaril, chouso, cincho, cintal, cristel, cóbrão, coifa, comédia, couto; dianteira, derrisca, descancar e descarolar; empavear, empreita, engavelar; manteus, maquia, marouço, meda, moça, moega, etc.

- 3099 FRAZÃO, F. Santos Serra — *Apontamentos de linguagem popular*. RL, XXXVI, Lisboa, 1938, pp. 310-314.

Vocábulos. Ver por ex.: moreia ou mureia, adiafa, avela, muxinga, etc. A Geografia na linguagem dos serranos. Pronúncias.

- 3100 FRAZÃO, F. Santos Serra — *Calão Mindérico — Alguns termos do «calão» que usam os cardadores e negociantes de Minde*. RL, XXXVII, Lisboa, 1939, pp. 101-143.

Registo de vocábulos. Ver por ex.: arrojadeira, azeiteiros, bagaceiras, escarduçar, imprimir, labrego, manco, sagalhota.

- 3101 LANDOLT, Candido — *Vocabulário popular de alguns termos especiais usados pelos fadistas do Porto*. RM, 1, Barcelos, 1886, pp. 54-55.

Transcrição de alguns vocábulos.

- 3102 LIMA, A. B. — *Linguagem popular de Esposende*. RM, XXI, Esposende, 1913, pp. 54-59.

Vocábulos regionais.

- 3103 LIMA, A. B. — *Tecnologia marítima*. RM, XXI, Esposende, 1913.

Terminologia de barcos e redes e de ventos.

- 3104 LIMA, Augusto César Pires de — *O Livro V das Ordenações*. Po, VII, Porto, 1934, pp. 142-145 e 180-185.
Significado de vários termos que este contém.
- 3105 LIMA, Augusto César Pires de — *Curiosidades linguísticas*. ALP, XII, Lisboa, 1947, pp. 65-74.
Notas sobre palavras e locuções de valor concessivo. Exemplificação com quadras populares. Indicação de vários nomes de agulhas secas de pinheiro.
- 3106 LIMA, J. A. Pires de — *Vocabulário anatómico popular*. Coimbra, 1938, 27 pp. (Separata da Folia Anatomica Universitatis Conimbrensis, XIII, n.º 2).
Vocabulário anatómico popular, ordenado alfabeticamente.
- 3107 LOPES JR., Frederico — *Vocabulário regional terceirense*. BIHIT, 17, Angra do Heroísmo, 1959, pp. 10-84.
Extensa relação de vocábulos colhidos na ilha Terceira, com os respectivos significados.
- 3108 LOPO, Joaquim de Castro — *Linguagem popular de Valpaços*. RL, II, Porto, 1890, pp. 255-260 e III, Porto, 1894-95, pp. 325-329.
Indicações de toponímia e fonética. Vocabulário. Ver por ex.: garabano, mangueira, pirtigo, poula, etc.
- 3109 LOUÇÃO, P.º João Luís Lourenço — *Lexicografia das margens do Minho*. RL, XXIX, Lisboa, 1931, pp. 246-276.
Vocábulos ou expressões; gíria de pedreiro.
- 3110 MARÇAL, Horácio — *Nomenclatura farmacêutica na linguagem do povo de Leça da Palmeira*. BBPMM, 6, Matosinhos, 1959, pp. 109-117.
Termos de farmacologia usados pelo povo da região, extraídos do caderno de um farmacêutico que arquivou vários pedidos escritos de aviamento de remédios feitos por gente do povo.
- 3111 MORENO, Augusto C. — *Vocabulario trasmontano (Mogadouro e Lagoaça)*. RL, V, Lisboa, 1897-99, pp. 22-51, 88-114.
(Breve introdução por J. L. de V.).
Vocabulário. Ver por ex.: andadeira, andobias, arrasta, asado, batoque, bedalha, botilho, caravelho, cantaloxo, china, chino, enaugar, foio (jogo), gulosa, inglarão (brinquedo), jolda, limbria (jogos), malhão, orelheiras (do arado), poia, queima (jogo), raiola, saraças, torça, trasga, travinca, troques, varanga (do lagar), verduguilho, zangarrão.

- 3112 NOGUEIRA, R. de Sá — *Subsídios para o estudo da linguagem das salinas*. ALP, IV, Lisboa, 1934-36, pp. 75-146.
Registo de termos e expressões da linguagem técnica das salinas. Definição desses termos e expressões, com a indicação do lugar onde foram recolhidos e da sua correspondência noutros lugares. Transcrição de algumas definições de tratados especiais.
- 3113 NUNES, M. Dias — *Phraseologia popular*. T, VI, Serpa, 1904, pp. 43-44, 60.
Frases e vocábulos populares.
- 3114 OLIVEIRA, Manuel Ramos de — *Ligeiras notas históricas — Como se fala no concelho de Celorico*. BAAP, VI, Viseu, 1947, pp. 43-61.
Recolha de vocábulos usados em Celorico da Beira.
- 3115 PAÇO, Afonso do — *Notas à margem da 3.^a edição do Dicionário de Cândido de Figueiredo*. RL, XXVIII, Lisboa, 1930, pp. 267-275.
Indicação de uma grande série de vocábulos recolhidos em Outeiro (Viana do Castelo), em vista à ampliação do Dicionário de Cândido de Figueiredo.
- 3116 PEREIRA, F. Alves — *Glossário Dialectológico do Concelho dos Arcos de Valdevez*. RL, XX, Lisboa, 1917, pp. 239-256; XXII, 1919, pp. 19-34; XXV, 1923-25, pp. 180-204; XXVI, 1925-27, pp. 281-297; XXX, 1932, pp. 187-198; XXXI, 1933, pp. 292-300.
Registo e significado de vocábulos recolhidos nos Arcos de Valdevez.
- 3117 PESTANA, Eduardo António — *A linguagem popular da Madeira*. ALP, V, Lisboa, 1937-39, pp. 73-78, 84-92, 137-143, 168-175, 218-224, 239-252, 289-296, 321-328, 338-449, 386-392, 408-417, 438-443 e 489-541.
Registo e significado de vocabulário popular
- 3118 PINHO, António de — *Provincianismos usados em Monção*. AORP, X (2.^a Série), Porto, 1916, pp. 71-88 e 125-134; XI, 1917, pp. 36-43; XII, 1917, pp. 34-43, 94-101 e 188-191; XIII, 1918, pp. 15-25; XV, 1919, pp. 49-55.
Enumeração e estudo de vários vocábulos regionais.
- 3119 PIRES, A. Thomaz — *Vocabulário alentejano*. RL, XXIX, Lisboa, 1931, pp. 217-225.
Registo e significado de vocábulos alentejanos.

- 3120 POMBINHO JÚNIOR, J. A. — *Vocabulário alentejano (Subsídios para o léxico português)*. RL, xxv, Lisboa, 1923-25, pp. 58-74; xxvi, 1925-27, pp. 68-83; xxxiii, 1935, pp. 94-176; xxxiv, 1936, pp. 266-290; xxxv, 1937, pp. 155-160; xxxvi, 1938, pp. 197-217.
- Vocabulário alentejano.
- 3121 RIBEIRO, Emanuel — *Palavras do Arquipélago da Madeira*. RL, xxiii, Lisboa, 1920, pp. 131-137.
- Vocabulário. Ver por ex.: belamente (jogo da Semana Santa), charola, cangalha, candeia, etc.
- 3122 RIBEIRO, Luís da Silva — *Linguagem popular da ilha Terceira*. RAç, I, Angra do Heroísmo, 1934, pp. 10-33.
- Notas para um vocabulário regional.
- 3123 RIBEIRO, Luís — *Alpardo*. BIHIT, 8, Angra do Heroísmo, 1950, pp. 274-275.
- A palavra «alpardo» (lusco-fusco) nos Açores. Estudo linguístico.
- 3124 RIBEIRO, L. — *Macaréó*. BIHIT, 4, Angra do Heroísmo, 1946, p. 301.
- Estudo do termo, marítimo e popular, com que se designa uma vaga súbita e alterosa, de mar, ou, em sentido figurado, uma dificuldade.
- 3125 ROSEIRA, Abílio — *Costumes de Semide*. BF, III, Lisboa, 1934-35, pp. 243-280.
- Vocabulário e formas avulsas, de prosa (contos) e quadras populares. Notas sobre a nomenclatura do cultivo do milho.
- 3126 ROSEIRA, Abílio — *Resquícios filológicos*. BF, III, Lisboa, 1934-35, pp. 402-403.
- Nota acerca da palavra «burrinho», que segundo o autor derivou da palavra «burro» (engenho de tirar água) e que hoje, aliada às melhorias do progresso, denomina a peça que aspira a gasolina do reservatório para o carburador.
- 3127 SAAVEDRA, Alberto — *A linguagem médica popular de Fialho*. Porto, 1916, 73 pp.
- Citação de termos médicos populares usados por Fialho de Almeida nas suas obras.

- 3128 SAAVEDRA, Alberto — *A linguagem médica popular*. Porto, 1919, 161 pp.
Vocabulário alfabetizado de linguagem médica popular. Exemplificação com excertos de vários autores.
- 3129 SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos — *Subsídios para o vocabulário português*. RL, XXXVIII, Lisboa, 1943, pp. 303-311.
Lista de vocábulo em S.
- 3130 SILVA, D. A. Tavares da — *Esboço dum vocabulário agrícola*. Lisboa, 1944, 480 pp., 26 figs.
Ampla recolha de vocábulo que dizem respeito à agricultura; interpretação, e indicação dos lugares onde foram recolhidos. Intercalados no conjunto destes vocábulo tem uma série de pequenos artigos que tocam genericamente questões técnicas e económico-agrícolas a que respeita um ou outro vocábulo, nomeadamente arados, carros, fiadouro, «turra» (luta entre dois toiros, no Barroso), «martinhada» (S. Martinho), maias, cibana (palheiro), armadas (grupos de jornaleiros que trabalham na apanha da azeitona), lagar do vinho, etc.
- 3131 SIMÕES, J. de Oliveira — *Estudos da língua pelos dizeres do povo — Paveias de locuções correntes*. ALP, v, Lisboa, 1937-39, pp. 316-320, 350-360, 379-385, 418-424, 429-437 e 474-485.
Enumeração e interpretação de locuções populares.
- 3132 SOUSA, Ana Emília de Andrade e — *Linguagem popular e etnografia* BAAP, XVIII, Viseu, 1958, pp. 345-351.
Enumeração e interpretação de frases populares.
- 3133 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Dialectos interamnenses*. RG, III, Guimarães, 1886, pp. 61-80.
Aditamento ao suplemento do vocabulário Português e Latino, de Rafael Bluteau.
- 3134 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Etymologias portuguesas*. RL, VII, Lisboa, 1902, pp. 68-73.
Etimologias de: cânhamo, cilha, coxo (Trás-os-Montes: bicho venenoso), leque, pardieiro, paul, quisto — de cañama (espanhol), cigula, coso (espanhol), de Lequias (Fern. Mendes Pinto), paretinarin, padule, de Canavezes, Canaveria, Canavais, Pardinhas. Um ensalmo contra doenças.

- 3135 VASCONCELLOS, Leite de — «*Cegonha*» de *Grândola*. BE, I, Lisboa, 1920, pp. 32-33, 1 fig.
Breve nota sobre a antiguidade do termo.
- 3136 V., J. L. de — *Pertenças de uma quinta do Minho*. BE, III, Lisboa, 1924, pp. 45-47.
Termos designativos das dependências da casa rústica minhota.
- 3137 VIANA, Abel — *Vocabulário Minhoto*. Esposende, 1930, 40 pp.
Vocabulário ordenado alfabeticamente e comentado.
- 3138 VIANA, Abel — *Linguagem popular do Alto Minho*. Viana do Castelo, 1932, 50 pp.
Vocabulário, modos de dizer, gíria de classes e de famílias, apelidos de casas e alcunhas.
Ver Ref.^{as}: 145, 207, 211, 220, 223, 228, 238, 250, 253, 285, 289, 292, 352, 556, 559, 689, 796, 1426, 1433, 1519, 1623, 1699, 1709, 1879, 1910, 1911, 1923, 2170, 2357, 2377, 2425, 2533, 2547, 2591.

11. TOPONÍMIA

- 3139 BADIA-MARGARIT, António M. — *Sobre la distribución geográfica de la toponimia de origen portugués en el Brasil*. ACIELB, III, Lisboa, 1959, pp. 227-244.
Topónimos portugueses convertidos em topónimos brasileiros. Designativos comuns da toponímia brasileira de origem portuguesa.
- 3140 BASTO, Cláudio — *Origem anedótica de topónimos portugueses*. Po, VIII, Porto, 1935, pp. 181-184; IX, pp. 54-56.
Origem de alguns topónimos segundo a etimologia popular e certos episódios lendários.
- 3141 BELLIDO, A. Garcia y — *Os mais primitivos nomes da Península Hispânica*. RG, LVI, Guimarães, 1946, pp. 227-250.
Estudo sobre a origem do nome Ibéria e sua extensão. Origem e extensão do nome de Hispânia.
- 3142 BRAGA, Alberto Vieira — *Guimarães no costado dos seus títulos de honra, na graça dos poetas e nas ditangas do povo (Excerto)*. FL, VIII, Lisboa, 1937, pp. 233-237.
Topónimos que se teceram à volta do burgo de Guimarães,

- 3143 BRAZ, Henrique — *Ruas da Cidade*. BIHIT, 4, Angra do Heroísmo, 1946, pp. 65-258.
Notas para a toponímia da cidade de Angra, da Ilha Terceira.
- 3144 B., H. — *Curiosidades toponímicas de S. Miguel*. RI, III, Ponta Delgada, 1947, pp. 174-176, 348-350 e 546-548; IV, 1948, pp. 544-546; VI, 1950, pp. 213-216.
Notas sobre a origem de alguns topónimos micaelenses.
- 3145 CARVALHO, Amadeu Ferraz de — *Toponímia de Coimbra e arredores*. OI, 87, Coimbra, 1934, pp. 395-459.
Estudo sobre a formação do nome das povoações do termo de Coimbra.
- 3146 CARVALHO, Amadeu Ferraz de — *A terra de Besteiros e o actual concelho de Tondela*. OI, 104, 105, Coimbra, 1944-45, pp. 39-109 e 97-128.
Esboço histórico e toponímico.
- 3147 CHAVES, Luís — *A «Imaculada Conceição» nas tradições e no folclore de Portugal*. BRCC, XLIII, Lisboa, 1946, pp. 578-590.
Primeiro sinal de presença na antroponímia e toponímia. Imagens de barristas. Canções do folclore religioso.
- 3148 CHAVES, Luís — *Influências religiosas na formação da antroponímia e da toponímia em Portugal*. APPC, Lisboa, 1951.
«Luís Chaves mostra a importância da religião católica na formação dos nomes de pessoas e de lugares, em uso nos territórios portugueses de quem e além mar. A seguir esquematiza a origem desses nomes, sem preocupação cronológica. Antroponímia: influências de ordem teológica, bíblica, evangélica, hagiográfica, etc.
Toponímia: influências dos órgãos em povoados novos e antigos, de santuários, de capelas, de ermidas, de dioceses e seus dignatários, de mosteiros e ordens monásticas, de instituições religiosas, de propriedades religiosas, de edifícios e construções religiosas, cruzeiros, etc.» (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 3149 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, 40, Lisboa, 1951, pp. 91-95; 44, 1953, pp. 29-32.
Notas e comentários sobre nomes e suas origens. Etimologias populares de nomes de povoações. Exemplos.
- 3150 CHAVES, Luís — *Estudos da toponímia portuguesa*. RG, LXII, Guimarães, 1952, pp. 160-191.
Influências militares na formação de topónimos: Atalaia, Castelo, Castro, Cidade, Torre.

- 3151 CHAVES, Luís — *A toponímia das águas*. RG, LXVI, Guimarães, 1956, pp. 39-74.
As águas na toponímia portuguesa (águas de mar, de rios, de lagos, de nascentes, de fontes, de poços, etc.).
- 3152 CHAVES, Luís — *Toponímia numérica (real e aparente) ou numeração toponímica*. RG, LXVH, Guimarães, 1957, pp. 461-498.
Estudo de alguns topónimos que real ou aparentemente representam formas ou expressões numéricas.
- 3153 CHAVES, Luís — *Notas de toponímia portuguesa — A «Toponímia da Cor»*. RG, LXX, Guimarães, 1960, pp. 51-85.
O Autor reuniu grande quantidade de topónimos relacionados com as cores, que ordenou alfabeticamente, juntamente com outros igualmente relacionados com tons, aspectos, modalidades e ligações afins das cores fundamentais.
- 3154 COELHO, F. Adolpho — *Ensaio de Onomatologia celto-ibérica*. REG, I, Lisboa, 1880, pp. 34-41.
Estudo e interpretação onomatológica da Citânia.
- 3155 CORREIA, J. Diogo — *Toponímia estremenha*. EBJP, 38-40, Lisboa, 1955, pp. 29-35; 41-43, 1956, pp. 37-45; 44-46, 1957, pp. 125-134.
Estudo de alguns topónimos da Estremadura.
- 3156 COSTA, Alexandre de Carvalho — *Gentílicos e Prolóquios toponímicos transtaganos*. DL, Sétima Série, I-II, Porto, 1956, pp. 27-62.
Estudo de alguns topónimos e seus derivados, dos distritos de Portalegre e Beja.
- 3157 COSTA, Alexandre de Carvalho — *Toponímia alentejana*. DL, Oitava Série, III-IV e V-VI, Porto, 1957, pp. 301-344, 483-510; VII-VIII, 1958, pp. 573-600; IX, 1958, pp. 863-872; Nona Série, I, 1959, pp. 41-60; II, pp. 379-406; III, pp. 533-570; IV, pp. 751-778, 7 figs.
Estudo sobre toponímia alentejana e seus derivados.
- 3158 COSTA, Carreiro da — *Toponímia micalense*. RI, I, Ponta Delgada, 1944-45, pp. 254-258.
Estudo de alguns topónimos.
- 3159 C., C. da — *Toponímia micalense*. RI, III, Ponta Delgada, 1947, pp. 176-179.
Notas acerca da origem dos topónimos Água de Pau, Relva, Relvão e Relvinha.

- 3160 DIAS, Padre Joaquim Teixeira — *Toponímia da Província*. DL, III, Porto, 1941, pp. 56-63.
Concelho de Resende: freguesias, povos, quintas, casais, casas, solares, montes, matas. Ribeiros e veios de água.
- 3161 FERNANDES, Xavier — *Um pouco de toponímia*. ALP, IV, Lisboa, 1934-36, pp. 172-185.
Estudo de alguns topónimos.
- 3162 FREITAS, Eugénio de Andrea de Cunha e — *Vila do Conde. As Origens do topónimo. Tentativa de identificação*. BA, IX-X, Braga, 1958-59, pp. 85-89.
Estudo deste topónimo.
- 3163 GAROFALO, Francesco P. — *Sui celti della Lusitania*. RL, VI, Lisboa, 1900-1901, pp. 43-47.
O elemento toponímico no estudo dos célticos da Península. Os celtiberos.
- 3164 GUERRA, L. de Figueiredo da — *Toponímia vianense*. L, I, Viana do Castelo, 1917-1918, pp. 4, 10-11, 26-27, 36, 44-45 e 51-53.
Notícia e estudo de alguns topónimos.
- 3165 LARCHER, Tito de Sousa — *Nomenclatura Regional*. Po, III, Porto, 1930, pp. 423-424.
Sugestões para uma nova nomenclatura regional e provincial de Portugal.
- 3166 LIMA, Augusto César Pires de — *Mapa do Couto da Palmeira de hũa e outra parte do rio Ave*. DL, Terceira Série, III, Porto, 1948, pp. 45-51, 1 fig.
Demarcação e topónimos.
- 3167 LOPES, David — *Toponímia árabe de Portugal*. RL, XXIV, Lisboa, 1922, pp. 257-273.
Estudo de vários topónimos de origem árabe, e, em apêndice, alguns nomes da toponímia marroquina com forma portuguesa antiga.
- 3168 LOSA, António — *A dominação árabe e a toponímia a norte do Douro*. BA, VI-VII, Braga, 1955-56, pp. 120-175.
Estudo de alguns topónimos de origem árabe.

- 3169 MACEDO, Luís de — *Antigos becos da freguesia da Sé de Lisboa*. FL, VII, Lisboa, 1936, pp. 214-217.
Nomes de becos lisboetas, de 1755, e sua localização.
- 3170 MATEUS, Manuel — *Topónimos alentejanos relacionados com o aspecto geral do solo*. RPF, II, Coimbra, 1948, pp. 248-257.
Topónimos de origem geográfica.
- 3171 MENDONÇA, Henrique Lopes de — *Notas sobre toponímia arcaica*. L, II, Viana do Castelo, 1918-19, pp. 121-123.
Pequeno ensaio sobre toponímia.
- 3172 MIRANDA, Abílio — *Um caso curioso de toponímia*. DL, Segunda Série, VI, Porto, 1947, p. 58.
Nota toponímica sobre lugar da Bola, freguesia de Nespereira (Lousada).
- 3173 M., C. — *Testamento de um corregedor*. FL, I, Lisboa, 1929, pp. 127-133.
Um «testamento» jocoso, do século XVIII, em que se mencionam muitos nomes de ruas e locais da velha Lisboa.
- 3174 NASCENTES, Antenor — *A saudade Portuguesa na toponímia brasileira*. AGIELB, III, Lisboa, 1959, pp. 245-248.
Topónimos brasileiros iguais a topónimos portugueses.
- 3175 NEVES, Leandro Quintas — *Apontamentos toponímicos para a reconstrução duma «Vila Urbana»*. AAM, I, pp. 17-19, 1 fig.
Toponímia do lugar de Paçô, freguesia de Mujães.
- 3176 NEVES, Leandro Quintas — *As vilas rurais no período suévico-bizantino e a sua projecção na toponímia regional*. BA, XI-XII, Braga, 1960-61, pp. 91-95.
Fala da descida dos castrejos dos altos dos montes para os vales e da sua integração no novo ambiente agro-cultural (Alberto Sampaio). Aponta algumas sobrevivências no Minho do *Compascuo*, e alude à importância que o estudo da toponímia deve merecer.
- 3177 OLIVEIRA, M. Ramos de — *Toponímia regional*. ARFMBS, III, Guarda, 1943, pp. 48-50.
Pequeno estudo da toponímia da freguesia da Ratoeira.

- 3178 PEREIRA, A. Gomes — *Toponímia do concelho de Terras de Bouro*. RM, XXI, Esposende, 1913, p. 29.
Estudo de alguns topónimos.
- 3179 PEREIRA, A. Gomes — *Toponímia dos concelhos de Terras de Bouro, Póvoa de Varzim e Vila do Conde*. Esposende, 1914, 40 pp.
Estudo de toponímia.
- 3180 PIEL, Joseph M. — *Os nomes germânicos na toponímia portuguesa*. BF, II, Lisboa, 1933-34, pp. 105-140, 224-240 e 289-315; III, pp. 37-53, 218 e 367-394; IV, 1936, pp. 24-56 e 307-322; V, 1938, pp. 35-57 e 277-288; VI, 1940, pp. 65-86 e 329-350; VII, 1941, pp. 357-385.
Estudo sobre toponímia portuguesa de origem germânica.
- 3181 PIEL, Joseph M. — *Nomes de «possessores» latino-cristãos na toponímia asturo-galega-portuguesa*. BRFLUC, XXIII, Coimbra 1947, pp. 143-202 e 283-407.
Estudo de nomes de lugar do NO. da Península, filiados em antigos nomes latinos possuidores de prédios rurais.
- 3182 PIEL, Joseph M. — *Nomes de lugar referentes ao relevo do solo e ao seu aspecto geral*. RPF, I, Coimbra, 1947, pp. 153-198.
Toponímia derivada de noções de geografia física, particularidades de relevo, etc. A quase nula influência árabe; número muito grande de termos pré-latinos.
- 3183 PIEL, Joseph M. — *As águas na toponímia Galego-Portuguesa*. BF, VIII, Lisboa, 1947, pp. 305-342.
Estudo de nomes de lugar, de Portugal e Galiza, que devem a sua origem a motivos hidrológicos.
- 3184 PIEL, Joseph M. — *Os nomes dos santos tradicionais hispânicos na toponímia peninsular*. BRFLUC, XXV, Coimbra, 1949, pp. 287-353; XXVI, 1950, pp. 281-314.
Estudo dos antro-topónimos filiados em nomes de santos, a que chama hagiotopónimos, correspondentes a cultos da época pré-feudal. Segundo o Autor, o costume de dar a uma terra o nome de um santo remonta, na Galiza, aos fins do século VI.
- 3185 PIEL, Joseph M. — *Miscelânea de toponímia peninsular*. RPF, IV, I, Coimbra, 1951, pp. 196-227.
Estudo de toponímia.

- 3186 PIEL, Joseph M. — *Os nomes dos «Quercus» na toponímia peninsular*. RPF, IV, Coimbra, 1951, pp. 310-341.
Estudo das formas topónimas dos Quercus.
- 3187 PIEL, Joseph M. — *Sobrado — perfil histórico de uma palavra*. B, VII, Coimbra, 1952, pp. 191-199.
Estudo do significado histórico e etimológico da palavra *Sobrado*. Representação cartográfica da distribuição geográfica do topónimo Sobrado (que apresenta uma maior concentração no litoral ao norte do Douro).
- 3188 PIEL, Joseph M. — *Notas de toponímia portuguesa*. BF, XIV, Lisboa, 1953, pp. 156-159.
Estudo de alguns topónimos.
- 3189 PIEL, Joseph M. — *Caracteres gerais da toponímia das ilhas portuguesas do Atlântico (Especialmente das de Cabo Verde)*. ACIELB, III, Lisboa, 1959, pp. 249-257.
Estudo da toponímia das ilhas (Madeira, Açores e especialmente Cabo Verde).
- 3190 REAL, Mário Guedes — *Toponímia Árabe da Estremadura*. EBJP, 6, Lisboa, 1944, pp. 137-153; 10, 1945, pp. 289-304.
Influência árabe no idioma e na toponímia estremenha.
- 3191 RIBEIRO, Luís da Silva — *Breve notícia da toponímia terceirense*. RAç, I, Angra do Heroísmo, 1937, pp. 222-227.
Interpretações toponímicas, como elemento para o conhecimento da psicologia do povo. Nomes de terras dados de acordo com a terminologia vulgar do povo.
- 3192 RIBEIRO, Luís — *Dois topónimos micalenses*. RI, XI, Ponta Delgada, 1955, pp. 226-228.
Estudo dos topónimos Fenais e Salga.
- 3193 RIBEIRO, L. — *Dois topónimos terceirenses*. BIHIT, 1, Angra do Heroísmo, 1943, p. 188.
Moledo e Porto Judeu. Explicação dos nomes.
- 3194 R., R. — *Notas sobre toponímia de Ponta Delgada*. RI, I, Ponta Delgada, 1944-45, pp. 455-456.
Notas sobre o topónimo «Pranchinha».

- 3195 SANTOS, Carlos — *Cata-que-farás*. FL, v, Lisboa, 1932, pp. 99-103.
Locução que durante muito tempo deu nome a um aglomerado de vielas da antiga Lisboa. Tentativa de interpretação.
- 3196 SANTOS JÚNIOR — *Sobre dois topónimos*. PVIM, Porto, 1945, pp. 169-173.
Pequena achega para o esclarecimento de dois topónimos: Lamas e Sangemil.
- 3197 SERRA, Pedro Cunha — *Estudos toponímicos*. RPF, IV, Coimbra, 1951, pp. 186-195; v, 1952, pp. 283-296; VI, 1953-55, pp. 201-232.
Estudo sobre toponímia.
- 3198 SERRA, Pedro Cunha — *Estudos toponímicos*. BF, xv e xvii, Lisboa, 1958, pp. 54-65.
Estudos toponímicos.
- 3199 SERRA, Pedro Cunha — *Topónimos do distrito de Aveiro*. ADA, 133, Aveiro, 1960, pp. 190-203.
Estudo de 6 topónimos.
- 3200 SILVEIRA, Joaquim da — *Toponímia Portuguesa*. RL, xvi, Lisboa, 1913, pp. 147-158; xvii, 1914, pp. 114-134; xxiv, 1921-22, pp. 189-226; xxxiii, 1935, pp. 233-268; xxxv, 1937, pp. 50-139; xxxviii, 1940, pp. 269-302.
Estudo de vários topónimos.
- 3201 SILVEIRA, Joaquim da — *Alguns nomes de lugares da freguesia de Areias (Santo Tirso)*. DL, I, Porto, 1940, pp. 57-62, 2 figs.
Toponímia.
- 3202 SILVEIRA, Joaquim da — *Notas sobre a toponímia do concelho de Nelas*. OI, 97, Coimbra, 1940, pp. 268-382.
Estudo da toponímia do concelho de Nelas.
- 3203 SILVEIRA, Joaquim da — *Topónimos do distrito*. ADA, x, Aveiro, 1944, pp. 161-167.
Estudo de alguns topónimos da região de Aveiro.

- 3204 SOUSA, R. B. Pereira de — *Ensaio sobre a toponímia das grutas naturais portuguesas*. APPC, XXIII Congresso, III, Coimbra, 1956, pp. 131-138.
Denominações populares de grutas naturais.
- 3205 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Amostra de toponímia portuguesa*. RL, XXI, Lisboa, 1918, pp. 58-63; XXII, 1919, pp. 197-199.
Nomes de lugar, por línguas — Nomes pré-romanos, romanos, germânicos, arábicos, nomes de procedência vária e nomes portugueses propriamente ditos. Modo de formação toponímica. Categoria de nomes, segundo as causas que lhes deram origem.
- 3206 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Alteração de nomes de terras*. Pa, I, Gaia, 1931, pp. 9-10.
Alteração de nomes de terras, segundo normas fonéticas de evolução, ou segundo «etimologia popular», ou por acompanharem a evolução geral da língua, evoluções proclíticas, por diminutivo. Alterações propositadas ou oficiais. Exemplos.
- 3207 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Nomes de sítios*. BF, II, Lisboa, 1933-34, pp. 275-277.
Indicação do plano para uma futura publicação dos materiais toponímicos: colectânea de nomes portugueses de sítios. Provinciais: Norte, Centro e Sul. Em cada província os distritos alfabetados; em cada distrito os concelhos; em cada concelho as freguesias; em cada freguesia os nomes de sítios.
- 3208 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Toponímia coimbrã*. OI, 87, Coimbra, 1934, pp. 485-497.
Breve estudo de alguns topónimos.
- 3209 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Etimologias*. ALP, v, Lisboa, 1937-39, pp. 153-155.
Estudo etimológico dos topónimos Marão, Campiã, Bilhó, Veiga de Lile, Ousilhão, Bouro, Maia e Vilharegues.
- 3210 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Ensaio e notas — Entre-Douro-e-Tâmega*. RFLUL, v, Lisboa, 1938, pp. 299-305.
Considerações acerca da designação «Entre Douro e Tâmega».
- 3211 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Alto Minho*. AAM, I, pp. 1-2.
Considerações acerca do termo «Alto Minho».

- 3212 V., J. L. de — *Celorico da Beira*. RL, xxviii, Lisboa, 1930, pp. 288-292.
Notas sobre a evolução histórica da vila, a partir do castelo, seu burgo e povoamento moderno. Denominações toponímicas populares usuais: Serra, Pé da Serra e Mondego. Alguns exemplos de cantigas que aludem a estas designações.
- 3213 V., J. L. de — *Toponímia*. RL, xxx, Lisboa, 1932, pp. 307-310.
26 nomes de localidades.
- 3214 V., J. L. de — *Canastrês*. RL, xxxvi, Lisboa, 1938, p. 315.
Lugarejo da freguesia de Ancede (Baião), cujo nome deriva do «Canastro» (espigueiro).
- 3215 VIANA, Abel — *Toponímia de Carreço*. AAM, ii, pp. 84-93.
Toponímia da freguesia de Carreço (Viana).
- 3216 S/A. — *Toponímia do distrito de Viana do Castelo*. L, i, Viana do Castelo, 1917-18, pp. 108-109.
Notas sobre toponímia (complemento ao trabalho de Figueiredo da Guerra).
- 3217 S/A — *Toponímia da Província*. DL, ii, Porto, 1940, pp. 47-63.
Concelho de Lousada. Freguesias e lugares.
Ver Ref.^{as}: 114, 145, 210, 233, 245, 1433, 1519, 2498, 3053.

12. ONOMÁSTICO

- 3218 AZEVEDO, Pedro A. d' — *Nomes de pessoas e nomes de lugares*. RL, VI, Lisboa, 1900-1901, pp. 47-52.
Onomástico português. Derivações de nomes germânicos.
- 3219 NASCIMENTO, João Cabral do — *Notas etnográficas*. AHM, v, Funchal, 1937, pp. 149-158.
Notas acerca da evolução do gosto na atribuição de nomes próprios. Considerações acerca da emigração (que considera mais como resultante dum estado psicológico, do que uma necessidade económica); etc.
- 3220 NUNES, J. J. — *Os nomes de baptismo — sua origem e significação*. RL, xxxi, Lisboa, 1933, pp. 5-79; xxxii, 1934, pp. 56-160; xxxiii, 1935, pp. 5-72; xxxiv, 1936, pp. 105-164; xxxv, 1937, pp. 5-37.
De Aarão a Zuinglio — precedido de um pequeno estudo sobre o costume de dar nomes às pessoas: citações da Odisseia, da Genesis, etc. Nome, nome gentílico e

patronímico, e cognome. O baptismo. A escolha dos nomes. Carácter diverso dos nomes, conforme a sua origem — germânicos, gregos, romanos, celtas, etc.

- 3221 RIBEIRO, Luís da Silva — *O nome*. BIHIT, 14, Angra do Heroísmo, 1956, pp. 203-208.

Escolha de nomes; transmissão de sobrenome; facilidades com que a gente do campo altera o seu nome; a importância de alcunha e o modo como ela se origina.

- 3222 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Notas de onomatologia portuguesa*. REL, 1, Lisboa, 1883-84, pp. 41-44.

Breve estudo sobre onomatologia. Diminutivos.

- 3223 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Ensaio de onomatologia portuguesa*. RL, 1, Porto, 1887-89, pp. 45-53 e 240-245.

Definição e importância da onomástica nos estudos históricos e etnológicos. Erros de etimologia, fundados em deficientes conhecimentos filológicos e de onomatologia. Exemplos.

- 3224 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Onomasticon Lusitanien*. RL, VI, Lisboa, 1900-1901, pp. 230-233:

«Tagus» e «Endovellicus» — história destes vocábulos; análise fonética e etimológica. Sua provável origem céltica.

- 3225 VASCONCELLOS, J. Leite de — *A propósito de patronímicos*. OI, 73, Coimbra, 1926, pp. 375-380.

Breve estudo sobre a origem de nomes patronímicos terminados em Z.

- 3226 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Enquisas onomatológicas*. RL, XXI, Lisboa, 1918, pp. 316-336.

Apelidos de origem geográfica. Lista de nomes pessoais e apelidos.

- 3227 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Antroponímia Portuguesa*. Lisboa, 1928, 659 pp.

Tratado comparativo da origem, significação, classificação e vida do conjunto dos nomes próprios, sobrenomes, e apelidos, usados em Portugal desde a Idade Média até à data.

Ver Ref.^a: 301.

13. LINGUAGEM POPULAR. DIVERSOS

- 3228 AMARAL, Vasco Botelho do — *Problema Etimológico — Aravessa, Aradessa*. RL, XXXVIII, Lisboa, 1943, pp. 312-314.
Análise das definições da palavra nos dicionários, e hipóteses explicativas da sua forma.
- 3229 AZEVEDO, P.^e Agostinho de — *Afaülar ou afoular*. DL, IV, Porto, 1941, pp. 18-19.
Afaular — conversa de pastores, Afoular — falar ao gado.
Virá a palavra de *falôa*, funil de lata que serve nas «cortiçadas» de troça?
- 3230 AZEVEDO, Celestino Monteiro Soares de — *Ervedosa — Linguagem popular*. RL, XXVII, Lisboa, 1929, pp. 86-197.
Estudo linguístico — Fonética, morfologia, sintaxe, vocabulário.
Conclusão: o dialecto de Ervedosa é uma variedade local que estabelece a transição entre os dialectos beirão e duriense.
- 3231 BASTO, Cláudio — *Formas de tratamento, em português*. RL, XXIX, Lisboa, 1931, pp. 183-202.
Várias formas de tratamento usadas em português; exemplos, de observação e literários.
- 3232 BASTO, Cláudio — *A linguagem dos gestos*. RL, XXXVI, Lisboa, 1938, pp. 5-72.
Classificação dos gestos, segundo as divisões do corpo em que se produzem:
a) Corpo inteiro. b) Cabeça. Citações literárias que os mencionam.
- 3233 BASTO, Cláudio — *Multiplicativos populares*. ALP, Lisboa, 1942-43, pp. 122-128.
Enumeração de multiplicativos perifrásticos usados pelo povo.
- 3234 BOLÉO, M. Paiva — *Os dias da semana em Português e a influência moura*. BRFLUC, XVI, Coimbra, 1940, pp. 657-666.
Réplica ao artigo de Giese, refutando a opinião deste que defende a tese da influência moura. Objecta porquê só em Portugal e não em Espanha essa influência se fez sentir, e apresenta documentos da existência do sistema cristão, também em Espanha, pelo menos até ao princípio do século XII.
(Ver Ref.^{as} 3252, 3254).

- 3235 BOLÉO, Manuel de Paiva — *Os nomes dos dias da semana em Português*. Coimbra, 1941, 68 pp.
 Objecções à tese de Giese (influência moura); tese pessoal: influência cristã, motivada no sistema numerativo judaico, no significado que a igreja dava à palavra fêria (dia de festa), etc. (Ver Ref.^{as}: 3252, 3254).
- 3236 BOLÉO, Manuel de Paiva — *Unidade e variedade da língua portuguesa*. RFLUL, XX, Lisboa, 1954, pp. 5-28.
 A homogeneidade da língua portuguesa e a riqueza e variedade que apresenta tanto no que toca ao léxico como no que respeita às linguagens que se podem notar dentro da língua comum.
A linguagem familiar — Algumas hipóteses de carácter histórico acerca da linguagem popular e regional. Linguagem técnica. Linguagem secreta.
- 3237 BRITO, J. Maria Soeiro de — *Linguagem infantil*. (Collecção Silva Vieira), Espozende, 1890, 18 pp.
 Curto estudo sobre fonética e linguagem das crianças.
- 3238 B. H. — *Subsídios para o estudo do folclore micaelense*. RI, v, Ponta Delgada, 1949, pp. 147-149.
 Pequena relação de pragas, invectivas e epítetos injuriosos usados pelo povo micaelense.
- 3239 CHAVES, Luís — *Palavra e gesto: os gestos falam e actuam*. MCP, XIV, 159, pp. 14-15.
 Considerações sobre a linguagem dos gestos; sua interpretação.
- 3240 COELHO, F. Adolpho — *A etymologia popular*. RL, I, Porto, 1887, pp. 133-142.
 Menção e estudo de numerosos casos de etimologias populares. a) «palavras substituídas por outras da língua, em virtude apenas de semelhança fonética»; b) «Alteração parcial d'uma palavra por influência d'outra sem interpretação de sentido; c) palavras substituídas por outras em virtude de semelhança fonética com interpretação de sentido».
- 3241 COELHO, Ramiro de Sá — *Linguagem médica popular*. AMP, I, Porto, 1944, pp. 45-49.
 Menção de alguns termos colhidos na Beira Litoral.
- 3242 CORREIA, João da Silva — *A interpretação verbal de sons e ruídos naturais*. BRFLUC, 10-11, Coimbra, 1926, pp. 574-594.
 Interpretação popular de sons naturais, vozes animais, etc.

- 3243 CORREIA, João da Silva — *Nomes dialectais de animais provenientes de interjeições de chamar ou afugentar*. RL, xxxi, Lisboa, 1933, pp. 308-309.
 Porco-Chicho, Chusso, Cochino. Boi — Eixe. Cabra — bita. Cão — bocho (Beira Alta). Explicação destas locuções.
- 3244 CORREIA, João da Silva — *Alguns especimes de calão académico*. RL, xxi, Lisboa, 1918, pp. 339-340.
 42 expressões de calão académico.
- 3245 COSTA, Carreiro da — *Nomes de bois e vacas*. CRCAA, 10, Ponta Delgada, 1949, pp. 96-98.
 Nomes dados pelo povo aos animais.
- 3246 C., C. da — *Formas de tratamento em S. Miguel*. RI, vii, Ponta Delgada, 1951, pp. 187-190.
 Expressões mais correntes usadas como formas de tratamento.
- 3247 DIAS, Jaime Lopes — *Distrito Etnográfico*. AR, iv, 147, Castelo Branco, 1928.
 As «três palavras ditas e retornadas».
- 3248 FELGUEIRAS, Guilherme — *As aves e as superstições dos camponeses*. E, iii, Lisboa, 1948, pp. 213-217.
 Interpretação popular do canto de certas aves. Exemplos.
- 3249 FERRAZ, A. de Sequeira — *Fórmulas populares*. RL, i, Porto, 1887-89, pp. 267-269.
 68 fórmulas, para crianças e adultos.
- 3250 FRADINHO, Manuel Gomes — *Maneiras de dizer alentejanas*. RL, xxx, Lisboa, 1932, pp. 299-304; xxxi, 1933, pp. 99-137.
 Estudo sobre termos e expressões regionais alentejanas.
- 3251 GIESE, Wilhelm — *Notas sobre a fala dos negros em Lisboa, no princípio do século XVI*. RL, xxx, Lisboa, 1932, pp. 251-257.
 Estudo dessas formas, através de três autos de Gil Vicente.

- 3252 GIESE, Wilhelm — *Segunda-feira, etc.* BF, VI, Lisboa, 1940, pp. 197-203.
Estudo sobre a origem dos nomes portugueses dos dias da semana; influência mourisca. (Ver Ref.^{as} 3234, 3235).
- 3253 GIESE, Wilhelm — *Outra vez segunda-feira.* BRFLUC, XVI, Coimbra, 1940, pp. 655-657.
Réplica à crítica de Paiva Boléo. Defende uma vez mais a tese da influência mourisca na designação portuguesa dos dias da semana. (Ver Ref.^{as}: 3234, 3235).
- 3254 GIESE, Wilhelm — Nota sobre o emprego do tipo «segunda-feira» no Oriente. BRFLUC, XXIII, Coimbra, 1947, pp. 543-545.
A semana hebraica e a semana aramaica que está na base da semana cristã.
- 3255 GONÇALVES, Flávio — *O latim dos padres e o humorismo popular.* DL, Quarta Série, VII-VIII, Porto, 1951 pp. 95-102.
Anedotas, histórias e fórmulas populares com que o povo procura interpretar o latim da missa. Tradução popular do cantochão dos ofícios fúnebres (Estela, Póvoa de Varzim); sua provável relação com os banquetes que a família enlutada oferecia ao sacerdote.
- 3256 LIMA, Augusto César Pires de — *Duas notas de Gonçalves Viana.* RL, XXII, Lisboa, 1919, p. 233.
Publicação de duas notas escritas por Gonçalves Viana numa revista, sobre talhar e atalhar, e sobre uma mezinha (frango morto na própria ocasião).
- 3257 LIMA, Augusto César Pires de — *O sinal da Cruz de Junot.* B, II, Coimbra, 1943, pp. 159-169.
Transcrição do «sinal da cruz» (espécie de brado de indignação contra os franceses).
- 3258 LIMA, Augusto César Pires de — *A escola no século XVIII (Algumas notas sobre filologia e etnografia).* DL, VIII, Porto, 1943, pp. 24-27, 1 fig.
Notas extraídas da obra do calígrafo brasileiro Manuel de Andrade Figueiredo — 1670-1735. «Nova escola para aprender a ler, escrever e contar». Termos e seus significados.
- 3259 LOPES JR., Frederico — *Subsídio para o estudo da linguagem do povo da ilha da Terceira.* BIHIT, 3, Angra do Heroísmo, 1945, pp. 332-334.
Comparações. Exclamações, imprecações, ameaças.

- 3260 LOURO, Estanco — *Gestos, sons, palavras, expressões, etc., que fazem «dar sorte»*. RL, XXVII, Lisboa, 1929, pp. 308-313.
Casos de expressões «melancológicas». 27 exemplos.
- 3261 MACHADO, José Pedro — *Segunda-feira, etc.* BF, VI, Lisboa, 1940, pp. 422-437.
Considerações sobre a origem dos nomes dos dias da semana em português.
- 3262 MARÇAL, Horácio — *O significado do vocábulo «galego» e a sua extensão na etnografia e no folclore*. DL, Sexta Série, I-II, Porto, 1954, pp. 3-16.
O significado real e pejorativo da palavra. A palavra nas profissões, nos antropónimos, na toponímia, na agricultura e nos animais, nas expressões populares e nos adágios.
- 3263 MONTEIRO, Ana Rosa — *Onomatopeias da Cova da Beira*. RL, XXXVIII, Lisboa, 1943, pp. 127-142.
Vozes de animais. Vozes para chamar ou afugentar animais.
- 3264 MOREIRA, Júlio — *Etymologias Populares Portuguesas*. RL, I, Porto, 1887, pp. 56-59.
Definição de etimologia popular. O princípio da analogia e da alteração fonética. A falsa analogia na etimologia popular.
Etimologias populares de formação inconsciente — 25 exemplos. Etimologias populares de formação consciente, geralmente para designações pejorativas, ou eufemismos.
- 3265 NUNES, J. J. — *Etimologia popular*. L, II, Viana do Castelo, 1918-19, pp. 164-166.
Notas acerca do que se deve entender por etimologia popular.
- 3266 PAÇO, Afonso do — *Linguagem da «Malta»*. AORP, V (3.^a Série), Porto, 1924, pp. 143-147.
Definição e enumeração de alguns termos da gíria dos soldados.
- 3267 PAÇO, Afonso do — *Gírias militares portuguesas*. RL, XXIX, Lisboa, 1931; pp. 159-169.
Vocábulos da gíria dos quartéis, interpretação dos toques, etc.

- 3268 PRATT, Óscar — *Quem não mente...* RL, XXIX, Lisboa, 1931, pp. 295-299.

Exemplos de «zombaria, como género de diversão popular, Espécie de jogo inofensivo, de doestos e apodos em que se exercitava a veia cáustica e mordaz de dois ou mais contendores», extraídos de obras literárias dos séculos XVI, XVII, etc.

- 3269 RIBEIRO, Luís da Silva — *Americanismo na linguagem popular dos Açores*. Po, XIV, pp. 131-133.

Considerações acerca de alguns anglicismos usados pelos emigrantes repatriados.

- 3270 RODRIGUES, Daniel — *Philologia trasmontana*. IT, I, Porto, 1908, pp. 153-155; 2, 1909, pp. 25-27 e 125-127.

Diálogos e episódios escritos no dialecto rionorês, seguidos da versão em português.

- 3271 ROALFS, Gerard — *Les noms des jours de la semaine dans les langues romanes*. BF, X, Lisboa, 1949, pp. 88-94.

Estudo sobre a origem dos nomes dos dias da semana.

- 3272 ROSA, João — *Famosa fraseologia nos programas de festa e de romarias (curiosidades etnográficas)*. CEBCMT, XII-XIII, 37-38, Évora, 1955-56, pp. 159-172.

Transcrição de retalhos de programas de festas e romarias, de fraseologia pomposa e empolada.

- 3273 SILVA, J. A. Capela e — *A linguagem rústica no concelho de Elvas*. Lisboa, 1947, 207 pp.

Termos regionais e seu significado, respeitantes nomeadamente a alfaiais agrícolas, processos de agricultura, pastoreio, objectos de uso doméstico, alimentação, trajo, instrumentos de música, etc. Ver por exemplo os vocábulos: Aprisco, Arado, Bandeira (dos dias de acabamento e dos «Compadres» do Carnaval), Canga, Carro, Ceifães, Enteixadura (arado), Folar, Monte e Montado, Pandeiro, Piscola, Ratinho, Ronca, Roupeiro, etc.

- 3274 SILVEIRA, Joaquim da — *Estudos sobre o vocabulário português — Adelha, moega, tramela, etc.* RPF, I, Coimbra, 1947, pp. 391-447.

Pequena monografia lexicológica que empreende a crítica e a selecção de abundante material já recolhido.

- 3275 STUDART, Guilherme — *Notas sobre a linguagem e costumes do Ceará*. RL, II, Porto, 1890-92, pp. 272-273.
Aproximações de termos portugueses e brasileiros. Nomenclatura e brinqueado dos dedos da mão.
- 3276 VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de — *Tangro-Mangro*. RL, I, Porto, 1887, p. 66.
Mais antiga menção da fórmula do tangro-mangro: Cancioneiro de Resende.
- 3277 VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de — *Achar menos*. RL, II, Porto, 1890, pp. 79-80.
Estudo deste modismo, que se encontra já nos escritos do século XIV, XV e XVI. «Achar menos é português velho e relho, e corresponde não a «echar menos» como pensa A. R. Gonçalves Viana, que considera a expressão portuguesa pura imitação da castelhana), mas sim a «falar menos», como se dizia outrora em Castela».
- 3278 VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de — *Glossário do Cancioneiro da Ajuda*. RL, XXIII, Lisboa, 1920, pp. 1-95.
Glossário antecedido pela Explicação Prévia e lista das abreviaturas e títulos de obras citadas neste Glossário.
- 3279 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Dialectos minhotos*. RG, II, Guimarães, 1885, pp. 5-19.
Notas sobre a bibliografia do dialecto minhoto, e algumas formas dialectais da linguagem popular de Monção e Soajo.
- 3280 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Dialectos interamnenses*. RG, II, Guimarães, 1885, p. 69.
Notas de dialectologia sobre a linguagem de Baião. Textos populares, quadras, cantigas e um conto popular recolhidos pelo Autor, utilizados como exemplificação.
- 3281 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Gíria portuguesa*. RM, I, Barcelos, 1886, pp. 62-64.
Termos de gíria.
- 3282 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Dialectos alentejanos*. RL, II, Porto, 1890, pp. 15-45; IV, Lisboa, 1896, pp. 13-77 e 215-246.
Estudo linguístico de alguns dialectos alentejanos. Citações de quadras populares alusivas ao S. João, Santo António, Natal, à alcaçofra, à Ascensão. Certas palavras revelam interesse etnográfico — por exemplo: coxo, surrão, tarro, ferrado, etc.

- 3283 VASCONCELLOS, J. Leite de — *A linguagem dos gestos*. ANRMI, II, Lisboa, 1916, pp. 43-55, 15 figs.
Estudo da linguagem dos gestos — gestos mágicos, gestos expressos na literatura, gestos caricaturais, etc.
- 3284 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Nótulas etnográficas*. L, IV, Viana do Castelo, 1921-22, p. 93.
Modo enigmático de indicar datas.
- 3285 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Vozes de animais e relações fónicas do homem com eles*. Po, VII, Porto, 1934, pp. 3-11.
Interpretação popular das vozes de alguns animais; menção de algumas onomatopeias simples por monossílabos, palavras soltas e frases que imitam as vozes dos animais. Verbos e substantivos que designam mais ou menos onomatopaicamente essas vozes. Vozes com que falamos a certos animais — interjeições usadas para os tirar da corte, para os chamar, para lhes dar de beber, para os estimular, etc.
- 3286 V., J. L. de — «Pedro» e «Pedra». RL, XVI, Lisboa, 1913, pp. 170-172.
Estudo desta analogia rítmica, que vem da Bíblia, e suas manifestações em português.
- 3287 V., J. L. de — *Nomes de ventos*. RL, XX, Lisboa, 1917, pp. 162-163.
Nomes de vários ventos — Pégo, Xarôco, Ao sopé, Vento cerzedo, Vento palmelão.
- 3288 V., J. L. de — *Gestos artísticos*. BE, II, Lisboa, 1923, pp. 24-26.
Estudo de certos gestos, nomeadamente do aperto de mão.
- 3289 V., J. L. de — *Maria de Beja*. RL, XXXVI, Lisboa, 1938, pp. 314-315.
Maria, como personificação de certos fenómenos. *Maria de Beja*, significando a Preguiça. Explicação.
- 3290 VITORINO, Pedro — *Alfabetos figurados*. DL, VIII, Porto, 1943, p. 28, 5 figs.
Considerações, história e descrição de vários livros e folhetos destinados à aprendizagem das letras com o acompanhamento de figuras.
A Idade Média e a Renascença: um «alfabeto grotesco», de 1466, e o Alfabeto da Morte, de Holbein. A Gramática de João de Barros, de 1539; O século XVIII e XIX. A ideia de Castilho.

3291 S/A. — *A segunda Feira dos sapateiros*. RM, XII, Esposende, 1897, pp. 76-77.

Explicação dessa expressão. S. Crispim, patrono dos sapateiros.

3292 S/A. — *Calendário rústico*. RM, II (2.^a ed.), Esposende, 1914, p. 42.

Designação dos domingos da Quaresma e dos meses do ano no calendário pitoresco do Povo.

3293 S/A. — *Papéis Políticos*. III - *Ladainha*. FL, III, Lisboa, 1931, pp. 49-57.

Ladainha satírica, que entremeia o texto da ladainha com expressões de carácter político.

Ver Ref.^{as}: 398, 615, 1432, 1881, 2568, 2570.

XII — Música e Dança

1. MÚSICA POPULAR

- 3294 ANDRADE, Júlio — *Bailhos, rodas e cantorias (Subsídios para o registo do folclore das ilhas do Faial, Pico, Flores e Corvo)*. Horta, 1960, 340 pp.

Recolha de letra, música e coreografia. Classificação destes materiais em: 1) Chamarritas; 2) Bailhos Velhos; 3) Rodas; 4) Danças de Entrudo; 5) Folias, Boas-Festas e Preces; e 6) Cantorias. Indicação dos instrumentos de música usados no acompanhamento — a viola, de 5 ordens (da qual dá a afinação), acompanhada de violão e rabeca.

- 3295 BONITO, Rebelo — *As «cantas» e os «cramois» do Cancioneiro de Cinfães como formas arcaicas da Etnografia musical*. DL, Terceira Série, 1, Porto, 1948.

«Interessante comunicação sobre os «cramois» da Gralheira e explicação da sua estrutura harmónica. O trabalho apresenta, como exemplos, 6 «cramois» recolhidos por Virgílio Pereira, e incluídos no Cancioneiro de Cinfães». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 3296 BONITO, Rebelo — *Música antiga portuguesa popular e culta*. BBPMM, 1, Matosinhos, 1954, pp. 59-79.

Considerações acerca da música trovadoresca e música religiosa polifónica e suas sobrevivências em composições populares portuguesas actuais. 12 notações musicais.

- 3297 BONITO, Rebelo — *Chulas charabandas e desgarradas*. CSTBC, VI, Santo Tirso, 1958, pp. 269-348.

A chula como género músico-poético, e seus antecedentes históricos. — Canto dialogado na lírica galaico-portuguesa. — Áreas geográficas. Descrições coreográficas. Da uniformidade de critério na grafia das melodias populares. Grupos de tipologia temática. Estruturas cromáticas.

- 3298 BONITO, Rebelo — *Giroflé, flé, flá*. BCCMP, xxii, Porto, 1959, pp. 214-234.

O giroflé-flé-flá difundido em Portugal, França e Brasil, com vários nomes, conforme as regiões.

Segundo o Autor, de giroflé, giroflá, derivam as versões «Jardim Celeste» (Póvoa de Varzim) e «vamos passear» (Bahia); de l'Avocat provém «giroflé, flé flá» (Porto, Paços de Ferreira), «As violetas» (Minas) e «Dança corriola» (S. Paulo).

- 3299 BONITO, Rebelo — *Os cantos de Almuadem e os Alalás da Galiza*. CCEGP, Porto, 1960, pp. 86-95.

Filiação dos alalás galegos nos cantos de Almuadem. Exemplos musicais de cantos de Almuadem, alalás, cantilena de abaular (Minho e Estremadura) cantilena de pastores (Estremadura) e fragmentos de Raga indiana.

- 3300 BONITO, Rebelo — *Reflexões sobre o Fado*. CCEGP, Porto, 1960, pp. 21-25.

O Autor distingue o Fado de Lisboa, Coimbra, Ribatejo e Canção rural Fadográfica, «filiada à estrutura musical que gerou a fórmula melo-rítmica do Fado», que é a da Chula. O primitivo Fado de Alfama e Mouraria deriva da forma estrófica da Chula, mas em modo menor; os fados de Coimbra eram ora em modo maior, afins dos do Ribatejo, ora em menor, afins dos de Alfama; os fados do Ribatejo patenteiam o dualismo vocal e instrumental da Chula, servindo para o canto ao desafio e para a dança; são os mais típicos, porque os que menos se afastaram da Chula. A canção rural fadográfica reflecte um ou os dois aspectos da Chula, e é em maior ou em menor, sendo o estribilho instrumental precedido pela fórmula estrófica. «O Fado, musicalmente considerado, não é filho da Modinha e do Lundum, e, na sua mais lata expressão, de afro-brasileiro terá muito pouco. O Lundum é, na verdade, originariamente brasileiro, mas derivado da Chula». A forma musical do Fado foi levada para o Brasil, e ali sofreu influência negróide, regressando depois com essa nova forma. Analisando a letra e outros aspectos, o Autor conclui:

1) O Fado, musicalmente, é português, e deriva da Chula; 2) literariamente, e na sua forma clássica, o Fado é português e deriva do fatalismo poético pré-romântico setecentista; coreograficamente, é português o Fado do Ribatejo e afro-brasileiro o da Mouraria e Alfama; pelo estilo de interpretação, o Fado de Coimbra é português, mas influenciado pela arte do *bel-canto* o Fado da Mouraria era um misto de português, brasileiro e negróide. A palavra Fado começou por se aplicar a um determinado tipo de letra e acabou por designar um conjunto de letra e música ou mesmo só um determinado tipo de música.

- 3301 CAMPOS, Almeida — *Capítulo musicológico*. BAAP, xiv, Viseu, 1955, pp. 119-133.

Letra e música de algumas modas de roda.

- 3302 CARDOSO, Carlos Lopes — *Novenas à Senhora do Vale*. DL, Quinta Série, v-vi, Porto, 1953, pp. 40-45.

Letra e música de novenas (3) cantadas por raparigas, em cumprimento de promessas à Senhora da Saúde, em Bustelo (Cete).

- 3303 CARNEIRO, Alexandre Lima — *Toada dos Pedreiros*. DL, Segunda Série, II, Porto, 1944, pp. 19-20, 1 fig.

Referência a uma espécie de cantilena com que os pedreiros acompanham o deslocamento de grandes pedras. Notação musical dessa cantilena.

- 3304 CARNEIRO, Alexandre Lima — *Cancioneiro de Monte Córdova*. (Introdução de Rebelo Bonito), Porto, 1958, 186 pp.

Texto e transcrições musicais de 88 canções recolhidas em Monte Córdova (Santo Tirso). 18 Romances (9 com música); 6 cantos de romaria (todos com música); 47 Coreias (todas com música); 10 Cantigas de trabalho (4 com música); 1 Toada de pedreiro (com música); 2 Anfiguris (1 com música); 2 Cegarregas (ambas com música); 1 Lengalenga (sem música); 1 Arremedo de oração (sem música); 107 Quadras e uma canção com estribilho intercalado na quadra.

Uma notícia introdutória sobre a freguesia e notas breves de carácter etno-musical referentes às canções. No Prefácio, Rebelo Bonito faz a análise musical de vários tipos de cantigas, exemplificando — uma grafia nova, que concilia os ritmos dos textos e da música. Caracteres do Cancioneiro: Transição do Minho para Beira Douro — o Vira e a Chula vareira. Canções de tipo fadográfico (cuja estrutura considera derivado de fórmulas melódicas tradicionais e particularidades rítmicas de música erudita de antanho). Canções de aculturação luso-brasileira. Análise de toadas de pedreiro. Estilo sincopado (não necessariamente de origem africana). Carácter da poética: dissixilação, aférese, próteses, metáteses, arcaísmos equívocos. Brincos poéticos.

- 3305 CARNEIRO, A. Lima — *Cancioneiro musical de Monte Córdova*. DL, II, Porto, 1940, p.

«Contém 19 cantigas, cuja letra e música foram recolhidas por Luís Carneiro Barbosa». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 3306 CARNEIRO, A. Lima — *Canções e danças do Monte Córdova*. DL, Terceira Série, VI, Porto, 1949, pp. 51-76.

«A. Lima Carneiro, depois de contar alguns costumes e as ocasiões em que o povo canta e dança, — espadelada, esfolhada, malhas, etc. — reproduz vinte canções com as respectivas melodias, recolhidas com cuidado por Luís Barbosa». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 3307 CARNEIRO, A. Lima — *Canções populares*. DL, Terceira Série, VIII, Porto, 1950, pp. 66-79.
Letra e música de 14 canções populares, recolhidas em Areias, Landim, Santo Tirso.
- 3308 CARNEIRO, Cláudio — *Pregões*. PRFCA, 2, Porto, 1936, pp. 107-110; 3, 1937, pp. 162-167; 27-192; e Porto, 1942, 27 pp.
Considerações sobre a música em geral. Análise musical de vários pregões, com transcrição musical, estruturadas harmonicamente.
- 3309 CARVALHO, Pinto de — *História do Fado*. Lisboa, 1903, 270 pp., 13 figs.
«Este livro constitui um bom capítulo de história social portuguesa nos tempos actuais».
«A obra consta de sete capítulos. Os assuntos são em resumo os seguintes: 1) Canções nacionais em geral, e uso da guitarra; 2) o fado em especial; 3) o fadista; 4) A Severa, o Conde de Vimioso, etc.; 5) fases e terminologia do fado; 6) os cantadores do fado em Lisboa e nas províncias; 7) guitarristas do século XIX, aristocratização e evolução do fado. Elenco alfabético dos fados. Segundo o A., o fado teve origem nas canções marítimas e não apareceu nas ruas de Lisboa antes de 1840. Ao *fado do Marinheiro* seguir-se-ia o *fado corrido*, o *fado da cotovia*, o *fado de Pedrouços* (1849) e o *fado choradinho*, modelo de muitos outros. O campo de acção do fado tem sido principalmente Lisboa, mas este chegou também ao Porto e à Beira (vid. págs. 23-26 e 85)». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. III).
- 3310 CORREIA, J. Diogo — *Cantares da Malpica (Beira Baixa)*. Lisboa, 64 pp.
Letra e música de 25 canções de Natal, Reis, Entrudo, Páscoa, Ceifa, S. João, etc., recolhidas na Malpica.
- 3311 CRESPO, Firmino — *Cancioneiro da Senhora do Almortão*. Lisboa, 1954, 44 pp.
Descrição do santuário. Quadras cantadas pelos romeiros precedidas de alguns comentários. 5 notações musicais de Rodney Gallop, Joyce, Sales Viana e Lopes Graça.
- 3312 DACIANO, Bertino — *O que se pensava da música há dois séculos*. DL, Segunda Série, I, Porto, 1944, pp. 31-33.
Excertos da obra setecentista «Divertimento de estudiosos, ou nova compilação de bons Ditos, e factos Morais, Políticos e Graciosos», de José Marques Soares, com interesse histórico e etno-musical.

- 3313 DIAS, Jaime Lopes — *Etnografia da Beira*. II, Lisboa, 1927, 151 pp.

Texto e transcrição musical de 64 canções beiroas. Canções de adufe — 4; coreográficas — 44; religiosas — 10; Vária — 6. Algumas com indicação de proveniência.

Cantares de diversas épocas do ano, jogos de roda, etc., cantadas desde a Senhora da Conceição até às Cinzas, na Idanha; cantares de serões, eiras e trabalhos, na Cova da Beira; modas de romaria, etc., umas locais, outras talvez gerais, mais recentes ou mais antigas. Janeiras, Natal, Dança das tesouras, do Corpus Christ, etc.

- 3314 DIAS, Jaime Lopes — *Etnografia da Beira*. IV — *O que a Nossa Gente Canta*. Lisboa, 1937, 164 pp.

Texto e transcrição musical de 60 canções beiroas. Canções de adufe — 8; coreográficas — 29; Religiosas — 10; Vária — 13. A maioria com indicação de proveniência, e comentários.

O Autor estabelece uma categoria de canção — *fadográfica* — que não define concretamente, e de que nota na Beira apenas três formas: desgarradas (despiques), com harmónio e ferrinhos, *parabéns* (aos noivos) e *saloio* (coreográfica) — concluindo que o povo não assimila o fado.

O problema das origens eruditas ou populares: o povo sobretudo transforma. A canção popular portuguesa — e beiroa — é sobretudo amorosa e religiosa; raramente é burlesca. Nota influências andaluzas, apogiaturas feitas pela garganta, acompanhamento de coros, entoações a duas vezes. Em alguns casos as espécies transcritas vêm acompanhadas de indicações coreográficas.

Análise das letras das canções, como elemento de estudo dos sentimentos e costumes do nosso povo.

- 3315 DIAS, Joaquim Carneiro — *Em Penamaior, o povo reza e canta*. DL, Nona Série, I, Porto, 1959, pp. 139-148.

Cânticos religiosos.

- 3316 DIAS, M. Simões — *Aspectos da canção popular portuguesa*. Coimbra, 1952, 71 pp.

Considerações sobre o termo Folclore e indicação do campo que esta disciplina abarca. Define a canção popular pelo seu «carácter de permanência, estabilidade e fidelidade com que se transmite de geração em geração» considerando-a como uma «expressão anónima do povo, que se afirma no tempo e a ele resiste, por conter em si reflexos muito vivos de uma sensibilidade colectiva». Explicação de algumas teorias quanto à origem da canção popular: criação colectiva, individual, assimilação e deformação pelo povo de temas eruditos, etc. Sem perflhar nenhuma destas hipóteses, admite na sua génese elementos vários de todas elas. Elementos essenciais da canção popular — poesia (primordialmente) e dança. Persistência de melodias arcaicas: toadas de aboiar, certos romances, etc.

Influências mais marcantes: igreja católica (canto gregoriano), francesa, italiana (sobretudo no século XVIII), árabe (em algumas regiões raianas). Com Rodney Gallop, considera a canção popular portuguesa, na fase actual, «regular no ritmo, simétrica na construção e moderna na tonalidade». Superficialidade da diversidade regional da nossa canção popular.

«Variável em alguns aspectos meramente formais, como por exemplo na simetria, ternária na canção antiga, binária na canção actual, a música popular portuguesa revela sempre a mesma simplicidade, a mesma limpidez de intenções, quer no desenvolvimento, por graus conjuntos ou próximos da sua linha melódica, quer na regularidade e nitidez dos ritmos que adopta».

- 3317 DINIZ, Manuel Vieira — *Canções de roda*. DL, Segunda Série, II, Porto, 1944, pp. 37-42.

Música e letra de seis canções de roda. Indicações coreográficas sobre as mesmas (Meixomil, Paços de Ferreira).

- 3318 FORTES, José Manuel Ribeiro — *O Fado — Ensaio sobre um problema etnográfico-folclórico*. Porto, 1926.

«O A. atribui ao Fado muitas origens (portuguesa remota, portuguesa recente, africana ou negróide, a principal, francesa, árabe, cigana e céltica); julga-o esteticamente detestável, e que de modo algum exprime a alma portuguesa». (J. Leite de Vasconcelos — E.P. vol. I).

Fá-lo derivar incontestavelmente do lundum.

Estabelece um esquema para investigação das origens do Fado, agrupando as várias hipóteses segundo diferentes critérios: Critério etnográfico — origem portuguesa remota e recente; origem africana; americana; francesa; árabe; cigana; céltica. Critério geográfico — Origem marítima; origem lisbonense. Critério sociológico — Origem criminal. Critério etimológico — Origem latina. Critério musical — «Origem na acção cancional negróide, adentro de um meio propício, traduzido pelas possibilidades da técnica musical».

- 3319 FRAGA, P.º José Luís — *Cantares Açorianos*. AOIAC, II, Angra do Heroísmo, 1958, pp. 325-337; III, 1959, pp. 109-120 e 212-221; IV, 1960, pp. 47-51 e 238-243.

Recolha musical (e letra) de 51 canções da ilha das Flores: cantigas de embalo, romances, cantos de Anos-Bons e Reis, orações, coreográficas — Chamarritas e Pezinhos; etc. É precedida de uma breve introdução em que fala da intervenção do povo em duas fases genéticas da canção popular: 1) contribuição de elementos singelos «brados, pregões, gritos de admiração, medo, ódio, chamamento, interrogação... que formaram o vocabulário dos compositores eruditos»; 2) apropriação de temas eruditos, alterando-os e moldando-os à sua maneira. Considera grande parte das modas açorianas como variantes «ou fases evolutivas de espécies continentais»; outras de importação exótica via emigrante; outras como «herança mourisca pela via dos colonos alentejanos»; outras de génese insular; e outras ainda de «extração erudita».

- 3320 FRANCO, José — *Notas etnográficas*. ARFMBS, I, II, III, Guarda, 1941-44, 1, pp. 17-20; 2, pp. 11-12; 3, pp. 21-24; 4, pp. 15-16; 5, pp. 9-16; 6, 17-19; 7, pp. 18-22; 9, pp. 19-20; 10-12, pp. 46-48; II, pp. 46-50, 163-164, 213-214 e 299-301; III, pp. 223-225.

3 canções coreográficas (letra, música e notas de coreografia). 8 canções de maçar o linho, das ceifas, de embalar, etc. (música e letra). Descrição de 4 trajes (de Sabugueiro, da Coriscada, e de Aldeias e Jarmelo). Ditados e conceitos populares. Adivinhas. Apodos tópicos. Rezas e ensalmos. Quadras populares. Descrição duma coberta de fabrico caseiro, a que dá o nome de «coberta de Riba Coa».

- 3321 GAMITO, Maria José — *O valor do folclore musical*. MCP, VII, 76, Lisboa, 1952, pp. 14-16.

O valor educativo da música na história do homem. Música sacra e música guerreira na antiguidade. A música popular. Breves considerações.

- 3322 GRAÇA, Fernando Lopes — *A Música Portuguesa e os seus Problemas*. (Ensaio), Lisboa, 1959, 220 pp., 7 textos musicais.

A música portuguesa nas suas relações com a cultura nacional — Panorâmica da música culta portuguesa através dos séculos, comparada com a música europeia: os verdadeiros «nacionalismos» musicais. Falta de significado nacional da nossa música (pp. 15-29).

Música Popular, Música Folclórica — Valor estético, pedagógico e patriótico da canção popular portuguesa. Menção da «verdadeira canção portuguesa», beiroa, alentejana e trasmontana, por oposição ao fado, à canção revisteira, ao sol-e-dó. Sente-se que o Autor ficou deslumbrado com a revelação das canções modais, gregorianas e árabes, da Beira Baixa. Exortação ao culto da canção autêntica.

Mexendo numa antigualha musical — Notas sobre o Cancioneiro Musical Português, de G. Romanoff Salvini, de nulo valor folclórico.

O nosso fado, triste fado — Considerações sobre o fado e o seu nulo valor. Notas para um possível ideário do folclorista musical português — Normas, princípios e critérios (sobretudo de carácter musicológico) para a apreciação da cantiga popular.

Sobre o «Cancioneiro Minhoto» de Gonçalo Sampaio — Análise da obra, discordâncias (distinção de bordão e *fabordão*, tese da origem grega, que se desconhece, etc.). Discordância maior: ser o Minho a mais rica província musical — equipara a canção minhota à «canção típica» do vulgo. A música do «Cancioneiro» é só do século passado — âmbito melódico pobríssimo, influências italianas, quadratura rítmica. Considera-as produtos espúrios, de procedência a autenticidade duvidosa. Modalismo escasso. Problemas das harmonizações — origem culta ou popular? mas as harmonizações, mesmo curiosas, não bastam para remir a pobreza dos cantares corais.

Sobre o «Cancioneiro de Cinfães», de Virgílio Pereira — Louva a obra, mas denuncia o pouco interesse das canções compendiadas, a despeito da sua

polifonia espontânea — o lugar-comum, banal, minhoto. Acha que Rebelo Bonito está influenciado pela ideia de filiar as músicas na música medieval, e classificá-las de modais.

Música e regionalismo — Crítica da falta de autenticidade da música «regionalista» dos ranchos folclóricos.

Uma experiência de prospecção folclórica. Impressões de uma recolha na Beira Baixa e conselhos a seguir para gravações mecânicas.

- 3323 GRAÇA, Fernando Lopes — *A Canção Popular Portuguesa*. (Col. Saber), Lisboa, s/d, 111 pp.

Transcrições de 40 canções populares de várias regiões, todas com indicação de proveniência.

Cap. I — O problema da canção popular portuguesa. Indicação e crítica das recolhas publicadas, e directrizes para o Cancioneiro Geral Português.

Cap. II — Folclore autêntico e contrafacção folclórica. Definição da autêntica canção folclórica; crítica da noção de *pitoresco*. Canções de embalar, de aboiar, da ceifa, sacha e monda, da azeitona e vindima, romances (medievais), religiosas, cíclicas, de romaria. «Só as populações dos campos, serras, lugares e aldeias, são depositárias de um tesouro inexaurível de melodias que... tem jus a ser consideradas como espelhando inequivocamente a nossa psique».

Cap. III — Algumas características da canção portuguesa: 1) Voix-de-ville, melodias a que se adaptam letras diferentes, no tempo e região. Por vezes disparidade de datas; a letra é mais recente e mais banal. 2) Ausência de formas narrativas (excepção Romances): é a quadra, marca da sua origem rústica e prova da sua autenticidade. Rodney Gallop fala de influências italianas e francesas do século XVIII; mas nas suas espécies mais características é um produto mais antigo e de uma individualidade autóctone perfeitamente acentuada. Influências eclesiásticas, gregas (Gonçalo Sampaio), eslavas e orientais, brasileiras, etc. O Autor aceita o fundo comum primordial e consequente evolução e adaptação a meios geográficos e sociais diferentes — dialectos musicais nacionais. Pouca influência da canção citadina, e por isso também de outros países.

Cap. IV — Esboço de classificação. História das classificações — António Arroio, Lambertini (critério mesológico). Características formas ou estruturais: monódicas e polifónicas — tonais, modais, cromáticas.

Cap. V — Valor estético e significação nacional da canção popular portuguesa. Reconhecimento do valor da nossa canção autêntica, como riqueza nacional, e apoio, método, inspiração e linguagem para os músicos criarem uma verdadeira música nacional.

Apêndice I — Apontamentos sobre a canção alentejana. Rápida descrição dos corais — 2 tipos tonais, e modais, com ornatos. Letras.

Apêndice II — Apontamentos sobre a canção popular da Beira Baixa.

- 3324 JOYCE, António Avelino — *Relatório do Júri Provincial da Beira Baixa*. RO, IV, Lisboa, 1939, pp. 99-121.

Letra e música de algumas canções populares de Monsanto.

- 3325 JOYCE, Avelino — *Acerca das canções populares de Monsanto e Paul*. RO, IV, Lisboa, 1939, pp. 276-296 e 445-466.

Letra e música de canções populares destes lugares. Comentários.

- 3326 LAMAS, Dulce Martins — *Contribuição de Portugal ao folclore musical brasileiro*. EBJP, 24-45, Lisboa, 1950, pp. 339-363.

A contribuição portuguesa ao folclore musical brasileiro. Exemplos: Ciranda, violetas, caninha verde, etc. Afinidades entre modas brasileiras e portuguesas.

- 3327 LEÇA, Armando — *Do nosso cancioneiro musical*. PRFCA, 4, Porto, 1937, pp. 267-270.

Notas críticas acerca dos trabalhos estrangeiros sobre o nosso regionalismo musical. Necessidade de se fazerem estudos sérios sobre o Cancioneiro musical.

- 3328 LEÇA, Armando — *Músico caminheiro*. RO, IV, Lisboa, 1939, pp. 25-30, 86-96, 241-246; V, pp. 86-96, 370-378; XII, 1941, pp. 418-425; XIII, pp. 97-104, 320-323; XIV, pp. 109-115, 249-252.

Letra e música de várias canções: monodias de embalar, modas coreográficas, coros monódicos, etc. Breves considerações sobre a sua estrutura musical.

- 3329 LEÇA, Armando — *Danças e cantigas*. VAPP, Lisboa, 1940, pp. 187-200.

Breves considerações sobre música e danças populares acompanhadas de algumas notações musicais.

- 3330 LEÇA, Armando — *Da música popular do Baixo Alentejo. (Incluído em «A Música Popular Portuguesa»)*, Beja, 1941, 18 pp.

Notas dispersas sobre a música popular do Baixo Alentejo (a propósito de uma apresentação em Lisboa do rancho coral de Vila Verde de Ficalho). Análise do conceito vulgar que equipara os corais à música árabe. Cantos do Natal, Janeiras e Reis. Entrudos (Malpica). Modas de balhar (algumas aprendidas, outras ensinadas, a «ratinhos» e algarvios). Enterro do Carnaval. Quaresma. Culto das almas (com viola) no Alentejo. Cantares de balhos em funções, ou *advirtos*, armados em louvor de noivados: danças à moda alentejana (sem nada de comum com as do norte); cantar aos noivos; marcadinhos, puladinhos, balhos de candeia e de roda, topes (com harmónio e gaita de beijos). Coros dos ranchos dos trabalhadores rurais, nas ceifas, mondas, adiafas, varejar azeitona. Cantares do S. João e da Senhora de Aires, e danças: Fandango e contradança, com gaita de beijos. Termos desses corais.

- 3331 LEÇA, Armando — *Da Música Portuguesa*. (2.^a Ed.), Porto, 1942, 127 pp., 30 transcrições musicais.

Rápido esboço dos aspectos mais característicos da canção popular das diferentes províncias, e das situações mais eminentes em que ela tem lugar: modas coreográfica, com acompanhamento instrumental de cordofones e harmónica; danças acompanhadas por despiques de cantos em desafio (Douro e Minho); danças dos paulitos; rodinhas (sem instrumentos); danças com acompanhamento da gaita de foles e tambor (Terras de Miranda); cantos de duas ou três vozes, com instrumentos a acompanhar (Vouga e Mondego); modas rítmicas (Zés-Pereiras minhotos, adufes, na região leste da Gardunha ao Guadiana); o fado, a sua estesia mórbida e seu ambiente certo nos bairros de Alfama e Mouraria, nunca canção nacional.

Nota a falta de estudos analíticos sobre os nossos cantos populares criticando a opinião corrente que ignora cantos severos e tristes no Minho e Algarve, e modas vivas, desgarradas à viola, etc. no Baixo Alentejo.

- 3332 LEÇA, Armando — *Do cancioneiro músico estremenho*. EBJP, 12, Lisboa, 1946, pp. 215-233; 13, 1946, pp. 341-345.

Notas sobre dança. Música e letra de algumas quadras populares.

- 3333 LEÇA, Armando — *Da nossa música popular*. EBJP, 20, Lisboa, 1949, pp. 133-135.

Considerações sobre música popular.

- 3334 LEÇA, Armando — *Motivos ensoados pelo povo*. EBJP, 26-28, pp. 209-260, 16 figs.

Música e letra de algumas cantigas.

- 3335 LEÇA, Armando — *Música Popular Portuguesa*. Porto, s/d, 214 pp., 45 figs.

Fala de corais antigos harmónicos a 2 ou 3 vozes, no Minho, Terras de Miranda e Riba Vouga; a 2 vozes, no Douro e Beira Litoral; na Beira Baixa, Estremadura, Ribatejo e Algarve, nota a tendência para as monodias corais. Começa pelo Algarve, dando exemplos musicais, letra e indicações coreográficas, do corridinho, balho de roda e mandado; e ainda de cantares do Natal e dos Reis. Seguidamente trata da música do Baixo Alentejo, assinalando, além dos coros concentrados, modas *dobradas*, despiques à viola, modas de *bailhos*, cânticos de *função* (casamento), etc. Predomínio de vozes masculinas.

Alto Alentejo — Nota influências raianas na ornamentação melismática; alude a cânticos com vozes guinchantes de mulheres, em dia de acabamento da azeitona, a modas acompanhadas ao adufe, e a modas coreográficas — saias.

Ribatejo — Enumeração das danças regionais. Predomínio do fandango (que considera de origem espanhola). Difusão desta dança em todo o país.

Estremadura — Influências das regiões limítrofes e sobretudo urbanas. Predomínio da dança sobre o canto. Exemplos de modas coreográficas. O fado — sua origem afro-brasileira, influenciado também pelas modinhas italianas. Guitarra — referências a tratadistas; afinações, etc.

Beira Litoral — Hibridismo musical da província. Exemplos de canções dos Reis, Bendito, coreográficas, etc. Influência urbana nas canções das fogueiras de Coimbra. O papel dos gaiteiros nas festas, onde dão as alvoradas, queima das fitas, etc.

Minho — Modas de *terno*, cantadas nas arrigas, segas, esfolhadas, etc.; desafios, cânticos da encomendação das almas, modas coreográficas, etc.; composição instrumental da *Festada*.

Monodias do berço. Cânticos do Natal e Reis. Etc.

- 3336 LIMA, Augusto César Pires de — *A linguagem e o folclore de Entre Douro e Minho*. DL, VI, Porto, 1943, pp. 40-64.

Dados colhidos em alguns cadernos do Doutor Gonçalo Sampaio. As leituras do folclorista. Danças e música popular no Minho.

Notas sobre fonética e morfologia da linguagem minhota. Termos regionais. Cancioneiro popular; coro das maçadeiras do linho, Padre nosso Pequenininho, Cantigas deromeiros, Bom Jesus do Monte (Coro de Cabanelas, Senhor do Sameiro, da Abadia e da Graça, das Dores, etc.), 64 quadras.

- 3337 LIMA, Jaime de Magalhães — *As canções populares portuguesas e a piedosa oferenda que o Senhor Armando Leça lhes votou*. Po, IV, Porto, 1931, pp. 198-205.

Ensaio literário acerca do valor da arte popular e da música; louvor da obra de Armando Leça.

- 3338 LIMA, Maria Clementina Pires de — *Folclore de Riba d'Ave*. PRFCA, II, Porto, 1938, pp. 77-85.

Notas sobre algumas músicas populares minhotas.

- 3339 LOPES, Edmundo A. Correia — *Cancioneirinho de Fozcoa — Contribuição para a história e crítica da música do povo português*. Coimbra, 1926, 238 pp., 17 transcrições musicais e mais 5 cantigas de Gil Vicente.

Estudo sobre a música popular e seu processo evolutivo — transformação e não criação histórica. Cantares medievais. Comparação de dois temas musicais de romance, recolhidos em Vinhais e Vila Real, com melodias do Cancioneiro de Afonso o Sábio. Coros em modo maior. Aspectos do modo menor. A evolução do ritmo. O século XVI como época de fixação. O romanceiro — sua origem castelhana. Relações das variantes musicais indicadas pelas variantes poéticas. Os coros como origem de variantes. Análise musical de

17 trechos recolhidos e seleccionados na região duriense. Comparações com outras melodias.

Considerações sobre o fado que considera como uma ritmização moderna da música tradicional e o único género personificado na poesia popular. Etc.

- 3340 MARVÃO, P.^o António — *O canto popular alentejano*. ABBCM, III, Beja, 1946, pp. 314-323; IV, 1947, pp. 321-327.

Estudo sobre o canto popular alentejano. Letra e música de algumas modas alentejanas.

- 3341 MARVÃO, P.^o António — *Cancioneiro Alentejano*. Beringel, 1955, 263 pp.

Transcrição e texto de 250 canções, com índice geográfico no fim. «Corais majestosos, coreográficos e religiosos do Baixo Alentejo» correspondendo a três partes em que o livro é dividido.

Numa introdução, p. 5-16, análise do canto popular alentejano: origem — discussão das teses árabe, italiana, eslava, berbere — tese litúrgica: vestígios do Fabordão, polifonia arcaica dos séculos XV e XVI. Relação desta com o canto alentejano actual. Como se cantam as modas: o solista, que levanta o canto, o alto, a melodia superior, as segundas vozes — a grande massa sonora —, o baixo. Particularidades especiais. O canto alentejano e a liturgia.

- 3342 MARVÃO, P.^o António — *O Alentejo Canta*. Braga, 1956, 20 pp.

Definição de folclore musical — o conjunto de canções de inspiração popular que passando de geração em geração, se mantém íntegro quanto à essência, e é aceite pelo mesmo povo. Explicação do folclore do Baixo Alentejo: temperamento e paisagem. Canto polifónico, a 2, 3 e 4 vozes, não nos moldes clássicos de harmonização, mas *sui-generis* (diferente do Minho pelo modo como é cantado). Sugestões gregorianas, sacras e marroquinas. Não defende o arabismo nem a exclusiva origem religiosa, mas reconhece influências de ambas. Árabe — melismas. Religiosa — sabor reverencial e mítico. Esquema de modas: 1) as que principiam pela subdominante; 2) as de escalas sucessivas e independentes; 3) as que empregam o trítone; e 4) outras ainda. Semelhanças com o antigo fabordão do século XII — escalas sucessivas e independentes, acordes invertidos de 4.^a e 6.^a. Também canto antifónico: resto do canto a capela do século XV, que ficou no *Alto*. Portanto — Fabordão e Polifonia Clássica do século XV influenciados pela música berbere e canto litúrgico. Em Évora, no século XV havia uma escola de polifonia clássica, e Fr. Manuel Cardoso era mestre de Capela na Sé de Évora; e funda-se o convento dos Paulistas, em Évora e depois em Serpa, onde se abrem escolas de canto popular. O canto popular surgiu «do recalçamento do canto polifónico com o Fabordão, transformado nesta polifonia rudimentar, que são as nossas modas, ou do canto polifónico com o canto litúrgico, visto ele ter um sabor... religioso e ao mesmo tempo profano». «De Serpa, esta polifonia... teria passado às outras terras do Alentejo. É natural que os frades Paulistas se aproveitassem dos conhecimentos polifónicos da época; se utilizassem das

formas antigas do Fabordão e das correntes litúrgicas desse tempo». O canto consta de Alto, Baixo, segunda e Solista; na margem Esquerda, modas mais vivas e leves, mais artificiais, de ornatos mais frequentes; o Alto dá bem ideia de antifonia, não foge aos ornatos, e as Segundas aparecem no tempo fraco do compasso. Em Peroguarda, a antifonia é também clara, as Segundas caem no tempo forte. Cantos profanos, de amor, de saudade, e religiosos, ao Menino, Reis, Janeiras, Aleluias, Cantos penitenciais — todo o ciclo litúrgico. Há também cantos coreográficos, alegres e vivos — saias, danças de candeia, «sarapateado» e a «Dança do Tope», de Santo Aleixo, «marcadinhos», de Peroguarda, etc.

- 3343 MELO, Adelino Antonio das Neves e — *Músicas e canções populares coligidas da tradição*. Lisboa, 1872, 245 pp.

Letra (45) e música (31) de canções portuguesas e açorianas: Cantigas de Coimbra, do Minho, de Trás-os-Montes, dos Açores, e do Berço.

- 3344 MELO, Manuel Maria de — *Música regional açoreana*. Po, XI, Porto, 1938, pp. 142-148.

Considerações acerca da riqueza e variedade de canções regionais açorianas. 5 notações musicais.

- 3345 MOITA, Luís — *O fado, canção de vencidos*. Lisboa, 1936, 354 pp.

Considerações sobre as origens do fado, sobre a sua história e psicologia mórbida.

- 3346 MONTEIRO, Elvira — *Cancioneiro Musical*. T, IV, Serpa, 1902, pp. 5, 21, 37, 53, 69, 101, 117, 133, 165, 181; v, 1903, pp. 21, 37, 149-152, 165-168, 181; vi, 1904, pp. 37, 53, 68-69, 84-85.

20 notações musicais de modas alentejanas.

- 3347 M., G. — *A música popular em Portugal*. RM, xx, Esposende, 1912, pp. 169-177.

Considerações acerca da música popular.

- 3348 NEVES, César das, e CAMPOS, Gualdino de — *Cancioneiro de músicas populares*. I, Porto, 1893, 307 pp.

As melodias portuguesas.

Segundo este último Autor, nos velhos Cancioneiros, poesia e canto são inseparáveis. A música é a alma da poesia popular: na lírica trovadoresca, as formas métricas foram moldadas sobre toadas velhas, e foi graças à persistência da música que muitos cantos populares penetraram nos Cancioneiros. Exemplos que mostram a dependência da letra da melodia: romances de Estavillar (Astúrias), e outros. Os Cancioneiros provam a existência de

uma vivíssima poesia popular, e outras formas que se impunham exclusivamente pela sua simpatia musical. Os cantores populares eram designados pelo instrumento que tangiam. Uma característica fundamental: iniciativa da mulher no improviso e no canto. Influências: meio galego, bascos franceses (Bearn) e espanhóis, hudas e lengui-lengui árabes. Poucas referências antigas à música: no século XV — seguidilhas junto ao túmulo do Condestável. Gil Vicente — Rubena (inventário das músicas); Triunfo do Inverno (decadência). Hino fúnebre de D. Sebastião, Miguel Leitão de Andrade, Fidalgo Aprendiz — *Tonos* (Vilancicos de Natal). Modinhas.

155 músicas (e letras) — Coreográficas, descantes, modinhas, canções, cantigas, lunduns, anfiguris, hino nacional e outros, hinos religiosos, fados, patrióticas, baladas, cânticos escolares, lendas religiosas, loas, pastoris, chulas, janeiras, S. Joões, diálogos, barcarolas, fandangos, «folias» e hinos do Espírito Santo (Açores), Xácara, noturnos, danças de roda, etc. Em alguns exemplos indicações geográficas, coreográficas, descritivas, etc. com interesse.

3349 NEVES, César das, e CAMPOS, Gualdino de — *Cancioneiro de Musicas Populares*, II, Porto, 1895, 303 pp.

Introdução de Sousa Viterbo, pp. V-VII: Cancioneiro de Músicas Populares. Este Autor declara que este Cancioneiro não é impecável nem de primeira ordem. Fez-se a colheita; falta a selecção e escolha; mas diz não ser mau conglobar formas populares e eruditas. Ele não é só arquivo de melodias — é inventário poético e coreográfico. Influências religiosas e teatral:

No século XVI o teatro tinha coros, e é natural que tenham ficado na tradição popular. Menções de cantares nas igrejas, alguns proibidos (Cardeal Alpedrinha). Cantigas mundanas — Beckford: Santo António em Cadafais com um hino (Bendito?). Outros elementos além do cristão: judaico e mourisco (D. Manuel e D. João III gostavam de tangedores de mourisca — dançavam, tocavam e cantavam). Canção de Alcácer — Levavam músicos — Guitarras de Caverel e Estevam Madeira — que cantavam à viola. Charamelos, atabaleiros (notícias de pensões às viúvas), etc.

(Introdução de César das Neves, p. 11-15) Preâmbulo.

Das primitivas formas só rítmicas resta música ligada a solenidades religiosas, com instrumental de Zés-Pereiras (Zabumba e caixas) nas romarias e procissões nos arredores do Porto, e, no Minho e Trás-os-Montes, com a gaita de foles. No S. Gonçalo de Amarante, em 1892, compareceram 97 zabumbas. Nas cidades de Porto e Lisboa, no Corpus Christi, ia a música dos tambores a acompanhar S. Jorge. Cantares só rítmicos na procissão da segunda 5.^a-feira da Quaresma no Porto, e na bênção dos ramos, no 5.^o domingo da Quaresma, no S. Gonçalo de Mafamude, etc.

7 classes de cantos populares: religiosos, amorosos e danças, de rua e satíricas, marítimos e fados, modinhas e serenatas, composições líricas apropriadas pelo povo, cantos patrióticos e hinos oficiais.

Cantares religiosos — o Bendito no Viático, entre os mareantes (e suas promessas), nas novenas de aldeia, etc. — a solo, em coro ou duas partes, ou com acompanhamento de órgão.

Instrumentos e áreas geográfico-instrumentais: a viola, de uso geral. Minho

— viola, violão, bandolim, cavaquinho, rabeca, flauta, clarinete, e mais raramente harmónico. Trás-os-Montes — o mesmo; na região raiana, gaita de foles, flauta, tambor, castanholas, paulitos. Douro — rabeca chuleira (melódico) e flauta, clarinete, viola, violões, ferrinhos e tambor (acompanhamento). Beira — viola, guitarra, violão; na serra, a tibia pastoril, tambor, adufe e cascaveis. Estremadura — fado, guitarra. Alentejo, a guitarra. Algarve — viola e guitarra. Ilhas — viola.

Antes da generalização do piano, imperava nas salas a guitarra, para as *modinhas*; com o gosto pelas óperas italianas, as modinhas foram destronadas pelas árias. Findas as guerras civis, renasce a canção tranquila, fados, baladas, romanzas — o Hilário — etc. Crise da música popular, consequência da pobreza de vida e desalento, da emigração, couplets de teatro, etc.

180 músicas (e letras) — N.^{os} 156-335: Lendas, cantigas de rua, cânticos patrióticos, coreográficos, danças de roda, hinos, fados, árias, romances, descantes, tangos, anfiguris, modinhas, chulas, lunduns, canções, duetos, danças puladas, serenatas. Em alguns exemplos, indicações geográficas, coreográficas, descritivas, etc.

- 3350 NEVES, César das, e CAMPOS, Gualdino de — *Cancioneiro de musicas populares*, III, Porto, 1898, pp. v-viii, 1-305.

Introdução — Cancioneiro de Músicas Populares, de Manuel Ramos, pp. V-VIII: Considerações sobre o movimento de nacionalização da arte, a partir de formas populares. O caso do pré-rafaelismo em Inglaterra (casa, mobiliário, etc.), a música russa e a música espanhola. Inventário da música erudita portuguesa de inspiração nacional — Sá Noronha (o Arco de Santana), Rapsódias de J. F. Arroyo e corais de João Arroyo, Círiaco Cardoso, Viana da Mota, Colaço, Hussla, Keil (A Serrana). Coleções de cantos populares: jornais de modinhas, coleções de Ribas, Neves e Melo, Garland, Pedro Fernandes Tomás, etc.

187 músicas (e letras) — N.^{os} 336-622: Descantes, coreográficas, canções, chulas, reiseiras, cantigas, passeatas, danças, canções militares, árias, jogos infantis, hinos, cantigas das ruas, fados, romances, parlengas, danças de roda, lunduns, descantes, barcarolas, cantilenas pastoris, coros, xácaras, marchas, apregoados (pregões), canções do berço, toadas, danças puladas, cânticos religiosos, coros, trovas, anfiguris, sanjoaneiras, etc.

- 3351 NUNES, M. Dias — *Modas — estribilhos alentejanos*. T, I, Serpa, 1899, pp. 23-24, 54, 74, 104, 120, 136, 173.

Letra e música de várias modas alentejanas.

- 3352 OLIVEIRA, P.^o José Nunes de — *Cantaréus colhidos em Abragão (Penafiel)*. DL, Terceira Série, VII, Porto, 1949, pp. 32-33.

Letra e música de 5 canções.

- 3353 OLIVEIRA, Osório de — *Música brasileira*. Po, v, Porto, 1932, pp. 210-212.
Dificuldade da definição do brasileiro, pela sua diversidade. Necessidade de unidade. A música brasileira, expressão de um imperativo étnico. A obra de Mário de Andrade: «Ensaio sobre música brasileira». A música brasileira e a tradição portuguesa.
- 3354 PEIXOTO, Rocha — *O cruel e triste fado*. NARMI, 4, Vila Nova de Famalicão, 1897, pp. 182-183.
O fado, derrotismo e morbidez, como expressão psíquica do nosso destino histórico.
- 3355 PEREIRA, Vergílio — *Cancioneiro de Cinfães*. Porto, 1950, 580 pp.
«Vergílio Pereira fez a recolha cuidadosa de 301 canções populares pelas várias aldeias do concelho, durante as férias grandes de 1947. É um rico repositório de melodias, que o Autor procura ordenar sobre um certo critério, dando no fim um índice dos temas musicais. Algumas das músicas recolhidas, têm muito interesse pela sua raridade, pois, infelizmente, o folclore musical está cada vez mais influenciado pelas melodias modernas, difundidas pela telefonia.
Afora a recolha de Vergílio Pereira, este volume tem ainda a colaboração de mais três Autores. Bertino Daciano dá umas notas gerais sobre o concelho de Cinfães. A. C. Pires de Lima faz considerações sobre a importância destes estudos, defende a probidade do folclorista e musicólogo Vergílio Pereira, e analisa o cancionero poético recolhido pelo mesmo. Por fim segue-se uma longa análise musical de Rebelo Bonito, com mais de cem exemplos musicais tirados de composições antigas, de Autores clássicos e mesmo de autores modernos, como Shostakovich». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 3356 PEREIRA, Vergílio — *Subsídios para o Cancioneiro Raiano*. DL, Oitava Série; III-IV, Porto, 1957, pp. 185-202.
Letra e música de vários coros recolhidos na freguesia de S. João do Campo — Terras de Bouro.
- 3357 PEREIRA, Vergílio — *Cancioneiro de Resende*. Porto, 1957, 423 pp.
Recolha de 123 espécies musicais. Análise musical de Rebelo Bonito, que estabelece a seguinte classificação: Corais em Fabordão — Cramois — (4); Canções lúdicas (34); Chulas e cantigas ao desafio (13); Cantigas de trabalho (26); Cantigas de embalar (18); Cânticos da Natividade (21); e Cantos devotos e religiosos (7).
- 3358 PEREIRA, Vergílio — *Corais mirandeses — Novos subsídios para o Cancioneiro Raiano*. DL, Nona Série, I, Porto, 1959, pp. 5-34, 11 figs.
Música e letra de vários cantos, recolhidos em Sendim (Miranda do Douro).

- 3359 PEREIRA, Vergílio — *Cancioneiro de Arouca*. Porto, 1959, 904 pp. 120 figs.

Recolha de 531 espécies: Corais em fabordão (48); Cânticos devotos e religiosos (44); Cânticos da Natividade (5); Cânticos de embalar (1); Cantigas do S. João (23); Cantigas ao desafio (9); Cantigas dos linhares (10); Cantigas lúbricas (42); Classificação por assuntos: Águas (23); Amor (45); Aves (10); Flores (7); Frutos (31); Indumentária (25); Nomes de localidades (31); Nomes de pessoas (64); Plantas (27); Profissões (18); e Vária (47).

- 3360 PEREIRA, Vergílio — *Os coros populares arcaicos e o panorama músico-etnográfico do Douro Litoral*. ACEELV, III, Porto, 1960, pp. 23-27.

Fala da necessidade de um organismo oficial exercer atenta vigilância sobre os ranchos folclóricos, para que estes não adulterem a verdade do folclore musical regional. Algumas notas sobre os corais arouquenses.

- 3361 PEREIRA, Vergílio — *Coros lusíadas*. Porto, 97 pp.

«O Autor apresenta 19 melodias populares harmonizadas para 3 vozes, não com o fim de reproduzir fielmente o que o povo canta, mas com a intenção de aproveitar as músicas populares para um coro artístico, o que lhes tira o interesse etnográfico». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 3362 PIMENTEL, Alberto — *A triste canção do Sul*. Lisboa, 1904, 305 pp., 8 figs., 7 transcrições musicais.

Estudo sobre o fado. Segundo o Autor, o termo «fado» deriva do vocábulo «Fadista»; ele parece ser de introdução recente, onde passa a ser registado em dicionários somente a partir da segunda metade do século XIX — Os dicionários antigos são omissos a seu respeito. Quanto à sua origem diz ter nascido em Lisboa, por essa data, tendo irradiado para a província com o carácter de moda moderna. A adaptação da quadra ao fado deu-se por intermédio de Coimbra, onde Hilário lhe deu grande voga; na tradição popular era «talhada nos modos arcádicos do mote em quadras e de glosa em décima». Apenas o fado literário admite a quadra em vez da décima. Recusa da tese arábica de Teófilo Braga. Considera a guitarra de origem árabe, revivendo no século XIX primeiramente no acompanhamento de sonatas, tendo-se depois identificado com o fado. Fala da possível introdução do lundum africano, da sua afectação ao nosso génio melancólico, e da sua aproximação com o estilo do fado. Status social; a figura do fadista. Nomes de fadistas famosos. Temas e assuntos do Fado: a vida e morte de malfadados, amor, sofrimento, crónicas de ruas e bairros suspeitos, crimes, etc. Biografia da Severa e do Conde de Vimioso. Exemplos de fados esdrúxulos, enigmáticos, em trocadilho de homónimos, tautofónicos, etc. Bibliografia do fado.

- 3363 POMBINHO JÚNIOR, J. A. — *Cantos populares de Portel*. E, III, Lisboa, 1948, pp. 191-211.
Letra e música de 20 cantigas populares.
- 3364 POMBINHO JÚNIOR, J. A. — *Cantes Populares de Portel*. Évora, 1949, 40 pp.
20 canções populares alentejanas. Letra e música.
- 3365 RIBEIRO, Luís da Silva — *Gravações de música popular*. BIHIT, II, Angra do Heroísmo, 1953, pp. 261-274.
Comentários acerca de variadas tradições, e indicações eruditas a respeito da cantiga popular portuguesa em geral, e açoriana em particular.
- 3366 RIBEIRO, L. — *Música popular*. BIHIT, 13, Angra do Heroísmo, 1955, p. 294.
Transcrição de algumas referências de Rebelo Bonito à música açoriana.
- 3367 RIBEIRO, Mário de Sampaio — *Música do Natal português*. RO, VII, Lisboa, 1939, pp. 180-200 e 348-352.
Letra e música de canções do Natal. Comentários sobre o tema.
- 3368 RIBEIRO, Mário de Sampaio — *Música e dança*. APP, 2, pp. 325-390.
Análise crítica do panorama musical popular e das suas prováveis origens. Acentua a absoluta incapacidade do povo no capítulo de criação musical, e fala da apropriação e popularização de temas eruditos e aristocráticos. Reputa toda a bibliografia musical e coreográfica existente entre nós, destituída de objectividade científica, afirmando que neste capítulo apenas se tem feito literatura e estabelecido teorias fantasistas.
- 3369 RODRIGUES, L. — *Um belo coral arcaico — recolhido em Terras do Gerês*. DL, Quinta Série, III-IV, Porto, 1953, pp. 9-19.
Considerações sobre o arcaísmo dum canto recolhido no Gerês. 1 notação musical.
- 3370 ROQUE, Joaquim — *O ciclo do Natal no Cancioneiro do Baixo Alentejo*. MCP, 54, Lisboa, 1950, pp. 22-24.
Letra e música de algumas cantigas dedicadas ao Menino.

- 3371 SAMPAIO, Gonçalo — *Cantos minhotos — Toadilhas de aboiar*. GM, 1, 1926, pp. 1-5.

Estudo de duas toadilhas de aboiar recolhidas na Póvoa de Lanhoso e uma em Vila Verde, que relaciona com a flauta de Pan, usada, segundo o Autor, pelos brácaros e lucenses, e nas quais descobre afinidades com a música da Grécia antiga.

- 3372 SAMPAIO, Gonçalo — *Cantos minhotos — Viras*. GM, 4, 1926, pp. 53-56.

Estabelece uma distinção entre viras do Minho e fandangos, igualmente do Minho, e os viras de outras regiões. Letra e música de dois viras minhotos.

- 3373 SAMPAIO, Gonçalo — *Côro das maçadeiras*. HMS, Guimarães, 1933, pp. 355-359.

Estudo dum coro das maçadeiras, recolhido na Póvoa de Lanhosa. Relações desta melodia com a música da velha Grécia.

- 3374 SAMPAIO, Gonçalo — *Cancioneiro Minhoto*. Porto, 1944, 255 pp.

Introdução e transcrição (acompanhada por notas), de 46 modas de terno, 78 modas de romaria, 24 cantos coreográficos, 16 cantos dos velhos romances, 15 toadas — cegos, embalos, pedintes, Reis, aboiar e abaular —, 26 religiosas. Introdução — Classificação dos cantares minhotos: cantos dos velhos romances (1 ou 2 vozes); Cantos coreográficos, a vozes (roda) ou com instrumentos (viras, fandangos, chulas, etc.); Modas de romaria e modas de terno (coreias). Descrição das coreias; características. Toadilha de aboiar — Póvoa de Lanhoso — relaciona-a com a sirinx, e fala na sua possível origem ditada pela sirinx dos gregos — relacionando-a com a tese micénica de Martins Sarmiento. Coro das maçadeiras — coro arcaico de trabalho, nos moldes polifónicos, escalas modais gregas. Viras — instrumental. Cantos populares a Nossa Senhora, com notas etno-musicais.

- 3375 SOARES, José Belarmino — *Subsídios para o futuro Cancioneiro Penafidelse*. DL, Nona Série, IV, Porto, 1959, pp. 729-751.

Letra e música de várias canções populares recolhidas em Perozelo.

- 3376 SOUSA, Maria Clementina P. de L. Tavares de — *Uma canção popular minhota e a sua origem litúrgica*. CMP, II, XVIII, Lisboa, 1940, pp. 123-125.

Uma jocosa canção das malhas e a sua filiação no canto gregoriano. Como foi possível adaptar-se o austero modo VIII a uma canção báquica.

- 3377 SOUSA, Maria Clementina Pires de Lima Tavares de — *Folclore musical*. Porto, 1942, 60 pp.

«Este livro contém algumas conferências da Autora sobre assuntos de folclore musical, seguido dum «Album musical» com nove melodias populares colhidas e harmonizadas por ela própria». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 3378 THOMAZ, Pedro Fernandes — *Velhas canções e romances populares Portugueses*. Coimbra, 1913, 191 pp.

(Introdução de António Arroyo, que divide o país em 4 áreas, segundo a canção popular).

Transcrição musical e texto de 61 canções que classifica de: Romances populares (15); Canções religiosas — Natal, Reis, etc. — (21); Hinos e canções políticas (10); e vária. Quase todas são acompanhadas da indicação de procedência e de alguns apontamentos etno-musicais. A final, notas mais desenvolvidas sobre Autos pastoris, o Tangro-Manglo, e os Noivos, e sobre os romances em geral, indicando-se o acompanhamento instrumental geral.

- 3379 THOMAZ, Pedro Fernandes — *Canções Populares da Beira*. Coimbra, 1923, 254 pp.

(Introdução de J. Leite de Vasconcellos).

58 melodias e texto recolhidas directamente da tradição oral — coreográficas e canções —, e 104 quadras — cantigas locais —, de várias proveniências. J. Leite de Vasconcelos coloca a música no plano dos estudos etnográficos em geral — Tradições Populares — e refere-se às colectâneas existentes; mas analisa apenas a parte da poesia.

Canto do povo — revelação da alma. Exemplos de fatalismo triste, e acima de tudo amor — arroubo de imaginação, desespero, resignação. O coração, sede do amor, entidade independente do corpo (o que se combina com representações figuradas). Ironias. Elementos da natureza — flores, estrelas, arvoredos. Observações — físicas, morais, psicológicas; elemento da vida colectiva, religião, superstições, costumes antigos ou actuais, etc. Comparações, adágios, hipérbolos, antíteses, artificios retóricos, repetições e trocadilhos, aliteraões, neumas, neologismos, impostos pelo canto e o ritmo. Cantigas que se modificam porque passam de terra para terra ou de época para época; consideração de 4 casos: 1) Cantigas do mesmo tema que são variantes totais de outras; 2) Cantigas que têm de comum só versos parciais, diferindo nos temas; 3) cantigas de tema e versos diferentes, mas estrutura gramatical semelhante; 4) cantigas de versos semelhantes aplicados a temas diferentes (frequentes nas cantigas locais e religiosas que só mudam os nomes das terras e santos). Metrificação (ver poesia amorosa do povo português). Aqui predomina a redondilha maior, mas há versos de cinco sílabas. Em geral são quadras, mas muitas vezes têm estribilhos intercalados. Redondilhas menores. Irregularidades. Muitas quadras de Coimbra, apuradas pelo contacto com os estudantes. Influências literárias (casos de inspiração no povo e na literatura). Bibliografia europeia de estudos gerais de poesia popular.

- 3380 THOMAZ, Pedro Fernandes — *Canções Portuguesas (Do século XVIII à actualidade)*, Coimbra, 1934, 169 pp.
- Texto e transcrição musical de 78 canções, que agrupa em: Romances (6); Canções religiosas — Natais, Alvíssaras, Jaculatórias, etc. — Cantigas velhas (14, descantes coreográficas) e Danças de roda e descantes (47, Estremadura, Coimbra, Minho, Litoral, Aveiro, Beira Baixa, Gouveia, Figueira da Foz, Beira Alta, etc.). Alguns breves comentários etno-musicais, em notas.
- 3381 VENTURA, Augusta Faria Gersão — *A propósito de «cantigas das almas»*. Po, IX, Porto, pp. 81-85.
- Letra e música de duas cantigas de «amentar as almas», recolhida em Cernache e Assafarge.
- 3382 VIANA, A. — *O Rancho de Carreço e os seus bailados tradicionais*. AVC, I, Viana do Castelo, 1934, pp. 198-214.
- Nota sobre a fundação deste rancho. Letra, música e notas coreográficas das danças que ele interpreta: Gota, Pretinho, Pai do Ladrão, Verde Gaio, Tirana, Regadinho, Velho e Vira.
- 3383 VILAÇA, José — *Breves reflexões sobre a primeira música popular do Minho*. MOIMER, I, Braga, 1946, pp. 238-242.
- Breve, referências às toadas de aboiar recolhidas por Gonçalo Sampaio, e a uma toada de pedreiros recolhida por Rodney Gallop.
- 3384 S/A. — *Cancioneiro musical*. T, I, Serpa, 1899, pp. 9, 25, 41, 57, 73, 89, 105, 121, 137, 153, 169, 185; II, 1900, pp. 11, 25, 41, 59, 73, 89, 105, 121, 137; III, 1901, pp. 7, 23, 39, 55, 71, 87, 104, 119, 135, 167, 181.
- Cânticos coreográficos, descantes da quadra natalícia, etc. Letra e música
- Ver Ref.^{as}: 58, 142, 144, 196, 225, 229, 257, 277, 559, 1426, 1638, 1967, 2349, 2430, 2620, 3401, 3402, 3408, 3410, 3446.

2. INSTRUMENTOS MUSICAIS E MÚSICOS POPULARES

- 3385 ATHAIDE, Luis Bernardo Leite d' — *Viola de arame ou viola da terra*. RI, III, Ponta Delgada, 1947, pp. 386-402.
- Pequeno estudo sobre a viola micaelense. Menção de alguns documentos escritos e iconográficos, com os quais procura relacionar a forma da viola actual. Descrição do tipo da viola, nomes de peças, dimensões e afinação. Quadras populares alusivas ao instrumento.

- 3386 BRASIL, Jaime — *O canto alentejano*. NA, v, 214, Lisboa, 1937.
 O canto alentejano, «antigamente, acompanhava-se a machete — viola de cordas metálicas tocada com a mão toda — e adufe — duplo pandeiro quadrado, caracteristicamente árabe».
- 3387 BREYNER, A. de Mello — *O Tamborileiro*. T, II, Serpa, 1900, pp. 71-72.
 Descrição do «tamborileiro» — o homem que toca tamboril e gaita — que aparece em todas as festas de arraial do Alentejo. Toca tamboril, fabricado por ele próprio, e a fraita doce ou tibia, de sabugueiro, que se sopra por uma extremidade, com 3 buracos na outra para o anular, médio e index, e outro buraco por baixo para o polegar. Ser tamborileiro foi sempre da exclusiva competência dos cabreiros.
- 3388 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia portuguesa*. RO, 59, Lisboa, 1960, pp. 116-120, 237-244 e 339-344.
 Considerações vagas e gerais sobre o gaiteiro. Menções do gaiteiro em Gil Vicente e em outras obras literárias.
 Indicação de algumas quadras populares soltas, originariamente integradas em romances. Exemplos de paralelismo em romanceiros hispano-portugueses.
- 3389 C., V. — *Castanholas enfeitadas*. ATP, 1, Lisboa, 1916, p. 62.
 Descrição das castanholas usadas em Portugal, nomes formas, materiais, ornamentação. Menção das matracas no Norte e nas Beiras. Aventa a hipótese da origem neolítica das castanholas pelas valvas de moluscos, duras e brancas, que aparecem furadas.
- 3390 GONÇALVES, Flávio — *As «trambonelas» de Fão*. DL, Terceira Série, VIII, Porto, 1950, pp. 7-10, 3 figs.
 Descrição de alguns tipos de matracas e reque-reques, de uso cerimonial nos ofícios das trevas da Semana Santa, geralmente tocadas pelo rapazio, que com elas procuram imitar o trovão da 6.^a-feira santa.
- 3391 GONÇALVES, Flávio — *Assobios onomatopaicos dos barristas de Barcelos*. RDTP, VII, 2, Madrid, 1951, pp. 327-336.
 Pequeno estudo de dois instrumentos onomatopaicos — o «rouxinol» e o «cuco», feitos de barro, pelos oleiros de Barcelos.
- 3392 GUIMARÃES, Alfredo — *Violas de Guimarães*. RG, XXXVI, Guimarães, 1926, pp. 112-115.
 Notícias acerca da origem de violeiros e da indústria de instrumentos musicais populares, em Guimarães, documentada a partir do século XVII

- 3393 LAMBERTINI, Michael Angelo — *Primeiro núcleo de um museu instrumental*. Lisboa, 1914, 148 pp.

Catálogo de instrumentos de música, no qual estão incluídos alguns instrumentos de música popular: violas, roncás, cornos, pandeiros, cavaquinhos, apitos, tamboris, etc. com notas descritivas acerca do seu uso. Extensa bibliografia sobre o assunto.

- 3394 LAMBERTINI, Michael Angelo — *Indústria Instrumental Portuguesa*. Lisboa, 1914, 20 pp.

Com base em trabalhos de Sousa Viterbo, publicados na *Arte Musical*, o autor apresenta uma relação cronológica dos fabricantes de instrumentos, especialmente órgãos, violas e guitarras desde o século XVI ao século XIX, e faz várias considerações acerca do desenvolvimento e importância de certos instrumentos e dos artistas mais notáveis.

(Este trabalho foi publicado quase integralmente na «*Arte Musical*», Ano XVI N.ºs 379-380-381 e 382).

- 3395 LEÇA, Armando — *Violeiros da Sé*, OT, Quinta Série, XIII, Porto, 1957, pp. 143-145 e 184-185.

Notas sobre o ofício dos violeiros, na cidade do Porto. Indicação de outras terras onde havia violeiros: Viana do Castelo, Braga, Guimarães, Matosinhos, Espinho, Ovar, Lousada. Preçário dos instrumentos de corda em 1900 e 1957. Breve descrição da viola, violão, guitarra e banjolim, e indicação das madeiras mais utilizadas no seu fabrico.

- 3396 LOPES JÚNIOR, Frederico — *A viola de arame na vida, no folclore e no cancionero das Ilhas*. AOIAC, II, Angra do Heroísmo, 1958, pp. 116-124.

Fala da introdução da viola nos Açores pelos primeiros povoadores, do prestígio que desfruta entre o povo um bom tocador, etc. Diferenças morfológicas, conforme várias ilhas: boca redonda na Terceira e S. Jorge; em forma de dois corações em S. Miguel e Santa Maria. Quadras alusivas à viola. Notícias de alguns velhos violeiros terceirenses: Simão Ribeiro (1703), Mestre Serafim, etc. Descrição e nomenclatura da viola. Esta, primitivamente, armava com 12 cordas dispostas em cinco parcelas; actualmente, arma com cordas dispostas em seis parcelas. Afições mais correntes.

- 3397 MACEDO, F. Ferraz de — *Cerâmica popular portuguesa — Assobios de água*. RL, III, Porto, 1894-95, pp. 82-84.

Notícia sobre os assobios de água — «rouxinóis» «de origem puramente arqueológica», que aparecem em Lisboa (e Évora), nas vésperas de Santo António, S. João e S. Pedro, na Praça da Figueira. Tipos desses assobios. Intenção satírica das diferentes formas (Carta a François Daleau).

- 3398 MARQUES, Raposo — *Os Açores*. OI, 116, Coimbra, 1954, pp. 244-248.
Notas sobre a viola de arame, ou «viola da terra» usada nos Açores. Descrição e afinação do instrumento.
- 3399 NUNES, Franclim — *Reque-reques e matracas de Fão*. DL, Quarta Série, I-II, Porto, 1950, pp. 107-111, 3 figs.
Descrição de uma matraca e reque-reques, usados em Fão, a primeira de uso cerimonial, ligada aos ofícios da Semana Santa.
- 3400 RIBEIRO, Luís da Silva — *Notas de Etnografia da Terceira*. RL, xxxvi, Lisboa, 1938, pp. 168-196.
Instrumentos musicos — Descrição, nomenclatura, afinação e madeiras utilizadas no fabrico da viola de arame (de 5 ordens, 3 de cordas duplas e 2 de triplas); quadras e adivinhas alusivas. Indicação de outros instrumentos populares: rabeca, tambor e reque-reque. Nomes de animais. Alguns jogos infantis; fórmulas e lengalengas. Alcinhas terceirenses.
- 3401 SANTOS, Carlos M. — *Tocares e Cantares da Ilha — Estudo do folclore da Madeira*. Funchal (?), 1937, 130 pp.
Estudo dos instrumentos populares — a viola de arame, o rajão e o braguinha, e das canções fundamentais e derivadas — o charamba, a mourisca e o bailinho das camacheiras; canções de eira, da ceifa, dos borracheiros, da sementeira, e canções domésticas. Conclui que o verdadeiro folclore madeirense é constituído pelas três canções fundamentais: mourisca, charamba e bailinho, de raízes árabes, a que o povo deu uma forma própria.
- 3402 SANTOS, Carlos M. — *Trovas e Bailados da Ilha — Estudo de Folclore Musical da Madeira*. Funchal, 1942, 232 pp.
O trabalho divide-se em três partes. Na primeira — Bailados — descreve 6 tipos de dança; 1) baile pesado; 2) bailinho das Camacheiras (que, devido à sua vivacidade, considera de origem continental); 3) baile de oito (com origem na contradança, e dançado sobretudo na quadra natalícia); 4) baile corrido (dançado geralmente nas romarias); 5) a alla moda (de introdução recente — antiga quadrilha); e 6) Chama-Rita. Cita alguns Autores que falam da influência dos antigos escravos nas danças actuais, e estabelece analogias entre danças de pretos e as da Madeira, filiando naquelas os traços mais marcantes destas.
A segunda parte é consagrada ao estudo da poesia popular: desafios, diálogos a solilóquios, canções do berço, dos Reis, quadras alusivas aos santos. irónicas, maliciosas, satíricas e humorísticas, etc. No aspecto musical, acentua também e preponderância do elemento árabe.
Na terceira parte estuda os três grandes instrumentos musicais da Ilha.: a viola de arame, o rajão e o braguinha. A viola de arame é usada sobretudo no acompanhamento do charamba. Tenta a reconstituição conjectural da evolu-

ção deste instrumento na Madeira, recusando a sua filiação nos tipos congêneres continentais e considerando-o como criação do povo madeirense. Quanto ao rajão, compara-o com as guitarras de Alcácer, de que fala Sampaio Ribeiro; não se pronuncia por uma criação autóctone, mas admite tratar-se dum tipo que, embora cópia de outros, ali se individualizou. Acerca do braguinha, cita o P.^o F. Augusto da Silva, Autor do Elucidário Madeirense, que o considera como criação madeirense, devendo o seu nome ao facto de ser tocado por gente do povo que usava calças de tecido caseiro chamado «braga». Perfilha esta hipótese, aduzindo outros argumentos para a sua confirmação. A final fala ainda do Charamba (que considera uma canção de trabalho das ceifas), da Mourisca («uma das muitas danças continentais do tempo»), e outra canção da ceifa («que deve ascender aos tempos da colonização»).

- 3403 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Materiais para o estudo das Bellas Artes populares portuguesa*. OPRQSL, 1, Porto, 1880-1881, pp. 197-200.

Descrição de alguns instrumentos de música infantis: castanholas, pratos, ferrinhos, tambor, rabeca (feita de cana de milho), violas e berimbau.

- 3404 V., A. (Abel Viana) — *A dança no Alto Minho*. ADVC, Viana do Castelo, 1932, pp. 97-98, 1 fig.

Menção das danças mais em voga nesta região e dos instrumentos de música usados.

- 3405 S/A. — *Um punhado de notas sobre Viana*. AAM, IV, pp. 198-200.

Referências ao papel dos Gaiteiros e Zês-Pereiras minhotos nas procissões da região, e aos *encamisados* ou *penitentes* da procissão do Senhor dos Passos.

Ver Ref.^{as}: 3, 68, 143, 144, 196, 221, 231, 277, 288, 532, 1426, 1523, 1535, 1549, 1612, 2431, 3097, 3294.

3. DANÇAS POPULARES

- 3406 ABELHO, Azinhal — *Bailados Portugueses*. MCP, VI, 79, Lisboa, 1953, pp. 12-14, 6 figs.

Generalidades sobre danças portuguesas, com algumas quadras. O Minho, Miranda, o Douro, o Ribatejo e o Sul.

- 3407 ARMSTRONG, Lucile — *Dances of Portugal*. Londres, 1948; 2.^a Ed., 1950, 40 pp.

«A Autora que percorreu algumas regiões do país, para estudar as danças populares, consegue dar uma visão colorida da riqueza coreográfica nacional. A Autora descreve o ambiente, as danças e reproduz as músicas que as acompanham». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 3408 BESSA, Bento, MOURINHO, P.^e António, e SANTOS JÚNIOR, Dr. — *Coreografia popular trasmontana - O Pingacho*. DL, Oitava Série, I-II, Porto, 1957, pp. 5-24, 12 figs.

Letra e música do pingacho. Descrição coreográfica desta dança mirandesa. Considerações sobre a sua origem.

- 3409 BONITO, Rebelo — *As «Pelas» medievais no Porto e fora dele*. OT, 5.^a Série, x, Porto, 1954, pp. 71-73.

Notas acerca das «Pelas»; citação de vários escritos referentes a estas figurantes, que se incorporavam nas procissões, especialmente na de Corpus Christi. Transcrição da descrição das *peulas* galegas do Cancioneiro Musical da Galícia.

- 3410 BONITO, Rebelo — *O Galandum e os seus problemas — Considerações a propósito de uma dança popular trasmontana*. DL, Sexta Série, III-IV, Porto, 1954, pp. 3-25, 7 figs., 2 notações musicais.

Estudo sobre esta dança trasmontana. (Ver Ref.^a 3445). A notícia folclórica. Letra e música. Descrição das 5 figuras.

A questão musical. As duas frases melódicas. A questão coreográfica. Comparação com a gavota. Questão organológica: os instrumentos, suas origens e difusão. Questão poética. Etimologia. Origens. Difusão.

Conclusões: sua derivação coreográfica e musical da gavota, como dança de coluna, no estilo do século XIX, com elementos musicais arcaizantes do século XVII (e por isso a dança também pode ser do século XVII) oriunda ou popularizada a partir da Biscaia. Derivação de Galant-homme.

- 3411 CARVALHO, A. L. de — *As «danças» dos estudantes de Guimarães*. RAR, I, Lisboa, 1932-34, pp. 187-189.

Notas sobre a Irmandade de S. Nicolau dos Estudantes de Guimarães — que representava comédias e danças.

- 3412 CHAVES, Luís — *Pantomimas danças e bailados populares*. RL, XXXV, Lisboa, 1937, pp. 140-154; XXXVI, 1938, pp. 218-235.

Generalidades sobre a dança. Referências a algumas danças cerimoniais, que considera como vestígios de danças religiosas. Menção de algumas manifestações festivas da quadra natalícia, queima do Judas e Serração da Velha. O Corpus Christi em Coimbra (1517): a Judenga; a dança das espadas, dos oleiros; a dança do Rei David, dos alfaiates; a Mourisca. A procissão de Castelo Branco e Évora (1732) — Substituição do medievalismo destas figuras, pelos andores. Sobrevivências: A Santa Coca. As Pelas em Coimbra. Derivadas do Corpus Christi: O Rei David, de Braga; as Fogueiras de Coimbra; o Cortejo do Império do Espírito Santo. O Boi bento, o carro das ervas, S. Jorge e S. Cristóvão.

Dança das donzelas, a chacota (Beira Baixa); as fogaceiras de Alcobça e Tabuleiros de Tomar; oferentes e cumpridores de votos de pureza. Procissões.

Danças casamenteiras e eróticas. Pantominas funerárias: carpideiras, amortalhados minhotos, a Morte de 4.^a feira de Cinzas, a Morte do Entrudo e enterro do bacalhau. Danças guerreiras, danças carnavalescas, etc.

- 3413 CHAVES, Luís — *Danças religiosas*. RG, LI, Guimarães, 1941, pp. 372-387.

Estudo sobre o carácter ritual das danças religiosas.

- 3414 CHAVES, Luís — *Danças, bailados & mimicas guerreiras*. E, III, Lisboa, 1942, pp. 411-432.

Baseado em textos antigos e em especial nos Regimentos da Procissão do Corpus Christi, estuda algumas danças que considera de feição guerreira e ginástica, relacionando-as entre si e procurando interpretar alguns dos seus elementos mais marcados: «mouriscas», de Penafiel; «jogo do laço», de Almalaguez, Coimbra; «dança do rei David», Braga; «Jogo das trancas», Verdelhos, Covilhã e Sameiro, Manteigas; «danças dos paulitos», de terras bragançanas e de Miranda; Auto de Floripes, das Neves, Viana do Castelo; etc.

- 3415 CHAVES, Luís — *Danças e Bailados — Notas de coreografia popular portuguesa*. Lisboa, 1944, 28 pp.

Estudo de algumas danças cerimoniais e religiosas das quais se encontram menções históricas a partir do século XVI, e que, especialmente nas procissões do Corpus Christi, desempenhavam um papel relevante: a *judenga*, a *mourisca*, a *dança das espadas*, o *império*, as *pelas*, a *dança dos mitrados*, as *cavalladas*, (que filia nas justas e torneios medievais), etc.

- 3416 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, XXXIV, Lisboa, 1948, pp. 249-252.

Breves referências às danças dos pauliteiros de Miranda e à chula do Douro, (Barqueiros).

- 3417 CRUZ, Visconde de Porto — *Danças madeirenses*. AHM, I, Funchal, 1931, pp. 158-153.

Alusão ao velho traje regional e menção de algumas danças regionais com indicações sobre a sua formação, coreografia, instrumentos de acompanhamento, etc.

- 3418 C., C. da — *Folclore insular — «o ladrão do meio»*. RI, VII, Ponta Delgada, 1951, pp. 185-187.

Refere-se à dança de roda que leva este nome, dançada pelas crianças da escola, em S. Miguel. Letra do «Ladrão do Meio».

- 3419 DACIANO, Bertino — *A dança dos ferreiros e as festas de Penafiel (1949)* — *Relatório*. DL, Terceira Série, VIII, Porto, 1950, pp. 27-30.

Relatório acerca das danças dos ferreiros, das festas de Penafiel; sua comparação com as danças dos pauliteiros de Miranda, e outras congêneres, peninsulares.

- 3420 DRUMOND, Luís Ferreira Machado — *O Baile Popular Terceirense* — *Estudo do Folclore Regional*. BIHIT, 13, Angra do Heroísmo, 1955, pp. 118-195.

Estudo do baile popular terceirense. Origem das canções, influências a que estiveram sujeitas e evoluções próprias. Organização de um baile direito e descrição. Cantiga, e descrições coreográficas de modinhas do baile popular.

- 3421 D., L. — *Distrito Etnográfico. — Senhora dos Altos Céus — Dança das tesouras*. AR, II, 78, Castelo Branco, 1926.

Descrição da dança das tesouras e da dança das donzelas, específicas da festa da Senhora dos Altos Céus na Lousa (Beira Baixa). Letra e música de algumas cantigas.

- 3422 FARIA, Jorge de — *Fandangos e Minuetes (à margem do teatro de cordel)*. FL, II, Lisboa, 1930; pp. 212-215.

Pequena nota sobre danças setecentistas, mencionadas em peças de teatro de cordel.

- 3423 FÉLIX, Adelaide — *Danças portuguesas*. EBJP, 4, Lisboa, 1943, pp. 415-420.

Referências a velhas danças

- 3424 FERREIRA, Albino J. de Morais — *Dialecto mirandês*. Lisboa, 1898, 108 pp.

Estudo filológico do mirandês.

Insero um capítulo escrito em mirandês, em que trata da dança dos Paulitos. (com transcrições de Ferreira Deusdado que as filia nas danças pirricas), e fornece a letra de 31 «laços» dessas danças. E ainda algumas notas sobre a maneira de ser da mulher mirandesa, dos seus hábitos de vida, etc., e a descrição do traje regional — Mulher; saia de xerga pagueada, camisa de linho com colarinho, sem punhos e pregas nas mangas, colete de cotim apertado com cordão, lenço dobrado em triângulo com ramagens, e mantilha; Homem: calça de pardo na cor da lã ou tingido de preto, de alçapão, jaqueta e colete do mesmo tecido ou de saragoça, gorro cobrindo as orelhas, também em burel, e capa de honras.

- 3425 GUIMARÃES, Abade J. G. d'Oliveira — *Festas anuaes da Comarca de Guimarães*. RG, XX, Porto, 1903, pp. 160-183.

Notícias históricas sobre a festa do Corpo de Deus, em Guimarães, com a primeira menção referida ao ano de 1318. Figuras diversas obrigadas a incorporarem-se na procissão, especialmente nos séculos XVI e XVII: Rei David, danças mouriscas e judengas, dança da pela, dos instrumentos, das ciganas, dos azeiteiros, dos tendeiros, dos linheiros, das pescadeiras, e dos mercadores de panos de linho. Andores; ofícios obrigados à procissão; corridas de touros.

- 3426 LEÇA, Armando — *Danças e cantigas*. VAPP, Porto, 1940, pp. 187-196.

«O Autor refere-se às várias danças conhecidas no país, e aos instrumentos que as costumam acompanhar. Considera o Malhão, a Chula, as Vareiras, a Chula rabela, os Verdegaios, o Verdegar, etc. como as danças mais isentas de influências estranhas e mais tradicionais. Refere-se às orquestras populares: tocatas, esturdias, rusgas, festadas, etc. Depois fala dos corais seculares a três e quatro vozes de Terras de Miranda, de Riba Vouga e do Minho. Salienta a grandiosidade melódica dos coros alentejanos. Termina referindo-se às canções próprias de certas festas do ano, nas diferentes províncias do país. O trabalho é acompanhado de várias melodias populares, que servem para ilustrar o texto». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 3427 LEÇA, Armando — *Do cancioneiro músico estremenho*. EBJP, 11, Lisboa; 1946, pp. 109-111.

Considerações sobre dança.

- 3428 LOPES JÚNIOR, Frederico — *As Danças do Entrudo*. BIHIT, 11, Angra do Heroísmo; 1953, pp. 143-151.

Estudo e descrição de várias danças de carácter popular e cerimonial, nas ilhas e no continente. Seu carácter, história e afectação a determinados festejos.

- 3429 LOPES, Miranda — *Da Minha Terra*. RL, XXXI, Lisboa, 1933, pp. 138-163.

Subsídio para a etnografia de Trás-os-Montes — Danças, baile, e folguedos populares: A dança dos pauliteiros (tese pírrica); indicação de outras danças de roda. Ditados.

- 3430 MACHADO, Maria Clotilde Pinto — *Algumas notas sobre o traje e dança do Minho*. ACEELV, II, Porto, 1959, pp. 167-183.

Notas sobre o traje e danças da região de Viana.

- 3431 MATTOS, Lygia Maria da Camara Almeida — *Danças populares micaelenses*. RI, XI, Ponta Delgada, 1955, pp. 134-166.

Letra e música das diferentes danças populares micaelenses; notas coreográficas.

- 3432 MELLO, Pedro Homem de — *A poesia na dança e nos cantares do povo português (Alto Minho)*. Porto, 1941, 125 pp.

«Embora seja a obra dum poeta... contém algumas considerações sobre danças que são de bastante interesse. Homem de Mello inclui sete gotas recolhidas por Enes Pereira e outras sete tiradas do Cancioneiro de Gonçalo Sampaio». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 3433 MIRANDA, Abílio — *Folclore de Penafiel*. I — *A Mourisca*; II — *O baile dos ferreiros de Penafiel e a dos pauliteiros de Miranda*. DL, II, Porto, 1940, pp. 22-35.

«O Autor, depois de transcrever a parte do livro do Tombo das Festas do Corpo de Deus... (Penafiel, 1657) que fala da dança da mourisca, relaciona esta com o «baile dos turcos», que ainda conheceu em criança. Reproduz os diálogos em verso, que precediam e se seguiam à batalha, onde o rei turco matava o S. Jorge, que milagrosamente ressuscitava. Na segunda parte, transcreve também do mesmo tomo um trecho, onde se descreve a dança das espadas. O Autor relaciona essa dança com a dos pauliteiros de Miranda. O trabalho está ilustrado com algumas fotografias de bailantes». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 3434 MIRANDA, Abílio — *O baile das Regateiras nas festas de Corpus Christi*. Penafiel, 1942, 8 pp.

Breves notas sobre esta dança, e transcrição de quadras cantadas na altura da sua execução.

- 3435 MIRANDA, Abílio — *O baile dos sapateiros nas festas de Corpus Christi*. Penafiel, 1942, 8 pp.

Breves notas sobre esta dança, e transcrição das quadras cantadas na altura da sua execução.

- 3436 MIRANDA, Abílio — *O baile dos alfaiates nas festas de Corpus Christi*. Penafiel, 1942, p. 10.

Breves notas sobre esta dança e transcrição de quadras cantadas na altura da sua execução.

- 3437 MIRANDA, Abílio — *O baile dos Pretos nas festas do Corpus Christi*. Penafiel, 1942, p. 10.

Breves notas descritivas desta dança e transcrição de quadras cantadas na altura da sua execução.

- 3438 MOURINHO, P.^o António — *A dança dos paulitos*. RO, 53, Lisboa, 1957, pp. 153-164, 6 figs; BGAB, 23, 1959.

Estudo acerca da dança dos paulitos. Vê nesta um substrato romano e grego, com algo de ibérico, e fala da sua expressão guerreira, e da justaposição através dos séculos de temas de carácter religioso, amorístico, etc. Cita Luís de Hoyos Sainz que diz ter esta dança origem medieval, e admite ter ela vindo, quando do repovoamento, das terras de Leão, Galiza e Castela. A acentuar o seu carácter religioso, nota o papel destas danças nas cerimónias religiosas da região, e fala da sua participação nas procissões, em frente dos andores, etc.

- 3439 NEVES, P.^o Serafim Gonçalves das — *Azurara (Concelho de Vila do Conde). Algumas notas etnográficas*. DL, Segunda Série, IV, Porto, 1946, pp. 60-72.

Menção de danças de «pretos». Referências a procissões das cruces — figurações da morte, penitência e mártires do Japão, etc. Prognósticos amorosos — lançamento de cravos ao chão no dia dessa procissão (12 de Julho). Procissões para provocar a chuva.

- 3440 NUNES, M Dias — *Danças populares do Baixo Alentejo*. T, 1, Serpa, 1899, pp. 20-23.

As danças da região são principalmente danças de amor, e também danças religiosas. Danças religiosas: o Círio, o Espírito Santo, etc. em Aldeia Nova de S. Bento. Descrição de bailes «de roda» e «aos pares». O atractivo das quadras nos «balhos» alentejanos: alusões satíricas; ausência ou chegada dos derriços; etc.

- 3441 PIMENTEL, Alberto — *A dança em Portugal. (Collecção Silva Vieira)*, Espozende, 1892, 16 pp.

A dança em Portugal através dos tempos: menções históricas. A origem de certas danças (de sala).

- 3442 RIBEIRO, L. — *A Dança do Pau de Fitas*. BIHIT, 13, Angra do Heroísmo, 1955, pp. 295-296.

Descrição coreográfica desta dança. Sua difusão e origem provável.

- 3443 SANTOS JÚNIOR, J. R. dos — *Nota de coreografia popular trasmontana — A dança dos pretos (Moncorvo)*. TAE, VII, 1, Porto, 1935, pp. 33-48, 8 figs.

Descrição desta dança, cuja organização cabia à irmandade da Senhora do Rosário; realizava-se em Janeiro, véspera de Reis, e revestia-se de carácter litúrgico. A sua execução tinha lugar primeiramente no adro da igreja, após

a missa, a que eram obrigados a assistir os dançadores. Estes levavam as caras pintadas de preto e vestiam um traje especial, com guizos presos às calças pelo lado de dentro.

Letra e música que acompanhava a dança; descrição coreográfica.

- 3444 SANTOS JÚNIOR, J. R. dos — *Nota de coreografia popular trasmontana — A dança dos pretos (Carviçais)*. TAE, VIII, Porto, 1936, pp. 95-101.

Nota a semelhança desta dança com a dos pretos de Moncorvo, e aponta algumas diferenças que se manifestam sobretudo no traje (aqui os dançadores usam saias, como os pauliteiros). Letra e música que acompanha a dança.

- 3445 VALENTIM, Maestro Afonso, MOURINHO, P.º António, e SANTOS JÚNIOR, Doutor — *Coreografia popular trasmontana — O Galandum*. DL, Quinta Série, VII-VIII, Porto, 1953, pp. 3-18.

Estudo da dança mirandesa «o galandum»; origem provável: dança aristocrática dos séculos XVII e XVIII; indicação dos instrumentos de música que nela intervêm; descrição coreográfica; letra e música que acompanha a dança.

- 3446 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Estudos de Filologia Mirandesa*. I, Lisboa, 1900, 488 pp.

O Autor dividiu o estudo em 5 partes. Este volume respeita à primeira e segunda. Na primeira parte indica as razões que determinaram o estudo deste idioma; a bibliografia mirandesa; a área geográfica actual do mirandês; aduz provas de que o mirandês se falou outrora na cidade de Miranda, e porque e quando deixou de se falar; e uso e grau de vitalidade do mirandês. A segunda parte é consagrada à gramática mirandesa.

A p. 43-58 refere-se à dança dos paulitos e, em nota, critica a tese pírrica de Deusdado; e menciona 23 laços dessas danças.

- 3447 VIANA, Abel — *Alguns cantos e danças populares*. MCP, IX, 105, Lisboa, 1955, pp. 4-5.

Notas sobre algumas danças tradicionais. Transcrição de alguns textos musicais de modas coreográficas.

- 3448 VITERBO, Sousa — *Artes e Artistas em Portugal*. Lisboa, 1892, 312 pp.

O capítulo X é dedicado ao estudo da dança. O Autor tece algumas considerações acerca do sentimentalismo português e, referindo-se à dança no teatro, cita Gil Vicente, Sá de Miranda, etc., que lamentam a perda da alegria da sociedade portuguesa, e notam especificamente o nome de algumas danças:

Chacota, Folia e Baile de terreiro, dos autos vicentinos; *Çapateado, Terollero, Vilão e Mochachim*, presumíveis danças populares mencionadas no «Fidalgo Aprendiz» de D. Francisco Manuel de Mello. Danças cortesãs. A dança e as festas religiosas — danças processionais. Carácter profano e mitológico das

procissões. A procissão do Corpus Christi segundo o Regimento de Coimbra, datado de 1517; importância das danças nessa celebração: danças da Serpe, dos carpinteiros; dança de Espadas, dos oleiros; Imperador, Imperatriz e comitiva, dos alfaiates e tecedeiras; Mouriscas, dos sapateiros; Folias, da cidade; etc. Composição da mesma procissão, um século mais tarde, conforme o Regimento do Porto: a Mourisca, fornecida pela cidade; Folias de Gaia e Gondomar; dança das Ciganas, dos carpinteiros; Chacota, dos tanoeiros; dança de Sátiros e Ninfas, dos sapateiros; dança das Espadas, dos ferreiros; dança «bem trajada, em forma de bugios», dos pedreiros; dança da Retorta, dos alfaiates; dança dos Instrumentos, dos merceiros e tendeiros; etc. Outros exemplos de participação de danças em funções cerimoniais, nomeadamente nas celebrações da canonização de Santo Inácio de Loiola e S. Francisco Xavier, organizadas com todo o esplendor pelos jesuítas. Apreciações sobre as nossas danças feitas por viajantes estrangeiros: Beckford e Oswald Crawford. Evocação do desfile dos bandos de aldeãos através da cidade do Porto a caminho da romaria do Senhor da Pedra, cantando e dançando.

3449 VITERBO, Sousa — *O Sandeu da Retorta*. T, II, Serpa, 1900, pp. 17-21.

«Capítulo para a história da dança» de Garcia de Resende — Évora, 1490.

3450 S/A. — *A «chula Rabela» de Barqueiros*. VRTDC, 4, 1938, p. 11.

Breve nota sobre a chula rabela do Douro.

3451 S/A. — *Uma nóvula etnográfica*. DL, Terceira Série, VI, Porto, 1949, p. 32.

Notícia da morte de um «bailador», acabada a festa do Corpo de Deus (Paços de Sousa).

Ver Ref.^{as}: 3, 4, 100, 107, 111, 144, 161, 196, 208, 218, 223, 225, 226, 228, 230, 256, 277, 304, 358, 442, 559, 743, 963, 1426, 1441, 1527, 1546, 1549, 1595, 1619, 1656, 1763, 1764, 1938, 1954, 2003, 2509, 2582, 3294, 3297, 3320, 3382, 3401, 3402.

XIII — Teatro popular

- 3452 ABELHO, Azinhal — *Roteiro lírico do Alentejo — Teatro rural*. MCP, v, 54, Lisboa, 1950, pp. 17-19.

Auto da criação do mundo representado por bonecreiros.

- 3453 ANSELMO, António J. — *Costumes religiosos populares — Os antigos «autos» e «procissões»*. ATP, 2, Lisboa, 1916, pp. 152-154.

Referência interessante mas breve às figuras de simbolismo pagão dos antigos autos medievais, dentro das igrejas, com cantos, danças hieráticas e profanas, e até burlescas e licenciosas, e das procissões: «dragões» e «serpes», «danças», «folias», «galhofas» e «chacotas», e actuais vestígios. Indicação de diplomas religiosos que foram proibindo essas práticas, em nome da majestade do rito. Menção do que resta de certas figuras, e da substituição das antigas pelos símbolos abstractos do dogma — a Fé, Esperança e Caridade, etc., produtos da erudição fradesca, feita a partir do século XVIII, para satisfazer o desejo do povo.

- 3454 ARAÚJO, José Rosa de — *Um auto popular desconhecido*. MCP, x, 113, Lisboa, 1955, pp. 10-11.

Notícia acerca de certas formas de teatro popular no Alto Minho: seis «comédias» — Auto de Floripes ou os Doze Pares de França; auto do Nascimento ou dos Reis Magos (Anha); auto dos Turcos (S. João da Ribeira — Ponte do Lima — e Crasto); auto de S. João (Tregosa — Barcelos), e de Santo António (Tregosa também?); e Comédias (Perre).

- 3455 BASTO, Cláudio — *Teatro popular — A batalha entre turcos e cristãos na Ribeira, Ponte do Lima*. L, I, Viana do Castelo, 1917-18, pp. 119-124; II, 1918-19, p. 45.

Transcrição do manuscrito «Turcos de Crasto».

- 3456 BASTO, Cláudio — *O teatro dos «Grupos de Boas-Festas» do Porto*. RL, xxx, Lisboa, 1932, pp. 199-250.

Nomes dos grupos, análise da formação desses nomes e indicação das actividades e características de cada um deles.

- 3457 BASTO, Cláudio — *O Auto de Floripes*. FL, vi, Lisboa, 1934, pp. 178-183.
 Considerações sobre a representação deste auto na freguesia das Neves (Viana do Castelo).
- 3458 BASTO, Cláudio — *Auto de Floripes*. Po, x, Porto, 1937, pp. 96-101.
 Notas e comentários acerca deste auto, que costuma ser representado na freguesia das Neves (Viana do Castelo), cujo tema são as lutas entre cristãos e infieis.
- 3459 BASTO, Cláudio — *Auto de Floripes*. VRTDC, 4, 1938.
 História e acção deste Auto.
- 3460 BETENCOURT, Humberto de — *O «Vilão» no teatro popular de S. Miguel*. RI, I, Ponta Delgada, 1944-45, pp. 31-60.
 Pequeno estudo sobre a origem e carácter deste personagem do teatro popular.
- 3461 BETENCOURT, Humberto de — *O «Vilão» do Teatro Popular de S. Miguel. Arremedo ajustado às suas formas e estilo mais tradicionais*. RI, III, Ponta Delgada, 1947, pp. 223-269.
 Transcrição dum arremedo. Considerações acerca das figuras, da estilística do «Vilão», do argumento, etc.
- 3462 BONITO, Rebelo — *Auto do Nascimento de Cristo*. EEFHRA, Rio de Janeiro, 1960, pp. 473-517.
 Transcrição de um Auto do Nascimento de Cristo. Comentários sobre o mesmo.
- 3463 BRAGA, Alberto Vieira — *Curiosidades de Guimarães — Teatro vimaranense*. RG, XLVI, Guimarães, 1936, pp. 231-252; XLVII, 1937, pp. 30-74.
 Notícias de representações nos sobrados públicos, e de bailes e representações em casas fidalgas. Dramaturgos e comediógrafos. Casas de espectáculos. Grupos cénicos e associações recreativas.
- 3464 BRAGA, Theophilo — *O Conde de Luz-Bella*. RL, 1, Porto, 1887, pp. 120-30.
 Formas populares do teatro português. O elemento tradicional, inconsciente e popular, na formação do teatro literário. Lendas árabes e outras, na base do Auto da Feira e das barcas. As «Mouriscadas». O Auto do Conde de Luz-Bella na versão da ilha de S. Miguel, Açores.

- 3465 BRAGA, Theophilo — *História da Literatura Portuguesa — Gil Vicente e as origens do teatro nacional*. Porto, 1898, 544 pp.

Estudo sobre as origens do teatro português e, sobretudo, da obra de Gil Vicente que, servindo-se de elementos tradicionais e populares, imprimiu-lhes o cunho de individualidade consciente. Análise das formas dramáticas deste Autor: 1) Teatro hierático — «Mistérios», compreendendo os ciclos da *Encarnação* e da *Paixão*, correspondentes ao Natal e Páscoa; «Milagres», compreendendo o ciclo dos *Milagres de Nossa Senhora*, e lendas hagiológicas; e «Moralidades», que, pelo sincretismo de elementos anteriores, conduziu à *Farsa* que visa a crítica social; 2) Teatro aristocrático — Tragicomédias de temas cavaleirescos; e 3) Teatro Popular — Tipos característicos e populares: «O *Ratinho* (que corresponde ao Zé actual), o Fidalgo pobre, o Médico pedante, o Frade devasso, o Judeu zombando de todos, o Juiz estúpido, a Alcoviteira, o Galante namorado». A crítica social nos autos vicentinos: «Quem tem farelos» e «Almocreves», retratando o tipo de fidalgo pobre que «jejuava em casa para brilhar na rua»; o «Velho da Horta», que desenha o tipo popular da alcoviteira; o «Auto das Fadas» que põe a descoberto as superstições e, a credulidade populares; a farsa «Inês Pereira», em que «pinta admiravelmente os costumes domésticos e a sensualidade clerical»; o «Triunfo do Inverno», em que, segundo o Autor, participam vários elementos míticos dos solstícios do Verão e do Inverno; etc.

- 3466 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, 31, Lisboa, 1947, pp. 38-41; 45, 1955, pp. 145-149.

Notas sobre o «Vilão» do teatro popular de S. Miguel; «embaixadas»; loas. Teatro popular — forma profana: Tragédia do Marquês de Mantua.

- 3467 CHAVES, Luís — *Teatro popular — Um auto Carolíngio em Terras de Viana*. AAM, III, pp. 29-36.

Observações acerca do modo como o povo interpreta o Auto de Floripes.

- 3468 COSTA, Sousa — *Auto do Natal*. ATP, 2, Lisboa, 1916, pp. 97-101.

Descrição pitoresca e detalhada da representação dum Auto de Natal — *o ramo de fora*, ao ar livre, em 5 actos: a Criação e a Tentação, Abel e Caim, a morte de Caim, a vida pastoril (o bem) envenenado pelo diabo (o mal), e o Filho pródigo; e *o ramo de dentro*, na igreja, à noite, depois da missa do galo, com música de gaita de foles, ferrinhos, castanholas e pandeiros, no coro, desde a anunciação até ao nascimento de Cristo, com os Reis Magos, Herodes, etc. — na aldeia de Vila do Conde de Trás-os-Montes (Chaves).

- 3469 DIAS, Jaime Lopes — *Etnografia da Beira — Teatro popular — A descoberta da Moura*. RO, 42, Lisboa, 1952, pp. 193-200.

Descrição duma representação teatral: palco, cenários, cortejo e representação.

- 3470 DIEGUES JÚNIOR, Manuel — *Portugal no Folclore do Nordeste*. TAE, XVII, 1-4, Porto, 1959, pp. 475-484.

A influência de Portugal no folclore do Nordeste do Brasil: «Cheganças», «Fandangos», «Pastoris» — temas de origem portuguesa transculturados.

- 3471 FARIA, Bernardino — *Espectáculos, Scenas e bailes publicos*. APV, III, 1914.

Representações públicas que tiveram lugar no Largo das Dores, nas festividades do Sacramento, Senhora das Dores e Natal: Cena do Alcorão (1850-1851) — Texto (excerptos). Descimento da Cruz (ao vivo). Baile dos Malteses (1857). Plano — personagens, cenas (texto). Baile do Natal (cena e texto).

- 3472 FELGUEIRAS, Guilherme — *Teatro*. APP, II, pp. 279-324, 23 figs.

Procura, através da história, e sobretudo a partir do século XV, determinar as origens do teatro português. Refere a importância neste campo dos bobos e truões e das prerrogativas e privilégios que os monarcas lhes concediam. Transcreve textos das constituições episcopais que a partir de 1500 interditavam nas igrejas e capelas representações, entremezes, danças, folias, etc. Fala da reabilitação do «Auto» por Gil Vicente que o introduziu no gosto palaciano, e da pujança e invulnerabilidade destes até Dom Sebastião, e da sua anatematização pela Inquisição. Estuda os primeiros passos do profissionalismo teatral — os «pátios abertos», antecessores dos «pátios das comédias» alfacinhas (século XVI), teatro do Bairro Alto (século XVIII), etc. Foca o declínio da escola vicentina e o ressurgimento garrettiano (século XIX). Festividades do «Corpo de Deus» que após a instituição por D. João I da «Casa dos Vinte e Quatro» passou a incorporar todos os seus mestris dos vários ofícios, com suas danças e representações alegóricas. Persistência de vestígios dessas figurações mímicas, folias, mascarados, etc. chegadas aos nossos dias: Farândulos, Chocalheiros e Caretos, Trás-os-Montes; dança do Rei David, Braga; dança dos Pretos, Carviçais; Mourisca, Penafiel; Fogaceiras, Vila da Feira; Tabuleiros, Tomar; etc. Autos representados em terras mirandesas, do Mogadouro e Vimioso. Reiseiros da Maia. Auto de Floripes, Viana do Castelo. Etc.

Refere-se ainda ao teatro popular nas ilhas e a múltiplas manifestações etnográficas: círios, Folias do Espírito Santo, Janeiras, Reis, Robertos, etc.

- 3473 FERREIRA, Padre Ernesto — *O «Vilão» das representações populares da ilha de Sam Miguel*. RAç, I, Angra do Heroísmo, 1937, pp. 228-237.

Origem presumivelmente minhota das representações ao ar livre na ilha de S. Miguel.

O «Vilão», a peça «mais característica e mais engraçada». A sátira. Os personagens. A farsa dos «Almocreves» vicentina. Carácter do vilão micaelense: a independência do povo. Origem vicentina do vilão micaelense.

- 3474 FERREIRA, Padre Ernesto — *Reminiscências do teatro vicentino nos Açores*. RAç, II, Angra do Heroísmo, 1940, pp. 152-159.

Estudo sobre o «Vilão» micaelense, que considera de origem vicentina, como personagem crítico e mordaz. Os continuadores de Gil Vicente — António Prestes. A versão açoriana do romance Dom Duardos, também de origem vicentina.

- 3475 GUIMARÃES, Feliciano — *Mistura de espécies*. JOM, 324, 1957, pp. 674-679; 325, pp. 720-725.

Descrição de um entremez, representado no lugar do Crato (Ponte do Lima) por ocasião da romaria do Senhor da Cruz da Pedra. Referências a moirismas espanholas, às mouriscas de Penafiel, ao Auto de Floripes (Neves), etc. Hipótese da filiação destes entremezes nas folganças populares por ocasião do fim das lutas com os sarracenos.

- 3476 MARTHA, Cardoso — *Os «Autos Pastoris» da minha terra*. ALP, IV, Lisboa, 1934-36, pp. 150-171, 3 figs.

Considerações sobre a origem destes autos. Descrição da sua encenação; comentários aos seus textos, dos quais transcreve alguns períodos.

- 3477 MARTINS, Mário — *Representações teatrais em Lisboa no ano de 1451*. BRCC, LXXI, Lisboa, 1960, pp. 422-230.

Descrição duma representação teatral em Lisboa, no ano de 1451. Considerações acerca da origem e difusão na Península do teatro litúrgico, durante a Idade Média.

- 3478 MOURINHO, P.^o António — *Oberamergau em Portugal*. MCP, I, 12, Lisboa, 1947, pp. 13 e 16; 13, 1957, pp. 15-17; 14, pp. 9-10.

O Mistério da Paixão em Terras de Miranda e outros autos representados aí.

- 3479 MOURINHO, P.^o António — *Natal em terras de Miranda — A «Embaixada»*. MCP, II, 16, Lisboa, 1947, pp. 9 e 16; 17, pp. 8-9.

As pastoradas e autos de Natal nas terras de Miranda. Texto da «Embaixada».

- 3480 MOURINHO, P.^o António — *O mistério da Paixão de Oberamergau*. MCP, V, 57, Lisboa, 1951, pp. 12-13, 16 figs.

O «Auto da Paixão» de Duas Igrejas e outras representações da Paixão.

- 3481 MOURINHO, P.^o António — *Teatro para o povo (nem tudo se perdeu)*. MCP, VI, 71, Lisboa, 1952, pp. 12-13 e 15, 8 figs.

O velho teatro de fundo religioso. Palavras de Pio XII acerca do teatro. Elementos para a renovação do teatro nacional português.

- 3482 MOURINHO, P.^e António — «Hossanápio». RO, 51, Lisboa, 1956, pp. 65-73.
Análise desta expressão popular trasmontana, que considera como o remate corrupto da 1.^a estrope do hino «Glória a Deus» da liturgia do Domingo de Ramos, e da representação popular do «Auto da Ressurreição». Desvirtuamentos e corruptelas de certas interpretações populares.
- 3483 MOURINHO, P.^e António — *Teatro rural em Trás-os-Montes*. RO, 51, Lisboa, 1956, pp. 181-191. E também BGAB, 24, 1959.
A representação de autos bíblicos, místicos, cavaleirescos, religiosos e jocosos em toda a sua traça antiga. Manifestações peculiares da vida e costumes do povo, através da sua representação (linguagem, música, trajes, etc.).
- 3484 MOURINHO, P.^e António — «*Esterlóquios*». BGAB, 17, 1958.
Considerações sobre esta forma teatral.
- 3485 NEVES, L. Quintas — *O teatro popular na exposição colonial dos portugueses*. AAM, VII, Viana do Castelo, 1957, pp. 132-139.
Referências ao teatro popular e menção de dois exemplos de transplantação das nossas danças e do nosso teatro popular para a ilha de S. Tomé e Santafé (Rio Grande do Sul).
- 3486 P., F. — *Os Reiseiros*. OT, II, 71, Porto, 1910, pp. 557-558.
Referências à representação do Auto do Menino Deus, por um grupo de «reiseiros».
- 3487 PORTELA, Severo — *Reiseiros da Maia*. ATP, 2, Lisboa, 1916, pp. 164-166.
Nota breve e de carácter literário acerca do género teatral dos reiseiros maiatos, que filia, não no entremez, farsa ou mistério freiráticos, mas na tradição da tragédia ou comédia clássicas, mirandianas, de carácter religioso e por vezes profano, mencionando alguns dos temas, peças e personagens mais correntes.
- 3488 RIBEIRO, Luís da Silva — *Algumas palavras sobre o Vilão do teatro popular da ilha de S. Miguel*. RAÇ, III, Angra do Heroísmo, 1945, pp. 305-331.
Análise da representação popular micaelense. Hipótese da criação original do «Vilão» nas ilhas. Recusa da sua filiação vicentina.
- 3489 RITA, Augusto de Santa — *Teatro de fantoches*. MCP, VI, 70, Lisboa, 1952, pp. 12-13.
Notas históricas e descritivas sobre o teatro de fantoches.

- 3490 SANTOS, Domingos Monteiro de Oliveira — *Campanhã. As Janeiras*. OT, 5.^a Série, IV, Porto, 1949, pp. 207-208.

Referências a representações teatrais de carácter popular no Porto (prisão e transporte em carro de bois para o aljube de dois intérpretes Adão e Eva, que representavam estes papéis completamente nus). Alusão aos ranchos que andavam a cantar as Janeiras.

- 3491 SILVEIRA, Pedro da — *Colóquio em honra do Menino Jesus*. RI, IX, Ponta Delgada, 1953, pp. 222-292.

O teatro religioso popular, na ilha das Flores. Auto popular, contando os trabalhos que passou a Virgem e S. José na ida para Belém.

- 3492 TAVARES, José — *Literatura Regional (Concelho de Oliveira de Azemeis). O Entremez*. ADA, I, Aveiro, 1935, pp. 29-36.

Descrição dum entremez.

- 3493 TEIXEIRA, Maria do Bom Sucesso Franco Wallenstein — *O teatro popular em S. Miguel — Seus temas e formas*. RI, XI, Ponta Delgada, 1955, pp. 169-211 e 295-337; XII, 1956, pp. 44-101 e 247-305.

Estudo do teatro popular micaelense e dos seus temas e formas. Transcrição de alguns textos de peças.

- 3494 TRINDADE, Cachulo da — *O enterro do bacalhau*. MCP, VII, 82, Lisboa, 1953, pp. 14-16.

As «contradanças» da Beira litoral: «grupos devidamente ensaiados, acompanhados de charanga, com peças musicais menos apropriadas, que saem à rua... para gozar à sua vontade a festividade de certos dias do ano...» O enterro do bacalhau, de domingo de Páscoa, comemorando o fim da Quaresma, em Montemor-o-Velho e Soure. Texto completo: O tribunal, o juiz, o oficial, o bacalhau, Zé Borrego, advogado, leitão, delegado, galo, pescada, enguia, Páscoa, Quaresma, carrasco. O bacalhau é condenado à forca, com grande pranto da Quaresma sua viúva.

- 3495 S/A. — *Teatro Popular*. L, IV, Viana do Castelo, 1921-22, pp. 40-41 e 104-107.

Transcrição do auto dos Reis Magos

Ver Ref.^{as}: 4, 105, 147, 200, 228, 229, 252, 269, 285, 442, 559, 635, 1506, 1623, 1808, 2509.

XIV — Diversões

1. JOGOS, COMPETIÇÕES E BRINQUEDOS

- 3496 ALOY, P.^o Pedro — *Recreios collegiaes*. Lisboa, 1882.
«Colecção de jogos para uso dos alunos internos do colégio de Campolide, de Lisboa. Alguns jogos são antigos e populares em Portugal, outros não. A p. 63 seq. publica-se uma colecção de 90 provérbios, a propósito de um jogo». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).
- 3497 ALVES, Lúcia Ferreira — *Jogo usado na escola do sexo feminino de Paços (Paços de Ferreira)*. DL, IX, Porto, 1944, p. 66.
Jogo da «A babona» (anel).
- 3498 AMORIM, Maria Manuela Duarte — *Jogos (Jogos e brinquedos tradicionais)*. DL, Segunda Série, VII, Porto, 1947, pp. 41-42.
Descrição do jogo infantil do «gato e o rato» (Arrifana, Feira).
- 3499 BARROS, Tomás Augusto de — *Jogos e brinquedos tradicionais*. DL, Segunda Série, VII, Porto, 1947, pp. 40-41.
Descrição de 4 jogos infantis: o pião, o botão, a barra, e o alerta. (Beira, Paredes).
- 3500 BRAGA, Theophilo — *Ethnologia Portuguesa — Os jogos populares e infantis*. ENRMC, Lisboa, 1880-1881, pp. 343-367.
Estudo comparativo de alguns jogos populares infantis.
- 3501 BRANDÃO, Abílio — *Folk-lore — Jogos populares e infantis*. NAI, 2, Vila Nova de Famalicão, 1892, pp. 135, 141, 159 e 200-201.
Descrição de alguns jogos populares infantis (Vila Nova de Famalicão).

- 3502 CARDOSO, Hermínia da Conceição Pinto — *Jogos usados no posto escolar da freguesia de Sequeirô, concelho de Santo Tirso*. DL, VIII, Porto, 1943, p. 73.
 Jogo dos quatro cantinhos (Outono); Maria-Fia (na Primavera); Corda queimada (no Inverno).
- 3503 CARVALHO, Alberto Pereira de — *Jogo usado na escola do sexo masculino da freguesia de Santa Marinha do Zêzere (Baião)*. DL, IX, Porto, 1944, pp. 62-63.
 Descrição do jogo «O esconde esconde».
- 3504 CARVALHO, José Alves de Oliveira — *Jogos e brinquedos tradicionais — A «Bilharda» (jogo de inverno) Silvalde — Espinho*. DL, Quinta Série, III-IV, Porto, 1953, p. 155.
 Descrição do jogo da bilharda.
- 3505 CASTRO, Irene de Novais — *Jogos usados na escola do sexo feminino do lugar de Lamosa, freguesia de Labruge, concelho de Vila do Conde*. DL, VIII, Porto, 1943, pp. 68-70.
 Jogos de roda: Canção da Ilda, dos pretos, das Floreiras (com letra). Menção de: As cinco pedrinhas, o anelzinho, a cabra-cega e a macaca.
- 3506 CEPEDA, Elisa Vilares — *Costumes doutros tempos — O jogo da Pela*. MCP, X, 109, Lisboa, 1955, p. 5.
 Nota sobre o jogo da pela.
- 3507 COELHO, F. Adolpho — *Os jogos e as rimas infantis de Portugal — Coleção e estudo para servirem à história da transmissão das tradições populares*. BSGL, 4.^a Série, Lisboa, 1883, pp. 567-595.
 Bibliografia dos jogos infantis. Estudo comparativo.
- 3508 CORREIA, Vergílio — *O jogo da bola*. AP, XX, Lisboa, 1915, p. 208.
 Referência a um azulejo que reproduz o jogo da bola. O uso do jogo da bola, com nove paulitos, nas províncias de Trás-os-Montes, Beira e Estremadura. Segundo o Autor, este divertimento popular foi e é usado nas aldeias de toda a Europa, especialmente nos países germânicos. Trata-se de um jogo antigo, que tem entrado em histórias, lendas e romances.
- 3509 C., V. — *Brinquedos de louça de Estremoz*. ATP, 1, Lisboa, 1916, p. 80.
 Nota muito breve sobre um certo tipo de brinquedos de loiça, reproduzindo decorações antigas, que o Autor viu na feira de S. Tiago, em Estremoz.

- 3510 COSTA, José Francisco da — *Pedras das forças*. DL, IV, Porto, 1941, p. 59, 1 fig.
2 pedras para experimentar forças de homens e mulheres, em Lousada (Famalicão).
- 3511 COSTA, Júlia Augusta da — *Jogos*. DL, Segunda Série, II, Porto, 1944, pp. 48-53.
Indicação de alguns jogos, da Primavera, Verão e Inverno (Penha Longa, Marco de Canaveses).
- 3512 COSTA, Maria Ferreira da — *Jogos (Jogos e brinquedos tradicionais)*. DL, Segunda Série, VII, Porto, 1947, pp. 44-47.
Descrição de quatro jogos infantis (Sanguedo, Feira).
- 3513 CRUZ, António — *Lembranças dos verdes anos*. DL, VIII, Porto, 1943, pp. 64-66, 2 figs.
Jogos infantis em Bougado (Trofa): a choca, o esconde-esconde, a patela. Armadilhas (mata-moscas) e bestas. Caniços para melros (no fim do ano); nassas, pelas vessadas de Março; carantonhas para assustar quem ia às esfolhadas, pelo S. Miguel.
- 3514 DIAS, Maria da Conceição — *Jogos infantis alentejanos (colhidos da tradição popular)*. SCP, Lisboa, 1909, pp. 283-308.
Descrição de 18 jogos infantis, classificados em quatro grupos: 1) jogos sem restrição de época e em que as crianças figuram de animais ou coisas inanimadas; 2) jogos próprios dos solstícios e equinócios; 3) jogos em que se escondem objectos, ou mesmo os próprios; e 4) jogos de prendas (apenas femininos).
- 3515 FELIZ, Joaquim Mendes — *Jogos da Pêla*. RL, XXVII, Lisboa, 1929, pp. 303-306.
Descrição do jogo da pêla no Alcaide (aldeia na encosta norte da serra da Gardunha).
- 3516 FERMIN, Luis Diogo Cuscoy e — *Contactos del folklore canario con el gallego-portugués*. DL, Terceira Série, IV, Porto, 1949, pp. 3-19.
Notas comparativas entre algumas lengalengas e jogos infantis, de Portugal e Canárias.
- 3517 FERNANDEZ, Xaquín Lourenzo — *O Varapau*. OCP, 10-3-1958.
O Autor cita Eça de Queiroz que fala no jogo do pau, e refere o seu uso em alguns pontos da Galiza. Descreve as principais características e serventia do

varapau — flexibilidade e leveza, apoio de caminhantes, pastores, etc., e ainda arma de luta —. É precisamente este aspecto que o Autor salienta, descrevendo os preliminares do desafio e diferentes fases do jogo ou luta, posição dos jogadores, etc. O jogo do pau serve fins ora desportivos, ora de agressão. Relato vivo de uma luta entre dois portugueses que, «costas com costas», conseguiram pôr em debandada um grande número de feirantes, em Porqueiró (Galiza); de lutas contra lobos; etc. Qualidades essenciais ao bom jogador: agilidade, boa vista, reflexos rápidos, resistência física e serenidade e domínio de nervos. Notando o pouco uso do jogo do pau na Galiza conclui por uma origem portuguesa, introduzido via Vale do Lima.

- 3518 FRÁGUAS, António Fráguas — *El «garotiño»*. RG, LVI, Guimarães, 1946, pp. 309-314.

Considerações acerca deste termo e acepções que esta palavra tem em Pontevedra. Quadras populares que assinalam o picaresco do nome. Descrição do jogo denominado «garotiño» (jogo de roda também conhecido e usado no Minho).

- 3519 GONÇALVES, Flávio — *Um livro curioso sobre jogos de prendas*. DL, Terceira Série, IV, Porto, 1949, pp. 25-30.

Alusão a algumas fontes escritas que contêm notícias de carácter etnográfico. Considerações sobre o livro «Passatempo honesto» (1830) que contém a descrição das características especiais dos jogos de prendas, um enunciado de regras e cumprir nesses jogos, e a descrição de 48 jogos.

- 3520 GONÇALVES, Júlia da Conceição Pereira Pacheco — *Jogos usados na Escola feminina de Santiago de Bougado (Santo Tirso)*. DL, VIII, Porto, 1943, pp. 71-72.

Jogo das pedras (Verão). Jogo da corda (Inverno). Jogo das fitas.

- 3521 GUIMARÃES, Maria do Rosário — *Descrição do jogo das pedrinhas*. DL, Segunda Série, III, Porto, 1945.

Descrição das nove jogadas do jogo das pedrinhas (Moreira da Maia).

- 3522 LEÃO, Armando — *Brinquedos — Freguesia de Oliveira (Póvoa de Lanhoso)*. DL, VIII, Porto, 1943, pp. 50-51, 13 figs.

Indicação de 13 brinquedos infantis.

- 3523 LEÃO, Armando — *Folclore de Santa Leocádia — Jogos infantis*. IMPV, Porto, 1945, pp. 187-189.

«O Autor descreve alguns jogos infantis de Baião, como o «jogo da porca», o «róu-róu», o «jogo do Senhor Abade», e o «jogo do bugalho». O último não é exclusivamente infantil, pois diz o Autor que é jogado por homens de todas as idades». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 3524 LEITE, Ana de Magalhães — *Jogos*. DL, Segunda Série, II, Porto, 1944, p. 45.
Descrição do jogo do anel (Navais, Póvoa de Varzim).
- 3525 LIMA, Augusto César Pires de — *Jogos e canções infantis*. Porto, 1943, 167 pp.
Descrição de vários jogos e brinquedos infantis. Letra e música de algumas canções.
- 3526 LIMA, Augusto César Pires de — *O Jogo da Choca*. DL, VIII, Porto, 1943, pp. 5-11.
Menções históricas dos velhos jogos portugueses, antepassados de vários desportos actuais. A «pela», as «judas». A «choca» em Portugal. Nomes diversos e descrição.
- 3527 LIMA, Augusto César Pires de — *Jogos e brinquedos*. DL, VIII, Porto, 1943, p. 67.
Menção do inquérito sobre jogos e brinquedos a que procedeu o núcleo organizador do Museu de Etnografia e História do Douro Litoral.
- 3528 LIMA, Augusto César Pires de — *O valor dos brinquedos*. IMPV, Porto, 1945, pp. 203-208.
«O Autor depois de mostrar a importância pedagógica do estudo dos brinquedos tradicionais, que podiam servir para educação da infância actual, faz a descrição de numerosos brinquedos. Relaciona a predominância de certos motivos com determinadas regiões, de que tira conclusões interessantes. Os brinquedos infantis reflectem o mundo onde se criam as crianças, que desde pequenas se habituam a observar a vida que as cerca e na qual terão de actuar amanhã, como adultos». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 3529 LIMA, Augusto César Pires de — *Jogos*. DL, Segunda Série, V, Porto, 1946, pp. 69-70.
Transcrição duma carta do Conde de Sabugosa, sugerindo o estudo comparativo dos actuais e antigos jogos, segundo as menções de velhos escritores.
- 3530 LIMA, Augusto César Pires de — *Notas etnográficas e filológicas à margem dos livros*. E, III, Lisboa, 1948.
Notas filológicas sobre «brinquinhos de sangria», águas, almofada ou almofaça e coprar. Descrição do jogo da panela, e do «busca três».
- 3531 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Crónica de Aldeia — Jogos infantis*. MCP, VII, 76, Lisboa, 1952, pp. 8 e 10.
Considerações genéricas sobre jogos infantis.

- 3532 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Brinquedos*. APP, 3 pp. 257-292, 18 figs.
O Autor fala da importância dos brinquedos na evolução de costumes e até da própria história, e procura definir o que se entende por brinquedo, fazendo largas citações de autores que a este assunto se referiram. Transcreve descrições de brinquedos — bonecas, piões, estrelas, brinquedos musicais e brinquedos de guerra — de vários autores, e de instrumentos musicais infantis (de Leite de Vasconcelos).
- 3533 MACHADO, Isaías Augusto Pereira — *O Zé-Pato*. DL, Segunda Série, III, Porto, 1945, pp. 78-79.
Descrição deste jogo infantil (Balazar, Póvoa de Varzim).
- 3534 MADAHIL, A. G. da Rocha — *Um Arcebispo que jogava o pião*. RL, XXVI, Lisboa, 1927, pp. 172-183.
Notícia sobre o livro escrito por um bastardo de D. José, Arcebispo de Braga, sobre os jogos do pião, talo e conca (1742).
- 3535 MAIA, Celestino — *Chincalhão (Jogo de Cartas)*. DL, Oitava Série, VII-VIII, Porto, 1958, pp. 611-618.
Descrição deste jogo.
- 3536 MARTINS, Guilhermina da Cunha — *Jogos*. DL, Segunda Série, II, Porto, 1944, pp. 46-47.
Descrição do jogo da nabiça (rapazes) e do jogo dos casamentos (raparigas) (Jovim, Gondomar).
- 3537 MATTOS, Armando de — *O Jogo das Escondidas*. DL, VIII, Porto, 1943, pp. 38-40.
Estudo do jogo das escondidas; suas modalidades e nomes diversos nas várias regiões em Portugal, e significado de algumas das suas formas, como sobrevivências de práticas de outrora: «prender», a imunidade da «malha», o «tocar ferros» para se livrar (ficar «inocente»), etc.
- 3538 MONTEIRO, Filomena da Conceição — *Jogos usados na escola feminina de Rossamonde, freguesia de Valbom*. DL, IX, Porto, 1941, pp. 64-65.
Jogo do gato e do rato; jogo do bom-barqueiro.
- 3539 NEVES, Guilherme Santos — *O folguedo infantil do Sarapico*. DL, Quinta Série, V-VI, Porto, 1953, pp. 144-153.
Versões e estudo da parlenda e jogo do pico-pico-serapico, em Portugal, Galiza e Brasil.

- 3540 NUNES, J. J. — *Jogos infantis*. P, 1, Porto, 1903, pp. 853-858.
 Descrição de vários jogos infantis.
- 3541 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *O jogo da pela na Póvoa da Atalaia*. TAE, XIII, 3-4, Porto, 1952, pp. 249-264, 3 figs.
 Comparação do jogo beirão da Pela com o jogo de igual nome da Póvoa de Varzim. Considerações sobre o carácter de periodicidade desses e de outros jogos em Portugal e mais países.
- 3542 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *O «Jeu de Toupiole» em Portugal*. TAE, XV, 1-2, Porto, 1954, pp. 110-115.
 O jogo do pucarinho. O jogo da «pela» feminino. Citação e análise da referência de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos aos dois jogos.
- 3543 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *Alguns jogos populares poveiros*. DL, Sétima Série, 1-II, Porto, 1956, pp. 63-67.
 Descrição de três jogos infantis poveiros.
- 3544 PEIXOTO, Mário Teixeira de Morais — *Jogos usados na escola masculina do Castelo (Águas Santas)*. DL, VIII, Porto, 1943, pp. 75-79.
 Jogos que se iniciam em Outubro e se vão indicando por ordem cronológica: Pião, Às nicas, Pincha, Bola, Bilharda, Roça, Trinca cevada, Eixo, Eixo corrido, Eixo voador, Pombinha branca, Barra e bandeira, Carolo, Volta a Portugal.
- 3545 PEIXOTO, Rosa Torcata Maria — *A Cabra Cega*. DL, Segunda Série, v, Porto, 1946, p. 72.
 Jogo da cabra-cega, jogado todo o ano. Descrição.
- 3546 PEREIRA, Maria Palmira da Silva — *Sobre os baloiços do norte de Portugal*. RPF, I, Coimbra, 1947, pp. 475-484.
 Analogias e diferenças entre alguns tipos de baloiços comuns a Portugal e à Galiza.
- 3547 PIÇARRA, Ladislau — *Jogos populares infantis*. RM, XIII, Esposende, 1898, pp. 113-118.
 A piana (pitorra ou pitoga), o açougue, a casarola, e a pata.
- 3548 PIÇARRA, Ladislau — *Jogos populares*. T, I, Serpa, 1899, pp. 14-15, 30-33, 53-54, 94-95, 122, 175-176; II, 1900, pp. 139-140; III, 1901, pp. 75-76, 150-153, 169-171; IV, 1902, pp. 57-58; VI, 1904, p. 40.
 Descrição dos seguintes jogos populares: «Arrioz», «bola», «pela», «malhão», «espada nua», «ao sol e à lua», «esconderelos», «calha» (tipo de macaca), «algorovão», «piana», «pata», «ruxa-milhano», e «xarimbote».

- 3549 POMEY, P. Francisco — *Indiculo Universal*. Evora, 1716.
 «Contém a pág. 425-432 uma lista de jogos, *Ludi*, a saber: n.º 382, *jogo da pela*; n.º 382, *jogo dos paus*; n.º 384, *jogo dos dados*; n.º 385, *jogo de enxadrez*; n.º 386, *truque de pé*; n.º 387, *truque de mam*; n.º 388, *jogo da bola*; n.º 389, *jogo de cartas*; n.º 390, *de outros jogos* (da fortuna, da occa, cucute, da barra, pares ou nomes, cunhas ou cruces, da cocha (choca?) de embalançar com cordas, borlantim, etc.); n.º 391, *jogo dos cavalos*. Alguns dos jogos citados são populares, outro, não». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. IV).
- 3550 RODRIGUES, Alzira Mendes — *Jogos usados na escola feminina n.º 28 (lugar de Arroiteia, freguesia de Valbom, concelho de Gondomar)*. DL, VIII, Porto, 1943, p. 74.
 O lencinho vai na mão (com quadras); o lobo e o cordeiro (jogos sem época própria).
- 3551 SEQUEIRA-FERRAZ, A. de — *Jogos infantis portugueses*. AETPP, Porto, 1883, pp. 63-64.
 Descrição de três jogos populares infantis.
- 3552 SILVA, Alexandrino Fernandes da — *A Zocha*. DL, Segunda Série, I, Porto, 1944, pp. 77-78
 Jogo usado na Póvoa de Varzim (espécie de pião).
- 3553 SILVA, Armando da — *Sete alfaiates para matar uma aranha*. RL, II, Porto, 1890, pp. 84-86.
 Descrição do jogo dos 7 alfaiates para matar uma aranha, do Fundão (Aldeia Nova do Cabo), próprio de dias consagrados — Páscoa, S. João, etc. — e 10 quadras alusivas que se cantavam às portas.
- 3554 SILVA, Cristóvão, e MORAIS, Manuel Mendes de — *Jogos tradicionais portugueses*. (Col. Educativa, Série J, n.º 6), Lisboa, 1928, 170 pp.
 Selecção e descrição de 25 jogos, nos quais predomina a força, a habilidade, a resistência e a velocidade:
Chinquilho (derrubar paulitos com malhas de ferro). *Ferradura* (lançamento de ferraduras contra paulitos, fazendo-as encaixar nestes sem os derrubar). *Bilharda*. *Mastro* (subida a um tronco de árvore, liso e sem casca). *Raiola* (lançamento de uma malha sobre um rectângulo seccionado). *Barra* (jogo de corrida e de fintas). *Rebolo* (lançamento duma bola de madeira sobre um rectângulo em que estão dispostos paulitos). *Luta de tracção com corda*. *O Malho* (espécie de golfe) . *Jogo do pau ferro* (lançamento duma barra de ferro). *Pela*. *Jogo dos paus* (lançamento duma bola sobre paulitos). *Pelota* (lançamento duma bola contra um frontão, com a mão uma ou com uma *pala*). *Laranjinha* (lançamento duma bola, sobre uma calha estreita, contra paulitos), *jogo do pau*.

- 3555 SILVA, Elvira Ferreira dos Santos — *Jogos dos Disparates (Jogos e brinquedos tradicionais)*. DL, Segunda Série, v, Porto, 1946, p. 71.
Menção deste jogo, e dum livro do século XIX em que vem referido.
- 3556 SILVA, Idalina Soares da — *Jogo das Pedrinhas*. DL, Segunda Série, III, Porto, 1945, p. 67, 1 fig.
Descrição do jogo e das suas 32 jogadas. Jogo de Verão (Lobão, Feira).
- 3557 SILVA, Maria Antónia Ferreira da — *Jogos*. DL, Segunda Série, II, Porto, 1944, pp. 54-55.
Descrição do jogo infantil «rou-rou» (Carvalhos, Vila Nova de Gaia).
- 3558 SILVA, Maria Isabel Rodrigues da — *Jogos*. DL, Segunda Série, II, Porto, 1944, pp. 43-44.
Menção de dois jogos: «O 31 alerta» (rapazes); «Corda queimada» (raparigas).
- 3559 TEIXEIRA, Rosa — *Jogos*. DL, Segunda Série, II, Porto, 1944, pp. 55-56.
Descrição dos jogos infantis «Pião» e «Barra» (Sendim, Vila Nova de Gaia).
- 3560 V., J. L. de — *Jogos das chapas*. RL, XXII, Lisboa, 1919, pp. 225-226.
Jogo de atirar a moeda ao ar, e «cara ou cunho». Seu nome em várias localidades. Bluteau, menção do jogo em Macróbio. O jogo em outros países (França, Itália).
- 3561 VILARINHO, Maria Olga da Costa — *Jogos (Jogos e brinquedos tradicionais)*. DL, Segunda Série, VII, Porto, 1947, pp. 42-43.
Descrição do jogo infantil «O Nabe» (Sanguedo, Feira).
- 3562 VITERBO, Sousa — *Jogos Portugueses*. T, II, Serpa, 1900, pp. 132-135, 150-154.
Citação dum manuscrito que descreve o jogo da Bilharda, Pião e Conca (1742). Referência ao jogo chamado *malachadillo*, de peças (as quais vêm mencionadas num inventário das jóias da rainha D. Catarina, mulher de D. João III), e que pelo nome parece ser de procedência espanhola. (Ver Ref.^a 3534).
- 3563 S/A. — *Poeira dos tempos — Cavalinhos fuscós*. FL, VI, Lisboa, 1934, p. 133.
Notícia do aparecimento na Praça de Évora, no dia das justas, de 24 homens que fizeram um arremedo do jogo das justas, burlesco.

- 3564 s/A. — *Jogos*. DL, Segunda Série, II, Porto, 1944, pp. 47-48.
Jogos de rapazes, da Primavera (Rebordões, Santo Tirso).
- 3565 s/A. — *Saltar à corda*. DL, Segunda Série, III, Porto, 1945, p. 80.
2 versões deste jogo infantil (Leça do Balio).
- 3566 s/A. — *Jogos (Jogos e brinquedos infantis)*. DL, Segunda Série, VII, Porto, 1947, p. 43.
Descrição do jogo da «A Rossa» (Valongo).
Ver Ref.^{as}: 3, 44, 142, 144, 145, 151, 207, 218, 219, 222, 228, 244, 255, 256, 285, 288, 290, 294, 296, 1390, 1397, 1426, 1439, 1440, 1490, 1501, 1567, 1630, 1879, 1892, 1909, 2039, 2045, 2071, 2316, 2377, 2406, 2425, 2467, 2504, 2621, 2775, 2861, 3022, 3026, 3030, 3031, 3033.

2. TOURADAS

- 3567 ABREU, Carlos — *A praça de touros do Salitre*. FL, II, Lisboa, 1930, pp. 15-27.
Notícia deste tauródromo, o primeiro que existiu em Lisboa, fundado em 1790. Antes dele, os touros eram corridos em recintos que a isso se prestavam, mas que não eram dedicados a tal fim exclusivo. História dessa praça de touros, demolida em 1879.
- 3568 AZEVEDO, Pedro A. d' — *Touradas em Serpa*. T, v, Serpa, 1903, pp. 159-160.
Transcrição dum alvará (1681) em que se observa que nas festas do Corpo de Deus e de S. João se corriam touros.
- 3569 CABRAL, Mota — *Toiradas na região ribatejana*. CR, Santarém, 1924, pp. 47-56.
Generalidades sobre a região e o campino ribatejano.
Notícias históricas referidas a toiradas, que se integravam em torneios e festas da corte, e nas quais, por vezes, os reis participavam.
Crítica ao costume de embolar os toiros; defesa do princípio de lidar toiros de morte, como nas praças de Espanha.
- 3570 DIAS, Jaime Lopes — *As touradas de Idanha*. AR, III, 131 e 132, Castelo Branco, 1928.
Descrição destas touradas festivas.

- 3571 DURO, António Rodovalho — *Tauromachia*. Lisboa, 1895, 90 pp.
 Origem das corridas de toiros em Portugal e na Espanha. Vocabulário — termos especiais de tauromaquia e seu significado. Lista de toureiros, criadores de gado bravo, praças de toiros, etc.
- 3572 DURO, António Rodovalho — *História do toureio em Portugal*. Lisboa, 1907, 304 pp.
 Citações históricas referentes a touradas, a partir do século XIII. Monarcas toureiros: D. Sebastião, D. Afonso VI, D. Pedro e D. Miguel. Proibição das corridas. Diversos modos de lidar touros. Indicação das corridas de touros realizadas e praças existentes no País. Menção dos casos mais notáveis dentro da tauromaquia.
- 3573 DURO, António Rodovalho — *Vocabulário taurino*. Lisboa, 1915, 135 pp.
 Termos especiais empregados na tauromaquia seguidos de explicações detalhadas sobre as diferentes sortes e lances da lida de touros, a pé e a cavalo, qualidade das reses, suas pintas e distintivos, etc.
- 3574 FELGUEIRAS, Guilherme — *Etnografia Agro-pecuária*. NA, VI, 285, Lisboa, 1938.
 Preconceitos sobre doenças e tratamento de animais. Folganças e despiques taurinos. A «chega de touros».
- 3575 LEMOS, Miguel de — *A corrida da vacca das cordas em Ponte do Lima*. T, I, Serpa, 1899, pp. 119-120 e 151-152.
 A corrida da «vaca das cordas» em Ponte de Lima, na véspera do Corpus Christi, em que pegavam os moleiros. Origem do costume — cultos egípcios de Isis, ou Io, como o Boi Bento seria de Osiris ou Apis (vestígios do culto de Io ou Isis em Braga).
- 3576 LUÍS, Pepe — *Ribatejo, berço de heróis*. Lisboa s/d., 174 pp.
 Trabalho sobre tauromaquia; informações sobre as festas do Ribatejo, corridas e esperas de touros, etc.
- 3577 MAQUEDA, A. Martin — *Los Toros en el extranjero. Las vacas de cuerda en Ponte de Lima (Portugal)*. ERPL. Ponte do Lima, 1950, pp. 16-19, 1 fig.
 Transcrição de uma passagem dos «Anais Municipais de Ponte de Lima», de Miguel Roque dos Reis Lemos, que filia o costume das vacas de corda na procissão do Corpus Christi, de Ponte de Lima, nos cultos egípcios de Isis, Osiris e Apis, trazidos para a Península pelos fenícios, aceite pelos romanos e suevos, e tolerado pelos cristãos (como o do Boi Bento, e a serpe de Lerma).

3578 MENEZES, Bourbon — *Na Ilha Terceira — As touradas à corda*. AA, Lisboa, 1903, pp. 349-350, 3 figs.

Breves notas sobre as touradas à corda na ilha Terceira.

3579 NORONHA, Eduardo de — *História das Toiradas*. Lisboa, 1900, 396 pp., 33 figs.

Notícias históricas; narrativas de corridas sensacionais; definições de «sortes»; princípios e regras do toureio; biografia de cavaleiros, toureiros, bandarilheiros, etc., portugueses; indicação de praças de touros; etc.

3580 ORNELAS, Carlos d' — *Toiradas à corda na ilha Terceira*. VRTDC, 48, 1944, p. 2.

Breves notas sobre as touradas à corda terceirenses, coincidentes com as festas do Espírito Santo, de grande relevo nas Ilhas.

3581 RIBEIRO, Luís da Silva — *As touradas na ilha Terceira*. RAÇ, IV, Angra do Heroísmo, 1949, pp. 295-301.

As corridas de touros à corda nos Açores, e as suas origens.

3582 RIBEIRO, Luís da Silva — *As touradas da ilha Terceira (Açores)*. APPC, Lisboa, 1951.

«O Autor aborda neste trabalho as touradas da sua terra. Mostra que as touradas se realizavam noutras ilhas, e cita documentos onde se fazia a proibição de corridas de bois e touros. Luís Ribeiro descreve as touradas à corda da ilha Terceira, fornecendo copiosas notas sobre touradas no continente e nas ilhas. Por fim, demonstra que as touradas à corda não são originais dos Açores. Elas existiram em Portugal e Espanha, visto que foi daí que saiu a colonização mais importante para aquelas ilhas. Termina por dizer que as touradas de Penafiel eram as que mais se pareciam com as da Terceira». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

3583 RIBEIRO, L. — *Touradas à corda*. BIHIT, 7, Angra do Heroísmo, 1949, pp. 317-318.

As touradas à corda na ilha Terceira, que se supunha serem de origem espanhola, e que se comparam com as touradas de Ponte de Lima (corrida da vaca de cordas), das festas do Corpo de Deus, de Penafiel, touradas à corda em Arruda dos Vinhos, etc., parecendo assim que são um costume trazido de Portugal pelos primeiros povoadores.

Ver Ref.^{as}: 65, 212, 226, 562, 1445, 1542, 1595, 1603, 1934, 2002.

XV — Vestuário e ornatos

1. TRAJE POPULAR

- 3584 ABELHO, Azinhal — *Roteiro lírico do Alentejo — O traje*. MCP, VI, 61, Lisboa, 1951, pp. 12-14, 6 figs.; 62, pp. 12-13.

Descrição do traje feminino alentejano, com citações de quadras alusivas.

- 3585 ABELHO, Azinhal — *Calçar à portuguesa*. MCP, VIII, 93, Lisboa, 1954, pp. 12-13.

Breves notas sobre calçado. Quadras populares alusivas.

- 3586 ABRANCHES, Joaquim Candido — *Costumes populares micaelenses*. AA, Lisboa, 1903, pp. 87-88, 2 figs.

Breves referências ao traje — capote, capelo e carapuça, e aos foliões do Espírito Santo.

- 3587 AZEVEDO, Pedro A. d' — *Costumes de Seixas e de Refoios do Lima*. T, IV, Serpa, 1902, pp. 153-154.

Extractos de cartas (respostas a um quesito) em que se faz referência ao carácter do povo dessas terras, ao traje, com uma nota muito desenvolvida sobre o traje do domingo e da semana de Refoios do Lima, e em que se relata o costume de atirarem laranjas a todo o povo que ia na procissão de S. Sebastião, incluindo o andor do santo.

- 3588 AZEVEDO, Pedro A. d' — *Sobre o uso do biôco*. T, v, Serpa, 1903, pp. 55-57.

O Autor, sem negar abertamente a afirmação de alguns que pretendem que o bioco vem directamente dos tempos árabes, observa que só no século XVI se generalizou em Portugal o uso de máscaras e outros disfarces. Extracta uma carta do Secretário de Estado (1626) relativa ao bioco, em que se diz: «tomando particular informação dos excessos que tem causado esta intro-

dução...», donde conclui que o uso do bioco fora recentemente introduzido em Portugal. E transcreve ainda outro documento que defende o uso do bioco, quando da sua proibição em Lisboa em 1644.

- 3589 ARAÚJO, José Rosa de — *Algumas notas sobre o traje popular do Baixo Lima*. AAM, v, Viana do Castelo, 1955, pp. 126-147, 7 figs.

Descrição de alguns tipos de trajes do Baixo Lima.

- 3590 A., J. R. de — *À volta de um traje antigo*. AAM, iv, pp. 53-54, 1 fig.

Considerações acerca do traje de noiva característico da região de Viana.

- 3591 A., J. R. de — *Notas sobre o traje popular vianês*. AAM, vii, Viana do Castelo, 1957, pp. 74-78, 1 fig.

Descrição sumária dum tipo de traje masculino da região.

- 3592 ATHAYDE, Alfredo — *Trajo*. APP, 3, pp. 169-255, 50 figs.

Com base em estudos de Varagnac, Richard Weiss e Birket-Smith, faz um esboço acerca da origem e das modificações do vestuário e dos adornos através das idades. Refere-se ao saio dos guerreiros lusitanos e diz terem sido os suevos e os visigodos os introdutores do uso dos calções e calças na Península. Transcreve descrições de trajes de Viana (Cláudio Basto); Guimarães (Vieira Braga); Barcelos (F. Matos Cunha); traje serrano (Rocha Peixoto); indumentária dos Pauliteiros (P.^e Mourinho); Beira Litoral (Rocha Madahil e Luís Chaves); região de Coimbra (Santos Conceição); Ribatejo, Beira Baixa, e Alentejo (Matos Gomes); Alentejo (Silva Picão e Azinhal Abelho); e Algarve (J. J. Nunes). Com base nestes trabalhos, faz uma breve análise de conjunto, e estabelece três zonas distintas que enquadra na divisão geográfica proposta por Orlando Ribeiro.

- 3593 BASTO, Cláudio — *Tipos do Minho*. L, i, Viana do Castelo, 1917-18, p. 159.

Pequena nota sobre o tipo de mulher de Perre (Viana) e dos seus trajes.

- 3594 BASTO, Cláudio — *Tipos do Minho — Argaceiro*. L, i, Viana do Castelo, 1917-18, pp. 165-166.

Breves notas sobre o traje do sargaceiro.

- 3595 BASTO, Cláudio — *Tipos do Minho — Lavrador de Perre*. L, iii, Viana do Castelo, 1919-20, p. 92.

Algumas notas sobre o traje do lavrador de Perre, usado por vezes no Carnaval, em Viana.

- 3596 BASTO, Cláudio — *Traje à vianesa*. Vila Nova de Gaia, 1930, 56 pp., 19 figs.

Estudo do traje à vianesa, ou *fato à lavradeira* (traje de festa), usado nomeadamente nas aldeias de Afife, Carreço e Areosa, ao norte de Viana do Castelo, e Meadela, Santa Marta e Perre, a nascente.

Este traje, composto por saia rodada e listada (tecida nos teares caseiros), avental listado, ou com decoração em relevo — «moscas» —, camisa de linho, lisa ou bordada, colete e algibeira bordadas, lenços, de peito e da cabeça, com ramagens e franjas meias rendadas e chinelas, mostra, a despeito da proximidade destas aldeias, diferenças muito sensíveis, principalmente na cor e na decoração dos aventais. E é baseado nestas diferenças que o Autor estabelece 4 tipos fundamentais: o fato de Afife, caracterizado pela saia com barra de cor azul-marinho, avental de listas e lenços com o fundo em amarelo; o fato de Areosa, com saia de barra vermelha com «silva» e lenços de fundo vermelho; e os fatos de Santa Marta, «vermelho» e «azul», o primeiro com saia de barra preta, avental de campo vermelho profusamente decorado, e lenços também vermelhos, o segundo, em que o fundo da saia é preto, e em que na algibeira, colete, avental e lenços, predomina o tom azul, com total exclusão do vermelho. Relaciona os fatos das freguesias limítrofes com estes, apontando-lhe as diferenças mais sensíveis.

- 3597 BASTO, Cláudio — *Costume regional português*. Porto, 1938, 12 pp.

Refere-se muito superficialmente ao traje português em geral, e fala do traje à vianesa, das capas de honra mirandesas, dos chapéus do litoral, das capuchas serranas e do bioco algarvio.

- 3598 BRANCO, Emílio Castelo — *Coisas de Mafamude — O S. Gonçalo*. OT, 5.^a Série, IX, Porto, 1954, pp. 279-280.

Notas sobre esta festa e descrição do traje que as raparigas da região estreavam nesse dia: saia de baeta crepe com barra de veludo, avental de chita, casaca até à cintura, com debruns, chapelinho de alamares sobre o lenço de ramagens, xaile de froques e socos de verniz bordados e retrós em várias cores.

- 3599 BRITO, Castro e — *Apontamentos de etnografia*. FL, IX, Lisboa, 1940, pp. 27-34, 1 fig.

Tentativa de reconstituição dum tipo de traje alentejano, decaído no último quartel do século XIX.

- 3600 CARVALHO, A. L. de — *Em abono e saudade do traje popular português*. ACEELV, I, Porto, 1959, pp. 141-146.

Da necessidade de se realizar o estudo do traje popular português.

- 3601 CARVALHO, A. L. de — *A mantilha no Porto há 100 anos*. OT, 5.^a Série, v, Porto, 1950, pp. 209-210.
- Referências ao uso da mantilha e bioco nos séculos XVII e XVIII. Extractos de artigos referentes a mantilhas.
- 3602 CÉSAR, José Júlio — *A capucha*. ATP, 4, Lisboa, 1922, pp. 110-112. E Po, xvii, Porto; 1945, pp. 12-16, 3 figs.
- O uso da capucha na serra do Caramulo e concelhos limítrofes. Diversas utilidades da capucha. Segundo o autor ela teria vindo do Oriente, trazida pelos árabes.
- 3603 CHAVES, Luís — *Notas etnográficas — O Traje Regional*. BRGC, XXI, Lisboa, 1935, pp. 190-198.
- Breves considerações sobre o traje.
- 3604 CHAVES, Luís — *A aldeia mais portuguesa de Portugal*. RO, II, Lisboa, 1938, pp. 415-437.
- Considerações sobre algumas aldeias, mais características, com notas descritivas sobre indústria caseira, traje, etc.
- 3605 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, v, Lisboa, 1939, pp. 136-143; vi, 1939, pp. 151-159; XIV, 1941, pp. 284-288; XLII, 1952, pp. 156-160.
- Considerações acerca da necessidade da dignificação dos trajes regionais, com referências expressas aos fatos do concelho de Viana do Castelo. Transcrição de algumas considerações de Varagnac sobre o traje e a sua decoração de natureza mágica.
- Notas sobre um traje feminino, de Aveiro, e sobre a capucha serrana, que filia no *cucullus* romano.
- 3606 CHAVES, Luís — *O trajar do povo*. VAPP, Porto, 1940, pp. 7-19.
- «Rápida síntese do traje popular em Portugal. Luís Chaves baseado na literatura e iconografia, dá uma boa visão da distribuição do vestuário masculino e feminino, de acordo com as condições naturais e com as necessidades profissionais. Esta combinação mesológica-funcionalista parece-me muito interessante e digna de seguir-se em futuros trabalhos. O Autor menciona a acção reflexa, que o traje popular sofre do traje culto, mas não a estuda em pormenor. Se bem que tal estudo seja muito difícil, por falta de abundância de elementos iconográficos, é, contudo, de importância fundamental». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 3607 CHAVES, Luís — *Etnografia estremenha — O lenço da cabeça*. EBJP, 4, Lisboa, 1943, pp. 407-413, 3 figs.
 Descrição dos diversos modos que a mulher saloia utiliza para pôr o lenço na cabeça.
- 3608 CHAVES, Luís — *A arte do cabelo — Como se penteiam as estremenhas*. EBJP, 6, Lisboa, 1944, pp. 257-262.
 Descrição da maneira como se penteiam as mulheres desta região.
- 3609 CHAVES, Luís — *Considerações sobre o traje popular (Notas de etnografia)*. BRGC, XL, Lisboa, 1945, pp. 271-286.
 O traje em função do meio geográfico, da economia doméstica e regional, de preceitos morais e sociais, e em função da tradição e da história.
- 3610 CHAVES, Luís — *Um tipo de resguardo corporal: A «capucha» serrana, cobertura de cabeça e tronco*. LC, XVIII, 4, Madrid, 1953, pp. 799-809.
 Estudo desta peça de vestuário, feita de burel, do norte e centro serrano. Sua filiação no *cucullus* romano. Evolução desta forma: vestes monásticas, *mantilha* (Beira Baixa) de uso cerimonial; e *bioco* (Alentejo e Algarve).
- 3611 COSTA, Carreira da — *O traje feminino nos Açores*. VRTDC, 87, 1948, 2 figs.
 Descrição e notas sobre o uso do «capote» em S. Miguel, e do «manto» na Terceira.
- 3612 C., C. da — *As antigas carapuças*. RI, v, Ponta Delgada, 1949, pp. 149-150.
 Referências ao uso da carapuça no século XVI. Breve descrição dos modelos actuais, usados sobretudo em S. Miguel.
- 3613 C., V. — *«Alabarcas» dos serranos do Marão*. ATP, 1, Lisboa, 1916, p. 29.
 Nótula brevíssima, transcrevendo uma nota de 1836, que descreve o traje e o calçado dos lavradores de Panóias (Serra do Marão).
- 3614 C., V. — *Trajos populares minhotos, do meado do século XIX*. ATP, 3, Lisboa, 1917, p. 54.
 Breve notícia do traje popular minhoto, extraída de uma brochura de 1852, de José J. de S. Pereira Caldas.

- 3615 FELGUEIRAS, Guilherme — *Estremadura artística e folclórica*. EBJP, 1939, pp. 39-43.
Descrição do traje regional estremenho.
- 3616 FELGUEIRAS, Guilherme — *O uso do chapéu pela mulher rústica*. VRTDC, 13, 1941, pp. 15-17, 5 figs.
Descrição de dois tipos de chapéu usados pelas mulheres: o chapéu «vareiro» e o chapéu «à marinhoa».
- 3617 FELGUEIRAS, Guilherme — *O chapéu da aldeã no Douro Litoral*. PVIM, Porto, 1945; pp. 131-138.
«Apoiando-se em elementos iconográficos do século XIX, o Autor descreve os chapelinhos das camponesas dos arredores do Porto: Valongo, Maia, Avintes, Santo Tirso, etc. O Autor termina fazendo um apelo para que se crie em Portugal o Museu de História do Traje». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).
- 3618 FELGUEIRAS, Guilherme — *O emprego do junco e da palha de centeio no traje rústico — Materiais para o estudo da indumentária regional*. EBJP, 47-49, Lisboa, 1958, pp. 199-210, 6 figs. E ACEELV, II, Porto, 1959, pp. 359-369.
Menção do uso das «crochas» em 1746. Materiais usados na confecção, e descrição da técnica de fabrico das «crochas» (tipo de capa feita de junco ou palha centeia), e dos chapéus de palha (centeia); seu uso no Minho.
- 3619 FELGUEIRAS, Guilherme — *Do «gorro» da nobreza ao «garruço» da plebe — Achegas para o estudo duma curiosa peça do vestuário popular*. EBJP, 50, 51 e 52, Lisboa 1959, pp. 175-188, 10 figs.
O Autor faz uma rápida análise da evolução do vestuário, desde os lusitanos, notando influências romanas, dos visigodos e árabes. Atribui a estes a herança do barrete e descreve os diferentes estádios porque este passou até à sua popularização; indicação das regiões em que se usa e centros de fabrico.
- 3620 FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e — *Antónia Maria José Pulha — Lavadeira de Touguinha*. DL, Terceira Série, v, Porto, 1949, pp. 72-73.
Breves notas sobre o traje desta senhora, segundo um retrato existente na Misericórdia de Vila do Conde.
- 3621 FREITAS, Maria Constança Múria de — *Palavras e expressões sobre vestuário no Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*. BF, VIII, Lisboa, 1947, pp. 67-120, IX, Lisboa, 1948, pp. 12-149.
Transcrição de expressões que designam peças de vestuário.

- 3622 GAMEIRO, Alfredo Roque, COLUMBANO, PINHEIRO, Bordalo, CONDEIXA, MALHOA, MACEDO, Manuel de, ALMEIDA, Fialho de, MACHADO, Júlio César, CHAGAS, Pinheiro, ORTIGÃO, Ramalho, CUNHA, Xavier da — *Album de costumes portugueses*. Lisboa, 1888.

Álbum de 50 cromos, cópias de aguarelas daqueles pintores, sobre trajes populares, acompanhadas, cada qual, de uma página de texto.

Fialho denuncia o pouco rigor da obra: «Donde trouxe a fantasia do aquarelista esta figura?»... «O deste sou a dizer que haverá sido... uma reconstituição humorística daquelas saloias de teatro...».

- 3623 GIESE, Wilhelm — *Sobre as capas de mulheres nos Açores*. RAÇ, IV, Angra do Heroísmo, 1949, pp. 302-310.

«Estudo comparativo dos três tipos de capas usados pelas mulheres açoreanas, com as que foram usadas noutros países europeus. Baseando-se numa documentação iconográfica riquíssima, o Autor mostra a difusão desta peça de vestuário a partir do primitivo abrigo serrano usado em tempos antigos nos países orientais do Mediterrâneo, e ainda hoje vivo em algumas das nossas serras. Giese conclui que da comparação que fez, os três tipos de capas usadas nos Açores se explicam pela tradição portuguesa e não oferecem nenhum elemento diferente dos conhecidos em Portugal e Andaluzia». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 3624 GOMES, Maria Luísa Ataíde da Costa — *Trajos regionais micalenses*. RI, XI, Ponta Delgada, 1955, pp. 113-133.

Estudo sobre o traje da ilha. Tentativa de reconstituição das velhas formas regionais.

- 3625 GOMES, Maria Luísa Ataíde Costa e MATTOS, Lygia Maria da Camara de Almeida — *Trajos regionais e danças populares da ilha de S. Miguel*. Ponta Delgada, 1955, 60 pp.

Estudo e reconstituição do velho traje popular usado em S. Miguel por volta de 1850.

Letra, música e descrição de 8 modas coreográficas.

- 3626 GOMES, Matos — *Aquilo que a nossa gente veste*. MCP, XIII, 145, 146 e 147, Lisboa, 1958, pp. 14-16, 12-13 e 12-14, respectivamente.

Considerações sobre o traje popular; referências expressas ao traje de Viana e Braga.

- 3627 GUERRA, L. de Figueiredo da — *Tipos do Minho — Senhora de mantilha*. L, I, Viana do Castelo, 1917-18, p. 178.

Breve nota acerca do uso da mantilha e da sua provável origem.

- 3628 GUERRA, L. de Figueiredo da — *Tipos do Minho*. L, II, Viana do Castelo, 1918-1919, pp. 2-3.

Breve nota sobre traje.

- 3629 MADAHIL, A. G. da Rocha — *Alguns aspectos do traje popular da Beira Litoral*. ADA, IV, Aveiro, 1938, pp. 145-158 e 213-238; V, 1939, pp. 59-74 e 247-282; VII, 1941, pp. 115-172, 88 figs.

Breve análise do critério de sistematização do estudo do traje, seguido por alguns investigadores nacionais e estrangeiros.

Definição da zona geográfica a que respeita este trabalho. Estudo do traje, alicerçado em documentos iconográficos e literários, e em algumas correlações históricas. «Estudo precioso pela riqueza de documentação, pela abundância de materiais gráficos e pela clareza da exposição e espírito crítico, que o Autor revela. Embora se refira só à Beira Litoral, Rocha Madahil é um erudito que conhece o problema em profundidade e extensão, seguindo a evolução histórica do traje da região e comparando-o com o de outras». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 3630 MATTOS, Armando de — *Considerações sobre o traje regional*. DL, Terceira Série, VII, Porto, 1949, pp. 67-71.

Considerações sobre o tema.

- 3631 MENDES, Vieira — *Vestiária açoriana — O manto e o capelo*. AA, Lisboa, 1903, pp. 326-327, 3 figs.

Descrição sumária destas peças de vestuário feminino, hoje caídas em desuso.

- 3632 MOURINHO, P.^o António — *Trajos populares Portugueses*. MCP, IV, 45, Lisboa, 1950, p. (capa), 1 fig.

Notas descritivas da capa de honras mirandesa.

- 3633 NASCIMENTO, João Cabral do — *Traje popular da Madeira*. AHM, IV, Funchal, 1934-1935, pp. 178-183.

Notas sobre o traje popular da ilha da Madeira. Indicação das peças principais de que se compõe, segundo relatos de viajantes e escritores, e velhas litografias e gravuras.

- 3634 NOGUEIRA, Ibérico — *O traje de Taião*. AAM, X, Viana do Castelo, 1960, pp. 145-161, 7 figs.

Descrição dum traje usado antigamente em Taião (Valença).

- 3635 NUNES, J. J. — *Costumes algarvios — O Vestuário*. P, 2, pp. 654-655, Porto, 1908.

Menção de algumas peças do vestuário características da região, nomeadamente, no caso feminino, do capote ou bioco, das camisas de linho com pregas no peito; do vestuário masculino cita a jaqueta e o chapéu braguês.

- 3636 PAÇO, Afonso do — *Contribuição para o estudo do traje popular dito «à lavradeira» no concelho de Viana do Castelo*. AORP, VI (3.^a Série), Porto, 1925, pp. 38-39.

O Autor, dum testamento datado de 1742, transcreve algumas notas referentes ao traje, e faz algumas considerações sobre a algibeira, camisas e lenços de mão.

- 3637 PEIXOTO, Rocha — *O traje serrano (Norte de Portugal)*. P, 2, Porto, 1908, pp. 360-389, 55 figs.

Estudo do traje serrano do norte de Portugal.

O Autor aponta as principais razões que motivaram o desaparecimento ou a substituição dos trajes regionais e tece algumas considerações acerca do hábito do vestuário, cujo início situa no período magdalenense, aludindo ao uso das peles, na fase primordial (que subsiste entre nós nos safões de pele de ovelha, e até de lobo), à fiação e tecelagem de pêlos de animais, na fase pastoril, é à tecelagem de fibras vegetais, já na fase agrícola.

Descreve as peças do vestuário mais características e significativas e tenta determinar-lhes a sua origem e delimitar a área onde ocorrem, denunciando, ao mesmo tempo, as intrusões recentes.

Considera em primeiro lugar as roupas interiores, de linho, estopa ou tomentos, camisas, por vezes bordadas ou rendadas na gola e peito, saias, meias e peúcas, e, a propósito, refere-se ao uso do linho nas túnicas greco-romanas, à vulgarização das roupas brancas a partir da Renascença e à cultura do linho entre nós, documentada desde os primeiros tempos da monarquia. Acerca das roupas exteriores, nota a sua rudeza, feita na maioria dos casos de buréis pisoados. Esboça as origens e difusão dos calções e calças, que filia nas «bragas» dos gauleses; fala da *vestia*, antiga jaqueta, e dos *manteus* das mulheres; do capote, nas suas formas regionais de Alhões, Barroso, Montesinho e Nogueira; do gabão da Gralheira e Castro Laboreiro; de capa de honras mirandesa; do capelo da Campeã e das capuchas da Amarela; das croças que se vêem desde a Cabreira a Montemuro, e de Montesinho à Arga; da *sagona* de Miranda e do safão do Barroso e Arga; de saias monocónicas ou listadas; de aventais, por vezes em veludo com guarnições de rendas; de mandis; de coletes de linho bordados, da Arga e Gerês; de faixas de lã usadas por baixo dos coletes, de Castro Laboreiro, Pitões e Lombada, que compara com a *fascia pectoralis* greco-romana; da capucha de Castro Laboreiro, Gralheira, Castro Daire, Arga, Cabreira e Barroso, que filia no *cucullus* gaulês; de lenços, carapuças, chapéus e gorras mirandesas. Acerca do calçado nota o uso das abarcas em Montesinho, Gralheira e Montemuro, e aparenta-as com formas gaulesas, romanas e gregas e de socos. Polainas de burel e palha de centeio. Lenços de amor, com versos bordados a ponto de cruz; etc.

- 3638 PESSANHA, D. Sebastião — *Do Alentejo. II — A «Coca» ou «Mantilha» de Portalegre*. ATP, 3, Lisboa, 1917, p. 174.
A «coca», «mantilha» e o «véu», que usam as mulheres das classes ricas de Portalegre, para assistirem a actos religiosos.
- 3639 PESSANHA, D. Sebastião — *Os trajos populares e os estudos de Etnografia*. Lisboa, 1956, 11 pp., 8 figs.
Relaciona o traje com o meio geográfico e acentua a necessidade da sua recolha em Museus e do seu estudo.
- 3640 P., S. — *O traje do maioral*. ATP, 2, Lisboa, 1916, p. 6.
Breve nota indicando os nomes que o «maioral» dos gados do Vale do Sado dá às peças do seu vestuário.
- 3641 PINTO, Elísero Fernandes — *Apontamentos sobre os trajes das lavradeiras do sul do concelho de Vila do Conde, no fim do séc. XIX*. ACEELV, II, pp. 147-156, Porto, 1959, 4 figs.
Estudo de alguns trajes desta região.
- 3642 PINTO, Elísero — *Camisas de Bragal de Vila do Conde*. DL, Terceira Série, IX, Porto, 1950, pp. 69-71.
Descrição dum velho tipo de camisa de linho, de homem, usada em Vila do Conde.
- 3643 RIBEIRO, Luís da Silva — *O traje popular terceirense*. RAÇ, II, Angra do Heroísmo, 1939, pp. 98-106.
O traje terceirense em 1559 e em 1788. Traje citadino e traje popular. O manto. Origem. O capote e capelo. O vestido de cerimónia. Vestuário de lavradeira, para a coroação do Espírito Santo, em 1832. O traje vulgar. Vestuário da Ribeirinha e São Jorge.
O traje masculino; pastores; fato de cerimónia. Barrete e carapuça. Chapéus. Calçado: botas, galochas e chinelos. Penteados. O luto.
- 3644 RODRIGUES, Luís Filipe Pinto — *O traje de Monção*. AAM, I, pp. 3-6, 2 figs.
Descrição dum traje de Monção.
- 3645 SÁ, Octaviano — *A tricana no folclore coimbrão*. OI, 101, Coimbra, 1943, pp. 361-432, 31 figs.
Informações sobre o traje da região. Notas sobre as fogueiras do S. João.

- 3646 SARMENTO, Antonio — *A mulher dos arredores do Porto*. OT, 1, Porto, 1908, p. 13.
Rápida descrição do traje feminino da região: colete amarelo, verde ou azul, com ramagens, camisa de estopa, lenços do peito e da cabeça, chapelinho de feltro, etc.
- 3647 SILVA, A. Marques da — *Indústria caseira da Madeira — Indumentária popular*. MCP, XI, 124, Lisboa, 1956, pp. 12-13.
Breve nota sobre o traje popular da Madeira.
- 3648 SOARES, Celestino — *Usos e costumes*. VRTDC, 8, 1939.
Pequena nota sobre trajes e culinária.
- 3649 SOUSA, Alberto de — *Trajos portugueses — Tipos das ruas de Lisboa, Séc. XIX*, ATP, 1, Lisboa, 1916, p. 15, 1 fig.
3 gravuras de saloia que vende leite, rapaz vendendo água fresca, e rapariga da classe média. Correspondente descrição do vestuário.
- 3650 SOUSA, Alberto de — *Figuras isoladas, em azulejos, com trajes populares do século XVIII*. ATP, 1, Lisboa, 1916, p. 162.
Polichinelo, Faceira, França, Embuçado, Gaiteiro, Velho da Sanfona, Trovador, Fumador de cachimbo, Menina com açafate, Lacaio.
- 3651 SOUSA, Alberto — *O traje popular em Portugal nos séculos XVI e XVII*. S/d., 80 pp.
Volume profusamente ilustrado, com reproduções de gravuras, estampas e pinturas antigas, que interessam ao estudo do traje português.
- 3652 SOUSA, Alberto — *O traje popular em Portugal nos séculos XVIII e XIX*, Lisboa, 1924, 252 pp.
Obra profusamente ilustrada com reproduções de gravuras, estampas, e pinturas antigas.
- 3653 VASCONCELLOS, Leite de — *Pescador da Figueira da Foz*. BE, II, Lisboa, 1923, pp. 23-24.
Considerações sobre a origem da carapuça, usada especialmente por pescadores, na região saloia, Ribatejo, etc.
- 3654 V., J. L. de — *Biôco*. AP, XXIII, Lisboa, 1918, pp. 378-379, 2 figs.
Comparação entre um desenho duma mulher com bioco, com outro em que figuram mulheres marroquinas, também de bioco.

- 3655 V., J. L. de — *Leiteiro e carapuças da Madeira*. BE, I, Lisboa, 1920, pp. 13-14, 4 figs.
Breve nota sobre as carapuças de lã, com orelhas, usadas pelo vilão madeirense.
- 3656 V., J. L. de — *Capote e lenço*. BE, I, Lisboa, 1920, pp. 23-24, 1 fig.
Nota muito breve referente ao uso destas duas peças, segundo velhas gravuras.
- 3657 V., J. L. de — *Trajos alentejanos*. BE, II, Lisboa, 1923, pp. 40-43, 4 figs.
Breves notas sobre penteados e traje alentejano.
- 3658 V., J. L. de — *Etnografia vária*. BE, II, Lisboa, 1923, pp. 52-53.
Breves comentários a 5 figuras com traje, vasilhame e coração em filigrana.
- 3659 V., J. L. de — *Trajo de mulher*. BE, III, Lisboa, 1924, p. 27.
Breve nota em comentário a uma gravura com traje de mulher (Gouveia).
- 3660 V., J. L. de — *Tipos de Montalegre*. BE, III, Lisboa, 1924, p. 45.
Breves comentários a uma gravura com tipos humanos de Montalegre e aos trajes que estes usam.
- 3661 VELLEDA, Maria — *O Biôco*. T, III, Serpa, 1901, pp. 120-122.
Notas acerca desta peça do vestuário, usada em Faro.
- 3662 V., A. (Abel Viana) — *O Soajeiro*. ADVIC, Viana do Castelo, 1932, pp. 129-130, 2 figs.
Descrição do traje masculino do Soajo, feito com tecidos da indústria caseira local.
- 3663 VIANA, Tancredo Dias — *O Trajo feminino de Afife*. AAM, II, pp. 8-9.
Descrição muito sumária de um tipo de traje usado em Afife (Viana).
- 3664 ZELLER, Rolando van — *Subsídios para o estudo do traje em Portugal no 2.º quartel do século XIX*. Po, VII, Porto, 1934, pp. 207-211, 8 figs.
Breves notas sobre o uso da mantilha em Coimbra, Viseu, Braga e Alcobaça.
- 3665 s/A — *Capote e capello*. AA, Lisboa, 1903, p. 301, 1 fig.
Descrição sumária destas peças de vestuário, usadas nós Açores.

3666 S/A. — *Arquivo etnográfico*. L, I, Viana do Castelo, 1917-18, pp. 124-125.

Pequena nótula sobre o costume de adornarem os santos com jóias, e do uso do ouro pelas mulheres minhotas.

3667 S/A. — *Trajos populares portugueses*. MCP, IV, 46, 47, 48; V, 51, 52, 53, 55, 56, 58 e 59, Lisboa, 1950-1951.

Breve descrição de alguns tipos de traje da Gralheira, Ribatejo, Vila da Feira, Barcelos, Braga, Castro Laboreiro, Felgueiras, Vila Nova de Paiva e sargaceiros da Apúlia.

Ver Ref.^{as}: 3, 52, 66, 68, 89, 92, 107, 114, 142, 144, 147, 183, 197, 207, 208, 211, 213, 214, 216, 218, 221, 223, 237, 244, 250, 255, 256, 257, 260, 265, 266, 274, 277, 278, 280, 282, 285, 286, 289, 290, 297, 304, 310, 319, 335, 347, 352, 358, 364, 397, 404, 405, 743, 758, 796, 889, 949, 1041, 1049, 1081, 1544, 1619, 1717, 2375, 3077, 3320, 3417, 3424, 3430.

2. TATUAGEM

3668 BASTOS, Alvaro Teixeira — *A tatuagem nos criminosos*. Porto, 1903, 182 pp., 32 figs.

«O trabalho» foi feito no Porto «no Posto Antropométrico da Cadeia da Relação. O livro, posto que não adiante muito as nossas ideias com relação ao que já se sabia, pode porém considerar-se valiosa contribuição para o conhecimento da etnografia portuguesa, principalmente pelo número de estampas que contém, nas quais se apreciam em certos limites, gostos artísticos, ideias e sentimentos do povo». (J. Leite de Vasconcelos — EE. vol. III).

3669 CORREIA, Vergílio — *Ídolos pré-históricos tatuados, de Portugal*. AORP, VII (2.^a Série), Porto, 1915, pp. 244-252, 6 figs.

Considerações acerca da tatuagem e do modo como se pratica. Estudo de alguns ídolos tatuados, de Portugal.

3670 FONTES, Joaquim — *Contribuição ao estudo da tatuagem (Morfologia e Etnografia)*. AAA, III, Lisboa, 1915, pp. 69-83.

As teorias de Lombroso e Lacassagne sobre a etiologia das tatuagens. A tatuagem como ornamento. Notas sobre a ornamentação pessoal e os objectos de uso vulgar, na idade pré-histórica e proto-histórica. A mutilação como ornamento e enfeite pessoal. Classificação das mutilações, de Magitot. A tatuagem e a pintura corporal. A tatuagem como ornamento.

O Autor considera a tatuagem um hábito social atávico, usada primordialmente como adorno; mais tarde, parece ter sofrido uma evolução, perdendo o carácter ornamental em favor de uma intenção especial: dístico, insígnia, etc.

- 3671 FRAGOSO, Sebastião Centeno — *Tatuagem de Monsanto*. EBJP, 8, Lisboa, 1945, pp. 135-142, 5 figs.

Definação do vocábulo tatuagem. Variedades mais usuais de tatuagens. Exemplos recolhidos dos reclusos da cadeia de Monsanto.

- 3672 PEIXOTO, Rocha — *A tatuagem em Portugal*. RCNS, II, Porto, 1893, pp. 97-111 e 145-157.

O trabalho baseia-se na observação directa de cerca de 200 exemplos, e consiste na sua integração num plano mais amplo e geral, para o que se serve dos trabalhos de Berchon, Lacassagne e Lombroso.

Definição da tatuagem e seu lugar no quadro das mutilações étnicas. Expansão geográfica. Processo operatório — instrumentos e substâncias corantes. Classificação da tatuagem: 1) Emblemas profissionais — âncoras, instrumentos de música, etc.; 2) Emblemas amorosos e eróticos (de maior predomínio) — iniciais, corações simples e enquadrados em composições diversas); phalus, corpos nus, etc.; 3) Emblemas religiosos — cruzes, Cristos, etc.; 4) Emblemas metáforas e fantasistas — sino-saimão, animais, etc.

Similitudes que apresenta entre povos sem laços etnogénicos; «sua explicação pelas viagens, emigrações, imposição pela conquista, e analogia do espírito humano». Factores: religião, imitação, ociosidade, paixão amorosa e instinto erótico; necessidade de exprimir ideias por símbolos nos analfabetos (Lacassagne); vitalidade da tradição (Lombroso).

Ver Ref.^{as}: 177, 1503

XVI — Alimentação

1. CULINÁRIA E DOÇARIA

- 3673 ABELHO, Azinhal — *Roteiro lírico do Alentejo. Ao levantar das eiras...* MCP, v, 52, Lisboa, 1950, pp. 10-11.

Notícia sobre o pão e seu fabrico no Alentejo.

- 3674 ATHAIDE, Luís Bernardo Leite d' — *Etnografia agrícola — Notas subsidiárias para uma monografia do pão*. CRCAA, 16, Ponta Delgada, 1952, pp. 107-110.

Alguns preceitos ligados ao pão. O pão na linguagem popular.

- 3675 BRAGA, Alberto Vieira — *Os doces de Santa Clara*. GV, III, Guimarães, 1927, pp. 112-118.

Notas extraídas do livro de contas do convento de Santa Clara, referentes à doçaria. Importância da doçaria, neste convento.

- 3676 BRITO, Castro e — *A doçaria de Beja na tradição provincial*. RO, IX, Lisboa, 1940, pp. 310-332.

Estudo sobre a doçaria de Beja. Resenha histórica e descrição pormenorizada das várias espécies, que divide em dois grupos: bolos e doces finos, subdivididos por seu turno em peças pequenas, peças grandes e doces de prato. Matérias-primas, utensilagem que entra na sua elaboração — chavões, pintadeiras, etc. —. Doces específicos de determinadas festividades. Provável influência conventual.

- 3677 CARDOSO, Carlos Lopes — *O pão de milho em Cete*. DL, Terceira Série, III, Porto, 1948, pp. 70-72.

Breve descrição do cultivo do milho e do fabrico da broa, em Cete.

- 3678 CASTELO-BRANCO, Fernando — *Culinária e doçaria*. APP, 1, pp. 299-334, 24 figs.

O Autor faz o esboço histórico da nossa culinária. Cita Estrabão, que referindo-se aos lusitanos diz que estes comiam carne de cabra e bolotas; refere-se a um tratado de cozinha do séc. XVI, do qual transcreve várias receitas, e a um livro «Arte de Cozinha» (séc. XVII). Fala da importância e do apreço que os portugueses dão ao bacalhau, que já nos fins do séc. XVI nos era trazido por mercadores estrangeiros, nomeadamente ingleses. Põe em relevo também o papel da sardinha na nossa alimentação e dá-nos a indicação da sua pesca no séc. XV. Aponta alguns dos aspectos mais típicos e característicos da cozinha das nossas províncias, que descreve em traços largos: Algarve: caracóis, figos e tomate; Alentejo: açordas e gaspacho (ao qual já se faz referência no início do séc. XVIII) ; Ribatejo: açorda de sável, fataça à ribatejana e enguias assadas em penduro; Beiras: caludo (caldo de castanhas), leitão assado e miscalos de carne de porco; Douro: caldo verde, papas de milho temperadas com leite; Trás-os-Montes: presuntos, e alheiras de Chaves e tabafeias de Bragança. Fala da magnificência da doçaria conventual e alude a certos pratos típicos de certas festas cíclicas: folares de Páscoa, mexidos, bolinhos de jerimu, fatias de parida douradas, orelhas de abade, etc. (Entre Douro e Minho); Natal: fofas (Trás-os-Montes); filhós, broinhas de farinha com uvas e pinhões, tostas, etc. (B. Alta); merendeiras e bicas de farinha, açúcar e ovos (Estremadura); floretas, bolo-podre, bolo-mimo, bola enrolada, pão leve, broinhas de requeijão (B. Baixa); azevias, nogados (Alentejo); filhós de canudo, broinhas e nogados de figo enfeitados com cintura de palha de empreita (Algarve). Descrição de alguns bolos zoomórficos e fálicos.

- 3679 CHAVES, Luís — *O significado social da doçaria*. MEMCB, Porto, 1948, pp. 309-320.

O Autor fala do significado social da doçaria, das suas relações com os produtos de que se serve, e da sua dependência dos recursos locais. Descrição de algumas formas de decoração e confecção.

Influências da doçaria conventual. O papel desempenhado pelo mel, antes do comércio do açúcar.

- 3680 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, LII, Lisboa, 1957, pp. 260-268.

Notas sobre os doces conventuais (Convento do Paraíso, Évora) e sobre a doçaria nacional.

- 3681 CORRÊA, A. Mendes — *A alimentação do povo português*. RCED, 6, Lisboa, 1949.

Com base em informações colhidas em trabalhos de autores antigos e modernos, o Autor analisa a forma como o nosso povo se alimenta, apontando as qualidades e as carências dessa alimentação.

- 3682 COSTA, Carreiro da — *Etnografia agrícola. I — A cozedura do pão. II — As antigas padeiras*. CRCAA, 12, Ponta Delgada, 1950, pp. 107-112.
 Descrição do fabrico do pão em S. Miguel; proibição da sua cozedura em dias determinados (Páscoa, antes da Aleluia, e Ascensão). Orações e benzeduras alusivas. Notícias históricas acerca da existência de padeiras na Ilha.
- 3683 COSTA, Carreiro da — *Variedades de pão na ilha de S. Miguel*. CRCAA, 14, Ponta Delgada, 1951, pp. 145-154.
 Variedades do pão, fabrico, emprego e aspectos culturais.
- 3684 COSTA, Carreiro da — *Etnografia agrícola — Alimentação popular dos Açores*. CRCAA, 31-32, Ponta Delgada, 1960, pp. 135-143.
 O Autor cita Arruda Furtado (1884) que descreve a alimentação do povo micalense (essencialmente pão de milho), e estuda a alimentação popular nos Açores, nos seus aspectos fundamentais: açorda, sopas e caldos; cuscuz, bolos de milho, peixe, etc.; doçaria popular; pratos cerimoniais de determinadas festas.
- 3685 COSTA, E. Sousa — *A indústria caseira de doces*. NA, 1, 12, Lisboa, 1933.
 Breve nota. Menção de alguns doces regionais.
- 3686 DIAS, Lopes — *Distrito Etnográfico — Amassar e cozer o pão*. AR, 1, 47, Castelo Branco, 1925.
 Algumas fórmulas rituais alidas à cozedura do pão. Ensalmos para deitar as galinhas.
- 3687 DIAS, Maria da Conceição — *Tradições Populares do Baixo Alentejo (Ourique)*. RL, XVI, Lisboa, 1913, pp. 181-205.
 Relato lendário da origem do trigo e do milho. Utilização do pão para malefícios (exemplos). Orações pronunciadas ao amassar o pão e enfiar.
- 3688 FELGUEIRAS, Guilherme — *O povo e o fabrico do pão (bosquejo etnográfico)*. RL, XXXVII, Lisboa, 1939, pp. 300-309.
 Orações para o pão. Não cortar o pão com a faca enquanto coze; crenças e dizeres vários relacionados com o pão.
- 3689 FRUTUOSO, Gaspar — *O leite e a carne em S. Miguel, no séc. XVI*. CRCAA, 4, Ponta Delgada, 1946, p. 90.
 Referência à abundância de leite, na Ribeira Grande (séc. XVI), e à sua utilização na alimentação de porcos. Alude à falta de louças, e à cozedura de carne em cabaças e em covas abertas na terra, previamente aquecida.

- 3690 MATTOS, Armando de — *Nótula de doçaria popular*. E, III, Lisboa, 1948, pp. 171-173, 25 figs.
 Nota acerca dos «biscoitos de tender», característicos de Póvoa de Midões (Beira Alta).
- 3691 MIRANDA, Abílio — *Os doces de S. Gonçalo*. Penafiel, 1944, 5 pp.
 Refere-se à capela de S. Gonçalo em Macieira (Lousado) e aos doces de forma fálica. Nega o sentido fálico destes, dizendo que o seu feitio deriva dos sinais gravados em marcos — o cajado — colocados em terrenos pertencentes às organizações cujo padroeiro era este Santo.
- 3692 MIRANDA, Abílio — *A cozedura do pão*. Penafiel, 1945, 3 pp.
 Breves notas sobre o tema. Menção do costume de comer o bolor do pão, para curar doenças dos olhos, e do hábito de fazer na massa uma cruz com um tição em brasa, ao mesmo tempo que se recita uma oração.
- 3693 NASCIMENTO, João Cabral do — *As freiras e os doces do convento da Encarnação*. AHM, v, Funchal, 1937, pp. 68-75.
 Transcrição de gastos de preparos para confecção de doces e iguarias (1811-1814).
- 3694 PEREIRA, Benjamim Enes — *Assadas de batatas na areia*. TAE, XVIII, 1-2, Porto, 1960-1961, pp. 155-156.
 Pequena nota descritiva de uma assada de batatas em areia aquecida pelo fogo, na praia de Mira.
- 3695 PESSANHA, D. Sebastião — *Arrufadas de Coimbra*. Lisboa, 1915, 17 pp., 7 figs.
 Elementos para o estudo da doçaria popular e religiosa em Portugal.
- 3696 PESSANHA, D. Sebastião — *Doçaria Popular Portuguesa (Estudo Etnográfico)*. (Col. Cultura e Recreio), Lisboa, 1957, 63 pp. 58 figs.
 Na Introdução, o Autor acentua a necessidade da aplicação de critérios rigorosamente científicos ao estudo da etnografia e cita alguns autores que se referiram a algumas formas de doçaria popular.
 No estudo deste tema considera a zona litoral — com quase total exclusão das províncias de Trás-os-Montes, Beira Baixa e Alentejo — a região onde esta modesta indústria caseira mais se radicou, e que tem como mercado normal as festas e romarias; e entende que grande parte da doçaria actual é de origem conventual.
 Formas tradicionais: o homem e a mulher, o coração e a pomba, o cavalo, o boi e o cão, o lagarto, as grades e estrelas, etc.

Bolos com representações pornográficas: *rapazes*, de Oliveira de Azeméis e Setúbal, *doces de S. Gonçalo*, de Amarante, *velhotes*, de Vila Nova de Gaia, *sardões* de Penafiel, etc. *Folares* da Páscoa; diferentes formas em que os ovos têm um lugar primordial, nomeadamente quando são destinados a ofertas entre padrinhos e afilhados. *Fogaças*, feitas de massa de trigo, ovos e açúcar, que se oferecem em pagamento de promessa, em algumas festas religiosas da região de Sintra, Leiria e Vila da Feira. *Pernas e braços*: ex-votos oferecidos a Santo Amaro, em Alte, no Algarve.

- 3697 P., S. — *Doçaria portuguesa*. ATP, 2, Lisboa, 1916, p. 29.

Transcrição de pequenas notas fornecidas por dois álbuns existentes na Biblioteca Nacional, mencionando doçaria conventual, preços, etc.

- 3698 PINTO, Maria Luísa Carneiro — *A cozedura do pão*. PVIM, Porto, 1945, pp. 117-122.

«A Autora faz algumas considerações sobre o valor do Pão para a gente da sua província (Douro Litoral), e ensina depois a fabricar o pão, sem omitir os vários nomes dos utensílios usados. Termina dizendo a oração ao pão e faz considerações sobre o valor transcendente do pão, que o povo respeita como nenhum outro alimento. Calcar as migalhas do pão é considerado pecado». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

- 3699 PORTELA, Severo — *Limonadas das romarias*. ATP, 1, Lisboa, 1916, pp. 57-58.

Ensaio literário sobre os refrescos portuenses da Senhora da Hora, Senhor de Matosinhos, da Pedra, S. Bento das Peras, e dos copos que eram utilizados para essas bebidas.

- 3700 RIBEIRO, Emanuel — *O doce nunca amargou — Doçaria portuguesa. História. Decoração. Receituário*. Coimbra, 1928, 139 pp., 84 figs.

Influências de cultos de fecundidade e fertilidade em alguns doces regionais. Referências a banquetes fúnebres, e oferendas várias de doces, nomeadamente aos condenados que seguiam a caminho da forca, etc. Alusão a velhos tratados de cozinha (1693 em diante). Citações histórias de banquetes pantagruélicos e voracidade de frades e fidalgos. Estatuto, de frugalidade impostos pelo Marquês de Pombal e D. Manuel. Diversidade da doçaria conventual e regional. Indicação de alguns lugares em que mais se afirmou a arte do papel recortado, usado como enfeite dos doces. Doçaria; particularidades, receituário e locais de fabrico.

- 3701 RIBEIRO, Emanuel — *Biscoitos de Valongo*. OT, 4.^a Série, 1, Porto, 1930, p. 4.

Breve nota sobre os biscoitos de Valongo; descrição e nomenclatura.

- 3702 RIBEIRO, Luís da Silva — *O alho*. RAç, III, Angra do Heroísmo, 1944, pp. 189-198.

O alho como alimento, desde tempos remotos. Ditados relativos ao alho. O alho traduzindo força e esperteza. Alcunhas do alho. O alho como condimento de inúmeros pratos mencionados em textos, e outros conhecidos na tradição e vida popular.

Topónimos e provérbios. O alho na medicina antiga e popular. O alho na magia e na crença, como amuleto, em citações clássicas e na tradição popular portuguesa; exemplos. Adivinhas.

- 3703 RIBEIRO, Luís da Silva — *Orações do pão na ilha Terceira*. BIHIT, 6, Angra do Heroísmo, 1948, pp. 233-257.

O pão; seu fabrico caseiro. A mística do pão. Sua antiguidade: Roma. Alguns países europeus. Orações dirigidas ao pão na ilha Terceira. Nota comparativa (Portugal e Galiza). Bibliografia.

- 3704 RIBEIRO, Luís — *O pão*. BIHIT, 5, Angra do Heroísmo, 1957, pp. 284-285.

História do pão nas ilhas. Nomes do pão, e referências no Cancioneiro, em Gil Vicente e António Prestes.

- 3705 SAMPAYO, Jayme de — *Um jantar de baptizado*. CSTBC, IV, Santo Tirso, 1956, pp. 267-270.

Ementa dum jantar de baptizado (séc. XVIII) com 22 pratos.

- 3706 SIMÕES JÚNIOR, Manuel Rodrigues — *O forno de cozer o pão*. ACEELV, II, Porto, 1959, pp. 123-125.

Descrição dum forno de cozer o pão, do modo como se aquece, e da preparação da massa para fazer pão.

- 3707 VASCONCELLOS, Leite de — *Estrelas de figos*. BE, I, Lisboa, 1920, pp. 22-23, 2 figs.

Breve nota acerca da figueira e descrição de duas estrelas feitas de figo, do Algarve.

- 3708 V., J. L. de — *Capelas da Senhora do Castelo (Mangualde)*. AP, XXII, Lisboa, 1917, p. 114.

Breve referência a bolos antropomórficos, chamados genéricamente *bonecras*, que se vendiam em certas festividades da Beira.

Ver Ref.^{as}: 3, 57, 102, 142, 144, 145, 147, 208, 218, 219, 221, 222, 223, 227, 236, 237, 256, 264, 266, 274, 276, 277, 280, 281, 284, 286, 288, 292, 297, 310, 352, 358, 386, 404, 405, 416, 442, 559, 590, 689, 695, 894, 895, 896, 909, 949, 1506, 1588, 1879, 1936, 2005, 3097.

2. MANJARES CERIMONIAIS

- 3709 AFONSO, João — *Etnografia agrícola — Pão, carne e vinho na ilha Terceira*. CRCAA, 14, Ponta Delgada, 1951, pp. 143-145.

Descrição de algumas variedades de pão e ementas de carne e vinhos, específicas das festas do Espírito Santo.

- 3710 BASTO, Cláudio — *Vista do Porto*. Po, XII, Porto, 1939, pp. 156-160.

Menção de alguns pratos específicos de determinadas festas portuenses: Natal, Páscoa, Entrudo, S. João, etc.

- 3711 CALDAS, Bento — *As festas de S. Mateus na ilha do Pico*. GV, XIII, Guimarães, 1937, pp. 137-138.

Descrição desta festa, em que aparecem as «rosquilhas» — doce característico da romaria, feito com farinha triga, ovos e açúcar — que as raparigas levam na procissão, e que depois de benzidas são distribuídas pelos romeiros.

- 3712 C., C. da — *Bolos de massa sovada*. RI, VII, Ponta Delgada, 1951, pp. 404-406.

Breve nota sobre o costume de ofertar ao Divino Espírito Santo bolos de massa sovada, com forma de pequenas e toscas esculturas. Indicação de ofertas de bolos antropomórficos, a Santo Antão, Santo Amaro e S. Lázaro.

- 3713 CRUZ, João Amorim Machado — *O Bólo dos Aguados*. DL, VIII, Porto, 1943, p. 63.

Breve nota sobre o costume do bolo contra o «aguado» em Ponte da Barca. Receita do bolo.

- 3714 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *Manjares cerimoniais do Entrudo em Portugal*. APPC, XXIII Congresso Luso-Espanhol, Coimbra, 1956, pp. 299-310.

Estudo dos manjares cerimoniais do Entrudo nas diferentes terras portuguesas. Tentativa de interpretação.

O alimento variável no espaço e no tempo, como factor da cultura e de diferenciação regional, e, mais tarde, produto de natureza cultural. O valor superalimentar dos alimentos: os «manjares cerimoniais» próprios de certas celebrações cíclicas como vestígios mais ou menos directos de primitivas manducações rituais. O Entrudo herdeiro conjectural de cerimónias de purificação no começo do ano agrário: a liberdade licenciosa traduzida no plano alimentar por refeições copiosas e gordas. A carne de porco, em terras nortenhas, e em especial a orelheira; a «sobreceia» do Carnaval trasmontano e o «butielu» de Rio de Onor; a refeição melhorada e gorda no sul, e o galo no Algarve. As filhoses; o «sábado folheiro» em terras de Aguiar —

filhoses de milho miúdo, só dessa época. Outros doces. Peditórios alimentares. Preceito de abundância (carne de porco), e sentido mágico das filhoses: fertilidade (consagração de espécies alimentares fundamentais) e purificação (fritos).

- 3715 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — «*Folares*» et oeufs de Paques au Portugal. SAV, 53, 1957, pp. 151-156.

Estudo acerca dos folares e ovos de Páscoa em Portugal.

Descrição dos tipos fundamentais: o mais corrente, feito de farinha de trigo, ovos, leite, azeite, banha de porco, levedura, canela, ervas aromáticas, com ovos cozidos inteiros meio incrustados na parte superior, açúcar, etc., correntes no sul do País e que vêm até ao rio Douro; o folar trasmontano, um pouco do mesmo tipo mas com a diferença fundamental de ter pedaços de carne, especialmente de porco, de permeio com a massa; o folar de pão-de-ló, ou a regueifa de massa de trigo, do Minho e região do Porto, etc. E, além destes, os ovos geralmente tingidos que no Noroeste Atlântico, Minho e região do Porto, são ofertados ao padre na altura da visita pascal (e ainda como prenda de namorados). Uns e outros são específicos do ciclo pascal, e os primeiros constituem presente cerimonial de padrinhos e afilhados. Essa obrigação dos padrinhos — que segundo o Autor marca a relação especial e estreita que existe entre as celebrações da Páscoa e o parentesco cerimonial — cessa quando os afilhados atingem a maioridade.

Descrição dos processos de tingidura, com corantes naturais (casca de cebola, flor de lírio, de violeta, tojo, mento, hera, etc.) e do tipo de decoração.

- 3716 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *Manjares e refeições cerimoniais em Portugal*. EEFHRA, Rio de Janeiro, 1960, pp. 345-365.

Estudo dos manjares cerimoniais das celebrações cíclicas do mês de Novembro, em várias regiões portuguesas O alimento como factor de cultura desde as idades líticas, e de diferenciação de culturas. Sua ulterior dependência relativa dos factores não unicamente mesológicos. Sentido cultural e não apenas orgânico de certas selecções alimentares do grupo. O alimento, expressão não só do meio natural, mas também da cultura. Carácter superalimentar do alimento: os manjares cerimoniais próprios de certas festividades, como possíveis vestígios de manducações rituais em celebrações anteriores das quais aquelas possivelmente derivam. Todos-os-Santos e Fiéis Defuntos: 1) a castanha e os magustos, no norte, Beiras, e Serra de Monchique; castanhas e fogueiras dos Santos no leste trasmontano; o caldo de castanhas, e as castanhas para os defuntos. 2) os bolos especiais, objecto de peditórios ou ofertas, no sul — Algarve, Alentejo, Estremadura («pão por Deus»), Beira Baixa (bolo dos Santos), e Beira Alta (Santoros), Coimbra, Açores, etc. — Os «Fiéis de Deus» de Santo Tirso. Em certas partes 1) do Alto Alentejo, papas de milho, em Castelo de Vide moído obrigatoriamente nas zangarelhas; e 2) de Aveiro, as papas de abóbora. Trata-se de consagrações alimentares de espécies fundamentais oferecidas às almas dos defuntos, que vêm à terra nestes dias. Conclusões: «a) a qualidade de manjar cerimonial da castanha, numa vasta área do país, acentua a sua importância como elemento basilar da economia

alimentar doutras eras»; b) a associação frequente de pratos cerimoniais e espécies ou técnicas arcaicas postas de parte, mostrando o valor do elemento ancestral na formação do pensamento mítico é um argumento a favor da hipótese mágico-religiosa na interpretação das cerimónias mágico-tradicionais.

- 3717 PORTELA, Severo — *Rabanadas da Consoada*. ATP, 4, Lisboa, 1918, pp. 94-95.

Ensaio literário, em que se faz menção de alguns pratos tradicionais do jantar da consoada no Porto.

- 3718 V., J. L. de — *Observações a «o Archeólogo Português»*. AP, XII, Lisboa, 1907 p. 243.

Breve nota acerca dos bolos feitos de «boleta doce», a que chamam azovias, específicos do Entrudo (Alentejo).

- 3719 V., J. L. de — *Bolo antropomórfico*. BE, I, Lisboa, 1920, p. 31.

Breves referências a bolos antropomórficos e aos *Santoros* (Beira) específicos do dia de Todos-os-Santos, que considera como «vestígios de sacrifícios aos mortos?»).

- 3720 S/A. — *Culinária — Pratos do fim de ano*. NA, VIII, 358, Lisboa, 1940.

Receita de broas, coscorões e bolo-rei, próprios da quadra natalícia.

- 3721 S/A. — *Alfenim*. BIHIT, 6, Angra do Heroísmo, 1948, pp. 281-282.

Menções e receita, do doce popular conhecido como alfenim, usado nas ilhas especialmente para cumprimento de promessas feitas a Santo Amaro, S. Marcos, S. João e Espírito Santo.

Ver Ref.^{as}: 142, 144, 207, 225, 227, 237, 281, 294, 358, 405, 442, 491, 559, 1426, 1447, 1474, 1482, 1483, 1491, 1493, 1498, 1499, 1505, 1507, 1518, 1523, 1527, 1532, 1533, 1586, 1623, 1626, 1628, 1630, 1635, 1638, 1640, 1641, 1857, 1930, 1985, 1988, 2380, 2509, 3097.

XVII — Ciência popular

1. MEDICINA POPULAR

- 3722 ALMEIDA, A. Pinto de — *Notas de Medicina Popular de Valbom (Gondomar)*. AMP, I, Porto, 1944, pp. 67-80.

Algumas receitas de medicina popular, ensalmos e orações, utilizadas na cura de entorses, ínguas, impigens, erisipela, unheiros; talhar bruxedos; etc.

- 3723 ALMEIDA, A. Pinto de — *Medicina Popular de Valbom*. AMP, II, Porto, 1945, pp. 97-106.

Descrição de algumas práticas de medicina popular. Ensalmos.

- 3724 ALMEIDA, A. Pinto — *Medicina popular de Valbom (Novos elementos)*. JM, v (116), 592-594, Abril, 1945.

Notas de medicina popular.

- 3725 AZEVEDO, P. A. d' — *Receitas de medicina popular portuguesa do séc. XVII*. RL, IV, Lisboa, 1896, pp. 114-121.

Receitas de medicina popular, práticas mágicas, rezas e ensalmos para muitos males e doenças: dias aziagos, para estancar sangue nas narinas, para não temer feitiços, para o vinho não fazer mal, para não entrar em casa feitiço, para ver qual dos dois é estéril, para os dentes, para estancar sangue das feridas, palavras para as lombrigas, etc., extraídas de documentos da Torre do Tombo.

- 3726 BASTO, Cláudio — *Medicina popular — «Quebraduras»*. ATP, 1, Lisboa, 1916, pp. 88-92, 120-125 e 138-143; 2, 1917, pp. 62-64, 74-75 e 110-111.

Definição, com menção de velhas obras, da «quebradura» (hérnia) e sua etiologia. Descrição do tratamento popular: «passagem pelo vime», ou caule de outras plantas, falas, rezas e práticas, em várias freguesias de Viana do Castelo, Torres Vedras, Portalegre, Santo Tirso, Oliveira de Azeméis, Lavradio, Vila Real, Figueira da Foz, Guarda, Seixal, etc.

Estas práticas relacionam-se com o S. João, e o Santo tem grande interferência nas rezas para conjurar o mal.

Transcrição de artigos vários sobre o assunto, com descrições de práticas, das Rev. «Lusitana», do «Minho», etc.

Menção da terapêutica popular das hérnias no Brasil, Espanha (ambas relacionadas com o S. João), Suíça e França.

Citações literárias acerca dos elementos do rito, que decompõe e analisa cuidadosamente, em especial no que se refere à transplantação do mal, para plantas, animais, etc., e sobre ritos mágicos a ela ligados.

Citações de velhos textos sobre a doença e sua terapêutica, e sobre outras práticas.

Indicação dos santos advogados das hérnias, e transcrição de um velho relato dum cura, por intermédio de Santo António

- 3727 BASTO, Cláudio — *Medicina popular — Raiva*. RL, XXIII, Lisboa, 1920, pp. 96-103; XXIV, 1921-22, pp. 5-28; XXVI, 1927, pp. 84-110; XXIX, 1931, pp. 33-49.

Estudo comparativo sobre a Raiva. Análise dos diversos aspectos de que a sua terapêutica se reveste, segundo exemplos colhidos directamente em várias regiões do País, na bibliografia antiga da especialidade, etc.; confronto com casos semelhantes ocorridos em outros países.

Começa por indicar as causas que, segundo a tradição, tornam os cães raivosos — sede, carne podre, sangue, determinados ventos, etc. — e faz a crítica dos erros que se cometem quanto à interpretação dos sintomas da hidrofobia — a visão da imagem do cão reflectida através da água ou de um espelho é sintoma certo da pessoa haver sido mordida —, etc.

Fontes curativas da raiva e outros prognósticos tirados da água. Terapêutica de natureza simpatizante e homeopática e outros meios profilácticos — esfregar a mordedura com o pêlo do mesmo cão; cauterização e ferros específicos; banhos do mar; pedras de azeviche, de cobra e de bazar; etc. Medicina supersticiosa — Benzedores; pão bento; relíquias: cabeças santas; dente santo de S. Frutuoso. Santos advogados. Orações contra cães danados.

- 3728 BRAGA, Alberto Vieira — *Medicina popular e cautelas supersticiosas*. GV, I, Guimarães, 1925, pp. 195-203.

Menção de práticas de medicina popular, e prevenções supersticiosas.

- 3729 BREYNER, A. de Mello — *Velho herbanário*. T, II, Serpa, 1900, p. 138.

Breves notas de medicina popular.

- 3730 CARNEIRO, A. Lima — *O Parto*. AMP, II, Porto, 1945, pp. 29-38.

Relato de várias superstições referentes ao parto, e práticas caseiras de obstetrícia.

- 3731 CARNEIRO, A. Lima — *Cura das hérnias*. DL, Segunda Série, III, Porto, 1945, pp. 53-56, 1 fig.
Práticas de medicina popular em tratamentos de hérnias. Referências à profissão das ligadeiras, e transcrição de documentos extraídos do Livro dos Expostos.
- 3732 CARNEIRO, Alexandre Lima — *Plantas medicinais de Santo Tirso*. CSTBC, I, Santo Tirso, 1952, pp. 385-406.
Catálogo de medicina naturalista.
- 3733 CARNEIRO, Alexandre Lima — «*Curadoras*» ou «*Curadeiras*» de Tinha. DL, Sétima Série, v-vi, Porto, 1956, pp. 463-467.
Transcrição de notas e documentos sobre o tratamento daquela doença, encontradas no Registo dos Expostos do Porto.
- 3734 CARNEIRO, Alexandre Lima e LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Medicina popular minhota*. RL, XXIX, Lisboa, 1931, pp. 226-245.
Indicação de doenças e processos de tratamento, em várias regiões do País. Cancioneiro alusivo. Ensalmos.
- 3735 CARNEIRO, A. Lima e LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Notas comparativas de medicina popular luso-brasileiras*. CMP, III, XI, Lisboa, 1940, pp. 311-330.
Ensaio comparativo de medicina popular luso-brasileira.
- 3736 CARNEIRO, Alexandre Lima e LIMA, Fernando de Castro Pires de — *A arte de talhar a erisipela*. Porto, 1942, 75 pp.
Estudo de várias práticas de medicina popular, algumas de carácter e natureza supersticiosa, outras racionais. Descrição de várias fórmulas. Comparação da terapêutica científica com a popular, no tratamento desta doença.
- 3737 CARNEIRO, A. Lima e LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Medicina popular luso-brasileira — Arte de talhar o pé torcido*. II, Coimbra, 1946, pp. 121-134.
Descrição de rezas e benzeduras para talhar o pé torcido, correntes em Portugal e no Brasil.
- 3738 COELHO, Ramiro de Sá — *Obstetrícia Popular*. AMP, II, Porto, 1945, pp. 87-96.
Vocabulário anatómico, fisiológico e patológico da obstetrícia popular. Sinonímia popular da gravidez. Práticas caseiras de obstetrícia.

- 3739 COSTA, Carreiro da — *Etnografia agrícola — Quatro plantas úteis nas tradições populares açorianas*. CRCAA, 15, Ponta Delgada, 1952, pp. 145-159.

Utilização de 4 plantas (alecrim, arruda, murta e salsa) em práticas mágicas, na medicina popular e na culinária açorianas. Quadras populares alusivas.

- 3740 C., C. da — *Barbeiros de lanceta e sangradores*. RI, VII, Ponta Delgada, 1951, pp. 190-191.

O Autor faz referência a 4 quadras populares inseridas no Romanceiro de Leite de Vasconcelos, alusivas a esta duplicidade de funções dos barbeiros, e nota a existência em S. Miguel de práticas semelhantes, em que certos barbeiros eram cumulativamente barbeiros e cirurgiões.

- 3741 CRESPO, José — *A medicina popular no Minho*. JOM, III, 57, Porto, 1952, p. 503.

O Autor foca 4 aspectos da medicina popular minhota: as mezinhas, as práticas profanas, as práticas devotas, e a invocação dos santos. Indica as plantas mais empregadas nos preparativos das mezinhas; refere-se aos «chota diabos», bruxas e «curiosas», e sem processos de tratamento, e a práticas devotas utilizadas com o mesmo fim.

- 3742 CRESPO, José — *Receitas ocultas da medicina popular*. JOM, VI, 249. (Nova Série), 1956, p. 389.

Crítica a algumas receitas de medicina popular que enuncia.

- 3743 CUNHA, Fernanda de Matos — *Folclore de Barcelos*. TAE, V, 4, Porto, 1932, pp. 301-320.

Medicina popular — Receituário e aplicações várias. Quadras populares (cerca de 130).

- 3744 DIAS, Lopes — *Distrito Etnográfico — Medicina popular supersticiosa*. AR, II, 52, Castelo Branco, 1925.

Fórmulas para curar as quebras (hérnias).

- 3745 DINIS, Manuel Vieira — *Plantas medicinais de uso tradicional*. DL. Quarta Série, I-II, Porto, 1950, pp. 72-77.

«O Autor fornece uma lista abundante de plantas medicinais usadas em Paços de Ferreira, e as suas diferentes aplicações. Para certas plantas faz descrição pormenorizada da maneira de as preparar e aplicar». (A. Jorge Dias — B.H.E.P.).

3746 DRUMOND, Luís Ferreira Machado — *Tradições e costumes terceirenses — Crendices e benzeduras*. BIHIT, 16, Angra do Heroísmo, 1958, pp. 104-128.

9 orações recitadas pelas benzedadeiras contra o quebranto; 2 orações para curar crianças rendidas; 4 orações para curar impígens; etc.

3747 FERREIRA, Bettencourt e SANTOS JÚNIOR; J. R. dos — *Algumas considerações sobre medicina popular das mordeduras de víbora*. RL, XXIX, Lisboa, 1931, pp. 203-216.

A pedra de cobra. Notas interpretativas, exemplificativas e comparativas.

3748 FERREIRA, Júlio de Bettencourt e SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigues dos — *Sobre o ofidismo em Portugal. Medicina Popular das mordeduras de víbora*. CIAAP, xv^e, Paris, 1931, 6, p.

Formas de medicina popular no tratamento de mordeduras de víboras.

3749 FILANDER, Gumar — *Citraria e falcoaria velha*. BF, VI, Lisboa, 1940, pp. 443-447.

Medicina popular.

3750 FONSECA, Crespiano — *Medicina popular*. AR, III, 119, Castelo Branco, 1928.

Breves considerações acerca de medicina popular e menção de 4 receitas.

3751 GIESE, Wilhelm — *Benefe, amor-perfeito, orelha de rato*. BIHIT, 14, Angra do Heroísmo, 1956, pp. 73-89.

A violeta, o amor-perfeito e a miosótis: riqueza que revelam na fala popular; simpatia que despertam e seu emprego na medicina popular; crenças.

3752 GONÇALVES, J. Cardoso — *A pedra de cobra*. FL, v, Lisboa, 1932, pp. 64-71.

Notícias históricas sobre a pedra Bezoar, de virtudes curativas nas mordeduras de víboras.

3753 LEÃO, Armando — *Notas de medicina popular minhota*. AMP, I, Porto, 1944, pp. 11-44.

Aplicação do mel e gorduras animais, de porco, galinha, cobra e lesma, na medicina caseira. Fórmulas em que intervêm drogas e fórmulas de natureza supersticiosa (ensalmos e benzeduras). Exemplos vários em curas de fracturas, reumatismo, queimaduras, e dermatoses várias. Alguns santos advogados.

- 3754 LEÃO, Armando — *Terapêutica Popular Duriense (Santa Leocádia — Baião, Douro)*. AMP, II, Porto, 1945, pp. 71-86.
Cerca de 100 receitas de medicina popular.
- 3755 LEÃO, Armando — *Medicina Popular Antiga*. AMP, II, Porto, 1945, pp. 113-116.
Duas receitas para tratamento da raiva.
- 3756 LIMA, Américo Pires de — *Curandeiros e curandeirismo*. Porto, 1912, 12 p.
Referências a «médicos» populares, ou curandeiros, a que o povo costuma recorrer.
- 3757 LIMA, Augusto César Pires de — *Pedras de cobra*. L, III, Viana do Castelo, 1919-20, pp. 70-71.
Referências ao uso das pedras de cobra, aplicadas na cura da raiva. Cita o trabalho do P.^o Manuel Godinho, «Relação da Viagem da Índia», e estabelece comparação entre o tratamento ainda há pouco usado em Lousada (Famalicão) e os processos que o P.^o Manuel Godinho descreve na Índia.
- 3758 LIMA, Augusto César Pires de — *O arejo e o ar*. Po, 2.^a série, I, Porto, 1946, pp. 102-107.
Fórmulas usadas pelo povo para talhar o «arejo» e o «ar».
- 3759 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *Apontamentos de terapêutica popular*. RL, XXVIII, Lisboa, 1930, pp. 279-281.
Profilaxia — usos, superstições, ensalmos. Gravidez, parto e amamentação. Doenças das crianças (recolhidos em S. Simão de Novais).
- 3760 LIMA, Fernando de Castro Pires de — *O vinho na terapêutica*. APPC, IV, Tomo VIII, Porto, 1944, pp. 286-307.
Apologia do vinho como elemento terapêutico. Exemplos de medicina caseira. Quadras populares alusivas ao vinho.
- 3761 LOUÇÃO, P.^o João Luiz Lourenço — *Etnografia do Minho — Medicina popular — Superstições*. Po, II, Porto, 1929, pp. 264-265.
Indicação de práticas e rezas contra várias doenças.
- 3762 MACHADO, Casimiro de Moraes — *Subsídios para a história do Mogadouro — Empirismo regional — Rezas e receitas*. DL, Oitava Série, III-IV, Porto, 1957, pp. 277-300.
Notas de medicina popular. Rezas e ensalmos.

- 3763 MARTHA, M. Cardoso — *Cartas etnográficas*. L, II, Viana do Castelo, 1918, pp. 150-153.
 Descrição dum processo de curar a «espinhela caída».
- 3764 PIÇARRA, Ladislau — *Medicina empírica*. T, I, Serpa, 1899, pp. 69-71 e 136-138.
 Tratamento empírico e popular das escrófulas. Côbro (zona). Considerações acerca da doença e dos modos populares usados no seu tratamento.
- 3765 PIÇARRA, Ladislau — *Medicina popular*. T. III, Serpa, 1901, pp. 41-42, 177.
 A erisipela — práticas mágicas profiláticas: conta de loendro ao pescoço, cebolas albarrans sob o travesseiro em números ímpares (5), engolir bagos de trovisco. Alimentos que se encostam à pele dos doentes, com a crença de que assim se alimentam: espécie de rabanadas, galinhas, às vezes pretas, etc.
- 3766 PINA, Luís de — *Medicina popular*. RL, XXV, Lisboa, 1923-25 pp. 205-230; XXVI, 1927, pp. 147-164.
 A intercessão dos santos na medicina popular — Os Santos curandeiros — Cautelas, rezas, Santos advogados. Partos, mães e filhos. Erisipela. Males de cabeça, vermes intestinais, doenças da pele, pestes, «bichoco», dores de dentes, farfalho, mau olhado, dormências, suores, doenças dos olhos, do sistema nervoso, raiva, feitiçarias, bruxedos, ares ruins, males do peito, previsão de doenças, etc. Adagiário médico.
- 3767 PINA, Luís de — *Os remédios imundos na medicina popular*. CIAAP, XXV^e, Paris, 1931, p. 7.
 Menção de várias práticas de medicina popular; sua relação com outras similares usadas por povos de outras épocas.
- 3768 PINA, Luís de — *Ensaio de folclore médico analítico português (Beira Baixa)*. TAE, VIII, 2, Porto, 1937, pp. 147-211.
 Estudo analítico e comparativo de medicina popular.
- 3769 PINA, Luís de — *Os cânones de S. Martinho de Dume e medicina luso-germânica*. BA, VIII, Braga, 1957, pp. 328-366.
 Análise de alguns escritos de S. Martinho de Dume referentes a assuntos médicos. Aspecto mágico-popular da medicina no século VI, segundo esses escritos.
- 3770 PINA, Luís de — *Influências suevas e bizantinas na medicina ibérica*. BA, XI-XII, Braga, 1960-61, pp. 121-138.
 Traça as características da medicina europeia da época visigótica e bizantina, e estuda a sua influência na medicina ibérica.

- 3771 PINA, Luís de — *Medicina e Superstição*. APP, 1, pp. 335-385, 11 figs.
 O Autor faz uma exposição dos fundamentos de medicina popular, citando extensa bibliografia e analisa em pormenor alguns dos seus aspectos. Apresenta alguns exemplos de paralelismo, analogias e convergências culturais médico-supersticiosas de certas populações negras, e transcreve algumas receitas em que é evidente uma mistura de magia negra e de cristianismo. Fala do culto dos católicos pelos santos, que instituem defensores de certas enfermidades, e aponta os principais elementos de que se compõe a folcmedicina: bentos, benzedores, bruxas, ervanários, ferradores, mulheres de virtude, endireitas, barbeiros, exorcistas, corpos santos, anjos demónios, amuletos, ídolos gentílicos, etc.
- 3772 PIRES, A. Thomaz — *Medicina popular alentejana*. AT, I, Elvas, 1933, pp. 150-152.
 Receitas várias de medicina popular.
- 3773 RODRIGUES, Adriano — *Um tipo minhoto popular*. RG, XLIV, Guimarães, 1934, pp. 121-131 e 182-188; XLV, 1935, pp. 10-18.
 Notícia sobre um cirurgião que se servia de estranhos remédios para curar os seus doentes. Relação dos livros do cirurgião e transcrição de algumas receitas de mezinhas por ele aplicadas.
- 3774 ROQUE, Joaquim — *As rezas e benzeduras no Baixo Alentejo*. AMP, I, Porto, 1944, pp. 51-56; II, 1945, pp. 107-112.
 Oração para curar a erisipela; comparação com outra semelhante espanhola. Tratamento popular da espinhela caída. Descrição do processo.
- 3775 SILVA, Sophia da — T, I, Serpa, 1899, pp. 65-68 e 102-104.
 Notas acerca de algumas plantas da flora portuguesa, e das suas virtudes na medicina popular.
- 3776 SOLEDADE, Frei Luís de — FL, I, Lisboa, 1929, pp. 83-86.
 Notícia de uma receita de caldo de víboras, contra uma doença de pele do Marquês de Pombal.
- 3777 VASCONCELOS, J. Leite de — *Medicina dos Lusitanos*. Lisboa, 1926, 66, pp. 29 figs.
 Tópico duma conferência em que se refere à medicina pré-histórica, proto-histórica, lusitano-romano e lusitana do período germânico, baseado em dados arqueológicos e em analogias com o que se passa com os povos que ainda vivem num estágio primitivo. Indicações bibliográficas (nacionais e estrangeiras) sobre tatuagem.

Tradução dum texto de Estrabão referente à terapêutica dos lusitanos. Transcrição de algumas disposições do Código visigótico a respeito dos médicos e doentes.

Lista de objectos do Museu Etnológico concernentes à etnografia e história médicas, que figuram numa exposição realizada na Faculdade de Medicina.

- 3778 VASCONCELLOS, J. Leite de — *A inteligência e o instinto*. (n.º 13 *Bibliografia Literária — Instituto Pasteur de Lisboa*), 15 pp., s/d.

Apoiado em dados arqueológicos e num método comparativo, o Autor faz um esboço da medicina pré-histórica — prática da trepanação, de que há testemunhos desde o calcolítico, e uso de certos micrólitos em tratamentos cirúrgicos —; proto-histórica — exposição dos doentes às portas, nas ruas (cit. Estrabão), e fontes medicinais (deus Bormânico e santuário de Endovélico); medicina lusitano-romana — emprego terapêutico de águas minerais, etc.; medicina lusitana do período germânico — alusão ao cânon martiniano que se refere a ervas medicinais, cuja colheita dava lugar a certos actos mágicos e à recitação de ensalmos.

- 3779 VIANA, Tomaz Simões — «*Emplastadeiras*». AAM, I, pp. 65-67.

Descrição de alguns processos adoptados por certos curandeiros no tratamento da «*espinhela caída*» e «*madre caída*».

- 3780 VITORINO, Pedro — *As bichas de sangrar*. AMP, I, Porto, 1944, pp. 57-65.

Nótula acerca do uso da sangria, por meio de lanceta ou de sanguessugas, como terapêutica. Alusão a duas obras — *Práticas de Barbeiros* (1693), e *Exame de sangradores* (1806) — referentes ao assunto.

- 3781 VITORINO, Pedro — *O «Agnus Dei» e a Medicina Popular*. AME, I, Porto, 1944, pp. 81-86.

Nota sobre a virtude do «*Agnus Dei*» para conjurar doenças.

- 3782 S/A. — *Côbro*. RM, X, Esposende, 1895, p. 72.

Pequena nota sobre esta doença (Odemira).

- 3783 S/A. — *Feira dos tempos — XV — Benzedores de cães danados*. FL, II, Lisboa, 1930, p. 123.

Notícia do *Archivo Pitoresco*, I, p. 343 (1858) acerca do ordenado que os vereadores e procuradores dos Mesteres de Lisboa mandavam pagar a um benzedor de cães danados (1497).

Ver Ref.^{as}: 4, 44, 142, 144, 207, 219, 221, 223, 250, 256, 279, 280, 288, 292, 301, 358, 386, 442, 559, 939, 949, 1411, 1422, 1426, 1468, 1479, 1497, 1585, 1588, 1593, 1612, 1668, 1879, 2147, 2153, 2193, 2223, 2377.

2. METEREOLOGIA POPULAR

- 3784 AMARAL, João José do — *Etnografia agrícola — Prognósticos rurais no ano de 1850*. CRCAA, 18, Ponta Delgada, 1953, pp. 115-119.
67 prognósticos populares tirados da atmosfera, do sol, da lua, das estrelas, das nuvens, etc.
- 3785 BRITO, J. Maria Soeiro de — *Astronomia, Meteorologia e Chronologia populares*. Esposende (Colecção Silva Vieira), 1890, 42 pp.
Crenças e noções populares sobre aqueles assuntos.
- 3786 CARNEIRO, A. Lima — *Previsões de tempo*. DL, Segunda Série, 1, Porto, 1944, pp. 55-56.
Descrição de dois processos usados pelo povo para prever o tempo que fará no ano seguinte.
- 3787 CHAVES, Luís — *As arremedas*. AP, XXII, Lisboa, 1917, p. 365.
Fórmula de prever o estado do tempo no próximo ano, estabelecendo correspondência entre os dias 13 a 24 de Dezembro, com os meses do ano próximo, respectivamente; este prognóstico pode ser anulado pela desarremeda — contraprova estabelecida a partir do dia 25 de Dezembro.
- 3788 CHAVES, Luís — *Previsões de tempo na agricultura*. OI, 97, Coimbra, 1940, pp. 165-176.
Previsões de tempo; rifões agrícolas que definem a esperança do lavrador nos meses.
- 3789 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, 48, Lisboa, 1955, pp. 65-70.
Notas sobre a vela «benta» da Senhora das Candeias (Candelária). Previsões de tempo futuro, feitas neste dia.
- 3790 C., C. da — *Previsão do tempo — Antiguidade de um prognóstico*. RI, III, Ponta Delgada., 1947, pp. 548-549.
Refere-se ao costume de prever o tempo tomando por base os últimos dias de Dezembro ou os primeiros de Janeiro. Comparação com práticas semelhantes dos países europeus, França, Inglaterra, Suíça, etc., assinaladas por Adolfo Coelho, que o Autor cita.
- 3791 DACIANO, Bertino — *Retalhos de investigação etnográfica — O tempo e os almanaques do povo*. BBPMM, 1, Matosinhos, 1954, pp. 5-14.
Análise e menção de almanaques e calendários populares.

- 3792 GIRÃO, A. de Amorim — *Ventos predominantes em Portugal e seus nomes populares e tradicionais*. OI, 115, Coimbra, 1953, pp. 656-687.
Nomes populares de ventos. Representação cartográfica e ensaio de sistematização dos seus principais rumos.
- 3793 GUEDES, Luiz Emygdio Cardoso — *Prejuízo do sal*. RM, 1, Barcelos, 1886, p. 37.
Previsão do estado do tempo no futuro por intermédio de uma prática tradicional do S. João.
- 3794 MONTEIRO, A. Pereira — *Tradições populares de Marco de Canavezes*. DL, Segunda Série, VIII, Porto, 1947, pp. 20-22.
Quebras e requebras. Previsão do tempo. A mão de um morto; crença e história.
- 3795 M., A. de — *Arte Popular da Província (Tentativa de inventário)*. DL, IV, Porto, 1941, pp. 70-71, figs.
Cata-ventos.
- 3796 M., C. — *Um calendário popular*. FL, II, Lisboa, 1930, pp. 76-83.
Um calendário popular, com gravuras e preceitos higiénicos em verso, datado de 1741.
- 3797 PEIXOTO, Rocha — *Os cataventos*. P, 2, pp. 439-448, 46 figs.
Meteorologia popular. Prognósticos e previsões segundo o aspecto dos primeiros doze dias do ano, pelo rumo dos ventos em dias específicos, aspectos celestes, nuvens e trovões.
Estudo dos cata-ventos, que, segundo o Autor, procedem da alta Idade Média, usados então exclusivamente como sinal de nobreza e nas torres de igrejas. Tipo de decoração das formas mais características: a seta associada à cruz e esfera armilar, o galo, peixes, leões, anjos, figuras humanas, etc.
- 3798 PRATT, Óscar de — *Nomes de ventos*. RL, XX, Lisboa, 1917, pp. 119-128.
Nomes de ventos, conceitos e meteorologia popular relacionada com o vento. Comparações com casos espanhóis.
- 3799 RIBEIRO, L. — *Nomes de vento e do diabo*. BIHIT, 2, Angra do Heroísmo, 1944, pp. 299-302.
O vento nos Açores. Os nomes dos ventos. A classificação dos nomes dos ventos, de Leite de Vasconcelos. Os nomes dos ventos nas ilhas e sua comparação com o continente e outros países.
Os nomes do diabo, como meio de não proferir o próprio nome, que é tabu.

3800 V., J. L. de — *Nomes de ventos*. RL, xx, Lisboa, 1917, pp. 162-163.

Nomes de vários ventos.

3801 s/A. — *Calendário popular*. AETPP, I, Porto, 1883, pp. 5-16.

Calendário popular com várias indicações etnográficas respeitantes a determinados dias do ano, quadras populares e adágios.

Ver Ref.^{as}: 67, 144, 208, 280, 1411, 1422, 1651, 1745, 1838, 2141, 2911.

XVIII — Vária

1. ETNOLOGIA

- 3802 BARREYRA, P.^o Fr. Isidoro de — *O Tratado das significações das plantas, flores e frutos que se referem na sagrada Escritura*. Lisboa, 1622, 1698.

«É obra religiosa, no gosto da de Fr. Aleixo de Santo António, que porém lhe é posterior. Tomando por base a significação simbólica de cada planta, flor ou fruto, como *palma* que significa *vitória*, *oliveira* que significa paz, *murta* que significa *dor*, etc., onde às vezes se reflecte a tradição popular, como se vê comparando isso com o que hoje se diz, o A. faz diversas considerações místicas e edificativas.

No princípio da obra há uma *Taboada*, onde, ao lado do nome de cada planta, flor ou fruto, se indica a sua significação — o que facilita a consulta». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).

- 3803 BRANCO, Cecília Schmidt — *A rosa na vida dos povos*. Biblioteca de las tradiciones populares españolas, VIII, 1886.

«Tratam-se nesta obra os seguintes assuntos: cap. I, *A rosa na mitologia*; cap. II, *nos cultos*; cap. III, *na vida profana*; cap. IV, *na medicina e na magia*; cap. V, *como símbolo*; cap. VI, *no vocabulário e no onomástico*». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. I).

- 3804 CEO, Maria do — *Enganos do bosque e desenganos do rio*. Lisboa, 1736.

«Capítulos com elementos etnográficos:

Significação das flores moralizadas — pág. 199 sqq. *Significação das frutas moralizadas em estylo singelo* — pág. 218 sqq. *Significação das ervas aromáticas moralizadas* — pág. 239 sqq». (J. Leite de Vasconcelos — E.E. vol. II).

- 3805 CHAVES, Luís — *Nos domínios da etnografia e do folclore*. RO, XIV, Lisboa, 1941, pp. 140-144; LIX, 1955, pp. 146-151.

Considerações sobre a concepção popular da natureza: terra, animais, plantas, etc. O cipreste na tradição popular.

- 3806 DIAS, Jorge — *Contactos de Cultura*. CPUIR, Lisboa, pp. 57-82.

Análise de vários problemas resultantes de contactos que os portugueses estabeleceram com diversos povos da terra, nomeadamente Ilhas, Cabo Verde, Brasil, Angola, Moçambique, etc. Feições mais marcantes que eles apresentam: «Intercâmbio comercial, científico, técnico e artístico». O Autor estabelece os principais elementos que actuaram no processo de aculturação verificado nessas terras, definindo alguns dos traços fundamentais da nossa cultura — tradição comunitária, família multifuncional de tradição patriarcal —, e do carácter nacional — sonhador activo, capacidade de adaptação, etc.; e analisa seguidamente as diversas conjunturas étnico-sociais que os portugueses tiveram de enfrentar, a partir do século XV: Madeira e Açores — introdução de escravos; preponderância da nossa cultura sobre estes e sua absorção; Cabo Verde — primazia demográfica do elemento africano, miscigenação e originalidade de formas culturais a que deu lugar; o crioulo; Brasil — fusão de três elementos: branco, negro e ameríndio; domínio dos nossos padrões culturais sobre estes; Angola e Moçambique — Endogamia de classe. Denúncia de certos perigos consequentes da atitude assumida pela mulher branca na difusão do preconceito contra a miscegenação e outros factos diversos que provocam casos de tensão racial Etc.

- 3807 LOPES, JR., F. — *O «Castelo» na tradição popular*. BIHIT, 9, Angra do Heroísmo, 1951, pp. 242-244.

O castelo de Angra. Reminiscência histórica do rigor dos castigos de que ele foi teatro. A tradição popular no cancioneiro e em locuções populares.

- 3808 NEVES, Álvaro — *Etnografia portuguesa — Escrito «com tinta de ferrugem e de fumo de candeia»*. E, II, Lisboa, 1942.

Nota acerca de uma peça manuscrita da secção «História da escrita» do Museu Etnológico Português.

- 3809 PIAZZA, Walter F. — *A vitória da cultura popular açoriana em Santa Catarina*. BIHIT, 16, Angra do Heroísmo, 1958, pp. 129-141.

A contribuição açoriana no panorama da colonização de Santa Catarina. Exemplos: pombinhas nas pontas dos beirados dos telhados, brancura exterior das paredes e cores vivas das janelas e portas, carro de bois, olaria, renda de bilros, etc. Influências na literatura oral; folias do Espírito Santo; bailes.

- 3810 RIBEIRO, Luís da Silva — *Síntese da influência do mar na vida popular dos Açores*. CMP, II, XVIII, Lisboa, 1940, pp. 54-62.

Segundo o Autor, as condições em que se realizou a colonização dos Açores e certas circunstâncias do meio levaram o homem a voltar as costas ao mar, cuja influência na vida do povo é insignificante, embora variável de umas ilhas para outras.

A população distribuiu-se segundo as condições climatéricas mais favoráveis e a maior fertilidade do terreno; e a vida regulou-se pela agricultura; as

profissões marítimas e de agricultores estremaram-se; as vias de comunicação terrestres foram preferidas dentro de cada ilha; a pesca restringiu-se às necessidades do consumo local, e a arte popular desprezou os motivos de origem marítima.

A influência do mar no cancionero, linguagem popular, toponímia, poesia culta, etc. não parece ser diferente da que receberam os homens da faixa litoral do Continente.

- 3811 VASCONCELOS, J. Leite de — «*Medida de tempo*» na tradição popular portuguesa. Po, VIII, Porto, 1935, pp. 3-9.

Descrição de alguns processos populares de medir o tempo segundo a duração de certos fenómenos naturais, actos avulsos da vida quotidiana do homem, por comparação com medidas de extensão, por festas calendárias, etc.

2. HISTÓRIA

- 3812 ALVES, P.^o Francisco Manuel — *Vestígios da «idade do ouro» no viver de nossos avós de há dois mil anos*. Po, 2.^a Série, II, Porto, 1947, pp. 113-118 e 119-196.

Formas de vida e comportamento social dos lusitanos, segundo relatos de Estrabão e Ovídio. Frutos e plantas alimentícias citadas por estes e persistência do seu uso em nossos dias.

- 3813 ATHAYDE, Alfredo — *Viriato na realidade histórica e na ficção literária*. PRFCA, 2, Porto, 1936, pp. 93-101, 3, pp. 170-180.

Alude à figura de Viriato, e, com base em escritos de vários autores, faz um rápido esboço do quadro geográfico, sociológico e etnográfico da época.

- 3814 BARRADAS, Lerenio A. — *Vias romanas das regiões de Chaves e Bragança*. RG, LXVI, pp. 159-240, Guimarães, 1956, 34 figs.

Estudo das vias romanas na região de Chaves e Bragança.

- 3815 BASTOS, Teixeira — *Origens da Família*. OP, I, Porto, 1878-1879, pp. 255-268.

Obra de carácter geral. «Pelo que deixamos dito, vê-se que o parentesco dos pais para com os filhos teve origem na observação imperfeita dos fenómenos da geração».

- 3816 BOSCH-GIMPERA, Pedro — *Infiltrações germânicas entre os celtas peninsulares*. RG, LX, Guimarães, 1950, pp. 339-349.

Estudo das infiltrações germânicas na Península.

- 3817 CARVALHO, Joaquim de — *A cultura castreja. Sua interpretação sociológica*. RO, 50, Lisboa, 1956, p. 30.

Interpretação sociológica da cultura castreja.

Considera sobretudo a área de Entre Douro e Minho e caracteriza: a cultura dos castrejos pela associação da pecuária à agricultura (esta em grande medida a cargo das mulheres); pelo gosto do luxo; pela estabilidade da cultura material; pela coesão da comunidade, sentimento terrantês e orgulho do particularismo gentílico; pela constituição monogâmica da família e hierarquia de agrupamentos sociais; pelo predomínio da comunidade sobre o indivíduo; pela origem tribal do poder social; pela organização da sociedade em função de vínculos de parentesco, ocupação colectiva do solo; etc. Considera os castros pré-romanos desta área como a: «expressão social de uma corporação económica agrícola cujos membros viveram sobre a ameaça constante de ataques, e de uma comunidade de famílias iguais em direitos e encargos».

- 3818 DIAS, Jorge — *Paralelismo de Processo na Formação das Nações*. RCEB, III, 1, Curitiba, 1956.

O Autor demonstra que o processo de formação de algumas nações da América, e especialmente o Brasil, não é um caso novo. Explana este conceito fazendo uma rápida análise dos elementos étnicos e culturais do Brasil, que, a despeito da sua heterogeneidade, formam uma unidade cultural. Considera esta um prolongamento da unidade cultural portuguesa, formada igualmente de elementos diversos, a partir da pré-história: tribos nómadas de pastores indo-europeus, celtas, romanos, povos germânicos, árabes, etc.

- 3819 DIAS, Urbano de Mendonça — *A vida de nossos avós*. Vila Franca do Campo, 1944, 236 pp.

Estudo da vida açoriana, segundo documentos históricos, leis, ordenações, decretos, alvarás, posturas, etc.

Direitos e encargos do donatário: a dízima, a sisa, o donativo de El-rei, imposto de vintena, sustento das igrejas, assistência pública; exclusivo sobre moinhos, atafonas, fornos, etc.

A propriedade particular: arrendamentos, aforamentos, sucessão perpétua e venda; restrição do domínio do senhorio; cultura das amoreiras; as lenhas consideradas como propriedade comum; leis de protecção a terras de cultura contra a limitação de terrenos para pastagens de gado.

Propriedade comum: baldios; restrição ao seu uso. Os animais nos primeiros tempos desta ilha. Privilégios na compra de carnes.

O porco, sua alimentação; a matança. O peixe; pesca, repartição e venda. O «enterro do bacalhau».

- 3820 FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha — *Estradas velhas entre Leça e Ave*. DL, Quarta Série, I-II, Porto, 1950, pp. 50-71, 10 figs.

Pequeno estudo das vias romanas na antiga terra da Maia, entre a «Karraria antiqua» e a «Via Vetera».

- 3821 RIBEIRO, Luís da Silva — *Influência das sesmarias no povoamento da Terceira*. RAÇ, IV, Angra do Heroísmo, 1946, pp. 78-97.

Estudo histórico do início da colonização nas ilhas. O povoamento. Fundação das freguesias rurais. Culturas. «A propriedade constituiu-se no regime de sesmarias». As capelanias.

- 3822 RIBEIRO, Luís da Silva — *Reforma das Posturas do concelho de Angra em 1655*. BIHIT, 9, Angra do Heroísmo, 1951, pp. 121-182.

Cópia, introdução e notas. Por estas posturas, vêem-se muitos costumes da cidade naquela época.

- 3823 TABOADA, Jesus — *Via romana del valle del Tâmega*. RG, LV, Guimarães, 1945, pp. 122-131.

Estudo do itinerário da via romana de Chaves às Astúrias.

- 3824 S/A. — *O Foral de D. Dinis — Um documento curioso*. APV, II, 10, 1913.

Transcrição do foral de D. Dinis concedido à Póvoa de Varzim, que menciona os 54 vizinhos, alguns com nomes e alcunhas ainda hoje em uso. Cláusula tributária que menciona a pesca da sardinha e a navegação para importação do pão, vinho e sal; e artigo sobre a apanha do sargaço.

3. GEOGRAFIA

- 3825 DIAS, Jorge — *Minho, Trás-os-Montes, Haut Douro*. Lisboa, 1949, 130 pp., 32 figs.

Estudo geográfico destas regiões. Diversidade de aspectos físicos e humanos de que se revestem.

Minho litoral — densidade demográfica, povoamento disseminado, economia agro-marítima, aproveitamento das dunas da Aguçadoura em campos de masseira; utilização do sargaço como fertilizante das terras; pesca costeira e de alto; apanha de mariscos; etc.

Minho serrano — população rarefeita, povoados concentrados, economia agro-pastoril; persistência de princípios e costumes comunitários, nomeadamente a vezeira; brandas e inverneiras de Castro Laboreiro; etc.

O Barroso — serra de transição entre o Baixo Minho e Trás-os-Montes; sua unidade geográfica. A criação de gados como actividade primordial, apoiada por uma agricultura subsidiária baseada no centeio e actualmente também no milho, que vai ganhando terreno, e na batata. Descrição de uma aldeia desta serra: Vila da Ponte — tipo concentrado, casas de rés-do-chão e andar, o primeiro destinado a recolha de gados, o segundo a habitação, cobertas de colmo; economia de auto-subsistência; emigração; actividade da mulher nos trabalhos do campo.

A Veiga de Chaves. A montanha da Padrela — última região ocidental de influência atlântica. Originalidade da paisagem humana do Alto Douro. O complexo vinícola desta região. Predomínio da propriedade de pequena e média grandeza.

O Marão. Baixo Minho — policultura intensiva que combina a agricultura com a criação de gado; sistemas de rega; apego a formas de vida atávicas; importância do leite e seus derivados na alimentação; etc.

- 3826 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — *Relatório*. ACIELB, III, Lisboa, 1959, pp. 189-201.

Análise das diferentes comunicações sobre a «Terra e o Homem», apresentadas neste Colóquio.

- 3827 PESSANHA, D. Sebastião — *Defesa das paisagens e das aldeias portuguesas*. EBJP, 41-43, pp. 95-101.

Considerações acerca de certas mutações na paisagem natural, e da quebra de harmonia e beleza, pelas plantações de eucaliptos, certos edifícios escolares, habitações de imigrantes, etc.

- 3828 RIBEIRO, Orlando — *L' Habitat rural au Portugal*. BSGL, 5.^a Série, Lisboa, 1938, pp. 402-411.

Descrição dos vários tipos de habitat rural, nas diversas regiões portuguesas: Dispersão (já antiga), no Entre Douro e Minho; dispersão dirigida, ao sul do Douro (Aveiro); aglomeração, nos planaltos interiores ao N. do Tejo; grandes aldeias aglomeradas, e «montes» dispersos, no Alentejo. Contraste: a orla marítima, densa, o interior, de população rarefeita. A incidência marítima que se acentuou no século XIX.

Relações com o sistema de propriedade dominante: a transformação da floresta em terras de cultura, e a apropriação de baldios, que acentuam a dispersão. O Factor Histórico. Linhas gerais do fenómeno do habitat em Portugal, em relação com factores de geografia agrária e povoamento, e princípios de classificação genética de tipos regionais. O habitat disperso, fora do Entre Douro e Minho, é um fenómeno secundário e mais ou menos recente.

- 3829 RIBEIRO, Orlando — *Deslocamentos de população em Portugal*. RFLUL, VII, Lisboa, 1940, pp. 318-325.

Agrupamento das várias formas de que se revestem os deslocamentos da população em Portugal. Emigração temporária ou definitiva, de famílias inteiras ou só de homens válidos. Migrações internas. Expansão local, da população rural.

- 3830 RIBEIRO, Orlando — *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico — Estudo geográfico*. Coimbra, 1945, 239 pp.

Divisão do país em três áreas fundamentais: Portugal Mediterrâneo, Portugal Atlântico e Portugal Trasmontano. Formas de vida e cultura que caracterizam

estas regiões e contrastes que apresentam entre si, correspondentes ao mundo mediterrâneo e ao mundo atlântico, por ex.: Povoamento aglomerado e disseminado; casas de um só piso, destinado a habitação, e de rés-do-chão e andar, sendo o primeiro para gados e recolha de alafaias; Agricultura extensiva e intensiva; Pastoreio: independente da agricultura e agro-pecuário; etc.

- 3831 VASCONCELOS, J. Leite de — *Etnografia geográfica*. BRFLUC, VI, Coimbra, 1930, pp. 131-162.

I) Coutos de Alcobaça — Divisão da Estremadura em duas partes; trastagana e cistagana; subdivisão de cada uma noutras, entre as quais está a que corresponde ao antigo couto de Alcobaça. Fundação do Mosteiro; Vilas que constituíram os Coutos.

II) Campo de Coimbra — Considerações acerca do sentido geral e especial da palavra «campo». O actual campo de Coimbra; nomes das localidades e povoações que debruam esse campo. Cantigas de sentido popular respeitantes ao campo.

- 3832 VASCONCELOS, J. Leite de — *Etnografia Portuguesa*. II, Lisboa, 1936, 728 p. 125 figs.

I Parte — Descrição física de Portugal (rápido esboço), e extensa indicação e análise de várias espécies da Fauna e da Flora.

II Parte — História do território português — Esboço da sua formação e delimitação de fronteiras. Relações históricas, económicas e sociais, e etnográficas, que esta estabelece. Exemplos. Estudo de conjunto da história, geral e génese do povoamento e da sua evolução tipológica — Definição de povoação; divisão das povoações em cidades, vilas e aldeias; menção e análise de outras designações concernentes a aldeia, e regiões onde ocorrem com mais frequência. Assento das povoações: factores determinantes de carácter geográfico e social. Tipos e formas de povoações — compactas e dispersas —; sua disposição interna. Povoações portuguesas vindas do passado — pré-históricas, proto-históricas, romanas, germânicas, etc. Vilas rústicas medievais do Norte e da Beira. Povoações nascidas ou desenvolvidas historicamente, sob a acção do governo central, ordens monásticas e de cavalaria, etc.; outras, nascidas acidentalmente, de explorações agrícolas, metalúrgicas, águas termais, praias de banhos, portos fluviais e marítimos, de viação terrestre, comércio, colonização interna, santuários e romarias, etc.

Vilas rústicas e Paços do Sul — «Desproporção entre o norte e o centro (Beira), de um lado, e o Sul, do outro, na existência da palavra Vila e Paço, na toponímia».

«Fluxo e refluxo na vida material das povoações: I) Melhoramento; II) Estacionamento, decadência, ruína: A) De origem natural (mar, epidemias, terramotos, invasão de animais daninhos). B) De origem social (extinção de instituições religiosas, civis e militares; leis bárbaras, guerras; causas várias». Explicações etimológicas e toponímicas. Poesias populares intercaladas ao longo da obra: topográficas, geográficas, amorosas, etc.

- 3833 VASCONCELLOS, J. Leite de — *A Serra (Na Beira Alta)*. FL, VIII, Lisboa, 1937, pp. 156-157.

Breves notas sobre a serra e os serranos.

- 3834 VASCONCELLOS, J. Leite de — *Etnografia Portuguesa*, III, Lisboa, 1942, 786 pp.

III Parte — Divisões tradicionais do território — Divisões medievais. *Condado* (Séc. IX-XI); *Terra* ou *território* (Séc. XII-XIII); *Comarca* (Séc. XIII-XV); *Província* (Séc. XVI segs).

Divisões propriamente ditas — Sumário: «Exame geral do complexo de cada uma das províncias ou regiões: Confins. Resumo físico. Parte social, ou formação de cada província ou região, elementos fundamentais, área e população, linguagem. Estudo do nome geográfico e do nome ou nomes étnicos. Subdivisões ou simples, ou maiores e menores».

Para cada uma das seis províncias — e respectivas subdivisões — em que divide o país, o Autor faz uma síntese da história, formação social, religião, distribuição e densidade de população, divisão da propriedade, principais culturas, indústrias, usos e costumes, etc., ao mesmo tempo que estuda os nomes geográficos e étnicos; relacionadas com uma dessas várias regiões, apresenta abundantes exemplos de quadras e cantigas populares, descrições de trajes, de casas, de alimentação, romarias, pastoreio, etc.

Abreviaturas de livros e periódicos

- A — Atlântida. (Mensário Artístico, Literário e Social para Portugal e Brasil — Lisboa).
AA — Álbum Açoriano. (Lisboa).
AAA — Arquivo de Anatomia e Antropologia.
AAM — Arquivo do Alto Minho. (Viana do Castelo).
AAPP — Anais da Academia Politécnica do Porto.
ABBCM — Arquivo de Beja. Boletim da Câmara Municipal. (Beja).
ACEELV — Actas do Colóquio de Estudos Etnográficos Dr. José Leite de Vasconcelos.
ACIELB — Actas do Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros.
ADA — Arquivo do Distrito de Aveiro. (Aveiro).
ADVC — Anuário do Distrito de Viana do Castelo. (Viana do Castelo).
AEA — Archivo Español de Arqueologia.
AETPP — Anuário para o Estudo das Tradições Populares Portuguesas.
AGHCFP — Almeida Garrett. Homenagem do Club Fenianos Portuenses.
AHAM — Alentejo Histórico, Artístico e Monumental. (Beja).
AHM — Arquivo Histórico da Madeira. (Funchal).
AISA — Anais do Instituto Superior de Agronomia.
ALP — Revista Portugal-Série A — A Língua Portuguesa. (Lisboa).
AM — Alto Minho.
AMP — Arquivo de Medicina Popular.
AMSEAEP — Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria.
ANRMI — Alma Nova. Revista Mensal Ilustrada.
AO — Almanaque d'Ovar.
AOIAC — Atlântida. Órgão do Instituto Açoriano de Cultura.
AORP — A Águia. Órgão da Renascença Portuguesa. (Porto).
AP — O Arqueólogo Português. (Lisboa).
APP — A Arte Popular em Portugal. (Ed. Verbo — Lisboa).
APPC — Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências.
APV — A Póvoa de Varzim.
AR — Acção Regional. (Jornal — Castelo Branco).
ARFMBS — Altitude. Revista da Federação dos Municípios da Beira-Serra. (Guarda).
ASEG — Arquivos do Seminário de Estudos Galegos.
AT — Arquivo Transtagano. (Elvas).
ATP — A Terra Portuguesa. (Lisboa).
ATPLH — António Tomás Pires — Livro de Homenagem. (Elvas).
AV — A Vanguarda. Semanário Republicano Federal. (Lisboa).

AVC — Arquivo de Viana do Castelo. (Viana do Castelo).
 B — Brasília (Instituto de Estudos Brasileiros — Faculdade de Letras de Coimbra).
 BA — Bracara Augusta. (Revista Cultural da Câmara Municipal de Braga).
 BAAP — Beira Alta. Arquivo Provincial. (Viseu).
 BACAP — Boletim da Associação Central da Agricultura Portuguesa. (Lisboa).
 BAFN — Boletim da Associação de Filosofia Natural. (Porto).
 BAM — Boletim do Arquivo Municipal (Câmara Municipal de Braga).
 BBPMM — Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos. (Matosinhos).
 BCCMP — Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto. (Porto).
 BCPMHAO — Boletim de la Comision Provincial de Monumentos Historicos y Artísticos de Orense.
 BE — Boletim de Etnografia. (Lisboa).
 BF — Boletim de Filologia. (Lisboa).
 BFNPT — Boletim da Federação Nacional dos Produtores de Trigo. (Lisboa).
 BGAB — Boletim do Grupo Amigos de Bragança. (Bragança).
 BGU — Boletim Geral do Ultramar.
 BHEP — Bosquejo Histórico de Etnografia Portuguesa.
 BIHIT — Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira (Angra do Heroísmo).
 BJNC — Boletim da Junta Nacional da Cortiça. (Lisboa).
 BL — Dois Distritos da Beira Litoral — Factos e coisas do nosso tempo.
 BP — Boletim Pecuário.
 BRCB — Boletim do Rotary Club de Braga.
 BRCC — Brotéria. Revista Contemporânea de Cultura. (Lisboa).
 BRFLUC — Biblos. Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. (Coimbra).
 BSGL — Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. (Lisboa).
 BTI — Boletim do Trabalho Industrial. (Lisboa).
 CCEGP — Celta. Caderno de Estudos Galaico-Portugueses. (Porto).
 CE — Correio Elvense. (Jornal — Elvas).
 CEBCMT — Cidade de Évora. Boletim da Comissão Municipal de Turismo. (Évora).
 CEG — Cuadernos de Estudios Gallegos.
 CERB — Congresso e Exposição Regional das Beiras.
 CIA — Congrès International d'Anthropologie.
 CIAAP — Congrès International d' Anthropologie et d' Archéologie Prehistorique.
 CIG — Congresso International de Geografia. (Lisboa).
 CMCS — Colóquios sobre Metodologia das Ciências Sociais. (Lisboa).
 CMP — Congresso do Mundo Português.
 CPUIR — Colóquios de Política Ultramarina Internacionalmente Relevante.
 CR — Congresso Ribatejano. (Santarém).
 CRCAA — Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores. (Ponta Delgada).
 CSTBC — Concelho de Santo Tirso. Boletim Cultural. (Santo Tirso).
 DL — Douro Litoral — Museu de Etnografia e História da Junta de Província (Porto).
 E — Ethnos. (Lisboa).
 EE — Ensaios Ethnographicos.
 EAM — Estudos do Alto Minho.
 EBJP — Estremadura. Boletim da Junta de Província. (Lisboa).
 EE — Ensayos y Estudios

EEFHRA — Estudos e Ensaios Folclóricos em Homenagem a Renato Almeida. (Rio de Janeiro).

EG — Estúdios Geográficos.

ENRMC — Era Nova. Revista do Movimento Contemporâneo. (Lisboa).

EP — Etnografia Portuguesa.

ERPL — Elucidário Regionalista de Ponte do Lima.

EU — Estudos Ultramarinos.

FL — Feira da Ladra. (Lisboa).

GA — Gazeta das Aldeias.

GM — Gente Minhota.

GV — Gil Vicente. (Guimarães).

HFK — Homenagem a Fritz Krüger. (Mendoza — Argentina).

HLHS — Homenagem a D. Luís de Hoyos Sainz. (Madrid).

HMS — Homenagem a Martins Sarmento. (Guimarães).

IM — Ilustração Moderna. (Porto).

IT — Ilustração Trasmontana.

JAV — Jornal A Voz.

JN — Jornal de Notícias (Porto).

JOM — Jornal O Médico. (Porto).

JT — Jornal de Turismo.

L — Lusa. (Viana do Castelo).

La — Laos.

LC — Las Ciencias. (Madrid).

Li — Limia. (Viana do Castelo).

Lu — Lusitânia — Revista de Estudos Portugueses. (Lisboa).

MCP — Mensário das Casas do Povo. (Lisboa).

MEA — Miscelânea de Etnologia e Arqueologia.

MEMCB — Miscelânea de Estudos à Memória de Cláudio Basto.

MFSJP — Monografia das Festas do S. João em Portugal.

MLN — Modern Language Notes. (Baltimore).

MOIMER — Minia. Órgão do Instituto Minhoto de Estudos Regionais. (Braga).

NBSPN — Numismática. Boletim da Sociedade Portuguesa de Numismática. (Porto).

Na — Naturália.

NAI — Nova Alvorada. (Vila Nova de Famalicão).

NA — Notícias Agrícolas (Jornal — Lisboa).

NPENRJ — Notas sobre Portugal. Exposição Nacional do Rio de Janeiro.

O — Olissipo.

OA — Os Açores.

OCP — O Comércio do Porto (Jornal).

OI — O Instituto. Revista Científica e Literária. (Coimbra).

ONL — O Nosso Lar. (Lisboa).

OP — O Positivismo. Revista de Philosophia. (Porto).

OPJ — O Primeiro de Janeiro (Jornal).

OPRQSL — O Pantheon. Revista Quinzenal de Ciencias e Letras. (Porto).

OT — O Tripeiro. (Porto).

P — Portugália. (Porto).

Pa — Pátria. Revista Portuguesa de Cultura. (Vila Nova de Gaia).

Pan — Panorama.

Po — Portucale. (Porto).

PG — Pero Galego (Jornal).
PI — Portugal Ilustrado.
PN — Petrus Nonius. (Lisboa).
PRFCA — Prisma. Revista de Filosofia, Ciência e Arte.
PVBC — Póvoa de Varzim. Boletim Cultural. (Póvoa de Varzim).
PVIM — Pedro Vitorino. In Memoriam.
R — România. (Paris).
RA — Revista de Antropologia. (São Paulo).
RAç — Revista Açoriana. (Angra do Heroísmo).
RAr — Revista de Arqueologia. (Lisboa).
RCEB — Revista do Círculo de Estudos «Bandeirantes». (Curitiba).
RCED — Revista do Centro de Estudos Demográficos.
RDTP — Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares. (Madrid).
REG — Revista de Etnologia e de Glotologia. (Lisboa).
REH — Revista de Estudos Históricos. Bol. do Inst. de Estudos Históricos da Faculdade de Letras do Porto.
REL — Revista de Estudos Livres. (Lisboa).
RFC — Revista da Faculdade de Ciências.
RFLUL — Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. (Lisboa).
RG — Revista de Guimarães. (Guimarães).
RH — Revista de História.
RI — Revista Insulana. (Instituto Cultural de Ponta Delgada).
RL — Revista Lusitana. (Lisboa).
RML — Revista Municipal. Câmara Municipal de Lisboa.
RO — Revista Ocidente. (Lisboa).
RPF — Revista Portuguesa de Filologia. (Coimbra).
RPH — Revista Portuguesa de História.
RS — Revista Científica.
RSNS — Revista de Ciências Naturais e Sociais. (Porto).
RUL — Revista Universal Lisbonense.
SAV — Schweizerisches Archiv für Volkskunde.
SCP — Segundo Congresso Pedagógico. (Lisboa).
T — A Tradição (Serpa).
Ta — Talábriga.
TAE — Trabalhos de Antropologia e Etnologia. (Porto).
TAFN — Trabalhos da Associação de Filosofia Natural. (Porto).
TL — Terra Lusa. (Lisboa).
VAPP — Vida e Arte do Povo Português.
VKR — Volkstum und Kultur der Romanen.
VRTDC — Viagem. Revista de Turismo, Divulgação e Cultura.
VV — A Voz da Verdade.

Índice de autores

- A. — 2030.
ABELHO, Azinhal — 300, 482, 633, 1496
2303, 3406, 3452, 3584, 3585, 3673.
ABRANCHES, Joaquim Cândido — 1550,
3586.
ABREU, Carlos — 3567.
ACABADO, Manuel António Janeiro — 1,
2702-2704.
ADÃO, Luís Cabral — 148, 887.
ADRIÃO, José Maria — 1551, 2876.
AFONSO, Belarmino (P.^o) — 1792.
AFONSO, Francisco (P.^o) — 1862.
AFONSO, João — 3709.
AFREIXO, Jayme — 1177, 1178, 1199.
AGUIAR, Fernando de — 1669, 1880, 2031,
2619, 3073.
AGUIAR, Luís Esteves de — 807, 2620.
AGUIAR, P. M. Vieira de — 196.
AGUIRRE, B. Taracena — 149.
ALEGRIA, P. José Augusto — 2304.
ALEN, H. Warner — 1061.
ALEXANDRINO, António — 2705-2707,
2854.
ALMADA, Vitorino d' — 888, 2285.
ALMEIDA, A. Pinto — 1305, 1306, 2708,
2709, 3722-3724.
ALMEIDA, Carlos Alberto F. de — 2004.
ALMEIDA, Carmen d' — 2305.
ALMEIDA, Eduardo d' — 979.
ALMEIDA, Fialho de — 3622.
ALMEIDA, Guilherme d' — 2306.
ALMEIDA, José Maria de — 448.
ALMEIDA, Maria Emília de Castro e — 2032.
ALMEIDA, Raul de — 1927.
ALMEIDA, Renato — 122.
ALMEIDA, Tomaz — 2877.
ALOY, Pedro (P.^o) — 3496.
ALVARENGA, Aida Sá V. d' — 3074.
ALVARENGA, Kol d' — 1062, 1407, 2878.
ALVES, A. Alfredo — 1408.
ALVES, Carlos — 1670, 1715, 1737, 1762.
ALVES, F. Alfredo — 3075.
ALVES, Francisco Manuel (P.^o) — 150, 151,
301, 442, 449, 742, 1063, 1232, 1263,
1619, 1763, 1764, 2005, 2033-2035,
3044, 3045, 3812.
ALVES, Lúcia Ferreira — 3497.
ALVES, Olímpio Duarte — 1671.
AMARAL, Carlos A. Monteiro do — 1881.
AMARAL, Francisco Keil do — 400.
AMARAL, João José do — 3784.
AMARAL, Vasco Botelho de — 3228.
AMORIM, Aires (P.^o) — 1882.
AMORIM, Maria Manuela Duarte — 3498.
ANDERSON, Walter — 2710.
ANDRADE, João Vieira de — 3017.
ANDRADE, J. Vieira de — 2307.
ANDRADE, Júlio — 3294.
ANGLIN, João H. — 197.
ANJOS, Cyro dos — 123.
ANSELMO, António J. — 3453.
ANTÓNIO, Aleixo de Santo (Frei) — 2879.
ANTUNES, Alfredo da Mata — 381.
ANTUNES, António Pires — 1340.
ANTUNES, Maria Júlia — 943.
ARAGÃO, A. C. Teixeira de — 2036.
ARAGÃO, Helena de — 944.
ARAÚJO, Arnaldo — 400.
ARAÚJO, Joaquim de — 2880.
ARAÚJO, José Rosa de — 302, 980-982,
1233, 1716-1718, 1928, 1929, 2101,
3454, 3589.
ARAÚJO, J. Rosa de — 1565.
A., J. R. de — 3590, 3591.
ARAÚJO, Miguel C. de — 1738, 1930.

- AREDE, João Domingos — 198, 889.
 ARMSTRONG, Lucile — 3407.
 ARRÓIO, António - 88, 115.
 ATHAYDE, Alfredo — 529, 3592, 3813.
 ATHAIDE, Luís Bernardo Leite de — 743, 890, 1132, 2037, 3385, 3674.
 AURORA, Conde d' — 569-571, 1046, 1064, 1341, 1342, 1931.
 AVILA, Manuel Machado — 1521, 1883, 2308.
 AZEVEDO, Agostinho de (P.^o) — 199, 3229.
 AZEVEDO, Alfredo Gonçalves de — 2038.
 AZEVEDO, Álvaro de — 745, 1481.
 AZEVEDO, Álvaro Rodrigues de — 2309, 2621.
 AZEVEDO, António de — 303.
 AZEVEDO, Celestino Monteiro Soares de — 3230.
 AZEVEDO, Domingos de — 2271, 2881.
 AZEVEDO, J. Lúcio de — 152-154.
 AZEVEDO, Maria Florinda — 945.
 AZEVEDO, P. Agostinho de — 744.
 AZEVEDO, Pedro de — 72, 1307, 1793, 1932, 2039, 2040, 3018.
 AZEVEDO, Pedro A. de — 891, 1086, 1131, 1409, 1482, 1652, 1672, 1863, 2041-2051, 2310, 2882-2884, 3019, 3046, 3218, 3568, 3587, 3588.
 AZEVEDO, P. A. de — 1522, 2052-2054, 2311, 3725.
 AZEVEDO, P. de — 155.
 BADIA-MARGARIT, António M. — 3139.
 BAIÃO, António — 892.
 BAKER, C. Alice — 89, 304.
 BANVILLE, Théodore de — 2711.
 BARAHONA, Maria Brack-Lamy — 1844.
 BARBOSA, António dos Reis Silva — 572.
 BARBOSA, Bernardino — 2312, 2712.
 BARBOSA, Fernando — 1794.
 BARBOSA, Viriato — 200, 1410.
 BARGÃO, J. D. — 201.
 BAROJA, Júlio Caro — 116, 1118, 1119.
 BARRADAS, Lereno A. — 3814.
 BARREIRA, Álvaro Augusto — 2713.
 BARREYRA, Isidoro (P.^o Frei) — 3802.
 BARREIRA, João — 305.
 BARREIRO, José Maria Viqueira — 2622.
 BARREIROS, Álvaro Augusto — 1087, 2713.
 BARREIROS, Fernando Braga — 1264, 1795, 2313, 2714, 3077.
 BARREIROS, José Baptista (Coronel) — 202.
 BARROS, Cunha — 665.
 BARROS, Henrique de — 306.
 BARROS, Henrique da Gama — 156.
 BARROS, J. C. Freitas — 1624, 1673.
 BARROS, José de — 1214, 2314.
 BARROS, Tomás Augusto de — 3499.
 BASTO, Artur de Magalhães — 90, 124, 883, 1343.
 BASTO, A. de Magalhães — 983, 1280.
 BASTO, Cláudio — 129, 530, 746, 808, 809, 946, 984, 1308, 1371, 1372, 1552, 1623, 1674-1676, 1766, 1933-1936, 2055-2057, 2316-2321, 2623, 2715, 2716, 2885-2889, 3078, 3140, 3231-3233, 3455-3459, 3593-3597, 3710, 3726, 3727.
 B., C. — 1740, 2322-2324.
 BASTO, E. A. Lima — 306.
 BASTOS, Albino — 2315.
 BASTOS, Álvaro Teixeira — 3668.
 BASTOS, Carlos — 747.
 BASTOS, Teixeira — 1553, 1554, 2058, 3815.
 BATALHA, Ladislau — 2890.
 BAPTISTA, Joaquim José Ferreira — 3048, 3076.
 BAPTISTA, Joaquim Soares de Sousa — 2891.
 BEATO, António Gomes — 2059, 2325.
 BEÇA, Celestino — 893.
 BEJA, Nuno — 2717.
 BELLIDO, A. Garcia y — 3141.
 BELLINO, Albano — 307.
 BERNARDO, Hernâni de Barros — 1179.
 BERTO, Gil — 1739.
 BESSA, Bento — 3408.
 BESSA, Humberto — 3080.
 BETTENCOURT, Gastão de — 2, 1555, 1937.
 BETTENCOURT, Humberto de — 3460, 3461.
 B., H. — 3020, 3144, 3238.
 BIERHENKE, Wilhelm — 308.
 BIERHENKE, W. — 810, 923.
 BIGOTTE, José Quelhas — 203, 2326.
 BLUTEAU, D. Raphael — 2892.
 BOAVENTURA, Manuel de — 3081.
 BOLEO, José de Oliveira — 531.

- BOLEO, Manuel de Paiva — 3235, 3236.
BOLEO, M. Paiva — 3234.
BONIFÁCIO, Luís — 450, 451.
BONITO, Rebelo — 1938, 2718, 3082, 3295-3300, 3409, 3410, 3462.
BORGES, António Vitorino França — 1939.
BOSCH-GIMPERA, Pedro — 157, 3816.
BOUGADO, António de — 1556.
BOUZA-BREY, Fermin — 2060-2062.
BOUZA-BREY, Luís — 1318, 1319.
BRAGA, Alberto Vieira — 309, 310, 428, 532, 985, 986, 1120, 1215, 1234, 1265, 1281, 1320, 1411, 1719, 1765, 1829-1831, 2063-2065, 2327, 2328, 2855, 2893, 3083, 3142, 3463, 3675, 3728.
BRAGA, Marques — 73.
BRAGA, Theophilo — 3, 4, 158, 159, 1461, 2066, 2329-2341, 2624-2630, 2719-2726, 2894-2896, 3066, 3067, 3464, 3465, 3500.
BRAGANÇA, Manuel — 1121, 1235.
BRANCO, Cecília Schmidt — 1620, 2067, 2727, 3803.
BRANCO, Emílio Castelo — 1940, 3598.
BRANDÃO, Abílio de Magalhães — 1104, 1412, 1413, 1497, 2068, 2069, 2342, 2897.
BRANDÃO, Abílio — 2728, 3501.
BRANDÃO, Carvalho — 1180.
BRANDÃO, Domingos de Pinho — 618, 1884, 2343.
BRANDÃO, Francisco — 894.
BRANDÃO, João Rodrigues Pinto — 987.
BRASIL, Jaime — 634, 3386.
BRAVO, Manuel de Castro Pinto — 1414.
BRAZ, Henrique — 3143.
BREYNER, A. de Mello — 1216, 3387, 3729.
BRITO, A. da Rocha — 1941.
BRITO, Castro e — 1557, 3599, 3676.
BRITO, Cunha (P.º) — 1745, 1767.
BRITO, J. Maria Soeiro de — 2344, 2729, 3237, 3785.
BRITO, Soeiro de — 988, 2345.
BRITO, Nogueira de — 483, 748.
BRITO, Raquel Soeiro de — 204, 205.
BRUDT, Kat — 206.
BUESCU, Maria Leonor Carvalhão — 207.
C., A. — 2384.
CABIDO, Aníbal Gomes Ferreira — 811, 812, 924, 971, 989, 990, 1133, 1181-1183.
CABRAL, António Machado de Faria de Pina — 1344.
CABRAL, Júlio — 1523.
CABRAL, Mota — 3569.
CABRAL, Oswaldo R. — 813.
CADILHA, João Pinheiro — 1768.
CALADO, R. Salinas — 1845.
CALAFATE, Vasques — 1942.
CALDAS, Bento — 1184, 3711.
CALDAS, Costa — 1134.
CÂMARA, Jaime — 2070.
CÂMARA, Perestrello da — 2898.
CAMPOS, Agostinho de — 2346.
CAMPOS, Almeida — 3301.
CAMPOS, António — 1625.
CAMPOS, Gualdino de — 3348-3350.
CAMPOS, José Carlos Moreira — 1832.
CAMPOS, M. Moreira — 925.
CÂNCIO, Francisco — 208, 588, 1345, 2071.
CANDEIAS, Alberto — 814, 1047.
C., A. P. — 2105.
CARDOSO, A. Lima — 991.
CARDOSO, Carlos Lopes — 5, 6, 1048, 1462, 1885, 2272, 2273, 2347, 2730, 2856, 2857, 3084, 3302, 3677.
CARDOSO, Hermínia da Conceição Pinto — 3502.
CARDOSO, Mário — 160, 311, 502, 589, 698, 699, 895, 1122, 1864.
C., M. — 312.
CARDOSO, Nuno Catharino — 2348.
CARMO, António M. do — 648.
C., A. M. do — 649, 650.
CARNAXIDE, Visconde de — 2072.
CARNEIRO, Alexandre Lima — 209, 1769, 1744, 2349, 2631, 2656, 3303, 3304, 3732, 3734, 3736.
CARNEIRO, A. Lima — 926, 1524, 1660, 1661, 2073-2081, 2274, 2350, 2351, 2632, 3085, 3305-3307, 3730, 3731, 3735, 3737, 3786.
CARNEIRO, Amália Lima — 1886.
CARNEIRO, Cláudio — 3308.
CARVALHO, Alberto Pereira de — 3503.

- CARVALHO, A. L. de — 161, 573, 896, 1049, 1282-1287, 1321, 1346, 1653, 1770, 2082, 3411, 3600, 3601.
- CARVALHO, Alfredo Ferreira de — 1088.
- CARVALHO, Amadeu Ferraz de — 210, 3145, 3146.
- CARVALHO, Augusto Goltz de — 2286.
- CARVALHO, A. Pacheco de — 1558.
- CARVALHO, Fernando — 533, 574.
- CARVALHO, Joaquim de — 3817.
- CARVALHO, José Alves de Oliveira — 3504.
- CARVALHO, José Gonçalo C. Herculano de — 1105.
- CARVALHO, J. Herculano de — 3093.
- CARVALHO, José L. Brandão de — 313.
- CARVALHO, Manuel Rodrigues de — 1667.
- CARVALHO, M. R. d'Assis e — 1626.
- CARVALHO, Orlando de — 1887.
- CARVALHO, Pinto de — 3309.
- CASCUDO, Luís da Câmara — 1347, 2352, 2353, 2731-2733.
- CASSUTO, Afonso — 3009.
- CASTELO BRANCO, Emílio — 1065.
- CASTELO BRANCO, Fernando — 314-316, 503, 676, 897, 1089, 1463, 1678, 1846, 1943, 3678.
- CASTILHO, A. F. de — 1662.
- CASTOR — 2858, 2899.
- CASTRO, Alberto Osório de — 2354.
- CASTRO, Álvaro de — 1944, 2355, 2734.
- CASTRO, Celestino de — 381.
- CASTRO, Francisco do Canto e — 1525.
- CASTRO, Irene de Novais — 3505.
- CASTRO, João de (D.) — 1236.
- CASTRO, José de (D.) — 429, 534, 590, 749, 815, 898, 992, 1185.
- CASTRO, D. Leite de — 2083, 2084.
- CASTRO, Leite — 2735.
- CASTRO, Luís de (D.) — 1106, 1107.
- CASTRO, L. de — 2859.
- CASTRO, Pilar R. de Albuquerque e — 1847.
- CATALAN, Diego — 2633.
- CAVILHA, João Pinheiro — 1348.
- CEO, Maria do — 3804.
- CEPA, Manuel Martins (P.^o) — 211.
- CEPEDA, Elisa Vilares — 752, 993, 1415, 1654, 3506.
- CERQUEIRA, Eduardo — 1237.
- CERVANTES, António Maria Souto — 2085.
- CERVEIRA, Manuel — 1655.
- CÉSAR, José Júlio — 3602.
- CHAGAS, Pinheiro — 3622.
- CHAVES, Francisco Afonso (Coronel) — 1945.
- CHAVES, Luís — 7-9, 47, 48, 55, 91, 92, 125, 319, 430, 452-460, 484, 493, 504-509, 535, 575-578, 591-597, 619-621, 635-638, 651, 666-668, 700, 701, 708-714, 753-756, 816-821, 947, 994, 1041, 1066, 1090-1092, 1123, 1238, 1239, 1288, 1322, 1349, 1350, 1373, 1374, 1405, 1416, 1417, 1446, 1447, 1464, 1475, 1483, 1484, 1498, 1499, 1513, 1526, 1527, 1559, 1562, 1605, 1621, 1627-1629, 1663, 1679, 1680, 1746, 1771, 1796-1800, 1833, 1834, 1848-1853, 1865-1867, 1878, 1946, 2006, 2086-2088, 2356-2377, 2634-2637, 2737-2740, 2860, 2900-2903, 3010, 3086, 3147-3153, 3239, 3388, 3412-3416, 3466, 3467, 3603-3610, 3679, 3680, 3787-3789, 3805.
- CID, Heloisa — 2904.
- CID, João — 1801.
- COELHO, Arnaldo — 2905.
- COELHO, F. Adolpho — 10, 11, 49, 56, 74, 130, 162, 163, 536, 757, 1375, 1418, 1630, 1888, 2007, 2089-2094, 2638, 2741-2744, 2746, 2747, 3021, 3022, 3047, 3154, 3240, 3507.
- COELHO, F. A. — 2745.
- COELHO, José — 50.
- COELHO, Laranjo — 758.
- COELHO, P. M. Laranjo — 212.
- COELHO, Ramiro de Sá — 3241, 3738.
- COELHO, Trindade — 2380, 2748, 2749.
- COIMBRA, Carlos — 1681.
- COIMBRA, Manuel — 822.
- COLUMBANO — 3622.
- CONCEIÇÃO, A. Santos — 213, 214.
- CONDEIXA — 3622.
- CORDEIRO, Adelino — 215.
- CORN J. — 2906.
- CORREA, António Augusto Mendes — 57.
- CORREA, A. A. Mendes — 12, 75, 76, 93, 94, 165-169, 3681.
- CORREIA, J. Diogo — 216, 3155, 3310.
- CORREIA, João Manuel — 1682.

- CORREIA, João da Silva — 1309, 2378, 2379, 2907, 3242-3244.
- CORREIA, Silva — 1376.
- CORREIA, Vergílio — 131, 320-322, 431, 579, 580, 652-655, 669, 690, 702, 715-717, 759-762, 823-829, 1289, 1720, 1947, 2008, 2750, 3508, 3669.
- C., V. — 475, 511, 670-672, 763, 830, 1067, 1351, 1352, 1948, 3389, 3509, 3613, 3614.
- CORSO, Raphael — 1035.
- CORTE RIAL, Fernando Homem da Cunha — 1050.
- CORTESÃO, Jaime — 164, 2385.
- C., J. — 2386, 2387.
- CORTES-RODRIGUES, Armando — 132, 2381, 2382, 2908, 2909.
- CORTES-RODRIGUES, A. — 1449, 1889.
- C.-R. A. — 2383.
- CORTEZ, Fernando A. de Russell — 473, 2009, 2095.
- CORTEZ, Russell — 831, 2010, 2287.
- COSTA, Agostinho Rebelo da — 1135.
- COSTA, Alexandre de Carvalho — 1036, 1563, 2910, 3049, 3087, 3156, 3157.
- COSTA, A. Teixeira Félix da — 461.
- COSTA, Carreiro da — 207, 421, 510, 537-540, 581, 750, 832, 927, 995, 1068, 2097-2099, 2389-2391, 2639, 3088, 3158, 3245, 3611, 3682-3684, 3739.
- COSTA, Francisco Carreiro da — 1529, 2388, 2911.
- COSTA, F. Carreiro da — 2096.
- C., C. da — 317, 318, 899, 1137, 1450, 1528, 2100, 2392, 2640, 2912, 3089, 3159, 3246, 3418, 3612, 3712, 3740, 3790.
- COSTA, Emília de Sousa — 1949.
- COSTA, E. Sousa — 3685.
- COSTA, Fernando — 2393.
- COSTA, José Francisco da — 751, 3510.
- COSTA, José Maria da — 1530.
- COSTA, José Marques da — 948.
- COSTA, Júlia Augusta da — 3511.
- COSTA, JÚNIOR — 95.
- COSTA, Maria Ferreira da — 3512.
- COSTA, Maria de Lurdes de Oliveira Monteiro dos Santos — 218.
- COSTA, Maria Rosa Lila Dias — 219.
- COSTA, Sousa — 1069, 1220, 3468.
- C., S. — 1631.
- COSTA, Vieira da — 170, 3090.
- COSTA, C da Cunha — 1037.
- COUTO, Alberto — 1564, 1565, 2101.
- COVAS, Pedro — 2102, 2751.
- CRAWFORD, Oswald — 2103.
- CRESPO, Firmino — 3311.
- CRESPO, José — 3742.
- CRUZ, Albino de Sousa — 1136.
- CRUZ, António — 703, 1290, 1291, 3513.
- CRUZ, António Alves da — 972.
- CRUZ, Belchior da — 764.
- CRUZ, Eduardo — 1664.
- CRUZ, João Amorim Machado — 2104, 3713.
- CRUZ, Visconde do Porto da — 949, 3418.
- CUEVILLAS, Florentino Lopez — 117, 2060.
- CUNHA, Alfredo da — 2913.
- CUNHA, Fernanda de Matos — 221, 3743.
- CUNHA, Fernando — 96.
- CUNHA, José Germano da — 222.
- CUNHA, Luís Alves da — 1950.
- CUNHA, Maria de Montalvão — 1755.
- CUNHA, Narciso C. Alves da — 220.
- CUNHA, Xavier da — 3622.
- DACIANO, Bertino — 13, 58, 223, 1802, 1906, 1951, 2106, 2107, 2488, 3091, 3312, 3419, 3791.
- DAMASO, Reis — 1500, 2108.
- DELGADO, António — 2915.
- DELGADO, Manuel Joaquim — 51, 98, 99, 1377, 1501, 1890-1892, 2395, 2543, 2752, 2861, 2914, 3092.
- DELGADO, Manuel — 97, 2394.
- DEUS, A. — 2396.
- DIAS, António — 224, 900.
- DIAS, António Jorge — 541.
- DIAS, A. Jorge — 59, 1221, 1632.
- DIAS, Jorge — 15-25, 77-79, 118, 119, 142-144, 231, 323-330, 512, 513, 542-544, 901-906, 928, 1124, 1353, 1451, 1452, 1476, 1606, 1741, 1748, 2117, 2641, 3093, 3806, 3818, 3825.
- DIAS, Carlos Carvalho — 400.
- DIAS, Carlos Malheiro — 1747.
- DIAS, Crucho — 2109, 2110.
- DIAS, Epiphanio — 2397.
- DIAS, Francisco da Silva — 381.

- DIAS, Jaime Lopes — 14, 225-230, 462, 765, 996, 997, 1093, 1138, 1217, 1323, 1502, 1531, 1532, 1566, 1656, 1854, 1893, 1894, 2115, 2116, 2275, 2398, 3050, 3247, 3313, 3314, 3469, 3570.
- DIAS, Lopes — 1051, 1108, 1378, 1419, 1453, 1465, 1533, 1803, 1952, 1953, 1955, 2111-2114, 2276, 2277, 2753-2755, 3686, 3744.
- D., L. — 1379, 1534, 1954, 3421.
- DIAS, Joaquim Carneiro — 3315.
- DIAS, Joaquim Teixeira (P.º) — 1503, 3160.
- DIAS, Margot — 1451, 1452, 1606.
- DIAS, Maria da Conceição Portugal — 2118, 2119.
- DIAS, Maria Portugal — 2916.
- DIAS, Maria da Conceição — 2642, 3514, 3687.
- DIAS, M. Simões — 3316.
- DIAS, Urbano de Mendonça — 1535, 3819.
- DIEGUES JÚNIOR, Manuel — 126, 3470.
- DINIS, Manuel Vieira — 1420, 1466, 1485, 1633, 2278, 2399, 2756, 3094, 3317, 3745.
- DORES, Maria Alice Farinha das — 2643.
- DÓRIA, António Álvaro — 1139.
- DRUMOND, Luís Ferreira Machado — 1895, 3420, 3746.
- DRUMOND, Machado — 3023.
- DUARTE, Afonso — 833, 1380-1382, 1634, 2400.
- DUARTE, Pereira — 2401.
- DURO, António Rodovalho — 3571-3573.
- EÇA, Vicente de Almeida d' — 1186.
- ENES, Inocência (P.º) — 1536, 1567, 1896, 2644.
- ESPINOLA, Fradique — 2917.
- ESTEVES, Raimundo — 1383, 1772.
- ESTEVES, Silva — 766.
- EUSÉBIO, Francisco — 100, 1635, 2918.
- F., A. — 2402.
- FARIA, Alfredo — 2120, 2121.
- FARIA, Bernardino — 3471.
- FARIA, F. Fernando Godinho — 232.
- FARIA, João Lopes de — 1292, 1293.
- FARIA, Jorge de — 3422.
- FARIA, Manuel — 2403.
- FAZENDA JÚNIOR — 1467, 1804, 1956, 2122, 2757.
- FELGUEIRAS, Guilherme — 233, 417, 432, 463, 545, 639, 677, 678, 718, 834-837, 998, 1038, 1039, 1070, 1094, 1109, 1140-1142, 1310, 1311, 1384, 1568, 1569, 1742, 1835, 1855, 1957, 2123-2125, 2404-2407, 2645, 3011, 3068, 3095, 3248, 3472, 3574, 3615-3619, 3688.
- FÉLIX, Adelaide — 3423.
- FELIZ, Joaquim Mendes — 3515.
- FERMIN, Luís Diogo Cuscoy e — 3516.
- FERNANDES, Franclim de Almeida — 1897.
- FERNANDES, J. A. — 1636.
- FERNANDES, José Baptista (P.º) — 2758.
- FERNANDES, Baptista (P.º) — 26, 767, 1607, 1683.
- FERNANDES, José Loureiro — 999.
- FERNANDES, Xavier — 3161.
- FERNANDEZ, Xaquín Lourenzo — 3517.
- FERRÃO, Julieta — 719, 838-840.
- FERRAZ, A. de Sequeira — 1773, 3249.
- FERRAZ, Ricardo António José (Ab.) — 234.
- FERREIRA, Albino J. de Moraes — 3424.
- FERREIRA, António C. de Carvalho — 3096.
- FERREIRA, Armando J. de Carvalho — 3096.
- FERREIRA, Ernesto (P.º) — 1805, 2408, 3473, 3474.
- FERREIRA, Eugénio — 2409.
- FERREIRA, Fernando Bandeira — 1958.
- FERREIRA, Inácio da Conceição — 2126.
- FERREIRA, J. A. Pinto — 679, 1294, 2759.
- FERREIRA, J. Augusto — 1959.
- FERREIRA, Júlio de Bettencourt — 3748.
- FERREIRA, J. Bettencourt — 1637, 2011, 2012, 2127.
- FERREIRA, Bettencourt — 3747.
- FERREIRA, Luís Feliciano Marrecas — 1000.
- FERREIRA, Manuel Juvenal Pita (P.º) — 1638.
- FERREIRA, O. da Veiga — 331.
- FERREIRA, Simão Rodrigues — 332, 1721.
- FICALHO, Conde de — 1222.
- FIGUEIRA, Joaquim Fernandes — 768, 769, 1125, 1385.
- FIGUEIREDO, A. Mesquita de — 333.
- FIGUEIREDO, António Teixeira de — 1639.

- FIGUEIREDO, Cândido de — 101.
 FIGUEIREDO, Jaime de — 1537.
 FIGUEIREDO, Moreira de — 1454.
 FILANDER, Gumar — 3749.
 FILGUEIRAS, Octávio Lixa — 400, 598-604.
 FILOMÁTICO — 2128, 2129.
 FLORES, Joaquim Matoso d'Oliveira — 235, 334.
 F., M. — 929.
 FOLQMAN — 2919.
 FONSECA, Crespiano — 3750.
 FONTES, Joaquim — 236, 335, 1960, 3670.
 FORTES, Agostinho — 3097.
 FORTES, José — 1095.
 FORTES, José Manuel Ribeiro — 3318.
 FORTES, M. (Tenente) — 1096.
 FRADINHO, Manuel Gomes — 3250.
 FRAGA, José Luís (P.º) — 3319.
 FRAGOSO, Sebastião Centeno — 3671.
 FRAGUAS, António Fraguas — 1743, 3518.
 FRANCO, A. Bento — 1961.
 FRANCO, António Porto Soares — 973.
 FRANCO, José — 3320.
 FRANCO, Mário Lister — 1187.
 FRANKOWSKI, Eugeniusz — 422, 514, 546, 1722.
 FRAZÃO, F. Santos Serra — 3098-3100.
 FREDERICO, Luís — 2760.
 FREIRE, Mário João Paulo — 1962.
 FREITAS, António Pinto de — 381.
 FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e — 171, 691, 770, 1071, 1324, 1325, 1684, 2013, 2130, 3162, 3620, 3820.
 FREITAS, Jordão — 1001.
 FREITAS, Maria Constancia Muria de — 3621.
 FROILAZ, Pantaleão — 2150, 2279.
 FRUTUOSO, Gaspar — 3689.
 FURTADO, Arruda — 336.
 G., A. — 1421, 1504.
 GALHANO, Fernando Barbedo — 931.
 GALHANO, Fernando — 330, 337, 338, 368-377, 418, 423-425, 487, 544, 547-553, 778, 779, 904-907, 930, 1124, 1126, 1143-1147, 1157, 1188.
 GALHANO, F. — 474.
 GALHANO, Maria Helena — 1386.
 GAMA, C. Manuel Fonseca da — 237.
 GAMA, Eurico — 3012.
 GAMEIRO, Alfredo Roque — 3622.
 GAMITO, Maria José — 3321.
 GARCIA, Alberto — 238, 1110.
 GARÓFALO, Francesco P. — 3163.
 GARRETT, Almeida — 2410, 2411, 2646, 2647.
 GASCON, José António Guerreiro — 1387, 1538.
 GEORGE, Frederico — 381.
 GERALDES, Manuel de Mello Nunes — 771.
 GIESE, Wilhelm — 339-343, 841-843, 1685, 1686, 2761, 3251-3254, 3623, 3751.
 GIL, Pedro Lino Bragança — 344.
 GIRÃO, Amorim — 345, 1148.
 GIRÃO, A. de Amorim — 3792.
 GIRÃO, Luís Ferreira — 844.
 G., M. — 2418.
 GOMES, António Azevedo — 381.
 GOMES, Celestino — 605.
 GOMES, Dinis — 622, 1455.
 GOMES, José — 1570, 1571.
 GOMES, Maria Luísa Ataíde da Costa — 3624, 3625.
 GOMES, Matos — 1266, 2920, 3626.
 GONÇALVES, António de Jesus — 346.
 GONÇALVES, Flávio — 433, 623, 1687, 1806, 1898, 2014, 2131, 2412-2414, 2862, 3255, 3390, 3391, 3519.
 GONÇALVES, Gabriel — 2165, 2762.
 GONÇALVES, J. Cardoso — 3752.
 GONÇALVES, Luís da Cunha — 102.
 GONÇALVES, Júlia da Conceição Pereira Pacheco — 3520.
 GORDO, João António — 1486.
 GOULARD, Osório — 3024.
 GOUVEIA, José B. de Abreu — 2415.
 GRAÇA, A. Santos — 103, 145, 192, 1354, 1355, 2416, 2763.
 GRAÇA, Santos — 1688.
 GRAÇA, Fernando Lopes — 3322, 3323.
 GRAÇA, Soares da — 1807.
 GUEDES, Armando Marques — 347.
 GUEDES, Luís Emygdio Cardoso — 3793.
 GUERRA, L. de Figueiredo da — 720, 3164, 3627, 3628.
 GUERREIRO, Manuel Viegas — 2764, 2863.

- GUERREIRO, Miguel do Couto — 2921, 2922.
 GUIMARÃES, Abel de Mesquita — 2417.
 GUIMARÃES, Alfredo — 485, 486, 680, 845, 1189, 1240, 1241, 1514, 1689, 1808, 1963, 2648, 3392.
 GUIMARÃES, Avelino da Silva — 1003.
 GUIMARÃES, Cláudio Correia de Oliveira — 1072.
 GUIMARÃES, Feliciano — 3475.
 GUIMARÃES, Gonçalves — 1899.
 GUIMARÃES, J. G. d'Oliveira (Ab.) — 1473, 3425.
 GUIMARÃES, João G. d'O. (P.^o) — 772.
 GUIMARÃES, Oliveira (Ab.) — 1002, 1723.
 GUIMARÃES, Maria do Rosário — 3521.
 GUIMARÃES, Oliveira — 239.
 GUSMÃO, Adriano de — 1356.
 GUALDO, Aleindo Dantas — 2765.
 HABILLO, Jeosuah — 2419.
 HARDUNG, V. E. — 2649.
 HELENO, Manuel — 464, 2420, 2650.
 HENRIQUES, J. Carvalho — 1572.
 HERCULANO, Alexandre — 2132.
 HOLTREMANN, A. M. R. da Costa — 554.
 ILHEU, João — 2421.
 JESUS, Edmiro de — 3025.
 JOAQUIM, António — 1964.
 JOHEL — 2422, 2923.
 JOYCE, António Avelino — 3324.
 JOYCE, Avelino — 3325.
 J., S. — 2423.
 JUNQUEIRO, Arronches — 1422, 1573, 2133, 2134, 2288.
 KEIL, Luís — 624, 773, 908, 950, 1242.
 KRUGER, Fritz — 52, 240, 348, 349, 555, 1052.
 L., A. — 1968.
 LAGE, Francisco — 774.
 LAMAS, Dulce Martins — 3326.
 LAMBERTINI, Michel Angelo — 3393, 3394.
 LANDEIRO, José Manuel — 241, 1295.
 LANDOLT, Cândido — 1190, 1574, 1665, 1749, 2424, 2651, 3101.
 LANDOLT, Cândido Augusto — 1900.
 LANGHANS, Franz-Paul — 1296.
 LANG, H. R. — 2425.
 LANHOSO, A. Coutinho (Comandante) — 2924.
 LANTIER, Raymond — 2015.
 LAPA, João Inácio Ferreira — 775, 909, 1073.
 LAPA, Rodrigues — 1218, 2426-2428.
 LARANJO, Frederico — 2652.
 LARCHER, Jorge das Neves — 681, 2766.
 LARCHER, Jorge — 1004, 1312, 1750.
 LARCHER, Tito de Sousa — 1357, 3165.
 LEAL, Silva — 466.
 LEÃO, Armando — 1005, 1006, 1053, 1054, 1097, 1111, 1313, 2135, 2136, 2429-2431, 3013, 3026, 3051, 3522, 3523, 3753-3755.
 LEÇA, Armando — 465, 1074, 1243, 1388, 1965-1967, 3327-3335, 3395, 3426, 3427.
 LEISNER, George — 350.
 LEITÃO, Joaquim — 104, 242, 243.
 LEITE, Ana de Magalhães — 3524.
 LEMOS, Álvaro — 721, 2432.
 LEMOS, Álvaro V. — 244.
 LEMOS, Américo — 1149.
 LEMOS, José Maria Aleixo de — 351.
 LEMOS, Júlio de — 352.
 LEMOS, Miguel de — 3575.
 LEPIERRE, Charles — 846.
 LIEBRECHT, Félix — 2137.
 LIMA, A. B. — 3102, 3103.
 LIMA, Américo Pires de — 3756.
 LIMA, Augusto César Pires de — 53, 60, 193, 245, 443, 556, 704, 910, 911, 926, 938, 939, 1007, 1008, 1055, 1075, 1098, 1112 1150-1152, 1191, 1223, 1267-1269, 1314, 1315, 1358, 1359, 1423, 1456, 1515, 1657, 1666, 1690, 1744, 1774, 1775, 1809-1813, 1836, 1906, 2138, 2139, 2436-2440, 2488, 2653-2656, 2767-2769, 2864, 2925, 2926, 3052, 3053, 3069, 3104, 3105, 3166, 3256-3258, 3336, 3525-3530, 3757, 3758.
 LIMA, Baptista de — 246.
 LIMA, Fernando Andrade Pires de — 1640.
 LIMA, Fernando de Castro Pires de — 54, 951, 1076, 1575-1577, 1608, 1691, 1901, 1902, 2140, 2147, 2274, 2441-2460, 2657-2659, 2770, 2771, 2865, 2866, 2927, 3070, 3085, 3531, 3532, 3734-3737, 3759, 3760.

LIMA, Gervásio — 1539, 1578.
 LIMA, Henrique de Campos Ferreira — 1814.
 LIMA, Jaime de Magalhães — 27, 72, 1153, 2928, 3337.
 LIMA, Joaquim Alberto Pires de — 2659.
 LIMA, J. A. Pires de — 173, 1339, 1608, 2141-2146, 2461, 2660, 2661, 3106.
 LIMA, Joaquim Pires de — 2147.
 LIMA, J. Fragoso de — 2929.
 LIMA, Marcelino — 952.
 LIMA, Maria Clementina Pires de — 1579, 3338.
 LISBOA, J. Ribeiro — 353.
 LOBO, Constantino Botelho Lacerda — 1192.
 L., D. G. (D. Gaspar Lobo) — 2932.
 LOBO, Joaquim de Castro — 2662, 2663.
 LOBO, José Huertas — 400.
 LOBO, José Luciano (Ab.) — 1270.
 LOPES, Alfredo Augusto — 3014.
 LOPES, Castro — 2930.
 LOPES, David — 3167.
 LOPES, Edmundo Correia — 1271, 3339.
 LOPES, Frederico — 1193, 1540, 1541, 3054.
 LOPES, F. — 2931.
 LOPES JÚNIOR, Frederico — 133, 354, 515, 912, 913, 953, 1077, 2434, 3107, 3259, 3396, 3428.
 LOPES Jr., F. — 3807.
 LOPES, Miranda — 3429.
 LOPES, José da Mota — 2433, 2774.
 Lopo, Albino Pereira — 1390, 2148.
 LOPO, Avelino Pereira — 2772.
 LOPO, Joaquim Castro — 2663, 2773, 3108.
 LOSA, António — 3168.
 LOUBET, Emilio — 1457.
 LOUÇÃO, João Luís Lourenço (P.º) — 3109, 3761.
 LOUREIRO, A. — 2149.
 LOUREIRO, José Pinto — 247.
 LOUREIRO, J. Pinto — 1751.
 LOURO, Estanco — 3260.
 LOURO, Henrique da Silva (P.º) — 248.
 LOURO, M. F. do Estanco — 249, 250.
 LUCAS, Castillo de — 1868.
 LUCENA, Armando de — 355, 1776.
 LUDOVICE, Licínia da Conceição — 2435.
 LUIZ, Pepe — 3576.
 LUSITANO, Patrício — 2150, 2279.
 M., A. — 625.
 MAÇÃS, Delmira — 2462.
 MACEDO, Diogo de — 640.
 MACEDO, F. Ferraz de — 3397.
 MACEDO, José — 1199.
 MACEDO, Luís de — 3169.
 MACEDO, Manuel de — 3622.
 MACHADO, A. Pinto — 656.
 MACHADO, Carolino Augusto — 1726.
 MACHADO, Casimiro de Morais — 174, 1458, 2151, 2463, 3762.
 MACHADO, Falcão — 28, 1692, 2664, 3055.
 MACHADO, Fernando Falcão — 2775, 2933.
 MACHADO, F. Falcão — 2464.
 MACHADO, Isaías Augusto Pereira — 3533.
 MACHADO, José Pedro — 3261.
 MACHADO, José Pinto — 2465.
 MACHADO, Júlio César — 3622.
 MACHADO, L. — 2466.
 MACHADO, Lacerda (General) — 516.
 MACHADO, Maria Clotilde Pinto — 3430.
 MADHAIL, António Gomes da Rocha — 134, 135, 606, 1360.
 MADHAIL, A. G. da Rocha — 1326, 1360, 1424, 3534, 3629.
 MAGALHÃES, Carlos Vidal Coelho de — 251.
 MAGALHÃES, Conde de — 2766.
 MAGALHÃES, Luís de — 607.
 MAGALHÃES, M. M. Calvet de — 954.
 MAIA, Celestino — 2289, 3535.
 MAIA, Sousa (Ab.) — 1969.
 MAIA, Sousa — 1903.
 MALATO, João José — 400.
 MALHOA — 3622.
 MALPIQUE, Cruz — 1078.
 MANIQUE, F. A. da C. de Pina — 2934.
 MAQUEDA, A. Martin — 3577.
 MARÇAL, Horácio — 252-255, 582, 722, 1328, 1361, 3110, 3262.
 MARINHO, M. — 2777.
 MARQUES, Antero Alves da Hora — 2778.
 MARQUES, Carlos Alberto — 1194, 1795.
 MARQUES, Carlos A. — 1113.
 MARQUES, Evaristo — 1542.
 MARQUES, Mário — 1042.
 MARQUES, Pinheiro (Mons.) — 256.

- MARQUES, Raposo — 3398.
MARTHA, A. Cardoso — 1904.
MARTHA, Cardoso — 105, 257, 498, 1468, 2467, 2468, 2470, 2471, 2779, 2780, 3056, 3476.
MARTHA, M. Cardoso — 626, 1244, 1516, 1693, 2152, 2153, 2169, 2469, 2472, 2781, 2782, 3763.
M., C. — 106, 363, 627, 692, 1391, 1392, 1425, 1487, 1517, 1580, 1581, 1778, 1815, 1857, 2473, 2474, 3057, 3072, 3173, 3796.
MARTINHO, Bispo — 2154.
MARTINS — 1777.
MARTINS, Armando — 2475.
MARTINS, Artur Pires — 381.
MARTINS, Carlos — 2476.
MARTINS, Firmino (P.^o) — 559, 1426, 1694.
MARTINS, Germano — 1970.
MARTINS, Guilhermina da Cunha — 3536.
MARTINS, Leão — 2935.
MARTINS, Mário — 1816, 3477.
MARTINS, Mário Resende — 258.
MARVÃO, António (P.^o) — 3340-3342.
MATEUS, Manuel — 3170.
MATOS, António de Oliveira — 259.
MATTOS, Armando de — 357, 426, 435, 476, 557, 558, 567, 583, 608, 641, 657, 723, 847, 848, 940, 955, 956, 1154, 1297, 1582, 1856, 1869, 2155, 2477, 3537, 3630, 3690.
M., A. — 434, 467, 497, 1155, 1327, 1363, 3795.
MATOS, Lúcia Maria da Câmara de Almeida — 29, 3431, 3625.
MATOS, Melo de — 356, 1156.
MATOSO, António G. — 2665.
MEIRA, Avelino Ramos — 260.
MEIRA, João — 1298, 1299.
MEIRELES, Cecília — 358, 2478, 2479, 2936, 3027.
MELLO, Francisco Manuel de (D.) — 2937.
MELLO, Pedro Homem de — 3432.
MELLO, Adelino António das Neves e — 3343.
MELO, Laudelino de Miranda — 609, 1245, 1477, 1488, 1695, 1971, 1972, 2156.
MELO, Manuel Maria de — 3344.
MENDES, Martins — 2783.
MENDES, Vieira — 1543, 3631.
MENDONÇA, Henrique Lopes de — 3171.
MENDONÇA, Maria Angélica Furtado de — 2481, 2666.
MENERES, António — 400.
MENEZES, Bourbon — 3578.
MENEZES, Manuel de Sousa — 127.
MEREIA, Paulo — 1329.
MESSERSCHMIDT, H. — 359.
M., G. — 3347.
MIRANDA, Abílio — 444, 1362, 1727, 1728, 1973, 2016, 2157, 2482, 3058, 3172, 3433-3437, 3691, 3692.
M., J. V. C. — 2788.
M., M. — 2161.
MOITA, Luís — 3345.
MONIZ, M. Carvalho — 560.
MONTEIRO, Abílio — 2483.
MONTEIRO, Ana Rosa — 3263.
MONTEIRO, António Pereira — 2017.
MONTEIRO, A. Pereira — 1905, 2667, 3794.
MONTEIRO, Arlindo Camilo — 1837.
MONTEIRO, Campos — 1246.
MONTEIRO, Elvira — 2484, 3346.
MONTEIRO, F. Castro — 584.
MONTEIRO, Filomena da Conceição — 3538.
MONTEIRO, Gomes — 724.
MONTEIRO, Joaquim Faria Correia — 360.
MONTEIRO, José — 2485, 2784.
MONTEIRO, Manuel — 361, 849.
MONTEIRO, Rafael Alves — 1196, 1197.
MONTEIRO, Rodrigues — 1009.
MORAIS, António Gonçalves de — 1974.
MORAIS, A. Viana de — 2785.
MORAIS, Manuel Mendes de — 3554.
MORAIS, Maria Helena Nogueira de — 776.
MORAIS, Pina de — 2786.
MORAM, P. César — 2787.
MOREIRA, António Carlos (P.^o) — 261, 2158.
MOREIRA, Júlio — 2159, 3264.
MOREIRA, Vasco — 262.
MORENO, Augusto C. — 3111.
MORENO, Manuel Gomez — 850.

- MOURA, Maria Clementina Carneiro de — 957.
 MOURA, Vale de — 2160.
 MOURINHO, António (P.^o) — 31, 364, 1116, 1583, 1609, 1610, 1667, 1756, 2486, 2938, 3071, 3408, 3438, 3445, 3478-3484, 3632.
 MOUTA, Maria da Luz — 263.
 MULLER, Adolfo Simões — 257.
 MURALHA, Pedro — 264.
 MURTA, José Guerreiro — 1393.
 NASCENTES, Antenor — 3174.
 NASCIMENTO, João Cabral do — 3219, 3633, 3693.
 NATIVIDADE, M. Vieira — 265, 725, 777.
 NAVASCUES, José Maria — 2022.
 NEIVA, João Manuel Coelho — 1427.
 NEIVA, Raul Carlos Coteló — 1394.
 NETO, Maria Teresa de M. Lino — 266.
 NEVES, Álvaro — 61, 3808.
 NEVES, César das — 3348-3350.
 NEVES, Guilherme Santos — 2487, 3539.
 NEVES, Henriques das — 2939.
 NEVES, L. Quintas — 1010, 1975, 2789, 3485.
 NEVES, Leandro Quintas — 3175, 3176.
 N., L. Q. — 2165.
 NEVES, Moreira das (P.^o) — 1976.
 NEVES, Serafim Gonçalves das — 267, 1838, 1906, 2488, 3439.
 NOBRE, Augusto — 1198, 1199.
 NOGUEIRA, Ibérico — 958, 3634.
 NOGUEIRA, J. V. Paula — 1544.
 NOGUEIRA, R. de Sá — 3112.
 NOGUEIRA, Vidal Caldas — 1489, 2162.
 NORONHA, B. M. A. de — 1395.
 NORONHA, Eduardo — 1247, 3579.
 NORONHA, Tito de Bourbon — 107.
 NUNES, Dias — 1907, 2490, 2491.
 NUNES, Franclim — 3399.
 NUNES, J. J. — 2163, 2164, 2489, 2669, 2790, 3220, 3265, 3540, 3635.
 NUNES, José Joaquim — 2668.
 NUNES, J. — 914, 1779.
 NUNES, M. Dias — 851, 1396, 1459, 1584, 1585, 1696, 1697, 1817, 1907, 1908, 1977, 1978, 2492-2494, 2867, 2940, 3113, 3351, 3440.
 NUÑEZ, Hernan — 2941.
 O., A. de C. e — 2495.
 OLIVEIRA, A. Coelho de — 1248.
 OLIVEIRA, Alberto d' — 2346.
 OLIVEIRA, Carlos de — 268.
 OLIVEIRA, Edmundo — 673.
 OLIVEIRA, Emídio d' — 1979.
 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — 33, 34, 80, 330, 365-377, 487, 778, 779, 905, 906, 1157, 1279, 1316, 1364, 1428-1431, 1474, 1478, 1490, 1491, 1505, 1518, 1586, 1587, 1611, 1642, 1752, 1780, 3028, 3541-3543, 3714, 3716, 3826.
 OLIVEIRA, Francisco Xavier d' Athaide — 269-273, 2496, 2796, 2799.
 OLIVEIRA, Athayde de — 1641, 2166, 2670, 2791-2795.
 OLIVEIRA, José Nunes de (P.^o) — 3352.
 OLIVEIRA, Lopes de — 2497.
 OLIVEIRA, Manuel Ramos de — 274, 1249, 2167, 2498, 2942, 3114.
 OLIVEIRA, M. Ramos de — 1056, 1158, 1839, 3177.
 OLIVEIRA, Osório de — 3353.
 OLIVEIRA, R. Ramos de — 2943.
 OLIVEIRA, Raposo de — 2499.
 OLIVEIRA, Sever de — 1980.
 OLIVEIRA, Victor — 780.
 OLLIVIER, Jean — 682.
 ORNELLAS, Carlos d' — 3580.
 ORTIGÃO, Ramalho — 1250, 3622.
 OSÓRIO, Ana de Castro — 959, 2944, 2945.
 OSÓRIO, Paulo — 108.
 OUTEIRO, João do — 2946, 2947.
 OUTEIRO, Raúl Ventura — 2800.
 PACHECO, Eugénio — 2948.
 PAÇO, Afonso do — 658, 1224, 1365, 1479, 1698, 1729, 1981, 2168, 2500-2502, 2801, 2949, 3115, 3266, 3267, 3636.
 P., A. — 2802.
 PALMEIRIM, L. A. — 2503.
 PAN, Ismael del — 2169.
 PARENTE, Dias — 1492.
 PARIS, Rocha — 2803.
 PASCOAES, Teixeira de — 81.
 PASSOS, Carlos de — 610, 1699, 1700, 1781, 2170.

- PATRÍCIO, Francisco (P.º) — 1982, 3352.
 PATRÍCIO, Maria M. de Martel — 960.
 PAUL, Maria dos Anjos Montenegro Mesquita — 2171.
 PAULO, Amílcar — 175, 176, 275.
 PEDRO, Manuel — 1011, 1366.
 PEDROSO, Z. Consiglieri — 1909, 2172, 2671, 2804-2807.
 PEIXOTO, Afrânio — 2950.
 PEIXOTO, Mário Teixeira de Morais — 3544.
 PEIXOTO, Rocha — 177, 378, 499, 705, 852-856, 915, 1272, 1273, 1870, 1879, 2173, 3059, 3354, 3637, 3672, 3797.
 P., R. — 477, 2808, 2809.
 PEIXOTO, Rosa Torcata Maria — 3545.
 PEREIRA, A. Gomes — 1432, 1433, 1519, 1910-1912, 2504, 2505, 2672, 3178, 3179.
 PEREIRA, A. Martins — 2506.
 PEREIRA, Benjamim Enes — 1397, 3694.
 PEREIRA, Bernardo — 2174.
 PEREIRA, C. — 1643.
 PEREIRA, Eduardo C. N. (P.º) — 276, 277.
 PEREIRA, Félix Alves — 278, 279, 488, 517, 1588, 1668.
 PEREIRA, F. Alves — 379, 380, 2175, 3116.
 PEREIRA, J. A. (Cônego) — 1545.
 PEREIRA, J. J. Gonçalves — 2176, 2507, 2810.
 PEREIRA, Maria Palmira da Silva — 3546.
 PEREIRA, Maria da Silva — 280.
 PEREIRA, Nuno Teotónio — 381.
 PEREIRA, P. D. Bento — 2951.
 PEREIRA, Vergílio — 3355-3361.
 PERROTT, Joseph — 2811.
 PESSANHA, José (D.) — 683, 781, 857, 858.
 PESSANHA, Sebastião (D.) — 35, 120, 136, 137, 518-521, 642, 782-786, 916, 941, 1012, 1251, 1724, 1757, 1983, 3638, 3639, 3695, 3696, 3827.
 P., S. — 643, 674, 787, 788, 932, 962, 963, 3640, 3697.
 PESTANA, Eduardo António — 382, 1913, 3117.
 PESTANA, Joaquim — 2508.
 P., F. — 3486.
 PIAZZA, Walter F. — 3809.
 PICÃO, José da Silva — 281, 1159, 1160.
 PIÇARRA, Ladislau — 1434, 2177-2180, 2812, 3547, 3548, 3764, 3765.
 PIÇARRA, Lopes — 383.
 PIDAL, Diego Catalan Menendez — 2673.
 PIDAL, M. Menendez — 178.
 PIDAL, Ramón Menendez — 2674.
 PIEL, Joseph M. — 3180-3189.
 PIMENTEL, Alberto — 109, 282, 1013, 1398, 1435, 1589, 2509, 2510, 3362, 3441.
 PIMENTEL, Alberto (Filho) — 2952.
 PIMENTEL, Rui — 400.
 PINA, António Ambrósio de — 2181.
 PINA, Luís de — 726, 2189, 3766-3771.
 PINA, Violante de — 2511.
 PINHEIRO, Álvaro — 2813.
 PINHEIRO, Bordalo — 3622.
 PINHEIRO, Luís — 2182.
 PINHO, António de — 3118.
 PINHO, José de — 1200, 1219, 2019, 2183.
 PINHO, Margarida Rosa Moreira de — 283.
 PINTO, Alexandre de Azeredo — 1099.
 PINTO, Álvares — 1914.
 PINTO, Arnaldo de Azevedo — 1014.
 PINTO, Augusto — 1468, 2467.
 PINTO, Augusto Cardoso — 1043.
 PINTO, Elisero — 561, 3642.
 PINTO, Elisero Fernandes — 3641.
 PINTO, Ercília — 1161.
 PINTO JÚNIOR, Gregório — 789, 790.
 PINTO, João Estêvão — 384.
 PINTO, Manuel de Sousa — 1984.
 PINTO, Maria Luísa Carneiro — 110, 284, 791, 859, 1057, 1127, 1201, 1701, 3698.
 PINTO, Maria Luísa G. de Vasconcelos Carneiro — 1202.
 PINTOR, Bernardo — 1782.
 PIRES, A. Gonçalves — 1985.
 PIRES, António Thomaz — 1590, 1592, 1644, 1703, 1916, 1918, 2292, 2675-2678, 2962, 3030, 3031.
 PIRES, A. Thomaz — 860, 961, 1015, 1100, 1436, 1437, 1469, 1506, 1546, 1591, 1612, 1702, 1725, 1730, 1783, 1840, 1915, 1917, 1986, 2184-2188, 2290, 2291, 2513-2523, 2679, 2682, 2814-2816, 2868, 2953-2961, 3015, 3029, 3060, 3119, 3772.

PLÁCIDO, João — 2512.
 P., L. — 2191.
 POMBINHO JÚNIOR, J. A. — 1330, 1331, 1438, 1622, 1784, 1987, 2524-2532, 3120, 3363, 3364.
 POMEY, P. Francisco — 3549.
 PORTELA, Artur Marreiros — 1225.
 PORTELA, Maria da Purificação Viegas Severo — 2533.
 PORTELA, Severo — 1252, 1399, 1858, 2190, 2963, 3487, 3699, 3717.
 PRATO, Stanislaw — 2817-2819, 2964.
 PRATT, Alfredo de — 1547, 2820.
 PRATT, Óscar — 2534, 2965-2969, 3268, 3798.
 PREGO, João da Mota — 1058, 1162.
 PRIETO, Laureano — 2869.
 PROENÇA, Tavares — 385.
 P., R. S. — 2293.
 PUYMAIGRE, Conde de — 2683.
 QUEIROZ, José — 861, 862.
 QUESADO, A. (P.º) — 1016.
 QUIBEN, Víctor Luís — 2821.
 RAMOS, Mário — 1128.
 RASTEIRO, Joaquim — 974, 975.
 REAL, Mário Guedes — 436, 468, 469, 3190.
 REBELO, Joaquim M. (P.º) — 2537, 2970.
 REDOL, Alves — 285, 2535.
 REGALLA, Francisco Augusto da Fonseca — 1208.
 REGO, José Teixeira — 2822.
 REIS, André dos — 1300.
 REIS, António — 2538.
 REIS, F. Marcelino dos — 1203.
 RESENDE, João Vieira (P.º) — 286, 2192.
 RIBEIRO, António Lopes — 287.
 RIBEIRO, Aquilino — 111.
 RIBEIRO, Emanuel — 684, 693, 863, 933, 1301, 1704, 2536, 3121, 3700, 3701.
 RIBEIRO, João Pedro — 1400.
 RIBEIRO, José Diogo — 288, 2193, 2870, 2971.
 RIBEIRO, Luciano — 1548, 1818.
 RIBEIRO, Luís da Silva — 62, 112, 179, 386-389, 562, 563, 728, 792-796, 864, 917, 918, 1017, 1114, 1163, 1165, 1166, 1204, 1226, 1332-1335, 1367, 1507, 1549, 1593, 1841, 1842, 1919, 2194, 2195, 2294, 2539-2542, 2823, 2871, 2972, 3032, 3122, 3191, 3221, 3269, 3365, 3400, 3488, 3581, 3582, 3643, 3702, 3703, 3810, 3821, 3822.
 RIBEIRO, Luís — 391, 419, 585, 1164, 1645, 1731, 2196, 2197, 3123, 3192, 3704.
 RIBEIRO, L. — 390, 727, 1336, 1368, 1369, 1594, 1658, 1705, 2280, 2295, 3124, 3193, 3366, 3442, 3583, 3799.
 RIBEIRO, Margarida — 289, 865.
 RIBEIRO, Mário de Sampayo — 1859, 3367, 3368.
 RIBEIRO, Orlando — 63, 180, 392, 1040, 1044, 1045, 1167, 1168, 1227, 1228, 1274, 3828-3830.
 RISCO, Vicente — 2198.
 RITA, Augusto de Santa — 3489.
 ROALFES, Gerard — 3271.
 RODRIGUES, Abaúl Emilio — 659.
 RODRIGUES, Adriano — 3773.
 RODRIGUES, Adriano Vasco — 866, 867, 1819, 2018.
 RODRIGUES, Alzira Mendes — 3550.
 RODRIGUES, Daniel — 82, 2824, 3270.
 RODRIGUES, L. — 3369.
 RODRIGUES, Luís Filipe Pinto — 3644.
 ROLLAND, Francisco — 2973.
 ROQUE, Joaquim — 290, 1401, 1920, 2199, 2200, 2281, 2543, 2544, 3370, 3774.
 ROSA, João — 694-696, 1860, 3272.
 ROSEIRA, Abílio M. — 2545.
 ROSEIRA, Abílio — 3125, 3126.
 R., R. — 3194.
 SÁ, Octaviano — 1988, 3645.
 SÁ, Victor — 1493.
 SAAVEDRA, Alberto — 3127, 3128.
 SACADURA, Costa — 489.
 SALGADO, Benjamim (P.º) — 2546.
 SALGADO, Guilherme — 2205.
 SAMPAIO, Alberto — 113, 1079, 1080, 1169-1172.
 SAMPAIO, Gonçalo — 3371-3374.
 SAMPAIO, Jaime de — 3705.
 SANCHO, Nieves de Hoyos — 138.
 SANTA-RITA, Augusto de — 1018.
 SANTOS, Álvaro Miranda — 1019, 1020.
 SANTOS, Carlos — 3195.
 SANTOS, Carlos M. — 3401, 3402.

- SANTOS, Delfim — 1115.
- SANTOS, Domingos Martins de Oliveira — 2201.
- SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos — 3129.
- SANTOS, Domingos Monteiro de Oliveira — 3490.
- SANTOS, Felício dos — 2547.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. dos — 868, 869, 1758, 2203-2205, 2974, 3033, 3443, 3444, 3747.
- SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigues dos — 292, 2020, 2872, 3748.
- SANTOS JÚNIOR, Joaquim R. dos — 2202.
- SANTOS JÚNIOR — 36, 644, 870, 1116, 1759, 2206, 2548, 3196, 3408, 3445.
- SANTOS, Maria Amélia Machado — 291, 393.
- SANTOS, Victor — 2549.
- SANTOS, Vitorino José dos — 934.
- SARAIVA, José da Cunha — 1871.
- SARAMAGO, Adelaide — 394.
- SARDOEIRA, Albano — 485, 1021.
- SARMENTO, Alberto Artur — 1595.
- SARMENTO, António — 3646.
- SARMENTO, F. Martins — 181, 1646, 1732, 1921, 2021, 2207-2209, 2211, 2825.
- SARMENTO, Martins — 2210.
- SCHWALBACH, Luís — 37, 38, 395.
- SCHWARTZ, Samuel — 182.
- SEARA, Francisco José Ribeiro — 293.
- SEQUEIRA-FERRAZ, A. de — 3551.
- SEQUEIRA, Eduardo — 2826.
- SEQUEIRA, Matos — 628, 729.
- SÉRGIO, António — 83, 1229.
- SERRA, Pedro Cunha — 3197-3199.
- SERRANO, Francisco — 294, 2550.
- SERRANO, Frederico — 797.
- SERTÓRIO, Carlos — 2551.
- SEVERO, Ricardo — 1872.
- SILVA, A. — 1785.
- SILVA, A. A. Baldaque da — 1206.
- SILVA, A. de Jesus e — 1706.
- SILVA, Adelina Soares da — 3556.
- SILVA, Alexandrino Fernandes de — 3552.
- SILVA, A. Marques da — 396, 798, 871, 935, 964, 1275, 3647.
- SILVA, António José da (P.^o) — 1989.
- SILVA, António Severino — 397.
- SILVA, Armando da — 64, 1207, 2552, 2975, 3553.
- SILVA, Armando J. da — 2212, 2828, 3034.
- SILVA, A. Rosa da — 2213, 2827.
- SILVA, A. Vieira da — 470, 1707.
- SILVA, Capela e — 1230, 1253.
- SILVA, Carlos Augusto de Magalhães — 1208.
- SILVA, Cristóvão — 3554.
- SILVA, D. A. Tavares da — 3130.
- SILVA, Elvira Ferreira dos Santos — 3555.
- SILVA, F. Xavier — 2553.
- SILVA, Idalina Soares da — 3556.
- SILVA, Irene Alves da — 1173.
- SILVA, J. A. Capela e — 194, 3273.
- SILVA, J. Oliveira da — 1254.
- SILVA, José da — 1873.
- SILVA, José Luciano de Figueiredo Lobo e — 295.
- SILVA, Manuel — 799, 1209, 2214.
- SILVA, Manuel Dias da — 258.
- SILVA, Manuel Ferreira da — 1820.
- SILVA, Manuel José da Costa e — 2830.
- SILVA, Maria Antónia Ferreira da — 3557.
- SILVA, Maria Helena dos Santos — 936.
- SILVA, Maria Isabel Rodrigues da — 3558.
- SILVA, Maria Madalena Cagigal e — 629.
- SILVA, Ribeiro da — 1022.
- SILVA, Sophia da — 3775.
- SILVEIRA, Joaquim Henriques Fradesso da — 1059.
- SILVEIRA, Joaquim da — 2215, 2976, 3200-3203, 3274, 3491.
- SILVEIRA, Pedro da — 3035, 3036, 3491.
- SÍLVIO — 1990.
- SIMÃO, Manuel do Nascimento — 398.
- SIMÕES, J. de Oliveira — 800, 2977, 3131.
- SIMÕES JÚNIOR, Manuel Rodrigues — 1129, 1255, 1302, 3706.
- S.J., Mário Martins — 1874.
- S., L. y — 2829.
- SOARES, Celestino — 3648.
- SOARES, F. — 3096.
- SOARES, José Belarmino — 3375.
- SOARES, Maria Angelina Braga Couto — 586.
- SOARES, Urbano Canuto — 2219.
- SOLEDADE, Luís da (Frei) — 3776.

- SOUSA, Alberto — 919, 3649-3652.
 SOUSA, Ana Emília de Andrade e — 1439, 1647, 3132.
 SOUSA, Angelo Cruz e — 2555.
 SOUSA, Elísio de — 2216.
 SOUSA, Elísio Ferreira de — 920.
 SOUSA, Esméria de — 399.
 SOUSA, Gabriel de — 1843.
 SOUSA, Hermínio Soares da Costa e — 965, 1023.
 SOUSA, Joaquim Pires de Lima Tavares de — 121.
 SOUSA, M. Nascimento — 1303.
 SOUSA, Maria Clementina Pires de Lima Tavares de — 3376, 3377.
 SOUSA, Maria Peregrina de — 1596, 2217, 2218.
 SOUSA, R. H. Pereira de — 3204.
 SOUSA, Tomás Tavares de — 1174.
 SOUSA, Tude de — 146, 147, 1231, 1276.
 SOUSA, Tude M. de — 437, 1277, 1821.
 SOUTO, Alberto — 139, 611, 612.
 SPALDING, Walter — 2220, 2978.
 SPOLETO, Mário Adelino — 2554.
 STUDART, Guilherme — 3275.
 TABOADA, Jesus — 1648, 2222, 3823.
 TABORDA, Vergílio — 1175.
 TAVARES (Ab.) — 2556.
 TAVARES, Alves — 1991.
 TAVARES, José Augusto (Ab.) — 2684.
 TAVARES, José — 1130, 1993, 3492.
 TAVORA, Fernando — 400.
 TEIXEIRA, Alda Guedes — 401.
 TEIXEIRA, Carlos — 402, 2223.
 TEIXEIRA, Garcez — 471.
 TEIXEIRA, José Fernandes de Sousa — 258.
 TEIXEIRA, Maria do Bom Sucesso Franco Wallenstein — 3493.
 TEIXEIRA, Rosa — 3559.
 TEIXEIRA, Tavares — 564, 2557.
 THOMAZ, N. W. — 1256.
 THOMAZ, Pedro Fernandes — 872, 1024, 1210, 1211, 1922, 2297, 2558, 3378-3380.
 THOMAZ, Fernandes — 2296.
 TIerno, João — 1176.
 TORRES, A. B. Matos — 1060.
 TORRES, Fernando — 381.
 TOVAR, António — 2022.
 TRANCOSO, Gonçalo Fernandes — 2831.
 TRINDADE, Cachulo da — 3494.
 URTEL, Hermann — 2224.
 V. — 2848.
 VALDÉS, Ildefonso Pereda — 39.
 VALE, José Manuel Malheiro — 296.
 VALENTE, Vasco — 873, 874.
 VALENTIM, Afonso — 1116, 3445.
 VARELA, João — 2559.
 VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de — 801, 875, 1613, 1649, 2560-2564, 2685, 2686, 2832, 2979, 2980, 3276-3278.
 VASCONCELOS, J. Leite de — 40-44, 65-71, 84, 85, 114, 140, 141, 183-187, 297, 404-406, 472, 490, 491, 494, 522-525, 565, 566, 617, 660, 730, 731, 966, 1025, 1026, 1081, 1083, 1212, 1317, 1440, 1508, 1509, 1598, 1599, 1614-1616, 1708-1710, 1735, 1753, 1786, 1822, 1994, 2023-2027, 2225-2239, 2282, 2298-2300, 2565-2580, 2687-2692, 2833-2836, 2981-2987, 3016, 3037, 3061, 3062, 3133-3134, 3206-3211, 3222-3227, 3279-3285, 3403, 3446, 3777, 3778, 3811, 3832-3834.
 VASCONCELLOS, Leite de — 407, 408, 478, 479, 492, 495, 526, 527, 630, 645, 661-663, 675, 685, 686, 676, 1082, 2240, 3135, 3653, 3707.
 V., J. L. de — 409-412, 439, 445, 480, 496, 500, 528, 613, 631, 664, 687, 732-735, 803, 804, 877, 921, 1027, 1084, 1257, 1370, 1402, 1600, 1659, 1754, 1760, 1787-1789, 1823, 1875-1877, 2028, 2029, 2241-2253, 2283, 2581-2590, 2693, 2694, 2837-2844, 2988-2990, 3038, 3063, 3136, 3212-3214, 3286-3289, 3560, 3654-3660, 3708, 3718, 3719, 3800.
 VASCONCELOS, Jaime Napoleão de — 1597.
 VASCONCELOS, João de — 1733, 1734.
 VASCONCELOS, Joaquim de — 403, 802.
 VASCONCELOS, Luísa Cândida — 967.
 VASQUES, Luís Cortez — 736, 2695.
 VEIGA, Álvaro — 1101.
 VEIGA, Estácio da — 2696.
 VEIGA, Manuel Coelho — 614.
 VELEDA, Maria — 1510, 1601, 1824, 2845, 3661.

- VELHO, João Emílio Alves — 1441.
- VELOSO, Francisco José — 188, 189, 1278, 1337.
- VENTURA, Augusta Faria Gersão — 3381.
- VENTURA, Gados Simões — 2591.
- VERDE, João — 1995.
- VERNEX, Jorge — 298.
- VERUDA, J. — 2846.
- VIANA, Abel — 414, 420, 438, 446, 615, 689, 697, 737, 738, 968, 1117, 1442, 1711, 1790, 3137, 3138, 3215, 3447.
- VIANA, A. — 413, 427, 688, 937, 3382.
- V., A. — 3404, 3662.
- VIANA, Eurico Salles — 415.
- VIANA, Salles — 257.
- VIANA, F. M. Gonçalves — 1258.
- VIANA, Mário Gonçalves — 1712.
- VIANA, Tancredo — 739, 2592.
- VIANA, Tancredo Dias — 3663.
- VIANA, Tancredo Simões — 1565, 2101.
- VIANA, Tomás Simões — 3779.
- VIDAL, José Perez — 128.
- VIEIRA, José da Silva — 1923, 2593-2595, 2873.
- VIEIRA, J. da Silva — 3039, 3064.
- VILAÇA, José — 3383.
- VILARES, João — 1460.
- VILARES, João Baptista — 299.
- VILARINHO, Maria Olga da Costa — 3561.
- VILLAS-BOAS, Conde de — 1029, 1791, 2254, 2847.
- VILLAS-BOAS, Joaquim Sellés Paes de — 879, 881, 882.
- VILLAS-BOAS, J. Sellés Paes de — 878, 2847.
- VILLAS-BOAS, J. S. Paes de — 880, 1403.
- VILHENA, João Jardim de — 1304.
- VIQUEIRA, José M. — 2697.
- VITERBO, Sousa — 501, 706, 707, 740, 822, 1029, 1406, 1470, 1650, 1825, 2874, 2991-2993, 3448, 3449, 3562.
- VITORINO, Pedro — 440, 447, 481, 567, 632, 646, 741, 883, 884, 1173, 3290, 3780, 3781.
- WAGNER, Max-Leopold — 2849.
- WECKES, Lyman H. — 1030.
- WEIBUST, Knut — 616.
- WILLEMS, Emílio — 86.
- ZELLER, Rolando van — 3664.
- ZOMBEIRA, Augusto — 1713.
- VÁRIOS — 969, 1259, 1471, 1472.
- s/A. — 45, 46, 87, 190, 191, 195, 416, 441, 568, 587, 647, 805, 806, 885, 886, 942, 970, 976-978, 1031-1034, 1085, 1102, 1103, 1213, 1260-1262, 1338, 1339, 1404, 1443-1445, 1480, 1494, 1495, 1511, 1512, 1520, 1602-1604, 1617, 1618, 1651, 1714, 1761, 1826-1828, 1861, 1924-1926, 1996-2003, 2255-2270, 2284, 2596-2618, 2699-2701, 2850-2853, 2875, 2994-3008, 3040-3043, 3065, 3216, 3217, 3291-3293, 3384, 3405, 3450, 3451, 3495, 3563-3566, 3665-3667, 3720, 3721, 3782, 3783, 3801, 3824.

Índice geral

Introdução	IX
Índice das matérias	XI
Matérias	1
Abreviaturas de livros e periódicos	651
Índice dos nomes de Autores	655

NOTA FINAL

A presente edição electrónica, composta como *fac-símile* da edição original, mantém, a paginação da edição original, pelo que foram mantidas, fora da ordem alfabética, as seguintes referências: 165, 221, 559, 752, 1132, 1624, 1724, 1725, 1765, 2018, 2115, 2116, 2380, 2433-2435, 2489, 2537, 2554, 2774, 2829, 3047 e 3270. As entradas da Errata da edição original foram, contudo, corrigidas na composição da actual edição.

IMPRESA
PORTUGUESA
PORTO

Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa

Benjamim Enes Pereira

Editada originalmente em 1965, a *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa*, da autoria de Benjamim Pereira, constitui uma obra de fundamental importância para a identificação e a documentação do Património Cultural Imaterial.

Consciente da importância e da urgência da sua reedição, em particular pela amplitude temática, geográfica e temporal desta obra, foi também objectivo inicial do Instituto dos Museus e da Conservação promover o seu livre acesso por parte das novas gerações empenhadas na salvaguarda e valorização do Património Imaterial.